

Christopher Paolini



HERANCA

1001
MUNDOS

Belatona

Melian

Furnost

Leona Lake

Dras Leom

HELGRIND

Urû'Leen

River

llridge

MARNA

SHARK

Y.



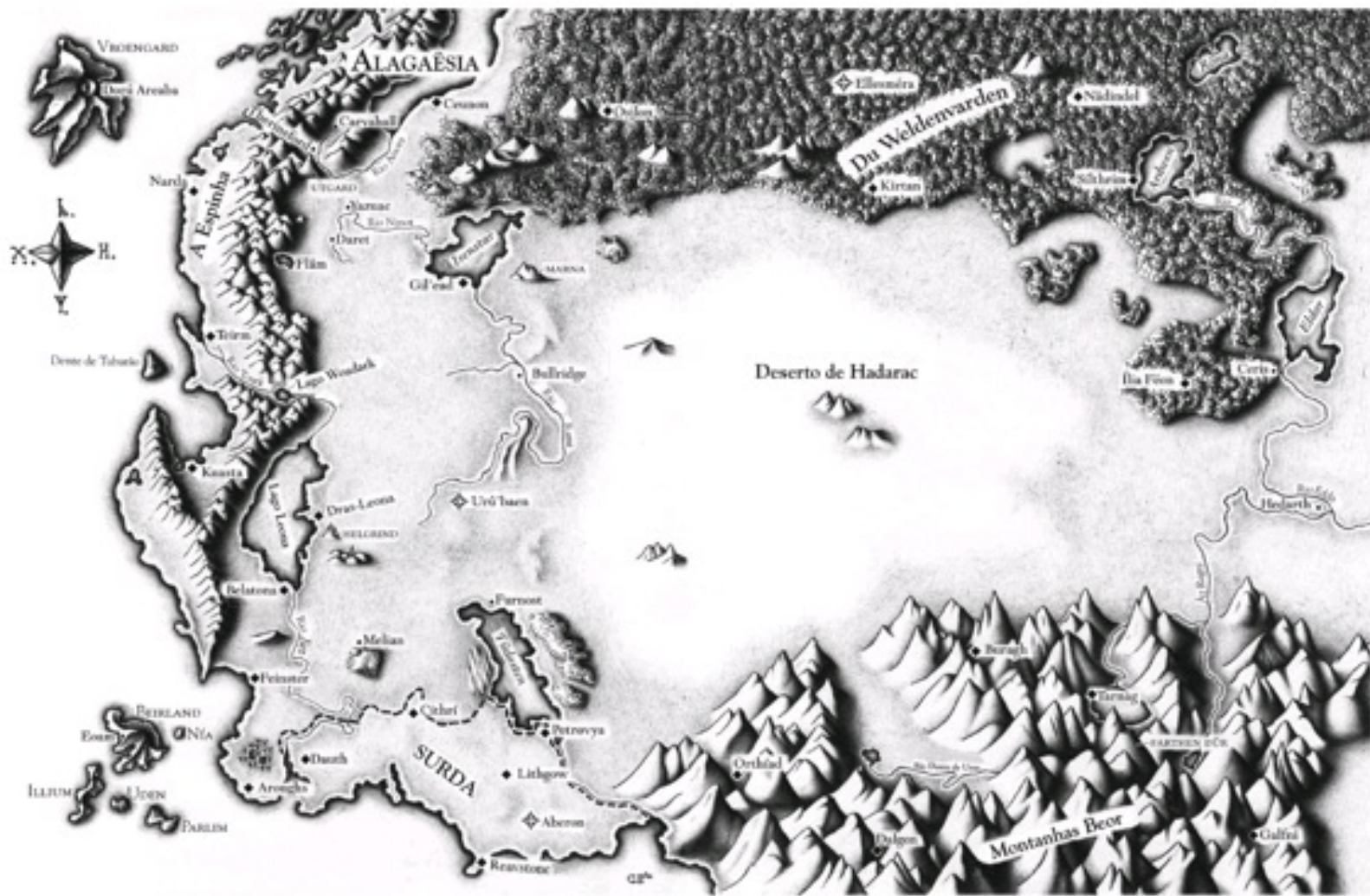
Ficha Técnica

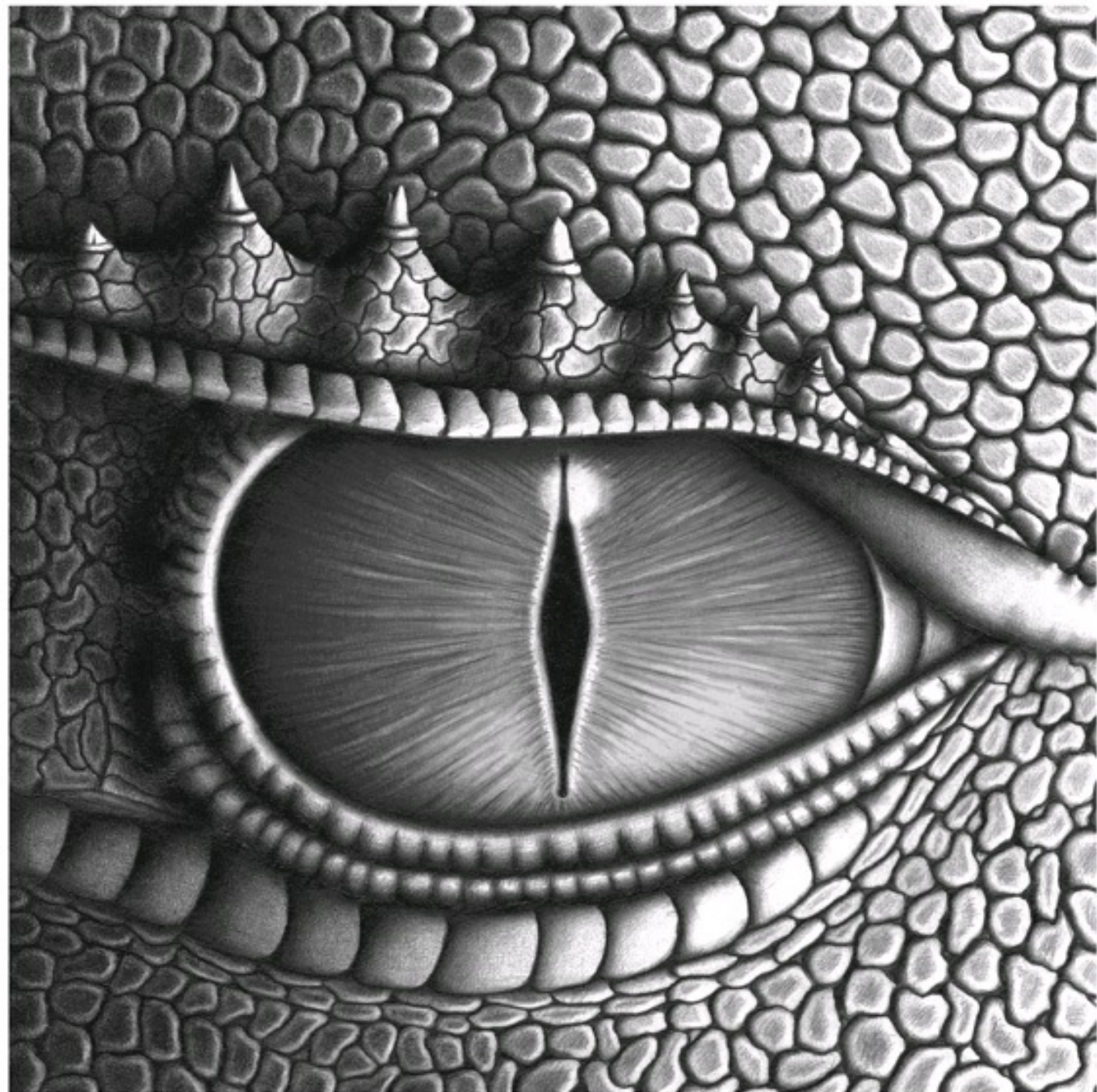
Título: Herança
Título original: Inheritance
Texto ©
Ilustração da capa © John Jude Palencar, 2011
Tradução: Leonor Marques
Revisão: ASA II
ISBN: 9789892312187
Edições ASA II, S.A.
uma editora do Grupo LeYa
R. Cidade de Córdoba, n.º 2
2160-038 Alfragide – Portugal
Tel.: (+351) 214 272 200
Fax: (+351) 214 272 201
©2011, Edições ASA II, S.A.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

edicoes@asa.pt
www.asa.lya.com
www.leya.pt

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, locais e incidentes nela mencionados são produto da imaginação do autor, ou foram utilizados de uma forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais vivas ou mortas, acontecimentos ou locais é pura coincidência.





Como sempre, este livro é dedicado à minha família
E também aos sonhadores de sonhos:
os muitos artistas, músicos e contadores de histórias
que tornaram esta viagem possível.

A História de Eragon, Eldest e Brisingr

No início existiam dragões: criaturas ativas, ferozes e independentes. As escamas eram como jóias e todos os que contemplavam essas criaturas desesperavam, pois a sua beleza era grandiosa e assustadora.

Durante muitas eras os dragões viveram sozinhos em Alagaësia.

Depois, o deus Helzvog criou os vigorosos e robustos anões de pedra do Deserto de Hadarac.

E ambas as raças guerrearam-se bastante.

A seguir os Elfos viajaram pelo mar prateado, até Alagaësia, e também eles guerrearam com os dragões. Porém, os Elfos eram mais fortes que os Anões e poderiam ter destruído os dragões, tal como estes os poderiam ter destruído a eles.

Por isso os dragões e os Elfos fizeram tréguas, selando um pacto entre si, e dessa aliança criaram os Cavaleiros do Dragão, que mantiveram a paz em Alagaësia, durante milhares de anos.

Entretanto os humanos viajaram por mar até Alagaësia, tal como os Urgals e os Ra'zac – os caçadores das trevas que devoram carne humana –, e os humanos também se reuniram ao pacto com os dragões.

Depois, Galbatorix, um jovem Cavaleiro do Dragão, revoltou-se contra a sua própria espécie, escravizou Shruikan, o dragão negro, e convenceu treze outros Cavaleiros a seguirem-no. Os treze ficaram conhecidos como os Renegados.

Galbatorix e os Renegados derrotaram os Cavaleiros, incendiaram-lhes a cidade, na ilha de Vroengard, e chacinaram todos os dragões que não estavam do seu lado, poupando apenas três ovos: um vermelho, outro azul e um verde. Além disso, procuraram resgatar o maior número possível de Eldunari – o coração dos corações –, que continha o poder e a mente dos dragões, uma vez separado da sua carne.

Durante oitenta e dois anos, Galbatorix reinou entre os humanos como senhor absoluto. Os Renegados morreram, mas ele não, pois a sua força era a força de todos os dragões e ninguém poderia derrubá-lo.

No octogésimo terceiro ano do reinado de Galbatorix, um homem roubou o ovo de dragão azul do seu castelo e entregou-o aos cuidados de um povo que ainda lutava contra Galbatorix e dava pelo nome de Varden.

O elfo Arya viajou com o ovo entre os Varden e os Elfos, à procura de um humano ou de um elfo para este chocar e assim se passaram vinte e cinco anos.

Depois, ao viajar para a cidade élfica de Osilon, um grupo de Urgals atacou Arya e os seus guardas. Os Urgals estavam acompanhados do Espetro Durza: um feiticeiro possuído pelos espíritos que invocara, para obedecerem às suas ordens, que se tornara o mais temível criado de Galbatorix, após a morte dos Renegados. Os Urgals mataram os guardas de Arya, porém, antes que a capturassem, Arya usou magia e enviou o ovo para alguém que esperava poder protegê-lo.

Mas o feitiço correu mal.

E foi assim que Eragon, um órfão de apenas quinze anos, descobriu o ovo nas montanhas da Espinha e o levou para a quinta onde vivia com o tio, Garrow e o primo, Roran. O ovo chocou para Eragon e ele criou ali o dragão. O seu nome era Saphira.

Entretanto, Galbatorix mandou dois Ra'zac procurar o ovo para o resgatar, e estes mataram Garrow e incendiaram a casa de Eragon. Galbatorix escravizou os Ra'zac que já não eram muitos, na altura.

Eragon e Saphira partiram para se vingarem dos Ra'zac, acompanhados de Brom, o contador de histórias, que fora também um Cavaleiro do Dragão, antes da queda dos Cavaleiros. Era a Brom que o elfo Arya planeava enviar o ovo azul.

Brom ensinou muito a Eragon sobre o manejo de espada, magia e honra e ofereceu-lhe Za'roc, que fora em tempos a espada de Morzan, o primeiro e mais poderoso dos Renegados. Mas os Ra'zac mataram Brom, assim que os encontraram, e Eragon e Saphira escaparam graças à ajuda do jovem Murtagh, filho de Morzan.

Durante as suas viagens, o Espetro Durza capturou Eragon na cidade de Gil'ead, mas Eragon conseguiu fugir e, ao fazê-lo, libertou Arya da sua cela. Arya fora envenenada e estava gravemente ferida, por isso Eragon, Saphira e Murtagh levaram-na para os Varden, que viviam entre os Anões, nas Montanhas Beor.

Arya foi tratada e Eragon abençoou uma bebé chorona que dava pelo nome de Elva. Ele abençoou-a para a proteger do infortúnio, mas pronunciou mal as palavras, amaldiçoando-a sem dar conta, o que a forçou a tornar-se um escudo contra o infortúnio dos outros.

Pouco tempo depois, Galbatorix mandou um grande exército de Urgals atacar os Anões e os Varden. Foi na batalha seguinte que Eragon matou o Espetro Durza. Durza, porém, feriu Eragon gravemente nas costas, fazendo-o padecer de dores horríveis, apesar dos feitiços dos curandeiros dos Varden.

No meio da sua dor ele ouviu uma voz, que lhe disse:

Vem até mim, Eragon, vem até mim, pois eu tenho respostas para todas as perguntas que fizeres.

Três dias mais tarde, o líder dos Varden, Ajihad, sofreu uma emboscada e foi morto pelos Urgals, sob as ordens de dois feiticeiros gémeos que entregaram os Varden a Galbatorix. Os gémeos raptaram também Murtagh, que levaram em segredo até Galbatorix. Mas Eragon e todos os Varden pensaram que Murtagh tinha morrido, pelo que Eragon ficou bastante pesaroso.

Nasuada, a filha de Ajihad, tornou-se líder dos Varden.

De Tronjheim, o centro de poder dos Anões, Eragon, Saphira e Arya viajaram para a floresta de Du Weldenvarden, a Norte, onde viviam os Elfos. O anão Orik, sobrinho de Hrothgar, o rei dos Anões, acompanhou-os.

Em Du Weldenvarden, Eragon e Saphira conheceram Oromis e Glaedr – o último Cavaleiro e dragão ainda livres – que há um século viviam escondidos, na esperança de poder ensinar a geração seguinte de Cavaleiros do Dragão. Eragon e Saphira encontraram-se também com a Rainha Islanzadí, soberana dos Elfos e mãe de Arya.

Enquanto Oromis e Glaedr treinavam Eragon e Saphira, Galbatorix mandou os Ra'zac e um grupo de soldados a Carvahall, a aldeia natal de Eragon, desta vez para capturar o seu primo Roran. No entanto, Roran escondeu-se e eles não o teriam encontrado se não fosse o ódio do talhante Sloan, que ao matar uma sentinela permitiu que os Ra'zac entrassem na aldeia, apanhando Roran desprevenido.

Roran conseguiu desembaraçar-se deles, mas os Ra'zac levaram a sua amada Katrina, filha de Sloan. Depois disso, Roran convenceu os aldeões a partirem com ele. Viajaram pelas montanhas da Espinha até à costa de Alagaësia e, a seguir, até à região de Surda, a Sul, que ainda não estava sob o domínio de Galbatorix.

O ferimento nas costas de Eragon continuava a atormentá-lo, mas durante a Celebração do Juramento de Sangue dos Elfos, onde estes comemoravam o pacto celebrado entre Cavaleiros e dragões, o dragão espectral que os Elfos invocavam no encerramento das festividades curou o ferimento de Eragon, concedendo-lhe, também, a mesma força e rapidez dos Elfos.

A seguir, Eragon e Saphira voaram para Surda, para onde Nasuada tinha conduzido os Varden a fim de lançarem um ataque contra o Império de Galbatorix. Aí os Urgals aliaram-se aos Varden, alegando que Galbatorix lhes confundira a mente, pretendendo vingar-se dele. Entre os Varden, Eragon voltou a encontrar Elva, que

criança prodigiosamente depressa, sentia a dor de todos os que a rodeavam.

Não muito longe das fronteiras de Surda, na escuridão das Planícies Flamejantes, Eragon, Saphira e os Varden travaram uma longa e sangrenta batalha contra o exército de Galbatorix.

Durante a batalha, Roran e os aldeões reuniram-se aos Varden, assim como os Anões que os tinham seguido desde as Montanhas Beor.

Porém, uma figura de armadura polida, montada num dragão cintilante, vermelho, surgiu a Este e matou o rei Hrothgar com um feitiço.

Eragon e Saphira lutaram com o Cavaleiro e com o dragão vermelho, descobrindo que este era Murtagh, ligado a Galbatorix por juramentos impossíveis de quebrar, e que o dragão era Thorn, o segundo ovo a chocar.

Murtagh derrotou Eragon e Saphira com a força do Eldunari que Galbatorix lhe dera, mas deixou-os partir, porque ainda nutria alguma amizade por Eragon, e porque eram irmãos, ambos filhos de Selena, a consorte favorita de Morzan – como ele próprio explicou a Eragon.

Murtagh despojou Eragon de Zar'roc – a espada do seu pai – e partiu com Thorn das Planícies Flamejantes, tal como o resto das tropas de Galbatorix.

Quando a batalha terminou, Eragon, Saphira e Roran voaram para Helgrind, a sombria torre de pedra, que era o esconderijo dos Ra'zac. Aí mataram um dos Ra'zac e os seus odiosos progenitores – os Lethrblaka –, resgatando Katrina de Helgrind, e nas celas Eragon descobriu o pai de Katrina, cego e moribundo.

Eragon pensou em matar Sloan pela sua traição, mas acabou por afastar essa ideia. Em vez disso, fê-lo mergulhar num sono profundo, dizendo a Roran e a Katrina que o pai dela morreria. Depois pediu a Saphira que levasse Roran e Katrina de regresso aos Varden, enquanto ele perseguia o último Ra'zac.

Sozinho, Eragon matou o Ra'zac e levou Sloan de Helgrind. Depois de muito pensar, Eragon descobriu o verdadeiro nome de Sloan na língua antiga, a língua do poder e da magia, e, através deste, forçou Sloan a jurar que nunca mais voltaria a ver a filha. Por fim, mandou-o viver com os Elfos. O que Eragon não disse ao talhante foi que os Elfos lhe devolveriam a visão se ele se arrependesse da traição e do assassinio que cometera.

Arya encontrou Eragon a meio caminho dos Varden e os dois regressaram juntos, a pé, através de território inimigo.

Nos Varden, Eragon soube que a Rainha Islanzadí enviara doze feiticeiros elfos, comandados por um elfo chamado Blödhgarm, para o proteger a ele e a Saphira. Eragon tentou remover a maldição de Elva, mas ela continuou a sofrer com a dor dos outros, embora já não se sentisse compelida a salvá-los do seu sofrimento.

Roran casou com Katrina, que estava grávida, e Eragon sentiu-se feliz, pela primeira vez, desde há muito tempo.

Depois Murtagh, Thorn e um grupo de homens de Galbatorix atacaram os Varden. Eragon e Saphira conseguiram contê-los com a ajuda dos Elfos, mas Eragon e Murtagh não conseguiram derrotar-se. Foi uma batalha difícil, pois Galbatorix encantara os soldados para que estes não sentissem dor. Os Varden sofreram muitas baixas.

Depois disso, Nasuada ordenou a Eragon que visitasse os Anões em representação dos Varden, enquanto eles escolhiam o novo rei. Eragon estava relutante em ir, pois Saphira teria de ficar para proteger o acampamento dos Varden, de qualquer forma ele acabou por ir.

Roran serviu o exército dos Varden e subiu de posto, ao revelar-se um guerreiro hábil e um líder.

Enquanto Eragon estava com os Anões, sete deles tentaram assassiná-lo, e uma investigação revelou que era o clã Az Swelnd rak Anhûin que planeava o ataque. Contudo, a reunião de clãs prosseguiu, Orík foi escolhido como sucessor do seu tio e Saphira reuniu-se a Eragon para assistir à coroação, durante a qual cumpriu a promessa de reparar a adorada estrela de safira dos Anões, que quebrara no combate de Eragon com o Espetro Durza.

Eragon e Saphira regressaram a Du Weldenvarden, onde Oromis revelou ao cavaleiro a verdade acerca da sua herança: Eragon não era filho de Morzan, mas de Brom, embora ele e Murtagh partilhassem a mesma mãe, Selena. Oromis e Glaedr explicaram também o conceito do Eldunari, que um dragão poderia decidir expulsar de dentro de si, em vida, embora exigisse uma grande cautela, pois quem possuísse o Eldunari poderia usá-lo para controlar o dragão de onde ele provinha.

Enquanto estava na floresta, Eragon decidiu que precisava de uma espada para substituir Zar'roc. Ao recordar o conselho que recebera de Solembum, o homem-gato, durante as suas viagens com Brom, Eragon foi até junto da senciente árvore de Menoa, em Du Weldenvarden. Falou com a árvore e esta aceitou ceder-lhe o aço brilhante que tinha sob as raízes, por um preço que não chegou a definir.

Depois, Rhurôn, a ferreira elfo – que forjara todas as espadas dos Cavaleiros – trabalhou com Eragon na sua nova espada. A espada era azul e Eragon chamou-lhe Brisingr – “fogo” –, mas a lâmina irrompia em chamas sempre que proferia o seu nome.

Glaedr confiou o seu coração dos corações a Eragon e a Saphira, e eles regressaram aos Varden, enquanto Glaedr e Oromis se reuniam aos outros da sua espécie para atacarem o Norte do Império.

Durante o cerco de Feinster, Eragon e Arya encontraram três feiticeiros inimigos, um dos quais se transformou no Espetro Varaug, mas Arya conseguiu matá-lo com a ajuda de Eragon.

Enquanto isso, Oromis e Glaedr lutavam com Murtagh e Thorn. Porém, Galbatorix controlou a mente de Murtagh, servindo-se do seu braço para matar Oromis, enquanto Thorn eliminava Glaedr.

Apesar da vitória dos Varden em Feinster, Eragon e Saphira choraram a morte do seu mestre, Oromis. Porém os Varden seguiram em frente e marcham, neste momento, no coração do Império, rumo à capital, Urû'baen, onde Galbatorix os espera, altivo e confiante, pois a sua força é a força de todos os dragões.

A BRECHA

O dragão Saphira rugiu e os soldados diante dela encolheram-se.

– Digam comigo! – gritou Eragon, levantando Brisingr acima da cabeça e erguendo-a bem alto no ar, para que todos a vissem. A espada azul irradiou um brilho, intenso, iridescente, em contraste absoluto com a parede de nuvens negras que se estava a formar a Oeste. – Pelos Varden!

Uma flecha passou perto dele com um zunido, mas ele não lhe deu importância.

Os guerreiros reunidos na base do amontoado de entulho, em cima do qual se encontravam Eragon e Saphira, responderam-lhe em uníssono, gritando a plenos pulmões:

– Pelos Varden! – estrondearam, brandindo as suas armas e subindo, de imediato, pelos blocos de pedra caídos.

Eragon virou costas aos homens. Do outro lado do amontoado de pedras havia um grande pátio. Cerca de duas centenas de soldados do Império estavam reunidos no interior. Atrás deles erguia-se uma fortaleza escura, com janelas estreitas como fendas e várias torres quadradas; a mais alta tinha uma lanterna acesa numa das salas superiores. Eragon sabia que Lord Bradburn, o governador de Belatona – a cidade que os Varden queriam conquistar e pela qual lutavam há longas horas – estava algures dentro da fortaleza.

Eragon gritou e saltou da pilha de cascalho, em direção aos soldados. Os homens recuaram atrapalhadamente, embora mantivessem as lanças e os piques apontados para a brecha irregular que Saphira abrira na muralha exterior do castelo.

Eragon torceu o tornozelo direito ao cair, aterrando de joelhos e apoiando-se no chão com a mão que empunhava a espada.

Um dos soldados aproveitou para correr para fora da formação e tentou golpear a garganta exposta de Eragon com a lança.

Eragon aparou o golpe com um movimento brusco do pulso, brandindo Brisingr com demasiada rapidez para os olhos de um humano ou de um elfo. Ao aperceber-se do seu erro, o soldado empalideceu de pavor e tentou fugir, mas conseguiu apenas mover-se uns escassos centímetros antes de Eragon o atacar e atingir no ventre.

Saphira saltou para o pátio, atrás de Eragon, expelindo um jato de chamas azuis e amarelas. Ele baixou-se, firmando as pernas, quando o dragão embateu no chão pavimentado. Todo o pátio estremeceu com o impacto. Grande parte das lascas de vidro que compunham um grande mosaico colorido, em frente da fortaleza, soltaram-se e voaram rodopiando pelo ar como moedas a ressaltarem num tambor. Lá em cima, duas portadas de uma janela do edifício abriram-se e fecharam-se ruidosamente.

Arya acompanhou Saphira e os seus longos cabelos negros ondularam selvaticamente em torno do rosto angular, ao saltar da pilha de cascalho. Tinha os braços e o pescoço salpicados de sangue e a lâmina da espada manchada de sangue seco. Ao aterrar no pátio, os seus sapatos produziram um ruído suave de cabedal a roçar na pedra.

A sua presença encorajou Eragon, pois era quem mais desejava ter junto de si e de Saphira, a lutar. Considerava-a a parceira perfeita para o proteger.

Sorriu-lhe brevemente e Arya retribuiu-lhe de igual modo, com uma expressão feroz e jovial. Em combate a sua postura reservada dava lugar a uma abertura que raramente revelava noutros momentos.

Eragon escondeu-se atrás do escudo ao ver surgir uma cortina ondulante de chamas azuis entre eles. Por baixo do aro do elmo viu Saphira banhar os soldados encolhidos numa torrente de chamas que fluíam em torno deles, sem contudo lhes tocar.

Uma série de arcos nas ameias da fortaleza dispararam uma saraivada de flechas a Saphira. O calor por cima dela era de tal forma intenso que algumas das flechas incendiaram-se em pleno ar, nada restando delas para além de cinzas. As outras foram desviadas pelos feitiços de proteção que Eragon erguera em torno de Saphira. Uma flecha perdida ricocheteou no escudo de Eragon, com um ruído surdo, amolgando-o.

A coluna de chamas envolveu, de súbito, três dos soldados, matando-os tão rapidamente que estes não tiveram sequer tempo para gritar. Os outros soldados agruparam-se no centro do inferno de chamas. As pontas das lanças e os piques refletiam clarões de luz azul-clara.

Por muito que tentasse, Saphira não conseguia sequer chamuscar os sobreviventes, acabando por desistir de o fazer e cerrando definitivamente as mandíbulas com um estalido seco. Na ausência do fogo, o pátio ficou assustadoramente silencioso.

Eragon deduziu que, tal como antes, quem concedera os feitiços de proteção aos soldados devia ser um feiticeiro hábil e poderoso. “Teria sido Murtagh?”, pensou. Se assim fosse, porque não estava ele ali com Thorn a defender Belatona? Galbatorix não se preocupa em manter o controlo das suas cidades?

Eragon correu para diante, cortando o topo de uma dúzia de alabardas com um único golpe de Brisingr, tão facilmente como quando cortava a cabeça das sementes dos talos de cevada, em criança. Golpeou o soldado mais próximo no peito e cortou-lhe a cota de malha como se fosse feita de pano fino. O sangue jorrou em torrente. Eragon atingiu o soldado seguinte, golpeou o soldado à sua esquerda com o escudo e atirou-o contra três dos seus companheiros, derrubando-os.

As reações dos soldados pareciam-lhe lentas e desajeitadas, enquanto se movia por entre as suas hostes, golpeando-os impunemente. Saphira envolvera-se num combate à sua esquerda – golpeando os soldados no ar, com as enormes patas, chicoteando-os com a cauda de espigões, mordendo-os e matando-os com uma sacudidela da cabeça. Enquanto isso, à sua direita, Arya era como uma mancha de movimento e cada golpe da sua espada assinalava a morte de um vassalo do Império. Quando Eragon se virou para se esquivar de duas lanças, viu que Blödhgarm, o elfo coberto de pelo, e os outros onze elfos destacados para o proteger a ele e a Saphira o seguiam de perto.

Mais atrás, os Varden entravam aos magotes no pátio, através da brecha na muralha exterior do castelo, mas decidiram não atacar, pois era demasiado perigoso aproximarem-se de Saphira. Nem ela nem Eragon ou os elfos precisavam de ajuda para se desembaraçarem dos soldados.

Pouco depois, o combate separou Eragon de Saphira, levando-os para extremos opostos do pátio, mas Eragon não estava preocupado. Mesmo sem as suas proteções Saphira estava mais do que apta a derrotar um grupo de vinte ou trinta humanos, sozinha.

Uma lança resvalou no escudo de Eragon, ferindo-lhe o ombro, e Eragon virou-se para o seu atacante, um homem enorme cheio de cicatrizes, sem os dentes da frente do maxilar inferior, e correu na direção dele. O homem tentou tirar uma adaga do cinto, mas no último instante, Eragon torceu-se, retesou os braços e o peito, batendo no esterno do homem com o ombro dorido.

O soldado foi projetado vários metros para trás, com a força do impacto, e caiu agarrado ao coração.

Depois, uma saraivada de flechas de penas negras precipitou-se sobre eles, matando ou ferindo muitos dos soldados. Eragon escondeu-se para se proteger dos projéteis, cobrindo-se com o escudo, embora estivesse confiante de que a sua magia o iria proteger. Não seria bom tornar-se descuidado, pois qualquer feiticeiro inimigo poderia disparar uma flecha encantada, capaz de penetrar nas suas proteções.

Um sorriso amargo desenhou-se nos lábios. Os arcos, lá em cima, tinham percebido que a sua única esperança de vitória era matar Eragon e os elfos, independentemente do número de homens que tivessem de sacrificar.

“Demasiado tarde”, pensou Eragon, com uma satisfação sinistra. Deviam ter abandonado o Império enquanto ainda podiam.

O violento e ruidoso ataque das flechas, permitiu-lhe descansar, um momento que acolheu de bom grado. O ataque à cidade começara ao romper do dia e ele e

Saphira tinham passado todo o tempo na frente de batalha.

Assim que as flechas cessaram, Eragon passou Brisingr para a mão esquerda, apanhou uma das lanças dos soldados e arremessou-a aos arceiros, que estavam doze metros acima. Como já antes concluíra, era necessário ter uma prática considerável para arremessar lanças com precisão, por isso não o surpreendeu não atingir o homem ao qual a apontara. O que o surpreendeu foi o facto de não atingir nenhum dos arceiros alinhados nas ameias. A lança passou por eles e estilhaçou-se na muralha do castelo, por cima da sua cabeça. Os arceiros riram-se e desdenharam dele, fazendo-lhe gestos grosseiros.

Um movimento rápido na sua visão periférica chamou-lhe a atenção e ele virou-se ainda a tempo de ver Arya arremessar a sua lança aos arceiros e empalar dois que estavam lado a lado. Arya apontou depois para os homens com a espada e disse:

– Brisingr! – e a lança irrompeu em chamas verde-esmeralda.

Os arceiros recuaram para longe dos cadáveres em chamas e, fugiram das ameias como se fossem um só, aglomerando-se junto das entradas que conduziam aos andares de cima do castelo.

– Isso não é justo – disse Eragon. – A minha espada desata a arder como uma fogueira sempre que uso esse feitiço.

Arya olhou-o com um ar vagamente divertido.

A luta prosseguiu durante mais alguns minutos, durante os quais os soldados que restavam, renderam-se ou tentaram fugir.

Eragon permitiu que os cinco homens que tinha diante de si fugissem, pois sabia que não iriam longe. Depois de um rápido exame aos corpos estendidos em seu redor, para confirmar se estavam mais factos mortos, olhou para o outro lado do pátio. Alguns dos Varden tinham aberto o portão da muralha exterior e estavam a transportar um ariete ao longo da rua que conduzia ao castelo. Outros reuniam-se em filas irregulares junto à porta da fortaleza, prontos para entrar no castelo e defrontar os soldados no interior. Entre eles estava Roran, o primo de Eragon, a gesticular com o martelo que trazia sempre consigo, enquanto dava ordens ao destacamento que comandava. Saphira estava agachada sobre os cadáveres das suas vítimas, do lado oposto do pátio, com um perfeito caos em seu redor. Tinha gotas de sangue agarradas às escamas semelhantes a jóias. As manchas vermelhas contrastavam assombrosamente com o azul do seu corpo. Atirou a cabeça espinhosa para trás e rugiu triunfante, abafando o alarido da cidade com a ferocidade do seu grito.

Depois, Eragon ouviu a trepidação de engrenagens e correntes, no interior do castelo, seguida do ruído de pesadas traves de madeira a arranharem umas nas outras, ao serem puxadas para trás. Os ruídos chamaram a atenção de todos para as portas da fortaleza.

As portas separaram-se, abrindo com um estrondo seco. Uma espessa nuvem de fumo oriunda das tochas acesas no interior ondulou para o exterior, provocando tosse aos Varden que estavam mais próximos e obrigando-os a cobrir o rosto. Algures, nas profundezas da escuridão, ouviu-se o matraquear de cascos ferrados nas pedras do pavimento, e depois um cavalo e um cavaleiro irromperam do meio do fumo. O cavaleiro empunhava algo na mão esquerda que Eragon, a princípio, julgou ser uma lança vulgar, mas depressa reparou que era feita de um estranho material verde e tinha uma lâmina serrilhada, forjada num padrão desconhecido. Um ligeiro brilho envolvia a ponta da lança, uma luz pouco natural que denunciava a presença de magia.

O cavaleiro puxou pelas rédeas e guiou o cavalo na direção de Saphira que se empinou nas patas traseiras, preparando-se para desferir um terrível golpe mortal com a pata dianteira direita.

A preocupação dominou Eragon. O cavaleiro parecia demasiado confiante e a lança era demasiado diferente e assustadora. Embora estivesse supostamente protegida pelas suas defesas, Eragon tinha a certeza de que Saphira corria perigo de vida.

“Não vou conseguir alcançá-la a tempo”, concluiu. Dirigiu os seus pensamentos para o cavaleiro, mas o homem estava de tal forma concentrado na sua missão que nem sequer deu pela presença de Eragon, e sua concentração inabalável permitiu apenas que Eragon acesse superficialmente à sua consciência. Fechando-se em si mesmo, Eragon reviu meia dúzia de palavras da língua antiga e compôs um feitiço simples para imobilizar o cavalo de guerra, que avançava a galope. Era um ato de desespero, pois Eragon não sabia se o cavaleiro também era feiticeiro, nem que precauções tomara para evitar ser atacado por magia – mas não estava disposto a ficar ali parado, estando a vida de Saphira em perigo.

Encheu os pulmões de ar, recordando a si mesmo a pronúncia correta de alguns sons mais difíceis na língua antiga, e depois abriu a boca para proferir o feitiço.

Foi rápido, mas os elfos foram ainda mais rápidos, e antes que ele conseguisse proferir uma única palavra, um frenesi de cânticos baixos explodiu atrás de si, com várias vozes sobrepostas a entoarem uma melodia dissonante e inquietante.

– “Mäe” – conseguiu ainda dizer, mas entretanto a magia dos elfos produziu efeito.

O mosaico em frente do cavalo estremeceu e moveu-se, e as lascas de vidro fluíram como água. Abriu-se uma longa fenda no chão, uma enorme fissura de profundidade indefinida. Relinchando ruidosamente, o cavalo mergulhou no buraco e empinou-se para a frente, partindo as patas dianteiras.

Enquanto o cavalo e o cavaleiro caíam, o homem montado na sela, puxou o braço para trás e atirou a lança fluorescente na direção de Saphira.

Saphira não conseguia correr nem esquivar-se, por isso sacudiu uma pata na direção do dardo, esperando desviá-lo. Contudo, falhou – por escassos centímetros – e Eragon, horrorizado, viu a lança cravar-se noventa centímetros ou mais no peito de Saphira, mesmo abaixo da clavícula.

Um véu palpitante de raiva toldou-lhe a visão e Eragon recorreu a toda a energia que tinha armazenada – no corpo, na safira embutida no punho da espada, nos doze diamantes escondidos no cinto de Beloch, o Sábio, preso à cintura, e ainda à imensa energia armazenada no interior de Aren, o anel dos elfos, que lhe ornamentava a mão direita – preparando-se para obliterar o cavaleiro, independentemente do risco.

Contudo, conteve-se quando Blödhgarm apareceu e saltou sobre a pata dianteira de Saphira. O elfo atirou-se para cima do cavaleiro como uma pantera a atacar um veado, derrubando o homem de lado. Sacudindo ferozmente a cabeça, Blödhgarm rasgou a garganta do homem com os seus longos dentes brancos.

Um guincho de desespero avassalador emanou de uma janela alta, por cima da entrada aberta da fortaleza, seguida de uma explosão de chamas que projetou blocos de pedra de dentro do edifício. Os blocos aterraram no meio do grupo dos Varden, esmagando membros e torsos como se fossem ramos secos.

Eragon ignorou as pedras que se precipitavam no pátio e correu para Saphira, apercebendo-se de que Arya e os seus guardas o acompanhavam. Outros elfos mais próximos estavam já a agrupar-se em torno dela, examinando a lança que se projetava do seu peito.

– É grave...? Ela está... – disse Eragon, demasiado abalado para completar as frases. Desejava muito falar mentalmente com Saphira mas, enquanto os feiticeiros inimigos estivessem na área, não se atrevia a expor-lhes a sua consciência, não fossem os seus oponentes sondar os seus pensamentos e assumir o controlo do seu corpo.

Depois de uma espera aparentemente interminável, Wyrden, um dos elfos macho, disse:

– Podes agradecer ao destino, Aniquilador de Espetros, pois a lança não alcançou as veias e as artérias principais no pescoço. Apenas atingiu músculos e nós podemos recuperar músculos.

– Conseguem tirá-la? Têm algum feitiço que nos impeçam de a...

– Nós vamos tratar disso, Aniquilador de Espetros.

Com uma solenidade própria de sacerdotes reunidos diante de um altar, todos os elfos, à exceção de Blödhgarm, colocaram as palmas das mãos sobre o peito de Saphira e entoaram um cântico semelhante ao murmúrio fantasmagórico do vento por entre um aglomerado de salgueiros. Cantavam sobre calor e crescimento de músculos e tendões, sobre sangue palpitante e outros temas mais obscuros. Aparentemente com um enorme esforço, Saphira permaneceu na mesma posição durante todo o encantamento, embora fosse assolada por tremores que lhe sacudiam o corpo com apenas alguns segundos de intervalo. Um rasto de sangue correu-lhe do peito, junto à lança que lá se encontrava cravada.

Quando Blödhgarm se aproximou dele, Eragon olhou o elfo de relance. Tinha sangue seco no pelo do queixo e do pescoço, que já não estava azul-escuro mas sim negro cerrado.

– O que foi aquilo? – perguntou Eragon, apontando para as chamas que dançavam ainda na janela alta, por cima do pátio. Blödhgarm, lambeu os lábios, expondo os seus caninos de gato antes de responder.

– Instantes antes do soldado morrer, eu consegui penetrar na mente dele e através dela, na mente do feiticeiro que o estava a ajudar.

– Mataste o feiticeiro?

– Digamos que o obriguei a matar-se. Normalmente não recorreria a uma exibição teatral tão extravagante, mas estava... irritado.

Eragon começou a andar mas depois deteve-se, ao ouvir Saphira soltar um longo gemido baixo, à medida que a lança deslizava do seu peito sem que ninguém lhe tocasse. As suas pálpebras estremeçeram e ela inspirou repetidas vezes, superficialmente, enquanto os últimos quinze centímetros da lança emergiam do seu corpo. A lâmina serrilhada, com a auréola indistinta de luz, cor de esmeralda, caiu no chão e ressaltou nas pedras do pavimento, produzindo um ruído que mais parecia de cerâmica do que de metal.

Quando os elfos pararam de cantar e tiraram as mãos de Saphira, Eragon correu para o seu lado e tocou-lhe no pescoço. A sua vontade era consolá-la, dizer-lhe como ficara assustado, unir a sua consciência à dela mas, em vez disso, contentou-se em olhar para um dos seus olhos azuis, cintilantes e perguntar:

– Estás bem? – As palavras pareciam insignificantes comparadas com a profundidade das suas emoções.

Saphira respondeu, piscando o olho uma única vez. Depois baixou a cabeça e acariciou-lhe o rosto com uma delicada lufada de ar quente que soltou das narinas.

Eragon sorriu. Depois virou-se para os elfos e disse:

– “Eka elrun ono, älfya, wiol fîm Thornessa” – agradecendo-lhes a ajuda na língua antiga. Os elfos que tinham participado na cura, incluindo Arya, fizeram uma vénia, colocando a mão direita sobre o peito, num gesto de respeito característico da sua raça. Eragon reparou que mais de metade dos elfos destacados para o proteger a ele e a Saphira estavam pálidos, fracos e vacilantes.

– Retirem-se e descansem – disse-lhes. – Ainda se matam se ficarem. Vamos, é uma ordem!

Embora Eragon tivesse a certeza de que a ideia de partir lhes desagradava, os sete elfos responderam:

– Como queiras, Aniquilador de Espetros. – Dito isto, retiraram-se do pátio, caminhando por cima dos cadáveres e do entulho. Mesmo no limite da sua resistência tinham uma aparência nobre e digna.

Eragon reuniu-se depois a Arya e a Blödhgarm, que estavam a examinar a lança, ambos com uma expressão estranha, como se não soubessem bem como reagir. Eragon baixou-se cautelosamente junto deles, para que nenhuma parte do seu corpo tocasse na arma. Olhou para as delicadas linhas gravadas em torno da base da ponta da lança e pareceu reconhecê-las, ainda que não soubesse ao certo porquê. Olhou para o punho esverdeado, feito de um material que não era madeira nem metal e, de novo, para o brilho suave que lhe lembrava as lanternas sem chama que os elfos e os anões usavam para iluminar as suas salas.

– Achas que isto é obra de Galbatorix? – perguntou Eragon. – Talvez ele concluisse que era preferível matar-me a mim e a Saphira em vez de capturar-nos. Talvez ele pense que nos tornámos uma ameaça.

Blödhgarm fez um sorriso desagradável.

– Eu não me enganaria a mim próprio com essas fantasias, Aniquilador de Espetros. Nós não passamos de um incómodo sem importância para Galbatorix. Se ele quisesse realmente matar-te a ti ou a qualquer um de nós, bastar-lhe-ia voar de Yrûbaen e defrontar-nos diretamente em combate, e nós tomaríamos diante dele como folhas secas antes de uma tempestade de inverno. Ele detém a força do dragão e ninguém consegue resistir ao seu poder. Além disso, não é fácil desviar Galbatorix dos seus propósitos. Poderá ser louco mas é igualmente engenhoso e, acima de tudo, determinado. Se ele quiser escravizar-te, lutará obsessivamente para alcançar esse objetivo, e nada o desencorajará a não ser o seu instinto de sobrevivência.

– Em todo o caso – disse Arya –, isto não é obra de Galbatorix, isto é coisa nossa.

Eragon franziu o sobrolho:

– Nossa? Os Varden não forjaram isto.

– Não os Varden, mas um elfo.

– Mas... – Eragon deteve-se, tentando encontrar uma explicação racional. – Mas nenhum elfo aceitaria trabalhar para Galbatorix. Prefeririam morrer a...

– Galbatorix não teve nada a ver com isto e, mesmo que tivesse, dificilmente daria uma arma tão rara e poderosa a um homem que não fosse capaz de zelar por ela.

De todos as armas de guerra espalhadas por Alagaësia, esta é a que Galbatorix menos desejaria ver na nossa posse.

– Porquê?

Ronronando ligeiramente, Blödhgarm disse na sua voz cava e intensa:

– Porque é uma Dauthdaert, Eragon, Aniquilador de Espetros.

– E o seu nome é Niemen, a Orquídea – acrescentou Arya, apontando para as linhas gravadas na ponta, que Eragon percebeu depois tratarem-se de hieróglifos estilizados do singular sistema de escrita dos elfos – formas curvas e entrelaçadas que terminavam em pontas longas em forma de espinhos.

– Uma Dauthdaert? – Vendo Arya e Blödhgarm olharem-no com um ar incrédulo, Eragon encolheu os ombros, constrangido, pela sua falta de cultura. Frustrava-o que os elfos usufruíssem de décadas e décadas de estudo com os melhores académicos da sua raça, enquanto cresciam, e o seu próprio tio, Garrow nunca lhe tivesse ensinado sequer o seu alfabeto por não o considerar importante. – Eu só li coisas dessas em Ellesméra. O que é? Foi forjada durante a Queda dos Cavaleiros para ser usada contra Galbatorix e os Renegados?

Blödhgarm abanou a cabeça.

– Niemen é mais antiga, muito mais antiga que isso.

– As Dauthdaertya – disse Arya – nasceram do medo e do ódio que marcou os anos finais da nossa guerra com os dragões. Os nossos ferreiros e feiticeiros mais habilidosos forjaram-nas a partir de materiais que já não entendemos, inbuindo-as de encantamentos cujas palavras já não recordamos e batizando-as às doze com os nomes das mais belas flores – a mais terrível das incoerências – uma vez que as fizemos com um único propósito em mente: matar dragões.

Uma sensação de repulsa invadiu Eragon, ao olhar para a lança fluorescente.

– E mataram-nos?

– Os que estiveram presentes dizem que o sangue dos dragões choveu dos céus como um aguaceiro de verão.

Saphira deixou escapar um silvo alto e brusco.

Eragon olhou-a, por instantes, e viu pelo canto do olho que os Varden mantinham ainda as suas posições diante da fortaleza, à espera que ele e Saphira retomassem a dianteira da ofensiva.

– Todos pensavam que as Dauthdaertya tinham sido destruídas ou estavam irremediavelmente perdidas – disse Blödhgarm. – Obviamente que estávamos enganados. Niemen deve ter passado para as mãos da família Waldgrave e eles devem tê-la mantido escondida aqui, em Belatona. Creio que, quando penetrámos nas muralhas da cidade, Lord Bradburn perdeu a coragem e mandou buscar Niemen ao seu arsenal para te tentar deter a ti e a Saphira. Sem dúvida que Galbatorix ficaria absolutamente furioso se soubesse que Bradburn tentou matar-te.

Embora consciente de que tinham de se apressar, a curiosidade de Eragon não o deixava partir.

– Independentemente do facto de ser uma Dauthdaert, ainda não me explicaram por que razão Galbatorix não gostaria que nos apossássemos dela. – E fez um gesto em direção à lança. – O que tem Nieman de mais perigoso do que aquela lança, ali, ou até mesmo Bris... – Conseguiu conter-se antes de pronunciar o nome completo. – Ou a minha espada?

Foi Arya que respondeu.

– Não pode ser destruída pelos meios normais, o fogo não a afeta e é quase totalmente resistente à magia, como tu próprio viste. As Dauthdaertya foram concebidas para resistir a todos os feitiços que os dragões lançassem e para proteger quem as empunhasse desses feitiços – uma perspectiva desencorajante, se considerarmos o poder, a complexidade e a natureza inesperada da magia dos dragões. Não deve haver ninguém em Alagaësia com tantas proteções como Galbatorix e Shruikan, mas é possível que Niemen conseguisse penetrar nas suas defesas, como se estas não existissem sequer.

Eragon percebeu e foi invadido por uma enorme alegria.

– Temos de...

Um ruído interrompeu-o.

O som foi cortante e arrepiante como metal a arranhar pedra. Os dentes de Eragon vibraram em sintonia e ele tapou os ouvidos com as mãos, fazendo uma careta ao virar-se para tentar localizar a fonte do ruído. Saphira atirou a cabeça para trás e, mesmo sobre o estrépito, Eragon ouviu-a gemer de aflição.

Eragon varreu o pátio com o olhar, por duas vezes, antes de reparar numa tênue nuvem de pó a erguer-se ao longo da muralha da fortaleza, de uma racha de trinta centímetros que surgiu por baixo da janela enegrecida e parcialmente destruída, onde Blödhgarm matara o feiticeiro. Quando o ruído se intensificou, Eragon arriscou levantar uma mão que tapava o ouvido e apontar para a racha.

– Olha! – gritou a Arya, que acenou em sinal de reconhecimento. Eragon voltou a tapar o ouvido com a mão.

O ruído parou inesperadamente.

Eragon esperou alguns instantes, baixando depois lentamente as mãos e desejando por uma vez na vida que a sua audição não fosse tão sensível.

No instante em que o fez, a racha abriu-se mais – até ficar com vários metros de largura –, descendo rapidamente ao longo da muralha da fortaleza. Ao alcançar a pedra angular, por cima das portas do edifício, estilhou-a como um relâmpago, salpicando o chão de pedras. Todo o castelo rangeu e a parte da frente da fortaleza, desde a janela danificada à pedra angular, partida, começou a inclinar-se para fora.

– Fugam! – gritou Eragon aos Varden, embora os homens estivessem já a dispersar para ambos os lados do pátio, desesperados para sair debaixo da muralha em equilíbrio precário. Eragon deu um único passo em frente, com os músculos do corpo tensos, procurando sinais de Roran, algures no meio da turba de guerreiros.

Por fim viu-o, encurralado atrás do último grupo de homens que estava junto da porta, a gritar-lhes furiosamente, mas sem conseguir fazer-se ouvir no meio de todo aquele alvoroço. Depois a muralha moveu-se e inclinou-se alguns centímetros – afastando-se ainda mais do resto do edifício – bombardeando Roran com pedras, fazendo-o perder o equilíbrio e forçando-o a cambalear para trás, por baixo dos beirais da porta.

Quando Roran se endireitou, o seu olhar cruzou-se com o de Eragon e este viu nele uma centelha de medo e de desespero, seguida de imediato por uma expressão de resignação, como se Roran soubesse que não conseguiria alcançar a segurança a tempo, por muito depressa que corresse.

Um sorriso amargo desenhou-se nos lábios de Roran.

E a muralha caiu.

A QUEDA DO MARTELO

— Não! — gritou Eragon, ao ver a muralha da fortaleza desmoronar-se ruidosamente, soterrando Roran e cinco outros homens sob um amontoado de pedra com seis metros de altura e inundando o pátio com uma nuvem escura de pó.

Eragon gritou tão alto que lhe faltou a voz e sentiu uma camada pegajosa de sangue, com sabor a cobre, no fundo da garganta, inspirando e dobrando-se sobre si a tossir.

— Vaetna — arquejou ele, acenando com a mão. A espessa cortina de pó cinzento apartou-se com um ruído semelhante ao restolhar de seda, descobrindo a parte central do pátio. Eragon estava de tal forma preocupado com Roran, que mal reparou na energia que o feitiço lhe roubara.

— Não, não, não, não — murmurou Eragon. “Ele não pode estar morto. Não pode, não pode, não pode...” Eragon continuou a repetir mentalmente a frase como se a repetição pudesse transformá-la em realidade. Mas, quanto mais a repetia mais esta lhe parecia uma oração para o mundo em geral e não constatação de um facto ou de uma esperança.

Arya e os outros guerreiros dos Varden, diante dele, tossiam e limpavam os olhos com as palmas das mãos. Muitos estavam curvados para a frente como se esperassem ser atingidos, outros estavam pasmados a olhar para a fortaleza danificada. Os escombros do edifício espalharam-se pelo meio do pátio, encobrindo o mosaico. Duas divisões e meia do segundo andar do forte e uma no terceiro — a sala onde o feiticeiro morrera tão violentamente — estavam expostas aos elementos. As salas e a mobília pareciam sujas e bastante decrepitas à luz do sol. No interior, meia dúzia de soldados armados de bestas, recuaram atrapalhadamente do abismo à beira do qual se encontravam agora, precipitando-se pelas portas, ao fundo das divisões, aos empurrões e encontros, e desaparecendo nas profundezas da fortaleza.

Eragon tentou calcular o peso de um bloco de pedra na pilha de escombros; devia pesar centenas de quilos. Se ele, Saphira e os elfos trabalhassem em conjunto, estava certo que conseguiriam remover as pedras com magia, mas o esforço deixá-los-ia fracos e vulneráveis. Além disso, iria demorar demasiado tempo. Eragon pensou por instantes em Glaedr — o dragão dourado seria suficientemente forte para erguer toda aquela pilha de uma só vez — mas o tempo era crucial e ele demoraria demasiado tempo a recolher o Eldunari de Glaedr. De qualquer forma, Eragon sabia que poderia nem sequer conseguir convencer Glaedr a falar com ele, muito menos a ajudar a salvar Roran e os outros homens.

Depois ele visualizou Roran, tal como este aparecera antes do dilúvio de pedras e de pó o esconder da sua visão, debaixo dos beirais da porta de entrada do forte, e deu um salto, percebendo o que fazer.

— Saphira, ajuda-os! — gritou Eragon, largando o escudo e correndo para diante.

Ouviu Arya dizer algo na língua antiga atrás de si — uma frase curta, tipo “Esconde isto!” — acompanhando-o depois de espada em punho, pronta para lutar.

Ao alcançar a base da pilha de escombros, Eragon saltou o mais alto que pôde, aterrando num só pé sobre a face inclinada de um bloco. Depois voltou a saltar, atirando-se sucessivamente de um ponto para o outro, como um cabrito-montês a escalar a encosta de um desfiladeiro. Detestava a ideia de deslocar os blocos, mas subir a pilha era a forma mais rápida de alcançar o seu destino.

Saltando uma última vez, Eragon alcançou a beira do segundo andar e correu pela sala. Empurrou a porta, à sua frente, com tanta força que lhe partiu o trinco e as dobradiças, projetando-a pelo ar, contra a parede do corredor, por trás desta, e rachando as pesadas pranchas de carvalho.

Ele correu pelo corredor, mas os seus passos e a sua respiração pareciam-lhe estranhamente abafados, como se tivesse os ouvidos cheios de água.

Ao aproximar-se de uma porta aberta, abrandou. Através da abertura viu um escritório com cinco homens armados, a apontarem para um mapa e a discutirem. Nenhum deles reparou em Eragon.

Continuou a correr.

Dobrou velozmente uma esquina e chocou com um soldado que vinha na direção contrária. Ao embater com a testa na borda do escudo do homem, Eragon viu manchas vermelhas e amarelas. Agarrou-se ao soldado e ambos cambalearam para trás e para diante ao longo do corredor, como um par de bailarinos bêbados.

Enquanto tentava recuperar o equilíbrio, o soldado praguejou:

— O que se passa contigo? Maldito seja três vezes — disse. Depois olhou para o rosto de Eragon e arregalou os olhos. — Tu?

Eragon cerrou o punho direito e esmurrou o homem na barriga, mesmo abaixo da caixa torácica. O golpe ergueu o homem do chão e projetou-o contra o teto.

— Eu mesmo — anuiu Eragon, quando o homem tombou no chão, inerte.

Eragon continuou a percorrer o corredor. A sua pulsação, já de si acelerada, parecia duas vezes mais rápida, desde que entrara na fortaleza; era como se o coração fosse explodir do peito.

“Onde estará?”, pensou, nervosamente, olhando através de outra entrada. Mas viu apenas uma sala vazia.

Finalmente, ao fundo de uma sombria passagem lateral, avistou uma escada em caracol e desceu os degraus cinco a cinco, sem se preocupar com a sua segurança enquanto descia até ao primeiro andar, parando apenas para desviar um archeiro sobressaltado do seu caminho.

A escada terminou e ele alcançou uma sala de teto alto, abobadado, que lembrava a catedral de Dras-Leona. Girando sobre si mesmo, recolheu algumas impressões rápidas: escudos, armas, e estandartes vermelhos pendurados nas paredes; janelas estreitas mesmo abaixo do teto; tochas instaladas em suportes de ferro forjado; lazeiras vazias; longas mesas escuras, assentes em armações, empilhadas de ambos os lados da sala, e um estrado ao topo da sala, onde estava um homem de túnica e de barbas, em frente de uma cadeira de costas altas. Eragon estava no salão principal do castelo. À sua direita, entre si e as portas que conduziam à entrada da fortaleza, havia um contingente de, pelo menos, cinquenta soldados. A linha dourada nas suas túnicas cintilou ao remexerem-se surpreendidos.

— Matem-no! — ordenou o homem de barbas, parecendo mais assustado do que propriamente autoritário. — Quem o matar receberá um terço do meu tesouro! Prometo!

Uma terrível frustração cresceu em Eragon, vendo-se mais uma vez atrasado. Desembainhando a espada, ergueu-a sobre a cabeça e gritou:

— Brisingr!

Um casulo fantasmagórico de chamas azuis ganhou vida em torno do gume, percorrendo-o até à ponta. O calor do fogo aqueceu a mão de Eragon e um dos lados do seu rosto.

Depois baixou os olhos para os soldados.

— Ponham-se a andar — rugiu ele.

Os soldados hesitaram mais um instante e, a seguir, viraram-se e fugiram.

Eragon atacou, ignorando as lesmas em pânico ao alcance da sua espada flamejante. Um homem tropeçou e caiu diante de si e Eragon saltou por cima do soldado sem lhe tocar na bota do elmo.

A deslocação de ar ocasionada pela passagem de Eragon, fustigava as chamas do gume, alongando-as atrás da espada como a crina de um cavalo a galope.

Curvando os ombros para a frente, Eragon irrompeu pelas portas que protegiam a entrada para o salão principal, correndo ao longo de uma câmara comprida e

ampla, ladeada de salas cheias de soldados – bem como engrenagens, polias e outros mecanismos utilizados para fazer subir e descer os portões da fortaleza –, largando depois a correr a toda velocidade para o portão suspenso que bloqueava o caninho para o local onde Roran estava quando a muralha da fortaleza ruína.

A grade de metal entortou-se quando Eragon bateu nela, mas não o suficiente para partir o metal.

Deu um passo vacilante para trás.

Voltou a canalizar a energia armazenada nos diamantes do cinto – o cinto de Beloth, o Sábio – para Brisingr, esvaziando as pedras preciosas da sua valiosa carga e ateando o fogo da espada até uma intensidade quase insuportável. Um grito sem palavras escapou-se, ao puxar o braço para trás e bater no portão suspenso. Faíscas laranjas e amarelas salpicaram-no, marcando-lhe as luvas e a túnica e fazendo-lhe arder a carne exposta. Uma gota de ferro fundido caiu-lhe sobre a biqueira da bota, a ferver, e ele sacudiu-a, agitando o tomozelo.

Fez três cortes no portão suspenso, fazendo cair para dentro uma secção do tamanho de um homem. As pontas cortadas da grade brilhavam, incandescentes, iluminando a área com a sua radiância suave.

Ao entrar pela abertura que criara, Eragon deixou que as chamas que se erguiam de Brisingr se extinguíssem.

Correu primeiro para a esquerda, depois para a direita e de novo para a esquerda, percorrendo as direcções alternadas da passagem, um intrincado caminho concebido para empatar o avanço das tropas caso estas conseguissem ganhar acesso à fortaleza.

Ao dobrar a última esquina, Eragon viu o seu destino: o pátio afogado em destroços. Mesmo com a sua visão de elfo, ele conseguia apenas distinguir as formas mais volumosas na escuridão, a derrocada de pedras apagara as tochas nas paredes. Ouviu um estranho ruído de algo a bufar e a debater-se. Dir-se-ia uma besta desajeitada a esgravatar nos escombros.

– Naina – disse Eragon.

Uma luz azul, sem direcção específica, iluminou o espaço e Roran surgiu diante dele, coberto de pó, sangue, cinzas e suor, de dentes arreganhados, num esgar feroz, a bater-se com um soldado sobre os cadáveres de dois outros.

Ao ver aquela claridade repentina, o soldado encolheu-se e Roran aproveitou a distração do homem para se torcer e o erguer de joelhos, tirando-lhe a adaga da bainha e cravando-a por baixo do canto do maxilar.

O soldado esperneou duas vezes e ficou imóvel.

Tentando recuperar o fôlego, Roran ergueu-se junto do corpo, com sangue a escorrer-lhe pelos dedos e olhou para Eragon com uma expressão curiosamente vidrada.

– Já não era tempo seu... – disse ele. Depois revirou os olhos e desmaiou.

SOMBRAS NO HORIZONTE

Eragon teve de largar Brisingr para conseguir agarrar Roran, antes que este caísse no chão, embora estivesse relutante em fazê-lo. Mesmo assim, abriu a mão e a espada caiu ruidosamente nas pedras, no preciso instante em que o peso de Roran lhe assentava nos braços.

– Está muito ferido? – perguntou Arya.

Eragon encolheu-se, surpreendido por vê-la com Blödhgarm junto de si.

– Não me parece. – Bateu várias vezes, ao de leve, nas faces de Roran, limpando-lhe o pó que tinha na pele. Sob o brilho uniforme, cor de gelo, do feitiço de Eragon, Roran parecia abatido. Tinha manchas negras em torno dos olhos e os lábios arroxeados, como se estivessem sujos de sumo de amoras. – Anda lá, acorda.

Segundos depois, as pálpebras de Roran estremeçeram, ele abriu-as e olhou para Eragon, visivelmente confuso. Eragon sentiu tamanho alívio, que quase conseguia prová-lo.

– Desmaíaste durante uns instantes – explicou ele.

– Ah.

“Está vivo!”, disse a Saphira, arriscando um breve momento de contacto.

O prazer dela era visível. Ótimo. Vou ficar aqui e ajudar os elfos a remover as pedras do edifício. Se precisares de mim grita e eu arranjurei maneira de te alcançar.

A cota de malha de Roran tilintou, quando Eragon o ajudou a levantar-se.

– E os outros? – perguntou Eragon, fazendo um gesto em direção ao amontoado de escombros.

Roran abanou a cabeça.

– Tens a certeza?

– Ninguém poderia ter sobrevivido ali debaixo. Eu só escapei... porque estava parcialmente protegido pelos beirais.

– E tu? Estás bem? – perguntou Eragon.

– O quê? – disse Roran, franzindo o sobrolho, parecendo confuso, como se tal pensamento jamais lhe tivesse ocorrido. – Estou bem... Sou capaz de ter o pulso partido, mas não é grave.

Eragon atirou um olhar suplicante a Blödhgarm e o elfo assumiu uma expressão tensa, numa vaga demonstração de desagrado, mas aproximou-se de Roran, dizendo-lhe numa voz suave:

– Se não te importas... – Esticou a mão para o braço ferido de Roran.

Enquanto Blödhgarm tratava de Roran, Eragon apanhou Brisingr e ficou de guarda à entrada com Arya, para o caso de alguns soldados cometerem a imprudência de os atacar.

– Pronto, já está – disse Blödhgarm, afastando-se de Roran, que girou o pulso em círculo para testar a articulação.

Satisfeito, Roran agradeceu a Blödhgarm, baixando depois a mão e começando a remexer no chão coberto de escombros até encontrar o martelo. Depois reajustou a armadura e olhou para a entrada.

– Já tenho que chegue deste Lord Bradburn – disse ele num tom enganadoramente calmo. – Acho que manteve o seu poleiro tempo demais e devia ser aliviado das suas responsabilidades. Não concordas, Arya?

– Sim.

– Bom, então vamos lá à procura desse velho pançudo; dava-lhe umas pancadinhas suaves com o meu martelo em memória de todos os que perdemos hoje.

– Estava no salão principal, há alguns minutos atrás – disse Eragon –, mas duvido que tenha ficado à nossa espera.

Roran acenou com a cabeça.

– Nesse caso teremos de o perseguir. – Dito isto, começou a andar.

Eragon extinguiu o feitiço de luz e seguiu apressadamente o primo, empunhando Brisingr em guarda. Arya e Blödhgarm mantiveram-se tão perto dele quanto possível, na intrincada passagem.

A passagem dava acesso a uma câmara que estava deserta, tal como o salão principal do castelo, onde a única evidência da presença dos soldados e oficiais que a ocupavam anteriormente era um elmo caído no chão, a baloiçar para trás e para diante em círculos decrescentes.

Eragon e Roran passaram a correr pelo estrado de mármore. Eragon tentou não correr muito depressa para que Roran não ficasse para trás. Mesmo à esquerda da plataforma, deram um pontapé numa porta e subiram apressadamente as escadas por trás desta.

Paravam em cada andar, para que Blödhgarm pudesse sondar mentalmente quaisquer vestígios de Lord Bredburn e da sua comitiva, mas não encontrou nenhum.

Ao chegarem ao terceiro andar, Eragon ouviu o estrépito de passos e viu uma infinidade de lanças em riste preencherem a passagem em arco, em frente de Roran. As lanças golpearam Roran na face e na coxa direita, cobrindo-lhe o joelho de sangue. Ele urrou como um urso ferido e investiu contra as lanças, com o escudo, tentando subir os últimos degraus e sair da escadaria. Os homens gritavam freneticamente.

Eragon passou Brisingr para a mão esquerda, atrás de Roran, esticou o braço para a frente do primo, agarrou numa das lanças pelo punho e arrancou-a de quem a segurava, virando-a ao contrário e arremessando-a para o meio dos homens que se amontoavam na passagem. Alguém gritou e surgiu uma abertura na parede de corpos. Eragon repetiu a operação e os seus arremessos depressa reduziram o número de soldados, permitindo a Roran forçar o amontoado de homens a recuar aos poucos.

Logo que Roran conseguiu sair das escadas, os doze soldados que restavam dispersaram-se por um amplo patamar, circundado por balaustradas, numa tentativa de arranjar espaço para brandir as armas sem entraves. Roran voltou a urrar e lançou-se em perseguição do soldado mais próximo. Aparou a espada do homem, conseguiu penetrar no seu espaço defensivo e atingiu-o no elmo, que retiniu como uma panela de ferro.

Eragon correu pelo patamar e rasteirou dois soldados que estavam perto um do outro, atirando-os ao chão e despachando cada um deles com um único golpe de Brisingr. Um machado voou na sua direção, a girar, mas ele baixou-se e empurrou um homem de uma balaustrada, antes de defrontar outros dois que tentavam esventrá-lo com piques de pontas recurvas.

Arya e Blödhgarm moviam-se já entre os homens, silenciosos e letais, com a graciosidade própria dos elfos, capaz de transformar a violência em algo mais semelhante a uma encenação artística do que à luta sórdida que caracterizava a maior parte dos combates.

Os quatro mataram o resto dos soldados, numa explosão de ruídos metálicos, ossos partidos e membros decepados. Eragon, como sempre, vibrou com o combate. Era como se alguém o surpreendesse com um balde de água fria, proporcionando-lhe uma sensação de clareza sem paralelo em qualquer outra atividade.

Roran curvou-se e pôs as mãos sobre os joelhos, tentando recuperar o fôlego, como se tivesse acabado de fazer uma corrida.

– Posso? – perguntou Eragon, apontando para os cortes no rosto e na coxa de Roran.

Roran experimentou, várias vezes, assentar o peso do corpo sobre a perna ferida.

– Eu posso esperar. Primeiro, vamos à procura de Bradburn.

Eragon seguiu na dianteira, ao regressarem à escada e recomeçarem a subi-la. Finalmente, depois de mais cinco minutos de buscas, encontraram Lord Bradburn barricado na sala mais alta da torre, virada a Oeste. Eragon, Arya e Blödhgarm desmantelaram as portas e a torre de mobília empilhada atrás delas, com uma série de feitiços. Ao entrarem nos aposentos, com Roran, os camareiros e os guardas do castelo que se tinham reunido à frente de Bradburn empalideceram e muitos deles começaram a tremer. Para seu alívio, Eragon teve apenas de matar três dos guardas para que o resto do grupo depusesse as armas e os escudos, em sinal de rendição.

Arya aproximou-se depois de Lord Bradburn, que permanecera em silêncio durante todo o tempo, e disse:

– Bom, ordenais às vossas forças que se rendam? Restam apenas alguns homens mas podeis ainda salvar-lhes a vida.

– Mesmo que pudesse não o faria – disse Bradburn num tom de tal forma desdenhoso, que Eragon quase lhe bateu. – Não vos farei quaisquer concessões, elfo. Não entregarei os meus homens a criaturas tão nojentas e tão pouco naturais como tu. Antes a morte. E não penses que me iludes com palavras melosas. Eu sei da vossa aliança com os Urgals. Mais depressa confiaria numa serpente do que em alguém que partilha o seu pão com esses monstros.

Arya acenou com a cabeça e colocou a mão sobre o rosto de Bradburn. Fechou os olhos e, durante algum tempo, tanto ela como Bradburn ficaram imóveis. Eragon alcançou-os com a mente e sentiu a guerra de vontades que grassava entre eles, enquanto Arya tentava vencer as defesas de Bradburn e penetrar na sua consciência. Levou cerca de um minuto, mas conseguiu finalmente controlar a mente do homem, invocando e examinando as suas memórias até descobrir a natureza das suas proteções.

Depois falou na língua antiga e lançou um intrincado feitiço concebido para contornar essas defesas e pôr Bradburn a dormir. Quando terminou, os olhos de Bradburn fecharam-se e ele caiu-lhe nos braços com um suspiro.

– Ela matou-o! – gritou um dos guardas. Ouviram-se gritos de pavor e de indignação entre os homens.

Enquanto tentava convencê-los do contrário, Eragon ouviu uma das trompetas dos Varden à distância. Pouco depois, ouviu outra trompeta, esta muito mais próxima, depois outra e, finalmente, começou a apanhar fragmentos de sons que quase poderia jurar tratarem-se de vivas indistintos e dispersos, vindos do pátio, em baixo.

Intrigado, trocou um olhar com Arya e, depois, contornou a sala em círculo, olhando para fora de cada janela, nas paredes da câmara.

A Oeste e a Sul ficava Belatona, uma grande e próspera cidade, uma das maiores do Império. Os edifícios perto do castelo eram estruturas imponentes de pedra, com telhados inclinados e janelas ogivais, enquanto os mais distantes eram de madeira e argamassa. Vários dos edifícios parcialmente feitos de madeira tinham-se incendiado durante a batalha e o fumo impregnava o ar com uma camada de névoa castanha que fazia arder os olhos e a garganta.

A Sudeste, a cerca de um quilómetro e meio da cidade, estava o acampamento dos Varden; longas filas de tendas cinzentas, de lã, circundadas por trincheiras ladeadas de estacas, alguns pavilhões de cores garridas, com bandeiras e estandartes, e centenas de homens feridos deitados no chão. As tendas dos curandeiros estavam já além limite da sua capacidade.

A Norte, depois das docas e dos armazéns, ficava o Lago Leona, uma vasta extensão de água, salpicada aqui e ali de cristas brancas.

Lá no alto, a parede de nuvens negras que avançava de Oeste, aproximava-se da cidade, ameaçando envolvê-la nas pregas de chuva que se precipitavam do seu ventre como uma saia. Luz azul relampejava aqui e ali nas profundezas da tempestade e os trovões ribombavam como um animal enfurecido.

Mas Eragon não via, em parte alguma, uma explicação para a agitação que chamara a sua atenção.

Ele e Arya correram para a janela sobranceira ao pátio. Saphira, os homens e os elfos, que trabalhavam com ela, tinham acabado de remover as pedras em frente da fortaleza. Eragon assobiou e, quando Saphira olhou para cima, ele acenou. Esta abriu as mandíbulas num sorriso de dentes aguçados, exalando uma tira de fumo na direção dele.

– Ei! Alguma novidade? – gritou Eragon.

Um dos Varden que estava nas muralhas do castelo levantou o braço e apontou para Este:

– Olha, Aniquilador de Espetros! Vêm aí os homens-gato, vêm aí os homens-gato!

Eragon sentiu um arrepio gelado percorrer-lhe a espinha. Seguiu a linha do braço do homem em direção a Este e, desta vez, viu uma pequena hoste de figuras sombrias a emergir de uma prega de terra, a alguns quilómetros de distância, do outro lado do Rio Jiet. Algumas das figuras caminhavam sobre quatro patas, outras sobre duas, mas estavam demasiado distantes para ele ter a certeza de que eram homens-gato.

– Será possível? – perguntou Arya, surpreendida.

– Não sei... Em breve saberemos o que são.

O REI GATO

Eragon estava no estrado do salão principal, mesmo à direita do trono de Lord Bradburn, com a mão esquerda no punho de Brisingr, que estava embainhada. Jörmundur – o alto comandante dos Varden – encontrava-se do outro lado do trono com o elmo debaixo do braço. Tinha algum cabelo grisalho nas têmporas; o resto era castanho e estava preso atrás, numa longa trança. O seu rosto esguio ostentava uma expressão diligentemente neutra, a expressão de alguém com uma longa experiência ao serviço de outros. Eragon reparou que Jörmundur tinha um fio de sangue a escorrer-lhe da parte debaixo do braçal direito, mas não revelava qualquer sinal de dor.

A sua líder, Nasuada, sentava-se entre ambos, resplandecente, com um vestido verde e amarelo que envergara apenas momentos antes, trocando a indumentária de guerra, por roupas mais adequadas à prática de assuntos de estado. Também ela fora marcada durante o combate, como era evidente pela ligadura de linho que lhe envolvia a mão esquerda.

Falando num tom de voz baixo que apenas Eragon e Jörmundur podiam ouvir, Nasuada disse:

– Se conseguíssemos o apoio deles...

– Mas o que quererão eles em troca? – perguntou Jörmundur. – Os nossos cofres estão quase vazios e nosso futuro é incerto.

Movendo os lábios quase imperceptivelmente, ela respondeu:

– Talvez tudo o que desejem de nós seja uma oportunidade de retaliar contra Galbatorix. – Fez uma pausa. – Se assim não for, teremos de encontrar outros meios que não o ouro para os persuadir a reunirem-se às nossas hostes.

– Poderias oferecer-lhes barris de natas – disse Eragon, o que provocou um ataque de riso a Jörmundur e arrancou uma gargalhada suave de Nasuada.

A sua conversa em voz baixa terminou ao ouvirem três trompetas no exterior do salão principal. Depois, um pajem louro, com uma túnica bordada com o estandarte dos Varden – um dragão branco a segurar numa rosa por cima de uma espada a apontar para baixo, sobre um fundo púrpura – entrou pela porta aberta, do outro lado do salão, bateu no chão com o bastão cerimonial e anunciou numa voz fina e melodiosa:

– Sua Majestade e Augusta Alteza Real, Grimrr Meiapata, O Que Fala Sozinho, Rei dos Homens-Gato, Senhor dos Locais Solitários, Governante dos Domínios da Noite.

Que estranho título aquele: O que Fala Sozinho, comentou Eragon com Saphira.

Mas bem merecido, presumo, respondeu ela, e ele sentiu quão divertida estava, muito embora não pudesse ver onde permanecia aninhada, na fortaleza do castelo.

O pajem afastou-se e Grimrr Meiapata entrou pela porta, na forma humana, seguido de outros quatro homens-gato, que o seguiam de perto, caminhando sobre grandes patas lanudas. Eram os quatro parecidos com Solenburn, o único homem-gato que Eragon vira na forma animal: ombros poderosos e longos membros, com uma gola curta de pelo sobre o pescoço e o cachaço, orelhas franjadas e uma cauda de ponta preta, que sacudiam graciosamente de um lado para o outro.

Grimrr Meiapata, contudo, não se parecia com qualquer pessoa ou criatura que Eragon tivesse visto até então. Tinha cerca de um metro e vinte de altura, a mesma altura que um anão, porém ninguém o confundiria com um anão, nem mesmo com um humano. Tinha um queixo pequeno e pontiagudo, maçãs do rosto largas e uns olhos verdes de pupilas fendidas, com pestanas semelhantes a asas, por baixo de umas sobranceiras arqueadas. O cabelo negro, escortanhado, cobria-lhe praticamente a testa, mas chegava-lhe aos ombros, de lado e atrás, e era liso e lustroso, muito à semelhança das júbas dos seus companheiros. Eragon não conseguiria adivinhar a sua idade.

As únicas roupas que Grimrr usava eram um colete grosseiro de couro e uma tanga de pele de coelho. Trazia crânios de uma dúzia de animais – pássaros, ratos e outras pequenas presas – amarrados à parte da frente do colete e estes chocalhavam uns contra os outros quando andava. Tinha uma adaga embainhada, saída do cinto da tanga, na diagonal. Numerosas cicatrizes, finas e esbranquiçadas, marcavam-lhe a pele cor de avelã, como riscos numa mesa muito usada. Além disso, como o nome indicava, faltavam-lhe dois dedos na mão esquerda, que pareciam ter sido arrancados à dentada.

Apesar da delicadeza das feições, os músculos rijos e fortes dos braços e do peito de Grimrr, as ancas estreitas e o poder contido da sua passada ao caminhar calmamente ao longo da sala, na direção de Nasuada, não deixavam qualquer dúvida de que era um macho.

Nenhum dos homens-gato pareceu reparar nas pessoas que os observavam, alinhadas de ambos os lados do caminho, até Grimrr chegar junto de Angela, a herbanária, que estava ao lado de Roran a tricotar uma meia direita, às riscas, com seis agulhas.

Grimrr franziu os olhos ao olhar para a herbanária e o seu cabelo ondulou, eriçando-se tal como o pelo dos quatro guardas. Os seus lábios recuaram, revelando um par de caninos recurvos e ele bufou breve e ruidosamente, para espanto de Eragon.

Angela levantou os olhos da meia, com uma expressão lânguida e insolente.

– Chip, chip.

Por instantes, Eragon julgou que o homem-gato fosse atacá-la. Um rubor escuro manchou o pescoço e o rosto de Grimrr, as suas narinas dilataram-se e ele rosnou-lhe baixinho. Os outros homens-gato agacharam-se, prontos a saltar, com as orelhas coladas à cabeça.

Eragon ouviu o ruído de espadas a deslizar parcialmente das bainhas, por toda a sala.

Grimrr voltou a bufar, virando costas à herbanária e continuando a caminhar. Quando o último homem-gato passou por Angela ergueu uma pata e deu uma patada sub-reptícia no fio de lã pendurado nas agulhas de Angela, como um gato doméstico brincalhão faria.

Saphira estava tão confusa como Eragon. Chip, chip? perguntou ela.

Ele encolheu os ombros, esquecendo-se que ela não o poderia ver. Nunca se sabe por que motivo Angela faz ou diz seja o que for.

Grimrr parou finalmente diante de Nasuada, inclinou muito ligeiramente a cabeça, revelando nesse comportamento a suprema confiança, ou mesmo a arrogância, que definia o universo único dos gatos, dragões e certas mulheres bem-nascidas.

– Lady Nasuada – disse. A sua voz era surpreendentemente cava, mais semelhante ao rugido de um gato bravo do que aos tons agudos do rapaz que aparentava ser.

Nasuada inclinou, por seu turno, a cabeça.

– Rei Meiapata. Sois muito bem-vindo aos Varden, vós e toda a vossa raça. Devo apresentar as minhas desculpas pela ausência do nosso aliado, o rei Orrin de Surda; ele não pôde estar presente para vos saudar, como pretendia, pois está neste momento com os seus cavaleiros a defender o nosso flanco Oeste de um contingente de tropas de Galbatorix.

– Claro, Lady Nasuada – disse Grimrr, mostrando os dentes ao falar. – Nunca devemos virar as costas aos nossos inimigos.

– Ainda assim... Mas a que devemos o prazer inesperado desta visita, Alteza? Os homens-gato sempre foram famosos pelo seu secretismo, pela sua solidão e por não se envolverem nos conflitos da época, especialmente depois da Queda dos Cavaleiros. Poder-se-ia até dizer que a vossa raça se tornou um mito ao longo do último século. Por que motivo decidiram mostrar-se agora?

Grimrr ergueu o braço esquerdo e apontou para Eragon, com um dedo arqueado rematado por uma unha semelhante a uma garra.

– Por causa dele – rugiu o homem-gato. – Não se ataca outro caçador antes que este nos revele as suas fraquezas e Galbatorix revelou as suas: ele não matará Eragon, o Aniquilador de Espetros, nem Saphira Bjartskular. Há muito que esperávamos esta oportunidade e vamos aproveitá-la. Galbatorix aprenderá a temer-nos e a odiar-nos. Finalmente entenderá a dimensão do seu erro e perceberá que nós fomos os responsáveis pela sua desgraça. E quão doce será essa vingança. Tão doce como a medula de um jovem e tenro javali.

«Chegou o momento, humano, chegou o momento de todas as raças, mesmo os homens-gato, se unirem e provarem a Galbatorix que não quebrou a nossa vontade de lutar. Poderíamos juntar-nos ao vosso exército como aliados voluntários e ajudar-vos a consegui-lo, Lady Nasuada.»

Eragon não fazia ideia do que Nasuada pensava mas ele e Saphira estavam impressionados com o discurso do homem-gato.

Depois de uma breve pausa, Nasuada disse:

– As vossas palavras são bastante agradáveis aos meus ouvidos, Alteza, mas antes de aceitar a vossa oferta, preciso que me deis algumas respostas, se estiverdes disposto a isso.

Com uma indiferença inabalável, Grimrr acenou com a mão.

– Estou.

– A vossa raça tem sido tão sigilosa e evasiva, que devo confessar que só hoje soube da existência de Vossa Alteza. De facto, não sabia sequer que a vossa raça tinha um governante.

– Eu não sou um rei como os vossos reis – esclareceu Grimrr. – Os homens-gato preferem andar sozinhos, mas mesmo nós temos de escolher um líder quando vamos para a guerra.

– Compreendo. Falais em nome de toda a vossa raça, ou apenas em nome daqueles que viajam convosco?

Grimrr encheu o peito de ar e assumiu uma expressão ainda mais enfatuada, se é que tal era possível:

– Falo em nome de toda a minha raça, Lady Nasuada – ronronou ele. – Todos os homens-gato fisicamente capazes de Alagaësia, salvo aqueles que carecem dos nossos cuidados, estão aqui para lutar. Somos poucos, mas a nossa ferocidade em combate não tem igual e também posso comandar a espécie una, embora não possa falar em nome deles, pois são tão tontos como os outros animais. Ainda assim, farão o que exigirmos deles.

– Espécie una? – inquiriu Nasuada.

– Aquilo a que chamais gatos. Aqueles que não podem mudar a pele como nós.

– E dominais a sua lealdade?

– Sim. Eles admiram-nos... o que é absolutamente natural.

Se o que ele diz é verdade, comentou Eragon a Saphira, os homens-gato, poderão revelar-se incrivelmente valiosos.

Depois Nasuada disse:

– E o que desejais de nós em troca da vossa ajuda, Rei Meiapata? – Olhou de relance para Eragon e sorriu, acrescentando: – Poderemos oferecer-vos as natas que quizerdes, mas para além disso os nossos recursos são limitados. Se os vossos guerreiros esperam ser pagos pelos seus esforços, receio bem que sofram uma amarga decepção.

– As natas são para gatos pequenos e o ouro não nos interessa – disse Grimrr, erguendo a mão direita, ao falar, e examinando as unhas de pálpebras semicerradas.

– Os nossos termos são os seguintes: Será fornecida uma adaga a cada um de nós, para combater, caso ainda não tenhamos uma. Cada um de nós terá duas armaduras feitas à medida; uma para quando caminharmos sobre duas pernas e outra para quando caminharmos sobre quatro. Não precisamos de outro equipamento por dia, e não ser esse – dispensamos tendas, cobertores, pratos ou colheres. A cada um de nós será assegurado um pato, um ganso, uma galinha ou um pássaro semelhante por dia, e uma taça de fígado acabado de picar, de dois em dois dias. A comida deverá ser reservada para nós, mesmo que optemos por não a comer. Se ganhardes esta guerra, o vosso próximo rei ou rainha – e todos os que reclamarem esse título daí em diante – deverão também manter uma almofada estofada junto do trono, num lugar de honra, para um de nós se sentar, se assim o desejarmos.

– Negociais como um legislador anão – disse Nasuada, secamente. Inclinou-se para Jörmundur e Eragon ouviu-a sussurrar: – Temos fígado suficiente para os alimentar a todos?

– Creio que sim – respondeu Jörmundur, também em voz baixa –, mas depende do tamanho da taça.

Nasuada endireitou-se no seu lugar.

– Duas armaduras é demais, Rei Meiapata. Os vossos guerreiros terão de decidir se querem lutar como gatos ou como humanos e, depois, manter a sua decisão.

Não tenho disponibilidade para os equipar com ambas.

“Se Grimrr tivesse cauda, com toda a certeza que a teria sacudido para trás e para diante”, pensou Eragon, mas o homem-gato apenas mudou de posição.

– Muito bem, Lady Nasuada.

– Há mais uma questão. Galbatorix tem espiões e assassinos escondidos por toda a parte. Portanto, como condição para vos reunirdes aos Varden, tereis de permitir que um dos nossos feiticeiros examine as vossas memórias para nos certificarmos de que Galbatorix não tem domínio sobre vós.

Grimrr fungou.

– Seríeis imprudente se não o fizesses. Se alguém tiver a coragem de ler os nossos pensamentos, que os leia. Mas ela não. – E torceu-se para apontar para Angela.

– Ela nunca.

Nasuada hesitou e Eragon percebeu que ela queria perguntar porquê mas conteve-se.

– Que assim seja, então. Mandarei buscar os feiticeiros de imediato, para que possam resolver este assunto sem demora. Depois do exame, consoante aquilo que encontrarem – e estou certa que não será nada de nefasto –, será uma honra estabelecer uma aliança entre vós e os Varden, Rei Meiapata.

Ao ouvir as suas palavras, todos os humanos presentes na sala começaram a aclamar e a aplaudir, incluindo Angela. Mesmo os elfos pareciam satisfeitos.

Os homens-gato, contudo, não reagiram, limitando-se virar as orelhas para trás, incomodados com o barulho.

RESCALDO

Eragon gemeu e encostou-se a Saphira, escorregando pelas escamas rugosas até ficar sentado no chão, de mãos apoiadas nos joelhos, esticando depois as pernas à frente do corpo.

– Tenho fome! – exclamou.

Estava com Saphira no pátio do castelo, afastados dos homens que trabalhavam para o desimpedir – empilhando pedras e corpos em carroças – e das pessoas que saíam e entravam no edifício danificado, muitas das quais tinham assistido à audiência de Nasuada com o Rei Meipata e retiravam-se agora para cuidar de outras tarefas. Blödhgarm e quatro elfos mantinham-se ali por perto, atentos a qualquer perigo.

– Ei! – gritou alguém.

Eragon levantou os olhos e viu Roran caminhar na sua direção, vindo da fortaleza. Angela seguia-o a alguns passos de distância, com a lâ a esvoaçar, quase tinha de correr para acompanhar a sua passada mais larga.

– Para onde vais agora? – perguntou Eragon, quando Roran parou diante de si.

– Vou ajudar a guardar a cidade e a organizar os prisioneiros.

– Ah... – Os olhos de Eragon vaguearam pelo pátio movimentado, antes de voltar a olhar para o rosto contundido de Roran. – Lutaste bem.

– Tu também.

Eragon desviou a sua atenção para Angela, que estava de novo a tricotar, movendo os dedos tão depressa, que ele não conseguia acompanhar o que ela fazia.

– Chip, chip? – perguntou.

Uma expressão travessa invadiu-lhe o rosto e ela abanou a cabeça, agitando os caracóis volumosos.

– É uma história para outra altura.

Eragon aceitou a evasiva sem reclamar; não esperava que ela se explicasse pois raramente o fazia.

– E tu? – interpelou Roran. – Para onde vais?

Vamos comer qualquer coisa, disse Saphira, batendo ao de leve com o focinho em Eragon e exalando ar morno sobre ele.

Roran acenou com a cabeça.

– Parece-me boa ideia. Então, vemo-nos no acampamento esta noite. – Ao virar-se para se afastar, acrescentou. – Manda saudades minhas a Katrina.

Angela guardou o tricô numa bolsa acolchoada que tinha presa à cintura.

– Acho que também me vou embora. Estou a preparar uma poção na minha tenda e tenho de ir cuidar dela. Além disso, quero localizar um certo homem-gato.

– Grimm?

– Não, não... uma velha amiga minha: a mãe de Solembum. Isto se ela ainda estiver viva. Espero que sim. – Levou a mão à testa, formando um círculo com o indicador e o polegar, e disse num tom de voz demasiado alegre:

– Vêmo-nos por aí. – Dito isto, foi-se embora.

Salta para o meu dorso, disse Saphira, levantando-se e deixando Eragon sem apoio. Ele subiu para a sela na base do pescoço e Saphira abriu as enormes asas, com um ruído seco de pele a roçar em pele. O movimento gerou uma rajada de vento quase silenciosa que se espalhou como ondas num lago. No pátio, as pessoas pararam para olhar para ela.

Ao erguer as asas por cima da cabeça, Eragon viu a teia de veias avermelhadas que pulsavam dentro delas transformarem-se em trilhos de vermes vazios de cada vez que o fluxo de sangue abrandava, entre as batidas do seu poderoso coração.

Depois, com um arranque repentino e um solavanco, o mundo girou descontroladamente em torno de Eragon, enquanto Saphira saltava do pátio para o topo da muralha do castelo, onde por instantes se equilibrou nos merlões, com as pedras a estalar entre as pontas das suas garras. Eragon agarrou-se ao espigão do pescoço, à sua frente, para se amparar. O mundo voltou a girar, quando Saphira se lançou da muralha. Um cheiro e um sabor acre assaltaram Eragon, fazendo-lhe arder os olhos, enquanto Saphira atravessava a espessa camada de fumo que pairava sobre Belatona, como um manto de dor, raiva e mágoa.

Saphira bateu duas vezes as asas, com força, e os dois emergiram do fumo para a luz do sol, voando sobre as ruas da cidade, salpicadas de fogo. Imobilizando as asas, Saphira planou em círculos, deixando que o ar quente a levasse mais para cima.

Mesmo cansado, Eragon apreciou o esplendor da paisagem: a frente da ruidosa tempestade prestes a engolir Belatona cintilava num branco resplandecente. Enquanto isso, à distância, os cúmulos-nimbos alastravam em sombras escuras, que não revelavam nada do que continham, a não ser quando os relâmpagos irrompiam através deles. De resto, o lago cintilante e as centenas de pequenas quintas verdejantes dispersas pela paisagem também chamaram a sua atenção, mas nada era tão impressionante como aquela montanha de nuvens.

Como sempre, Eragon sentiu-se privilegiado por poder olhar o mundo de tão alto, pois sabia que pouca gente tivera hipótese de voar no dorso de um dragão.

Mudando ligeiramente a posição das asas, Saphira começou a planar em direção às tendas cinzentas que compunham o acampamento dos Varden.

Um vento forte fustigou-os subitamente, vindo de Oeste, anunciando a tempestade iminente. Eragon curvou-se para a frente e agarrou-se mais firmemente ao espigão do pescoço de Saphira. Viu ondulações brilhantes varrerem os campos, lá em baixo, à medida que os caules se vergavam sob a força do vendaval crescente. A erva em movimento lembrava-lhe o pelo de um gigantesco animal verde.

Um cavalo relinchou, quando Saphira sobrevoou as filas de tendas até à clareira reservada a ela. Eragon ergueu-se parcialmente na sela logo que Saphira enfunou as asas, abrandando quase até parar sobre a terra revolvida. Eragon caiu para a frente com o impacto da aterragem.

Desculpa, disse ela. Tentei aterrar o mais suavemente possível.

Eu sei.

No instante em que desmontou, Eragon viu Katrina caminhar apressadamente ao seu encontro. Os seus longos cabelos arruivados redemoínham-lhe em torno do rosto, ao atravessar a clareira, e a força do vento revelava o volume cada vez maior do seu ventre, através das camadas de tecido do vestido.

– Quais são as novidades? – gritou ela, com a preocupação estampada em todas as linhas do rosto.

– Soubeste dos homens-gato?...

Ela acenou afirmativamente.

– Não há grandes notícias para além disso. Roran está bem. Manda-te saudades.

A expressão dela suavizou-se, mas a sua preocupação não desapareceu por completo.

– Então ele está bem? – apontou para o anel que usava no terceiro dedo da mão esquerda, um dos dois que Eragon encantara para ela e para Roran, para que ambos soubessem se o outro estava em perigo. – Julguei ter sentido algo há cerca de uma hora atrás e estava com receio que...

Eragon abanou a cabeça.

– Roran conta-te. Ficou com uns arranhões e umas nódoas negras, mas para além disso está bem. Quase morri de susto, apesar de tudo.

A expressão de preocupação de Katrina agravou-se. Depois sorriu, ainda que com um esforço visível.

– Pelo menos estão ambos a salvo.

Separaram-se e Eragon e Saphira encaminharam-se para uma das tendas da messe, junto dos fornos dos Varden. Aí empanturraram-se de carne e de hidromel, enquanto o vento uivava em torno deles e os aguaceiros fustigavam a parte lateral da tenda batida pelo vento.

Ao ver Eragon morder uma fatia de porco assado, Saphira disse: Está bom? Está succulento?

– Humm – respondeu Eragon, com regatos de molho a escorrem-lhe pelo queixo.

MEMÓRIAS DOS MORTOS

—Galbatorix é louco e portanto imprevisível, mas tem também lacunas no raciocínio que uma pessoa normal não teria. Se as conseguires descobrir, Eragon, talvez tu e a Saphira o consigam derrotar.

Brom baixou o cachimbo, com uma expressão grave.

— Espero que sim. O meu maior desejo, Eragon, é que tu e a Saphira tenham vidas longas e proveitosas, livres do medo de Galbatorix e do Império. Gostava de poder proteger-vos de todos os perigos que vos ameaçam mas, infelizmente, isso não está ao meu alcance. Tudo o que posso fazer é dar-vos os meus conselhos e ensinar-vos tudo o que puder enquanto ainda aqui estou... Meu filho. Aconteça o que te acontecer, quero que saibas que te amo e a tua mãe também te amava. Que as estrelas zelem por ti, Eragon, Filho de Brom.

Eragon abriu os olhos e a memória desvaneceu-se. Por cima dele, o teto da tenda estava abaulado, frouxo como um cantil de pele vazio, depois da sova que levava durante a tempestade agora terminada. Uma gota de água caiu de um bojo de uma dobra e atingiu-o na coxa direita, ensopando-lhe as perneiras e arrefecendo-lhe a pele por baixo destas. Ele sabia que teria de ir esticar as cordas que seguravam a tenda, mas estava relutante em sair do catre.

Brom nunca te disse nada acerca de Murtagh? Nunca te disse que Murtagh e eu éramos meios-irmãos?

Saphira, que estava enroscada no exterior da tenda, disse:

Perguntá-lo de novo não vai alterar a minha resposta.

Mas porque não? Porque não o disse ele? Ele devia saber de Murtagh. Não é possível que não soubesse.

Saphira demorou a responder.

Brom lá teria as suas razões, mas se me pusesse a adivinhar, imagino que achasse mais importante dizer-te quanto te amava e dar-te todos os conselhos que pudesse, do que passar o tempo a falar de Murtagh.

Mas ele podia ter-me avisado! Meia dúzia de palavras teriam sido o suficiente.

Não posso dizer ao certo o que o motivou, Eragon. Tens de aceitar que há perguntas acerca de Brom a que jamais conseguirás responder. Confia no seu amor por ti e não permitas que essas preocupações te perturbem.

Eragon olhou para os polegares assentes sobre o peito e colocou-os lado a lado, para os poder comparar melhor. O seu polegar esquerdo tinha mais rugas que o direito, na segunda articulação. Por outro lado, o direito tinha uma pequena cicatriz irregular que não se recordava onde a fizera, embora fosse certamente depois do Agaeti Blödhren, a Celebração do Juramento de Sangue.

Obrigado, disse a Saphira. Assistira e ouvira três vezes a mensagem de Brom, através dela, desde a queda de Feinster e, de cada vez que a ouvia, reparava num detalhe no discurso ou nos movimentos de Brom que anteriormente lhe tinha escapado. A experiência reconfortava-o e dava-lhe prazer, pois satisfazia um desejo que o atormentara durante a vida inteira: saber o nome do seu pai e saber que ele o amava.

Saphira retribuiu os seus agradecimentos com um caloroso brilho de afeição no olhar.

Embora Eragon tivesse comido e, a seguir, tivesse descansado durante cerca de uma hora, o cansaço não lhe passara por completo. Nem ele esperava que passasse. Sabia, por experiência, que poderia demorar semanas a recuperar dos efeitos debilitantes de uma batalha prolongada. A medida que os Varden se aproximassem de Urû'baen, ele e todos os outros membros do exército de Nasuada teriam cada vez menos tempo para recuperarem, antes de um novo confronto. A guerra iria desgastá-los até ficarem completamente arrasados e quase incapazes de combater, altura em que teriam ainda de se confrontar com Galbatorix, que estaria tranquilamente à espera deles, rodeado de conforto.

Tentou não pensar muito no assunto.

Outra gota de água fria e pesada atingiu-o na perna. Irritado, baloiçou as pernas para fora do catre e sentou-se direito, encaminhando-se depois para o retalho de terra nua, a um dos cantos da tenda, e ajoelhando-se junto desta.

— “Deloi sharjalvi” — disse, bem como várias outras frases na língua antiga, necessárias para desarmar as armadilhas que montara no dia anterior.

A terra começou a ferver como água, a entrar em ebulição, e um baú revestido de ferro, de quarenta e cinco centímetros de largura, ergueu-se da fonte revolta de pedras, insetos e vermes. Esticando o braço, Eragon agarrou no baú, quebrou o feitiço e a terra aquietou-se de novo.

Poisou o baú no chão agora sólido.

— “Ládrin” — sussurrou, passando a mão pela fechadura sem chave, que prendia o fecho e este abriu-se com um estalido.

Um vago brilho dourado inundou a tenda, ao erguer a tampa do baú.

Aninhado em segurança, no interior forrado de veludo estava o Eldunari de Glaedr, o coração dos corações de dragão. A grande pedra semelhante a uma jóia brilhava sombriamente como uma brasa moribunda. Eragon segurou o Eldunari entre as mãos, sentindo as suas facetas irregulares quentes contra a palma das mãos, e olhou para as suas profundezas palpitantes. Uma galáxia de estrelas minúsculas rodopiava ao centro da pedra, embora o seu movimento tivesse abrandado, e parecessem ser muito menos do que da primeira vez que Eragon contemplara a pedra, em Ellesméra, na altura em que Glaedr a descarregara do seu corpo e a entregara ao cuidado de Eragon e Saphira.

Como sempre, a imagem fascinou-o. Poderia contemplar aquele padrão em constante mutação, durante dias.

Devíamos tentar de novo, disse Saphira e ele concordou.

Juntos tentaram alcançar mentalmente as luzes distantes, o mar de estrelas que representavam a consciência de Glaedr, viajando pelo frio e pela escuridão, depois pelo calor, pelo desespero e por uma indiferença tão vasta e tão imensa que lhes minou a vontade até lhes apetecer apenas parar e chorar.

Glaedr... Elda, gritaram vezes sem conta, mas não obtiveram qualquer resposta, apenas a mesma indiferença.

Por fim recuaram, incapazes de suportar o peso esmagador do sofrimento de Glaedr.

Ao voltar a si, Eragon, apercebeu-se de alguém a bater no poste da frente da tenda e depois ouviu Arya dizer:

— Eragon? Posso entrar?

Ele fungou e pestanejou para clarear a vista.

— Claro.

A luz tênue e acinzentada do céu encoberto inundou-o quando Arya afastou a pala da entrada e ele sentiu uma pontada súbita quando os seus olhos se cruzaram com os dela — verdes, oblíquos, inescrutáveis — e uma ânsia dolorosa apossou-se dele.

— Houve alguma alteração? — perguntou, ajoelhando-se junto dele. Em vez da armadura, envergava a mesma camisa preta, de cabedal, e as mesmas calças e botas de sola fina que usava quando ele a salvara em Gil'ead. O seu cabelo estava molhado do banho e caía-lhe pelas costas, em longas e pesadas cordas. Cheirava a agulhas de pinheiro esmagadas, como habitualmente, e Eragon interrogou-se se ela usaria um feitiço para criar o aroma ou se aquele seria o seu cheiro natural. Gostaria

de lho ter perguntado, mas não se atreveu.

Abanou a cabeça em resposta à pergunta dela.

– Posso? – disse ela, apontando para o coração dos corações de Glaedr.

Ele desviou-se.

– Por favor.

Arya colocou uma mão de cada lado do Eldunari e fechou os olhos. Enquanto isso ele aproveitou para a estudar com uma intensidade que de outra forma seria ofensiva. Ela parecia-lhe a personificação da beleza em todos os aspetos, embora soubesse que outro poderia dizer que tinha o nariz demasiado longo ou o rosto demasiado anguloso, os olhos demasiado oblíquos ou os braços demasiado musculosos.

Arfando bruscamente, Arya afastou de repente as mãos do coração dos corações, como se este a tivesse queimado. Depois, curvou a cabeça e Eragon viu o seu queixo estremecer ligeiramente.

– Ele é a criatura mais infeliz que já encontrei. Quem me dera que o pudéssemos ajudar. Não creio que ele consiga sair da escuridão sozinho.

– Achas que... – Eragon hesitou, pois não queria dar voz às suas suspeitas, mas depois prosseguiu. – Achas que ele vai enlouquecer?

– Pode já ter enlouquecido. Se não enlouqueceu, deve estar à beira da insanidade.

A mágoa abateu-se sobre Eragon, ao olharem ambos para a pedra dourada.

Quando finalmente conseguiu decidir-se falar de novo, perguntou:

– Onde está a Dauthdaert?

– Escondida na minha tenda, da mesma forma que escondeste o Eldunari de Glaedr. Posso trazê-la para aqui se quiseres, ou posso mantê-la guardada em segurança até precisares dela.

– Guarda-a. Não posso andar com ela por aí, senão Galbatorix poderá ficar a saber da sua existência. Além disso, seria imprudente guardar tantos tesouros num único local.

Ela acenou afirmativamente.

A dor de Eragon intensificou-se.

– Arya, eu... – E parou, pois Saphira avistara um dos filhos de Horst, o ferreiro. Parecia-lhe Albriech, embora lhe fosse difícil distingui-lo do irmão, Baldor, devido às distorções da visão de Saphira, e vinha a correr em direção à tenda. A interrupção foi um alívio para Eragon pois não sabia bem o que dizer.

– Vem aí alguém – anunciou ele, fechando a tampa do baú.

Ouviram-se passos pesados e húmidos na lama, lá fora, e depois Albriech (era de facto Albriech) gritou:

– Eragon! Eragon!

– O que é?

– As dores de parto da Mãe começaram! O Pai mandou-me avisar-te e perguntar se esperas com ele, para o caso de algo correr mal e ser necessário recorrer às tuas aptidões mágicas. Por favor, se puderes...

Eragon não ouviu o que ele disse mais, com a pressa de fechar e enterrar o baú. Depois colocou o manto sobre os ombros e estava a remexer no fecho, quando Arya lhe tocou no braço e disse:

– Posso acompanhar-te? Tenho alguma experiência nisso. Se o teu povo me deixar, posso facilitar-lhe o nascimento.

Eragon não parou sequer para pensar, fazendo um gesto em direção à entrada da tenda.

– Faça favor.

O QUE É UM HOMEM?

A lama agarrava-se às botas de Roran cada vez que ele levantava os pés, atrasando-o e fazendo-lhe arder as pernas já moídas do esforço. Era como se o próprio chão lhe quisesse arrancar as botas. Para além de espessa, a lama estava também escorregadia, deslizando debaixo dos calcanhares nos piores momentos, justamente quando ele estava nas posições mais precárias. E era funda. A passagem constante de homens, animais e carroças, transformara os quinze centímetros de terra, à superfície, num pântano quase intransponível. Restavam ainda algumas extensões de relva esmagada na beira do trilho – que atravessavam o acampamento dos Varden –, mas Roran desconfiava que em breve iriam desaparecer, pois os homens procuravam evitar o centro do trilho.

Roran não fez qualquer esforço para evitar a lama, pois já não se importava de sujar a roupa. Além disso, estava de tal forma exausto, que lhe parecia mais fácil continuar a caminhar penosamente na mesma direção do que preocupar-se em escolher um caminho, saltando de uma ilha de relva para a outra.

Enquanto avançava aos tropeções, Roran pensou em Belatona. Desde a audiência de Nasuada com os homens-gato que estivera a montar um posto de comando, na área Noroeste da cidade, e a fazer o possível para controlar esse quadrante, destacando homens para apagar fogos, erguerem barricadas nas ruas, revistarem casas à procura de soldados, e confiscarem armas. Era uma tarefa titânica e ele perdeu a esperança de conseguir fazer o que era necessário, receando que a cidade voltasse a explodir numa guerra aberta. Espero que aqueles idiotas consigam passar a noite sem se matar.

O seu flanco esquerdo latejou, fazendo-o rilhar os dentes e sorver o ar.

Maldito covarde.

Alguém o atingira com uma besta do telhado de um edifício. Salvava-se por um mero golpe de sorte, pois um dos seus homens, o Filho do Morten, passara para a sua frente no preciso instante do disparo do atacante. O dardo trespassara o Filho de Morten de um lado ao outro, levando ainda força suficiente para lhe fazer uma horrível nódoa negra. O Filho de Morten morrera no local e o autor do disparo conseguira escapar.

Cinco minutos depois uma explosão qualquer, possivelmente mágica, matara mais dois dos seus homens, ao entrarem num estábulo para investigar um ruído.

Tanto quanto sabia, tais ataques eram comuns por toda a cidade e os agentes de Galbatorix estavam, sem dúvida, por trás de muitos deles, mas os habitantes de Belatona eram também responsáveis – homens e mulheres que não suportavam a ideia de ficar parados, enquanto um exército invasor tomava conta das suas casas, por muito honrosas que fossem as intenções dos Varden. Roran conseguia identificar-se com as pessoas que sentiam que tinham de defender as famílias mas, ao mesmo tempo, analdicoava-as por serem estúpidas ao ponto de não reconhecerem que os Varden estavam a tentar ajudá-los e não a molestá-los.

Coçou a barba enquanto esperava que um anão tirasse um pónei carregadíssimo do seu caminho, continuando depois a avançar pesadamente.

Ao aproximar-se da tenda viu Katrina, junto de uma tina de água quente com sabão, a esfregar uma ligadura manchada de sangue numa tábua de lavar roupa. Tinhas as mangas enroladas por cima dos cotovelos, o cabelo preso num carrapito desgrehado e as faces afogueadas do trabalho, mas nunca antes lhe parecera tão bela. Ela era o seu consolo – o seu consolo e o seu refúgio – e o simples facto de a ver, ajudou a aliviar a sensação de entorpecimento e de alheamento que tomara conta de si.

Ela viu-o e parou imediatamente de lavar a roupa, correndo na sua direção e enxugando as mãos rosadas na parte da frente do vestido. Roran procurou equilibrar-se quando ela se atirou a ele e lhe abraçou o peito, sentindo uma dor aguda no flanco e gemendo brevemente.

Katrina soltou-o ligeiramente e inclinou-se para trás, franzindo o sobrolho.

– Oh! Magoei-te?

– Não... não. Estou apenas dorido.

Ela não o questionou e voltou a abraçá-lo, mais suavemente, olhando-o com os olhos cintilantes de lágrimas. Ele segurou-a pela cintura, curvou-se e beijou-a, sentindo uma gratidão indescritível pela sua presença.

Katrina colocou o braço direito sobre os seus ombros e ele permitiu que ela suportasse parte do seu peso ao regressarem à tenda. Roran suspirou, sentando-se no cepo que usavam como cadeira, que Katrina colocara junto da pequena fogueira que tinha acendido para aquecer a água da tina, sobre a qual fervia agora uma panela de guisado em lume brando.

Katrina encheu uma tigela de guisado e deu-lha. Depois trouxe-lhe, de dentro da tenda, uma caneca de cerveja e um prato com meio pão e uma fatia de queijo.

– Precisas de mais alguma coisa? – perguntou ela, numa voz invulgarmente rouca.

Roran não respondeu, mas aninhou-lhe a face na mão, afagando-a duas vezes com o polegar. Ela sorriu tremulamente e colocou uma mão sobre a dele, regressando depois à barrela e recomeçando a esfregar com energia renovada.

Roran olhou para a comida durante bastante tempo antes de a provar; estava ainda tão tenso, que duvidava conseguisse comer, contudo, depois de alguns pedaços de pão, o apetite voltou e ele começou a devorar avidamente o guisado.

Depois de terminar, poisou a loiça no chão e aqueceu as mãos no fogo, beberricando os últimos golos de cerveja.

– Nós ouvimos o estrondo quando os portões caíram – disse Katrina, torcendo a ligadura. – Não aguentaram muito tempo.

– Não... ter um dragão do nosso lado, ajuda.

Roran olhou-lhe para o ventre enquanto ela pendurava a ligadura na corda da roupa improvisada, que se estendia a toda a largura, desde o cimo da sua tenda até uma tenda vizinha. Sempre que pensava na criança que ela trazia no ventre, a criança que ambos tinham gerado, sentia um enorme orgulho, mas este parecia ensombrado de ansiedade, pois não sabia se poderia garantir um lar seguro ao bebé. Além disso, se a guerra não terminasse até Katrina dar à luz, ela tencionava abandoná-lo e partir para Surda, onde poderia criar a criança em relativa segurança.

Não posso perdê-la de novo.

Katrina mergulhou outra ligadura na tina.

– E a batalha na cidade? – perguntou ela, mexendo a água. – Como correu?

– Tivemos de lutar por cada metro quadrado. Mesmo Eragon passou um mau bocado.

– Os feridos falaram de catapultas montadas sobre rodas.

– Sim – Roran molhou a língua com cerveja, descrevendo-lhe depois rapidamente como os Varden se tinham deslocado através de Belatona e que contratempos tinham enfrentado pelo caminho. – Perdemos muitos homens, hoje, mas podia ter sido pior. Muito pior. Jörmundur e o Capitão Martland planearam bem o ataque.

– Contudo, o seu plano não teria resultado se não fosses tu e o Eragon. Vocês tiveram muita coragem.

Roran deixou escapar uma gargalhada.

– Ah! E sabes porquê? Eu explico-te. Nem um só homem em dez quer atacar o inimigo. Eragon não se apercebe disso, pois está sempre na frente de batalha a conduzir os soldados, mas eu vejo. A maior parte dos homens deixam-se ficar para trás e não lutam, a menos que sejam encurralados, ou então erguem as armas no ar e fazem muito barulho, mas na verdade não fazem nada.

Katrina parecia chocada.

– Como é isso possível? São alguns cobardes?

– Não sei. Acho... acho que talvez não tenham coragem de olhar um homem nos olhos e matá-lo, embora não pareçam ter qualquer dificuldade em golpear soldados de costas viradas para eles. Por isso esperam que outros façam o que eles não conseguem. Esperam por gente como eu.

– Achas que os homens de Galbatorix estão igualmente relutantes?

Roran encolheu os ombros.

– É possível. Mas não têm outro remédio senão obedecer a Galbatorix. Se ele lhes ordenar que lutem, eles lutam.

– Nasuada podia fazer o mesmo, podia mandar os seus magos lançar feitiços para garantir que ninguém foge às suas obrigações.

– O que a distinguiria de Galbatorix, se o fizesse? De qualquer forma, os Varden não iriam permitir isso.

Katrina abandonou a barrela e veio beijá-lo na testa.

– Fico feliz por conseguires fazer o que fazes – sussurrou ela. Depois voltou para junto da tina e começou a esfregar outra tira de linho, suja, na tábua de lavar roupa.

– Senti algo através do anel, há algumas horas atrás... e pensei que talvez te tivesse acontecido alguma coisa.

– Estava no meio de uma batalha, não seria de espantar que sentisses uma ferroada de vez em quando.

Ela fez uma pausa com os braços dentro de água.

– Nunca antes senti.

Roran esvaziou a caneca de cerveja, procurando adiar o inevitável. Esperava poder poupá-la aos detalhes da sua desventura no castelo, mas era óbvio que ela não iria descansar até saber a verdade. Tentar convencê-la do contrário apenas iria fazer com que imaginasse calamidades bem piores do que aquilo que realmente acontecera. Além disso seria inútil guardá-lo para si, uma vez que as notícias do incidente, em breve, seriam do conhecimento geral entre os Varden.

Por isso contou-lhe, fazendo um breve relato do incidente, na tentativa de descrever a derrocada da muralha como um aborrecimento insignificante e não como algo que quase o matara. Ainda assim, teve alguma dificuldade em descrever a experiência, falando hesitantemente, sempre à procura das palavras certas. Quando terminou, ficou em silêncio, abalado pela lembrança.

– Pelo menos não ficaste ferido – disse Katrina.

Ele remexeu numa racha na borda da caneca.

– Não.

O respingar de água cessou e ele sentiu o olhar dela fixo em si.

– Enfrentaste perigos muito maiores antes.

– Sim... creio que sim.

O tom de voz dela tornou-se mais suave:

– Então o que se passa? – Ao ver que ele não respondia disse: – Não há nada assim de tão terrível que não me possas contar, Roran. Tu sabes isso.

A ponta da unha do polegar direito partiu-se, ao arranhar de novo a caneca e ele esfregou a lasca aguçada da unha, várias vezes, contra o indicador.

– Julguei que ia morrer quando a muralha caiu.

– Qualquer pessoa teria pensado o mesmo.

– Sim, mas o facto é que eu não me importei. – E olhou para ela, angustiado. – Não entendes? Eu desisti. Quando percebi que não podia fugir, aceitei esse facto tão docilmente como um cordeiro a ser conduzido para o matadouro e... – Incapaz de continuar, largou a caneca e escondeu o rosto nas mãos. O inchaço na garganta dificultava-lhe a respiração. Depois sentiu os dedos de Katrina ao de leve nos seus ombros. – Eu desisti – rosnou ele, furioso e indignado consigo mesmo. – Parei de lutar... por ti... pelo nosso filho. – E engasgou-se nas palavras.

– Chh, Chh – murmurou ela.

– Nunca antes tinha desistido. Nem uma vez... Nem mesmo quando os Ra'zac te levaram.

– Eu sei que não.

– Esta luta tem de acabar. Não pode continuar desta forma... Eu não posso... Eu... – Levantou a cabeça e ficou horrorizado ao ver que também ela estava prestes a rebentar em lágrimas. Levantou-se, envolveu-a nos braços e apertou-a contra si. – Desculpa – sussurrou. – Desculpa, desculpa, desculpa... Não vai voltar a acontecer. Nunca mais, prometo.

– E não quero saber disso – disse ela, com a voz abafada no seu ombro.

A resposta dela doeu-lhe.

– Eu sei que fui fraco, mas a minha palavra ainda devia ter algum valor para ti.

– Não era isso que eu queria dizer! – exclamou ela, recuando e olhando-o acusadoramente.

– Às vezes és um tonto, Roran.

Ele sorriu ligeiramente.

– Eu sei.

Entrelaçou as mãos atrás do pescoço dele.

– Independentemente do que sentiste quando a muralha caiu, eu não te respeitaria menos por isso. O importante é que ainda estás vivo... Não podias fazer nada quando a muralha caiu, pois não?

Ele abanou a cabeça.

– Então não tens de te envergonhar de nada. Se o pudesses ter evitado ou se pudesses ter fugido e não fugisses, terias perdido o meu respeito. Mas fizeste tudo o que podias e, quando não podias fazer mais nada, aceitaste o teu destino e não te revoltaste desnecessariamente com ele. Isso é sabedoria e não fraqueza.

Ele curvou-se e beijou-a na testa.

– Obrigado.

– Na minha opinião, és o homem mais corajoso, mais forte e mais gentil de toda a Alagaësia.

Desta vez ele beijou-a na boca. Depois disso ela riu-se, libertando rapidamente a tensão acumulada e ficaram ambos a baloiçar-se juntos, como se estivessem a dançar ao som de uma melodia que só eles ouviam.

Depois, Katrina deu-lhe um empurrão brincalhão e foi acabar de lavar a roupa. Ele voltou a sentar-se no cepo, sentindo-se satisfeito pela primeira vez, desde que a batalha terminara, apesar das suas inúmeras mazelas e dores.

Roran observou os homens e os cavalos, os anões e os Urgals que passavam de vez em quando em frente da sua tenda, reparando nos ferimentos e no estado das armas e armaduras. Tentava avaliar o estado de espírito geral dos Varden e a conclusão a que chegou é que todos, à exceção dos Urgals, precisavam de umas boas horas de sono e de uma refeição decente, e que todos, incluindo os Urgals – muito especialmente os Urgals –, precisavam de ser esfregados da cabeça aos pés com uma escova de pelo de javali e de baldes de água com sabão.

Observou também Katrina e viu que sua boa disposição inicial foi desaparecendo gradualmente, e à medida que trabalhava ficava mais irritável. Esfregava incansavelmente uma série de nódoas mas sem grande sucesso. Uma expressão carregada ensombrou-lhe o rosto e começou a protestar de frustração.

Finalmente, depois de bater com o maço de tecido na tábua de lavar roupa, projetando água espumosa vários metros pelo ar, encostou-se à tina, de lábios comprimidos, e Roran levantou-se do cepo e fôï para o seu lado.

– Deixa-me experimentar.

– Não seria próprio – murmurou ela.

– Que disparate. Vai-te sentar, que eu termino... Vai.

Ela abanou a cabeça.

– Não. Tu é que devias estar a descansar e não eu. Além disso, isto não é trabalho de homem.

Ele roncou zombeteiramente.

– Por ordem de quem? O trabalho de um homem ou de uma mulher é o que precisar de ser feito. Agora, vai-te sentar. Vais sentir-te melhor quando descansares os pés.

– Roran, eu estou bem.

– Não sejas tonta. – Tentou afastá-la delicadamente da tina, mas ela não se mexeu.

– Não está certo – protestou ela. – O que iriam as pessoas pensar? – Fez um gesto para os homens que percorriam apressadamente o trilho enlameado, junto da tenda deles.

– Podem pensar o que quiserem. Fui eu que casei contigo e não eles. Se acham que eu sou menos homem por te ajudar, são uns idiotas.

– Mas...

– Mas, nada. Afasta-te. Xô. Sai daqui.

– Mas...

– Eu não vou discutir. Se não te fores sentar, eu levo-te para ali e amarro-te àquele cepo.

O semblante carregado deu lugar a uma expressão de perplexidade.

– Ai sim?

– Sim. Agora, vai-te embora! – Quando ela lhe cedeu relutantemente a sua posição na tina, ele fez um ruído exasperado.

– És muito teimosa, não és?

– Fala por ti. Uma mula iria aprender alguma coisa contigo.

– Eu não, eu não sou teimoso. – Abriu a fivela do cinto, tirou a cota de malha e pendurou-a no poste da tenda, descalçando depois as luvas e enrolando as mangas da túnica. Sentia o ar fresco na pele e as ligaduras estavam ainda mais frias – tinham arrefecido, em cima da tábua de lavar roupa – mas ele não se importou, pois a água estava quente e, pouco depois, o tecido também. Amontoados espumosos de bolhas iridescentes acumulavam-se em torno dos seus pulsos, ao esfregar o material a todo o comprimento da tábua rugosa.

Olhou de relance para a tenda e ficou satisfeito ao ver que Katrina estava a descansar no cepo, pelo menos tanto quanto seria possível a alguém descansar num assento grosseiro como aquele.

– Queres um pouco de chá de camomila? – perguntou ela. – Gertrude deu-me um molho de rebentos frescos, esta manhã. Posso fazer uma chaleira para ambos.

– Boa ideia.

Um silêncio amigável cresceu entre eles, enquanto Roran lavava o resto da roupa. A tarefa acalmou-o e deixou-o bem-disposto, pois gostava de fazer algo mais com as mãos que não brandir o martelo, e estar perto de Katrina dava-lhe uma profunda satisfação.

Espremia a última peça de roupa com o chá, acabado de fazer, à sua espera junto de Katrina, quando alguém chamou por eles do outro lado do trilho movimentado. Só momentos depois Roran percebeu que era Baldor a correr pela lama na sua direção, por entre homens e cavalos. Usava um avental de cabedal, esburacado, e pesadas luvas até ao cotovelo, manchadas de fuligem, e já tão gastas que os dedos estavam rijos, macios e polidos como uma carapaça de tartaruga. Tinha o cabelo escuro e desgrenhado preso atrás, com uma tira de couro retalhado, e vinha de testa franzida e sobrolho carregado. Baldor era mais baixo que o pai, Horst, e que seu irmão, Albriech, mas tirando isso era corpulento e bem musculado, por ter passado toda a infância a ajudar Horst na forja. Nenhum dos três fora lutar nesse dia – os ferreiros experientes eram normalmente demasiado valiosos para se correr o risco de os perder em combate –, embora Roran desejasse que Nasuada os tivesse deixado ir, por serem guerreiros capazes e por saber que podia contar com eles mesmo nas circunstâncias mais trágicas.

Roran poisou a roupa lavada e enxugou as mãos, perguntando a si mesmo o que se passaria de errado. Katrina levantou-se do cepo e reuniu-se a ele, junto da tina.

Quando Baldor os alcançou, tiveram de esperar alguns segundos até que ele recuperasse o fôlego. Depois, disse precipitadamente:

– Venham, depressa, a Mãe entrou em trabalho de parto e...

– Onde está ela? – perguntou Katrina, num tom brusco.

– Na nossa tenda.

Ela acenou com a cabeça.

– Iremos para lá o mais depressa possível.

Baldor virou-se, com uma expressão agradecida, e afastou-se a correr.

Katrina baixou-se para entrar na tenda e Roran verteu o conteúdo da tina para a fogueira, apagando-a. A madeira flamejante silvou e estalou debaixo do dilúvio e o fumo foi substituído por um jorro de vapor que impregnou o ar com um cheiro desagradável.

O temor e a excitação apressaram Roran. “Espero que ela não morra”, pensou, lembrando-se da conversa que ouvira entre as mulheres, acerca da idade dela e da gravidez demasiado prolongada. Elain sempre fora gentil consigo e com Eragon, e gostava dela.

– Estás pronto? – perguntou Katrina ao sair da tenda, amarrando um lenço azul à volta da cabeça e do pescoço.

Ele tirou o cinto e o martelo de onde os tinha pendurado.

– Estou pronto. Vamos.

O PREÇO DO PODER

— Pronto, Senhora. Já não precisais mais disto. Já não era sem tempo.

A última tira de linho deslizou do antebraço de Nasuada, restolhando suavemente, depois da sua camareira, Farica, lhe remover as ligaduras. Nasuada usava ligaduras daquelas desde o dia em que ela e Fadawar, o senhor da guerra, se tinham defrontado para testar a sua coragem, no Teste das Facas Longas.

Nasuada estava de olhos postos numa longa tapeçaria esfarrapada, salpicada de buracos, enquanto Farica lhe tratava dos braços. Depois ganhou coragem e baixou lentamente os olhos. Desde que vencera o Teste das Facas Longas que se recusava a olhar para os ferimentos, pois tinham-lhe parecido de tal forma horrendos, quando estavam ainda frescos, que não suportaria vê-los de novo enquanto não ficassem praticamente sarados.

As cicatrizes eram assimétricas: tinha seis na parte inferior do antebraço esquerdo, e três no direito. Tinham sete a dez centímetros de comprimento e eram retas, exceto a do fundo, à direita, pois descontrolara-se, na altura, e curvara a faca, gravando uma linha irregular quase com o dobro do comprimento das outras. A pele em torno das cicatrizes estava rosada e engelhada, mas as cicatrizes propriamente ditas estavam apenas um pouco mais claras que o resto do corpo, o que era uma bênção. Receara que acabassem por ficar esbranquiçadas e brilhantes, o que as tornaria muito mais visíveis. As cicatrizes elevavam-se cerca de seis milímetros acima da superfície do braço, formando saliências rijas de carne, como se lhe tivessem inserido varetas polidas, de aço, sob a pele.

Nasuada olhou para as marcas com uma expressão indefinida. O pai ensinara-lhe os costumes do seu povo enquanto crescia, mas passara toda a vida entre os Varden e os anões. Os únicos rituais de tribos nómadas que celebrava e, apenas ocasionalmente, estavam associados à religião. Jamais aspirara dominar a Dança dos Tambores, nem participar na fatigante Invocação de Nomes e muito menos derrotar alguém no Teste das Facas Longas. Contudo, ali estava ela agora, ainda jovem e bela, e já com aquelas nove enormes cicatrizes nos antebraços. É claro que poderia ordenar a um dos feiticeiros dos Varden que as removesse, mas isso seria renunciar à sua vitória no Teste das Facas Longas e as tribos nómadas não a reconheceriam como soberana.

Embora lamentasse que os seus braços já não fôssem lisos e curvos, e já não atraíssem os olhares dos homens, tinha orgulho nas cicatrizes. Eram um testemunho da sua coragem e um sinal visível da sua devoção para com os Varden. Qualquer pessoa que olhasse para ela entenderia a excelência do seu caráter e ela concluiu que isso era mais importante do que a aparência.

— O que achas? — perguntou, esticando os braços na direção do rei Orrin, emoldurado na janela aberta do escritório, a contemplar a cidade.

Orrin virou-se e franziu o sobrolho, com um olhar sombrio sob uma testa franzida. Trocara a armadura por uma túnica grossa, vermelha, e um manto debruado a arminho.

— Não é agradável de se ver — disse ele, voltando a concentrar-se na cidade. — Cobre-te, isso é impróprio numa sociedade civilizada.

Nasuada examinou os braços durante mais alguns momentos.

— Não, acho que não o vou fazer. — Puxou pelos punhos de renda das mangas e endireitou-as, dispensando Farica. Percorreu o sumptuoso tapete feito pelos anões, que estava ao meio da sala, reunindo-se a Orrin, para examinar a cidade devastada pela batalha, e observou satisfeita que já só ardiam dois fogos ao longo da muralha ocidental. Depois desviou o olhar para o rei.

No lapso de tempo em que os Varden e os Surdans tinham lançado o ataque contra o Império, Nasuada vira Orrin tomar-se cada vez mais circunspecto e o seu entusiasmo e excentricidades iniciais desapareceram, dando lugar a uma aparência sombria. A princípio acolhera de bom grado a mudança, pois sentira que ele estava a ficar mais maduro mas, à medida que a guerra se arrastava, começara a sentir a falta das suas discussões inflamadas sobre filosofia natural assim como das suas outras esquisitices. Ao olhar para trás, concluiu que estas lhe animavam frequentemente o dia, mesmo que por vezes as achasse irritantes. Além disso, a mudança tornara-o mais perigoso como rival. Não era difícil imaginá-lo a tentar depô-la como líder dos Varden, no seu presente estado de espírito.

“Poderia eu ser feliz se casasse com ele?”, pensou ela. Orrin não era feio de todo. Tinha um nariz alto e fino, mas o queixo era forte e a boca finamente talhada e expressiva. Ganhara uma boa constituição, graças aos anos de treino militar. Era, sem sombra de dúvida, inteligente e, no geral, tinha uma personalidade agradável. Contudo, se ele não fosse o rei de Surda e não constituísse uma ameaça tão grande para a sua posição e para a independência dos Varden, Nasuada sabia que jamais consideraria a hipótese de se casar com ele. Será que daria um bom pai?

Orrin poisou as mãos sobre o estreito peitoral e encostou-se a ele, dizendo depois, sem a olhar:

— Tens de quebrar o teu pacto com os Urgals.

A declaração apanhou-a desprevenida.

— Porquê?

— Porque nos estão a prejudicar. Homens que de outro modo se juntariam a nós, estão agora a amaldiçoar-nos por nos aliarmos a monstros e recusam-se a depor as armas quando chegamos à sua casa. A resistência de Galbatorix parece-lhes justa e razoável, devido ao nosso acordo com os Urgals. O homem comum não entende porque nos unimos a eles, pois não sabe que o próprio Galbatorix os usou, nem que os ludibriou para que atacassem Tronjheim, sob o comando de um Espetro. Não se podem explicar tais subtilezas a um lavrador assustado. Tudo o que ele entende é que as criaturas que temeu e odiou durante toda a vida estão a marchar em direção à sua casa, comandadas por um enorme dragão, de dentes arreganhados, e um Cavaleiro que mais parece um elfo do que um humano.

— Precisamos do apoio dos Urgals — disse Nasuada. — Neste momento temos poucos guerreiros.

— Nós não precisamos tanto deles como isso e tu sabes que o que eu estou a dizer é verdade; que outro motivo te levaria a impedir os Urgals de participarem no ataque a Belatona, ou a ordenares-lhes que não entrassem na cidade? Mantê-los afastados do campo de batalha não é o suficiente, Nasuada. Os rumores da presença deles ainda circulam por toda a região. A única coisa que podes fazer para melhorar a situação é pôr fim a este esquema condenado ao fracasso, antes que nos prejudique mais.

— Não posso.

Orrin virou-se bruscamente para ela, com o rosto desfigurado pela raiva.

— Estão a morrer homens porque decidiste aceitar a ajuda de Garzhvog. Homens meus, homens teus e homens do Império... todos eles mortos e enterrados. Esta aliança não vale o seu sacrifício e eu juro pela minha vida que não entendo porque continuas a defendê-la.

Nasuada não conseguiu aguentar o olhar, pois lembrava-lhe demasiado a culpa e as auto-recriminações que a afligiam tantas vezes quando tentava adormecer, por isso fixou o olhar no fumo que se erguia de uma torre, a um extremo da cidade, e disse pausadamente:

— Defendo-a porque espero que o facto de preservarmos a nossa união com os Urgals, nos permita salvar mais vidas do que as que vamos perder... se derrotarmos Galbatorix...

Orrin deixou escapar uma exclamação de incredulidade.

— Eu sei que isso não é de forma alguma uma certeza — disse ela. — Mas temos de prever essa possibilidade. Se o derrotarmos, será nossa obrigação ajudar a nossa raça a recuperar deste conflito e a erguer um país novo e forte das cinzas do Império. Parte disso passará por assegurar que tenhamos finalmente paz, depois de anos

de conflito. Não derrotarei Galbatorix para sermos atacados pelos Urgals quando estivermos mais vulneráveis.

– Seja como for, eles poderão atacar-nos. Sempre o fizeram.

– Bom e o que mais podemos nós fazer? – ripostou ela, aborrecida. – Temos de tentar amansá-los. Quanto mais próximos estiverem da nossa causa, menos provável será que se virem contra nós.

– Eu digo-te o que fazer – rugiu ele. – Bane-os! Quebra o teu pacto com Nar Garzhvog e manda-o embora com os seus carneiros. Se ganharmos esta guerra, poderemos negociar um novo tratado com eles e estaremos em posição de impor os termos deste. Ou melhor ainda, manda Eragon e Saphira à Espinha, com um batalhão de homens, para acabar com eles de uma vez por todas, como os Cavaleiros deviam ter feito há séculos atrás.

Nasuada olhou-o incrédula.

– Se eu pusesse fim ao nosso pacto com os Urgals, muito provavelmente eles ficariam tão furiosos que nos atacariam de imediato, e nós não podemos combatê-los a eles e ao Império ao mesmo tempo. Colocarmo-nos em tal situação seria uma perfeita loucura. Se os elfos, os dragões e os Cavaleiros, com a sua sabedoria, decidiram tolerar os Urgals – embora os pudessem ter destruído facilmente – deveríamos seguir o seu exemplo. Eles sabiam que era errado matar todos os Urgals e tu deverias saber também.

– A sua sabedoria ... Bah! Como se a sua sabedoria lhes valesse de alguma coisa! Muito bem, deixa alguns Urgals vivos, mas mata-os em número suficiente para que não se atrevam a assombrar-nos durante cem anos ou mais!

A dor perceptível na voz e as linhas tensas do rosto intrigaram Nasuada pelo que ela examinou-o mais atentamente, tentando perceber o motivo da sua veemência. Alguns instantes depois, surgiu uma explicação aparentemente evidente após alguma reflexão.

– Quem perdeste tu? – perguntou ela.

Orrin cerrou o punho, baixando-o lenta e hesitantemente sobre o peitoril da janela, como se quisesse bater nele com toda a força mas não se atrevesse. Bateu no peitoril mais duas vezes e depois disse:

– Um amigo com quem cresci no Castelo de Borromeo. Acho que nunca o conhecestes. Era um dos meus tenentes de cavalaria.

– Como morreu ele?

– Como deves calcular. Tínhamos acabado de chegar aos estábulos, junto do portão Oeste, e estávamos a guardá-los para o nosso próprio uso quando um dos moços de estrebaria saiu de uma cocheira e o trespassou, de lado a lado, com uma forquilha. Ao encurralarmos o moço de estrebaria, ele não parava de gritar disparates acerca dos Urgals, dizendo que jamais se renderia... Mesmo que o imbecil se rendesse, de nada lhe valeria, pois dei cabo dele com as minhas próprias mãos.

– Lamento – disse Nasuada.

As jóias da coroa de Orrin cintilaram, ao abanar a cabeça em sinal de reconhecimento.

– Por muito doloroso que isso seja, não podes permitir que a tua dor afete as tuas decisões... Eu sei que não é fácil – se sei! –, mas deves dominar-te para o bem do teu povo.

– Dominar-me – disse ele num tom amargo e desdenhoso.

– Sim, é-nos exigido muito mais do que à maioria, portanto temos de nos esforçar para ser melhores do que a maioria, se nos quisermos revelar merecedores de tal responsabilidade... Não te esqueças que os Urgals mataram o meu pai. Mas isso não me impediu de forjar com eles uma aliança capaz de ajudar os Varden. Não permito que nada me iniba de fazer o que for melhor para eles e para o nosso exército no seu todo, por muito doloroso que seja. – E ergueu os braços mostrando-lhe de novo as cicatrizes.

– É essa a tua resposta? Não vais quebrar a aliança com os Urgals?

– Não.

Orrin aceitou a notícia com uma serenidade que a inquietou. Depois agarrou-se ao parapeito com ambas as mãos e continuou a examinar a cidade. Tinha quatro grandes anéis a adornar-lhe os dedos, um dos quais exibia o selo real de Sudra, gravado na face de uma ametista: um veado de armações, com rebentos de visco enrolados entre as patas, em cima de uma harpa e, do lado oposto, a imagem de uma torre alta, fortificada.

– Pelo menos – disse Nasuada – não encontrámos nenhuns soldados enfeitados para não sentirem dor.

– Os mortos que riam, queres tu dizer – murmurou Orrin, utilizando o termo que ela sabia que se generalizara entre os Varden.

– Sim, nem Murtagh nem Thom, o que me preocupa.

Nenhum falou durante algum tempo, mas depois ela disse:

– Como correu a tua experiência, ontem à noite. Foi um sucesso?

– Estava demasiado cansado para a avaliar. Fui-me deitar.

– Ah.

Momentos depois, por acordo tácito, ambos se encaminharam para a secretária encostada a uma das paredes. Montanhas de folhas, blocos e pergaminhos cobriam a superfície. Nasuada observou aquele panorama assustador e suspirou. Ainda há meia hora atrás a secretária fora limpa pelos seus criados.

Concentrou-se no já familiar relatório que estava por cima: uma estimativa do número de prisioneiros que os Varden tinham feito durante o cerco a Belatona, com o nome das personalidades importantes, anotados a tinta vermelha. Nasuada e Orrin estavam a discutir os números, quando Farica apareceu para lhe remover as ligaduras.

– Não sei como resolver este imbróglio – confessou ela.

– Podíamos recrutar guardas entre estes homens. Dessa forma, não teríamos de deixar tantos guerreiros nossos pelo caminho.

Ela pegou no relatório.

– Talvez, mas os homens de que precisamos seriam difíceis de encontrar e os nossos feitores já estão sobrecarregados...

– Du Vrangr Gata já descobriu a forma de quebrar um juramento prestado na língua antiga? – Ao vê-la responder que não, perguntou: – Não fizeram quaisquer progressos?

– Nenhum que seja prático. Até aos elfos perguntei, mas apesar de longos anos de prática, tiveram tanta sorte como nós nos últimos dias.

– Temos de resolver isto e bem depressa, de contrário poderemos perder a guerra – disse Orrin. – Este assunto específico.

Nasuada massajou as têmporas.

– Eu sei. – Antes de abandonar a proteção dos anões em Farthen Dûr e Tronjheim, ela tentara prever todos os desafios que os Varden poderiam enfrentar logo que lançassem a ofensiva, mas o que enfrentavam agora apanhara-os totalmente de surpresa.

O problema manifestara-se pela primeira vez no rescaldo da Batalha das Planícies Flamejantes, quando se tornou evidente que todos os oficiais do exército de Galbatorix, e muitos dos soldados, tinham sido obrigados a jurar lealdade a Galbatorix e ao Império na língua antiga. Nasuada e Orrin depressa concluíram que nunca poderiam confiar nesses homens. Pelo menos enquanto Galbatorix e o Império existissem, e talvez nem mesmo depois destes serem destruídos. Em consequência disso, não podiam permitir que os homens que desertavam se juntassem aos Varden, receando a forma como os seus juramentos os compeliariam a agir.

Na altura, Nasuada não ficara muito preocupada com o assunto. Os prisioneiros eram uma realidade, em tempo de guerra, e já tomara providências com o rei Orrin para que os prisioneiros fossem reconduzidos para Surda, onde seriam postos a trabalhar na construção de estradas, a partir pedra, a abrir canais, e noutros trabalhos pesados.

Só quando os Varden tomaram a cidade de Feinster é que Nasuada começou a entender a dimensão real do problema. Os agentes de Galbatorix tinham arrancado juramentos de lealdade não só aos soldados de Feinster, mas também aos nobres, a muitos dos oficiais que os serviam e a um conjunto aparentemente aleatório de pessoas normais, por toda a cidade. Nasuada suspeitava que os Varden não tivessem conseguido identificar grande parte dessas pessoas, contudo, todos os que identificaram teriam de ficar fechados a sete chaves, para o caso de tentarem subverter os Varden. Encontrar gente em quem pudessem confiar e que estivesse disposta a trabalhar com os Varden revelara-se, por isso, muito mais difícil do que Nasuada esperara.

Atendendo ao número de pessoas que era necessário encarcerar, ela não tivera outro remédio se não deixar em Feinster o dobro dos guerreiros que era sua intenção disponibilizar. Com tanta gente aprisionada, a cidade ficou virtualmente paralisada, forçando-a a desviar mantimentos essenciais, do corpo principal do exército dos Varden, para que a cidade não morresse à fome. Não lhes seria possível manter essa situação por muito tempo, e esta iria agora agravar-se, uma vez que tinham tomado também Belatona.

— É uma pena que os anões ainda não tenham chegado — comentou Orrin. — Dava-nos jeito a sua ajuda.

Nasuada anuiu. Naquele momento havia apenas algumas centenas de anões com os Varden; os restantes tinham regressado a Farthen Dûr, para o enterro de Hrothgar, o seu falecido rei, e para esperarem que os chefes dos seus clãs escolhessem o sucessor de Hrothgar, facto que Nasuada amaldiçoara vezes sem conta. Tentara convencer os anões a nomearem um regente durante o período de guerra, mas eles eram teimosos como pedras e tinham insistido em realizar as suas cerimónias ancestrais, embora isso significasse abandonar os Varden a meio da campanha. De qualquer forma, os anões tinham finalmente escolhido o seu novo rei — Orik, o sobrinho de Hrothgar — e tinham já partido das distantes Montanhas Beor para voltarem a reunir-se aos Varden. Naquele preciso momento, marchavam pelas vastas planícies a Norte de Surda, algures entre o lago Tüdosten e o Rio Jiet.

Nasuada interrogava-se se eles estariam em condições de lutar quando chegassem. Em regra, os anões eram mais rijos que os humanos, mas há quase dois meses que viajavam a pé e isso poderia esgotar a resistência até à mais robusta das criaturas. “Devem estar cansados de ver sempre a mesma paisagem”, pensou.

— Temos já tantos prisioneiros. Quando tomarmos Dras-Leona, então... — E abanou a cabeça.

Parecendo animar-se subitamente, Orrin disse:

— E se ignorarmos totalmente Dras-Leona? — Remexeu no monte de papéis em cima da secretária até encontrar um grande mapa de Alagaësia, desenhado pelos anões, que estendeu por cima das folhas de registos administrativos. As pilhas instáveis de papel por baixo deste conferiram ao território uma invulgar topografia: picos a Oeste de Du Weldenvarden; uma depressão em forma de taça, na zona das Montanhas Beor; desfiladeiros e ravinas por todo o deserto de Hadarac; e ondulações a Norte da Espinha, geradas pelos pergaminhos que estavam por baixo. — Olha! — E traçou uma linha com o dedo do meio, desde Belatona a Urû’baen, a capital do Império. — Se marcharmos diretamente até aqui, não passamos sequer perto de Dras-Leona. Seria difícil fazer toda a viagem de uma só vez, mas podíamos fazê-lo.

Nasuada não precisou de ponderar sobre a sugestão, pois já tinha considerado essa possibilidade.

— Seria demasiado arriscado. Galbatorix poderia sempre atacar-nos com os soldados que posicionou em Dras-Leona — que não são poucos, segundo os nossos espões — e acabaríamos por ter de enfrentar ataques simultâneos de duas direções distintas. Não conheço forma mais rápida de perder uma batalha ou uma guerra. Não. Temos de tomar Dras-Leona.

Orrin aceitou o argumento, curvando ligeiramente a cabeça.

— Nesse caso, precisamos que os nossos homens regressem de Aroughs. Se queremos prosseguir, vamos precisar de todos os guerreiros.

— Eu sei. Tenciono tomar as providências necessárias para que se acabe com o cerco antes do final da semana.

— Espero que não penses enviar Eragon.

— Não. Tenho outro plano.

— Ótimo. E, entretanto, o que fazemos com estes prisioneiros?

— O que fizemos antes: guardas, vedações e cadeados. Talvez possamos também prender os prisioneiros com feitiços que lhes restrinjam os movimentos, para que não tenhamos de os vigiar tão atentamente. Não vejo outra solução para além disso, a não ser chaciná-los a todos, e eu preferiria... — Tentou imaginar o que não faria para derrotar Galbatorix — e eu preferiria não recorrer a medidas tão... drásticas.

— Sim. — Orrin debruçou-se sobre o mapa, arqueando os ombros como um abutre ao olhar para os rabiscos de tinta debotada que assinalavam o triângulo de Belatona, Dras-Leona e Urû’baen.

E assim ficou até Nasuada dizer:

— Temos mais algum assunto para discutir? Jörmundur aguarda ordens e o Concelho de Anciãos pediu-me uma audiência.

— Estou preocupado.

— Com quê?

Orrin manteve a mão em cima do mapa.

— Que esta iniciativa seja mal planeada desde o início... Que as nossas tropas e as tropas dos nossos aliados estejam perigosamente dispersas e que se Galbatorix meter na cabeça reunir-se pessoalmente ao combate nos destrua tão facilmente como Saphira destruiria um rebanho de cabras. Toda a nossa estratégia depende da possibilidade de planearmos um encontro entre Galbatorix, Eragon, Saphira e o maior número de feiticeiros que conseguirmos reunir. Apenas uma pequena parte desses feiticeiros está presentemente nas nossas hostes e nós não conseguiremos juntar os restantes num só local, antes de chegarmos a Urû’baen e nos reunirmos à Rainha Islanzadí e ao seu exército. Até lá, permaneceremos vulneráveis a ataques. Estamos a arriscar demasiado, partindo do princípio de que a arrogância de Galbatorix o irá manter sob controlo, até o encurralarmos na nossa armadilha.

Nasuada tinha as mesmas preocupações. Contudo, parecia-lhe mais importante cimentar a confiança de Orrin do que lamentar-se com ele, pois se a sua determinação enfraquecesse isso iria interferir com os seus deveres e minar o moral dos homens.

— Não estamos totalmente indefesos — disse ela. — Agora já não. Agora temos a Dauthdaert e com ela creio que somos bem capazes de matar Galbatorix e Shruikan, caso estes se aventurem a sair de Urû’baen.

— Talvez.

— Além disso, é inútil preocuparmo-nos. Não podemos apressar a chegada dos anões, nem avançar mais depressa até Urû’baen, tão-pouco dar meia-volta e fugir. Por isso, eu não me preocuparia demasiado com a nossa situação. Resta-nos fazer um esforço para aceitar com elegância o nosso destino, seja ele qual for. Ou, em alternativa, inquietar-nos com as possíveis ações de Galbatorix e isso eu não vou fazer. Recuso-me a dar-lhe esse poder.

UM PARTO DIFÍCIL...

Ouviu-se um grito alto, agudo e estridente quase inumano, em tom e intensidade.

Eragon contraiu-se com se alguém o tivesse picado com uma agulha. Passara grande parte do dia a ver homens a lutarem e a morrerem – matando ele próprio dezenas deles – contudo, não conseguia evitar a sua preocupação ao ouvir os gritos de angústia de Elain. Os ruídos que fazia eram de tal forma horríveis que começou a interrogar-se se ela sobreviveria ao parto.

Junto dele, de cócoras ao lado do barril que lhe servia de assento, Albriech e Baldor, remexiam nas folhas esfarrapadas de erva entre os sapatos. Os seus dedos grossos desfiavam meticulosamente cada tira de folha e caule, antes de agarrar na seguinte. Tinham a testa suada e brilhante, e os olhos estavam carregados de raiva e de desespero. De vez em quando, olhavam um para o outro e fitavam a tenda onde a sua mãe estava, do outro lado do trilho, mas para além disso estavam de olhos pregados no chão, alheios a tudo o que os rodeava.

Roran permanecia a alguns metros de distância, sentado num barril tombado, que oscilava sempre que ele se mexia. Reunidas à beira do trilho lamacento, estavam várias dúzias de pessoas de Carvahall, na sua maioria homens amigos de Horst e dos filhos, cujas mulheres ajudavam a curandeira Gertrude a tratar de Elain. Saphira agigantava-se sobre todos eles. Tinha o pescoço arqueado como um arco de flechas esticado, a ponta da cauda estremecia como se estivesse a caçar, e a língua cor de rubi não parava de ondular para dentro e para fora da boca, como que a provar o ar em busca de odores que pudessem fornecer-lhe alguma informação sobre Elain e a criança por nascer.

Eragon massajou um músculo dorido no antebraço esquerdo. Há várias horas que esperavam e o crepúsculo estava a aproximar-se. Os objetos projetavam longas sombras negras em direção a Este, como se estivessem a tentar alcançar o horizonte. O ar arrefecera. Mosquitos e donzelinhas de asas rendilhadas do Rio Jiet, esvoaçavam para trás e para diante em torno deles.

Outro grito rasgou o silêncio.

Os homens remexeram-se desconfortavelmente, fazendo depois gestos para afastar a má sorte e murmurando uns com os outros num tom de voz baixo, destinado apenas aos companheiros mais próximos, mas que Eragon conseguia ouvir claramente. Sussurravam acerca da gravidez difícil de Elain. Alguns argumentavam, num tom solene, que se ela não desse à luz em breve, seria tarde demais tanto para ela como para a criança. Outros diziam coisas tipo:

– É difícil para um homem perder uma esposa mesmo nos seus melhores momentos, quanto mais aqui, num momento destes.

Ou então:

– É uma pena, lá isso é verdade...

Alguns atribuíam a culpa dos problemas de Elain aos Ra’zac, ou aos incidentes que tinham ocorrido durante a viagem dos aldeões até ao acampamento dos Varden, e mais do que um teceu comentários desconfiados pelo facto de autorizarem Arya a ajudar no parto:

– Ela é um elfo e não um ser humano – disse Fisk, o carpinteiro. – Devia ficar com os da sua espécie e não meter o nariz onde não é chamada. Quem sabe o que ela realmente quer?

Eragon ouviu isso e muito mais, mas escondeu as suas reações e ficou na sua paz, pois sabia que os aldeões iriam sentir-se desconfortáveis se percebessem quão apurada se tornara a sua audição. O barril por baixo de Roran estalou, quando este se inclinou para a frente.

– Achas que devíamos...

– Não – disse Albriech.

Eragon aconchegou-se no seu manto. O frio começava a penetrar-lhe nos ossos, mas não se iria embora até que o suplício de Elain terminasse.

– Olha – disse Roran, subitamente entusiasmado.

Albriech e Baldor viraram a cabeça ao mesmo tempo.

Do outro lado do trilho, Katrina saiu da tenda com um molho de panos sujos. Antes da pala da entrada se voltar a fechar, Eragon viu de relance Horst e uma das mulheres de Carvahall – não sabia ao certo quem – ao fundo do catre onde Elain estava deitada.

Sem olhar uma vez que fosse para os que a observavam, Katrina encaminhou-se quase a correr para a fogueira onde a mulher de Fisk, Isold e Nolla ferviam panos para serem reutilizados.

Roran mudou de posição e o barril estalou mais duas vezes. Em parte, Eragon esperava vê-lo seguir Katrina, mas ele ficou onde estava, tal como Albriech e Baldor. Tanto eles como o resto dos aldeões seguiam atentamente os movimentos de Katrina.

Eragon fez uma careta ao ouvir mais um grito de Elain rasgar o ar, um grito não menos excruciante que o anterior.

Depois alguém afastou a entrada da tenda uma segunda vez e Arya saiu disparada, de braços nus e cabelo desgrehado. O cabelo flutuou-lhe em torno do rosto ao correr na direção dos onze guardas de Eragon, que estavam à sombra atrás de um pavilhão próximo. Falou durante alguns momentos com um deles, num tom insistente, uma mulher elfo, de rosto fino, chamada Invidia, regressando depois apressadamente pelo mesmo caminho.

Percorrera apenas alguns metros, quando Eragon a apanhou.

– Como está a correr? – perguntou.

– Mal.

– Porque está a demorar tanto? Não podes ajudá-la a dar à luz mais depressa?

A expressão de Arya, já de si tensa, tornou-se ainda mais severa.

– Podia ter-lhe tirado a criança do ventre com um cântico, na primeira meia hora, mas Gertrude e as outras mulheres apenas me deixam usar os feitiços mais simples.

– Isso é um absurdo! Porquê?

– Porque a magia as assusta... porque eu as assusto.

– Então diz-lhes que não tens más intenções. Di-lo na língua antiga e elas não terão outro remédio senão acreditar em ti.

Ela abanou a cabeça.

– Só iria piorar as coisas. Iriam pensar que eu estava a enfeitiçá-las contra a sua vontade e mandavam-me embora.

– Certamente que Katrina...

– Foi graças a ela que consegui lançar alguns feitiços.

Elain voltou a gritar.

– Não te deixam ao menos aliviar-lhe a dor?

– Mais do que já aliviei, não.

Eragon virou-se em direção à tenda de Horst.

– Ai sim? – rugiu ele entredentes.

Uma mão fechou-se em torno do seu braço esquerdo e segurou-o. Intrigado voltou a olhar para Arya para lhe pedir uma explicação. Ela abanou a cabeça.

– Não faças isso – disse ela. – São costumes ancestrais. Se interferires, vais enfurecer e embaraçar Gertrude, e virar muitas das mulheres da tua aldeia contra ti.

– Não quero saber disso!

– Eu sei, mas acredita em mim: neste momento o melhor que tens a fazer é esperar com os outros. – E largou-lhe o braço, como que enfatizando o seu ponto de vista.

– Não posso ficar aqui parado a deixá-la sofrer!

– Escuta. É melhor que fiques. Eu ajudarei Elain como puder, prometo, mas não entres ali. Irás arranjar conflitos e causar raiva onde não são necessários... Por favor.

Eragon hesitou e rosnou de indignação, atirando os braços ao ar, ao ouvir Elain gritar de novo.

– Está bem – disse, inclinando-se para Arya –, mas aconteça o que acontecer não deixes que ela ou a criança morram. Não me interessa o que tenhas de fazer, mas não as deixes morrer.

Arya sondou-o com um olhar sério.

– Jamais permitiria que uma criança sofresse – disse ela, retomando a marcha.

Ao vê-la desaparecer dentro da tenda de Horst, Eragon regressou ao local onde Roran, Albrich e Baldor estavam reunidos, voltando a sentar-se no seu barril.

– Então? – perguntou Roran.

Eragon encolheu os ombros.

– Estão a fazer tudo o que podem. Temos de ser pacientes... é tudo.

– Ela parecia ter um pouco mais do que isso a dizer – disse Baldor.

– O significado era o mesmo.

A cor do sol foi-se modificando, à medida que se aproximava da linha final de terra, passando de laranja a vermelho, e as poucas nuvens esfarrapadas que restavam no céu, a Oeste, resquícios da tempestade que passara há horas atrás, adquiriram tons semelhantes. Bandos de andorinhas picavam voo por cima das suas cabeças, devorando traças, moscas e outros insetos que pairavam no ar.

Com o passar do tempo, os gritos de Elain foram diminuindo gradualmente de intensidade, passando de gritos estridentes a gemidos baixos e entrecortados, que arrepiaram os pelos da nuca de Eragon. Desejava, acima de tudo, libertá-la do seu tormento, mas não teve coragem de ignorar o conselho de Arya, por isso ficou onde estava, remexendo-se, roendo as unhas contundidas e trocando breves palavras, pouco espontâneas, com Saphira.

Quando o sol tocou na terra, alargou-se ao longo do horizonte como uma gema gigante a rebentar da sua pele. Os morcegos começaram a misturar-se com as andorinhas, produzindo ruídos indistintos e frenéticos ao baterem as asas semelhantes a cabedal. Os seus guinchos estridentes eram quase insuportavelmente agudos para Eragon.

Depois Elain deu um guincho que abafou todos os outros ruídos nas imediações, um guincho que Eragon esperava nunca mais voltar a ouvir.

Seguiu-se um silêncio breve mas profundo que terminou com o choro sonoro e entrecortado de um recém-nascido, no interior da tenda – a ancestral fanfarra que anunciava a chegada de um novo ser ao mundo. Ao ouvi-lo, Albrich e Baldor fizeram um largo sorriso, tal como Eragon e Roran. Vários homens que esperavam, aclamaram.

Mas o seu júbilo pouco durou. No instante em que o último viva cessou, as mulheres que estavam dentro da tenda começaram a carpir. Era um lamento angustiante e Eragon sentiu-se gelar de pavor, pois sabia o que significavam aqueles lamentos: que se dera uma tragédia da pior espécie.

– Não – disse ele, incrédulo, saltando do barril. – Ela não pode estar morta. Não pode... Arya prometeu.

Como que em resposta ao seu pensamento, Arya atirou para trás a pala da tenda e correu na direção dele, saltando pelo trilho com passos incrivelmente longos.

– O que aconteceu? – perguntou Baldor, quando ela parou.

Arya ignorou-o e disse.

– Anda, Eragon

– O que aconteceu? – exclamou Baldor, furiosamente, agarrando Arya pelo ombro. Num rasgo aparentemente instantâneo de movimento, ela agarrou-lhe no pulso e torceu-lhe o braço atrás das costas, forçando-o a dobrar-se como um aleijado, e o rosto dele contorceu-se de dor.

– Se queres que a tua irmã recém-nascida viva, afasta-te do caminho e não interfiras! – E largou-o com um empurrão que o fez cair desamparado nos braços de Albrich. Depois virou-se e voltou a encaminhar-se para a tenda de Horst.

– O que aconteceu? – perguntou Eragon, ao reunir-se a ela.

Arya encarou-o de olhos flamejantes.

– A criança é saudável, mas nasceu com um lábio fendido.

Foi então que Eragon entendeu o motivo da explosão de dor das mulheres. As crianças amaldiçoadas com um lábio fendido raramente conseguiam sobreviver; eram difíceis de alimentar e, mesmo que os pais as conseguissem alimentar, sofriam miseravelmente, pois eram ostracizadas, ridicularizadas e nunca seriam um parceiro conveniente para casar. Na maior parte dos casos era preferível para todos que a criança nascesse morta.

– Tens de a curar, Eragon – disse Arya.

– Eu? Mas eu nunca... Porque não tu? Tu sabes mais acerca de curas do que eu.

– Se eu modificar a aparência da criança as pessoas vão dizer que eu a roubei e a substituí por outra. Eu sei das histórias que a tua espécie conta a meu respeito, Eragon – apressa-te a demasiado bem. Fá-lo-ei se for necessário, mas a criança sofrerá para o resto da vida. Tu és o único que a pode salvar de tal destino.

O pânico apossou-se dele. Não queria ser responsável pela vida de outra pessoa, pois era já responsável por muitas.

– Tens de a curar – disse Arya, num tom enérgico. Eragon lembrou-se como os elfos prezavam a vida das suas crianças e a das crianças de todas as raças.

– Ajudas-me, se eu precisar?

– Claro.

Tal como eu, disse Saphira. Seria sequer preciso perguntares?

– Certo – disse Eragon, agarrando no punho de Brisingr, já decidido. – Eu faço-o.

Eragon encaminhou-se para a tenda com Arya ligeiramente atrás, abrindo caminho através das pesadas palas de lã. O fumo das velas fez-lhe arder os olhos. Cinco mulheres de Carvahall estavam reunidas junto à parede e os seus lamentos atingiram-no como um golpe físico. Baloçavam-se como que em transe, repuxando as roupas e arrependando os cabelos enquanto carpiam. Horst estava ao fundo do catre a discutir com Gertrude, de rosto afogueado, inchado e marcado da exaustão. A rotunda curandeira, por seu lado, segurava um volume embrulhado em tecido contra os seios, volume esse que Eragon concluiu conter a criança – embora não pudesse ver o seu rosto – pois algo se torcia e chorava dentro dele, fazendo ainda mais barulho. As faces redondas de Gertrude estavam transpiradas e brilhantes, e ela tinha o cabelo colado à pele. Os seus antebraços nus estavam manchados de vários fluidos. Katrina estava a ajoelhada numa almofada redonda, à cabeceira do catre, a limpar a testa de Elain com um pano húmido.

Eragon mal reconheceu Elain; estava com o rosto abatido e tinha olheiras escuras sob os olhos que pareciam deambular, incapazes de se focar. Um fio de lágrimas

escorria-lhe sobre as têmporas, do canto de cada olho, desaparecendo por baixo das meixas de cabelo emaranhado. Abria e fechava a boca, murmurando palavras ininteligíveis. Um lençol manchado de sangue cobria-lhe o resto do corpo.

Nem Horst nem Gertrude repararam em Eragon até ele se aproximar. Eragon crescera desde que abandonara Carvahall, mas Horst era ainda uns dez centímetros mais alto do que ele. Ao olharem ambos para ele, uma centelha de esperança iluminou a expressão sombria do ferreiro.

– Eragon! – disse, batendo com a mão pesada no ombro deste e encostando-se a ele como se os acontecimentos o tivessem deixado quase incapaz de se aguentar de pé. – Soubeste? – Não era realmente uma pergunta, mas Eragon, acenou com a cabeça. Horst olhou de relance para Gertrude – um olhar breve e fugaz – e depois a sua enorme barba, semelhante a uma pá, começou a mover-se de um lado para o outro, ao mexer o maxilar. Depois, a língua apareceu entre os lábios, ao humedecê-los. – Podes... podes fazer alguma coisa por ela?

– Talvez – disse Eragon. – Vou tentar.

Eragon estendeu os braços. Após um momento de hesitação, Gertrude depositou o volume morno nos seus braços e recuou, com um ar perturbado.

Enterrado nas pregas de tecido, estava o pequeno rosto enrugado da rapariguinha. Tinha a pele vermelha escura, os olhos inchados e fechados e parecia fazer caretas, como se tivesse zangada devido aos recentes maus-tratos – uma reação perfeitamente razoável, na opinião de Eragon. Contudo, a sua característica mais surpreendente era a grande abertura que se estendia da narina esquerda até meio do lábio superior, através da qual se via a pequena língua cor-de-rosa. Era como uma lesma macia e húmida e estremecia de vez em quando.

– Por favor – disse Horst. – Há alguma forma de...

Eragon encolheu-se ao ouvir as mulheres carpirem num tom particularmente estridente.

– Não consigo trabalhar aqui – disse ele.

Ao virar-se para sair, Gertrude disse atrás dele:

– Eu vou contigo. Ela tem de ficar com algum de nós, alguém que saiba cuidar de uma criança.

Eragon não queria Gertrude a pairar em torno dele, enquanto tentava corrigir o rosto da rapariguinha, e estava a ponto de lhe dizer justamente isso quando se lembrou do que Arya lhe dissera acerca de bebés trocados. Alguém de Carvahall, alguém em quem o resto dos aldeões confiassem, deveria testemunhar a transformação da rapariguinha para que mais tarde pudessem assegurar às pessoas que a criança era a mesma.

– Como querias – disse, contendo as suas objeções.

Ao sair da tenda, o bebé contorceu-se nos seus braços e deixou escapar um grito lamentoso. Do outro lado do trilho, os aldeões apontavam e Albriech e Baldor avançaram na direção dele. Eragon abanou a cabeça e eles pararam onde estavam, seguindo-o com os olhos e a impotência estampada no rosto.

Arya e Gertrude colocaram-se de ambos os lados de Eragon, enquanto este atravessava o acampamento em direção à sua tenda. Saphira seguia-os, fazendo tremer o chão sob as suas patas. Os guerreiros que surgiam no caminho desviavam-se rapidamente para lhes dar passagem.

Eragon esforçava-se por caminhar o mais suavemente possível, evitando agitar a criança. Um forte aroma a mofo parecia agarrado à rapariguinha, como o cheiro do chão da floresta num dia quente de verão.

Estavam praticamente a chegar ao seu destino quando Eragon viu Elva, a criança-feiticeira, à beira do caminho, entre duas filas de tendas, com uma expressão circunspecta, olhando-o com os seus grandes olhos violeta. Usava um vestido negro e púrpura, com um longo véu de renda dobrado sobre a cabeça, revelando a marca prateada em forma de estrela, semelhante ao seu *gedwëy ignasia*, que tinha na testa.

Não disse uma palavra nem tentou empatá-lo ou detê-lo. Porém, Eragon entendeu o aviso; a sua presença era uma repreensão. Já antes interferira com o destino de uma criança, com consequências calamitosas. Não podia cometer tamanho erro de novo, não só pelo mal que causaria, mas porque se o fizesse, Elva tornar-se-ia sua inimiga. Apesar de todo o seu poder, Eragon temia Elva. A sua aptidão para sondar a alma das pessoas e adivinhar tudo o que as afligia e as perturbava – e prever tudo o que estava prestes a magoá-las – tornava-a um dos seres mais perigosos de Alagaësia.

“Aconteça o que acontecer”, pensou Eragon ao entrar na tenda escura, “eu não quero molestar esta criança.” Ao dizê-lo, sentiu uma renovada determinação em lhe dar uma hipótese de viver uma existência que as circunstâncias lhe teriam negado.

UMA CANÇÃO DE EMBALAR

A luz ténue do pôr-do-sol iluminava o interior da tenda de Eragon. Tudo lá dentro estava cinzento, como se fosse talhado em granito.

Eragon conseguia distinguir facilmente a forma dos objetos com a sua visão de elfo, mas sabia que Gertrude iria ter dificuldades; por isso disse:

– “Naina hvitr un böllr” – produzindo uma pequena luz mágica e colocando-a a flutuar junto do topo da tenda. A suave esfera branca não produzia calor perceptível, mas iluminava tanto como uma lanterna brilhante. Evitou usar a palavra brisingr no feitiço, para não incendiar o gume da espada.

Ouviu Gertrude deter-se atrás dele e virou-se, vendo-a olhar para a luz mágica e apertar o saco que trouxera consigo. O rosto familiar recordava-lhe a sua casa e Carvahall, e ele sentiu uma inesperada pontada de saudades.

Gertrude baixou lentamente os olhos para ele.

– Como tu mudaste – disse ela. – Acho que o rapaz de quem um dia cuidei, enquanto lutava contra a febre, há muito que desapareceu.

– Ainda me conheces – respondeu Eragon.

– Não, acho que não.

A afirmação perturbou-o, mas não podia dar-se ao luxo de pensar muito no assunto, por isso tentou abstrair-se e aproximou-se do seu catre, transferindo muito delicadamente a recém-nascida dos braços para cima dos cobertores, como se esta fosse de vidro. A rapariguinha acenou-lhe com o punho cerrado. Ele sorriu, tocando-lhe com a ponta do indicador direito e ela gorgolejou suavemente.

– O que tencionas fazer? – perguntou Gertrude, ao sentar-se no único banco que havia junto da parede da tenda. – Como vais curá-la?

– Não sei bem.

Só então Eragon reparou que Arya não os acompanhara até ao interior da tenda. Chamou por ela e ela respondeu do exterior, instantes depois, com a voz abafada pelo tecido grosso que os separava.

– Estou aqui – disse ela – e vou esperar aqui. Se precisares de mim, basta projetares os teus pensamentos na minha direção e eu vou aí.

Eragon franziu ligeiramente o sobrolho, pois contava tê-la perto de si durante o processo para o ajudar no que não sabia e corrigi-lo se cometesse algum erro. “Bom, não tem importância. Poderei à mesma fazer-lhe perguntas, se quiser. Esta é única forma de evitar que Gertrude desconfie que Arya fez algo à bebé.” Eragon estava impressionado com as precauções que Arya estava a tomar para evitar levantar suspeitas de que a criança fora trocada e interrogou-se se ela alguma vez teria sido acusada de roubar um filho a alguém.

A estrutura do catre rangeu ao baixar-se lentamente sobre ela e encarar a criança. Franziu mais o sobrolho. Sentia Saphira a observar a pequena rapariga deitada sobre os cobertores, através de si. A criança estava agora a dormir e parecia alheia ao mundo. A sua língua brilhava através da fenda que lhe dividia o lábio superior.

O que achas?, perguntou ele.

Vai devagar, para que não mordas a tua própria cauda, acidentalmente.

Concordou com ela. Depois, sentiu-se um pouco travesso e perguntou-lhe. Alguma vez te aconteceu morderes a tua própria cauda?

Saphira manteve-se silenciosamente distante, mas ele captou, por breves instantes, uma série de sensações, uma miscelânea de imagens – árvores, erva, sol, as montanhas da Espinha –, bem como o aroma saturado de orquídeas vermelhas e um súbito e doloroso apertão, como se uma porta se tivesse fechado sobre a cauda.

Eragon riu em silêncio para consigo, concentrando-se depois em compor os feitiços que achava serem necessários para curar a criança. Demorou bastante tempo. Cerca de meia hora. Ele e Saphira passaram grande parte do tempo a rever repetidamente as frases ocultas, examinando e debatendo cada palavra e cada frase – mesmo a sua pronunciação – para se assegurarem de que os feitiços produziram o efeito que ele pretendia e nada mais.

A meio da sua conversa silenciosa, Gertrude remexeu-se no lugar e disse:

– Ela parece estar na mesma. O trabalho está a correr mal, não está? Não vale a pena esconderes-me a verdade, Eragon; já lidei com coisas piores na minha vida.

Eragon arqueou as sobrancelhas e disse, brandamente:

– O trabalho ainda não começou.

Gertrude deu-se por vencida e voltou a recostar-se. Tirou um novelo de fio amarelo do saco, uma camisola meio acabada e um par de agulhas de tricô de bétula polida. Os seus dedos ágeis e rápidos moviam-se com a destreza da prática quando começou a tricotar. O ruído constante das agulhas a bater uma na outra reconfortou Eragon. Era um ruído que ouvira frequentemente em criança e que associava aos serões passados à volta da lareira da cozinha, nas noites frias de outono, a ouvir os adultos contar histórias, a fumar cachimbo ou a saborear uma caneca de cerveja preta, depois de um grande jantar.

Quando ele e Saphira se deram finalmente por satisfeitos, concluindo que os feitiços eram seguros e Eragon se assegurou de que não iria tropeçar em nenhum dos estranhos sons da língua antiga, recorreu à força combinada de ambos os corpos e preparou-se para lançar o primeiro dos encantamentos.

Depois hesitou.

Tanto quanto sabia, sempre que os elfos usavam magia para incitar uma árvore ou uma flor a crescer, na forma que desejavam, ou para alterar o seu corpo ou o de outra criatura, formulavam o feitiço sob a forma de uma canção. Parecia-lhe adequado fazer o mesmo, mas conhecia apenas algumas das canções dos elfos e nenhuma delas tão bem que lhe permitisse reproduzir com rigor – ou até mesmo convenientemente – tão belas e intrincadas melodias.

Por isso, decidiu ir buscar uma canção a um recanto profundo da sua memória, uma canção que a sua tia Marion lhe cantava quando era pequeno, antes de a doença a levar; uma canção que as mulheres de Carvahall cantavam em voz baixa aos filhos, desde tempos imemoriais, quando os aconchegavam debaixo das cobertas para uma longa noite de sono – uma canção de embalar. As notas eram simples, fáceis de memorizar e tinham algo de tranquilizante que esperava que ajudasse a manter a criança serena.

Começou suavemente, em voz baixa, deixando as palavras fluir lentamente. O som da sua voz espalhava-se pela tenda como o calor de uma fogueira. Antes de usar magia disse à rapariguinha, na língua antiga, que era seu amigo, que as suas intenções eram boas e que ela devia confiar nele.

Ela remexeu-se no sono, como que em resposta, e o rosto tenso suavizou-se.

Depois, Eragon entoou o primeiro dos feitiços: um simples encantamento com duas frases curtas, que recitou repetidas vezes, como uma oração. A pequena cavidade rosada onde ambos os lados do lábio da criança se encontravam, cintilou e moveu-se, como se uma criatura adormecida comesse a mexer-se abaixo da superfície.

O que ele estava a tentar fazer não era de todo fácil. Tal como os ossos de todos os recém-nascidos, os ossos da criança estavam moles e cartilaginosos, eram diferentes dos de um adulto e consequentemente diferentes de todos os ossos que regenerara durante o tempo que passara com os Varden. Teria de ter cuidado para não preencher o intervalo da boca dela com osso, carne e pele de um adulto, de contrário essas zonas não iriam desenvolver-se convenientemente, em conjunto com o resto do corpo. Além disso, quando reparasse o intervalo no palato superior e nas gengivas, teria de o mover, endireitar e criar duas raízes simétricas para os dentes da frente, algo que nunca fizera antes. Para complicar ainda mais as coisas, nunca vira a criança sem a sua deformidade, por isso não sabia ao certo que aparência deveria

ter a boca e os lábios. Ela parecia-lhe um bebé como todos os outros que vira: roliço, rechonchudo e sem feições definidas. Ocorreu-lhe depois que lhe poderia dar um rosto que parecesse agradável naquele momento, mas que se tornasse estranho e pouco atraente com o passar dos anos.

Por isso prosseguiu cautelosamente, fazendo apenas pequenas modificações de cada vez e fazendo uma pausa depois de cada uma delas, para ponderar nos resultados. Começou pelas camadas mais profundas do rosto da rapariga – os ossos e as cartilagens –, avançando lentamente para fora e cantando à medida que o fazia.

A dada altura, Saphira começou a trautear com ele, lá fora, no sítio onde estava, fazendo vibrar o ar com a sua voz cava. A luz mágica animava-se e esmorecia de acordo com a intensidade do cântico, um fenómeno que Eragon achou extraordinariamente curioso, decidindo inquirir Saphira sobre o assunto, mais tarde.

Palavra após palavra, feitiço após feitiço, hora após hora, a noite foi passando, embora Eragon não prestasse atenção ao passar do tempo. Quando a bebé chorava com fome, alimentava-a com umas gotas de energia. Tanto ele como Saphira evitaram alcançar a sua mente, pois não sabiam de que forma o contacto poderia afetar a sua consciência imatura, mesmo assim roçaram nela algumas vezes; Eragon achou a mente vaga e indistinta, um mar revolto de emoções irrestritas que reduziam tudo o mais no mundo a uma insignificância.

Junto dele, Gertrude continuava a bater com as agulhas uma na outra, interrompendo apenas o ritmo quando perdia a conta das malhas ou tinha de desfazer uma série delas para corrigir um erro.

Muito lentamente, a fissura nas gengivas e no palato da criança fundiu-se num todo, bem como ambos os lados do lábio fendido. A pele fluía como um líquido, configurando lentamente o lábio superior num arco rosado.

Preocupado com a forma do lábio, Eragon perdeu mais algum tempo a remexer nele e a ajustá-lo, até que finalmente Saphira lhe disse: Está feito. Não mexas mais, e ele teve de admitir que não poderia melhorar mais a aparência da criança, apenas piorá-la.

Depois terminou a canção de embalar. Sentia a língua grossa e seca, e a garganta irritada. Levantou-se do catre e ficou meio curvado sobre ele, sentindo os músculos demasiado rígidos para se endireitar totalmente.

Para além da iluminação da luz mágica, uma luz pálida invadiu a tenda, tal como quando tinham começado. No início ficou confuso – certamente que o sol já se tinha posto! – Mas depois percebeu que a luz vinha de Este e não de Oeste e entendeu tudo. Não admira que esteja dorido. Passei a noite inteira sentado!

E eu?, perguntou Saphira. Os meus ossos doem-me tanto como os teus. A confissão dela surpreendeu-o, pois raramente reconhecia o seu próprio desconforto, por muito extremo que fosse. O combate devia tê-la afetado mais do que parecia à primeira vista. Ao chegar a essa conclusão e Saphira apercebendo-se disso, recuou parcialmente da sua mente e disse: Cansada ou não, ainda consigo esmagar qualquer número de soldados que Galbatorix mande para nos deffrontar.

Eu sei.

Guardando o tricô no saco, Gertrude levantou-se e aproximou-se do catre a coxear.

– Nunca pensei ver uma coisa destas – disse ela. – Muito menos, vindo de ti, Eragon, Filho de Brom. – Olhou-o interrogativamente. – Brom era teu pai, não era?

Eragon acenou com a cabeça, dizendo depois num tom de voz rouco:

– Lá isso era.

– Parece fazer um certo sentido.

Eragon não estava na disposição de falar mais no assunto, por isso limitou-se a roncar e a extinguir a luz mágica com um olhar e um pensamento. Tudo ficou imediatamente escuro, iluminado apenas pela luz do amanhecer. A sua visão adaptou-se à mudança mais rapidamente que a de Gertrude que piscou os olhos e franziu o sobrolho, virando a cabeça de um lado ao outro como se não soubesse bem onde estava.

Ao pegar na criança Eragon sentiu-a quente e pesada nos seus braços. Não sabia se o cansaço que sentia se devia à magia que criara ou ao tempo que demorara a cumprir a tarefa.

Ao baixar os olhos para a bebé, foi subitamente assaltado por um instinto de proteção e murmurou:

– “Sé ono waise flia.” Que sejas feliz. – Não era propriamente um feitiço, mas esperava que a ajudasse a evitar alguma da infelicidade que afligia tanta gente ou, no mínimo, que a fizesse sorrir.

E fez mesmo. Um largo sorriso espalhou-se pelo seu rosto diminuto e ela disse com grande entusiasmo:

– Gahh!

Eragon sorriu também. Depois virou-se e saiu da tenda.

Quando afastou as palas da entrada, viu uma pequena multidão reunida num semicírculo, em torno da tenda, uns de pé, outros sentados, outros de cócoras. A maioria era de Carvahall, mas Arya e os outros elfos também lá estavam – um pouco afastados dos outros – bem como diversos guerreiros dos Varden, cujo nome não sabia. Viu Elva escondida atrás de uma tenda próxima, com o véu de renda preto puxado para baixo, tapando-lhe o rosto.

Eragon concluiu que o grupo devia estar há horas à espera e ele não dera sequer pela sua presença. Estava em segurança com Saphira e os elfos de guarda, mas não tinha desculpa para se tomar tão complacente.

“Tenho de fazer melhor do que isto”, disse para si mesmo.

Horst e os filhos estavam à frente da multidão. Horst olhou para o volume nos braços de Eragon, de testa franzida, e abriu a boca como se fosse dizer algo, mas não emitiu qualquer som.

Sem qualquer tipo de pompa ou cerimónia, Eragon aproximou-se do ferreiro e virou a criança para que ele lhe pudesse ver o rosto. Por instantes Horst não se mexeu, mas depois os seus olhos começaram a cintilar e o seu semblante carregado deu lugar a uma expressão de alegria e a um alívio tão profundos que poderiam ser confundidos com dor.

Ao entregar a bebé a Horst, Eragon disse:

– Tenho as mãos demasiado sujas de sangue para este tipo de trabalho, mas fico feliz por ter podido ajudar.

Horst tocou no lábio superior da filha com a ponta do dedo do meio e abanou a cabeça:

– Não posso acreditar... não posso acreditar... – Olhou para Eragon. – Eu e Elain ficaremos eternamente em dívida para contigo. Se...

– Não há dívida nenhuma – disse Eragon, delicadamente. – Fiz apenas o que qualquer pessoa faria se pudesse.

– Mas foste tu que a curaste e é a ti que estou grato.

Eragon hesitou e depois curvou a cabeça, aceitando a gratidão de Horst.

– Que nome lhe vais dar?

O ferreiro sorriu para a filha.

– Se Elain gostar, pensei em chamar-lhe Esperança.

– Esperança... é um bom nome. Todos precisamos de um pouco de esperança nas nossas vidas. Como está Elain?

– Cansada mas bem.

Depois Albriech e Baldor reuniram-se em torno do pai, olhando para a sua nova irmã, tal como Gertrude – que saíra da tenda pouco depois de Eragon. Assim que perderam a timidez, todos os outros aldeões se reuniram a eles. Até um grupo de guerreiros curiosos se acotovellavam junto de Horst, esticando o pescoço para tentar ter um vislumbre da criança.

Algum tempo depois, os elfos descruzaram os seus longos braços e aproximaram-se também. Ao verem-nos, todos se desviaram apressadamente do caminho para dar passagem até Horst. O ferreiro empertigou-se e crispou o maxilar, como um bulldog, enquanto os elfos se curvavam e examinavam a bebé, um por um,

sussurrando-lhe por vezes uma ou duas palavras na língua antiga. Nenhum pareceu reparar ou importar-se com os olhares desconfiados que os aldeões lhes atiravam.

Quando já só estavam apenas três elfos em fila, Elva saiu apressadamente de trás da tenda onde estivera escondida e reuniu-se à cauda da procissão. Pouco depois estava diante de Horst. Embora parecesse relutante, o ferreiro baixou os braços e dobrou os joelhos, mas era muito mais alto que Elva pelo que ela teve de se pôr em bicos de pés para ver a criança. Eragon conteve a respiração enquanto ela olhava para a criança anteriormente deformada, incapaz de adivinhar a sua reação através do véu.

Segundos depois Elva voltou a assentar os calcanhares no chão, avançando determinadamente pelo caminho que passava pela tenda de Eragon. A uns vinte metros de distância parou e virou-se na direção dele.

Ele inclinou a cabeça e arqueou a sobrancelha.

Ela acenou com um movimento breve e brusco de cabeça, e seguiu o seu caminho.

Enquanto Eragon a via afastar-se, Arya aproximou-se:

– Devias estar orgulhoso do que fizeste – murmurou. – A criança é saudável e bem formada. Nem os mais hábeis feiticeiros poderiam melhorar a tua magia. Concedeste algo de grandioso a esta bebé – um rosto e um futuro – e tenho a certeza de que ela não o esquecerá... Nenhum de nós esquecerá.

Eragon reparou que Arya e todos os elfos o olhavam com um respeito renovado – mas era a admiração e a aprovação de Arya que mais significado tinha para si.

– Tive os melhores mestres – respondeu ele, num tom igualmente baixo. Arya não argumentou e ficaram ambos a observar os aldeões a pairar em torno de Horst e da filha, trocando palavras de entusiasmo. Sem tirar os olhos deles, Eragon inclinou-se para Arya e disse:

– Obrigado por ajudares Elain.

– Não tens de agradecer. Teria sido negligente se não o fizesse.

Host virou-se e levou a criança para dentro da tenda, para que Elain visse a sua filha recém-nascida, mas o aglomerado de gente não parecia querer dispersar e quando Eragon se fartou de apertar mãos e responder a perguntas, despediu-se de Arya e escapou-se para a sua tenda, fechando e prendendo as palas depois de entrar.

Não quero ver ninguém nas próximas dez horas, nem mesmo Nasuada, a menos que sejamos atacados, disse a Saphira, atirando-se para cima do catre. Importas-te de informar Blödhgarm?

Claro, disse ela. Descansa, pequenino. Eu farei o mesmo.

Eragon suspirou e colocou um braço sobre o rosto, protegendo-se da luz da manhã. A sua respiração abrandou, a sua mente começou a vaguear e, pouco depois, as estranhas visões e sons dos seus devaneios envolveram-no – reais ainda que imaginários; vívidos ainda que transparentes, como se as visões fossem feitas de vidro colorido – e, durante algum tempo, conseguiu esquecer as responsabilidades e os angustiantes acontecimentos do dia anterior. Ouvia a canção de embalar em todos os sonhos, como um sussurro do vento, meio audível, meio perdido, deixando que esta o embalasse com as memórias de casa, acalentando nele uma paz infantil.

SEM DESCANSO

Dois anões, dois homens e dois Urgals dos Falcões Noturnos – a guarda pessoal de Nasuada – estacionados do lado de fora da sala do castelo onde instalara o seu quartel-general, fitaram Roran com um olhar insonso e vazio, e ele olhou-os com um ar igualmente inexpressivo.

Um jogo que já antes tinham jogado.

Apesar da impossibilidade dos Falcões Noturnos, Roran sabia que eles estavam a congeminar a forma mais rápida e mais eficaz de o matar. Sabia-o porque estava a fazer o mesmo em relação a eles, como sempre fizera.

“Teria de retroceder o mais depressa possível... dispersá-los um pouco, concluiu. Os homens seriam os primeiros a apanhar-me, pois são mais rápidos que os anões e iriam empatar os Urgals atrás de si... Tenho de lhes tirar aquelas alabardas. Seria difícil, mas creio que conseguiria... pelo menos a um deles. Talvez tivesse de lhes atirar o martelo. Logo que tivesse uma alabarda, poderia manter os outros à distância. Os anões não teriam grandes hipóteses, mas os Urgals seriam um problema. Brutamontes horrendos... Se usasse aquele pilar para me proteger, poderia...”

A porta revestida de ferro, entre as duas linhas de guardas, rangeu ao abrir-se. Um pajem de roupas coloridas com dez ou doze anos saiu e anunciou mais alto do que seria necessário:

– Lady Nasuada irá receber-te agora!

Vários guardas distraídos estremeceram e os seus olhos vacilaram por uns instantes. Roran sorriu ao passar por eles e ao entrar na sala, sabendo que o seu lapso por muito ligeiro que fosse, ter-lhe-ia permitido matar pelo menos dois deles, antes que pudessem retaliar. “Fica para a próxima”, pensou.

A sala era grande, retangular e parcamente decorada: um tapete demasiado pequeno no chão; uma estreita tapeçaria, roída pelas traças, pendurada na parede, à sua esquerda; e uma janela ogival na parede da direita. Para além disso, não havia qualquer decoração. Encostada a um canto estava uma longa mesa de madeira, com pilhas de livros, pergaminhos e folhas de papel soltas. Algumas cadeiras enormes – com estofos de cabedal fixos com fiadas de tachas de latão oxidado – estavam espalhadas em torno da mesa, mas nem Nasuada, nem as doze pessoas que andavam atarefadas em torno dela, se dignavam usá-las. Jörmundur não estava lá, mas Roran conhecia vários dos guerreiros presentes: lutara ao lado de alguns, vira outros em combate ou ouvira os homens da sua companhia falar deles.

– ... e não me interessa que tenha um ataque de bócio! – exclamou Nasuada, batendo ruidosamente com a palma da mão direita na mesa. – Se não tivermos essas ferraduras e mais algumas, mais vale comermos os cavalos pois não vão servir-nos para nada. Estamos entendidos?

Os homens responderam afirmativamente como se fossem um só. Pareciam um pouco intimidados, senão envergonhados. Roran achava estranho e ao mesmo tempo impressionante que Nasuada, sendo mulher, conseguisse impor tanto respeito aos seus guerreiros, respeito esse que partilhava. Ela era uma das pessoas mais determinadas e inteligentes que jamais conhecera e estava convencido de que ela teria sido bem sucedida independentemente do sítio onde tivesse nascido.

– Agora, vão! – disse Nasuada e, quando os oito homens passaram por ela, fez sinal a Roran para que se aproximasse da mesa. Ele esperou pacientemente enquanto ela mergulhava uma pena num tinteiro e rabiscava várias linhas num pequeno pergaminho, entregando-o depois a um pajem e dizendo:

– Entrega isto ao anão Narheim e, desta vez, certifica-te de que obténs a sua resposta antes de regressares. Senão mando-te para os Urgals fazer recados e limpezas.

– Sim, Senhora! – disse o rapaz, saindo apressadamente, meio apavorado.

Nasuada começou a folhear uma pilha de papéis que tinha diante de si, dizendo depois sem levantar os olhos:

– Estás bem repousado, Roran?

Ele perguntou-se porque teria ela interesse em saber isso.

– Nem por isso.

– Mas que infelicidade. Estiveste acordado toda a noite?

– Parte da noite. Elain, a mulher do nosso ferreiro, deu à luz ontem, mas...

– Sim, eu fui informada. Presumo que não ficaste de vigília até Eragon curar a criança.

– Não, estava demasiado cansado.

– Pelo menos tiveste esse bom senso. – Esticando o braço sobre a mesa, pegou num outro pedaço de papel e examinou-o em detalhe antes de o juntar à pilha. Depois disse no mesmo tom prosaico que utilizara antes. – Tenho uma missão para ti, Martelo de Ferro. As nossas tropas encontraram forte resistência em Aroughs – maior do que prevíamos. O Capitão Brigman não conseguiu resolver a situação e agora nós precisamos desses homens de volta. Portanto, vou mandar-te a Aroughs para substituíres Brigman. Tens um cavalo à tua espera no portão Sul. Cavalgarás o mais depressa possível até Feinster e daí para Aroughs. Terás um cavalo fresco à tua espera de quinze em quinze quilómetros, daqui até Feinster. Daí em diante, terás de ser tu próprio a arranjar os cavalos. Conto que chegues a Aroughs dentro de quatro dias. Depois de pores o sono em dia, terás aproximadamente... três dias para acabar com o cerco. – Levantou os olhos para ele. – De hoje a uma semana quero o nosso estandarte desfraldado em Aroughs. Não quero saber como o vais fazer, Martelo de Ferro. Quero apenas que o faças. Se não podes, não tenho outra alternativa senão mandar Eragon e Saphira a Aroughs, o que nos deixará praticamente indefesos, no caso de Murtagh ou Galbatorix nos atacarem.

“E Katrina ficaria em perigo”, pensou Roran. Uma sensação desagradável assentou-lhe nas entranhas. Cavalgar até Aroughs em apenas quatro dias iria ser um suplício horrível, especialmente, estando ele tão dorido e contundido. Além disso, tomar a cidade em tão pouco tempo seria combinar sofrimento com loucura. No geral, a missão era tão apelativa como lutar com um urso de mãos amarradas atrás das costas.

Coçou a face através da barba.

– Eu não tenho experiência nenhuma em cercos – disse ele. – Muito menos desta forma. Deve haver alguém nos Varden mais indicado para a missão. Que tal Martland Barba Ruiva?

Nasuada fez um gesto displicente.

– Ele não pode cavalgar a todo o galope com uma só mão. Devias ter mais confiança em ti próprio, Martelo de Ferro. É certo que há outros entre os Varden que sabem mais sobre a arte da guerra – homens que estão no terreno há mais tempo e que foram treinados pelos melhores guerreiros da geração dos seus pais – mas, quando toca a desembainhar espadas e a combater, o mais importante não é o conhecimento nem a experiência mas ganhar, e essa é uma estratégia que tu pareces dominar. Além disso, tens sorte.

Poisou os papéis que estavam por cima e apoiou-se nos braços.

– Tu provaste que sabes lutar e que sabes seguir ordens... quando estás para aí virado, quero eu dizer. – Ele resistiu à tentação de curvar os ombros, ao lembrar-se do ardor amargo e incandescente do chicote a retalhar-lhe as costas depois de ser castigado por desafiar as ordens do Capitão Cedric. – Provaste que sabes comandar um destacamento invasor, por isso vamos ver se és capaz de algo mais, Roran Martelo de Ferro.

Ele engoliu em seco.

– Sim, Senhora.

– Ótimo. Por agora promovo-te a capitão. Se fores bem sucedido em Aroughs, poderás considerar o título permanente, pelo menos até demonstrares que mereces maiores ou menores honras. – Voltando a olhar para a mesa, começou a separar uma confusão de pergaminhos, obviamente à procura de algo escondido por baixo.

– Obrigado.

Nasuada respondeu com um vago ruído evasivo.

– Quantos homens terei sob as minhas ordens em Aroughs? – perguntou ele.

– Dei mil guerreiros a Brigman para tomar a cidade. Desses mil não restam mais de oitocentos, ainda em condições de lutar.

Roran quase praguejou alto. “Tão poucos.”

Nasuada disse num tom de voz seco, como se o tivesse ouvido.

– Fomos levados a crer que as defesas de Aroughs eram mais fáceis de vencer do que são na realidade.

– Compreendo. Posso levar comigo dois ou três homens de Carvahall? Dissestes uma vez que nos permitirias lutar juntos se nós...

– Sim, sim – disse ela, acenando com a mão. – Eu sei o que disse. – E comprimiu os lábios, a ponderar no assunto. – Muito bem, leva quem quiseses, desde que partas dentro de uma hora. Informa-me quantos homens vão contigo e eu tomarei providências para ter o número de cavalos necessários à espera, pelo caminho.

– Posso levar Cam? – perguntou ele, referindo-se ao mágico ao lado de quem lutara em várias ocasiões.

Ela fez uma pausa e fitou por instantes a parede, com um olhar disperso. Depois, para seu alívio, acenou afirmativamente, retomando a sua busca no amontoado de pergaminhos.

– Ah, aqui está. – Tirou um tubo de pergaminho preso com uma tira de couro. – Um mapa de Aroughs e das imediações, bem como um mapa maior da província de Fenmark. Sugiro que os estudes a ambos, muito cuidadosamente.

Entregou-lhe o tubo que ele guardou dentro da túnica.

– Aqui está a tua missão – disse ela, entregando-lhe um retângulo de pergaminho dobrado e selado com uma gota de cera vermelha – e aqui estão as tuas ordens. – Entregou-lhe um segundo retângulo mais grosso que o primeiro. – Mostra-as a Brigman, mas não deixes que ele fique com elas. Se a memória não me engana, nunca aprendeste a ler, pois não?

Ele encolheu os ombros.

– Para quê? Sei contar e calcular tão bem como qualquer outro homem. O meu pai dizia que ensinar-nos a ler fazia tanto sentido como ensinar um cão a andar nas patas traseiras: é divertido mas não vale o esforço.

– E eu poderia concordar se continuasses a ser lavrador, mas já não és. – Fez um gesto para os pergaminhos que ele tinha na mão. – Um destes pergaminhos poderia ser um mandato a ordenar a tua execução. Não me serves de muito, nestas circunstâncias, Martelo de Ferro. Não posso enviar-te mensagens que os outros não tenham de te ler e se precisares de me enviar informações, não tens outra alternativa senão confiar num dos teus subalternos para que registe as tuas palavras com rigor. Isso torna-te facilmente manipulável e pouco digno de confiança. Se esperas evoluir nos Varden, sugiro que procures alguém que te ensine. Agora, retira-te! Há outros assuntos que exigem a minha atenção.

Estalou os dedos e um dos pajens correu ao seu encontro. Colocando uma mão no ombro do rapaz, baixou-se ao nível dele e disse:

– Quero que vás buscar Jörmundur e o tragas aqui diretamente. Encontrá-lo-ás algures na rua do mercado, onde aquelas três casas... – Deteve-se a meio das instruções e arqueou a sobrancelha ao ver que Roran não se mexera. – Precisas de mais alguma coisa, Martelo de Ferro? – perguntou.

– Sim. Gostaria de ver Eragon antes de partir.

– Por que motivo?

– Grande parte das proteções que me concedeu, antes da batalha, desapareceram.

Nasuada franziu o sobrolho e depois disse ao pajem:

– Na rua do mercado onde aquelas três casas foram incendiadas. Conheces o local a que me estou a referir? Ótimo, então vai. – Bateu ao de leve nas costas do rapaz e endireitou-se enquanto ele corria para fora da sala. – Seria melhor que não o visses.

A sua afirmação confundiu Roran mas este ficou em silêncio, esperando que ela se explicasse. Nasuada explicou-se, embora indiretamente.

– Reparaste como Eragon estava fático durante a minha audiência com os homens-gato?

– Mal se aguentava de pé.

– Exatamente. Ele excedeu-se, Roran. Ele não te pode proteger a ti, a mim, a Saphira, a Arya e sabe-se lá quem mais e conseguir ainda fazer o que tem a fazer. Ele precisa de poupar as suas forças para quando tiver de defrontar Murtagh e Galbatorix. Quanto mais nos aproximarmos de Urû’baen, mais importante será que esteja preparado para os enfrentar a qualquer momento, de dia ou de noite. Não podemos permitir que todas essas preocupações e distrações o enfraqueçam. Foi nobre da sua parte curar o lábio fendido da criança, mas a sua façanha poderia ter-nos custado a guerra!

«Tu lutaste sem proteções quando os Ra’zac atacaram a vossa aldeia na Espinha. Se gostas do teu primo e queres derrotar Galbatorix, terás de voltar a aprender a lutar sem elas.»

Quando terminou, Roran, curvou a cabeça. “Ela tinha razão.”

– Partirei imediatamente.

– Agradeço-te muito.

– Com a vossa permissão...

Roran virou-se e encaminhou-se para a porta mas, no momento em passava pela soleira da porta, Nasuada chamou-o:

– Ah, Martelo de Ferro.

Ele olhou para trás, curioso.

– Tenta não incendiar Aroughs, por favor. As cidades são bastante difíceis de substituir.

DANÇA DE ESPADAS

Eragon bateu com os calcanhares num dos lados da rocha onde estava sentado, aborrecido e impaciente para partir.

Ele, Saphira e Arya – bem como Blödhgarm e os outros elfos – estavam junto à estrada que saía da cidade de Belatona e se estendia para Este através de campos de cultivo maduros e verdejantes, passando pela ampla ponte de pedra que atravessava o Rio Jiet e contornando, finalmente, o Lago Leona, a Sul. Aí, a estrada bifurcava para a direita, em direção às Planícies Flamejantes, e para Norte, em direção a Dras-Leona e Urû'baen.

Milhares de homens, anões e Urgals andavam de um lado para o outro a discutir e a gritar, em frente do portão Este de Belatona e dentro da própria cidade, enquanto os Varden se tentavam organizar numa unidade coesa. Para além dos grupos heterogêneos de guerreiros a pé, havia ainda a cavalaria do rei Orrin – uma turba inquieta e ruidosa de cavalos. Atrás do exército de guerreiros seguia a caravana de mantimentos: uma fila de dois quilómetros e meio de carretas, carroças e galinheiros com rodas, flanqueada pelas grandes manadas de gado bovino que os Varden tinham trazido de Surda e que incluía agora todos os animais que tinham conseguido expropriar dos fazendeiros que encontraram pelo caminho. Junto das manadas e da caravana de mantimentos ouviam-se bois a mugir, burros e mulas a zurrar, gansos a grasnar e cavalos de carga a relinchar.

O suficiente para Eragon desejar tapar os ouvidos.

Dir-se-ia que éramos melhores nisto, tendo em conta as vezes que já o fizemos antes, comentou com Saphira, ao saltar da rocha.

Ela fungou. Deviam pôr-me ao comando; assustá-los-ia de tal forma que os colocaria em posição em menos de uma hora e não teríamos de perder tanto tempo à espera.

A ideia divertiu-o. Sim, estou certo que o conseguirias... Mas tem cuidado com que dizes, pois Nasuada poderá obrigar-te a fazê-lo.

Eragon, pensou depois em Roran, que já não via desde a noite em que curara a filha de Horst e de Elain, interrogando-se como estaria o primo, preocupado pelo facto de o deixar tão longe.

– Mas que grande imprudência – murmurou Eragon, lembrando-se que Roran partira sem deixar que ele lhe renovasse as proteções.

Ele é um caçador experiente, fez notar Saphira, não vai cometer a imprudência de permitir que a sua presa o ataque.

Eu sei, mas às vezes acontece... Ele devia ser cauteloso, só isso. Não quero que regresse aleijado, ou pior do que isso, embrulhado numa mortalha.

Um estado de espírito sombrio apossou-se de Eragon, mas depois ele reagiu, saltando várias vezes no chão, inquieto e ansioso por fazer um pouco de exercício físico antes de passar as horas seguintes sentado no dorso de Saphira. A oportunidade de voar com ela era bem-vinda, mas a perspectiva de ficar o dia inteiro circunscrito aos mesmos vinte quilómetros, a voar em círculos sobre as tropas que avançavam lentamente, tipo abutre, não lhe agradava. Sozinhos, ele e Saphira conseguiriam chegar a Dras-Leona nessa mesma tarde, talvez até antes.

Afastou-se da estrada e encaminhou-se para uma extensão de erva relativamente plana. Aí, ignorando os olhares de Arya e do resto dos elfos, desembainhou Brisingr, assumindo a primeira posição de combate que Brom lhe ensinara, há tanto tempo atrás. Inspirou lentamente e baixou-se um pouco, sentindo a textura do chão através da sola dos sapatos.

Brandiu a espada em torno da cabeça com uma breve e sonora exclamação, desferindo um golpe transversal que teria cortado ao meio qualquer homem, elfo ou Urgal, independentemente da sua armadura. Imobilizou a espada a menos de dois centímetros do chão e segurou-a, fazendo-a estremecer ligeiramente na mão. O metal azul tinha uma tonalidade vívida, quase irreal, em contraste com a erva.

Eragon voltou a inspirar e saltou para a frente, golpeando o ar como se este fosse um inimigo mortal. Praticou, um por um, todos os movimentos básicos do manejo da espada em combate, concentrando-se mais na precisão do que propriamente na velocidade ou na força.

Quando se sentiu agradavelmente aquecido no seu trabalho de perícia, olhou para os guardas, parados em semicírculo a alguma distância dele.

– Algum de vós se importa de lutar comigo durante uns minutos? – perguntou, levantando a voz.

Os elfos olharam uns para os outros, com uma expressão ilegível, e depois o elfo Wurden avançou.

– Se isso te dá prazer, eu poderei fazê-lo, Aniquilador de Espetros. Contudo, peço-te que uses o teu elmo enquanto lutamos.

– De acordo.

Eragon voltou a embainhar Brisingr, correu para junto de Saphira, e cortou a almofada do polegar numa das escamas, ao amarinhar pelo seu flanco. Usava a túnica de cota de malha, as caneleiras e os braçais, mas guardara o elmo num dos alforjes para que não caísse de Saphira e se perdesse na erva.

Ao pegar no elmo, viu o baú que continha o coração dos corações de Glaedr embrulhado num cobertor, aninhado no fundo do alforge. Esticando o braço, tocou no volume amarrado e prestou uma homenagem silenciosa ao que restava do majestoso dragão dourado, fechando depois o alforge e saltando do dorso de Saphira.

Ao regressar ao campo de erva, Eragon colocou a touca de proteção e o elmo, lambeu o sangue do dedo e calçou as luvas, esperando que o golpe não sangrasse muito dentro da luva. Usando ligeiras variações do mesmo feitiço, ele e Wyrden ergueram ténues barreiras – invisíveis, a não ser pelas vagas ondulações que provocavam no ar – no gume das espadas, para não cortarem nada. Baixaram também as defesas que os protegiam fisicamente.

Depois colocaram-se em posições opostas, fizeram uma vénia e ergueram as espadas. Eragon fitou os olhos negros e atentos do elfo, ao mesmo tempo que Wyrden fitava os seus. De olhos pregados no adversário, Eragon avançou com cautela, tentando aproximar-se lentamente do lado direito de Wyrden, onde o elfo teria mais dificuldade em defender-se, por ser destro.

O elfo virou-se lentamente, esmagando a erva por baixo dos calcanhares, e manteve-se orientado na direção de Eragon. Eragon deu mais alguns passos e parou. Wyrden estava demasiado atento e era demasiado experiente para que Eragon o conseguisse flanquear. Jamais conseguiria apanhar o elfo desprevenido. A menos que o conseguisse distrair, claro.

Mas antes que pudesse decidir como prosseguir, Wyrden fingiu que ia desferir-lhe um golpe na perna direita, como se pretendesse atingi-lo no joelho, e mudou de direção a meio do golpe, torcendo o pulso e o braço para golpear Eragon no peito e no pescoço.

O elfo foi rápido, mas Eragon foi ainda mais rápido ao aperceber-se da mudança de posição que traiu as intenções de Wyrden, recuando meio passo, dobrando o cotovelo e passando-lhe a espada junto do rosto.

– Ah! – gritou Eragon, ao aparar a espada de Wyrden com Brisingr. As lâminas soltaram um ruído agudo ao chocarem uma com a outra.

Com algum esforço, Eragon empurrou Wyrden para trás, atirando-se depois a ele e atacando-o com uma série de golpes enérgicos.

Durante alguns minutos lutaram sobre o campo de erva. Eragon desferiu a primeira estocada – um ligeiro golpe na anca de Wyrden – e a segunda também, mas daí em diante o duelo tornou-se mais equilibrado, pois o elfo percebeu a natureza do combate de Eragon e começou a antecipar os seus padrões de ataque e de defesa. Eragon raramente tinha oportunidade de se pôr à prova em combate com alguém tão rápido e forte como Wyrden, por isso apreciou a disputa com o elfo.

Contudo o seu prazer esfumou-se, quando Wyrden lhe desferiu quatro estocadas numa rápida sucessão. Uma no ombro, duas nas costelas e um terrível golpe ao longo do abdómen. Os golpes doeram-lhe, mas o orgulho doeu-lhe ainda mais. Preocupava-o que o elfo tivesse sido capaz de penetrar tão facilmente nas suas

defesas. Eragon sabia que, ao conseguir derrotar Wyrden nos primeiros golpes, se estivessem a lutar a sério, mas tal pensamento não era grande consolo. Não devias deixá-lo atingir-te tantas vezes, comentou Saphira.

Sim, eu sei, rugiu ele.

Queres que eu o derrube por ti?

Não... hoje não.

Eragon baixou a espada, num estado de espírito amargo, e agradeceu a Wyrden por lutar com ele. O elfo fez uma vénia e disse:

– Não tens de agradecer, Aniquilador de Espetros – voltando a reunir-se aos camaradas.

Eragon cravou Brisingr no chão, entre as botas – algo que jamais faria com uma espada de aço normal – e poisou as mãos no punho, enquanto observava os homens e os animais amontoados na estrada que saía da vasta cidade de pedra. A turbulência entre as hostes diminuía consideravelmente e ele calculou que já não deveria faltar muito para que as trompas dos Varden lhes dessem ordem para avançar.

Entretanto, continuava a sentir-se inquieto.

Olhou para Arya, que estava junto de Saphira, e um sorriso espalhou-se gradualmente pelo seu rosto. Poisando Brisingr sobre o ombro, aproximou-se calmamente dela, apontando para a espada.

– E tu, Arya? Só lutámos juntos daquela vez em Farthen Dur. – O sorriso alargou-se e fez um floreado com Brisingr. – Melhorei um pouco desde então.

– Pois melhoraste.

– Então, o que me dizes?

Ela olhou criticamente para os Varden e encolheu os ombros.

– Porque não?

Ao encaminharem-se para a extensão plana de erva, ele disse:

– Não vais conseguir vencer-me tão facilmente como antes.

– Tenho a certeza que não.

Arya aprontou a espada e, depois, viraram-se um para o outro, a cerca de nove metros de distância. Sentindo-se confiante, Eragon avançou rapidamente, pois já sabia onde a iria atingir: no ombro direito.

Arya ficou onde estava e não fez qualquer tentativa para se esquivar e, quando ele estava a menos de quatro metros, lançou-lhe um sorriso afetuoso e radioso que lhe enalteceu de tal forma a beleza que Eragon vacilou e seus pensamentos baralharam-se.

Um fio de aço cintilou na sua direção, mas ele demorou demasiado tempo a erguer Brisingr para aparar o golpe. Um choque percorreu-lhe o braço e ele sentiu a ponta da espada roçar em algo sólido – punho, lâmina ou carne, não sabia ao certo o que era. Fosse o que fosse, percebeu que avaliara mal a distância e que a sua reação o deixara vulnerável ao ataque.

Antes que pudesse conter o seu impulso para diante, um outro impacto desviou-lhe bruscamente o braço que empunhava a espada para o lado. Depois sentiu um nó de dor no tronco, quando Arya o atingiu no torso e o atirou ao chão.

Eragon gemeu, ao aterrar de costas, e ficou sem ar nos pulmões. Olhou para o céu de boca aberta e tentou respirar, mas tinha o abdómen contraído e rijo como pedra, não conseguindo encher os pulmões de ar. Uma constelação de pontos vermelhos surgiu-lhe diante dos olhos e, durante alguns segundos de desconforto, recebeu perder a consciência. Mas depois libertou os músculos e arfou ruidosamente, conseguindo voltar a respirar.

Logo que recuperou a clareza, voltou a levantar-se lentamente, usando Brisingr para se amparar e apoiou-se na espada, curvado como um velho, esperando que a dor no estômago abrandasse.

– Tu fizeste batota – disse ele, rilhando os dentes.

– Não. Explorei uma fraqueza do meu adversário, o que é diferente.

– Achas... que aquilo foi uma fraqueza?

– Em combate, sim. Queres continuar?

Ele arrancou Brisingr da relva, em resposta, regressando ao local onde tinha iniciado a luta e erguendo a espada.

– Ótimo – disse Arya. Colocando-se na mesma posição, diante dele.

Desta vez, Eragon foi muito mais cauteloso ao aproximar-se dela e Arya não ficou no mesmo sítio, avançando cautelosamente, sempre com os olhos verdes claros fixos nele.

Ela estremeceu e Eragon retraiu-se.

Depois, percebeu que estava a conter a respiração e fez um esforço para descontraí-la.

Deu mais um passo em frente e brandiu a arma velozmente, com toda a força.

Ela aparou o golpe em direção às suas costelas, tentando atingi-lo na axila exposta. O lado rombo da espada dela roçou-lhe nas costas da mão livre, arranhando a cota de malha cosida à luva, ao afastar bruscamente a espada com a mão. Nesse momento, o torso de Arya estava exposto, mas ainda estavam demasiado próximos para que Eragon conseguisse efetivamente golpeá-la.

Em vez disso, atirou-se para a frente tentando atingi-la no esterno com o punho da espada, a fim de a derrubar, tal como ela lhe fizera.

Ela torceu o corpo, desviando-se do caminho, e Eragon cambaleou para a frente atingindo o ar com o punho da espada.

Depois deu consigo imóvel, com um dos braços de Arya à volta do pescoço e a face fria e escorregadia da lâmina encantada encostada ao maxilar, sem perceber bem como isso acontecera.

Atrás dele, Arya sussurrou-lhe ao ouvido direito.

– Podia ter-te cortado a cabeça tão facilmente como quem arranca uma maçã de uma árvore.

Depois libertou-o e empurrou-o. Ele deu meia volta, furioso, e viu que ela já estava à sua espera, de arma em posição, com uma expressão determinada.

A raiva apossou-se dele e Eragon atacou-a.

Trocaram quatro golpes, cada um mais terrível que o anterior. Arya atacou-o primeiro, tentando golpeá-lo nas pernas. Ele aparou o golpe e tentou atingi-la transversalmente na cintura, mas ela esquivou-se do gume cintilante de Brisingr. Sem lhe dar oportunidade de retaliar, ele prosseguiu com um ardiloso golpe circular, que ela aparou com uma facilidade enganadora. Depois avançou e roçou-lhe com a espada pela barriga, com a leveza de uma asa de beija-flor. Arya manteve a sua posição ao concluir o golpe, com o rosto a escassos centímetros do dele, a testa brilhante e as faces afogueadas.

Libertaram-se um do outro com uma cautela exagerada.

Eragon endireitou a túnica, agachando-se depois junto de Arya. A fúria da batalha diluiu-se, deixando-o concentrado, senão totalmente descontraído.

– Não entendo – disse ele, baixinho.

– Estás demasiado habituado a lutar com os soldados de Galbatorix. Eles não têm hipótese de te igualar, por isso corres riscos que de outra forma seriam a tua desgraça. Os teus ataques são demasiado óbvios – não devias recorrer à força bruta – e tornaste-te descuidado na defesa.

– Ajudas-me? – pediu. – Lutas comigo quando puderes?

Ela acenou com a cabeça.

– Claro. Mas se eu não puder, pratica com Blödhgarm. Ele é tão hábil como eu no manejo da espada. Precisas apenas de praticar com parceiros convenientes.

Eragon tinha acabado de abrir a boca para lhe agradecer quando sentiu a presença de outra consciência para além da de Saphira, a tentar penetrar-lhe a mente. Era vasta e assustadora e estava impregnada da mais profunda melancolia; uma tristeza tão grande, que a garganta de Eragon se contraiu e as cores do mundo pareceram perder o brilho. Numa voz pausada e profunda, como se falar fosse um esforço quase insuportável, Glaedr, o dragão dourado, disse:

Tens de aprender... a observar o que vês.

Depois a presença esfumou-se, deixando atrás de si um vazio negro.

Eragon olhou para Arya. Ela parecia tão abalada quanto ele; também ouvira as palavras de Glaedr. Atrás dela, Blödhgarm e os outros elfos murmuravam inquietos. Enquanto isso, Saphira torcia o pescoço à beira da estrada, tentando olhar para os alforges que tinha presos ao dorso.

Todos eles tinham ouvido, concluiu Eragon.

Arya e Eragon levantaram-se, correndo para Saphira que disse:

Ele não irá responder-me. Onde quer que estivesse, voltou e não ouvirá nada a não ser a sua mágoa. Vejam...

Eragon uniu a sua mente à dela e à de Arya e os três tentaram alcançar o coração dos corações de Glaedr, escondido dentro dos alforges. O que restava do dragão parecia mais forte do que antes, mas a sua mente continuava fechada à comunicação exterior e a sua consciência mantinha-se letárgica e indiferente como sempre, desde que Galbatorix assassinara o seu Cavaleiro, Oromis.

Eragon, Saphira e Arya tentaram despertar o dragão do seu estupor, contudo Glaedr ignorou-os sistematicamente, dando-lhes a mesma importância que um urso das cavernas daria a meia dúzia de moscas a zunir em torno da sua cabeça.

Ainda assim, Eragon não podia deixar de pensar que a indiferença de Glaedr não era tão absoluta como parecia, dado o seu comentário.

Finalmente, deram-se os três por vencidos e retornaram aos respetivos corpos. Quando Eragon voltou a si, Arya disse:

– Talvez se tocássemos no seu Eldunari...

Eragon embainhou Brisingr, saltou depois para a pata dianteira direita de Saphira, e subiu para a sela encarrapitada sobre a crista dos ombros, torcendo-se na sela e começando a remexer nas fivelas dos alforges.

Abriu uma das fivelas e estava a remexer na outra quando o ruído insolente de uma trompa ressoou, na dianteira dos Varden, indicando que avançassem. Logo que se ouviu o sinal, a vasta caravana de homens e animais começou a andar, a princípio hesitantemente mas ganhando depois mais fluidez e confiança a cada passo.

Eragon olhou indeciso para Arya e esta resolveu o seu dilema, acenando e dizendo:

– Hoje à noite. Hoje à noite falamos. Vai! Voa com o vento!

Ele voltou a fechar apressadamente os alforges, enfiando depois as pernas nas fiadas de correias, de ambos os lados da sela, e apertou-as para não cair de Saphira em pleno voo.

Depois Saphira agachou-se e saltou sobre a estrada com um rugido de alegria. Os homens por baixo dela agacharam-se e encolheram-se, e os cavalos empinaram-se ao desdobrar e bater as suas enormes asas, afastando-se do solo duro e hostil, rumo à vastidão suave do céu.

Eragon fechou os olhos e ergueu o rosto, feliz por finalmente partir de Belatona. Depois de passar uma semana na cidade sem nada que fazer senão comer e descansar – pois Nasuada insistira nisso – estava ansioso por retomar a sua jornada rumo a Urû'baen.

Quando Saphira nivelou o voo, centenas de metros acima dos picos e torres da cidade, ele disse:

Achas que Glaedr vai recuperar?

Nunca voltará a ser como era.

Não, mas espero que descubra uma forma de ultrapassar a dor. Preciso da sua ajuda, Saphira. Há tantas coisas que ainda não sei. Sem ele, não tenho mais ninguém a quem perguntar.

Ela ficou em silêncio durante algum tempo. Tudo o que se ouvia era o ruído das suas asas. Não podemos apressá-lo, disse. Ele foi magoado da pior forma que um dragão ou um cavaleiro podem ser. Antes de te poder ajudar a ti, a mim, ou a qualquer outra pessoa, tem de decidir se quer continuar a viver. Até lá, as nossas palavras não poderão alcançá-lo.

SEM HONRA NEM GLÓRIA APENAS BOLHAS NOS PIORES SÍTIOS

O latido dos cães crescia, atrás deles. A matilha uivava por sangue.

Roran apertou mais firmemente as rédeas, dobrando-se sobre o pescoço do cavalo de guerra galopante. O ruído dos cascos dos cavalos ressoava através dele como uma trovoadas.

Roran e os seus cinco homens – Carn, Mandel, Baldor, Delwin e Hamund – tinham roubado cavalos frescos dos estábulos de uma mansão, a menos de oitocentos metros, e os moços de estrebaria não tinham ficado nada satisfeitos. Mostrar-lhes as espadas fora o suficiente para ultrapassar as objeções, mas os moços de estrebaria deviam ter avisado os guardas da mansão logo que Roran e os companheiros partiram, pois dez dos guardas perseguiram-nos, guiados por uma matilha de cães de caça.

– Ali! – gritou ele, apontando para uma estreita faixa de bétulas que se estendia entre duas colinas próximas, ao longo do curso de um riacho.

Ao ouvirem a ordem, os homens conduziram os cavalos para fora da estrada habitualmente utilizada pelos viajantes, cavalgando na direção das árvores. O solo acidentado forçou-os a abrandar o ritmo, apenas ligeiramente, apesar do risco de os cavalos meterem uma pata num buraco e partirem-na, ou atirarem com um cavaleiro ao chão. Por muito arriscado que fosse, seria ainda pior deixar que os cães os apanhassem.

Roran enterrou as esporas nos flancos do cavalo e gritou:

– Ia! – tão alto quanto possível, com a garganta cheia de pó. O cavalo castrado largou a galope, aproximando-se aos poucos de Carn.

Roran sabia que o seu cavalo iria, em breve, chegar a um ponto em que já não conseguiria produzir tais explosões de velocidade, por muito que ele o picasse com as esporas ou o chicoteasse com a ponta das rédeas. Detestava ser cruel e não era sua intenção montar o animal até o matar, mas não o poupava se isso pusesse em risco o sucesso da missão.

Ao alcançar Carn, Roran gritou:

– Não consegues esconder o nosso rasto com um feitiço?

– Não sei como! – respondeu Carn, mal se fazendo ouvir com a deslocação de ar e o ruído dos cavalos a galope. – É demasiado complicado!

Roran praguejou e olhou por cima do ombro. Os cães contornavam a última curva da estrada. Pareciam voar sobre o chão, esticando e contraindo os corpos esguios a um ritmo brutal. Mesmo àquela distância, Roran conseguia distinguir as línguas vermelhas e julgou também ver o brilho de caninos brancos.

Ao alcançarem as árvores, Roran virou e começou a cavalgar de novo em direção às colinas, mantendo-se tão próximo quanto possível da linha de bétulas, a fim de evitar ramos baixos e troncos caídos. Os outros fizeram o mesmo, gritando aos cavalos para que não abrandassem enquanto subiam o declive, a galope.

À sua direita, Roran viu de relance Mandel, curvado sobre a sua égua manchada, com um esgar feroz. O jovem impressionara Roran com a energia e a coragem que demonstrara nos últimos três anos. Desde que Sloan, o pai de Katrina, traía os aldeões de Carvahall e matara o pai de Mandel, Byrd, que este parecia desesperado por provar que era igual a qualquer homem da aldeia. Além disso, agira com honra nas duas últimas batalhas entre os Varden e o Império.

Um ramo grosso entrou em rota de colisão com a cabeça de Roran. Ele baixou-se, ouvindo e sentindo as pontas dos ramos secos baterem-lhe no topo do elmo. Uma folha morta caiu-lhe sobre o rosto cobrindo, por instantes, o olho direito mas depois o vento arrancou-lha.

A respiração dos cavalos tornava-se cada vez mais difícil, à medida que seguiam o curso do rio, por entre as colinas. Roran espreitou por baixo do braço e viu que a matilha de cães estava a menos de quatrocentos metros deles. Mais alguns minutos e certamente iriam ultrapassar os cavalos.

“Raios”, pensou ele, olhando sucessivamente para o bosque cerrado, à sua esquerda e para a colina verdejante à direita, em busca de algo – qualquer coisa – que os pudesse ajudar a despistar os seus perseguidores.

Estava de tal forma atordoado de exaustão que quase não deu por ele.

Vinte metros mais adiante, um trilho sinuoso de veados descia pela encosta da colina, intercetando o seu caminho e desaparecendo depois por entre as árvores.

– Ai!.... Ai! – gritou Roran, inclinando-se para trás nos arreios e puxando as rédeas. O cavalo abrandou e seguiu a trote, embora resfolgasse e sacudisse a cabeça para tentar morder o freio. – Ah isso é que não – rugiu Roran, puxando as rédeas com mais força. – Despachem-se! – gritou ele ao resto do grupo, virando o cavalo e entrando no bosque. O ar estava fresco por baixo das árvores, quase frio, o que era um alívio bem-vindo face ao calor que sentia devido à exaustão. Mas conseguiu apenas apreciar essa sensação por uns instantes, pois o cavalo arrancou e começou a descer a encosta em direção à margem do riacho, lá em baixo. Folhas mortas estalavam debaixo dos cascos ferrados. Roran teve praticamente que se deitar sobre o dorso do animal para não cair por cima do pescoço e da cabeça deste, de pernas e joelhos esticados para a frente.

Ao chegarem ao fundo do desfiladeiro, o cavalo percorreu ruidosamente o riacho rochoso, projetando asas de água à altura dos joelhos de Roran.

Roran parou do lado oposto, para ver se os outros ainda seguiam atrás dele. E vinham, de facto. Desciam por entre as árvores, uns atrás dos outros.

Conseguia ouvir os latidos dos cães, lá em cima, no sítio onde tinham entrado no bosque.

“Vamos ter de os enfrentar e lutar”, concluiu.

Voltou a praguejar, esporeou o cavalo e afastou-se do riacho, subindo a margem macia, coberta de musgo, e continuando a seguir pelo trilho indistinto.

Não muito longe do riacho havia uma parede de fetos e, para lá desta, uma depressão. Roran viu uma árvore caída que achou poder servir de barreira improvisada se fosse arrastada para o sítio indicado.

“Só espero que não tenham arcos de flechas.”

Acenou aos seus homens:

– Aqui!

Fazendo estalar as rédeas, conduziu o cavalo por entre os fetos, até à depressão, deslizando depois da sela, embora se mantivesse firmemente agarrado a ela. Ao tocar com os pés no chão as pernas cederam. Teria caído se não estivesse apoiado. Fez um esgar e encostou a testa ao ombro do cavalo, ofegante, enquanto esperava que os tremores nas pernas abrandassem.

O resto do grupo reuniu-se em torno dele, impregnando o ar com um fedor a suor e o tilintar dos arreios. Os cavalos estremeceram, ofegantes, com espuma amarela a escorrer-lhes pelo canto da boca.

– Ajudem-me! – disse ele a Baldor, apontando para a árvore caída. Meteram as mãos por baixo da extremidade larga do tronco e ergueram-no do chão. Roran rilhou os dentes, ao sentir as costas e as coxas protestarem de dor. Cavalgar a todo o galope durante três dias e dormir menos de três horas por cada doze montado na sela, deixara-o terrivelmente debilitado.

“Mais valia ir combater bêbado, doente e completamente derreado”, concluiu Roran, ao largar o tronco e endireitando-se. A ideia irritou-o.

Os seis homens colocaram-se em frente aos cavalos, virados para a parede de fetos pisados e aprontaram as armas. Do lado de fora da depressão, os latidos dos cães de caça eram mais intensos que nunca e os seus ganidos ecoavam nas árvores, produzindo um ruído infernal.

Roran retesou o corpo e ergueu mais o martelo. Depois ouviu uma estranha e alegre melodia na língua antiga, que Cam entoava intercalada com os latidos dos cães e os pelos da sua nuca arrepiaram-se em sobressalto, tal era o poder contido nas frases. O feiticeiro proferiu rapidamente várias frases de um só fôlego, falando tão depressa que as palavras se fundiam num algaraviada indistinta. Logo que terminou, fez um gesto a Roran e aos outros, dizendo num sussurro tenso:

– Baixem-se!

Roran baixou-se sobre os quadris sem o questionar. Já não era a primeira vez que se amaldiçoava pelo facto de ser incapaz de usar magia. Essa era a mais útil das aptidões de um guerreiro e o facto de não a ter, deixava-o à mercê de todos aqueles capazes de reformular o mundo apenas com a vontade e uma palavra.

Os fetos diante de si restolharam e estremeceram; um cão enfiou depois a ponta negra do focinho através da folhagem, espreitando para a depressão, de nariz trémulo. Delwin sorveu o ar, erguendo a espada como se fosse decapitar o cão, mas Cam pigarreou insistentemente, acenando-lhe até ele a baixar.

O cão franziu o focinho, parecendo intrigado. Voltou a cheirar o ar, lambeu a mandíbula inferior com a língua grossa, arroxeadada, e recuou.

Quando os fetos se voltaram a fechar bruscamente sobre o focinho do cão, Roran, que estivera a conter a respiração, expirou lentamente, olhando para Cam e arqueando a sobrançelha, à espera que este se explicasse. No entanto Cam limitou-se a abanar a cabeça e a levar um dedo aos lábios.

Segundos depois, mais dois cães esgueiraram-se por entre a vegetação, inspecionando a depressão, porém recuaram passado pouco tempo, tal como o primeiro. Pouco depois a matilha começou a ganir e a latir, procurando por entre as árvores, na tentativa de perceber para onde tinham ido as suas presas.

Enquanto estava sentado à espera, Roran reparou que as suas pemeiras estavam manchadas com nódoas escuras no interior das coxas. Tocou numa das áreas manchadas e os dedos vieram cobertos de um líquido ensanguentado. Cada mancha assinalava uma bolha, mas não eram as únicas; sentia também bolhas nas mãos – as rédeas tinham-lhe esfolado a pele entre o polegar e o indicador – nos calcanhares e noutros sítios mais desconfortáveis.

Limpou os dedos no chão com uma expressão de desagrado. Olhou para os seus homens e reparou na forma como estavam agachados e ajoelhados, apercebendo-se do desconforto nos seus rostos sempre que se moviam, e a forma como torciam ligeiramente as mãos ao segurarem nas armas. Não estavam em melhor estado do que ele.

Roran decidiu ordenar a Cam que lhes curasse as feridas da próxima vez que parassem para dormir. Contudo, se o feiticeiro lhe parecesse muito cansado, não iria tratar das suas. Preferia suportar a dor a permitir que Cam despendesse toda a sua energia antes de chegarem a Aroughs, pois suspeitava que as aptidões daquele pudessem vir a revelar-se úteis na conquista da cidade.

Pensar em Aroughs e no cerco que deveria supostamente ganhar, compeliu-o a levar a mão livre ao peito para ver se o envelope que continha as ordens que era incapaz de ler e a comissão que duvidava conseguir cumprir estavam ainda guardadas em segurança na sua túnica. Estavam.

Depois de longos minutos de tensão, um dos cães começou a ladrar entusiasmamente, algures nas árvores junto ao rio. Os outros cães correram na mesma direção e começaram a ladrar naquele tom intenso que indicava estarem a seguir de perto uma presa.

Quando o alarido abrandou, Roran levantou-se lentamente e passou os olhos pelas árvores e pelos arbustos.

– O caminho está livre – disse, num tom de voz moderado.

Quando os outros se levantaram, Hamund – que era alto, desgrenhado e tinha rugas profundas junto da boca, embora fosse apenas um ano mais velho do que Roran – virou-se para Cam, com uma expressão carregada e disse:

– Porque não fizeste isso antes, em vez de permitires que cavalgássemos à toa pelos campos e quase partíssemos o pescoço a descer aquela colina? – E apontou para trás, em direção ao riacho.

Cam respondeu-lhe num tom igualmente furioso:

– Porque ainda não me tinha lembrado disso, eis a razão. Acho que poderias demonstrar um pouco de gratidão, visto que acabo de te poupar ao incómodo de ficares todo esburacado.

– Ai sim? Pois eu acho que devias passar mais tempo a praticar os teus feitiços, antes que sejamos perseguidos sabe-se lá até onde e...

Receando que a discussão se tornasse perigosa, Roran colocou-se entre ambos.

– Basta! – disse, perguntando depois a Cam. – O teu feitiço poderá esconder-nos dos guardas?

Cam abanou a cabeça.

– Os homens são mais difíceis de enganar que os cães. – E atirou um olhar injurioso a Hamund. – Pelo menos a maioria. Posso esconder-nos, mas não posso esconder o nosso rasto. – Apontou para os fetos esmagados e partidos, e para as pegadas dos cascos, escavadas no solo húmido. – Eles vão perceber que nós estamos aqui. Se partirmos antes de eles nos verem, os cães vão despistá-los e nós...

– Montem! – ordenou Roran.

Os homens voltaram a montar nos cavalos, com uma série de palavrões abafados e gemidos mal contidos. Roran olhou uma última vez para a depressão, assegurando-se de que não se tinham esquecido de nada, e conduziu o seu cavalo de guerra para a dianteira do grupo, picando-o ao de leve com as esporas.

Juntos galoparam para fora das sombras das árvores, afastando-se da ravina e retomando a viagem aparentemente interminável até Aroughs. O que iriam fazer quando chegassem à cidade era uma absoluta incógnita para Roran.

A DEVORADORA DA LUA

Eragon rodou os ombros enquanto percorria o acampamento dos Varden, tentando livrar-se do torcicolo que arranjara ao lutar com Arya e Blödhgarm, algum tempo antes, nessa tarde.

Ao alcançar o topo de uma pequena colina que se erguia como uma ilha solitária, no meio do mar de tendas, apoiou as mãos nas ancas e fez uma pausa para contemplar a paisagem. À sua frente estava a superfície escura do Lago Leona que cintilava ao crepúsculo, refletindo a luz alaranjada das tochas do acampamento, na crista das suas pequenas ondas. A estrada que os Varden percorriam passava entre as tendas e a margem: uma ampla faixa de paralelepípedos, fixos com argamassa, construída muito antes de Galbatorix derrotar os Cavaleiros – pelo menos, segundo Jeod lhe dissera. Quatrocentos metros a Norte, ficava uma pequena aldeia piscatória, mesmo à beira da água, e Eragon sabia que os seus habitantes não estavam nada satisfeitos pelo facto de terem um exército acampado à soleira da porta.

Tens de aprender... a observar o que vês.

Eragon passara horas a ponderar no conselho de Glaedr, desde que saíra de Belatona. Não tinha bem a certeza do que o dragão quisera dizer com aquilo, pois Glaedr não pronunciara nem mais uma palavra, depois daquela declaração enigmática. Por isso Eragon decidira levar as suas instruções à letra. Esforçara-se por observar realmente tudo o que tinha diante de si, por muito pequeno ou insignificante que lhe parecesse, para assim entender o significado do que via.

Por mais que pensasse, sentia estar a falhar miseravelmente. Para onde quer que olhasse, ele apercebia-se de uma esmagadora quantidade de detalhes, mas estava convencido de que havia outros que lhe escapavam por falta de perspicácia. Pior do que isso: raramente conseguia perceber aquilo de que tinha consciência, como por exemplo, o motivo porque três das chaminés da aldeia piscatória não deitavam fumo.

Apesar da sensação de futilidade, o esforço revelara-se útil pelo menos num aspeto: Arya já não o derrotava sempre que lutavam. Observara-a com redobrada atenção – estudando-a tão atentamente como a um veado que estivesse a perseguir – e, em consequência disso, ganhara algumas das disputas. Contudo, não conseguia ainda igualá-la, muito menos superá-la, e não sabia o que teria de aprender – nem quem o poderia ensinar – para se tornar tão hábil como ela no manejo da espada.

“Talvez Arya tenha razão e a experiência seja o único mentor que me poderá ajudar agora”, pensou Eragon. “Porém, a experiência exige tempo e tempo é o que eu menos tenho. Em breve estaremos em Dras-Leona e depois em Urû’baen. No máximo, dentro de alguns meses, teremos de enfrentar Galbatorix e Shruikan.”

Suspirou e esfregou a cara, tentando desviar os seus pensamentos para assuntos menos perturbantes. Voltava sempre às mesmas dúvidas, moendo-se com elas como um cão agarrado a um osso cheio de tutano, sem nada nas mãos a não ser uma constante e crescente sensação de ansiedade.

Continuou a descer a colina perdido em cogitações. Vagueou por entre as tendas sombrias e encaminhou-se na direção da sua, mas sem prestar grande atenção ao caminho. Caminhar ajudava a acalmá-lo, como sempre. Os homens que ainda circulavam pelo acampamento desviavam-se para lhe dar passagem, quando se cruzavam, batendo com o punho no peito, gesto geralmente acompanhado de uma branda saudação “Aniquilador de Espetros”, à qual Eragon respondia com um civilizado aceno de cabeça.

Caminhava há um quarto de hora, parando e retomando a marcha em contraponto com os seus pensamentos, quando a voz aguda de uma mulher a descrever algo, com grande entusiasmo, lhe interrompeu os devaneios. Curioso, seguiu o som até chegar a uma tenda separada de todas as outras, junto da base de um salgueiro nodoso, a única árvore perto do rio, que o exército não cortara para lenha.

Ali, debaixo do teto de ramos deparou-se com a cena mais estranha que vira em toda a sua vida.

Doze Urgals, incluindo o seu senhor da guerra, Nar Garzhvog, estavam sentados, em semicírculo, à volta de uma pequena fogueira trémula. Sombras assustadoras dançavam-lhes no rosto, destacando-lhes a testa pesada, as maçãs-do-rosto largas e o volumoso queixo, bem como as saliências dos chifres, que lhes despontavam da testa e descreviam uma curva para trás, de ambos os lados da cabeça. Os Urgals estavam de braços e tronco nu, apenas com os braços de cabedal nos pulsos e as tiras entrançadas que usavam penduradas a tiracolo. Para além de Garzhvog estavam presentes mais três Kulls. Junto dos corpulentos Kulls, o resto dos Urgals – nenhum dos quais tinha menos de um metro e oitenta – pareciam crianças pequenas.

Espalhados entre os Urgals – entre eles e acima deles – havia várias dúzias de homens-gato em forma animal. Muitos estavam direitos, sentados diante do fogo, absolutamente imóveis, sem sequer mexerem as caudas, com as orelhas franjadas atentamente espetadas para a frente. Outros estavam esparramados no chão, ao colo ou nos braços dos Urgals. Para seu espanto, Eragon viu uma mulher-gato branca e esguia a descansar, enrolada sobre a cabeça larga de um Kull, com a perna dianteira, direita, pendurada junto do crânio e a pata possessivamente colada à sua testa. Por muito pequenos que fossem, comparados com os Urgals, os homens-gato pareciam igualmente selvagens e Eragon não tinha qualquer dúvida de que preferiria enfrentar os Urgals em combate, pois os homens-gato eram... imprevisíveis.

Do outro lado da fogueira, em frente da tenda, estava Angela, a herbanária, sentada de pernas cruzadas sobre um cobertor dobrado, a fiar uma pilha de lã cardada, transformando-a em fio com um fuso suspenso que segurava diante de si como se estivesse a enfeitiçar os que a observavam. Tanto os homens-gato como os Urgals tinham os olhos pregados nela, fitando-a atentamente ao dizer:

– ... mas foi lento demais, e o coelho de olhos vermelhos, enfurecido, dilacerou a garganta de Hord, matando-o de imediato. Depois a lebre fugiu para a floresta e desapareceu dos registos da história. Contudo – nesta altura Angela inclinou-se para a frente e baixou o tom de voz –, se viajarem por aquelas paragens, como eu viajei... mesmo hoje em dia, é possível que encontrem por vezes um veado ou um Feldûnost acabado de matar, aparentemente mordiscado como um nabo, e as pegadas de um coelho invulgarmente grande em torno dele. De vez em quando, um guerreiro de Kvôth irá desaparecer e será encontrado morto, com a garganta dilacerada... sempre com a garganta dilacerada.

Retomou a posição anterior.

– É claro que Terrin ficou terrivelmente perturbado com a perda do amigo e queria perseguir a lebre, mas os anões ainda precisavam da sua ajuda, por isso voltou para a fortaleza e, durante mais três dias e três noites, os soldados defenderam as muralhas, até quase esgotarem os seus mantimentos e todos os guerreiros ficarem cobertos de chagas.

«Por fim, na manhã do quarto dia, quando tudo parecia estar perdido, as nuvens apartaram-se e Terrin foi surpreendido pela imagem de Mimring a voar, à distância, em direção à fortaleza e à cabeça de uma enorme trovoadas de dragões. Ao verem os dragões, os atacantes ficaram de tal forma assustados que largaram as armas e fugiram para o mato – Angela fez um trejeito com a boca. – O que deixou os anões de Kvôth bastante felizes, como devem imaginar, e foi motivo de grande júbilo.

«Quando Mimring aterrou, Terrin ficou surpreendido ao ver que as suas escamas se tinham tornado transparentes como diamantes, o que se diz ter acontecido pelo facto de Mimring ter voado tão perto do sol. Para conseguir ir buscar os outros dragões a tempo, teve de voar acima dos picos das Montanhas Beor, ou seja, mais alto do que qualquer outro dragão jamais voara até então ou voou depois disso. Daí em diante, Terrin ficou conhecido como o herói do Cerco de Kvôth e o seu dragão como Mimring o Brilhante, devido às suas escamas, e viveram todos felizes para sempre. Verdade seja dita, Terrin ficou sempre com algum medo de coelhos, mesmo depois de velho. E foi isto que realmente aconteceu em Kvôth.»

Quando se calou os homens-gato começaram a ronronar e os Urgals deram vários roncões aprovadores.

– Contaste uma bela história, Uluthrek – disse Garzhvog, num tom de voz semelhante a uma derrocada de pedras.

– Obrigada.

– Mas não como eu já a ouvi contar – comentou Eragon, avançando para a luz.

A expressão de Angela iluminou-se.

– Bom, seria pouco provável que os anões admitissem que estiveram à mercê de um coelho. Estiveste este tempo todo escondido nas sombras?

– Apenas um minuto – confessou.

– Então perdeste a parte melhor da história e eu não estou com vontade de me repetir, esta noite. A minha garganta já está demasiado seca para falar durante muito tempo.

Eragon sentiu a vibração através da sola das botas quando os Kull e os outros Urgals se levantaram, para desgosto dos homens-gato que descansavam em cima deles, alguns dos quais miaram contrariados ao caírem para o chão.

Ao olhar para a grotesca coleção de rostos cornudos reunidos em torno do fogo, Eragon teve de resistir à tentação de agarrar no punho da espada. Mesmo depois de ter lutado, viajado e caçado lado a lado com os Urgals e de ter examinado cuidadosamente as mentes de alguns deles, ainda se sentia pouco confortável na sua presença. Tinha consciência de que eram aliados, mas os seus ossos e os seus músculos não conseguiam esquecer o pavor visceral que o assaltara em numerosas ocasiões, ao defrontar aquela espécie em combate.

Garzhvog tirou qualquer coisa da bolsa de cabedal que usava no cinto, estendendo a mão enorme sobre o fogo, e entregou-a a Angela, que poisou o fuso para aceitar o objeto, aninhando-o nas mãos. Era uma esfera grosseira de um cristal verde-mar, que cintilava como a neve encrostada. Ela meteu-a na manga da blusa e depois pegou no fuso.

Garzhvog disse:

– Um dia tens de vir ao nosso acampamento, Uluthrek, e nós contar-te-emos muitas histórias nossas. Temos um jogral connosco. Ele é bom; quando o ouvimos recitar a história da vitória de Nar Tulkqa em Stavarosk, sentimos o sangue ferver e apetece-nos balir à lua e trocar umas chifradas mesmo com o mais forte dos nossos inimigos.

– Isso varia, consoante tenhas chifres para dar umas chifradas ou não – disse Angela. – Seria uma honra trocar histórias convosco. Talvez amanhã à noite?

O gigantesco Kull concordou e depois Eragon perguntou:

– Onde fica Stavarosk? Nunca ouvi falar desse sítio.

Os Urgals remexeram-se desconfortavelmente e Garzhvog baixou a cabeça, roncando como um boi.

– Que velhacaria é essa Espada de Fogo? – disse, enfaticamente. – Pretendes desafiar-nos, insultando-nos dessa forma? – Abriu e fechou as mãos de uma forma claramente ameaçadora.

Eragon disse com cautela:

– Não foi com má intenção, Nar Garzhvog. Era uma pergunta honesta; eu nunca antes ouvi falar de Stavarosk.

Um murmúrio de surpresa cresceu entre os Urgals.

– Como é isso possível? – disse Garzhvog. – Não é verdade que todos os humanos sabem da existência de Stavarosk? Não se canta a história da nossa grande vitória em todos os salões, desde os baldios a Norte até às Montanhas Beor? Pelo menos os Varden devem falar nisso.

Angela suspirou sem levantar os olhos do fuso e disse:

– É melhor contares-lhes.

Num recanto remoto da sua mente, Eragon sentiu Saphira a observar a conversa e percebeu que ela estava a preparar-se para voar da tenda até junto de si, se um combate se tornasse inevitável.

Escolhendo as palavras com cuidado, Eragon disse:

– Ninguém me falou nisso, mas eu também não estou com os Varden há muito tempo e...

– Draj! – praguejou Garzhvog. – O traidor sem cornos nem sequer tem a coragem de admitir a sua própria derrota. É um covarde e um mentiroso!

– Quem, Galbatorix? – perguntou Eragon, cautelosamente.

Vários homens-gato bufaram ao ouvir o nome do rei.

Garzhvog acenou com a cabeça.

– Sim. Quando subiu ao poder, tentou destruir a nossa raça para sempre e mandou um grande exército à Espinha. Os soldados destruíram as nossas aldeias, queimaram os nossos ossos e deixaram terra negra e amarga atrás de si. Nós lutámos – primeiro com alegria e depois com desespero, mesmo assim lutámos. Era a única coisa que podíamos fazer. Não tínhamos para onde fugir, nem onde nos esconder. Quem iria proteger os Urgals, quando até os Cavaleiros tinham sido subjugados?

«Apesar de tudo tivemos sorte, pois tínhamos um grande senhor da guerra a comandar-nos, Nar Tulkhqa. Ele fora em tempos capturado pelos humanos e passara muitos anos a lutar contra eles, por isso sabia como vocês pensavam. Graças a isso conseguiu reunir muitas das nossas tribos sob o seu estandarte. Depois atraiu o exército de Galbatorix para uma passagem estreita, nas profundezas das montanhas, e os nossos carneiros atacaram-nos de ambos os lados. Foi uma chacina, Espada de Fogo. O chão ficou ensoado de sangue e havia pilhas de corpos mais altas que a minha cabeça. Mesmo agora, se fores a Stavarosk, sentirás os ossos a estalar debaixo dos teus pés e encontrarás moedas, espadas e pedaços de armaduras debaixo de cada pedaço de musgo.»

– Então foram vocês! – exclamou Eragon. – Toda a minha vida ouvi dizer que Galbatorix perdeu uma vez metade dos seus homens na Espinha, mas ninguém me dizia como nem porquê.

– Mais de metade dos seus homens, Espada de Fogo. – Garzhvog rodou os ombros e fez um ruído gutural ao fundo da garganta. – Agora percebo que teremos de espalhar a mensagem, se quisermos que alguém saiba da nossa vitória. Localizaremos os vossos jograis, os vossos bardos, ensinar-lhes-emos as canções sobre Nar Tulkhqa e faremos o necessário para que não se esqueçam de as recitar frequentemente, alto e bom som. – Acenou uma vez com a cabeça, como se tivesse tomado uma decisão – um gesto impressionante, considerando o tamanho e o peso da cabeça – e depois disse:

– Adeus, Espada de Fogo e Uluthrek – e afastou-se pesadamente com os seus guerreiros, mergulhando na escuridão.

Angela riu baixinho, assustando Eragon.

– O que é? – perguntou, virando-se para ela.

Ela sorriu.

– Estou a imaginar a cara com que um pobre tocador de alaúde vai ficar, dentro de alguns minutos, quando olhar para fora da tenda e vir doze Urgals, quatro deles Kull, ansiosos para o educarem sobre a cultura Urgal. Ficarei impressionada se não o ouvirmos gritar. – E voltou a rir baixinho.

Igualmente divertido, Eragon baixou-se e remexeu as brasas com a ponta de um ramo. Um corpo morno e pesado saltou para o seu colo. Ele baixou os olhos e viu uma mulher-gato, branca, enroscada em cima das suas pernas. Ergueu a mão para a afagar, mas pensou melhor e perguntou:

– Posso?

A mulher-gato sacudiu a cauda, mas tirando isso, ignorou-o.

Esperando não estar a cometer um erro, Eragon afagou hesitantemente o pescoço da criatura. Momentos depois um ronronar palpitante impregnou o ar da noite.

– Ela gosta de ti – comentou Angela.

Por qualquer razão, Eragon sentiu-se desmesuradamente satisfeito.

– Quem é ela? Quer dizer, quem és tu? Como te chamas? – E olhou brevemente para a mulher-gato, receando tê-la ofendido.

Angela riu baixinho.

– O nome dela é Caçadora de Espetros. Ou melhor, é isso que o seu nome significa na língua dos homens-gato. O seu nome real é... – A herbanária emitiu um estranho rugido baixo que eriçou os pelos da nuca de Eragon. – A Caçadora de Espetros é a companheira de Grinrr Meiapata, portanto pode-se dizer que é a rainha dos homens-gato.

A mulher-gato começou a ronronar mais alto.

– Compreendo. – Eragon olhou para os outros homens-gato em redor. – Onde está Solembum?

– Entretido atrás de uma fêmea de bigodes compridos com metade da sua idade. Está mais palerma que um gato pequeno... mas todos têm o direito de ser um pouco palermas de vez em quando. – Agarrando no fuso com a mão esquerda, interrompeu a rotação e enrolou o fio acabado de torcer na base do disco de madeira. Depois torceu o fuso para que este começasse a girar de novo e recomeçou a puxar lã do maço de lã cardada que tinha na outra mão. – Estás com ar de quem está a abarrotar de perguntas, Aniquilador de Espetros.

– Sempre que te encontro, acabo por ficar mais confuso.

– Sempre? Isso é demasiado absolutista da tua parte. Muito bem, vou tentar ser informativa. Pergunta.

Um pouco cético em relação à aparente abertura, Eragon ponderou no que gostaria de saber e, finalmente, disse:

– Uma trovoada de dragões? O que querias tu...

– Esse é o termo adequado para um bando de dragões. Se alguma vez tivesses ouvido um em pleno voo, irias perceber. Quando dez, doze ou mais dragões voam por cima da nossa cabeça o ar vibra à nossa volta, como se estivéssemos dentro de um tambor gigante. Além disso, o que mais se poderia chamar a um bando de dragões? Tens o assassinio de corvos, a assembleia de águias, a revoadada de gansos, o bando de patos, a banda de gaios, o parlamento de corujas, e por aí fora. Então e os dragões? A fome de dragões? Não soa muito bem. Referir-nos a eles como fogo ou terror, também não soa bem, embora aprecie bastante a palavra terror, depois bem vistas as coisas: um terror de dragões... Mas não, um bando de dragões chama-se uma trovoada. Algo que tu saberias se a tua educação não se resumisse ao manejo da espada e à conjugação de meia dúzia de verbos na língua antiga.

– Creio que tens razão – disse Eragon para lhe fazer a vontade. Através do seu elo permanente com Saphira, sentiu que ela aprovava a expressão “trovoada de dragões”, ele também era de mesma opinião; era uma descrição adequada.

Ponderou mais um instante e depois perguntou:

– Porque é que Garzhvog te chamou Uluthrek?

– Foi o título que os Urgals me deram há muito, muito tempo atrás, quando viajei para junto deles.

– O que significa?

– Devoradora da Lua.

– Devoradora da Lua? Que nome mais estranho. Como o conseguiste?

– Com a lua, claro. De que outra forma o poderia ter conseguido?

Eragon franziu o sobrolho e concentrou-se um minuto na mulher-gato, acariciando-a. Depois disse:

– Porque é que Garzhvog te deu essa pedra?

– Porque lhe contei uma história. Julguei que isso fosse óbvio.

– Mas o que é?

– Um pedaço de pedra, não reparaste? – reagiu, desaprovadamente. – Realmente devias prestar mais atenção ao que se passa à tua volta, de contrário alguém poderá espetar-te uma faca quando não estiveres a olhar. E, depois, com quem iria trocar comentários crípticos? – Sacudi o cabelo. – Vá lá, faz-me outra pergunta, estou a gostar bastante deste jogo.

Eragon arqueou a sobrancelha e, embora soubesse que era inútil, interpelou:

– Chip chip?

A herbanária rebentou a rir e alguns dos homens-gato abriram a boca, parecendo sorrir com os dentes pontiagudos. A Caçadora de Espetros, contudo, parecia irritada, pois enterrou as garras nas pernas de Eragon, fazendo-o retrair-se.

– Bom – disse Angela, ainda a rir –, se precisas de respostas, esta é uma história tão boa como qualquer outra. Ora bem... Há alguns anos atrás, quando andava a viajar nos limites de Du Weldenwarden, muito para Oeste, a quilómetros e quilómetros de qualquer cidade, vila ou aldeia, encontrei Grinrr por acaso. Nessa altura, ele era apenas o líder de uma pequena tribo de homens-gato e ainda usava em pleno ambas as patas, mas adiante. Encontrei-o a brincar com uma cria de pintaroxo que caíra do ninho numa árvore próxima. Se ele se tivesse limitado a apanhar o pássaro e a comê-lo, eu não me teria importado – afinal de contas, é isso que os gatos fazem – mas ele estava a torturar o pobre animal, puxando-lhe pelas asas, mordendo-lhe a cauda, deixando-o fugir para depois o derrubar. – Angela torceu o nariz, indignada. – Disse-lhe que devia parar com aquilo mas ele limitou-se a rosar e ignorou-me. – Fitou Eragon com um olhar sério. – Não gosto que as pessoas me ignorem, por isso tirei-lhe o pássaro, agitei os dedos e lancei-lhe um feitiço. Durante uma semana, sempre que abria a boca, Grinrr chilreava como uma ave canora.

– Chilreava?

Angela acenou afirmativamente, tentando conter o riso.

– Nunca me ri tanto na vida. Nenhum dos outros homens-gato se aproximou dele durante a semana inteira.

– Não admira que ele te odeie.

– E depois? Se não fizermos alguns inimigos de vez em quando, somos uns cobardes – ou pior do que isso. Além disso, valeu a pena ver a sua reação. Ah, que furioso que ele estava!

A Caçadora de Espetros emitiu um suave rosno de advertência e voltou a crispar as unhas.

Eragon fez uma careta e disse:

– Talvez fosse melhor mudarmos de assunto.

– Humm

Mas antes que Eragon pudesse sugerir um novo tema, ouviu-se um grito alto, algures no meio do acampamento. O som ecoou três vezes nas filas de tendas, antes de se diluir no silêncio.

Eragon olhou para Angela e ela olhou para ele, e ambos desataram a rir.

RUMORES E ESCRITA

É tarde, disse Saphira, ao ver Eragon encaminhar-se para a tenda, junto da qual estava enroscada, cintilando como um amontoado de brasas azuis celeste, sob a luz ténue das tochas, e olhando-o com um único olho semicerrado.

Ela agachou-se junto da sua cabeça e encostou a testa à dela, durante alguns momentos, abraçando-lhe a mandíbula espinhosa. Pois é, disse finalmente, e tu precisas de descanso depois de teres andado a voar ao vento o dia inteiro. Dorme. Vemo-nos de manhã.

Ela piscou os olhos uma vez, em sinal de reconhecimento.

Eragon acendeu uma vela dentro da tenda, para ficar mais confortável. Depois, tirou as botas e sentou-se no catre, de pernas dobradas debaixo do corpo, abrandando a respiração e deixando que a mente se abrisse e se expandisse para tocar todas as coisas vivas em redor – os vermes e os insetos, no chão, Saphira e os guerreiros dos Varden, até mesmo as poucas plantas que restavam ali por perto, cuja energia era ténue e difícil de ver, em comparação com o fulgor flamejante do animal mais minúsculo.

Ficou ali sentado durante bastante tempo, sem pensar, consciente de milhares de sensações agudas e subtis, concentrando-se apenas no fluxo de ar que lhe entrava e saía dos pulmões.

Ouviu homens falar à distância, junto da fogueira de vigilância. O ar da noite transportava as suas vozes mais longe do que era suposto. Tão longe que os ouvidos sensíveis de Eragon conseguiam distinguir as palavras. Consequia também sentir as suas mentes e poderia ter lido os pensamentos se quisesse, mas decidiu respeitar a sua intimidade e limitou-se a ouvi-los.

Um sujeito de voz cava dizia:

– ... e a forma como nos olham, de nariz empinado, como se fôssemos a coisa mais reles deste mundo? A maior parte das vezes, não nos respondem quando lhes fazemos uma pergunta amigável. Viram-nos as costas e vão-se embora.

– Sim – disse outro homem – E as mulheres deles – belas como estátuas e duas vezes menos apetecíveis?

– Isso é porque és feio como o raio, Svern, é por isso.

– Não tenho culpa que o meu pai tivesse a mania de seduzir leiteiras, onde quer que fosse. Além disso, não és a pessoa mais indicada para apontar o dedo, pois poderias causar pesadelos às crianças com essa tua cara.

O guerreiro de voz cava resmungou. Depois alguém tossiu e cuspiu, e Eragon ouviu o cuspo ferver e evaporar-se ao tocar num pedaço de madeira a arder.

Um terceiro orador reuniu-se à conversa:

– Gosto tanto dos elfos como tu, mas nós precisamos deles para ganhar a guerra.

– E se depois eles se virarem contra nós? – interpelou o homem de voz cava.

– Ouve o que ele diz – acrescentou Svern. – Vê o que aconteceu em Ceunon e em Gil’ead. Mesmo com todos os seus homens e todo o seu poder, Galbatorix não conseguiu impedi-los de saltarem por cima das muralhas.

– Talvez não tivesse feito qualquer esforço para isso – aventou o terceiro orador.

Seguiu-se uma longa pausa.

Depois o homem de voz cava disse:

– Aí está uma ideia particularmente desagradável... Fizesse ou não, não vejo como poderíamos conter os elfos se eles decidissem reclamar os seus antigos territórios. São mais rápidos e mais fortes do que nós e, ao contrário de nós, não há nenhum que não saiba usar a magia.

– Ah, mas nós temos Eragon – contrapôs Svern. – Ele conseguiria fazê-los recuar para a sua floresta, sozinho, se quisesse.

– Eragon? Bah! Mais parece um elfo do que um homem da sua família. Confiaria tanto na sua lealdade como na dos Urgals.

O terceiro homem voltou a falar:

– Já repararam que ele tem sempre a barba feita, independentemente da hora a que se levante o acampamento?

– Deve usar magia em vez de lâmina.

– Isso é contra a ordem natural das coisas. Isso e todos os outros feitiços que se lançam por aí, hoje em dia. Dá vontade de nos escondermos numa caverna e deixar que os feiteiros se matem uns aos outros, sem interferir.

– Não me lembro de te ouvir reclamar quando os feiteiros usaram um feitiço em vez de um par de pinças para te arrancar aquela flecha do ombro.

– Talvez, mas aquela flecha nunca teria acabado no meu ombro se não fosse Galbatorix, e foi ele e a sua magia que provocaram toda esta confusão.

Alguém roncou.

– É verdade, mas apostaria todas as minhas moedas de cobre em como acabarias com uma flecha espetada, com Galbatorix ou sem ele. És demasiado mau para fazeres outra coisa que não lutar.

– Eragon salvou-me a vida em Feinster, sabes? – disse Svern.

– Pois. E se nos aborreceres mais alguma vez com essa história, ponho-te a esfregar panelas durante uma semana.

– Mas é verdade...

Fez-se mais um momento de silêncio, interrompido por um suspiro do guerreiro de voz cava.

– Temos de descobrir uma forma de nos protegermos, o problema é esse. Estamos à mercê dos elfos, dos feiteiros – os nossos e os deles – e de todas as criaturas estranhas que vagueiam pelo território. Para gente como Eragon está tudo bem, mas nós não temos tanta sorte. O que nós precisamos é...

– O que nós precisamos – disse Svern – é dos Cavaleiros. Eles iriam endireitar o mundo.

– Pff. Com que dragões? Sem dragões não há Cavaleiros. Além disso, continuaríamos a não conseguir defender-nos. É isso que me incomoda. Não sou nenhuma criança para me esconder debaixo das saias da minha mãe, mas se nos aparecesse um Espetro a meio da noite não conseguiríamos fazer nada para impedir que nos arrancasse a cabeça.

– A propósito, soubeste do Lord Barst? – perguntou o terceiro homem.

Svern acenou afirmativamente.

– Ouvi dizer que comeu o próprio coração, depois.

– Mas o que é isto, agora? – perguntou o guerreiro de voz cava.

– Barst...

– Barst?

– O conde com uma propriedade perto de Gil’ead...

- Não foi ele que conduziu os cavalos contra Ramr, só por despeito...
- Sim, esse mesmo, mas adiante. O homem vai a essa aldeia e ordena a todos os homens que se juntem ao exército de Galbatorix. A história do costume. Só que os homens recusam e atacam Barst e os seus soldados.
- Corajosos – disse o homem de voz cava. – Estúpidos, mas corajosos.
- Mas Barst era mais esperto do que eles; tinha colocado arqueiros em torno da aldeia, antes de entrar, e os soldados mataram metade dos homens, deixando os restantes à beira da morte. Até aqui nada de estranho. A seguir captura o líder, o homem que dera início ao conflito, agarra-o pelo pescoço e arranca-lhe a cabeça com as próprias mãos!
- Não.
- Tipo galinha, e o pior é que também mandou queimar a família do homem, viva.
- Barst deve ser tão forte como um Urgal para arrancar a cabeça de um homem – comentou Svern.
- Talvez isso tenha um truque.
- Seria magia? – perguntou o homem de voz cava.
- Segundo consta, ele foi sempre forte – forte e esperto. Dizem que matou um boi só com um murro, quando era ainda jovem.
- Continua a parecer-me magia.
- Isso é porque vês feiticeiros maléficos escondidos em toda a parte.

O guerreiro de voz cava roncou mas não falou.

Depois os homens dispersaram para fazer as rondas e Eragon não os ouviu mais. Em qualquer outra altura, aquilo poderia tê-lo incomodado, mas devido à meditação ficou imperturbável ao longo de toda a conversa, embora fizesse um esforço para não se esquecer do que eles tinham dito, para mais tarde poder ponderar convenientemente sobre o assunto.

Logo que pôs as ideias em ordem e sentiu que estava suficientemente calmo e relaxado, Eragon fechou a mente, abriu os olhos e esticou lentamente as pernas, exercitando os músculos.

O movimento da chama da vela chamou a sua atenção e ele olhou-a por instantes, fascinado com as contorções do fogo.

Depois foi ao sítio onde deixara os alforjes de Saphira, há algum tempo atrás, e tirou a pena, o pincel, o tinteiro e os pergaminhos que pedira a Jeod, há alguns dias atrás, bem como a cópia do Domia abr Wyrda que o velho académico lhe dera.

Regressando para junto do catre, Eragon pousou o pesado livro bem longe de si, para não correr o risco de entornar tinta sobre ele, colocou o escudo sobre os joelhos como uma bandeja, e espalhou os pergaminhos sobre a superfície curva. Um odor tânico impregnou-lhe as narinas, ao abrir o frasco, e mergulhou a pena na tinta de resina de carvalho.

Tocou com a ponta da pena na beira do frasco para remover o excesso de tinta e desenhou cuidadosamente o primeiro risco. A pena arranhou ligeiramente o pergaminho, ao escrever as runas da sua língua nativa. Quando terminou, comparou-as com os esforços que fizera na noite anterior, para ver se a sua escrita melhorara – nem que fosse apenas ligeiramente –, e com as runas do Domia abr Wyrda que usava como guia.

Voltou a escrever o alfabeto mais três vezes, dando especial atenção às formas que tinha mais dificuldade em traçar e, depois, começou a transcrever os seus pensamentos e observações sobre os acontecimentos do dia. O exercício foi útil, não apenas por ser um meio conveniente para praticar a escrita, mas também porque o ajudava a perceber melhor tudo o que vira e fizera ao longo do dia.

Eragon era trabalhador e gostava da escrita, pois achava os desafios estimulantes. Além disso, lembrava-lhe Brom e a forma como o velho contador de histórias lhe ensinara o significado de cada runa, criando-lhe um sentimento de proximidade com o seu pai que, de outra forma, lhe escaparia.

Depois de escrever tudo o que queria dizer, lavou a pena, trocou-a pelo pincel e escolheu uma folha de pergaminho que já estava meio coberta de linhas de hieróglifos na língua antiga.

A escrita dos elfos, o Liduen Kvaedhí, era muito mais difícil de reproduzir que as runas da sua raça, devido às formas fluidas e intrincadas dos hieróglifos. Ainda assim, insistia em escrevê-los por dois motivos: porque precisava de manter a familiaridade com a escrita e porque achava mais sensato escrever de uma forma que a maioria das pessoas não entendiam, se quisesse escrever algo na língua antiga.

Eragon tinha boa memória, mesmo assim concluiu que começava a esquecer muitos dos feitiços que Brom e Oromis lhe tinham ensinado. Por isso, decidira compilar um dicionário de todas as palavras que sabia na língua antiga. Embora não fosse propriamente uma ideia original, só muito recentemente considerara o valor de tal compêndio.

Trabalhou no dicionário durante mais algumas horas, guardando depois os seus escritos nos alforjes e tirando o baú que continha o coração dos corações de Glaedr. Tentou despertar o velho dragão do seu estupor, como tantas vezes já o fizera, e fracassou, como sempre, recusando-se contudo a desistir. Sentado junto do baú aberto, leu em voz alta a Glaedr, algumas passagens do Domia abr Wyrda sobre os inúmeros ritos e rituais dos anões – alguns dos quais Eragon conhecia –, até à hora mais fria e mais escura da noite.

Depois, pôs o livro de parte, apagou a vela e deitou-se no catre para descansar, deambulando através das visões fantásticas das suas divagações apenas durante um curto período de tempo. Logo que os primeiros vestígios de luz surgiram, a Este, endireitou-se, reiniciando de novo o ciclo.

AROUGHs

A manhã ia já a meio quando Roran e os seus homens chegaram ao aglomerado de tendas, junto à estrada. O acampamento parecia cinzento e indistinto através da névoa de exaustão que ensombrava a visão de Roran. A cidade de Aroughs ficava a Sul, a um quilómetro e meio de distância, mas ele conseguia apenas distinguir os seus traços mais gerais: paredes brancas como glaciares, entradas escancaradas com portões gradeados e inúmeras torres quadradas de construção compacta.

Ao entrarem a trote no acampamento, ele agarrou-se à parte da frente da sela. Os cavalos estavam à beira do colapso. Um adolescente de aspeto desmazelado correu para ele, agarrando nas rédeas da égua e puxando-as até o animal parar.

Roran olhou longamente para o rapaz, sem perceber bem o que estava a acontecer, e disse-lhe num tom de voz rouca:

– Traz-me Brigman!

O rapaz afastou-se por entre as tendas, sem dizer uma palavra, levantando pó com os calcanhares descalços.

A Roran pareceu-lhe ter esperado mais de uma hora e a respiração descontrolada da égua conjugava-se na perfeição com o sangue a latejar-lhe nos ouvidos. Quando olhou para o chão este parecia-lhe ainda estar em movimento, recuando em túnel para um ponto infinitamente distante. Um as esporas tilintaram algures. Cerca de uma dúzia de guerreiros reuniram-se ali perto, apoiados em lanças e escudos, com a curiosidade estampada no rosto.

Vindo do outro lado do acampamento, um homem de ombros largos coxeou na direção de Roran, utilizando uma lança partida como bengala. Tinha uma longa barba cerrada, embora o lábio superior estivesse barbeado e brilhasse de transpiração – Roran não sabia se devido à dor ou ao calor.

– Tu é que és o Martelo de Ferro? – perguntou ele.

Roran roncou afirmativamente, retirando a mão crispada da sela, metendo-a na túnica e entregando a Brigman o retângulo de pergaminho, amachucado, com as ordens de Nasuada.

Brigman quebrou o selo de cera com a unha do polegar e examinou o pergaminho, baixando-o depois e olhando para Roran com uma expressão neutra.

– Temos estado à tua espera – disse. – Um dos feiticeiros favoritos de Nasuada contactou-me há quatro dias atrás e disse que tu tinhas partido, mas nunca pensei que chegassem tão cedo.

– Não foi fácil – disse Roran.

Brigman curvou o lábio superior.

– Sim, tenho a certeza que não... senhor. – Voltou a entregar-lhe o pergaminho. – Os homens estão às tuas ordens, Martelo de Ferro. Estávamos prestes a lançar um ataque ao portão Oeste. Importas-te de o comandar? – A pergunta era como uma adaga pontiaguda.

O mundo pareceu girar em torno de Roran e ele agarrou-se mais firmemente à sela. Estava demasiado cansado para conversar decentemente com alguém e ele sabia-o.

– Ordena-lhes que descansem por hoje – respondeu.

– Perdeste o juízo? Como esperas que tomemos a cidade? Levámos a manhã inteira a preparar o ataque e eu não vou ficar aqui parado, sem fazer nada, enquanto tu pões o sono em dia. Nasuada espera que acabemos com o cerco dentro de alguns dias e é isso mesmo que eu farei, por Angvard!

Num tom de voz tão baixo que apenas Brigman o ouviu, Roran resmungou:

– Vais dizer aos homens que descansem, ou mando-te pendurar pelos tomos e chicotear por desobedeceres às minhas ordens. Não tenciono aprovar qualquer ataque até conseguir descansar e analisar a situação.

– És um idiota. Isso iria...

– Se não tiveres tento na língua e não cumprires o teu dever, eu próprio te darei uma sova... aqui mesmo.

As narinas de Brigman dilataram-se.

– No estado em que estás? Não terias qualquer hipótese.

– Estás enganado – contrapôs Roran e estava a falar a sério. Não sabia bem como iria bater em Brigman naquele momento, mas no seu íntimo sabia que era bem capaz de o fazer.

Brigman parecia lutar consigo mesmo.

– Muito bem – disse, bruscamente. – De qualquer forma, não seria bom para os homens verem-nos esparramados no chão. Ficaremos onde estamos se é isso que queres, mas eu não assumo a responsabilidade pela perda de tempo. Que sejas tu a acatá-la e não eu.

– Como sempre – disse Roran, com a garganta apertada de dor, desmontando da égua. – Tal como tu és responsável pela trapalhada que armaste neste cerco.

Brigman ficou com uma expressão carregada e Roran viu a antipatia que o homem sentia por ele azedar e transformar-se em ódio. Quem lhe dera ter escolhido uma resposta mais diplomática.

– O caminho para a tua tenda é por aqui.

Era ainda de manhã quando Roran acordou.

Uma luz suave filtrou-se pela tenda, animando-o e, por instantes, julgou ter adormecido apenas alguns minutos. Mas depois concluiu que se sentia demasiado animado e desperto para isso.

Praguejou para consigo, baixinho e furioso por ter deixado um dia inteiro escapar-lhe por entre os dedos.

Estava tapado com um cobertor fino, o que era desnecessário no clima ameno do Sul, especialmente quando estava de botas e com a roupa vestida, por isso destapou-se, tentando depois sentar-se direito.

Deixou escapar um gemido abafado, ao sentir o corpo esticar-se como se estivesse a rasgar-se e deixou-se cair para trás, arquejante, olhando para o tecido por cima de si. O choque inicial depressa passou, mas deixou-lhe uma infinidade de dores palpitantes – umas piores que outras.

Levou alguns minutos a reunir forças. Rebolou-se para o lado, com grande esforço e baloiçou as pernas sobre a beira do catre. Parou para recuperar o fôlego antes de tentar levantar-se, tarefa que lhe parecia quase impossível.

Uma vez de pé, sorriu amargamente. Ia ser um dia interessante.

Os outros estavam já levantados à sua espera, quando saiu da tenda. Pareciam exaustos e pálidos, e os movimentos deles eram tão rígidos como os seus. Depois de se cumprimentarem, Roran apontou para a ligadura no antebraço de Delwin, onde um taberneiro o golpeara com uma faca de descascar fruta.

– A dor melhorou?

Delwin encolheu os ombros.

– Não me dói muito. Posso lutar, se for necessário.

– Ótimo.

– O que pretendes fazer primeiro? – perguntou Cam.

Roran olhou para o sol nascente, calculando quanto tempo faltaria para o meio-dia.

– Dar um passeio – disse ele.

Partindo do centro do acampamento, Roran conduziu os companheiros ao longo das filas de tendas, inspecionando as condições das tropas assim como o estado do seu equipamento. De vez em quando parava para questionar um guerreiro, antes de prosseguir. A maioria dos homens estavam cansados e desmoralizados, embora notasse que o seu estado de espírito parecia melhorar ao verem-no.

A excursão de Roran terminou no extremo Sul do acampamento, tal como planeava. Aí, ele e os outros pararam para observar a estrutura imponente de Aroughs.

A cidade fora construída em dois alinhamentos. O primeiro era baixo, extenso e incluía a maior parte dos edifícios; o segundo era mais pequeno e preenchia o topo de uma longa e suave colina que era o ponto mais alto, num raio de quilómetros. Uma muralha cercava ambos os níveis da cidade. Na muralha exterior eram visíveis cinco portões: dois abriam-se para as estradas que entravam na cidade – uma vinda de Norte e outra de Este –, e os outros três estavam montados em canais que fluíam para dentro da cidade, vindos do Sul. Do outro lado de Aroughs estava o mar revoltado, onde os canais provavelmente desaguiavam.

“Pelo menos não têm fosso”, pensou Roran.

O portão virado a Norte estava arranhado e marcado de um ariete e o chão, em frente deste, estava revolvido com o que Roran percebeu tratarem-se de rastos de uma batalha. Três catapultas, quatro balistas, do tipo das que ele conhecia da época do Asa de Dragão, e duas torres de cerco decrépitas estavam alinhadas diante da muralha exterior.

Uma série de homens permanecia acorçada ao lado das máquinas de guerra, a fumar cachimbo e a jogar dados sobre retalhos de couro. As máquinas de guerra pareciam miseravelmente inadequadas para a estrutura monolítica da cidade.

Os campos baixos e planos que rodeavam Aroughs desciam em direção ao mar. Centenas de quintas salpicavam a planície verdejante, cada uma assinalada por uma cerca de madeira e, pelo menos, uma cabana de colmo. Aqui e ali viam-se sumptuosas propriedades: grandes mansões de pedra protegidas pelas próprias muralhas altas e pelos próprios guardas, deduziu Roran. Sem dúvida que pertenciam aos nobres de Aroughs e, talvez, a certos mercadores mais afortunados.

– O que achas? – perguntou ele a Cam.

O feiticeiro abanou a cabeça, com os seus olhos pendurados, ainda mais tristonhos do que o habitual.

– Mais valia fazermos um cerco a uma montanha.

– É verdade – comentou Brigman, aproximando-se.

Roran guardou as observações para si mesmo, pois não queria que os outros percebessem o quão desmoralizado estava. “Nasuada é louca se pensa que conseguimos tomar Aroughs apenas com oitocentos homens. Se tivesse oito mil homens e pudesse contar com Eragon e Saphira tenho a certeza de que o conseguiria, mas não assim...”

Porém, ele sabia que tinha de descobrir uma forma de o fazer, quanto mais não fosse para o bem de Katrina.

Roran disse a Brigman, sem olhar para ele.

– Fala-me de Aroughs.

Brigman torceu a lança várias vezes, enterrando a parte de baixo no chão, antes de responder:

– Galbatorix foi providente, pois tratou de aprovisionar totalmente a cidade de comida, antes de nós lhes cortarmos as estradas para o resto do Império. Água é coisa que não lhes falta, como podes ver. Mesmo que desviassemos os canais, teriam ainda acesso a várias fontes e poços dentro da cidade. É possível que aguentassem até ao inverno, ou até mais tempo, embora ache que apanhariam um enjoo de nabos antes de tudo estar terminado. Além disso, Galbatorix guarneceu Aroughs com um número considerável de soldados – mais do dobro dos que nós temos – para além do contingente habitual.

– Como sabes?

– Soube por um informador. Contudo ele não tinha experiência em estratégia militar e fez-nos uma avaliação demasiado otimista das debilidades de Aroughs.

– Ah.

– Afiançou-nos também que conseguiria introduzir na cidade um pequeno contingente de homens, pela calada da noite.

– E?

– Nós esperámos mas ele nunca chegou a aparecer e, na manhã seguinte, vimos a sua cabeça por cima do baluarte. Ainda lá está, junto do portão oriental.

– Pois está. Há mais alguns portões para além destes cinco?

– Sim, mais três. Junto das docas, há uma comporta suficientemente larga para os três cursos de água juntos e, ao lado desta, há um portão térreo para homens e cavalos e um outro portão térreo naquela ponta. – E apontou para o extremo oeste da cidade.

– Algum deles pode ser arrombado?

– Rapidamente, não. Junto da costa, não temos espaço para nos mexer convenientemente ou para nos abrigarmos das flechas e das pedras dos soldados. Restam-nos estes portões e o portão a oeste. Tirando a zona da costa, o traçado do solo é muito semelhante em torno de toda a cidade, por isso optei por concentrar o nosso ataque no portão mais próximo.

– De que são feitos os portões?

– Ferro e carvalho. Durarão centenas de anos, a menos que os derrubemos.

– Estão protegidos por algum feitiço?

– Não sei, pois Nasuada não achou conveniente mandar um dos seus feiticeiros connosco. Halstead tem...

– Halstead?

– Lord Halstead, o governador de Aroughs. Já deves ter ouvido falar dele.

– Não.

Seguiu-se uma breve pausa ao longo da qual Roran sentiu o desdém que Brigman nutria por ele a crescer. Depois o homem prosseguiu:

– Halstead tem um feiticeiro: uma criatura perversa e pálida que vimos ao cimo da muralha a murmurar algo para dentro da barba, tentando atingir-nos com feitiços. Parece ser particularmente incompetente, pois não teve grande sorte, a não ser com dois homens que eu tinha colocado no ariete, a quem conseguiu pegar fogo.

Roran trocou um olhar com Cam – que parecia ainda mais preocupado – e concluiu que era preferível discutir o assunto em privado.

– Não seria mais fácil arrombar os portões nos canais? – perguntou.

– Onde ficarias? Vê como estão recuados para dentro da parede, sem um degrau sequer para apoio. Além disso têm seteiras e alçapões no teto da entrada para poderem verter óleo a ferver, largar pedregulhos, ou disparar bestas a qualquer tonto que se aventure a entrar por ali.

– Os portões não podem ser totalmente maciços, caso contrário bloqueariam a água.

– Nesse aspeto tens razão. Abaixo da superfície há uma treliça de madeira e metal com buracos suficientemente grandes para não travarem demasiado o fluxo da água.

– Compreendo. Eles mantêm os portões quase sempre fechados, mesmo quando Aroughs não está sob cerco?

– À noite com toda a certeza, mas acho que os deixam abertos durante o dia,

– Humm. E as muralhas?

Brigman passou o peso do corpo para a outra perna.

– Granito polido e tão compactado que não se consegue sequer enfiar uma faca entre os blocos. Trabalho de anões datado de antes da queda dos Cavaleiros, julgo eu. Acho também que as paredes estão cheias de entulho comprimido, mas não posso garantir, visto que ainda não rachámos a proteção exterior. Estendem-se pelo menos a três metros e meio de profundidade, o que significa que não podemos abrir um túnel por baixo delas nem enfraquecê-las com seiva.

Brigman avançou e apontou para as mansões a Norte e a Oeste.

– A maior parte dos nobres refugiou-se em Aroughs, mas deixaram homens a proteger as suas propriedades. Têm-nos dado alguns problemas, atacando os nossos batedores, roubando-nos cavalos e esse tipo de coisas. Tomámos duas das propriedades, há algum tempo atrás – e apontou para duas estruturas queimadas, a alguns quilómetros –, mas era demasiado complicado mantê-las, por isso abdicámos delas e pegámos-lhes fogo. Infelizmente não temos homens suficientes para controlar as restantes.

Nessa altura Baldor disse:

– Porque entram os canais em Aroughs? Não me parece que sejam utilizados na irrigação de colheitas.

– Aqui a rega é tão necessária como carregar neve para o Norte, durante o inverno. É mais difícil ficarmos secos do que molhados.

– Então para que servem? – perguntou Roran. – E de onde vêm? Não esperas que eu acredite que a água vem do Rio Jiet, a tantos quilómetros de distância

– É pouco provável – troçou Brigman. – Há lagos nos pântanos a Norte. É água salobra e pouco saudável, mas as pessoas daqui estão habituadas. Um único canal transporta-a dos pântanos até um determinado ponto, a cerca de cinco quilómetros. Aí o canal divide-se nos três que aqui vêm e estes percorrem uma série de quedas-de-água que alimentam os moinhos que moem farinha para a cidade. Na época das colheitas, os camponeses carregam o grão para os moinhos e, depois, os sacos de farinha são carregados em barcaças e transportados até Aroughs. É também uma forma vantajosa de movimentar outros produtos das mansões para a cidade, como por exemplo a lenha e o vinho.

Roran esfregou a nuca, continuando a examinar Aroughs. O que Brigman lhe contara intrigava-o, mas não sabia ao certo em que medida os poderia ajudar.

– Há mais alguma coisa importante nos campos em redor? – perguntou.

– Apenas uma mina de ardósia mais a Sul, junto da costa.

Ainda a pensar, Roran resmungou:

– Quero visitar os moinhos – disse. – Mas, primeiro, quero que me faças um relatório completo do tempo que aqui passaste e quero saber como estão as nossas provisões de tudo, desde flechas a biscoitos.

– Se não te importares de me seguir, Martelo de Ferro.

Roran passou a hora seguinte em conferência com Brigman e dois dos seus tenentes, ouvindo-os e fazendo perguntas enquanto eles lhe relatavam cada um dos ataques às muralhas da cidade e catalogavam os stocks de mantimentos deixados ao cuidado dos guerreiros sob as suas ordens.

“Armas pelo menos não nos faltam”, pensou Roran, enquanto contava o número de mortos. Contudo, mesmo que Nasuada não tivesse determinado um tempo limite para a missão, os homens e os cavalos tinham apenas comida suficiente para ficarem acampados junto de Aroughs durante mais uma semana.

Muitos dos factos e dos números que Brigman e os seus lacaios lhe transmitiram estavam inscritos em rolos de pergaminho. Roran tentou por todos os meios esconder que não conseguia ler as linhas de símbolos angulares negros, insistindo para que os homens lhe lessem tudo, mas irritava-o estar à mercê de outras pessoas. “Nasuada tinha razão”, concluiu. “Tenho de aprender a ler. De resto, não sei se alguém me está a mentir quando dizem que um pergaminho diz isto ou aquilo... Talvez Cam me possa ensinar quando regressarmos aos Varden.”

Quanto mais sabia acerca de Aroughs, mais se identificava com a difícil situação de Brigman. Tomar a cidade era uma tarefa assustadora, sem solução à vista e, apesar de não simpatizar com o homem, Roran achava que o capitão fizera o melhor que podia, atendendo às circunstâncias. Na sua opinião, ele fracassara não por ser um comandante incompetente, mas porque lhe faltavam as duas qualidades que tinham assegurado repetidas vezes a vitória a Roran: ousadia e imaginação.

Ao terminar a revista, Roran e os seus cinco companheiros foram a cavalo com Brigman inspecionar as muralhas e os portões mais de perto, embora a uma distância segura. Vestir-se de novo numa sela foi incrivelmente doloroso para Roran, mas ele suportou-o sem reclamar.

Ao entrarem ruidosamente na estrada pavimentada, junto ao acampamento, e seguindo a trote em direção à cidade, Roran reparou que de vez em quando os cascos dos cavalos produziam um ruído peculiar ao baterem no chão. Lembrava-se de ter ouvido um barulho semelhante no último dia de viagem, e que este o incomodara.

Olhando para baixo, viu que as pedras chatas que preenchiam a superfície da estrada pareciam estar embutidas em prata oxidada, cujos veios formavam um padrão irregular, semelhante a uma teia de aranha.

Roran chamou por Brigman, inquirindo-o acerca disso e este gritou-lhe:

– A terra aqui não faz boa argamassa, por isso usam chumbo para fixar as pedras!

A reação inicial de Roran foi de incredibilidade, mas Brigman parecia estar a falar a sério. Achava espantoso que um metal se vulgarizasse a ponto de ser desperdiçado na construção de uma estrada.

Seguiram a trote pela estrada de pedra e chumbo, em direção à cidade cintilante, lá mais adiante.

Estudaram muito atentamente as defesas de Aroughs, mas o facto de estarem mais próximos não lhes revelou nada de novo, servindo apenas para reforçar a impressão que Roran já tinha, de que a cidade era praticamente intransponível.

Roran conduziu o cavalo até junto de Cam. O feiticeiro olhava para Aroughs com uma expressão vidrada, movendo os lábios em silêncio como se falasse sozinho. Roran esperou que ele parasse e depois perguntou-lhe baixinho:

– Há alguns feitiços nos portões?

– Acho que sim – respondeu Cam, igualmente esmagado. – Mas não sei bem quantos nem o que se pretende com eles. Preciso de mais algum tempo para descobrir a resposta.

– Porque é tão difícil?

– Na verdade, não é. A maior parte dos feitiços são fáceis de detetar, a menos que alguém se tenha empenhado em escondê-los e, mesmo nesse caso, a magia geralmente deixa certos sinais reveladores, se soubermos o que procurar. O meu receio é que um ou mais feitiços sejam armadilhas para impedir as pessoas de interferir com os encantamentos dos portões. Se assim for e eu os abordar diretamente, irei de certo despoletá-los e depois sabe-se lá o que poderá acontecer. Posso dissolver-me numa poça diante dos teus olhos, destino esse que preferiria evitar, se puder.

«Queres ficar aqui enquanto prosseguimos?»

Cam abanou a cabeça.

– Não acho sensato deixar-vos sem proteção enquanto estivermos fora do acampamento. Voltarei depois do pôr-do-sol e verei o que posso fazer nessa altura. Além disso, ajudaria um pouco se eu estivesse mais perto dos portões e eu não me atrevo a aproximar mais, agora que estou bem à vista das sentinelas.

– Como queiras.

Quando Roran se deu por satisfeito, concluindo que tinham obtido toda a informação possível por mera observação da cidade, ordenou a Brigman que os conduzissem à instalação de moinhos mais próxima.

Os moinhos aproximavam-se bastante da descrição que Brigman fizera. A água no canal fluía sobre três quedas de água sucessivas, de seis metros de altura. Na base de cada queda havia uma roda de água, com baldes à ponta. A água enchia os baldes, fazendo girar a máquina ininterruptamente. As rodas estavam ligadas por

eixos grossos a três edifícios idênticos, que se erguiam uns em cima dos outros ao longo da margem, em socacos, e continham as enormes mós necessárias para produzir a farinha para a população de Aroughs. Embora as rodas estivessem em movimento, Roran percebeu que estavam desconectadas do complexo mecanismo de engrenagens, escondido no interior dos edifícios, pois não ouvia o rumor das mós a girarem no sítio onde deveriam estar.

Desmontou do cavalo junto do moinho mais baixo e percorreu o caminho entre os edifícios, olhando para as comportas que controlavam a quantidade de água libertada sobre eles. As comportas estavam abertas, mas havia ainda um lago fundo por baixo de cada uma das rodas, em lenta rotação.

Parou a meio da encosta da colina, assentando os pés na beira da margem fofa, coberta de erva, cruzou os braços e encostou o queixo ao peito, ponderando sobre a forma de tomar Aroughs. Estava confiante que iria descobrir um estratagema ou uma estratégia que lhe permitisse penetrar na cidade como quem abre uma abóbora madura. Confiante estava, mas a solução escapava-lhe.

Pensou até se cansar, abandonando-se depois aos rangidos dos eixos rotativos e aos ruídos da água a cair.

Mas, por muito tranquilizantes que estes fossem, um espinho de inquietação continuava a incomodá-lo, na medida em que o local lembrava-lhe o moinho de Dempton, em Therinsford, para onde fora trabalhar no dia em que os Ra'zac tinham incendiado a sua casa e torturado o seu pai, ferindo-o mortalmente.

Roran tentou ignorar a memória, mas esta agarrou-se a ele, massacrando-lhe as entranhas.

Se ao menos tivesse esperado mais algumas horas antes de sair, poderia tê-lo salvado. Depois o seu lado mais prático respondeu: “Sim, e os Ra'zac ter-me-iam morto antes que eu conseguisse levantar sequer um dedo. Sem Eragon a proteger-me, teria ficado tão indefeso como um recém-nascido.”

Baldor reuniu-se a ele junto do canal, num passo silencioso.

– Os outros querem saber se já tens algum plano – disse ele.

– Tenho ideias mas não tenho nenhum plano. E tu?

Baldor também cruzou os braços.

– Podíamos esperar que Nasuada mandasse Eragon e Saphira em nosso auxílio.

– Bah!

Ficaram, por instantes, a observar o movimento ininterrupto da água, por baixo deles, e depois Baldor disse:

– Porque não lhes pedes simplesmente que se rendam? Talvez fiquem tão assustados, ao ouvir o teu nome, que abram os portões e caiam a teus pés, implorando misericórdia.

Roran riu brevemente.

– Duvido que os rumores acerca de mim tenham chegado a Aroughs. Ainda assim... – e passou os dedos pela barba. – À falta de melhor solução, talvez valha a pena tentar apanhá-los desprevenidos.

– Mesmo que consigamos entrar na cidade, será que a conseguiremos controlar com tão poucos homens?

– Talvez sim, talvez não.

O silêncio cresceu entre ambos e depois Baldor acrescentou:

– Ao que nós chegámos.

– É verdade.

Mais uma vez o único ruído que se ouvia era a água e as rodas a girar. Por fim Baldor disse:

– O degelo aqui não deve ser tão grande como na nossa terra, de contrário as rodas estariam parcialmente submersas na primavera.

Roran abanou a cabeça.

– Pouco importa a neve e a chuva que têm, pois podem usar as comportas para limitar a quantidade de água que cai sobre as rodas, para que estas não girem demasiado depressa.

– E quando a água sobe até ao cimo das comportas?

– Na melhor das hipóteses a farinha do dia já terá sido moída nessa altura, mas em todo o caso, desligam-se as engrenagens, abrem-se as comportas e... – Roran silenciou ao surgir-lhe uma série de imagens na mente e ele sentiu o corpo inteiro afogado, como se tivesse bebido de uma só vez uma caneca de hidromel.

“Conseguiria eu fazê-lo?”, pensou, precipitadamente. “Será que iria resultar, ou... Não interessa, temos de tentar. O que mais podemos fazer?”

Encaminhou-se para o meio da represa que barrava a água do lago do meio, agarrando nas hastes do enorme parafuso de madeira, utilizado para abrir e fechar a comporta. O parafuso estava perreco e era difícil de mover, embora se encostasse e o empurrasse com todo o seu peso.

– Ajuda-me – pediu a Baldor, que continuava na margem, a observar intrigado.

Baldor encaminhou-se cautelosamente para o local onde Roran estava e juntos conseguiram fechar a comporta. A seguir, recusando-se a responder a qualquer pergunta, Roran insistiu que fizessem o mesmo às comportas superior e inferior.

Depois de estarem as três firmemente fechadas, Roran regressou para junto de Cam, Brigman e dos outros, fazendo-lhes sinal para que desmontassem dos cavalos e se reunissem em torno dele. Bateu ao de leve na cabeça do martelo enquanto esperava, sentindo-se subitamente impaciente sem razão aparente.

– Então? – perguntou Brigman, enfaticamente, logo que todos se reuniram.

Roran olhou-os nos olhos, um por um, para ter a certeza de que lhe prestavam atenção:

– Muito bem, eis o que vamos fazer... – Falou depressa e exaustivamente durante meia hora, explicando-lhes tudo o que ocorrera naquele instante revelador. Enquanto falava, Mandel começou a sorrir. Baldor, Delwin e Hamund, embora mais sérios, pareciam igualmente entusiasmados com a natureza audaciosa do plano que Roran delineou.

A reação agradou a Roran. Esforçara-se bastante por conquistar a sua confiança e ficou satisfeito por saber que poderia continuar a contar com o seu apoio. O único receio que tinha era dececioná-los. De todas as desfeitas que imaginava poder sofrer, só perder Katrina lhe parecia pior.

Cam, por seu turno, parecia um pouco cético e Roran já o esperava. Porém, as dúvidas do feiticeiro eram insignificantes comparadas com a incredibilidade de Brigman.

– Estás louco! – exclamou, logo que Roran terminou. – Isso jamais resultará.

– Retira o que disseste! – disse Mandel, saltando para diante de punhos cerrados. – Roran ganhou mais batalhas do que aquelas em que participaste e alcançou-as sem o número de guerreiros que tinhas às tuas ordens!

Brigman arreganhou os dentes, curvando o lábio superior como uma cobra.

– Vou dar-te uma lição que te ficará gravada na memória, meu catraio.

Roran empurrou Mandel para trás, antes que o jovem atacasse Brigman.

– Ei! – rosnou Roran. – Comporta-te! – Mandel parou de resistir, com uma expressão mal-humorada, mas continuou a olhar furioso para Brigman, que lhe sorriu desdenhosamente.

– É, sem dúvida, um plano extravagante – disse Delwin. – Mas os teus planos extravagantes foram-nos bastante úteis no passado. – Os outros homens de Carvahall fizeram ruídos de assentimento.

Cam acenou com a cabeça e disse:

– Talvez resulte, talvez não, não sei. Em todo caso, irá certamente apanhar os nossos inimigos de surpresa. Tenho de admitir que estou bastante curioso para ver o que vai acontecer. Nunca antes se tentou nada semelhante.

Roran sorriu ligeiramente, dirigindo-se a Brigman:

– Continuar como antes seria uma loucura. Temos apenas dois dias e meio para conquistar Aroughs. Os métodos tradicionais não são o suficiente, portanto teremos de arriscar e usar métodos extraordinários.

– É possível – murmurou Brigman –, mas isto é uma aventura ridícula que irá matar bons guerreiros, com o único propósito de demonstrar a tua suposta esperteza.

Com o sorriso cada vez mais rasgado, Roran aproximou-se de Brigman, até ficarem apenas a escassos centímetros um do outro.

– Não tens de concordar comigo, Brigman, tens apenas de fazer o que te mandam. Vais cumprir as minhas ordens ou não?

O ar entre eles aqueceu devido ao hálito e ao calor que os corpos irradiavam. Brigman rilhou os dentes e torceu a lança ainda mais energicamente do que antes, mas depois o olhar vacilou e ele recuou.

– Maldito sejas! – disse. – Serei o teu cão, por enquanto, Martelo de Ferro. Mas ajustaremos contas sobre isto muito em breve. Espera e verás se não terás de responder pelas tuas ações.

“Desde que tomemos Aroughs”, pensou Roran, “não quero saber.”

– Montem! – gritou. – Temos trabalho pela frente e pouco tempo para o fazer! Depressa, depressa, depressa!

DRAS-LEONA

O sol erguia-se no céu, tal como Saphira. Sentado no seu dorso, Eragon viu Helgrind, no extremo oeste do horizonte e sentiu um ataque de asco ao contemplar o distante pico de rocha, como um dente aguçado na paisagem em redor. Helgrind despertava-lhe tantas recordações desagradáveis que desejava poder destruí-lo e ver as suas espiras cinzentas e nuas despedaçarem-se no chão. Saphira parecia mais indiferente à sombria torre de pedra, mas Eragon percebeu que ela também não gostava de estar perto da rocha.

Ao cair da noite, Helgrind ficara para trás e Dras-Leona surgia diante deles, junto do Lago Leona, onde havia dúzias de navios ancorados. A cidade baixa e ampla era compacta e inóspita tal qual como Eragon se lembrava dela, com as ruas estreitas e sinuosas, os seus casebres imundos, uns em cima dos outros, encostados à muralha de lama amarelada que circundava o centro da cidade, e, por trás desta, a estrutura gigantesca da imensa catedral negra e farpada de Dras-Leona, onde os sacerdotes de Helgrind conduziam os seus rituais medonhos.

Uma série de refugiados percorria a estrada em direção a Norte – gente a fugir da cidade que em breve seria cercada, rumo a Teirm ou a Urû’baen, onde poderiam ficar, pelo menos temporariamente, a salvo do avanço inexorável dos Varden.

Dras-Leona parecia-lhe tão suja e tão maligna como quando a visitara pela primeira vez, despertando nele uma ânsia de destruição que não sentira em Feinster nem em Belatona. Aqui o seu desejo era destruir a ferro e fogo, atacar com todas as terríveis energias sobrenaturais ao seu dispor e abandonar-se a todos os impulsos selváticos, deixando atrás de si nada mais que um fosso de cinzas fumegantes, ensopadas em sangue. Sentia alguma empatia pelos pobres, aleijados e escravos que viviam dentro das muralhas de Dras-Leona, mas estava inteiramente convencido de que a cidade era corrupta e acreditava que o melhor seria arrasá-la e reconstruí-la livre da mancha de perversão com que a religião de Helgrind a contaminara.

Ao imaginar-se a destruir a catedral com a ajuda de Saphira, perguntou a si mesmo se a religião dos sacerdotes que praticavam a auto-mutilação teria algum nome. O seu estudo da língua antiga ensinara-lhe a dar importância aos nomes – os nomes eram poder e compreensão – e, enquanto não soubesse o nome da religião, não conseguiria apreender totalmente a sua verdadeira natureza.

Ao cair da noite, os Varden instalaram-se numa série de campos cultivados a Sudeste de Dras-Leona, onde o terreno se elevava num ligeiro planalto que lhes daria alguma proteção, caso o inimigo decidisse atacar as suas posições. Os homens estavam cansados de caminhar, mas Nasuada pô-los a trabalhar na fortificação do acampamento e na montagem das poderosas máquinas de guerra que tinham trazido consigo de Surda.

Eragon dedicou-se vigorosamente ao trabalho. Primeiro reuniu-se a uma equipa de homens que estavam a aplanar os campos de trigo e de cevada, usando pranchas com longas laçadas de corda, presas a elas. Teria sido mais rápido ceifar os grãos com aço ou com magia, mas os caules que restassem seriam perigosos e pouco confortáveis para caminhar, muito menos para se dormir sobre eles. Assim, os talos formavam uma superfície macia e flexível, tão cómoda como qualquer colchão e muito preferível ao solo nu a que estavam habituados.

Eragon trabalhou lado a lado com os outros homens durante mais de uma hora, altura em que já tinham desimpedido espaço suficiente para as tendas dos Varden. Depois ajudou na construção da torre de cerco. A sua força fora do normal permitia-lhe deslocar traves que, de outra forma, teriam de ser movidas por vários guerreiros, acelerando assim todo o processo. Alguns dos anões que estavam ainda com os Varden supervisionaram a montagem da torre, pois as máquinas eram obra sua.

Saphira também ajudou. Abriu trincheiras fundas no chão com os dentes e as garras, e empilhou a terra removida em aterros, em torno do campo, fazendo mais em alguns minutos do que cem homens teriam conseguido fazer ao longo de um dia inteiro. Com o fogo das suas entranhas e as poderosas sacudidelas da cauda derrubava árvores, cercas, paredes, casas e tudo o que pudesse servir de proteção ao inimigo, em torno do acampamento dos Varden, criando um apavorante cenário de destruição, capaz de inspirar temor à mais corajosa das almas.

A noite já ia avançada quando os Varden terminaram os preparativos e Nasuada ordenou aos homens, anões e Urgals que se deitassem.

Retirando-se para a tenda, Eragon meditou até limpar a mente, como era hábito, mas em vez de praticar a escrita, passou as horas seguintes a rever os feitiços que achava poderem vir a ser necessários no dia seguinte, e a inventar outros novos, destinados a enfrentar os desafios específicos que Dras-Leona apresentava.

Quando sentiu que estava preparado para a batalha que se avizinhava, ele abandonou-se às divagações que pareciam mais variadas e vívidas do que habitualmente. Apesar da meditação, a perspectiva de ação iminente agitava-lhe o sangue e não o deixava acalmar. Como sempre, a espera e a incerteza eram a parte que mais lhe custava enfrentar pelo que ele desejou estar já em combate, onde não teria tempo para se preocupar com o que poderia acontecer.

Saphira estava igualmente inquieta. Através dela, Eragon apanhou fragmentos de sonhos, em que Saphira mordía e dilacerava, e percebeu que ela ansiava pelo prazer feroz da batalha. O estado de espírito dela influenciava o seu, até certo ponto, mas não o suficiente para o fazer esquecer inteiramente a sua apreensão.

A manhã chegou depressa de mais e os Varden reuniram-se nos arrabaldes desabrigados de Dras-Leona. O exército era imponente, mas a admiração de Eragon esmoreceu um pouco ao ver as espadas dentadas, os elmos amolgados e os escudos amassados dos guerreiros, bem como os rasgões mal remendados nas túnicas acolchoadas e nas cotas de malha. Se conseguissem tomar Dras-Leona, poderiam substituir algum do equipamento – tal como tinham feito em Belatona e, antes disso, em Fenster –, mas não havia forma de substituir os homens que o utilizavam.

Quanto mais tempo isto se arrastar, disse a Saphira, mais fácil será para Galbatorix derrotar-nos quando chegarmos a Urû’baen.

Então não nos podemos atrasar, respondeu ela.

Eragon estava montado em Saphira, junto de Nasuada, de armadura completa, a cavalo no seu fúlgido corcel de guerra negro, Tempestade de Guerra. Alinhados em torno deles estavam os doze guardas elfos de Eragon e um igual número de guardas de Nasuada, os Falcões Noturnos, normalmente compostos por um destacamento de seis guardas; mas que esta decidira aumentar no decurso da guerra. Os elfos estavam a pé – pois só se dispunham a montar os cavalos que eles próprios criavam e treinavam – mas todos os Falcões Noturnos, incluindo os Urgals, estavam a cavalo. À direita, a uns dez metros, estava o rei Orrin e o seu contingente de guerreiros escolhidos a dedo, cada um com uma pluma colorida presa ao topo do elmo. Narheim, o comandante dos anões, e Garzhvog estavam com as respetivas tropas.

Depois de acenarem com a cabeça um ao outro, Nasuada e Orrin esporearam as montadas e afastaram-se do corpo principal do exército dos Varden, seguindo a trote em direção à cidade. Eragon agarrou-se ao espigão do pescoço de Saphira e esta seguiu-os.

Nasuada e o rei Orrin pararam antes de passarem por entre os edifícios decrepitos. Ao seu sinal, dois arautos – um com o estandarte dos Varden e o outro com o de Surda – cavalgaram pela rua estreita que percorria o labirinto de casebres, até ao portão sul de Dras-Leona.

Eragon franziu o sobrolho ao ver os arautos avançarem. A cidade parecia estranhamente deserta e sossegada. Não se via ninguém em toda a cidade, nem mesmo na grossa muralha amarela onde centenas de soldados de Galbatorix deviam estar estacionados.

O ar tem um cheiro estranho, disse Saphira, rugindo suavemente e chamando a atenção de Nasuada.

Na base da muralha, o arauto dos Varden gritou num tom de voz que se propagou até Eragon e Saphira:

– Salve! Em nome de Lady Nasuada dos Várden e do rei Orrin de Surda, bem como todos os povos livres de Alagaësia, pedimos-vos que abram os portões para que possamos entregar uma mensagem importante ao vosso amo e senhor, Marcus Tábor, que dela poderá colher grandes proveitos tal como todos os homens, mulheres e crianças de Dras-Leona.

De trás da muralha, um homem que ninguém podia ver respondeu:

– Estes portões não se abrirão. Transmite a mensagem onde estás.

– Falas em nome de Lord Tábor?

– Falo.

– Então incumbimos-te de lhe lembrares que os assuntos de estado querem-se discutidos na privacidade dos seus aposentos e não em público onde qualquer um os possa ouvir.

– Não aceito ordens tuas, lacaio! Transmite a tua mensagem e depressa! Antes que eu perca a paciência e te encha de flechas.

Eragon estava impressionado; o arauto não parecia perturbado nem intimidado com a ameaça, sem hesitação:

– Como quiseses. Os nossos líderes oferecem paz e amizade a Lord Tábor e a todo o povo de Dras-Leona. Não temos motivo para entrar em conflito convosco apenas com Galbatorix, e não vos defrontaríamos se tivéssemos escolha. Não temos uma causa comum? Muitos de nós vivíamos outrora no Império e apenas o abandonámos porque fomos expulsos das nossas terras no reinado cruel de Galbatorix. Somos vossos irmãos de sangue e de espírito. Unam forças connosco e poderemos ainda libertar-nos do usurpador que ocupa agora o trono em Urû'baen.

«Se aceitarem a nossa oferta, os nossos líderes garantem a segurança de Lord Tábor e da sua família, bem como de todos os que estejam presentemente ao serviço do Império, embora a nenhum seja permitido manter a sua posição, caso tenha prestado juramentos que não possam ser quebrados. Se os vossos juramentos não vos permitirem ajudar-nos, pelo menos, não nos impeçam de avançar. Abram os vossos portões, deponham as vossas espadas e nós prometemos que nenhum mal vos acontecerá. Se tentarem barrar-nos, varrer-vos-emos como palha, pois ninguém consegue resistir ao poder do nosso exército, o exército de Eragon, o Aniquilador de Espetros e do dragão Saphira.

Ao ouvir o seu nome, Saphira levantou a cabeça e soltou um rugido apavorante.

Por cima do portão, Eragon viu uma figura alta, encapuçada, subir para as muralhas e parar entre dois merlões, por cima dos arautos, olhando na direção de Saphira. Eragon franziu os olhos mas não conseguiu distinguir o rosto do homem. Outras quatro pessoas, de túnicas negras, reuniram-se ao homem, mas essas Eragon percebeu tratarem-se de sacerdotes de Helgrind, pois tinham os corpos mutilados: a um faltava-lhe um antebraço, a outros dois faltava-lhes uma perna e ao último faltava-lhe um braço e ambas as pernas, pelo que os companheiros transportavam-no numa pequena liteira acolchoada.

O homem encapuçado atirou a cabeça para trás e deu uma gargalhada ensurdecedora, de uma violência explosiva. Por baixo dele, os arautos lutavam para controlar as montadas, pois os cavalos empinaram-se e tentaram fugir.

Eragon sentiu o estômago afundar-se e apertou o punho de Brisingr, pronto a desembainhá-la a qualquer momento.

– Ninguém consegue resistir ao vosso poder? – inquiriu o homem, fazendo ecoar a voz pelos edifícios. – Creio que têm uma opinião demasiado elevada a vosso respeito. – E o imenso corpo vermelho e cintilante de Thorn saltou das ruas para a cobertura de uma casa, com um gigantesco urro, cravando as garras nos telhados de madeira. O dragão abriu as enormes asas rematadas por garras e escancarou a garganta vermelha, varrendo o céu com uma cortina de chamas ondulantes.

Num tom desdenhoso, Murtagh – porque era de Murtagh que se tratava – acrescentou:

– Corram para as muralhas as vezes que quiserem, pois jamais tomarão Dras-Leona, pelo menos enquanto eu e Thorn aqui estivermos para a defender. Mandem os vossos melhores guerreiros e feiticeiros combater-nos e todos morrerão. Isso posso assegurar-vos! Não há um homem entre vós que nos possa vencer. Nem mesmo tu... Irmão. Voltem para os vossos esconderijos, antes que seja tarde demais, e rezem para que Galbatorix não se aventure a lidar convosco pessoalmente, de contrário a vossa única recompensa será morte e mágoa.

O JOGO DA BUGALHA

— Senhor, senhor! O portão está a abrir-se!

Roran levantou os olhos do mapa que estava a estudar, ao ver uma das sentinelas do acampamento irromper ofegante dentro da tenda, de rosto afogueado.

— Que portão? — perguntou Roran, com uma calma mortal. — Sê preciso — disse ele, pondo de parte a vareta que usava para medir as distâncias.

— O que está mais próximo de nós, senhor... na estrada. Não no canal.

Tirando o martelo do cinto, Roran saiu da tenda, correu pelo acampamento, até ao extremo sul, e olhou para Aroughs. Para sua consternação, viu várias centenas de homens a cavalo saírem da cidade e reunirem-se numa ampla formação, diante da entrada escura do portão, com os seus estandartes a ondular ao vento.

“Vão fazer-nos em pedaços”, pensou Roran, desesperado. Apenas cerca de cento e cinquenta dos seus homens encontravam-se no acampamento e muitos deles estavam feridos e incapazes de lutar. Todos os outros estavam nos moinhos que visitara no dia anterior, nas minas de ardósia mais adiante, na costa, ou nas margens do canal mais virado a Oeste, à procura das barcas necessárias para que o seu plano fosse bem-sucedido. nenhuns dos guerreiros poderiam ser chamados a tempo de defrontar os cavaleiros.

Quando enviara os homens para as suas missões, Roran estava consciente de que tinha deixado o acampamento vulnerável a um contra-ataque, contudo esperava que o povo da cidade se sentisse demasiado intimidado com os últimos ataques às muralhas para tentar algo de tão audacioso — e que os guerreiros que mantivera com ele fossem suficientes para convencer quaisquer observadores distantes de que o corpo principal do seu exército estava ainda estacionado nas tendas.

A primeira dessas suposições revelara-se, sem dúvida, um erro. Roran não tinha a certeza se os defensores de Aroughs tinham conhecimento do seu estratagema, mas concluiu que era provável que tivessem, atendendo ao reduzido número de cavaleiros reunidos em frente da cidade. Se os soldados ou os seus comandantes tivessem previsto enfrentar toda a companhia de Roran, seria de esperar que reunissem o dobro das tropas. Fosse como fosse, teria ainda de descobrir uma forma de repelir o ataque e impedir que os seus homens fossem chacinados.

Baldor, Cam e Brigman correram na direção dele, de armas em punho. Enquanto Cam vestia apressadamente a túnica de cota de malha, Baldor disse:

— O que fazemos?

— Não podemos fazer nada — respondeu Brigman. — Condenaste toda esta expedição com a tua imprudência, Martelo de Ferro. Temos de fugir — imediatamente —, antes que aqueles malditos cavaleiros nos alcancem.

Roran cuspiu no chão.

— Retirada? Não vamos retirar-nos. Os homens não podem fugir a pé e, mesmo que pudessem, eu não abandonarei os feridos.

— Não entendes? Estamos perdidos. Se ficarmos, vamos ser mortos — ou pior — vamos ser feitos prisioneiros!

— Esquece, Brigman! Não tenciono fugir!

— Porque não? Para não teres de admitir que falhaste? Porque esperas salvar parte da tua honra numa batalha final inútil? Não entendes que só irás prejudicar mais os Varden?

Na base da cidade, os cavaleiros ergueram as espadas e as lanças por cima da cabeça e enterraram as esporas nos cavalos — com um coro de urros e gritos, que se ouviam mesmo àquela distância —, e começaram a cavalgar ruidosamente pela planície em declive, em direção ao acampamento dos Varden.

Brigman retomou a sua diatribe:

— Não vou permitir que desperdices as nossas vidas apenas para aplacar o teu orgulho. Fica se achares que deves, mas...

— Silêncio! — gritou Roran. — Fecha a matraca ou eu próprio te obrigarei a fechá-la! Baldor, vigia-o. Se ele fizer algo que te desagrade, fã-lo sentir a ponta da tua espada. — Brigman inchou de raiva, mas conteve a língua, ao ver Baldor erguer a espada e apontá-la ao seu peito.

Roran calculou que devia ter uns cinco minutos para decidir o que fazer. Cinco minutos e tanto em suspenso.

Tentou imaginar como poderiam matar ou mutilar o número suficiente de cavaleiros para os afugentar, mas descartou essa hipótese quase de imediato. Não havia qualquer local para onde conduzir a cavalaria que se aproximava e onde os seus homens ficassem em vantagem. O terreno era demasiado plano e demasiado deserto para manobras dessas.

Não podemos ganhar se lutarmos, por isso... E se os assustarmos? Mas como? Com fogo? O fogo poderia revelar-se mortal tanto para amigos como para inimigos. Além disso, a relva húmida iria apenas fumejar. Com fumo? Não, isso não iria servir de nada.

E olhou de relance para Cam.

— Consegues conjurar uma imagem de Saphira e fazê-la rugir e jorrar fogo, como se estivesse realmente aqui?

As faces magras do feiticeiro empalideceram e ele abanou a cabeça, com uma expressão assustada.

— Talvez, não sei. Nunca experimentei fazê-lo. Iria criar uma imagem dela de memória. Poderia nem se parecer com uma criatura viva. — Acenou em direção à linha de homens a galope. — Eles iriam perceber que se passava algo de errado.

Roran enterrou as unhas na palma da mão. Restavam-lhe quatro minutos, se tanto.

— Talvez valha a pena tentar — murmurou ele. — Precisamos apenas de os distrair, de os confundir... — Olhou de relance para o céu, na esperança de ver uma cortina de chuva a aproximar-se do acampamento, mas infelizmente as únicas formações visíveis eram um par de nuvens diminutas. Confusão, incerteza, dúvida... De que é que as pessoas têm medo? Do desconhecido, das coisas que não entendem. É isso mesmo.

Em segundos, Roran pensou em meia dúzia de esquemas para minar a confiança dos seus inimigos, cada um mais extravagante que o anterior, até que lhe ocorreu uma ideia tão simples e tão audaciosa que lhe pareceu perfeita. Além disso, ao contrário das outras, esta apelava-lhe ao ego pois exigia apenas a participação de uma outra pessoa: Cam.

— Ordena aos homens que se escondam nas tendas — gritou, já a andar. — E diz-lhe que fiquem calados. Não quero ouvir sequer um pio, a menos que sejamos atacados!

Aproximando-se da tenda vazia mais próxima, Roran prendeu o martelo ao cinto e tirou um cobertor sujo, de lã, de uma das pilhas de roupa de cama caídas no chão. Depois, correu para uma fogueira onde se cozinhava e pegou numa secção larga de um tronco cortado, que os guerreiros tinham usado como banco.

Com o tronco debaixo de um braço e o cobertor por cima do ombro oposto, Roran correu para fora do acampamento em direção a uma ligeira elevação, a cerca de trinta metros das tendas.

— Alguém que me arranje um conjunto de pedras da Bugalha e um corno de hidromel! — gritou. — E vão buscar a mesa onde eu tenho os mapas. Imediatamente, raios, imediatamente!

Atrás dele, ouviu um tumulto de passos e de equipamento a tilintar, enquanto os homens se escondiam nas tendas. Um silêncio sinistro abateu-se sobre o acampamento, segundos depois. Tudo o que se ouvia era os homens a recolher os objetos que ele tinha pedido.

trás. Roran nem olhou para trás. Colocou o tronco direito na crista da colina, assentando a parte mais larga no chão e torcendo-o várias vezes, para trás e para diante, para que não baloiçasse por debaixo dele. Quando se deu por satisfeito e concluiu que estava estável, sentou-se e olhou para os cavaleiros atacantes no campo em declive.

Chegariam dentro de menos de três minutos. Conseguia sentir o matraquear dos cascos dos cavalos através do tronco de madeira onde estava sentado e a sensação tornava-se mais intensa a cada segundo que passava.

– Onde estão as pedras e o hidromel?! – gritou ele, sem tirar os olhos da cavalaria.

Passou brevemente a mão pela barba, para a alisar, e puxou a bainha da túnica. O medo fê-lo desejar ter a cota de malha vestida, mas o seu lado mais frio e mais astucioso concluiu que os inimigos ficariam ainda mais apreensivos se o vissem sentado sem armadura, como se estivesse realmente à vontade, o que o convenceu a também deixar o martelo no cinto, para dar a entender que se sentia seguro na presença dos soldados.

– Desculpa – disse Corn, quase sem fôlego, ao correr na direção de Roran, juntamente com um homem que transportava a pequena mesa de abrir que trouxera da tenda de Roran. Colocaram-na diante dele, estenderam o cobertor por cima e Cam entregou a Roran um corno meio cheio de hidromel e um copo de couro, com as habituais cinco pedras da Bugalha.

– Vai-te embora daqui, anda! – disse. Cam virou-se para se ir embora, mas Roran agarrou-lhe o braço. – Consegues provocar ondulações no ar à minha esquerda e à minha direita, como acontece por cima de uma fogueira, num dia frio de inverno?

Cam franziu os olhos.

– É possível, mas de que é que isso...

– Fá-lo se conseguires. Agora vai-te esconder, anda!

O feiticeiro coxo correu de novo para o acampamento e Roran chocalhou as pedras no copo, deitando-as sobre a mesa, e começou a jogar sozinho, atirando as pedras ao ar – primeiro uma, depois duas, a seguir três e por aí adiante – e apanhando-as sobre as costas da mão. O seu pai, Garrow, entretinha-se frequentemente de forma semelhante, enquanto fumava cachimbo, sentado numa velha cadeira desengonçada, no alpendre de casa, nas longas noites de verão no Vale de Palancar. Às vezes Roran jogava com ele e, normalmente, perdia, mas o que Garrow mais gostava era de competir consigo mesmo.

Embora sentisse o coração a martelar-lhe o peito, à desfilada, e as palmas das mãos suadas e pegajosas, Roran fez um esforço por manter uma postura calma. Para que a estratégia tivesse a mínima hipótese de resultar, ele teria de agir com uma confiança inabalável, independentemente das suas emoções reais.

Concentrou o olhar nas pedras e recusou-se a levantar os olhos, mesmo quando os cavaleiros já estavam muito próximos. O ruído dos animais a galope foi aumentando até que Roran se convenceu que iam passar por cima dele.

“Que forma mais estranha de morrer”, pensou, sorrindo tristemente. Depois pensou em Katrina e no seu filho por nascer, consolando-se com a evidência de que daria continuidade à sua linhagem, mesmo que morresse. Não era propriamente a imortalidade de Eragon, mas era uma espécie de imortalidade e teria de servir.

No último momento, quando a cavalaria estava apenas a alguns metros da mesa, alguém gritou.

– Ai! Ai... ohhh! Controlem os cavalos. Eu disse, controlem os cavalos! – E a formação de animais impacientes deteve-se relutantemente, com o ruído de fivelas a retinir e o rangido dos arreios de couro.

Roran continuou de olhos baixos.

Bebeu um gole do pungente hidromel, voltou a lançar as pedras e apanhou duas delas nas costas das mãos, onde ficaram a baloiçar sobre as saliências dos tendões.

O aroma do solo acabado de revolver, envolveu-o, quente e reconfortante, em conjunto com o odor não tão agradável da transpiração dos cavalos.

– Viva, meu bom homem! – disse o mesmo homem que mandara parar os soldados. – Eu disse, viva! Quem és tu para ficares aí sentado numa bela manhã como esta, a beber, entretido com um jogo de sorte, como se não tivesses qualquer preocupação na vida? Será que não merecemos a cortesia de sermos defrontados com espadas? Quem és tu, pergunto eu?

Roran levantou lentamente os olhos da mesa, como se acabasse de reparar na presença dos soldados e não lhes atribuisse grande importância, dando de caras com um homem baixo, de barba, com um elmo extravagantemente emplumado, montado num enorme cavalo de guerra negro, ofegante como um fole.

– Não sou bom homem de ninguém, muito menos teu – respondeu Roran, sem se dar ao trabalho de esconder o desagrado por ser abordado daquela forma tão familiar. – Quem és tu para interromperes o meu jogo tão rudemente, posso saber?

O homem olhou-o de cima a baixo, como se ele fosse uma criatura estranha que encontrara enquanto andava a caçar, e as longas penas listradas, no topo do elmo, oscilaram e ondularam.

– O meu nome é Tharos, O Lesto. Sou o Capitão da Guarda. Por muito rude que sejas, devo dizer-te que me penalizaria muitíssimo matar um homem tão ousado como tu, sem saber o seu nome. – Para enfatizar as suas palavras, Tharos baixou a lança que empunhava, apontando-a a Roran.

Três linhas de cavaleiros estavam agrupadas mesmo atrás de Tharos. Entre eles, Roran viu um homem magro, de nariz adunco, com o rosto e os braços macilentos, nus até aos ombros, que passara a associar aos feiticeiros dos Varden. Subitamente, deu consigo na esperança de que Cam tivesse conseguido fazer ondular o ar, contudo, não se atreveu a virar a cabeça para olhar.

– O meu nome é Martelo de Ferro – disse. Reuniu as pedras, atirou-as ao ar e apanhou três, num único gesto. – Roran, Martelo de Ferro. Eragon, o Aniquilador de Espetros é meu primo. Deves ter ouvido falar dele, se é que não ouviste falar de mim.

Uma onda de desconforto espalhou-se pela formação de cavaleiros e Roran julgou ver os olhos de Tharos a arregalarem-se por instantes.

– Uma afirmação impressionante, mas como podemos ter a certeza da sua veracidade? Qualquer homem pode assumir a identidade de outro, se isso servir os seus propósitos.

Roran tirou o martelo e bateu com ele na mesa, produzindo um ruído abafado e, depois, retomou o jogo, ignorando os soldados. Duas das pedras caíram-lhe das costas da mão, fazendo-o perder o jogo, e ele roncou, aborrecido.

– Ah – disse Tharos, pigarreando. – Tens uma reputação brilhante, Martelo de Ferro, embora alguns argumentem que a empolaram para além do que seria razoável. Por exemplo, é verdade que mataste trezentos homens, sozinho, na aldeia de Delderad, em Surda?

– Nunca soube como se chamava o sítio, mas se dizes que era Delderad, sim, matei lá muitos soldados. Porém, eram apenas cento e noventa e três e eu estava bem guardado pelos meus homens, enquanto lutava.

– Só cento e noventa e três? – disse Tharos, num tom assombrado. – És demasiado modesto, Martelo de Ferro. Uma façanha dessas poderá valer-te um lugar em muitas trovas e histórias.

Roran encolheu os ombros e levou o corno à boca, fingindo engolir, pois na realidade não poderia toldar a mente com a potente bebida dos anões.

– Luto para ganhar e não para perder... Permite-me que te ofereça uma bebida, de um guerreiro para outro – disse Roran estendendo o corno a Tharos.

O guerreiro baixo hesitou e os seus olhos desviaram-se, por breves instantes, para o feiticeiro atrás de si. Depois molhou os lábios e disse:

– Nesse caso, talvez beba. – Desmontando do cavalo de guerra, Tharos entregou a lança a um dos soldados, tirou as luvas e encaminhou-se para a mesa, aceitando cautelosamente o corno das mãos de Roran.

Tharos cheirou o hidromel e bebeu um longo trago. As penas do seu elmo estremeceram e ele fez uma careta.

– Não é do teu agrado? – perguntou Roran, divertido.

– Confesso que acho estas bebidas da montanha demasiado ásperas para a minha língua – disse Tharos, devolvendo o corno a Roran. – Prefiro os vinhos dos nossos campos, pois são quentes, suaves e menos susceptíveis de enlouquecer um homem.

– Para mim isto é melhor que o leite materno – mentiu Roran. – Bebo-o de manhã, à tarde e à noite.

Calçando de novo as luvas, Tharos regressou para junto do cavalo, subiu para a sela, e voltou a tirar a lança ao soldado que a segurava. Dirigiu mais um olhar ao feiticeiro de nariz adunco, que estava atrás de si, cuja complexão adquirira uma palidez mortal, nos breves instantes em que Tharos assentara os pés no chão. Roran apercebeu-se disso e Tharos também devia ter reparado na mudança que se operou no seu feiticeiro, pois ele próprio ficou com uma expressão tensa.

– Os meus agradecimentos pela tua hospitalidade, Roran Martelo de Ferro – agradeceu, levantando a voz para que todas as suas tropas o ouvissem. – Talvez possa em breve ter a honra de te receber dentro das muralhas de Aroughs. Se assim for, prometo servir-te os melhores vinhos da propriedade da minha família e talvez com eles consiga convencer-te a abandonares o consumo desse leite bárbaro que aí tens. Creio que acharás o nosso vinho muito recomendável. Deixamo-lo envelhecer em pipas de carvalho durante meses, às vezes até durante anos. Seria uma pena que todo esse trabalho fosse desperdiçado e se despedaçassem as pipas deixando que o vinho escorresse para as ruas, tingindo-as de vermelho com o sangue das nossas vinhas.

– Seria de facto uma pena – respondeu Roran –, mas por vezes não se consegue evitar derramar um pouco de vinho quando se limpa a mesa. – Erguendo o corno para o lado, virou-o, vertendo o pouco hidromel que restava para a erva.

Tharos ficou totalmente inóvel, por instantes – nem as penas do elmo se mexiam. Depois, virou o cavalo, com um esgar furioso e gritou aos seus homens:

– Formar! Formar! Ya! – Depois desse grito final, esporeou o cavalo, afastando-se de Roran e os soldados seguiram-no, incitando os cavalos a galopar. Regressaram a Aroughs pelo mesmo caminho por onde tinham vindo.

Roran manteve a sua falsa postura arrogante e indiferente até os soldados ficarem bem distantes, suspirando depois lentamente e poisando os cotovelos sobre os joelhos. As mãos tremiam-lhe um pouco.

“Resultou”, pensou, assombrado.

Ouviu homens a correr na sua direção, vindos do acampamento e olhou por cima do ombro, vendo Baldor e Cam a aproximarem-se, acompanhados, pelo menos, por cinquenta guerreiros que estavam escondidos dentro das tendas.

– Consegui! – exclamou Baldor, ao aproximarem-se. – Consegui! Não posso acreditar! – Deu uma gargalhada e bateu com tanta força no ombro de Roran que o atirou contra a mesa.

Os outros homens reuniram-se em torno dele, também a rir, elogiando-o com frases extravagantes e gabando-se de que iriam conseguir tomar Aroughs sem uma única baixa, sob as suas ordens, e desvalorizando a coragem dos habitantes da cidade. Alguém lhe meteu meio cantil de vinho quente na mão. Roran olhou-o com um asco inesperado, passando-o ao homem que estava imediatamente à sua esquerda.

– Lançaste alguns feitiços? – perguntou ele a Cam, mal se conseguindo fazer ouvir com o estrépito das comemorações.

– O quê? – Cam inclinou-se mais para ele e Roran repetiu a pergunta. O feiticeiro sorriu e acenou energicamente. – Sim consegui fazer ondular o ar como tu querias.

– E atacaste o feiticeiro deles? Ele parecia estar prestes a desmaiar, quando se foram embora.

O sorriso de Cam abriu-se:

– Isso foi obra dele. Estava sempre a tentar quebrar a ilusão que julgava que eu criara, para penetrar no véu de ar bruxuleante e ver o que estava por trás deste – mas não havia nada para quebrar nem para penetrar, por isso ele despendeu toda a sua energia em vão.

Roran riu baixinho e o seu riso converteu-se numa longa e intensa gargalhada que se fez ouvir por cima de toda aquela ruidosa exaltação, propagando-se pelos campos, em direção a Aroughs.

Durante alguns minutos apreciou, com deleite, a admiração dos seus homens, até ouvir um grito alto de advertência de uma das sentinelas estacionadas num dos extremos do acampamento.

– Afastem-se! Deixem-me ver! – disse Roran, erguendo-se bruscamente. Os guerreiros obedeceram e ele viu um homem solitário a Oeste – que percebeu tratar-se de um dos soldados que mandara inspecionar as margens dos canais. Galopava pelos campos, na direção do acampamento. – Tragam-no aqui – ordenou Roran e um soldado ruivo e coxo, foi a correr ao encontro do cavaleiro.

Enquanto esperavam que o homem chegasse, Roran pegou nas pedras de bugalha e colocou-as, uma a uma, no copo de couro. As pedras produziram um ruído agradável ao caírem dentro do copo.

Mal o guerreiro se aproximou o suficiente para que o pudesse saudar, Roran gritou:

– Viva, está tudo bem? Foste atacado?

Para aborrecimento de Roran, o homem manteve-se em silêncio até estar apenas a alguns metros dele, altura em que saltou da montada e se apresentou diante de Roran, mais rígido e emperdigado que um pinheiro sedento de sol, exclamando em voz alta:

– Meu capitão! – Ao observá-lo mais atentamente, Roran viu que o homem, afinal, era apenas um rapaz – tratava-se, na verdade, do jovem desalinhado que lhe segurara as rédeas quando chegara ao acampamento – porém, essa constatação não contribuiu em nada para saciar a sua curiosidade frustrada.

– Bom, afinal do que se trata? Não posso ficar aqui o dia inteiro.

– Hamund mandou-me informá-lo que encontrou todas as barcaças de que precisamos e que está a construir os trenós para as transportar para o outro canal, meu capitão.

Roran acenou com a cabeça.

– Ótimo. Ele precisa de mais alguém para as transportar para lá a tempo?

– Não, meu capitão!

– É tudo?

– Sim, meu capitão!

– Não precisas de estar constantemente a chamar-me meu capitão. Uma vez chega, entendido?

– Sim, meu cap... Hum, sim cap... quer dizer, sim, claro.

Roran conteve um sorriso.

– Portaste-te bem. Come qualquer coisa e depois vai à mina e traz-me informações. Quero saber o que eles conseguiram até agora.

– Sim, meu cap... Desculpe, meu cap... Quer dizer, eu não... Irei imediatamente, capitão. – Duas rosetas vermelhas surgiram nas faces do jovem, ao gaguejar. Curvou a cabeça numa rápida vénia e regressou apressadamente ao cavalo, afastando-se a trote em direção às tendas.

A visita deixou Roran mais circunspecto, pois lembrou-lhe que havia muito que fazer, ainda que tivessem tido a sorte de evitar as espadas dos soldados, e as tarefas que os esperavam poderiam custar-lhes o cerco caso fossem mal conduzidas.

Depois disse aos guerreiros mais distantes:

– Todos para o acampamento! Quero duas filas de trincheiras abertas em redor das tendas, até ao cair da noite. Aqueles cobardes podem mudar de ideias e decidir atacar-nos e eu quero estar preparado. – Alguns homens generam ao ouvir falar em abrir trincheiras, mas os restantes pareceram aceitar a ordem de bom grado.

Cam disse em voz baixa:

– É melhor não os cansares demasiado até amanhã.

– Eu sei – respondeu Roran, também em voz baixa –, mas o acampamento precisa de ser fortificado e o trabalho irá impedi-los de pensar demasiado. Além disso, por muito cansados que estejam amanhã, o combate dar-lhes-á energias renovadas. Dá sempre.

As horas do dia passavam depressa para Roran, quando se concentrava num problema imediato ou desenvolvia esforços físicos intensos, e pareciam arrastar-se sempre que tinha alguma disponibilidade para ponderar na situação em que estavam. Os seus homens trabalharam corajosamente – ao salvá-los dos soldados, conquistara a sua lealdade e a sua devoção como jamais conseguiria por palavras – mas parecia-lhe cada vez mais óbvio que não conseguiriam terminar os preparativos nas poucas horas que lhes restavam, apesar dos seus esforços.

Ao longo de toda a manhã, tarde e princípio da noite, Roran sentiu um desespero doentio crescer dentro de si e amaldiçoou-se por ter decidido concretizar um plano tão complicado e ambicioso.

“Eu devia ter percebido desde o início que não tínhamos tempo para isto”, pensou. Mas era demasiado tarde para tentar outra coisa. A única alternativa que lhes restava era darem o seu melhor e esperarem que isso fôsse o suficiente para conseguirem a vitória, apesar dos erros cometidos devido à sua incompetência.

O cair da noite, uma pequena centelha de otimismo atenuou o seu derrotismo, pois os preparativos começaram subitamente a consolidar-se, com uma inesperada rapidez. E, algumas horas depois, quando já era noite fechada e as estrelas brilhavam nos céus, Roran deu consigo junto dos moinhos praticamente com setecentos homens, totalmente a postos para tomar Aroughs, antes do final do dia seguinte.

Ao olhar para o fruto dos seus esforços, Roran soltou uma pequena gargalhada, com um misto de alívio, orgulho e incredibilidade.

Depois deu os parabéns aos guerreiros em seu redor e ordenou-lhes que regressassem às tendas.

– Agora descansem enquanto podem. Atacamos ao amanhecer!

E os homens aplaudiram, apesar do evidente cansaço.

MEU AMIGO, MEU INIMIGO

Nessa noite, o sono de Roran foi leve e agitado. Era-lhe impossível desconstrair-se totalmente, sabendo da importância da batalha que se avizinhava e que era bem provável que fosse ferido durante o combate, tal como acontecera tantas vezes. Esses dois pensamentos criaram-lhe uma linha de tensão entre a cabeça e a coluna que, em intervalos regulares, o arrancava de sonhos sombrios e estranhos.

Consequentemente, não foi difícil acordar, ao ouvir uma pancada suave e surda no exterior da tenda.

Abriu os olhos e fixou o retalho de tecido por cima da cabeça. O interior da tenda só se via devido à ténue linha de luz alaranjada das tochas, que se escoava pelo intervalo das palas da entrada. Sentia o ar frio e parado na pele, como se estivesse enterrado numa caverna, a grande profundidade. Fossem lá que horas fossem, era tarde, muito tarde. Mesmo os animais noturnos já deviam ter regressado aos seus covis para dormir. Ninguém devia estar acordado, a não ser as sentinelas, e estas estavam bem longe da sua tenda.

Roran manteve a respiração tão pausada e superficial quanto possível, tentando ouvir outros ruídos. O ruído mais alto que distinguia era o palpar do próprio coração, que ficou mais forte e mais acelerado ao sentir a tensão vibrar dentro de si, como uma corda esticada de um alaúde.

Passou um minuto.

Depois outro.

E, finalmente, no instante em que começou a pensar que não havia motivo de alarme e o latejar das veias começou a abrandar, uma sombra escureceu a parte da frente da tenda, bloqueando a luz das tochas.

A pulsação de Roran triplicou de intensidade. O coração martelava-lhe o peito como se corresse pela encosta de uma montanha. Fosse quem fosse que ali estava, não viera acordá-lo para o ataque a Aroughs, nem trazer-lhe qualquer informação, pois se assim fosse não teria hesitado em chamá-lo pelo nome e entrar sem pedir licença.

Uma luva preta – que era apenas uma sombra mais escura que as trevas em redor – deslizou por entre as palas da entrada, tateando à procura do cordão que as prendia.

Roran abriu a boca para dar o alarme, mas depois mudou de ideias. Seria estúpido desperdiçar a vantagem da surpresa. Além disso se o intruso percebesse que fora visto, poderia entrar em pânico o que o tornaria ainda mais perigoso.

Com a mão direita, Roran tirou cuidadosamente a adaga debaixo da capa enrolada que usava como almofada, escondendo a arma junto ao joelho, por baixo de uma prega do cobertor, e ao mesmo tempo agarrou na ponta do cobertor, com a outra mão.

Um aro de luz dourada delineava a silhueta do intruso enquanto este deslizava para o interior da tenda. Roran viu que o homem usava uma jaqueta de couro, acolchoada, mas não trazia armadura nem cota de malha. Depois a pala fechou-se e a escuridão envolveu-os de novo.

A figura sem rosto avançou furtivamente para o local onde Roran estava deitado.

Roran sentiu que iria desmaiar com falta de ar, se continuasse a conter a respiração para parecer que ainda dormia.

Quando o intruso estava a meio caminho do catre, Roran arrancou os cobertores, atirando-os para cima do homem, e saltou na sua direção com um grito selvático, puxando a adaga para trás para o apunhalar na barriga.

– Espera! – gritou o homem. Surpreendido, Roran conteve o impulso da mão e juntos caíram no chão. – Amigo! Eu sou um amigo!

Meio segundo depois, Roran arfou, sentindo dois duros golpes no rim esquerdo. A dor quase o incapacitou, mas ele fez um esforço para rebolar para longe do homem e manter alguma distância.

Depois levantou-se e voltou a atacar o adversário, que ainda lutava para se libertar do cobertor.

– Espera, eu sou teu amigo! – gritou o homem, mas Roran não fazia tensões de confiar nele uma segunda vez. E ainda bem que não, pois quando tentou golpear o intruso, este deu uma volta aos cobertores e prendeu-lhe o braço direito com que empunhava a adaga, tentando depois atacá-lo com uma faca que tirou da jaqueta. Roran sentiu um leve puxão no peito, mas foi tão ligeiro que não ligou.

Roran gritou, puxou o cobertor com todas as suas forças e derrubou o homem, atirando-o contra um dos lados da tenda, que acabou por tombar em cima deles, prendendo-os sob o pesado tecido de lã. Roran sacudiu o cobertor torcido do braço e depois arrastou-se em direção ao homem, tateando na escuridão.

A sola rija de uma bota atingiu a mão esquerda de Roran, pelo que ele ficou com a ponta dos dedos dormente.

Atirando-se para a frente, Roran apanhou o homem por um tornozelo enquanto este tentava virar-se de frente para ele. O homem esperneou como um coelho e libertou-se de Roran, mas ele voltou a agarrar-lhe no tornozelo e apertou-o através do cabedal fino, enterrando-lhe os dedos no tendão, na parte de trás do calcanhar, até o homem urrar de dor.

Antes que ele conseguisse recuperar, Roran amarinhou pelo corpo do homem e prendeu-lhe a mão que empunhava a faca contra o chão, tentando levá-la ao flanco do homem, mas foi demasiado lento e o seu adversário agarrou-lhe o pulso, prendendo-o firmemente.

– Quem és tu? – rosou Roran.

– Sou teu amigo – disse o homem, projetando um hálito morno no rosto de Roran. Cheirava a vinho e a cidra com especiarias. Entretanto deu três joelhadas seguidas nas costelas de Roran.

Roran deu uma cabeçada no nariz do assassino, partindo-lho com um estalido sonoro. O homem arreganhou os dentes e debateu-se debaixo dele, mas Roran não o soltou.

– Tu... não és meu amigo – disse Roran, empurrando-lhe o braço direito para baixo e levando lentamente a adaga ao seu flanco. Enquanto lutavam, Roran teve a vaga sensação de ouvir gente gritar no exterior da tenda caída.

Por fim, o braço do homem cedeu e a adaga trespassou-lhe a jaqueta, mergulhando facilmente na carne viva e mole. O homem teve uma convulsão e Roran esfaqueou-o mais algumas vezes, tão rápida quanto pôde, enterrando-lhe depois a adaga no peito.

Roran sentiu as palpitações trémulas do coração do homem através do punho da faca, ao cortá-lo em pedaços com a adaga aguçada como uma lâmina. O homem estremeceu, sacudiu-se mais duas vezes e depois parou de resistir, ficando simplesmente ali caído, a ofegar.

Roran continuou a segurá-lo, num abraço tão íntimo como o de dois amantes, enquanto a vida lhe fugia. Embora o homem o tentasse matar e Roran não soubesse mais nada acerca dele, não conseguiu deixar de se sentir terrivelmente próximo dele. Ali estava outro ser humano – outra criatura viva e inteligente –, cuja vida estava a acabar, à conta do que fizera.

– Quem és tu? – murmurou ele – Quem te mandou?

– Eu... eu quase te matei – disse o homem, com uma satisfação perversa. A seguir deixou escapar um suspiro longo e cavernoso, o seu corpo ficou inerte e morreu.

Roran deixou cair a cabeça para a frente, contra o peito do homem, desesperado para respirar, tremendo da cabeça aos pés, com os membros derreados pelo

choque.

Alguém começou a puxar pelo tecido que ele tinha em cima.

– Tirem isto de cima de mim! – gritou Roran, agitando o braço direito, incapaz de suportar mais o peso opressivo da lã, a escuridão, o espaço confinado e o ar sufocante.

Alguém cortou a lã, fazendo um rasgão no retalho de tecido por cima dele, e a luz quente e trêmula de uma tocha penetrou através da abertura.

Desesperado para se libertar daquela prisão, Roran levantou-se bruscamente, agarrou-se às pontas do rasgão e arrastou-se para fora da tenda caída, cambaleando para a luz apenas de ceroulas e olhando em redor, confuso.

Baldor estava lá tal como, Carn, Delwin, Mandel e dez outros guerreiros, todos de espadas e de machados em punho. Nenhum dos homens estava completamente vestido, exceto dois deles, que Roran percebeu serem as sentinelas destacadas para o turno da noite.

– Deuses! – exclamou alguém e Roran virou-se, vendo um guerreiro puxar para trás um dos lados da tenda destruída, destapando o cadáver do assassino.

O homem morto tinha fraca figura, o cabelo comprido e desgrehado, preso num rabo-de-cavalo, e uma pala de cabedal no olho esquerdo. O nariz – partido por Roran – estava torto e achatado, e tinha uma camada de sangue a cobrir-lhe a parte inferior do rosto barbeado. O peito, o flanco e o chão, por baixo dele, estavam igualmente empapados em sangue. Quase parecia sangue a mais para pertencer a uma pessoa só.

– Roran – disse Baldor. Roran continuou a olhar para o assassino, incapaz de desviar os olhos. – Roran – repetiu Baldor, mais alto. – Roran, ouve-me. Estás ferido? O que aconteceu?... Roran!

A preocupação na voz de Baldor chamou finalmente a atenção de Roran.

– O que é? – perguntou ele.

– Estás ferido, Roran?!

“Porque pensaria ele isso?” Intrigado, Roran baixou os olhos para o seu corpo. Tinha os pelos do peito sujos de sangue seco, de cima a baixo, e apresentava manchas de sangue nos braços e na parte de cima das ceroulas.

– Estou bem – respondeu ele, embora sentisse dificuldade em proferir as palavras. – Mais alguém foi atacado?

Em resposta, Delwin e Hamund afastaram-se, revelando um corpo prostrado. Era o jovem que mandara transmitir mensagens, antes

– Ah – gemeu Roran, cheio de mágoa. – O que andava ele a fazer por aí?

Um dos guerreiros deu um passo em frente.

– Eu partilhava uma tenda com ele, capitão. Ele tinha sempre de sair durante a noite para se aliviar, pois bebia muito chá antes de recolher. A mãe disse-lhe que isso iria impedir que ele adocesse... Era boa pessoa, capitão. Não merecia ser atacado por trás, por um covarde traiçoeiro.

– Pois não, não merecia – murmurou Roran. Se ele lá não estivesse, a estas horas estaria eu morto. – E apontou para o assassino. – Há mais algum destes assassinos à solta?

Os homens remexeram-se, olhando uns para os outros. Depois Baldor disse:

– Não me parece.

– Verificaste?

– Não.

– Então verifica! Mas tenta não acordar toda a gente. Eles precisam de dormir. E manda colocar guardas junto das tendas de todos os comandantes, de hoje em diante... – Ele já deveria ter pensado nisto antes.

Roran ficou onde estava, sentindo-se embotado e estúpido, enquanto Baldor dava uma série de ordens rápidas e todos, à exceção de Carn, Delwin e Hamund, dispersavam. Quatro guerreiros pegaram no corpo inerte do rapaz e afastaram-se, para o enterrar, e os restantes começaram a passar revista ao acampamento.

Aproximando-se do assassino, Hamund empurrou, ao de leve, a faca do homem com a biqueira da bota.

– Deves ter assustado aqueles soldados mais do que pensávamos, esta manhã.

– Deve ter sido.

Roran tiritou. Sentia frio pelo corpo todo, especialmente nas mãos e nos pés que pareciam gelo. Carn apercebeu-se e foi buscar-lhe um cobertor.

– Toma – disse Carn, colocando-o sobre os ombros de Roran. – Vem sentar-te junto de uma das fogueiras de vigilância. Vou aquecer um pouco de água para que te possas lavar, está bem?

Roran acenou com a cabeça, sem saber se conseguiria falar.

Carn afastou-se com ele, mas depois de darem apenas alguns passos, o feiticeiro parou abruptamente, forçando Roran a parar.

– Delwin e Hamund – disse Carn –, tragam-me um catre, algo onde alguém se possa sentar, um cântaro de hidromel e várias ligaduras, o mais depressa possível. Imediatamente, se não se importam.

Surpreendidos, os dois homens passaram de imediato à ação.

– Porquê? – perguntou Roran, confuso. – O que se passa?

Carn apontou para o peito de Roran com uma expressão sombria:

– Se não estás ferido, importa-te de me dizer o que é isso?

Roran olhou para onde Carn apontava e viu um golpe longo e profundo que começava no peitoral direito, percorria-lhe o externo e terminava mesmo abaixo do mamilo esquerdo, escondido no meio dos pelos e do sangue seco que tinha no peito. O lenho abria-se cerca de meio centímetro, na parte mais larga, assemelhando-se bastante a uma boca sem lábios, repuxada num enorme e medonho sorriso. Porém, a característica mais perturbante do golpe era a total ausência de sangue. Não escorria da incisão nem uma gota de sangue. Roran conseguia ver claramente a fina camada de gordura amarelada por baixo da pele e o músculo vermelho escuro do seu peito, por baixo, da mesma cor que uma fátia crua de carne de veado.

Por muito habituado que estivesse aos horríveis estragos que as espadas, as lanças e as outras armas podiam fazer na carne e no osso, a visão incomodou-o. Sofrera inúmeros ferimentos ao longo da guerra contra o Império – muito especialmente quando um dos Ra’zac lhe mordera o ombro direito durante a captura de Katrina, em Carvahall –, mas nunca antes tinha sofrido um ferimento tão grande e tão estranho.

– Dói-te? – perguntou Carn.

Roran abanou a cabeça sem olhar para cima:

– Não. – A garganta contraiu-se e o coração – ainda acelerado da luta – começou a bater com o dobro da velocidade, martelando-lhe o peito tão depressa que uma batida não se conseguia distinguir da outra. “Estaria a faca envenenada?”, perguntou, para si.

– Roran, tens de te acalmar – disse Carn. – Acho que te posso curar, mas se desmaiases vais complicar tudo. – Segurando-o pelo ombro, guiou Roran para o catre que Hamund acabara de arrastar de dentro de uma tenda e Roran sentou-se obedientemente.

– Como me posso eu acalmar? – perguntou, com uma débil e breve gargalhada.

– Respira fundo e imagina que te estás a afundar no chão, de cada vez que deitares o ar fora. Confia em mim, vai resultar.

Roran assim fez. Mas, ao deitar o ar fora pela terceira vez, os seus músculos tensos começaram a descontraírem-se e o sangue jorrou do corte, salpicando o rosto de Carn. O feiticeiro recuou e praguejou. Sangue fresco e quente escorria-lhe pelo estômago, sobre a pele nua.

– Agora está a doer – disse Roran, rilhando os dentes.

– Ei! – gritou Cam, acenando a Delwin, que corria na direção deles, com os braços cheios de ligaduras e de outras coisas. Ao pisar o amontoado de objetos na ponta do catre, o aldeão agarrou numa compressa de linho, comprimindo-a contra o ferimento de Roran e estancado temporariamente a hemorragia. – Deita-te! – ordenou.

Roran obedeceu e Hamund trouxe um banco para Cam, que se sentou, continuando a comprimir a compressa. Esticando a mão livre, Cam estalou os dedos e disse:

– Abram o hidromel e dêem-mo. – Assim que Delwin lhe passou o cântaro, Cam olhou diretamente para Roran e disse:

– Tenho de limpar o corte antes de o selar com magia, percebes?

Roran acenou afirmativamente.

– Deem-me algo para morder.

Roran ouviu o ruído de fivelas e correias a abrirem-se. Depois Delwin ou Halmund colocaram-lhe um grosso cinto da espada entre os dentes e ele mordeu-o com toda a força.

– Fá-lo! – disse ele, o melhor que lhe foi possível, com a boca parcialmente obstruída.

Antes que Roran tivesse tempo de reagir, Cam arrancou-lhe a compressa e verteu-lhe hidromel no ferimento, de uma só vez, expurgando-lhe pelos, sangue seco e outras impurezas da incisão. Logo que o hidromel lhe tocou, Roran deixou escapar um grito estrangulado, arqueando as costas e esgravatando de ambos os lados do catre.

– Pronto, já está – disse Cam, pondo o cântaro de lado.

Roran olhou para as estrelas, com todos os músculos do corpo trémulos, tentando ignorar a dor, e Cam colocou as mãos sobre o ferimento e começou a murmurar frases na língua antiga.

Segundos depois, embora lhe parecessem mais minutos, Roran sentiu uma comichão quase insuportável dentro do peito, enquanto Cam reparava os estragos que a faca do assassino lhe tinha causado. A comichão emergiu à superfície da pele, fazendo desaparecer a dor por onde passava. Ainda assim, a sensação era de tal forma desagradável, que lhe apetecia coçar-se até rasgar a pele.

Quando terminou, Cam suspirou e dobrou-se para a frente, apoiando a cabeça nas mãos.

Forçando os membros rebeldes a obedecerem-lhe, Roran baloiçou as pernas sobre a beira do catre e sentou-se direito, passando uma mão pelo peito que estava perfeitamente liso, intacto e imaculado, apesar dos pelos; exatamente como estava antes do homem zarolho ter entrado furtivamente na sua tenda.

Magia.

Delwin e Hamund olhavam de um dos lados. Pareciam um pouco esgazeados, embora ele duvidasse que mais alguém tivesse reparado nisso.

– Vão dormir – disse Roran, acenando. – Partiremos dentro de algumas horas e eu preciso que estejam alerta.

– Tens a certeza de que vais ficar bem? – perguntou Delwin.

– Sim, sim – mentiu ele. – Agradeço a vossa ajuda, mas agora vão-se embora. Como vou conseguir descansar, convosco a pairar à minha volta como mães galinha?

Depois de eles se afastarem, Roran esfregou o rosto e sentou-se, olhando para as mãos trêmulas e ensanguentadas. Sentia-se exaurido, vazio, como se tivesse feito o trabalho de uma semana inteira apenas em alguns minutos.

– Conseguirás lutar? – perguntou a Cam.

O feiticeiro encolheu os ombros:

– Não tão bem como antes... porém, era o preço a pagar. Não podemos ir para a batalha sem ti para nos comandar.

Roran nem se deu ao trabalho de argumentar.

– Devias descansar um pouco. Já não falta muito para o amanhecer.

– E tu?

– Vou lavar-me, procurar uma túnica e depois vou falar com Baldor para saber se ele apanhou mais algum assassino de Galbatorix.

– Não te vais estender?

– Não. – E coçou inadvertidamente o peito, mas conteve-se quando se apercebeu do que estava a fazer. – Antes não conseguia dormir e agora...

– Eu compreendo. – Cam levantou-se lentamente do banco. – Se precisares de mim, estou na minha tenda.

Roran viu-o cambalear pesadamente para a escuridão. Quando deixou de o ver, fechou os olhos e pensou em Katrina, tentando acalmar-se. Depois, reunindo as poucas forças que lhe restavam, aproximou-se da tenda derrubada e procurou até encontrar as roupas, as armas, a armadura e um cantil de pele. Fez os possíveis para não olhar para o corpo do assassino, embora, de vez em quando, tivesse vislumbres dele, ao mover-se no meio daquela poça de tecido amarfanhado.

Finalmente, ajoelhou-se sem olhar, arrancando a sua adaga do cadáver. A lâmina saiu com um ruído deslizante de metal a arranhar osso e Roran sacudiu energeticamente a adaga para remover o sangue, ouvindo várias gotas salpicar o chão.

Preparou-se lentamente para a batalha, no silêncio frio da noite, e depois procurou Baldor – que lhe assegurou que mais ninguém passara pelas sentinelas –, percorrendo o perímetro do acampamento e revendo todos os aspetos do iminente ataque a Aroughs. Depois, encontrou metade de uma galinha fria que alguém deixara ao jantar, sentando-se a comê-la e a contemplar as estrelas.

Contudo, fizesse o que fizesse, a sua mente estava sempre a devolver-lhe a imagem do jovem morto, fora da sua tenda. Quem será que decide que um homem sobrevive e o outro morre? A minha vida não era mais valiosa que a dele, mas é ele que está enterrado, enquanto que eu gozarei, pelo menos, de mais algumas horas à face da terra. Será uma questão de sorte aleatória e cruel ou haverá algum propósito ou padrão nisto tudo, mesmo que esteja para além da nossa compreensão?

FARINHA DE FOGO

—Que tal é ter uma irmã? – perguntou Roran a Baldor, ao cavalgarem lado a lado em direção aos moinhos mais próximos, sob a luz acinzentada que precede o amanhecer.

– Não há muito de que gostar, não é? Quer dizer, não há muito dela para ver. Percebes onde quero chegar? É mais pequena que um gatinho. – Ao sentir o cavalo tentar desviar-se em direção a uma extensão particularmente luxuriante de erva, junto ao trilho, Baldor puxou-lhe as rédeas. – É estranho ter outro irmão, depois de tanto tempo – seja irmão ou irmã.

Roran acenou com a cabeça, torcendo-se na sela e olhando por cima do ombro, para se assegurar de que a coluna de seiscentos e cinquenta homens que o seguia a pé estava a acompanhar o seu ritmo. Nos moinhos, Roran desmontou e prendeu o cavalo a um poste concebido para o efeito, diante do mais baixo dos três edifícios. Um guerreiro ficou para trás para conduzir os animais ao acampamento.

Roran encaminhou-se para o canal e desceu os degraus de madeira, embutidos na margem lamacenta, que o levaram à beira da água, entrando depois na última das quatro barcas que flutuavam alinhadas.

As barcas assemelhavam-se mais a jangadas grosseiras do que aos barcos de fundo plano em que os aldeões tinham navegado ao longo da costa, de Narda a Teirm. Roran congratulou-se por isso, visto que não tinham proas pontiagudas, o que facilitava a tarefa de prender as barcas, umas atrás das outras, com pranchas, pregos e cordas, permitindo assim criar uma única estrutura rígida, de quase cento e cinquenta metros de comprimento.

Os pedaços de ardósia cortada que os homens tinham carregado em carroças, da mina, por ordem de Roran, estavam empilhados na parte da frente da primeira barca e de ambos os lados da primeira e da segunda barca. Por cima da ardósia, os homens tinham empilhado sacos de farinha, que encontraram nos moinhos, erguendo uma parede à altura da cintura. Na segunda barca, a parede prolongava-se para lá da ardósia e era inteiramente composta por sacos: dois sacos de largura e cinco de altura.

O enorme peso da ardósia e da farinha densamente empilhada, combinado com o peso das próprias barcas, serviu para transformar toda a estrutura num enorme ariete flutuante, com que Roran esperava poder arrambar o portão, no extremo oposto do canal, como se este fosse feito de paus podres. Mesmo que o portão estivesse encantado – embora Cam achasse que não –, Roran achava que nenhum feiticeiro, à exceção de Galbatorix, seria suficientemente poderoso para contrariar o impulso das barcas, logo que estas comesçassem a descer o canal.

Além disso, os amontoados de ardósia e de farinha dar-lhes-iam alguma proteção das lanças, flechas e outros projéteis.

Roran percorreu cuidadosamente os convés instáveis até à barca da frente. Apoiou a lança e o escudo numa pilha de ardósia, virando-se depois para observar, enquanto os guerreiros entravam para o corredor entre as paredes.

Cada homem que embarcava nas barcas, cheias de carga, afundava-as mais dentro de água, até estas ficarem apenas a escassos centímetros da superfície.

Cam, Baldor, Hamund, Delwin e Mandel juntaram-se a Roran. Todos eles tinham escolhido tacitamente as posições mais perigosas no ariete flutuante. Invadir Aroughs exigiria aos Varden uma enorme dose de sorte e de perícia, e nenhum estava na disposição de confiar a tarefa a mais ninguém.

Perto da última barca, Roran teve um vislumbre de Brigman entre os homens que em tempos comandara. Depois da virtual insubordinação de Brigman no dia anterior, Roran despojara-o de toda a autoridade que lhe restava e confinara-o à sua tenda. Contudo, Brigman implorara-lhe que o deixasse participar no ataque final a Aroughs e Roran acedera relutantemente; Brigman era hábil com a espada e todas seriam necessárias no combate que se avizinhava.

Roran ainda se interrogava se teria tomado a decisão certa. Estava bastante confiante que os homens lhe eram leais a ele e não a Brigman. Mas Brigman fora o seu capitão durante meses e esses laços não eram fáceis de ignorar. Mesmo que Brigman não tentasse arranjar problemas nas hostes, revelara-se disposto e bem capaz de ignorar ordens, pelo menos, quando estas viessem de Roran.

“Se ele me der alguma razão para desconfiar, mato-o na hora”, pensou Roran, mas tal decisão era inútil. Se Brigman se virasse de facto contra ele, muito provavelmente seria no meio de uma confusão tal, que Roran não iria sequer aperceber-se, a não ser quando já fosse tarde demais.

Quando faltavam apenas seis homens para embarcar nas barcas, Roran colocou as mãos à volta da boca e gritou:

– Soltem-nas!

Estavam dois homens sobre a represa, mesmo ao cimo do declive – a represa que abrandava e continha o fluxo de água do canal que vinha dos pântanos e seguia para Norte. Seis metros mais abaixo, havia a primeira roda de água e o lago por baixo dela. Em frente desse lago, havia a segunda represa, onde estavam mais dois homens. Seis metros mais abaixo, ficava a segunda roda de água e o segundo lago profundo, de águas paradas, e ao fundo do lago estava a última represa e os últimos dois homens. Na base da última represa, ficava a terceira e última roda de água, de onde a corrente fluía suavemente pelos campos, até Aroughs.

Embutidas nas represas, estavam as três comportas que Roran insistira em fechar, com a ajuda de Baldor, durante a primeira visita aos moinhos. Ao longo dos últimos dois dias, equipas de homens munidas de pás e picaretas tinham mergulhado nas águas cada vez mais altas, desbastado a parede das represas pelo lado de trás, até as camadas de terra batida ficarem praticamente a ponto de ceder, enterrando depois vigas compridas e robustas na terra, de ambos os lados das comportas.

Os homens que estavam na represa superior e intermédia encontravam-se agora agarrados a essas vigas – que se projetavam alguns metros, para fora das represas – e começavam a movê-las para trás e para diante, a um ritmo constante. De acordo com o seu plano, os dois homens posicionados na represa mais baixa teriam de esperar alguns momentos para se reunirem também ao esforço.

Roran agarrou num saco de farinha enquanto observava. Se o seu timing falhasse, nem que fosse por alguns segundos, seria um desastre.

Nada aconteceu durante quase um minuto.

Depois, a comporta que estava mais acima cedeu com um estrondo sinistro. A represa começou a ficar saliente do lado de fora, com a terra a rachar-se e a desfazer-se, e uma enorme língua de água lamacenta precipitou-se sobre a roda de água, em baixo, fazendo-a girar mais depressa do que deveria.

Quando a represa ruiu, os homens que estavam ao cimo desta saltaram para a margem, aterrando em terra firme, apenas por escassos centímetros.

Salpicos de água elevaram-se a mais de nove metros de altura, quando a língua de água mergulhou no lago escuro e calmo, por baixo da roda de água. O impacto projetou uma onda espumosa com vários metros de altura, em direção à represa seguinte.

Ao vê-la aproximar-se, os dois guerreiros do meio abandonaram os seus postos, procurando também segurança em terra firme.

E ainda bem que o fizeram pois, quando a onda embateu, jatos de água finos como agulhas irromperam em torno da estrutura da comporta seguinte, que acabou por ser projetada no ar como se um dragão lhe tivesse dado um pontapé, e a água revolta, dentro do lago, varreu o que restava da comporta.

A torrente furiosa embateu contra a segunda roda de água ainda com mais força do que na primeira. A madeira gemeu e rangeu sob o violento impacto e Roran pensou, pela primeira vez, que era possível que uma ou mais rodas se soltassem. Se tal acontecesse, representaria um grande perigo para os seus homens e para as barcas, podendo pôr fim ao ataque a Aroughs antes mesmo deste se iniciar.

– Soltem-nos! – gritou.

Um dos homens começou a cortar a corda e a prendia à margem, enquanto outros se curvavam para pegar em varas de três metros de comprimento, que enterravam no leito do canal, empurrando com todas as suas forças.

As barcas, cheias de carga, deslizaram lentamente para diante, ganhando velocidade muito mais devagar do que Roran desejaria.

Ao mesmo tempo que a avalanche de água avançava na direção deles, os homens que estavam na represa mais baixa continuavam a puxar as vigas enterradas na muralha enfraquecida. Menos de um segundo antes da avalanche de água os atingir, a represa estremeceu, abateu e os homens fugiram.

A água abriu um buraco na barragem de terra tão facilmente como se esta fosse feita de pão molhado, embatendo contra a última roda de água. A madeira estilhaçou-se com um ruído tão alto e agudo como gelo a partir-se e a roda inclinou-se alguns graus para fora, mas para alívio de Roran aguentou-se. A coluna de água precipitou-se depois contra a base da colina em socacos, com um rugido atroz e uma explosão de névoa.

Uma rajada de vento frio fustigou o rosto de Roran, no canal, a mais de duzentos metros de distância.

— Mais depressa! — gritou aos homens que impeliam a barcaça com as varas, ao ver uma turbulenta massa de água emergir das pregas de névoa, precipitando-se ao longo do canal.

A enchente ultrapassou-os com uma rapidez incrível. Ao colidir com a parte traseira das quatro barcas, presas entre si, toda a embarcação deu um solavanco para a frente, projetando Roran e os guerreiros em direção à popa e derrubando uma série deles. Alguns sacos de farinha caíram no canal ou rebolaram para dentro, contra os homens.

Quando a onda de água ergueu a última barcaça vários metros acima das outras, a embarcação de quase cento e cinquenta metros de comprimento começou a girar para o lado. Roran sabia que se essa tendência se mantivesse, em breve ficariam presos entre as margens do canal e a força da corrente separaria as barcas momentos depois.

— Mantenham-nos direitos! — gritou, saindo de cima dos sacos de farinha sobre os quais caíra. — Não nos deixem girar!

Ao ouvir a sua voz, os guerreiros foram a correr empurrar a pesada embarcação das margens inclinadas, em direção ao centro do canal. Saltando para cima das pilhas de ardósia da proa, Roran gritava instruções e juntos conseguiram conduzir as barcas ao longo do canal curvo.

— Conseguimos! — exclamou Baldor, com um sorriso idiota estampado no rosto.

— Não te gabes por enquanto — advertiu Roran. — Temos ainda de percorrer uma grande distância.

O céu a Leste tinha a cor de palha, quando passaram pelo acampamento, a um quilómetro e meio de Aroughs. À velocidade a que se moviam, alcançariam a cidade antes do sol espreitar por cima do horizonte e as sombras acinzentadas, que cobriam os campos, ajudariam a encobri-los das sentinelas estacionadas nas muralhas e nas torres.

Embora a onda dianteira os tivesse já ultrapassado, as barcas continuavam a ganhar velocidade, pois a cidade ficava abaixo do nível dos moinhos e não havia uma única colina ou elevação ao longo do caminho para travar o seu avanço.

— Oçam! — disse Roran, colocando as mãos à volta da boca e levantando a voz, para que todos os homens o pudessem ouvir. — Poderemos cair à água quando batermos no portão exterior, por isso preparem-se para nadar. Seremos alvos fáceis até alcançarmos terra firme. Logo que chegemos a terra, o nosso objetivo será apenas alcançar a muralha interior antes que eles se lembrem de fechar os portões, pois se o fizerem jamais tomaremos Aroughs. Se conseguirmos passar a segunda muralha, não deverá ser difícil encontrar Lord Halstead e forçá-lo a render-se. Se não o conseguirmos, tomaremos as fortificações, no centro da cidade e deslocar-nos-emos de dentro para fora, rua após rua, até Aroughs ficar inteiramente sob o nosso controlo.

«Lembrem-se de que estaremos em desvantagem numérica à razão de dois homens ou mais homens para cada um. Por isso, fiquem perto dos companheiros que vos protegem e mantenham-se sempre vigilantes. Não vagueiem sozinhos e não se separem do resto do grupo. Os soldados conhecem melhor as ruas do que nós e poderão emboscar-vos quando menos esperarem. Se acabarem por ficar sozinhos, dirijam-se para o centro da cidade, pois é lá que estaremos.

«Hoje desferiremos um poderoso golpe em nome dos Varden. Hoje ganharemos a honra e a glória com que a maioria dos homens sonham. Hoje... hoje deixaremos a nossa marca na História. O que conseguirmos fazer nas próximas horas será cantado pelos bardos durante os próximos cem anos. Pensem nos nossos amigos, pensem nas vossas famílias, nos vossos pais, nas vossas esposas, nos vossos filhos. Lutem bem, porque é por eles que lutamos. Lutamos pela liberdade!»

Os homens rugiram em resposta.

Roran deixou-os entrar em frenesim e depois ergueu a mão e disse:

— Escudos! — E os homens agacharam-se com se fossem um só e ergueram os escudos, cobrindo-se a si e aos companheiros, de tal forma que o centro do ariete improvisado parecia revestido de uma armadura de escamas, capaz de cobrir o braço de um gigante.

Satisfeito, Roran saltou da pilha de ardósia e olhou para Carn, Baldor e os outros quatro homens que tinham viajado com ele de Belatona. O mais jovem, Mandel, parecia apreensivo, mas Roran sabia que ele tinha estofo para se aguentar.

— Preparados? — perguntou e todos eles responderam afirmativamente.

Depois deu uma gargalhada e quando Baldor insistiu para que ele se explicasse, disse:

— Se o meu pai me visse agora!

E Baldor riu com ele.

Roran estava de olho na vaga dianteira. Logo que esta entrasse na cidade, os soldados poderiam perceber que algo de errado se passava e dar o alarme. Ele queria que eles dessem o alarme mas não por essa razão, por isso, quando lhe pareceu que a onda estava a uns cinco minutos de Aroughs, fez sinal a Carn e disse:

— Manda o sinal!

O feiticeiro anuiu e curvou-se, movendo os lábios enquanto dava voz a estranhas construções na língua antiga. Momentos depois endireitou-se e disse:

— Está feito.

Roran olhou para Oeste. Era aí que estavam as catapultas, as balistas e as torres de cerco dos Varden, num campo diante de Aroughs. As torres de cerco permaneceram inóveis, mas as outras máquinas de guerra entraram em ação, disparando quadrelos e pedras, que descreviam grandes arcos em direção às muralhas imaculadamente brancas da cidade. Sabia também que quinze dos seus homens estavam, naquele preciso momento, do outro lado da cidade a tocar as suas trompetas, a entoar gritos de guerra e a disparar flechas flamejantes, fazendo tudo o que podiam para chamar a atenção dos soldados defensores, para lhes fazer querer que o exército que estava a tentar invadir a cidade era muito maior.

Roran sentiu-se inundado de uma profunda calma.

A batalha estava prestes a começar.

Em breve, iriam morrer homens.

E ele podia ser um deles.

Tal evidência deu-lhe clareza de pensamentos e todos os vestígios de exaustão desapareceram, bem como os tremores ligeiros que o incomodavam desde que tinham atentado contra a sua vida, apenas algumas horas antes. Nada era tão revigorante para ele como lutar — fosse a comida, o riso, o trabalho manual, ou mesmo o amor — e, embora o detestasse, não podia negar o poder de atração da luta. Nunca quisera ser guerreiro, mas num guerreiro se convertera, e estava determinado a vencer todos os que aparecessem diante de si.

Roran pôs-se de cócoras e espreitou por entre dois pedaços aguçados de ardósia, olhando para o portão que lhes barrava o caminho e do qual se aproximavam rapidamente. Acima da superfície da água e um pouco abaixo desta, pois as águas tinham subido, o portão era feito de sólidas pranchas de carvalho manchadas de

escuro pelo tempo e pela umidade. Mas, abaixo de ferro e de madeira semelhante a um portão suspenso, através do qual a água passava livremente. A parte superior seria a mais difícil de arrombar, mas os longos períodos de imersão deviam ter enfraquecido a grade, por baixo, e se conseguissem arrancar parte dela, seria bastante mais fácil arrombar as pranchas de carvalho, por cima. Por isso mandara amarrar dois volumosos troncos por baixo da primeira barcaça e, como estes estavam submersos, iriam atingir a metade inferior do portão no instante em que a proa embatesse contra a parte superior.

Era um plano inteligente, mas ele não fazia ideia se resultaria mesmo.

– Mantenham-na firme – sussurrou ele, mais para si do que para os outros, à medida que se aproximavam do portão.

Alguns dos guerreiros que estavam na parte de trás da embarcação continuavam a manobrar as barcaças com as varas, mas os restantes permaneceram escondidos por baixo da carapaça de escudos sobrepostos.

A entrada em arco que conduzia ao portão agigantava-se diante deles como a entrada de uma caverna e, quando a ponta da embarcação deslizou para debaixo da sombria arcada, Roran viu o rosto de um soldado, redondo e branco como uma lua cheia, surgir junto da muralha, a mais de nove metros de altura, olhando para as barcaças com uma expressão atônita e horrorizada.

As barcaças deslocavam-se tão velozmente, nessa altura, que Roran só teve tempo de praguejar uma vez, antes de a corrente os arrastar para a escuridão fresca da entrada, perdendo de vista o soldado sob o teto abobadado.

As barcaças embateram no portão.

A força do impacto atirou Roran para a frente, contra a parede de ardósia atrás da qual se mantivera agachado. A sua cabeça fez ricochete na pedra e, embora usasse um elmo e uma touca de proteção, sentiu os ouvidos a zunir. O convés estremeceu e recuou, e apesar do barulho nos ouvidos, Roran ouviu a madeira a estalar e a partir-se e sentiu o rangido de metal retorcido.

Um dos pedaços de ardósia escorregou para trás e caiu em cima dele, contundindo-lhe os braços e os ombros. Agarrou na ardósia pelas extremidades e atirou-a borda fora, num acesso explosivo de força, estilhaçando-a contra a parte lateral da passagem.

Era difícil de ver o que se estava a passar na escuridão que os rodeava, pois a confusão de movimentos e de ruídos reverberantes era total. Sentiu a água a cobri-lhe os pés e percebeu que a barcaça estava alagada, embora não soubesse se iria afundar.

– Deem-me um machado! – gritou, levando a mão atrás. – Um machado, deem-me um machado! – A barcaça guinou quinze centímetros para a frente. Ele cambaleou e quase caiu. O portão estava um pouco vergado para dentro, mas continuava firme. A seu tempo, a pressão contínua da água iria certamente acabar por empurrar a barcaça através do portão, mas ele não podia esperar que a natureza seguisse o seu curso.

Quando finalmente alguém lhe encostou o cabo macio de um machado à mão esticada, seis retângulos brilhantes surgiram no teto. Alguém abria as tampas dos balestreiros. Os retângulos tremeluziram e os quadrelos das bestas silvaram sobre as barcaças, agravando o tumulto com baques surdos sempre que atingiam a madeira.

Um homem gritou algures.

– Cam! – gritou Roran. – Faz alguma coisa!

Deixando o feitiço entregue a si mesmo, Roran rastejou pelo convés flutuante, subindo as pilhas de ardósia em direção à proa da barcaça, e esta voltou a guinar mais uns centímetros para a frente. Ouviu-se outro rangido ensurdecedor a meio do portão e a luz brilhou através das rachas, nas pranchas de carvalho.

Um quadrelo saltou num pedaço de ardósia, junto da mão direita de Roran, deixando uma mancha de ferro na pedra.

Roran redobrou o ritmo.

No momento em que alcançou a parte da frente da barcaça, um rangido penetrante de algo a despedaçar-se forçou-o a tapar os ouvidos com as mãos e a recuar.

Uma grande onda passou por cima dele, cegando-o por instantes. Roran pestanejou para desobstruir a visão e viu que parte do portão caíra para o canal e que havia agora espaço suficiente para a barcaça entrar na cidade. Contudo, por cima da proa da embarcação, os restos do portão projetavam-se em lascas compridas e pontiagudas, à altura do peito do pescoço ou da cabeça de um homem.

Sem hesitar, Roran rebolou para trás e deixou-se cair atrás do parapeito de ardósia.

– Baixem a cabeça! – rugiu ele, cobrindo-se com o escudo.

As barcaças avançaram, afastando-se das rajadas letais de quadrelos de besta, e entraram numa enorme sala de pedra iluminada por tochas fixas às paredes.

Do outro lado da sala, a água do canal fluía através de outro portão fechado, igual a um portão suspenso, de cima a baixo. Através da treliça de madeira e metal, Roran conseguia ver os edifícios dentro da cidade propriamente dita.

De ambos os lados da sala, estendiam-se cais de pedra para carregar e descarregar mercadorias, com polias, cordas e redes vazias penduradas no teto, e um guindaste montado sobre uma plataforma alta de pedra, a meio de cada margem artificial. Na parte da frente e na parte de trás da sala, escadas e passadiços saídos das paredes cobertas de bolor permitiam às pessoas passar sobre a água sem se molharem. O passadiço de trás dava também acesso à casa dos guardas, por cima do túnel por onde as barcaças tinham entrado e, possivelmente, às defesas superiores da cidade, como o baluarte onde Roran vira o soldado.

A frustração cresceu em Roran ao ver o portão fechado, pois esperara poder navegar diretamente até à zona principal da cidade e evitar ser apanhado pelos soldados na água.

“Bom, agora é inevitável”, pensou.

Atrás deles, soldados vestidos de vermelho, saíam aos magotes da casa dos guardas, encaminhando-se para o passadiço onde se ajoelharam e começaram a dar à manivela das bestas, preparando-as para mais uma rajada de quadrelos.

– Lá para cima! – gritou Roran, acenando com o braço em direção às docas, à sua esquerda. Os guerreiros agarraram mais uma vez nas varas, empurrando as barcaças interligadas em direção à margem do canal. A companhia parecia um porco-espinho com as dúzias e dúzias de quadrelos que os guerreiros tinham espetados nos escudos.

Quando a barcaça se aproximou das docas, vinte dos soldados defensores desembainharam as espadas e abandonaram o passadiço, correndo pelas escadas abaixo para intercepar os Varden antes que desembarcassem.

– Depressa! – gritou Roran.

Um quadrelo cravou-se no escudo e a ponta em forma de diamante perfurou a madeira de quatro centímetros de espessura, saindo por cima do seu antebraço. Roran cambaleou mas conseguiu equilibrar-se, sabendo que tinha apenas alguns instantes até que outros archeiros disparassem sobre si.

Depois saltou para a doca, abrindo os braços para se equilibrar. Aterrou pesadamente e bateu com o joelho no chão. Só teve tempo de sacar do martelo, antes de os soldados o alcançarem.

Roran enfrentou-os com um alívio e uma alegria selvática, pois estava farto de congeminar, planear e preocupar-se com o que poderia acontecer. Ali estavam finalmente inimigos assumidos – e não assassinos traiçoeiros – que ele podia combater e matar.

O encontro foi breve, feroz e sangrento. Roran matou ou incapacitou três dos soldados nos primeiros segundos e Baldor, Delwin, Hamund e Mandel reuniram-se depois a ele, forçando os soldados a afastarem-se da água.

Roran não era espadachim por isso não fez qualquer esforço para lutar com os seus oponentes. Em vez disso, permitiu que eles atingissem o seu escudo as vezes que quisessem, usando o martelo para lhes partir os ossos a seguir. De vez em quando tinha de aparar um golpe ou uma estocada, mas evitava trocar mais do que alguns golpes com qualquer pessoa, pois sabia que em breve a sua falta de experiência se revelaria fatal. O melhor estratégia de luta que descobrira, não consistia em elegantes floreios de espada nem fintas complicadas que levavam anos a dominar, mas sim em tomar a iniciativa e fazer o que o seu inimigo menos esperasse.

Libertando-se da quezília, Roran correu em direção às escadas que conduziam ao passadiço onde os archeiros estavam ajoelhados a disparar sobre os homens que saíam rapidamente das barcas.

Roran subiu os degraus três a três, brandiu o martelo e atingiu o primeiro archeiro em cheio na cara. O soldado seguinte já tinha disparado a sua besta, por isso largou-a e alcançou o punho da espada curta, recuando ao fazê-lo.

O soldado só conseguiu desembainhar parcialmente a espada, antes de Roran o atingir no peito e lhe partir as costelas.

Uma das coisas que Roran apreciava na luta com o martelo era o facto de não ter de dar grande atenção ao tipo de armadura que os adversários usavam. Um martelo, como qualquer arma romba, infligia ferimentos pela força do impacto e não retalhando ou perfurando a carne. A simplicidade da abordagem agradava-lhe.

O terceiro soldado que estava no passadiço conseguiu disparar-lhe um quadrelo, antes de ele dar outro passo. Desta vez a haste do quadrelo atravessou parcialmente o escudo e quase lhe furou o peito. Afastando a ponta letal o mais possível do corpo, Roran atacou o homem, tentando atingi-lo no ombro. O soldado usou a besta para aparar o ataque, por isso Roran aplicou-lhe de seguida um golpe enviesado com o escudo, e o soldado caiu do corrimão do passadiço, a gritar e a espemear.

Contudo, essa manobra deixou-o totalmente exposto e, quando olhou para os cinco soldados que restavam no passadiço, viu três deles a apontar diretamente para o seu coração.

Os soldados dispararam.

Precisamente antes de o trespassarem, os quadrelos desviaram-se para a direita roçando pelas paredes enegrecidas como vespas gigantes.

Roran sabia que fora Cam que o salvara e decidiu que arranjiaria forma de agradecer ao feiticeiro, quando já não corressem perigo de vida.

Roran atacou os soldados que restavam e despachou-os com uma rajada de golpes violentos, como se martelasse uma série de pregos tortos. Depois partiu o quadrelo saído do escudo e virou-se para ver como estava a evoluir a batalha lá em baixo.

O último soldado das docas acabava de cair no chão manchado de sangue, com a cabeça a rebolar para longe do corpo, tombando no canal, onde se afundou por baixo de uma coluna de bolhas.

Cerca de dois terços dos Varden tinham desembarcado e estavam a reunir-se em fileiras ordenadas à beira da água.

Roran abriu a boca com a intenção de lhes ordenar que se afastassem do canal – para que os homens que ainda estavam nas barcas tivessem mais espaço para sair –, quando as portas na parede da esquerda se abriram, subitamente, e uma horda de soldados entrou no pátio.

Raios! De onde vieram eles? Quanto soldados haverá aqui?

No momento em que Roran se encaminhou para as escadas para ajudar os seus homens a defrontarem os recém-chegados, Cam – que estava ainda na parte da frente das barcas em linha – ergueu os braços, apontou para os soldados atacantes, e gritou uma série de palavras ásperas e distorcidas na língua antiga.

Ao proferir a sua ira terrível, dois sacos de farinha e um pedaço de ardósia voaram das barcas contra as hostes compactas de soldados, matando mais de uma dúzia. Ao terceiro ou quarto impacto, os sacos rebentaram-se e abriram-se, projetando nuvens ondulantes de farinha cor de marfim sobre os soldados, cegando-os e sufocando-os.

Segundos depois, viu-se um clarão de luz junto da parede, atrás dos soldados, e uma enorme bola de fogo rodopiante, alaranjada, carregada de fuligem, percorreu as nuvens de farinha, devorando vorazmente o fino pó e produzindo um ruído semelhante a vinte bandeiras a adejar sob um vento forte.

Roran escondeu-se atrás do escudo e sentiu um calor abrasador nas pernas e nas faces enquanto a bola de fogo se consumia a si mesma, apenas a alguns metros do passadiço. Partículas de pó incandescentes desfaziam-se em cinzas, flutuando para o chão: uma chuva negra e lúgubre apenas adequada a um funeral.

Logo que a obscura luz se desvaneceu, Roran ergueu cautelosamente a cabeça. Um fio de fumo quente e malcheiroso irritou-lhe as narinas, fazendo-lhe arder os olhos e ele concluiu, sobressaltado, que tinha a barba a arder. Praguejou e largou o martelo, batendo nas pequenas chamas vorazes até as extinguir.

– Eh! – gritou ele a Cam. – Chamuscaste-me a barba! Vê se tens mais cuidado, senão mando-te espetar a cabeça num pau!

A maioria dos soldados estavam enroscados no chão, com o rosto queimado aninhado nas mãos. Outros esbracejavam com as roupas a arder, ou brandiam cegamente as armas, em círculos, tentando defender-se de eventuais ataques dos Varden. Mas os homens de Roran pareciam ter escapado apenas com queimaduras ligeiras – a maioria estava fora do raio de ação da bola de fogo, embora a inesperada conflagração os tivesse deixado desorientados e vacilantes.

– Parem de olhar pasmados e vão atrás daqueles patifes que por ali andam, às apalpadelas, antes que eles recuperem! – ordenou Roran, batendo com o martelo no corrimão para ter a certeza de que lhe prestavam atenção.

Os Varden ultrapassavam largamente os soldados em número e, quando Roran chegou ao fundo das escadas, já tinham matado três quartos das tropas defensoras.

Delegando nos seus guerreiros mais do que capazes a eliminação dos poucos soldados que restavam, Roran encaminhou-se para as grandes portas duplas, à esquerda do canal – suficientemente largas para acomodar duas carroças lado a lado – cruzando-se, de caminho, com Cam que estava sentado na base da plataforma do guindaste, a comer de uma bolsa de couro que trazia sempre consigo. Roran sabia que a bolsa continha uma mistura de banha de porco, mel, fígado de vaca em pó, coração de cordeiro e bagas. A única vez que Cam lhe dera um pouco a provar quase vomitara, mas mesmo em pequenas quantidades, a mistura conseguia manter um homem em pé, a trabalhar no duro o dia inteiro.

Para seu constrangimento, o feiticeiro parecia-lhe exausto.

– Consegues continuar? – perguntou Roran, parando junto dele.

Cam acenou com a cabeça:

– Preciso apenas de um momento... Os quadrelos no túnel e depois os sacos de farinha e o pedaço de ardósia... – Levou mais um pedaço de comida à boca. – Foi um nadinha demais de uma só vez.

Mais tranquilo, Roran começou a afastar-se, mas Cam agarrou-o pelo braço.

– Não fui eu – disse ele, franzindo os olhos com uma expressão divertida. – Não fui eu que te chamusquei a barba, quero eu dizer. Devem ter sido as tochas que lhe pegaram fogo.

Roran roncou e continuou a andar em direção às portas.

– Formar! – gritou, batendo no escudo com a parte lateral do martelo. – Baldor e Delwin, vocês vêm à frente comigo. Os outros alinham-se atrás de nós. Escudos para fora, armas em punho e flechas armadas. É provável que Halstead ainda não saiba que estamos na cidade, portanto não deixem escapar ninguém que o possa avisar... Estão prontos? Muito bem, sigam-me!

Juntos, Roran e Baldor – que tinha as faces e o nariz vermelhos da explosão – destrancaram as portas e abriram-nas, revelando o interior de Aroughs.

PÓ E CINZAS

Dúzias de edifícios com as paredes laterais de gesso aglomeravam-se em torno dos portões da muralha exterior da cidade, onde o canal entrava em Aroughs. Todos os edifícios – frios e pouco convidativos devido ao olhar vazio das suas janelas escuras – pareciam ser armazéns ou instalações para armazenagem, o que aliado ao facto de ser ainda muito cedo significava que seria pouco provável que alguém se tivesse apercebido do confronto dos Varden com os guardas. De qualquer modo, Roran não fazia tenções de ficar ali para ter a certeza.

Raios nebulosos do sol nascente estendiam-se horizontalmente pela cidade, dourando o topo das torres, ameias, cúpulas e telhados inclinados. As ruas e as vielas estavam envoltas em sombras cor de prata embaciada e a água no canal ladeado de pedras estava escura, sombria e manchada de sangue. Uma estrela solitária brilhava lá no alto como uma centelha furtiva no manto azul, cada vez mais claro, onde a radiância crescente do sol extinguiu todas as outras jóias noturnas.

E os Varden avançaram, roçando com as botas na rua de paralelepípedos.

Um galo cantou à distância.

Roran conduziu-os através do labirinto de edifícios em direção à muralha interior da cidade, mas nem sempre escolhendo o caminho mais óbvio ou mais direto, a fim de reduzir as hipóteses de se depararem com alguém nas ruas. As vielas por onde seguiam eram estreitas e escuras e, por vezes, era-lhe difícil ver onde punham os pés.

As sarjetas estavam atoladas de imundície e o fedor encheu-o de asco, fazendo-o desejar os campos abertos a que estava habituado.

“Como pode alguém suportar viver nestas condições?”, perguntou a si mesmo. Nem os porcos chafurdam na sua própria imundície.

Mais longe da muralha exterior, os edifícios davam lugar a casas e lojas: altas, guarnecidas de traves mestras, com paredes brancas, caiadas e com apliques de ferro forjado nas portas. Por trás das janelas de portadas, Roran ouvia por vezes o som de vozes, o ruído de pratos ou de uma cadeira a arranhar o chão de madeira ao ser arrastada.

“Estamos a ficar sem tempo”, pensou. Mais alguns minutos e as ruas iriam encher-se de habitantes de Aroughs.

Como que a satisfazer a sua previsão, dois homens saíram de uma viela em frente da coluna de guerreiros. Ambos habitantes da cidade traziam cangas aos ombros com baldes de leite fresco, pendurados em cada ponta.

O homem parou surpreendido ao ver os Varden, vertendo algum leite dos baldes. Os dois arregalaram os olhos e abriram a boca preparando-se para exclamar algo.

Roran deteve-se tal como as tropas atrás de si.

– Se gritarem, matamos-vos – ameaçou ele, brandamente, num tom amigável.

Os homens estremeceram e afastaram-se ligeiramente.

Roran deu um passo em frente.

– Se correrem matamos-vos. – Sem tirar os olhos dos dois homens assustados, ele proferiu o nome de Carn e quando o feiticeiro se colocou ao seu lado, disse:

– Põe-nos a dormir, se não te importas.

O feiticeiro apressou-se a recitar uma frase na língua antiga, que terminava com uma palavra semelhante a slytha, e os dois homens caíram inertes no chão, entornando os baldes ao tombarem nos paralelepípedos. O leite cobriu a rua, formando uma delicada teia de veias brancas, ao assentar nos sulcos entre as pedras da calçada.

– Arrastem-nos para um canto onde não os possam ver – disse Roran.

Assim que os guerreiros tiraram os dois homens inconscientes do caminho, Roran ordenou de novo aos Varden que avançassem. E retomaram a marcha apressada em direção à muralha interior.

Contudo, não tinham ainda percorrido trinta metros, quando deram de caras com um grupo de quatro soldados, ao virar uma esquina.

Desta vez Roran foi impiedoso. Correndo ao longo do espaço que os separava enquanto os soldados tentavam ainda reunir ideias, enterrou a lâmina chata do martelo na base do pescoço do que vinha à frente. Baldor matou igualmente um dos outros soldados, brandindo a espada com uma força que poucos homens poderiam igualar, fruto de anos de trabalho na forja do pai.

Os dois últimos soldados guincharam, alarmados, deram meia-volta e fugiram.

Uma flecha passou pelo ombro de Roran vinda de trás, atingindo um dos soldados nas costas e atirando-o ao chão. Momentos depois, Carn gritou:

– “Jierda!” – O pescoço do último soldado partiu-se com um estalido audível e ele tombou para a frente, caindo imóvel no meio da rua.

O soldado com a flecha espetada começou a gritar.

– Os Varden estão aqui! Os Varden estão aqui! Deem o alarme, os...

Desembainhando a adaga, Roran correu para ele e cortou-lhe a garganta. Limpou a lâmina à túnica do homem e depois levantou-se e disse.

– Avancem, agora!

E os Varden correram pelas ruas, em direção à muralha interior de Aroughs, como se fossem um só.

Quando estavam apenas a trinta metros, Roran parou numa viela, atrás de uma casa, e ergueu a mão, fazendo sinal aos homens para esperarem. Depois avançou cautelosamente ao longo da parte lateral da casa e espreitou pela esquina, olhando para o portão suspenso, instalado na alta muralha de granito.

O portão estava fechado.

Contudo, uma pequena porta de saída, à esquerda do portão, estava escancarada. No instante em que a observava, um soldado saiu por lá a correr, encaminhando-se para o extremo oeste da cidade.

Roran praguejou para si ao olhar para a porta de saída. Não estava disposto a desistir. E muito menos depois de terem chegado até ali. Estavam numa posição cada vez mais precária e ele não tinha qualquer dúvida de que lhes restavam apenas alguns minutos, antes que a hora do recolher terminasse e todos ficassem a saber da sua presença.

Recuou pela parte lateral da casa e baixou a cabeça, ponderando intensamente.

– Mandel – disse, estalando os dedos. – Delwin, Carn e vocês os três. – E apontou para três guerreiros de aspeto feroz. Os homens mais velhos que, pela idade, deviam ter um jeitinho especial para ganhar batalhas. – Venham comigo! Baldor, tu ficas encarregado dos outros. Se não voltarmos, ponham-se a salvo. É uma ordem!

Baldor acenou afirmativamente, com uma expressão sombria.

Roran contornou a via principal que conduzia ao portão até chegarem à base da muralha inclinada, coberta de lixo, a uns quinze metros do portão suspenso e da porta de saída aberta.

Havia um soldado em cada uma das torres do portão, mas naquele momento nenhum era visível, pelo que não conseguiriam ver Roran nem os seus companheiros a

aproximarem-se, a menos que pusessem a cabeça de fora das muralhas.

Roran sussurrou:

– Logo que entremos pela porta, tu, tu e tu – apontou para Varn, Delwin e para um dos outros guerreiros – vão para a casa dos guardas, do outro lado, o mais depressa que puderem. Nós ficaremos com a mais próxima. Façam o que for necessário, mas abram-me aquele portão. Só deve haver uma roda para girar, caso contrário teremos de trabalhar juntos para o abrir. Por isso não pensem sequer em morrer. Preparados?... Agora!

Correndo o mais silenciosamente possível, Roran percorreu a toda a velocidade a muralha e virou de repente, entrando pela porta.

Diante de si tinha uma câmara de seis metros de comprimento que dava acesso a uma grande praça, com uma fonte em socacos ao meio. Homens elegantemente vestidos andavam para trás e para diante na praça, muitos deles com pergaminhos nas mãos.

Ignorando-os, Roran virou para uma porta fechada, que abriu à mão, resistindo à tentação de a arrombar com um pontapé. Do lado de lá da porta havia uma sala de guardas, decrépita, com uma escada em caracol embutida na parede.

Correu pelas escadas acima e depois de um único lance circular, deu consigo numa sala de teto baixo onde estavam cinco soldados a fumar e a jogar aos dados, numa mesa junto de um enorme guincho envolto em correntes mais grossas do que seu braço.

– Saudações! – disse Roran numa voz grave e autoritária. – Tenho uma mensagem muito importante para vos dar.

Os soldados hesitaram, levantando-se depois, subitamente, e puxando para trás os bancos onde estavam sentados. As pernas de madeira chiaram, ao arrastarem pelo chão.

Tarde demais. Por muito breve que fosse, a hesitação foi o suficiente para que Roran cobrisse a distância que os separava, antes que os soldados conseguissem desembainhar as armas.

Roran gritou e correu para o meio deles, brandindo o martelo à esquerda e à direita e encurralando os cinco homens a um canto. Depois, Mandel e dois outros guerreiros foram para o seu lado, de espadas cintilantes, e juntos acabaram rapidamente com os guardas.

Roran cuspiu para o chão junto do corpo trémulo do último guarda e disse:

– Não confiem em estranhos.

A luta poluíra a sala com uma série de odores horríveis que pareciam colar-se ao corpo de Roran como uma manta grossa e pesada, composta das substâncias mais desagradáveis que lhe era possível imaginar. Mal conseguia respirar sem vomitar, por isso tapou o nariz e a boca com a manga da túnica, na tentativa de suprimir alguns dos odores.

Aproximaram-se os quatro do guincho, com cuidado, para não escorregarem nas poças de sangue, examinando-o por momentos, a fim de tentarem descobrir como funcionava.

Roran virou-se e ergueu o martelo ao ouvir metal a tilintar e, depois, o rangido alto de um alçapão de madeira a ser aberto, seguido do ruído de passos de um soldado que descia a escada em caracol, vindo da torre do portão que ficava por cima.

– Taurin, o que raio vai... – A voz do soldado morreu-lhe na garganta e ele deteve-se a meio das escadas, ao ver Roran e os seus companheiros, bem como os corpos mutilados a um canto.

Um guerreiro à direita de Roran arremessou a lança ao soldado, mas este baixou-se e a lança bateu na parede, por cima dele. O soldado praguejou e voltou a subir pelas escadas, de mãos e pés no chão, desaparecendo numa curva da parede.

Momentos depois, o alçapão fechou-se com um estrondo reverberante. Depois ouviram o soldado a soprar numa trompa e a gritar avisos frenéticos às pessoas que estavam na praça.

Roran franziu o sobrolho e voltou para junto do guincho.

– Deixem-no – disse, enfiando o martelo por baixo do cinto. Encostou-se à roda travada, utilizada para subir e descer o portão suspenso, e empurrou-a com toda a força, esforçando todos os seus músculos. Os outros homens uniram esforços com ele e a roda começou a girar muito lentamente. A roda dentada na parte lateral do guincho produzia ruidosos estalidos, enquanto a enorme garra de madeira deslizava sobre os dentes, em baixo.

O esforço necessário para mover a roda diminuiu consideravelmente alguns segundos depois, o que Roran atribuiu à equipa que mandara infiltrar-se na outra casa dos guardas.

Não se deram ao trabalho de abrir totalmente o portão suspenso e, depois de meio minuto a gemer e a suar, os ferozes gritos de guerra dos Varden chegaram aos seus ouvidos, à medida que os homens que esperavam lá fora corriam pelo portão e entravam na praça.

Roran largou a roda e voltou a tirar o martelo, encaminhando-se para a escada, seguido de perto pelos outros.

Fora da casa dos guardas, viu Cam e Delwin no instante em que estes saíam da estrutura, do outro lado do portão. Nenhum parecia estar ferido, mas Roran reparou que o guerreiro mais velho que os acompanhara, não estava lá.

Enquanto esperavam que o grupo de Roran se voltasse a reunir a eles, Baldor e o resto dos Varden organizaram-se num bloco compacto de homens, no extremo da praça. Estavam formados ombro a ombro, em cinco fileiras, com os escudos sobrepostos.

Ao correr devagar para junto deles, Roran viu um grande contingente de soldados sair de entre os edifícios, do lado oposto da praça. Os soldados colocaram-se em formação defensiva, orientando as lanças e os piques para fora, o que lhes dava a aparência de uma pregadeira baixa e comprida, coberta de agulhas. Calculou que fossem cerca de cento e cinquenta soldados – um número que os seus guerreiros poderiam certamente vencer, mas que lhes custaria tempo bem como a vida de alguns homens.

Ficou ainda mais desmoralizado, quando o feiticeiro de nariz adunco que vira no dia anterior se colocou à frente das fileiras de soldados e abriu os braços por cima da cabeça, com auréolas de luz negra a crepitar em torno de cada uma das mãos. Roran aprendera o suficiente de magia com Eragon para saber que as faíscas, provavelmente, eram mais para dar espetáculo do que outra coisa. Independentemente disso, não tinha qualquer dúvida que o feiticeiro inimigo era tremendamente perigoso.

Cam alcançou os soldados da frente, segundos depois de Roran.

Cam, Roran e Baldor olharam para o feiticeiro e para a coluna de soldados reunida do lado oposto

– Consegues matá-lo? – perguntou Roran, baixinho, para que os homens atrás de si não o ouvissem.

– Tenho de tentar, não é? – respondeu Cam, limpando a boca com as costas da mão. Tinha o rosto perlado de suor.

– Podemos atacá-lo, se quiseres. Ele não nos consegue matar a todos antes de lhe esgotarmos as proteções e lhe trespassarmos o coração com uma espada.

– Não podes saber isso ao certo... Não, isto é responsabilidade minha e sou eu que tenho de tratar do assunto.

– Podemos fazer alguma coisa para ajudar?

Cam deu uma gargalhada nervosa.

– Podem disparar algumas flechas sobre dele. Apará-las poderá enfraquecê-lo o suficiente para que cometa um erro. Mas, seja o que for que decidam fazer, não se metam entre nós... Será perigoso para vocês e para mim.

Roran passou o martelo para a mão esquerda, colocando a mão direita no ombro de Cam.

– Vai correr tudo bem. Lembra-te que ele não é muito esperto. Se já antes o enganaste, podes enganá-lo outra vez.

– Eu sei.

– Boa sorte.

Carn acenou uma vez, encaminhando-se para a fonte ao centro da praça. A luz do sol atingira a coluna saltitante de água, que cintilava como mãos cheias de diamantes atirados ao ar.

O feiticeiro de nariz adunco encaminhou-se também para a fonte, acertando passo com Carn até ficarem apenas a seis metros um do outro, altura em que ambos pararam.

Do sítio onde Roran estava, Carn e o seu adversário pareciam estar a falar um com o outro, mas encontravam-se demasiado distantes para ele perceber o que estariam a dizer. Depois, ambos os feiticeiros ficaram rígidos, como se alguém os tivesse apunhalado.

Era disso que Roran estava à espera: um sinal de que estavam a defrontar-se mentalmente e consequentemente demasiado ocupados para dar atenção ao que os rodeava.

– Arqueiros! – gritou ele. – Vão para ali e para ali – disse ele, apontando para ambos os lados da praça. – Cravem o maior número de flechas possíveis naquele cão traidor. Mas não se atrevam a atingir Carn, ou dou-vos a comer vivos a Saphira.

Os soldados remexeram-se constrangidos ao verem os dois grupos de arqueiros que avançavam até meio da praça, porém, nenhum dos soldados de vermelho, do exército de Galbatorix, saiu da formação ou avançou para defrontar os Varden.

“Devem ter muita confiança naquela víbora de estimação”, pensou Roran, preocupado.

Dúzias de flechas castanhas, com penas de ganso, descreveram um arco, girando e assobiando na direção do feiticeiro inimigo e, por momentos, Roran esperou que estas o matassem. Contudo, todas elas se estilhaçaram e caíram no chão, a cerca de um metro e meio do homem de nariz adunco, como se tivessem embatido contra uma parede de pedra.

Roran baloiçou-se sobre os calcanhares, demasiado tenso para ficar quieto. Detestava ter de esperar, sem fazer nada, enquanto o amigo arriscava a vida. Além disso, a hipótese de Lord Halstead perceber o que se estava a passar e planejar uma resposta eficaz, aumentava a cada minuto que passava. Para evitarem ser esmagados pelas forças superiores do Império, os homens de Roran teriam de apanhar os seus inimigos desprevenidos, sem saberem para onde se virar ou o que fazer.

– Atenção! – disse ele, virando-se para os guerreiros. – Vamos lá ver se conseguimos fazer algo de útil enquanto Carn luta para nos salvar a pele. Vamos flanquear aqueles soldados. Metade vem comigo e os restantes seguem Delwin. Eles não podem bloquear todas as ruas. Por isso tu e os teus homens vão tentar passar pelos soldados, dar a volta e atacá-los por trás, Delwin. Nós mantê-los-emos ocupados nesta frente, para que não ofereçam muita resistência. Se alguns soldados tentarem fugir, deixem-nos fugir. Demorariamos demasiado tempo a matá-los a todos. Entendido?... Vão, vão, vão!

Os homens separaram-se rapidamente em dois grupos. Roran comandou os seus homens, correndo para o extremo direito da praça, e Delwin fez o mesmo, do lado esquerdo.

Quando ambos os grupos estavam quase alinhados com a fonte, Roran viu o feiticeiro inimigo a olhar na direção dele. Foi apenas um breve olhar, um olhar passageiro, de soslaio. Fosse intencional ou não, a distração pareceu produzir um efeito imediato no duelo entre ele e Carn, pois ao desviar o olhar para Carn, o esgar feroz do homem de nariz adunco, deu lugar a uma expressão de pasmo doloroso. As veias da sua testa franzida e do seu pescoço seco começaram a dilatar-se e todo o rosto adquiriu um tom afogueado, vermelho escuro, como se estivesse tão cheio de sangue que fosse rebentar.

– Não! – gemeu o homem, gritando depois algo na língua antiga que Roran não conseguiu entender.

Uma fração de segundo depois, Carn gritou também algo e ambas as vozes se sobrepuseram por instantes, numa mistura de tal forma aflitiva de terror, desolação, ódio e fúria que Roran percebeu no fundo do seu ser que o duelo correria terrivelmente mal.

Carn desapareceu num clarão de luz azul e, depois, uma cobertura branca, semelhante a uma abóbada, explodiu no local onde ele estava, expandindo-se pela praça, sem que Roran tivesse sequer tempo de piscar os olhos.

O mundo ficou negro. Roran sentiu um calor insuportável e tudo girou e ondulou em seu redor, ao mergulhar num espaço sem forma.

O martelo foi-lhe arrancado da mão e ele sentiu uma dor dilacerante na parte lateral do joelho direito. Depois bateram-lhe com um objeto duro na boca e ele sentiu um dente soltar-se, enchendo-lhe a boca de sangue.

Quando finalmente parou, ficou onde estava, de barriga para baixo, demasiado abalado para se mexer. Recuperou gradualmente os sentidos e viu a superfície macia, cinzenta esverdeada, de uma pedra do pavimento, por baixo do nariz. Cheirou a argamassa de chumbo que rodeava a pedra e começou a perceber-se de dores e de contusões por todo o corpo, exigindo a sua atenção. O único ruído que ouvia era o bater do seu coração.

Algun do sangue que tinha na boca e na garganta foi-lhe para os pulmões quando voltou a inspirar. Desesperado para respirar, tossiu e sentou-se direito, cuspidando escarros negros. Viu um dos seus incisivos voar e saltar na pedra do pavimento, parecendo assustadoramente branco em contraste com as manchas de sangue que cuspira. Apanhou-o e examinou-o; a ponta do incisivo estava lascada, mas a raiz parecia intacta, por isso lambeu o dente e voltou a encaixá-lo no buraco das gengivas, retraindo-se ao tocar na carne dorida.

Apoiou-se no chão e levantou-se. Fora atirado contra a soleira da porta de uma das casas que ladeavam a praça e os seus homens estavam espalhados em seu redor, de pernas e braços torcidos, sem elmos e sem espadas.

Roran sentiu-se mais uma vez grato por usar um martelo, pois alguns dos Varden tinham-se golpeado a si mesmo ou ao companheiro que os protegia, no decurso do tumulto.

“Martelo? Onde está o meu martelo?”, pensou, tardiamente. Procurou no chão até ver o cabo da arma debaixo das pernas de um guerreiro que estava ali perto. Puxou-o e depois virou-se para observar a praça.

Tanto os soldados com os Varden tinham sido projetados pelo ar e estavam estatelados no chão. Tudo o que restava da fonte era uma pilha de escombros de onde a água jorrava, em intervalos regulares. Junto desta, no local onde Carn estava, jazia um cadáver mirrado e enegrecido, com os membros fumegantes, crispados, como os de uma aranha morta. O corpo estava de tal forma carbonizado e esburacado que era quase impossível reconhecer nele algo outrora vivo e humano. Inexplicavelmente, o feiticeiro de nariz adunco, continuava no mesmo sítio, embora a explosão o despojasse das roupas exteriores, deixando-o apenas de ceroulas.

Uma raiva incontrolável apossou-se de Roran. Sem pensar na sua sobrevivência, cambaleou até ao centro da praça, determinado a matar o feiticeiro de uma vez por todas.

O feiticeiro de tronco nu não se mexeu, nem mesmo quando Roran se aproximou. Roran ergueu o martelo e desatou a correr, tropegamente, entoando um grito de guerra que conseguia ouvir apenas vagamente.

Ainda assim, o feiticeiro não fez qualquer gesto para se defender.

Na verdade, Roran apercebeu-se de que o feiticeiro não se movera um centímetro que fosse desde a explosão. Era como se fosse uma estátua e não um homem.

A aparente indiferença do feiticeiro à aproximação de Roran compeliu-o a ignorar o estranho comportamento do homem – ou ausência de comportamento, como era o caso –, atingindo-o na cabeça antes que ele recuperasse do estranho estupor que o afligia. Contudo, a cautela de Roran arrefeceu o seu desejo de vingança, fazendo-o parar a menos de um metro e meio do feiticeiro.

E ainda bem que o fez.

Embora o feiticeiro lhe parecesse normal à distância, ao vê-lo de perto, Roran reparou que a sua pele estava flácida e engelhada como a de um homem com o triplo da idade, tendo adquirido uma textura áspera e coriácea. A cor da pele também escurecera e continuava a escurecer a cada momento que passava, como se todo o corpo tivesse sido fustigado pela geada.

O peito do homem movia-se e os seus olhos giravam nas órbitas, revelando a parte branca mas, para além disso, parecia incapaz de se mover.

Enquanto Roran o observava, os braços, o pescoço e o peito do homem começaram a morrar e os ossos apareceram em alto relevo – desde a curva das clavículas, semelhante a um arco de flechas, à parte côncava das ancas, com o estômago pendurado como um cantil de pele vazio. Os lábios enrugaram-se e recuaram mais do que era devido, expondo-lhe os dentes amarelos, num esgar horrendo, os olhos esvaziaram-se como carraças inchadas cujo sangue estivesse a ser sugado, e a pele em redor afundou-se.

A respiração do homem – um estertor agudo e apavorado semelhante ao ruído de uma serra – falhou nessa altura, mas não cessou por completo.

Roran recuou, horrorizado. Sentiu algo escorregadio por baixo das botas e olhou para baixo, vendo que estava em cima de uma poça de água cada vez maior. A princípio pensou que seria da fonte destruída, mas depois reparou que a água fluía dos pés do feiticeiro paralisado.

Roran praguejou, enojado, e saltou para uma parte seca do chão. Ao ver a água, percebeu o que Cam fizera, e o horror que sentia, já de si intenso, aumentou. Ao que parece, Cam lançara um feitiço que drenava toda a humidade do corpo do feiticeiro.

Numa questão de segundos, o feitiço reduziu o homem a um esqueleto nodoso, envolto numa carapaça de pele negra e rija, mumificando-o como se tivesse sido abandonado durante cem anos no Deserto de Hadarac, à mercê do vento, do sol e das areias em movimento. Embora já estivesse certamente morto nessa altura, não caiu, pois a magia de Cam mantinha-o de pé: um medonho espectro sorridente, equiparável ao que de mais horrendo Roran vira até então nos seus pesadelos ou no campo de batalha – o que ia dar mais ou menos ao mesmo.

Depois, a superfície do corpo desidratado do homem perdeu os contornos, desfazendo-se num pó fino, cinzento, que se ia abatendo em cortinas diáfanas e ficava a flutuar na água, em baixo, como as cinzas de um fogo de uma floresta. Depressa se seguiram os músculos e os ossos, depois os órgãos empedernidos e, finalmente, o que restava do feiticeiro de nariz adunco desfêz-se, deixando apenas no seu lugar um pequeno amontoado cónico de pó, a voar da poça de água que outrora lhe sustentara a vida.

Roran olhou para o cadáver de Cam, mas desviou imediatamente os olhos, incapaz de suportar aquela imagem “Pelo menos vingaste-te dele.” Depois, concluindo que era demasiado doloroso pensar no assunto, procurou abstrair-se da morte do amigo, concentrando-se no seu problema mais imediato: os soldados no extremo sul da praça, que começavam a levantar-se do chão.

Roran viu os Varden fazerem o mesmo.

– Ei! – gritou ele. – Sigam-me! Jamais teremos uma oportunidade tão boa. – Apontou para alguns dos seus homens visivelmente feridos. – Ajudem-nos a levantar-se e coloquem-nos no meio da formação. Não deixaremos ninguém para trás. Ninguém! – Os lábios e a boca estremeciam-lhe ao falar e a cabeça doía-lhe como se tivesse passado a noite inteira a beber.

Os Varden animaram-se ao ouvir a sua voz e apressaram-se a reunir-se a ele. Depois de se agruparem numa ampla coluna atrás de si, Roran tomou a sua posição na linha da frente, entre Baldor e Delwin, ambos com arranhões ensanguentados da explosão.

– Cam morreu? – perguntou Baldor.

Roran acenou com a cabeça e ergueu o escudo tal como os outros homens, formando uma parede sólida, virada para fora.

– Então, rezemos para que Halstead não tenha outro feiticeiro escondido algures por aí – murmurou Delwin.

Depois de os Varden formarem, Roran gritou:

– Em frente, marchar! – E os guerreiros percorreram o resto do pátio.

Fosse pelo facto da sua liderança ser menos eficiente que a dos Varden ou porque a explosão os afetara mais, os soldados do Império não conseguiram recuperar tão depressa e estavam ainda desorganizados quando os Varden os atacaram.

Roran gemeu e deu um passo cambaleante para trás, ao sentir uma lança enterrar-se no escudo, entorpecendo-lhe o braço e puxando-o para baixo com o peso. Ele esticou um braço e roçou com o martelo pela face do escudo. O martelo bateu na haste da lança mas esta não se mexeu.

Um soldado que estava à sua frente, talvez o mesmo que lhe atirara a lança, aproveitou a oportunidade para correr para ele e brandir a espada na direção do seu pescoço. Roran tentou erguer o escudo com a lança alojada nele, mas estava demasiado pesado e difícil de manejar para se poder proteger com ele, por isso usou o martelo na tentativa de golpear a espada. Contudo, a espada era quase impossível de se ver, do lado do gume, o que o impediu de aparar o golpe na altura certa e o martelo falhou o alvo. Poderia ter morrido nessa altura, só que bateu com os nós dos dedos na parte chata da lâmina, desviando-a uns centímetros para o lado.

Um fio de dor intensa como fogo percorreu o ombro direito de Roran, descendo-lhe pelo flanco como um relâmpago de pontas aguçadas, e ele viu clarões amarelos diante dos olhos. O joelho direito cedeu e caiu para a frente.

Viu pedra debaixo de si. Os pés e as pernas em seu redor mantinham-no preso, impedindo-o de rebolar para um local mais seguro. O seu corpo estava lento e parecia não reagir, como se estivesse preso em mel.

“Estás demasiado lento, estás demasiado lento”, pensou, lutando para libertar o braço do escudo e voltar a levantar-se. Se ficasse no chão seria golpeado ou pisado. “Estás demasiado lento!”

Depois viu um soldado cair à sua frente, agarrado à barriga e, segundos depois, alguém o puxou pelo colarinho da cota de malha, ajudando-o a levantar e segurando-o enquanto ele recuperava o equilíbrio. Era Baldor.

Torcendo o pescoço, Roran olhou para o sítio onde o soldado o atingira. Cinco elos da sua cota de malha estavam abertos, mas para além disso a armadura aguentara o impacto. Apesar do sangue que lhe escorria do rasgão e da dor que sentia no pescoço e no braço, não achava que o ferimento fosse grave e também não fazia tensões de parar para ver. O braço direito ainda funcionava – pelo menos o suficiente para continuar a lutar – e, naquele momento, era tudo o que lhe interessava.

Alguém lhe passou um escudo para substituir o anterior. Ele colocou-o com um ar solene e continuou a incitar os homens a avançar, forçando os soldados a recuar ao longo da rua que saía da praça.

Confrontados com a força esmagadora dos Varden, os soldados não tardaram a ceder e a fugir, escapando-se pela miríade de ruas laterais e vielas que confluíam na estrada principal.

Nessa altura, Roran fez uma pausa e mandou cinquenta dos seus homens voltarem para trás para fecharem o portão suspenso e a porta de saída, guardando-os de quaisquer inimigos que tentassem seguir os Varden até ao coração de Aroughs. A maior parte dos soldados da cidade deviam estar estacionados perto da muralha exterior, para repelir sitiante, e Roran não estava na disposição de os enfrentar em campo aberto. Seria um suicídio fazê-lo, atendendo às dimensões das tropas de Halstead.

Daí em diante, os Varden enfrentaram fraca resistência, ao avançarem pela parte interior da cidade até ao enorme e bem equipado palácio, onde Lord Halstead governava.

Diante do palácio, que se erguia vários andares acima do resto de Aroughs, havia um grande pátio com um lago artificial com gansos e cisnes. O palácio era uma bela estrutura ornamentada, com arcos abertos, colunatas e amplas varandas concebidas para dança e festas. Ao contrário do castelo no coração de Belatona, este fora obviamente construído como local de lazer e não com propósitos defensivos.

“Devem ter pensado que ninguém conseguiria passar pelas muralhas”, pensou Roran.

Várias dúzias de guardas e de soldados no pátio atacaram os Varden às cegas, mal os viram, entoando gritos de guerra durante todo o tempo.

– Mantenham-se em formação! – ordenou Roran, enquanto os homens corriam na direção deles.

Durante um minuto ou dois, o ruído do choque das armas inundou o pátio. Os gansos e os cisnes grasnavam alarmados com o tumulto e batiam as asas, mas nenhum se atrevia a sair do lago.

Os Varden não tardaram a esmagar os soldados e os guardas, invadindo depois a entrada do palácio. A decoração do palácio era de tal forma rica – pinturas nas

paredes e tetos, molduras douradas e chão ladrilhado com desenhos – que Roran teve dificuldade em absorver tudo de uma vez. A fortuna necessária para construir e manter um edifício daqueles era algo inconcebível para ele. Uma só cadeira daquele salão principal valia mais do que a quinta onde crescera.

Através de uma porta aberta Roran viu três criadas correrem tão depressa quanto as saias lhes permitiam, por um longo corredor.

– Não as deixem fugir! – exclamou ele.

Cinco espadachins abandonaram o corpo principal dos Varden e correram atrás das mulheres, apanhando-as antes de chegarem ao fundo do corredor. As mulheres davam gritos ensurdecedores e debatiam-se ferozmente, tentando arranhar os seus captores, enquanto os homens as arrastavam para o local onde Roran os esperava.

– Basta! – gritou Roran, quando chegaram diante dele, e as mulheres pararam de se debater, embora continuassem a choramingar e a gemer. A mais velha das três, uma matrona robusta de cabelo prateado, preso num carrapito desalinhado, que trazia uma argola com chaves presa à cintura parecia a mais razoável, por isso Roran perguntou-lhe:

– Onde está o Lord Halstead?

A mulher empertigou-se e levantou o queixo.

– Fazei o que quiserdes comigo, senhor, mas não trairei o meu amo.

Roran aproximou-se dela, até ficarem apenas a trinta centímetros de distância um do outro.

– Ouve-me com atenção – rosnou. – Aroughs caiu e tu e todos os habitantes da cidade estão à minha mercê. Nada do que façam poderá modificar isso. Diz-me onde está Halstead e nós libertar-te-emos a ti e às tuas companheiras. Não o poderão salvar da sua desgraça, mas poderão salvar-se a vós mesmas. – Os seus lábios rasgados estavam tão inchados que mal conseguia fazer-se entender e, sempre que falava, cuspiam sangue.

– O meu destino não me interessa, senhor – disse a mulher com uma expressão tão determinada como qualquer guerreiro.

Roran praguejou e bateu com o martelo no escudo, produzindo um ruído áspero que ecoou ruidosamente no enorme corredor. As mulheres encolheram-se.

– Perdeste a cabeça? Será que Halstead ou o Império ou Galbatorix valem o sacrifício das vossas vidas?

– Sobre Galbatorix e o Império nada sei dizer, senhor, mas Halstead sempre foi gentil para com os criados e eu não permitirei que gente da vossa laia o enforque. Não passam de escória ingrata e sebenta.

– Ai sim? – E olhou-a ferozmente. – Quanto tempo achas que consegues ficar calada se eu decidir autorizar os meus homens a arrancar-te a verdade?

– Jamais me fareis falar – declarou ela e ele acreditou.

– E elas? – perguntou, acenando com a cabeça para as outras mulheres, a mais jovem das quais não devia ter mais de dezassete anos. – Estás na disposição de deixar que as cortem aos bocados, só para salvares o teu amo?

A mulher fungou desdenhosamente e depois disse:

– Lord Halstead está na ala Este do palácio. Segui por aquele corredor, percorrei a Sala Amarela e o jardim de flores de Lady Galiana e encontrá-lo-eis certamente.

Roran ouviu desconfiado. A sua capitulação parecera-lhe demasiado rápida e fácil, atendendo à resistência que oferecera antes. Reparou também que enquanto ela falava as outras duas mulheres tinham reagido com surpresa e uma outra emoção que não conseguiu identificar. “Seria confusão?”, pensou. Fosse como fosse, as outras não tinham reagido como ele esperava, se a mulher de cabelo prateado tivesse acabado de entregar o amo às mãos do inimigo. Estavam demasiado caladas, demasiado dóceis, como se escondessem alguma coisa.

Entre ambas, a rapariga era a que parecia menos capaz de esconder as suas emoções, por isso Roran abordou-a com toda a selvajaria possível.

– Tu aí. Ela está a mentir, não está? Onde está Halstead? Diz-me!

A rapariga abriu a boca e abanou a cabeça, incapaz de dizer uma palavra e tentando recuar, mas um dos guerreiros agarrou-a.

Roran aproximou-se pesadamente dela, encostou-lhe o escudo ao peito, esvaziando-lhe os pulmões, e apoiou o seu peso nela, entalando-a entre si e o homem que estava atrás dela. Roran ergueu o martelo e tocou-lhe na face com ele.

– És bastante bonita mas vais ter dificuldade em encontrar alguém para te cortejar, a não ser velhos, se eu te partir os dentes da frente. Eu também perdi um dente hoje, mas consegui voltar a pô-lo no lugar, vês? – E mostrou os dentes, certo de estar a reproduzir uma medonha aproximação de um sorriso. – Mas eu ficarei com os teus dentes para que não possas fazer o mesmo. Darão um belo troféu, não achas? – Fez um gesto ameaçador com o martelo.

A rapariga encolheu-se e começou a chorar.

– Não! Por favor, senhor, eu não sei. Por favor! Ele estava nos aposentos dele reunido com os seus capitães, mas depois ele e Lady Galiana iam para as docas pelo túnel e...

– Thara, minha tonta! – exclamou a matrona.

– Está lá um navio à espera deles, sim, e eu não sei onde ele está agora, mas por favor não me espanqueis. EU não sei mais nada, senhor e...

– Onde são os aposentos dele? – gritou Roran.

E a rapariga disse-lhe entre lágrimas.

– Libertem-nas – disse, quando ela terminou, e as três mulheres largaram a correr pela entrada, batendo com os saltos rijos dos sapatos no chão polido.

Roran conduziu os Varden pelo enorme edifício, de acordo com as instruções da rapariga. Uma série de homens e mulheres, parcialmente vestidos, cruzaram-se com eles, mas nenhum parou para lutar. Ouviam-se gritos e guinchos por toda a parte no palácio, a ponto de lhe apeterer tapar os ouvidos.

A meio do caminho, passaram por um vestíbulo com uma estátua de um enorme dragão negro ao meio. Roran perguntou-se se seria Shruikan, o dragão de Galbatorix. Ao passarem pela estátua, Roran ouviu um ruído metálico e depois algo o atingiu nas costas.

Caiu contra um banco de pedra, no caminho, e agarrou-se a ele.

Dor.

Uma dor agonizante, de enlouquecer, como nunca antes sentira, uma dor tão intensa que teria cortado uma mão para que lhe passasse. Era como se lhe estivessem a encostar um atizador incandescente às costas.

Não conseguia mexer-se...

Não conseguia respirar...

A mais pequena mudança de posição era um tormento insuportável.

Viu sombras diante si e ouviu Baldor e Delwin gritarem. Depois Brigman estava também a dizer algo, embora Roran não conseguisse perceber.

Subitamente, a dor aumentou dez vezes mais e ele gritou, o que apenas a agravou. Fez um esforço supremo para ficar absolutamente imóvel. As lágrimas corriam-lhe dos olhos fechados.

Depois Brigman falou com ele.

– Tens uma flecha nas costas, Roran. Tentámos apanhar o arqueiro mas ele fugiu.

– Dói... – disse Roran, arquejante.

– Isso é porque a flecha te atingiu uma costela, caso contrário, ter-te-ia trespassado. Tiveste sorte por não se ter cravado um centímetro mais acima ou mais abaixo e por não te ter atingido a coluna nem a espádua.

– Arranquem-na! – disse ele de dentes cerrados.

– Não podemos, a flecha tem uma cabeça farpada e não podemos puxá-la pelo outro lado. Temos de te cortar para a tirar. Eu tenho alguma experiência nisso, Roran. Se confiares em mim e me deixares usar a faca, poderei fazê-lo aqui e agora. Ou se preferires poderemos esperar até encontrarmos um curandeiro. Deve haver um ou dois no palácio.

Embora detestasse a ideia de ficar à mercê de Brigman, Roran não aguentava mais a dor, por isso disse:

– Fá-lo aqui... Baldor...

– Sim, Roran?

– Leva cinquenta homens e procura Halstead. Aconteça o que acontecer, ele não pode escapar. Delwin... fica comigo.

Seguiu-se uma breve discussão entre Baldor, Delwin e Brigman, da qual Roran ouviu apenas algumas palavras. Depois, uma boa parte dos Varden abandonaram o vestibulo, que ficou visivelmente mais sossegado.

Por insistência de Brigman, um grupo de guerreiros trouxe cadeiras de uma sala ali perto, partiram-nas aos bocados e acenderam uma fogueira no caminho de gravilha junto da estátua. Colocaram a ponta de uma adaga no fogo, que Roran percebeu que Brigman iria utilizar para cauterizar o ferimento nas suas costas depois de remover a flecha, não fosse ele esvair-se em sangue.

Ao deitar-se no banco, rígido e trémulo, Roran procurou controlar a respiração, respirando lenta e superficialmente para aplacar a dor e tentando libertar a mente de todos os pensamentos, por muito difícil que isso fosse. O que acontecera e o que estava para acontecer não interessava, apenas a entrada e a saída constante de ar das suas narinas.

Quase desmaiou quando quatro homens o ergueram do banco e o deitaram no chão de rosto virado para baixo. Alguém lhe colocou uma luva de cabedal na boca, agravando-lhe a dor no lábio rasgado, ao mesmo tempo que umas mãos ásperas lhe agarravam nas pernas e nos braços esticando-os o mais possível e imobilizando-os.

Roran olhou de relance para trás e viu Brigman a ajoelhar-se junto de si, com uma faca curva, de caça, na mão. A faca começou a descer e Roran voltou a fechar os olhos e a morder a luva com força.

Inspirou.

Expirou.

E o tempo e a memória cessaram para ele.

INTERREGNO

Roran estava sentado, curvado sobre a beira da mesa, a brincar com um cálice incrustado de jóias que observava com interesse.

A noite tinha caído e a única luz no luxuoso quarto provinha de duas velas que estavam em cima de uma secretária e do pequeno fogo que ardia na lareira, junto da cama de dossel vazia. Tirando o estalido ocasional da lenha a arder, tudo estava em silêncio.

Uma brisa ligeiramente salgada entrava suavemente pelas janelas, separando as finas cortinas brancas. Roran virou a cara para sentir a corrente de ar, acolhendo com agrado o ar fresco na pele febril.

Através da janela, a cidade de Aroughs estendia-se diante de si. Fogueiras de vigilância salpicavam as ruas, em cruzamentos, aqui e ali, para além disso a cidade estava escura e sossegada – invulgarmente escura e sossegada – pois todos os que podiam estavam escondidos em casa.

Quando a brisa cessou, bebeu outro gole do cálice, vertendo o vinho pelas goelas abaixo, para não ter de o engolir. Uma gota caiu-lhe sobre o golpe, no lábio inferior, e ele contraiu-se, sorvendo o ar enquanto esperava que a agulhada de dor lhe passasse.

Poisou o cálice em cima da secretária, junto de um prato com pão e cordeiro, e da garrafa de vinho, meio vazia, olhando depois para o espelho, entre duas velas. O espelho continuava a refletir o seu rosto extenuado, contundido e ensanguentado, sem uma boa parte da barba do lado direito.

Desviou os olhos. A seu tempo, ela iria contactá-lo. Entretanto esperaria. Era tudo o que podia fazer, pois estava demasiado dorido para dormir.

Voltou a pegar no cálice e girou-o entre os dedos.

O tempo passou.

Mais tarde, nessa noite, o espelho tremeluziu como uma poça de mercúrio ondulante, e Roran pestanejou, olhando-o sonolento, de olhos franzidos.

O rosto em forma de lágrima de Nasuada ganhou forma diante dele, com uma expressão mais grave do que nunca.

– Roran – disse ela para o saudar, com uma voz clara e forte.

– Lady Nasuada. – Endireitou-se na mesa, afastando-se o mais possível dela, o que correspondeu apenas a alguns centímetros.

– Foste capturado?

– Não.

– Então, presumo que Cam esteja morto ou ferido.

– Morreu enquanto combatia outro feiticeiro.

– Lamento sabê-lo... Parecia ser um homem decente e nós mal podemos dar-nos ao luxo de perder um dos nossos feiticeiros. – Silenciou por instantes. – E Aroughs?

– A cidade é nossa.

Nasuada arqueou as sobrancelhas.

– A sério? Estou impressionada. Diz-me, como correu a batalha? Correu tudo de acordo com o planeado?

Abrindo a boca o menos possível para atenuar o desconforto que sentia ao falar, Roran mastigou o relato dos últimos dias, desde a sua chegada a Aroughs, passando pelo homem zarolho que o atacara na tenda, a destruição dos diques, nos moinhos, a forma como os Varden tinham atravessado Aroughs, até ao palácio do Lord Halstead, falando-lhe também do duelo de Cam com o feiticeiro inimigo.

Depois contou-lhe que fora atingido nas costas e que Brigman lhe tinha extraído a flecha.

– Foi uma sorte lá estar, fez um bom trabalho. Se não fosse ele, eu ficaria praticamente sem préstimo até encontrarmos um curandeiro. – Retraiu-se interiormente, por instantes, recordando subitamente os seus ferimentos a serem cauterizados, e voltando a sentir o toque do metal quente contra a carne.

– Espero que tenhas encontrado um curandeiro para te examinar.

– Sim, mais tarde encontrei, mas não era feiticeiro.

Nasuada recostou-se na cadeira e estudou-o durante algum tempo.

– Surpreende-me que ainda tenhas forças para falar comigo. O povo de Carvahall é, de facto, rijo.

– Depois controlámos o palácio, bem como o resto de Aroughs, embora haja ainda algumas zonas de que não temos o domínio. Foi relativamente fácil convencer os soldados a renderem-se, logo que perceberam que nós tínhamos penetrado nas suas linhas e conquistado o centro da cidade.

– E o Lord Halstead? Também conseguiram capturá-lo?

– Estava a tentar fugir do palácio quando alguns dos meus homens se depararam com ele. Halstead tinha apenas um pequeno número de guardas consigo, que não eram suficientes para combater os nossos guerreiros. Por isso ele e os criados fugiram para uma adega e barricaram-se lá... – Roran esfregou o polegar num rubi embutido no cálice que tinha diante de si. – Não se queriam render e eu não me atrevia a invadir a adega, pois ter-nos-ia saído demasiado caro, por isso... ordenei aos homens que fossem buscar panelas de óleo à cozinha, peguei-lhes fogo e atirei-as contra a porta.

– Estavas a tentar fazê-los sair com o fumo? – perguntou Nasuada.

Ele acenou lentamente com a cabeça.

– Alguns dos soldados fugiram cá para fora quando a porta ardeu, mas Halstead esperou tempo de mais. Encontrámo-lo no chão, sufocado.

– Isso é lamentável.

– E a sua filha, Galiana... também. – Roran conseguia ainda revê-la mentalmente: pequena e delicada, com um belo vestido cor de lavanda, coberto de folhos e laços.

Nasuada franziu o sobrolho.

– Quem é o sucessor de Halstead, o novo conde de Fenmark?

– Tharos, o Lesto.

– O mesmo que comandou o ataque contra vós, ontem?

– Esse mesmo.

Só a meio da tarde é que os homens lhe tinham levado Tharos. O homem baixo e barbudo parecera-lhe aturdido, embora ileso, e faltava-lhe o elmo com aquelas penas extravagantes. Deitado de barriga para baixo num sofá estofado, para poupar as costas, Roran dissera-lhe:

– Creio que me deves uma garrafa de vinho.

– Como conseguiste fazer isto? – replicara-lhe Tharos, enfaticamente, com o desespero estampado na voz. – A cidade era inexpugnável. Só um dragão conseguiria penetrar nas nossas muralhas. No entanto, vejam bem o que tu arranjaste. Tu não podes ser humano, tu não podes ser... – Depois ficara em silêncio, incapaz de dizer

mais uma palavra.

– Como reagiu ele à morte do pai e da irmã? – perguntou Nasuada.

Roran apoiou a cabeça na mão. Estava suada e pegajosa, por isso limpou-a com a manga e começou a tremer. Apesar da transpiração sentia frio no corpo todo, especialmente nas mãos e nos pés.

– Não pareceu importar-se muito com o pai. Já em relação à irmã... – Roran retraiu-se ao lembrar-se da torrente de insultos que Tharos lhe dirigira depois de saber que Galiana tinha morrido.

– Matar-te-ei por isto, se alguma vez tiver hipótese – dissera Tharos. – Juro.

– Então é melhor despachares-te – retorquira Roran. – Há já outra pessoa que me quer matar e, se alguém acabar por me matar, aposto que vai ser ela.

– ... Roran?... Roran!

Ligeiramente surpreendido, Roran apercebeu-se que Nasuada chamava pelo seu nome, olhando de novo para ela, emoldurada no espelho como um retrato, lutando para conseguir voltar a falar. Finalmente disse:

– Tharos não é realmente o conde de Fenmark. É o mais novo dos sete filhos de Halstead, porém todos os seus irmãos fugiram ou estão escondidos. Por isso ele é o único que resta para reclamar o título, neste momento. Será um bom enviado para comunicarmos com os anciãos da cidade. Mas sem Cam, é-me impossível saber quem é leal a Galbatorix e quem não é. Suponho que a maior parte dos nobres o sejam, para além dos soldados, claro, mas é impossível saber quem mais lhe é leal.

Nasuada crispou os lábios.

– Compreendo... Dauth é a cidade mais próxima. Vou pedir a Lady Alarice – que suponho já teres conhecido – que mande a Aroughs alguém especializado na arte de ler os pensamentos. A maior parte dos nobres têm alguém desse género na sua comitiva, por isso Alarice não deverá ter dificuldade em satisfazer o nosso pedido. Contudo, ao marcharmos para as Planícies Flamejantes, o rei Orrin trouxe consigo todos os feiticeiros importantes de Surda, o que significa que, muito provavelmente, as aptidões mágicas da pessoa que Alarice mandar se resumirão a ler os pensamentos de outras pessoas e, sem os feitiços adequados, será difícil de evitar que os que são leais a Galbatorix nos ofereçam uma constante resistência.

Enquanto Nasuada falava, Roran passou os olhos pela secretária, detendo-se na garrafa escura de vinho. Será que Tharos a tinha envenenado? A ideia não o alarmou.

Depois Nasuada voltou a dirigir-se a ele:

– ... espero que tenhas mantido rédea curta com os teus homens e não permitas que eles andem à solta em Aroughs, a incendiar, a pilhar e a darem-se a certas liberdades com o seu povo.

Roran estava tão cansado que teve dificuldade em ponderar numa resposta coerente, mas finalmente conseguiu dizer:

– O nosso número é demasiado reduzido para que os homens cometam malféitorias. Eles sabem tão bem como eu que os soldados poderiam reconquistar a cidade, se lhes dêssemos a mínima hipótese.

– Isso é uma faca de dois gumes. Quantos homens perdeste durante o ataque?

– Quarenta e dois.

O silêncio instalou-se durante algum tempo. Depois, Nasuada disse:

– Cam tinha alguma família?

Roran encolheu ligeiramente o ombro esquerdo.

– Não sei. Era de algures no Norte, creio, mas nunca chegámos a falar das nossas vidas, antes... antes de tudo isto acontecer... Nunca pareceu muito relevante.

Roran sentiu uma comichão súbita na garganta que o obrigou a tossir várias vezes. Curvou-se sobre a mesa até tocar com a testa na madeira, fazendo caretas, ao sentir vagas de dor nas costas, no ombro e na boca ferida. As convulsões foram tão violentas que o vinho saltou do cálice, salpicando-lhe a mão e o pulso.

Enquanto ele recuperava lentamente, Nasuada disse:

– Tens de chamar um curandeiro para te examinar, Roran. Não estás bem. Devas estar na cama.

– Não. – Limpou o cuspido ao canto da boca e depois olhou para ela. – Eles fizeram tudo o que podiam e eu não sou nenhuma criança para que me deem tantos mimos.

Nasuada hesitou e a seguir baixou a cabeça:

– Como queiras.

– E agora o que se segue? – perguntou ele. – Posso ir embora daqui?

– Era minha intenção mandar-te regressar logo que tomássemos Aroughs – fosse de que maneira fosse –, mas tu não estás em condições de cavalgar até Dras-Leona. Terás de esperar até que...

– Não vou esperar – resmungou Roran, agarrando no espelho e puxando-o para si até este ficar a escassos centímetros do seu rosto. – Não me dês mimos, Nasuada, eu consigo andar a cavalo e bem. Só aqui vim porque Aroughs era uma ameaça para os Varden, mas essa ameaça já não se coloca – eu eliminei-a. Esteja ferido ou não, não tenciono ficar aqui com a minha mulher e o meu filho por nascer acampados a menos de um quilómetro e meio de Murtagh e do seu dragão!

A voz de Nasuada endureceu por instantes:

– Foste a Aroughs porque eu te mandei. – Depois disse num tom mais calmo: – Contudo o teu argumento é pertinente. Podes regressar de imediato, se te sentes capaz. Não há motivo para cavalgares dia e noite como fizeste na viagem para aí, mas também não deves demorar uma eternidade. Usa o teu bom senso. Não quero ter de explicar a Katrina que te mataste a viajar... Quem achas que devo nomear para te substituir, quando partires de Aroughs?

– O Capitão Brigran.

– Brigran? Porquê? Não tiveste dificuldades com ele?

– Ele ajudou-me a manter os homens na linha, depois de ficar ferido. Eu não estava com as ideias muito claras nessa altura...

– Imagino que não.

– ... e ele fez os possíveis para que eles não entrassem em pânico, nem perdessem a coragem. Além disso, comandou-os em meu nome enquanto eu estava preso nesta miserável caixa de música acastelada, pois era o único que tinha experiência suficiente para tal. Sem ele não teríamos conseguido controlar toda a cidade de Aroughs. Os homens gostam dele, e é hábil a planear e a organizar. Vai governar bem a cidade.

– Seja então Brigran. – Nasuada desviou os olhos do espelho e murmurou algo a alguém que ele não conseguia ver. Depois virou-se de novo para ele e disse: – Tenho de admitir que nunca pensei que conseguisses tomar Aroughs. Parecia-me impossível que alguém conseguisse penetrar nas defesas da cidade, em tão pouco tempo, com tão poucos homens e sem a ajuda de um dragão ou de um Cavaleiro.

– Então porque me mandaste aqui?

– Porque tinha de tentar algo antes de permitir que Eragon e Saphira voassem para tão longe, e porque tu tens a mania de contrariar as expectativas e vencer onde outros acabariam por falhar ou desistir. Se o impossível tivesse de acontecer, o mais provável era que fosse sob a tua alçada, como de facto aconteceu.

Roran roncou baixinho. “E quanto tempo poderei continuar a desafiar o destino, até ser morto como Cam?”

– Desdenha se quiseses, mas não podes negar o teu próprio sucesso. Hoje deste-nos uma grande vitória, Martelo de Ferro, ou Capitão Martelo de Ferro, melhor dizendo. O título é mais do que merecido e estou-te imensamente grata pelo que fizeste. Ao tomares Aroughs, libertaste-nos da possibilidade de nos vermos forçados a lutar em duas frentes, o que certamente implicaria a nossa destruição. Todos os Varden estão em dívida para contigo e eu prometo-te que os sacrifícios que tu e os

teus homens fizeram não serão esquecidos.

Roran tentou dizer algo mas não conseguiu, voltou a tentar e falhou uma segunda vez até que finalmente conseguiu dizer:

– Eu... eu não me esquecerei de transmitir as tuas impressões aos homens. Terão um grande significado para eles.

– Por favor. Agora tenho de me despedir de ti. É tarde, tu estás ferido, e eu já te tomei demasiado tempo.

– Espera... – Roran esticou o braço e bateu com a ponta dos dedos no espelho. – Espera. Ainda não me disseste como vai o cerco a Dras-Leona.

Ela olhou-o com uma expressão vazia.

– Mal. E sem sinais de melhoria. Davas-nos jeito aqui, Martelo de Ferro. Se não conseguirmos resolver a situação rapidamente, tudo aquilo por que lutámos estará perdido.

— Tu estás bem — disse Eragon. — Para de te preocupar. Além disso, não podes fazer nada.

Saphira resmungou e continuou a estudar a sua imagem no lago. Virou a cabeça de um lado para o outro e depois suspirou pesadamente, libertando uma nuvem de fumo que ficou a pairar sobre a água como uma pequena nuvem de trovoada.

Tens a certeza?, perguntou, olhando para ele. E se não voltar a crescer?

— Os dragões substituem as escamas a toda a hora. Tu sabes isso.

Sim, mas nunca antes tinha perdido alguma!

Ele não se deu ao trabalho de esconder o sorriso, pois sabia que Saphira sentiria que estava divertido.

— Não devias estar tão aborrecida. Não era assim tão grande. — Esticou o braço e passou a mão no buraco em forma de diamante, do lado esquerdo do focinho, o motivo recente da sua consternação. A fálha na sua armadura cintilante não era maior que a ponta do polegar e tinha cerca de dois centímetros e meio de profundidade. Ao fundo via-se a pele coriácea.

Curioso, Eragon tocou-lhe na pele com a ponta do indicador. Estava quente e macia como a barriga de um bezerro.

Saphira roncou e afastou a cabeça dele.

Para com isso. Faz cócegas.

Ele riu baixinho e sacudiu os pés na água, junto da base da rocha onde estava sentado, apreciando a sensação nos pés descalços.

Talvez não fosse muito grande, disse ela, mas toda a gente vai reparar que falta. Como poderiam não reparar? Mais valia ignorarem uma extensão de terra nua na crista de uma montanha coberta de neve. E entortou os olhos, na tentativa de olhar para o pequeno buraco escuro que tinha por cima das narinas, na ponta do longo focinho.

Eragon deu uma gargalhada e salpicou-a com água, dizendo-lhe depois, para lhe apaziguar o orgulho ferido:

— Ninguém vai reparar, Saphira, confia em mim, e se repararem vão achar que é um ferimento de guerra pelo que vão considerar-te ainda mais temível.

Achas que sim?, e voltou a examinar-se no lago. A água e as escamas refletiam-se mutuamente numa série de matizes deslumbrantes da cor do arco-íris. E se um soldado me atingir nesse sítio? A sua espada trespassar-me-ia imediatamente. Talvez fosse boa ideia pedir aos Anões que me fizessem uma chapa de metal para cobrir esta área enquanto a escama cresce.

— Isso seria demasiado ridículo.

Achas?

— Hum, hum. — Eragon acenou com a cabeça, prestes a rir de novo.

Ela fungou. Não precisas de fazer pouco de mim. Se o pelo da tua cabeça começasse a cair, ou se perdesse uma dessas pequenas saliências ridículas a que chamam dentes, gostavas? Sem dúvida que acabaria por ter de te consolar.

— Sem dúvida — anuiu ele, descontraindo. — Mas os dentes não voltam a crescer. — Levantou-se da rocha e dirigiu-se à margem onde deixara as botas, caminhando com cuidado para não magoar os pés nas pedras, nem nos ramos espalhados à beira da água. Saphira seguiu-o, com a terra mole a esguichar debaixo das garras.

Podias lançar-me um feitiço para proteger apenas esta zona, disse ela, enquanto Eragon calçava as botas.

— Pois podia. Queres que o faça?

Quero.

Formulou mentalmente o encantamento enquanto atava as botas. Depois, colocou a mão direita sobre o buraco no focinho e murmurou as palavras necessárias na língua antiga. Uma ligeira radiância azul irradiou da palma da sua mão ao unir a proteção ao corpo dela.

— Pronto — disse, quando terminou. — Agora já não tens de te preocupar.

A não ser com o facto de continuar a faltar-me uma escama.

Ele empurrou-lhe a maxila.

— Anda, vamos voltar para o acampamento.

Abandonaram o lago, subindo a margem íngreme de terra solta, atrás deles, e Eragon usou as raízes expostas das árvores como apoio para as mãos.

Ao cimo da ladeira havia uma vista desobstruída do acampamento dos Varden a Este, a cerca de oitocentos metros, e da massa desordenada de Dras-Leona, ligeiramente a Norte do acampamento. Os únicos sinais de vida dentro da cidade eram os filamentos de fumo que se erguiam das chaminés de muitas das casas. Thorn, como sempre, estava deitado em cima das muralhas, por cima do portão Norte, refastelado ao sol luminoso da tarde. O dragão vermelho parecia estar adormecido, mas Eragon sabia, por experiência, que ele estava de olho nos Varden. Pelo que, no instante em que alguém se aproximasse da cidade, erguer-se-ia e daria o alarme a Murtagh e aos outros, lá dentro.

Eragon saltou para o dorso de Saphira e esta transportou-o, sem pressas, até ao acampamento.

Quando chegaram, ele saltou para o chão e foi à frente, caminhando por entre as tendas. O acampamento estava sossegado e tudo nele sugeria lentidão e sonolência, desde o tom baixo e arrastado das conversas dos guerreiros aos estandartes imóveis no ar pesado. As únicas criaturas que pareciam imunes à letargia eram os cães esguios, semi-selvagens que vagueavam pelo acampamento, a farejar, em busca de restos de comida. Alguns tinham arranhões no focinho e nos flancos por terem cometido o erro idiota, ainda que compreensível, de achar que poderiam perseguir e atormentar um homem-gato de olhos verdes, como se se tratasse de qualquer outro gato. Quando isso aconteceu os ganidos de dor despertaram a atenção de todo o acampamento e os homens riram à gargalhada, ao verem os cães a fugir do homem-gato com o rabo entre as pernas.

Consciente dos inúmeros olhares que ele e Saphira atraíam, Eragon levantou o queixo e alargou os ombros, adoptando uma passada vigorosa na tentativa de transmitir a ideia de propósito e energia. Os homens tinham de sentir que ele continuava cheio de confiança e que não se deixara abater pelo tédio resultante da difícil situação em que se encontravam.

“Se ao menos Thorn e Murtagh se fossem embora”, pensou Eragon. “Bastaria que se ausentassem um dia para que tomássemos a cidade.”

Até então, o cerco a Dras-Leona revelara-se particularmente escasso de acontecimentos, pois Nasuada recusava-se a atacar a cidade pelos motivos que tinha expressado a Eragon:

— Mal conseguiste vencer Murtagh da última vez que se encontraram. Já te esqueceste que ele te golpeou na anca? Além disso, assegurou-te que estaria ainda mais forte, da próxima vez que os vossos caminhos se cruzassem. Murtagh pode ser muita coisa, mas não me parece que seja mentiroso.

— A força não é tudo num combate entre feitiçeiros — comentara Eragon.

– Não, mas também não é de desprezar. Além disso, ele agora tem o apoio dos sacerdotes de Helgrind, muitos dos quais desconfio que sejam feiticeiros. Não vou correr o risco de permitir que os enfrentes num combate direto, juntamente com Murtagh, nem mesmo com os feiticeiros de Blödhgarm a teu lado. Enquanto não arquitetarmos um plano para instigar Murtagh e Thorn a afastarem-se, para os encurralar ou ganhar alguma vantagem sobre eles, ficaremos aqui e não atacaremos Dras-Leona.

Eragon protestou, argumentando que era inútil adiar a invasão e que, se não conseguisse derrotar Murtagh, ela não poderia esperar que ele derrotasse Galbatorix. Mas Nasuada mantinha-se cética.

Ambos tinham pesquisado, arquitetado e planeado formas de ganhar a vantagem de que Nasuada falava – juntamente com Arya, Blödhgarm e todos os feiticeiros de Du Vrangr Gata. Mas todas as estratégias que concebiam, falhavam pois exigiam mais tempo e mais recursos do que os Varden dispunham ou porque, em última análise, não solucionavam a questão de como matar, capturar ou afastar Murtagh e Thorn.

Nasuada chegara a ir ter com Elva para lhe pedir se usava o seu dom – que lhe permitia sentir a dor das outras pessoas e qualquer mágoa que estivessem para sofrer num futuro imediato – para derrotarem Murtagh ou entrarem na cidade sub-repticiamente, mas a rapariga de testa prateada rira-se de Nasuada e mandara-a embora com piadas escarnecedoras e insultos, dizendo:

– Não tenho compromissos de lealdade convosco nem com ninguém, Nasuada. Arranja outra criança para te ajudar a ganhar as batalhas; não contes comigo.

Por isso os Varden esperaram.

Os dias sucediam-se inexoravelmente e Eragon via os homens cada vez mais deprimidos e descontentes, e a preocupação de Nasuada aumentava. Eragon sabia que um exército era uma besta voraz e insaciável que depressa morreria e se separaria dos elementos que a constituíam, a menos que os milhares de estômagos que a habitavam fossem alimentados regularmente, com doses maciças de comida. Sempre que um exército marchava para um novo território, obter mantimentos era uma simples questão de confiscar comida e outros bens essenciais aos povos conquistados, usando os recursos dos campos em redor. À semelhança de uma praga de gafanhotos, os Varden deixavam atrás de si um rasto de terra árida, desprovido de quase tudo o que era necessário para sustentar a vida.

Assim que paravam, depressa esgotavam os stocks de comida mais à mão, pelo que eram forçados a subsistir inteiramente das provisões que tinham trazido de Surda e das várias cidades que tinham tomado. Por muito generosos que fossem os habitantes de Surda, por muito ricas que fossem as cidades vencidas, as entregas regulares de comida não eram suficientes para os suprir durante muito mais tempo.

Embora Eragon soubesse que os guerreiros eram devotos à sua causa, ele não tinha qualquer dúvida de que, se fossem confrontados com a possibilidade de sofrerem uma morte lenta e agonizante por inanição, isso apenas daria a Galbatorix a satisfação de se vangloriar com a sua derrota. E a maioria dos homens iriam optar por fugir para um recanto distante de Alagaësia, onde pudessem viver o resto das suas vidas a salvo do Império.

Esse momento ainda não chegara, mas estava iminente.

E Eragon tinha a certeza de que era o pavor desse destino que mantinha Nasuada acordada à noite, o que lhe dava uma aparência mais extenuada todas as manhãs. Os papos debaixo dos olhos pareciam pequenos e tristonhos sorrisos.

Perante as dificuldades que tinham enfrentado em Dras-Leona, Eragon sentiu-se grato pelo facto de Roran não se ter deixado atolar de forma semelhante em Aroughs. E isso acentuara a admiração e o apreço que ele sentia em relação ao que o primo fizera na cidade do Sul. “Ele é um homem mais corajoso do que eu.” Nasuada não aprovava, mas assim que Roran regressasse – o que deveria acontecer dentro de apenas alguns dias, se tudo corresse bem –, Eragon estava determinado a conceder-lhe uma nova série de proteções, pois já perdera demasiados membros da família às mãos do Império e de Galbatorix, e não estava a fim de permitir que Roran sofresse o mesmo destino.

Deteve-se para dar passagem a três anões que cruzavam o seu caminho, a discutir. Os anões não usavam elmos nem insígnias, mas Eragon sabia que não eram do Dûrgrinst Ingeitum pois tinham as barbas entrançadas, decoradas com contas – uma moda que ele nunca vira no Ingeitum. O motivo da discussão dos anões era um mistério, pois ele apenas conseguia perceber algumas palavras da sua linguagem gutural. Mas o tema era obviamente de enorme importância, a avaliar pelo tom elevado das vozes, os gestos incontidos e as expressões exageradas, bem como o facto de não terem reparado nele nem em Saphira.

Eragon sorriu quando eles passaram, pois achou aquela preocupação um pouco cómica, apesar da postura visivelmente séria. Para alívio de muitos dos Varden, o exército dos Anões, comandado pelo seu novo rei, Orík, chegara a Dras-Leona há dois dias. Isso e a vitória de Roran em Aroughs eram os temas principais de conversa por todo o acampamento. Os Anões quase duplicavam as dimensões das tropas aliadas dos Varden e iriam aumentar substancialmente as hipóteses de os Varden alcançarem Urû’baen e Galbatorix, caso se conseguisse descobrir uma solução vantajosa para o impasse com Murtagh e Thorn.

Ao caminhar pelo acampamento com Saphira, Eragon viu Katrina sentada em frente da tenda, a tricotar roupas para a criança que estava para nascer. Ela saudou-o de mão erguida, dizendo em voz alta:

– Primo!

Ele respondeu de igual modo, como era hábito desde que Katrina se casara.

Depois de um almoço pausado com Saphira – em que esta se entreteve a morder e a rasgar grandes quantidades de ossos e carne –, os dois retiraram-se para a extensão ensolarada de erva macia, ao lado da tenda de Eragon. Por ordem de Nasuada, essa extensão de erva ficaria sempre disponível para Saphira, uma indicação que os Varden cumpriam religiosamente.

Saphira enroscou-se para dormir um pouco sob o calor do meio-dia. Enquanto isso, Eragon foi buscar o Domia abr Wyrda aos alforjes, trepando depois para debaixo da saliência da asa direita e aninhando-se entre a curva interior do pescoço e a musculosa pata direita de Saphira. A luz que se filtrava através das pregas da asa e se projetava das escamas em manchas brilhantes, conferia-lhe à pele uma estranha tonalidade arroxeadada, cobrindo as páginas do livro com uma série de formas cintilantes que dificultavam a leitura das finas runas angulares. Mas ele não se importava, pois o prazer de estar com Saphira compensava largamente o incómodo.

Ficaram os dois sentados durante uma ou duas horas, até Saphira digerir a refeição e Eragon se cansar de decifrar as intrincadas frases do Monge Heslant. Depois vaguearam pelo acampamento, entediados, inspecionando as defesas e trocando algumas palavras com as sentinelas estacionadas ao longo do perímetro.

Perto do extremo leste do acampamento, onde a maior parte dos Anões estava instalada, deparam-se com um anão acorçado junto de um balde de água, com as mangas enroladas sobre os cotovelos, a moldar uma bola de terra. A seus pés tinha uma poça de lama e o pau que tinha usado para a revolver.

A cena era de tal forma incongruente, que só ao fim de alguns minutos Eragon percebeu que o anão era Orík.

– Derûndânn, Eragon... e Saphira – disse Orík sem levantar os olhos.

– Derûndânn – disse Eragon, repetindo a saudação tradicional dos Anões. E agachou-se do outro lado da poça a observar Orík, enquanto este refinava os contornos da bola, alisando-a e modelando-a com a curva exterior do polegar direito. De vez em quando, Orík esticava a mão e agarrava numa mão-cheia de terra seca, salpicando-a sobre a esfera amarelada de terra e sacudindo delicadamente o que estava a mais.

– Nunca pensei ver o rei dos Anões agachado no chão, a brincar com lama como uma criança – disse Eragon.

Orík bufou, soprando o bigode:

– E eu nunca pensei ter um dragão e um Cavaleiro a olharem para mim enquanto faço uma Eröthknurl.

– E o que é uma Eröthknurl?

– É uma thardsvergûndnznal.

– Uma thardsver... – Eragon desistiu a meio, incapaz de se lembrar da palavra completa, muito menos de a pronunciar. – E o que é...?

– Algo que parece uma coisa diferente do que realmente é. – Orík ergueu a bola de terra. – Repara: isto é uma pedra feita de terra, ou melhor, é isso que parecerá quando eu terminar.

– Uma pedra de terra... É mágica?

– Não, é uma obra minha. Nada mais.

Ao ver que Orik não se explicava, Eragon insistiu:

– Como se faz?

– Verás, se fores paciente. – Algum tempo depois, Orik cedeu e disse: – Primeiro tens de arranjar um pouco de terra.

– Eis uma tarefa difícil.

Orik lançou-lhe um olhar peculiar por baixo das suas fartas sobrancelhas.

– Certos tipos de terra são melhores do que outros. A areia, por exemplo, não serve. A terra tem de conter partículas de tamanho variado para se agregar convenientemente. Deve também conter um pouco de barro, como esta. Mas o mais importante é que se eu fizer isto – e bateu ao de leve com a mão numa extensão de solo entre torrões de erva pisada –, a terra deve conter muito pó, vês? – Ergueu a mão, mostrando a Eragon a camada de poeira fina que tinha na palma da mão.

– Porque é que isso é importante?

– Ah – disse Orik, batendo na asa do nariz e deixando uma mancha esbranquiçada. Depois recomeçou a esfregar a esfera, virando-a para que ficasse simétrica. ...

Logo que encontres terra boa, molha-a e mistura-a com água e farinha até obteres uma lama grossa. – Acenou com a cabeça para a poça a seus pés. – E da lama fazes uma bola assim. Depois espreme-a para extrair toda a água que puderes e a seguir dás-lhe uma forma perfeitamente redonda. Quando ela começar a ficar pegajosa fazes como eu: polvilha-a com terra para drenares mais a humidade para o exterior e, depois, continuas até a bola ficar suficientemente seca para manter a forma; mas não pode secar a ponto de se rachar.

«A minha Erôthknurl está quase nesse ponto. Quando terminar levo-a para a minha tenda e deixo-a ao sol durante um bom bocado. A luz e o calor drenarão mais a humidade do centro. A seguir, volto a polvilhá-la com terra e a limpá-la. Depois de fazer isso três ou quatro vezes, o exterior da minha Erôthknurl deverá estar tão rijo como a pele de um Nagra.

– Tudo isso só para teres uma bola de lama seca? – interpelou Eragon, intrigado. Saphira sentia o mesmo.

Orik pegou numa outra mão-cheia de terra.

– Não, porque a história não acaba aqui. A seguir é que o pó se torna útil. Pego nele e esfrego o exterior da Erôthknurl, formando uma carapaça fina e macia. Depois poiso a bola e espero que a humidade emerga à superfície. Polvilho-a, espero, polvilho-a, espero, e por aí adiante.

– Quanto tempo demora isso?

– Até que o pó já não se agarre à Erôthknurl. É a carapaça de pó que lhe confere toda a beleza. Ao longo do dia irá adquirir um lustro brilhante, como se fosse feita de mármore polido, e tu terás feito uma pedra com terra vulgar, sem polimento, esmeris, ou magia – apenas com o coração, a cabeça e as mãos – ... uma pedra frágil, é certo, mas ainda assim uma pedra.

Apesar da insistência de Orik, a Eragon ainda lhe custava acreditar que a lama a seus pés pudesse ser transformada em algo semelhante ao que Orik descrevera, sem magia.

Mas, porque estás tu a fazer uma pedra, Orik, rei dos Anões? – perguntou Saphira. Deves ter muitas responsabilidades agora que te tornaste soberano do teu povo.

Orik resmungou:

– Não tenho nenhuma tarefa a cumprir neste momento. Os meus homens estão prontos para a batalha, mas não há batalha alguma e não seria bom que eu andasse em cima deles como uma mãe galinha. Tão-pouco me apetece ficar na minha tenda sozinho, a ver a barba crescer... Daí o Erôthknurl.

Depois ficou em silêncio. Mas Eragon desconfiava que Orik estava aborrecido com algo, por isso conteve-se e esperou para ver se ele dizia mais alguma coisa. Um minuto depois, Orik pigarreou e disse:

– Antigamente, podia beber e jogar aos dados com os outros membros do meu clã, independentemente de ser herdeiro adotivo de Hrothgar. Podíamos ainda falar e rir juntos, sem nos sentirmos desconfortáveis e eu não pedia nem fazia favores nenhuns. Mas agora é diferente. Os meus amigos não conseguem esquecer que eu sou o rei e eu não consigo ignorar que o comportamento deles se modificou.

– Isso era de esperar – comentou Eragon. Identificava-se com a difícil situação de Orik, pois sentia algo muito semelhante desde que se tornara Cavaleiro.

– Talvez. Mas não é mais fácil de suportar pelo simples facto de o sabermos. – Orik fez um ruído exasperado. – A vida por vezes é uma jornada estranha e cruel... Eu admirava Hrothgar como rei, mas muitas vezes parecia-me que ele era irascível com aqueles com quem lidava, sem razão. Agora entendo melhor porque era assim. – Orik aninhou a bola de terra em ambas as mãos e olhou-a, franzindo a testa. – Quando te encontraste com o Grimsborith Gannel, em Tamag, ele explicou-te o significado das Erôthknurl?

– Nunca falou nisso.

– Suponho que houvesse outros assuntos para discutir... Ainda assim, como membro dos Ingeitum e seu knurl adotivo, deverias estar a par da importância e da simbologia das Erôthknurl. Não é apenas uma forma de nos concentrarmos, passarmos o tempo e criarmos uma lembrança interessante. O ato de fazer uma pedra com terra é sagrado. Ao praticá-lo, reafirmamos a nossa fé no poder de Helzvog e prestamos-lhe homenagem. A tarefa deve ser desempenhada com reverência e propósito. Criar uma Erôthknurl é uma forma de veneração e os deuses não veem com bons olhos aqueles que praticam os ritos de uma forma frívola... Da pedra à carne, da carne à terra e da terra de novo à pedra. Os ciclos sucedem-se e nós temos apenas um vislumbre da totalidade.

Só então Eragon entendeu o significado da profunda inquietação de Orik.

– Hvedra devia estar contigo – disse ele. – Ela poderia fazer-te companhia e evitaria que ficasses tão melancólico. Nunca te vi tão feliz como quando estavas com ela no Forte de Bregan. – As rugas em torno dos olhos abatidos de Orik acentuaram-se, ao sorrir.

– Sim, mas ela é a grimstcarvlorss do Ingeitum e não pode abandonar os seus deveres só para me consolar. Além disso, dificilmente me sentiria descansado se ela estivesse a cem léguas de Murtagh e Thorn, ou pior ainda, de Galbatorix e do seu maldito dragão negro.

Tentando animar Orik, Eragon disse:

– Tu lembras-me a resposta a uma adivinha: um rei anão sentado no chão a fazer uma pedra de terra. Não sei ao certo o que dizia a adivinha, mas talvez fosse algo do género:

Qual é coisa qual é ela

Forte e robusta

Com treze estrelas na testa,

Pedra viva, a fazer pedra morta, de terra morta?

– Não rima, mas também não se pode esperar que eu componha versos decentes por impulso. Creio que uma adivinha dessas seria um quebra-cabeças para a maior parte das pessoas.

– Hum – reagiu Orik. – Não para um anão. Até as nossas crianças a resolveriam num abrir e fechar de olhos.

Um dragão também, disse Saphira.

– Acho que tens razão – disse Eragon.

Entretanto ele quis saber tudo o que acontecera entre os Anões, depois de ele e Saphira partirem de Tronjheim para a sua segunda viagem à floresta dos Elfos.

Eragon não tivera oportunidade de se alongar muito em suas conversas com os Anões. Na verdade, a sua expressão iluminou-se enquanto falava, mostrando-se cada vez mais animado. Ele passou quase uma hora a relatar as alterações e as manobras entre os clãs dos Anões, antes de reunirem o exército e marcharem para se juntarem aos Varden. Os clãs eram irascíveis, como Eragon bem sabia e, mesmo sendo rei, Orik tinha dificuldade em impor-lhes obediência.

– É como tentar conduzir um bando de gansos – disse Orik. – Estão constantemente a tentar partir sozinhos, fazem um barulho horrível e mordem-te a mão à primeira oportunidade.

No decurso da narrativa de Orik, Eragon pensou em perguntar-lhe acerca de Vermûnd. Interrogara-se inúmeras vezes sobre o que teria acontecido ao chefe dos Anões que conspirara para o assassinar. Gostava de saber onde estavam os seus inimigos, especialmente alguém tão perigoso como Vermûnd.

– Regressou à aldeia onde nasceu, Felderast – disse Orik. – Segundo consta, passa o tempo sentado a beber e a bramar sobre o que aconteceu ou o que poderia ter acontecido, mas já ninguém lhe presta atenção. Os knurlan dos Az Sweldn rak Anhûin são orgulhosos e teimosos. Na maioria das circunstâncias continuariam leais a Vermûnd, independentemente do que os outros clãs dissessem ou fizessem, mas tentar assassinar um convidado é um delito imperdoável. Nem todos os membros do Az Sweldn Anhûin te odeiam como Vermûnd e eu não acredito que eles aceitem permanecer isolados do resto da sua raça só para proteger um grimstborith que perdeu a honra. Pode demorar anos, mas acabarão por se virar contra ele. Já ouvi dizer que muitos dos membros do clã ostracizaram Vermûnd, ao mesmo tempo que eles próprios eram ostracizados.

– O que achas que lhe irá acontecer?

– Aceitará o inevitável e abdicará da sua posição, de contrário, um dia destes, alguém lhe deita veneno no hidromel, ou lhe crava uma adaga entre as costelas. Seja como for, ele já não é uma ameaça para ti, como líder dos Az Sweldn rak Anhûin.

Continuaram a conversar até Orik completar os primeiros passos na criação da sua Erôthknurl e estar disposto a levar a bola de terra, deixando-a a secar na sua tenda sobre um pedaço de pano. Ao levantar-se e ao pegar no balde e no pau, Orik disse:

– Agradeço teres tido a gentileza de me ouvires, Eragon, e tu também Saphira. Por estranho que pareça, vocês são os únicos com quem posso falar livremente, para além de Hvedra. Todos os outros... – Encolheu os ombros. – Bah!

Eragon também se levantou.

– Independentemente do facto de seres rei dos Anões, és nosso amigo, Orik e nós temos sempre gosto em falar contigo. Não tens de recear que revelemos aos outros o que nos contaste, sabes?

– Eu sei, Eragon. – Orik fitou-o de olhos franzidos. – Tu participas nos acontecimentos do mundo e, no entanto, ainda não te deixaste envolver pelas maquinações mesquinhas em teu redor.

– Não me interessam. Além disso há questões mais importantes para resolver agora.

– Isso é bom. Um Cavaleiro deve manter-se à parte de toda a gente. Como conseguirias julgar as coisas por ti, se assim não fosse? Nunca dei muito valor à independência dos Cavaleiros, mas agora dou, quanto mais não seja por motivos egoístas.

– Eu não estou totalmente à parte – disse Eragon. – Tenho um pacto de lealdade para contigo e para com Nasuada.

Orik inclinou a cabeça.

– É verdade. Mas não fazes realmente parte dos Varden nem dos Ingeitum. Seja como for, fico feliz por poder confiar em ti.

Um sorriso cresceu no rosto de Eragon.

– Eu também.

– Afinal de contas somos irmãos adotivos e os irmãos devem-se proteger uns aos outros, verdade?

“Lá isso é verdade”, pensou Eragon, embora não o tivesse verbalizado.

– Irmãos adotivos – anuiu ele, batendo ao de leve no ombro de Orik.

O CAMINHO DO SABER

Algumas horas depois, nessa tarde, quando parecia menos provável que o Império lançasse um ataque a partir de Dras-Leona, nas poucas horas de sol que restavam Eragon e Saphira foram para o campo de treino nas traseiras do acampamento dos Varden.

Eragon encontrou-se aí com Arya, como todos os dias fazia desde que chegara à cidade. Perguntou-lhe como estava e ela respondeu-lhe brevemente, dizendo-lhe que estivera presa numa cansativa conferência com Nasuada e o rei Orrin, que tinha começado antes do amanhecer. Depois Eragon e Arya desembainharam as espadas e ambos assumiram posições opostas. Para variar, tinham acordado antecipadamente usar escudos, pelo facto de os aproximarem mais do combate real e de introduzirem um elemento bem-vindo, de diversidade, nos seus duelos.

Circundaram-se um ao outro, com passos curtos e leves, e moveram-se como dois bailarinos no solo irregular, sentindo o chão, sem nunca olharem para baixo nem desviarem os olhos um do outro.

Para Eragon, aquele era o momento favorito dos combates. Havia algo de muito íntimo no ato de olhar Arya diretamente, sem pestanejar nem vacilar, fazendo-a olhar para si com o mesmo grau de concentração e intensidade. Podia ser desconcertante, mas ele gostava da sensação de ligação que se gerava entre os dois.

Arya iniciou o primeiro ataque e, num segundo, Eragon deu consigo curvado para a frente, num ângulo desconfortável, com a espada dela encostada ao lado esquerdo do seu pescoço, repuxando-lhe dolorosamente a pele. Eragon ficou paralisado até Arya achar conveniente aliviar a pressão, permitindo-lhe que se endireitasse.

– Isso foi falta de cuidado – disse ela.

– Como é possível que continues a vencer-me? – rosnou Eragon, muito pouco satisfeito.

– Porque tenho mais de cem anos de prática – respondeu Arya, fingindo atacar o seu ombro direito, o que o compeliu a erguer o escudo e a saltar para trás, alarmado. – Seria estranho se eu não fosse melhor do que tu, não é? Devias sentir-te orgulhoso por teres conseguido marcar-me. Poucos conseguem.

Brisingr assobiou no ar, ao tentar atingir Arya na coxa dianteira. Ela aparou o golpe com o escudo e um ruído clangoroso ressoou no ar. Arya contra-atacou com uma hábil estocada enviesada que apanhou Eragon no pulso que segurava a espada, projetando-lhe agulhas geladas ao longo do braço e do ombro, até à base do crânio.

Ele retraiu-se e afastou-se, procurando um alívio temporário. Um dos desafios de lutar com Elfos era o facto de poderem saltar e atacar um inimigo a distâncias muito maiores do que um humano, atendendo à sua rapidez e força. Por isso Eragon teve de se afastar quase trinta metros de Arya para ficar a salvo.

Mas antes que conseguisse afastar-se o suficiente, ela saltou na sua direção, dando dois passos pelo ar, com os cabelos a ondular atrás de si. Eragon brandiu a arma na direção dela, quando vinha ainda no ar, mas Arya virou-se e a espada passou-lhe a todo o comprimento do corpo, sem lhe tocar. Depois colocou a borda do escudo por baixo do dele e arrancou-lho, deixando-lhe o peito totalmente exposto. Finalmente, ergueu a espada tão depressa quanto possível, encostando-a de novo ao seu pescoço, desta vez, por baixo do queixo.

Arya manteve-o naquela posição, com os grandes olhos rasgados a escassos centímetros dos seus. Havia uma ferocidade e uma atenção na sua expressão que Eragon não sabia interpretar, mas que o deixou hesitante.

Nessa altura, uma sombra pareceu cruzar rapidamente o rosto de Arya, e ela baixou a espada, afastando-se.

Eragon esfregou a garganta.

– Se sabes tanto acerca do manejo de espada – disse ele –, porque não me consegues ensinar a ser melhor?

Os seus olhos cor de esmeralda brilharam com maior intensidade.

– Estou a tentar – respondeu ela –, mas o problema não está aqui. – Tocou levemente com a espada no seu braço direito. – O problema está aqui. – E tocou-lhe no elmo, produzindo um ruído metálico. – E eu não sei como te ensinar o que precisas de aprender, a não ser mostrando-te os erros que cometes, vezes sem conta, até deixares de os cometer. – Bateu-lhe de novo no elmo. – Mesmo que para isso tenha de te fazer umas nódoas negras.

O facto de Arya continuar a vencê-lo com aquela regularidade feria-lhe o orgulho mais do que ele estava disposto a admitir, mesmo perante Saphira. E fazia-o duvidar se alguma vez conseguiria vencer Galbatorix, Murtagh, ou qualquer outro adversário verdadeiramente temível, caso tivesse a infelicidade de os defrontar sozinho, sem a ajuda de Saphira e da sua magia.

Afastando-se de Arya, Eragon encaminhou-se para um local a cerca de dez metros.

– Bom – disse ele de dentes cerrados –, então continua. – Dito isto agachou-se ligeiramente e preparou-se para mais um violento ataque.

Arya franziu os olhos, o que deu uma aparência cruel ao seu rosto anguloso.

– Muito bem.

Correram um para o outro, entoando gritos de guerra, e o furioso choque das armas ecoou pelo campo. Combate após combate, lutaram até ficarem exaustos, suados, cobertos de pó, e Eragon ficou marcado por dolorosos vergões. Ainda assim continuaram a atacar-se violentamente, com uma expressão determinada e grave, nunca antes presente nos seus duelos. Nenhum pediu para terminar o violento confronto, nem se ofereceu para o fazer.

Saphira observava de um lado do campo, esticada num confortável tapete de erva. Durante a maior parte do tempo, guardou os pensamentos para si, evitando distrair Eragon, mas de vez em quando fazia uma breve observação acerca da sua técnica ou da de Arya, e Eragon achava-as sempre úteis. Desconfiava também que ela interferiria mais do que uma vez para o salvar de um ou de outro golpe particularmente perigoso, pois os seus braços e pernas pareciam por vezes mover-se ligeiramente mais depressa do que deviam, ou mesmo um pouco antes do que era sua intenção movê-los. E, quando isso acontecia, sentia um formigueiro algures na mente, o que sabia de antemão ser um sinal de que Saphira estava a interferir com parte da sua consciência.

Por fim Eragon pediu-lhe que parasse:

Eu tenho de conseguir fazer isto sozinho, Saphira, disse. Não podes ajudar-me sempre que preciso.

Posso tentar.

Eu sei. Sinto o mesmo em relação a ti. Mas sou eu que tenho de escalar esta montanha, não tu.

A extremidade do seu lábio estremeceu.

Para quê escalares quando podes voar? Nunca conseguirás chegar a lado nenhum com essas perninhas curtas.

Isso não é verdade e tu sabes. Além disso, se voasse seria com asas emprestadas e tudo o que ganharia seria a emoção barata de uma vitória inmerecida.

Vitória é vitória e morte é morte, independentemente de como se conquistam.

Saphira... disse Eragon num de advertência.

Pequeno.

Ainda assim, para seu alívio, ela deixou-o entregue a si mesmo depois disso, embora continuasse a vigiá-lo incessantemente.

Para além de Saphira, os Elfos destacados para a guardar a ela e a Eragon tinham-se reunido num dos extremos do campo e Eragon sentiu-se desconfortável com a sua presença – não lhe agradava que mais ninguém testemunhasse os seus fracassos, para além de Saphira e Arya –, mas sabia que os Elfos nunca aceitariam retirar-se para as tendas. De qualquer forma, serviam um propósito útil, para além de o protegerem a ele e a Saphira: evitavam que os outros guerreiros que estavam no campo se aproximassem e ficassem pasmados ao olhar para um Cavaleiro e um elfo que lutavam vigorosamente. Não é que os feiticeiros de Blödhgarm fizessem algo específico para desencorajar os espetadores, mas a sua aparência, por si, era suficientemente intimidante afastando espetadores ocasionais.

Quanto mais lutava com Arya mais frustrado Eragon se sentia. Ganhou dois dos combates – embora por pouco, lutando freneticamente e utilizando táticas desesperadas que resultaram mais por sorte do que por perícia, e que jamais utilizaria num duelo real, a menos que já não estivesse preocupado com a sua segurança. Mas, tirando essas duas vitórias isoladas, Arya continuava a vencê-lo com uma facilidade deprimente.

Por fim a raiva e a frustração de Eragon transbordaram e ele perdeu toda a noção das proporções. Inspirado pelos métodos que lhe tinham garantido as suas poucas vitórias, Eragon ergueu o braço direito, preparando-se para atirar Brisingr a Arya, como se lançasse um machado de guerra.

Nesse preciso momento, uma outra mente tocou na consciência de Eragon e ele percebeu de imediato que não era a mente de Arya nem a de Saphira, nem de nenhum dos outros Elfos, pois era indubitavelmente a mente de um macho, de um dragão macho. Eragon defendeu-se do contacto e apressou-se a organizar ideias para se proteger do que temia ser um ataque de Thorn. Mas, antes que o conseguisse fazer, uma voz imensa ecoou através dos atalhos sombrios da sua consciência, como o ruído de uma montanha a mover-se sob o próprio peso.

Basta, disse Glaedr.

Eragon ficou hirto e cambaleou meio passo para a frente, apoiando-se nos calcanhares para evitar lançar Brisingr. Depois viu ou sentiu Arya, Saphira e os feiticeiros de Blödhgarm reagirem e remexerem-se, surpreendidos, e percebeu que também eles tinham ouvido Glaedr.

A mente do dragão parecia a mesma de sempre – ancestral, insondável e dilacerada pela dor. Mas pela primeira vez desde a morte de Oromis, em Gil'ead, Glaedr parecia possuído pelo desejo de fazer algo mais que não afundar-se no pântano absorvente dos seus próprios tormentos.

Glaedr-elka!, disseram Eragon e Saphira, ao mesmo tempo.

Como estás?

Estás bem?

Conseguiste...

Outros falaram também – Arya, Blödhgarm e dois elfos que Eragon não conseguiu identificar – e as palavras dissonantes misturaram-se, numa algazarra incompreensível.

Basta, repetiu Glaedr, parecendo cansado e exasperado. Querem atrair atenções indesejáveis?

Todos silenciaram de imediato e esperaram para ouvir o que dragão dourado iria dizer a seguir. Eragon trocou um olhar entusiasmado com Arya.

Glaedr não falou logo, observando-os durante mais alguns minutos. Eragon sentiu o peso imenso da sua presença dentro de si, tal como os outros deveriam certamente sentir.

Depois Glaedr disse no seu tom de voz sonoro e perentório:

Isto já se arrasta há demasiado tempo... Eragon, não devias passar tanto tempo a lutar, pois isso está a distrair-te de assuntos mais importantes. Não é a espada na mão de Galbatorix que mais deves temer, tão-pouco a espada na sua boca. É a espada na sua mente. O seu maior talento é a aptidão para se infiltrar nas mais pequenas partes do teu ser e forçar-te a obedecer à sua vontade. Em vez de travares estas lutas com Arya, devias aplicar-te no domínio dos teus pensamentos, pois ainda estão terrivelmente indisciplinados... Porque insistes, então, neste esforço fútil?

De repente, ocorreu-lhe um sem-número de respostas: que gostava de lutar com Arya, apesar da irritação que isso lhe causava; que queria ser o melhor espadachim – o melhor do mundo, se possível; que o exercício lhe acalmava os nervos e lhe modelava o corpo; e muitas outras razões. Eragon tentou conter a confusão de pensamentos, não só para manter alguma privacidade, mas também para evitar inundar Glaedr com informação indesejável, confirmando assim a opinião do dragão acerca da sua falta de disciplina. Contudo, não foi inteiramente bem-sucedido e sentiu algum desapontamento em Glaedr.

Eragon escolheu os argumentos mais fortes:

Se eu conseguir conter Galbatorix com a minha mente – mesmo que não consiga vencê-lo –, se ao menos conseguir contê-lo, isto poderá ainda ser resolvido com a espada. Seja como for, o rei não é o único inimigo com que nos deveríamos preocupar: para começar temos Murtagh e sabe-se lá que outro tipo de homens ou criaturas ao seu serviço. Não consegui derrotar Durza sozinho, nem Váraug, nem mesmo Murtagh. Tive sempre ajuda. Mas não posso esperar que Arya, Saphira ou Blödhgarm venham em meu auxílio sempre que estou em apuros. Tenho de melhorar no manejo da espada. No entanto, pareço não estar a fazer progressos, por muito que me esforce.

Váraug?, perguntou Glaedr. Nunca ouvi esse nome antes.

Foi a vez de Eragon relatar a Glaedr a tomada de Feinster e como ele e Arya tinham matado o Espetro recém-nascido, ao mesmo tempo que Oromis e Glaedr encontravam a morte – dois tipos diferentes de morte, mas ainda assim dois fins mortais – ao combaterem nos céus de Gil'ead. Eragon resumiu-lhe também as atividades dos Varden daí em diante, ao perceber que Glaedr se mantivera de tal forma isolado que pouco sabia acerca deles. O seu relato demorou alguns minutos, durante os quais tanto ele como os Elfos permaneceram paralisados no campo, a olharem apaticamente uns para os outros, concentrados na rápida troca de pensamentos, imagens e sentimentos.

Seguiu-se mais um longo período de silêncio, enquanto Glaedr digería a informação que lhe fora transmitida. Quando se dignou a falar de novo, parecia divertido:

És demasiado ambicioso se aspiras a matar Espetros com impunidade. Mesmo o mais velho e mais sensato dos Cavaleiros hesitaria em atacar um Espetro sozinho e tu já sobreviveste a encontros com dois deles, o que é mais do que a maioria conseguiria fazer. Congratula-te por teres tido tanta sorte e deixa as coisas por aí. Tentar vencer um Espetro é como tentar voar mais alto que o sol.

Sim, respondeu Eragon, mas os nossos inimigos são tão fortes como os Espetros, ou até mesmo mais fortes, e Galbatorix pode criar mais Espetros só para travar o nosso avanço. Usa-os imprudentemente, sem ter em atenção a destruição que podem causar por toda a parte.

Ebrithil, disse Arya, ele tem razão. Os nossos inimigos são absolutamente mortíferos... como bem sabes – acrescentou, num tom gentil – e Eragon não está ao nível que precisaria de estar. Tem de aprender a dominar a espada para se preparar para o que está para vir. Fiz tudo o que podia para o ensinar, mas a mestria vem basicamente de dentro e não de fora.

O facto de Arya o defender, aqueceu o coração de Eragon.

Tal como anteriormente, Glaedr demorou a responder:

Mas Eragon ainda não domina os seus pensamentos e também terá de aprender a dominá-los. Nenhuma destas aptidões mentais ou físicas vale de muito isolada, mas a aptidão mental é a mais importante. É possível ganhar uma batalha contra um feiticeiro ou um espadachim apenas com a mente. A tua mente e o teu corpo deviam estar equilibrados, mas se tiveres de optar, deverás escolher o treino da mente. Arya... Blödhgarm... Yaela... vocês sabem que isto é verdade. Porque é que nenhum se encarregou de prosseguir com a educação de Eragon nesta área?

Arya baixou os olhos como uma criança repreendida. O pelo nos ombros de Blödhgarm ondulou e eriçou-se, e ele arreganhou os lábios, revelando a ponta dos caninos brancos e aguçados.

Foi Blödhgarm quem finalmente se atreveu a dar uma resposta. Falando apenas na língua antiga – o que nenhum deles fizera até então – disse:

Arya está aqui como embaixatriz do nosso povo. Eu e o meu grupo estamos aqui para proteger as vidas de Saphira Escamas Brilhantes e de Eragon Aniquilador de

Espetros, e tem plena consciência da demorada. Todos tentam ajudar Eragon, mas não é a nós que compete treinar um Cavaleiro, nem nos passaria pela cabeça fazê-lo, estando um dos seus legítimos mestres ainda vivo e presente... mesmo que esse mestre estivesse a descurar o seu dever.

Nuvens escuras de fúria acumularam-se dentro de Glaedr, como gigantescas nuvens de trovoadas a crescerem no horizonte. Eragon distanciou-se da consciência de Glaedr, receoso da ira do dragão. Este já não podia molestar ninguém fisicamente, mas era ainda incrivelmente perigoso. Se perdesse o controlo e os atacasse com a mente, nenhum deles conseguiria resistir ao seu poder.

No início, a indelicadeza e a insensibilidade de Blödhgarm chocaram Eragon, pois nunca antes ouvira um elfo dirigir-se a um dragão daquela forma. Mas, depois de refletir um momento, Eragon percebeu que Blödhgarm o deveria ter feito para puxar por Glaedr e impedir que ele voltasse a recolher-se na sua carapaça de tristeza. Embora admirasse a coragem do elfo, Eragon interrogou-se se a melhor abordagem seria realmente insultar Glaedr. Não era certamente a estratégia mais segura.

As nuvens de trovoadas ondulantes cresciam, iluminadas por clarões semelhantes a relâmpagos, à medida que os pensamentos se sucediam na mente de Glaedr:

Ultrapassaste os limites, elfo, rugiu, também na língua antiga. Não tens nada que questionar as minhas ações. Não está sequer ao teu alcance compreender o que eu perdi. Se não fosse Eragon e Saphira, e o meu dever para com eles, há muito que teria enlouquecido. Por isso não me acuses de negligência, Blödhgarm, filho de Ildrid, a menos que te queiras pôr à prova com o último dos grandes Anciãos.

Arregranhando mais os dentes, Blödhgarm bufou. Apesar disso, Eragon detetou uma ligeira satisfação no rosto do elfo, mas, para sua consternação, o elfo insistiu, dizendo:

Então não nos culpes por não cumprir o que é da tua responsabilidade e não da nossa, Ancião. A nossa raça chora a tua perda, mas não podes esperar que façamos cedências em função da tua auto-piedade, estando em guerra com o mais mortífero dos inimigos da nossa História – o mesmo inimigo que exterminou praticamente toda a tua espécie e que matou o teu Cavaleiro.

A fúria de Glaedr era vulcânica, negra e terrível, fustigando Eragon com tamanha violência que ele recebeu que o seu ser se rasgasse em dois, como uma vela fustigada pelo vento. Do outro lado do campo, ele viu homens largarem as armas e agarrarem-se à cabeça, com o rosto desfigurado pela dor.

A minha auto-piedade?, disse Glaedr, acentuando cada palavra como uma sentença de morte. Eragon sentiu algo de desagradável ganhar forma nas profundezas da mente do dragão, algo que poderia ser motivo de muita mágoa e de remorsos se chegasse a ganhar forma.

Depois Saphira falou e a sua voz mental penetrou nas emoções agitadas de Glaedr como uma faca na água:

Mestre, disse, tenho estado preocupada contigo. É bom saber que estás bem e que estás de novo forte. Nenhum de nós te pode igualar e precisamos da tua ajuda. Sem ti não temos qualquer hipótese de derrotar o Império.

Glaedr roncou ameaçadoramente mas não a ignorou, nem a interrompeu, nem a insultou. Na verdade, o elogio pareceu agradar-lhe, mesmo que ligeiramente. “Afinal de contas”, pensou Eragon, “se havia coisa a que os dragões eram sensíveis era à lisonja, como Saphira bem o sabia.”

Sem se deter para permitir que Glaedr lhe respondesse, Saphira disse:

Como já não podes usar as tuas asas, permite-me que te ofereça as minhas em substituição. O ar está calmo e o céu está limpo. Seria uma alegria voar bem alto acima do solo, mais alto que as águias se atrevem a voar. Deves estar desejoso de deixar tudo isto para trás e voltar a sentir as correntes de ar subirem por baixo de ti, depois de tanto tempo aprisionado no coração dos corações.

A tempestade negra dentro de Glaedr abrandou um pouco, embora continuasse vasta e ameaçadora, prestes a explodir de novo com uma renovada violência. Isso... seria agradável.

Então voaremos juntos muito em breve. Mas Mestre...

Sim, minha pequena?

Primeiro gostaria de te pedir uma coisa.

Então pede.

Ajudarás Eragon no manejo da espada? Podes ajudá-lo? Ele não tem a perícia que deveria ter e eu não quero perder o meu Cavaleiro. Saphira manteve uma postura dignificante, mas havia uma nota de súplica na sua voz e Eragon sentiu a garganta contrair-se.

As nuvens de trovoadas implodiram, deixando atrás de si uma paisagem árida e cinzenta, indescritivelmente triste. Glaedr fez uma pausa. Estranhas formas indistintas moviam-se lentamente a um extremo – enormes monólitos que Eragon não tinha qualquer desejo de ver de perto.

Muito bem, disse Glaedr, ao fim de algum tempo. Farei o que puder pelo teu Cavaleiro. Mas, depois de sairmos deste campo, ele terá de me deixar ensiná-lo como eu achar melhor.

Combinado, disse Saphira. Eragon viu Arya e os outros Elfos descontraiam, como se tivessem estado a conter a respiração.

Eragon recolheu-se por momentos, ao ser contactado por Trianna e outros feiticeiros que prestavam serviço nos Vården, todos lhe exigiam que ela lhes explicasse o que acabara de lhes destroçar a mente, perturbando tanto os homens como os animais no acampamento. Trianna atropelou os outros, perguntando:

Estamos a ser atacados, Aniquilador de Espetros? É Thorn? É Shruikan?! O seu pânico era de tal forma intenso, que Eragon teve vontade de largar a espada e o escudo, e fugir para um local seguro.

Não, está tudo bem, disse ele tão calmamente, quanto possível. A existência de Glaedr era ainda um segredo para a maioria dos Vården, incluindo Trianna, e os feiticeiros sob as suas ordens e Eragon queria que se mantivesse assim, não fosse a notícia do dragão dourado chegar aos ouvidos dos espiões do Império. Era extremamente difícil mentir em comunicação com a mente de outra pessoa, pois era quase impossível não pensar no que se pretendia esconder, daí que Eragon tenha abreviado a conversa o mais possível. Eu e os Elfos estávamos a praticar magia, mais tarde explico. Mas não há qualquer motivo para se preocuparem.

Eragon percebeu que as suas garantias não os convenceram totalmente, mas eles não se atreveram a insistir numa explicação mais detalhada e despediram-se antes de vedarem a mente ao seu olho interior.

Arya devia ter-se apercebido de uma mudança no seu comportamento, pois foi ao seu encontro e murmurou em voz baixa:

– Está tudo bem?

– Está tudo bem – respondeu Eragon, num tom semelhante, acenando com a cabeça em direção aos homens que apanhavam as armas do chão.

– Tive de responder a algumas perguntas.

– Ah, mas não lhes disseste quem...

– Claro não.

Assumam as anteriores posições, resmungou Glaedr. Eragon e Arya separam-se, afastando-se seis metros em ambas as direções.

Consciente de que poderia ser um erro, mas incapaz de se conter, Eragon disse: Mestre, poderás mesmo ensinar-me o que preciso de aprender antes de chegarmos a Urû'baen? Resta-nos tão pouco tempo, que eu...

Posso ensinar-te agora mesmo, se me escutares, disse Glaedr. Mas terás de me escutar mais atentamente do que nunca.

Estou a ouvi-lo, Mestre. Ainda assim, Eragon não pôde deixar de se interrogar sobre o que o dragão saberia realmente acerca do manejo da espada. Glaedr devia ter aprendido bastante com Oromis, tal como Saphira aprendera com Eragon. Mas, apesar dessas experiências partilhadas, Glaedr nunca pegara uma espada – como poderia tê-lo feito? Glaedr ensinar esgrima a Eragon seria como Eragon ensinar um dragão a navegar nas correntes de ar quente que subiam pela encosta de uma montanha. Poderia fazê-lo, mas jamais seria capaz de o explicar tão bem como Saphira, pois o seu conhecimento era indireto e nenhuma reflexão abstrata poderia sobrepor-se a essa desvantagem.

Eragon guardou as dúvidas para si, mas algo deveria ter escapado através das barreiras que erguera, porque o dragão fez um ruído divertido, ou melhor,

reproduziu-o na sua mente – não era fácil esquecer os hábitos do corpo – dizendo:

Os grandes combates são todos iguais, Eragon, tal como os grandes guerreiros são iguais. A partir de um certo ponto, pouco importa se lutas com uma espada, com as garras, com os dentes ou com a cauda. É certo que tens de saber manejar convenientemente a tua arma, mas qualquer pessoa com tempo e inclinação para isso, consegue adquirir a competência técnica. Contudo, para se alcançar a excelência é necessário um talento artístico, o que exige imaginação e ponderação. São essas as qualidades comuns aos melhores guerreiros, mesmo que à superfície pareçam totalmente diferentes.

Glaedr ficou em silêncio por momentos e depois continuou:

Bom, o que foi que eu te disse antes?

Eragon não teve sequer de parar para pensar.

Que eu tinha de aprender a observar o que via. E eu tentei, Mestre, a sério que tentei.

Mas ainda não vês. Olha para Arya. Porque será que ela conseguiu derrotar-te inúmeras vezes? Porque ela te entende, Eragon. Ela sabe quem tu és e como pensas, e é isso que lhe permite derrotar-te tão frequentemente. Porque será que Murtagh conseguiu derrotar-te nas Planícies Flamejantes, embora não fosse nem de longe tão rápido nem tão forte como tu?

Porque eu estava cansado e...

E como conseguiu ele ferir-te na anca, da última vez que se encontraram, e tu apenas lhe fizeste um arranhão na face? Eu explico-te, Eragon. Não foi pelo facto de tu estares cansado e ele não. É porque ele te entende e tu não o entendes. Murtagh sabe mais do que tu, por isso tem poder sobre ti, tal como Arya.

Glaedr continuou a falar:

Olha para ela, Eragon, olha bem para ela. Ela vê-te como tu és, mas será que tu a vês a ela? Consegues vê-la com clareza suficiente para a derrotares em combate?

Eragon olhou Arya nos olhos e viu neles um misto de determinação e instinto defensivo, como se ela o desafiasse a desvendar os seus segredos, mas ao mesmo tempo receasse o que poderia acontecer se ele o fizesse. A dúvida cresceu dentro de Eragon. Será que ele a conhecia realmente tão bem como pensava ou ter-se-ia enganado a si mesmo, confundindo o exterior com o interior?

Deixaste-te enfurecer mais do que devias, disse Glaedr, brandamente. A raiva tem o seu lugar, mas aqui não poderá ajudar-te. O método do guerreiro é o método do saber. Se esse saber te exigir que uses raiva, usas raiva, mas não poderás conquistar mais saber perdendo a cabeça. Se o fizeres, a dor e a frustração serão as tuas únicas recompensas.

Em vez disso, tens de fazer um esforço para ficares calmo, mesmo que uma centena de inimigos vorazes te tente morder os calcanhares. Esvazia a tua mente e deixa que esta se transforme num lago calmo, capaz de refletir tudo em seu redor e ainda assim intocado por tudo. A compreensão virá ao teu encontro nesse vazio, assim que te libertares de medos irracionais sobre vitória ou derrota, sobre vida ou morte.

Não podes prever todas as eventualidades e não podes garantir o sucesso sempre que enfrentas um inimigo. Mas, se vires tudo, sem descartares nada, poderás adaptar-te sem hesitação a qualquer mudança. O guerreiro que mais tempo vive é o que mais facilmente se consegue adaptar ao inesperado.

Por isso, olha para Arya, observa o que estás a ver, e depois age como achares mais conveniente. Quando passares à ação, não permitas que os teus pensamentos te distraiam. Pensa sem pensares, para que possas agir por instinto e não racionalmente. Agora vai e experimenta.

Eragon, procurou acalmar-se durante um momento e pensar em tudo o que sabia acerca de Arya: o que ela gostava e não gostava, os hábitos e maneirismos, os acontecimentos importantes da sua vida, os medos e as esperanças e, acima de tudo, o seu temperamento – o que ditava a forma como abordava a vida... e o combate. Pensou em tudo isso e depois tentou descortinar a essência da sua personalidade. Era uma tarefa difícil, especialmente por estar a fazer um esforço para a ver não da forma habitual – uma bela mulher que admirava e desejava –, mas como a pessoa inteira e completa que realmente ela era, independente das suas necessidades e desejos.

Tirou todas as conclusões que lhe foi possível num curto espaço de tempo, embora receasse que os seus juízos fossem infantis e demasiado simplistas. Depois, pôs de parte a incerteza e avançou, erguendo o escudo e a espada.

Sabia que Arya esperava que ele tentasse algo de diferente, por isso iniciou o duelo tal como fizera as duas vezes anteriores: correu na diagonal, na direção do seu ombro direito, como se quisesse contornar o escudo e atacá-la no flanco exposto. O estratagema não a iria enganar, mas iria forçá-la a conjecturar sobre o que ele estaria realmente a planear e, quanto mais tempo conseguisse mantê-la nessa incerteza, melhor.

Uma pequena pedra reboiou sob o calcanhar do seu pé direito pelo que ele transferiu o peso do corpo para o outro lado, de forma a manter o equilíbrio.

O movimento provocou-lhe uma hesitação quase impercetível no andar, de outro modo fluido, mas Arya apercebeu-se da irregularidade e saltou na direção dele, com um grito de clarim.

As espadas roçaram uma na outra, uma, duas vezes, e depois Eragon virou-se. Subitamente convicto de que Arya o iria atingir junto da cabeça, Eragon apontou-lhe a espada ao peito, tão rapidamente quanto possível, dirigindo-a para um ponto junto do esterno que ela seria forçada a deixar exposto, se tentasse atingir-lhe o elmo.

A sua intuição estava certa mas os seus cálculos falharam.

Eragon atacou-a tão rapidamente que Arya não teve tempo de afastar o braço e o punho da espada, desviando a ponta azul-escura de Brisingr e fazendo-a passar inofensivamente junto da sua face.

Um instante depois, o mundo girou em torno de Eragon. Explosões de faíscas vermelhas e laranjas salpicaram o seu campo de visão, ele cambaleou e caiu sobre o joelho, apoiando-se no chão com ambas as mãos. Um ruído surdo, inundou-lhe os ouvidos.

O som abrandou gradualmente, altura em que Glaedr disse:

Não tentes ser rápido nem lento Eragon. Se te moveres no momento certo, o teu golpe não parecerá rápido nem lento, mas espontâneo. O timing é tudo em combate. Tens de estar muito atento aos padrões e ritmos dos corpos dos teus adversários: se são fortes ou fracos, se são rígidos ou flexíveis. Se combines os seus ritmos quando estes servirem os teus propósitos e os confundires quando não servirem, poderás controlar o ritmo da batalha a teu favor. Isto é algo que terás de entender em absoluto. Memoriza-o e pensa no assunto mais tarde... Agora, volta a tentar!

Olhando ferozmente para Arya, Eragon voltou a levantar-se e abanou a cabeça para clarear as ideias, assumindo, aparentemente pela centésima vez, a postura de combate. As dores nos vergões e nas contusões redobram. Sentia-se como um velho que sofre de artrite.

Arya sacudiu os cabelos para trás e sorriu-lhe, mostrando-lhe os dentes fortes e brancos.

O gesto não produziu qualquer efeito, pois ele estava concentrado na tarefa que tinha em mãos e não estava disposto a cair no mesmo truque duas vezes.

Antes do sorriso de Arya começar a desvanecer-se já Eragon corria para diante, com a espada baixa, virada para o lado, e o escudo à frente. Ao saltar, a posição da sua espada instigou Arya a desferir um golpe precipitado e irrefletido: um golpe violento que o teria atingido na clavícula se ela lhe tivesse acertado.

Eragon esquivou-se por baixo da espada de Arya, deixou-a bater no escudo, e ergueu Brisingr brandindo-a em círculo, como se quisesse golpeá-la nas pernas e nas ancas. Arya aparou o golpe com o escudo e empurrou-o, deixando Eragon sem ar nos pulmões.

Seguiu-se um breve período de calma em que os dois circularam em torno um do outro, à espera de uma aberta que pudessem explorar. O ar entre eles estava carregado de tensão. Estudavam-se mutuamente, com movimentos rápidos e bruscos quase semelhantes aos dos pássaros, devido à energia superabundante que lhes percorria as veias.

A tensão quebrou-se como uma vara de vidro que se partia ao meio.

Eragon golpeou-a e Arya aparou o golpe. As espadas moviam-se tão velozmente que mal se viam. Eragon manteve-se de olhos pregados nela ao trocaram os golpes, esforçando-se também para observar os ritmos e padrões do seu corpo – tal como Glaedr lhe aconselhara –, sem se esquecer de quem ela era e de como

provavelmente iria agir e reagir. Desejava tanto vencer que sentia que rebentaria se não o conseguisse.

Ainda assim, apesar de todos os seus esforços, Arya apanhou-o de surpresa com um golpe invertido do pomo nas costelas.

Eragon parou e praguejou.

Já foi melhor, disse Glaedr, muito melhor. O teu timing foi quase perfeito.

Mas não totalmente.

Não totalmente. Estás ainda demasiado zangado e a tua mente ainda está demasiado obstruída. Não te esqueças do que te deves lembrar, mas não deixes que isso te distraia do que está a acontecer. Descobre um local calmo dentro de ti e deixa-te varrer pelas preocupações do mundo, sem te deixares arrastar por elas. Devias sentir-te como quando Oromis te mandou escutar os pensamentos das criaturas da floresta. Nessa altura estavas consciente de tudo o que se passava em teu redor, sem contudo te fixares em nenhum detalhe. Não olhes apenas para os olhos de Arya. A tua atenção é demasiado limitada, demasiado detalhista.

Mas Brom disse-me...

Há muitas formas de usar os olhos. Brom tinha a sua, mas não era dos estilos mais flexíveis, nem o mais adequado para grandes batalhas. Ele passou grande parte da sua vida a lutar mano a mano, ou em pequenos grupos, e os seus hábitos refletiam isso. Mais vale ter uma visão aberta do que um olhar demasiado próximo permitindo que algo no local ou na situação te apanhe desprevenido. Entendes?

Sim, Mestre.

Então, volta a tentar, e desta vez descontrai e alarga a tua perceção.

Eragon reviu mais uma vez o que sabia acerca de Arya. Depois de pensar num plano de ação, fechou os olhos, abrandou a respiração e recolheu-se em si mesmo. Os seus medos e a ansiedade foram desaparecendo lentamente, deixando atrás de si um vazio profundo que lhe atenuou a dor dos ferimentos e lhe proporcionou uma invulgar sensação de clareza. Embora ainda tivesse interesse em ganhar, a perspetiva da derrota já não o incomodava. Seria como tivesse de ser, e ele não iria lutar inutilmente contra os desígnios do destino.

– Preparado? – perguntou Arya, quando ele voltou a abrir os olhos.

– Preparado.

Tomaram as posições iniciais e ficaram onde estavam, imóveis, ambos à espera que o adversário atacasse primeiro. O sol estava à direita de Eragon, o que queria dizer que se manobrasse Arya na direção oposta, a luz incidiria sobre os seus olhos. Já antes o tentara, sem sucesso, mas agora ele tinha pensado numa forma que talvez lhe permitisse fazê-lo.

Sabia que Arya estava confiante de que o conseguiria derrotar. Tinha a certeza de que ela não desvalorizava as suas aptidões mas, por muito consciente que ela estivesse das suas aptidões e do seu desejo de melhorar, vencera a esmagadora maioria dos combates. Tais experiências revelaram-lhe que ele seria fácil de derrotar, mesmo que, racionalmente, soubesse que não era bem assim. Portanto, a sua confiança era também a sua fraqueza.

“Ela pensa que é melhor do que eu com uma espada”, disse Eragon para consigo mesmo, “e talvez seja, mas eu posso usar essas expectativas contra ela. Quanto mais, serão a sua ruína.”

Avançou alguns metros de lado e sorriu para Arya, ao mesmo tempo que ela lhe sorria de volta. Arya tinha uma expressão impassível. Momentos depois atacou-o, como se o fosse derrubar.

Eragon deu um salto para trás, desviando-se lentamente para a direita, para tentar guiá-la na direção que pretendia.

Arya parou bruscamente a vários metros dele e ficou tão imóvel quanto um animal selvagem surpreendido numa clareira. Depois traçou um semicírculo com a espada, olhando-o diretamente. Eragon desconfiava que ela estaria ainda mais empenhada em fazer boa figura, pelo facto de Glaedr os estar a observar.

Depois, ela surpreendeu-o com um rugido suave, semelhante ao de um felino. O rugido era uma arma para o destabilizar, tal como o sorriso que fizera antes, e resultou, embora apenas parcialmente, pois ele passara a contar com tais gestos, senão com esse em particular.

Arya cruzou a distância que os separava com um único salto, brandindo a espada na direção dele, com pesados golpes circulares que Eragon aparou com o escudo. Deixou que ela o atacasse sem oferecer resistência, como se os seus golpes fossem tão fortes que apenas lhe permitissem defender-se. A cada sacudidela dolorosa do braço e do ombro, Eragon recuava, cambaleando de vez em quando para dar a impressão de que estava a ser forçado a recuar.

Ainda assim permaneceu sereno e controlado – como que vazio.

Percebeu que o momento oportuno se aproximava mesmo antes deste chegar e, logo que chegou, ele agiu sem pensar nem hesitar, sem querer ser rápido ou lento, procurando apenas aproveitar o potencial daquele momento único e perfeito.

Ao ver a espada de Arya descer num arco cintilante, girou para a direita, esquivando-se da arma e colocando-se em simultâneo de costas para o sol.

A ponta da espada dela enterrou-se no chão com um ruído seco.

Arya virou a cabeça para não o perder de vista, cometendo o erro de olhar diretamente para o sol. Franziu os olhos e as suas pupilas contraíram-se em pequenos pontos escuros.

Enquanto estava ofuscada, Eragon golpeou-a por baixo do braço esquerdo, com Brisingr, tocando-lhe nas costelas. Poderia tê-la atingido na nuca – e tê-lo-ia feito se estivessem realmente a lutar – mas conteve-se, pois, mesmo com uma espada romba, um golpe desses poderia matá-la.

Ao sentir Brisingr tocar-lhe, Arya soltou um grito agudo, recuando vários passos, e parou com o braço encostado ao flanco e a testa franzida de dor, olhando-o com uma expressão estranha.

Excelente!, exclamou Glaedr. Mais uma vez!

Eragon sentiu uma satisfação momentânea, mas depois abstraiu-se da emoção, regressando ao anterior estado de vigilância desprendida.

Quando o rosto de Arya regressou ao normal e ela baixou o braço, os dois caminharam cautelosamente em torno um do outro, até que o sol deixasse de incidir nos olhos de ambos, altura em que começaram a lutar. Eragon depressa reparou que Arya estava a tratá-lo com mais cautela. Habitualmente isso ter-lhe-ia agradado, compelindo-o a atacar com uma maior agressividade, no entanto ele resistiu a esse impulso, pois parecia-lhe óbvio que ela fazia-o propositadamente. Se ele mordesse o isco, em breve ficaria à sua mercê, como tantas vezes antes.

O duelo durou apenas alguns segundos, embora fosse o suficiente para trocarem uma série de golpes. Os escudos estalavam, torções de erva arrancada voavam pelo ar e as espadas tilintavam uma contra a outra, à medida que mudavam de posição, torcendo os corpos no ar como colunas de fumo gémeas.

O resultado final foi o mesmo que anteriormente. Eragon penetrou nas defesas de Arya com um hábil trabalho de pés e uma sacudidela de pulso, golpeando Arya ao longo do peito, desde o ombro ao esterno.

O golpe desequilibrou-a, fazendo-a cair sobre o joelho e ali ficou, de sobrolho franzido, respirando pesadamente de narinas contraídas. Tirando as rosetas vermelhas que lhe apareceram ao cimo das faces, Arya estava invulgarmente pálida.

Mais uma vez!, ordenou Glaedr.

Eragon e Arya obedeceram sem questionar. O cansaço de Eragon diminuíra graças às duas vitórias, embora ele percebesse que se passava precisamente o oposto com Arya.

Não ficou muito claro quem venceu o combate seguinte. Arya recuperou e conseguiu frustrar todos os truques e armadilhas de Eragon, e vice-versa. Continuaram a lutar indefinidamente até que, por fim, ficaram ambos tão cansados que nenhum conseguiu prosseguir. Apoiaram-se ambos nas espadas, agora demasiado pesadas, ofegantes, com o suor a escorrer-lhes pelo rosto.

Mais uma vez, disse Glaedr em voz baixa.

Eragon fez uma careta ao arrancar Brisingr do chão. Quanto mais exausto se sentia, mais difícil lhe era manter a mente desobstruída e ignorar os protestos do seu corpo dorido. Achou também que se tornava cada vez mais difícil manter um estado de espírito equilibrado e evitar cair nas garras do mau humor que habitualmente o acossava quando precisava de descanso. Aprender a lidar com esse desafio, era parte do que Glaedr lhe tentava ensinar, concluiu.

Sentia os ombros demasiado doridos para aguentar a espada e o escudo diante de si. Por isso, deixou-os pendurados à altura da cintura, esperando conseguir erguê-los com a rapidez necessária mal fosse preciso. Arya fez o mesmo.

Arrastaram os pés em direção um ao outro, numa imitação grosseira da anterior graciosidade.

Eragon estava exausto, ainda assim recusava-se a desistir. Embora não entendesse bem como, o combate parecia ter-se transformado em algo mais do que um mero teste de armas. Convertera-se num teste a si mesmo, um teste ao seu caráter, à sua força e à sua resiliência. E também não era Glaedr que o estava a testar, mas sim Arya – pelo menos era o ele que sentia. Era como se ela quisesse algo dele, como se ela quisesse que ele demonstrasse algo... O quê, ele não sabia ao certo, mas estava determinado a fazer o melhor possível. Enquanto Arya estivesse na disposição de combater, ele estaria também, por muito que doesse.

Uma gota de suor caiu-lhe sobre o olho esquerdo. Pestanejou e Arya atirou-se a ele, a gritar.

Mais uma vez iniciaram a sua dança mortífera e, mais uma vez, lutaram até chegarem a um impasse. A fadiga tornava-os desastrados. Mesmo assim moviam-se com uma harmonia grosseira, que os impedia de alcançar a vitória.

Por fim, deram consigo face a face, de espadas cruzadas junto dos punhos, empurrando-se um ao outro, com a pouca energia que lhes restava.

Depois, enquanto ali estavam, empurrando-se inutilmente para trás e para diante, Eragon disse num tom de voz grave e ameaçador:

– Eu... vejo-te.

Uma centelha de luz surgiu nos olhos de Arya, voltando a desaparecer com a mesma rapidez.

GLÁDIO DE CORAÇÕES

Glaedr forçou-os a lutar mais duas vezes. Cada duelo era mais breve que o anterior e resultava, invariavelmente, num empate, o que gerou uma maior frustração ao dragão dourado do que propriamente a Eragon ou Arya.

Glaedr poderia tê-los forçado a lutar até que se tornasse absolutamente claro quem era o melhor guerreiro mas, no final do último duelo, estavam ambos tão cansados que se deixaram cair no chão e ficaram deitados lado a lado, ofegantes. Até Glaedr teve de admitir que seria contraproducente, senão francamente nocivo, que prosseguissem.

Logo que recuperaram o suficiente para se levantar e andar, Glaedr convocou-os à tenda de Eragon.

Primeiro curaram os ferimentos mais dolorosos com a energia de Saphira, depois devolveram os escudos arruinados ao mestre de armas dos Varden, Fredric, que lhes deu outros novos, embora antes lhes tivesse dado um sermão sobre a necessidade de cuidarem melhor do equipamento.

Quando chegaram à tenda, encontraram Nasuada à espera, acompanhada da habitual comitiva de guardas.

— Já não era sem tempo — disse ela, num tom áspero. — Se já desistiram de se desfazer um ao outro, temos de falar — e entrou na tenda sem dizer nem mais uma palavra.

Blödhgarm e os seus colegas feiticeiros dispuseram-se num amplo círculo, em torno da tenda, o que gerou algum desconforto nos guardas de Nasuada.

Eragon e Arya seguiram Nasuada para o interior da tenda e, depois, Saphira surpreendeu-os, enfiando o focinho por entre as palas da entrada e impregnando de imediato o espaço exíguo com um cheiro a fumo e a carne queimada.

A súbita aparição do focinho escamoso de Saphira apanhou Nasuada desprevenida, mas depressa se recompôs. Dirigindo-se a Eragon, disse:

— Foi Glaedr que eu senti, não foi?

Ele olhou de relance para a parte da frente da tenda, esperando que os guardas dela estivessem demasiado distantes para ouvir e acenou com a cabeça.

— Sim

— Ah, eu sabia! — exclamou ela, com um ar satisfeito. Depois ficou com uma expressão hesitante. — Posso falar com ele? É... permitido, ou ele só comunica com Elfos e Cavaleiros?

Eragon hesitou e olhou para Arya, à espera que esta o orientasse.

— Não sei — respondeu ele. — Ele ainda não estava totalmente recuperado. É possível que não queira...

Eu falo contigo, Nasuada, filha de Ajihad, disse Glaedr, fazendo ecoar a voz nas suas mentes. Pergunta-me o que quiseres e depois deixa-nos trabalhar; há ainda muito que fazer para preparar Eragon para os desafios que o esperam.

Eragon nunca antes vira Nasuada intimidada, mas naquele momento parecia-lhe estar.

— Onde? — disse ela, em silêncio, abrindo as mãos.

Eragon apontou para uma extensão de terra, junto da sua cama.

Nasuada arqueou as sobrancelhas, acenando depois com a cabeça. A seguir levantou-se e cumprimentou Glaedr formalmente. Seguiu-se uma troca de amabilidades durante a qual Nasuada perguntou a Glaedr como estava de saúde, e se os Varden o poderiam servir com alguma coisa. Em resposta à primeira pergunta — que deixara Eragon nervoso — Glaedr replicou educadamente: “Bem, obrigado”. No que toca à segunda disse que não precisava de nada dos Varden, embora agradecesse a sua preocupação.

Eu já não como, disse, nem bebo, e também já não durmo da forma que o concebem. Agora, o meu único prazer, a minha única indulgência é pensar na forma de provocar a queda de Galbatorix.

— Isso entendo — disse Nasuada —, sinto o mesmo.

Depois ela perguntou a Glaedr se tinha algum conselho a dar-lhe sobre a forma como os Varden poderiam tomar Dras-Leona, sem que isso lhes custasse demasiados homens e material, e não os forcesse a entregar Eragon e Saphira ao Império como “duas galinhas prontas a ir ao forno” — segundo as suas próprias palavras.

Passou mais algum tempo a explicar a situação a Glaedr, com uma maior especificidade, altura em que este disse, após alguma reflexão:

Não tenho nenhuma solução fácil, Nasuada. Continuarei a pensar no assunto, mas neste momento não vejo nenhuma saída para os Varden. Se Murtagh e Thorn estivessem sozinhos, eu conseguiria facilmente vencer as suas mentes, contudo Galbatorix deu-lhes demasiados Eldunari para que eu possa fazer isso. Mesmo com Eragon, Saphira e os Elfos a ajudar, a vitória não seria certa.

Visivelmente desapontada, Nasuada ficou em silêncio por breves instantes. Depois encostou a palma das mãos à parte da frente do vestido, agradeceu a Glaedr o tempo que lhe dispensara, despediu-se deles e saiu, contornando cuidadosamente a cabeça de Saphira para não lhe tocar.

Eragon descontraiu-se um pouco, sentando-se no catre e Arya sentou-se num pequeno banco de três pernas. Eragon esfregou as palmas das mãos nos joelhos das calças, pois sentia-as pegajosas, tal como o resto do corpo, oferecendo depois uma bebida a Arya do seu cantil de pele, que ela aceitou, agradecida. Depois de ela beber, ele bebeu também uns bons goles. O combate deixara-o esfomeado e a água abafou os roncos no estômago, mas esperava que Glaedr não os demorasse muito mais. O sol estava quase a pôr-se e ele queria comer uma boa refeição dos cozinheiros dos Varden antes que estes apagassem as fogueiras e se recolhessem para dormir, de contrário acabaria a roer pão duro, a comer pedaços de carne seca, queijo de cabra bolorento e uma ou duas cebolas cruas, se tivesse sorte — o que não lhe parecia muito apelativo.

Logo que ambos se instalaram, Glaedr começou a falar, fazendo uma palestra a Eragon sobre os princípios do combate mental. Embora Eragon já os conhecesse, escutou-o atentamente e, sempre que o dragão dourado o mandava fazer algo, ele seguia as suas instruções sem questionar nem protestar.

Depressa passaram dos aforismos à prática. Glaedr começou por testar as defesas de Eragon com ataques de intensidade crescente, o que os levou a iniciar combates intensivos, em que cada um lutava para dominar os pensamentos do outro, mesmo que por alguns momentos.

Enquanto lutavam, Eragon mantinha-se deitado de barriga para cima, de olhos fechados, concentrando toda a energia na tempestade furiosa entre si e Glaedr. Os esforços que desenvolvera anteriormente tinham-no deixado fraco e embotado — enquanto que o dragão dourado, estava fresco e bem repousado, para além de ser imensamente poderoso — o que lhe dificultou a tarefa, permitindo-lhe pouco mais do que defender-se dos ataques de Glaedr. Apesar disso Eragon saiu-se razoavelmente bem, consciente de que Glaedr teria, sem dúvida, vencido num combate real.

Felizmente, Glaedr fez algumas concessões, atendendo ao estado em que Eragon se encontrava, embora lhe tivesse dito:

Tens de estar preparado para defender a parte mais profunda do teu ser a qualquer momento, mesmo que estejas a dormir, pois é bem provável que acabes por enfrentar Galbatorix ou Murtagh, quando te sentires tão exausto como agora.

Depois de mais dois ataques, Glaedr recuou, assumindo o papel de espetador — um espetador bastante crítico, aliás — e ordenando a Arya que assumisse o seu lugar

como adversária de Eragon. Arya estava tão cansada quanto Eragon, mas este estava em combate de feiticeiros. Isso não o surpreendeu, pois ela quase o matara da única vez que se tinham digladiado mentalmente, numa altura em que Arya estava ainda atordoada do seu cativeiro em Gil'ead. Glaedr tinha uma mente focada e disciplinada, mas nem mesmo ele conseguia igualar o controlo férreo que Arya exercia sobre a sua própria consciência.

Eragon já tinha reparado que o autocontrolo de Arya era um traço comum entre os Elfos. O melhor nesse domínio fora Oromis. O seu autocontrolo era de tal forma perfeito que ele nunca se deixava afetar pela menor dúvida ou preocupação. Eragon considerava a contenção dos Elfos uma faceta inata da sua raça, bem como um resultado natural da rigorosa educação e uso da língua antiga. Falar e pensar numa língua que impedia de mentir – em que cada palavra poderia despoletar um feitiço – desencorajava descuidos de pensamento e de discurso, e gerava aversão ao descontrolo das emoções. Por isso os Elfos possuíam, em regra, um maior autocontrolo que os membros de outras raças.

Eragon e Arya digladiaram-se mentalmente durante alguns minutos – ele a tentar escapar ao seu domínio abrangente e ela a tentar imobilizá-lo e aprisioná-lo para lhe poder impor mentalmente a sua vontade. Apanhou-o várias vezes, mas ele conseguia sempre escapar-se um ou dois segundos depois, embora soubesse que se ela lhe quisesse fazer mal, teria sido tarde demais para se salvar.

Enquanto as suas mentes permaneciam em contacto, Eragon apercebeu-se dos fantásticos acordes musicais que fluíam pelos recantos mais sombrios da consciência de Arya. Incitavam-no a abandonar o seu próprio corpo, ameaçando aprisioná-lo numa teia de estranhas e sinistras melodias em nada iguais às canções terrenas. Eragon ter-se-ia abandonado de bom grado ao encanto da música, se não fossem os ataques de Arya a distraí-lo e o facto de saber que os humanos raramente se davam bem quando se deixavam fascinar demasiado pelos mecanismos da mente de um elfo. Poderia escapar ileso – afinal de contas era um Cavaleiro –, mas seria um risco que não estava disposto a correr, pelo menos enquanto desse valor à sua sanidade. Ouvira dizer que Garven, o guarda de Nasuada, se transformara para sempre num aluado, de boca aberta, depois de sondar a mente de Blödhgarm.

Por isso ele resistiu à tentação, por muito difícil que fosse.

Depois Glaedr ordenou a Saphira que se juntasse à luta, umas vezes em oposição a Eragon, outras vezes apoiando-o, dizendo:

Deves ser tão hábil nisto como Eragon, Escamas Brilhantes.

O facto de Saphira se reunir a eles, alterou substancialmente o resultado dos combates mentais. Juntos, ela e Eragon, conseguiam frequentemente – e até com uma certa facilidade – manter Arya à distância. O seu poder combinado permitiu-lhes dominar Arya, em duas ocasiões distintas. Contudo, quando Saphira se aliava a Arya, ambas se sobrepunham a Eragon de tal forma que ele desistia de as atacar. Tentava refugiar-se nas profundezas do seu ser, enrolado num novelo como um animal ferido, enquanto recitava fragmentos de versos e esperava que as ondas de energia mental, com que o atacavam, abrandassem.

Por fim, Glaedr organizou-os em pares – reunindo-se a Arya e juntando Eragon com Saphira – e combateram uma vez assim, como duas parelhas de Cavaleiros que se tivessem encontrado em combate. Ao fim de dois minutos extenuantes estavam razoavelmente equilibrados, mas a força e a experiência de Glaedr, combinada com a rigorosa competência de Arya, acabaram por se revelar excessivas para Eragon e Saphira, pelo que eles não tiveram outro remédio senão admitir a derrota.

Depois disso, Eragon sentiu algum descontentamento em Glaedr, o que o magoou.

Amanhã faremos melhor, Mestre, disse ele.

O estado de espírito de Glaedr tornou-se mais sombrio. Mesmo ele parecia cansado do treino.

Portaste-te bem, minha pequena. Não teria exigido mais de ambos, se estivessem sob a minha alçada como aprendizes, em Vroengard. Contudo, é impossível que aprendam tudo o que precisam em dias ou semanas. O tempo escapa-se por entre os nossos dentes como água e, em breve, irá esgotar-se por completo. A arte do combate mental demora anos a dominar: anos, décadas, séculos e, mesmo assim, há muito que aprender e descobrir sobre nós mesmos, sobre o inimigo e sobre os próprios fundamentos do mundo. Rugiu ferozmente e ficou em silêncio.

Então aprenderemos o que poderemos e deixaremos que o destino decida o resto, disse Eragon. Galbatorix pode ter tido cem anos para treinar a mente, mas também já passaram cem anos desde que o ensinaste. Certamente que, entretanto, se esqueceu de alguma coisa. Eu sei que o conseguimos derrotar, contigo a ajudar-nos.

Glaedr roncou.

Estás cada vez mais obsequioso, Eragon, Aniquilador de Espetros. Contudo, Glaedr parecia satisfeito. Advertiu-os para que comessem e descansassem, retirando-se depois das suas mentes e não voltou a falar.

Eragon tinha a certeza que o dragão dourado ainda os estava a observar, mas já não conseguia sentir a sua presença e foi invadido por uma inesperada sensação de vazio.

Um arrepio percorreu-lhe os membros e ele estremeceu.

Eragon, Saphira e Arya ficaram sentados na tenda cada vez mais escura, mas nenhum parecia querer falar. Depois, procurando puxar por si mesmo, Eragon disse:

– Ele parece melhor. – Estava com uma voz de cana rachada por já não falar há algum tempo e voltou a pegar no cantil de pele.

– Isto faz-lhe bem – disse Arya. – Tu fazes-lhe bem. A dor tê-lo-ia matado se não houvesse nada que o motivasse. É impressionante que tenha sobrevivido. Admiro-o por isso. Poucos seres – fossem eles humanos, elfos, ou dragões – conseguiriam continuar a funcionar racionalmente, depois de tamanha perda.

– Brom consegui.

– Porque era igualmente extraordinário.

Como acham que Glaedr vai reagir se matarmos Galbatorix e Shruikan?, perguntou Saphira. Irá prosseguir, ou limitar-se-á a...parar?

As pupilas de Arya refletiram uma centelha de luz, ao desviar os olhos de Eragon para olhar para Saphira.

– Só o tempo o dirá. Espero que não, mas se triunfarmos em Urû'baen, é bem possível que Glaedr sinta que não é capaz de prosseguir sem Oromis.

– Não podemos simplesmente deixar que ele desista!

Concordo.

– Se ele decidir entrar no vazio, não nos compete impedi-lo de o fazer – disse Arya, asperamente. – A escolha é dele e apenas dele.

– Sim, mas podemos argumentar com ele e tentar ajudá-lo a perceber que ainda vale a pena viver.

Ela ficou imóvel por uns instantes, com uma expressão solene, e depois disse:

– Eu não quero que ele morra. Nenhum elfo o deseja, contudo, se todos os momentos em que acorda são um tormento para ele, não será melhor procurar libertar-se?

Nem Eragon nem Saphira tinham resposta.

Continuaram os três a discutir os acontecimentos do dia, durante mais algum tempo, e depois Saphira tirou a cabeça de dentro da tenda e foi sentar-se na extensão de erva ao lado. Sinto-me como uma raposa com a cabeça presa na toca de um coelho, protestou ela. Não poder ver se alguém se está a aproximar de mim à socapa, dá-me comichão nas escamas.

Eragon esperava que Arya também saísse, mas para sua surpresa ela ficou, parecendo satisfeita por estar ali sentada a falar com ele. Ele não desejava outra coisa. A fome que sentira desaparecera durante as sessões de combate mental. Independentemente disso, Eragon estava mais do que disposto a abrir mão de uma refeição quente em troca do prazer da companhia de Arya.

A noite caiu e o acampamento foi ficando mais silencioso, à medida que os temas de conversa se sucediam. Eragon sentia-se estonteado de cansaço e de excitação – como se tivesse bebido demasiado hidromel – e reparou que Arya também parecia mais à vontade do que o normal. Falaram de muitos assuntos: sobre Glaedr e os seus combates; sobre cerco de Dras-Leona e o que poderiam fazer em relação a isso; e sobre outros temas menos importantes, como o grou que Arya vira a caçar

entre os juncos, à beira do lago, a escama que Saphira perdera no nariz e o facto da estação estar a mudar e os dias estarem a ficar novamente mais frios. Porém, voltavam sempre ao tema mais presente: Galbatorix e o que iria acontecer em Urû'baen.

Enquanto especulavam – como tantas outras vezes – acerca do tipo de armadilhas mágicas que Galbatorix lhes poderia ter preparado e a melhor forma de as evitar, Eragon relembrou a pergunta de Saphira acerca de Glaedr, e disse:

– Arya?

– Sim? – Ela arrastou a palavra, levantando e baixando a voz, com uma entoação ligeiramente musical.

– O que pretendes fazer quando tudo isto acabar? Isto é, se ainda estivermos vivos.

– O que pretendes tu fazer?

Ele tocou com os dedos no pomo de Brisingr, ponderando na pergunta.

– Não sei. Não tenho pensado muito no que irei fazer depois de Urû'baen. . . Tudo depende do que ela quiser, mas creio que Saphira e eu somos capazes de voltar para o Vale de Palancar. Eu poderia construir uma casa num dos sopés das montanhas. É possível que não passemos lá muito tempo, mas pelo menos teríamos uma casa para onde voltar quando não andássemos a voar de um lado para o outro, em Alagaësia. – Esboçou um meio sorriso. – Tenho a certeza de que teremos muito com que nos ocupar, mesmo que Galbatorix esteja morto. Mas ainda não respondeste à minha pergunta: o que vais tu fazer se ganharmos? Deves fazer alguma ideia. Tiveste mais tempo do que eu para pensar nisso.

Arya puxou uma perna para cima do banco, colocou os braços à volta dela e apoiou o queixo sobre o joelho. No lusco-fusco da tenda, o seu rosto parecia flutuar sobre um fundo negro e indefinido, como uma aparição conjurada na noite.

– Passei mais tempo entre humanos e anões do que entre os älfakyn – disse ela, utilizando o nome dos Elfos na língua antiga. – Acostumei-me a isso pelo que não desejaria voltar para viver em Ellesméra. Pouco acontece por lá, passam-se séculos sem nos darmos conta, enquanto olhamos para as estrelas. Não, acho que continuarei a servir a minha mãe como embaixatriz. Saí de Du Weldenvarden porque queria ajudar a equilibrar o mundo. Como disseste, haverá ainda muito que fazer, se conseguirmos derrubar Galbatorix, muito que precisa de ser corrigido, e eu quero participar nisso.

– Ah! – Não era exatamente o que Eragon esperava que ela dissesse mas, pelo menos, oferecia-lhe a hipótese de não perderem por completo o contacto, depois de Urû'bean, e de poder continuar a vê-la de vez em quando.

Talvez Arya se tivesse apercebido do seu descontentamento, mas não deu sinais disso.

Falaram durante mais alguns minutos, depois Arya pediu licença e levantou-se para sair.

Quando passou por ele, Eragon esticou o braço, como se a fosse deter, mas rapidamente recolheu a mão.

– Espera! – disse, brandamente, sem saber com o que contar, mas ainda assim esperava que algo acontecesse. O seu coração começou a bater mais depressa, palpitando-lhe nos ouvidos, e as suas faces ficaram quentes.

Arya parou à entrada da tenda, de costas viradas para ele.

– Boa noite, Eragon – disse ela. Depois, deslizou por entre as palas da entrada e desapareceu na noite, deixando-o sentado sozinho na escuridão.

DESCOBERTA

Os três dias seguintes passaram depressa para Eragon, ao contrário do resto dos Varden que continuavam mergulhados em letargia. O impasse em relação a Dras-Leona arrastava-se sem quaisquer alterações, embora se tivesse sentido alguma excitação quando Thorn se mudou do seu posto costumeiro, por cima dos portões da frente, para uma secção do baluarte, à direita, a mais de cem metros de distância. Depois de muita discussão – e de consultas extensivas a Saphira – Nasuada e os seus conselheiros concluíram que Thorn mudara de poiso apenas por uma questão de conforto, na medida em que a outra secção do baluarte era um pouco mais plana e mais comprida. Tirando isso, o cerco arrastava-se sem alterações.

Eragon passava as manhãs e as noites a estudar com Glaedr, e as tardes a lutar com Arya e alguns dos outros Elfos. Os combates com os Elfos não eram tão longos nem tão extenuantes como o anterior com Arya – pois seria um disparate puxar tanto por si todos os dias –, mas as sessões com Glaedr eram mais intensas do que nunca. O velho dragão não se poupava a esforços para melhorar a aptidão e o conhecimento de Eragon, e não fazia cedências perante os erros ou o cansaço.

Eragon constatou com prazer que, finalmente, era capaz de se aguentar nos combates com os Elfos, mas isso saía-lhe caro em termos mentais, pois se a concentração vacilasse por um instante que fosse, acabava com uma espada enterrada nas costelas ou encostada à garganta.

Graças às lições com Glaedr, ele fez o que se poderia considerar uma progressão exemplar, em circunstâncias normais. Porém, atendendo à situação, tanto ele como Glaedr estavam frustrados com o ritmo da sua aprendizagem.

No segundo dia, durante a lição da manhã com Glaedr, Eragon disse em pensamento:

Mestre, quando cheguei aos Varden, em Farthen Dûr, os Gémeos testaram-me – testaram o meu conhecimento da língua antiga e da magia em geral.

Disseste isso a Oromis, porquê repeti-lo agora a mim?

Porque me ocorreu... os Gémeos pediram-me para invocar a verdadeira forma de um anel de prata e, na altura, eu não sabia como. Arya explicou-me mais tarde como conjurar a essência de qualquer coisa ou de uma criatura na língua antiga. Contudo, Oromis nunca falou nisso e eu estava aqui a pensar... porquê?

Glaedr pareceu suspirar.

Invocar a verdadeira forma de um objeto é um tipo de magia difícil. Para que resulte, tens de perceber tudo o que é importante acerca do objeto em questão – tal como quando queres adivinhar o verdadeiro nome de uma pessoa ou de um animal. Além disso, não tem grande valor prático e é perigoso, muito perigoso. O feitiço não pode ser estruturado como um processo contínuo que possas terminar a qualquer momento. Ou és bem-sucedido a invocar a verdadeira forma de um objeto... ou falhas e morres. Oromis não tinha razão para te mandar fazer algo tão arriscado.

Eragon estremeceu interiormente, ao perceber como Arya devia ter ficado furiosa com os Gémeos para invocar a verdadeira forma do anel que eles tinham. Depois disse:

Gostaria de o tentar agora.

Eragon sentiu todo o poder da atenção de Glaedr concentrado em si.

Porquê?

Preciso de saber se tenho esse nível de entendimento, mesmo que seja apenas em relação a uma coisa pequena.

Mais uma vez. Porquê?

Incapaz de o explicar por palavras, Eragon verteu as suas emoções e pensamentos confusos na consciência de Glaedr. Quando terminou, Glaedr silenciou durante algum tempo, enquanto digeriria o fluxo de informação.

Estarei errado se disser, começou por dizer o dragão, que equiparas isso à derrota de Galbatorix? Que acreditas que se sobreviveres a isso, talvez consigas derrotar o rei?

Sim, disse Eragon, aliviado. Não tinha conseguido expressar a sua motivação tão claramente como o dragão, mas era exatamente isso.

E estás determinado a fazer isso?

Sim, Mestre.

Isso pode matar-te, lembrou-lhe Glaedr.

Eu sei.

Eragon!, exclamou Saphira debilmente, dentro da sua cabeça. Saphira andava a sobrevoar o acampamento, a grande altitude, atenta a possíveis perigos, enquanto ele estudava com Glaedr. É demasiado perigoso. Eu não vou permitir.

Eu tenho de fazer isto, respondeu ele, brandamente.

Dirigindo-se a Saphira e também a Eragon, Glaedr disse:

Se ele insiste, é preferível que o faça onde eu o possa observar. Se o seu conhecimento falhar talvez eu seja capaz de lhe fornecer a informação necessária e salvá-lo.

Saphira rosnou – um rosnido furioso e áspero que ecoou na mente de Eragon. Depois, do exterior da tenda, Eragon sentiu uma terrível corrente de ar e ouviu os gritos assustados de homens e Elfos, ao verem Saphira mergulhar em direção ao solo. Aterrou com uma violência tal que a tenda e tudo o que estava dentro abanou.

Segundos depois, Saphira enfiou a cabeça na tenda e olhou furiosa para Eragon. Estava ofegante e o ar que lhe saía pelas narinas despenteou-lhe o cabelo e fê-lo lacrimejar, com o odor a carne queimada.

És mais casmurro que um Kull, disse ela.

Não sou mais do que tu.

Ela revirou o lábio, mostrando ligeiramente os dentes.

De que estamos à espera? Se tens de fazer isso, despacha-te!

O que vais invocar?, perguntou Glaedr. Tem de ser algo com que estejas intimamente familiarizado.

O olhar de Eragon vagueou pelo interior da tenda, detendo-se no anel de safira que usava na mão direita.

Aren... Raramente tirava o anel desde que Ajihad lho dera a pedido de Brom. Tomara-se parte do seu corpo, tal como os braços ou as pernas. Durante as horas que passara a olhar para ele, memorizara todas as suas curvas e facetas e, se fechasse os olhos, conseguia invocar uma imagem que era a perfeita reprodução do objeto real. Mas, apesar de tudo, havia muita coisa que não sabia acerca do anel – a sua história, como os Elfos o tinham feito e que feitiços poderia conter.

Não... Aren, não.

Depois desviou os olhos para o pomo de Brisingr, encostada a um canto do catre.

– Brisingr – murmurou ele.

Um ruído abafado emanou da espada e esta ergueu-se um centímetro da bainha, como se tivesse sido empurrada por baixo. Pequenas línguas de fogo elevaram-se

da bacia da banha, lambendo a base do punho. Depois, Eragon pôs fim ao feitiço accidental, as chamas desapareceram e a espada voltou a dentro da banha.

Brisingr, pensou, perfeitamente seguro da sua escolha. Tinha sido a perícia de Rhunön que forjara a espada, mas tinha sido ele que empunhara as ferramentas, unindo-se à mente da ferreira elfo, ao longo de todo o processo. Se havia algum objeto no mundo que ele entendia em todos os seus aspetos, era a espada.

Tens a certeza?, perguntou Glaedr.

Eragon acenou com a cabeça, mas depois conteve-se, ao lembrar-se que o dragão dourado não o podia ver.

Sim, Mestre... Mas tenho uma pergunta a fazer: o verdadeiro nome da espada é Brisingr? Preciso de saber o seu verdadeiro nome, para o feitiço resultar, caso não seja.

Brisingr é o nome do fogo, como bem sabes. O verdadeiro nome da tua espada é, sem dúvida, algo muito mais complicado, embora possa muito bem incluir brisingr na descrição. Se quiseres podes referir-te à espada usando o seu verdadeiro nome, mas poderás igualmente chamar-lhe Espada e obter o mesmo resultado, desde que mantenhas o conhecimento adequado em mente. O nome é simplesmente um rótulo para o conhecimento e tu não precisas disso para usares o conhecimento. É uma distinção subtil, mas importante. Entendes?

Sim

Então prossegue como quiseres.

Eragon procurou descontrair-se durante alguns momentos. Depois, descobriu o nó algures na sua mente e alcançou o reservatório de energia do seu corpo através dele. Canalizando essa energia para a palavra, enquanto pensava em tudo o que sabia acerca da Espada, disse clara e distintamente:

— Brisingr.

Eragon sentiu a sua energia decair bruscamente. Alarmado, tentou falar e mexer-se, mas o feitiço imobilizara-o. Não conseguia sequer pestanejar nem respirar.

Contrariamente ao que acontecera antes, a espada não irrompeu em chamas, ondulando como um reflexo na água, e junto dela surgiu uma aparição transparente no ar: uma réplica perfeita e cintilante de Brisingr, fora da banha. A réplica que flutuava diante de si era tão bem feita como a própria espada — senão mais refinada — e Eragon nunca lhe encontrara um único defeito. Era como se visualizasse a ideia da Espada, uma ideia que nem Rhunön poderia captar, mesmo com toda a sua experiência a trabalhar o metal.

Logo que a manifestação se tornou visível, Eragon voltou a conseguir respirar e a mover-se. Manteve o feitiço durante alguns segundos para poder maravilhar-se com a beleza da invocação. Depois libertou o feitiço e a espada fantasmagórica desapareceu lentamente.

Na sua ausência, o interior da tenda pareceu-lhe inesperadamente escuro.

Só então Eragon voltou a sentir Saphira e Glaedr, colados à sua mente, permanentemente atentos a todos os pensamentos que lhe surgiam. Eragon nunca antes sentira os dois dragões tão tensos. Desconfiava que se espetasse um dedo em Saphira esta ficaria tão sobressaltada que daria várias voltas sobre si mesma.

E se eu te espetasse um dedo, sobraria apenas um borrão, comentou ela.

Eragon sorriu e sentou-se no catre, cansado.

Glaedr descontraiu e Eragon ouviu um ruído como o vento a soprar numa planície deserta, dentro da sua mente.

Portaste-te bem, Aniquilador de Espetros. Eragon ficou surpreendido com o elogio de Glaedr, pois o velho dragão poucos elogios lhe tecera desde que começara a ensiná-lo. Mas é melhor não repetires.

Eragon tremeu e massajou os braços, tentando livrar-se do frio que lhe invadira os membros.

Combinado, Mestre. Não era uma experiência que ele sentisse grande empenho em repetir. Ainda assim, sentia uma profunda satisfação. Provara, sem sombra de dúvida, que havia pelo menos uma coisa em Alagaësia que ele conseguia fazer melhor do que ninguém.

E isso deu-lhe esperança.

Na manhã do terceiro dia, Roran chegou ao acampamento dos Varden, com os seus companheiros, cansado, ferido e esgotado da viagem. O regresso de Roran arrancou os Varden do seu torpor durante algumas horas, pois ele e os que o acompanhavam foram acolhidos como heróis. Mas o tédio depressa se voltou a instalar na maioria dos homens.

Eragon ficou aliviado por ver Roran. Sabia que o primo estava bem, pois comunicara com ele várias vezes, por vidência, durante a sua ausência. Porém, vê-lo em pessoa libertou-o de uma ansiedade que só então percebeu que trazia consigo. Roran era o único familiar que lhe restava, pois Murtagh para ele não contava, e Eragon não suportava a ideia de o perder.

Ao vê-lo de perto, ficou chocado com a sua aparência. Esperava que Roran e os outros estivessem exaustos, mas o primo parecia muito mais extenuado que os companheiros. Era como se tivesse envelhecido cinco anos durante aquela viagem. Tinha os olhos vermelhos, com olheiras escuras, a testa coberta de rugas e movia-se rigidamente, como se tivesse o corpo coberto de nódoas negras. Metade da barba tinha sido queimada o que lhe dava uma aparência sebenta.

Os cinco homens — menos um do que o número inicial — foram primeiro visitar os curandeiros de Du Vrangr Gata, onde os feiticeiros trataram dos ferimentos e a seguir apresentaram-se a Nasuada, no seu pavilhão. Depois de os enaltecer pela sua bravura, Nasuada mandou todos os homens saírem exceto Roran, a quem pediu um relatório detalhado da sua ida e regresso de Aroughs, bem como da conquista da cidade. O relato de Roran demorou algum tempo, mas tanto Nasuada como Eragon — sentado à sua direita — escutaram-no com enlevo, por vezes até horrorizados, enquanto ele falava. Quando terminou, Nasuada surpreendeu-os a ambos, anunciando que iria colocar Roran ao comando de um dos batalhões dos Varden.

Eragon esperava que a notícia agradasse a Roran mas, em vez disso, viu as rugas no rosto do primo acentuarem-se e a testa franzir-se, carregando-lhe o sobrolho. Contudo, Roran não levantou quaisquer objeções nem se queixou, curvando-se numa vénia e dizendo na sua voz áspera:

— Como queiras, Lady Nasuada.

Mais tarde Eragon levou Roran à sua tenda onde Katrina os esperava, saudando Roran com uma demonstração tão explícita de emoção que Eragon desviou os olhos, embaraçado.

Jantaram os três juntos com Saphira, mas o dragão e Eragon, pediram licença para se retirar logo que puderam, pois era óbvio que Roran não tinha energia suficiente para estar em companhia de ninguém e Katrina queria-o só para ela.

Enquanto vagueava pelo acampamento com Saphira, ao cair da noite, Eragon ouviu alguém atrás de si gritar:

— Eragon! Eragon! Espera um momento!

Virou-se e viu a figura magra e desengonçada de Jeod, o estudioso, que corria na sua direção, com madeixas de cabelo a voarem em torno do rosto magro. Jeod trazia um pedaço recortado de pergaminho na mão esquerda.

— O que é? — perguntou Eragon, preocupado.

— Isto! — exclamou Jeod, de olhos cintilantes, erguendo o pergaminho e sacudindo-o. — Consegui outra vez, Eragon! Descobri um caminho! — À luz do crepúsculo, a cicatriz que tinha no couro cabeludo e na têmpora parecia assustadoramente branca, em contraste com a pele tsnada.

— Conseguieste outra vez o quê? Que caminho descobriste tu? Mais devagar; o que dizes não faz qualquer sentido!

Jeod olhou furtivamente em redor e depois inclinou-se para Eragon, sussurrando:

— As minhas leituras e as minhas pesquisas compensaram. Descobri um túnel secreto que conduz diretamente a Dras-Leona!

DECISÕES

—Explica-me outra vez — pediu Nasuada.

Impaciente, Eragon transferiu o peso do corpo para o outro lado, contendo-se.

Jeod tirou um volume fino, de capa de couro vermelha, das pilhas de pergaminhos e livros que tinha diante de si e reiniciou a narrativa pela terceira vez.

— Há uns quinhentos anos atrás... tanto quanto sei...

Jörmundur interrompeu-o, fazendo um gesto com a mão:

— Poupa-nos às tuas ressalvas, nós sabemos que isso é especulação.

Jeod recomeçou:

— Há uns quinhentos anos atrás, a Rainha Forna mandou Erst Barba Azul a Dras-Leona, ou melhor ao local que viria a ser Dras-Leona.

— E porque é que ela o enviou? — perguntou Nasuada, brincando com o punho da manga.

— Os Anões estavam a meio de uma guerra de clãs e Forna esperava conseguir o apoio da nossa raça, ajudando o Rei Radgar no planeamento e na construção das fortificações da cidade, ao mesmo tempo que os Anões desenhavam as defesas de Aroughs.

Nasuada enrolou um fio de tecido entre os dedos.

— E depois Dolgrath Meia Ripa matou Forna...

— Sim e Erst Barba Azul não teve outro remédio senão voltar para as Montanhas Beor tão depressa quanto pôde, para defender o seu clã das intenções de Meia Ripa. Porém — Jeod levantou o dedo e abriu o livro vermelho —, parece que Erst deu início ao seu trabalho antes de partir. O conselheiro-mor do Rei Radgar, Lord Yardley, escreveu nas suas memórias que Erst começara a desenhar plantas para o sistema de esgotos, por baixo do centro da cidade, visto que isso afetaria a construção das fortificações.

Sentado no seu lugar, no lado oposto da mesa que preenchia a parte central do pavilhão de Nasuada, Orik acenou com a cabeça e disse:

— Isso é verdade. Tem de se planejar onde e como será distribuído o peso e determinar o que melhor se adequa ao tipo de solo com que se está a lidar, de contrário é provável que haja desabamentos.

Jeod prosseguiu.

— É claro que Dras-Leona não tem esgotos subterrâneos, por isso deduzi que nenhuma das plantas de Erst fora utilizada. Contudo, algumas páginas depois, Yardley diz... — Espetando o nariz no livro, Jeod leu: — ... lamentavelmente, deu-se uma reviravolta e os salteadores queimaram inúmeras casas e fugiram com muitos tesouros de família. A reação dos soldados foi lenta, pois tinham sido postos a trabalhar nos subterrâneos como vulgares camponeses.

Jeod baixou o livro.

— Ora bem, o que estavam eles a escavar? Não consegui encontrar mais referências a atividades subterrâneas dentro ou em torno de Dras-Leona até... — Poisando o volume vermelho, escolheu outro livro, desta vez um enorme tomo apainelado de madeira, com cerca de trinta centímetros de espessura. — Por acaso estava a ler Os Atos de Taradas e Outros Mistérios e Fenómenos Ocultos, Segundos os Registos da Idade dos Homens, Anões e Elfos Mais Antigos, quando...

— É um trabalho cheio de erros — comentou Arya, do lado esquerdo da mesa, debruçada e apoiada em ambas as mãos sobre um mapa da cidade. — O autor pouco conhecimento tinha acerca do meu povo e o que não sabia inventava.

— É possível — reagiu Jeod. — Mas sabia bastante acerca de humanos e são esses que nos interessam. — Jeod abriu o livro perto do meio, baixando delicadamente a metade superior sobre a mesa, para que ficasse plano. — Durante as suas investigações, Othman passou algum tempo nesta região. Estudou principalmente Helgrind e os estranhos acontecimentos a ela associados, mas disse o seguinte acerca de Dras-Leona: o povo da cidade queixa-se também, frequentemente, de ruídos peculiares e de odores vindos de debaixo das ruas e dos soalhos, especialmente à noite, atribuindo-os a fantasmas, espíritos e outras criaturas inquietantes. Mas, se são espíritos são diferentes de todos os outros de que ouvi falar antes, pois em qualquer outro local, os espíritos parecem evitar locais fechados.

Jeod fechou o livro.

— Felizmente, Othman era, acima de tudo, meticoloso e assinalou os locais onde se ouviam os sons, num mapa de Dras-Leona, locais esses que formam uma linha quase reta ao longo da parte antiga da cidade, como podem ver.

— E tu achas que isto indicia a presença de um túnel — disse Nasuada. Era uma afirmação e não uma pergunta.

— Acho — anuiu Jeod, sacudindo a cabeça.

Sentado ao lado de Nasuada, o rei Orrin, que pouco dissera até então, falou:

— Nada do que nos mostraste até agora prova que isto é realmente um túnel, Goodman Jeod. Se existir algum espaço por baixo da cidade, é bem provável que seja uma adega, uma catacumba ou qualquer outro tipo de câmara, com acesso ao edifício, por cima. Mesmo que seja um túnel não sabemos se sai de Dras-Leona, nem onde irá dar. Isto, partindo do princípio que existe. Talvez ao interior do palácio, não? Além disso, pelo que nos contas, é provável que nunca tivessem terminado a construção desse hipotético túnel.

— Atendendo à sua forma, parece-me improvável que não seja um túnel, Majestade — disse Jeod. — Nenhuma cave ou catacumba seria tão estreita e tão longa. Agora, se o terminaram ou não... Sabemos que nunca foi utilizado para o fim que se pretendia, mas sabemos também que durou, pelo menos, até ao tempo de Othman, o que significa que até certo ponto o túnel, corredor ou seja lá o que for, foi terminado. Caso contrário, as infiltrações de água tê-lo-iam destruído há muito.

— Então onde é a saída, ou entrada, se quiseres? — perguntou o rei.

Jeod vasculhou nas pilhas de pergaminhos durante uns momentos e depois tirou um outro mapa de Dras-Leona, este com parte da paisagem circundante.

— Isso não sei ao certo, mas se for até fora da cidade, a saída deverá ser algures por aqui... — Colocou o indicador sobre um local perto do lado este da cidade. A maior parte dos edifícios que protegiam o coração de Dras-Leona, fora das muralhas, ficava do lado oeste da cidade, junto do lago. Queria isso dizer que o local para onde Jeod estava a apontar, embora fosse um terreno baldio, era o ponto mais próximo do centro de Dras-Leona que alguém poderia alcançar, vindo de qualquer outra direção, sem encontrar edifícios.

— Mas isso é impossível de saber a não ser que vá, pessoalmente, à procura dele.

Eragon franziu o sobrolho. Ele pensara que a descoberta de Jeod fosse mais concreta.

— Os meus parabéns pela tua descoberta, Goodman Jeod — disse Nasuada. — É possível que tenhas prestado mais um grande serviço aos Varden. — Levantou-se da cadeira de costas altas e aproximou-se do mapa. A bainha do vestido restolhava ao arrastar pelo chão. — Se mandarmos um batedor para investigar, arriscamo-nos a alertar o Império sobre o nosso interesse naquela área e o túnel — partindo do princípio que existe — já não teria grande valor para nós, pois Murtagh e Thorn estariam à nossa espera do outro lado. — Olhou para Jeod. — Que largura achas que teria esse túnel? Quantos homens lá caberiam?

— Não faço ideia, talvez...

Orik pigarreou e disse:

– A terra aqui é mole como barro e tem consideráveis estratos de lodo, o que é horrível para abrir túneis. Se Erst tivesse um pouco de bom senso, não teria planeado construir um canal largo para escoar o lixo da cidade, mas várias passagens mais pequenas, para reduzir o risco de desabamentos. Presumo que nenhum deveria ter mais do que noventa centímetros de largura.

– Seriam demasiado estreitos para serem percorridos por mais de um homem de cada vez – disse Jeod.

– Demasiado estreitos para mais de um knurla – acrescentou Orik.

Nasuada regressou ao seu lugar e observou apaticamente o mapa, como se estivesse a olhar para algo distante.

Decorridos alguns momentos de silêncio, Eragon disse:

– Eu poderia procurar o túnel, pois sei como me esconder com magia. As sentinelas nunca me conseguiriam ver.

– Talvez – disse Nasuada –, mas continua a não me agradar a ideia de te ter a ti ou a qualquer outra pessoa a cirandar por lá. A possibilidade de o Império se aperceber disso é demasiado alta. E se Murtagh estiver de guarda? Conseguias enganá-lo? Saberás sequer do que ele é capaz, agora? – Abanou a cabeça.

– Não. Temos de agir como se o túnel existisse e tomar as nossas decisões em função disso. Se viermos a constatar o contrário, não nos terá custado nada, mas se o túnel lá estiver... deverá permitir-nos tomar Dras-Leona de uma vez por todas.

– O que tens em mente? – perguntou o rei Orrin num tom cauteloso.

– Algo de audacioso; algo de... inesperado.

Eragon roncou baixinho.

– Nesse caso devias consultar Roran.

– Eu não preciso da ajuda de Roran para conceber os meus planos, Eragon.

Nasuada ficou de novo em silêncio e todos os que estavam no pavilhão, incluindo Eragon, esperaram para saber que ideia teria ela tido. Por fim remexeu-se e disse:

– É o seguinte: vamos enviar um pequeno grupo de guerreiros para abrirem os portões do lado de dentro.

– E como vai alguém conseguir isso? – perguntou Orik, enfaticamente. – Seria difícil mesmo que tivessem apenas de enfrentar as centenas de soldados estacionados na área. Mas por lá também anda um lagarto gigante que respira fogo, caso estejas esquecida, e certamente que irá manifestar interesse por qualquer pessoa que cometa a imprudência de tentar abrir os portões à força. Isto sem considerar Murtagh.

Antes que a discussão descambasse, Eragon disse:

– Eu posso fazê-lo.

As suas palavras arrefeceram de imediato a conversa.

Eragon esperava que Nasuada rejeitasse de seguida a sua sugestão, mas ela surpreendeu-o, ao ponderar nela, e mais ainda ao dizer:

– Muito bem.

Todos os argumentos que Eragon concebera caíram por terra, ao olhar atónito para Nasuada. Era óbvio que tinha seguido a mesma linha de raciocínio que ele.

A tenda explodiu numa confusão de vozes sobrepostas, pois todos começaram a falar ao mesmo tempo, mas Arya conseguiu sobrepor-se à algazarra:

– Nasuada, não podes permitir que Eragon arrisque a vida desta forma. Seria inadmissível. Manda alguns dos feiticeiros de Blödhgarm, em vez dele. Sei que eles aceitariam ajudar e não há guerreiros mais poderosos do que eles, nem mesmo Eragon.

Nasuada abanou a cabeça.

– Nenhum dos homens de Galbatorix se atreveria a matar Eragon – nem Murtagh, nem os feiticeiros favoritos do rei, nem mesmo um soldado raso. Devemos usar isso em nosso proveito. Além disso, Eragon é o nosso maior feiticeiro e abrir os portões há força, poderá exigir muita energia. Ele é o que tem as melhores hipóteses de ser bem-sucedido.

– E se ele for capturado? Não conseguirá enfrentar Murtagh, tu sabes isso!

– Nós distrairemos Murtagh e Thorn, o que dará a Eragon a oportunidade de que precisa.

Arya levantou o queixo.

– Como? Como vais distraí-los?

– Faremos de conta que estamos a atacar Dras-Leona a Sul. Saphira voará pela cidade, incendiando edifícios e matando os soldados das muralhas. Thorn e Murtagh não terão outro remédio senão persegui-la, sobretudo porque lhes vai parecer que é Eragon que monta Saphira. Blödhgarm e os seus feiticeiros poderão conjurar uma réplica de Eragon, como já fizeram antes. Desde que Murtagh não se aproxime muito, jamais descobrirá o nosso subterfúgio.

– Estás mesmo determinada a fazê-lo?

– Estou.

O rosto de Arya endureceu.

– Nesse caso, eu acompanharei Eragon.

Uma sensação de alívio percorreu Eragon. Tinha esperança que ela o acompanhasse, mas estava na dúvida se lhe deveria perguntar, com receio que ela recusasse.

Nasuada suspirou.

– És mesmo filha de Islanzadí. Não me agrada colocar-te em tamanho perigo. Se morreres... Lembra-te como a tua mãe reagiu quando pensou que Durza te tinha matado. Não podemos dar-nos ao luxo de perder o apoio do teu povo.

– A minha mãe... – Arya cerrou os lábios, silenciando de repente, mas depois recomeçou. – Posso assegurar-te, Lady Nasuada, que a Rainha Islanzadí não abandonará os Varden, seja o que for que me aconteça. Com isso não tens de te preocupar. Eu acompanharei Eragon, com dois feiticeiros de Blödhgarm.

Nasuada abanou a cabeça.

– Não. Só podes levar um. Murtagh sabe quantos elfos têm estado a proteger Eragon. Se der pela falta de dois ou mais, poderá suspeitar de uma armadilha. De qualquer forma, Saphira precisará de toda a ajuda possível, para não ser apanhada por Murtagh.

– Três pessoas não são o suficiente para cumprir uma missão destas – insistiu Arya. – Não conseguiríamos garantir a segurança de Eragon, muito menos abrir os portões.

– Então um dos Du Vrangr Gata poderá também acompanhar-vos.

Uma nota de escárnio coloriu o rosto de Arya.

– Nenhum dos teus feiticeiros é suficientemente poderoso ou experiente para isso. Ficaremos em desvantagem à razão de um para cem, ou pior ainda, seremos atacados por soldados vulgares e feiticeiros experientes. Só os Elfos ou os Cavaleiros...

– Ou os Espetros – resmungou Orik.

– Ou os Espetros – admitiu Arya, embora Eragon percebesse que ela estava irritada. – Só esses poderiam resistir a tais obstáculos e, mesmo assim, sem garantias. Deixa-nos levar dois feiticeiros de Blödhgarm. Ninguém mais tem condições para desempenhar a missão, pelo menos entre os Varden.

– Ah sim? E eu sou o quê, figado picado?

Todos se viraram para olhar, surpreendidos, quando Angela avançou de um canto, na parte de trás da tenda. Eragon não suspeitara sequer que ela lá estivesse.

– Que expressão mais estranha – disse a herbanária. – Quem iria comparar-se a figado picado? Se há que escolher um órgão porque não optar por uma vesícula biliar, ou uma glândula do timo? São muito mais interessantes que um figado. E que tal picadinho de t.... Bom, creio que não é importante. – Parou diante de Arya e

olhou para ela. – Importas-te que eu te acompanhe, Álfia? Eu não sou membro dos Varden, no verdadeiro sentido da palavra mas, ainda assim, estou na disposição de completar esse vosso quarteto.

Para grande surpresa de Eragon, Arya curvou a cabeça e disse:

– Claro, emérita. Não era minha intenção ofender-te. Seria uma honra ter-te connosco.

– Ótimo! – exclamou Angela. – Isto é, partindo do princípio de que tu não te importas – disse, dirigindo-se a Nasuada.

Um tanto perplexa, Nasuada abanou a cabeça.

– Se estás disposta a isso, e se Eragon e Arya não se opõem, não vejo qualquer motivo para não ires. Ainda que não imagine por que razão queres ir.

Angela sacudiu os caracóis.

– Esperas que eu te explique todas as decisões que tomo? Muito bem, se isso satisfaz a tua curiosidade, digamos que tenho um certo rancor aos sacerdotes de Helgrind e gostaria de aproveitar a oportunidade para lhes fazer umas maldades. Além disso, se Murtagh aparecer, tenho um ou dois truques na manga que poderão baralhá-lo um pouco.

– Devíamos pedir a Elva que viesse também connosco – disse Eragon. – Se há alguém que nos pode ajudar a evitar o perigo...

Nasuada franziu o sobrolho.

– A sua posição ficou bem clara, da última vez que falámos. Não me vou desfazer em mesuras só para a convencer do contrário.

– Eu falo com ela – disse Eragon. – É comigo que ela está zangada, por isso sou eu que lhe devo perguntar.

Nasuada puxou a franja do vestido dourado, enrolou diversos fios entre os dedos, e disse bruscamente:

– Faz como entenderes. Desagrada-me a ideia de mandar uma criança para uma batalha – mesmo uma criança tão dotada como Elva. – Contudo, acho que ela é mais do que capaz de se proteger a si mesma.

– Desde que a dor dos que estiverem em redor dela não a arrase – disse Angela. – As últimas duas batalhas deixaram-na enrolada num novelo, praticamente incapaz de se mexer ou respirar.

Nasuada parou de mexer os dedos e olhou para Eragon com uma expressão grave.

– Ela é imprevisível. Se decidir acompanhar-vos, tem cuidado com ela, Eragon.

– Terei – prometeu.

Depois, Nasuada começou a discutir alguns problemas de logística com Orrin e Orik, e Eragon recolheu-se parcialmente, pois não podia dar grande contribuição.

Na intimidade da sua mente, foi ao encontro de Saphira, que tinha estado a ouvir as novidades através dele.

Então?, perguntou-lhe. O que achas? Tens estado terrivelmente calada. Tinha quase a certeza de que irias dizer alguma coisa quando Nasuada propôs que entrássemos furtivamente em Dras-Leona.

Não disse nada porque nada tinha a dizer. É um bom plano.

Concordas com ela?!

Já não somos crianças imprudentes, Eragon. Os nossos inimigos poderão ser temíveis, mas nós também somos. É altura de lhes lembrarmos isso.

Incomoda-te que fiquemos separados?

Claro que me incomoda, rugiu ela. Para onde quer que vás os inimigos reúnem-se à tua volta como as moscas na carne. Contudo, já não estás tão indefeso como antes. Saphira quase pareceu ronronar.

Eu, indefeso?, disse ele fingindo-se ofendido.

Só um nadinha. Mas a tua mordedura é mais perigosa do que antes.

Também a tua.

Humm... Vou caçar. Vem aí uma tempestade de partir asas e eu não voltarei a ter oportunidade de comer senão depois de atacarmos.

Voa com cuidado, recomendou ele.

Ao sentir a sua presença a afastar-se, Eragon voltou a dar atenção à conversa dentro da tenda, pois sabia que a sua vida, tal como a de Saphira, dependia das decisões que Nasuada, Orik e Orrin tomassem.

SOB COLINAS E PEDRA

Eragon rodou os ombros, procurando ajustar melhor a cota de malha, debaixo da túnica que usava para esconder a armadura.

Uma escuridão cerrada e opressiva estendia-se por toda a parte, em seu redor. A lua e as estrelas estavam encobertas por uma espessa camada de nuvens. Se não fosse a luz mágica, vermelha, que Angela tinha na palma da mão, nem mesmo Eragon e os Elfos conseguiriam ver alguma coisa.

O ar estava húmido e Eragon sentiu umas gotas frias de chuva a caírem-lhe, uma ou duas vezes, nas faces.

Elva deu uma gargalhada e recusou-se a colaborar quando ele lhe pediu ajuda. Tivera uma longa e intensa discussão com ela, mas não lhe valeu de nada. Saphira chegara mesmo a intervir, voando até à tenda onde a criança-feiticeira dormia, e colocou a sua grande cabeça apenas a escassos metros da rapariga, forçando-a a fitar um dos seus olhos brilhantes e fixos.

Elva não se atrevera a rir nessa altura, mas continuava a recusar obstinadamente. Embora a sua teimosia o frustrasse, Eragon não podia deixar de admirar a sua força de caráter. Dizer não a um Cavaleiro e a um dragão não era algo fácil. Por outro lado, Elva suportara a dor, às catadupas, durante a sua curta vida e essa experiência endurecera-a a um nível raramente visto, mesmo entre os guerreiros mais calejados.

Junto dele, Arya prendeu um longo manto à volta do pescoço. Eragon usava também um manto, tal como Angela e Wyrden, o elfo de cabelo preto que Blödhgarm destacara para os acompanhar. Os mantos eram necessários, não só para os proteger do frio da noite, como também para esconderem as armas de alguém que encontrassem na cidade, se conseguissem lá chegar.

Nasuada, Jörmundur e Saphira acompanharam-nos até ao extremo do campo, onde eles agora estavam. Por entre as tendas, os homens dos Vården, os Anões e os Urgals ultimavam os preparativos para o ataque.

– Não se esqueçam – disse Nasuada, projetando jatos de vapor ao respirar. – Se não conseguirem alcançar os portões até ao amanhecer, descubram um local onde esperar, até amanhã de manhã, e voltaremos a tentar nessa altura.

– Talvez não nos possamos dar ao luxo de esperar – disse Arya.

Nasuada esfregou os braços e acenou com a cabeça. Parecia invulgarmente preocupada.

– Eu sei. De qualquer forma estaremos prontos para atacar, assim que nos contactarem, seja a que hora for. A vossa segurança é mais importante do que conquistar Dras-Leona, lembrem-se disso. – Desviou os olhos para Eragon, enquanto falava.

– É melhor irmos andando – disse Wyrden. – A noite está a avançar.

Eragon encostou a testa a Saphira, por uns instantes.

Boa caçada, disse ela, brandamente.

Igualmente.

Separaram-se relutantemente e Eragon reuniu-se a Arya e a Wyrden, que se afastavam do acampamento, atrás de Angela, em direção à zona este da cidade. Nasuada e Jörmundur desejaram-lhes felicidades e despediram-se ao passarem por eles e, depois, o silêncio envolveu-os. Tudo o que se ouvia era o som da própria respiração e o ruído das botas no chão.

Angela baixou a intensidade da luz na palma da mão até Eragon mal conseguir ver os pés. Tinha de forçar a visão para distinguir as pedras e os ramos caídos no caminho.

Caminharam em silêncio durante quase uma hora, altura em que a herbanária parou e sussurrou:

– Tanto quanto sei, já chegámos. Sou bastante boa a calcular distâncias. Devemos ter-nos desviado mais de trinta metros, mas é difícil ter a certeza de alguma coisa nesta escuridão.

À esquerda, meia dúzia de pontos luminosos, que flutuavam por cima do horizonte, eram a única evidência de que estariam perto de Dras-Leona. As luzes estavam tão perto que quase parecia que as poderiam colher do ar.

Wyrden ajoelhou-se e descalçou a luva da mão direita, Eragon e as duas mulheres reuniram-se à volta dele. Poisando a palma da mão sobre a terra nua, Wyrden começou a trautear o feitiço que aprendera com o feiticeiro dos anões, que Orík enviara para lhes ensinar os métodos de detetar câmaras subterrâneas, antes de partirem para a missão.

Enquanto o elfo cantava, Eragon olhou para a escuridão em redor, de ouvidos e olhos atentos ao inimigo. As gotas de chuva começaram a cair-lhe no rosto com mais frequência. Esperava que o tempo melhorasse antes da batalha, se houvesse batalha.

Uma coruja piou algures e ele levou a mão a Brisingr. Mas depois deteve-se e cerrou o punho. “Barzíl”, disse para si, utilizando a praga favorita de Orík. Estava mais nervoso do que deveria. A evidência de que poderia estar prestes a defrontar-se de novo com Murtagh e Thorn – individualmente ou em conjunto – deixava-o com os nervos em franja.

“Se continuar assim, serei certamente derrotado”, pensou. Por isso abrandou a respiração e iniciou o primeiro dos exercícios mentais que Glaedr lhe ensinara, para manter as emoções sob controlo.

O velho dragão não ficara muito entusiasmado com a missão quando Eragon lhe falou dela, mas também não tinha colocado objeções. Depois de discutirem várias possibilidades, Glaedr dissera-lhe:

Tem cautela com as sombras, Eragon. Os locais escuros escondem coisas estranhas, o que Eragon considerou muito pouco encorajador.

Limpou a humidade que se acumulara no rosto, mantendo a outra mão próxima do punho da espada, e sentiu o cabedal da luva quente e macio na pele.

Baixando a mão, enganchou o polegar no cinto da espada, o cinto de Beloth, O Sábio, sentindo o peso dos doze diamantes perfeitos, escondidos dentro deste. Naquela manhã tinha ido aos currais dos animais de criação e, enquanto os cozinheiros matavam aves e ovelhas para o pequeno-almoço do exército, transferira a energia dos animais moribundos para as jóias. Detestava fazê-lo, pois ao alcançar a mente de um animal – se este ainda tivesse a cabeça presa ao corpo –, a dor e medo deste transferiam-se para dentro de si e, enquanto o animal mergulhava no vazio, era como se ele próprio estivesse também a morrer. Era uma experiência terrivelmente assustadora. Sempre que podia, sussurrava palavras na língua antiga aos animais, para os confortar. Às vezes resultava, outras vezes não. Embora as criaturas fossem morrer de qualquer forma e ele precisasse da energia, odiava essa prática. Era como se fosse responsável pela sua morte e isso fazia-o sentir-se impuro.

Carregado com a energia de tantos animais, calculava que o cinto estivesse agora ligeiramente mais pesado. Mesmo que os diamantes não tivessem qualquer valor, Eragon considerava o cinto mais valioso do que ouro, em consequência das muitas vidas perdidas para o carregar.

Quando Wyrden parou de cantar, Arya perguntou:

– Descobriste-o?

– Por aqui – disse Wyrden, levantando-se.

Uma sensação de alívio e de agitação percorreu Eragon. Jeod tinha razão!

Wyrden conduziu-os ao longo de uma estrada e de uma série de pequenas colinas, descendo depois para um riacho pouco fundo, escondido entre as pregas do terreno.

– A entrada do túnel deve ficar algures por aqui – disse o elfo, apontando para a margem oeste da depressão.

A herbanária aumentou a intensidade da luz mágica, para que pudessem procurar em redor. Depois Eragon, Arya e Wyrden começaram a sondar o mato, ao longo da margem, espetando paus no chão. Eragon arranhou duas vezes as canelas em troncos de bétulas caídas, sorvendo o ar com a dor. Desejava ter colocado os braços, mas deixara-os no acampamento, juntamente com o escudo, pois iriam atrair demasiado as atenções na cidade.

Procuraram durante vinte minutos, calcorreando a margem de cima a baixo, à medida que se afastavam do ponto de partida. Por fim Eragon ouviu um tinido metálico e Arya chamou-os em voz baixa:

– Aqui!

Eles apressaram-se a reunir-se a ela, junto de uma depressão coberta de vegetação, no declive da margem. Arya afastou os arbustos, revelando um túnel de pedra com um metro e meio de altura e noventa centímetros de largura. Um portão enferrujado de ferro cobria o enorme buraco.

– Olhem! – disse Arya, apontando para o chão.

Eragon olhou e viu um caminho que saía do túnel. Mesmo sob a estranha luz mágica da herbanária, Eragon percebeu que o trilho estava gasto e pisado. Uma ou mais pessoas deveriam estar a utilizar o túnel para entrar e sair sub-repticiamente de Dras Leona.

– Devemos prosseguir com cautela – sussurrou Wyrden.

Angela pigarreou ligeiramente.

– Como planeavam prosseguir? Com trompetas e arautos? Francamente.

O elfo evitou responder-lhe, mas parecia visivelmente constrangido.

Arya e Wyrden arrancaram a grade e entraram com precaução no túnel, conjurando cada um uma luz mágica. As esferas sem chamas fluíam por cima das suas cabeças como pequenos sóis vermelhos, embora não emitissem mais luz do que meia dúzia de brasas.

Eragon deixou-se ficar para trás e disse a Angela.

– Porque te tratam os Elfos tão respeitosamente? Quase parecem ter medo de ti.

– Achas que não mereço respeito?

Ele hesitou.

– Um dia destes vais ter de me falar acerca de ti, sabes?

– O que te leva a pensar isso? – Dito isto, empurrou-o para entrar no túnel com o manto a ondular como as asas de um Lethrblaka.

Eragon abanou a cabeça e seguiu-a.

A pequena herbanária não teve de se baixar muito para evitar bater com a cabeça no teto, mas Eragon precisou de se curvar como um velho com reumático, tal como os dois elfos. O túnel estava em grande parte vazio. Uma fina camada de poeira acumulada cobria o chão. Havia pedras e paus espalhados à entrada do túnel, até um cantil de pele abandonado. A passagem cheirava a palha húmida e a asas de traças.

Eragon e os outros caminhavam tão silenciosamente quanto possível mas, como o túnel amplificava os sons, todos os ruídos ecoavam carregando o ar com uma infinidade de sussurros sobrepostos, murmúrios e suspiros que pareciam ter vida própria. Eragon tinha a impressão de estar rodeado de uma horda de espíritos incorpóreos, que comentavam todos os seus movimentos.

“É escusado pensar em apanhar alguém de surpresa”, pensou, ao raspar com uma bota numa pedra, que saltou contra a parede do túnel com um estalido sonoro que se multiplicou umas cem vezes, ao propagar-se pelo túnel.

– Desculpem – disse ele, movendo a boca em silêncio, ao ver que todos o olhavam.

Um sorriso irónico desenhava-se nos seus lábios. “Pelo menos sabemos a causa dos ruídos estranhos debaixo de Drás-Leona.” Teria de contar a Jeod quando regressassem.

Depois de percorrer uma distância considerável no interior do túnel, Eragon parou e olhou para a entrada, que entretanto desaparecera na escuridão. A obscuridade era quase palpável, como um pano pesado que cobria o mundo. Isso aliado às paredes estreitas e ao teto baixo, fazia-o sentir-se desconfortavelmente apertado e oprimido. Por norma não se importava de estar em espaços confinados, mas o túnel lembrava-lhe o labirinto de corredores rudemente talhados, no interior de Helgrind, onde ele e Roran tinham combatido os Ra’zac – e não era uma memória nada agradável.

Respirou fundo e deitou o ar fora.

No instante em que se dispunha a prosseguir, teve um vislumbre de dois grandes olhos a cintilar nas sombras, como um par de adúlrias acobreadas. Agarrou Brisingr e tinha já desembainhado a espada alguns centímetros, quando Solenbum emergiu da escuridão, caminhando sobre as patas silenciosas.

O homem-gato parou nos limites da luz. As orelhas de pontas negras estremeceram e as mandíbulas entreabriram-se numa expressão aparentemente divertida.

Eragon descontraiu e curvou a cabeça ao ver o gato. Já devia calcular. Para onde quer que Angela fosse Solenbum invariavelmente seguia-a. Eragon interrogou-se mais uma vez sobre o passado da herbanária: “Como teria ela conseguido conquistar a sua lealdade?”

À medida que o resto do grupo se distanciava, as sombras iam cobrindo de novo Solenbum, ocultando-o de Eragon.

Reconfortado pela constatação de que o homem-gato os estava a vigiar, Eragon apertou o passo para apanhar os outros.

Antes do grupo abandonar o acampamento, Nasuada informou-os sobre o número exato de soldados que estavam na cidade, os locais onde se encontravam estacionados, os seus deveres e hábitos. Dera-lhes também detalhes sobre o quarto onde Murtagh dormia, sobre o que ele comia e até sobre o seu estado de espírito na noite anterior. As suas informações eram extraordinariamente precisas. Quando a questionaram, ela sorriu e explicou que os homens-gato andavam a espiar Dras-Leona, desde a chegada dos Várden. E que logo que Eragon e os companheiros saíssem no interior da cidade, os homens-gato iriam guiá-los até aos portões sul, mas tentariam evitar revelar a sua presença ao Império; caso contrário deixariam de poder informar Nasuada tão eficazmente. Afinal de contas, quem iria desconfiar que um gato invulgarmente grande, que andava ali por perto, era um espião inimigo?

Ao rever o briefing de Nasuada, Eragon constatou que a grande fraqueza de Murtagh era o facto de ter ainda de dormir. “Se não o capturarmos nem o matarmos hoje, da próxima vez que nos encontrarmos, talvez seja boa ideia descobrirmos uma forma de o acordar a meio da noite e durante mais de uma noite, se possível. Três ou quatro noites mal dormidas e deixará de estar em condições de lutar.”

Continuaram a caminhar sem parar ao longo do túnel, que seguia a direito como uma flecha, sem curvas nem esquinas. Eragon julgou detetar uma ligeira inclinação ascendente – o que faria todo o sentido, uma vez que fora concebido para canalizar os desperdícios para fora da cidade –, mas não tinha bem a certeza.

Algun tempo depois, a terra debaixo dos seus pés começou a tornar-se mais macia e a colar-se às botas como barro húmido. A água pingava do teto, caindo por vezes sobre a nuca de Eragon e deslizando-lhe pela espinha como um dedo frio. Uma vez ele escorregou num pedaço de lama e, quando esticou a mão para se equilibrar, viu que a parede estava coberta de lodo.

Um período indeterminado de tempo passou. Tanto poderiam ter passado uma hora no túnel como dez horas, ou apenas alguns minutos. Fosse como fosse, Eragon sentia o pescoço e os ombros doridos de caminhar meio curvado, e começou a ficar saturado de estar sempre a olhar para o que pareciam ser os mesmos seis metros de pedra com matizes rosados.

Por fim, reparou que os ecos estavam a diminuir e que o som se propagava em intervalos cada vez maiores. Pouco depois, o túnel desembocou numa ampla câmara

retangular, com um teto em semi-cúpula, mais do que metros, e meio de altura, no ponto mais alto. Tirando um barril apodrecido a um canto, a câmara encontrava-se vazia. Do lado oposto, três arcadas idênticas abriam-se para três salas iguais, pequenas e escuras, mas Eragon não conseguia ver onde iam dar.

O grupo parou e Eragon endireitou lentamente as costas, retraindo-se ao esticar os músculos doridos.

– Isto não devia fazer parte das plantas de Erst Barba Azul – disse Arya.

– Por onde seguimos? – perguntou Wyrden.

– Não é óbvio? – interpelou a herbanária. – Pela esquerda, é sempre pela esquerda – disse, avançando para essa arcada, ao mesmo tempo que falava.

Eragon não se conseguiu conter.

– A esquerda para quem vem de onde? Se viéssemos do outro lado, a esquerda...

– A esquerda seria a direita e a direita seria a esquerda, sim, sim – continuou a herbanária, franzindo os olhos. – Por vezes és mais inteligente do que convém, Aniquilador de Espetros... Muito bem, vamos fazer as coisas à tua maneira. Mas depois não digas que não te avisei, se acabarmos por aí perdidos, dias a fio.

Na verdade, Eragon teria preferido seguir pela arcada do meio, pois parecia-lhe a que mais provavelmente os conduziria às ruas, em cima; mas não queria envolver-se numa discussão com a herbanária. “Seja como for, não tardaremos a encontrar escadas”, pensou ele. “Não devem existir assim tantas câmaras por baixo de Dras-Leona.”

Angela seguiu à frente, erguendo a luz mágica bem alto. Wyrden e Arya avançaram atrás dela e Eragon seguiu-os à retaguarda.

A sala depois da arcada da direita era maior do que parecia, de início, pois estendia-se doze metros para o lado, virava, e prolongava-se por mais alguns metros, terminando num corredor salpicado de castiçais vazios. Ao fundo do corredor havia uma pequena sala, ladeada por três arcos, que davam acesso a salas com mais arcos, e por aí adiante.

“Quem terá construído isto e porquê?”, pensou Eragon, perplexo. Todas as salas que tinham visto estavam desertas e sem mobília. A única coisa que encontraram foi um banco de duas pernas, que se desmanchou quando Eragon lhe tocou com a biqueira da bota, e uma pilha de loiça de cerâmica partida, a um canto, por baixo de um véu de teias de aranha.

Angela não hesitava nem parecia confusa em relação à direção que deveria seguir, pois escolhia invariavelmente o caminho da direita. Eragon ter-se-ia oposto, mas não lhe ocorria melhor alternativa ao seu método.

A herbanária parou ao chegarem a uma sala circular com sete arcadas, ao longo das paredes, em intervalos equidistantes. Sete corredores estendiam-se das arcadas, incluindo aquele que tinham acabado de percorrer.

– Marca o sítio de onde viemos senão vamos ficar completamente baralhados – sugeriu Arya.

Eragon foi para o corredor e traçou uma linha na parede de pedra com o guarda-mão de Brisingr. Ao fazê-lo, olhou para a escuridão, na tentativa de ver Solenbum, mas não lhe distinguiu sequer um bigode. Esperava que o homem-gato não se tivesse perdido algures no labirinto de salas. Esteve quase para tentar alcançá-lo com a mente mas resistiu à tentação, pois poderia alertar o Império para o local onde estavam, se mais alguém o sentisse por ali às apalpadelas.

– Ah! – exclamou Angela. Pondo-se em bicos de pés, ergueu a luz mágica o mais alto possível, fazendo mover as sombras em torno de Eragon.

Eragon dirigiu-se apressadamente para o centro da sala, onde estava ela, Arya e Wyrden.

– O que é? – sussurrou ele.

– O teto, Eragon – murmurou Arya. – Olha para o teto.

Ele fez o que lhe disseram, mas tudo o que viu foram blocos de pedra antigos, carregados de bolor, e de tal forma cobertos de rachas que lhe pareceu incrível que o teto não tivesse desabado há muito.

Depois a sua visão modificou-se e ele arquejou.

As linhas não eram rachas mas runas profundamente entalhadas na pedra – fiadas e fiadas delas. Eram pequenas e elegantes, com ângulos agudos e pernas direitas. O bolor e a passagem dos séculos tinham feito sumir partes do texto, mas grande parte era ainda legível.

Eragon debateu-se com as runas durante uns breves instantes, mas reconheceu apenas algumas das palavras, e mesmo essas estavam escritas de maneira diferente do que ele estava habituado.

– O que diz? – perguntou ele. – Está escrito na Língua dos Anões?

– Não – respondeu Wyrden –, está na língua do teu povo, mas como ela era falada e escrita há muito tempo atrás, e num dialeto muito particular: o dialeto do zelote Tosk.

Aquele nome era-lhe familiar.

– Quando eu e Roran resgatámos Katrina, ouvimos os sacerdotes de Helgrind falarem num livro de Tosk.

Wyrden acenou com a cabeça.

– É ele que fundamenta a sua fé. Tosk não foi o primeiro a devotar orações a Helgrind, mas foi o primeiro a codificar as suas crenças e práticas, e muitos outros o imitaram desde então. Todos os que veneram Helgrind reconhecem-no como um profeta do divino. É isto... – O elfo abriu os braços – é a história de Tosk desde o nascimento até à morte: uma história verdadeira, que os seus discípulos jamais partilharam com alguém estranho à sua seita.

– Poderíamos aprender muito com isto – disse Angela, sem nunca tirar os olhos do teto. – Se ao menos tivéssemos tempo... – Eragon estava surpreendido por vê-la tão fascinada.

Arya olhou de relance para os sete corredores.

– Esperamos um momento então, mas leiam depressa.

Enquanto Angela e Wyrden iam atenta e avidamente as runas, Arya aproximou-se de uma das arcadas e começou a entoar um feitiço de localização, num tom de voz baixo. Quando terminou, esperou um momento de cabeça inclinada, encaminhando-se depois para a arcada seguinte.

Eragon olhou um pouco mais para as runas, voltando depois para a entrada do corredor que os conduzia até lá, e encostou-se a uma parede enquanto esperava. O frio das pedras infiltrou-se-lhe no ombro.

Arya parou diante da quarta arcada. A cadência familiar da recitação, subia e descia, como uma brisa suave.

Mais uma vez, nada.

Eragon sentiu uma ligeira comichão nas costas da mão direita e olhou para baixo. Tinha um enorme grilo sem asas agarrado à luva. O inseto era horrível: negro e bulboso, com patas farpadas e uma cabeça semelhante a um crânio. A carapaça brilhava como óleo.

Eragon estremeceu, com a pele arrepiada, e sacudiu o braço, atirando com o grilo para a escuridão.

O grilo aterrou com um ruído surdo.

O quinto corredor revelou-se tão infrutífero para Arya quanto os precedentes. Ignorando a entrada onde Eragon estava, ela colocou-se diante da sétima arcada.

Antes que conseguisse lançar o feitiço, um uivo gutural ecoou pelo corredor, parecendo vir de todas as direções ao mesmo tempo. Depois ouviu-se bufar, um ruído seco e um guincho que arrepiou todos os pelos do corpo de Eragon.

Angela virou-se.

– Solenbum!

Todos desembainharam as espadas, como se fossem um só.

Eragon recuou para o centro da sala, olhando sucessivamente para cada arcada, e sentiu uma comichão e um formigueiro, semelhante a uma picada de mosca, no

seu gedwëy ignasia – um aviso inútil, pois não lhe revelava de que perigo se tratava nem onde estava.

– Por aqui – disse Arya, encaminhando-se para a sétima arcada.

A herbanária recusou-se a mexer.

– Não! – sussurrou ela, com veemência. – Temos de o ajudar. – Eragon reparou que ela empunhava uma espada curta com uma estranha lâmina incolor que brilhava à luz como uma pedra preciosa.

Arya franziu o sobrolho.

– Se Murtagh ficar a saber que estamos aqui, vamos...

Tudo aconteceu tão depressa e tão silenciosamente, que Eragon jamais teria dado por isso se não estivesse a olhar na direção certa: meia dúzia de portas ocultas nas paredes de três corredores abriram-se e cerca de trinta homens, vestidos de negro, correram na direção deles, de armas em punho.

– Letta! – gritou Wyrden, e os homens de um grupo chocaram uns com os outros, como se os da frente esbarrassem de cabeça contra uma parede.

Mas, depois, o resto dos atacantes caiu-lhes em cima e não houve tempo para magia. Eragon aparou facilmente um golpe, decapitando o atacante com um inesperado golpe circular. Tal como todos os outros, o homem usava um lenço a cobrir-lhe o rosto, deixando-lhe apenas os olhos à vista, e este flutuou quando a cabeça girou pelo ar em direção ao chão.

Eragon sentiu-se aliviado ao sentir Brisingr enterrar-se em carne. Por instantes ele recebeu que os adversários estivessem protegidos por feitiços, armaduras – ou pior do que isso – que não fossem humanos.

Trespasseou outro homem nas costelas e, tinha acabado de se virar para lidar com mais dois atacantes, quando uma espada que não deveria lá estar descreveu um arco pelo ar, em direção à sua garganta. As proteções salvaram-no de uma morte certa, contudo, com a espada a escassos centímetros do pescoço, Eragon não teve outro remédio senão cambalear para trás.

Para seu espanto, o homem que trespassara estava ainda de pé, com sangue a escorrer-lhe do flanco, aparentemente alheado do buraco que Eragon lhe fizera.

O pavor apossou-se de Eragon.

– Eles não sentem dor – gritou ele, ao mesmo tempo que tentava freneticamente aparar espadas de três direções distintas. Se alguém o ouviu, não respondeu.

Não perdeu mais tempo a falar, concentrando-se no combate com os homens que tinha à sua frente, e confiante de que os seus companheiros lhe protegeriam a retaguarda.

Eragon atacava, aparava golpes e esquivava-se, brandindo Brisingr no ar, como se esta não pesasse mais do que uma chibata. Em circunstâncias normais, ele teria matado qualquer um dos homens num instante. No entanto, o facto de serem imunes à dor, significava que Eragon teria de os decapitar, trespassar-lhes o coração, ou golpeá-los e contê-los até que a perda de sangue os deixasse inconscientes; de contrário os atacantes continuariam a tentar matá-lo, independentemente dos ferimentos que sofressem. Com aquele número de homens, era-lhe difícil evitar todos os golpes e contra-atacar. Poderia ter parado de se defender e deixar simplesmente que as suas defesas o protegessem, mas isso cansá-lo-ia tão depressa como se usasse Brisingr. Como não podia prever ao certo o momento em que as suas proteções começariam a falhar – o que aconteceria a dada altura, de contrário matá-lo-iam – e sabia que poderia precisar delas mais tarde, lutou tão cautelosamente como se estivesse a enfrentar homens cujas espadas o pudessem matar ou mutilar de uma só vez.

Mais guerreiros vestidos de negro saíram das entradas ocultas dos corredores. Aglomeravam-se em torno de Eragon, obrigando-o a recuar apenas devido à superioridade numérica, e agarravam-lhe as pernas e os braços, ameaçando imobilizá-lo.

– Kverst – resmungou ele entredentes, proferindo uma das doze palavras mortais que Oromis lhe ensinara. Mas o feitiço não produziu efeito, tal como ele desconfiava: os homens estavam protegidos contra ataques mágicos diretos. Eragon preparou rapidamente um feitiço que Murtagh usara uma vez nele:

– Thrysta vindr! – Era uma forma indireta de atacar os homens, pois não estava realmente a atacá-los, mas a empurrar o ar contra eles. De qualquer modo, resultou.

Um rajada de vento encheu a sala e fustigou o cabelo e o manto de Eragon, projetando os homens que estavam mais perto contra os seus companheiros e abrindo um espaço de três metros à sua frente. A sua energia declinou proporcionalmente, mas não a ponto de o incapacitar.

Virou-se para ver como os outros se estavam a sair. Ele não tinha sido o primeiro a descobrir uma forma de contornar as proteções dos atacantes; explosões de relâmpagos projetavam-se do braço direito de Wyrden, enrolando-se em torno de qualquer guerreiro que tivesse a infelicidade de passar diante de si. Os cordões luminosos de energia pareciam quase líquidos, ao retorcerem-se em torno das vítimas.

Mas havia mais homens a tentar entrar na sala.

– Por aqui! – gritou Arya, saltando na direção do sétimo corredor – aquele que não conseguira examinar antes da emboscada.

Wyrden seguiu-a, tal como Eragon. Angela vinha atrás, a coxear, agarrada a um golpe ensanguentado no ombro. Atrás deles, os homens vestidos de negro hesitaram, deambulando por uns instantes, em alvoroço pela sala. Depois deram um urro estrondoso e começaram a persegui-los.

Enquanto corria pelo corredor, Eragon esforçou-se por criar uma variação do anterior feitiço, que lhe permitiria matar os homens e não apenas atirá-los para longe. Ele concebeu rapidamente um feitiço e preparou-se para o lançar, pois conseguia ver um número considerável de atacantes.

“Quem serão eles?”, pensou. “Quantos serão?”

Mais adiante teve um vislumbre de uma passagem através da qual brilhava uma luz ténue, arroxeadada. Mal teve tempo para se preocupar de onde vinha a luz, pois a herbanária deu um grito sonoro e ele viu um clarão mortiço, alaranjado, acompanhado de um estrondo ensurdecedor. Um cheiro a enxofre impregnou o ar.

Eragon deu meia-volta e viu cinco homens a arrastarem a herbanária através de uma entrada que se abria de um dos lados do corredor.

– Não! – gritou Eragon, mas a porta fechou-se tão silenciosamente como se abrisse, antes que ele o conseguisse impedir, e a parede voltou a parecer perfeitamente sólida.

– Brisingr! – gritou ele e a sua espada irrompeu em chamas. Encostou a ponta da espada à parede e tentou perfurar a pedra, com o intuito de abrir a porta. Contudo a pedra era espessa e derretia lentamente, pelo que ele depressa entendeu que gastaria muito mais energia do que estava disposto a sacrificar.

Arya apareceu depois a seu lado, colocando a mão no sítio onde a porta estava, e murmurou:

– Ládrin. Abre-te –, mas a porta permaneceu teimosamente fechada. Eragon sentiu-se embaraçado por não se ter lembrado de tentar isso primeiro.

Os seus perseguidores estavam agora tão perto que ele e Arya não tiveram outro remédio senão virar-se e enfrentá-los. Eragon queria lançar o feitiço que inventara, mas o corredor tinha apenas espaço para dois homens de cada vez e ele não conseguiria matar os restantes, na medida em que não estavam visíveis. Decidiu que seria melhor manter o feitiço em segredo e guardá-lo para quando pudesse matar a maioria dos guerreiros, de uma só vez.

Eragon e Arya decapitaram os dois homens da frente e atacaram os dois que estavam a seguir, passando por cima dos seus corpos. Mata-ram mais seis atacantes numa rápida sucessão, mas estes pareciam nunca mais acabar.

– Por aqui! – gritou Wyrden.

– Stenr slauta! – exclamou Arya e as pedras das paredes explodiram ao longo do corredor, a poucos metros do local onde eles se encontravam. Os homens de negro encolheram-se e cambalearam com a saraivada de estilhaços aguçados, e alguns deles caíram, incapacitados.

Eragon e Arya viraram-se para seguir Wyrden, que corria em direção à passagem, ao fundo do corredor, e que estava agora a menos de dez metros dela...

Três metros...

Dois metros...

Depois, dezenas de espigões de ametista irromperam de uns buracos no chão e no teto, apanhando Wyrden entre eles. O elfo parecia flutuar no meio do corredor, com os espigões a escassos milímetros da pele, pois as suas proteções repeliam os espinhos de cristal. Uma descarga crepitante de energia percorreu os espigões que

projetaram um brilho ofuscante na ponta, cravando-se no seu corpo com um ruído desagradável.

Wyrden gritava e esbracejava. Depois a sua luz mágica apagou-se e ele não se voltou a mexer.

Eragon olhou incrédulo, parando aos tropeções diante dos espigões. Apesar de toda a experiência que tinha em combate, nunca testemunhara a morte de um elfo. Wyrden, Blódhgarm e o resto do bando eram de tal forma talentosos que Eragon acreditava que apenas poderiam morrer em combate com Galbatorix ou Murtagh.

Arya parecia igualmente estupefacta, contudo recuperou depressa.

– Eragon – disse num tom insistente –, abre-nos caminho com Brisingr.

Ele percebeu. A sua espada, ao contrário da dela, resistia à magia maléfica dos espigões.

Eragon puxou o braço para trás, brandindo a espada com toda a força. Meia dúzia de espigões estilhaçaram-se por baixo do gume adamantino de Brisingr. As ametistas produziram um som semelhante a um sino, quando se partiram, e os cacos cintilaram como gelo ao caírem no chão.

Eragon manteve-se do lado direito do corredor, tendo o cuidado de não tocar nos espigões ensanguentados sobre os quais se erguia o corpo de Wyrden. E brandiu repetidas vezes a espada, na tentativa de abrir caminho por entre o labirinto de espigões. Fragmentos de ametista voavam pelo ar, sempre que Eragon desferia um golpe. Um deles cortou-lhe a face esquerda e ele retraiu-se, surpreendido, receando que as suas proteções tivessem falhado.

As pontas aguçadas dos espigões partidos forçavam-no a avançar com cautela. Os cepos de baixo poderiam facilmente furar-lhe as botas e os de cima ameaçavam golpeá-lo à altura da cabeça e do pescoço. Ainda assim Eragon conseguiu abrir caminho até ao lado oposto do labirinto de espigões apenas com um pequeno golpe na barriga da perna, que lhe ardia sempre que assentava o peso do corpo sobre ela.

Os guerreiros vestidos de negro estavam prestes a alcançá-los. E Eragon ajudava Arya a ultrapassar as últimas fiadas de espigões. Assim que ela se desembarçou deles, os dois correram através da passagem em direção à luz arroxeadada, embora a vontade de Eragon fosse dar meia-volta e confrontar os seus atacantes, matando-os como retaliação pela morte de Wyrden.

Do outro lado da passagem, havia uma câmara de construção sólida que lhe lembrava as cavernas por baixo de Tronjheim. Um enorme desenho circular com incrustações de pedra – mármore, calcedónia e hematite polida – preenchia o chão, ao centro. Em redor do círculo ornamentado viam-se pedaços grosseiros de ametista, do tamanho de um punho, encaixados em anéis de prata. Cada pedaço purpúreo de rocha brilhava suavemente – era daí que provinha a luz que tinham visto do corredor. Na parede oposta, do outro lado do círculo, havia um grande altar negro, coberto com um pano dourado e vermelho. O altar estava ladeado de colunas e candelabros, e tinha uma porta fechada de cada lado.

Eragon viu tudo isto ao irromper pela sala, breves instantes antes de perceber que o seu balanço o levaria a atravessar o anel de ametistas, entrando no círculo. Tentou parar e desviar-se para o lado, mas ia demasiado depressa.

Desesperado, fez a única coisa que poderia fazer: saltou em direção ao altar, esperando conseguir ultrapassar o círculo num único salto.

Ao voar sobre a ametista mais próxima, a sua última sensação foi de arrependimento e o seu último pensamento foi para Saphira.

ALIMENTAR UM DEUS

A primeira coisa em que Eragon reparou foi na diferença de cores.

Os blocos no teto tinham uma cor mais intensa. Detalhes anteriormente ocultos pareciam agora precisos e vívidos, e os que sobressaíam estavam menos perceptíveis. A sumptuosidade do círculo ornamentado, por baixo dele, era ainda mais evidente.

Demorou algum tempo a perceber o motivo da mudança: a luz mágica de Arya já não iluminava a câmara. Toda a luz provinha do brilho suave dos cristais e das velas dos candelabros.

Só então Eragon deu conta que tinha algo entalado na boca, que o forçava a abrir completamente o maxilar, num ângulo doloroso, e que estava pendurado pelos pulsos, numa corrente presa ao teto. Tentou mexer-se e apercebeu-se de que tinha os tornozelos agrilhoados, presos a um aro metálico no chão.

Ao torcer-se no mesmo sítio, viu Arya a seu lado, presa e suspensa da mesma forma. Tal como ele, estava amordaçada com um novelo de tecido e tinha um trapo amarrado à volta da cabeça para a imobilizar.

Arya já estava consciente e observava-o. Eragon percebeu que ela ficou aliviada por ter recuperado os sentidos.

“Porque é que ela ainda não fugiu?” perguntou-se a si próprio. E depois: “O que aconteceu?” Ele sentia-se embotado e lento, como se estivesse bêbado de cansaço.

Olhou para baixo e viu que fora despojado das armas e da armadura; estava apenas de perneiras. O cinto de Beloch, o Sábio, tinha desaparecido tal como o colar que os Anões lhe ofereceram para impedir que lhe sondassem a mente.

Olhou para cima e viu que Aren, o anel dos Elfos, lhe desaparecera da mão.

Eragon foi invadido por uma sensação de pânico, mas depois tranquilizou-se com a evidência de que não estava indefeso, pelo menos enquanto conseguisse fazer magia. Como tinha um pano na boca, teria de lançar um feitiço sem o proferir em voz alta, o que era um pouco mais perigoso do que o método habitual. Na medida em que, se a mente se dispersasse no processo, ele poderia escolher acidentalmente as palavras erradas. Não era, contudo, tão perigoso quanto lançar um feitiço sem utilizar a língua antiga; o que era de facto perigoso. De qualquer forma, ele precisaria apenas de uma pequena quantidade de energia para se libertar e estava confiante que o conseguiria sem grandes problemas.

Fechou os olhos e preparou-se, reunindo os seus recursos. Ao fazê-lo, ouviu Arya sacudir a sua corrente, emitindo ruídos abafados.

Ele olhou-a de relance e viu-a abanar a cabeça. Arqueou as sobrancelhas e questionou-a sem falar: “O que é?” Mas ela conseguia apenas roncar e abanar a cabeça.

Frustrado, Eragon projetou cautelosamente a mente na direção de Arya – atento à mais pequena intrusão de outra pessoa – e ficou alarmado ao sentir apenas uma pressão suave e indistinta em seu redor, como se tivesse fardos de lã em redor da mente.

O pânico começou a crescer dentro dele, apesar dos esforços para o controlar.

Não estava drogado, disso Eragon tinha a certeza. Mas também não sabia o que mais o poderia impedir de tocar na mente de Arya para além de uma droga. Se se tratava de magia, era diferente de qualquer tipo que conhecia.

Eragon e Arya cruzaram o olhar por uns instantes. Depois, uma sensação de movimento fê-lo olhar para cima e ele viu fios de sangue a escorrerem-lhe pelos antebraços; as grilhetas em torno dos pulsos tinham-lhe esfolado a pele.

A raiva tomou conta dele. Agarrou na corrente por cima de si e puxou-a com toda a força. Os elos aguentaram, mas Eragon recusou-se a desistir. Frenético de raiva, ele puxou-a repetidamente, sem querer saber do mal que causava a si próprio.

Finalmente parou e ficou suspenso, inerte, sentindo o sangue quente a escorrer-lhe dos pulsos até à nuca e aos ombros.

Decidido a escapar, Eragon sondou o fluxo de energia dentro do seu corpo e gritou mentalmente, dirigindo o feitiço às grilhetas:

Kverst malnr ðu huidrs edthá, mar frëma né thön eka threyja!

Sentiu todos os nervos do corpo a arderem de dor e gritou contra a mordaça. Incapaz de manter a concentração, Eragon perdeu o controlo do feitiço e o encantamento cessou.

A dor desapareceu de imediato, mas deixou-o sem ar e com o coração a martelar-lhe pesadamente o peito, como se tivesse saltado de um penhasco. A experiência era semelhante aos ataques que sofrera antes dos dragões lhe curarem a cicatriz nas costas, durante o Agaeti Blödhren.

Enquanto recuperava lentamente, viu Arya olhar para ele com uma expressão preocupada. Também ela deveria ter tentado lançar um feitiço. E depois: “Como é possível que isto tenha acontecido?” Ambos presos e indefesos, Wyrden morto, a herbanária capturada ou assassinada e Solembum muito provavelmente caído, ferido, algures no labirinto subterrâneo. Isto se os guerreiros de negro não o tivessem já matado. Eragon não conseguia entender. Ele, Arya, Wyrden e Angela eram dos grupos mais capazes e perigosos de Alagaësia. No entanto tinham fracassado, e ele e Arya estavam à mercê dos seus inimigos.

“Se não conseguirmos fugir...” Tentou abstrair-se disso, pois não suportava pensar no assunto. Desejava, acima de tudo, poder contactar Saphira, nem que fosse apenas para se assegurar de que ela estava bem e consolar-se na sua companhia. Embora Arya estivesse com ele, sentia-se incrivelmente só, e isso enervava-o mais do que qualquer outra coisa.

Apesar das dores nos pulsos, Eragon voltou a puxar a corrente convencido de que se continuasse, conseguiria soltá-la do teto. Tentou torcê-la, pensando que seria mais fácil parti-la dessa forma, mas as grilhetas em torno dos tornozelos impediam-no de se virar muito, quer para um lado quer para o outro.

As feridas nos pulsos forçaram-no a parar. Ardiam-lhe como fogo e ele receava acabar por cortar um músculo se continuasse. Tinha perder demasiado sangue, pois as feridas sangravam intensamente e Eragon não sabia quanto tempo ambos teriam de ficar ali pendurados, à espera.

Era impossível saber que horas eram, mas ele calculava que estivessem presos apenas há algumas horas, dado que não sentia necessidade de comer, beber, ou aliviar-se. Porém isso iria mudar, o que apenas aumentaria o seu desconforto.

A dor nos pulsos de Eragon tornava cada minuto insuportavelmente longo. De vez em quando, olhavam um para o outro, tentando comunicar, mas os seus esforços revelavam-se sempre inúteis. Por duas vezes, as suas feridas criaram crosta e ele arriscou puxar de novo a corrente, mas sem sucesso. De uma maneira geral, ele e Arya estavam a aguentar-se.

Quando Eragon se começou a interrogar se alguém iria aparecer, ouviu o som de sinos de ferro algures nos túneis e nos corredores, e as portas de ambos os lados do altar negro abriram-se em silêncio. Eragon contraiu os músculos, expectante, e ficou de olhos postos nas entradas, tal como Arya.

Um minuto aparentemente interminável passou.

Depois os sinos voltaram a repicar num tom dissonante e desabrido, enchendo a câmara de uma infinidade de ecos furiosos. Três noviços entraram pela porta: jovens vestidos de dourado, cada qual com uma armação com sinos suspensos. Atrás deles vinham vinte e quatro homens e mulheres, nenhum dos quais tinha todos os membros. Ao contrário dos seus antecessores, os alejados usavam túnicas de cabedal escuro, cortadas em função das suas deficiências. Atrás de todos, seis escravos oleados transportavam uma padiola sobre a qual vinha sentada uma figura sem braços, sem pernas, sem dentes e, aparentemente, sem sexo: o sumo-sacerdote de

Helgrind. Sobre a sua cabeça erguia-se uma crista de noventa centímetros, que lhe dava uma aparência ainda mais disforme.

Os sacerdotes e os noviços colocaram-se junto ao círculo ornamentado, no chão, enquanto os escravos poisavam delicadamente a padiola sobre o altar, no topo da sala. Depois, os três jovens perfeitos e atraentes tocaram de novo os sinos, gerando um estrépito dissonante, e os sacerdotes vestidos de cabedal entoaram uma frase curta, tão rapidamente que Eragon não conseguiu perceber bem o que eles disseram, embora lhe tivesse parecido uma frase ritualista. Por entre o amontoado de palavras, Eragon distinguiu os nomes de três picos de Helgrind: Gorm, Ikla e Fell Angvara.

O sumo-sacerdote olhou para ele e para Arya; tinha uns olhos semelhantes a lascas de obsidiana.

– Bem-vindos ao palácio de Tosk – disse ele e a sua boca mirrada distorceu as palavras. – É a segunda vez que invades os nossos aposentos privados, Cavaleiro do Dragão. Não terás oportunidade de o fazer de novo... Galbatorix ter-nos-ia mandado poupar as vossas vidas e mandar-vos para Urû'baen. Acha que consegue obrigar-vos a servi-lo. Sonha em ressuscitar os Cavaleiros e recuperar a raça dos dragões, mas eu considero os sonhos dele uma loucura. Vocês são demasiado perigosos e nós não queremos que os dragões reapareçam. As pessoas, regra geral, acreditam que adoramos Helgrind, mas isso é uma mentira que contamos para esconder a verdadeira natureza da nossa religião. Não é Helgrind que veneramos, mas os Anciãos que fizeram dele o seu covil e a quem sacrificámos a nossa carne e o nosso sangue. Os Ra'zac são os nossos deuses, Cavaleiro do Dragão – os Ra'zac e os Lethrblaka.

O pavor percorreu Eragon como uma doença.

O sumo-sacerdote cuspiu nele e a saliva escorreu-lhe pelo lábio inferior, flácido.

– Não há tortura que seja suficientemente penosa para o teu crime, Cavaleiro. Mastate os nossos deuses, tu e esse teu maldito dragão. Por isso tens de morrer.

Eragon debateu-se nas grilhetas e tentou gritar ainda que com a mordaça. Se pudesse falar poderia ganhar algum tempo, talvez dizendo-lhes quais tinham sido as últimas palavras dos Ra'zac, ou ameaçando-os com a vingança de Saphira. Mas os seus captores não pareciam inclinados a tirar-lhe a mordaça.

O sumo-sacerdote sorriu com um esgar hediondo, revelando as gengivas cinzentas.

– Jamais escaparás, Cavaleiro. Estes cristais foram encantados para aprisionar qualquer pessoa que tente profanar o nosso templo ou roubar os nossos tesouros, mesmo alguém como tu. E também não há ninguém que te possa salvar. Dois dos teus companheiros estão mortos – sim, mesmo aquela bruxa intronizada – e Murtagh não sabe da vossa presença aqui. Hoje é o dia da tua morte, Eragon Aniquilador de Espetros. – Depois, o sumo-sacerdote inclinou a cabeça para trás e soltou um assobio medonho e gorgolejante.

Quatro escravos de tronco nu saíram pela entrada escura, à esquerda do altar. Traziam às costas uma plataforma com duas grandes protuberâncias baixas em forma de xicara, ao centro. Dentro das protuberâncias havia um par de objetos ovais, cada um com cerca de quarenta e cinco centímetros de comprimento e quinze centímetros de largura. Os objetos eram negros azulados e esburacados como o arenito.

“O tempo pareceu abrandar para Eragon. Não é possível que sejam...”, pensou. Mas o ovo de Saphira era liso e raído como mármore. Fossem o que fossem aqueles objetos, não eram ovos de dragão. As alternativas assustaram-no ainda mais.

– Uma vez que mataste os Anciãos – disse o sumo-sacerdote –, parece-me perfeitamente adequado que sirvas de alimento para o seu renascimento. Não mereces tamanha honra, mas irá agradar aos Anciãos e nós lutamos acima de tudo para satisfazer os seus desejos. Nós somos os seus servos leais e eles são os nossos amos cruéis e implacáveis: os deuses das três caras – os caçadores de homens, os devoradores de carne e os bebedores de sangue. oferecemos-lhes os vossos corpos, na esperança que os mistérios desta vida nos sejam revelados e na esperança de sermos absolvidos dos nossos pecados. “Assim escreveu Tosk, assim será feito.”

Os padres de cabedal repetiram em uníssono:

– “Assim escreveu Tosk, assim será feito.”

O sumo-sacerdote acenou com a cabeça.

– Os Anciãos sempre fizeram os ninhos em Helgrind. Mas no tempo do avô do meu pai, Galbatorix roubou os seus ovos e matou as suas crias, forçando-os a jurar-lhe lealdade sob pena de erradicar a sua linhagem. Foi Galbatorix que escavou as cavernas e os túneis que eles usam desde então, encarregando-nos – seus devotados acólitos – de vigiar, guardar e cuidar dos ovos, até estes serem necessários. Foi isso que fizemos e ninguém nos poderá criticar pelo serviço prestado.

«Mas rezamos para que Galbatorix seja derrotado um dia, pois ninguém deveria submeter os Anciãos à sua vontade. É uma abominação. – A criatura deformada lambeu os lábios e Eragon concluiu, enojado, que lhe faltava parte da língua: fora arrancada com uma faca. – Também desejamos que tu desapareças, Cavaleiro. Os dragões eram os maiores inimigos dos Anciãos. Sem eles e sem Galbatorix, não haverá ninguém que os impeça de se banquetear onde e como lhes aprouver.

Enquanto o sumo-sacerdote falava, os quatro escravos que transportavam a plataforma avançaram e baixaram-na cuidadosamente dos ombros sobre o círculo ornamentado, poisando-a a alguns passos de Eragon e Arya. Logo que terminaram, baixaram a cabeça e retiraram-se pela porta por onde tinham entrado.

– Haverá coisa melhor que alimentar um deus com o tutano dos seus ossos? – perguntou o sumo-sacerdote. – Rejubilem ambos pois hoje receberão a bênção dos Anciãos, o vosso sacrifício limpará os vossos pecados e entrarão na vida do Além tão puros quanto uma criança recém-nascida.

Depois o sumo-sacerdote e os seus seguidores ergueram o rosto em direção ao teto e começaram a entoar uma bizarra melodia, com um estranho sotaque que Eragon teve dificuldade em entender, interrogando-se se seria o dialeto de Tosk. Por vezes julgava ouvir palavras na língua antiga – distorcidas e incorretamente empregues, mas na língua antiga.

Quando a grotesca congregação terminou, dizendo de novo “Assim escreveu Tosk, assim será feito”, os três noviços agitaram os sinos num êxtase de fervor religioso. Parecia um alarido suficiente para fazer cair o teto.

Os noviços abandonaram a sala ainda a agitar os sinos, os vinte e quatro sacerdotes menores saíram a seguir e, finalmente, os seis escravos oleados transportaram o seu amo desmembrado na padiola, na cauda da procissão.

A porta fechou-se atrás deles com um estrondo sinistro e Eragon ouviu uma pesada tranca cair do outro lado.

Virou-se para olhar para Arya. A expressão nos seus olhos era de desespero e ele percebeu que também ela não fazia a mínima ideia como fugir.

Voltou a olhar para cima e puxou a corrente que o prendia, fazendo tanta força quanto podia. As feridas nos seus pulsos voltaram a abrir-se, salpicando-o com gotas de sangue.

Em frente deles, o ovo da esquerda começou ligeiramente a baloiçar para trás e para diante, e ouviu-se uma série de batidas leves, como pancadas de um martelo minúsculo.

Uma profunda sensação de terror inundou Eragon. De todas as maneiras como imaginara morrer, ser comido vivo por um Ra'zac era de longe a pior. Voltou a puxar a corrente com uma renovada determinação, trincando a mordaça para o ajudar a aguentar as dores nos braços. A dor que sentiu fez-lhe turvar a vista.

Junto dele, Arya remexia-se e torcia-se também. Ambos lutavam para se libertarem, num silêncio mortal.

As batidas na casca negra azulada continuavam.

“Não vale a pena”, concluiu Eragon. A corrente não cedia. Logo que ele aceitou esse facto, tornou-se óbvio que seria impossível evitar ficar mais ferido do que já estava. A única questão era se as feridas lhe seriam infligidas à força ou por opção. “Pelo menos tenho de salvar Arya.”

Estudou a grilhetas de ferro que tinha em torno dos pulsos. “Se conseguir partir os polegares, talvez consiga libertar as mãos.” Pelo menos depois poderia lutar. “Talvez possa agarrar num pedaço da casca do ovo do Ra'zac e usá-lo como faca.” Se tivesse algo para cortar poderia libertar também as pernas, embora a ideia fosse tão apavorante que tenha decidido ignorá-la naquele momento. “Tudo o que tenho de fazer é gatinhar para fora do círculo de pedras.” Nessa altura poderia usar a magia e acabar com a dor e com a hemorragia, o que ele achava que levaria apenas alguns minutos, embora soubesse que seriam os minutos mais longos da sua vida.

Inspirou para se preparar. Primeiro a mão esquerda.

Mas antes que começasse, Arya gritou.

Eragon virou-se para ela, exclamando algo ao ver os dedos da sua mão direita mutilados. A pele estava arrepanhada como uma luva, em direção às unhas, e o branco do osso via-se através do músculo vermelho. Arya vergou-se e pareceu perder a consciência por momentos; depois recuperou e voltou a puxar o braço. Eragon gritou-lhe quando a mão deslizou pela grilheta de metal, rasgando-lhe a pele e a carne. Ela deixou cair o braço para o lado, escondendo a mão dele, embora visse o sangue a salpicar o chão, junto dos pés dela.

As lágrimas toldaram-lhe a visão e ele gritou o nome dela contra a mordança, mas ela não pareceu ouvi-lo.

Ao preparar-se para repetir a operação, a porta do lado direito do altar abriu-se e um dos noviços de túnica dourada esgueirou-se para dentro da câmara. Ao vê-lo, Arya hesitou, embora Eragon soubesse que ela libertaria a outra mão da grilheta ao menor sinal de perigo.

O jovem olhou-a de soslaio, encaminhando-se depois cautelosamente para o centro do círculo ornamentado, e olhou apreensivo para o ovo que baloiçava para trás e para diante. O jovem era baixo, tinha uns olhos grandes e umas feições delicadas. Parecia-lhe óbvio que fora escolhido para aquela posição, devido à sua aparência.

– Toma! – sussurrou o jovem. – Trouxe isto. – Tirou uma lima, um cinzel e um malho de madeira de dentro da túnica. – Se eu vos ajudar têm de me levar convosco. Não suporto estar aqui. Odeio isto, é horrível. Prometem que me levam?

Antes dele acabar de falar já Eragon acenava com a cabeça. Contudo, quando o jovem começou a andar na sua direção, Eragon rosnou e fez sinal com a cabeça para Arya. Só passados alguns segundos é que o noviço entendeu.

– Ah sim – murmurou o jovem, aproximando-se de Arya. Eragon rilhou os dentes através da mordança, furioso com a lentidão do rapaz.

O arranhar áspero da lima depressa abafou as batidas no interior do ovo oscilante.

Eragon observava o melhor possível, enquanto o seu presumível salvador serrava uma secção da corrente, por cima da mão esquerda de Arya. “Mantém a lima no mesmo elo, idiota!”, pensou Eragon, furioso. O noviço parecia nunca ter usado uma lima e Eragon duvidava que ele tivesse força ou resistência suficiente para cortar nem que fosse de metal um pequeno segmento.

Arya estava suspensa, inerte, e tinha os longos cabelos a cobrirem-lhe o rosto, enquanto o noviço trabalhava. Tremia em intervalos regulares e o sangue continuava a pingar incessantemente da mão mutilada.

Para consternação de Eragon, a lima parecia não deixar qualquer marca na corrente. Quaisquer que fossem os feitiços que protegiam o metal, eles eram demasiado poderosos para serem ultrapassados por algo tão simples como uma lima.

O noviço bufou com um ar petulante, por não estar a conseguir quaisquer progressos. Fez uma pausa, limpou a testa, e voltou a atacar a corrente de sobrolho franzido, sacudindo os cotovelos, ofegante, com as mangas da túnica a ondular no ar.

“Não vês que não vai resultar?”, pensou Eragon. “Experimenta o cinzel nas grilhetas, à volta dos tornozelos dela.”

Mas o jovem continuou a fazer o que estava a fazer.

Um estalido agudo ecoou pela câmara e Eragon viu uma estreita fissura surgir no topo do ovo escuro e esburacado. A extensão da fissura aumentou e uma teia de fraturas finas como um fio de cabelo espalhou-se, de dentro para fora.

A seguir, o segundo ovo começou também a baloiçar e ouviram-se mais algumas batidas, que se reuniram às primeiras, gerando uma cadência de enlouquecer.

O noviço ficou pálido e deixou cair a lima, recuando do local onde Arya estava, a abanar a cabeça.

– Lamento... lamento. É tarde demais. – O seu rosto enrugou-se e as lágrimas começaram escorrer-lhe.

Eragon ficou ainda mais alarmado ao ver o jovem tirar uma adaga do bolso.

– Não posso fazer mais nada – disse ele, quase como se estivesse a falar consigo mesmo. – Não posso mesmo... – Fungou e aproximou-se de Eragon. – É para o teu bem.

Quando o jovem avançou, Eragon puxou as correntes na tentativa de libertar uma das mãos da grilheta, mas estas estavam demasiado apertadas e tudo o que conseguiu foi esfolar mais a pele dos pulsos.

– Lamento – sussurrou o jovem ao parar diante de Eragon e, depois, puxou a adaga atrás.

Não! gritou Eragon mentalmente.

Um pedaço cintilante de ametista voou do túnel que os conduzira à câmara, atingindo o noviço na nuca, e ele caiu para cima de Eragon. Eragon encolheu-se ao sentir o gume da adaga deslizar-lhe ao longo das costelas. A seguir o jovem tombou para o chão onde ficou inconsciente.

Uma pequena figura a coxear emergiu das profundezas do túnel. Eragon ficou a olhar e, quando a figura se aproximou da luz, viu que era Solembum.

Eragon foi varrido por uma sensação de alívio.

O homem-gato estava na sua forma humana e usava apenas uma tanga que parecia ter sido rasgada das roupas dos atacantes. O cabelo preto, espetado, eriçou-se quase por completo e um esgar felino desfigurou-lhe os lábios. Tinha vários cortes nos antebraços, a orelha esquerda pendurada e faltava-lhe uma tira de pele no couro cabeludo. Trazia uma faca ensanguentada.

E, a alguns passos do homem-gato vinha Angela, a herbanária.

INFIÉIS À SOLTA

—Mas que idiota! — exclamou Angela, caminhando apressadamente para a borda do círculo ornamentado. Sangrava de uma série de golpes e arranhões, e tinha mais sangue nas roupas, que Eragon desconfiou não ser dela. Tirando isso, parecia ilesa.

— Tudo o que ele tinha de fazer era... isto!

Ergueu a espada transparente e brandiu-a por cima da cabeça, batendo com o pomo numa das ametistas em redor do círculo. O cristal estilhaçou-se com um estalido estranho, semelhante a um choque de estática, e a luz que emitia tremeluziu, apagando-se. Os outros cristais mantinham a mesma radiância.

Sem se deter, Angela aproximou-se do pedaço de ametista seguinte e partiu-o, depois partiu outro, e assim sucessivamente.

Nunca na sua vida Eragon se sentira tão grato por ver alguém.

Os olhos saltitavam entre a herbanária e as fissuras que se alargavam cada vez mais, ao cimo do primeiro ovo. O Ra'zac quase conseguira abrir caminho para o exterior e parecia consciente disso, guinchando e batendo no ovo com um renovado vigor. Por entre os fragmentos de casca, Eragon viu uma membrana branca e espessa, e o bico da monstruosa cabeça do Ra'zac a empurrá-la às cegas.

“Depressa”, depressa, pensou Eragon ao ver um fragmento, do tamanho da sua mão, a tombar do ovo e a cair ruidosamente no chão como um prato de barro cozido.

A membrana rasgou-se e o jovem Ra'zac esticou a cabeça para fora do ovo, com um guincho triunfante, exibindo a língua farpada e arroxeada. Um líquido viscoso escorria-lhe da carapaça e um odor a fungos impregnou a câmara.

Eragon voltou a puxar pelas correntes que o prendiam, por muito inútil que isso parecesse.

O Ra'zac voltou a guinchar, lutando para se libertar dos restos do ovo. Soltou um braço com as garras mas, ao fazê-lo, desequilibrou o ovo, que tombou para um lado, vertendo um líquido espesso e amarelado sobre o círculo ornamentado. A grotesca cria ficou por momentos aturdida, deitada de lado. Mas, depois remexeu-se e ergueu-se hesitantemente sobre as patas vacilantes, emitindo estalidos como um inseto agitado.

Eragon olhou horrorizado e fascinado.

O Ra'zac exibía umas nervuras fundas no peito como se tivesse as costelas fora do corpo e não dentro. Os membros da criatura eram finos e nodosos como paus, e a cintura era mais estreita do que a de um humano. Cada pata tinha uma articulação adicional virada para trás, algo que Eragon nunca antes vira, mas que explicava o andar vacilante do Ra'zac. A carapaça parecia mole e maleável, ao contrário das carapaças dos Ra'zac mais maduros com que Eragon se defrontara. Sem dúvida que a carapaça iria endurecer com o tempo.

O Ra'zac inclinou a cabeça — a luz refletia nos enormes olhos salientes, sem pupilas — e chilreou como se tivesse descoberto algo de excitante, dando um passo hesitante na direção de Arya... depois outro... e mais outro, de bico aberto, avançando penosamente rumo à poça de sangue a seus pés.

Eragon gritou contra a mordada, esperando conseguir distrair a criatura, mas esta ignorou-o, limitando-se a olhá-lo brevemente.

— Agora! — exclamou Angela, partindo o último cristal.

No mesmo instante que os cacos de ametista deslizaram pelo chão, Solembum saltou na direção do Ra'zac. A forma do homem-gato desfêz-se em pleno ar — a cabeça encolheu, as pernas ficaram mais curtas e o pelo despontou-lhe no corpo —, aterrando sobre as quatro patas, de novo sob a forma de animal.

O Ra'zac bufou e tentou atacar Solembum com as garras, mas o homem-gato esquivou-se do golpe e atingiu a cabeça do Ra'zac, à velocidade da luz, com uma das suas grandes e pesadas patas.

O pescoço do Ra'zac partiu-se com um estalido sonoro e a criatura voou pela sala, aterrando toda torcida no chão, onde ficou a estremecer, durante uns segundos.

Solembum bufou, com a única orelha sã colada ao crânio. Depois, desembaraçou-se da tanga ainda presa às ancas, e foi para junto do outro ovo, sentando-se à espera.

— Mas o que andaste a fazer a ti própria? — disse Angela, correndo para junto de Arya, que levantou penosamente a cabeça, mas nem sequer tentou responder.

A herbanária cortou as grilhetas que ainda prendiam Arya, com três golpes rápidos da espada incolor, como se o metal temperado tivesse a consistência de queijo.

Arya caiu de joelhos e dobrou-se sobre si, apertando a mão ferida contra o estômago, e arrancado a mordada com a outra mão.

O ardor nos ombros de Eragon abrandou quando Angela o libertou, e ele pôde finalmente baixar os braços. Tirou o pano da boca e disse, num tom rouco:

— Julgávamos que estavas morta.

— Terão de se esforçar mais, se me quiserem matar. São um bando de trapalhões.

Ainda dobrada sobre si, Arya começou a entoar feitiços para unir as feridas e curá-las. Pronunciava as palavras num tom débil e exausto, mas não vacilou nem as pronunciou mal.

Enquanto ela tentava reparar os danos da sua mão, Eragon sarou o corte nas costelas e nas feridas dos pulsos. Depois, fez sinal a Solembum e disse:

— Afasta-te!

O homem-gato sacudiu a cauda e fez o que Eragon lhe mandou.

Erguendo a mão direita, Eragon disse:

— Brisingr!

Uma coluna de chamas azuis irrompeu em torno do segundo ovo e a criatura que estava no interior gritou — um grito terrível, que não parecia deste mundo, mais semelhante ao rangido de metal a rasgar-se do que a um grito de uma pessoa ou de um animal.

Franzindo os olhos para os proteger do calor, Eragon viu o ovo a arder, com satisfação. “Que fosse o último da sua raça”, pensou. Quando os gritos cessaram, ele extinguiu as chamas e estas apagaram-se de baixo para cima. Depois, a sala ficou inesperadamente silenciosa, Arya também terminara os seus encantamentos e tudo estava sossegado.

Angela foi a primeira a mexer-se. Aproximou-se de Solembum e parou junto dele, murmurando algumas palavras na língua antiga, para lhe curar a orelha e outros ferimentos.

Eragon ajoelhou-se junto de Arya e poisou-lhe a mão no ombro. Ela levantou os olhos na sua direção e endireitou o corpo para lhe mostrar a mão. A pele ao longo da base do polegar, na parte exterior da palma e nas costas da mão, estava brilhante e com um tom vermelho vivo, contudo, os músculos pareciam intactos.

— Porque não a curaste por completo? — perguntou ele. — Se estiveres demasiado cansada, eu posso...

Arya abanou a cabeça.

— Danifiquei vários nervos... e não estou a conseguir repará-los. Preciso da ajuda de Blödhgarm; ele é mais hábil do que eu a manipular a carne.

— Consegues lutar?

— Se tiver cuidado.

Eragon apertou-lhe o ombro por instantes.

– O que tu fizeste...

– Fiz apenas o que era lógico.

– A maior parte das pessoas não teria tido força... Eu tentei, mas a minha mão era demasiado grande. Vês? – E ergueu a mão, encostando-a à mão de Arya.

Ela acenou com a cabeça e agarrou-se ao braço dele, levantando-se lentamente. Eragon ergueu-se com ela, e amparou-a firmemente.

– Temos de encontrar as nossas armas – disse ele –, bem como o meu anel, o meu cinto e o colar que os Anões me deram.

Angela franziu o sobrolho.

– Porquê o teu cinto? Está encantado?

Apercebendo-se da hesitação de Eragon, que não sabia se deveria contar-lhe a verdade, Arya disse:

– Não irias reconhecer o nome do seu criador, emérita, mas certamente que ouviste falar no cinto das doze estrelas, durante as tuas viagens.

A herbanária arregalou os olhos:

– Esse cinto? Mas eu julgava-o perdido há mais de quatro séculos, pensei que tinha sido destruído durante a ...

– Nós recuperámo-lo – disse Arya, sem rodeios.

Eragon percebeu que a herbanária estava desejosa de fazer mais perguntas, de qualquer modo limitou-se a dizer:

– Compreendo... Porém, não podemos perder tempo a passar revista a todas as salas deste labirinto. Assim que os sacerdotes perceberem que vocês fugiram, tê-los-emos à perna.

Eragon apontou na direção do novio caído no chão e disse:

– Talvez ele nos possa dizer para onde levaram as nossas coisas.

A herbanária agachou-se e colocou dois dedos sobre a veia jugular do jovem, tomando-lhe a pulsação. Depois bateu-lhe nas faces e abriu-lhe as pálpebras.

O novio continuou inerte e imóvel.

A sua falta de reação pareceu irritar a herbanária.

– Um momento – disse ela, fechando os olhos. Franziu ligeiramente a testa e ficou imóvel, por uns instantes. Depois ergueu-se subitamente. – Mas que miserável mais egocêntrico! Não admira que os pais o tenham mandado para junto dos sacerdotes. Admira-me que o tenham aguentado durante tanto tempo.

– Ele sabe alguma coisa de útil? – perguntou Eragon.

– Apenas o caminho até à superfície. – E apontou para a porta à esquerda do altar, a mesma por onde os sacerdotes tinham entrado e saído. – É espantoso que tenha tentado libertar-te. Desconfio que é a primeira vez que faz alguma coisa de livre vontade.

– Temos de o levar connosco. – Eragon detestava ter de o dizer, mas o dever compelia-o a fazê-lo. – Eu prometi-lhe que o levávamos se ele nos ajudasse.

– Ele tentou matar-te!

– Eu dei-lhe a minha palavra.

Angela suspirou e revirou os olhos, dirigindo-se a Arya:

– Presumo que não consigas fazê-lo mudar de ideias.

Arya abanou a cabeça, içando o jovem para cima do ombro, sem qualquer esforço aparente.

– Eu levo-o – disse ela.

– Nesse caso – disse a herbanária a Eragon –, é melhor ficares com isto. Parece que grande parte da luta ficará a nosso cargo. – E entregou-lhe a sua espada curta, tirando um punhal de dentro das pregas do vestido.

– De que é feita? – perguntou Eragon, olhando através da lâmina transparente, reparando como a luz brilhava e refletia. A matéria lembrava-lhe diamante, mas não imaginava ninguém a fazer uma arma de uma pedra preciosa, na medida em que a energia necessária para impedir a pedra de se partir a cada golpe, depressa esgotaria qualquer feiticeiro vulgar.

– Não é de pedra nem de metal – respondeu a herbanária. – Uma palavra de advertência: Deves ter muito cuidado ao manejá-la. Nunca toques no seu gume nem o aproximes de nada que estimes, senão irás arrepender-te. Também não deves encostar a espada a nada que te faça falta – a tua perna, por exemplo.

Eragon afastou, cautelosamente, a espada do corpo.

– Porquê?

– Porque é a espada mais aguçada de toda a existência – disse a herbanária, visivelmente satisfeita. – Nenhuma outra espada, faca ou machado, se lhe equipara em agudeza de gume, nem mesmo Brisingr. É a suprema reprodução de um instrumento de cortar. Isto – e fez uma pausa para enfatizar – é o arquétipo de um plano inclinado... Não encontrarás nada que se lhe compare em lado algum. Consegue cortar tudo o que não esteja protegido por magia e muitas coisas que estão. Experimenta-a se não acreditas.

Eragon olhou em redor em busca de algo onde pudesse testar a arma. Finalmente, encaminhou-se para o altar, brandindo a arma contra um dos cantos da pedra.

– Não tão depressa! – gritou Angela.

A lâmina transparente atravessou dez centímetros de pedra como se o granito fosse creme de ovos, prosseguindo em direção aos seus pés. Eragon gritou e saltou para trás, mal conseguindo conter o braço de modo a não se cortar.

O canto do altar saltou e rebolou ruidosamente para o meio da sala.

“Afinal, era bem provável que a lâmina da espada fosse de diamante”, concluiu Eragon. Não precisaria de tanta proteção como no início pensara, visto que raramente encontraria grande resistência.

– Toma – disse Angela. – É melhor ficares também com isto. – Desapertou a bainha da espada e deu-lha. – É uma das poucas coisas que não consegues cortar com essa lâmina.

Eragon demorou alguns momentos a recuperar a voz, depois de quase cortar os dedos dos pés.

– A espada tem nome?

Angela soltou uma gargalhada:

– Claro. Na língua antiga o seu nome é Albitr, que significa exatamente o que tu pensas, mas eu prefiro chamar-lhe Tinido Mortal.

– Tinido Mortal!

– Sim, por causa do som que a lâmina produz quando lhe tocas levemente. – E demonstrou-o com a ponta de uma unha, sorrindo ao ouvir uma nota aguda cortar a escuridão da sala, como um raio de sol.

– Bom, vamos andando?

Eragon olhou em redor para se assegurar de que não se esqueciam de nada e depois acenou com a cabeça, encaminhando-se para a porta da esquerda e abrindo-a o mais silenciosamente possível.

Do outro lado da porta havia um longo e amplo corredor, iluminado por tochas. A guardá-lo estavam vinte guerreiros de negro, como os que os tinham emboscado anteriormente, formados em duas linhas ordenadas, de ambos os lados do corredor.

Os soldados olharam para Eragon e levaram as mãos às armas.

Eragon praguejou mentalmente e saltou para diante, com a intenção de atacar antes que os guerreiros conseguissem desembainhar as espadas e organizar-se em

grupo. Tinha percorrido apenas metros, quando se apercebeu de um ligeiro movimento junto de cada homem: uma mancha suave e sombria, como o movimento de um estandarte ao vento, detetada pela sua visão periférica.

Os homens retesaram-se sem dar sequer um grito e todos caíram no chão, mortos.

Alarmado, Eragon abrandou, parando para não tropeçar nos corpos. Cada um dos homens levava uma punhalada no olho. O golpe não podia ter sido mais limpo.

Virou-se para perguntar a Arya e a Angela o que acontecera, mas as palavras morreram-lhe na garganta ao olhar para a herbanária. Ela estava encostada a uma parede, apoiada nos joelhos, e bastante ofegante. Parecia mortalmente pálida e as mãos tremiam-lhe. O punhal pingava sangue.

Eragon foi invadido por uma sensação de medo e assombro. Fosse o que fosse que a herbanária fizera, estava muito além da sua compreensão.

– Emérita – interpelou Arya, igualmente hesitante –, como conseguiste fazer isto?

A herbanária riu baixinho enquanto recuperava o fôlego e disse:

– Usei um truque... que aprendi com o meu mestre... Tenga... há muito tempo atrás. Que mil aranhas lhe mordam as orelhas e outras saliências!

– Sim, mas como o fizeste? – insistiu Eragon. – Um truque destes pode ser-nos ser útil em Urû’baen.

A herbanária voltou a rir baixinho.

– O que é o tempo senão movimento? O que é o movimento senão calor? Calor e energia não são dois nomes diferentes para o mesmo? – Afastou-se da parede e aproximou-se de Eragon, batendo-lhe ao de leve na face. – Quando perceberes as implicações disso, perceberás o que fiz e como o fiz... Não conseguirei voltar a usar o feitiço hoje, sem me prejudicar seriamente. Por isso não esperem que mate toda a gente, da próxima vez que nos depararmos com um grupo de guerreiros.

Eragon engoliu a curiosidade, com alguma dificuldade, e acenou com a cabeça.

Tirou uma túnica e uma jaqueta acolchoada de um dos homens caídos e, depois de as vestir, seguiu à frente, percorrendo o corredor e entrando pela arcada no extremo oposto.

Não encontraram mais ninguém no complexo de salas e corredores, nem viram quaisquer sinais dos pertences roubados. Embora estivesse satisfeito por passar despercebido, Eragon ficou preocupado pelo facto de não ver criados. Esperava que ele e os companheiros não tivessem acionado alarmes que prevenissem os sacerdotes da sua fuga.

Ao contrário das salas desertas que tinham visto antes da emboscada, as salas por onde passavam estavam recheadas de tapeçarias, mobília e estranhos dispositivos de latão e cristal, cujo propósito Eragon não conseguia sequer imaginar. Por mais do que uma vez sentiu-se tentado a parar junto de uma secretária ou estante de livros e examinar o seu conteúdo, mas resistiu sempre à tentação. Não havia tempo para ler documentos antigos e bolorentos, por muito intrigantes que fossem.

Angela escolheu o caminho por onde seguiam, sempre que havia mais do que uma opção, mas Eragon continuou na dianteira, apertando de tal forma o punho envolto em arame de Tinido Mortal que começou a sentir câibras na mão.

Pouco depois, chegaram a um corredor que terminava num lance de escadas de pedra, cujos degraus iam ficando mais estreitos à medida que subiam. Junto das escadas estavam dois noviços, um de cada lado, com duas grelhas de sinos iguais às que Eragon vira anteriormente.

Ele correu para os dois jovens e conseguiu golpear um dos noviços no pescoço, antes que este pudesse gritar ou tocar os sinos. O outro, contudo, teve tempo para fazer ambas as coisas antes de Solenbum saltar para cima dele e o atirar ao chão, dilacerando-lhe o rosto e fazendo uma barulheira que ecoou pelo corredor.

– Depressa! – disse Eragon, subindo apressadamente as escadas.

Ao cimo dos degraus encontrava-se uma parede isolada, com cerca de três metros de largura, coberta de arabescos ornamentados e de entalhes que lhe pareciam vagamente familiares. Contornou-a e deparou-se com um raio de luz rosada, de tal forma intensa que cambaleou confuso, erguendo a bainha de Tinido Mortal para proteger os olhos.

À sua frente, a menos de um metro e meio, estava o sumo-sacerdote sentado na sua padiola, com sangue a escorrer-lhe de um golpe no ombro. Um outro sacerdote – uma mulher a quem faltavam ambas as mãos, estava de joelhos ao lado da padiola, a aparar o sangue para um cálice, entalado nos antebraços. Tanto ela como o sumo-sacerdote olharam atónitos para Eragon.

Depois – como por entre clarões de relâmpagos – Eragon olhou para trás deles e viu enormes colunas estriadas que se erguiam em direção a um teto abobadado, perdido nas sombras. As gigantescas paredes tinham janelas de vitrais – as das esquerda iluminadas pelo brilho intenso do sol nascente e as da direita mortíferas e foscas – despojados de vida. Entre as janelas viam-se estátuas brancas. Filas de bancos de granito, salpicados de diversas cores, estendiam-se até à entrada distante da nave. Um grupo de sacerdotes, vestidos de cabedal, preenchia as quatro primeiras filas de bancos. Estavam de rosto virado para cima e entoavam um cântico, de boca aberta, como crias de pássaros a implorarem comida.

Eragon concluiu tardiamente estar na grande catedral de Dras-Leona, do lado oposto do altar diante do qual se ajoelhara uma vez reverentemente, há muito tempo atrás.

A mulher sem mãos largou o cálice e levantou-se, abrindo os braços para proteger o sumo-sacerdote com o corpo. Atrás dela, Eragon viu de relance a bainha azul de Brisingr, poisada no canto dianteiro da padiola, parecendo-lhe também distinguir Aren junto dela.

Mas antes que ele conseguisse resgatar a sua espada, dois guardas correram na sua direção, vindos de ambos os lados do altar, tentando golpeá-lo com piques entalhados, ornados de borlas vermelhas. Esquivou-se do primeiro guarda e cortou-lhe o cabo do pique ao meio, atirando-lhe com a lâmina pelo ar. Depois cortou o homem ao meio, retalhando-lhe carne e ossos com uma facilidade surpreendente.

Eragon despachou o segundo homem com a mesma rapidez, virando-se para enfrentar dois guardas que se aproximavam pelas suas costas. A herbanária juntou-se a ele, brandindo o punhal, e Solenbum rosnou algures à sua esquerda. Arya deixou-se ficar para trás, ainda com o jovem pendurado ao ombro.

O sangue vertido do cálice cobria o chão, em torno do altar. Os guardas escorregaram na poça de sangue e o de trás caiu, derrubando o companheiro. Eragon arrastou os pés até junto deles, sem nunca os levantar chão para não perder o equilíbrio, e matou os guardas antes que estes pudessem reagir, procurando controlar a espada encantada da herbanária enquanto esta retalhava os corpos dos dois homens sem dificuldade.

Entretanto ele apercebeu-se de que o sumo-sacerdote estava a gritar, como se estivesse a uma grande distância:

– Matem os infíéis! Matem-nos! Não deixem escapar os blasfemos! Eles têm de ser castigados pelos seus crimes contra os Anciãos!

A congregação de sacerdotes começou a uivar e a bater com os pés, e Eragon sentiu as suas mentes a atacá-lo como uma alcatéia de lobos a dilacerar um veado enfraquecido. Recolheu-se em si mesmo, protegendo-se dos ataques com técnicas que andava a praticar sob a tutela de Glaedr. No entanto, era difícil defender-se de tantos inimigos, pelo que Eragon recebeu não conseguir manter as barreiras durante muito tempo. A sua única vantagem era que os sacerdotes apavorados e desorganizados atacavam-no individualmente e não em unidade. O seu poder combinado tê-lo-ia esmagado.

Depois sentiu a consciência de Arya a tentar comunicar com a sua – uma presença familiar e reconfortante, no meio de um punhado de inimigos que tentava destroçar o seu interior. Aliviado, abriu-se para ela e os dois uniram as mentes, tal como ele e Saphira faziam. As suas identidades fundiram-se durante algum tempo e ele deixou de conseguir discernir de onde vinham muitos dos pensamentos e sensações que partilhavam.

Juntos atacaram um sacerdote com as suas mentes. O homem lutou para escapar ao seu domínio, como um peixe a contorcer-se por entre os dedos, mas Eragon e Arya apertaram-no mais, recusando-se a deixá-lo escapar. O sacerdote recitava uma frase com estranhas palavras, num tom enpolado, na tentativa de os manter afastados da sua consciência, e Eragon deduziu que se tratasse de uma passagem das escrituras do Livro de Tosk.

Porém, o sacerdote tinha falta de disciplina e a sua concentração depressa enfraqueceu, ao pensar:

“Os infíéis estão demasiado próximos do Mestre. Temos de os matar antes que... Esperem! Não! Não!...”

Eragon e Arya aproveitaram a fraqueza do sacerdote e subjugaram rapidamente a mente do homem. Assim que se certificaram de que ele não podia retaliar, fosse com a mente ou com o corpo, Arya lançou-lhe um feitiço que lhe permitiria penetrar nas defesas do homem, depois de sondar as suas memórias.

Na terceira fila de bancos, um homem gritou e irrompeu em chamas, um fogo verde que lhe saía dos ouvidos, boca e olhos. As chamas incendiaram as roupas de vários sacerdotes, que estavam perto dele, e os homens e mulheres em chamas começaram a esbracejar e a correr descontroladamente, perturbando os ataques contra Eragon. As chamas ondulantes produziam um ruído semelhante a ramos a partirem-se numa tempestade.

A herbanária correu do altar e misturou-se com os sacerdotes, apunhalando-os aqui e ali. Solembum seguia-a de perto, aniquilando os sacerdotes que ela atingia.

Depois disso, foi fácil para Eragon e Arya invadirem e dominarem a mente dos seus inimigos. Continuando a trabalhar juntos, mataram mais quatro sacerdotes, altura em que o resto da congregação cedeu e dispersou. Alguns fugiram pelo vestibulo que Eragon sabia que conduziria ao priorado, junto da catedral, outros esconderam-se atrás dos bancos, com os braços à volta da cabeça.

Contudo, seis dos sacerdotes não fugiram nem se esconderam, atacando Eragon com fâças recurvas, que seguravam nas mãos que ainda tinham. Eragon tentou golpear a sacerdotisa da frente, antes que esta o conseguisse atacar, mas para sua irritação a mulher estava protegida por um encantamento que deteve Tinido Mortal a quinze centímetros do pescoço, fazendo a espada virar-se na sua mão e provocando-lhe um choque ao longo do braço. Eragon tentou atacar a mulher com a mão esquerda. Por qualquer razão, o feitiço não deteve o seu punho e ele sentiu o osso do peito da sacerdotisa cederem, derrubando-a e fazendo-a cair desamparada sobre as pessoas que estavam atrás.

Os restantes sacerdotes desembaraçaram-se do corpo e retomaram o ataque. Eragon avançou e aparou um golpe desajeitado do sacerdote da frente. Depois gritou:

– Ah! – e desferiu um soco no ventre do homem. O sacerdote voou para cima de um banco, embatendo nele com um estalido desagradável.

Eragon matou o homem a seguir, de forma semelhante. Um quadrelo verde e amarelo enterrou-se na garganta do sacerdote que estava à sua direita e Solembum surgiu como uma mancha amarela acastanhada, saltando por cima dele e derrubando outro homem do grupo.

Eragon já só tinha uma seguidora de Tosk diante de si. Com a mão livre, Arya agarrou na mulher, pela parte da frente da túnica de cabedal, e projetou-a num voo de nove metros por cima dos bancos, aos gritos.

Quatro noviços tinham erguido a padiola do sumo-sacerdote e estavam a transportá-lo apressadamente, pelo lado este da catedral, em direção à entrada da frente do edifício.

Ao vê-los escapar, Eragon bramiu e saltou para cima do altar, atirando um prato e um cálice ao chão. Transpôs os corpos dos sacerdotes caídos e aterrou suavemente no corredor, correndo até ao extremo da catedral, em direção aos noviços.

Os quatro jovens pararam ao ver Eragon alcançar as portas.

– Voltem para trás! – guinchou o sumo-sacerdote. – Voltem para trás! – Os servos obedeceram-lhe, mas foram confrontados por Arya, que estava atrás deles, com um dos seus elementos pendurado ao ombro.

Os noviços guincharam e viraram, fugindo por entre duas filas de bancos. Depois de percorrerem apenas alguns metros, Solembum apareceu ao fundo da fila e começou a avançar na direção deles. O homem-gato tinha as orelhas coladas ao crânio e o rumor constante e cavo do seu rosnido arrepiou a nuca de Eragon. Angela vinha do altar, ligeiramente mais atrás, com o punhal numa mão e um quadrelo verde e amarelo na outra.

“Quantas armas teria ela escondidas nas roupas?”, perguntou-se Eragon a si mesmo.

Para seu próprio mérito, os noviços não perderam a coragem nem abandonaram o mestre, gritando e correndo os quatro ainda mais depressa na direção de Solembum, provavelmente por o homem-gato ser o mais pequeno e o mais próximo, e por acreditarem que seria o mais fácil de vencer.

Estavam enganados.

Com um único movimento fluido, Solembum agachou-se, saltou do chão para cima de um banco, lançando-se de seguida na direção de um dos noviços da frente.

Ao ver o homem-gato voar, o sumo-sacerdote gritou algo na língua antiga – Eragon não reconheceu a palavra, mas o som era, sem dúvida, o da língua nativa dos Elfos. Fosse qual fosse o feitiço, não pareceu produzir qualquer efeito em Solembum, embora Eragon visse Angela cambalear como se tivesse sido atingida.

Solembum colidiu com o noviço ao qual se lançara e o jovem caiu para o chão, aos gritos, enquanto o homem-gato o atacava ferozmente. Os restantes noviços tropeçaram no corpo do companheiro e caíram uns por cima dos outros, atirando com o sumo-sacerdote da padiola, para cima de um dos bancos, onde a criatura se contorcia.

Eragon alcançou-os um segundo depois e matou todos os noviços, com três golpes rápidos, excepto aquele cujo pescoço Solembum mantinha preso entre as patas.

Logo que se assegurou de que os homens estavam mortos, Eragon virou-se para matar o sumo-sacerdote de uma vez por todas. Ao avançar na direção da figura desmembrada, outra mente invadiu a sua, sondando-a e tentando alcançar as zonas mais recônditas do seu ser, na tentativa de controlar os seus pensamentos. O violento ataque forçou Eragon a parar e a concentrar-se, defendendo-se do intruso.

Pelo canto do olho, ele viu que Arya e Solembum também pareciam imobilizados. A herbanária era a única exceção. Parara por instantes, no início do ataque, mas depois continuara a arrastar lentamente os pés na direção de Eragon.

O sumo-sacerdote olhou para Eragon. Os seus olhos encovados, rodeados de olheiras escuras, ardiam de ódio e fúria. Se a criatura tivesse braços e pernas, Eragon tinha a certeza de que teria tentado arrancar-lhe o coração com as próprias mãos. Fosse como fosse, a malevolência no seu olhar era tão intensa, que Eragon quase esperou que o sacerdote saltasse do banco e começasse a morder-lhe os tornozelos.

O ataque à sua mente intensificou-se, quando Angela se aproximou. O sumo-sacerdote – só podia ser ele o responsável – era de longe mais hábil que qualquer um dos seus subordinados. Envolver-se num combate mental com quatro pessoas, em simultâneo, e revelar-se uma ameaça credível para cada uma delas era uma proeza extraordinária, especialmente sendo os seus inimigos um elfo, um Cavaleiro do Dragão, uma bruxa e um homem-gato. O sumo-sacerdote era uma das mentes mais temíveis com que Eragon alguma vez se defrontara. Se não fosse a ajuda dos amigos Eragon teria certamente sucumbido aos violentos ataques da criatura. O sacerdote fazia coisas que ele jamais sentira antes, como prender os seus pensamentos desgarrados aos de Arya e de Solembum, embrulhando-os numa confusão tal, que Eragon perdeu, por instantes, a noção da sua identidade.

Finalmente Angela virou-se para o intervalo entre os bancos, contornando Solembum – agachado ao lado do noviço que matara, com o pelo completamente eriçado – e caminhando depois, com cautela, por cima dos cadáveres dos três noviços que Eragon matara.

Ao vê-la aproximar-se, o sumo-sacerdote começou a remexer-se como um peixe preso num anzol, tentando avançar ao longo do banco e aliviando, em simultâneo, a pressão na mente de Eragon, embora não o suficiente para que este arriscasse mexer-se.

Ao aproximar-se da criatura, a herbanária parou e Eragon ficou surpreendido ao ver aquela desistir do combate e ficar prostrada no banco, ofegante. Durante um minuto a criatura de olhos vazios e a pequena mulher de expressão severa olharam-se ferozmente, dando início a uma batalha invisível de vontades.

Depois o sumo-sacerdote vacilou e um sorriso surgiu nos lábios de Angela. Ela largou o punhal e tirou do vestido uma pequena adaga com uma lâmina da cor de um pôr-do-sol róseo. Inclinando-se sobre a criatura, sussurrou-lhe muito baixinho:

– Devias saber o meu nome homem-sem-língua. Se soubesses, jamais te terias atrevido a fazer-nos frente. Permite-me que to revele...

Nessa altura baixou ainda mais o tom de voz, falando baixo demais para que Eragon a conseguisse ouvir. Mas, quando falou o sumo-sacerdote empalideceu e a sua boca enrugada abriu-se, formando uma oval negra e redonda. Um uivo sinistro soltou-se da sua garganta e a catedral ecoou com o grito da criatura.

– Faz pouco barulho! – exclamou a herbanária, enterrando a adaga rosada no meio do peito do sumo-sacerdote.

A lâmina cintilou com um brilho incandescente e desapareceu com um ruído semelhante a um trovão. A área em torno do ferimento da criatura brilhava como uma

floresta em chamas e depois a pele e a carne começaram a desfazer-se numa fuligem escura, que entrou no peito do sumo-sacerdote e o uivo da criatura cessou tão abruptamente como tinha começado, com uma agonia gorgolejante.

O feitiço depressa devorou o que restava do sumo-sacerdote, reduzindo o corpo a um amontoado de pó negro, cuja forma se ajustava aos contornos da cabeça e do torso.

– Boa viagem – disse Angela, acenando firmemente com a cabeça.

DOBRA O SINO

Eragon abanou-se como se estivesse a acordar de um pesadelo.

Agora que já não tinha de combater o sumo-sacerdote, apercebia-se lentamente de que o sino do priorado estava a tocar – um ruído alto e insistente que lhe lembrava a altura em que os Ra’zac o tinham perseguido desde a catedral, durante a sua primeira visita a Dras-Leona, com Brom. “Murtagh e Thorn estarão aqui em breve”, pensou. “Temos de partir antes.”

Embainhou Tinido Mortal e entregou-a a Angela.

– Toma – disse. – Acho que vais precisar disto. – Depois afastou os cadáveres dos noviços até encontrar Brisingr. Ao fechar a mão em torno do punho, foi percorrido por uma sensação de alívio. Embora a espada da herbanária fosse boa e perigosa, não era a sua espada. Sem Brisingr Eragon sentia-se exposto, vulnerável – tal como quando Saphira e ele se separavam.

Teve de procurar mais alguns minutos para encontrar o anel, que rebolara para debaixo de um dos bancos, e o colar estava enrolado à volta de um dos punhos da padiola. Descobriu também a espada de Arya, por entre o amontoado de corpos, e ela ficou satisfeita por a recuperar. Mas não viu quaisquer sinais do cinto, o cinto de Beloth, o Sábio.

Eragon procurou debaixo dos bancos mais próximos. Voltou a correr até ao altar, inspecionando a área em redor.

– Não está aqui – disse, finalmente, desesperado. E virou-se para a parede isolada que escondia a entrada para as câmaras subterrâneas. – Devem-no ter deixado nos túneis. – Olhou na direção do priorado. – Ou talvez... – E hesitou, sentindo-se dividido entre as duas possibilidades.

Murmurando as palavras entredentes, lançou um feitiço destinado a localizar e a guiá-lo até ao cinto, mas o único resultado que obteve foi uma imagem de um vazio cinzento e uniforme. Tal como receava, o cinto tinha encantamentos que o protegiam da observação ou interferência mágica, à semelhança de Brisingr.

Eragon franziu o sobrolho e deu meio passo em direção à parede isolada.

O sino repicava mais alto do que nunca.

– Eragon – gritou Arya, do outro lado da catedral, passando o noviço inconsciente de um ombro para o outro. – Temos de ir embora.

– Mas...

– Oromis iria entender. A culpa não é tua.

– Mas...

– Deixa isso! O cinto já desapareceu antes. Voltaremos a encontrá-lo, mas agora temos de fugir. Despacha-te!

Eragon praguejou, deu meia-volta e correu ao encontro de Arya, Angela e Solembum, que estavam na parte da frente da catedral. De tudo o que poderia perder... Parecia-lhe quase um sacrilégio abandonar o cinto quando tantas criaturas tinham morrido para o carregar de energia. Além disso, ele tinha uma terrível sensação de que poderia precisar dessa energia antes do dia terminar.

Ao mesmo tempo que ele e a herbanária abriam as portas pesadas que conduziam ao exterior da catedral, Eragon procurou mentalmente Saphira, pois sabia que ela deveria estar a voar em círculos sobre a cidade, à espera que ele a contactasse. O momento de ser discreto há muito que passara, pelo que Eragon já não se importava que Murtagh ou qualquer outro feiticeiro se apercebesse da sua presença.

Depressa sentiu o toque familiar da consciência de Saphira e, quando os seus pensamentos de fundiram mais uma vez, parte do aperto que Eragon sentia no peito desapareceu.

Porque demoraste tanto tempo? exclamou Saphira. Eragon sentia a sua preocupação e sabia que ela pensara em descer sobre Dras-Leona, desfazendo a cidade em pedaços à procura dele.

Eragon transmitiu-lhe as suas memórias, partilhando com ela tudo o que lhe acontecera desde que tinham partido. O processo demorou alguns segundos e, quando terminou, Eragon, Arya, Angela e o homem-gato já tinham saído da catedral e desciam a correr os degraus da frente.

Sem se deter para dar uma oportunidade a Saphira de entender aquele amontoado de recordações confusas, Eragon disse:

Precisamos de uma distração... imediatamente!

Saphira confirmou a informação e Eragon sentiu-a inclinar-se num voo picado.

Diz também a Nasuada que inicie o ataque. Estaremos no portão sul dentro de alguns minutos. Se os Varden não estiverem lá quando o abrirmos, não sei como iremos escapar.

A CAVERNA NEGRA DO PICANÇO

O ar fresco e húmido da manhã, carregado de água, assobiou junto da cabeça de Saphira, que picava voo em direção ao ninho de ratos, meio iluminado pelo sol nascente. Os raios de luz baixos destacavam os edifícios malcheirosos de madeira e casca de ovo, em alto-relevo, com a zona oeste mergulhada em sombras negras.

O elfo lobo com a forma de Eragon, montado no seu dorso gritou-lhe algo, mas o vento furioso esfarrapava as palavras e ela não conseguiu perceber. Ele começou a fazer-lhe perguntas com a mente recheada de canções, mas Saphira não o deixou acabar, preferindo falar-lhe da difícil situação de Eragon e pedindo-lhe que informasse Nasuada que era altura de agir.

Saphira não entendia como era possível que o espetro de Eragon que Blödhgarm usava pudesse enganar alguém. Não cheirava como o seu companheiro de mente, além de que o seu coração e os seus pensamentos também não se pareciam com os de Eragon. Ainda assim, os duas-pernas pareciam impressionados com a aparição e eram os duas-pernas que eles pretendiam enganar.

Do lado esquerdo do ninho de ratos, estava a figura cintilante de Thorn, estendida sobre as muralhas, sobre o portão sul. Thorn ergueu a cabeça vermelha e Saphira percebeu que ele já a vira a picar voo em direção ao solo quebra-ossos, tal como esperava. Os seus sentimentos para com Thorn eram demasiado complicados para se conseguirem resumir em meia dúzia de breves impressões. Sempre que pensava nele, Saphira ficava confusa e insegura, algo que não estava habituada a sentir.

Porém, ela não estava na disposição de permitir que aquela cria presunçosa a vencesse em combate.

Quando as chaminés escuras e os telhados de pontas aguçadas começaram a ficar maiores, Saphira abriu um pouco mais as asas, sentindo a tensão no peito, no dorso e nos músculos das asas aumentar, e começou a abrandar na descida. Quando estava a pouco mais de cem metros de altitude do denso amontoado de edifícios, arremeteu no sentido ascendente, deixando que as suas asas se estendessem em toda a sua amplitude. O esforço necessário para travar a queda era imenso e, por instantes, ela julgou que o vento lhe fosse arrancar as articulações das asas.

Moveu a cauda para manter o equilíbrio, girando depois sobre a cidade até localizar a caverna negra do picanço, onde os sacerdotes sanguíários faziam os seus cultos. Recolhendo de novo as asas, Saphira desceu os últimos metros, aterrando no meio do telhado da catedral, com um ruído atroz.

Enterrou as garras nas telhas para não escorregar para a rua, em baixo. Depois atirou a cabeça para trás e rugiu o mais alto possível, desafiando o mundo e tudo o que o habitava.

Um sino repicou na torre do edifício, junto da caverna negra do picanço. Ela achou aquele ruído irritante, por isso torceu o pescoço e libertou um jato de chamas azuis e amarelas sobre o edifício. A torre não se incendiou, pois era de pedra, mas a corda e as vigas que suportavam o sino pegaram fogo e, segundos depois, o sino caiu ruidosamente no interior da torre.

Isso agradou-lhe, tal como os duas-pernas, de orelhas redondas, que fugiram do local aos gritos. Afinal de contas, Saphira era um dragão. Por isso, era justo que a temessem.

Um dos duas-pernas deteve-se numa ponta da praça, em frente da caverna negra do picanço, e ela ouviu-o gritar-lhe um feitiço, com uma voz semelhante aos guinchos de um rato assustado. Fosse qual fosse o feitiço, as barreiras de Eragon protegeram-na – pelo menos foi o que supôs, visto que não notou qualquer diferença em si, nem na aparência do mundo em redor.

Foi o elfo lobo na forma de Eragon que matou o feiticeiro. Sentiu Blödhgarm dominar a mente do mago e vergar o duas-pernas de orelhas redondas. Depois proferiu uma única palavra na ancestral língua mágica dos elfos e o duas-pernas de orelhas redondas caiu para o chão, com sangue a escorrer-lhe da boca aberta.

A seguir, o elfo lobo bateu-lhe ao de leve no ombro e disse:

– Prepara-te, Escamas Brilhantes. Eles aí veem.

Saphira viu Thorn erguer-se sobre os telhados e Murtagh, o meio-irmão de Eragon – uma figura pequena e escura – montado no seu dorso. Thorn cintilava quase tanto como ela sob o sol da manhã, contudo as suas escamas estavam mais limpas que as dele, pois preparara-se com especial cuidado nessa manhã. Não se imaginava a entrar em combate a não ser com a sua melhor aparência. Para além de a temerem, os seus inimigos deveriam também admirá-la.

Sabia que era uma questão de vaidade, mas não se importava. Nenhuma outra raça se igualava à grandeza dos dragões. Além disso, era a última fêmea da espécie e queria que aqueles que a vissem se maravilhassem com a sua aparência e que a recordassem bem, pois, se os dragões desaparecessem para sempre, os duas-pernas continuariam a falar deles com o devido respeito e assombro.

Ao ver Thorn voar sobre o ninho de ratos, a mais de trezentos metros de altitude, Saphira olhou em redor para se assegurar de que Eragon, o seu companheiro de mente e coração, não estava perto da caverna negra do picanço, não queria feri-lo acidentalmente no combate que se avizinhava. Ele era um caçador feroz, mas era pequeno e fácil de esmagar.

Saphira tentava decifrar os ecos dolorosos das memórias obscuras que Eragon partilhara com ela, mas tinha percebido o suficiente para concluir que os acontecimentos provaram mais uma vez aquilo em que há muito acreditava: sempre que ela e o seu companheiro de mente e coração se separavam, ele acabava metido em sarilhos de uma forma ou de outra. Sabia que Eragon iria discordar, mas a sua última desventura não contribuíra em nada para a convencer do contrário, e ela sentia uma satisfação perversa pelo facto de ter razão.

Logo que Thorn alcançou a altitude desejada, ele deu meia-volta e picou voo na sua direção, projetando jatos de chamas pela boca aberta.

Não era o fogo que Saphira receava, pois as barreiras de Eragon protegê-la-iam, mas o enorme peso e força de Thorn permitir-lhe-iam esgotar rapidamente quaisquer feitiços destinados a protegê-la de danos físicos. Agachou-se e deitou-se ao comprido sobre a catedral, para se proteger, torcendo o pescoço na tentativa de morder o baixo-ventre pálido de Thorn.

Uma parede rodopiante de chamas envolveu-a com um ronco retumbante, semelhante a uma gigantesca queda-de-água. As chamas tinham um brilho tão intenso que ela fechou instintivamente as pálpebras interiores, tal como faria debaixo de água, e a luz deixou de ser ofuscante.

As chamas depressa se dissiparam e a ponta da cauda grossa e contundente de Thorn traçou uma linha ao longo da membrana da sua asa direita, passando velozmente sobre ela. O arranhão sangrou, mas não profusamente, pelo que Saphira deduziu que não lhe dificultaria muito o voo, ainda que fosse doloroso.

Thorn mergulhou repetidas vezes na direção dela, tentando persuadi-la a levantar voo, mas Saphira não se mexeu. Depois de passar mais algumas vezes por ela, Thorn cansou-se de a atormentar e aterrou no extremo oposto da caverna espinhosa do picanço negro, abrindo as suas enormes asas para se equilibrar.

Todo o edifício estremeceu quando Thorn aterrou sobre as quatro patas e muitas das janelas de pedras preciosas, com desenhos, que preenchiam as paredes da catedral, estilhaçaram-se, tilintando ao caírem no chão. Thorn estava maior do que ela, graças à intervenção de Galbatorix, o destruidor de ovos. No entanto, ela não se deixou intimidar, pois tinha mais experiência do que Thorn. Além disso treinara com Glaedr, que era maior do que os dois juntos. Por outro lado, Thorn não se atreveria a matá-la... nem lhe parecia que fosse essa a sua intenção.

O dragão vermelho rugiu e avançou, arranhando as telhas com a ponta das garras. Saphira rugiu também, recuando alguns metros, até sentir a cauda encostada à

base dos dedos que se erguiam como uma parede, na parte da frente da caverna espinhosa do picanço negro.

A ponta da cauda de Thorn estremeceu e ela percebeu que o dragão vermelho estava prestes a atacar.

Saphira inspirou e banhó-o numa torrente de chamas bruxuleantes. Agora, a sua missão era impedir que Thorn e Murtagh percebessem que não era Eragon que estava montado no seu dorso. Para isso, ela tanto poderia manter a distância necessária de Thorn de modo que Murtagh não pudesse ler os pensamentos do elfo lobo na forma de Eragon, como poderia atacá-lo repetidamente e com uma ferocidade tal que o dragão não tivesse hipótese de retaliar – o que seria difícil, pois Murtagh estava habituado a lutar montado no dorso de Thorn, mesmo quando este se virava e se torcia no ar. Ainda assim, Thorn e Murtagh estavam perto do solo e isso poderia ajudá-la, preferindo atacar. Ela preferia sempre atacar.

– Não consegues fazer melhor? – gritou Murtagh com a voz magicamente amplificada, no interior do casulo de fogo em constante mutação.

Logo que as últimas chamas se extinguíram na sua boca, Saphira saltou na direção de Thorn, atingindo-o no peito. Os seus pescoços entrelaçaram-se e as cabeças batiam uma contra a outra, enquanto ambos tentavam morder a garganta do seu adversário. A força do impacto projetou Thorn para trás e ele acabou por cair da caverna espinhosa do picanço negro, sacudindo as asas e atingindo Saphira. Precipitaram-se ambos em direção ao solo.

Aterraram com um estrondo que rachou as pedras do pavimento e fez tremer as casas em redor. Algo estalou na curva da asa de Thorn e o seu dorso arqueou-se de forma pouco natural, enquanto as proteções de Murtagh impediam o dragão de o esmagar.

Saphira conseguia ouvir Murtagh praguejar debaixo de Thorn, concluindo que seria melhor afastar-se antes que o duas-pernas de orelhas redondas começasse a lançar-lhe feitiços com a fúria.

Lançou-se no ar, pontapeando Thorn na barriga, e aterrou no cimo da casa atrás do dragão vermelho. No entanto, o edifício era demasiado fraco para suportar o seu peso, por isso voltou a levantar voo, incendiando a fiada de edifícios, apenas como medida de precaução.

Eles que lidem com aquilo, pensou Saphira, satisfeita, enquanto as chamas consumiam furiosamente as estruturas de madeira.

Regressou à caverna espinhosa do picanço negro, enfiou as garras por baixo das telhas e começou a esburacar o telhado, destruindo-o tal como fizera ao telhado do castelo de Durza, em Gil'ead. Só que agora ela estava maior e mais forte, e os blocos de pedra pareciam-lhe tão leves como seixos para Eragon. Os sacerdotes sanguinários que faziam os seus cultos lá dentro tinham ferido Eragon, o seu companheiro de mente e coração, Arya, o elfo com sangue de dragão, Angela, a mente antiga de rosto jovem, Solenbum, o homem-gato – que dava por muitos nomes – e tinham matado Wyrden. Por isso Saphira estava determinada a destruir a caverna espinhosa do picanço negro como vingança.

Em segundos abriu um enorme buraco no teto do edifício e projetou um jato de chamas para o seu interior. Depois, enganchou as garras nas extremidades dos tubos de latão do órgão de vento, arrancou-os da parede traseira da catedral e estes caíram ruidosamente sobre os bancos, em baixo.

Thorn rugiu e saltou da rua, voando para cima da caverna espinhosa do picanço negro onde ficou a pairar, batendo pesadamente as asas para manter a posição. Parecia uma silhueta negra e sem traços definidos contra a parede de chamas que se erguia das casas atrás dele. Apenas as asas translúcidas brilhavam em tons de laranja e vermelho.

Thorn saltou na direção de Saphira, tentando alcançá-la com as garras serrilhadas.

Saphira esperou até ao último momento e saltou para o lado, afastando-se da caverna espinhosa do picanço negro, e Thorn bateu violentamente com a cabeça na base do pináculo central da catedral. O grande espigão de pedra esburacada estremeceu com impacto e o topo – uma vara dourada, ornamentada – tombou, mergulhando mais de trinta metros em direção à praça, lá em baixo.

Rugindo de frustração, Thorn fez um esforço para se erguer, mas os quadris escorregaram para o buraco que Saphira abrira no telhado e ele esgravatou nas telhas tentando agarrar-se para conseguir voltar a sair.

Enquanto isso, Saphira voou para a parte da frente da caverna espinhosa do picanço negro e colocou-se do lado oposto do pináculo, contra o qual Thorn colidira.

Ela reuniu todas as forças e bateu no pináculo com a pata direita dianteira.

Estátuas e entalhes decorativos estilhaçaram-se sob a sua pata, entupindo-lhe as narinas com nuvens de pó e projetando uma chuva de fragmentos de pedra e de argamassa na praça. Contudo, o pináculo aguentou-se, por isso Saphira voltou a atingi-lo.

Ao perceber o que ela estava a fazer, os urros de Thorn adquiriram um tom frenético, pelo que o dragão fez redobrados esforços para se libertar.

Ao terceiro golpe de Saphira, o grande espigão de pedra rachou pela base e tombou para trás, com uma lentidão agonizante, precipitando-se em direção ao telhado. Thorn teve apenas tempo para rugir furiosamente antes da torre de escombros lhe cair em cima, atirando-o para o interior da estrutura do edifício destocado e soterrando-o sob pilhas de entulho.

O ruído do pináculo a desfazer-se em pedaços ecoou por todo o ninho de ratos como um trovão ensurdecedor.

Saphira retorquiu com um rugido, desta vez com uma selvática sensação de vitória. Thorn iria desenterrar-se depressa, mas até lá ele estaria à sua mercê.

Inclinando as asas, Saphira contornou a caverna espinhosa do picanço negro. Ao passar pelas partes laterais do edifício, bateu nas escoras estriadas que sustentavam as paredes e demoliu-as uma por uma. Os blocos de pedra tombaram para o chão com um fragor muito desagradável.

Uma vez removidas todas as escoras, as paredes sem apoio começaram a baloiçar e a tombar para fora, pelo que os esforços de Thorn para se libertar serviram apenas para agravar a situação. Segundos depois, as paredes cederam e toda a estrutura se desmoronou com um ruído cavo, semelhante a uma avalanche, libertando uma enorme coluna de pó.

Saphira rejubilou com o seu triunfo. Depois aterrou sobre as patas traseiras, junto do amontoado de escombros, e coloriu os blocos de pedra com um jato de chamas tão escaldante quanto possível. As chamas eram fáceis de desviar com magia, mas conter o calor exigia maior esforço e dispêndio de energia. Ao forçar Murtagh a despendar mais energia para não ser assado vivo juntamente com Thorn, depois da que já usava para não ser esmagado, Saphira esperava enfraquecer-lhe as reservas o suficiente para que Eragon e os duas-pernas de orelhas bicudas o derrotassem.

Enquanto ela cuspiu fogo, o elfo lobo montado no seu dorso entoava feitiços, embora Saphira não soubesse bem com que propósito, nem estivesse particularmente interessada em saber. Confiava no duas-pernas. O que quer que fosse que ele estivesse a fazer, iria certamente ajudar.

Os blocos amontoados explodiram e Saphira saltou para trás, vendo Thorn irromper do entulho. Tinha as asas amarrótadas como as de uma borboleta pisada e sangrava de diversos golpes nas pernas e no dorso.

Ele olhou-a ferozmente e rugiu, com os olhos cor de rubi escurecidos pela fúria do combate. Pela primeira vez, Saphira conseguira enfurecê-lo, percebendo que ele estava ansioso por lhe dilacerar a carne e provar o seu sangue.

Ótimo, pensou ela. Talvez Thorn não fosse o canalha assustado e vencido que ela achava que era.

Murtagh levou a mão a uma bolsa que tinha no cinto e tirou um pequeno objeto redondo. Saphira sabia, por experiência, que o objeto estava encantado e que ele iria utilizá-lo para curar os ferimentos de Thorn.

Ela levantou voo tentando ganhar o máximo de altitude possível antes que Thorn estivesse em condições de a perseguir. Depois de bater as asas algumas vezes, olhou de relance para baixo e viu-o subir na sua direção, a uma velocidade incrível, como um enorme gavião vermelho de garras aguçadas.

Torceu-se no ar e preparava-se para picar voo quando ouviu Eragon gritar nas profundezas da sua mente:

Saphira!

Alarmada, continuou a torcer o corpo até ficar virada para a arcada do portão sul, onde sentira a presença de Eragon. Depois encolheu as asas tanto quanto possível e mergulhou num ângulo inclinado em direção ao arco.

Thorn tentou atacá-la ao cruzar-se com ele em voo picado, mas Saphira não precisou de olhar para trás para saber que ele a seguia de perto.

E foi assim que ambos picaram voo em direção à fina muralha do ninho de ratos, com o vento fresco da manhã, carregado de água, a uivar nos ouvidos de Saphira como um lobo ferido.

MARTELO E ELMO

“Finalmente!”, pensou Roran ao ouvir as trompas dos Varden anunciarem o avanço das tropas.

Olhou de relance para Dras-Leona e teve um vislumbre de Saphira a mergulhar em direção ao amontoado escuro de edifícios, com as escamas a brilhar à luz do sol nascente. Thorn mexeu-se por baixo dela, como um enorme gato deitado ao sol, em cima de um muro, e levantou voo para a perseguir.

Uma explosão de energia percorreu Roran. Chegara, finalmente, a hora da batalha e ele estava ansioso por resolver o assunto. Pensou por instantes em Eragon, com alguma preocupação, levantando-se depois do tronco onde estava sentado, e reuniu-se com o resto dos homens, que entretanto se organizavam numa ampla formação retangular.

Roran passou os olhos pelas hostes de uma ponta à outra, certificando-se de que as tropas estavam a postos. Os homens tinham esperado durante quase toda a noite e estavam fáticos, mas ele sabia que o medo e a excitação depressa lhes limpariam a mente. Roran também estava cansado, mas não deu importância a isso; poderia dormir quando a batalha terminasse. Até lá, a sua principal preocupação era assegurar a sua sobrevivência e a dos seus homens.

Gostaria, contudo, de ter tempo para beber uma caneca de chá quente, que lhe acalmasse o estômago. Comeria algo estragado ao jantar, pelo que as cólicas e as náuseas não o largavam desde então. Ainda assim, o desconforto não era tão grande que o impedisse de lutar. Ou pelo menos, assim esperava.

Satisfeito com as condições dos seus homens, Roran colocou o elmo, fazendo-o deslizar sobre a touca de proteção acolchoada. Depois empunhou o martelo e enfiou o braço nas correias do escudo.

– Estamos às tuas ordens – disse Horst, aproximando-se.

Roran acenou com a cabeça. Escolhera o ferreiro como segundo comandante, decisão que Nasuada tinha aceitado sem discussão. Para além de Eragon, Horst era a pessoa que ele mais desejaria ter a seu lado. Sabia que era um egoísmo da sua parte, pois Horst tinha uma filha recém-nascida e os Varden precisavam das suas aptidões de ferreiro, mas Roran não via mais ninguém capaz de desempenhar a missão tão bem como ele. Horst não se tinha mostrado especialmente satisfeito com a promoção, mas também não parecera ficar aborrecido, organizando o batalhão de Roran com a segurança, a serenidade e a competência que lhe eram características.

As trompas soaram de novo e Roran ergueu o martelo por cima da cabeça.

– Avante! – gritou ele.

Assumiu a dianteira, enquanto várias centenas de homens avançavam, acompanhados, de ambos os lados, pelos outros quatro batalhões dos Varden.

Enquanto os guerreiros atravessavam os campos abertos que os separavam de Dras-Leona, soaram gritos de alarme na cidade. Momentos depois, ouviram-se sinos e trompas, e a algazarra furiosa depressa se instalou por toda a cidade, à medida que os defensores iam despertando. Terríveis rugidos e estrondos vindos do centro da cidade, onde os dois dragões lutavam, intensificavam o alvoroço. De vez em quando, Roran via um deles aparecer por cima dos edifícios, com a pele cintilante, mas de uma forma geral os dois gigantes mantinham-se fora do alcance da sua visão.

Aproximavam-se rapidamente do labirinto de edifícios decrepitos que circundavam as muralhas da cidade. As ruas estreitas e sombrias pareciam-lhe ameaçadoras e aziagas. Seria mais fácil para os soldados do Império – ou até mesmo para os cidadãos de Dras-Leona – emboscarem-nos naqueles pontos de passagem sinuosos. Lutar em quarteirões tão estreitos seria ainda mais brutal, confuso e caótico do que o normal. Se a situação chegasse a esse ponto, Roran sabia que poucos homens escapariam incólumes. Ao avançar para as sombras, sob os beirais da primeira fiada de casebres, um nó de inquietude invadiu-lhe as entranhas, exacerbando-lhe o mau estar, e Roran lambeu os lábios, nauseado.

“É bom que Eragon abra aquele portão”, pensou, “de contrário, ficaremos aqui presos como um rebanho de cordeiros encurralados para a matança.”

E A CIDADE CAIU...

Eragon deteve-se e olhou para trás, ao ouvir o estrondo da alvenaria a desabar.

Por entre o topo de duas casas distantes, ele viu um espaço vazio onde antes estava o pináculo farpado da catedral. No seu lugar, uma coluna de pó erguia-se em direção às nuvens, como um pilar de fumo branco.

Eragon sorriu para si, orgulhoso de Saphira. Nada como os dragões para espalhar o caos e a destruição. “Continua”, pensou, “fá-la em pedaços! Enterra os seus santuários sob trezentos metros de pedra!”

Depois continuou a percorrer a calçada sombria e sinuosa, acompanhado de Arya, Angela e Solembum. Havia já algumas pessoas nas ruas: mercadores a abrir as lojas, sentinelas da noite a caminho de casa, nobres embriagados a sair das farras, vagabundos a dormir nas soleiras das portas e soldados a correrem atabalhoadamente em direção às muralhas da cidade.

A medida que o ruído dos dois dragões em combate se propagava pela cidade, todos eles, incluindo os que corriam, olhavam insistentemente na direção da catedral e todos pareciam apavorados – desde o mendigo coberto de chagas, ao soldado calejado ou ao nobre ricamente trajado –, e nenhum prestou muita atenção a Eragon nem aos seus companheiros.

Eragon concluiu que o facto de ele e de Arya passarem por humanos vulgares, à primeira vista, também ajudava.

Por insistência dele, Arya deixara o noviço inconsciente numa viela, a uma distância considerável da catedral.

– Prometi-lhe que o levávamos connosco – explicara Eragon – mas não disse até onde. Ele que arranje maneira de sair daqui. – Arya tinha concordado e parecia aliviada por se livrar do peso do noviço.

Ao descerem os quatro a rua, apressadamente, uma estranha sensação de familiaridade invadiu Eragon. Tinha terminado a sua última visita a Dras-Leona de forma muito semelhante: a correr por entre os edifícios sebentos, encavalitados em cima uns dos outros, esperando conseguir alcançar um dos portões antes que o Império desse com ele. Só que, desta vez, tinha mais a recear do que apenas os Ra’zac.

Voltou a olhar de relance para a catedral. Saphira teria apenas de manter Murtagh e Thorn ocupados durante mais alguns minutos. Depois seria tarde demais para qualquer um deles conter os Varden. Contudo, os minutos podiam parecer horas durante uma batalha e Eragon estava perfeitamente consciente de que os braços da balança poderiam inverter-se rapidamente.

“Aguenta-te firme!”, – pensou, embora não transmitisse as palavras a Saphira, com receio de a distrair ou denunciar a sua posição. “Só mais um pouco!”

À medida que se aproximavam da muralha, as ruas tornavam-se mais estreitas e os ressaltos dos edifícios – casas na sua maioria – bloqueavam tudo, exceto uma estreita tira de céu azul. A água dos esgotos estava estagnada nas valetas, ao longo dos edifícios. Eragon e Arya taparam o nariz e a boca com a manga das túnicas. O fedor parecia não afetar a herbanária, embora Solembum rosasse e sacudisse a cauda, incomodado.

Uma sensação de movimento no telhado de um edifício próximo, chamou a atenção de Eragon, mas o que quer que o tivesse provocado já tinha desaparecido quando ele olhou. Continuou a olhar para cima e, momentos depois, começou a ver coisas estranhas: uma mancha branca nos tijolos cobertos de fuligem de uma chaminé; estranhas formas pontiagudas recortadas no céu da manhã; uma mancha oval, do tamanho de uma moeda, que cintilava nas sombras como fogo...

Eragon concluiu, surpreendido, que os telhados estavam cobertos de dúzias de homens-gato, todos eles na forma animal. Os homens-gato corriam de edifício em edifício, observando-os silenciosamente, dos telhados, enquanto Eragon e os companheiros seguiam o seu caminho ao longo do labirinto sombrio da cidade.

Eragon sabia que os esquivos transmórficos não se dignariam a ajudá-los, a não ser nas circunstâncias mais desesperadas – pois pretendiam esconder o seu envolvimento com os Varden, enquanto lhes fosse possível –, de qualquer modo achou encorajador tê-los ali tão perto.

A rua terminava num cruzamento com cinco outras ruas. Depois de consultar Arya e a herbanária, decidiram atravessar o cruzamento e prosseguir na mesma direção.

Trinta metros mais adiante, a rua que tinham escolhido descrevia uma curva pronunciada e abria-se para uma praça, em frente ao portão sul de Dras-Leona.

Eragon parou.

Diante do portão havia centenas de soldados. Os homens andavam de um lado para o outro, aparentemente confusos, empunhando armas e colocando armaduras, enquanto os comandantes lhes gritavam ordens. O fio dourado, bordado nas túnicas carmesim dos soldados, cintilava ao correrem para trás e para diante.

A presença dos soldados desanimou Eragon, ficando ainda mais desmoralizado ao ver que os defensores da cidade tinham empilhado um enorme amontoado de entulho, encostando-o aos portões, para impedir que os Varden os abrissem à força.

Eragon praguejou. A pilha de entulho era tão grande que uma equipa de cinquenta homens demoraria vários dias a removê-la. Saphira conseguiria desobstruir os portões em minutos, mas Murtagh e Thorn jamais lhe dariam essa oportunidade.

“Precisamos de outra distração”, pensou, embora não soubesse como criá-la.

Saphira!, gritou, projetando os pensamentos na direção dela. Tinha a certeza que ela o ouvira, mas não teve tempo de lhe explicar a situação, pois nesse preciso momento um dos soldados parou, apontando para ele e para os seus companheiros.

– Rebeldes!

Eragon desembainhou bruscamente Brisingr e saltou para diante, antes que os restantes soldados pudessem dar atenção ao aviso do homem. Não tinha alternativa. Recuar seria deixar os Varden à mercê do Império. Além disso, não podia permitir que Saphira enfrentasse a muralha e os soldados, sozinha.

Ao saltar, gritou, tal como Arya, que o acompanhou naquele ataque insensato. Juntos correram para o meio dos soldados surpreendidos. Durante breves instantes, os homens ficaram de tal forma perplexos que alguns deles só perceberam que Eragon era o inimigo depois dele os golpear.

Rajadas de flechas dos arqueiros estacionados nos baluartes voaram em arco para a praça. Meia dúzia ricochetearam nas proteções de Eragon e as restantes feriram ou mataram os homens do Império.

Por muito rápido que fosse, Eragon não conseguia aparar todas as espadas e adagas que o tentavam atingir. Sentia a energia enfraquecer a um ritmo alarmante, enquanto repelia os ataques com magia. Se não se desembaraçasse daquela turba, os soldados acabariam por esgotá-lo a ponto de já não conseguir lutar.

Com um grito de guerra feroz, Eragon girou em círculo, mantendo Brisingr perto da cintura e ceifando todos os soldados que estavam ao seu alcance.

A lâmina iridescente, azul, retalhava ossos e carne como se fossem insubstanciais. Pedacos retorcidos de sangue escorriam da ponta da espada, dispersando-se lentamente em gotas cintilantes, como esferas de coral polido, e os homens que ele atingia dobravam-se sobre si, agarrados à barriga, na tentativa de estancar as feridas.

Todos os detalhes pareciam vívidos e nítidos como se fossem esculpidos em vidro. Eragon conseguia distinguir cada pelo da barba do espadachim que tinha diante de si, contar as gotas de suor que lhe cobriam a pele, por baixo dos olhos, e assinalar cada nódoa, arranhão ou rasgão nas suas roupas.

O estrépito do combate era dolorosamente intenso para a sua audição sensível, no entanto Eragon sentia-se perfeitamente calmo. Não estava imune aos medos que

outrora o perturbavam, mas estes pareciam não depender tão facilmente e, graças a isso, conseguia lutar melhor.

Completo o círculo e tinha acabado de avançar na direção de um espadachim quando viu Saphira descer velozmente sobre a sua cabeça. As asas estavam coladas ao corpo e estremeciam como folhas num temporal. Ao passar por ele, uma rajada de vento despenteou-lhe o cabelo, forçando-o a atirar-se para o chão.

Instantes depois, Thorn surgiu atrás Saphira, de dentes arreganhados e chamava a ferver na boca aberta. Os dois dragões percorreram a toda a velocidade oitocentos metros, para lá da muralha de lama amarela de Dras-Leona, e depois deram a volta, voltando a aproximar-se velozmente.

Eragon ouviu uma estrondosa ovação no exterior das muralhas. “Os Varden devem estar quase a chegar aos portões.” pensou.

Parte da pele do antebraço esquerdo ardia-lhe como se lhe tivessem derramado gordura quente sobre este. Sorveu o ar e sacudiu o braço, mas o ardor não passava. Depois viu uma mancha de sangue ensopar-lhe a túnica e olhou de relance para Saphira. Só podia ser sangue de dragão, embora não soubesse de qual.

Quando os dragões se aproximaram, Eragon aproveitou a desorientação momentânea dos soldados para matar mais três, mas entretanto os outros homens recuperaram o controlo e a batalha recomeçou em força.

Um soldado com um machado de guerra apareceu diante de si, brandindo-o na sua direção, mas Arya despachou o homem a meio do ataque, com um golpe nas costas que o cortou praticamente ao meio.

Eragon agradeceu-lhe a ajuda com um breve aceno de cabeça. Depois, por acordo tácito, colocaram-se de costas um para o outro e enfrentaram os soldados juntos.

Eragon apercebeu-se de que Arya estava tão ofegante como ele. Embora fossem mais fortes e mais rápidos do que a maioria dos humanos, a sua resistência tinha limites. Já tinham eliminado dúzias de soldados mas restavam ainda centenas deles e Eragon sabia que, em breve, surgiriam reforços, vindos de outros pontos de Dras-Leona.

– E agora? – gritou ele, aparando uma lança que alguém lhe tentara espetar na coxa.

– Magia! – respondeu Arya.

Enquanto se defendia dos ataques dos soldados, Eragon começou a recitar todos os feitiços de que se lembrou, para matar os inimigos.

O seu cabelo voltou a despentear-se com uma rajada de vento e uma sombra fresca passou velozmente por ele. Saphira descreveu vários círculos para reduzir a velocidade, abriu as asas e picou voo na direção das ameias na muralha.

Mas Thorn alcançou-a antes que ela conseguisse aterrar, picando voo e projetando um jato de chamas com mais de trinta metros. Saphira rugiu de frustração e desviou-se da muralha, batendo rapidamente as asas para ganhar altitude. Os dois dragões descreviam espirais em torno um do outro, à medida que subiam, mordendo-se e arranhando-se com um desapego feroz.

Ver Saphira em perigo apenas reforçou a determinação de Eragon, e acelerou o ritmo das palavras, entoando-as tão depressa quanto possível na língua antiga, sem as pronunciar mal. Mas, por muito que tentasse, nem os seus feitiços nem os de Arya produziam qualquer efeito nos soldados.

Depois a voz de Murtagh estrondeou do céu, como a voz de um gigante capaz de arranhar as nuvens:

– Esses homens estão sob a minha proteção, Irmão!

Eragon olhou para cima e viu Thorn precipitar-se na direção da praça. A súbita mudança de direção do dragão vermelho apanhou Saphira desprevenida e ela continuou a pairar por cima da cidade, como uma silhueta azul-escura recortada no azul mais claro do céu.

“Eles já sabem”, pensou Eragon, e o pavor destruiu a serenidade que anteriormente ele sentia. Depois, baixou a cabeça e passou os olhos pela multidão. Havia cada vez mais soldados a saírem das ruas de ambos os lados da muralha de Dras-Leona. A herbanária estava encostada a uma das casas, nos limites da praça, atirando frascos de vidro com uma mão e brandindo Tinido Mortal com a outra. À medida que se partiam, os frascos libertavam nuvens de vapor verde e qualquer soldado que fosse apanhado no miasma caía para o chão, a espremeir, agarrado à garganta, com pequenos cogumelos castanhos a crescerem-lhe em todos os centímetros de pele exposta. Solembum estava agachado atrás de Angela, em cima de um muro de jardim. O homem-gato aproveitou o plano elevado para arranhar a cara dos soldados e arrancar-lhes os elmos, distraíndo-os, à medida que estes tentavam aproximar-se da herbanária. Tanto ele como Angela pareciam cercados e Eragon duvidava que eles resistissem muito mais tempo.

Nada do que viu lhe deu esperança. Voltou a desviar o olhar para o imenso volume do corpo de Thorn, no instante em que este enfunava as asas para abrandar a sua descida.

– Temos de ir embora! – gritou Arya.

Eragon hesitou. Não seria difícil passarem os quatro por cima da muralha, até ao local onde os Varden os esperavam. Mas, se fugissem, os Varden não ficariam em melhor situação. O exército não podia dar-se ao luxo de esperar mais pois os mantimentos esgotar-se-iam dentro de alguns dias e os homens começariam a desertar. Eragon sabia que se isso acontecesse jamais conseguiriam voltar a unir todas as raças contra Galbatorix.

O corpo e as asas de Thorn encobriram o céu, envolvendo toda a área numa escuridão rósea e escondendo Saphira. Gotas de sangue do tamanho do pulso de Eragon pingavam do pescoço e das pernas de Thorn. Vários soldados gritaram de dor ao sentirem o líquido a escaldá-los.

– Agora, Eragon! – gritou Arya, agarrando-lhe no braço e puxando-o. Mas ele não arredou pé, recusando-se a admitir a derrota.

Arya puxou-o com mais força, forçando-o a olhar para baixo, para se equilibrar. Ao fazê-lo, o seu olhar fixou-se no terceiro dedo da sua mão direita, onde usava Aren.

Eragon guardava a energia contida no anel para o dia em que tivesse, finalmente, de defrontar Galbatorix. Seria uma insignificância, em comparação com a que o rei certamente acumulara durante o seu longo reinado. De qualquer modo, era o maior reservatório de energia que ele possuía e sabia que não teria hipótese de reunir igual quantidade de energia antes dos Varden chegarem a Urû'baen. Se lá chegassem. Era também uma das poucas coisas que Brom lhe deixara. Daí sentir-se tão relutante em usar a energia.

Porém, não lhe ocorria outra alternativa.

O reservatório de energia dentro de Aren sempre lhe parecera enorme, no entanto agora interrogava-se se seria suficiente para o que pretendia fazer.

Pelo canto do olho, viu Thorn a tentar alcançá-lo, com umas garras do tamanho de um homem, e uma parte de si gritou-lhe que fugisse antes que o monstro o apanhasse e o comesse vivo.

Eragon respirou fundo e penetrou no precioso tesouro de Aren, gritando:

– Jierda!

Eragon nunca sentira tamanha torrente de energia fluir através de si; era como um rio gelado que queimava e ardia de uma forma quase insuportável. A sensação era, em simultâneo, de agonia e de êxtase.

Ao proferir uma ordem, a enorme pilha de entulho, que bloqueava os portões, explodiu em direção ao céu numa coluna cerrada de terra e pedra. Os escombros atingiram Thorn no flanco, retalhando-lhe a asa e derrubando o dragão para lá da periferia de Dras-Leona, aos guinchos. Depois a coluna espalhou-se para fora, formando um teto de pedras e terra solta sobre a metade sul da cidade.

A explosão de entulho fez estremecer a praça, atirando toda a gente ao chão. Eragon aterrou sobre as mãos e os joelhos, e ficou onde estava, a olhar para cima tentando manter o feitiço ativo.

Quando a energia do anel estava praticamente esgotada, sussurrou:

– Gánga raehta. – A coluna de entulho flutuou para a direita, na direção das docas e do Lago Leona, como uma nuvem escura de trovoada apanhada por um vendaval. Eragon continuou a empurrar o entulho para longe do centro da cidade, enquanto lhe foi possível, pondo fim ao feitiço mal sentiu os últimos resíduos de

energia a percorrer-lhe o corpo.

A nuvem de destroços implodiu com um ruído enganadoramente suave. Os elementos mais pesados – pedras, lascas de madeira e torrões de terra – caíram, fustigando a superfície do lago. Mas, as partículas mais pequenas ficaram suspensas no ar, formando uma enorme mancha castanha, que se afastou lentamente para Oeste.

No sítio onde o entulho anteriormente estava, via-se agora uma cratera vazia. Pedras da calçada partidas orlavam a depressão como um círculo de dentes estilhaçados. Os portões da cidade estavam pendurados, deformados e rachados, sem recuperação possível.

Através dos portões destruídos, Eragon viu os Varden aglomerados nas ruas e respirou fundo, deixando cair a cabeça para a frente, exausto. “Resultado”, pensou, abismado. Depois, levantou-se devagar, vagamente consciente de que ainda não estavam livres de perigo.

Enquanto os soldados tentavam levantar-se, os Varden invadiram Dras-Leona com gritos de guerra, batendo com as espadas nos escudos. Segundos depois, Saphira aterrou entre eles e o que estivera prestes a transformar-se numa batalha campal converteu-se numa balbúrdia, com soldados a fugirem para se salvar.

Eragon teve um vislumbre de Roran no meio do mar de homens e Anões, mas perdeu-o de vista antes de conseguir captar a atenção do primo.

“Arya...?” Eragon virou-se e ficou alarmado ao ver que ela não estava junto de si. Alargou a busca e depressa a avistou no meio da praça, rodeada de uns vinte soldados. Os homens seguravam-lhe nos braços e nas pernas com uma tenacidade implacável, tentando arrastá-la. Arya libertou uma das mãos e atingiu um homem no queixo, partindo-lhe o pescoço, mas outro soldado tomou o seu lugar, antes que ela tivesse tempo de o agredir.

Eragon correu na direção dela. Exausto, baixou demasiado a espada e a ponta de Brisingr prendeu-se na cota de malha de um soldado caído, arrancando-lhe o punho da mão. A espada caiu ruidosamente no chão e Eragon hesitou, sem saber se deveria voltar para trás. Mas depois viu dois soldados atacarem Arya com adagas e correu duas vezes mais depressa.

Quando ele a alcançou, Arya repeliu os atacantes por breves instantes. Os homens atacaram-na de mãos abertas, mas antes que conseguissem voltar a agarrá-la, Eragon agrediu um dos homens no flanco, esmurrando-o nas costelas. Um soldado com uns bigodes encerados tentou golpear o peito de Eragon, mas ele agarrou na espada com ambas as mãos, arrancou-a do soldado e partiu-a ao meio, estripando-o com o coto da própria arma. Numa questão de segundos, todos os soldados que tinham ameaçado Arya estavam mortos ou moribundos, e os que Eragon não matava, eram aniquilados por Arya.

Depois ela disse:

– Eu teria conseguido derrotá-los sozinha.

Eragon curvou-se, apoiando as mãos nos joelhos para recuperar o fôlego.

– Eu sei... – E apontou com a cabeça para a mão direita de Arya – a que tinha ferido ao soltar-se da grilheta de ferro, agora fechada contra a perna. – Entende-o como um agradecimento.

– Um presente um tanto deprimente – disse ela com um leve sorriso nos lábios.

Grande parte dos soldados tinha fugido da praça e os que restavam estavam encostados às casas, encurralados pelos Varden. Ao olhar em redor, Eragon viu um elevado número de soldados de Galbatorix a deporem armas e a renderem-se.

Juntos, ele e Arya recuperaram a sua espada. Depois, encaminharam-se para a muralha de lama amarela, onde o solo estava consideravelmente limpo, e sentaram-se contra a parede a ver os Varden marchar para o interior da cidade.

Saphira depressa se reuniu a eles. Tocou ao de leve em Eragon com o nariz e ele sorriu, coçando-lhe o focinho. Ela gemeu.

Conseguiste, disse ela.

Conseguimos, respondeu ele.

Montado no seu dorso, Blödhgarm desapertou as correias que lhe prendiam as pernas à sela da Saphira, deslizando do dorso. Eragon viveu, por instantes, a experiência absolutamente desconcertante de encontrar-se consigo mesmo, concluindo desde logo que não gostava de ter o cabelo encaracolado nas têmporas.

Depois, Blödhgarm proferiu uma palavra indistinta na língua antiga, a sua forma tremeluziu como um reflexo de calor e voltou a ser ele próprio: alto, coberto de pelo, com olhos amarelos, orelhas compridas e dentes aguçados. Não se parecia com um elfo nem com um ser humano, mas Eragon detetou uma marca de mágoa e raiva na sua expressão tensa e severa.

– Aniquilador de Espetros – disse ele, fazendo uma vénia a Arya e Eragon. – Saphira informou-me da sorte de Wyrden. Eu...

Antes que pudesse terminar a frase, os outros dez elfos, sob as ordens de Blödhgarm, emergiram da multidão de soldados dos Varden, aproximando-se rapidamente de espada em punho.

– Aniquilador de Espetros – exclamaram eles. – Argetlam! Escamas Brillhantes!

Eragon saudou-os com um ar cansado e esforçou-se por responder às suas perguntas, embora preferisse não ter de o fazer.

Depois a conversa foi interrompida por um rugido e todos ficaram imersos na sombra. Eragon olhou para cima e viu Thorn – de novo incólume –, equilibrando-se numa coluna de ar, a grande altitude.

Eragon praguejou, trepou para cima de Saphira, desembainhando Brisingr, e Arya, Blödhgarm e os outros elfos formaram um círculo de proteção em torno dela. O seu poder combinado era formidável, mas Eragon não sabia se seria o suficiente para manter Murtagh à distância.

Todos os Varden olharam para cima ao mesmo tempo. Por muito corajosos que fossem, mesmo os mais valentes se encolhiam perante um dragão.

– Imão! – gritou Murtagh, com a voz de tal forma amplificada que Eragon teve de tapar os ouvidos. – Pagarás com sangue os ferimentos que infligiste em Thorn! Fica com Dras-Leona, se quiseres, pois nada significa para Galbatorix. Mas esta não será a última vez que nos encontramos, Eragon, Aniquilador de Espetros. Prometo.

Depois Thorn virou-se, sobrevoou Dras-Leona em direção a Norte, e depressa desapareceu na cortina de fumo que se erguia das casas incendiadas, junto da catedral destruída.

NAS MARGENS DO LAGO LEONA

Eragon caminhava pelo acampamento mergulhado na penumbra, de dentes e punhos cerrados.

Passara as últimas horas em conferência com Nasuada, Orlik, Arya, Garzhgov, o rei Orrin e os seus inúmeros conselheiros a discutir os acontecimentos do dia e a avaliar a presente situação dos Varden. Quase no fim da reunião contactaram a rainha Islanzadí para a informar que os Varden tinham tomado Dras-Leona e também sobre a morte de Wyrden.

Não foi agradável para Eragon explicar como morrera um dos seus feiticeiros mais antigos e mais poderosos, e a rainha não ficou satisfeita com as notícias. A sua reação inicial foi de tamanha tristeza que Eragon ficou surpreendido, pois nunca imaginara que ela conhecesse Wyrden tão bem.

Falar com Islanzadí deixara-o mal-humorado, na medida em que reforçara a evidência do quão aleatória e desnecessária fora a morte de Wyrden. “Se eu tivesse ido à frente, seria eu que teria ficado empalado naqueles espigões”, pensou, continuando a sua busca pelo acampamento. “Ou Arya.”

Saphira sabia o que ele queria fazer, mas tinha decidido regressar ao espaço junto da tenda, onde normalmente dormia, dizendo:

Se andar acima e abaixo nas filas de tendas, os Varden não conseguirão dormir e eles conquistaram o direito ao descanso. Porém, as suas mentes continuavam unidas e ele sabia que se precisasse de Saphira, ela estaria a seu lado em segundos.

Eragon evitou aproximar-se das fogueiras e das tochas que ardiam em frente de muitas tendas, preservando a sua visão noturna, mas fez por inspecionar todas as poças de luz, em busca da sua presa.

Enquanto a procurava, ocorreu-lhe que ela poderia iludi-lo por completo. Os seus sentimentos por ela estavam longe de ser amigáveis e isso permitir-lhe-ia sentir onde ele estava e evitá-lo, se quisesse. Contudo não a considerava cobarde. Apesar de ser muito jovem, era uma das pessoas mais difíceis que conhecera, fosse entre humanos, Elfos ou Anões.

Por fim viu Elva sentada em frente de uma pequena tenda, incaracterística, a tecer um berço de gato, à luz de uma fogueira mortíça. Junto dela estava Greta, a tutora, com um par de agulhas de tricot que se moviam velozmente nas suas mãos nodosas.

Eragon parou por instantes, a observar. A velhota parecia mais satisfeita que nunca e ele deu consigo relutante em perturbar a sua tranquilidade.

Depois Elva disse:

– Não percas a coragem agora, Eragon. Se chegaste até aqui... – Curiosamente, tinha uma voz dócil, como se tivesse estado a chorar. Porém, ao levantar os olhos, o seu olhar revelou-se feroz e desafiador.

Greta pareceu ficar sobressaltada quando Eragon se aproximou da luz, reunindo a linha e as agulhas e cumprimentando-o com uma vénia:

– Saudações, Aniquilador de Espetros. Posso oferecer-te algo de comer ou de beber?

– Não, obrigado. – Eragon parou diante de Elva e fitou a pequena rapariga. Ela olhou-o por instantes, voltando a concentrar-se na tira de malha que tinha entre os dedos. O seu estômago contraiu-se estranhamente ao reparar que os seus olhos violeta tinham a mesma cor que os cristais de ametista que os sacerdotes de Helgrind utilizaram para matar Wyrden e aprisionaram-no a ele e a Arya.

Eragon ajoelhou-se e agarrou no emaranhado de fio, a meio, interrompendo os movimentos de Elva.

– Eu sei o que vais dizer – comentou ela.

– É possível – rosnou Eragon –, mas mesmo assim vou dizê-lo. Tu mataste Wyrden. Tão certo como se o tivesses apunhalado com as tuas próprias mãos. Se tivesses vindo connosco tê-lo-ias prevenido da armadilha, ter-nos-ias prevenido a todos. Eu vi Wyrden morrer e vi Arya rasgar metade da mão por tua causa. À conta da tua raiva, da tua teimosia e do teu orgulho... Odeia-me se quiseres, mas não te atrevas a fazer mais ninguém sofrer por causa disso. Se queres que os Varden sejam derrotados, junta-te a Galbatorix e resolve o assunto de uma vez. É isso que queres?

Elva abanou lentamente a cabeça.

– Então, não quero voltar a ouvir dizer que te recusaste a ajudar Nasuada apenas por rancor, senão tu e eu iremos ajustar contas, Presciente Elva, e não é disputa que possas ganhar.

– Tu jamais me conseguirias vencer – murmurou ela, com a voz embargada de emoção.

– Talvez tenhas uma surpresa. Tens uma valiosa aptidão, Elva, e os Varden precisam da tua ajuda. Agora mais do que nunca. Não sei como vamos derrotar o rei de Urû’baen, mas se te juntares a nós – se usares as tuas aptidões contra ele – talvez tenhamos uma hipótese.

Elva parecia estar numa luta interior. Depois, acenou com a cabeça e Eragon viu que ela estava a chorar. As lágrimas transbordavam-lhe dos olhos. Não lhe dava qualquer prazer vê-la perturbada, mas ele sentiu uma certa satisfação pelo facto de as suas palavras a terem afetado.

– Desculpa – sussurrou ela.

Ele largou o fio e levantou-se:

– As tuas desculpas não poderão trazer Wyrden de volta. Faz melhor no futuro e talvez possas redimir-te do teu erro.

Eragon acenou com a cabeça a Greta, que ficara em silêncio durante toda a conversa, e afastou-se depois da luz, regressando às filas escuras de tendas.

Fizeste bem, disse Saphira. Acho que ela vai agir de forma diferente, de hoje em diante.

Espero que sim.

Repreender Elva fora uma experiência invulgar para ele. Lembrava-se de Brom e Garrow o repreenderem por cometer erros, e o facto de dar consigo no papel de admonitorio fazia-o sentir-se... diferente... mais maduro.

“E assim os ciclos se sucedem”, pensou.

Caminhou sem pressa pelo acampamento, apreciando a brisa fresca que soprava do lago escondido nas sombras.

Depois da conquista de Dras-Leona, Nasuada surpreendera todos, insistindo para que os Varden não passassem a noite na cidade. Não dera qualquer explicação para a sua decisão, mas Eragon desconfiava que o facto de se terem atrasado em Dras-Leona a deixara demasiado ansiosa de retomar a viagem para Urû’baen. Além disso, ela não deveria querer ficar numa cidade onde poderiam estar escondidos inúmeros espões de Galbatorix.

Logo que os Varden controlaram as ruas, Nasuada destacara vários guerreiros para permanecerem na cidade, sob as ordens de Martland Barba Ruiva. Depois disso os Varden tinham abandonado Dras-Leona e marchado para Norte, ao longo da margem do lago vizinho. Um fluxo constante de mensageiros cavalgava para trás e para diante entre os Varden e Dras-Leona, para que Martland e Nasuada conferenciassem acerca dos numerosos assuntos a ter em conta na governação da cidade.

Antes de os Varden partirem, Eragon, Saphira e os feiticeiros de Blödhgarm tinham regressado à catedral destruída para recolher o corpo de Wyrden e procurar o cinto de Beloth, o Sábio. Saphira demorara apenas alguns minutos a remover o amontoado de pedras que bloqueavam o acesso às câmaras subterrâneas, para que

Blóðhgam e os outros elfos fossem buscar Wyrden, mas por muito que tivessem procurado e por muitos feitiços que tivessem lançado não conseguiram encontrar o cinto.

Os elfos transportaram Wyrden sobre os escudos, levando-o da cidade até um pequeno outeiro junto de um ribeiro, onde o enterraram entoando vários cânticos de lamento na língua antiga – melodias tão tristes que Eragon chorara copiosamente e todos os pássaros e os animais que os escutaram, pararam para ouvir.

Yaela, a mulher elfo de cabelos prateados, ajoelhou-se ao lado da campa, tirara uma bolota de uma bolsa que trazia presa ao cinto, e colocara-a sobre o peito de Wyrden. Depois os doze elfos, incluindo Arya, entoaram cânticos à bolota, que criou raízes, despontou e cresceu, retorcendo-se em direção ao céu como umas mãos crispadas.

Quando os elfos terminaram, o frondoso carvalho tinha seis metros de altura, com longas fiadas de flores verdes na ponta de cada ramo.

Eragon achou que tinha sido o funeral mais bonito a que assistira, considerando-o preferível à prática dos Anões, que sepultavam os seus mortos em pedra dura e fria, debaixo do chão. Além disso, agradava-lhe a ideia de que o corpo de alguém servisse de alimento a uma árvore que poderia viver algumas centenas de anos. Por isso decidiu que se morresse queria uma macieira plantada em cima de si, para que os seus amigos e familiares pudessem comer os frutos nascidos do seu corpo.

A ideia divertira-o tremendamente, ainda que de uma forma um tanto mórbida.

Além de passarem revista à catedral e de recolherem o corpo de Wyrden, Eragon fizera outra coisa digna de nota em Dras-Leona, depois da conquista: com o acordo prévio de Nasuada, declarara todos os escravos da cidade livres e fora pessoalmente às mansões e aos leiloeiros libertar muitos dos homens, mulheres e crianças que lá permaneciam acorrentados. Esse gesto dera-lhe grande satisfação, esperando com isso poder melhorar as vidas das pessoas que libertara.

Ao aproximar-se da tenda, viu Arya à sua espera junto da entrada e acelerou o passo. Mas antes que a pudesse cumprimentar, alguém gritou:

– Aniquilador de Espetros!

Eragon virou-se e viu um dos pajens de Nasuada que caminhava na sua direção.

– Aniquilador de Espetros – repetiu o rapaz, um pouco ofegante, cumprimentando Arya com uma vénia. – Lady Nasuada gostaria que comparecesses na sua tenda, amanhã de manhã, uma hora antes do nascer do sol, para conferenciarmos com ela. O que devo dizer-lhe, Lady Arya?

– Podes dizer-lhe que estarei lá à hora que ela pretende – respondeu Arya, inclinando ligeiramente a cabeça.

O pajem fez outra vénia, deu meia volta, e seguiu a correr pelo mesmo caminho.

– É um pouco confuso o facto de ambos termos matado um Espetro – comentou Eragon com um sorriso tímido.

Arya sorriu também, num movimento dos lábios quase imperceptível na escuridão.

– Preferias que eu tivesse deixado Varaug vivo?

– Não, não... de maneira alguma.

– Poderia tê-lo mantido como escravo, para me fazer as vontades.

– Agora estás a provocar-me – disse ele.

Ela fez um ruído suave e bem-disposto.

– Talvez fosse melhor tratar-te por princesa, princesa Arya – disse Eragon, apreciando o som das palavras.

– Não deves chamar-me isso – reagiu ela, num tom mais sério. – Eu não sou princesa.

– Porque não? A tua mãe é rainha. Como é possível que não sejas uma princesa? O título dela é dröttning e o teu é dröttningu. Um significa rainha e o outro...

– Não significa princesa – disse ela –, não propriamente. Não há qualquer palavra equivalente nesta língua.

– Mas, se a tua mãe morresse ou abdicasse do trono tu tomarias o seu lugar como soberana do teu povo, certo?

– Não é assim tão simples.

Arya não parecia disposta a explicar mais nada, por isso Eragon disse:

– Queres entrar?

– Sim – respondeu.

Eragon abriu a entrada da tenda e Arya baixou-se para entrar. Depois de olhar brevemente para Saphira – enroscada ali perto, a respirar pesadamente, mergulhando no sono –, Eragon seguiu-a.

Aproximou-se da lanterna pendurada no poste, ao centro da tenda, e murmurou:

– Istalrí – evitando usar a palavra brisingr, para não incendiar a espada. A chama resultante impregnou o interior da tenda de uma luz quente e constante, emprestando uma aparência quase acolhedora à tenda do exército parcamente mobilada.

Sentaram-se e Arya disse:

– Encontrei isto entre os pertences de Wyrden e pensei que o poderíamos apreciar juntos. – Tirou um frasco de madeira trabalhada, mais ou menos do tamanho da mão de Eragon, do bolso lateral das calças e deu-lho.

Eragon abriu o frasco, aproximou-o da boca e cheirou-o, arqueando as sobrancelhas ao sentir um odor forte e adocicado a licor.

– É faelnirv? – perguntou, mencionando o nome da bebida que os Elfos faziam de bagas de sabugueiro. – E raios de lua, segundo Narí.

Arya deu uma gargalhada e a sua voz tilintou como aço bem temperado.

– É, mas Wyrden acrescentou-lhe mais qualquer coisa.

– Ah sim?

– As folhas de uma planta que cresce na zona leste de Du Weldenvarden, ao longo das margens do Lago Rōna.

Eragon franziu o sobrolho.

– Sabes o nome dessa planta?

– Talvez, mas não é importante. Anda, bebe. Vais gostar, prometo.

E voltou a dar uma gargalhada, o que o deixou hesitante, pois nunca a vira assim antes. Parecia-lhe travessa e afoita, e ele apercebeu-se, sobressaltado, de que ela já estava bastante embriagada.

Eragon hesitou, interrogando-se se Glaedr estaria a observá-los. Depois levou o frasco aos lábios e bebeu um grande gole de faelnirv. O licor tinha um sabor diferente daquele a que estava acostumado, um sabor forte e almiscarado, semelhante ao cheiro de uma marta ou de uma doninha.

Eragon fez uma careta e conteve um vômito, sentindo o faelnirv deixar-lhe um rasto ardente na garganta. Bebeu outro gole mais pequeno, voltando depois a passar o frasco a Arya, que bebeu também.

O dia anterior fora sangrento e pavoroso, e Eragon passara grande parte desse dia a lutar e a matar. Por pouco não fora morto. Precisava de um escape... precisava de esquecer. A tensão que sentia estava demasiado entranhada para diminuir apenas com alguns truques mentais. Era preciso mais qualquer coisa, algo exterior a si, ainda que a violência em que participara fosse em grande parte externa e não interna.

Quando Arya lhe devolveu o frasco, ele bebeu um grande trago e depois riu baixinho, incapaz de se conter.

Arya arqueou a sobrancelha e olhou-o com uma expressão pensativa, ainda que bem-disposta.

– Qual é a graça?

– Isto... Nós... O facto de ainda estarmos vivos e eles... não – e acenou em direção a Dras-Leona. – A vida diverte-me. A vida e a morte. – Sentia um fulgor quente no estômago e começava a sentir um formigueiro na ponta das orelhas.

– É bom estar vivo – disse Arya.

Continuaram a passar o frasco um ao outro até o esvaziarem, altura em que Eragon voltou a rolar o gargalo – uma tarefa que teve de repetir várias vezes, pois sentia os dedos grossos e desajeitados, e o catre parecia estar a inclinar-se debaixo de si, como o convés de um navio em alto mar.

Devolveu o frasco vazio a Arya e, quando ela lhe pegou, agarrou-lhe na mão – a mão direita –, virando-o para a luz. A sua pele estava de novo lisa e imaculada. Não restavam quaisquer vestígios do ferimento na mão.

– Foi Blödhgarm que te curou? – perguntou Eragon.

Arya anuiu e ele largou-a.

– Quase totalmente. Recuperei por completo a mobilidade. – Abriu e fechou a mão várias vezes para o demonstrar. – Mas ainda não tenho sensibilidade numa extensão de pele na base do polegar. – E apontou com o indicador esquerdo.

Eragon esticou a mão, tocando-lhe ao de leve nessa área.

– Aqui?

– Aqui – disse ela, deslocando um pouco a mão para a direita.

– E Blödhgarm não conseguiu fazer nada?

Ela abanou a cabeça.

– Tentou meia dúzia de feitiços, mas os nervos recusaram a unir-se. – Fez um gesto displicente. – Não tem importância. Ainda posso empunhar uma espada e puxar um arco. É isso que importa.

Eragon hesitou e depois disse:

– Bem sabes como te estou agradecido pelo que fizeste... pelo que tentaste fazer. Só lamento que te tenha deixado uma marca permanente. Se o pudesse ter evitado de alguma forma...

– Não te sintas mal por isso. É impossível viver a vida incólume, tão pouco deverias desejá-lo. É pelos ferimentos que acumulamos que avaliamos as nossas loucuras e as nossas conquistas.

– Angela disse algo semelhante acerca dos inimigos. Do género: que se não fizessemos inimigos éramos cobardes, ou algo pior.

Arya acenou com a cabeça.

– Há alguma verdade nisso.

Continuaram a conversar e a rir noite fora. Em vez de enfraquecer, o efeito do faelnirv continuava a acentuar-se. Eragon sentia-se entorpecido e tonto, e reparou que as bolsas de sombra na tenda pareciam rodopiar. Viu também estranhos clarões a flutuarem no seu campo de visão – como normalmente lhe acontecia ao fechar os olhos à noite. As pontas das orelhas ardiam-lhe febrilmente, e ele sentia comichão e cócegas nas costas como se tivesse formigas a percorrerem-lhe a pele. Certos ruídos tinham também adquirido uma intensidade peculiar – o zunido rítmico dos insetos, do lado do rio, e os estalidos da tocha do lado de fora da tenda –, dominando a sua audição a ponto de ele ter dificuldade em distinguir qualquer outro ruído.

“Será que me envenenaram?”, pensou.

– O que é? – perguntou Arya, reparando no seu ar alarmado.

Ele humedeceu a boca, sentindo-a incrivelmente seca, e contou-lhe o que estava a sentir.

Arya deu uma gargalhada e recostou-se, com os olhos pesados e semicerrados.

– É assim que deve ser. Essas sensações vão passar ao nascer do dia. Até lá, descontrai-te e aprecia-as.

Eragon lutou consigo mesmo, por instantes, ponderando se havia de usar um feitiço para limpar a cabeça – se é que o conseguiria fazer –, mas depois decidiu confiar em Arya e seguir o seu conselho.

Ao sentir o mundo inclinar-se à sua volta, ocorreu-lhe o quão dependente estava dos sentidos para definir o que era real e o que não era. Quase poderia jurar que os clarões estavam lá, embora o lado racional da sua mente lhe dissesse que eram apenas alucinações induzidas pelo faelnirv.

Eragon e Arya continuaram a falar, mas as suas conversas tornaram-se gradualmente mais desarticuladas e incoerentes. No entanto, Eragon estava convencido de que tudo o que tinham discutido era da maior importância, embora não conseguisse explicar porquê, ou lembrar-se do que tinham falado minutos antes.

Algun tempo depois, Eragon ouviu o ruído grave e gutural de uma flauta de cana, algures no acampamento. A princípio julgou estar a imaginar os tons melódiosos, mas depois viu Arya inclinar a cabeça e virar-se na direção da música, como se também tivesse reparado nela.

Eragon não sabia quem estava a tocar, nem porquê, e também não queria saber. Era como se a própria melodia tivesse surgido subitamente na escuridão da noite, como um vento solitário e esquecido.

Ouviu com a cabeça inclinada para trás e as suas pálpebras quase se fecharam, ao sentir imagens fantásticas misturarem-se no interior da sua cabeça, imagens induzidas pelo faelnirv mas modeladas pela música.

À medida que progredia, a melodia foi-se tornando mais turbulenta e o que havia de lamentoso, tornou-se insistente. As variações das notas eram de tal forma rápidas, insistentes, intrincadas e alarmantes que Eragon começou a temer pela segurança do músico. Tocar com tamanha rapidez e perícia não parecia natural, nem mesmo num elfo.

A música atingiu um tom particularmente animado e Arya soltou uma gargalhada. Depois, levantou-se e fez pose, erguendo os braços sobre a cabeça, batendo com o pé no chão e batendo palmas – uma, duas, três vezes. E, para surpresa de Eragon, começou a dançar. A princípio, os movimentos eram lentos, quase langorosos, mas depressa acelerou o ritmo até o ajustar à cadência frenética da música.

A música depressa atingiu o seu auge, começando depois a abrandar gradualmente. O tocador de flauta repetiu as fases musicais, concluindo a melodia. Mas, antes da música parar, Eragon sentiu uma súbita comichão que o fez agarrar na mão direita e coçar a palma da mão. Em simultâneo, sentiu uma pontada algures na mente no mesmo instante em que uma das suas proteções se ativou, avisando-o de um perigo.

Segundos depois, um dragão rugiu por cima da sua cabeça e Eragon foi percorrido por um medo gelado.

O rugido não era o de Saphira.

A PALAVRA DE UM CAVALEIRO

Eragon agarrou em Brisingr, correndo depois para fora da tenda com Arya.

Lá fora cambaleou e caiu sobre o joelho, pois o chão parecia inclinar-se. Agarrou-se a um tufo de erva e usou-o como âncora, enquanto esperava que as torturas abrandassem.

Quando se atreveu a olhar para cima, franziu os olhos. A luz das tochas mais próximas era dolorosamente intensa e as chamas ondulavam como se estivessem soltas dos trapos ensopados em óleo que as alimentavam.

“Estou sem equilíbrio, não posso confiar na minha visão. Tenho de ficar lúcido, tenho de...”

Uma sensação de movimento chamou-lhe a atenção e ele baixou-se. A cauda de Saphira varreu o ar por cima dele, passando-lhe a escassos centímetros da cabeça. Depois, embateu na tenda e derrubou-a, quebrando os postes de madeira como se fossem ramos secos.

Saphira rosnou e abocanhou o ar, enquanto tentava levantar-se. Depois deteve-se, confusa.

Pequenino, o que...

Um ruído semelhante a uma poderosa rajada de vento interrompeu-a e Thorn irrompeu da escuridão do céu, vermelho como sangue, cintilando como um milhão de estrelas. Aterrou perto do pavilhão de Nasuada e a terra estremeceu com o impacto do seu corpo.

Eragon ouviu os guardas de Nasuada gritarem. Depois Thorn brandiu a pata direita, dianteira, rente ao solo e metade dos gritos cessaram. Várias dúzias de soldados saltaram dos arreios presos aos flancos do dragão vermelho e dispersaram-se em redor, rasgando tendas e matando as sentinelas que corriam para eles.

Ouviram-se trompas em torno do perímetro do acampamento e o estrépito do combate explodiu, ao mesmo tempo, junto das defesas exteriores, assinalando um ataque secundário vindo de Norte, deduziu Eragon.

“Quantos soldados estarão lá?”, perguntou-se. “Estaremos cercados?” O pânico floresceu tão intensamente dentro de si que quase se sobrepôs à razão, compelindo-o a correr às cegas para a noite. Apenas a consciência de que era o faelnirv que lhe estava a provocar essa reação o conteve.

Sussurrou um breve feitiço de cura, na esperança que este combatesse os efeitos do licor, mas sem sucesso. Desapontado, ergueu-se cautelosamente, desembainhou Brisingr e reuniu-se a Arya, enfrentando cinco soldados que corriam da direção deles, ombro a ombro com ela. Não sabia ao certo como conseguiriam defrontá-los, no estado em que se encontravam.

Os homens estavam a menos de seis metros, quando Saphira rosnou e bateu com a cauda no solo, derrubando os soldados. Eragon – que pressentira o que Saphira estava prestes a fazer – agarrou-se a Arya e esta agarrou-se a ele, amparando-se um ao outro para conseguirem aguentar-se de pé.

Depois, Blödhgarm e outro elfo, Laufin, correram para fora do labirinto de tendas e mataram os cinco soldados antes que estes conseguissem levantar-se. Os outros elfos vinham alguns passos atrás.

Outro grupo de soldados, composto por vinte homens, correu na direção de Eragon e Arya, como se soubessem onde os encontrar.

Os elfos dispuseram-se em linha diante de Eragon e Arya, mas antes que os soldados ficassem ao alcance das suas espadas, uma das tendas abriu-se repentinamente e Angela atirou-se para o meio dos invasores com um uivo, apanhando-os de surpresa.

A herbanária usava uma camisa de dormir vermelha, tinha o cabelo encaracolado em desalinho e segurava um pente de lâ em cada mão. Os pentes tinham noventa centímetros de comprimento e duas fiadas de dentes de aço, em ângulo, nas pontas. Os dentes eram mais compridos que o antebraço de Eragon, tinham pontas aguçadas como agulhas e ele sabia que, se alguém se picasse neles, poderia ficar com o sangue envenenado, devido à lâ suja por onde passavam.

Angela enterrou os pentes de lâ nos flancos de dois soldados, perfurando-lhes as cotas de malha, e estes caíram. Ela tinha menos trinta centímetros que alguns dos homens, mas não parecia amedrontada ao saltar por entre os soldados. Pelo contrário, a herbanária era a imagem perfeita da ferocidade, com aquele cabelo, aqueles gritos e aquela expressão sombria no olhar.

Os soldados cercaram Angela e aproximaram-se dela, escondendo-a e, por instantes, Eragon receou que eles a tivessem dominado.

Depois, vindo de outra parte do acampamento, viu Solenbum a correr em direção ao grupo de soldados, com as orelhas coladas ao crânio. Atrás dele vinham mais homens-gato: vinte, trinta, quarenta – um bando –, todos eles na forma animal.

Uma cacofonia de silvos, uivos e guinchos impregnou a noite enquanto os homens-gato saltavam para cima dos soldados, atirando-os ao chão e dilacerando-os com as garras e as unhas. Os soldados resistiram o melhor que puderam, mas não estavam à altura daqueles enormes gatos desgrelhados.

Toda a sequência, desde o aparecimento de Angela até à intervenção dos homens-gato, decorreu como uma rapidez tal, que Eragon mal teve tempo de reagir. Ao ver os homens-gato a atacarem os soldados em massa, ele piscou os olhos e humedeceu os lábios gretados, com a sensação de que tudo o que se estava a passar em seu redor era irreal.

Depois Saphira disse:

– Salta para o meu dorso, depressa! – e agachou-se para que ele pudesse preparar para cima dela.

– Espera! – disse Arya. Depois poisando-lhe a mão no braço e murmurando algumas frases na língua antiga. Instantes depois, as distorções na visão de Eragon dissiparam-se e ele percebeu que estava de novo em pleno controlo do seu corpo.

Olhou agradecido para Arya, atirou com a bainha de Brisingr para cima dos restos da tenda e subiu pela pata direita de Saphira, instalando-se na sua posição habitual, na base do pescoço. Sem sela, as pontas aguçadas das escamas enterravam-se na parte interior das pernas, uma sensação que ele tinha bem presente, desde o dia em que voaram juntos pela primeira vez.

– Precisamos da Dauthdaert – gritou para Arya.

Ela acenou afirmativamente e correu para a sua tenda, montada a uma centena de metros, no lado este do acampamento.

Eragon sentiu uma outra consciência presente, para além da de Saphira, e fechou-se em si para se proteger. Mas, entretanto percebeu que o ser era Glaedr e abriu as suas defesas ao dragão dourado.

Eu vou ajudar, disse Glaedr. Por trás das suas palavras, Eragon sentiu uma raiva fervente dirigida a Thorn e Murtagh, uma raiva que parecia suficientemente poderosa para reduzir o mundo a cinzas. Unam as vossas mentes à minha, Eragon e Saphira. Vocês também, Blödhgarm, Laufin e todos os outros da vossa raça. Deixem-me ver através dos vossos olhos e ouvir com os vossos ouvidos, para que possa dizer-vos o que fazer e emprestar-vos a minha força, sempre que necessário.

Saphira saltou para diante, passando sobre as fiadas de tendas, num voo rasante, em direção ao enorme corpo, cor de rubi, de Thorn e os elfos seguiram-na pelo solo, matando todos os soldados que encontravam.

Saphira tinha a vantagem da altitude, pois Thorn estava ainda no solo. Virou na direção dele, com o intuito de aterrar no seu dorso e prender-lhe o pescoço nas mandíbulas, mas o dragão vermelho rugiu, ao vê-la aproximar-se, e torceu-se para ela, agachando-se como um cão pequeno que confrontava um cão maior.

Eragon teve apenas tempo de reparar que a sela de Thorn estava vazia. Depois o dragão empinou-se, atingindo Saphira com uma das patas dianteiras, largas e

musculosas. A pesada varreu o ar com uma ruídoosa deslocação de ar. As garras pareciam assustadoramente brancas na escuridão.

Saphira desviou-se para o lado, torcendo o corpo para se esquivar do golpe. O solo e o céu inclinaram-se em torno de Eragon e ele deu consigo, de cabeça levantada, a olhar para o acampamento. Nesse instante, a ponta da asa direita de Saphira rasgou uma tenda.

A força da rotação projetou Eragon para longe de Saphira e as escamas começaram a deslizar entre as suas pernas. Ele apertou as coxas e agarrou-se com mais força ao espigão, à sua frente, mas o movimento de Saphira foi demasiado violento. Segundos depois, a mão escorregou-lhe e ele deu consigo a cair no ar, sem perceber bem onde ficava o céu e o chão.

Enquanto caía, fez tudo para não largar Brisingr e manter a espada afastada do seu corpo. Com proteções ou sem elas, a arma poderia feri-lo, graças aos feitiços de Rhunön.

Pequenino!

— Letta! — gritou Eragon, parando bruscamente no ar, com um solavanco, a cerca de três metros do solo. Embora o mundo lhe tivesse parecido girar durante mais alguns segundos, ele teve um vislumbre dos contornos cintilantes de Saphira, enquanto esta descrevia um círculo para o recolher.

Thorn rugiu, banhando as filas de tendas entre si e Eragon com uma cortina de chamas incandescentes que ondularam em direção aos céus. Logo a seguir ouviram-se gritos de agonia, à medida que os homens que as ocupavam morriam queimados.

Eragon ergueu a mão para proteger o rosto. A sua magia protegia-o de ferimentos graves, mas aquele calor era desconfortável.

Eu estou bem, não voltes para trás, disse ele, não apenas para Saphira mas também para Glaedr e para os elfos. Têm de os deter. Encontramo-nos junto do pavilhão de Nasuada.

A desaprovação de Saphira era notória, no entanto ela acabou por mudar de direção para voltar a atacar Thorn.

Eragon terminou o feitiço e saltou para o chão, aterrando suavemente sobre os calcanhares. Depois desatou a correr por entre as tendas incendiadas, muitas das quais estavam já a desmoronar-se, projetando colunas de faíscas alaranjadas no ar.

Era-lhe difícil respirar com o fumo e o fedor a lá queimada. Tossiu e os seus olhos começaram a lacrimejar, turvando-lhe a visão.

Saphira e Thorn lutavam, como dois gigantes na noite, uma centena de metros adiante e Eragon sentiu um medo primitivo. O que estava ele a fazer, correndo na direção deles, duas criaturas ferozes de dentes pontiagudos, maiores do que uma casa — ou duas, no caso de Thorn — e com garras, caninos e espigões, maiores do que o seu corpo? Mesmo depois do ataque de medo inicial abrandar, Eragon continuou a sentir alguma ansiedade, à medida que corria para diante.

Ele tinha esperança que Roran e Katrina estivessem a salvo. A sua tenda ficava do lado oposto do acampamento, mas Thorn e os soldados poderiam virar nessa direção a qualquer momento.

— Eragon!

Arya saltou através dos destroços em chamas, com a Dauthdaert na mão esquerda. Uma auréola indistinta, verde, cercava a lâmina serrilhada da lança, embora o brilho fosse difícil de distinguir, recortado contra a cortina de chamas. Orik vinha a seu lado, movimentando-se por entre as chamas como se estas não passassem de colunas de vapor. O anão estava sem camisa e sem elmo. Empunhava Volund, o ancestral martelo de guerra, numa mão e um pequeno escudo redondo na outra. Ambas as extremidades do martelo estavam ensanguentadas.

Eragon saudou-os de mão erguida e com um grito, satisfeito por ter os amigos junto de si. Ao alcançá-lo, Arya ofereceu-lhe a lança, mas Eragon abanou a cabeça.

— Fica com ela! — disse-lhe ele. — Teremos mais hipóteses de deter Thorn, se usares Niemen e eu Brisingr.

Arya acenou com a cabeça, apertando firmemente a lança e, pela primeira vez, Eragon interrogou-se se ela conseguiria matar um dragão, pelo facto de ser um elfo; mas, depois, pôs esse pensamento de parte. Se havia algo que não lhe inspirava dúvidas em Arya era o facto de ela fazer sempre o necessário, por muito difícil que fosse.

Thorn arranhou as costelas de Saphira e Eragon arquejou, ao sentir a dor através do laço que os unia. Pela mente de Blödhgarm ficou a saber que os Elfos estavam a combater os soldados perto dos dragões. Nem mesmo eles se atreviam a aproximar-se mais de Saphira e Thorn, receando ser esmagados.

— Ali — disse Orik, apontando com o martelo na direção de um grupo de soldados que se movia por entre as filas de tendas destruídas.

— Deixa-os — disse Arya. — Temos de ajudar Saphira.

Orik resmungou.

— Está bem, então vamos a isso.

Desataram os três a correr, mas Eragon e Arya depressa se distanciaram de Orik. Nenhum anão conseguiria acompanhar aquele ritmo, nem mesmo um anão tão forte e em tão boa forma como Orik.

— Continuem! — gritou Orik lá de trás. — Eu sigo-vos o mais depressa que puder!

Ao desviar-se de fragmentos de tecido em chamas que flutuavam pelo ar, Eragon viu Nar Garzhvog no meio de um grupo de dez soldados. O Kull chifrado parecia grotesco sob a luz avermelhada das chamas. Os lábios estavam repuxados, revelando-lhe os caninos, e as sombras na saliência da testa davam-lhe uma aparência rude e brutal como se o seu crânio tivesse sido talhado de um pedregulho com um cinzel rombo. Lutando com as mãos, agarrou num soldado e arrancou-lhe os membros um por um, tão facilmente quanto Eragon desmembraria uma galinha assada.

As tendas incendiadas terminavam um pouco mais à frente. Do outro lado das chamas era o caos absoluto.

Blödhgarm e dois dos seus feitiços estavam parados diante de quatro homens de túnica negra, que Eragon deduziu serem feitiços do Império. Nem os homens nem os Elfos se mexiam, embora os seus rostos revelassem uma enorme tensão. Viam-se dúzias de soldados mortos no chão, mas alguns corriam ainda livremente, parte com ferimentos tão horrendos que Eragon percebeu de imediato que estariam imunes à dor.

Não conseguia ver o resto dos Elfos, mas sentia a sua presença do outro lado do pavilhão vermelho de Nasuada, no centro da devastação.

Grupos de homens-gato corriam para trás e para diante, atrás dos soldados, na clareira em torno do pavilhão. O rei Meiapata e a sua companheira, A Caçadora de Espetros, comandavam dois grupos e Solenbum comandava um terceiro.

A herbanária estava perto do pavilhão a combater com um homem grande e robusto — ela lutava com os pentes de lá e ele com um bastão numa mão e um malho na outra —, parecendo bastante equilibrados apesar da diferença de sexo, tamanho, altura, poder de alcance e armas.

Para surpresa de Eragon, Elva também lá estava, sentada à ponta de um barril. A criança-feitiço tinha os braços à volta do estômago e parecia mortalmente doente, mas também ela estava a participar na batalha, embora da forma singular que lhe era característica. Diante dela havia uma dúzia de soldados e Eragon viu que Elva estava a falar com eles muito depressa. A sua pequena boca movia-se tão depressa que mal se via. Enquanto falava, cada homem ia reagindo de forma diferente: um ficou parado onde estava, aparentemente incapaz de se mexer; outro encolheu-se e tapou o rosto com as mãos; outro ajoelhou-se e apunhalou-se a si mesmo no peito, com uma longa adaga; outro atirou as armas fora e fugiu pelo acampamento; outro ainda tartamudeava como um tolo, mas nenhum ergueu as armas contra ela, nem tentou atacar ninguém.

E por cima de todo aquele caos erguiam-se duas montanhas: Saphira e Thorn. Tinham-se deslocado para a esquerda do pavilhão e descreviam círculos em torno um do outro, esmagando filas de tendas, umas a seguir às outras. Línguas de fogo tremeluziam-lhes nos buracos das narinas e no intervalo dos dentes aguçados como sabres.

Eragon hesitou. Aquela confusão de ruídos e movimentos era difícil de assimilar e ele não sabia ao certo onde seria mais necessário.

Onde está Murtagh?, perguntou a Glaedr.

Ainda temos de o encontrar, se é que está aqui. Não consigo sentir a sua mente, mas é difícil saber ao certo com tanta gente e tantos feitiços reunidos no mesmo

local. Através do laço que os ligava, Eragon percebeu que o dragão dourado fazia muito mais do que apenas dirigir-se a ele; estava também a escutar os pensamentos de Saphira e dos Elfos, e a ajudar Blödhgarm e os seus dois companheiros no combate mental, com os feiticeiros do Império.

Eragon estava confiante de que seria possível derrotar os feiticeiros, da mesma forma que acreditava que Angela e Elva eram perfeitamente capazes de se defender do resto dos soldados. Saphira, porém, estava ferida em vários sítios e continuava empenhada em impedir que Thorn atacasse o resto do acampamento.

Eragon olhou de relance para a Dauthdaert na mão de Arya e de novo para as gigantescas formas dos dragões. Temos de o matar, pensou, sentindo um peso no coração. Depois os seus olhos fixaram-se em Elva e uma outra ideia começou ganhar forma dentro de si. As palavras da rapariga eram mais poderosas do que qualquer arma; ninguém conseguiria resistir-lhes, nem mesmo Galbatorix. Bastaria conseguir falar com Thorn para o afugentar.

Não! –, rosnou Glaedr. Estás a perder tempo, jovem. Vai ter com o teu dragão... imediatamente! Ela precisa da tua ajuda. Tens de matar Thorn e não afugentá-lo! Ele está perdido e tu não podes fazer nada para o salvar.

Eragon olhou para Arya e ela olhou para ele.

– Elva seria mais rápida – disse Eragon.

– Nós temos a Dauthdaert.

– É demasiado perigoso, demasiado difícil.

Arya hesitou e depois acenou com a cabeça. Ambos olharam para Elva.

Antes de a alcançarem ouviram um grito abafado. Eragon virou-se e para seu horror viu Murtagh sair do pavilhão, arrastando Nasuada pelos pulsos.

Nasuada estava com o cabelo desganhado. Tinha um grande arranhão na face e o seu roupão amarelo estava rasgado em vários sítios. Tentou pontapear o joelho de Murtagh, mas o salto do sapato ricocheteou numa proteção e Murtagh ficou incólume. Ele puxou-a violentamente para si e atingiu-a na têmpora com o pomo de Zar'roc, deixando-a inconsciente.

Eragon gritou e virou-se na direção deles.

Murtagh olhou-o brevemente. Depois desembainhou a espada, içou Nasuada para cima do ombro, poisou o joelho no chão e curvou a cabeça como se estivesse a rezar.

Uma agulhada de dor de Saphira distraiu Eragon e ela gritou:

Cuidado! Ele escapou-se de mim!

Ao saltar por cima de um amontoado de corpos, Eragon aventurou-se a olhar rapidamente para cima e viu que a barriga cintilante de Thorn e as suas asas aveludadas escondiam metade das estrelas no céu. O dragão vermelho rodopiava ligeiramente, flutuando no sentido descendente como uma enorme folha sustentada pelo vento.

Eragon atirou-se para um lado e rebolou para trás do pavilhão, numa tentativa de ganhar alguma distância do dragão. Uma pedra enterrou-se no seu ombro, ao cair no chão.

Sem abrandar, Thorn esticou a pata dianteira, direita, grossa e nodosa como o tronco de uma árvore, fechando a enorme pata em torno de Murtagh e Nasuada. Ao pegar nos dois humanos, as suas garras enterraram-se na terra, escavando um amontoado de quase um metro de altura.

Depois, com um rugido triunfante e um bater de asas surdo e perturbante, Thorn arqueou o corpo e começou a subir, distanciando-se do acampamento.

Saphira levantou voo para o perseguir, do local onde ela e Thorn tinham estado a lutar. Regatos de sangue serpenteavam-lhe das dentadas e marcas de garras que tinha ao longo dos membros. Ela era mais rápida do que Thorn mas, mesmo que o apanhasse, Eragon não fazia ideia como poderia resgatar Nasuada sem a ferir.

Arya passou a correr por ele, despenteando-lhe o cabelo com uma rajada de vento. Depois, trepou para cima de uma pilha de barris e saltou, elevando-se no ar mais alto do que qualquer outro elfo conseguiria sem ajuda. A seguir, esticou o braço, agarrou-se à cauda de Thorn, e ficou suspensa como um ornamento.

Eragon deu meio passo em frente, como se a fosse deter, e depois praguejou, bramindo:

– Audr!

O feitiço projetou-o em direção ao céu, como uma flecha de um arco. A seguir, alcançou a mente de Glaedr e o velho dragão forneceu-lhe a energia necessária para manter a sua ascensão. Eragon consumiu a energia sem pensar, sem se preocupar com o que isso lhe custaria, desejando apenas alcançar Thorn antes que algo de terrível acontecesse a Nasuada ou a Arya.

Ao passar velozmente por Saphira, viu Arya começar a trepar pela cauda de Thorn. Com a mão direita, ela agarrou-se aos espigões ao longo da coluna, usando-os como degraus de uma escada, e com a esquerda enterrou a Dauthdaert em Thorn, usando a lâmina da lança como âncora, enquanto subia pelo seu corpo ondulante. Thorn torcia-se e retorcia-se, tentando mordê-la, como um cavalo irritado com uma mosca, mas não conseguia alcançá-la.

Depois, o dragão cor de sangue recolheu as asas e as patas, com a sua preciosa carga aninhada contra o peito, e mergulhou em direção ao solo, girando sem parar, numa espiral mortífera. A Dauthdaert desprendeu-se da carne de Thorn e Arya ficou esticada transversalmente, agarrada ao espigão apenas com a mão direita – a mão mais fraca, na qual se ferira nas catacumbas de Dras-Leona.

Pouco depois, os seus dedos soltaram-se e ela escorregou do corpo de Thorn, de braços e pernas abertas como os raios da roda de uma carroça. Certamente graças ao feitiço que lançara, as suas rotações abrandaram, acabando por cessar, tal como a sua trajetória descendente, até ficar a flutuar verticalmente no céu noturno. “Parecia um pirilampo verde a pairar na escuridão, iluminada pelo brilho da Dauthdaert que tinha ainda na mão”, pensou Eragon.

Thorn enfunou as asas e deu a volta na direção dela. Arya virou a cabeça e olhou para Saphira, girando no ar para enfrentar Thorn.

Uma luz maléfica ganhou vida entre as mandíbulas de Thorn. Instantes depois, uma parede crescente de chamas ondulou da sua boca e envolveu Arya, escondendo-a.

Eragon estava a menos de quinze metros de distância – suficientemente perto para sentir as faces a arder de calor.

As chamas dissiparam-se e Eragon viu Thorn afastar-se de Arya, dobrando-se para trás tão depressa quanto o seu volumoso corpo lhe permitia. Ao fazê-lo, sacudiu a cauda tão velozmente que Arya não teve tempo de se afastar.

– Não! – gritou Eragon.

A cauda atingiu-a com um estalido, projetando-a na escuridão como uma pedra disparada de uma físga. A Dauthdaert separou-se dela, descrevendo um arco ao cair, e o seu brilho enfraqueceu, convertendo-se num ponto indistinto que depressa se extinguiu por completo.

Barras de ferro pareciam comprimir o peito de Eragon, roubando-lhe o ar dos pulmões. Thorn estava a afastar-se, mas Eragon poderia ainda ultrapassar o dragão se drenasse mais energia de Glaedr. Contudo, a sua ligação com Glaedr estava a enfraquecer e Eragon não teria qualquer hipótese de vencer Thorn e Murtagh sozinho, a uma altitude tão grande, tendo Murtagh dúzias de Eldunaris ao seu dispor.

Eragon praguejou e desativou o feitiço que o projetava pelo ar, mergulhando de cabeça atrás de Arya. O vento uivava-lhe nos ouvidos, fustigando-lhe o cabelo e as roupas, comprimindo-lhe os músculos das faces e forçando-o a franzir os olhos. Um inseto atingiu-o no pescoço e o impacto foi tão doloroso como se tivesse sido atingido por um seixo.

Enquanto caía, Eragon procurou a mente de Arya. Tinha acabado de sentir uma centelha de consciência algures na escuridão, lá em baixo, quando Saphira surgiu de repente por baixo de si, com as escamas obscuras pela luz das estrelas. Virou-se ao contrário e Eragon viu-a esticar-se e alcançar um pequeno objeto escuro com as patas dianteiras.

Uma guinada de dor percorreu a mente que Eragon tocara mas, depois, todos os pensamentos cessaram, deixando de a sentir mais.

Eu tenho-a comigo, pequenino, disse Saphira.

— Letta! — disse Eragon, abrando até parar.

Olhou de novo à procura de Thorn mas viu apenas estrelas e escuridão. Ouviu duas vezes um bater de asas indistinto, a este, e depois tudo ficou em silêncio.

Eragon olhou na direção do acampamento dos Varden. Extensões de chamas sombrias, alaranjadas, brilhavam através de camadas de fumo. Centenas de tendas estavam destruídas no chão, juntamente como os homens que não tinham conseguido escapar antes de Saphira e Thorn as pisarem. Mas esses homens não eram as únicas vítimas do ataque. À altitude a que estava, Eragon não conseguia distinguir os corpos, mas sabia que os soldados tinham matado muita gente.

Um sabor a cinzas invadiu-lhe a boca. Ele estava a tremer. Lágrimas de raiva, de pavor e frustração, turvavam-lhe a visão. Arya estava ferida — ou talvez morta —, Nasuada fora capturada e em breve estaria à mercê de Galbatorix e dos seus verdugos mais experientes.

O desespero apossou-se de Eragon.

“Como iriam prosseguir agora? Como poderiam esperar alcançar a vitória sem Nasuada a comandá-los?”

CONCLAVE DE REIS

Ao aterrar no acampamento com Saphira, Eragon deslizou pelo flanco e correu para a extensão de relva onde ela tinha pousado delicadamente Arya.

O elfo estava inerte e imóvel, de rosto virado para baixo. Quando Eragon virou Arya, os seus olhos estremeceram e abriram-se.

– Thorn... o que é feito de Thorn? – sussurrou ela.

Fugiu, disse Saphira.

– E... Nasuada? Conseguiste resgatá-la?

Eragon baixou os olhos e abanou a cabeça.

A mágoa perpassou o rosto de Arya. Ela tossiu e retraiu-se, tentando depois sentar-se. Tinha um fio de sangue a escorrer-lhe pelo canto da boca.

– Espera – disse Eragon. – Não te mexas. Vou buscar Blödhgarm.

– Não é necessário. – E agarrando-se ao ombro dele, Arya levantou-se, endireitando-se cautelosamente. Ao esticar os músculos, conteve a respiração e Eragon apercebeu-se da dor que ela tentava esconder.

– Estou apenas contundida, não tenho nada partido. As minhas defesas protegeram-me do pior golpe de Thorn.

Eragon tinha as suas dúvidas, mas aceitou a afirmação.

E agora?, perguntou Saphira, aproximando-se deles. As narinas de Eragon estavam impregnadas do odor intenso e almiscarado do seu sangue.

Eragon olhou em redor, contemplando as chamas e a destruição no acampamento, e voltou a pensar em Roran e Katrina, interrogando-se se teriam sobrevivido ao ataque.

Pois é, e agora?

As circunstâncias responderam à sua pergunta. Dois soldados feridos saíram de um banco de fumo, atacando-o a ele e a Arya. E, quando Eragon os eliminou, oito elfos tinham já ocorrido ao local onde estavam.

Depois de Eragon os convencer que estava incólume, os elfos concentraram a sua atenção em Saphira e insistiram em curar-lhe as dentadas e os arranhões que Thorn lhe tinha infligido, embora Eragon preferisse ter sido ele a fazê-lo.

Sabendo que a cura levaria alguns minutos, Eragon deixou Saphira com os elfos. Voltou a percorrer apressadamente as filas de tendas, regressando à área perto do pavilhão de Nasuada, onde Blödhgarm e os dois outros elfos feiticeiros estavam ainda em combate mental com os quatro feiticeiros inimigos.

O único feiticeiro que restava estava ajoelhado no chão, com a testa encostada aos joelhos e os braços à volta da nuca. Em vez de reunir a sua mente à contenda invisível, Eragon aproximou-se do feiticeiro, bateu-lhe ao de leve no ombro e gritou:

– Ah!

O feiticeiro estremeceu, sobressaltado, e a distração permitiu que os elfos penetrassem nas suas defesas. Eragon apercebeu-se disso porque o homem teve uma convulsão e rebolou para o chão, de olhos virados, com uma espuma amarela a borbulhar-lhe na boca. Pouco depois, parou de respirar.

Eragon explicou abreviadamente a Blödhgarm e aos dois outros elfos o que tinha acontecido a Arya e a Nasuada. O pelo de Blödhgarm eriçou-se e os seus olhos amarelos faiscaram de raiva, mas o seu único comentário foi na língua antiga:

– Esperam-nos dias sombrios, Aniquilador de Espetros. – Depois mandou Yaela buscar Dardthaert ao local onde a lança caíra.

Juntos, Eragon, Blödhgarm e Uthinarë, o elfo que ficara com eles, percorreram o acampamento, cercando e matando os poucos soldados que tinham escapado aos dentes dos homens-gato e às espadas dos homens, Anões, Elfos e Urgals. Usaram também a sua magia para extinguir alguns dos maiores incêndios, apagando-os tão facilmente quanto a chama de uma vela.

Durante esse tempo, Eragon sentiu-se tolhido por uma avassaladora sensação de pavor, que parecia esmagá-lo como uma pilha de velos ensopados, oprimindo-lhe a mente, a ponto de ele ter dificuldade em pensar noutra coisa senão na morte, na derrota e no fracasso. Era como se o mundo se estivesse a desmoronar em seu redor – como se tudo aquilo porque ele e os Varden tinham lutado se estivesse a desfazer rapidamente e não pudesse fazer nada para recuperar o controlo. A sensação de desespero minava-lhe a vontade a ponto de desejar apenas sentar-se a um canto e entregar-se à sua infelicidade. Ainda assim, recusou-se a alimentar esse impulso, pois sabia que se o fizesse, mais valeria morrer. Por isso continuou a mexer-se, trabalhando ombro a ombro com os Elfos, apesar do desespero.

O seu estado de espírito não melhorou quando Glaedr o contactou:

Se me tivesses dado ouvidos, poderíamos ter detido Thorn e salvado Nasuada.

Ou não, reagiu Eragon. Não queria falar mais no assunto, de qualquer modo sentiu-se compelido a acrescentar: Tu deixas que a raiva te ensombre a razão. Matar Thorn não era a única solução, nem tu devias estar tão ansioso por destruir um dos poucos membros que restam da tua raça.

Nem penses em dar-me sermões, jovem!, disse Glaedr, bruscamente. Tu não consegues sequer entender o que eu perdi.

Entendo melhor do que a maioria, retorquiu Eragon, mas Glaedr já se tinha retirado da sua mente e não parecia tê-lo ouvido.

Eragon tinha acabado de apagar um fogo e estava a encaminhar-se para o seguinte, quando Roran se aproximou apressadamente dele, agarrando-o pelo braço.

– Estás ferido?

Eragon sentiu um enorme alívio ao ver o primo são e salvo.

– Não – disse ele.

– E Saphira?

– Os Elfos já trataram dos seus ferimentos. E a Katrina está bem?

Roran acenou afirmativamente e descontraiu-se um pouco, mas mantinha uma expressão apreensiva.

– O que aconteceu, Eragon? – disse ele, aproximando-se um pouco mais. – O que está a acontecer? Vi Jörmundur a correr de um lado para o outro como uma galinha sem cabeça. Os guardas de Nasuada parecem terrivelmente deprimidos e não consigo que ninguém fale comigo. Ainda estamos em perigo? Galbatorix está prestes a atacar-nos?

Eragon olhou em redor, puxando depois Roran para o lado, onde ninguém os pudesse ouvir.

– Não podes contar a ninguém. Pelo menos por enquanto – advertiu ele.

– Prometo não contar.

Eragon resumiu-lhe rapidamente a situação, em meia dúzia de palavras e, quando terminou, Roran estava com uma expressão sombria.

– Não podemos permitir que os Varden se desmembrem – disse ele.

– Claro que não. Isso não vai acontecer, mas o rei Orrin pode tentar assumir o comando, ou... – Eragon silenciou, ao ver um grupo de guerreiros passar perto dele, e depois acrescentou: – Fica comigo, está bem? Talvez precise da tua ajuda.

– Da minha ajuda? Porque irias precisar da minha ajuda?

– Todo o exército te admira, Roran, mesmo os Urgals. Tu és o Martelo de Ferro, o herói de Aroughs, e a tua opinião tem peso. Isso poderá ser importante.

Roran ficou em silêncio por uns instantes e depois acenou com a cabeça.

– Farei o que puder.

– Por agora, fica de olho nos soldados – pediu Eragon, retomando o seu destino inicial, em direção ao fogo.

Meia hora mais tarde, quando o silêncio e a ordem regressaram de novo ao acampamento, um mensageiro informou Eragon que Arya exigia a sua presença imediata no pavilhão do rei Orik.

Eragon e Roran olharam um para o outro e encaminharam-se para o quadrante norte do acampamento, onde a maior parte dos Anões tinha montado as suas tendas.

– Não temos outra alternativa – disse Jörmundur. – Nasuada deixou os seus desejos bem claros. Tu, Eragon, terás de assumir o seu lugar e comandar os Varden por ela.

A expressão nos rostos que circundavam o interior da tenda era severa e inabalável. Sombras escuras obscureciam as têmporas e vincos profundos marcavam os rostos carregados do grupo de duas-pernas – como Saphira lhes chamaria. A única que não estava de sobrolho franzido era Saphira, que enfiara a cabeça através da entrada do pavilhão para poder participar no conclave; mas tinha os lábios ligeiramente repuxados, como se estivesse prestes a rosnar.

Entre os presentes também estava o rei Orrin, com um manto púrpura sobre a camisa de dormir; Arya, com um ar abalado mas determinado; o rei Orik, que desencantara uma túnica de cota de malha para se cobrir; Grinrr Meiapata, o rei dos homens-gato, com uma ligadura de linho, branca, enrolada à volta de um golpe no ombro direito; Nar Garzhvog, o Kull, de cócoras para não roçar com os chifres no teto; e Roran, a assistir aos trabalhos junto da parede da tenda, sem tecer qualquer comentário.

Mais ninguém tinha sido autorizado a entrar no pavilhão, fossem guardas, conselheiros ou criados. Nem mesmo Blödhgarm e os outros elfos. Lá fora, diante da entrada, havia uma formação em bloco de homens, Anões e Urgals, com doze soldados à largura, cujo objetivo era impedir que alguém perturbasse a reunião, por muito perigoso ou poderoso que fosse. Além disso, a tenda estava salpicada de feitiços, lançados à pressa, para impedir espionagem mundana ou mágica.

– Eu nunca desejei isto – disse Eragon, baixando os olhos para o mapa de Alagaësia, aberto sobre a mesa, no meio do pavilhão.

– Nenhum de nós – disse o rei Orrin num tom acutilante.

Eragon achava que Arya fora sensata em organizar a reunião no pavilhão de Orik, pois o rei dos Anões era tido como um leal apoiante de Nasuada e dos Varden – para além de ser seu chefe de clã e irmão adotivo –, e ninguém o poderia acusar de aspirar à posição de Nasuada, tão-pouco os humanos o aceitariam como seu substituto.

Ao organizar a reunião no pavilhão de Orik, Arya reforçara a causa de Eragon e desencorajara os seus críticos, sem parecer estar a apoiar ou a atacar qualquer uma das partes. Eragon tinha de reconhecer que ela era muito mais talentosa do que ele a manipular os outros. O único risco que corria ao fazê-lo era poder levar os outros a pensar que o chefe era Orik, mas Eragon estava disposto a correr esse risco, se isso lhe valesse o apoio dos seus amigos.

– Eu nunca desejei isto – repetiu ele, levantando a cabeça para encarar os olhares atentos em seu redor –, mas agora que aconteceu, juro sobre o túmulo de todos os que perdemos que farei o meu melhor para seguir o exemplo de Nasuada e conduzir os Varden à vitória contra Galbatorix e o Império. – Fez os possíveis para transmitir um ar confiante, mas a verdade é que a enormidade da situação assustava-o e ele não fazia ideia se estaria à altura dessa missão. Nasuada revelara-se impressionantemente capaz e era intimidante pensar em fazer metade do que ela tinha conseguido.

– Isso é certamente muito louvável – disse o rei Orrin –, contudo os Varden sempre funcionaram de comum acordo com os seus aliados – os homens de Surda; o nosso régio amigo Orik e os Anões das Montanhas Beor; os Elfos e, mais recentemente, os Urgals, comandados por Nar Garzhvog, e os homens-gato. – Acenou na direção de Grinrr, que curvou brevemente a cabeça em resposta. – Não seria bom para o exército ver-nos publicamente em desacordo uns com os outros, não vos parece?

– Claro que não.

– Claro que não – disse o rei Orrin – Presumo então que continuarão a consultar-nos sobre assuntos importantes, tal como Nasuada fazia. – Eragon hesitou, mas antes que pudesse responder, Orrin prosseguiu. – Todos nós – e fez um gesto para todos os presentes – arriscamos uma enormidade nesta aventura, e nenhum de nós gostaria de ser objeto de imposições, tão-pouco nos submeteríamos a elas. Para ser franco e, apesar das tuas inúmeras proezas, Eragon Aniquilador de Espetros, és ainda muito jovem e inexperiente e é bem possível que essa inexperiência venha a revelar-se fatal. Todos nós tivemos o benefício de comandar as nossas tropas durante muitos anos, ou de ver os outros comandá-las. Nós podemos guiar-te no caminho certo e juntos talvez consigamos arranjar maneira de endireitar isto e derrotar Galbatorix.

“Tudo o que Orrin dissera era verdade”, pensou Eragon – ele era ainda jovem e inexperiente e precisava, de facto, dos conselhos dos outros – mas se o admitisse iria parecer fraco.

Por isso Eragon decidiu responder:

– Podes ter a certeza de que te consultarei sempre que necessário, mas as decisões serão minhas, como sempre.

– Perdoa-me, Aniquilador de Espetros, mas tenho alguma dificuldade em acreditar nisso. A tua familiaridade com os Elfos – disse Orrin, olhando para Arya – é do conhecimento geral, além disso és um membro adotado do clã Ingeitum e estás sujeito às ordens do chefe do clã, que por acaso é o rei Orik. Talvez esteja enganado, mas parece-me improvável que as decisões sejam tuas.

– Primeiro, aconselhas-me a escutar os nossos aliados e agora dizes para não o fazer. Será que preferirias que eu te escutasse a ti e unicamente a ti? – A raiva de Eragon crescia à medida que ele falava.

– Preferiria que as tuas escolhas fossem feitas para bem do nosso povo e não de outra raça!

– Foram – rosnou Eragon – e continuarão a ser. Eu devo lealdade aos Varden e ao clã Ingeitum, sim, mas também a Saphira, a Nasuada e à minha família. Muito se diz a meu respeito, tal como a vosso respeito, Majestade, contudo, a minha maior preocupação é e sempre foi derrotar Galbatorix e o Império. Se aqueles a quem sou leal entrarem em conflito, é isso que estará em primeiro lugar. Questionai o meu discernimento, se quiserdes, mas não as minhas motivações e peço-vos que não insinueis que sou um traidor da minha raça!

Orrin franziu o sobrolho. Estava de rosto afogueado e a ponto de retorquir, quando Orik o interrompeu, batendo ruidosamente com o martelo de guerra no escudo, interrompendo:

– Chega de disparates! – exclamou Orik, furioso. – Preocupam-se com uma racha no chão quando toda a montanha está prestes a desmoronar-nos em cima!

O semblante carregado de Orrin acentuou-se, mas este não adiantou mais nada, pegando no seu cálice de vinho e voltando a afundar-se na cadeira, a ferver de raiva e de olhos postos em Eragon.

Acho que ele te odeia, disse Saphira

Ou isso ou aquilo que eu represento. Seja como for, sou um obstáculo para ele. Terá de se contentar em observar.

– A questão é simples – disse Orik. – O que vamos fazer agora que Nasuada desapareceu? – Poisou Volund sobre a mesa, passando a mão nodosa pela cabeça. – Na minha opinião, encontramos-nos na mesma situação que esta manhã. Continuamos a ter apenas uma alternativa, a menos que assumamos a derrota e apelemos à paz: marchar para Urû’baen, o mais depressa possível. Não era Nasuada que iria combater Galbatorix. Isso compete-vos a vós – apontou para Eragon e para Saphira

– e aos Elfos. Nasuada fez-nos chegar até aqui e, embora a sua falta não grande pesar, não precisamos dela para continuar. O nosso caminho não permite grandes desvios. Mesmo que ela estivesse presente, não a imagino a fazer outra coisa. É para Urû’baen que temos de ir e acabou a conversa.

Grimrr brincava com uma pequena adaga negra, aparentemente alheado da conversa.

– Concordo – disse Arya. – Não temos alternativa.

Acima deles, Garzhvog baixou a enorme cabeça, projetando acidentalmente sombras nas paredes do pavilhão.

– O anão tem razão. Os Ugralgra ficarão com os Varden enquanto Espada de Fogo for o senhor da guerra. Com ele e Língua de Fogo a comandarem os nossos ataques saldaremos a dívida de sangue que Galbatorix, esse traidor sem chifres, ainda tem para connosco.

Eragon remexeu-se, com um ar constrangido.

– Isso é tudo muito bonito – disse o rei Orrin –, mas ainda estou para saber como vamos derrotar Murtagh e Galbatorix quando chegarmos a Urû’baen.

– Temos a Dauthdaert – realçou Eragon, sendo que Yaela tinha recuperado a lança – e com ela poderemos...

O rei Orrin acenou com a mão:

– Sim, sim a Dauthdaert. A Dauthdaert não vos ajudou a deter Thorn e não me parece que Galbatorix permita que se aproximem dele ou de Shruikan com ela. Seja como for, nada disso altera o facto de que não estás à altura daquele traidor cruel. Irra, Aniquilador de Espetros, nem sequer consegues fazer frente ao teu próprio irmão e ele é Cavaleiro à menos tempo do que tu!

“Meio-irmão” pensou Eragon, mas silenciou. Não via forma de refutar os argumentos de Orrin, pois todos eram válidos, sentindo-se envergonhado.

O rei prosseguiu:

– Alinhámos-nos nesta guerra com a ideia de que tu arranjarias uma forma de enfrentar a força sobrenatural de Galbatorix – foi isso que Nasuada nos prometeu e garantiu. No entanto, aqui estamos nós, prestes a defrontar o feiticeiro mais poderoso da história, e tão perto de o derrotar como quando começámos.

– Nós entrámos em guerra – disse Eragon, calmamente – porque foi a primeira vez que surgiu uma pequena hipótese de derrotarmos Galbatorix, desde que os Cavaleiros foram derrotados. Tu sabes isso.

– Que hipótese? – desdenhou o rei. – Não passamos de marionetas ao sabor dos caprichos de Galbatorix. Todos nós. Só conseguimos chegar até aqui porque ele nos deixou. Galbatorix quer que sigamos para Urû’baen e quer que te levemos connosco. Se estivesse preocupado em deter-nos, teria voado até às Planícies Flamejantes e ter-nos-ia esmagado ali mesmo. E será mesmo isso que vai fazer logo que te tenha ao seu alcance: esmagar-nos!

Parecia haver uma tensão no ar, entre ambos.

Cuidado, disse Saphira a Eragon. Ele abandonará o grupo se não o convenceres do contrário.

Arya parecia igualmente preocupada.

Eragon colocou as mãos abertas em cima da mesa, tentando reunir ideias durante alguns momentos. Não queria mentir mas, ao mesmo tempo, tinha de arranjar maneira de incutir esperança a Orrin, o que não era fácil visto que nem ele próprio sentia grande alento. “Seria isto que Nasuada sentia sempre que nos motivava e nos convinha a prosseguir, mesmo quando nos parecia impossível?”

– A nossa situação não é tão... precária como a está a encarar – disse Eragon.

Orrin roncou e bebeu do seu cálice.

– A Dauthdaert é uma ameaça para Galbatorix – prosseguiu ele –, e isso é vantajoso para nós. Galbatorix está atento a ela e isso permitir-nos-á forçá-lo a fazer o que quisermos, pelo menos em parte. Mesmo que não a possamos usar para o matar, talvez consigamos matar Shruikan. Eles não são uma verdadeira parelha de dragão e Cavaleiro mas, ainda assim, a morte de Shruikan irá feri-lo profundamente.

– Isso nunca vai acontecer – retorquiu Orrin. – Ele já sabe que nós temos a Dauthdaert, pelo que tomará as precauções necessárias.

– Talvez não. Duvido que Murtagh e Thorn a tivessem reconhecido.

– Não, mas Galbatorix vai reconhecê-la quando sondar as suas memórias.

E também vai saber da existência de Glaedr, se é que eles já não o informaram, disse Saphira a Eragon.

O desalento de Eragon aumentou. Não tinha pensado nisso, mas Saphira estava certa.

Já não vale a pena alimentar a esperança de o apanhar de surpresa. Já não temos segredos.

A vida está cheia de segredos. Galbatorix não pode prever exatamente como o vamos combater. Em relação a isso, pelo menos, poderemos confundir-lo.

– Qual das lanças da morte descobriste, Aniquilador de Espetros? – perguntou Grimrr, num tom aparentemente entediado.

– Du Niemen, a Orquídea.

O homem-gato piscou os olhos e Eragon teve a impressão de que ele ficara surpreendido, embora Grimrr me mantivesse impassível, como sempre.

– Ai sim? A Orquídea? É muito estranho encontrar-se uma arma dessas nesta era... especialmente essa.

– Porquê?

Grimrr passou a pequena língua cor-de-rosa pelos caninos.

– Niemen é famosíssima. – E arrastou a palavra, produzindo um breve silvo.

Antes que Eragon conseguisse arrancar mais informação ao homem-gato, Garzhvog disse, num tom áspero, como pedras a roçarem umas nas outras:

– Que lança da morte é essa de que estás a falar, Espada de Fogo? É a lança que feriu Saphira em Belatona? Ouvimos histórias acerca dela, mas eram bastante estranhas.

Eragon lembrou-se tarde de mais que Nasuada não informara os Urgals nem os homens-gato do que Niemen era na realidade. “Paciência. É inevitável”, pensou ele.

Explicou a Garzhvog o que era a Dauthdaert, insistindo depois para que todos os presentes jurassem na língua antiga não falar acerca da lança a mais ninguém, sem autorização. Ouviram-se alguns resmungos, mas todos acabaram por obedecer, mesmo o homem-gato. Talvez fosse inútil tentar esconder a lança de Galbatorix, mas Eragon não via qualquer vantagem em permitir que Dauthdaert se tornasse do conhecimento geral.

Quando o último concluiu o juramento, Eragon continuou a falar:

– Primeiro, temos a Dauthdaert, e isso é mais do que tínhamos antes. Segundo, não tenciono enfrentar Murtagh e Galbatorix juntos. Nunca foi essa a minha intenção. Quando chegarmos a Urû’baen, atrairemos Murtagh para fora da cidade e depois surpreendê-lo-emos com todo o exército, se necessário – os Elfos também –, matando-o ou capturando-o de uma vez por todas. – Olhou em redor para os rostos ali reunidos, tentando impressioná-los com a força da sua convicção. – Terceiro – e isto é algo em que terão de acreditar do fundo do coração – por muito poderoso que seja, Galbatorix não é intocável. É possível que tenha lançado milhares e milhares de feitiços para se proteger, mas apesar de todo o seu conhecimento e astúcia, há ainda feitiços que o podem matar, se tivermos a inteligência para os conceber. Serei eu que descobrirei o feitiço que conduzirá à sua queda, assim como poderá ser um elfo ou um membro dos Du Vrangr Gata. Galbatorix parece intocável, eu sei, mas há sempre uma fraqueza – há sempre uma brecha por onde podemos fazer deslizar uma espada e matar o inimigo.

– Se os antigos Cavaleiros não conseguiram descobrir a sua fraqueza, que probabilidades temos de a descobrir? – interpelou o rei Orrin, enfaticamente.

Eragon abriu as palmas das mãos, virando-as para cima.

– Talvez não consigamos. Nada é certo na vida, muito menos na guerra. Se os feiticeiros das nossas cinco raças não conseguirem matá-lo, todos juntos, o melhor será aceitarmos que Galbatorix vai reinar enquanto lhe aprouver e não há nada que possamos fazer para mudar isso.

Um silêncio breve e profundo invadiu a tenda.

Depois Roran deu um passo em frente.

– Eu gostava de falar – disse ele.

Eragon viu que todos os que estavam à volta da mesa trocaram olhares.

– Diz o que quiseres, Martelo de Ferro – disse Orík, o que irritou visivelmente o rei Orrin.

– É o seguinte: derramámos demasiado sangue e demasiadas lágrimas para agora virarmos costas. Seria uma falta de respeito tanto para com os mortos como para os que os recordam. Talvez isto seja um combate entre deuses – parecia estar a falar a sério –, mas eu continuarei a lutar até que os deuses me abatam, ou eu os abata a eles. Um dragão pode matar dez mil lobos, uns a seguir aos outros, mas dez mil lobos podem matar um dragão.

Pouco provável, disse Saphira com um ronco na privacidade do espaço mental que partilhava com Eragon.

Roran sorriu sem grande humor.

– E nós temos um dragão. Façam o que entenderem, mas eu pelo menos, irei a Urû’baen enfrentar Galbatorix, nem que tenha de o fazer sozinho.

– Sozinho, não – interveio Arya. – Sei que falo em nome da rainha Islanzadí ao dizer que o nosso povo estará a teu lado.

– Tal como o nosso – resmungou Garzhvog.

– E o nosso – declarou Orík.

– E o nosso – acrescentou Eragon, esperando desencorajar divergências com o seu tom de voz.

Depois de uma breve pausa, viraram-se os quatro para Grímr. O homem-gato fungou e disse:

– Bom, suponho que nós também lá estaremos. – E examinou as unhas aguçadas. – Alguém terá de se infiltrar nas linhas do inimigo e não serão certamente os Anões aos tropeções nas suas botas de ferro.

Orík arqueou as sobrancelhas. Se ficou ofendido, escondeu-o bem.

Orrin bebeu mais dois grandes tragos da sua bebida. A seguir, limpou a boca com as costas da mão e disse:

– Muito bem, como queiram. Seguiremos para Urû’baen. – Depois de esvaziar o copo, esticou o braço para a garrafa que tinha diante de si.

UM LABIRINTO SEM FIM

Eragon e os outros passaram o resto do conclave a discutir questões práticas: linhas de comunicação – quem reportaria a quem – distribuição de tarefas; redistribuição das proteções e das sentinelas do acampamento para impedir que Thorn ou Shruikan voltassem a surpreendê-los; e disponibilizar novo equipamento aos homens cujos pertences tinham ardido ou ficado esmagados durante o ataque. Decidiram, por consenso, esperar até ao dia seguinte para anunciar o que acontecera a Nasuada, pois era mais importante que os guerreiros dormissem, antes da alvorada iluminar o horizonte.

Algo que não discutiram foi se deveriam tentar salvar Nasuada. Era óbvio que a única forma de a libertar seria tomando Urû’baen e, nessa altura, era provável que ela já estivesse morta, ferida, ou jurado lealdade a Galbatorix, na língua antiga. Por isso, evitaram falar no assunto, como que dando a entender que era tabu.

Porém, era uma presença constante nos pensamentos de Eragon. Sempre que fechava os olhos, via Murtagh a bater-lhe, os dedos escamosos da pata de Thorn a fecharem-se em torno dela e o dragão vermelho a levantar voo na noite. Essas memórias apenas contribuíam para que ele se sentisse mais infeliz, mas não conseguia parar de as reviver.

Quando o conclave se dispersou, Eragon fez sinal a Roran, Jörmundur e Arya. Eles seguiram-no de regresso à sua tenda sem o questionar. Ai Eragon perdeu algum tempo a aconselhar-se com eles e a planejar o dia seguinte.

– Tenho a certeza de que o Concelho dos Anciãos te vai dar alguns problemas – disse Jörmundur. – Eles não te consideram tão experiente em política como Nasuada, pelo que tentarão tirar proveito disso. – O guerreiro de longos cabelos parecia extraordinariamente calmo desde o ataque, tão calmo que Eragon desconfiou que ele estivesse prestes a rebentar em lágrimas, ou à beira de um ataque de raiva, talvez ambas as coisas.

– E não sou – disse Eragon.

Jörmundur inclinou a cabeça.

– Apesar disso, terás de te aguentar firme. Eu posso ajudar-te um pouco, mas tudo dependerá em grande parte da forma como te comportares. Se lhes permitires que influenciem excessivamente as tuas decisões, pensarão que foram eles que herdaram a liderança dos Varden e não tu.

Eragon olhou de relance para Arya e Saphira, com um ar preocupado.

Não tenham medo, disse Saphira a todos eles. Ninguém lhe conseguirá fazer frente enquanto eu estiver de vigia.

Quando a pequena reunião secundária chegou ao fim, Eragon esperou que Arya e Jörmundur saíssem da tenda, agarrando depois Roran pelo ombro.

– Estavas a falar a sério quando disseste que isto era uma batalha de deuses?

Roran ficou a olhá-lo.

– Sim... Tu, Murtagh e Galbatorix são demasiado poderosos para serem derrotados por uma pessoa normal. Não está certo, nem é justo, mas é assim. Somos como formigas debaixo das vossas botas. Fazes ideia de quantos homens mataste sozinho?

– Demasiados.

– Exatamente. Fico feliz por estares aqui para lutar por nós e por poder contar contigo como meu irmão, em tudo menos no nome, mas desejava não ter de recorrer a um Cavaleiro, a Elfos ou a qualquer outro tipo de feiticeiros para ganhar esta guerra. Ninguém deveria estar à mercê de outras pessoas. Pelo menos, não desta forma. Desequilibra o mundo.

Dito isto, Roran abandonou a tenda.

Eragon afundou-se no seu catre, como se tivesse sido atingido no peito. Ficou ali sentado durante algum tempo, a suar e a pensar, até que a tensão na sua mente o fez levantar-se bruscamente e sair apressado.

Ao sair da tenda, os seis Falcões Noturnos, levantaram-se de imediato, preparando as armas para o acompanharem para onde quer que ele fosse.

Eragon fez-lhes sinal para ficarem onde estavam. Embora ele tivesse protestado, Jörmundur fizera questão de destacar os guardas de Nasuada para o proteger, para além de Blödhgarm e dos outros elfos.

– Todo o cuidado é pouco – dissera Jörmundur. Eragon não gostava de ter mais gente a segui-lo para todo o lado, mas fora obrigado a aceitar.

Passou pelos guardas, encaminhando-se apressadamente para o local onde Saphira estava enroscada no chão.

Ao aproximar-se, ela abriu um olho e levantou a asa para ele gatinhar para debaixo dela e aninhar-se contra a sua barriga quente.

Pequenino, disse ela, e começou a ronronar suavemente.

Eragon encostou-se a Saphira, ouvindo-a ronronar e sentindo o restolhar suave do ar a entrar e a sair dos seus poderosos pulmões. Por trás de si, a barriga dela dilatava-se e contraía-se a um ritmo suave e relaxante.

Em qualquer outra altura a sua presença teria sido o suficiente para o acalmar, mas não neste momento. A mente recusava-se a abrandar, a pulsação continuava a martelar-lhe o peito e tinha os pés e as mãos desconfortavelmente quentes.

Guardou as sensações para si, evitando perturbar Saphira. Fatigada dos dois combates com Thorn, ela depressa mergulhou num sono profundo, e o ronronar deu lugar ao ruído constante da sua respiração.

Mas os pensamentos de Eragon continuavam sem lhe dar tréguas. Voltava constantemente à mesma evidência inverosímil e irrefutável: ele era o líder dos Varden. Ele, que anteriormente não passava do elemento mais novo de uma família pobre de lavradores, era agora o líder do segundo maior exército de Alagaësia. O simples facto de isso ter acontecido parecia-lhe ultrajante, como se o destino estivesse a brincar com ele, atraindo-o para uma armadilha que o iria destruir. Nunca o desejara, nem o procurara, no entanto os acontecimentos tinham-lhe imposto esse fardo.

“O que teria Nasuada na cabeça quando me escolheu para seu sucessor?”, perguntou-se. Recordou as razões que ela lhe dera mas estas não contribuíram em nada para atenuar as suas dúvidas. “Será que ela acreditava mesmo que eu conseguiria substituí-la? Porque não Jörmundur? Há décadas que está com os Varden, e sabe muito mais do que eu acerca de comando e estratégia.”

Eragon recordou o momento em que Nasuada decidira aceitar a aliança dos Urgals, apesar de todo o ódio e dor que existia entre as duas raças e de o seu pai ter sido morto pelos Urgals. “Teria eu conseguido fazer isso?” Não lhe parecia – pelo menos, nessa altura. “Conseguirei eu tomar esse tipo de decisões agora, se for necessário para derrotar Galbatorix?”

Eragon não tinha a certeza.

Fez um esforço para sossegar a mente. Fechou os olhos e concentrou-se na respiração, contando as inspirações em séries de dez, mas era-lhe difícil concentrar-se nessa tarefa; ao fim de alguns segundos, outro pensamento ou sensação ameaçavam distraí-lo e era frequente perder o fio à meada.

A seu tempo, contudo, o corpo começou a descontrair-se e, quase sem se aperceber, ele foi envolvido pelas sucessivas visões coloridas das suas divagações.

Teve muitas visões, algumas sombrias e inquietantes, pois as divagações refletiam os acontecimentos do dia anterior. Outras eram agrídoces: memórias do passado ou do que ele desejava que o passado tivesse sido.

Depois, como uma súbita mudança de vento, as visões ondularam-se mais duras e substanciais, como se fossem realidades tangíveis e ele lhes pudesse tocar se esticasse um braço. Tudo em redor desapareceu e Eragon contemplou um outro tempo e um outro lugar – um lugar simultaneamente estranho e familiar, como se o tivesse visto uma vez, há muito tempo atrás, e depois se tivesse esquecido dele.

Eragon abriu os olhos mas as imagens permaneceram, ocultando tudo à sua volta, e ele percebeu que aquilo não era uma visão normal.

Diante de si estendia-se uma planície escura e plana, cortada por um único curso de água que fluía lentamente para Este, como uma tira de prata batida, sob uma lua cheia e brilhante... Uma embarcação alta e imponente, com velas brancas, imaculadas, içadas e prontas a flutuar no rio sem nome... Fileiras de guerreiros, empunhando lanças, e duas figuras encapuçadas a caminhar entre eles, como numa grandiosa procissão. O cheiro de salgueiros e choupos e uma sensação de mágica passageira... E, depois, o grito angustiado de um homem, um vislumbre de escamas e uma confusão de movimento que revelava menos do que escondia.

E, a seguir, apenas o silêncio e a escuridão.

A visão de Eragon clareou e ele deu de novo consigo debaixo da asa de Saphira. Respirou fundo, apercebendo-se de que estava a conter a respiração, e limpou as lágrimas com a mão trémula. Não conseguia perceber por que razão aquela visão o afetara tanto.

“Seria aquilo uma premonição?”, pensou. “Ou algo que esteja de facto a acontecer neste preciso momento? E que importância tem para mim?”

Depois disso, não conseguiu continuar a descansar e as preocupações regressaram em força, assaltando-o incessantemente e mordendo-lhe a mente como um bando de ratos, cujas dentadas pareciam envenená-lo aos poucos.

Por fim, saiu debaixo da asa de Saphira – com cuidado para não a acordar – e regressou à tenda.

Tal como já tinha acontecido, os Falcões Noturnos levantaram-se mal o viram. O comandante, um homem atarracado, com o nariz torto, veio ao encontro de Eragon.

– Precisas de alguma coisa, Aniquilador de Espetros? – perguntou.

Eragon lembrava-se vagamente que o homem se chamava Garven e de Nasuada lhe contar que ele perdera o juízo depois de examinar a mente dos Elfos. Agora parecia estar bem, embora tivesse um olhar um pouco aluado. Apesar disso, Eragon deduziu que Garven estivesse em condições de cumprir o seu dever, caso contrário Jörmundur jamais o teria autorizado a regressar ao posto.

– Neste momento, não, Capitão – respondeu Eragon, em voz baixa. Deu mais um passo e parou. – Quantos membros dos Falcões Noturnos foram mortos hoje?

– Seis, senhor. Um turno de vigia inteiro. Ficaremos com poucos homens durante alguns dias, até encontrarmos substitutos adequados, pelo que precisaremos de mais recrutas. Queremos duplicar o corpo de guardas em teu redor. – Uma expressão de angústia perturbou o seu olhar. – Nós fracassámos com ela, Aniquilador de Espetros. Se lá tivéssemos mais homens, talvez...

– Todos nós fracassámos – disse Eragon. – E se lá tivessem mais homens, mais teriam morrido.

O homem hesitou e depois acenou com a cabeça, com uma expressão de dor.

Eu fracassei com ela, pensou Eragon, ao baixar-se para entrar na tenda. Nasuada era sua suserana; protegê-la era mais um dever seu do que dos Falcões Noturnos, no entanto, a única vez que ela tinha precisado da sua ajuda ele fora incapaz de a salvar.

Eragon praguejou furiosamente para si mesmo.

Como seu vassalo, devia tentar descobrir uma forma de a resgatar, pondo tudo o resto de parte, mas também sabia que Nasuada não iria querer que ele abandonasse os Varden por sua causa. Preferiria certamente sofrer e morrer do que permitir que a sua ausência prejudicasse a causa à qual devotara toda a sua vida.

Eragon voltou a praguejar e começou a andar de um lado para o outro, dentro da tenda.

Eu sou o líder dos Varden.

Agora que ela tinha desaparecido é que dava conta que Nasuada se tornara muito mais do que a sua suserana e comandante; tomara-se sua amiga e ele sentia o mesmo desejo de a proteger tal como sentia em relação a Arya. Contudo, isso poderia acabar por levar à derrota dos Varden.

Eu sou o líder dos Varden.

Pensou em todas as pessoas que tinha agora sob a sua responsabilidade; Roran e Katrina, o resto dos aldeões de Carvahall, as centenas de guerreiros ao lado dos quais lutara; os Anões, os homens-gato, e até mesmo os Urgals. Todos estavam agora sob o seu comando, dependentes da sua capacidade de tomar as decisões certas para derrotarem Galbatorix e o Império.

Eragon sentiu a pulsação acelerar e a sua visão tremeu. Parou e agarrou-se ao poste no meio da tenda, limpando o suor da testa e do lábio superior.

Quem lhe dera ter alguém com quem falar. Pensou em acordar Saphira, mas pôs essa ideia de parte. O seu repouso era mais importante do que ouvir as suas queixas, e também não queria sobrecarregar Arya nem Glaedr com problemas que eles não podiam resolver. De qualquer forma, ele duvidava poder encontrar em Glaedr um ouvinte compreensivo, quando a sua última troca de palavras fora tão corrosiva.

Eragon retomou o monótono circuito: três passos para a frente, virar, três passos para trás, virar, repetir.

Ele tinha perdido o cinto de Beloth, o Sábio, tinha permitido que Murtagh e Thorn capturassem Nasuada e, agora, tinha os Varden sob o seu comando.

Os mesmos pensamentos repetiam-se incessantemente e, de cada vez que se repetiam, a ansiedade aumentava. Era como se estivesse num labirinto sem fim e em cada esquina oculta houvesse um monstro, à espera, para o atacar. Apesar do que dissera durante a reunião com Orik, Orrin e os outros, Eragon não via como poderia derrotar Galbatorix, juntamente com os Varden e os seus aliados.

Não teria sido sequer capaz de resgatar Nasuada, se tivesse podido ir atrás dela para tentar salvá-la. Um sentimento de amargura cresceu dentro de si. A missão que tinham diante deles parecia um caso perdido. “Porque haveria de nos acontecer isto?”, praguejou e mordeu a boca por dentro até não aguentar a dor.

Parou de andar e aninhou-se no chão com as mãos em torno da nuca.

– Não vamos conseguir, não vamos conseguir – sussurrou ele, baloiçando o corpo sobre os joelhos. – Não vamos.

Em desespero, Eragon pensou em rezar ao deus anão Gûntera e pedir-lhe ajuda, tal como já fizera. Seria um alívio colocar os seus problemas a alguém superior a si e confiar o seu destino a esse poder. Fazê-lo, iria ajudá-lo a aceitar o seu destino – bem como o destino daqueles que amava – com uma maior serenidade, na medida em que já não seria diretamente responsável pelo que acontecesse.

Mas Eragon não conseguiu decidir-se a proferir a oração. Ele era o responsável pelos seus destinos, quer isso lhe agradasse ou não, e achou que seria errado transferir a responsabilidade para outra pessoa, mesmo que fosse um deus – ou o conceito de um deus.

O problema é que ele não se achava capaz de fazer o que tinha de ser feito. Podia comandar os Varden, disso tinha quase a certeza. Quanto a conquistar Urû’baen e matar Galbatorix, não sabia o que fazer. Não tinha força para defrontar Murtagh, muito menos o rei, e parecia-lhe altamente improvável conseguir encontrar uma forma de contornar as proteções de ambos. Dominar as suas mentes, ou pelo menos a de Galbatorix, parecia-lhe igualmente inverosímil.

Eragon enterrou os dedos na nuca, esticando e arranhando a pele, enquanto ponderava freneticamente em todas as possibilidades, por muito improváveis que lhe parecessem.

Depois pensou no conselho que Solembum lhe dera em Teirm, há bastante tempo atrás. O homem-gato dissera:

Se me escutares com atenção, eu digo-te duas coisas. Quando chegar a altura e precisares de uma arma, procura sob as raízes da árvore de Menoa. Depois, quando tudo te parecer perdido e o teu poder for insuficiente, vai ao Rochedo de Kuthian e diz o teu nome para abrires o Cofre das Almas.

Eragon veio a comprovar que o que ele dissera em relação à árvore de Menoa era verdade. Debaixo dela encontrou o aço brilhante de que precisava para a lâmina da sua espada. E uma esperança desesperada estava agora a acender-se dentro de si, ao ponderar na segunda afirmação do homem-gato.

“Se alguma vez senti que o meu poder era insuficiente e que tudo estava perdido foi agora”, pensou Eragon. Contudo, não fazia ideia onde ficava o Rochedo de Kuthian ou o Cofre das Almas, nem o que eram. Perguntara várias vezes a Oronis e a Arya, mas eles nunca lhe tinham respondido.

Eragon projetou a mente e procurou pelo acampamento até encontrar o toque característico da consciência do homem-gato.

Solembum, disse ele, preciso da tua ajuda! Por favor vem à minha tenda.

Momentos depois, sentiu a confirmação contrariada do homem-gato e cortou o contacto.

Depois ficou sentado sozinho no escuro... à espera.

FRAGMENTOS NEBULOSOS

Só um quarto de hora depois, um movimento na pala da tenda de Eragon anunciou a entrada de Solembum, que caminhava quase sem ruído sobre as patas almofadadas.

O homem-gato, amarelo-torrado, passou por Eragon sem olhar para ele, saltou para cima do catre, instalou-se entre os cobertores e começou a lambar a membrana entre as garras da pata direita. Ainda sem olhar para Eragon, disse:

Eu não sou nenhum cão para aparecer sempre que me chamas, Eragon.

– Nunca achei que fosses – respondeu Eragon. – Mas preciso de ti, e o assunto é urgente.

Mmm. O ruído áspero da língua de Solembum tornou-se mais intenso ao concentrar-se na almofada coriácea da pata. Então fala, Aniquilador de Espetros. O que queres?

– Um momento. – Eragon levantou-se e aproximou-se do poste onde a lanterna estava pendurada. – Vou iluminar isto – avisou ele. Depois proferiu uma palavra na língua antiga e surgiu uma chama no pavio da lanterna, inundando a tenda de uma luz quente e trémula.

Tanto Eragon como Solembum franziram os olhos, aguardando que a visão se adaptasse ao aumento de claridade, e quando a luz deixou de lhe parecer desconfortável, Eragon sentou-se no banco, não muito longe do catre.

O homem-gato observava-o com uns olhos cor de gelo, intrigando-o.

– Os teus olhos não eram de uma cor diferente? – perguntou ele.

Solembum piscou uma vez os olhos e estes passaram de azuis a dourados. Depois continuou a limpar a pata.

O que queres, Aniquilador de Espetros? A noite é para fazer coisas e não para ficar sentado a conversar. Sacudiu a ponta da cauda franjada de um lado para o outro.

Eragon humedeceu os lábios. A esperança estava a deixá-lo nervoso.

– Solembum, tu disseste-me que deveria ir ao Rochedo de Kuthian abrir o Cofre das Almas, quando tudo parecesse estar perdido e o meu poder fosse insuficiente.

O homem-gato parou de se lambar.

Ah, isso.

– Sim. Preciso de saber o que querias dizer. Se houver alguma coisa que nos possa ajudar a enfrentar Galbatorix, eu preciso de saber agora – não mais tarde, quando conseguir resolver esta ou aquela charada, mas agora. Onde fica o Rochedo de Kuthian, como abro o Cofre das Almas e o que encontrarei lá dentro?

As orelhas de pontas negras de Solembum inclinaram-se ligeiramente para trás, e as garras da pata que estava a limpar, saíram parcialmente da cobertura de pele.

Não sei.

– Não sabes? – exclamou Eragon, incrédulo.

Tens de repetir tudo o que digo?

– Como é possível que não saibas?

Não sei.

Inclinando-se para a frente, Eragon agarrou na pata grande e pesada de Solembum. O homem-gato baixou as orelhas e bufou, curvando a pata para dentro e enterrando as garras na mão de Eragon. Este esboçou um sorriso tenso, fazendo por ignorar a dor. O homem-gato era mais forte do que ele esperava. Parecia quase capaz de o atirar do banco.

– Não há cá mais charadas – disse Eragon. – Preciso de saber a verdade, Solembum. Onde obtiveste essa informação e o que significa?

O pelo do dorso de Solembum eriçou-se.

Às vezes as charadas são a verdade, meu estúpido. Agora deixa-me ir embora senão desfaço-te a cara e dou as tuas tripas a comer aos corvos.

Eragon continuou a prender-lhe a pata durante algum tempo, mas depois largou-a e recostou-se, fechando a mão com força para atenuar a dor e estancar a hemorragia.

Solembum olhou-o ferozmente de olhos semicerrados, abandonando a postura de indiferença.

Se eu disse que não sabia é porque não sei, apesar do que possas pensar. Não faço ideia onde fica o Rochedo de Kuthian, nem como poderás abrir o Cofre das Almas, tão-pouco o que ele contém.

– Diz isso na língua antiga.

Os olhos de Solembum fecharam-se mais, repetindo o que lhe tinha dito na língua dos Elfos, e Eragon percebeu que ele estava a dizer a verdade.

Tinha tantas questões em mente que mal sabia o que perguntar primeiro.

– Então, como soubeste da existência do Rochedo de Kuthian?

Solembum voltou a sacudir a cauda, alisando as pregas do cobertor.

Pela última vez, não sei. Nem eu nem ninguém da minha espécie.

– Então, como... – Eragon silenciou, confuso.

Pouco depois da queda dos Cavaleiros, instalou-se entre os elementos da nossa raça a convicção de que se encontrássemos um novo Cavaleiro – um Cavaleiro que não estivesse comprometido com Galbatorix – lhe deveríamos dizer o que eu te disse sobre a árvore de Menoa e o Rochedo de Kuthian.

– Mas... de onde veio a informação?

Solembum franziu o focinho e sorriu desagradavelmente, de dentes arreganhados.

Isso não faço ideia. Sei apenas que o responsável tinha boas intenções.

– Como podes saber isso? – exclamou Eragon. – E se foi Galbatorix? Poderia estar a tentar enganar-vos. Poderia estar a tentar enganar-me a mim e a Saphira para conseguir capturar-nos.

Não, disse Solembum e as garras enterraram-se no cobertor por baixo de si. Os homens-gato não se deixam enganar tão facilmente como os outros. Não é Galbatorix que está por trás disto. Disso tenho a certeza. Fosse quem fosse que queria que tu obtivesses essa informação, é a mesma pessoa ou criatura que permitiu que encontrasses o aço brilhante para a tua espada. Galbatorix faria uma coisa dessas?

Eragon franziu o sobrolho.

– Não tentaram descobrir quem estava por trás disto?

Tentámos.

– E?

Falhámos. O homem-gato eriçou o pelo. Há duas possibilidades. A primeira é que as nossas memórias tenham sido alteradas contra a nossa vontade e nós sejamos os peões de uma entidade perversa. A segunda é que concordássemos com a alteração por qualquer razão. Talvez nós próprios tivéssemos erradicado as memórias. Acho difícil e desagradável de conceber que alguém tenha conseguido interferir com a nossa mente. Que isso sucedesse a alguns até entenderia, mas a toda a raça? Não, não pode ser.

– Porque teriam confiado essa informação aos homens-gato?

Porque sempre fomos amigos dos Cavaleiros e dos Dragões, suponho... Nós somos os observadores, os ouvintes, os errantes. Andamos sozinhos por locais obscuros do mundo e recordamos o presente e o passado.

Solembum desviou o olhar.

Entende uma coisa, Eragon. Nenhum de nós está feliz com a situação. Questionámo-nos durante muito tempo, se o facto de transmitirmos essa informação quando chegasse o momento, poderia trazer mais infortúnio do que bem. Mas a decisão final foi minha e eu decidi contar-te, pois pareceu-me que precisavas de toda a ajuda possível. Entende-o como quiseres.

– Mas o que posso eu fazer? – disse Eragon. – Como vou eu encontrar o Rochedo de Kuthian?

Isso não sei.

– Então de que vale a informação? Era preferível nunca a ter ouvido.

Solembum piscou os olhos uma vez.

Há algo que te posso revelar. Pode não significar nada, mas é possível que te indique o caminho.

– O quê? O que é?

Se esperares um pouco, eu digo-te. Quando te conheci em Teirm, tive a estranha sensação de que deverias ter o livro Domia abr Wyrda. Demorei algum tempo a consegui-lo, mas foi graças a mim que Jeod to deu. O homem-gato levantou a outra pata e começou a lambê-la, depois de um exame superficial.

– Tiveste mais sensações estranhas nos últimos meses? – perguntou Eragon.

Apenas o desejo de comer um pequeno cogumelo vermelho, mas passou depressa.

Eragon roncou e curvou-se para tirar o livro de debaixo do catre, onde o guardava com o seu material de escrita. Olhou para o grande volume com uma capa de couro, abrindo-o aleatoriamente. Como de costume, o amontoado de runas no interior não fez grande sentido, à primeira vista, e só com um esforço concertado, ele conseguiu decifrar algumas:

... se acreditarmos nas palavras de Taladorous, significa que as próprias montanhas foram o resultado de um feitiço. É claro que isso é absurdo, pois...

Eragon rosnou de frustração e fechou o livro.

– Não tenho tempo para isto. É demasiado extenso, e eu leio demasiado devagar. Já estudei uma série de capítulos e não vi nada relacionado com o Rochedo de Kuthian nem com o Cofre das Almas.

Solembum olhou-o por instantes.

Poderias pedir a alguém que to lesse, mas se houver algum segredo escondido no Domia abr Wyrda tu poderás ser o único capaz de o ver.

Eragon resistiu ao desejo de praguejar, levantando-se do banco e começando a andar de um lado para o outro.

– Porque não me falaste nisto antes?

Não parecia importante. Ou bem que o conselho sobre o cofre e o rochedo ajudava ou não. Conhecer as origens dessa informação – ou não as conhecer – não... iria... alterar... nada!

– Mas se eu soubesse que o livro tinha alguma coisa a ver com o Cofre das Almas, teria passado mais tempo a lê-lo.

Mas nós não sabemos se tem, disse Solembum. A língua deslizou-lhe da boca e ele lambeu os bigodes de ambos os lados do focinho, alisando-os. O livro pode não ter nada a ver com o Rochedo de Kuthian nem com o Cofre das Almas. Quem sabe? Além disso, tu já o estás a ler. Será que terias realmente perdido mais tempo com ele, se eu te dissesse que tinha a impressão – e nada mais que isso, atenção – que o livro poderia ter alguma importância para ti? Humm?

– Talvez não... mas ainda assim deverias ter-mo dito.

O homem-gato entalou as patas dianteiras debaixo do peito e não respondeu.

Eragon franziu o sobrolho e agarrou no livro como se quisesse desfazê-lo em pedaços.

– Isto pode fazer toda a diferença. Deve haver outra informação qualquer de que te esqueceste.

Muitas, mas nenhuma relacionada com isto, creio eu.

– Nunca encontrei nada que pudesse explicar este mistério, em nenhuma das tuas viagens por Alagaësia, com Angela ou sem ela? Nem que fosse apenas algo que pudesse ser usado contra Galbatorix?

Encontrei-te a ti, não foi?

– Isso não tem piada – rosou Eragon. – Tens de saber algo mais, raios!

Não sei.

– Então pensa! Se eu não conseguir arranjar nada que me ajude a enfrentar Galbatorix, seremos derrotados, Solembum. Seremos derrotados e a maior parte dos Varden morrerão, incluindo os homens-gato.

Solembum voltou a bufar.

O que esperas de mim, Eragon? Não posso inventar ajuda onde ela não existe. Lê o livro.

– Chegaremos a Urû'baen antes que o consiga acabar. Mais valia o livro não existir.

Solembum voltou a baixar as orelhas.

A culpa não é minha.

– Não quero saber se a culpa é tua ou não. Quero apenas arranjar uma maneira de evitar que acabemos mortos ou escravizados. Pensa! Tens de saber mais alguma coisa!

Solembum deixou escapar um rosnido baixo e ondulante. Não sei e...

– Tens de saber, caso contrário estamos todos condenados!

No instante em que o disse, Eragon viu uma mudança operar-se no homem-gato. As orelhas de Solembum endireitaram-se, os bigodes assentaram, o olhar suavizou-se, perdendo o brilho severo. Além de que a mente do homem-gato ficou estranhamente vazia, como se a sua consciência tivesse sido neutralizada ou removida.

Eragon ficou paralisado e hesitante.

Depois ouviu Solembum dizer mentalmente, num tom tão insípido e falho de cor, como uma poça de água sob um céu invernosos carregado de nuvens:

Capítulo quarenta e sete, página três. Começa por ler a segunda passagem.

O olhar de Solembum iluminou-se e as orelhas voltaram à posição anterior.

O que é?, perguntou ele, visivelmente irritado. Porque estás pasmado a olhar para mim dessa maneira?

– O que é que disseste?

Disse que não sabia mais nada e que...

– Não, não a outra coisa acerca do capítulo e da página.

Não brinques comigo. Eu nunca disse isso.

– Disseste sim.

Solembum estudou-o durante alguns segundos, acrescentando depois mentalmente, num tom sereno:

Diz-me exatamente o que ouviste, Cavaleiro do Dragão.

Eragon repetiu as palavras o mais fielmente possível. Quando terminou, o homem-gato ficou em silêncio durante algum tempo.

Não me recordo disso.

– O que achas que significa?

Significa que deverias ir ver o que está na página três do capítulo quarenta e sete.

Eragon hesitou. Entretanto anuiu e começou a folhear as páginas. Ao fazê-lo, lembrou-se do capítulo em questão; era o capítulo dedicado ao rescaldo da cisão entre os Cavaleiros e os Elfos, na sequência da curta guerra dos Elfos com os humanos. Eragon lera o início dessa passagem, mas parecia tratar-se de um debate enfadonho sobre tratados e negociações, por isso deixara-a para outra altura.

Depressa chegou à página indicada. Seguindo as linhas de runas com a ponta do dedo, Eragon leu pausadamente, em voz alta:

... O clima da ilha é extraordinariamente ameno em comparação com as áreas do continente, na mesma latitude. Os verões são normalmente frescos e chuvosos, mas os invernos são amenos e tendem a não se fazer acompanhar do frio brutal característico das regiões a Norte da Espinha, o que significa que os cereais poderiam ser semeados durante uma boa parte do ano. Segundo consta, o solo é rico e fértil – a única vantagem dos vulcões que se diz entrarem em erupção de tempos a tempos, cobrindo a ilha com uma espessa camada de cinzas – e as florestas estão povoadas de caça grossa – a preferida dos dragões – incluindo inúmeras espécies que não é possível encontrar noutros pontos de Alagaësia.

Eragon fez uma pausa.

– Nada disto parece ser relevante.

Continua a ler.

Eragon franziu o sobrolho e passou ao parágrafo seguinte.

Foi aí, no grande caldeirão, ao centro de Vroengard que os Cavaleiros construíram a famosa cidade de Doru Araeba.

Doru Araeba! A única cidade da história concebida para abrigar Dragões, Elfos e humanos. Doru Araeba! Um local de magia, conhecimento e mistérios ancestrais.

Doru Araeba! O próprio nome parece vibrar de entusiasmo. Nunca existiu nem voltará a existir uma cidade como essa, agora perdida e destruída – desfeita em pó por Galbatorix, o usurpador.

Os edifícios foram construídos ao estilo dos Elfos – mais tarde com alguma influência dos Cavaleiros humanos –, mas eram de pedra e não de madeira, pois como é óbvio para o leitor, os edifícios de madeira não tinham grande futuro junto de criaturas de garras aguçadas como lâminas, capazes de expelir fogo. Contudo, a característica mais notável de Doru Araeba era a sua gigantesca escala. Todas as ruas tinham espaço suficiente para dois dragões caminharem lado a lado e as salas e as entradas – salvo raras exceções – eram suficientemente espaçosas para dragões de quase todos os tamanhos.

Em consequência disso, Doru Araeba estendia-se em todas as direções, salpicada de edifícios de gigantescas proporções, capazes de impressionar um elfo. Jardins e fontes eram comuns por toda a cidade, devido ao amor desmesurado dos Elfos pela natureza, e viam-se inúmeras torres altas entre os palácios e as fortalezas dos Cavaleiros.

Para se protegerem de ataques, os Cavaleiros instalaram torres de vigia e fortes nos picos que rodavam a cidade, e mais do que um dragão e Cavaleiro possuíam uma caverna bem equipada, no alto das montanhas, onde viviam isolados do resto da ordem. Os dragões mais velhos, de maiores dimensões, tinham especial predileção por essas acomodações, pois preferiam a solidão e o facto de viverem acima do solo do caldeirão permitia-lhes levantar voo mais facilmente.

Eragon interrompeu a leitura, frustrado. A descrição de Doru Araeba era interessante, mas já tinha lido outros relatos sobre a cidade dos Cavaleiros, durante o tempo que passara em Ellesméra e também não lhe agradava ter de decifrar as runas encavalitadas umas em cima das outras – um processo minucioso, mesmo nas melhores condições.

– Isto é inútil – disse, baixando o livro.

Solembum parecia tão aborrecido como Eragon.

Não desistas ainda. Lê mais duas páginas. Se não encontrares nada, depois podes parar.

Eragon respirou fundo e concordou, fazendo deslizar o dedo pela página até encontrar o sítio onde ficara, e voltou a ler:

A cidade continha muitas maravilhas: desde a Fonte Cantante de Eldimírim, a fortaleza de cristal de Svellhjal, às próprias colónias de dragões. Mas, apesar de todo o seu esplendor, creio que o maior tesouro de Doru Araeba era a sua biblioteca. Não pelo facto de ser imponente – embora fosse de facto imponente –, mas porque os Cavaleiros aí reuniram, ao longo dos séculos, no mais abrangente depósito de conhecimento de todo o território. Na altura da queda dos Cavaleiros existiam apenas três bibliotecas equiparáveis – a de Ilirea, a de Ellesméra e a de Tronjheim –, e nenhuma continha tanta informação sobre artes mágicas, como a de Doru Araeba.

A biblioteca ficava no extremo noroeste da cidade, perto dos jardins que circundavam o Pináculo de Moraeta, também conhecido como o Rochedo de Kuhian...

A voz morreu-lhe na garganta ao olhar para o nome, mas momentos depois Eragon retomou a leitura, mais pausadamente.

... também conhecido como o Rochedo de Kuthian (ver capítulo doze), não muito longe do planalto onde os líderes dos Cavaleiros se reuniam quando os diferentes reis e rainhas os visitavam para lhes pedir algo.

Uma sensação de assombro e de medo invadiu Eragon. Alguém ou alguma coisa lhe permitira obter aquela informação em particular, a mesma pessoa ou coisa que lhe tinha possibilitado descobrir o aço brilhante para a sua espada. A ideia era assustadora e agora que ele sabia para onde ir, já não tinha tantas certezas de que lá queria ir.

“O que o esperaria em Vroengard?” Tinha medo de especular, receando alimentar expetativas impossíveis de concretizar.

PERGUNTAS SEM RESPOSTA

Eragon procurou no Domia abr Wyrda até encontrar a referência a Kuthian, no capítulo doze. Mas, para sua desilusão, tudo o que dizia era que Kuthian fora um dos primeiros Cavaleiros a explorar a Ilha de Vroengard.

Depois, fechou o livro e ficou a olhá-lo, passando o dedo por uma nervura ao longo da lombada. Solembum estava também em silêncio, no catre.

– Achas que o Cofre das Almas contém espíritos? – perguntou Eragon.

Os espíritos não são as almas dos mortos.

– Não, mas o que mais poderiam ser?

Solembum levantou-se de onde estivera sentado e espreguiçou-se, produzindo uma onda de movimento ao longo do dorso, desde a cabeça à cauda.

Se souberes, eu gostaria que me contasses o que descobristes.

– Achas que Saphira e eu deveríamos lá ir?

Eu não posso dizer-te o que deves fazer. Se for uma armadilha, significa que toda a minha raça foi dominada e escravizada sem o saber. E que é preferível que os Varden se rendam agora, pois nunca conseguirão ser mais espertos do que Galbatorix. Se não for, poderá ser uma oportunidade de conseguirmos ajuda num local onde nunca julgávamos poder obter. Não faço ideia. Tens de decidir por ti se vale a pena aproveitar a oportunidade. No que me diz respeito, já tenho que chegue desse mistério.

Saltou do catre e encaminhou-se para a abertura da tenda, onde parou e olhou para Eragon. Há muitas forças estranhas em Alagaësia, Aniquilador de Espetros. Eu vi coisas em que é difícil acreditar: redemoinhos de luz a girarem em cavernas, muitos metros abaixo do chão, homens que rejuvenescem, pedras que falam e sombras que se movem. Salas maiores por dentro do que por fora... Galbatorix não é o único poder no mundo, e poderá nem ser o maior. Usa o bom senso, Aniquilador de Espetros, e se decidires ir, vai com cuidado.

Dito isto, o homem-gato esgueirou-se para fora da tenda e desapareceu na escuridão.

Eragon respirou fundo e recostou-se. Sabia o que tinha de fazer. Tinha de ir a Vroengard, mas não podia tomar essa decisão sem primeiro consultar Saphira.

Tocando-lhe levemente com a mente, acordou-a e, depois de lhe assegurar que não se passava nada de errado, partilhou com ela as memórias da visita de Solembum.

Ela ficou tão atônita quanto ele e quando Eragon terminou, disse:

Não me agrada a ideia de ser a marioneta de quem encantou os homens-gato.

A mim também não, mas que alternativa temos? Se Galbatorix estiver por trás disto, estaremos a entregar-nos às suas mãos, mas se não formos será exatamente isso que estaremos a fazer, quando chegarmos a Urû'baen.

A diferença é que teríamos os Varden e os Elfos connosco.

Isso é verdade.

Ficaram em silêncio, durante algum tempo, e depois Saphira disse:

Concordo, concordo. Devemos ir. Precisamos de garras mais longas e dentes mais aguçados, se quisermos vencer Galbatorix e Shruikan, para além de Murtagh e Thorn. Por outro lado, Galbatorix espera que partamos de imediato para Urû'baen, na esperança de resgatar Nasuada e, se há coisa que me dá comichões nas escamas, é fazer o que os nossos inimigos esperam.

Eragon acenou com a cabeça.

E se isto for uma armadilha?

Ouviu-se um rosnido suave do exterior da tenda.

Nesse caso, ensinaremos quem a planeou, assim como ensinaremos a temer o nosso nome, mesmo que seja Galbatorix.

Eragon sorriu. Era a primeira vez que se sentia determinado a agir, desde o rapto de Nasuada. Ali estava algo que poderiam fazer – um meio através do qual seria possível alterar o desenrolar dos acontecimentos, em vez de ficarem ali parados como observadores passivos.

– Então está bem – murmurou ele.

Arya chegou à tenda escassos segundos depois de ele a contactar. A rapidez intrigou-o, até ela lhe explicar que tinha estado de guarda com Blödhgarm e os outros elfos, para o caso de Murtagh e Thorn voltarem.

Depois, Eragon comunicou mentalmente com Glaedr, persuadindo-o a reunir-se à conversa, embora o dragão estivesse rabugento e pouco disposto a falar.

Logo que os quatro se uniram mentalmente – incluindo Saphira – Eragon disse num tom arrebatado:

Eu sei onde fica o Rochedo de Kuthian!

Que rochedo é esse?, resmungou Glaedr, num tom amargo.

O nome não me é estranho, disse Arya, mas não consigo situá-lo.

Eragon franziu o sobrolho, pois ambos já o tinham ouvido falar do conselho de Solembum. Esquecê-lo não parecia próprio de nenhum deles.

Ainda assim, Eragon repetiu a história do seu encontro com Solembum em Teirm. Depois, transmitiu-lhes as mais recentes revelações do homem-gato e leu-lhes a passagem do Domia abr Wyrda.

Arya prendeu uma madeixa de cabelo por trás das orelhas pontiagudas e disse, em simultâneo, com a mente e a voz:

– Diz lá outra vez como se chama o local?

– ... Pináculo de Moraeta ou Rochedo de Kuthian – respondeu Eragon, hesitando, surpreendido com a pergunta dela. – É um longo voo, mas...

... se Eragon e eu partirmos de imediato... disse Saphira.

... poderemos ir e vir...

... antes de os Varden chegarem a Urû'baen. Esta...

... é a única oportunidade que teremos de lá ir.

Não teremos tempo...

... de fazer a viagem mais tarde.

Mas para onde iriam voar?, perguntou Glaedr.

O que... o que queres dizer com isso?
 Exatamente o que disse, rosnou o dragão, e o seu campo mental ensombrou-se. Apesar de estares para aí a taraguelar, ainda não nos disseste onde fica esse... local misterioso.

– Disse pois! – disse Eragon, estupefacto. – Fica na Ilha de Vroengard!

Finalmente, uma resposta direta...

Arya franziu o sobrolho.

– Mas o que irias fazer a Vroengard?

– Não sei! – respondeu Eragon, cada vez mais irritado, ponderando se deveria confrontar Glaedr pelos seus comentários. O dragão parecia estar a provocar Eragon deliberadamente. – Depende do que encontrarmos. Logo que lá chegarmos, tentaremos abrir o Rochedo de Kuthian e descobrir os segredos que contém. Se for uma armadilha... – encolheu os ombros – lutaremos.

Arya tinha uma expressão cada vez mais apreensiva.

– O Rochedo de Kuthian... o nome parece carregado de significado, mas não sei dizer porquê. Ecoa-me na mente como uma canção que em tempos soube mas que acabei por esquecer. – Abanou a cabeça e levou as mãos às têmporas. – Ah, agora perdi-me... – E olhou para cima. – Desculpem, de que estávamos a falar?

– Ir a Vroengard – disse Eragon, lentamente.

– Ah, sim... mas com que propósito? Tu és preciso aqui, Eragon. De qualquer forma, já não há nada de valor em Vroengard.

Pois, disse Glaedr, é um local morto e abandonado. Depois da destruição de Doru Araeba, os poucos dragões que escaparam, voltaram lá para ver se encontravam algo de útil, mas os Renegados já tinham limpado as ruínas.

Arya acenou com a cabeça.

– Antes de mais, quem é que te meteu essa ideia na cabeça? Não entendo como é possível que aches sensato abandonar os Varden agora que estão mais vulneráveis do que nunca. E para quê? Para voar até aos confins de Alagaësia sem qualquer motivo nem causa aparente? Tinha-te em melhor conta... Não podes partir só porque te sentes desconfortável com a tua nova posição, Eragon.

Eragon desligou a sua mente de Arya e de Glaedr, e fez sinal a Saphira para que fizesse o mesmo.

Eles não se lembram!... Eles não conseguem lembrar-se!

É magia. Magia profunda, como o feitiço que oculta os nomes dos dragões que traíram os Cavaleiros.

Mas tu não te esqueceste do Rochedo de Kuthian, pois não?

Claro que não, responde Saphira, verde de ressentimento. Como poderia esquecê-lo, estando nós tão intimamente ligados?

Uma sensação de vertigem apossou-se de Eragon, ao refletir nas implicações daquilo.

Para ser eficaz, o feitiço teria de apagar as memórias de todos os que soubessem da existência do rochedo e também as memórias de qualquer um que ouvisse falar dele ou lesse sobre o assunto, o que significa... que todos em Alagaësia estão sob o domínio deste encantamento. Ninguém lhe pode escapar.

Exceto nós.

Excepto nós, anuiu Eragon, e os homens-gato.

E talvez Galbatorix.

Eragon estremeceu. Era como se tivesse aranhas de cristal a rastejarem-lhe ao longo da espinha. A dimensão do logro assombra va-o e fazia-o sentir-se pequeno e vulnerável. Confundir a mente de Elfos, Anões, humanos e dragões, sem levantar a mínima suspeita, era uma proeza tão difícil que ele duvidava que fosse fruto do uso deliberado de magia. Só por instinto se conseguiria isso, na medida em que o feitiço seria demasiado complicado de transpor em palavras.

Ele tinha de saber quem manipulara todas as mentes em Alagaësia e porquê. Se fosse Galbatorix, Solembum tinha razão e a derrota dos Varden seria inevitável.

Achas que isto foi obra de dragões, tal como a Proibição dos Nomes?, perguntou ele.

Saphira demorou algum tempo a responder:

Talvez. Mas como Solembum te disse, há muitos poderes em Alagaësia. Enquanto não formos a Vroengard não teremos a certeza, nem de uma coisa nem de outra.

Se é que alguma vez vamos ter.

Sim.

Eragon passou os dedos pelo cabelo e, de repente, sentiu-se extraordinariamente cansado.

“Porque tem tudo de ser tão difícil?”, pensou ele.

Porque toda a gente quer comer, disse Saphira, mas ninguém quer ser comido.

Eragon roncou, sorrindo amargamente.

Apesar da rapidez com que ele e Saphira conseguiam trocar pensamentos, a conversa alongou-se tempo suficiente para que Arya e Glaedr tivessem reparado.

– Porque te fechaste para nós? – perguntou Arya, desviando o olhar para uma das paredes da tenda, a mais próxima do local onde Saphira estava enroscada na escuridão. – Há algum problema?

Pareces perturbado, acrescentou Glaedr.

Eragon conteve uma gargalhada seca.

– Talvez esteja mesmo. – Arya olhou-o apreensiva, vendo-o aproximar-se do catre, sentar-se junto deste e deixar cair os braços entre as pernas.

Eragon ficou em silêncio por instantes, enquanto mudava da sua língua nativa para a língua dos Elfos e da magia, e disse então:

– Confias em mim e em Saphira?

Felizmente, a pausa que se seguiu foi breve.

– Confio – respondeu Arya, também na língua antiga.

Eu também, disse Glaedr da mesma forma.

Digo eu ou dizes tu? perguntou Eragon a Saphira.

Se queres dizer-lhes, diz.

Eragon olhou para Arya, dirigindo-se depois a ambos ainda na língua antiga:

– Solembum revelou-me o nome de um lugar em Vroengard onde Saphira e eu poderemos encontrar alguém ou algo que nos ajude a derrotar Galbatorix. Porém, o nome está encantado e sempre que o digo, vocês esquecem-no pouco depois. – Arya ficou com um ar ligeiramente incrédulo. – Acreditas em mim?

– Acredito – disse Arya, pausadamente.

Eu estou convencido de que acreditas no que estás a dizer, rosnou Glaedr, mas isso não significa que as coisas sejam exatamente como dizes.

– Que mais posso fazer para o provar? Se eu vos disser o nome ou partilhar as minhas memórias convosco vocês vão esquecer. Poderiam perguntar a Solembum, mas de que valeria?

De que valeria? Para começar, poderíamos comprovar que não foste enganado por algo que parecia ser Solembum. Quanto ao feitiço, deve haver uma forma de demonstrar que existe. Chama o homem-gato e veremos o que se pode fazer.

Importas-te?, perguntou Eragon a Saphira, pois achava mais provável que o homem-gato viesse se fosse ela a pedir-lhe.

Pouco depois, sentiu-a projetar a mente pelo acampamento e passou alguns instantes apercebeu-se do toque da consciência de Solembum na sua mente. Depois

de uma breve comunicação silenciosa entre ambos, Saphira anunciou:

Ele vem a caminho.

Esperaram em silêncio. Eragon olhava para as mãos, compilando mentalmente a lista de provisões necessárias para a viagem a Vroengard.

Quando Solembum afastou as palas da tenda e entrou, Eragon ficou surpreso ao ver que ele assumira a forma humana: tinha a figura de um jovem insolente, de olhos escuros. O homem-gato trazia uma perna de ganso assado na mão esquerda e estava a roê-la. Um anel de gordura cobria-lhe os lábios e o queixo, e tinha o peito nu salpicado de molho.

Enquanto mastigava uma tira de carne, Solembum apontou com o queixo pontiagudo para a extensão de terra onde estava enterrado o coração dos corações de Glaedr:

O que queres, espirra-fogo? perguntou ele.

Quero saber se és quem parece ser! disse Glaedr. A consciência do dragão pareceu cercar Solembum, pressionando-o como um amontoado de nuvens negras em torno de uma chama brilhante, fustigada pelo vento. A força do dragão era imensa e Eragon sabia, por experiência, que poucos conseguiam resistir-lhe.

Solembum cuspiu a carne com um uivo gutural e saltou para trás como se tivesse pisado uma vibora. Depois ficou onde estava, trémulo com o esforço, arreganhando os dentes aguçados com tamanha fúria nos seus olhos amarelados, que Eragon levou a mão ao punho de Brisingr, por precaução. A chama enfraqueceu mas manteve-se, como um ponto incandescente de luz num mar revoltado de nuvens de trovoadas.

Um minuto depois, a tempestade acalmou e as nuvens recuaram, embora não desaparecessem por completo.

As minhas desculpas, homem-gato, disse Glaedr, mas tinha de ter a certeza.

Solembum bufou e o cabelo eriçou-se, dando-lhe a aparência de uma flor de cardo. Se ainda tivesses o corpo, ansião, cortava-te a cauda por isto.

Tu, meu gatinho? Mal conseguirias arranhar-me.

Solembum voltou a bufar. Deu meia-volta e encaminhou-se silenciosamente para a entrada da tenda, de ombros arqueados até às orelhas.

Espera, disse Glaedr. Falaste a Eragon desse local em Vroengard, esse local de segredos de quem ninguém se consegue lembrar?

O homem-gato deteve-se e sacudiu a perna de ganso por cima da cabeça, num gesto displicente de impaciência, dizendo sem se virar:

Falei.

E falaste-lhe na página do Domia abr Wyrda na qual ele descobriu onde ficava esse lugar?

É o que parece, mas eu não me lembro, e espero que o que lá estiver te chamusque os bigodes e te queime as patas.

A pala da entrada ondulou ruidosamente, ao afastá-la, e o pequeno corpo de Solembum diluiu-se nas sombras como se nunca tivesse existido.

Eragon levantou-se e empurrou, com a biqueira da bota, um pedaço de carne mastigada para fora da tenda.

– Não devias ter sido tão duro com ele – disse Arya.

Não tinha alternativa, disse Glaedr.

– Ah não? Podias ter-lhe pedido licença, antes.

E dar-lhe hipótese de se preparar? Não. Está feito. Deixa, Arya.

– Não posso. Ele ficou com o orgulho ferido. Deverias tentar apaziguá-lo. É perigoso ter um homem-gato como nosso inimigo.

Mais perigoso é ter um dragão como inimigo. Deixa, jovem elfo.

Eragon trocou um olhar preocupado com Arya. O tom de Glaedr incomodava-o – e a ela também, pelos vistos – mas não sabia o que fazer em relação a isso.

Bom, Eragon, disse o dragão dourado, não te importas que eu analise as memórias da tua conversa com Solembum?

– Se quiseres, mas... porquê? Vais acabar por esquecer tudo.

É possível. E daí talvez não. Veremos. Dirigindo-se a Arya, Glaedr disse: separa a tua mente da nossa e não permitas que as memórias de Eragon contaminem a tua consciência.

– Como queiras, Glaedr-elda. – Ao falar, a música na mente de Arya foi ficando mais distante e, momentos depois, os misteriosos cânticos cessaram.

Depois, Glaedr concentrou a sua atenção em Eragon.

Mostra-me, ordenou ele.

Ignorando a sua agitação, Eragon projetou a sua mente para o momento em que Solembum chegara à tenda e saltara para cima do catre, recordando cuidadosamente tudo o que acontecera entre ambos, daí em diante. A consciência de Glaedr misturou-se com a de Eragon, para que o dragão pudesse reviver as experiências juntamente com ele. Era uma sensação inquietante, como se ele e o dragão fossem duas imagens gravadas do mesmo lado de uma moeda.

Quando terminou, Glaedr retirou-se parcialmente da mente de Eragon, dizendo a Arya:

Quando eu me esquecer, se me esquecer, repete-me as seguintes palavras: “Andumë e Fíronmas na colina das mágoas e a sua carne como vidro”. Eu conheço esse local em Vroengard, ou conheci em tempos. Era algo de importante, algo... Os pensamentos do dragão toldaram-se por instantes, como se uma camada de nevoeiro varresse as colinas e os vales do seu ser, ocultando-as. Então? perguntou ele enfaticamente, recuperando a anterior postura de brusquidão. Porque esperamos? Eragon, mostra-me as tuas memórias.

– Já mostrei.

Quando o mau humor de Glaedr deu lugar à incredibilidade, Arya disse:

– Glaedr, lembra-te: “Andumë e Fíronmas na colina das mágoas e a sua carne como vidro”.

Como é que... começou Glaedr por dizer, rosnando tão violentamente que Eragon quase esperou ouvir o som alto. Grrr. Detesto feitiços que interferem com a memória. São a pior forma de magia. Acabam sempre por gerar o caos e a confusão. Metade das vezes, termina com membros da família a matarem-se uns aos outros, sem darem por isso.

O que significa a frase que usaste? perguntou Saphira.

Nada, a não ser para mim e Oromís. Mas a ideia era essa; ninguém perceber, a menos que eu explicasse.

Arya suspirou:

– Então o feitiço é real. Nesse caso, acho que terás de ir a Vroengard. Seria uma loucura ignorar algo desta importância. Precisamos, pelo menos, de saber quem é a aranha que está no centro desta teia.

Eu também irei, disse Glaedr. Se alguém te quiser fazer mal, talvez não espere ter de lutar com dois dragões em vez de apenas um. Seja como for, vais precisar de um guia. Vroengard tornou-se um local perigoso desde a destruição dos Cavaleiros e eu não poderia permitir que caíesses nas teias de um malefício esquecido.

Eragon hesitou, ao reparar numa certa ansia no olhar de Arya, e percebeu que ela também queria ir.

– Saphira voará mais depressa se tiver de transportar apenas uma pessoa – disse ele, brandamente.

– Eu sei... Sempre desejei visitar o lar dos Cavaleiros.

– Tenho a certeza de que o visitarás, um dia.

Ela acenou com a cabeça.

– Um dia.

Eragon procurou reunir energias durante um momento e refletir em tudo o que teria de fazer, antes de partir com Saphira e Glaedr. Depois respirou fundo e levantou-se do catre.

– Capitão Garven! – chamou. – Importa-se de se reunir a nós?

A PARTIDA

Primeiro Eragon ordenou a Garven que mandasse, em segredo, um dos Falcões Noturnos recolher provisões para a viagem a Vroengard. Saphira alimentara-se depois da conquista de Dras-Leona, mas não se empanurrara, pois ficaria demasiado lenta e pesada para lutar se fosse necessário, como de facto foi. De momento, estava suficientemente bem alimentada para voar até Vroengard sem parar, mas logo que chegassem, Eragon sabia que ela teria de encontrar comida, na ilha ou perto, o que o preocupava.

Posso sempre regressar de estômago vazio, assegurou-lhe Saphira, mas ele não tinha assim tantas certezas.

A seguir, Eragon mandou um mensageiro trazer Jörmundur e Blödhgarm à sua tenda. Logo que chegaram, Eragon, Arya e Saphira passaram mais de uma hora a explicar-lhes a situação e a convencê-los de que a viagem era necessária – a parte mais difícil. Blödhgarm foi o mais fácil de convencer, mas Jörmundur opôs-se ferozmente. Não porque duvidasse da veracidade da informação de Solenbum, nem da sua importância – nesses dois aspetos, aceitou as explicações de Eragon sem as questionar – mas sim, como enfatizou com crescente veemência, porque os Varden ficariam devastados se acordassem e descobrissem que Nasuada fora raptada e Eragon e Saphira tinham desaparecido para parte incerta.

– Além disso, não podemos permitir que Galbatorix pense que tu nos abandonaste – disse Jörmundur –, muito menos estando nós tão perto de Urû'baen. Ele pode mandar Murtagh e Thorn intercetarem-te, ou aproveitar a oportunidade para esmagar os Varden de uma vez por todas. Não podemos correr esse risco.

Eragon não pôde deixar de reconhecer que aquelas preocupações eram pertinentes.

Depois de muita discussão, encontraram finalmente uma solução: Blödhgarm e os outros elfos criariam aparições de Eragon e de Saphira, tal como tinham criado uma imagem de Eragon quando ele viajara até às Montanhas Beor para participar na eleição e na coroação do sucessor de Hrothgar.

As imagens seriam réplicas perfeitas de Eragon e Saphira, vivos e em pleno exercício das suas funções, mas as suas mentes estariam vazias e se alguém os sondasse, a artimanha seria descoberta. Por isso, a imagem de Saphira não poderia falar e, embora os Elfos pudessem simular a fala em Eragon, seria preferível que não o fizessem, não fosse alguma deficiência de dicção alertar os que o ouvissem para o facto de que nem tudo era o que parecia. Tais limitações significavam que as ilusões funcionariam melhor à distância e que as pessoas que tinham motivos para interagir com Eragon e Saphira numa base mais pessoal – como os reis Orrin e Orik – depressa iriam perceber que se passava algo de errado.

Daí que Eragon tenha ordenado a Garven que acordasse todos os Falcões Noturnos e os trouxesse à sua presença, o mais discretamente possível. Depois de toda a companhia estar reunida diante da sua tenda, Eragon explicou ao grupo heterogéneo de homens, Anões e Urgals, por que motivo ele e Saphira iriam ausentar-se, embora fosse deliberadamente vago nos detalhes e guardasse segredo acerca do seu destino. A seguir, explicou-lhes de que forma os Elfos iriam esconder a sua ausência, obrigando-os a fazer um voto de silêncio na língua antiga. Eragon confiava neles, mas todo o cuidado era pouco em relação a Galbatorix e aos seus espiões.

Depois, Eragon e Arya visitaram Orrin, Orik, Roran e a feiticeira Trianna e explicaram-lhes a situação, exigindo um voto de silêncio de cada um deles, tal como tinham feito com os Falcões Noturnos.

Como seria de esperar, o rei Orrin revelou-se o mais intransigente, expressando a sua indignação perante a possibilidade de Eragon ou Saphira viajarem para Vroengard, e opondo-se totalmente à ideia. Questionou a valentia de Eragon e o valor da informação de Solenbum, ameaçando retirar as suas tropas dos Varden se Eragon continuasse a seguir um caminho tão imprudente e insensato. Só ao fim de mais de uma hora de ameaças, lisonjas e persuasão foi possível convencê-lo e, mesmo então, Eragon recebeu que Orrin voltasse atrás com a palavra.

As visitas a Orik, Roran e Trianna foram mais rápidas mas, ainda assim, Eragon e Arya demoraram bastante tempo a falar com eles – demasiado tempo, no ponto de vista de Eragon. A impaciência estava a deixá-lo agitado, pois queria partir, e a sensação de urgência aumentava a cada minuto.

Enquanto visitava as pessoas com Arya, o laço que mantinha com Saphira permitiu-lhe também aperceber-se dos cânticos indistintos e melódiosos dos Elfos, que pareciam acompanhar tudo o que ouvia como uma tira de tecido habilmente urdida, escondida abaixo da superfície do mundo.

Saphira ficara junto da tenda e os elfos estavam dispostos em círculo à volta dela, de braços esticados, unidos pela ponta dos dedos, enquanto cantavam. O objetivo do seu longo e intrincado feitiço era recolherem toda a informação visual necessária para criarem uma representação exata de Saphira. Recriar a forma de um elfo ou de um humano era complicado, mas a forma de um dragão era especialmente difícil de recriar devido às características refletoras das escamas. Ainda assim, a parte mais complicada da ilusão, segundo Blödhgarm, era reproduzir o efeito do peso de Saphira, sempre que a aparição levantava voo ou aterrava.

Quando Eragon e Arya terminaram as rondas, já a noite dera lugar ao dia, e o sol da manhã pairava a um palmo do horizonte. À luz do sol, a destruição que o acampamento sofrera durante o ataque parecia ainda maior.

Eragon teria gostado de partir com Saphira e Glaedr nessa altura, mas Jörmundur insistiu para que ele se dirigisse convenientemente aos Varden, pelo menos uma vez, como seu novo líder.

Pouco depois todo o exército se reuniu e Eragon deu consigo de pé, na parte traseira de uma carroça vazia, a olhar para um mar de rostos virados para cima – alguns humanos, outros não –, desejando estar em todo o lado menos ali.

Eragon aconselhara-se previamente com Roran e este dissera-lhe:

– Lembra-te de que eles não são teus inimigos. Nada tens a temer deles. Eles querem gostar de ti. Fala clara e honestamente. Faça o que fizeres, guarda as dúvidas para ti mesmo. Essa é a forma de os conquistar. Quando lhes falares de Nasuada, vão ficar assustados e consternados. Dá-lhes a coragem de que precisam e eles seguir-te-ão pelos portões de Urû'baen.

Apesar do encorajamento de Roran, Eragon continuava apreensivo antes do discurso. Raramente falara para grandes grupos e nunca para mais de algumas fileiras de homens. Ao olhar para os soldados tisonados e desgastados pela guerra, que tinha diante de si, concluiu que preferiria combater uma centena de inimigos sozinho, do que estar em público e correr o risco de ser rejeitado.

Até ao momento de discursar, Eragon não sabia ao certo o que iria dizer, mas logo que começou a falar, foi como se as palavras fluíssem por si. Estava de tal forma tenso que esqueceu grande parte do que dissera. O discurso passou num ápice, como uma mancha indistinta, de qualquer forma Eragon conservava algumas impressões dele: o calor e o suor, os urros dos guerreiros ao saberem o que acontecera a Nasuada, os aplausos rasgados quando os exortou à vitória, e o rugido generalizado da multidão ao terminar.

Aliviado, saltou da traseira da carroça para o sítio onde Arya e Orik o esperavam, junto de Saphira.

Ao fazê-lo, os guardas formaram um círculo em torno dos quatro, protegendo-os da multidão e contendo todos os que queriam falar com ele.

– Belo discurso, Eragon – disse Orik, batendo-lhe no braço.

– Foi? – perguntou Eragon, atordoado.

– Foste muito eloquente – disse Arya.

Eragon encolheu os ombros embaraçado. Intimidava-o o facto de Arya ter conhecido a maior parte dos líderes dos Varden e não podia deixar de pensar que Ajihad ou Deynor, o seu predecessor, teriam feito um discurso melhor.

Orik puxou-lhe pela manga, Eragon curvou-se para o anão e este disse-lhe numa voz que mal se ouvia sobre a algazarra da multidão:

– Seja o que for que encontres, espero que justifique a viagem, meu amigo. Vê se não te deixas matar, hã?

– Vou tentar.

Para surpresa de Eragon, Orik agarrou-lhe no antebraço e puxou-o, abraçando-o rudemente.

– Que Gûntera te proteja! – Quando se separaram, Orik bateu com a palma da mão no flanco de Saphira. – E tu também, Saphira. Desejo boa viagem a ambos.

Saphira respondeu com um ronco grave.

Eragon olhou para Arya e subitamente sentiu-se constrangido, sem saber o que lhe dizer, pois só lhe ocorria o mais óbvio. A beleza dos seus olhos continuava a cativá-lo. O efeito que ela tinha sobre ele parecia jamais esmorecer.

Depois, Arya aninhou a cabeça nas suas mãos e beijou-o formalmente na testa.

Eragon ficou a olhá-la, surpreendido.

– Gukiä waïse medh ono, Argetlam. – Que a sorte esteja contigo, Mão de Prata.

Ao largá-lo, Eragon agarrou-lhe nas mãos.

– Nada de mal nos vai acontecer. Não o permitirei. Nem que Galbatorix esteja à nossa espera. Arrasarei montanhas com as minhas próprias mãos, se necessário, mas prometo que voltaremos sãos e salvos.

Antes que Arya pudesse responder, ele largou-lhe as mãos e subiu para o dorso de Saphira. Ao vê-lo sentar-se na sela, a multidão começou a aplaudir de novo.

Eragon acenou-lhes e eles redobram o manifesto, pateando e batendo nos escudos com os pomos das espadas.

Eragon viu Blödhgarm e os outros elfos reunidos num grupo coeso, parcialmente escondidos atrás de um pavilhão, ali perto. Acenou-lhes com a cabeça e eles acenaram também. O plano era simples: ele e Saphira levantariam voo como se fossem patrulhar os céus e reconhecer o terreno mais à frente – como normalmente faziam quando o exército estava em trânsito. Mas, depois de circundarem o acampamento várias vezes, Saphira voaria para dentro de uma nuvem, e Eragon lançaria um feitiço que a tornaria invisível para os que os estivessem a observar em baixo. Depois os elfos criariam os espetros vazios que tomariam o lugar de Eragon e Saphira, enquanto estes prosseguiam viagem, e seriam os espetros que todos veriam emergir da nuvem. Esperavam que ninguém desse pela diferença.

Com a facilidade adquirida pela prática, Eragon apertou os arreios em torno das pernas e verificou se os alforjes estavam convenientemente presos, prestando especial atenção ao da esquerda, pois dentro dele – bem enrolado em panos e cobertores – tinha o cofre forrado de veludo com o precioso coração dos corações de Glaedr, o seu Eldunari.

Vamos embora, disse o velho dragão.

Para Vroengard! exclamou Saphira. O mundo inclinou-se e mergulhou em torno de Eragon, quando ela saltou do chão e bateu as gigantescas asas de morcego, açoitando-o com uma rajada de vento e elevando-se gradualmente em direção aos céus.

Eragon agarrou-se mais firmemente ao espigão do pescoço, à sua frente, baixando a cabeça para se proteger da deslocação de ar resultante da velocidade, e olhou para o couro polido da sela. Depois respirou fundo e tentou não se preocupar com o que deixavam para trás nem com o que tinham pela frente. Tudo o que podia fazer era esperar – esperar e acreditar que Saphira conseguiria voar até Vroengard e regressar antes que o Império voltasse a atacar os Varden; acreditar que Roran e Arya ficariam a salvo; acreditar que poderia ainda salvar Nasuada e que a ida a Vroengard era uma decisão acertada, pois o momento em que teria de enfrentar Galbatorix aproximava-se rapidamente.

O TORMENTO DA INCERTEZA

Nasuada abriu os olhos.

O teto escuro, abobadado, estava coberto de azulejos pintados com desenhos angulares vermelhos, azuis e dourados: uma complexa matriz de linhas prendeu-lhe o olhar durante alguns momentos de alheamento.

Entretanto, fez um esforço para desviar o olhar.

Um brilho constante, alaranjado, irradiava de uma fonte de luz, algures atrás de si. O brilho permitia distinguir a forma octogonal da sala, mas não era suficientemente forte para desalojar as sombras agarradas aos cantos, como gaze, tanto em cima como em baixo.

Engoliu e sentiu a garganta seca.

A superfície onde estava deitada era fria, plana e desconfortavelmente dura; parecia-lhe pedra debaixo dos calcanhares e das almofadas dos dedos. Sentiu um arrepio percorrer-lhe os ossos e foi então que percebeu que usava apenas uma fina camisa branca com que dormira.

“Onde estou?”

As memórias voltaram todas ao mesmo tempo, sem sentido nem ordem: uma sucessão indesejável de imagens que lhe estrondearam na mente, com uma violência quase física.

Arquejou e tentou sentar-se — numa tentativa de se levantar, fugir ou lutar se fosse necessário —, mas descobriu que não conseguia mover-se mais do que escassos centímetros em qualquer direção. Tinha grilhetas acolchoadas em torno dos pulsos e dos tornozelos, e um grosso cinto de couro prendia-lhe firmemente a cabeça contra a laje, impedindo-a de a erguer ou virar.

Ela fez força contra as grilhetas, mas eram fortes demais para as rebentar.

Respirou fundo, relaxou o corpo e olhou de novo para o teto. A pulsação martelava-lhe os ouvidos, como a batida desenfreada de um tambor. O calor inundou-lhe o corpo. Sentia as faces a arder, e as mãos e os pés pareciam cobertos de sebo derretido.

“Então é assim que vou morrer.”

Por instantes, deixou-se possuir pelo desespero e pela auto-piedade. Mal iniciara a sua vida e, no entanto, esta parecia prestes a terminar da forma mais vil e miserável possível. E o pior é que não tinha concretizado nada do que esperara realizar: fosse na guerra, no amor, na natividade ou na vida. Como legado tinha apenas batalhas, cadáveres e caravanas de provisões sobre rodas; incontáveis estratégias; juramentos de amizade e de lealdade que agora valiam menos que a promessa de um saltimbanco; e um exército hesitante, indisciplinado e demasiado vulnerável, comandado por um Cavaleiro mais jovem do que ela. Parecia-lhe um fraco legado para a memória do seu nome — e nada mais que uma memória restaria, pois ela era a última da sua linhagem. Quando morresse, não restaria ninguém para dar continuidade à sua família.

A ideia era dolorosa e Nasuada censurou-se a si mesma por não ter tido filhos enquanto tivesse sido possível.

— Lamento — sussurrou, vendo o rosto do pai diante de si.

Mas depois disciplinou-se e afastou o desespero. A única coisa que podia controlar era o seu auto-domínio e não estava na disposição de abrir mão dele pelo prazer duvidoso de se abandonar às dúvidas, medos e mágoas. Enquanto dominasse os seus pensamentos e sensações não estaria totalmente indefesa. A liberdade da mente era a mais pequena das liberdades, mas Nasuada sentia-se grata por ela, e a evidência de poder em breve ser despojada dela, deixou-a ainda mais determinada a exercitá-la.

Fosse como fosse, tinha ainda um derradeiro dever a cumprir: resistir ao interrogatório. Para isso teria de estar totalmente segura de si, caso contrário cederia rapidamente.

Abandonou a respiração e concentrou-se no fluxo regular do ar na garganta e nas narinas, deixando que essa sensação abafasse todas as outras. Quando se sentiu razoavelmente calma, tentou decidir em que é que seria mais seguro pensar. Havia tantos temas perigosos — para ela, para os Varden, para os seus aliados, para Eragon e Saphira. Não reviu aqueles que deveria evitar, pois poderiam facultar aos seus carcereiros a informação que pretendiam, ali, naquele instante. Em vez disso, escolheu uma série de memórias e pensamentos aparentemente benignos e fez um esforço para ignorar o resto e convencer-se de que tudo o que era e sempre fora se baseava unicamente nesses elementos.

Basicamente tentou recrear uma nova identidade, mais simples, para que quando a interrogassem sobre isto ou aquilo, conseguisse alegar ignorância com uma absoluta honestidade. Era uma técnica perigosa. E para que funcionasse, teria de acreditar na sua própria fraude e, se alguma vez fosse libertada, tornar-se-ia difícil recuperar a sua verdadeira personalidade.

Mas também não tinha esperança que a resgatassem nem que a libertassem. A única coisa que esperava era frustrar os desígnios dos seus captores.

“Golkukara, dá-me força para resistir às tribulações que me esperam. Cuida da tua pequena coruja e, se eu morrer, leva-me em segurança deste lugar... leva-me em segurança para as terras do meu pai.”

O seu olhar vagueou pela sala coberta de azulejos, enquanto a estudava mais detalhadamente. Deduziu que estava em Urû’baen. Tinha toda a lógica que Murtagh e Thorn a tivessem levado para lá, explicando a aparência élfica da sala. Grande parte de Urû’baen, a cidade a que chamavam Ilirea, quer antes da sua guerra com os dragões — há muito tempo atrás — como depois da cidade se tornar a capital do Reino de Broddring e os Cavaleiros formalizarem a sua presença dentro da cidade, fora construída pelos Elfos. Ou, pelo menos, assim lhe dissera o pai, na medida em que não tinha qualquer recordação da cidade.

Mas também poderia estar noutro sítio qualquer: numa das propriedades particulares de Galbatorix e aquela sala poderia nem ser como de facto ela a via. Um feiticeiro experiente conseguiria manipular tudo o que ela via, sentia, ouvia e cheirava, podendo distorcer o mundo em seu redor com formas que ela jamais conseguiria detetar.

Independentemente do que lhe acontecesse — ou que parecesse estar a acontecer — Nasuada não permitiria que a enganassem. Mesmo que Eragon arrombasse a porta e a libertasse, ela continuaria a acreditar que tudo não passava de um estratagema dos seus captores, não se atrevendo a confiar no que os seus sentidos lhe revelavam.

O mundo convertera-se numa mentira no momento em que Murtagh a levava do acampamento, e era impossível saber quando isso iria terminar, se é que alguma vez terminaria. A única coisa de que tinha a certeza era que existia, tudo o resto era suspeito, mesmo os seus pensamentos.

Depois do choque inicial abrandar, o tédio da espera começou a desgastá-la. Não fazia ideia que horas seriam, a não ser pela fome e pela sede que sentia. E a fome parecia aumentar e diminuir em intervalos aparentemente irregulares. Tentou marcar as horas, contando, mas a prática aborreceu-a, além de que parecia sempre perder-lhes a conta quando chegava às dezenas de milhar.

Apesar dos horrores que certamente a esperavam, Nasuada desejou que os seus captores se despachassem e se revelassem. Gritou durante minutos a fio, mas tudo

o que ouviu em resposta foram ecos lamentosos.

A luz mortíça por trás de si nunca tremeluzia nem enfraquecia, pelo que deduziu que provinha de uma lanterna sem chama, semelhante às que os Anões faziam. Era-lhe difícil dormir com a luz, mas a exaustão acabou por vencer e ela dormitou um pouco.

A possibilidade de sonhar apavorava-a, pois ficaria bastante vulnerável enquanto dormisse e receava que o seu inconsciente invocasse justamente toda a informação que pretendia ocultar. Contudo, não tinha grandes alternativas. Mais cedo ou mais tarde, ela teria de dormir e tentar manter-se acordada, iria apenas fazer com que se sentisse pior.

Por isso dormiu um sono irregular e pouco satisfatório e, quando acordou, continuava a sentir-se cansada.

Um estrondo sobressaltou-a.

Algures em cima, atrás do local onde estava, ela ouviu uma tranca erguer-se e o rangido de uma porta a abrir-se.

Sentiu a pulsação acelerar. Pelos seus cálculos, teria passado mais de um dia, desde que recuperara a consciência. Sentia uma sede horrível. Tinha a língua inchada e pegajosa, e doía-lhe o corpo todo por estar limitada a uma posição durante tanto tempo.

Ouviu passos a descerem uma escada. Umas botas de sola mole arrastavam na pedra... Uma pausa. O tilintar de metal. Chaves? Facas? Algo pior do que isso?... Depois os passos recomeçaram. Agora aproximavam-se dela. Estavam mais perto... cada vez mais perto.

Um homem corpulento com uma túnica de lã cinzenta surgiu no seu campo de visão, com uma bandeja de prata com um sortido variado de comida: queijo, pão, carne, vinho e água. Baixou-se e poisou a bandeja junto de uma parede. Depois virou-se e aproximou-se dela, com uma passada curta, rápida e precisa, quase delicada.

Encostou-se junto da laje de pedra, ligeiramente ofegante, e olhou para Nasuada. Tinha a cabeça semelhante a uma cabaça, bojuda em cima e em baixo, e estreita no meio. Estava barbeado e era praticamente careca, à exceção uma franja escura e curta, à volta da cabeça. Tinha a parte superior da testa lúidia, as faces rechonchudas e coradas, e os lábios eram tão cinzentos como a túnica. Os olhos eram vulgares: castanhos e demasiado juntos.

O homem estalou a língua e ela viu que os seus dentes se tocavam nas pontas como as extremidades de um grampo e que estavam mais salientes do que o normal, formando uma espécie de focinho pequeno mas perceptível.

Um cheiro a fígado e cebolas pairava no seu hálito morno e húmido. No estado de fraqueza em que estava, Nasuada achou o odor nauseante.

A sua consciência despertou de imediato para o facto de estar praticamente nua, ao ver os olhos dos homens deambularem pelo seu corpo. Isso fê-la sentir-se vulnerável, como se não passasse de um brinquedo ou um animal de estimação ali exposto para seu deleite. Corou de raiva e de humilhação.

Decidida a não esperar que ele revelasse as suas intenções, tentou falar para lhe pedir água, mas tinha a garganta demasiado seca, pelo que conseguiu apenas coaxar.

O homem de cinzento fez um ruído de desaprovação e, para seu espanto, começou a abrir-lhe as grilhetas.

Assim que a libertou, sentou-se na laje e ela esticou a mão direita em forma de lâmina, brandindo-a na direção do pescoço do homem.

Ele agarrou-lhe o pulso no ar, aparentemente sem esforço, e Nasuada rosnou, tentando enfiar-lhe os dedos nos olhos com a outra mão.

Ele voltou a agarrar-lhe o pulso. Ela puxou-o para trás e para diante, mas o homem tinha muita força. Era como se tivesse os pulsos presos em pedra.

Frustrada, atirou-se para a frente, enterrando os dentes no antebraço direito do homem. Sangue quente e salgado, com um travo a cobre, jorrou-lhe para a boca. Nasuada engasgou-se mas continuou a mordê-lo, com o sangue a escorrer-lhe pelos lábios. Conseguia sentir os músculos do antebraço do homem, presos entre os dentes, a mexerem-se contra a língua como cobras aprisionadas que tentavam escapar.

Para além disso, o homem não teve qualquer reação.

Por fim largou-lhe o braço, puxou a cabeça para trás e cuspiu-lhe o sangue para a cara.

Mesmo assim, o homem continuou a olhá-la com a mesma expressão insípida, sem pestanejar nem revelar quaisquer sinais de dor ou raiva.

Ela puxou de novo as mãos, baloiçando as ancas e as pernas sobre a laje para o pontapear no estômago. Mas, antes que conseguisse desfêr-lhe o pontapé, ele soltou-lhe o pulso esquerdo, esbofeteando-a com força.

Um clarão branco surgiu diante de si e uma explosão silenciosa pareceu deflagrar em seu redor. A sua cabeça foi violentamente projetada para o lado, os dentes bateram uns nos outros, e ela sentiu uma dor percorrer-lhe a coluna, desde a base do crânio.

Quando a sua visão clareou, ficou sentada a olhar para o homem, furiosa, mas não fez qualquer gesto para o atacar de novo, apercebendo-se de que estava à sua mercê... e que teria de arranjar algo com que lhe cortar a garganta ou furar-lhe um olho, se o quisesse vencer.

Ele libertou-lhe o outro pulso e levou a mão à túnica, tirando um lenço branco, encardido, que passou na cara para limpar os vestígios de sangue e saliva. Depois, atou o lenço ao antebraço ferido, usando os dentes semelhantes a grampos para agarrar numa das pontas do tecido.

Em seguida, agarrou-lhe na parte de cima do braço, rodeando-o com uns dedos grandes e grossos, e puxou-a de cima da laje cor de cinza. As suas pernas cederam ao tocar no chão e ela ficou pendurada na mão do homem, como uma boneca, com o braço torcido por cima da cabeça, num ângulo doloroso.

Ele puxou-a, obrigando-a a pôr-se de pé, e desta vez ela aguentou-se. Apoiando-a parcialmente, o homem guiou-a até uma pequena porta lateral, que ela não conseguia ver do local onde estivera deitada de barriga para cima. Junto desta havia um curto lance de escadas que conduzia a uma segunda porta, maior – a mesma por onde o carcereiro entrara. A porta estava fechada, mas tinha uma pequena grade de metal ao centro, através da qual ela conseguiu ver uma tapeçaria bem iluminada, pendurada numa parede lisa de pedra.

O homem abriu a porta lateral e conduziu-a até uma estreita latrina. Para seu alívio, deixou-a sozinha. Nasuada examinou a sala vazia em busca de algo que lhe pudesse servir de arma, ou de um sítio por onde pudesse escapar, mas para seu desapontamento tudo o que viu foi pó, aparas de madeira e algo mais sinistro: manchas de sangue seco.

Por isso, fez o que seria de esperar e, quando saiu da latrina, o homem de cinzento voltou a agarrar-lhe no braço, encaminhando-a de novo para a laje.

Quando se aproximaram, ela começou a espernear e a debater-se, pois preferia que lhe batesse a permitir que ele a prendesse de novo. Apesar dos seus esforços, não conseguiu deter nem abrandar o homem. Os membros dele pareciam de ferro, ao atingi-los com os punhos, e mesmo a barriga aparentemente flácida, parecia rija.

Ele dominou-a tão facilmente como a uma criança, erguendo-a para cima da laje, prendeu-lhe os ombros contra a pedra e fechou-lhe as grilhetas em torno dos pulsos e dos tornozelos. Por fim, colocou-lhe o cinto de couro sobre a testa e prendeu-o firmemente para lhe imobilizar a cabeça, mas não a ponto de lhe causar dor.

Nasuada esperava que ele fosse almoçar – ou jantar, ou fosse lá que refeição fosse – mas, em vez disso, pegou na bandeja e levou-a para junto dela, oferecendo-lhe um pouco de vinho diluído em água.

Era-lhe difícil engolir deitada de costas, por isso bebeu rapidamente o líquido do cálice de prata que ele lhe levava à boca. O vinho diluído proporcionou-lhe uma sensação fresca e apaziguadora, ao escorrer-lhe pela garganta seca.

Quando o cálice ficou vazio o homem pô-lo de parte, cortou fatias de pão e de queijo e ergueu-as na direção dela.

– Como... – disse ela, conseguindo finalmente recuperar o domínio da voz. – Como te chamas?

O homem olhou-a impassível. A testa bojuda brilhava como marfim polido, à luz da lanterna sem chama.

Ele aproximou o pão e o queijo dela.

– Quem és tu?... Isto é Urû'baen? És um prisioneiro como eu? Tu e eu poderíamos ajudar-nos. Galbatorix não é onisciente. Juntos, poderíamos descobrir uma forma de fugir. Pode parecer impossível mas não é, juro. – E continuou a falar num tom baixo e calmo, esperando dizer algo que despertasse empatia no homem, ou

apelasse aos seus interesses pessoais.

Ela sabia que conseguia ser persuasiva – as longas horas de negociações em nome dos Varden tinham-lhe provado isso, para sua satisfação – mas aquelas suas palavras pareciam não produzir qualquer efeito no homem. Se não fosse respirar, dir-se-ia morto, ali parado diante dela, com o pão e o queijo na mão. Ocorreu-lhe que fosse surdo, mas depois lembrou-se de que ele a ouvira quando tentara pedir-lhe água, por isso descartou essa hipótese.

Nasuada falou até esgotar todos os argumentos e apelos que lhe passaram pela cabeça e, quando se calou – para pensar numa abordagem diferente –, o homem encostou-lhe o queijo e o pão aos lábios, segurando-os. Furiosa, ela quis que ele os afastasse mas a mão não se mexeu, e ele continuou a olhá-la com a mesma expressão vazia e desinteressada.

Sentiu um formigueiro na nuca ao perceber que o seu comportamento não era fingido. Não significava realmente nada para ele. Teria entendido se ele a odiasse, se demonstrasse um prazer perverso em atormentá-la, ou se fosse um escravo a cumprir relutantemente as ordens de Galbatorix. Mas nada disso parecia ser verdade. Ele parecia indiferente, despojado da mais ínfima empatia. Sem dúvida que a mataria tão facilmente como se dispunha a cuidar dela e isso incomodá-lo-ia tanto como esmagar uma formiga.

Amaldiçoando a necessidade que tinha de comer, Nasuada abriu a boca, deixando que ele lhe depositasse os pedaços de pão e de queijo sobre a língua, apesar da vontade que tinha de lhe morder os dedos.

Ele alimentou-a como a uma criança – à mão –, levando-lhe cada pedacinho de comida à boca, tão cuidadosamente como se ela fosse uma esfera oca, de vidro, que se pudesse estilhaar ao mínimo movimento brusco.

Uma profunda sensação de repugnância cresceu dentro de si. Passar de líder da maior aliança da história de Alagaësia a... “Não, não, nada disso existia.” Ela era filha do seu pai. Vivera em Surda, no meio do pó e do calor, por entre os ecos dos pregões dos mercadores, nas ruas movimentadas do mercado, e nada mais. Não tinha razões para ser arrogante, nem para ressentir a sua queda.

Ainda assim, detestava ter o homem ali, em cima de si e que ele teimasse em alimentá-la podendo ela fazê-lo sozinha. Detestava que Galbatorix, ou quem quer que fosse o responsável pela sua captura, estivesse a tentar despojá-la do seu orgulho e da sua dignidade e detestava pensar que estavam a consegui-lo, até certo ponto.

Decidiu que iria matar o homem. Nem que fosse a última coisa que pudesse concretizar na vida, ela queria matar o carcereiro. Tirando a fuga, nada lhe daria maior satisfação. “Dê por onde der. Hei de descobrir uma forma.”

A ideia agradou-lhe e ela comeu o resto da refeição com prazer, enquanto planeava como iria matar o homem.

Quando terminou, o homem levou a bandeja e saiu.

Ouviu os passos a afastarem-se, a porta a abrir e a fechar-se, o estalido do trinco e, finalmente, o ruído pesado e sinistro de uma tranca a cair, do lado de fora da porta.

Depois, voltou a ficar sozinha, sem nada para fazer a não ser esperar e matutar em formas de assassinio.

Entreteve-se durante algum tempo a seguir uma das linhas pintadas no teto, tentando definir se tinha princípio ou fim. A linha que escolheu era azul. A cor agradava-lhe, ao associá-la à pessoa em quem menos se atrevia a pensar.

Mas, ao fim de algum tempo, aborreceu-se das linhas e das fantasias de vingança, fechou os olhos e mergulhou num sono inquieto e superficial, em que as horas pareciam passar mais depressa e mais devagar do que o normal, segundo a lógica paradoxal do pesadelo.

Quando o homem da túnica cinzenta voltou, Nasuada quase ficou satisfeita, reação que entendeu como uma fraqueza, fazendo-a sentir desprezo por si própria.

Não sabia ao certo quanto tempo tinha esperado – era impossível saber, a menos que alguém lhe dissesse –, mas tinha a noção que não esperara tanto como anteriormente. Ainda assim, a espera parecera-lhe interminável, pelo que ela receou que a voltassem a abandonar, acorrentada durante o mesmo período arrastado de tempo, ainda que soubesse que não a estavam a ignorar – isso certamente que não. Para seu desgosto, deu consigo agradecida ao concluir que o homem iria visitá-la mais frequentemente do que imaginara, de início. Passar tanto tempo imóvel, deitada numa laje de pedra lisa, já era doloroso, mas negarem-lhe o contacto com qualquer outro ser humano – mesmo alguém tão desajeitado e repugnante como o seu carcereiro – era uma tortura e, de longe, a prova mais difícil de suportar.

Quando o homem lhe tirou as grilhetas, Nasuada reparou que o ferimento no seu antebraço fora curado, pois tinha a pele macia e rosada como a de um leitão.

Decidiu não lutar, mas no percurso para a câmara secreta fingiu tropeçar e cair, esperando ficar suficientemente perto da bandeja para roubar a pequena faca de descascar fruta que o homem utilizara para cortar a comida. Contudo, esta estava longe de mais e o homem era demasiado pesado para que ela o arrastasse até junto da bandeja, sem denunciar as suas intenções. Uma vez que o estratagema falhara, fez um esforço para se sujeitar calmamente à assistência do carcereiro. Teria de o convencer que desistira para que ele se tornasse complacente e – com um pouco de sorte – descuidado.

Enquanto ele a alimentava, Nasuada estudou-lhe as unhas. Anteriormente estava demasiado furiosa para prestar atenção, mas agora que se sentia mais calma, estava fascinada com as suas peculiaridades.

As unhas eram grossas, extremamente arqueadas, e as meias-luas junto das cutículas eram grandes e largas. No geral, não eram diferentes das unhas de muitos dos homens e Anões com quem lidara.

“Quando lidara com eles pela última vez?...” Não se lembrava.

O que distinguia as suas unhas das outras era os cuidados que revelavam. Cuidado era a palavra exata – como se as unhas fossem flores raras, cultivadas por um jardineiro que lhes dedicasse longas horas de trabalho. As cutículas estavam perfeitamente aparadas, sem rasgos, e as unhas tinham sido cortadas a direito – sem exageros –, e exibiam as pontas suavemente chanfradas. A parte superior das unhas fora polida até brilhar, como uma peça de cerâmica vidrada, e a pele em torno delas parecia ter sido massajada com óleo ou manteiga.

Tirando os Elfos, nunca vira um homem com unhas tão perfeitas.

“Elfos?” Afastou a ideia da cabeça, irritada. Não conhecia Elfos nenhuns.

As unhas eram um enigma, algo de estranho num cenário de outra forma compreensível, um mistério que queria desvendar, ainda que fosse inútil tentar.

“Quem seria o responsável por aquelas unhas exemplares? Seria o próprio homem?” Ele parecia excessivamente meticoloso e Nasuada não o conseguia imaginar com uma mulher, uma filha, um criado ou qualquer outra pessoa próxima capaz de dedicar tanta atenção às capas dos seus dedos. É claro que concluiu que poderia estar enganada. Muitos veteranos sombrios e calados, cobertos de cicatrizes – cujos únicos gostos pareciam ser vinho, mulheres e guerra – tinham-na surpreendido com uma faceta qualquer do seu caráter que destoava da aparência exterior: jeito para esculpir madeira, tendência para decorar poemas românticos, amor por cães, ou uma terrível dedicação a uma família que mantinham escondida do resto do mundo. Só ao fim de muitos anos, ela descobrira que Jör...

E interrompeu o pensamento antes que este avançasse demais.

Em todo o caso, a pergunta que repetia constantemente era simples: “Porquê?” A motivação era reveladora, mesmo no que dizia respeito a algo tão insignificante como unhas.

Se as unhas fossem obra de uma outra pessoa, ou eram fruto de extrema dedicação ou de muito medo, porém, ela não acreditava que fossem. Não parecia bater certo.

Se fossem obra do homem, qualquer explicação seria possível. Talvez as unhas fossem a forma de ele exercer algum controlo sobre uma vida da qual deixara de ser dono, ou talvez pensasse que era a única coisa atraente em si. Talvez cuidar delas fosse um tique nervoso, um hábito que lhe servisse apenas para matar o tempo.

Fosse qual fosse a verdade, o facto é que alguém lhe limpava, aparava, polira e oleava as unhas e o esforço não tinha sido casual nem descuidado.

Nasuada continuou a ponderar no assunto enquanto comia, mal saboreando os alimentos. De vez em quando, olhava para cima e sondava o rosto pesado do homem em busca desta ou daquela pista, mas sem sucesso.

Ao dar-lhe o último pedaço de pão, o homem levantou-se da beira da laje, pegou na bandeja e afastou-se.

Ela mastigou e engoliu o pão o mais depressa possível sem se engasgar, e disse com uma voz áspera, de cana rachada, por não falar há já algum tempo.

– Tens umas belas unhas. São muito... brilhantes.

O homem parou a meio de um passo e virou a cabeça grande e pesada para ela. Por instantes pensou que ele poderia agredi-la de novo, mas depois os seus lábios cinzentos abriram-se lentamente e ele sorriu, mostrando-lhe os dentes de cima e de baixo.

Conteve um tremor, pois o carcereiro parecia prestes a arrancar a cabeça de uma galinha.

O homem desapareceu do seu campo de visão, com a mesma expressão inquietante e, segundos depois, ela ouviu a porta da cela a abrir e a fechar.

Um sorriso desenhou-se nos seus lábios. O orgulho e a vaidade eram fraquezas que ela poderia explorar. Se havia algo em que Nasuada era experiente era em sujeitar os outros à sua vontade. O homem dera-lhe um apoio insignificante – pouco mais que um dedo, ou uma unha, melhor dizendo –, mas era tudo o que ela precisava. Agora poderia começar a trepar.

O SALÃO DA PROFETISA

Quando o homem a visitou pela terceira vez, Nasuada estava a dormir, acordando sobressaltada com o ruído da porta a bater.

Segundos depois, lembrou-se onde estava. Franziu o sobrolho e piscou os olhos, tentando clarear a visão. “Quem lhe dera poder esfregá-los.”

Franziu a testa ao olhar para o corpo e ver que ainda tinha uma pequena nódoa húmida na camisa de dormir, no sítio onde lhe tinha caído uma gota de vinho diluído durante a refeição.

“Porque voltou ele tão depressa?”

E sentiu o coração afundar-se ao ver o homem passar por ela com uma grande braseira de cobre, cheia de carvão, que poisou sobre as pernas, a pouco mais de um metro da laje. Em cima do carvão havia três ferros compridos.

O momento que ela mais temia tinha finalmente chegado.

Nasuada tentou estabelecer contacto visual com o homem, mas este recusou-se a olhar para ela, tirou um pedaço de sílex e de aço de uma bolsa presa ao cinto, e pegou fogo a um novelo esfarrapado de mecha, ao centro do braseiro. Quando as fagulhas começaram a fumejar e a propagar-se, a mecha brilhou como uma bola de arame incandescente. O homem curvou-se e soprou suavemente sobre o fogo incipiente, como uma mãe a beijar o filho, e as fagulhas converteram-se em chamas suaves.

Manteve o fogo durante alguns minutos, construindo uma cama de carvões com vários centímetros de espessura e o fumo subiu em direção a uma grade, lá em cima no teto. Nasuada observava com um fascínio mórbido, incapaz de desviar o olhar, apesar de saber o que a esperava. Nem ele nem ela falaram. Era como se ambos se sentissem demasiado constrangidos com o que estava prestes a acontecer, para o reconhecer.

Ele voltou a soprar no carvão e, depois, virou-se como se fosse aproximar-se.

“Não te deixes ir abaixo”, disse para si, retesando o corpo.

Cerrou os punhos e susteve a respiração, enquanto o homem caminhava na sua direção, aproximando-se cada vez mais.

Uma brisa semelhante ao toque de uma pena roçou-lhe no rosto, quando ele passou, ouvindo o som dos passos diminuir à medida que o carcereiro subia as escadas e saía da sala.

Um débil suspiro escapou-se-lhe dos lábios, e ela descontraíu ligeiramente. Os carvões em brasa voltaram a atrair o seu olhar como um íman. Um brilho mortiço, cor de ferrugem, subia pelos ferros que saíam do braseiro.

Nasuada humedeceu os lábios e pensou como seria bom beber um gole de água.

Um dos pedaços de carvão saltou e partiu-se em dois, mas tirando isso, a sala mantinha-se silenciosa.

Esforçou-se para não pensar, enquanto esperava, ali deitada, incapaz de lutar ou fugir. Pensar iria apenas enfraquecer a sua determinação. O que quer que estivesse para acontecer, iria acontecer e não havia medo nem ansiedade que pudessem alterar isso.

Ouviram-se de novo passos no corredor, no exterior da câmara: desta vez era um grupo de homens, alguns andavam ao mesmo ritmo, outros não. Juntos produziram uma série de ecos ásperos que não deixavam perceber quantas pessoas se estavam a aproximar. A procissão deteve-se à entrada. Ela ouviu murmúrios e depois identificou dois conjuntos de passos ruidosos no interior da sala – “são botas de montar, de sola rija”, pensou.

A porta fechou-se com um estrondo sepulcral.

Ouviu passos firmes e determinados a descer a escada, e, nos limites do seu campo de visão, viu alguém poisar uma cadeira trabalhada de madeira.

Um homem sentou-se na cadeira.

Era corpulento, mas não era gordo e tinha os ombros largos. Estava envolto numa longa capa negra. A capa parecia pesada, como se fosse forrada de cota de malha. A luz dos carvões e das lanternas sem chamas douravam-lhe os contornos do corpo, mas as suas feições continuavam demasiado obscurecidas para se distinguirem. Ainda assim, as sombras não escondiam os contornos da coroa de pontas aguçadas que repousava sobre a sua testa.

O coração de Nasuada pareceu parar por instantes, retomando a custo o ritmo acelerado.

Um segundo homem, de jaqueta púrpura e perneiras – debruadas com fio dourado –, encaminhou-se para a braseira e parou de costas viradas, enquanto mexia no carvão com os ferros.

O homem sentado na cadeira puxou os dedos das luvas um por um e tirou-as. As mãos eram cor de bronze oxidado.

A voz era grave, intensa e autoritária. Qualquer bardo com um instrumento vocal tão harmonioso seria louvado por todo o reino como mestre dos mestres. Nasuada sentiu um formigueiro ao ouvi-la. As palavras pareciam inundá-la como ondas quentes, acariciando-a, seduzindo-a e prendendo-a. “Ouvi-lo era tão perigoso como ouvir Elva”, concluiu ela.

– Bem-vinda a Urû’baen, Nasuada, filha de Ajihad – disse o homem que estava sentado na cadeira. – Bem-vinda a minha casa, por baixo destes penhascos ancestrais. Há muito que um convidado tão distinto não nos brindava com a sua presença. Tenho estado ocupado com outras coisas, mas asseguro-te que daqui em diante não me descuidarei com os meus deveres de anfitrião. – Um tom de ameaça surgiu-lhe na voz ao proferir as últimas palavras, como uma garra que emergia da sua cobertura de pele.

Nasuada nunca tinha estado com Galbatorix pessoalmente, apenas ouvira descrições e estudara desenhos dele, mas o efeito que o seu discurso produziu nela foi de tal forma visceral e poderoso, que não lhe restava qualquer dúvida que ele era de facto o rei.

Havia vestígios de uma outra língua no sotaque e na dicção, como se a língua em que estava a falar não fosse a mesma com que fora educado. A diferença era subtil, mas impossível de ignorar depois de se reparar nela. Talvez fosse pelo facto da língua ter mudado depois do seu nascimento. Parecia-lhe a explicação mais razoável pois aquela forma de falar lembrava-lhe... não, não lhe lembrava coisa alguma.

Inclinou-se para a frente e sentiu um olhar penetrante fixo nela.

– És mais jovem do que eu esperava. Sabia que atingiste a maioria recentemente, mas mesmo assim não passas de uma criança. Quase todos me parecem crianças, hoje em dia: crianças estouvadas, vaidosas e imprudentes, incapazes de perceber o que é melhor – crianças que precisam da orientação de alguém mais velho e mais sensato.

– Gente como tu? – interpelou ela, com desdém.

Nasuada ouviu-o rir baixinho.

– Preferias que fossem os Elfos a governar-nos? Sou o único membro da tua raça capaz de os manter à distância. Na perspetiva deles, até os nossos anciãos de barba grisalha seriam considerados jovens inexperientes e impreparados para assumir responsabilidades de adultos.

– Na perspetiva deles, tu também és. – Ela não fazia ideia de onde lhe vinha aquela coragem, mas sentia-se forte e insolente. Estava a determinada a dizer o que pensava, independentemente de o rei a poder castigar por isso.

– Ah, mas não são apenas anos de vida que guardo dentro de mim. Apossei-me das memórias de centenas. Um amontoado de vidas: amores, ódios, batalhas, vitórias, derrotas, lições aprendidas, erros cometidos – estão todas dentro da minha mente a segredarem-me sabedoria. As minhas memórias abarcam eras. Não há registo de ninguém como eu em toda a História, nem mesmo entre os Elfos.

– Como é que isso é possível? – sussurrou ela.

Ele mudou de posição na cadeira.

– Nem penses em fingir diante de mim, Nasuada. Eu sei que Glaedr deu o seu coração dos corações a Eragon e Saphira, e sei que neste momento ele está com os Varden. Tu sabes do que estou a falar.

Ela conteve um arrepio de pavor. O facto de Galbatorix querer discutir essas coisas com ela – o facto de estar na disposição de falar na fonte do seu poder, ainda que indiretamente – eliminou a última réstia de esperança de que fosse sua intenção libertá-la.

Depois ele apontou para a sala com as luvas:

– Antes de prosseguirmos há algo que deverias saber acerca da história deste lugar. A primeira vez que os Elfos se aventuraram a vir a esta parte do mundo, descobriram uma fissura nas profundezas da escarpa que se ergue sobre as planícies vizinhas. Esse local era importante porque funcionava como defesa contra os ataques de dragões, mas o seu interesse na fissura era outro, totalmente diferente. Por mera casualidade, eles descobriram que os vapores que se erguiam da fenda de pedra poderiam permitir aos que dormissem perto dela ter vislumbres de acontecimentos futuros, mesmo que um tanto confusos. Por isso, há mais de dois mil e quinhentos anos atrás, os Elfos construíram esta sala no topo da fissura e um oráculo veio para aqui viver durante largas centenas de anos, mesmo depois dos Elfos abandonarem Ilirea. Ela sentava-se onde estás agora deitada e, durante séculos, entreteve-se a sonhar com o passado e o futuro.

«Com o passar do tempo, o ar perdeu os seus efeitos e o oráculo partiu com os seus criados. Ninguém sabe ao certo quem ela era, nem para onde foi. O seu único nome ou epíteto era a Profetisa e certas histórias levaram-me a concluir que não seria nem um elfo nem um anão, mas algo totalmente diferente. Seja como for, durante a sua estadia e, como seria de esperar, esta sala ficou conhecida por o Salão da Profetisa e ainda hoje mantém esse nome – só que agora a profetisa és tu, Nasuada, filha de Ajihad.»

Galbatorix abriu os braços.

– Este é um local onde se dizem... e ouvem as verdades. Não tolerarei mentiras nesta sala, nem a mais pequena falsidade. Quem quer que se deite nesse bloco de pedra dura converte-se no mais recente profeta e, embora muitos tivessem considerado um papel difícil de aceitar, no final ninguém o recusou, e tu não serás diferente.

As pernas da cadeira arranharam o chão e Nasuada sentiu o hálito quente de Galbatorix junto do seu ouvido:

– Eu sei que será doloroso para ti, Nasuada, incrivelmente doloroso. Terás de renunciar a ti mesma para que o teu orgulho te permita a submissão. Não há nada mais difícil no mundo que alterar o nosso próprio ego. Eu entendo isso porque me reformulei mais do que uma vez. Contudo, estarei aqui para te apoiar nessa transição. Não terás de fazer a viagem sozinha e poderás consolar-te com a evidência de que eu nunca te mentirei. Nenhum de nós o fará. Nesta sala, nunca. Duvida de mim se quiseres, mas a seu tempo acabarás por acreditar naquilo que digo. Considero este local sagrado. Preferiria cortar a minha mão a profanar a ideia que ele representa. Pergunta o que quiseres, Nasuada, filha de Ajihad, que eu prometo-te que todos te responderemos com verdade. Juro-o pela minha honra, como rei destas terras.

Ela mexeu o maxilar para trás e para diante, tentando decidir como responder, dizendo depois de dentes cerrados:

– Eu nunca te revelarei o que pretendes saber!

Um riso baixo e grave, ecoou na sala.

– Estás a perceber mal as coisas. Eu não te trouxe aqui para obter informações. Não há nada que me digas que eu já não saiba. O número e a disposição das vossas tropas; a situação das vossas provisões; a localização das vossas caravanas de provisões; a forma como estão a planear montar o cerco nesta cidade; os deveres, hábitos e aptidões de Eragon e de Saphira; a Dauthdaert que conseguiram adquirir em Belatona; até mesmo os poderes de Elva, a criança-feiticeira, que recentemente têm convosco – sei tudo isso e muito mais. Queres que te cite os números?... Não? Bom, está bem. Os meus espões são mais numerosos e estão em situações mais privilegiadas do que imaginas, mas tenho outros meios para reunir informação. Tu não tens segredos para mim, Nasuada – nem um como amostra –, portanto é inútil recusares-te a falar.

Aquelas palavras atingiram-na como golpes de martelo, mas ela fez o possível para não desmotivar.

– Então porque foi?

– Porque te trouxe até aqui? Porque tens o dom do comando, minha querida, e isso é muito mais mortífero que qualquer feitiço. Nem Eragon nem os Elfos representam qualquer ameaça para mim, agora tu... tu és perigosa de uma forma que eles não o são. Sem ti os Varden serão como um touro cego. Roncarão, gritarão de raiva e atacarão a direito, sem querer saber o que lhe poderá aparecer pelo caminho. Depois, eu irei apanhá-los e usarei a sua própria loucura para os destruir.

«Mas a destruição dos Varden não foi o motivo por que te raptei. Não, tu estás aqui porque te revelaste merecedora da minha atenção. És feroz, tenaz, ambiciosa e inteligente – qualidades que mais prezo nos meus servos. Quero-te a meu lado, Nasuada, como conselheira-mor e general do meu exército, enquanto implemento os estágios finais do grandioso plano que há quase um século ando a preparar. Uma nova ordem está prestes a estabelecer-se em Alagaësia e eu quero que tu participes nela. Desde que o último dos Treze morreu, procuro gente capaz para os substituir, mas só muito recente os meus esforços deram alguns frutos. Durza era uma ferramenta preciosa, mas tinha algumas limitações pelo facto de ser um Espetro: indiferença pela própria sobrevivência, para nomear apenas uma. De todos os candidatos que examinei, Murtagh foi o primeiro que considerei elegível e o primeiro a sobreviver aos testes a que o sujeitei. Estou certo de que tu serás a próxima, e Eragon o terceiro.

Nasuada foi percorrida por uma sensação de terror, ao ouvi-lo. “O que ele estava a sugerir era bem pior do que imaginara.”

O homem de vermelho, que estava junto da braseira, sobressaltou-a, enterrando um dos ferros com tanta força nos carvões, que a ponta deste bateu ruidosamente na taça de cobre.

Galbatorix continuou a falar:

– Se sobreviveres, terás hipótese de concretizar mais do que jamais te seria possível realizar junto dos Varden. Pensa no assunto! Ao meu serviço, poderias levar a paz a toda a Alagaësia e serias o meu braço direito na concretização dessas mudanças.

– Mais depressa me deixaria morder por mil víboras do que aceitaria servir-te – disse-lhe ela, cuspindo para o ar.

O riso de Galbatorix voltou a ecoar pela sala: era o riso de alguém que nada receava, nem mesmo a morte.

– Veremos.

Ela retraiu-se ao sentir um dedo tocar-lhe no interior do cotovelo. O dedo traçou lentamente um círculo, deslizando depois até à primeira cicatriz do antebraço e detendo-se sobre a saliência de carne. Sentia-o quente contra a sua pele. O dedo bateu-lhe ao de leve, três vezes, no braço. Depois, prosseguiu até às outras cicatrizes e voltou para trás, passando sobre elas como se fossem uma tábua de lavar roupa.

– Derrotaste um adversário no Teste das Facas Longas – disse Galbatorix –, e com mais golpes do que há memória alguém ter conseguido suportar. Isso significa que és excepcionalmente determinada e que consegues conter a tua imaginação – é a imaginação hiperativa e não o medo em excesso que faz dos homens cobardes, ao contrário do que muitos pensam. Contudo, nenhuma dessas facetas te poderá ajudar agora. Muito pelo contrário; serão um obstáculo. Todos têm um limite, seja físico ou mental. A questão é saber quanto tempo levarás a chegar a esse ponto – e vais chegar, garanto-te. A tua força poderá adiar esse momento, mas não evitá-lo. Nem as tuas proteções te valerão, enquanto estiveres sob a minha alçada. Para quê sofreres desnecessariamente? Ninguém questiona a tua coragem, pois já a demonstraste ao mundo inteiro. Desiste agora. Aceitar o inevitável não seria uma vergonha. Prosseguir seria sujeitares-te a uma série de tormentos, apenas para

aplaçares a tua noção de dever. Apazigua-a e brinda-me com o teu voto de lealdade na língua antiga e, em menos de uma hora, terás uma dúzia de criados às tuas ordens, vestidos de seda e damasco para usares, uma série de salas para viveres, e um lugar à minha mesa quando jantarmos.

Fez uma pausa à espera que ela lhe respondesse, mas Nasuada olhou para as linhas pintadas no teto, recusando-se a falar.

O dedo continuou a sua exploração, deslizando das cicatrizes até à concavidade do pulso, e deteve-se pesadamente sobre uma veia.

– Está bem, como queiras. – A pressão sobre o pulso desapareceu. – Vamos, Murtagh, revela-te! Estás a ser indelicado para com a nossa hóspede.

“Oh não, ele também?”, pensou Nasuada, sentindo subitamente uma tristeza enorme.

O homem de vermelho que estava junto da braseira virou-se lentamente e, embora usasse uma máscara de prata a cobrir-lhe a metade superior do rosto, ela conseguiu perceber que era de facto Murtagh. Os seus olhos mal se viam nas sombras e a expressão da boca e dos maxilares era sombria.

– Murtagh estava um pouco relutante quando entrou ao meu serviço, mas desde então revelou-se um estudante bastante apto. Tem o talento do pai, não é verdade?

– Sim, senhor – anuiu Murtagh num tom rouco.

– Surpreendeu-me ao matar o velho rei Hrothgar, nas Planícies Flamejantes. Nunca imaginei que ele se virasse contra os seus amigos tão facilmente, mas o nosso Murtagh tem muita raiva e sede de sangue dentro de si, lá isso é verdade. Destroçaria a garganta de um Kull com as próprias mãos, se eu lhe desse hipótese, e eu dei mesmo. Nada te dá mais prazer do que matar, não é?

Os músculos no pescoço de Murtagh contraíram-se.

– Não, senhor.

Galbatorix riu baixinho.

– Murtagh, Assassino de Reis... Um belo epíteto, um epíteto digno de uma lenda, mas que não deves voltar a conquistar, a não ser sob as minhas ordens. –

Dirigindo-se a Nasuada, disse: – Até agora negligenciei a sua educação na arte subtil da persuasão, motivo pelo qual o trouxe aqui comigo, hoje. Ele tem alguma experiência como objeto dessa arte, mas não como praticante, e já é mais que tempo de aprender a dominá-la. E haverá melhor forma de a aprender senão contigo, aqui? Afinal de contas foi Murtagh que me convenceu que tu merecias reunir-te à minha nova geração de discípulos.

Uma estranha sensação de traição percorreu-a. Apesar do que acontecera tinha uma outra ideia de Murtagh. Sondou o seu rosto em busca de uma explicação, mas ele estava hirto como um guarda de sentinela, desviando o olhar para que ela não pudesse deduzir nada da sua expressão.

Depois o rei apontou para a braseira, dizendo num tom formal:

– Tira um ferro!

Murtagh cerrou os punhos, mas não se mexeu.

Uma palavra ressoou nos ouvidos de Nasuada como um enorme sino e a própria matéria de que o mundo era feito pareceu vibrar com o som, como se um gigante tangesse os fios da realidade. Por instantes, ela sentiu-se cair e o ar em redor tremeluziu como água. Apesar do seu poder, não conseguia lembrar-se das letras que compunham a palavra nem a que língua pertencia, pois esta passou-lhe pela mente deixando apenas a memória do seu efeito.

Murtagh estremeceu e depois torceu o corpo, agarrando num dos ferros e retirando-o hesitantemente da braseira. O ferro projetou uma chuva de fagulhas, ao sair dos carvões, e várias brasas cintilantes flutuaram para o chão, em espiral, como sementes de pinheiro caídas das pinhas.

A ponta do ferro brilhava num amarelo pálido, escurecendo gradualmente para um tom avermelhado de laranja, enquanto Nasuada a observava. A luz do metal incandescente refletia-se na máscara polida de Murtagh, conferindo-lhe uma aparência grotesca e desumana. Nasuada viu o seu reflexo na máscara: um torso disforme e pernas longas e finas que diminuía de tamanho, convertendo-se em linhas negras ao longo da curva da face de Murtagh.

Por muito inútil que fosse, ela debateu-se nas grilhetas, enquanto Murtagh avançava na sua direção.

– Não entendo – disse a Galbatorix, fingindo-se calma. – Não vais usar a tua mente contra mim? – Não que pretendesse que ele o fizesse, mas preferia defender-se de um ataque à sua consciência do que suportar a dor do ferro.

– Haverá tempo para isso, mais tarde, se for necessário – disse Galbatorix. – Por agora estou curioso em saber até que ponto és corajosa, Nasuada, filha de Ajihad. Além disso, preferia não ter de dominar a tua mente e forçar-te a jurar-me lealdade. Quero que tomes essa decisão de livre vontade e enquanto estiveres em posse das tuas faculdades.

– Porquê? – disse ela, num tom de voz rouco.

– Porque me agrada. Pela última vez, submetes-te?

– Nunca.

– Assim seja, então. Murtagh?

O ferro desceu na sua direção. A ponta parecia um enorme rubi cintilante.

Não lhe deram nada para morder, por isso não teve outro remédio senão gritar. E a câmara octogonal ecoou com os seus gritos de agonia, até a voz ceder e uma escuridão absorvente a envolver no seu manto.

NAS ASAS DE UM DRAGÃO

Eragon levantou a cabeça e respirou fundo, sentindo parte das suas preocupações perderem-se à distância.

Montar um dragão estava longe de ser repousante, mas estar perto de Saphira era tão tranquilizante para ele como para ela. Poucas coisas no mundo os poderiam consolar tanto como o simples prazer de estarem em contacto. Além disso, o ruído e o movimento do voo ajudavam-no a abstrair-se dos pensamentos sombrios que o atormentavam.

Apesar da urgência da viagem e das circunstâncias precárias em que se encontravam, Eragon sentia-se feliz por estar longe dos Varden. O recente derramamento de sangue deixara-o com a sensação de não estar bem.

Desde que se voltara a reunir aos Varden, em Feinster, passara a maior parte do tempo a lutar ou à espera de combater, e essa tensão começava a desgastá-lo, especialmente depois da violência e do horror de Dras-Leona. Matara centenas de soldados em nome dos Varden – alguns nem tiveram a mínima hipótese de o molestar – e, embora as suas ações fossem justificadas, a memória delas perturbava-o. Não queria que os combates fossem sempre desesperados nem que os seus adversários fossem sempre iguais ou melhores do que ele – longe disso – mas, ao mesmo tempo, a chacina de tantos homens fazia com que ele se sentisse mais um carneiro do que um guerreiro. Encarava a morte como algo de corrosivo e quanto mais convivia com ela mais esta o distanciava de si.

Contudo, estar a sós com Saphira... e Glaedr – embora o dragão dourado se tivesse fechado em si mesmo desde a partida – ajudava-o a recuperar a sensação de normalidade. Sentia-se bastante confortável sozinho ou em pequenos grupos, e preferia não passar muito tempo em vilas, cidades ou mesmo em acampamentos como o dos Varden. Ao contrário da maioria das pessoas, não odiava nem temia o ambiente selvagem. Por muito agrestes e desertos que fossem os campos, possuíam uma graça e uma beleza que nenhum artifício poderia igualar e Eragon considerava isso tonificante.

Por isso deixou-se distrair pelo voo de Saphira e, durante grande parte do dia, pouco mais fez de importante do que contemplar o desfile da paisagem.

Depois de partir do acampamento dos Varden, nas margens do Lago Leona, Saphira atravessou a ampla extensão de água, virando para Nordeste e subindo tão alto que Eragon teve de usar um feitiço para se proteger do frio.

O lago parecia desigual: cintilante em áreas onde o ângulo da ondulação refletia o sol, na direção de Saphira, e sombrio e cinzento, noutras. Eragon não se cansava de olhar para os padrões de luz em constante mutação. Nada no mundo se lhe comparava.

Era frequente verem falcões pescadores, grouns, gansos, patos, estorninhos e outras aves voarem por baixo deles. A maior parte ignorava Saphira, mas alguns falcões subiam em espiral e acompanhavam-na durante breves momentos, mostrando-se mais curiosos do que assustados. Dois tiveram até a ousadia de descrever uma curva diante dela, a menos de um metro dos seus dentes longos e aguçados.

As ferozes aves de rapina, de garras recurvas e bico amarelo, lembravam-lhe Saphira em diversos aspetos, uma constatação que ela apreciou, pois também admirava os falcões, não tanto pelo aspeto mas pelo talento na caça.

A margem atrás deles foi desvanecendo, gradualmente, numa linha indistinta arroxeadada, acabando por desaparecer por completo. Durante mais de meia hora viram apenas aves, nuvens e uma vasta extensão de água batida pelo vento, que cobria a superfície da terra.

Depois lá a frente, à esquerda, os contornos acidentados da Espinha começaram a aparecer no horizonte – uma visão que Eragon acolheu de bom grado. Embora aquelas não fossem as montanhas da sua infância, pertenciam à mesma cordilheira e ao vê-las ele sentiu que não estava assim tão longe da sua antiga casa.

As montanhas foram crescendo e, finalmente, os picos rochosos cobertos de neve surgiram diante deles, como as ameias destruídas da muralha de um castelo. Ao longo das encostas escuras, cobertas de vegetação, dúzias de ribeiros brancos corriam pela encosta abaixo, abrindo caminho por entre as pregas da terra até se reunirem ao grande lago, no sopé da montanha. Meia dúzia de aldeias erguiam-se sobre a margem ou perto desta mas, graças à magia de Eragon, as pessoas lá em baixo continuavam alheias à presença de Saphira, enquanto sobrevoavam as aldeias.

Ao olhar para as aldeias, Eragon apercebeu-se do quão pequenas e isoladas eram e, em retrospectiva, do quão pequena e isolada era Carvahall. Comparadas com as grandes cidades que ele visitara, aquelas aldeias pouco mais eram do que aglomerados de cabanas, que mal serviam para alojar o mais miserável dos aldeões. Eragon sabia que muitos dos homens e mulheres que as habitavam nunca tinham viajado mais do que alguns quilómetros desde o seu local de nascimento e que viveriam toda a vida circunscritos aos limites da própria visão.

“Mas que existência mais limitada”, pensou ele.

Mesmo assim, interrogou-se se não seria preferível permanecer num local e aprender tudo o que fosse possível sobre ele em vez de andar constantemente a deambular pelo reino. Seria uma educação abrangente mas superficial superior a uma educação limitada e profunda?

Não tinha a certeza. Lembra-se de Oromis lhe dizer, um dia, que se poderia adivinhar o mundo inteiro no mais pequeno grão de areia, se o estudássemos com a devida atenção.

A Espinha tinha apenas uma fração da altura das Montanhas Beor e, mesmo assim, os picos escarpados erguiam-se a cerca de trezentos metros de altitude ou mais, acima de Saphira, que abria caminho por entre eles, seguindo os desfiladeiros inundados de sombra e os vales que dividiam a cordilheira. De vez em quando, ela tinha de subir de altitude para ultrapassar uma passagem estreita, coberta de neve, e, sempre que o fazia, o campo de visão de Eragon aumentava e as montanhas pareciam-lhe molares a irromperem das gengivas castanhas da terra.

Saphira planou sobre um vale particularmente profundo e ele viu uma clareira com um ribeiro serpenteante, que ondulava pelo campo de erva, e junto da clareira, Eragon teve um vislumbre de algo semelhante a casas – ou tendas, era difícil perceber – escondidas sob os pesados ramos dos abetos vermelhos que povoavam as encostas das montanhas vizinhas. Um único ponto luminoso, de fogo, brilhava através de um intervalo nos ramos, como uma minúscula lasca de ouro embutida nas camadas de agulhas negras, e ele julgou distinguir também uma figura solitária a afastar-se pesadamente do ribeiro. A figura parecia estranhamente corpulenta e a cabeça era desproporcional para o corpo.

Acho que aquilo era um Urgal.

Onde? perguntou Saphira, e Eragon sentiu a sua curiosidade.

Na clareira, atrás de nós. E partilhou a memória com ela. Quem me dera ter tempo para voltar para trás e descobrir. Gostaria de ver como vivem.

Ela roncou e expeliu fumo pelas narinas, baixando depois o pescoço e torcendo-o na direção de Eragon. Talvez não fiquem muito satisfeitos se um dragão e um Cavaleiro aterrarem inesperadamente entre eles.

Ele tossiu e piscou os olhos lacrimejantes. Não te importas?

Saphira não respondeu, mas o fio de fumo que lhe saía pelas narinas desapareceu e depressa se dissipou no ar.

Pouco depois, Eragon começou a reconhecer a forma das montanhas e, por fim, uma enorme fenda abriu-se diante de Saphira pelo que ele percebeu que estavam a sobrevoar a passagem que conduzia a Teirm – a mesma passagem que ele e Brom tinham percorrido duas vezes a cavalo. Estava exatamente como se lembrava dela:

As correntes rápidas e fortes do aflente oeste do rio Toark fluíam em direção ao mar distante, e a superfície da água estava listada de cirros brancos e locais onde os pedregulhos interrompiam o seu curso. A estrada acidentada que Brom e ele tinham feito, ao lado do rio, era ainda uma linha clara e poeirenta, pouco mais larga que um trilho de veados. Julgou até distinguir o aglomerado de árvores onde os dois tinham parado para comer.

Saphira virou para Oeste, seguindo ao longo do rio até as montanhas darem lugar a campos luxuriantes, ensopados pela água da chuva. Entretanto reajustou o seu percurso mais para Norte. Eragon não questionou a decisão, pois ela parecia nunca se perder, nem numa noite sem estrelas, nem mesmo em Farthen Dûr, muitos metros abaixo do chão.

Quando se afastaram da Espinha, o sol estava perto do horizonte. Enquanto o crepúsculo se instalava, Eragon entreteve-se a inventar formas de encurralar, matar ou enganar Galbatorix. Algum tempo depois, Glaedr emergiu do seu isolamento auto-imposto e reuniu-se aos esforços. Passaram cerca de uma hora a discutir várias estratégias e a praticaram, a atacarem-se e a defenderem-se mentalmente um do outro. Saphira também participou no exercício, embora com um sucesso relativo, na medida em que o voo impedia-a de se concentrar noutras coisas.

Mais tarde, Eragon contemplou as estrelas geladas e brancas, perguntando depois a Glaedr:

Poderá o Cofre das Almas conter Eldunarís que os Cavaleiros tenham escondido de Galbatorix?

Não, disse Glaedr sem qualquer hesitação. É impossível. Se Vrael tivesse aprovado um plano desses, Oromis e eu teríamos sabido. E se tivesse ficado algum Eldunarí em Vroengard, nós tê-lo-íamos encontrado quando regressámos para passar revista à ilha. Esconder uma criatura viva não é tão fácil como pensas.

Porque não?

O facto de um porco-espinho se enrolar numa bola, não significa que fique invisível, pois não? O mesmo se passa com as mentes. Podes proteger os teus pensamentos dos outros, mas a tua existência continua a ser visível para alguém que sonde a área.

Com um feitiço certamente que poderias...

Se um feitiço nos tivesse adulterado os sentidos, teríamos dado por isso, pois tínhamos proteções para evitar que tal acontecesse.

Então, não há Eldunarís, concluiu Eragon, com tristeza.

Infelizmente não.

Voaram em silêncio enquanto o quarto crescente se erguia sobre os picos aguçados da Espinha. À luz da lua, a terra parecia feita de peltre e Eragon entreteve-se a imaginar que esta seria uma imensa escultura que os Anões tinham esculpido e guardado numa caverna maior do que Alagaësia.

Ele conseguia sentir o prazer que Glaedr estava a tirar do voo. Tal como Eragon e Saphira, a oportunidade de deixar as preocupações em terra, nem que fosse por um curto espaço de tempo, e voar livremente pelos céus, era bem-vinda para o velho dragão.

Foi Saphira que falou, dirigindo-se a Glaedr, entre lentos e pesados batimentos das asas:

Conta-nos uma história, Ebrithil.

Que tipo de história gostarias de ouvir?

A história de como tu e Oromis foram capturados pelos Renegados e como conseguiram depois escapar.

O interesse de Eragon aumentou, ao ouvi-la. Sempre sentira curiosidade, mas nunca tivera coragem de perguntar a Oromis.

Glaedr ficou calado durante algum tempo e depois disse:

Quando Galbatorix e Morzan regressaram das regiões selvagens e iniciaram a sua campanha contra a nossa ordem, não nos apercebemos logo até que ponto a ameaça era grave. É claro que ficámos preocupados, mas não mais do que ficaríamos se descobríssemos que um Espetro andava a assombrar o reino. Galbatorix não era o primeiro Cavaleiro a enlouquecer, embora fosse o primeiro a conseguir um discípulo como Morzan. Só isso deveria ter-nos advertido para o perigo que enfrentávamos, mas a verdade só se tornou óbvio tarde de mais.

Na altura, não contemplámos a hipótese de que Galbatorix tivesse reunido outros seguidores ou que tentasse sequer fazer isso, pois parecia-nos absurdo que qualquer um dos nossos parentes se revelasse susceptível aos sussurros venenosos de Galbatorix. Morzan era ainda um noviço e a sua fraqueza era compreensível. Porém, nunca questionámos a lealdade dos que eram Cavaleiros assumidos. Após terem sido tentados, revelaram até que ponto o seu despeito e as suas fraquezas os tinham corrompido. Alguns queriam vingar-se de velhas afrontas; outros acreditavam que os dragões e os Cavaleiros mereciam governar Alagaësia, em virtude do seu poder; e a outros – lamento dizê-lo – agradava-lhes simplesmente a ideia de destruírem o que existia e abandonarem-se a esse prazer como bem entendessem.

O velho dragão fez uma pausa e Eragon sentiu ódios e mágoas ancestrais ensombrarem-lhe a mente. Depois Glaedr prosseguiu:

Nessa altura os acontecimentos eram... confusos. Pouco se conseguia saber e todas as informações que recebíamos estavam de tal forma rodeadas de rumores e especulações que eram inúteis. Oromis e eu começámos a suspeitar que algo de muito pior do que se imaginava estava em curso. Tentámos convencer vários dragões e Cavaleiros mais velhos, mas eles não concordaram e rejeitaram as nossas preocupações. Nenhum era parvo, mas séculos de paz toldaram-lhes a visão e eles eram incapazes de ver que o mundo à nossa volta estava a mudar.

Frustrados com a falta de informação, Oromis e eu abandonámos Ilirea para tentar descobrir sozinhos o que pudéssemos. Levámos dois Cavaleiros mais jovens connosco, ambos elfos, guerreiros talentosos, que tinham regressado recentemente de uma visita de reconhecimento à parte Norte da Espinha. Foi, em parte, graças à sua insistência que nos aventurámos a avançar mais na expedição. Talvez reconheçam os seus nomes: Kialandí e Formora.

– Ah – disse Eragon, percebendo de repente.

Sim. Depois de um dia e meio de viagem, parámos em Edur Naroch, uma torre de vigia há muito construída para vigilância da Floresta de Silverwood. Sem que o soubéssemos, Kialandí e Formora tinham já visitado a torre e assassinaram os três elfos que lá tinham sido colocados como guardas florestais, montando depois uma armadilha sobre as pedras que cercavam a torre, que nos apanhou no mesmo instante em que as minhas garras tocaram na erva, sobre a colina. Era um feitiço inteligente e tinha sido Galbatorix quem lho ensinara. Não tínhamos defesas contra ele, até porque não nos causou qualquer dano, limitando-se a prender-nos e a empatar-nos, como mel derramado sobre o corpo e a mente. Enquanto estávamos encurralados, foi como se os minutos passassem em segundos. Kialandí, Formora e os seus dragões esvoaçavam à nossa volta, mais depressa que beija-flores, como manchas escuras na nossa visão periférica.

Depois de fazerem o que queriam, libertaram-nos. Tinham-nos lançado dúzias de feitiços – para nos imobilizarem, para nos cegarem e para impedirem Oromis de falar, dificultando-lhe a tarefa de lançar os seus próprios feitiços. Mais uma vez, a sua magia não nos molestou e, por isso, não tínhamos qualquer defesa...

Assim que pudemos, atacámos Kialandí, Formora e os seus dragões com as nossas mentes, e eles atacaram-nos também. Lutámos contra eles durante horas e a experiência não foi nada... agradável. Eles eram mais fracos e menos experientes que Oromis e eu, mas eram dois contra cada um e tinham com eles o coração dos corações de um dragão chamado Agaravel – cujo Cavaleiro tinham assassinado –, que reuniu a sua força à deles. Consequentemente, fomos forçados a defender-nos. O seu interesse, como viemos a descobrir, era forçar-nos a ajudar Galbatorix e os Renegados a entrarem em Ilirea sem que ninguém desse por isso, a fim de apanharem os Cavaleiros de surpresa e capturarem os Eldunarís que viviam na cidade.

– Como conseguiram escapar? – perguntou Eragon.

A seu tempo tornou-se claro que não conseguiríamos derrotá-los, por isso Oromis decidiu correr o risco de usar magia para tentar libertar-nos, embora soubesse que iria compelir Kialandí e Formora a atacar-nos com magia. Não passava de um estratagema desesperado, mas era a nossa única hipótese.

A dada altura, sem saber dos planos de Oromis, voltei a atacar os nossos adversários, com o intuito de os ferir, e era disso mesmo que Oromis estava à espera. Há muito tempo que ele conhecia o Cavaleiro que instruíra Kialandí e Formora em artes mágicas, pelo que estava bastante familiarizado com o raciocínio distorcido de Galbatorix. Partindo desse conhecimento, conseguiu adivinhar as palavras que Kialandí e Formora tinham utilizado nos seus feitiços, e onde era mais provável que

tivessem cometido erros.

Oromis teve apenas alguns segundos para agir, pois assim que começou a usar magia, Kialandí e Formora aperceberam-se dos seus planos, entraram em pânico e começaram a lançar os seus próprios feitiços. Oromis só conseguiu libertar-nos à terceira tentativa. Como o fez exatamente, não sei. Duvido que ele próprio o entendesse. Limitou-se a afastar-nos um dedo do sítio onde estávamos.

Tal como Arya enviou o meu ovo de Du Weldenvarden para a Espinha?, perguntou Saphira.

Sim e não, respondeu Glaedr. Sim, transportou-nos de um local para o outro sem nos deslocar pelo espaço intermédio; mas não se limitou a mudar a nossa posição, modificou também a nossa carne, reformulando-a de tal forma que já não éramos quem antes tínhamos sido. Muitas das partes mais pequenas do nosso corpo podem ser trocadas sem quaisquer efeitos nefastos, e foi exatamente isso que ele fez com todos os nossos músculos, ossos e órgãos.

Eragon franziu o sobrolho. Esse feitiço era uma proeza de alto gabarito, um prodígio de destreza mágica que poucos poderiam concretizar. Ainda assim, por muito impressionado que ele tenha ficado, não pôde deixar de perguntar:

– Mas como poderia isso ter resultado, se continuavas a ser a mesma pessoa?

Continuava a ser e, ao mesmo tempo, não. A diferença entre aquilo que éramos antes e o que passámos a ser era ligeira, mas foi o suficiente para neutralizar os encantamentos que Kialandí e Formora tinham tecido à nossa volta.

E os feitiços que lançaram quando perceberam o que Oromis estava a fazer?, perguntou Saphira.

Eragon julgou ver uma imagem de Glaedr a agitar as asas, como se estivesse saturado de permanecer na mesma posição tanto tempo.

O primeiro feitiço de Formora supostamente deveria matar-nos, mas as nossas palavras neutralizaram-no. O segundo foi de Kialandí... mas esse foi outra história. Era um feitiço que Kialandí aprendera com Galbatorix e, por sua vez, este aprendera-o com os espíritos que tinham possuído Durza. Sei isso porque estava em contacto com a mente de Kialandí quando ele construiu o encantamento. Era um feitiço hábil e diabólico, com o propósito de impedir Oromis de tocar e manipular o fluxo de energia em seu redor, impedindo-o dessa forma de usar magia.

– Kialandí fez-te o mesmo a ti?

Teria feito, mas receou que este me matasse ou cortasse a ligação com o meu coração dos corações, criando duas versões independentes de mim que depois teriam de dominar. Mais ainda do que os Elfos, nós, os dragões dependemos da magia para existir. Sem ela depressa morreremos.

Eragon sentia que aquilo despertara a curiosidade de Saphira.

Isso já aconteceu alguma vez? Alguma vez se cortou a ligação entre um dragão e o seu Eldunari, enquanto o corpo do dragão estava ainda vivo?, perguntou ela.

Sim, mas isso é uma história para outra altura.

Saphira acalmou, mas Eragon percebeu que ela voltaria a levantar essa questão, assim que pudesse.

– Mas o feitiço de Kialandí não impediu Oromis de fazer magia, pois não?

Não totalmente. Deveria tê-lo impedido, mas Kialandí lançou o feitiço ao mesmo tempo que Oromis nos deslocava de um lado para o outro, por isso o seu efeito foi de alguma forma atenuado. Ainda assim permitiu-lhe apenas usar formas rudimentares de magia e, como sabes, o feitiço permaneceu com ele durante o resto da sua vida, apesar dos esforços dos nossos melhores curandeiros.

– Porque é que as suas defesas não o protegeram?

Glaedr pareceu suspirar.

Isso é um mistério. Nunca ninguém fizera algo semelhante, Eragon, e Galbatorix é o único ser ainda vivo que conhece o segredo. O feitiço ficou ligado à mente de Oromis, mas pode não o ter afetado diretamente, atuando em vez disso na energia em torno dele ou na sua ligação com ela. Há muito que os Elfos estudam magia, mas nem mesmo eles compreendem de que forma o universo material e o imaterial interagem. É provável que nunca se resolva esse enigma. Parece, contudo, razoável presumir que os espíritos sabem mais do que nós acerca do material e do imaterial, uma vez que são a personalização do último e que possuem o primeiro na forma de Espetro.

Seja qual for a verdade, o resultado foi o seguinte: Oromis lançou o feitiço e libertou-nos, mas o esforço foi extremo e ele sofreu um ataque, o primeiro de muitos. Nunca mais foi capaz de voltar a lançar um feitiço tão poderoso e, daí em diante, começou a padecer de uma debilidade física que o teria matado se não fosse a sua aptidão para a magia. Essa debilidade estava já presente quando Kialandí e Formora nos capturaram, mas quando nos deslocou e reformulou os nossos corpos, ela veio ao de cima, de contrário a sua enfermidade teria ficado latente durante muitos anos.

No instante em que Formora e o seu dragão – uma coisa horrorosa, castanha – correram na nossa direção, seguidos de perto pelos outros, Oromis caiu no chão, tão indefeso como uma cria. Saltei por cima dele e ataquei, pois se eles tivessem percebido que ele estava incapacitado, teriam aproveitado para invadir a sua mente, dominando-a. Tive de os distrair até Oromis recuperar... Nunca lutei tão ferozmente como naquele dia. Eram quatro contra mim, cinco ao todo, se contássemos com Agaravel. O dragão castanho e o vermelho de Kialandí eram mais pequenos do que eu, mas tinham dentes mais aguçados e garras mais rápidas. Ainda assim, a minha fúria deu-me mais força do que era habitual e eu infligi ferimentos graves em ambos. Kialandí cometeu a imprudência de se aproximar demais e eu agarrei-o com as garras e atirei-o contra o seu dragão. Glaedr soltou um ronco divertido. A magia dele não o protegeu contra isso. Um dos espigões do dragão vermelho empalou-o e ele teria morrido ali mesmo se o dragão castanho não me obrigasse a recuar.

Devíamos estar a lutar há cinco minutos, quando ouvi Oromis gritar que tínhamos de fugir. Atirei com pó ao rosto dos meus inimigos e voltei para junto de Oromis. Agarrei-o com a pata dianteira, direita, e levantei voo de Edur Naroch. Kialandí e o seu dragão não nos podiam seguir, mas Formora e o dragão castanho fizeram-no.

Apanharam-nos a menos de um quilómetro e meio da torre de vigia. Ficámos próximos diversas vezes e, depois, o dragão castanho voou por baixo de mim e eu vi Formora prestes a atingir-me com a espada na pata direita. Creio que estava a tentar forçar-me a largar Oromis, ou talvez quisesse matá-lo. Torci-me para me esquivar do golpe e, em vez de me acertar na pata direita, atingiu-me na esquerda decependo-a.

A memória que perpassou a mente de Glaedr era uma sensação intensa, gelada e cortante, como se a espada de Formora tivesse sido forjada em gelo e não em aço. Eragon sentiu-se nauseado. Engoliu em seco e apertou o espigão em frente da sela, congratulando-se pelo facto de Saphira estar a salvo.

Doeu menos do que possas imaginar. Mas eu sabia que não podia continuar a lutar, por isso virei e voei o mais depressa que pude em direção a Ilirea. De certa forma, a vitória de Formora virou-se contra ela, pois sem o peso da pata, consegui distanciar-me do dragão castanho, escapando.

Oromis conseguiu estancar a hemorragia, mas nada mais do que isso. Ele estava demasiado fraco para contactar Vrael ou os outros Cavaleiros mais velhos, avisando-os dos planos de Galbatorix. Nós sabíamos que assim Kialandí e Formora o informassem, Galbatorix iria atacar Ilirea. Se esperássemos, teríamos apenas tempo para fortificar a cidade. Apesar de ser muito poderoso, a surpresa continuava a ser a maior arma de Galbatorix, naquela época.

Quando chegámos a Ilirea, ficámos desanimados ao ver que havia poucos membros da nossa ordem, na nossa ausência, outros tinham partido à procura de Galbatorix, ou para se aconselharem pessoalmente com Vrael, em Vroengard. Alertámos do perigo os que restavam e conseguimos que eles avisassem Vrae, os outros dragões e os Cavaleiros mais velhos. Eles pareciam não acreditar que Galbatorix tivesse tropas suficientes para atacar Ilirea – ou que se atrevesse a fazê-lo – mas acabámos por conseguir convencê-los da verdade. Em consequência, eles decidiram que todos os Eldunaris de Alagaësia deveriam ser levados para Vroengard, a fim de ficarem em segurança.

Parecia uma medida prudente, mas devíamos tê-los mandado para Ellesméra. No mínimo, deveríamos ter deixado os Eldunaris que já estavam em Du Weldenvarden no mesmo sítio. Assim, pelo menos alguns não teriam ido parar às mãos de Galbatorix. Infelizmente, nenhum de nós pensou que estariam mais seguros entre os Elfos do que em Vroengard, no coração da nossa ordem.

Vrael ordenou a todos os dragões e Cavaleiros, que estavam a alguns dias de viagem de Ilirea, que se apressassem a regressar para ajudar a defender a cidade. Mas

Oromis e eu também meámos que fosse tarde demais, além de não estávamos em condições de ajudar a defender Ilirea. Por isso agarrámos nas provisões necessárias e abandonámos a cidade nessa mesma noite, com os dois estudantes que nos restavam – Brom e a tua homónima, Saphira. Creio que viram a imagem que Oromis criou quando partimos.

Eragon acenou com a cabeça, com um ar alheado, recordando a imagem da bela cidade salpicada de torres, na base de uma escarpa, iluminada pela lua cheia do equinócio de outono.

Por isso, que não estávamos em Ilirea quando Galbatorix e os Renegados a atacaram, algumas horas depois, e por isso também não estávamos em Vroengard quando os traidores derrotaram o poder combinado de todas as nossas tropas e saquearam Doru Araeba. De Ilirea, viajámos para Du Weldenvarden, na esperança de que os onze curandeiros conseguissem sarar o padecimento de Oromis, e devolver-lhe a aptidão de praticar magia. Ao vermos que não era possível, decidimos ficar, pois parecia mais seguro do que voar até Vroengard, estando ambos debilitados pelos ferimentos e suscetíveis de sofrer uma emboscada a qualquer momento, durante a viagem.

Contudo, Brom e Saphira não ficaram connosco. Apesar das nossas advertências, reuniram-se à batalha e foi nesse combate que a tua homónima morreu. Saphira... Agora já sabem como os Renegados nos capturaram e como escapámos.

Momentos depois Saphira disse:

Obrigada pela história, Ebrithil.

Não tens de agradecer, Bjartskular, mas não voltes a pedir para a contar.

Quando a lua estava quase no seu zénite, Eragon viu um ninho de luzes indistintas, alaranjadas, a flutuar na escuridão. Só algum tempo depois percebeu que eram tochas e lanternas de Teirm, a muitos quilómetros de distância. Muito acima das luzes, surgiu, por instantes, um ponto amarelo vivo, como um grande olho, a fitá-lo. Depois desapareceu e reapareceu, piscando num ciclo inutável, como se o olho se estivesse a abrir e a fechar.

O farol de Teirm está ligado, disse, dirigindo-se a Saphira e a Glaedr.

Então é porque vem aí uma tempestade, disse Glaedr.

Saphira parou de bater as asas e Eragon sentiu-a inclinar-se para a frente, começando a planar longa e lentamente em direção ao solo.

Meia hora depois aterrou. Nessa altura, Teirm resumia-se a uma vaga radiância, a Sul, e o feixe de luz do farol não passava de uma estrela. À luz da lua, o solo rijo e plano da praia parecia quase branco. As ondas que rebentavam eram cinzentas e negras, e pareciam furiosas, como se o oceano quisesse devorar a terra a cada vaga.

Eragon soltou as correias que tinha em torno das pernas e desmontou Saphira, grato pela oportunidade de esticar os músculos. Sentiu o cheiro a maresia, ao correr pela praia em direção de um enorme pedaço de madeira que tinha sido arrastado pela água, com o manto a ondular atrás de si. Ao aproximar-se do pedaço de madeira, deu meia volta e voltou para junto de Saphira.

Estava sentada onde ele a tinha deixado, a olhar para o mar. Ele fez uma pausa, interrogando-se se iria falar, pois sentia uma grande tensão dentro dela. Ao ver que ela continuava em silêncio, Eragon virou-se e voltou a correr até ao pedaço de madeira. “Falaria quando estivesse preparada”, pensou.

Eragon correu para trás e para diante até sentir todo o corpo quente e as pernas trémulas.

Contudo, durante todo esse tempo, Saphira manteve o olhar fixo num ponto qualquer, à distância.

Eragon atirou-se para uma extensão de junças, junto dela e Glaedr disse:

Seria uma imprudência tentares.

Eragon inclinou a cabeça, sem perceber a quem o dragão se dirigira.

Eu sei que consigo, disse Saphira.

Tu nunca foste a Vroengard, disse Glaedr. Se houver uma tempestade, poderás ser arrastada para o mar alto, ou pior. Vários dragões morreram por excesso de confiança. O vento não é teu amigo, Saphira. Pode ajudar-te, mas também pode destruir-te.

Eu não sou nenhuma cria para me darem recados acerca do vento!

Não, mas ainda és jovem e não me parece que estejas preparada para isto.

Se formos pelo outro lado, demoraremos demasiado tempo.

Talvez, mas é preferível chegar em segurança, do que não conseguir lá chegar.

– De que estão a falar? – perguntou Eragon.

A areia em frente das patas de Saphira restolhou asperamente, quando ela fletiu as garras, enterrando-as na areia.

Temos de fazer uma escolha, disse Glaedr. Aqui, Saphira poderá voar diretamente para Vroengard, ou seguir a linha da costa rumo a Norte até alcançar o ponto mais próximo da ilha, em terra, virando então – e só então – para Oeste e atravessando o mar.

Qual seria o caminho mais rápido?, perguntou Eragon, embora já soubesse a resposta.

Voar diretamente para lá, respondeu Saphira.

Mas se o fizesse teria de sobrevoar sempre a água.

Saphira eriçou-se.

Não é mais longe do que dos Varden até aqui, ou será que estou errada?

Estás mais cansada e se houver uma tempestade...

Voarei em torno dela!, disse ela, bufando e libertando um jato de chamas azuis e amarelas pelas narinas.

A chama afetou a visão de Eragon, deixando-lhe uma imagem residual cintilante.

– Ah, não consigo ver – disse ele, esfregando os olhos na tentativa de eliminar a imagem residual. “Seria realmente assim tão perigoso voar diretamente até lá?”, questionou-se Eragon.

Pode ser perigoso, resmungou Glaedr.

Quanto tempo demoraríamos, se seguissemos ao longo da costa?

Meio dia, talvez um pouco mais.

Eragon coçou a barba no queixo, fixando a ameaçadora massa de água. Depois olhou para Saphira e disse-lhe em voz baixa:

– Tens a certeza de que consegues fazer isto?

Ela torceu o pescoço e fitou-o com um grande olho. A pupila expandira-se até ficar quase circular, e estava tão grande e negra que Eragon sentiu que podia saltar para dentro dela e desaparecer.

Não podia estar mais certa, respondeu ela.

Eragon acenou com a cabeça e passou as mãos pelo cabelo, habituando-se à ideia.

Nesse caso, temos de arriscar... Glaedr, podes guiá-la, se for necessário? Podes ajudá-la?

O velho dragão manteve-se em silêncio por uns instantes, surpreendendo depois Eragon com um sussurro semelhante ao que Saphira fazia quando estava satisfeita ou divertida.

Muito bem, já que temos de desafiar o destino, não sejamos cobardes. Pelo mar será.

Uma vez resolvido o assunto, Eragon voltou a subir para o dorso de Saphira e esta, com um único salto, abandonou a segurança da terra firme levantando voo sobre as ondas ínvias.

O SOM DA SUA VOZ O TOQUE DA SUA MÃO

—A gghhh!
...
— Juras-me fidelidade na língua antiga?
— Nunca!

A pergunta dele e a resposta dela estavam a tornar-se um ritual, uma espécie de desafio, como as crianças faziam nos jogos, só que neste ela perdia, mesmo quando ganhava.

Só os rituais permitiam a Nasuada manter a sanidade, pois era através deles que regulava o seu mundo – permitiam-lhe suportar cada momento e passar ao momento seguinte, dando-lhe algo a que se agarrar quando tudo o resto lhe tinha sido subtraído. Rituais de pensamento, rituais de ação, rituais de dor e de alívio – era deles que dependia a sua vida. Sem eles estaria perdida, como uma ovelha sem pastor, um devoto privado da fé... um Cavaleiro separado do dragão.

Infelizmente, aquele ritual em particular acabava sempre da mesma forma: mais um toque do ferro.

Ela gritou, mordeu a língua, e a boca encheu-se de sangue. Tossiu, tentando desobstruir a garganta, mas havia demasiado sangue e começou a sufocar. Os pulmões ardiam-lhe com falta de ar e as linhas no teto começaram a ficar desfocadas e a desaparecer. Depois tudo desapareceu, até mesmo a escuridão.

Mais tarde Galbatorix falou-lhe, enquanto os ferros aqueciam.

Também isso se tornara um dos rituais.

Fora ele que lhe curara a língua – estava convencida de que fora ele e não Murtagh, porque lhe disse:

– Seria péssimo que não pudesses falar, não é verdade? Como iria eu saber quando estivesse pronta para me servir?

Tal como anteriormente, o rei estava sentado à direita, nos limites do seu campo de visão. Tudo o que via era uma silhueta de contornos dourados, com o corpo parcialmente escondido sob o longo e pesado manto que usava.

– Eu conheci o teu pai quando ele era capataz da maior propriedade de Enduriel, sabias? – disse Galbatorix. – Ele não te falou nisso?

Nasuada estremeceu e cerrou as pálpebras, sentindo as lágrimas escaparem-se pelos cantos dos olhos. Detestava ouvi-lo. A voz era demasiado poderosa, demasiado sedutora e compelia-a a fazer tudo o que ele quisesse só para o ouvir tecer-lhe um pequeno elogio.

– Sim – murmurou ela.

– Não lhe dei grande importância na altura. Porque haveria de dar? Ele era um criado, ninguém digno de atenção. Enduriel dava-lhe bastante liberdade, para melhor gerir os negócios da propriedade – demasiada liberdade como se veio a concluir. – O rei fez um gesto displicente e a luz iluminou-lhe a mão semelhante a uma garra. – Enduriel sempre foi demasiado permissivo. O engenhoso era o dragão; Enduriel limitava-se a cumprir ordens... Mas que estranha sequência de acontecimentos que o destino nos reservou. Pensar que o homem que cuidava para que as minhas botas estivessem sempre bem engraxadas acabou por se tornar o meu principal inimigo, depois de Brom, e que a sua filha voltou a Urû'baen e está prestes a entrar ao meu serviço, tal como o pai. É bastante irónico, não te parece?

– O meu pai fugiu e quase matou Durza, na altura – disse ela. – Nem com todos os teus feitiços e juramentos, conseguiste prendê-lo, tal como não me conseguirás prender.

Pareceu-lhe vê-lo franzir o sobrolho.

– Sim, isso foi lamentável. Durza ficou bastante irritado na altura. Dentro de uma família parece ser mais fácil as pessoas mudarem e, consequentemente, alterarem os seus verdadeiros nomes, motivo pelo qual agora apenas escolho para meus criados gente estéril e solteira. Porém, estás redondamente enganada se pensas que vais conseguir escapar. A única forma de abandonar o Salão da Profetisa é jurando-me lealdade ou morrendo.

– Então morrerei.

– Mas que falta de visão. – A silhueta de contornos dourados inclinou-se para ela. – Nunca pensaste que o mundo poderia ser pior se eu não tivesse derrotado os Cavaleiros, Nasuada?

– Os Cavaleiros mantinham a paz – respondeu ela. – Protegiam toda a Alagaësia da guerra, da peste... da ameaça dos Espetros e, em épocas de fome, levavam comida aos famintos. Como poderá esta terra ser melhor sem eles?

– Porque o seu serviço tinha um preço. Tu mais do que ninguém deverias saber que tudo neste mundo tem um preço, seja ele pago em ouro, em tempo, ou com sangue. Nada é gratuito, nem mesmo os Cavaleiros. Especialmente os Cavaleiros.

«Sim, eles mantinham a paz, mas também sufocaram as raças desta terra. Elfos, Anões, tal como os humanos. O que se ouve dizer em louvor dos Cavaleiros sempre que os bardos entoam trovas lamentosas à sua morte? Que o seu reinado se prolongou durante milhares de anos e que durante essa “era dourada” tão exaltada, pouco mudou para além dos nomes de reis e rainhas presunçosos, tranquilamente sentados nos seus tronos. Ah, mas havia pequenos incidentes alarmantes: um Espetro aqui, uma incursão de Urgals ali, ou uma escaramuça entre dois clãs de Anões por causa de uma mina a que só eles davam importância. Mas, de uma forma geral, a ordem das coisas continuou a ser exatamente a mesma que era na altura em que os Cavaleiros começaram a ganhar importância.»

Murtagh mexeu os carvões na braseira e ela ouviu um tinido metálico. Desejava poder ver-lhe o rosto para avaliar a sua reação às palavras de Galbatorix, mas como de costume, ficou de costas para ela, de olhos postos nos carvões. Só a olhava quando tinha de lhe encostar o metal incandescente à pele. Esse era o seu ritual privado e Nasuada tinha a impressão que ele precisava tanto dele como ela dos seus.

E Galbatorix continuava a falar:

– Isso não te parece a maior das crueldades, Nasuada? A vida é mudança, porém, os Cavaleiros suprimiram-na para que o reino permanecesse numa letargia constrangedora, incapaz de se libertar dos seus tronos, incapaz de avançar ou de recuar, como seria natural... incapaz de se renovar. Vi com os meus próprios olhos em Vroengard e aqui, nos cofres de Ilirea, pergaminhos com detalhes sobre descobertas – descobertas mágicas, mecânicas, descobertas relacionadas com todas as áreas da filosofia natural – que os Cavaleiros mantiveram escondidas por recearem o que poderia acontecer se passassem a ser do conhecimento comum. Os Cavaleiros eram cobardes vinculados a um velho estilo de vida e a uma velha forma de pensar, que estavam determinados a defender até ao último fôlego. A sua tirania era delicada, mas não deixava de ser tirania.

– Mas seria o assassinio e a traição realmente a solução? – perguntou Nasuada, sem se importar que ele a castigasse.

Ele deu uma gargalhada, parecendo verdadeiramente divertido.

– Que hipocrisia! Condenas-me exatamente por aquilo que tu própria tencionas fazer. Matar-me-ias aqui mesmo, se pudesses, sem qualquer hesitação, como se eu

não passasse de um cão raivoso.

– Tu és um traidor, eu não.

– Eu sou um vencedor. Ao fim e ao cabo, nada mais importa. Não somos tão diferentes como pensas, Nasuada. Tu queres matar-me porque achas que a minha morte iria beneficiar Alagaësia e porque acreditas que podes governar melhor o Império do que eu – embora sejas praticamente uma criança. Os outros iriam desprezar-te pela tua arrogância, mas não eu, porque te entendo. Eu entrei em guerra com os Cavaleiros pelas mesmas razões e estava certo ao fazê-lo.

– Não teria sido por uma questão de vingança?

Pareceu-lhe vê-lo a sorrir.

– Talvez isso me tivesse inspirado no início, mas a minha motivação principal não era o ódio nem a vingança. Eu estava preocupado com aquilo em que os Cavaleiros se tinham transformado e estava convencido, como de resto ainda estou, de que só quando eles desaparecessem poderíamos florescer enquanto raça.

Por instantes a dor dos ferimentos impediu-a de falar, mas conseguiu sussurrar:

– Se o que dizes for verdade – e eu não tenho motivos para acreditar em ti – não és melhor do que os Cavaleiros. Pilhaste as bibliotecas e reuniste os repositórios de conhecimento e, até agora, não partilhaste esse saber com ninguém.

Galbatorix aproximou-se e ela sentiu o seu hálito sobre o ouvido.

– Isso é porque encontrei pistas de uma verdade maior, dispersas pelos repositórios de segredos, uma verdade que poderá dar resposta a uma das perguntas mais desconcertantes da história.

Nasuada sentiu um calafrio na espinha.

– Que... pergunta?

Ele voltou a recostar-se na cadeira, puxando pela ponta da capa.

– A forma como um rei ou uma rainha podem impor o cumprimento das leis que promulgam, quando há quem pratique magia entre os seus súbditos. Quando me apercebi a que se referiam essas pistas, pus tudo o resto de lado, e prometi a mim mesmo descobrir essa verdade, essa resposta, sabendo que era da maior importância. Foi por isso que guardei para mim os segredos dos Cavaleiros. Tenho estado ocupado com a minha busca. Essa questão terá de estar esclarecida, antes de eu dar a conhecer qualquer descoberta. O mundo já é um local intranquilo. É preferível aquietar as águas antes de as voltar a agitar... Demorei quase cem anos a encontrar a informação de que precisava e, agora que a tenho, irei utilizá-la para reformar toda a Alagaësia.

«A magia é a grande injustiça do mundo. Não seria tão injusta se essa aptidão se revelasse apenas entre os fracos, pois compensaria tudo aquilo de que fossem privados por força da sorte ou das circunstâncias. Mas não é isso que se passa. Os fortes estão igualmente aptos a praticar magia e têm mais a ganhar com isso. Basta olharmos para os Elfos para percebermos que é verdade. O problema não está confinado aos indivíduos, perturba também as relações entre as raças. Os Elfos têm mais facilidade do que nós em manter a ordem na sociedade, pois quase todos conseguem usar magia, e portanto raros são os casos em que ficam à mercê uns dos outros. Nesse aspeto são uns afortunados. Mas nós não somos assim tão afortunados. Nem nós, nem os Anões, nem mesmo os abomináveis Urgals. Só conseguimos viver aqui em Alagaësia porque os Elfos o permitiram. Se quisessem, ter-nos-iam varrido da face da terra, tão facilmente como um dilúvio arrasaria um formigueiro. Mas isso acabou, pelo menos enquanto eu aqui estiver para me opor ao seu poder.»

– Os Cavaleiros jamais permitiriam que eles nos matassem ou nos expulsassem.

– Não, mas enquanto os Cavaleiros existiam, estávamos dependentes da sua boa vontade e não é justo que tenhamos de recorrer a outros para nos protegemos. Os Cavaleiros começaram por ser um meio de manter a paz entre os Elfos e os dragões, mas o seu principal propósito acabou por residir em fazer respeitar a lei em todo o reino. Contudo, eram insuficientes para o desempenho dessa missão, tal como os meus feiticeiros, os Mão Negra. O problema é demasiado abrangente para qualquer grupo o combater. A minha própria vida o demonstra. Mesmo que houvesse um grupo de feiticeiros de confiança, suficientemente experientes para vigiar todos os outros feiticeiros de Alagaësia – prontos a intervir ao mínimo sinal de malfetoria – continuaríamos a confiar exatamente naqueles cujos poderes procurámos restringir, e o reino acabaria por não ser mais seguro do que é agora. Não. Para resolver este problema, teremos de o abordar de uma forma mais profunda, a um nível mais básico. Os antigos sabiam como isso se fazia e, agora, eu também sei.

Galbatorix mudou de posição na cadeira e Nasuada distinguiu um brilho intenso no olhar, como uma lanterna nas profundezas de uma caverna.

– Tomarei providências para que nenhum feiticeiro possa molestar outro ser, seja ele humano, anão ou elfo. Nenhum poderá lançar feitiços, a menos que esteja autorizado. Só os magos benignos e bem intencionados terão permissão para o fazer. Mesmo os Elfos estarão sujeitos a essa regra. Terão de aprender a medir as suas palavras, ou então a calarem-se.

– E quem dará essa autorização? – perguntou ela. – Quem decidirá quem tem autorização e quem não tem? Tu?

– Alguém terá de decidir. Fui eu que reconheci o que era necessário, fui eu que descobri os meios e serei eu que os implementarei. Desprezas a ideia? Nesse caso, pergunta a ti mesma, Nasuada: tenho sido um mau rei? Sê honesta. Segundo os padrões dos meus antepassados, não me tenho revelado excessivo.

– Tens sido cruel.

– Isso não é a mesma coisa... Tu comandavas os Varden e conheces o fardo do comando. Certamente que te apercebeste da ameaça que a magia representa para a estabilidade de qualquer reino. Só para te dar um exemplo: tenho passado mais tempo a trabalhar nos encantamentos que impedem a falsificação da moeda do reino do que a tratar de qualquer outro aspeto das minhas obrigações. No entanto, tenho a certeza de que há um feiticeiro astuto por aí algures, que descobriu uma forma de contornar as minhas proteções e anda atarefado a fazer sacos de moedas de chumbo com as quais poderá enganar nobres e plebeus. Porque pensas que tenho tido o cuidado de restringir o uso de magia em todo o Império?

– Porque representa uma ameaça para ti.

– Não! Estás totalmente enganada. Não representa qualquer ameaça. Nada representa uma ameaça para mim. Porém, os feiticeiros são uma ameaça para o funcionamento do reino, e isso eu não vou tolerar. Imagina a paz e a prosperidade que reinarão, quando eu submeter todos os feiticeiros do mundo às leis do reino. Nunca mais nenhum homem ou anão terá de recear os Elfos. Nunca mais os Cavaleiros poderão impor a sua vontade aos outros. Nunca mais os que não praticam magia serão vítimas dos que a praticam... Alagaësia transformar-se-á e nós poderemos construir um futuro prodigioso num ambiente de renovada segurança. Um futuro em que poderás participar.

«Reúne-te a mim, Nasuada, e terás a oportunidade de coordenar a criação de um mundo como nunca se viu – um mundo onde um homem se manterá de pé ou tombará consoante a força das suas pernas e a agudeza da sua mente, e não pelo facto de a sorte lhe ter concedido aptidões para a magia. O homem pode fortalecer as pernas e melhorar a mente, mas jamais poderá aprender a usar magia se nasceu sem aptidões para tal. Como disse, a magia é a maior das injustiças e eu vou impor limites aos feiticeiros, para o bem de todos.

Nasuada olhou para as linhas no teto e tentou ignorá-lo. Muito do que Galbatorix dissera era semelhante ao que ela pensara. Ele tinha razão: a magia era a força mais destrutiva no mundo e, se pudesse ser regulada, Alagaësia seria um sítio melhor. Ela detestava pensar que nada pudera impedir Eragon de...

Azul, vermelho. Motivos de cores entrelaçadas. A dor latejante das queimaduras. A luta desesperada para se concentrar em tudo menos... em tudo menos nada. Aquilo em que estava a pensar, não era nada... não existia.

– Chamas-me cruel. Amaldiçoas o meu nome e tentas derrotar-me, mas lembra-te, Nasuada: não fui eu que comencei esta guerra e não sou responsável por aqueles que perderam a vida em consequência disso. Não fui eu que procurei isto, foste tu. Eu ter-me-ia contentado em dedicar-me aos estudos, mas os Varden insistiram em roubar o ovo de Saphira do meu tesouro. Tu e a tua espécie são os responsáveis por todo o sangue derramado e por toda a mágoa que se seguiu. Afinal de contas, são vocês que têm andado a armar alvoroço pelos campos, queimando e pilhando como muito bem entendem, e não eu. Ainda assim, têm a audácia de afirmar que o

culpo sou eu! Se fosses a casa dos camponeses, eles dir-te-iam que são os Varden que mais temem. Dir-te-iam que esperam proteção dos meus soldados e que esperam que o Império derrote os Varden, para que tudo fique como antes.

Nasuada humedeceu os lábios e, embora soubesse que a ousadia poderia sair-lhe cara, disse:

– Parece-me que protestas demais... Se o bem-estar dos teus súbditos fosse a tua principal preocupação, terias voado ao encontro dos Varden, há semanas atrás, em vez de deixares um exército à solta dentro das tuas fronteiras. A menos que não estejas tão seguro do teu poder como fazes querer. Ou será que temes que os Elfos tomem Urû'baen na tua ausência? – Como se tornara seu costume, ela falou dos Varden como se não soubesse mais do que qualquer outra pessoa no Império.

Galbatorix mudou de posição, pelo que Nasuada percebeu que ele se estava a preparar para responder, de qualquer forma ainda não tinha terminado.

– E os Urgals? Não consegues convencer-me que a tua causa é justa, quando te dispuseste a exterminar uma raça inteira para aliviar a dor que sentiste com a morte do teu primeiro dragão. Não tens resposta para isso, Traidor?... Fala-me dos dragões, então. Explica-me porque mataste tantos dragões, condenando lenta e inevitavelmente a sua espécie à extinção, e explica-me também porque maltratastes os Eldunaris que capturaste – e deixou escapar, com a fúria –, vergando-os e submetendo-os à tua vontade. Não há retidão no que fazes, apenas egoísmo e uma sede insaciável de poder.

Galbatorix olhou-a em silêncio durante um momento longo e constrangedor. Depois ela viu a sua silhueta mover-se, ao cruzar os braços.

– Acho que os ferros já devem estar suficientemente quentes. Murtagh, se não te importas...

Cerrou os punhos, enterrando as unhas na carne, e os músculos começaram a tremer, apesar dos seus esforços para os manter imóveis. Um dos ferros arranhou o rebordo da braseira, quando Murtagh o soltou. Ao virar-se para ela, Nasuada não pôde deixar de olhar para a ponta de metal incandescente. Ao olhar nos olhos de Murtagh, distinguindo neles culpa e auto-recriminação, ela foi possuída por uma profunda sensação de mágoa.

“Que tontos somos”, pensou. “Que tontos miseráveis, somos.”

Depois, ficou sem energia para pensar e retomou os seus rituais já consumidos, agarrando-se a eles para sobreviver, como um homem prestes a afogar-se se agarraria a um pedaço de madeira.

Quando Murtagh e Galbatorix se retiraram, Nasuada sentia demasiadas dores para fazer algo mais além de fixar apaticamente os desenhos no teto, esforçando-se por não chorar. Estava a suar e a tremer, como se estivesse febril, e era-lhe impossível concentrar-se fosse no que fosse por mais alguns segundos. A dor das queimaduras não abrandou como teria acontecido se tivesse sofrido cortes ou contusões. Na verdade, a dor latejante parecia agravar-se à medida que o tempo passava.

Fechou os olhos e tentou abrandar a respiração, e acalmar o corpo.

A primeira vez que Galbatorix e Murtagh a tinham visitado, ela fora bastante mais corajosa. Amaldiçoara-os e provocara-os, fazendo o possível para os magoar com palavras. Porém, Galbatorix fizera-a pagar pela insolência, através de Murtagh, pelo que depressa perdeu o gosto pela rebelião aberta. O ferro tornou-a tímida e mesmo a memória deste dava-lhe vontade de se enrolar num novelo apertado e pequenino. Durante a segunda visita – a mais recente – Nasuada falara o menos possível, acabando por explodir imprudentemente no final.

Tentara testar a afirmação de Galbatorix de que nem ele nem Murtagh lhe mentiriam, fazendo-lhes perguntas sobre os mecanismos internos do Império, factos sobre os quais fora informada pelos seus espiões mas que Galbatorix não tinha motivos para suspeitar que ela conhecia. Até então, tanto quanto lhe fora dado entender, Galbatorix e Murtagh tinham-lhe dito a verdade. De qualquer modo, não estava disposta a acreditar em tudo o que o rei dissesse, caso não tivesse uma forma de verificar as suas afirmações.

Quanto a Murtagh, ela não tinha tantas certezas. Quando estava com o rei não lhe dava crédito, mas quando ficava sozinho...

Várias horas depois da primeira audiência agonizante com o rei Galbatorix – quando finalmente conseguira mergulhar num sono superficial e agitado –, Murtagh apareceu sozinho no Salão da Profetisa, de olhos congestionados e a cheirar a bebida. Parou diante do monólito onde ela estava deitada e olhou-a com uma expressão tão estranha e atormentada, que Nasuada ficara sem perceber bem o que ele iria fazer.

Finalmente ele virou-se e encaminhou-se para a parede mais próxima, deixando-se escorregar até ao chão, e aí ficara sentado, com os joelhos encostados ao peito, os longos cabelos desgrelhados a encobrirem-lhe grande parte do rosto e os nós dos dedos da mão direita esfolados e ensanguentados. Minutos depois levou a mão à jaqueta vermelha – usava as mesmas roupas – e tirou uma pequena garrafa de pedra, da qual bebeu várias vezes antes de começar a falar.

Ele falou e ela ouviu-o. Não tinha alternativa, embora se recusasse a acreditar no que ele dizia. Pelo menos, no início. Tanto quanto sabia, tudo o que ele fazia ou dizia poderia ser uma encenação destinada a conquistar a sua confiança.

Murtagh começou por lhe contar uma história bastante confusa acerca de um homem chamado Tornac, que envolvia um incidente com um cavalo e um conselho que Tornac lhe dera sobre a forma como um homem honrado deveria viver. Ela não conseguiu perceber se Tornac era um amigo, um criado, um parente distante, ou algo intermédio, mas fosse quem fosse, era óbvio que ele significara bastante para Murtagh.

Ao concluir a história, Murtagh disse:

– Galbatorix ia mandar matar-te... Ele sabia que Elva não te estava a vigiar como era habitual, por isso decidiu que seria o momento ideal para te assassinar. Eu só soube do plano por acaso, pois estava ao seu lado quando ele deu as ordens aos Mão Negra. – Murtagh abanou a cabeça. – A culpa é minha. Fui eu que o convenci a trazer-te para cá e a ideia agradou-lhe, pois sabia que irias atrair Eragon muito mais depressa... Foi a única forma de impedir que ele te matasse... Desculpa... Desculpa. – E enterrou a cabeça nos braços.

– Preferia ter morrido.

– Eu sei – disse ele, num tom de voz rouco. – Perdoas-me?

Ela não lhe respondeu, na medida em que a revelação deixara-a ainda mais constrangida. “Porque haveria ele de querer salvar-lhe a vida e o que esperaria em troca?”

Murtagh não dissera mais nada durante algum tempo, mas depois – entre lágrimas e ataques de raiva – falou-lhe da sua educação na corte de Galbatorix, das desconfianças e das invejas que tivera de enfrentar, por parte dos nobres que procuravam usá-lo para conquistar os favores do rei, por ser o filho de Morzan, e das saudades que tinha da mãe de quem mal se lembrava. Falou de Eragon por duas vezes, e amaldiçoou-o dizendo que era um tolo bafejado pela sorte.

– Não se teria saído tão bem se estivéssemos na situação inversa, mas a nossa mãe decidiu levá-lo a ele e não a mim para Carvahall. – Cuspiu para o chão.

Nasuada achou todo o episódio lamechas e carregado de auto-comiseração e aquela fraqueza apenas lhe inspirou desprezo até Murtagh lhe contar como os Géneos o tinham raptado de Farthen Dûr, maltratando-o no caminho para Urû'baen, e como Galbatorix o subjugara assim que chegaram. Algumas das torturas que ele descreveu eram piores do que as suas, o que a ser verdade, a fez sentir uma ligeira empatia pela difícil situação que ele próprio tivera de enfrentar.

– Thorn foi a minha desgraça – confessou Murtagh. – Quando nasceu e nos ligámos... – Abanou a cabeça. – Eu amo-o. Como poderia não o amar? Amo-o tanto como Eragon ama Saphira. No momento em que lhe toquei, perdi-me. Galbatorix usou-o contra mim. Thorn era mais forte do que eu, nunca desistia. Mas eu não conseguia suportar vê-lo sofrer, por isso jurei lealdade ao rei e depois disso... – Murtagh revirou os lábios, enojado. – Depois disso, Galbatorix entrou na minha mente, ficou a saber tudo a meu respeito e ensinou-me o meu verdadeiro nome. E agora aqui estou... preso a ele para toda a eternidade.

Depois encostou a cabeça à parede, fechou os olhos e ela viu as lágrimas a escorrerem-lhe pelas faces.

Por fim, levantou-se e ao encaminhar-se para a porta, parou junto dela e tocou-lhe no ombro. Tinha as unhas limpas e aparadas, mas não tão bem cuidadas como as do carcereiro. Murmurou algumas palavras na língua antiga e, momentos depois, a dor diluiu-se, embora as feridas parecessem ter ficado na mesma.

Quando ele afastou a mão, Nasuada disse:

— Eu não posso perdoar... mas compreendo.

Murtagh acenou com a cabeça e afastou-se cambaleante, deixando-a a pensar se não teria encontrado um novo aliado.

PEQUENAS REBELIÕES

Enquanto permanecia deitada na laje a suar e a tremer, com dores no corpo todo, Nasuada deu consigo a desejar que Murtagh voltasse, nem que fosse para a aliviar do sofrimento.

Quando a porta da câmara octogonal se abriu, ela mal conseguiu conter o alívio, mas este deu lugar a um profundo desapontamento ao ouvir os passos arrastados do carcereiro descender as escadas que conduziām à sala.

Tal como fizera uma vez, o homem corpulento e de ombros estreitos lavou-lhe as feridas com um pano húmido, ligando-as depois com tiras de linho. Quando a libertou das grilhetas para que fosse à latrina, ela percebeu que estava demasiado fraca para tentar tirar a faca da bandeja da comida, contentando-se em agradecer a ajuda e elogiando-lhe as unhas pela segunda vez. Estas estavam ainda mais brilhantes e era mais do que óbvio que ele pretendia que ela as visse, pois passou a vida a levantar as mãos, e não pôde deixar de olhar para elas.

Depois de ele lhe dar de comer e sair, Nasuada tentou dormir, mas a dor constante nas feridas permitia-lhe apenas dormir.

Os seus olhos abriram-se, de repente, ao ouvir abrirem a tranca da porta para a câmara.

“Outra vez não!”, pensou, sentindo o pânico crescer dentro de si. “Tão pouco tempo depois, não!... Não consigo suportar... Não sou suficientemente forte.” Entretanto refreou o medo e disse para si: “Não. Não digas essas coisas senão vais começar a acreditar nisso.” Ainda assim, embora conseguisse dominar as suas reações conscientes, ela não conseguia evitar que o coração lhe martelasse no peito ao dobro da velocidade normal.

Um único par de passos ecoaram na sala e, depois, Murtagh apareceu a um canto do seu campo de visão. Não usava máscara e tinha uma expressão sombria.

Curou-a primeiro, sem demoras. O alívio que sentiu quando a dor abrandou foi de tal forma intenso que julgou estar à beira do êxtase. Nunca sentira nada tão agradável como a agonia a diluir-se.

Arquejou ligeiramente.

– Obrigada.

Murtagh acenou com a cabeça e depois aproximou-se da parede, voltando a sentar-se no mesmo sítio.

Nasuada estudou-o durante alguns instantes. A pele dos nós dos dedos estava de novo lisa e intacta, e ele parecia sóbrio, embora sombrio e calado. As roupas, outrora elegantes, estavam rasgadas, puidas e remendadas, e ela viu o que pareciam ser vários cortes, debaixo das mangas. Perguntou-se se ele teria andado a lutar.

– Galbatorix sabe que estás aqui? – perguntou ela, finalmente.

– É possível, mas duvido. Está entretido a brincar com as suas concubinas favoritas. Ou então está a dormir. Estamos a meio da noite. Além disso, eu lancei um feitiço para que ninguém nos ouvisse. Ele pode quebrá-lo, se quiser, mas eu apercebo-me disso.

– E se ele descobre?

Murtagh encolheu os ombros.

– Se ele me esgotar as defesas, vai acabar por descobrir, sabes?

– Então não deixes. Tu és mais forte do que eu; não tens ninguém que ele possa ameaçar. Tu podes resistir-lhe, ao contrário de mim... Os Varden aproximam-se rapidamente, tal como os Elfos do Norte. Se aguentares alguns dias, há uma hipótese... talvez haja uma hipótese de te libertarem.

«Tu não acreditas que eles consigam, pois não?»

Ele voltou a encolher os ombros.

– ... Então ajuda-me a fugir.

Uma gargalhada sonora explodiu-lhe na garganta.

– Como? Se pouco mais posso fazer do que calçar as botas sem a permissão de Galbatorix?

– Podias soltar-me as grilhetas e, quando saíesses, talvez pudesses esquecer-te de fechar a porta.

Ele revirou o lábio superior, sorrindo desdenhosamente.

– Estão dois homens de guarda, lá fora, e há proteções nesta sala para avisar Galbatorix se um prisioneiro escapar. Além disso, há centenas de guardas daqui ao portão mais próximo. Seria uma sorte conseguires chegar ao fundo do corredor.

– Talvez, mas gostava de tentar.

– Vais apenas conseguir que te matem.

– Então ajuda-me. Tu podias descobrir uma forma de iludir as proteções, se quisesse.

– Não posso. Os meus juramentos não me deixam usar magia contra ele.

– E contra os guardas? Se os aguentares o tempo suficiente para eu alcançar o portão, poderia esconder-me na cidade e já não teria importância se ele descobrisse...

– Ele tem a cidade na mão. Além disso, fosses para onde fosses, ele poderia encontrar-te com um feitiço. A única forma de ficares a salvo seria afastando-te daqui antes de o alarme soar, e isso nem no dorso de um dragão conseguirias.

– Tem de haver uma forma!

– Se houvesse... – Sorriu amargamente e baixou os olhos. – Não vale a pena pensar nisso.

Frustrada, Nasuada desviou o olhar para o teto, durante alguns instantes, dizendo depois:

– Pelo menos tira-me estas grilhetas.

Ele suspirou, com um ar exasperado.

– Só para que eu me possa levantar – insistiu ela. – Detesto estar deitada nesta pedra. Além disso, faz-me doer os olhos ter de te olhar, daqui.

Ele hesitou. Depois levantou-se, com um único movimento gracioso, aproximou-se da laje e começou a abrir as grilhetas acolchoadas em torno dos pulsos e dos tornozelos de Nasuada.

– Não penses que me podes matar – disse ele, em voz baixa –, porque não podes.

Logo que a libertou, recuou para a posição anterior e voltou a sentar-se no chão, onde ficou a olhar para longe. Era a sua forma de lhe dar alguma privacidade enquanto ela se sentava e baloiçava as pernas sobre a beira da laje. A camisa de dormir estava em farrapos – queimada em inúmeros sítios –, pelo que mal lhe escondia as formas. Não que alguma vez as cobrisse muito.

Sentiu o chão de mármore frio debaixo dos pés, ao encaminhar-se para junto de Murtagh e ao sentar-se a seu lado, abraçando o corpo com os braços para preservar um pouco a sua intinidade.

– Tornac foi mesmo o teu único amigo de infância? – perguntou ela.

Murtagh continuou a não a olhar diretamente.

– Não, mas foi o que de mais parecido com um pai que eu tive em toda a minha vida. Ensinava-me, consolava-me... ralhava-me quando era demasiado arrogante e impediu-me de fazer figura de parvo, vezes sem conta. Se ainda fosse vivo, ter-me-ia dado uma surra por me ter embebedado daquela maneira no outro dia.

– Tu disseste que ele morreu, durante a tua fuga de Urû'baen.

– Julgava que estava a ser esperto. Subornei uma das sentinelas para nos deixar um portão aberto. Íamos fugir da cidade pela calada da noite e Galbatorix só deveria descobrir o que acontecera quando já fosse tarde demais para nos apanhar. Mas ele sabia-o desde o início. Como não faço ideia, mas creio que usou a vidência e espiou-me o tempo todo. Quando Tornac e eu saímos pelo portão, encontrámos soldados à nossa espera, do outro lado... Eles tinham ordens para nos trazerem de volta ilesos, mas nós lutámos e um deles matou Tornac. O melhor espadachim do Império morto com uma faca nas costas.

– Mas Galbatorix deixou-te fugir.

– Não creio que esperasse que lutássemos. Além disso, ele estava atento a outra coisa naquela noite.

Nasuada franziu o sobrolho, ao ver um meio sorriso estranhíssimo desenhar-se no rosto de Murtagh.

– Eu contei os dias – disse ele. – Nessa altura os Ra'zac estavam no vale de Palancar, à procura do ovo de Saphira. Como vês, Eragon perdeu o seu pai adotivo quase ao mesmo tempo que eu perdi o meu. O destino tem um sentido de humor cruel, não achas?

– Pois tem... Mas se Galbatorix conseguia espiar-te por vidência, porque não te localizou e não te levou de novo para Urû'baen, mais tarde?

– Creio que estava a jogar comigo. Fui para a propriedade de um homem em quem julgava poder confiar, mas, como de costume, estava enganado, embora só tivesse percebido isso mais tarde, quando os Gémeos me trouxeram de novo para aqui. Galbatorix sabia onde eu estava e sabia que eu ainda estava furioso por causa da morte de Tornac, por isso, não se importou de me deixar na propriedade enquanto perseguia Eragon e Brom... Porém, eu surpreendi-o, pois parti e quando ele soube do meu desaparecimento já eu ia a caminho de Dras-Leona. Foi por isso que Galbatorix foi a Dras-Leona, sabes? Não para castigar Lord Tábor pelo seu comportamento – embora o castigasse, com toda a certeza – mas para me encontrar. No entanto foi tarde demais. Quando chegou à cidade, já eu me tinha encontrado com Eragon e Saphira, e tínhamos seguido para Gil'ead.

– Porque te foste embora? – perguntou ela.

– Eragon não te contou? Porque...

– Não. Não de Dras-Leona. Porque saíste da propriedade? Lá estavas em segurança ou pelo menos era o que pensavas. Porque partiste?

Murtagh ficou em silêncio durante algum tempo.

– Eu queria atacar Galbatorix e queria construir o meu próprio nome, independente do meu pai. Toda a minha vida, as pessoas olharam para mim de uma forma diferente por ser o filho de Morzan e eu queria que elas me respeitassem pelo meu mérito e não pelos feitos dele. – Finalmente olhou-a. Um breve olhar pelo canto do olho. – Suponho que consegui o que queria, mas volto a dizer, o destino tem um sentido de humor cruel.

Ela perguntou a si mesma se teria havido mais alguém na corte de Galbatorix de quem ele gostasse, mas concluiu que seria perigoso abordar o tema; por isso optou por lhe perguntar:

– O que é que Galbatorix sabe realmente acerca dos Varden?

– Tanto quanto sei, tudo. Ele tem mais espões do que tu imaginas.

Ela colocou os braços à volta da barriga, sentindo um nó no estômago.

– Sabes de alguma forma de o matar?

– Com uma faca, uma espada, uma flecha, veneno e magia, o habitual. O problema é que tem demasiados feitiços em torno dele para que alguém ou alguma coisa possa molestá-lo. Eragon tem mais sorte do que a maioria, pois Galbatorix não o quer matar, por isso ele pode atacar o rei mais do que uma vez. Mas, mesmo que Eragon conseguisse atacá-lo centenas de vezes, não iria penetrar nas proteções de Galbatorix.

– Todos os enigmas têm uma solução e todos os homens têm uma fraqueza – insistiu Nasuada. – Ele ama alguma das suas concubinas?

A expressão de Murtagh foi bastante esclarecedora. Depois disse:

– Seria assim tão mau que Galbatorix continuasse a ser rei? O mundo que ele imagina é bom. Se ele derrotar os Varden, toda a Alagaësia ficará em paz. Ele porá fim ao uso abusivo da magia e os Elfos, os Anões e os humanos deixarão de ter motivos para se odiarem uns aos outros. Além disso, se os Varden perderem, Eragon e eu poderemos ficar juntos tal como os irmãos deveriam estar. Mas se eles ganharem, Thorn morrerá e eu também. Só pode.

– Ah sim? E eu? – perguntou ela. – Se Galbatorix ganhar devo tornar-me sua escrava, para andar às suas ordens? – Murtagh recusou-se a responder, mas ela viu os tendões nas costas das mãos contraírem-se. – Não podes desistir, Murtagh.

– Que alternativa tenho? – gritou ele, enchendo a sala de ecos.

Nasuada levantou-se e olhou para ele.

– Podes lutar! Olha para mim... Olha para mim!

Ele levantou os olhos com relutância.

– Podes descobrir formas de o combateres, é isso que podes fazer! Mesmo que os teus juramentos te permitam apenas uma pequena rebelião, essa rebelião poderá ser a sua desgraça. – E repetiu a pergunta dele para enfatizar. – Que alternativa tens? Podes andar por aí desesperado e miserável durante o resto da tua vida, podes permitir que Galbatorix te transforme num monstro, ou podes lutar! – Abriu os braços para que ele visse todas as marcas de queimaduras. – Gostas de me fazer mal?

– Não! – exclamou ele.

– Então luta, raios! Tens de lutar se não perdes tudo aquilo que és, tal como Thorn.

Ela levantou-se de repente com a agilidade de um gato, e aproximou-se até ficarem a escassos centímetros um do outro, mas ela manteve-se onde estava. Os músculos dos maxilares dilatavam-se e contraíam-se, ao olhá-la furioso, e respirava pesadamente pelas narinas. Ela reconheceu aquela expressão, pois já a vira muitas vezes. Era a expressão de um homem cujo orgulho fora ferido e que queria atacar a pessoa que o tinha insultado. Era perigoso continuar a provocá-lo, mas sabia que tinha de o fazer, pois talvez não voltasse a ter essa hipótese.

– Se eu posso continuar a lutar – disse ela –, tu também podes.

– Volta para a pedra – disse ele num tom áspero.

– Eu sei que tu não és um cobarde, Murtagh. Mais vale morrer do que viver como escravo de alguém como Galbatorix. Pelo menos, nessa altura, poderás realizar algo de bom e o teu nome será recordado com uma certa ternura depois de desapareceres.

– Volta para a pedra! – rosnou ele, agarrando-a pelo braço e arrastando-a para a laje.

Nasuada deixou que ele a empurrasse até à laje cor de cinza, que lhe fechasse as grillhetas em torno dos pulsos e dos tornozelos e lhe apertasse a correia em torno da cabeça. Quando terminou, ficou a olhá-la, com uma expressão sombria e selvagem, com as linhas do corpo tensas como cordas esticadas.

– Tens de decidir se estás disposto a arriscar a tua vida para te salvars – disse ela. – A ti e a Thorn. E tens de decidir agora, enquanto há tempo. Pergunta a ti mesmo o que Tornac gostaria que fizesses.

Sem dizer uma palavra, Murtagh esticou o braço e colocou a mão sobre a parte de cima do peito dela, poisando-lhe a palma da mão sobre a pele nua. Ela conteve a respiração com o choque do contacto.

Depois, quase num sussurro, começou a falar na língua antiga. O seu medo aumentava à medida que as palavras se sucediam.

Pareceu falar durante alguns minutos. Quando parou, ela não sentiu qualquer diferença, mas em magia isso poderia não significar nada de bom nem de mau.

Quando Murtagh ergueu a mão, uma brisa fresca varreu-lhe essa zona do peito, arrefecendo-o. Ele recuou e começou a andar em direção à entrada da câmara. Ela estava prestes a chamá-lo – para lhe perguntar o que lhe tinha feito –, quando ele parou e disse:

– Isso deve proteger-te da dor de qualquer ferimento, mas terás de fingir o contrário, senão Galbatorix descobrirá o que eu fiz.

Depois saiu.

– Obrigada – sussurrou ela na sala deserta.

Passou bastante tempo a pensar na conversa que tinham tido. Parecia-lhe pouco provável que Galbatorix tivesse mandado Murtagh falar com ela, mas, mesmo sendo improvável, não deixava de ser uma possibilidade. Além disso sentia-se dividida, pois não conseguia perceber se Murtagh era – em essência – boa pessoa ou não. Recordou o rei Hrothgar – que fora como um tio para ela, na infância – e na forma como Murtagh o matara nas Planícies Flamejantes. Depois pensou na infância de Murtagh, na muitas adversidades que enfrentara, e de como deixara Eragon e Saphira partirem em liberdade quando poderia facilmente tê-los trazido para Urû'baen.

Porém, mesmo que Murtagh tivesse sido honrado e digno de confiança, ela sabia que a servidão que lhe fora imposta, poderia tê-lo corrompido.

Acabou por decidir ignorar o passado de Murtagh e julgá-lo unicamente pelas suas ações no presente. Fosse ele bom, mau ou algo intermédio, era um potencial aliado e ela precisava da sua ajuda, se ele lhe pudesse dar. Caso viesse a revelar-se uma mentira, Nasuada não ficaria em pior situação do que já estava. Mas se viesse a demonstrar que estava a ser verdadeiro, talvez conseguisse fugir de Urû'baen, e só por isso valia a pena correr o risco.

Como não sentia dor, mergulhou num sono longo e profundo, pela primeira vez, desde que chegara à capital. Acordou com mais esperança do que anteriormente e voltou a abandonar-se à contemplação das linhas pintadas no teto. A fina linha azul que estava a seguir levou-a a reparar numa pequena forma branca ao canto de um azulejo, na qual não tinha reparado. Só algum tempo depois percebeu que a descoloração era de uma lasca que se soltara.

A imagem divertiu-a, pois achou cómico – e de alguma forma reconfortante – perceber que a câmara perfeita de Galbatorix, afinal, não era assim tão perfeita e que, apesar das suas pretensões, ele não era omnisciente nem infalível.

A porta da câmara abriu-se e o carcereiro entrou com o que ela supôs ser a refeição do meio-dia. Perguntou-lhe se podia comer antes de ele a deixar levantar, dizendo-lhe que estava esfoameada, o que não era inteiramente mentira.

Para sua satisfação, ele concordou, embora não dissesse uma palavra. Limitou-se a sorrir, com aqueles dentes hediondos, semelhantes a grampos, sentando-se depois junto da laje. Enquanto ele lhe dava colheradas de papa de aveia quente, ela pensava incessantemente em todas as contingências possíveis, pois sabia que teria apenas uma hipótese de ser bem-sucedida.

A expectativa dificultava-lhe a ingestão daquela comida sem sabor, mas ainda assim conseguiu digeri-la e, depois de esvaziar a tigela e saciar convenientemente a sede, preparou-se.

Como de costume, o homem colora a bandeja de comida junto da parede oposta, perto do local onde Murtagh estivera sentado, a cerca de três metros da latrina.

Assim que se desembaraçou das grilhetas, deslizou do bloco de pedra. O homem com cabeça de cabaça alcançou-a para lhe agarrar no braço esquerdo, mas ela levantou uma mão e disse-lhe tão docemente quanto possível:

– Eu posso levantar-me sozinha, obrigada.

O carcereiro hesitou, mas depois sorriu, batendo duas vezes com os dentes uns nos outros, como quem diz: “Bom, fico feliz por isso.”

Caminharam em direção à latrina – ela à frente e ele ligeiramente atrás. Ao subir o terceiro degrau, ela torceu intencionalmente o tornozelo direito, cambaleando na diagonal ao longo da sala. O homem gritou e tentou ampará-la – pois sentiu os seus dedos grossos perto do pescoço – mas foi demasiado lento e ela esquivou-se.

Caiu ao comprido sobre a bandeja e partiu o cântaro – que continha ainda bastante vinho diluído em água –, atirando com a tigela de madeira ao chão e colocando propositalmente a mão por baixo do corpo. Logo que sentiu a bandeja começou a tatear à procura da colher de metal.

– Ah! – exclamou ela, como se estivesse magoada, virando-se depois para o homem e fazendo os possíveis para parecer atormentada. – Afinal, talvez não estivesse preparada – disse, com um sorriso apologético. O polegar tocou no cabo da colher e agarrou-a no preciso momento em que o homem a ajudava a levantar-se, puxando-a pelo outro braço.

Ele olhou-a e franziu o nariz, aparentemente enojado, ao ver a camisa de dormir ensopada em vinho. Enquanto isso, ela levou a mão às costas e enfiou o cabo da colher por um buraco junto da costura da camisa, erguendo depois a mão, como que a mostrar que não tirara nada.

O homem resmungou, agarrou-lhe no outro braço, e conduziu-a à latrina. Quando entrou, ele afastou-se em direção à bandeja, a resmungar entredentes.

No instante em que fechou a porta, ela tirou a colher da camisa de dormir e colocou-a entre os lábios, segurando-a na boca enquanto arrancava vários fios de cabelo da nuca, onde eram mais longos. Mexendo-se o mais rapidamente possível, segurou a ponta dos cabelos que arrancara na mão esquerda, e enrolou os fios de cabelos soltos sobre as coxas, com a palma da mão direita, torcendo-os até formarem um cordão. Sentiu a pele gelar ao perceber que o cordão era demasiado curto. Atrapalhada com a urgência da situação, resolveu atar as pontas e poísou o cordão no chão.

Arrancou mais alguns cabelos e enrolou-os num segundo cordão, que atou como o primeiro.

Sabendo que lhe restavam apenas alguns segundos, baixou-se sobre o joelho e atou os cordões, um ao outro. Depois, tirou a colher da boca e prendeu-a ao lado de fora da perna esquerda, com o fio, de forma a ficar encoberta pela bainha da camisa de dormir.

Tinha de ficar na perna esquerda, visto que Galbatorix sentava-se sempre à sua direita.

Levantou-se e certificou-se de que a colher ficava escondida, dando depois alguns passos para ter a certeza de que esta não caía.

Não caiu.

Respirou fundo, aliviada. Agora o desafio era regressar para junto da laje sem que o carcereiro desse conta do que fizera.

O homem estava à sua espera quando ela abriu a porta da latrina. Ele franziu-lhe o sobrolho e as sobranceiras ralas uniram-se numa linha reta.

– A colher – disse ele, mastigando as palavras com a língua como se fossem pedaços de cherovia cozidos demais.

Nasuada ergueu o queixo, apontando para a parte de trás da latrina.

Ele franziu o sobrolho, entrando na sala e examinando cuidadosamente as paredes, o chão, o teto e tudo o resto, antes de voltar a sair pesadamente. Voltou a bater com os dentes uns nos outros, coçando a cabeça bojudá com um ar infeliz e até um pouco magoado – concluiu ela – pelo facto de Nasuada se ter dado ao trabalho de deitar a colher fora. Como fora amável com ele, sabia que aquele desafio mesquinho iria deixá-lo confuso e enfurecê-lo.

Resistiu à tentação de se afastar quando ele avançou e lhe colocou as pesadas mãos sobre a cabeça, enfiando-lhe os dedos nos cabelos. Ao ver que não encontrava a colher, ficou com uma expressão pendurada. Agarrou-lhe no braço, voltou a levá-la para a laje e colocou-lhe de novo as grilhetas.

Depois pegou na bandeja, com uma expressão triste, e saiu da sala.

Esperou até ter a certeza absoluta de que ele se fora embora, levando depois a mão esquerda à bainha da camisa e puxando-a lentamente para cima.

Um largo sorriso iluminou-lhe o rosto, ao tocar na colher com a ponta do indicador.

Agora ela já tinha uma arma.

UMA COROA DE GELO E NEVE

Quando os primeiros raios de luz pálida se projetaram sobre o mar encrespado, iluminando a crista das ondas translúcidas – cintilantes como cristal –, Eragon despertou das suas divagações e olhou para Noroeste, curioso por saber o que a luz revelava acerca das nuvens que se acumulavam à distância.

O que viu foi desconcertante: as nuvens abarcavam quase metade do horizonte e a maior das densas colunas brancas parecia mais alta que os picos das Montanhas Beor, demasiado alta para Saphira sobrevoar. A única porção de céu limpo ficara para trás e mesmo essa iria acabar por desaparecer, à medida que os braços da tempestade se aproximavam.

Teremos de voar através dela, disse Glaedr, e Eragon sentiu a inquietude de Saphira.

Porque não tentar contorná-la?, perguntou ela.

Eragon percebeu, através de Saphira, que Glaedr estava a examinar a estrutura das nuvens. Por fim, o dragão dourado disse:

Não quero que te desvies muito do caminho. Temos ainda muitas léguas a percorrer e se te faltarem as forças...

Nesse caso, poderás emprestar-me as tuas para continuarmos a voar.

Hum. Ainda assim, é melhor sermos cautelosos, já que decidimos ser imprudentes. Eu já vi tempestades semelhantes. É maior do que pensam. Para escapares, terias de voar a uma distância tal para Oeste que acabarias para lá de Vroengard e irias, provavelmente, demorar mais um dia a alcançar terra.

Vroengard não fica assim tão longe, disse ela.

Não, mas o vento vai atrasar-nos. Além disso, os meus instintos dizem-me que a tempestade se estende até à ilha. De uma maneira ou de outra, teremos de voar através dela. Contudo, não será necessário atravessar o olho da tempestade. Vês aquela abertura entre as duas pequenas colunas, a Oeste?

Sim.

Vai para lá e talvez consigamos descobrir um caminho seguro através das nuvens.

Eragon agarrou-se à parte da frente da sela, ao sentir Saphira baixar o flanco direito e virar para Oeste, em direção à abertura que Glaedr indicara, bocejando e esfregando os olhos quando ela se voltou a endireitar. Depois virou-se para trás e tirou uma maçã e algumas tiras de carne seca dos alforjes, presos atrás de si. Era um magro pequeno-almoço, mas ele tinha pouca fome e era frequente ficar enjoado quando comia grandes refeições, montado no dorso de Saphira.

Enquanto comia, observava alternadamente as nuvens e o mar cintilante. Era inquietante pensar que tinham apenas água por baixo e que a extensão de terra firme mais próxima – o continente –, segundo os seus cálculos, ficava a mais de oitenta quilómetros de distância. Estremeceu ao imaginar-se a afundar nas profundezas geladas e sufocantes do oceano. Perguntou a si mesmo o que haveria no fundo do mar e ocorreu-lhe que a sua magia talvez lhe permitisse explorá-lo para descobrir, mas a ideia não era apelativa. O abismo de água era demasiado escuro e perigoso para seu gosto. Não era um sítio para a sua espécie visitar. Talvez fosse preferível deixá-lo para as estranhas criaturas que já o habitavam.

À medida que a manhã avançava, tornou-se evidente que as nuvens estavam mais longe do que parecia, no início, e que a tempestade era maior do que Eragon e Saphira tinham imaginado – tal como Glaedr dissera.

Levantou-se uma leve brisa frontal e o voo de Saphira tornou-se mais difícil, mas ela continuava a avançar bem.

Quando ainda estavam a algumas léguas da frente da tempestade, Saphira surpreendeu Eragon e Glaedr, mergulhando ligeiramente no ar e voando próximo da superfície da água.

Enquanto descia, Glaedr perguntou:

Qual é a tua ideia?

Estou curiosa, respondeu ela, e gostava de descansar as asas antes de entrar nas nuvens.

Saphira voou rente às ondas, com o reflexo do corpo por baixo e a sombra à frente a reproduzirem todos os seus movimentos, tal como dois companheiros espetrais, um escuro e outro luminoso. Depois enfunou as asas, batendo-as rapidamente três vezes, abrandou e aterrou sobre a água. Um leque de salpicos irrompeu de cada lado do seu pescoço, ao varrer a água com o peito, salpicando Eragon com centenas de gotas.

A água estava fria mas depois de tanto tempo a voar, o ar parecia agradavelmente morno – tão morno, que Eragon desapertou o manto e tirou as luvas.

Saphira dobrou as asas e flutuou tranquilamente na água, boiando para cima e para baixo, ao sabor das ondas. À direita, Eragon viu vários amontoados de algas castanhas. As plantas tinham ramos, como os arbustos, e ampolas do tamanho de bagas nas ramificações, ao longo dos caules.

Por cima das suas cabeças, mais ou menos à mesma altitude a que Saphira voava anteriormente, Eragon viu dois albatrozes, com asas de pontas negras, a afastarem-se da gigantesca parede de nuvens, o que apenas contribuiu para aumentar o seu constrangimento. As aves marinhas recordaram-lhe o dia em que vira uma alcateia de lobos correr ao lado de uma manada de veados, fugindo de um incêndio numa floresta, na Espinha.

Se tivéssemos algum juízo, disse a Saphira, voltávamos para trás.

Se tivéssemos algum juízo, abandonávamos Alagaësia e nunca mais voltávamos, respondeu ela.

Depois arqueou o pescoço e mergulhou o focinho na água do mar, sacudindo a cabeça e passando várias vezes a língua vermelha por dentro e por fora da boca, como se tivesse provado algo desagradável.

Depois Eragon detetou pânico em Glaedr e o velho dragão rugiu mentalmente:

Levanta voo! Agora, agora! Levanta voo!

Saphira não perdeu tempo com perguntas, abrindo as asas com um ruído semelhante a um trovão, batendo-as e empinando-se para sair da água.

Ao inclinar-se para a frente, Eragon agarrou-se à borda da sela, para não ser projetado para trás. O bater de asas de Saphira levantou uma cortina de névoa que o deixou parcialmente cego, por isso usou a mente para descobrir o que assustara Glaedr.

Sentiu algo frio, gigantesco... voraz e insaciável a subir das profundezas do oceano em direção ao ventre de Saphira, com uma velocidade que não julgava possível. Tentou afugentar e fazer voltar para trás, mas a criatura era estranha e implacável, e pareceu não reparar nos seus esforços. Memórias de incontáveis anos passados em solidão, no mar gelado, a caçar e a ser caçado, surgiram nas cavernas sombrias da sua consciência.

Quando sentiu o pânico a crescer dentro si, Eragon tateou à procura do punho de Brisingr e nesse mesmo instante Saphira libertou-se da água, elevando-se no ar.

Depressa, Saphira!, gritou ele em silêncio.

Ela foi ganhando lentamente velocidade e altitude e, depois, uma fonte de água branca explodiu atrás e Eragon viu um par de mandíbulas brilhantes e cinzentas a emergir da coluna de água. As mandíbulas eram tão grandes que um cavalo e um cavaleiro poderiam passar entre elas incólumes, e estavam cobertas de centenas de dentes brancos, cintilantes.

Saphira estava consciente do que ele vira e torceu-se violentamente para o lado, na tentativa de escapar à boca escancarada, roçando com a ponta da asa na água.

Instantes depois, Eragon ouviu e sentiu as mandíbulas da criatura fecharem-se.

A cauda de Saphira escapou por escassos centímetros aos dentes aguçados como agulhas.

Ao voltar a cair dentro de água, o corpo tornou-se mais visível. A cabeça era comprida e angular. Tinha uma crista óssea, saliente, por cima dos olhos, e do lado de fora da crista via-se um filamento viscoso que Eragon calculou ter mais de um metro e meio de comprimento. O pescoço da criatura lembrava-lhe o de uma gigantesca serpente ondulante. A parte visível do torso era macia e robusta, e parecia incrivelmente densa. Duas barbatanas, em forma de remo, agitavam-se inutilmente no ar, de ambos os lados do peito.

A criatura aterrou de lado e uma segunda explosão de espuma, ainda maior, ergueu-se em direção ao céu.

Mesmo antes das ondas se fecharem sobre o corpo do monstro, Eragon olhou para o único olho virado para cima. Era mais negro que uma gota de alcatrão. A malevolência nele contida – o ódio, a fúria e a frustração absoluta que Eragon sentiu no olhar fixo da criatura – foi o suficiente para o fazer tremer e desejar estar em pleno Deserto de Hadarac, sentindo que só aí estaria a salvo da fome ancestral daquela criatura.

Ainda com o coração a martelar-lhe no peito, descontraíu a mão no punho de Brisingr e ele deixou-se cair sobre a parte da frente da sela.

– O que era aquilo?

Um Nidhwal, disse Glaedr.

Eragon franziu o sobrolho, não se recordando de ter lido nada acerca disso em Ellesméra.

E o que é um Nidhwal?

São raros e não é frequente falar-se deles. Estão para o mar como os Fanghur para os céus. São ambos aparentados com os dragões. Embora as diferenças entre nós sejam maiores, os Nidhwal estão mais próximos de nós que os ruidosos Fanghur. São inteligentes e possuem uma estrutura semelhante ao Eldunari dentro do seu peito, que julgamos permitir-lhes manterem-se submersos a grandes profundidades, durante longos períodos de tempo.

Conseguem exalar fogo?

Não, mas tal como os Fanghur, usam frequentemente o poder da mente para incapacitar as presas, o que vários dragões já descobriram, para sua infelicidade.

Devorariam a sua própria espécie?, perguntou Saphira.

Nós somos totalmente diferentes, para eles, respondeu Glaedr. Mas devoram de facto a própria espécie, razão pela qual há tão poucos. Não têm interesse em nada que aconteça fora dos seus domínios e todas as tentativas para os chamar à razão fracassaram. É estranho encontrar um tão perto da terra. Em tempos, só era possível encontrá-los após vários dias de voo, onde o mar era mais profundo. Dá ideia que se tomaram ousados ou desesperaram depois da queda dos Cavaleiros.

Eragon voltou e estremecer ao lembrar-se da sensação que a mente do Nidhwal lhe proporcionara.

Porque é que nem tu nem Oronis nos falaram deles?

Há muita coisa que não te ensinámos, Eragon. Não tínhamos muito tempo e achámos melhor aproveitá-lo a tentar ensinar-te a defenderes-te de Galbatorix e não de todas as criaturas sombrias que assombram as zonas inexploradas de Alagaësia.

Então há outras coisas, como os Nidhwal, que desconhecemos?

Algumas.

Vais falar-nos delas, Ebrithil?, perguntou Saphira.

Farei um pacto com ambos. Vamos esperar uma semana e, se estivermos vivos e formos ainda donos da nossa liberdade, terei o maior prazer em passar os próximos dez anos a ensinar-vos tudo acerca de todas as raças que conheço, incluindo todas as variedades de escaravelhos, pois há milhentas delas. Mas até lá, vamos concentrar-nos na tarefa que temos diante de nós. Combinado?

Eragon e Saphira concordaram relutantemente e não falaram mais no assunto.

À medida que se aproximavam da frente da tempestade, o vento frontal deu lugar a um vento tempestuoso, atrasando Saphira a ponto de esta conseguir apenas voar a metade da sua velocidade. De vez em quando, poderosas rajadas baloiçavam-na, chegando mesmo a imobilizá-la por instantes. Sabiam sempre quando estavam prestes a ser atingidos por uma rajada, pois conseguiam ver um padrão prateado, semelhante a escamas, varrer velozmente a superfície da água, na direção deles.

Desde o nascer do sol que as nuvens aumentavam de tamanho e, vistas de perto, eram ainda mais assustadoras. Perto da base eram escuras e arroxeadas, com cortinas de chuva batidas pelo vento a ligarem a tempestade ao mar, como um cordão umbilical transparente. Mais acima, as nuvens eram cor de prata oxidada e, mesmo no topo, eram de um branco puro e ofuscante e pareciam tão sólidas como as encostas de Tronjheim. Mais a Norte, perto do olho da tempestade, as nuvens tinham formado uma gigantesca bigorna plana, em cima, que se agigantava sobre tudo o resto, como se os próprios deuses quisessem forjar um estranho e terrível instrumento.

Ao planar entre duas colunas brancas e volumosas de nuvens – junto das quais mais parecia um ponto –, o vento frontal abrandou e o ar tornou-se áspero e revoltado, redemoínhando em torno deles sem uma direção definida. Eragon cerrou os dentes, para não bater com eles uns nos outros, e o seu estômago deu um salto ao sentir Saphira descer subitamente cerca de dois metros e, depois outros seis de uma só vez, com igual rapidez.

Glaedr disse:

Tens alguma experiência de voo em tempestades, tirando o dia em que foste apanhada numa tempestade de trovoadas, entre o Vale de Palancar e Yazuac?

Não, disse Saphira, brevemente, num tom sombrio.

Glaedr parecia esperar a sua resposta, pois começou imediatamente a instruí-la sobre a complexidade da navegação em fantásticas paisagens de nuvens:

Procura padrões de movimento e presta atenção às formações em teu redor, disse ele. Através delas poderás perceber onde é que o vento está mais forte e em que direção sopra.

Saphira já tinha conhecimento de grande parte do que ele estava a dizer mas, à medida que Glaedr falava, o comportamento calmo do velho dragão serenava-a a ela e a Eragon. Se sentissem alguma apreensão ou medo na mente do velho dragão, acabariam por duvidar de si mesmos. Talvez Glaedr estivesse consciente disso.

Um fragmento perdido de uma nuvem esfarrapada pelo vento surgiu no caminho de Saphira, mas ela em vez de o contornar, atravessou-o, perfurando a nuvem como uma lança cintilante, azul. Quando a névoa cinzenta os envolveu, o vento emudeceu e Eragon ergueu a mão diante do rosto para manter a visão clara.

Quando irromperam da nuvem, Saphira tinha milhares de gotas de água minúsculas agarradas ao corpo, cintilando como se lhe tivessem embutido diamantes nas escamas normalmente deslumbrantes.

O seu voo continuava instável: se num momento voava a direito, logo a seguir poderia ser projetada pela turbulência do ar, ou girar na direção oposta se uma súbita corrente de ar ascendente lhe atingisse uma asa. Estar sentado no seu dorso enquanto ela lutava contra a turbulência, era cansativo, mas para Saphira tratava-se de uma luta miserável e frustrante, agravada pela evidência de que estava longe de terminar, pelo que ela não tinha outro remédio senão prosseguir.

Uma ou duas horas depois, ainda não tinham conseguido distinguir o lado oposto da tempestade. A seguir, Glaedr disse:

Temos de virar. Não é prudente afastares-te mais para Oeste. Se tivermos de arriscar enfrentar a fúria da tempestade, o melhor será fazê-lo agora antes que fiques mais cansada.

Sem dizer uma palavra, Saphira virou para Norte, em direção ao vasto penhasco de nuvens iluminadas pelo sol, no olho da gigantesca tempestade. Ao aproximarem-se da face saliente do penhasco – o maior que Eragon vira em toda a sua vida, maior ainda que Farthen Dûr – clarões azuis iluminaram-na por dentro, projetando relâmpagos em direção à cabeça da bigorna.

Momentos depois o céu estremeceu com um trovão e Eragon tapou os ouvidos com as mãos. Ele sabia que as suas defesas os iriam proteger dos relâmpagos, mas continuava apreensivo com a ideia de se aproximarem dos raios de energia crepitante.

Se Saphira estava assustada ele não o sentia. Tudo o que sentia nela era determinação. Bateu as asas mais depressa e, minutos depois, alcançaram a face do penhasco, mergulhando através dele, em direção ao olho da tempestade.

Estavam envoltos num crepúsculo cinzento e indefinido.

Era como se o resto do mundo tivesse deixado de existir. As nuvens não permitiam avaliar qualquer distância para além da ponta do nariz, das asas ou da cauda de Saphira. Estavam positivamente cegos. Apenas o peso da gravidade lhes permitia perceber o que era para cima e o que era para baixo.

Eragon abriu a mente, permitindo que a sua consciência se expandisse tão longe quanto possível, mas não sentiu qualquer ser vivo a não ser Saphira e Glaedr, nem mesmo um pássaro perdido. Felizmente Saphira manteve o seu sentido de orientação. Não iriam afastar-se do caminho e se ele continuasse à procura de outros seres, fossem eles plantas ou animais, seria possível evitar que fossem direitos à encosta de uma montanha.

Lançou também um feitiço que Oromis lhe ensinara e que lhe permitiria – a ele e a Saphira – saber a que distância estavam da água – ou do solo –, a qualquer momento.

Assim que entraram na nuvem, a humidade começou a acumular-se sobre a pele de Eragon e a ensopar-lhe as roupas de lã, tornando-as pesadas. Uma contrariedade que teria ignorado se a combinação da água com o vento não o gelasse a ponto de lhe drenar todo o calor dos membros, prestes a matá-lo. Por isso, lançou um outro feitiço, que filtrou todas as gotículas de água visíveis do ar em seu redor e, também, em redor dos olhos de Saphira – a seu pedido – pois a humidade estava sempre a acumular-se, obrigando-a a pestanejar frequentemente.

O vento, no interior da cabeça da bigorna, era surpreendentemente suave. Eragon fez um comentário a Glaedr a esse respeito, mas o velho dragão continuou carrancudo como era costume.

O pior ainda está para vir.

A verdade das suas palavras em breve se tornou evidente, quando uma feroz corrente de ar ascendente embateu contra o ventre de Saphira, projetando-a a centenas de metros de altitude. Aí, o ar era demasiado rarefeito para Eragon respirar convenientemente e a névoa congelou numa imensidão de cristais minúsculos, que o picavam no nariz, nas faces e nas membranas das asas de Saphira, como facas afiadas.

Recollendo as asas contra os flancos, Saphira mergulhou para a frente, na tentativa de escapar à corrente de ar ascendente. Segundos depois, a pressão debaixo dela desapareceu, dando lugar a uma corrente de ar descendente, igualmente poderosa, que a projetou na direção das ondas a uma velocidade assustadora.

Ao caírem, os cristais de gelo derreteram-se, formando enormes gotas de chuva esféricas, que pareciam flutuar sem peso, ao lado de Saphira. Um relâmpago brilhou ali perto – um sinistro brilho azul, através do véu de nuvens – e Eragon gritou de dor ao ouvir o trovão ribombar em torno deles. Ainda com os ouvidos a zunir, ele rasgou dois pedaços de tecido da ponta do manto, enrolou-os, e colocou-os nos ouvidos, empurrando-os tanto quanto possível.

Só perto da base das nuvens é que Saphira conseguiu libertar-se da rápida corrente de ar. Logo que o conseguiu, foi apanhada por uma segunda corrente de ar ascendente, que a empurrou em direção ao céu.

Depois disso e durante algum tempo, Eragon perdeu a noção do tempo. O vento furioso era demasiado forte para Saphira lhe resistir e ela continuou a subir e a descer nas correntes de ar cíclicas, como um destroço flutuante apanhado num redemoinho. Conseguiu avançar um pouco – escassas milhas, conquistadas a custo e mantidas com grande esforço –, mas sempre que se desembaraçava de uma corrente de ar circular, dava consigo aprisionada noutra.

Era humilhante para Eragon concluir que os três estavam à mercê da tempestade, e que por muito poder que tivessem, jamais conseguiriam enfrentar a força dos elementos.

Por duas vezes, o vento quase lançou Saphira para as ondas revoltas. Em ambas as ocasiões, as correntes de ar descendente expulsaram-na da base da tempestade em direção à chuva batida pelo vento que fustigava o mar, em baixo. A segunda vez que isso aconteceu, Eragon olhou por cima do flanco de Saphira e, por instantes, julgou distinguir a forma longa e escura do Nidhwal repousando sobre a água ondulante. Contudo, quando se deu a segunda explosão de relâmpagos, a forma já tinha desaparecido e ele interrogou-se se as sombras não lhe teriam pregado uma partida.

À medida que Saphira perdia as forças, lutando menos contra o vento, deixava que este a levasse para onde queria. Só quando se aproximava demasiado da água, fazia um esforço para desafiar a tempestade. Tirando isso, imobilizava as asas, esforçando-se o menos possível. Eragon sentiu quando Glaedr lhe começou a transmitir um fio de energia para a ajudar a aguentar-se no ar, mesmo assim tudo o que ela conseguia era manter a sua posição.

Por fim, a pouca luz que havia começou a desaparecer e o desespero tomou conta de Eragon. Durante a maior parte do dia, a tempestade sacudira-os de um lado para o outro e continuava a não dar sinais de abrandamento, nem Saphira parecia estar perto do seu perímetro.

Depois do sol se pôr, Eragon não conseguia sequer ver a ponta do nariz e tudo lhe parecia igual de olhos fechados ou abertos. Era como se ele e Saphira estivessem envoltos numa grande pilha de lã negra. A escuridão parecia ter peso, como se fosse uma substância palpável que os comprimia de todas as direções.

Com segundos de intervalo, os relâmpagos rasgavam a escuridão, por vezes escondidos dentro das nuvens, outras vezes, riscando o céu dentro do seu campo de visão, brilhando com a radiância de um dúzia de sóis e deixando um sabor a ferro no ar. Após o brilho ofuscante das descargas mais próximas, a noite apresentava-se duas vezes mais escura, e Eragon e Saphira eram sucessivamente ofuscados pela luz e pela subsequente escuridão. Por muito perto que os raios caíssem, nunca atingiram Saphira, mas o constante ribombar dos trovões estava a deixar ambos doentes com o ruído.

Eragon não fazia ideia quanto tempo iriam continuar assim.

A dada altura, durante a noite, Saphira entrou numa corrente de ar ascendente, muito maior e mais poderosa que qualquer uma das anteriores. Logo que os atingiu, Saphira começou a combatê-la, tentando escapar-lhe, mas a força do vento era tanta, que ela mal conseguia manter as asas niveladas.

Por fim, rugiu de frustração e projetou um jato de chamas, iluminando uma pequena área em torno dos cristais de gelo que cintilaram como jóias.

Ajudem-me, disse ela a Eragon e Glaedr, eu não consigo fazer isto sozinha.

A seguir, os três uniram as mentes e, enquanto Glaedr lhe fornecia a energia necessária, Eragon gritou:

– Gánga fram!

O feitiço projetou Saphira para a frente, mas muito lentamente, pois moverem-se nos ângulos certos com aquele vento era como atravessar o Rio Anora, no pico do degelo da primavera. Enquanto Saphira avançava na horizontal, a corrente de ar continuou a empurrá-la para cima a uma velocidade estonteante. Eragon depressa começou a sentir que estava com dificuldade em respirar, mas eles continuavam presos na torrente de ar.

Isto está a demorar muito e está a fazer-nos despender demasiada energia, disse Glaedr. Quebra o feitiço.

Mas...

Quebra o feitiço. Não conseguiremos libertar-nos antes de vocês desmaiarem. Teremos de nos deixar levar pelo vento até que este enfraqueça o suficiente para Saphira se libertar dele.

Como?, perguntou ela enquanto Eragon fazia o que Glaedr dissera. A preocupação assaltou-o, ao sentir a exaustão e o sentimento de derrota que ensombrevam a mente de Saphira.

Eragon, tens de corrigir o feitiço que estás a usar para te aqueceres a ti, a Saphira e a mim. Vai ficar frio, mais frio do que no pior inverno da Espinha. Sem magia, morreremos enregelados.

Mesmo tu?

Eu estalarei como um pedaço de vidro quente atirado para a neve. A seguir terás de lançar um feitiço para reunir ar em torno de ti e de Saphira e mantê-lo, para que

possam sentir a sua presença. Mas terá também de permitir escoar o ar, de contrário sufocarão. O fraseado do feitiço é complicado e tu não podes cometer qualquer erro, por isso escuta com atenção. É assim. . .

Logo que Glaedr recitou as frases na língua antiga, Eragon repetiu-lhas e, mal o dragão se deu por satisfeito com a sua pronúncia, Eragon lançou o feitiço. Depois corrigiu o outro feitiço, tal como Glaedr lhe dissera que fizesse, para que fossem protegidos do frio.

A seguir esperaram, enquanto o vento os elevava cada vez mais. Passaram alguns minutos e Eragon começou a interrogar-se se iam parar, ou se continuariam a subir até ficarem ao mesmo nível da lua e das estrelas.

Ocorreu-lhe que talvez fosse assim que se criassem as estrelas cadentes: um pássaro, um dragão, ou uma outra criatura terrena arrancada da terra, pelo vento implacável, e projetada no céu a uma velocidade tal que arderia como uma flecha de cerco. Se assim fosse, ele, Saphira e Glaedr seriam a estrela cadente mais espetacular de que haveria memória, se alguém estivesse suficientemente perto para assistir à sua morte tão longe.

Os uivos do vento abrandaram gradualmente. Mesmo os perturbantes trovões pareciam ter serenado e, quando Eragon tirou os pedaços de tecido dos ouvidos, ficou impressionado com o silêncio que os rodeava. Ouvia ainda uns sussurros indistintos, ao longe, como o ruído de um pequeno riacho na floresta. Mas, para além disso, tudo estava silencioso, maravilhosamente silencioso.

A medida que o clamor da tempestade furiosa se diluía, ele reparou também que os feitiços lhe estavam a exigir mais esforço – não tanto o feitiço que impedia que o seu calor físico se dissipasse demasiado depressa, mas o encantamento que recolhia e comprimia a atmosfera diante de si e de Saphira, para que pudessem encher os pulmões, como normalmente fariam. Por qualquer razão, a energia necessária para manter o segundo feitiço multiplicou-se desproporcionalmente em relação ao primeiro e Eragon depressa começou a detetar os sintomas que indicavam que o feitiço estava prestes a roubar-lhe o pouco que lhe restava de força vital: frio nas mãos, batimentos cardíacos irregulares e uma terrível sensação de letargia, talvez este fosse o sinal mais alarmante.

Depois Glaedr ajudou-o. Aliviado, Eragon sentiu a tensão diminuir à medida que a força do dragão fluía para dentro de si, como uma torrente de calor febril que lhe varreu a letargia e lhe devolveu o vigor aos membros.

E assim continuaram.

Ao fim de bastante tempo, Saphira detetou um abrandamento no vento – ligeiro, mas perceptível –, e começou a preparar-se para voar para fora da corrente de ar.

Antes que o pudesse fazer, as nuvens por cima deles começaram a dissipar-se e Eragon vislumbrou alguns pontos cintilantes: estrelas brancas e prateadas, brilhantes como nunca.

Olhem, disse ele. Depois as nuvens abriram-se em torno deles e Saphira saiu da tempestade, flutuando sobre ela, precariamente equilibrada sobre a coluna de vento forte.

Por baixo, Eragon avistou toda a tempestade. Estendia-se por uns cento e cinquenta quilómetros em todas as direções. O olho parecia uma cúpula em forma de cogumelo, esbatida pelos terríveis ventos laterais que sopravam de Oeste para Este e ameaçavam derrubar Saphira do seu poleiro instável. Tanto as nuvens mais próximas como as mais distantes eram esbranquiçadas e pareciam brilhantes, como se estivessem iluminadas por dentro. Apresentavam-se belas e benignas – formações tranquilas e imutáveis que não deixavam transparecer nada de violento no seu interior.

Depois Eragon reparou no céu e arquejou, ao reparar que continha mais estrelas do que as que julgava existir. Estrelas vermelhas, azuis, brancas, douradas salpicavam o firmamento como mãos cheias de purpura.

As constelações que ele conhecia continuavam presentes, mas estavam agora rodeadas de milhares de outras estrelas menos brilhantes, que Eragon contemplava pela primeira vez. E não eram apenas as estrelas que pareciam mais brilhantes. O vazio entre elas parecia mais escuro. Era como se sempre que ele olhasse para o céu tivesse uma névoa diante dos seus olhos, que o impedia de admirar a verdadeira glória das estrelas.

Eragon contemplou aquele maravilhoso espetáculo durante uns momentos, pasmado com a essência gloriosa e misteriosamente aleatória das luzes cintilantes. Só quando baixou os olhos lhe ocorreu que havia algo de invulgar nas matizes púrpura do horizonte. Em vez do céu e o mar se encontrarem numa linha reta – como era suposto e sempre acontecera –, a linha de junção era curva, como o extremo de um círculo incrivelmente grande.

Era uma visão tão estranha que só alguns segundos depois percebeu o que estava a ver, e quando o percebeu, sentiu um formigueiro no couro cabeludo, como se lhe tivessem roubado o ar dos pulmões.

– O mundo é redondo – sussurrou ele. – O céu é oco e o mundo é redondo.

É o que parece, disse Glaedr, mas parecia igualmente impressionado. Um dragão selvagem falou-me disso, mas eu nunca pensei vê-lo com os meus próprios olhos.

A Este, um ligeiro brilho amarelo tingia parte do horizonte, prenunciando o regresso do sol. Eragon calculou que, se Saphira mantivesse a sua posição mais quatro ou cinco minutos, vê-lo-iam nascer, embora faltassem ainda algumas horas até que os raios quentes e revitalizantes alcançassem a água, lá em baixo.

Saphira manteve-se no mesmo sítio durante uns instantes. Estavam os três suspensos entre as estrelas e a terra, flutuando no crepúsculo silencioso como espíritos desencarnados. Não estavam em lado algum, nem faziam parte dos céus, nem do mundo, lá em baixo – um grão de pó a passar na fronteira entre duas imensidões.

Depois Saphira inclinou-se para a frente e impeliu-se em direção a norte quase a voar, quase a cair, pois o ar estava tão rarefeito que as suas asas não conseguiam suportar totalmente o seu peso, ao abandonar a corrente de ar.

Ao descer velozmente, Eragon disse:

Se tivéssemos jóias suficientes e armazenássemos a energia necessária nelas, achas que conseguiríamos voar até à Lua?

Quem sabe o que é possível, disse Glaedr.

Quando Eragon era criança, Carvahall e o Vale de Palancar eram tudo o que ele conhecia. É claro que tinha ouvido falar no Império, mas nunca lhe parecera muito real até começar a viajar. Mais tarde, o seu retrato mental do mundo expandira-se, passando a incluir o resto de Alagaësia e, vagamente, as outras terras sobre as quais já tinha lido. Mas agora concluíra que, o que julgara ser tão grande, era na verdade uma pequena parte de um todo muito maior. Era como se o seu ponto de vista tivesse passado da formiga à perspectiva da águia, numa questão de segundos.

Porque o céu era oco e o mundo redondo.

Isso fê-lo reavaliar e reclassificar... tudo. A guerra entre os Varden e o Império parecia irrelevante, quando comparada com a verdadeira dimensão do mundo. Pensou também como eram mesquinhas as mágoas e as preocupações que atormentavam as pessoas, quando analisadas de tão alto.

Dirigindo-se a Saphira, disse:

Se toda a gente visse o que nós vimos, talvez houvesse menos guerras no mundo.

Não podes esperar que os lobos se transformem em ovelhas.

Não, mas os lobos também não precisam de ser cruéis para com as ovelhas.

Saphira depressa regressou à escuridão das nuvens, mas conseguiu evitar ser apanhada por um novo ciclo de correntes de ar ascendentes e descendentes. Planou ao longo de muitos quilómetros, escapando dos topos de outras correntes de ar ascendentes, dentro da tempestade, e usando-as para conservar a energia.

Uma ou duas horas depois, o nevoeiro dissipou-se e eles afastaram-se da enorme massa de nuvens que formavam o olho da tempestade. Desceram e voaram sobre contrafortes insignificantes, amontoados em torno da base da tempestade, que se foi gradualmente achatando num manto acolchoado que cobria tudo em redor, à exceção da cabeça da bigorna.

Quando o sol apareceu no horizonte, nem Eragon nem Saphira tinham energia para dar grande atenção ao que os rodeava, além de que não parecia haver nada

digno de nota na monótona imensidão por baixo deles.

Foi Glaedr que disse:

Saphira, ali, à tua direita. Estás a ver?

Eragon ergueu a cabeça dos braços dobrados e franziu os olhos, à medida que eles se adaptavam à claridade.

Alguns quilómetros a norte, um anel de montanhas erguia-se das nuvens. Os picos estavam cobertos de neve e de gelo, e juntos pareciam uma velha coroa pontiaguda poisada sobre camadas de névoa. As escarpas viradas para Este brilhavam intensamente à luz do sol da manhã, e as encostas a Oeste estavam cobertas por longas sombras azuis e estendiam-se a perder de vista, como adagas tenebrosas sobre a planície ondulante cor de neve.

Eragon endireitou-se. Mal acreditava que a sua viagem poderia estar prestes a terminar.

Contemplem, disse Glaedr, Aras Thelduin, os vulcões que guardam o coração de Vroengard. Voa depressa, Saphira, já só temos um curto caminho a percorrer.

LARVAS CARNÍVORAS

Apanharam-na na interceção de dois corredores idênticos, ladeados de pilares, tochas e estandartes vermelhos com a insígnia de Galbatorix: a chama ondulante, dourada.

Nasuada não esperava conseguir fugir, não propriamente, mas não pôde deixar de se sentir desiludida com o fracasso. No mínimo, esperava conseguir cobrir uma maior distância antes de a voltarem a capturar.

Lutou durante todo o caminho, enquanto os soldados a arrastavam de regresso à câmara que lhe servia de prisão. Os homens usavam peito de armas e braçais, mas ainda assim ela conseguiu arranhar-lhes a cara e morder-lhes as mãos, ferindo dois com alguma gravidade.

Os soldados deixaram escapar exclamações de consternação ao entrarem no Salão da Profetisa e vendo o que ela fizera ao carcereiro. Caminhando com cautela para não pisarem a poça de sangue cada vez maior, levaram-na para a laje de pedra, prenderam-na e saíram apressadamente, deixando-a sozinha com o cadáver.

Ela gritou para o teto e deu puxões nas grilhetas, furiosa consigo mesma, por não ter conseguido fazer melhor. Ainda a ferver de raiva, olhou de relance para o corpo no chão, mas desviou logo o olhar. A expressão do homem, depois de morto, parecia acusatória, pelo que não suportava olhá-lo.

Depois de roubar a colher, passara horas a linar a ponta do cabo na laje de pedra. A colher era de ferro macio, por isso tinha sido fácil de moldar.

Julgara que Galbatorix e Murtagh seriam os próximos a visitá-la, mas foi o carcereiro que apareceu, para lhe trazer uma espécie de ceia. Ele começara a soltar-lhe as grilhetas para a guiar até à latrina. No momento em que lhe soltou a mão esquerda, ela esfagueou-o por baixo do queixo, com o cabo aguçado da colher, enterrando-lhe o utensílio nas pregas do pescoço. O homem deu um guincho horrivelmente estridente, lembrando-lhe um porco no matadouro, deu três voltas sobre si, a esbracejar, caindo depois no chão onde ficou a espernear, a espumar e a bater com os calcanhares no chão, tempo demais, a seu ver.

Matá-lo perturbara-a, pois não achava que o homem fosse mau – não sabia ao certo o que ele era –, mas havia nele uma simplicidade que a fazia sentir que poderia tirar proveito dele. Ainda assim, ela tinha feito o que era necessário e, embora agora fosse desagradável pensar no assunto, continuava convencida de que as suas ações se tinham justificado.

Enquanto o homem estremecia com convulsões, nos seus últimos momentos de agonia, ela desapertara o resto das grilhetas e saltara da laje. Depois, reuniu coragem e arrancou a colher do pescoço do homem, que – à semelhança da tampa de um barril – libertou um jato de sangue que lhe salpicou as pernas, fazendo-a saltar para trás e contendo uma praga.

Não fora difícil lidar com os dois guardas que estavam no exterior do Salão da Profetisa, pois apanhara-os de surpresa e matara o guarda do lado direito, de uma forma bastante semelhante ao carcereiro. Depois, tirara a adaga do cinto do guarda e atacara o outro homem, enquanto este lutava para lhe apontar o pique. Assim tão perto, um pique nunca poderia fazer frente a uma adaga e ela esventrou-o, antes que o guarda tivesse tempo de fugir ou dar o alarme.

Mas não conseguira ir muito longe depois disso. Fosse devido aos feitiços de Galbatorix ou por simples falta de sorte, ela esbarrou de caras com cinco soldados que a dominaram de imediato, para não dizer facilmente.

Não devia ter passado mais de meia hora, quando ouviu um grande grupo de homens, de botas ferradas, marcharem até à porta da câmara. Depois, Galbatorix irrompeu pela sala, seguido de vários guardas.

Como sempre, parou no limite do seu campo de visão e aí ficou – uma figura alta e escura, de rosto anguloso, da qual se distinguiam apenas os contornos. Ela viu-o virar a cabeça para observar a cena. Depois disse num tom frio:

– Como aconteceu isto?

Um soldado com uma pluma no elmo correu para diante de Galbatorix e ajoelhou-se, erguendo a colher aguçada.

– Encontrámos isto num dos homens, lá fora, Senhor.

O rei pegou na colher e virou-a nas mãos.

– Compreendo. – Voltou a cabeça na direção dela, agarrou na extremidade da colher e dobrou-a até esta se partir ao meio, aparentemente sem qualquer esforço. – Sabias que não podias escapar e, mesmo assim, insististe em tentar. Não vou permitir que mates os meus homens apenas para me faltares ao respeito. Não tens o direito de lhes roubar a vida. Não tens o direito de fazer nada a não ser que eu o autorize. – Atirou com os pedaços de metal para o chão. Depois virou-se e abandonou o Salão da Profetisa, com a pesada capa a ondular atrás de si.

Dois soldados removeram o corpo do carcereiro e limparam o sangue do chão, amaldiçoando-a enquanto o esfregavam.

Logo que saíram e ela voltou a ficar sozinha, permitiu-se suspirar, e parte da tensão nos seus membros desapareceu.

Quem lhe dera ter tido oportunidade de comer. Agora que a excitação passara, estava a sentir fome. Pior do que isso, desconfiava que teria de esperar horas até que tivesse a próxima refeição. Isto, partindo do princípio que Galbatorix não decidisse castigá-la, negando-lhe comida.

As suas divagações acerca de pão, assados e copos altos de vinho não duraram muito, pois voltou a ouvir o som de várias botas no corredor, fora da cela. Assustada, tentou preparar-se mentalmente para tudo o que de desagradável estivesse para acontecer, pois assim o seria com toda a certeza.

A porta da câmara abriu-se, de repente, e dois conjuntos de passos ecoaram na sala octogonal, enquanto Murtagh e Galbatorix se aproximavam dela. Murtagh foi para o local onde normalmente ficava, sem a braseira para se entreter. Cruzou os braços, encostou-se à parede e olhou para o chão com um semblante carregado. O que ela viu na sua expressão debaixo da máscara de prata, até meio do rosto, não a consolou. As linhas do rosto pareciam ainda mais duras do que o habitual e havia algo na posição da boca que lhe arrepiou os ossos de pavor.

Em vez de se sentar como era seu hábito, Galbatorix ficou algures atrás, ao lado da sua cabeça, onde ela pudesse sentir a sua presença sem propriamente vê-lo.

Depois, estendeu as mãos semelhantes a garras por cima dela. Segurava numa pequena caixa, decorada com linhas entalhadas em osso, que em tempos talvez fossem hieróglifos da língua antiga. Mas o mais desconcertante é que, dentro da caixa, se ouvia o um débil cri-cri, um ruído suave como um rato a arranhar, mas não menos distinto.

Galbatorix abriu a tampa deslizante da caixa com a ponta do polegar. Depois meteu os dedos lá dentro e tirou algo semelhante a uma enorme larva cor de marfim. A criatura tinha quase oito centímetros de comprimento e exibia uma pequena boca de lado, com a qual produzia o cri-cri, que ela ouvira antes, anunciando o seu desagrado ao mundo. Era gorda e pregueada como uma lagarta, mas se tinha patas eram tão pequenas que mal se viam.

Enquanto a criatura se contorcia, numa tentativa vã de se libertar dos dedos de Galbatorix, o rei disse:

– Isto é uma larva carnívora e não o que parece. Poucas coisas o são, mas no caso das larvas carnívoras é ainda mais evidente. Só existem num local em Alagaësia e são mais difíceis de apanhar do que imaginas. Encara pois o facto de me dignar a usar uma em ti como um sinal de respeito, Nasuada, filha de Ajihad. – Depois,

baixou a voz, falando num tom ainda mais íntimo. — Contudo, não gostaria de estar no teu lugar.

O cri-cri da larva carnívora aumentou quando Galbatorix a largou sobre a pele nua do seu braço direito, mesmo abaixo do cotovelo. Ela retraiu-se ao sentir a criatura aterrar em cima de si, pois era mais pesada do que parecia e agarrou-se à pele como se tivesse centenas de pequenos ganchos debaixo do corpo.

A larva fez um pouco mais de ruído, encolhendo depois o corpo e saltando vários centímetros ao longo do braço.

Ela puxou as grilhetas, esperando desalojar a larva, mas esta continuou agarrada.

Depois, saltou mais uma vez.

E outra ainda, alcançando-lhe o ombro e enterrando-lhe os ganchos na carne como uma tira minúscula de figos bravos. Pelo canto do olho, viu a larva carnívora erguer a cabeça sem olhos, virando-a para o seu rosto como se provasse o ar. A pequena boca abriu-se e ela viu que a larva tinha umas mandíbulas aguçadas e cortantes por trás do lábio superior e inferior.

— Cri-cri? — fez a larva. — Cri-cra?

— Aí não — disse Galbatorix, proferindo uma palavra na língua antiga.

Ao ouvi-la, a larva carnívora afastou-se da cabeça dela — o que lhe deu algum alívio —, voltando depois a descer-lhe pelo braço.

Poucas coisas a assustavam. O toque do ferro em brasa assustava-a. A ideia de que Galbatorix pudesse reinar para sempre também. A morte assustava-a, é óbvio, não tanto por recear o fim da sua existência, mas porque temia deixar por fazer tudo aquilo que ainda esperava conseguir concretizar.

Mas, por qualquer razão, nada a enervara tanto como ver e sentir aquela larva. Sentia um ardor e um formigueiro em todos os músculos do corpo. A sua vontade era correr e fugir, afastar-se tanto quanto possível da criatura, pois algo de muito errado se passava com a larva carnívora. Não se movia como devia, a sua pequena boca obscena lembrava-lhe a boca de uma criança e o ruído que fazia, aquele ruído horrível, despertava-lhe um sentimento de repulsa primário.

A larva parou no cotovelo.

Cri-cri!

Depois o seu corpo gordo, sem membros, contraiu-se e ela saltou uns dez ou doze centímetros no ar, mergulhando de cabeça na parte interior do cotovelo.

Ao aterrar, a larva dividiu-se numa dúzia de pequenos centípedes, verdes-claros, que se espalharam pelo braço, antes de escolherem um local onde enterrar as mandíbulas na carne e perfurar-lhe a pele.

A dor era insuportável. Ela debateu-se nas grilhetas e gritou para o teto, mas não conseguiu escapar ao tormento, nem nessa altura, nem por um período aparentemente interminável, depois disso. O ferro doera-lhe mais, mas ela teria preferido o seu toque, pois o metal quente era impessoal, inanimado e previsível, tudo aquilo a que a larva não correspondia. Era especialmente horrível pensar que a causa da sua dor era uma criatura que a mastigava e, pior ainda, pensar que ela estava dentro de si.

Por fim, ela perdeu o orgulho e o autocontrolo e implorou misericórdia à deusa Gokukara. Depois começou a balbuciar como uma criança, incapaz de conter o fluxo de palavras aleatórias que lhe saíam da boca.

Ouviu Galbatorix rir, atrás de si, e a satisfação que ele revelou com o seu sofrimento fez com que o odiasse ainda mais.

Nasuada piscou os olhos, recuperando lentamente os sentidos.

Momentos depois, apercebeu-se de que Murtagh e Galbatorix tinham saído. Não se lembrava de os ver abandonar a sala, pois devia ter perdido a consciência.

A dor era menos aguda, mas ainda sentia imensas dores. Olhou de relance para o corpo e desviou o olhar, sentindo o pulso acelerar. No local onde os centípedes estavam — não sabia se poderiam ser considerados larvas carnívoras, individualmente — tinha a pele inchada e os sulcos que elas tinham deixado, debaixo da superfície da pele, estavam cheios de sangue e ardiam-lhe. Era como se lhe tivessem açoitado a parte da frente do corpo com um chicote de metal.

Perguntou a si mesma se as larvas ainda estariam dentro do seu corpo, em estado de dormência, enquanto digeriam a refeição. Ou talvez estivessem a metamorfosear-se, como larvas de moscas, e se transformassem em algo ainda pior. Ou então — e essa parecia-lhe a hipótese mais terrível — talvez estivessem a pôr ovos que, em breve, dariam origem a outras larvas que iriam banquetear-se com o seu corpo.

Estremeceu, gritando de pavor e frustração.

Era-lhe difícil manter-se lúcida devido aos ferimentos. Tão depressa via como deixava de ver e deu consigo a chorar, o que a irritou, mas não conseguia parar, por muito que tentasse. Para se distrair, começou a falar sozinha — dizendo coisas sem sentido —, algo que reforçasse a sua determinação, ou a levasse a concentrar-se noutros assuntos. Ajudou, ainda que muito pouco.

Ela sabia que Galbatorix não a queria matar, mas temia que a sua fúria o levasse mais longe do que pretendia. Tremia e sentia todo o corpo inflamado, como se tivesse sido mordida por centenas de abelhas. A força de vontade poderia ajudá-la a resistir algum tempo, mas por muito determinada que estivesse, a resistência do corpo tinha limites e ela sentia que os ultrapassara há muito. Algo no seu íntimo parecia ter-se quebrado e ela já não tinha a certeza se conseguiria recuperar dos ferimentos.

A porta da câmara arranhou o chão ao abrir-se.

Ela esforçou-se para focar a visão, tentando ver quem se aproximava.

Era Murtagh.

Olhou-a de lábios crispados, dilatou as narinas e franziu o sobrolho. A princípio pensou que ele estivesse furioso, mas depois percebeu que estava preocupado e apavorado, mortalmente apavorado. A intensidade da sua preocupação surpreendeu-a; sabia que ele sentia uma certa afeição por ela — de outro modo não teria convencido Galbatorix a mantê-la viva —, mas não suspeitava que se preocupasse tanto com ela.

Tentou tranquilizá-lo com um sorriso, mas este não devia ter sido convincente, pois ao sorrir, Murtagh contraiu os maxilares, como se fizesse um esforço para se conter.

— Tenta não te mexer — disse ele, erguendo as mãos sobre ela e começando a murmurar algo na língua antiga.

Como se eu pudesse, pensou.

A magia depressa produziu efeito e a dor foi abrandando em cada ferimento, embora não desaparecesse por completo.

Ela franziu-lhe o sobrolho, intrigada e ele disse:

— Lamento não poder fazer mais. Galbatorix saberia, mas eu não tenho poder para isso.

— E... e os teus Eldunaris? — perguntou ela. — Certamente que poderão ajudar.

Ele abanou a cabeça.

— São todos dragões jovens, ou eram, quando os seus corpos morreram. Pouco sabiam de magia nessa altura e Galbatorix não lhes ensinou quase nada desde que... Desculpa.

— Aquelas coisas ainda estão dentro de mim?

— Não, já não estão. Galbatorix tirou-as assim que desmaiaste.

Ela sentiu um profundo alívio.

— O teu feitiço não me tirou a dor. — Tentou não parecer acusatória, mas não conseguiu conter uma nota de raiva na voz.

Ele fez um esgar.

– Não sei bem porquê. Deveria ter tirado. Seja o que for aquela criatura, não se enquadra nos padrões normais do mundo.

– Sabes de onde é?

– Não. Só soube da sua existência hoje, quando Galbatorix a foi buscar aos seus aposentos privados.

Ele fechou os olhos por momentos.

– Deixa-me levantar.

– Estás a falar a s...

– Deixa-me levantar.

Ele abriu-lhe as grilhetas, sem dizer uma palavra. Depois ela levantou-se e ficou cambaleante junto da laje, à espera que o ataque de tonturas passasse.

– Toma – disse Murtagh, dando-lhe a sua capa. Ela enrolou-a à volta do corpo, cobrindo-se por recato e para se aquecer, mas também para não ter de olhar para as queimaduras, crostas, bolhas e sulcos cheios de sangue que lhe desfiguravam o corpo.

Coxeando – além de outros locais, a larva visitara-lhe as solas dos pés –, encaminhou-se para o extremo da sala e encostou-se à parede, deixando-se escorregar lentamente para o chão.

Murtagh juntou-se a ela e ficaram ambos a olhar para a parede oposta.

Ela começou a chorar, sem querer.

Momentos depois, sentiu-o tocar-lhe no ombro, afastando-se bruscamente. Foi mais forte do que ela. Ele magoara-a mais do que qualquer outra pessoa, nos últimos dias e, embora soubesse que o fizera contrariado, não conseguia esquecer que fora ele que empunhara o ferro em brasa.

Ainda assim, ao ver que a sua reação o magoara, cedeu um pouco e pegou-lhe na mão. Ele apertou-lhe suavemente os dedos, colocando-lhe o braço por cima do ombro e puxando-a para si. Ela resistiu, por instantes, mas depois descontraiu nos seus braços, encostando a cabeça ao seu peito, continuando a chorar, e os seus soluços baixos ecoaram pela sala nua, de pedra.

Alguns minutos depois, sentiu-o mexer-se debaixo dela, dizendo:

– Eu vou descobrir uma forma de te libertar, prometo. É demasiado tarde para Thorn e para mim, mas não é para ti. Desde que não jures lealdade a Galbatorix, há uma hipótese de eu conseguir levar-te de Urû’baen, em segredo.

Ela olhou-o e concluiu que ele estava a falar a sério.

– Como? – sussurrou.

– Não faço a mínima ideia – confessou ele com um sorriso malandro. – Mas vou fazê-lo, custe o que custar. Contudo, terás de me prometer que não desistes – pelo menos, até eu tentar – combinado?

– Não creio que consiga aguentar aquela... coisa, outra vez. Se ele a voltar a pôr em cima de mim, faço tudo o que ele quiser.

– Não é preciso, ele não tenciona voltar a usar a larva carnívora.

– ... Então, o que tenciona ele fazer?

Murtagh ficou mais um minuto em silêncio.

– Decidiu começar a manipular o que vês, ouves, sentes e saboreias. Se isso não resultar atacará diretamente a tua mente, e tu não conseguirás resistir-lhe se ele o fizer, pois nunca ninguém conseguiu. Mas acho que poderei salvar-te antes de ele chegar a esse ponto. Tudo o que tens de fazer é continuar a lutar mais uns dias. Só isso – só mais uns dias.

– Como poderei lutar se não posso confiar nos meus sentidos?

– Há um sentido que ele não pode imitar. – Murtagh torceu-se para a olhar de frente. – Deixas-me tocar na tua mente? Não tentarei ler os teus pensamentos. Quero apenas que sintas o toque da minha mente, para que o possas reconhecer – para que me possas reconhecer – de futuro.

Ela hesitou. Sabia que aquilo era um ponto de viragem. Ou decidia confiar nele, ou recusava e talvez perdesse a única oportunidade que tinha de impedir que Galbatorix a escravizasse. Ainda assim, permitir que alguém acesse à sua mente era motivo de cautela. Murtagh poderia estar a persuadi-la a baixar as defesas, para que pudesse instalar-se mais facilmente na sua consciência. Ou talvez ele quisesse recolher qualquer informação, espiando os seus pensamentos.

Depois pensou: “Porque iria Murtagh recorrer a esses truques, se poderia fazer ambas as coisas. Ele tem razão; eu não conseguiria resistir-lhe... Se eu aceitar a oferta de Murtagh, pode ser o meu fim, mas se recusar, o meu fim é inevitável. De uma maneira ou de outra, Galbatorix acabará por me vergar. É apenas uma questão de tempo.”

– Faz como entenderes – disse ela.

Murtagh acenou com a cabeça e semicerrou os olhos.

No silêncio da sua mente, ela começou a recitar um fragmento de um poema que costumava recitar sempre que queria esconder os pensamentos ou defender a consciência de um intruso. Concentrou-se nele com todas as suas forças, determinada a repelir Murtagh, se fosse necessário, evitando todos os segredos que era seu dever esconder:

Em El-harim vivia um homem, um homem de olhos amarelos

Que me disse: cautela com os sussurros, porque sussurram mentiras.

Não lutes com demónios das trevas,

Pois eles marcarão a tua mente.

Não oiças as sombras das profundezas,

Pois elas irão assombrar-te mesmo enquanto dormes.

Quando a consciência de Murtagh tentou penetrar na sua, ela contraiu-se e começou a recitar as linhas do poema mais depressa, mas para seu espanto, a mente dele parecia-lhe familiar. As semelhanças entre a sua consciência e a de... não, não podia dizer de quem, mas as semelhanças eram surpreendentes, tal como as diferenças, a mais importante das quais era a raiva no âmago do seu ser, como um coração negro e frio, crispado e inóvel, com veias de ódio ondulantes, a enredarem-se no resto da mente. Mas a sua preocupação com ela ofuscava a raiva. Vê-la convenceu-a de que a sua solicitude era genuína, pois dissimular o eu interior era incrivelmente difícil e ela não acreditava que Murtagh conseguisse enganá-la de forma tão convincente.

Ele cumpriu a palavra e não tentou penetrar mais profundamente na sua mente. Alguns segundos depois, retirou-se e ela voltou a sentir-se a sós com os seus pensamentos.

Murtagh abriu os olhos e disse:

– Pronto. Concluirás reconhecer-me se eu voltar a tentar comunicar contigo?

Ela acenou afirmativamente.

– Ótimo. Galbatorix consegue fazer muita coisa, mas nem mesmo ele consegue imitar o toque da mente de outra pessoa. Eu tentarei avisar-te antes de ele começar a alterar os teus sentidos e contactar-te-ei quando ele parar. Assim, ele não conseguirá confundir-te em relação ao que é real e ao que não é.

– Obrigada – agradeceu ela, incapaz de lhe transmitir a dimensão da sua gratidão, numa palavra tão simples.

– Felizmente temos algum tempo. Os Varden estão apenas a três dias daqui e os Elfos aproximam-se rapidamente, vindos do Norte. Galbatorix foi supervisionar o

posicionamento final das defesas de Urû'baen e discutir estratégia com Lord Barst, que é o comandante do exército aquartelado aqui na cidade.

Ela franziu o sobrolho. Aquilo não prenunciava nada de bom. Ouvira falar de Lord Barst e sabia que ele tinha uma reputação temível entre os nobres da corte de Galbatorix. Constava que era inteligente e sanguinário e, quem cometesse a imprudência de o enfrentar, seria impiedosamente esmagado.

– E tu não? – perguntou ela.

– Galbatorix tem outros planos para mim, embora ainda não me tenha dito quais são.

– Quanto tempo vai andar ocupado com os preparativos?

– O resto do dia de hoje e amanhã, durante todo o dia.

– Achas que me consegues libertar antes de ele regressar?

– Não sei. Provavelmente não. – Houve uma pausa e depois ele disse. – Agora tenho uma pergunta para te fazer: porque mataste aqueles homens. Sabias que não conseguirias sair da cidadela. Seria apenas para faltar ao respeito a Galbatorix, como ele disse?

Ela suspirou e afastou-se do peito de Murtagh, sentando-se direita. Ele tirou relutantemente o braço de cima dos seus ombros. Ela fungou e olhou-o nos olhos:

– Eu não podia ficar ali deitada e permitir que ele me fizesse tudo o que quisesse. Tinha de ripostar, tinha de lhe mostrar que não me vergara e também queria magoá-lo o mais possível.

– Então sempre fôí por despeito!

– Em parte. E depois? – Esperava que ele demonstrasse desagrado e condenasse as suas ações, mas em vez disso ele lançou-lhe um olhar apreciador e os lábios curvaram-se num pequeno sorriso sabedor.

– Então diz “bom trabalho” – disse ela.

Momentos depois retribuiu-lhe o sorriso.

– Além disso havia sempre a hipótese de eu conseguir escapar.

Ele roncou.

– E os dragões vão começar a comer erva.

– Ainda assim, tinha de tentar.

– Eu compreendo. Se pudesse, teria feito o mesmo quando os Gémeos me trouxeram para aqui.

– E agora?

– Continuo a não poder e, mesmo que pudesse, de que me valeria?

Ela não tinha resposta. Ficou em silêncio por instantes e depois disse:

– Se não for possível libertares-me, quero que me prometas que me ajudarás a fugir... por outros meios. Não to pediria... não te colocaria esse fardo nas costas, mas a tua ajuda tornaria tudo mais fácil, eu posso não ter hipótese de o fazer sozinha. – Ele cerrou os lábios enquanto ela falava, mas não a interrompeu. – Aconteça o que acontecer, não permitirei que Galbatorix faça de mim um brinquedo, às suas ordens. Farei tudo – tudo – para fugir a esse destino. Consegues entender?

Ele afundou o queixo, acenando brevemente com a cabeça.

– Então, dás-me a tua palavra?

Ele olhou para baixo e cerrou os punhos, respirando asperamente.

– Dou.

Murtagh estava taciturno, mas acabou por conseguir puxar por ele, pelo que os dois passaram o resto do tempo a conversar sobre assuntos sem importância. Murtagh falou-lhe das alterações que fizera à cela que Galbatorix lhe oferecera para Thorn – alterações essas que justificavam perfeitamente o seu orgulho, pois permitiam-lhe montar e desmontar mais depressa e desembainhar a espada com menos incómodo. Ela falou-lhe nas ruas do mercado em Alberon, a capital de Surda, e de como era frequente fugir da ama para as explorar, em criança. O seu mercador preferido era um homem das tribos nómadas. O seu nome era Hadamanara-no Dachu Taganna, mas insistira para que ela o tratasse pelo nome pelo qual era mais conhecido, Taganna. Vendia facas e adagas, e parecia sempre encantado em mostrar-lhe a mercadoria, embora ela nunca lhe tivesse comprado nada.

À medida que conversavam, o discurso foi-se tornando mais fácil e mais descontraído e, apesar das desagradáveis circunstâncias em que se encontravam, Nasuada descobriu que gostava de falar com ele. Murtagh era inteligente e bem-educado, e tinha um humor mordaz que lhe agradava, especialmente considerando a difícil situação em que se encontrava.

Murtagh pareceu apreciar a conversa tanto como ela. Ainda assim, a certa altura, ambos reconheceram que seria imprudente continuarem a falar, receando ser apanhados. Por isso regressou à laje onde se deitou, permitindo que ele a voltasse a prender ao impiedoso bloco de pedra.

Quando ele ia a sair, disse:

– Murtagh.

Ele parou e virou-se para a olhar.

Nasuada hesitou por instantes, mas depois ganhou coragem e disse:

– Porquê? – Achou que ele percebera o que queria dizer: Porquê ela? Porquê salvá-la, porquê tentar resgatá-la agora? Tinha ideia da resposta, mas queria ouvi-la da sua boca.

Murtagh olhou-a longamente e depois disse-lhe num tom de voz grave e duro:

– Tu sabes porquê.

ENTRE RUÍNAS

As espessas nuvens cinzentas separaram-se e Eragon contemplou o interior da ilha de Vroengard, de cima do dorso de Saphira.

Diante deles havia um grande vale em forma de taça, rodeado das montanhas íngremes que tinham visto por cima das nuvens. Uma densa floresta de espruces, pinheiros e abetos cobriam a encosta das montanhas e os contrafortes nos sopés, como um exército de soldados espinhosos a descer dos picos. As árvores eram altas e lúgubres e, mesmo à distância, Eragon conseguia distinguir as barbas de musgo e líquens suspensos nos pesados ramos. Viam-se farrapos de névoa branca agarrados às encostas das montanhas e, em certos pontos do vale, cortinas difusas de chuva precipitavam-se do teto de nuvens.

Muito acima do solo do vale, Eragon distinguiu uma série de estruturas de pedra por entre as árvores: entradas de cavernas destruídas, cobertas de vegetação; o exterior de torres incendiadas; grandes palácios com os telhados destruídos e alguns edifícios mais pequenos que pareciam estar ainda habitáveis.

Mais de uma dúzia de rios fluíam das montanhas, serpenteando pelo solo verdejante até desaguiarem num grande lago parado, perto do centro do vale. Em torno do lago havia os restos da cidade dos Cavaleiros, Doru Araeba. Os edifícios eram imensos – grandes palácios desertos de proporções tão gigantescas que muitos poderiam alojar Carvahall inteira. Cada porta era como a entrada para uma vasta caverna inexplorada, cada janela era mais alta e mais larga que o portão de um castelo e cada parede era comparável a um penhasco escarpado.

Espessas esteiras de eras sufocavam os blocos de pedra e onde não havia eras havia musgo, o que significava que os edifícios se fundiam com a paisagem e pareciam ter nascido da própria terra. O que restava de pedra tinha tendencialmente um tom pálido de ocre, embora fossem visíveis extensões vermelhas, castanhas e em tons de azul quase escuro.

Tal como todas as estruturas concebidas pelos Elfos, os edifícios eram graciosos, com formas fluidas e menos acentuadas que os dos Anões ou dos humanos, mas exibiam uma solidez e uma autoridade que as casas das árvores de Ellesméra não tinham. Eragon descobriu semelhanças com as casas do Vale de Palancar em algumas delas e lembrou-se que os últimos Cavaleiros humanos eram oriundos dessa região de Alagaësia. O resultado era um estilo único de arquitetura, que não era inteiramente élfico nem humano.

Quase todos os edifícios estavam danificados, uns mais que outros. Os estragos pareciam irradiar de fora, de um único ponto perto do extremo sul da cidade, onde uma grande cratera se afundava a mais de nove metros de profundidade. Um aglomerado de bétulas criara raízes na depressão e as suas folhas prateadas agitavam-se ao sabor de rajadas de vento sem direção.

As áreas abertas, dentro da cidade, estavam cobertas de ervas daninhas e mato, e as pedras da calçada que pavimentavam as ruas estavam orladas de erva. Nos locais onde os edifícios protegeram os jardins dos Cavaleiros da explosão que devastara a cidade, flores de cores pálidas cresciam em padrões artísticos, cuja forma havia sido certamente mantida graças aos ditames de um feitiço há muito esquecido.

No geral, o vale circular revelava um quadro sombrio.

Contemplem as ruínas do nosso orgulho e da nossa glória, disse Glaedr, e depois acrescentou: Eragon, tens de lançar outro feitiço. O fraseado é o seguinte... E proferiu várias frases na língua antiga. Era um estranho feitiço, com um fraseado obscuro e complexo, pelo que Eragon não conseguiu perceber o seu propósito.

Quando perguntou a Glaedr, o velho dragão respondeu:

Há aqui um veneno invisível, no ar que respiras, no solo em que caminhas, nos alimentos que ingerires e na água que beberes. O feitiço irá proteger-nos dele.

Que... veneno?, perguntou Saphira, com os pensamentos tão lentos como o bater das suas asas.

Através de Glaedr, Eragon viu uma imagem da cratera junto da cidade e o dragão disse:

Durante a batalha com os Renegados, um dos nossos, um elfo chamado Thuviel, matou-se com magia. Nunca ficou claro se o fez intencionalmente ou por acidente, mas o resultado é o que veem e o que não veem, pois a área tornou-se imprópria para viver, em consequência da explosão. Os que aqui ficaram depressa desenvolveram lesões na pele e perderam o cabelo, e muitos morreram depois disso.

Preocupado, Eragon lançou o feitiço – que exigia pouca energia –, dizendo depois:

Como poderia alguém, fosse elfo ou não, provocar tantos estragos? Mesmo que o dragão de Thuviel o ajudasse, não entendo como foi possível. A não ser que o dragão fosse do tamanho de uma montanha.

O dragão dele não o ajudou, disse Glaedr. O dragão dele tinha morrido. Não, Thuviel semeou a destruição sozinho.

Mas como?

Da única forma possível: convertendo a sua carne em energia.

Transformou-se num espírito?

Não. A energia não tinha consciência nem forma e quando ele a libertou, projetou-se para fora até se dispersar.

Não sabia que um só corpo podia conter tanta energia.

Não é do conhecimento geral, mas mesmo a mais pequena partícula de matéria é equiparável a uma grande quantidade de energia. A matéria, ao que parece, é energia congelada e se a derreteres, libertarás uma enchente a que poucos resistem... Diz-se que a explosão que aqui houve se ouviu em Teirm e que a nuvem de fumo que se seguiu ergueu-se mais alto que as Montanhas Beor.

Foi a explosão que matou Glaerun?, perguntou Eragon, referindo-se ao membro dos Renegados que sabia ter morrido em Vroengard.

Sim. Galbatorix e o resto dos Renegados tiveram um sinal de alarme e, por isso, conseguiram proteger-se. Mas muitos dos nossos não tiveram essa sorte e morreram.

Quando Saphira desceu da barriga das nuvens baixas, Glaedr indicou-lhe para onde voar e ela alterou o rumo virando para Noroeste do vale. Glaedr enunciou os nomes de cada uma das montanhas por onde passaram: Ilthiaros, Fellsverd e Nammenmast, assim como Huiltrim e Tímadrim. Enunciou também os nomes de muitas das fortalezas e torres desmoronadas, em baixo, e contou parte da sua história a Eragon e Saphira, embora apenas Eragon prestasse atenção à narrativa do velho dragão.

Eragon sentiu uma mágoa antiga despertar na consciência de Glaedr. Não tanto pela destruição de Doru Araeba, mas pela morte dos Cavaleiros, a extinção quase total dos dragões e a perda de milhares de anos de conhecimento e sabedoria. A memória do passado – o companheirismo que em tempos partilhara com os outros membros da ordem – acentuava a solidão de Glaedr e isso, associado à mágoa, criou uma atmosfera de desolação tal que Eragon começou a sentir-se igualmente melancólico.

Desligou-se parcialmente de Glaedr, mesmo assim o vale parecia-lhe sombrio e melancólico, como se a própria terra chorasse a queda dos Cavaleiros.

Quanto mais baixo Saphira voava, maiores os edifícios pareciam, e quando as suas verdadeiras dimensões se tornaram evidentes, Eragon percebeu que o que lera no Donia abr Wyrda não era um exagero: os maiores edifícios eram tão grandes que Saphira poderia voar dentro deles.

Perto do extremo da cidade abandonada, ele começou a reparar em pilhas de ossos brancos, no chão – esqueletos de dragões. O cenário era repugnante, no entanto ele não conseguia olhar para outro lado. O que mais o impressionava era o tamanho. Alguns dos dragões eram mais pequenos que Saphira, mas a maioria era bastante maior. O maior que viu era um esqueleto cujas costelas deveriam ter pelo menos vinte cinco metros de comprimento e quatro metros e meio de largura, na parte mais larga. Só o crânio – enorme, de aspeto ameaçador e coberto de manchas de líquens, como um rochedo áspero de pedra – era mais comprido e mais alto que o dorso de Saphira. Mesmo Glaedr, quando vivo, teria parecido diminuto ao lado do dragão morto.

Ali está Belgabad, o maior de todos nós, disse Glaedr, ao reparar no objeto da atenção de Eragon.

Eragon lembrava-se vagamente do nome de uma das histórias que lera em Ellesméra; o autor escrevera apenas que Belgabad tinha estado presente na batalha e fora morto durante o combate, tal como muitos outros.

Quem era o seu Cavaleiro?, perguntou ele.

Ele não tinha Cavaleiro. Era um dragão selvagem. Durante séculos viveu sozinho nas regiões geladas do Norte. Mas quando Galbatorix e os Renegados começaram a chacinar a nossa espécie, ele veio em nosso auxílio.

Foi o maior dragão de sempre?

De sempre não, mas nessa altura, sim.

Como encontrava o suficiente que comer?

Naquela idade e com aquele tamanho, os dragões passam a maior parte do tempo num transe letárgico, a sonhar com que o que lhes vem à cabeça, seja a rotação das estrelas, a queda de montanhas ao longo de eras, ou até mesmo algo tão insignificante como o movimento das asas de uma borboleta. Eu já sinto o fascínio dessa letargia, mas estou desperto e assim continuarei.

Conheceste... Belgabad?, perguntou Saphira, fatigada, proferindo as palavras a custo.

Encontrei-o, mas não o conhecia. Em regra, os dragões selvagens não convivem com os dragões ligados a Cavaleiros. Olham-nos com desdém por sermos demasiado mansos e obedientes, e nós olhamo-los com desdém por se deixarem levar demasiado pelos instintos, embora por vezes os admiremos exatamente por isso. Além de que, não te podes esquecer que eles não tinham uma linguagem própria. Isso gerou mais diferenças entre nós do que possas imaginar. A linguagem altera a tua mente de formas difíceis de explicar. Os dragões selvagens conseguiam comunicar tão eficazmente como um anão ou um elfo, claro; mas faziam-no partilhando memórias, imagens e sensações, e não palavras. Só os mais hábeis conseguiam aprender esta ou aquela língua.

Glaedr fez uma pausa, acrescentando:

Se a memória não me engana Belgabad era um antepassado distante de Raugnar, o Negro, e Raugnar, como creio que estás recordada, Saphira, era pai do trisavô de tua mãe, Vervada.

Saphira estava tão exausta que reagia lentamente mas, por fim, voltou a torcer o pescoço para olhar o enorme esqueleto.

Devia ser um bom caçador para ficar tão grande.

Era o melhor, disse Glaedr.

Nesse caso... fico feliz por ser do sangue dele.

Eragon ficou pasmado com o número de ossos espalhados pelo chão. Até então, não se tinha apercebido bem da dimensão da batalha, nem do número de dragões que outrora existiam. Ao ver aquele cenário, o seu ódio por Galbatorix redobrou, e ele voltou a jurar a si mesmo que mataria o rei.

Saphira mergulhou num banco de nevoeiro e névoa branca e rodopiou em torno da ponta das suas asas, produzindo pequenos redemoinhos no céu. De repente, um campo de erva revolta surgiu diante de si e ela aterrou violentamente. A pata dianteira, direita, cedeu, ela tombou para o lado e caiu sobre o peito e o flanco, varrendo o chão com uma força tal que Eragon teria ficado enpalado no espigão da frente se não fossem as suas proteções.

Saphira ficou imóvel, atordoadas com o impacto. Depois levantou-se lentamente, recolheu as asas e agachou-se. Os arreios da sela rangiam ao encaminhar e o som parecia estranhamente alto naquela atmosfera silenciosa que impregnava o interior da ilha.

Eragon soltou as correias que tinha em torno das pernas e saltou para o chão. Estava húmido e mole, e as suas botas enterraram-se na terra húmida, fazendo-o cair sobre o joelho.

– Conseguimos – disse, impressionado. Aproximou-se da cabeça de Saphira e, quando ela baixou o pescoço para o olhar diretamente, ele colocou uma mão de cada lado da sua longa cabeça e encostou a testa ao seu focinho.

Obrigado, disse ele.

Eragon ouviu o estalido das pálpebras e sentiu a cabeça dela vibrar ao começar a ronronar.

Pouco depois largou-a e virou-se para olhar em redor. O campo onde Saphira aterrara ficava nas imediações da cidade, a norte. Havia pedaços de alvenaria rachada – alguns tão grandes como Saphira –, espalhados pela erva. Eragon ficou aliviado por ela não ter batido em nenhum.

O campo subia até ao contraforte da encosta mais próxima, que estava coberto de árvores. No local onde o campo se unia com a colina havia um grande largo pavimentado e, do lado oposto do largo, erguia-se uma pilha maciça de blocos de pedra que se prolongava cerca de um quilómetro e meio para norte. Intacto, o edifício devia ser um dos maiores da ilha e, certamente, um dos mais ornamentados, pois entre os blocos de pedra quadrados, usados para erguer as paredes, Eragon viu dúzias de colunas estriadas, bem como painéis esculpidos, representando vinhas e flores e uma horda de estátuas. A maior parte faltava várias partes do corpo, como se também tivessem participado na batalha.

Ali está a Grande Biblioteca, disse Glaedr, ou o que resta dela, depois de Galbatorix a ter saqueado.

Eragon virou-se lentamente, inspecionando a área em redor. A sul da biblioteca, viu linhas indistintas de caminhos abandonados, sob o campo de erva revolta. Os caminhos iam da biblioteca até a um pomar, que escondia o solo. Mas atrás das árvores erguia-se uma grande formação irregular de pedra, com mais de sessenta metros de altura, sobre a qual cresciam vários zimbrós nodosos.

Eragon sentiu uma centelha de excitação crescer dentro de si. Tinha a certeza, mas ainda assim perguntou:

É aquilo? Aquilo é o Rochedo de Kuthian?

Conseguia sentir Glaedr a observar a formação através dos seus olhos. Depois o dragão disse:

Parece-me estranhamente familiar, mas não me lembro quando o vi antes...

Eragon não precisava de qualquer outra confirmação.

– Vamos! – disse, abrindo caminho pela erva que lhe dava pela cintura em direção ao carreiro mais próximo. Aí a erva não era tão cerrada e ele conseguia sentir as pedras duras da calçada, debaixo dos pés, em vez da terra ensopada pela chuva. Percorreu apressadamente o caminho, seguido de perto por Saphira, e entraram juntos no pomar mergulhado nas sombras. Caminhavam cautelosamente, pois as árvores pareciam atentas e vigilantes, e havia algo de sinistro na forma dos ramos. Era como se as árvores estivessem à espera de os apanhar nas suas garras lascadas.

Eragon suspirou de alívio quando saíram do pomar.

O Rochedo de Kuthian erguia-se no extremo de uma grande clareira com um emaranhado de rosas, cardos, framboesas e abiotos. Atrás da saliência de pedra existiam fiadas e fiadas de abetos, estendendo-se até à montanha, que se erguia muitos metros acima. A tagarelice zangada dos esquilos ecoava por entre os troncos das árvores, mas dos animais nem um bigode se via.

Em torno da clareira havia três bancos de pedra – meio escondidos sob as camadas de raízes, trepadeiras e plantas rasteiras – à mesma distância uns dos outros. De um lado havia um salgueiro cujo tronco aberto, semelhante a uma treliça, servira em tempos de caramanchão, onde os Cavaleiros se sentavam para apreciar a

paisagem. Porém, nos últimos cem anos, o tronco tomara-se demasiado grosso para qualquer homem, elfo ou anão passar através dele.

Eragon parou junto da clareira e olhou para o Rochedo de Kuthian. Junto dele, Saphira bufou e deixou-se cair de barriga, fazendo estremecer o chão, pelo que ele teve de dobrar os joelhos para manter o equilíbrio. Esfregou-lhe o flanco e voltou a olhar para a torre de pedra. Uma expectativa de ansiedade cresceu dentro dele.

Abrrindo a mente, Eragon esquadrinhou a clareira e as árvores para lá dela, verificando se não havia alguém escondido, à espera, para os emboscar, mas os únicos seres vivos que detetou foram plantas, insetos, toupeiras, ratos e cobras que viviam na vegetação da clareira.

Depois começou a compor os feitiços que esperava que lhe permitissem detetar quaisquer armadilhas mágicas naquela área. Proferira apenas algumas palavras, quando Glaedr disse:

Para. Tu e Saphira estão demasiado cansados para fazerem isso, agora. Primeiro descansem. Amanhã voltaremos para ver o que descobrimos.

Mas...

Vocês não estão em condições de se defenderem se tivermos de lutar. Seja o que for que procuremos, estará cá amanhã de manhã.

Eragon hesitou, mas desistiu do feitiço com relutância. Sabia que Glaedr tinha razão, mas detestava ter de esperar, quando estavam tão perto de concluir a sua demanda.

Muito bem, disse, e voltou a subir para o dorso de Saphira.

Bufando pesadamente, Saphira levantou-se, virou-se devagar, e percorreu mais uma vez o pomar. O pesado impacto das suas patas fez soltar algumas folhas secas das copas das árvores, uma delas aterrou no colo de Eragon. Pegou nela e estava prestes a deitá-la fora, quando reparou que a folha não tinha o formato que era suposto ter: o recorte serrilhado era mais longo e mais largo do que o de qualquer outra folha de macieira que ele tivesse visto antes, e os veios formavam padrões aparentemente aleatórios em vez da teia regular de linhas que imaginara ver.

Pegou noutra folha, esta ainda estava verde. Tal como a sua parente ressequida, a folha verde tinha um serrilhado maior e um confuso mapa de veios.

Desde a batalha que as coisas aqui deixaram de ser como antes, disse Glaedr.

Eragon franziu o sobrolho e deitou as folhas fora. Voltou a ouvir a tagarelice dos esquilos e não conseguiu ver nenhum entre as árvores, tão-pouco os conseguia sentir com a mente, o que o preocupou.

Se eu tivesse escamas este sítio dar-me-ia comichões, disse ele a Saphira.

Ela roncou divertida, libertando uma pequena baforada de fumo pelas narinas.

Do pomar, seguiram para Sul até alcançarem um dos muitos ribeiros que fluíam para lá das montanhas: um estreito riacho, branco, que borbulhava suavemente ao correr sobre o leito de pedras. Saphira virou, seguindo o curso do ribeiro até a um prado abrigado, perto dos limites da floresta de verdura perene.

Aqui, disse Saphira, deixando-se cair no chão.

Parecia um bom local para acampar e Saphira não estava em condições de continuar, por isso Eragon concordou, desmontando. Parou por instantes para apreciar a vista sobre o vale, depois tirou a sela e os alforges de Saphira. Ela sacudiu a cabeça e mexeu os flancos, torcendo a cabeça para morder um local onde os arreios lhe tinham esfolado a pele.

Depois, sem mais ruído, enroscou-se na erva, enfiou o focinho debaixo da asa e enrolou a cauda em torno do corpo.

Não me acordem a não ser que algo nos esteja a tentar comer, disse ela.

Eragon sorriu e bateu-lhe ao de leve na cauda, virando-se para olhar de novo o vale. Ficou ali durante algum tempo, quase sem pensar, contentando-se em observar e existir sem fazer qualquer esforço para desvendar o significado daquele mundo em redor.

Por fim, foi buscar o cobertor, que estendeu ao lado de Saphira.

Ficas de guarda?, perguntou a Glaedr.

Eu fico de guarda. Descansa e não te preocupes.

Eragon acenou com a cabeça, mesmo sabendo que Glaedr não o podia ver. Depois deitou-se no cobertor e entregou-se às suas divagações.

SNALGLÍ PARA DOIS

Era já fim da tarde quando Eragon despertou. O manto de nuvens abriu-se em vários pontos e raios de luz dourada cobriam o vale, iluminando o topo dos edifícios em ruínas. Embora o vale parecesse ainda frio, húmido e inóspito, a luz conferia-lhe uma outra majestade e Eragon percebeu, pela primeira vez, o motivo por que os Cavaleiros tinham decidido instalar-se na ilha.

Bocejou e olhou para Saphira, tocando-lhe levemente na mente. Ela estava ainda mergulhada num sono sem sonhos. A sua consciência era como uma chama que enfraquecera até ficar reduzida a um carvão em brasa, que tanto poderia apagar-se como reacender.

A sensação inquietou-o, lembrando-lhe demasiado a morte. Por isso recolheu-se na sua própria mente e reduziu o contacto a um fio de pensamentos: apenas o suficiente para ter a certeza de que ela estava em segurança.

Na floresta, atrás de si, dois esquilos começaram a resmungar um com o outro, produzindo uma série de guinchos estridentes, e ele franziu o sobrolho ao ouvi-los. Os sons pareciam-lhe demasiado agudos, demasiado acelerados e chilreantes. Era como se uma outra criatura estivesse a imitar os gritos dos esquilos.

Sentiu um formigueiro no couro cabeludo ao pensar no assunto.

Durante mais de uma hora, ele manteve-se deitado a ouvir os guinchos e a algaraviada que vinha dos bosques, observando os padrões de luz, enquanto estes se projetavam nas colinas, campos e montanhas do vale semelhante a uma taça. Depois os intervalos nas nuvens fecharam-se, o céu escureceu e a neve começou a cair na parte superior das encostas das montanhas, pintando-as de branco.

Eragon levantou-se e disse a Glaedr:

Vou buscar lenha, volto dentro de alguns minutos.

O dragão anuiu e Eragon percorreu cautelosamente o prado até à floresta, fazendo os possíveis para não fazer barulho e não perturbar Saphira. Assim que alcançou as árvores, acelerou o passo. Embora houvesse inúmeros ramos mortos, caídos na periferia da floresta, ele queria esticar as pernas e, se possível, descobrir de onde vinha a aquela algazarra.

As sombras debaixo das árvores eram cerradas. O ar estava fresco e parado, como numa caverna subterrânea, e cheirava a fungos, madeira apodrecida e a seiva derramada. O musgo e os líquens suspensos nos ramos eram como pedaços de renda esfarrapada, manchada e ensopada, mas conservavam uma beleza delicada e dividiam o interior da floresta em células de diversos tamanhos, tomando difícil ver a mais de quinze metros de distância, em qualquer direção.

Eragon usou o borbulhar do riacho para se orientar, embrenhando-se mais na floresta. Agora que estava mais perto das árvores de verdura perene, apercebia-se de que estas não eram iguais às da Espinha, nem às de Du Weldenvarden; tinham cachos de sete agulhas em vez de três e, mesmo que se tratasse de um efeito da luz do poente, a escuridão parecia agarrada às árvores, como se o tronco e os ramos estivessem envoltos num manto. Além disso, tudo nas árvores – desde as gretas na casca até às raízes salientes e aos cones em escada – parecia ter contornos particularmente angulosos e arrojadados, como se elas estivessem prestes a libertar-se da terra e a descer até à cidade, lá em baixo.

Eragon estremeceu e desembainhou parcialmente Brisingr. Nunca estivera numa floresta que lhe parecesse tão ameaçadora. Era como se as árvores estivessem zangadas, como se quisessem apanhá-lo e separar-lhe a carne dos ossos – à semelhança das árvores no pomar.

Afastou uma franja de líquens amarelos, com as costas da mão, e avançou cautelosamente.

Até então, não vira sinais de caça, nem encontrara qualquer indício de lobos ou ursos, o que o intrigou. A tão curta distância do riacho deveria haver trilhos até à água.

Talvez os animais evitem esta parte da floresta, pensou. Mas porquê?

Havia um tronco caído no caminho. Passou por cima dele e enterrou a bota num tapete de musgo até ao tornozelo. Instantes depois, começou a sentir comichão na gedwëy ignasia, na palma da mão, e ouviu um coro minúsculo de cri-cri e cri-cras, vendo meia dúzia de larvas semelhantes a lesmas – cada uma do tamanho do seu polegar – que irrompiam do musgo, saltando para longe dele.

Um instinto ancestral compeliu-o a parar, exatamente como faria ao confrontar-se com uma serpente. Ficou imóvel, sem pestanejar, sem respirar, enquanto as grotescas larvas fugiam, tentando ao mesmo tempo lembrar-se de qualquer referência a elas durante o seu treino em Ellesméra. Mas não se lembrava de ouvir falar em tais criaturas.

Glaedr! O que é aquilo?, perguntou ele mostrando as larvas ao dragão. Como se chamam na língua antiga?

Para sua consternação, Glaedr respondeu:

Não as reconheço, nunca vi nem ouvi falar em nada semelhante. São inéditas em Vroengard e em Alagaësia. Não deixes que elas te toquem, podem ser mais perigosas do que parecem.

Assim que Eragon se distanciou alguns metros delas, as larvas sem nome saltaram mais alto do que seria normal, voltando a mergulhar no musgo com um sonoro cri-cro. Ao aterrarem, dividiram-se numa infinidade de centípedes verdes, que desapareceram rapidamente no emaranhado de musgo.

Só então Eragon voltou a respirar.

Não deviam existir, comentou Glaedr, num tom preocupado.

Eragon levantou lentamente a bota do musgo e recuou para trás do tronco. Ao examinar o musgo mais atentamente percebeu que o que antes julgara serem as pontas de ramos velhos a irromper do manto de vegetação eram, na verdade, pedaços de costelas e armações partidas – os restos mortais de um ou mais veados.

Após um momento de reflexão, ele deu meia-volta e regressou pelo mesmo caminho, desta vez, fazendo os possíveis para evitar todos os pedaços de musgo, o que não se revelava tarefa fácil.

Não valia a pena arriscar a vida para encontrar o que quer que fosse que estivesse a fazer aquela algazarra na floresta – muito menos desconfiando que havia coisas bem piores do que larvas entre as árvores. Continuava a sentir comichão na palma da mão e sabia, por experiência, que isso significava que havia algo de perigoso por perto.

Quando avistou o prado e as escamas azuis de Saphira por entre os troncos das árvores, virou e encaminhou-se para o riacho. A margem do ribeiro estava coberta de musgo, por isso caminhou sobre os troncos e as pedras até chegar a uma rocha plana no meio da água.

Aí agachou-se, tirou as luvas e lavou as mãos, o rosto e o pescoço. A água gelada era revigorante. Momentos depois, começou a sentir calor nas orelhas e todo o seu corpo começou a ficar quente.

Ao limpar as últimas gotas de água do pescoço, ouviu uma algazarra sobre o riacho.

Mexendo-se o menos possível, olhou para o topo das árvores na margem oposta.

Quatro espetros estavam sentados num ramo, a nove metros de altura. Tinham grandes plumas pontiagudas que se estendiam em todas as direções, em torno da cabeça negra, oval. Uns olhos brancos, oblíquos, em forma de fenda, brilhavam no meio de cada oval e o olhar era tão vazio que não era possível perceber para onde

estavam a olhar. Mas o mais desconcertante era que os espetros – como todos os do seu género – não tinham profundidade. Quando se viravam de lado, simplesmente desapareciam.

Sem desviar o olhar deles, Eragon esticou a mão e agarrou no punho de Brisingr.

A sombra mais à esquerda agitou as plumas e emitiu o mesmo ruído estridente que ele confundira com o som de um esquilo. Dois outros espetros fizeram o mesmo e a floresta ecoou com o clamor estridente dos guinchos.

Eragon pensou em alcançar-lhes as mentes, mas ao recordar os Fanghur no caminho para Ellesméra, afastou a ideia, achando-a imprudente.

Depois ele disse em voz baixa:

– Eka aí fricai un Shur’tugal – eu sou um Cavaleiro e um amigo.

Os espetros pareceram fixar os olhos brilhantes nele e, por instantes, tudo o que se ouvia era apenas o murmúrio suave do riacho. Logo começaram a tagarelar e o brilho dos seus olhos aumentou até estes se assemelharem a pedaços de ferro incandescente.

Ao fim de alguns minutos, vendo que os espetros não o tinham atacado, nem pareciam fazer tentações de partir, Eragon levantou-se e esticou cuidadosamente o pé até à pedra atrás de si.

O movimento pareceu alarmar os espetros, que guincharam em uníssono. A seguir, encolheram os ombros, sacudiram-se e apareceram quatro grandes corujas no seu lugar, com as mesmas plumas aguçadas em torno do rosto mosqueado. As corujas abriram os bicos amarelos e começaram a tagarelar, repreendendo-o tal como os esquilos fariam. Finalmente levantaram voo e voaram silenciosamente para o meio das árvores, desaparecendo de imediato por trás de uma parede de pesados galhos.

– Barzûl – disse Eragon, saltando para trás, e regressou ao prado pelo mesmo caminho, parando apenas para apanhar um feixe de ramos caídos.

Assim que chegou junto de Saphira, poisou a lenha no chão, ajoelhou-se e lançou todos os feitiços que lhe vieram à cabeça. Glaedr recomendou-lhe um de que ele se esquecera e depois disse-lhe:

Nenhuma destas criaturas estava aqui quando Oromis e eu regressámos, depois da batalha, e elas não são como deveriam ser. A magia que foi utilizada distorceu o local e todos os que aqui vivem. Este local agora é maligno.

Que criaturas?, perguntou Saphira, abrindo os olhos e bocejando – uma visão intimidante. Eragon partilhou as suas memórias com ela e Saphira disse:

Devias ter-me levado contigo. Eu poderia ter comido as larvas e os pássaros espetro, assim tu já não terias nada a recear.

Saphira!

Ela revirou-lhe o olho.

Tenho fome. Há algum motivo para que não pudesse comer essas estranhas criaturas, fossem elas mágicas ou não?

Poderiam ser elas a comer-te a ti, Saphira Bjartskular, disse Glaedr. Tu conheces a primeira lei da caça tão bem como eu: não persigas a tua presa até teres a certeza de que é presa, ao contrário é bem provável que acabes por servir de refeição a outra coisa qualquer.

– Se fosse a ti também não me daria ao trabalho de procurar veados – disse Eragon. – Duvido que restem muitos, além disso é quase noite e, mesmo que não fosse, não creio que fosse seguro caçar.

Ela resmungou baixinho:

Muito bem, vou continuar a dormir, mas amanhã de manhã vou caçar, por muito perigoso que seja. Tenho o estômago vazio e tenho de comer antes de voltar a atravessar o mar.

Fiel à sua palavra, Saphira fechou os olhos e voltou a adormecer de imediato.

Eragon fez uma pequena fogueira, comeu uma magra ceia e viu a escuridão abater-se sobre o vale. Ele e Glaedr discutiram os planos para o dia seguinte e Glaedr contou-lhe mais um pouco da história da ilha, antes de os Elfos chegarem a Alagaësia, quando Vroengard era apenas uma província de dragões.

Antes da luz desaparecer por completo do céu, o velho dragão disse:

Gostarias de ver como era Vroengard durante a era dos Cavaleiros?

Sim, respondeu Eragon.

Então, olha, disse Glaedr e Eragon sentiu o dragão apossar-se da sua mente, derramando nela uma torrente de imagens e sensações. A visão de Eragon mudou e ele viu uma réplica fantasmagórica do vale, ao cimo da paisagem. A memória era do vale ao crepúsculo, tal como naquele momento, mas o céu não tinha nuvens e uma imensidão de estrelas cintilantes brilhava sobre Aras Thelduin, o grande anel de montanhas. As árvores desse passado remoto pareciam mais altas, mais direitas e menos agoirentas, e os edifícios dos Cavaleiros, ao longo do vale, estavam intactos, brilhando ao lusco-fusco como pálidos faróis, com a luz suave das lanternas sem chama dos Elfos. Nessa altura, as paredes ocre não se apresentavam tão cobertas de eras e de musgo, e os palácios e as torres tinham uma nobreza que as ruínas não possuíam. Ao longo dos caminhos pavimentados e a grande altitude, Eragon distinguiu as formas cintilantes de inúmeros dragões: graciosos gigantes com os tesouros de milhares de reis reunidos na pele.

A aparição prolongou-se durante mais alguns momentos. Depois Glaedr libertou a mente de Eragon e o vale voltou a parecer exatamente o que era naquele momento.

Era lindo, reagiu Eragon.

Lá isso era, mas já não é.

Eragon continuou a estudar o vale, comparando-o com o que Glaedr lhe mostrara, e franziu o sobrolho ao distinguir uma linha de luzes flutuantes – lanternas, deduziu ele – no interior da cidade abandonada. Sussurrou um feitiço para melhorar a visão e conseguiu identificar uma fila de figuras encapuçadas, de túnicas escuras, a caminharem lentamente por entre as ruínas. Pareciam solenes e sinistras, e havia qualquer coisa de ritualista no ritmo calculado dos passos e no balanço padronizado das lanternas.

Quem são eles?, perguntou a Glaedr, sentindo estar a testemunhar algo que mais ninguém deveria ver.

Não sei. Talvez os descendentes dos que se esconderam durante a batalha. Talvez sejam homens da tua raça que decidiram instalar-se aqui, depois da queda dos Cavaleiros, ou então aqueles que adoram dragões e Cavaleiros como deuses.

Há mesmo quem o faça?

Antes havia. Nós desencorajávamos essa prática mas, mesmo assim, era habitual em muitas das regiões isoladas de Alagaësia... Creio que foi bom teres erguido as proteções.

Eragon viu as figuras encapuçadas percorrerem a cidade, durante quase uma hora. Logo que chegaram ao lado oposto da cidade, as lanternas apagaram-se, uma por uma, e Eragon não conseguiu ver para onde tinham ido as figuras que seguravam nelas, nem mesmo com a ajuda de magia.

Depois, apagou o fogo com alguns punhados de terra e meteu-se debaixo do cobertor para descansar.

Eragon! Saphira! Acordem!

Eragon abriu os olhos de repente, sentando-se direito e agarrando em Brisingr.

Tudo estava escuro à exceção do brilho vermelho e mortiço das brasas, à sua direita, e de uma faixa esfarrapada de céu a Este. Embora houvesse pouca luz, Eragon conseguia distinguir os contornos da floresta, do prado... e do gigantesco caracol que deslizava pela erva, na sua direcção.

Eragon gritou e recuou atrapalhado. O caracol – cuja casca tinha mais de um metro e meio de altura – saltou, continuando depois a lambuzar o chão e arrastando-se na direção dele, com a velocidade de um homem a correr. Um silvo semelhante ao de uma serpente emanou da fenda negra da boca do animal. Os olhos ondulantes eram do tamanho dos punhos de Eragon.

Eragon percebeu que não teria tempo de se levantar, nem teria espaço suficiente para desembainhar Brisingr, assim deitado de costas. Preparou-se para lançar um feitiço, mas antes que o conseguisse fazer, a cabeça de Saphira passou por cima dele como uma flecha, abocanhando o caracol mais ou menos a meio do corpo. O casco do caracol estalou entre os seus caninos, com um ruído semelhante a ardósia a partir-se, e a criatura deixou escapar um guincho débil e trémulo.

Saphira torceu o pescoço, atirou a criatura ao ar, abriu a boca tanto quanto possível e engoliu-a inteira, sacudindo a cabeça duas vezes como um piscar a comer uma minhoca.

Baixando os olhos, Eragon viu outros quatro caracóis gigantes, um pouco mais longe, no declive. Uma das criaturas recolhera-se dentro da casca e as outras afastavam-se, apressadamente, sobre as barrigas ondulantes como saias.

– Ali! – gritou Eragon.

Saphira saltou para a frente e todo o seu corpo abandonou, por instantes, o solo. Depois aterrou sobre as quatro patas e abocanhou o primeiro, depois o segundo e, finalmente, o terceiro caracol. Não comeu o quarto – que estava escondido na casca – mas puxou a cabeça para trás e banhou-o com uma torrente de chamas azuis e amarelas, que iluminou a terra a mais de cem metros, em todas as direções.

Manteve as chamas apenas durante um segundo ou dois, agarrando depois no caracol fumegante com as mandíbulas – tão delicadamente como uma mãe gata seguraria numa cria – e levou-o para junto de Eragon, largando-o a seus pés. Ele olhou-o desconfiado, mas a criatura parecia morta e bem morta.

Agora já podes tomar um pequeno-almoço decente, disse Saphira.

Ele olhou-a e desatou a rir – continuando a rir até ficar dobrado sobre si, ofegante, com as mãos sobre os joelhos.

Qual é graça?, perguntou ela, cheirando a casca enegrecida pela fuligem.

Sim, porque te estás a rir, Eragon?, interpelou Glaedr.

Ele abanou a cabeça e continuou a arquejar, conseguindo por fim dizer:

– Porque... – Depois reverteu para a linguagem mental para que Glaedr o pudesse também ouvir. Caracol com ovos! E desatou a rir outra vez, sentindo-se totalmente idiota. Bifes de caracol!... Tens fome? Come uma antena! Estás cansado? Come um olho! Quem precisa de hidromel quando tem baba?! Poderia pôr as antenas numa caneca, como um ramo de flores e estas acabariam por... Ria tanto, que achou que seria impossível continuar a falar e deixou-se cair sobre o joelho, tentando recuperar o fôlego, com lágrimas de hilaridade a deslizarem-lhe no rosto.

Saphira entreabriu as mandíbulas e pareceu sorrir com os seus dentes aguçados, produzindo um ruído abafado na garganta.

Às vezes és muito estranho, Eragon. Ele conseguia sentir a sua hilaridade a contagiá-la. Saphira voltou a cheirar a casca. Um pouco de hidromel seria agradável.

– Pelo menos comeste – disse ele, com a mente e através da linguagem, em simultâneo.

Não o suficiente, mas o bastante para regressar aos Varden.

Quando parou de rir, Eragon tocou no caracol com a biqueira da bota.

Há tanto tempo que não há dragões em Vroengard, que ele nem deve ter percebido o que tu eras e decidiu fazer de mim uma refeição fácil... Teria sido de facto uma morte miserável, acabar como o jantar de um caracol.

Mas memorável, disse Saphira.

Mas memorável, anuiu ele, voltando a sentir vontade de rir.

O que disse eu que era a primeira lei da caça, jovens?, interrompeu Glaedr.

Eragon e Saphira responderam ao mesmo tempo:

Não persigas a tua presa até teres a certeza de que é uma presa.

Muito bem, comentou Glaedr.

Depois, Eragon disse:

Larvas saltadoras, pássaros espetro e caracóis gigantes... Como é possível que os feitiços lançados durante a batalha os tenham criado?

Os Cavaleiros, os dragões e os Renegados libertaram uma enorme quantidade de energia durante o conflito. Grande parte dessa energia estava associada a feitiços, mas havia uma parte que não estava. Os que sobreviveram para relatar a batalha disseram que o mundo enlouqueceu durante um período de tempo e nada do que viam ou sabiam era fiável. Alguma dessa energia deve ter-se instalado nos antepassados das larvas e dos pássaros que viram hoje, modificando-os. Contudo, estão enganados ao incluir os caracóis nas suas hostes. Os snalglí, como são conhecidos, sempre viveram aqui, em Vroengard. Eram um dos nossos alimentos preferidos, por razões que tu, Saphira, certamente entendes.

Saphira gemeu e lambeu as mandíbulas.

Para além da pele ser suave e saborosa, a casca é ótima para a digestão.

Se não passam de animais vulgares, porque é que as minhas proteções não os detiveram?, perguntou Eragon. No mínimo, deveriam ter-me prevenido do perigo iminente.

Isso pode ser uma consequência da batalha, respondeu Glaedr. Não foi a magia que criou os snalglí, mas não significa que eles não tivessem sido afetados pelas forças que devastaram este local. Não deveríamos ficar aqui mais tempo do que o necessário. É preferível imos embora, antes que outras criaturas escondidas na ilha decidam testar a nossa ténpera.

Com a ajuda de Saphira e de uma luz mágica, Eragon abriu a casca do caracol queimado, retirando a carcaça invertebrada do interior, uma tarefa nojenta e pegajosa que o deixou coberto de carne ensanguentada até aos cotovelos. Depois ele ordenou a Saphira que enterrasse a carne perto da cama de brasas.

A seguir, Saphira regressou ao local onde estivera deitada, na erva, voltou a enroscar-se e a adormecer, mas, desta vez, Eragon reuniu-se a ela. Pegando no cobertor e nos alforques que continham o coração dos corações de Glaedr, ele gatinhou para baixo da sua asa, instalando-se entre o pescoço e o corpo dela. E aí Eragon passou a noite, a pensar e a sonhar.

O dia seguinte apresentava-se tão cinzento e sombrio quanto o anterior. Uma leve camada de neve cobria a encosta da montanha e o topo dos contrafortes, e o frio que se fazia sentir levou Eragon a pensar que voltaria a nevar naquele dia.

Exausta, Saphira não se mexeu até o sol estar um palmo acima das montanhas. Eragon mostrava-se impaciente mas deixou-a dormir, pois era mais importante ela recuperar do voo até Vroengard do que começarem de manhã cedo.

Logo que acordou, Saphira desenterrou a carcaça do caracol e cozinhou um farto pequeno-almoço de caracol...

Eragon não sabia bem o que lhe chamar: bacon de caracol? Fosse lá o que fosse, as tiras de carne estavam deliciosas e ele comeu mais do que o habitual. Saphira devorou as sobras e, a seguir, esperaram uma hora, pois não seria sensato envolverem-se num combate de estômago cheio.

Finalmente, Eragon enrolou o cobertor, voltou a prender a sela a Saphira e partiram os três para o Rochedo de Kuthian.

O ROCHEDO DE KUTHIAN

A caminhada até ao pomar pareceu-lhes mais curta do que no dia anterior. As árvores nodosas apresentavam-se mais sinistras do que nunca e Eragon manteve a mão no punho de Brisingr enquanto permaneceram no aglomerado de árvores.

Tal como anteriormente, ele e Saphira pararam junto do emaranhado de vegetação da clareira, em frente ao Rochedo de Kuthian. Um bando de corvos que estava empoleirado no grosseiro rochedo, levantou voo grasnando ao ver Saphira – o que lhe pareceu o pior dos presságios.

Durante meia hora, Eragon manteve-se onde estava, lançando feitiço atrás de feitiço, em busca de qualquer tipo de magia que pudesse molestá-lo a ele e a Saphira ou a Glaedr. Ele descobriu uma série de encantamentos por toda a clareira, no Rochedo de Kuthian e – tanto quanto lhe era dado a entender – no resto da ilha. Alguns dos feitiços enraizados nas profundezas da terra tinham tanto poder que era como se tivesse um grande rio de energia a fluir debaixo dos pés. Outros eram insignificantes e aparentemente inócuos, afetando uma flor ou um ramo de árvore. Mais de metade dos encantamentos estavam latentes – ou porque não tinham energia ou porque já não havia objeto sobre o qual atuar, ou aguardavam que um determinado conjunto de circunstâncias se conjugasse – e alguns dos feitiços pareciam antagónicos, como se o propósito dos Cavaleiros, ou de quem os lançara, fosse modificar ou contrariar feitiços anteriores.

Eragon não conseguiu determinar o propósito da maioria dos feitiços, pois não havia qualquer registo das palavras utilizadas para os lançar, apenas estruturas de energia cuidadosamente criadas por feiticeiros, há muito desaparecidos, e essas estruturas eram difíceis, senão impossíveis de interpretar. Glaedr ajudou, pois conhecia muitos dos feitiços mais antigos e mais significativos lançados em Vroengard, de resto Eragon teve de se basear em suposições. Felizmente, embora nem sempre conseguisse perceber que efeito um determinado feitiço produziria, ele fora capaz de definir se este o iria afetar a ele, Saphira ou Glaedr. Contudo, era um processo complicado e que exigia encantamentos complexos, pelo que ele demorou mais de uma hora a examinar todos os feitiços.

O que mais o preocupava – a ele e a Glaedr – eram os feitiços que não tinham conseguido detetar. Descobrir encantamentos de outros feiticeiros revelar-se-ia uma tarefa muito mais difícil se estes tivessem tentado ocultar o seu trabalho.

Finalmente, quando Eragon se certificou de que já não havia armadilhas em torno do Rochedo de Kuthian, ele e Saphira atravessaram a clareira até à base do pináculo escarpado, coberto de líquens.

Eragon inclinou a cabeça para trás e observou o topo da formação. Parecia incrivelmente distante, mas nem ele nem Saphira viram nada de invulgar na pedra.

Vamos dizer os nossos nomes e resolver este assunto, sugeriu ele.

Eragon interrogou Glaedr e o dragão respondeu:

Não há qualquer motivo para adiar. Digam ambos o vosso nome que eu farei o mesmo.

Nervoso, Eragon fechou as mãos duas vezes, tirou o escudo das costas, desembainhou Brisingr e agachou-se:

– O meu nome – disse, num tom sonoro e claro – é Eragon Aniquilador de Espetros, filho de Brom.

O meu nome é Saphira Bjartskular, filha de Vervada.

E o meu é Glaedr Eldunari, filho de Nithring da cauda longa.

E aguardaram.

Os corvos grasnaram à distância, como se desdenhassem deles. A inquietação redemoinhava dentro de Eragon, mas ele ignorou-a, pois não esperava que fosse fácil abrir o cofre.

Tenta de novo, mas desta vez diz a tua parte na língua antiga, sugeriu Glaedr.

E Eragon disse:

– Nam iet er Eragon Sundavar-Vergandi, sönr abr Brom.

Depois Saphira repetiu o seu nome e a linhagem na língua antiga, tal como Glaedr.

Mais uma vez, nada aconteceu.

A inquietação de Eragon acentuou-se. “Se aquela viagem tivesse sido em vão...” Não, não havia motivo para ele pensar isso, por enquanto não.

Talvez todos os nossos nomes tenham de ser proferidos em voz alta, disse ele.

Como?, perguntou Saphira. Tenho de rugir para a pedra? E Glaedr?

Eu posso dizer os vossos nomes, disse Eragon.

Não me parece que seja isso, mas podemos tentar, disse Glaedr.

Nesta língua ou na língua antiga?

Na língua antiga, suponho, mas tenta em ambas para jogarmos pelo seguro.

Eragon recitou os seus nomes duas vezes, mas a pedra continuou imperturbável e inutável. Frustrado, Eragon acabou por dizer:

Talvez estejamos no sítio errado; talvez a entrada para o Cofre das Almas seja do outro lado da pedra ou no topo.

Se assim fosse não achas que as instruções do Domia abr Wyrda o diriam?, perguntou Glaedr.

Eragon baixou o escudo.

Haverá algum enigma fácil de entender?

E se só tu tiveres de dizer o teu nome?, disse Saphira a Eragon. Solembum não disse... “quando tudo parecer perdido e o teu poder for insuficiente, vai ao Rochedo de Kuthian e diz o teu nome para abrires o Cofre das Almas”. O teu nome, Eragon, não o meu ou o de Glaedr.

Eragon franziu o sobrolho.

É possível, mas se apenas o meu nome for necessário, talvez eu tenha de estar sozinho quando o proferir.

Saphira rosnou e saltou para o ar, despenteando Eragon e fustigando as plantas da clareira com o vento das suas asas.

Então experimenta e sê rápido!, disse ela, voando para Este e afastando-se do rochedo.

Quando Saphira estava a uns quatrocentos metros, Eragon voltou a olhar para a face irregular do rochedo, erguendo mais uma vez o escudo e voltando a dizer o seu nome, primeiro na sua própria língua e depois na língua dos Elfos.

Nenhuma porta ou entrada se revelou. Nenhuma brecha ou fissura surgiu na pedra. Nenhum símbolo emergia à superfície. O gigantesco pináculo parecia não passar uma peça maciça de granito, sem qualquer segredo.

Saphira!, gritou Eragon, mentalmente. Depois praguejou e começou a andar de um lado para o outro na clareira, dando pontapés nas pedras e nos ramos soltos.

Saphira voou para a clareira e ele voltou para a base do rochedo. As garras das patas traseiras abriram sulcos profundos na terra mole, ao aterrar, e ela bateu as asas no sentido inverso para abrandar e parar. Folhas e ervas rodopiavam em torno de Saphira, como que apanhadas num redemoinho.

Assim que ela aterrou sobre as quatro patas e recolheu as asas, Glaedr disse:

Suponho que não tenhas sido bem-sucedido.

Não, disse Eragon, bruscamente, olhando furioso para o pináculo.

O velho dragão pareceu suspirar.

Eu já receava isto. Só há uma explicação...

Que Solembum nos tivesse mentido? Que nos tivesse mandado para aqui às cegas, para que Galbatorix pudesse destruir os Varden na nossa ausência?

Não. Que para abrir este... este...

Cofre das Almas, disse Saphira.

Sim, este cofre de que ele vos falou... que para o abrir, tenham de dizer os nossos verdadeiros nomes.

As suas palavras caíram como pedregulhos. Durante algum tempo, nenhum falou. Aquela ideia intimidava-o e Eragon estava relutante em abordar o assunto, como se fazê-lo pudesse piorar a situação.

Mas, e se for uma armadilha..., disse Saphira.

Se for uma armadilha é diabólica, disse Glaedr. A pergunta que têm de colocar a vós próprios é se confiam em Solembum, na medida em que prosseguir é arriscar mais do que as nossas vidas; é pôr em risco a nossa liberdade. Se confiam nele, serão suficientemente honestos para descobrirem rapidamente os vossos verdadeiros nomes? Estão dispostos a viver com esse conhecimento, por muito desagradável que ele seja? É que se não estiverem, o melhor será irmos embora neste momento. Eu mudei desde a morte de Oromis, mas sei quem sou. E tu, Saphira? E tu Eragon, sabes? Conseguem realmente dizer-me o que faz de vós o dragão e o Cavaleiro que são?

O desalento cresceu dentro de Eragon, ao olhar para o Rochedo de Kuthian.

Quem sou eu?, pensou ele.

O MUNDO INTEIRO É UM SONHO

Nasuada riu para o céu estrelado em torno dela e caiu na direção de uma fenda de luz branca e cintilante, milhares de metros mais abaixo.

O vento fustigava-lhe os cabelos e a camisa de dormir ondulava descontroladamente, com as mangas esfarrapadas a açoitá-la como chicotes. Enormes morcegos negros, encharcados, aglomeravam-se em torno dela, mordendo-lhe as feridas com dentes cortantes que ardiam como gelo.

E ainda assim ela ria.

A fenda alargou-se e a luz envolveu-a, cegando-a durante um minuto. Quando a visão clareou, ela deu consigo de pé, no Salão da Profetisa, a olhar para si mesma, presa à laje cor de cinza. Junto do seu corpo inerte estava Galbatorix: alto, de ombros largos, com uma sombra no lugar do rosto e uma coroa de fogo escarlate na cabeça.

Ele virou-se para ela e estendeu-lhe a mão enluvada.

– Vamos, Nasuada, filha de Ajihad, esquece o teu orgulho e jura-me lealdade que eu dar-te-ei tudo o que sempre desejaste.

Ela fez um ruído displicente e atirou-se a ele de mãos esticadas, mas antes que conseguisse destroçar-lhe a garganta, o rei desapareceu numa nuvem de névoa negra.

– O que eu quero é matar-te! – gritou ela para o teto.

A voz de Galbatorix ecoou na câmara, vinda de todas as direções ao mesmo tempo:

– Então é aqui que ficarás até que entendas o erro da tua atitude. – Nasuada abriu os olhos. Continuava na laje, com os pulsos e os tomozelos acorrentados, e os ferimentos da larva carnívora a latejarem, como se nunca tivessem parado de lhe doer.

Ela franziu o sobrolho. “Estaria inconsciente, ou teria acabado de falar com o rei? Era tão difícil de perceber quando...”

A um canto da câmara, viu a ponta de uma trepadeira verde a irromper entre os azulejos pintados, rachando-os. Outras trepadeiras apareceram junto da primeira, perfurando do exterior, espalhando-se pelo chão e cobrindo-o de apêndices serpenteantes.

Ao vê-los rastejar na sua direção, Nasuada começou a rir. “Será que só consegue imaginar isto? Tenho sonhos mais estranhos quase todas as noites.”

Como que em resposta ao seu desdém, a laje por baixo dela derreteu-se para o chão e os filamentos ondulantes cercaram-na, enrolando-se em torno dos seus membros e prendendo-os mais firmemente do que quaisquer grilhetas. A sua visão toldava-se, à medida que as trepadeiras, por cima dela, se multiplicavam, e a única coisa que conseguia ouvir era o ruído das plantas a roçarem umas nas outras: um ruído seco e deslizante, como o de areia a cair.

O ar em seu redor tornou-se sufocante e quente, e pareceu-lhe sentir dificuldade em respirar. Se não soubesse que as trepadeiras eram apenas uma ilusão, poderia ter entrado em pânico. Em vez disso, cuspiu para a escuridão, amaldiçoando o nome de Galbatorix. Não era a primeira vez que o fazia, nem seria a última, tinha a certeza disso, mas recusava-se a dar-lhe o prazer de saber que ele a tinha apanhado de surpresa.

Luz... Raios dourados de sol projetavam-se sobre uma série de colinas ondulantes, salpicadas de campos e vinhedos. Ela estava à beira de um pequeno pátio, por baixo de uma latada, carregada de glórias floridas da manhã, cujas trepadeiras lhe pareciam desconfortavelmente familiares. Usava um lindo vestido amarelo. Tinha um cálice de vinho de cristal na mão direita e o sabor almiscarado a cerejas do vinho, na língua. Soprava uma brisa ligeira de Oeste. O ar estava quente e reconfortante, e cheirava a terra lavrada.

– Ah, aí estás tu – disse uma voz atrás de si. Ela virou-se e viu Murtagh a caminhar na sua direção, vindo de uma grande propriedade. Tinha um cálice de vinho na mão, tal como ela. Usava meias negras e um gibão de cetim, grená, debruado com tubulações douradas. Tinha uma adaga com jóias embutidas, pendurada no cinto decorado com tachas. Usava o cabelo mais comprido do que o habitual e parecia mais descontraído e confiante que nunca. Isso e a luz no seu rosto davam-lhe uma aparência surpreendentemente atraente – nobre até.

Reuniu-se a ela, debaixo da latada, e poitou-lhe uma mão no braço. O gesto parecia descontraído e íntimo.

– Minha descarada, abandonaste-me com o Lord Ferros e as suas histórias intermináveis. Demorei meia hora a desembaraçar-me dele. – Depois fez uma pausa, olhou-a mais de perto e ficou com uma expressão preocupada.

– Sentes-te doente? Estás com um rosto macilento.

Nasuada abriu a boca mas não conseguiu proferir uma palavra. Não sabia como reagir.

Murtagh franziu a testa.

– Tiveste outro ataque, não foi?

– N-não sei... não me lembro como vim aqui parar, ou... – E calou-se ao ver a dor nos olhos de Murtagh, embora ele se tivesse apressado a escondê-la.

A mão dele deslizou até ao fundo das suas costas, contornando-a para olhar a paisagem montanhosa. Esvaziou o cálice com um movimento rápido e depois disse em voz baixa:

– Eu sei que isto é confuso para ti... e já não é a primeira vez que acontece, mas... – Respirou fundo e abanou ligeiramente a cabeça. – Qual é a última coisa de que te lembras? Teim? Aberon? O cerco de Cithri?... O presente que te dei naquela noite em Eoam?

Uma terrível sensação de incerteza apossou-se dela.

– Urû’baen – sussurrou ela. – O Salão da Profetisa. São essas as minhas últimas memórias.

Por instantes sentiu a mão dele tremer contra as suas costas, mas o seu rosto não deixou transparecer qualquer reação.

– Urû’baen – repetiu ele, asperamente, olhando-a. – Nasuada... passaram oito anos desde Urû’baen.

“Não” pensou ela, “não pode ser.” E, no entanto, tudo o que via e sentia parecia tão real. Os movimentos do cabelo de Murtagh, despenteado pelo vento, o cheiro dos campos, o toque do vestido contra a pele – tudo parecia estar no devido lugar. Mas se ela estava realmente ali, por que motivo Murtagh não a tranquilizara, tocando-lhe na mente, como antes fizera? Ter-se-ia esquecido? Se tinham passado oito anos, talvez já não se lembrasse da promessa que lhe fizera há tanto tempo atrás, no Salão da Profetisa.

– Eu... – começou ela por dizer, mas depois ouviu uma mulher chamá-la:

– Senhora!

Olhou por cima do ombro e viu uma criada corpulenta a aproximar-se apressadamente, vinda da propriedade, com a parte da frente do avental a esvoaçar.

– Senhora – disse a criada, com reverência. – Lamento incomodar-vos, mas as crianças contavam com a vossa presença para os verdes encenar a peça para os convidados.

– Crianças? – sussurrou Nasuada, voltando a olhar para Murtagh, e viu lágrimas a cintilarem-lhe nos olhos.

– Sim – disse ele –, crianças. Quatro, todas elas fortes, saudáveis e alegres.

Ela estremeceu de emoção. Foi mais forte do que ela. Depois levantou o queixo.

– Mostra-me o que esqueci, mostra-me porque me esqueci.

Murtagh sorriu-lhe, com um ar aparentemente orgulhoso.

– O prazer será todo meu – disse e beijou-a na testa. Pegou no seu cálice e entregou ambos os copos à criada. Depois pegou-lhe nas mãos, fechou os olhos e curvou a cabeça.

Instantes depois, sentiu uma presença, a tocar-lhe na mente e foi então que percebeu: não era ele. Jamais poderia ser ele.

Furiosa com o logro e pela perda do que jamais iria acontecer, libertou a mão direita da de Murtagh, agarrou na adaga e enterrou-lhe a lâmina no flanco, gritando:

Em El-harim vivia um homem, um homem de olhos amarelos!

Que me disse: cautela com os sussurros, porque sussurram mentiras!

Murtagh olhou-a com uma expressão curiosamente vazia e depois desapareceu diante dela. Tudo em redor de si – a latada, o pátio, a propriedade, as colinas com os vinhedos – desapareceu e Nasuada deu consigo a flutuar num vazio, sem luz nem som. Tentou prosseguir a ladainha, mas a garganta não produziu qualquer som. Não conseguia sequer ouvir o latejar da pulsação nas suas veias.

Depois sentiu a escuridão distorcer-se e...

Caiu sobre as mãos e os joelhos. Pedras aguçadas arranhavam-lhe as palmas das mãos. Piscou os olhos enquanto eles se adaptavam à luz, levantou-se e olhou em redor.

Névoa e serpentinas de fumo pairavam ao longo de um campo árido, semelhante às Planícies Flamejantes.

Estava mais uma vez com a camisa de dormir e descalça.

Algo rugiu atrás dela. Virou-se e viu um Kull de três metros e meio de altura, a brandir um bastão do seu tamanho, revestido de ferro. Ouviu outro rugido à esquerda e viu um segundo Kull, e quatro Urgals mais pequenos. Depois duas figuras corcundas, encapuçadas irromperam da névoa esbranquiçada, correndo na direção dela, a chilrear e a acenar com as suas espadas em forma de folha. Embora nunca as tivesse visto antes, sabia que eram Ra'zac.

Voltou a rir-se. Agora Galbatorix estava apenas a tentar castigá-la.

Ignorando os inimigos que se aproximavam – que sabia jamais poder matar e dos quais jamais poderia escapar – sentou-se no chão de pernas cruzadas e começou a cantarolar uma velha canção de anões.

As tentativas iniciais de Galbatorix para a enganar tinham sido subtis e poderiam muito bem tê-la enganado, se Murtagh não a tivesse avisado antecipadamente. Para manter a ajuda de Murtagh em segredo, ela fingiu ignorar que Galbatorix estava a manipular a sua percepção da realidade. Mas, independentemente do que visse ou sentisse, não permitiria que o rei a compelsse a pensar naquilo em que não podia pensar ou, bem pior, a jurar-lhe lealdade.

Desafiá-lo nem sempre se tinha revelado fácil, mas ela agarrara-se aos seus rituais de pensamento e discurso e, através deles, conseguira frustrar os intentos do rei.

A primeira ilusão fora de uma outra mulher, Rialla, que se reunira a ela no Salão da Profetisa como companheira de cárcere. A mulher dizia estar secretamente casada com um dos espiões dos Varden, em Urû'baen, e que fora capturada ao levar-lhe uma mensagem. Aparentemente, durante uma semana, Rialla tentou agradar a Nasuada e convencê-la, de forma indireta, que a campanha dos Varden estava condenada ao fracasso, que os seus motivos para lutar eram um equívoco e que era perfeitamente justo e adequado que se submetessem à autoridade de Galbatorix.

A princípio, Nasuada não se apercebera de que a própria Rialla era uma ilusão, deduzindo que Galbatorix estivesse a distorcer as palavras da mulher, ou talvez a interferir com as suas emoções, para a tornar mais suscetível aos argumentos de Rialla.

Com o arrastar dos dias, vendo que Murtagh não a visitava nem a contactava, Nasuada começou a reear que ele a tivesse deixado à mercê de Galbatorix. A ideia angustiou-a mais do que gostaria de admitir e ela deu consigo quase sempre preocupada com isso.

Depois começou a pensar por que motivo Galbatorix não viera torturá-la durante a semana e ocorreu-lhe que, se tivesse passado esse período, os Varden e os Elfos já teriam atacado Urû'baen e Galbatorix teria certamente falado no assunto, nem que fosse para se gabar. Além disso, o comportamento algo estranho de Rialla, associado a uma série de lacunas inexplicáveis na sua memória, a contenção de Galbatorix e o silêncio persistente de Murtagh – pois não acreditava que ele faltasse à sua palavra – convenceu-a de que Rialla era uma aparição – por muito estranho que parecesse – e que o tempo já não era o que parecia.

Ficou abalada ao perceber que Galbatorix conseguia deturpar o número de dias que ela julgava terem passado e abominou a ideia. A sua noção do tempo tornara-se vaga durante o cativeiro, de qualquer modo conseguia manter uma certa consciência da passagem dos dias. Perder isso e desligar-se do tempo, significava ficar ainda mais à mercê de Galbatorix, uma vez que ele conseguia prolongar ou abreviar as suas experiências de acordo com a sua conveniência.

Ainda assim, Nasuada continuou determinada a resistir à coerção de Galbatorix, por muito tempo que lhe parecesse estar a passar. Se tivesse que suportar cem anos na cela, suportá-los-ia.

Ao revelar-se imune aos sussurros insidiosos de Rialla – e confrontar, finalmente, a mulher por ser uma cobarde e uma traidora –, a ficção fora removida da sua cela e Galbatorix passara a outro estratagemas.

Depois disso, as fraudes tornaram-se cada vez mais elaboradas e improváveis, embora nenhuma infringisse as leis da lógica nem fosse antagónica ao que ele já lhe mostrara, pois o rei continuava a tentar mantê-la alheia à sua interferência.

Os seus esforços culminaram quando Galbatorix pareceu levá-la da câmara, para uma cela numa masmorra, num outro ponto da cidadela, onde ela julgou ver Eragon e Saphira acorrentados. Galbatorix ameaçara matar Eragon, a menos que ela lhe jurasse lealdade. Quando ela recusou, para desagrado – e aparente surpresa – de Galbatorix, Eragon gritou um feitiço que os libertou aos três. Depois de um breve duelo, Galbatorix fugiu – algo que Nasuada duvidava que ele o fizesse na realidade – e Eragon, Saphira e ela tentaram escapar da cidadela.

Tinha sido uma experiência bastante arrojada e excitante, e ela sentiu-se tentada a descobrir como as coisas iriam terminar. Mas, nessa altura, achou que já tinha colaborado o suficiente com o logro de Galbatorix, agarrando-se à primeira discrepância em que reparou – a forma das escamas, em torno dos olhos de Saphira – e usando-a como desculpa para fingir aperceber-se de que o mundo em seu redor não passava de uma ilusão.

– Tu prometeste não me mentir enquanto eu estivesse no Salão da Profetisa! – gritara ela para o ar. – O que é isto senão uma mentira, seu traidor?

Galbatorix ficou terrivelmente irado com a sua descoberta. Ouviu um rugido digno de um dragão do tamanho de uma montanha e ele pôs de parte toda a subtilidade, sujeitando-a a uma série de tormentos bastante imaginativos.

Quando a última das aparições se desfz e Murtagh a contactou para lhe dizer que poderia de novo confiar nos seus sentidos, aquele toque da sua mente deixou-a mais feliz do que nunca.

Nessa noite, ele foi ter com ela e passaram horas, sentados, a conversar. Ele informou-a acerca dos avanços dos Varden – que estavam prestes a chegar à capital – e acerca dos preparativos do Império, dizendo-lhe que julgava ter descoberto uma forma de a libertar. Quando ela insistiu para que lhe desse mais detalhes ele recusou, dizendo:

– Preciso de mais um dia ou dois para ver se vai resultar. Mas há uma maneira, Nasuada, anima-te!

A sua honestidade e preocupação encorajaram-na. Mesmo que nunca conseguisse fugir, sentiu-se feliz por saber que não estava sozinha no cativeiro.

Depois de lhe relatar algumas das coisas que Galbatorix lhe tinha feito e a forma como ela frustrara os seus planos, Murtagh riu-se.

– Tu revelaste-te um desafio maior do que ele imaginava. Há muito que ninguém lhe dava tanta luta. Eu certamente que não dei... Percebo um pouco do assunto, mas sei que é muito difícil criar ilusões creíveis. Qualquer feiticeiro competente poderá dar-te a ilusão de estares a flutuar, de sentires frio ou calor ou de veres uma flor crescer diante de ti. Qualquer um poderá conseguir criar pequenas coisas complexas, ou grandes coisas simples, mas é necessária uma grande concentração para manter essas ilusões. Se a tua atenção vacilar, a flor poderá subitamente ter quatro pétalas em vez de dez, ou desaparecer por completo. Os detalhes são o mais difícil de reproduzir. A natureza está repleta de detalhes, mas a nossa mente consegue apenas reter parte deles. Se alguma vez não souberes se o que estás a ver é real, repara nos detalhes. Procura evidências terrenas que o feiticeiro não saiba, ou se esqueceu que deviam estar presentes, ou que decidiu seguir por um atalho para conservar energia.

– Se é tão difícil, como é que Galbatorix consegue?

– Está a usar os Eldunarís.

– Todos eles?

Murtagh acenou com a cabeça.

– Eles fornecem-lhe a energia e os detalhes necessários, e ele canaliza-os como muito bem entende.

– Então, as coisas que vejo são criadas a partir da memória de dragões? – perguntou ela, ligeiramente assombrada.

Murtagh voltou a acenar com a cabeça.

– A partir das memórias deles e dos seus Cavaleiros, no caso daqueles que tinham Cavaleiros.

Na manhã seguinte, Murtagh acordara-a com uma rápida descarga mental, informando-a que Galbatorix estava prestes a recomeçar. Depois disso, Nasuada foi assaltada por fantasmas e ilusões de todo o tipo. Mas, à medida que o dia passava, ela reparou que as visões – com raras e honrosas exceções, tal como a ilusão de ela e de Murtagh na propriedade – tornavam-se cada vez mais confusas e simples, como se Galbatorix e os Eldunarís estivessem a ficar cansados.

Agora ela estava numa planície árida, a cantarolar uma canção dos anões, enquanto era atacada por Kulls, Urgals e Ra'zac. Eles apanharam-na, bateram-lhe e golpearam-na, e ela por vezes gritava, desejando que a dor terminasse, mas nem uma única vez pensou em ceder aos intentos de Galbatorix.

Depois a planície desapareceu, bem como uma boa parte do sofrimento, e ela recordou a si mesma: “Isto só existe na minha cabeça. Não vou ceder. Não sou um animal. Consigo superar as fraquezas da carne.”

Uma caverna escura, iluminada por cogumelos verdes, surgiu em seu redor e, durante alguns minutos, ouviu uma criatura gigantesca farejar e caminhar silenciosamente pelas sombras, entre as estalagmites. Depois sentiu o seu hálito quente na nuca e detetou um odor a cadáver.

Desatou de novo a rir e assim continuou, mesmo enquanto Galbatorix a confrontava com sucessivos horrores, na tentativa de descobrir a combinação de dor e medo que a poderiam vergar. Ria porque sabia que a sua vontade era mais forte do que a imaginação dele e que podia contar com a ajuda de Murtagh. Tendo-o como aliado, Nasuada não receava os pesadelos espetais que Galbatorix a fazia suportar, por muito terríveis que lhe parecessem na altura.

UMA QUESTÃO DE CARÁTER

O pé de Eragon escorregou-lhe ao subir para um pedaço de lama, e ele caiu bruscamente de lado, na erva húmida. Gemo e retraiu-se ao sentir a anca latejar de dor. Aquele embate iria certamente provocar-lhe uma nódoa negra.

– Barzûl – disse, rebolando sobre o corpo e levantando-se cuidadosamente. “Pelo menos não aterrei em cima de Brisingr”, pensou, ao arrancar camadas de lama agarradas às perneiras.

Macambúzio, recomeçou o percurso em direção ao edifício em ruínas, onde tinham decidido acampar, por acharem que seria mais seguro do que junto da floresta. Ao caminhar pela relva, assustou uma série rãs-touro, que saltaram dos seus esconderijos e fugiram para ambos os lados. As rãs-touro foram as últimas criaturas estranhas que eles encontraram na ilha. Tinham uma projeção, semelhante a um corno, sobre os olhos avermelhados, e um apêndice curvo – muito parecido com uma cana de pesca – na extremidade do qual pendia um órgão carnudo que brilhava a branco ou a amarelo, à noite. A luz permitia às rãs-touro atrair centenas de insetos voadores, para perto da língua e, por terem fácil acesso à comida, cresciam imenso. Eragon vira algumas do tamanho de uma cabeça de urso, grandes torrões carnudos de olhos fixos e bocas mais largas que as suas duas mãos abertas, juntas.

As rãs lembravam-lhe Angela, a herbanária, pelo que, de repente, desejou que ela estivesse ali com eles, na Ilha de Vroengard. “Se alguém nos poderia revelar os nossos verdadeiros nomes, aposto que seria ela.” Por qualquer razão, sempre sentira que a herbanária conseguia ver a sua natureza, como se percebesse tudo acerca dele. Era uma sensação desconcertante, mas, naquele momento, seria bem-vinda.

Ele e Saphira tinha decidido confiar em Solenbun e ficar em Vroengard, no máximo, mais três dias, enquanto tentavam descobrir os seus verdadeiros nomes. Glaedr deixou a decisão ao seu critério, dizendo:

Vocês conhecem Solenbun melhor do que eu. Façam o que entenderem. Seja como for, o risco é elevado, pois já não há caminhos seguros.

Foi Saphira quem acabou por tomar a decisão:

Os homens-gato jamais serviriam Galbatorix, disse ela, pois prezam demasiado a sua liberdade. Mais depressa confiaria na sua palavra do que na de qualquer outra criatura, mesmo um elfo.

Por isso ficaram.

Passaram o resto desse dia, e grande parte do seguinte, sentados, a pensar, a conversar, a partilhar memórias, a examinar as mentes uns dos outros e a experimentar diferentes combinações de palavras, na língua antiga, na esperança de conseguirem descobrir os seus verdadeiros nomes conscientemente ou – com um pouco de sorte – por acidente.

Quando inquirido, Glaedr oferecera-lhes a sua ajuda, mas fechara-se em si durante a maior parte do tempo, dando a Eragon e a Saphira alguma privacidade para as suas conversas, muitas das quais seriam motivo de embaraço para Eragon se mais alguém as ouvisse.

A descoberta do nosso verdadeiro nome é algo que deveria ser feito a sós, disse Glaedr. Se os vossos nomes me ocorrerem, dir-vos-ei – pois não temos tempo a perder – mas seria melhor que os descobrissem sozinhos.

Até então, nenhum dos dois conseguira.

Desde que Brom lhe falara acerca dos verdadeiros nomes que Eragon queria descobrir o seu. O conhecimento, especialmente o auto-conhecimento, era útil e ele esperava que o seu verdadeiro nome lhe permitisse dominar melhor os seus pensamentos e sentimentos. Ainda assim, não podia deixar de sentir um certo receio do que poderia descobrir.

Isto, partindo do princípio de que conseguiria descobrir o seu nome nos próximos dois dias, algo de que não estava inteiramente seguro. Esperava consegui-lo, pelo sucesso da missão e porque não queria que Glaedr ou Saphira o descobrissem por ele. Se tivesse que ouvir a descrição de todo o seu ser numa palavra ou frase, queria alcançar esse conhecimento sozinho, em vez de lho imporem.

Eragon suspirou ao subir os cinco degraus partidos que davam acesso ao edifício. Aquela estrutura tinha sido uma casa de nidificação, pelo menos segundo Glaedr, e era tão pequena de acordo com os padrões de Vroengard, que passaria totalmente despercebida. Ainda assim, as paredes erguiam-se à altura de mais de três andares e o interior era suficientemente espaçoso para que Saphira se movesse sem dificuldade. O canto, a sudeste, desmoronara para o interior, arrastando consigo parte do teto. Mas, tirando isso, o edifício estava intacto.

Os passos de Eragon ecoaram, passando pela entrada em arco e caminhando sobre o chão vidrado da sala principal. Lâminas de cor, rodopiantes, embutidas no material transparente, compunham um desenho abstrato de uma complexidade estonteante. Cada vez que olhava para ele, parecia-lhe que as linhas estavam prestes a compor uma forma reconhecível; mas isso nunca aconteceu.

A superfície do chão estava coberta de uma fina teia de rachas que irradiavam para fora, a partir dos destroços, sob o grande buraco onde as paredes tinham cedido. Longos filamentos de eras pendiam da beira do telhado partido, como pedaços nodosos de corda. A água pingava da extremidade das trepadeiras, caindo em pequenas poças disformes. E o som das gotas da água a cair no chão ecoava por todo o edifício, num ritmo constante e regular que Eragon achou que daria com ele em doido, se o tivesse de ouvir durante mais do que alguns dias.

Encostado à parede virada a Norte havia um semicírculo de pedras que Saphira arrastara e montara para proteger o acampamento. Ao alcançar a barreira, Eragon saltou para cima do bloco de pedra mais próximo, que tinha mais de um metro e meio de altura, saltando depois para o outro lado, onde aterrou pesadamente.

Saphira parou de lambar a pata dianteira e ele sentiu-se questionado, mas abanou-lhe a cabeça e ela voltou a concentrar-se na sua higiene.

Desapertando o manto, Eragon aproximou-se da fogueira que fizera junto da parede. Estendeu o manto ensopado, tirou as botas cobertas de lama e pôs-las para secarem.

Achas que vai começar a chover outra vez?, perguntou Saphira.

Provavelmente.

Agachou-se ligeiramente junto do fogo e sentou-se sobre o cobertor, encostando-se à parede. Observou Saphira enquanto esta passava a língua carmesim em torno da cutícula flexível, na base de cada uma das garras. Depois ocorreu-lhe uma ideia e murmurou uma frase na língua antiga, mas, para sua decepção, não sentiu qualquer mudança de energia nas palavras, nem Saphira reagiu quando as proferiu, tal como acontecera com Sloan, quando Eragon proferira o seu verdadeiro nome.

Eragon fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás.

Sentia-se frustrado por não conseguir desvendar o verdadeiro nome de Saphira. Consequia aceitar o facto de não se entender totalmente a si mesmo, mas conhecia Saphira desde que nascera e testemunhara quase todas as suas memórias. Como era possível que uma parte dela fosse ainda um mistério? Como era possível que conseguisse entender melhor um assassino como Sloan do que a sua parceira, à qual estava ligado por magia? Seria por ela ser dragão e ele humano? Seria pelo facto da identidade de Sloan ser mais simples do que a de Saphira?

Ele não fazia ideia.

Um dos exercícios que ele e Saphira tinham feito – por recomendação de Glaedr – era revelarem um ao outro todos os defeitos em que tinham reparado; ele em Saphira e vice-versa. Foi um exercício humilhante. Glaedr também fizera as suas observações e, embora o dragão tivesse sido brando, Eragon não pôde deixar de sentir o orgulho ferido ao ouvir Glaedr enumerar os seus pontos fracos, mesmo sabendo que isso também teria de ser tido em consideração, ao tentar descobrir o seu verdadeiro nome.

Para Saphira, o mais difícil de encarar fora a vaidade, que se recusara a reconhecer como tal, durante bastante tempo. E para Eragon tinha sido a arrogância que Glaedr dizia por vezes revelar, os seus sentimentos em relação aos homens que matara, a sua petulância, egoísmo, raiva e outros defeitos que o afetavam, à semelhança de tantos outros.

Contudo, embora se tivessem examinado tão honestamente quanto possível, a sua introspeção não sentira quaisquer efeitos.

Temos apenas hoje e amanhã. A ideia de regressarem aos Varden de mãos vazias, deprimia-o.

Como poderemos vencer Galbatorix?, perguntou para si mesmo, como tantas vezes o fizera. Mais alguns dias e as nossas vidas poderão deixar de nos pertencer. Seremos escravos tal como Murtagh e Thorn.

Praguejou entredentes e esmurrou o chão, sub-repticiamente.

Tem calma, Eragon, disse Glaedr, e Eragon reparou que o dragão estava a proteger os seus pensamentos para que Saphira não os ouvisse.

Como posso ter calma?, rosnuu.

É fácil ficar calmo quando não temos nada que nos preocupe, Eragon. Porém, o verdadeiro teste ao nosso auto-controlo é conseguir ficar calmo numa situação difícil. O podes permitir que a raiva ou a frustração te confundam, não agora. Neste momento precisas de estar lúcido.

Conseguiste sempre ficar calmo em momentos como este?

O velho dragão pareceu rir baixinho.

Não, costumava rugir, morder, derrubar árvores, e revolver o solo. Uma vez parti o cume de uma montanha na Espinha e os outros dragões ficaram bastante aborrecidos comigo por causa disso. Mas tive muitos anos para aprender que perder a cabeça raramente ajuda. Tu não tiveste, eu sei, mas deixa que a minha experiência te guie em relação a isto. Esquece as tuas preocupações e concentra-te apenas na tarefa que tens em mãos. O futuro será o que tiver de ser. Torturares-te com isso apenas contribuirá para que os teus receios se concretizem.

Eu sei, disse Eragon com um suspiro, mas não é fácil.

Claro que não. O que tem valor raramente é. Depois, Glaedr recolheu-se, abandonando-o ao silêncio da sua própria mente.

Eragon foi buscar a tigela aos alforjes, saltou por cima do círculo de pedras e caminhou, descalço, até uma das poças de água, por baixo da abertura no teto. Uma chuva miúda começara a cair, cobrindo essa parte do chão com uma camada escorregadia de água. Ele agachou-se junto da poça e começou a deitar água para dentro da tigela, com as mãos.

Assim que a tigela ficou cheia, Eragon recuou uns passos, poisou-a sobre um pedaço de pedra da altura de uma mesa, fixando depois uma imagem de Roran na sua mente e disse:

– Draumr kópa. – A água dentro da tigela tremeluziu e uma imagem de Roran surgiu sobre um fundo branco, imaculado. Caminhava junto de Horst e Albriech, conduzindo o seu cavalo, Snowfire. Os três homens pareciam cansados e com os pés doridos, mas mantinham-se armados, o que lhe revelou que o Império não os capturara.

Depois espiou Jörmundur, a seguir Solembum – que estava a dilacerar um pisco acabado de matar – e finalmente, Arya, mas as suas proteções esconderam-na; assim tudo o que viu foi escuridão.

Por fim, Eragon quebrou o feitiço e voltou a atirar a água para a poça. Ao trepar pela barreira, em redor do acampamento, Saphira espreguiçou-se e bocejou, arqueando o dorso como um gato, e disse:

Como estão eles?

– Em segurança, tanto quanto me foi dado ver.

Guardou a tigela nos alforjes, deitou-se sobre os cobertores, fechou os olhos e retomou a reflexão acerca do seu verdadeiro nome. De tantos em tantos minutos, ocorria-lhe uma nova possibilidade, mas nenhuma parecia despertar-lhe nada intimamente, por isso descartava-a e recomeçava tudo de novo. Todos os nomes tinham algumas constantes: o facto de ser um Cavaleiro; a sua afeição por Saphira e Arya; o seu desejo de vencer Galbatorix; o seu relacionamento com Roran, Garrow e Brom; e o facto de ser do mesmo sangue que Murtagh. Mas, independente da forma como combinasse esses elementos, o nome não lhe dizia nada. Era óbvio que se estava a esquecer de um aspeto crucial de si mesmo, por isso continuou a construir nomes cada vez mais longos, na esperança de tropeçar naquilo que estava a deixar passar.

Quando começou a levar mais de um minuto a proferir os nomes, percebeu que estava a perder o seu tempo. Teria de voltar a examinar os pressupostos básicos. Estava convencido de que o seu erro residia no facto de ignorar algum defeito, ou de não dar importância suficiente a um defeito de que já estava consciente. As pessoas que observara raramente se mostravam dispostas ao reconhecer as suas imperfeições e ele sabia que o mesmo se passava consigo. Teria de arranjar maneira de se curar dessa cegueira, enquanto ainda havia tempo. Essa cegueira advinha do orgulho e do instinto de auto-preservação, permitindo-lhe acreditar no melhor de si, no seu quotidiano. Contudo, não podia dar-se ao luxo de se entregar a essa auto-ilusão.

Por isso, pensou e voltou a pensar ao longo de todo o dia, mas os seus esforços redundavam sempre no fracasso.

A chuva começou a ficar mais intensa. Eragon não gostava de a ouvir tamborilar nas poças de água, porque esse ruído indefinido tornava mais difícil ouvir alguém que tentasse apanhá-los de surpresa. Desde a primeira noite em Vroengard que não havia sinais das estranhas figuras encapuçadas que vira percorrer a cidade, nem sentira qualquer vestígios das suas mentes. Contudo, continuava consciente da sua presença e não podia deixar de pensar que ele e Saphira poderiam ser atacados a qualquer momento.

A luz cinzenta do dia depressa deu lugar ao crepúsculo e uma noite cerrada, sem estrelas caiu sobre o vale. Eragon colocou mais lenha na fogueira; era a única luz na casa de nidificação. O cacho de chamas amarelas era como uma vela minúscula dentro daquele enorme espaço repleto de ecos. Junto do fogo, o chão vidrado refletia o brilho dos ramos em chamas, cintilando como um lençol de gelo polido, e as lâminas coloridas no interior distraíam Eragon das suas cogitações.

Não jantou. Tinha fome mas estava demasiado tenso para que a comida lhe caísse bem. Além disso, achava que uma refeição lhe iria abrandar o raciocínio. Era de barriga vazia que ele se sentia mais perspicaz.

Decidiu que não voltaria a comer até saber o seu verdadeiro nome ou até terem de abandonar a ilha, o que quer que acontecesse primeiro.

Passaram algumas horas. Falaram pouco, ainda que, no geral, Eragon estivesse consciente das oscilações de humor e dos pensamentos de Saphira, tal como ela estava consciente dos seus.

Depois, quando ele estava prestes a mergulhar nas suas divagações – não só para descansar, mas também na esperança de que estas lhe dessem alguma perspetiva –, Saphira uivou, esticou a pata direita e bateu com ela no chão. Vários ramos da fogueira desfizeram-se em pedaços e desmoronaram, projetando uma explosão de fagulhas em direção ao teto negro.

Alarmado, Eragon levantou-se bruscamente e desembainhou Brisingr, esquadrinhando a escuridão para lá do semicírculo de pedras, à procura de inimigos. Mas, pouco depois, percebeu que Saphira não estava preocupada nem enraivecida, mas sim triunfante.

Consegui!, exclamou ela, arqueando o pescoço e libertando um jato de chamas azuis e amarelas em direção à zona mais alta do edifício. Já sei o meu verdadeiro nome! Proferiu uma única frase na língua antiga e esta pareceu ressoar como um sino na mente de Eragon. As pontas das escamas de Saphira brilharam com uma luz

interior, como se ela fosse feita de estrelas.

O nome era majestoso, mas tinha igualmente uma nota de tristeza, pois designava-a como a última fêmea da sua espécie. Eragon conseguiu sentir o amor e a devoção que Saphira sentia por ele, nas palavras, bem como todos os outros traços que compunham a sua personalidade. Reconheceu a maior parte, mas alguns não. Os seus defeitos estavam tão patentes como as suas virtudes, mas a impressão geral era de fogo, beleza e esplendor.

Saphira estremeceu da ponta do focinho à ponta da cauda e sacudiu as asas.

Eu sei quem sou, disse ela.

Bom trabalho, Bjartskular, disse Glaedr e Eragon sentiu que ele estava bastante impressionado. Deves orgulhar-te do teu nome. Contudo, eu não o diria de novo, até estarmos no ... no pináculo que viemos visitar. Tens de tomar muito cuidado para manteres o teu nome em segredo, agora que o conheces.

Saphira piscou os olhos e voltou a sacudir as asas.

Sim, Mestre. A excitação dentro dela era palpável.

Eragon embainhou Brisíngir e aproximou-se. Ela baixou a cabeça até esta ficar ao nível de Eragon. Ele acariciou-lhe as mandíbulas e encostou a testa ao seu focinho rijo, abraçando-a com toda a força, e sentiu as suas escamas aguçadas nos dedos. Lágrimas quentes escorreram-lhe pelas faces.

Porque choras?, perguntou ela.

Porque... tenho a sorte de estar ligado a ti.

Pequenino.

Falaram durante mais algum tempo, pois Saphira estava ansiosa por discutir o que aprendera acerca de si. Eragon gostou de a ouvir, mas não pôde deixar de sentir uma certa amargura pelo facto de ainda não ter conseguido adivinhar o seu verdadeiro nome.

Depois, Saphira enroscou-se ao lado do semicírculo e adormeceu, deixando Eragon a meditar à luz do fogo mortífero da fogueira. Glaedr manteve-se acordado e atento, e Eragon consultava-o de vez em quando, mas manteve-se quase sempre fechado em si.

As horas passavam e Eragon sentia-se cada vez mais frustrado. O tempo estava a esgotar-se – o ideal seria ele e Saphira terem partido para os Varden no dia anterior – contudo, por muito que ele tentasse, parecia incapaz de se descrever como era.

Devia ser quase meia-noite, quando a chuva parou.

Eragon debatia-se, na tentativa de tomar uma decisão. Depois levantou-se bruscamente, demasiado ansioso para continuar sentado.

Vou dar uma volta, disse a Glaedr.

Esperava que o dragão se opusesse, mas em vez disso, o dragão disse:

Deixa aqui as tuas armas e a tua armadura.

Porquê?

Seja o que for que encontres, terás de o enfrentar por ti. Não podes saber do que és feito, se recorreres a alguém ou a algo para te ajudar.

As palavras de Glaedr fizeram sentido, mas ainda assim Eragon hesitou antes de desapertar a espada e a adaga, tirando a cota de malha. Calçou as botas e colocou o manto húmido, depois arrastou os alforques que continham o coração dos corações de Glaedr, aproximando-os de Saphira.

Ao abandonar o semicírculo de pedras, Glaedr disse:

Faz o que tiveres de fazer, mas tem cuidado.

No exterior da casa de nidificação, Eragon ficou satisfeito ao deparar-se com pedaços do céu estrelado e um luar suficientemente intenso, por entre as nuvens, permitindo-lhe ver o que o rodeava.

Saltou várias vezes, pensando para onde ir, e depois partiu num passo acelerado, em direção ao coração da cidade em ruínas. Segundos depois, a frustração tomou conta de si, pelo que ele começou a correr a toda a velocidade.

Ao ouvir o ruído da sua respiração e dos seus passos nas pedras do pavimento, perguntou-se:

“Quem sou eu?” Mas não obteve qualquer resposta.

Correu até os pulmões começarem a faltar. Correu um pouco mais e, quando já nem os pulmões nem as pernas o sustinham, parou junto de uma fonte afogada em ervas daninhas e apoiou-se nos braços, encostado a ela, enquanto recuperava o fôlego.

Em seu redor erguiam-se as formas de diversos edifícios enormes, silhuetas sombrias semelhantes a uma antiga cordilheira de montanhas despedaçadas. A fonte ficava no meio de um amplo pátio quadrado, grande parte do qual estava coberto de pedaços partidos de pedra.

Afastou-se da fonte e virou-se lentamente em círculo. Conseguia ouvir o coaxar grave e ressonante das rãs-touro, à distância, um ruído estrondoso que se tornava particularmente intenso sempre que as rãs maiores participavam.

Uma laje rachada, a alguns metros de distância, chamou a sua atenção. Aproximou-se, agarrou-a pelas extremidades, erguendo-a do chão com um puxão. Cambaleou para junto do pátio, com os músculos dos braços a arder, e atirou a laje para cima da erva, para lá daquele.

A laje aterrou com um ruído seco e suave, mas gratificante.

Regressou à fonte, desatou o manto e estendeu-o sobre o rebordo da escultura. Depois encaminhou-se para o pedaço de entulho mais próximo – uma pedra aguçada, em forma de cunha, que se partira de um bloco maior –, metendo os dedos por baixo e erguendo-o sobre o ombro.

Trabalhou durante mais de uma hora para desobstruir o pátio. Alguns dos pedaços caídos de alvenaria eram tão grandes, que ele teve de usar magia para os deslocar. Mas, de uma forma geral conseguiu fazê-lo com as mãos. Trabalhou metodicamente, transportando os blocos de um lado para o outro e parando para remover cada pedaço de entulho que encontrava, por muito grande ou pequeno que fosse.

Passado pouco tempo estava encharcado em suor devido ao esforço. Teria tirado a túnica, mas as arestas da pedra eram normalmente aguçadas e ter-se-ia cortado. Mesmo assim, fez uma série de nódoas negras no peito e nos ombros, arranhando as mãos em inúmeros sítios.

O esforço ajudou-o a acalmar e, como não exigia grande concentração, permitiu-lhe ponderar livremente em tudo o que era e em tudo o que poderia vir a ser.

A meio da tarefa que incumbira a si mesmo, descansando um pouco depois de deslocar um pedaço particularmente pesado de uma cornija, ouviu um silvo ameaçador e olhou para cima. Viu um snalgí, com uma casca de quase dois metros de altura, que deslizava da escuridão, a uma velocidade assustadora. O pescoço invertido da criatura estava totalmente esticado, a boca sem lábios parecia uma fenda de escuridão a dividir-lhe a carne mole, e os olhos bulbosos estavam apontados para ele. À luz da lua, a carne exposta do snalgí brilhava como prata, tal como o rasto de baba que a criatura deixava atrás de si.

– Letta – disse Eragon, endireitando-se e sacudindo gotas de sangue das mãos arranhadas. – Ono ach néiat threyja eom verunsmal edtha, oh snalgí.

Ao proferir a sua advertência, o caracol abrandou e recolheu os olhos alguns centímetros. Parou a alguns metros de distância e voltou a silvar, começando a contorná-lo pela esquerda.

– Ah isso é que não – murmurou Eragon, virando-se também e olhando por cima do ombro para ter a certeza de que nenhum outro snalgí se aproximava por trás.

O caracol gigante pareceu perceber que não o poderia apanhar de surpresa, pois parou e silvou, sacudindo os olhos.

– Parece uma chaleira abandonada ao lume – disse-lhe.

O snalgí sacudiu os olhos mais depressa e depois avançou na sua direção, ondulando as pregas da barriga plana.

Eragon esperou até ao último momento e depois saltou para o lado, deixando que o caracol passasse por si. Deu uma gargalhada e bateu-lhe na parte de trás da

casca.
– Não és muito esperto, pois não? – Desviou-se da criatura e começou a provocá-la na língua antiga, insultando-a de todas as formas, mas utilizando nomes perfeitamente corretos.

O caracol parecia bufar de raiva. O seu pescoço engrossou e inchou, abriu mais a boca, e começou a cuspir e a bufar.

Tentou atacar Eragon várias vezes, mas ele desviava-se sempre. Por fim, o snalgli cansou-se do jogo, recuou alguns metros e ficou a observá-lo, com os olhos do tamanho de um punho.

– Como é possível que apanhes alguma coisa, se és tão lento? – perguntou Eragon num tom zombeteiro, deitando-lhe a língua de fora.

O snalgli bufou mais uma vez, mas depois virou-se e deslizou para a escuridão.

Eragon esperou alguns minutos para ter a certeza de que ele se fora embora, antes de recomeçar a eliminar entulho.

– Talvez me pudesse chamar simplesmente Vencedor de Caracóis – murmurou, enquanto empurrava uma secção de uma coluna, ao longo do pátio. – Eragon Aniquilador de Espetros, Vencedor de Caracóis... Despertaria o pavor no coração dos homens, onde quer que fôsse.

Era já noite avançada quando Eragon largou o último pedaço de pedra na fronteira de erva que delimitava o pátio, parando aí, ofegante. Sentia-se gelado, esfomeado e exausto, e os arranhões nas mãos e nos pulsos ardiam-lhe.

Acabara no canto norte do pátio. Mais a norte havia um enorme palácio que fora quase totalmente destruído durante a batalha. Tudo o que restava de pé era uma parte das paredes traseiras e uma única coluna coberta de heras, onde outrora ficava a entrada.

Olhou demoradamente para a coluna. Um aglomerado de estrelas – vermelhas, azuis e brancas – brilhava por cima da coluna, através de um intervalo nas nuvens, como diamantes facetados. Sentiu-se estranhamente atraído por elas, como se o seu aparecimento significasse algo que deveria saber.

Encaminhou-se para a base da coluna, sem sequer se dar ao trabalho de pensar no que estava a fazer. Trepou por cima de pilhas de destroços, subindo o mais alto possível, e agarrou-se à parte mais grossa da hera: um caule do diâmetro do seu antebraço, coberto de milhares de pelos minúsculos.

Deu um puxão à trepadeira e esta manteve-se firme, por isso saltou do chão e começou a trepar. Colocando uma mão à frente da outra, escalou a coluna que devia ter uns noventa metros de altura, mas que entretanto começou a parecer-lhe mais alta à medida que se distanciava do chão.

Sabia que estava a ser imprudente, mas era assim que ele se sentia.

A meio do caminho, os filamentos mais finos da trepadeira começaram a desprender-se da pedra, à medida que assentava o peso do corpo sobre ela. Depois teve o cuidado de se agarrar apenas ao caule principal e a alguns dos ramos laterais mais grossos.

As suas mãos estavam quase a escorregar quando alcançou o topo. A coroa da coluna ainda estava intacta e formava um quadrado, com uma superfície plana suficientemente larga para se sentar em cima dela, deixando ainda um espaço de trinta centímetros de cada lado.

Um pouco trémulo do esforço, Eragon cruzou as pernas e descansou as palmas das mãos virando-as para cima, sobre os joelhos, e deixou que o ar lhe aliviasse as dores na pele arranhada.

Por baixo dele ficava a cidade em ruínas: um labirinto de estruturas despedaçadas, onde frequentemente ecoavam estranhos gritos de desamparo. Em alguns dos locais onde havia lagos, ele conseguia distinguir as luzes tênues e fluorescentes dos chamarizes das rãs-touro, como lanternas vistas a uma grande distância.

“Rãs pescadoras”, pensou ele, de repente na língua antiga. “É esse o seu nome: rãs pescadoras.” E Eragon sabia que tinha razão, pois as palavras pareciam servir-lhes como uma luva.

Depois desviou o olhar para o aglomerado de estrelas que inspirara a sua escalada. Abrandou a respiração e concentrou-se nele, tentando manter um fluxo constante de ar a entrar e a sair dos pulmões. O frio, a fome e os tremores provocados pela exaustão deram-lhe uma clareza peculiar. Parecia flutuar separado do seu próprio corpo, como se o laço que existia entre a sua consciência e a sua carne se tivesse acentuado, e a consciência que tinha da cidade e da ilha em seu redor pareceu ampliar-se. Estava altamente sensível a todos os movimentos do vento, bem como a todos os sons e cheiros que fluuavam no topo do pilar.

Enquanto estava ali sentado, pensou em mais nomes e, embora nenhum o descrevesse por completo, os fracassos não o incomodaram, pois a clareza que sentia estava demasiado enraizada para que alguma contrariedade perturbasse a sua paz de espírito.

“Como poderei incluir tudo o que sou em apenas algumas palavras?”, perguntou-se a si mesmo, continuando a ponderar na questão com a rotação das estrelas.

Três espetros deformados voaram ao longo da cidade – na realidade, pareciam pequenas fendas móveis –, aterrando no telhado do edifício, à sua esquerda. As silhuetas escuras, em forma de coruja, enfunaram as plumas pontiagudas e observaram-no com os seus olhos luminosos, aparentemente maléficos. Os espetros tagarelaram baixinho uns com os outros, e dois deles coçaram as asas vazias com garras sem profundidade. O terceiro segurava os restos de uma rã-touro entre as garras cor de ébano.

Eragon observou as ameaçadoras aves durante alguns minutos e elas observaram-no a ele. Depois levantaram voo e desapareceram a oeste, como fantasmas, silenciosas como uma pena.

Perto do nascer do sol, ao distinguir a estrela da manhã entre dois picos, a Este, Eragon perguntou a si mesmo:

– O que quero eu?

Até então não se dera ao trabalho de pensar nisso. Queria derrotar Galbatorix: isso era óbvio. Mas, se fossem bem-sucedidos, o que faria depois? Desde que partira do Vale de Palancar que achava que ele e Saphira voltariam lá um dia, para viverem junto das montanhas que ele tanto amava. Contudo, ao ponderar essa possibilidade, Eragon apercebeu-se lentamente de que a ideia já não o atraía.

crescera no Vale de Palancar e considerá-lo-ia sempre a sua casa. Mas o que haveria lá para ele e para Saphira? Carvahall estava destruída e, mesmo que os aldeões a reconstruíssem um dia, a aldeia nunca mais seria a mesma. Além disso, a maior parte dos amigos que ele e Saphira tinham feito, viviam noutros locais, além de que ambos tinham obrigações para com as diferentes raças de Alagaësia – obrigações que não podiam ignorar. Depois de tudo o que tinham feito e visto, não imaginava que algum se contentasse em viver num local tão vulgar e isolado.

Porque o céu é oco e o mundo é redondo...

Mesmo que voltassem, o que fariam? Criariam vacas e cultivariam trigo? Não tinha qualquer desejo de suar as estopinhas para viver da terra, como a família fizera durante a sua infância. Ele e Saphira eram Cavaleiro e dragão. O seu fado era voar na vanguarda da História e não ficarem ambos sentados à lareira a engordar e a preguiçar.

E, depois, havia Arya. Se ele e Saphira fossem viver para o Vale de Palancar, ele raramente a iria ver.

– Não – disse Eragon e a palavra foi como um golpe de martelo no silêncio. – Eu não quero voltar.

Um formigueiro gelado percorreu-lhe a espinha. Ele sabia que tinha mudado desde que partira com Brom e Saphira à procura dos Ra’zac. No entanto, agarrara-se à ideia de que, no seu íntimo, ainda era a mesma pessoa. Agora percebia que isso já não correspondia à verdade. O rapaz que fora, quando saíra do Vale de Palancar, já nem sequer existia. Eragon não se parecia com ele, não agia como ele e já não queria o mesmo da vida.

Respirou fundo e suspirou tremulamente ao compenetrar-se da verdade.

– Eu já não sou quem era. – Dizê-lo em voz alta, deu algum peso à ideia.

Depois, quando os primeiros raios do amanhecer iluminaram o céu, a Este, sobre a ilha ancestral de Vroengard, onde os Cavaleiros e os dragões outrora viviam, Eragon pensou num nome – um nome em que não tinha pensado antes – e, ao fazê-lo, foi invadido por uma sensação de certeza.

Disse o nome, sussurrou-o para si nos recantos mais remotos da sua mente e todo o seu corpo pareceu vibrar, como se Saphira tivesse batido na coluna, lá em baixo.

Depois arfou e deu consigo a rir e a chorar ao mesmo tempo – a rir por ter conseguido, pela satisfação absoluta da compreensão, e a chorar porque todos os seus fracassos, todos os erros que tinha cometido lhe pareciam agora óbvios e já não tinha ilusões que o consolassem.

– Eu já não sou quem era – sussurrou Eragon, agarrando-se à beira da coluna –, mas sei quem sou.

O seu nome, o seu verdadeiro nome era mais fraco e mais imperfeito do que gostaria que fosse, pelo que odiou sentir isso. Mas havia também muito de admirável nele, e quanto mais pensava no assunto, mais fácil lhe era aceitar a verdadeira natureza do seu eu. Não era a melhor pessoa do mundo, mas também não era a pior.

– E não vou desistir – resmungou Eragon.

Consolou-se com o facto de que a sua identidade não era imutável e que poderia melhorar se quisesse. E, nesse preciso momento, jurou para si mesmo que faria melhor no futuro, por muito difícil que fosse.

Ainda a rir e a chorar, Eragon virou o rosto em direção ao céu e abriu os braços. A seu tempo, as lágrimas e as gargalhadas cessaram, dando lugar a uma profunda sensação de paz, matizada de felicidade e resignação. Apesar da advertência de Glaedr, voltou a sussurrar o seu verdadeiro nome e todo o seu ser voltou a estremecer com a força das palavras.

Ergueu-se no topo da coluna, de braços abertos, e inclinou-se para a frente deixando-se cair de cabeça, em direção do chão. Mesmo antes de bater no chão, disse:

– Vëohr – e abrandou, girou, aterrando sobre a pedra rachada, tão suavemente como se estivesse a sair de uma carruagem.

Regressou à fonte, ao centro do pátio, e recolheu o manto. Depois, à medida que a luz se espalhava pela cidade em ruínas, Eragon regressava apressadamente à casa de nidificação, ansioso para acordar Saphira, revelando a sua descoberta a ela e a Glaedr.

O COFRE DAS ALMAS

Eragon ergueu a espada e o escudo, ansioso por prosseguir, mas ao mesmo tempo um pouco receoso.

Tal como anteriormente, ele e Saphira ficaram na base do Rochedo de Kuthian e o coração dos corações de Glaedr no pequeno baú, escondido nos alforjes, presos ao dorso de Saphira.

Ainda era de manhã cedo e o sol brilhava intensamente através dos grandes rasgões num teto de nuvens. Eragon e Saphira queriam ir diretamente para o Rochedo de Kuthian, assim que ele regressara à casa de nidificação. Mas Glaedr insistira para que Eragon comesse primeiro e esperassem até que a comida lhe assentasse no estômago.

Mas, finalmente, estavam no pináculo escarpado de pedra e Eragon mostrava-se cansado de esperar, tal como Saphira.

Desde que tinham partilhado os seus verdadeiros nomes, o laço entre ambos parecia ter-se fortalecido, talvez por terem ouvido o quanto gostavam um do outro. Era algo que sempre souberam, mesmo assim profêri-lo em termos tão irrefutáveis potenciara a sensação de proximidade que partilhavam.

Algures a norte um corvo grasnou.

Eu vou primeiro, disse Glaedr, se for uma armadilha, talvez seja capaz de a desmontar antes que ela apanhe um de vós.

Eragon afastou a sua mente de Glaedr, tal como Saphira, para que o dragão proferisse o seu verdadeiro nome sem que o ouvissem. Mas Glaedr disse:

Não, vocês disseram-me os vossos nomes. É perfeitamente justo que saibam o meu.

Eragon olhou para Saphira e, a seguir, ambos disseram:

Obrigado, Ebrithil.

Depois Glaedr disse o seu nome e este ecoou na mente de Eragon como uma fanfarra de trompetas régias e dissonantes, todo ele colorido pela dor e pela raiva de Glaedr provocada pela morte de Oromis. O seu nome era mais extenso que o de Eragon ou o de Saphira, prolongando-se em várias frases – o registo de uma vida que durara séculos e continha alegrias, mágoas e incontáveis realizações. O nome evidenciava a sua sabedoria, mas também as suas contradições: complexidades que dificultavam a compreensão da sua identidade.

Saphira sentiu o mesmo assombro que Eragon, ao ouvir o nome de Glaedr, e ambos se aperceberam do quanto eram ainda jovens e do longo percurso que tinham ainda a percorrer, antes de poderem igualar o conhecimento e a experiência de Glaedr.

“Pergunto-me qual será o verdadeiro nome de Arya”, pensou Eragon.

Olharam atentamente para o Rochedo de Kuthian mas não viram qualquer modificação.

Saphira foi a seguir. Arqueando o dorso e batendo com as patas no chão, como um impetuoso cavalo de guerra, proferiu orgulhosamente o seu verdadeiro nome. Mesmo à luz do dia, as escamas voltaram a tremeluzir e a cintilar quando o disse.

Ao ouvi-los a ambos dizer os verdadeiros nomes, Eragon sentiu-se menos embaraçado com o seu. Nenhum deles era perfeito e, no entanto, não se condenavam mutuamente pelos seus defeitos, reconhecendo-os e perdoando-os.

Mais uma vez, nada aconteceu depois de Saphira proferir o seu nome.

Por fim, Eragon avançou. Sentia suores frios na testa. Consciente de que aquele poderia ser o seu último ato como homem livre, proferiu o seu nome mentalmente, tal como Glaedr e Saphira. Tinham concordado antecipadamente que seria mais seguro que ele evitasse dizer o nome em voz alta, reduzindo as hipóteses de alguém o ouvir.

Quando Eragon proferiu a última palavra, uma linha escura e fina surgiu na base do pináculo.

A linha prolongou-se a uma altura de quinze metros, dividiu-se em duas e desceu, de ambos os lados, delineando os contornos de duas portas largas. Sobre as portas apareceram várias linhas de hieróglifos desenhados a dourado: proteções contra a deteção física e mágica.

Assim que os contornos ficaram completos, as portas abriram-se para fora, em dobradiças ocultas, empurrando terra e plantas que se acumularam diante do pináculo, desde que as portas se tinham aberto pela última vez, fosse em que altura fosse. Para lá da porta, havia um grande túnel abobadado que descia até às entranhas da terra, num ângulo bastante inclinado.

As portas pararam e a clareira voltou a ficar em silêncio.

Eragon olhou para o túnel escuro, com uma apreensão crescente. Tinha descoberto o que procuravam, mas ainda não sabia ao certo se era uma armadilha ou não.

Solenum não mentiu, disse Saphira, deitando a língua de fora para sentir o ar.

Sim, mas o que nos esperará, lá dentro?, perguntou Eragon.

Este lugar não devia existir, disse Glaedr. Nós e os Cavaleiros escondemos muitos segredos em Vroengard, mas a ilha é demasiado pequena para um túnel tão grande como este ter sido construído em segredo, no entanto, nunca ouvi falar dele.

Eragon franziu o sobrolho, olhando em redor. Continuavam sozinhos; ninguém tentava aproximar-se furtivamente deles.

Não teria sido construído antes de os Cavaleiros se instalarem em Vroengard?

Glaedr ponderou por uns instantes.

Não sei... talvez. É a única explicação que faz sentido. Nesse caso é de facto bastante antigo.

Os três sondaram a passagem com as mentes, mas não sentiram qualquer ser vivo no interior.

Muito bem, então, disse Eragon, sentindo o travo amargo do pavor e a palma das mãos pegajosa dentro das luvas. O que quer que fosse que estivesse do outro lado do túnel, ele queria conhecer, de uma vez por todas. Saphira também estava nervosa, mas menos do que ele.

Vamos lá desencantar o esconderijo do rato neste ninho.

Depois, passaram os três através da porta e entraram no túnel.

Quando os últimos centímetros da cauda de Saphira cruzaram a entrada, as portas fecharam-se atrás deles com um estrondo de pedra a embater em pedra, mergulhando-os na escuridão.

– Ah, não, não, não! – rosnou Eragon, correndo para as portas. – Nina hvitr – disse e uma luz branca, sem direção definida, iluminou a entrada do túnel.

A superfície interior das portas era perfeitamente lisa e, por muito que Eragon as empurrasse e batesse nelas, não se mexeram.

– Raios, devíamos ter usado um tronco ou um pedregulho para travar as portas – disse ele, num lamento, censurando-se por não ter pensado nisso antes.

Poderemos sempre arrombá-las, se for necessário, disse Saphira.

Duvido muito, disse Glaedr.

Eragon voltou a agarrar em Brisingr.

Nesse caso, acho que não temos outro remédio senão avançar.

Alguma vez tivemos outro remédio senão avançar?, perguntou Saphira.

Eragon alterou o feitiço para que a luz mágica irradiasse de um único ponto, junto do teto – de contrário, a falta de sombras tornaria difícil para ele e Saphira avaliarem as profundidades – e juntos começaram a percorrer o túnel inclinado.

O chão do corredor era um pouco rugoso o que lhes permitia apoiar os pés mais facilmente, na ausência de degraus. No sítio onde o chão se unia à parede, ambos se fundiam como se a pedra tivesse sido derretida, o que revelou a Eragon que o túnel teria sido muito provavelmente escavado por Elfos.

Continuaram a descer, cada vez mais fundo, em direção às entranhas da terra. Até Eragon deduzir que tinham passado por baixo dos contrafortes, que estavam atrás do Rochedo de Kuthian, e penetravam nas profundezas da montanha para lá destes. O túnel não virava nem se ramificava, e as paredes continuavam perfeitamente nuas.

Por fim, Eragon sentiu ar quente a subir do túnel e reparou num vago brilho alaranjado, à distância.

– Letta – murmurou, extinguindo a luz mágica.

O ar continuou a aquecer, à medida que desciam, e o brilho diante deles aumentava de intensidade. Pouco depois, conseguiram distinguir o fim do túnel: um grande arco negro, inteiramente coberto de hieróglifos esculpidos, como se estivesse envolto em espinhos. Um cheiro a enxofre contaminava o ar e Eragon começou a sentir os olhos a lacrimejar.

Pararam diante do arco. Tudo o que conseguiam ver através dele era uma porta cinzenta.

Eragon olhou de relance para o caminho que tinham percorrido, voltando depois a observar o arco. A estrutura entalhada estava a deixá-lo nervoso, bem como a Saphira. Tentou ler os hieróglifos, mas estes estavam demasiado misturados e unidos para se conseguirem decifrar. Também não detetou qualquer forma de energia armazenada na estrutura negra. Custava-lhe, contudo, a acreditar que ela não estivesse encantada. Quem construía o túnel tinha conseguido esconder o feitiço que destrancava as portas para o exterior, o que significava que poderia ter feito o mesmo com qualquer outro feitiço que lançasse no arco.

Trocou brevemente um olhar com Saphira e humedeceu os lábios ao lembrar-se do que Glaedr dissera: Já não há caminhos seguros.

Saphira roncou, lançando um pequeno jato de chamas de cada narina e, depois, entraram pelo arco como se fossem um só.

LACUNA, PARTE UM

Eragon reparou, de imediato, em várias coisas.

Primeiro, estavam de um dos lados de uma câmara circular, com mais de sessenta metros de diâmetro, com um grande fosso ao meio, de onde irradiava um brilho fosco e alaranjado. Segundo, o ar estava sufocante e quente. Terceiro, em torno do perímetro exterior da sala havia dois anéis concêntricos, semelhantes a bancadas – o de trás era mais alto que o da frente –, em cima dos quais estavam inúmeros objetos escuros. Quarto, a parede por trás das bancadas cintilava em inúmeros sítios, como se estivesse decorada com cristais coloridos. Porém, ele não teve hipótese de examinar a parede nem os objetos escuros, pois havia um homem com cabeça de dragão no espaço aberto, junto do poço luminoso.

O homem era de metal e cintilava como aço polido. Usava apenas uma tanga segmentada, do mesmo material lustroso do corpo, e existia músculos ondulantes no peito e nos membros de Kull. Tinha um escudo metálico na mão esquerda e uma espada iridescente na mão direita, que Eragon percebeu ser uma espada de Cavaleiro.

Trás do homem, no lado oposto da sala, Eragon distinguiu vagamente um trono, com as costas e o assento gastos pelos contornos do corpo de uma criatura.

O homem com cabeça de dragão avançou. A pele e as articulações moviam-se tão suavemente como carne, mas cada passo ressoava como se ele descarregasse um enorme peso no chão. Parou a uns nove metros de Eragon e de Saphira, fitando-os com uns olhos que tremeluziam como duas chamas vermelhas. Depois, erguendo a cabeça escamosa, deixou escapar um estranho rugido metálico que se desdobrou em ecos, como se uma dúzia de criaturas estivesse a gritar.

Ao mesmo tempo que Eragon pensava se deveriam combater a criatura, ele sentiu uma mente estranha e imensa a tocar na sua. A consciência não se comparava a qualquer outra que tivesse encontrado até então e parecia conter uma horda de vozes aos gritos, um enorme coro dissonante que lhe lembrava o vento de uma tempestade.

Antes que ele pudesse reagir, a mente penetrou nas suas defesas, controlando-lhe os pensamentos e, apesar de todo o tempo que passara a treinar com Glaedr e Saphira, Eragon não conseguiu impedir o ataque, nem abrandá-lo. Seria o mesmo que tentar deter uma torrente apenas com as mãos.

Uma mancha de luz e um estrépito incoerente de ruídos rodeou-o, enquanto o coro lamuriendo invadia todos os recantos e fendas do seu ser. Depois, foi como se o invasor lhe desfizesse a mente em vários pedaços – em que cada um estava consciente da presença dos outros, mas em que nenhum tinha liberdade de ação – e a sua visão fragmentou-se, como se observasse a sala através das facetas de uma jóia.

Seis memórias distintas percorreram velozmente a sua consciência fragmentada. Ele não as invocara voluntariamente. As memórias apareceram e deslocavam-se depressa demais para ele as conseguir seguir. Ao mesmo tempo, o seu corpo dobrou-se e fletiu-se em várias poses e, depois, o seu braço ergueu Brisingr, posicionando-se de maneira a que os seus olhos a pudessem ver, e ele contemplou seis versões distintas da espada. O invasor forçou-o a lançar um feitiço, cujo propósito não entendia nem podia entender, visto que só conseguia pensar no que o outro lhe permitia. Além disso, não sentia qualquer emoção a não ser uma vaga sensação de alarme a dissipar-se.

Aparentemente, durante horas, a mente alienígena examinou todas as suas memórias, desde o dia em que partira da quinta da sua família, para caçar veados na Espinha – três dias antes de encontrar o ovo de Saphira –, até ao presente. Algures na sua mente, Eragon sentia que o mesmo estava a acontecer a Saphira, mas essa evidência não tinha qualquer significado para ele.

Por fim, muito depois de ter perdido a esperança de libertar-se, caso ainda conseguisse controlar os pensamentos, o coro rodopiante reuniu cuidadosamente os fragmentos da sua mente e retirou-se.

Eragon cambaleou para a frente e caiu sobre um joelho, antes de conseguir recuperar o equilíbrio, e viu Saphira, vacilante, junto dele, a dar patadas no ar.

Como foi isto possível?, pensou ele. Quem fez isto? Capturá-los ao mesmo tempo, juntamente com Glaedr, era algo que nem Galbatorix seria capaz.

A consciência voltou a tocar na mente de Eragon, mas desta vez, não o atacou, dizendo:

As nossas desculpas, Saphira. As nossas desculpas Eragon, mas tínhamos de nos certificar das vossas intenções. Bem-vindos ao Cofre das Almas. Há muito que vos esperávamos. Bem-vindo sejas também, primo. Ficámos felizes por saber que ainda estás vivo. Recolham agora as vossas memórias e saibam que conseguiram finalmente terminar a vossa missão!

Um raio de energia brilhou entre Glaedr e a consciência. Instantes depois, Glaedr soltou um grito mental que deixou as ténporas de Eragon a latejar de dor. Uma torrente confusa de emoções projetou-se do dragão dourado: mágoa, triunfo, descrença, remorsos e, sobre todas elas, uma sensação rejubilante de alívio, tão intensa que Eragon deu consigo a sorrir sem saber porquê, sentindo não apenas uma mas miríades de mentes, roçar na mente de Glaedr, todas a murmurarem entre si.

– Quem fez isto? – sussurrou Eragon. O homem com cabeça de dragão, diante deles, não se movera um centímetro.

Eragon, disse Saphira, olha para a parede... Olha...

Eragon olhou e viu que a parede circular não estava decorada com cristais, como no início julgara. Dúzias e dúzias de nichos salpicavam a parede e, dentro de cada nicho, havia um globo cintilante. Alguns eram grandes, outros pequenos, mas todos pulsavam com um brilho suave interior, como carvões em brasa numa fogueira quase extinta.

O coração de Eragon parou por instantes, ao compreender o que estava a ver.

Baixou os olhos para os objetos escuros nas bancadas; eram lisos e ovalados, e pareciam ter sido esculpidos em pedras de diversas cores. Tal como as esferas, uns eram grandes e outros pequenos, mas, independentemente do seu tamanho, tinham uma forma que teria reconhecido em qualquer parte.

Eragon foi percorrido por uma vaga de calor e os seus joelhos fraquejaram. “Não pode ser.” Queria acreditar no que estava a ver, mas receava que fosse uma ilusão criada para atacar a sua esperança. Contudo, a possibilidade de tudo aquilo ser real, cortou-lhe a respiração, deixando-o de tal forma surpreendido e esmagado que ficou sem saber o que fazer nem o que dizer. A reação de Saphira foi muito semelhante, senão mais intensa.

Depois a mente voltou a falar:

Não estão enganados, jovens. Os vossos olhos não vos estão a trair. Nós somos a esperança secreta da nossa raça. Aqui estão os nossos corações dos corações – os últimos Éldunarís livres do reino –, e aqui estão os ovos que guardamos há mais de um século.

LACUNA, PARTE DOIS

Por instantes Eragon não conseguia mover-se nem respirar.

Depois sussurrou:

– Ovos, Saphira... Ovos.

Ela estremeceu, como se estivesse com frio, e as escamas ao longo da coluna eriçaram-se, erguendo-se ligeiramente da pele, nas extremidades.

Quem és tu?, perguntou ela mentalmente. Como sabemos se podemos confiar em ti?

Eles estão a dizer a verdade, Eragon, disse Glaedr, na língua antiga. Eu sei porque Oromis foi um dos que concebeu o plano para este local.

Oromis?...

Antes que Glaedr pudesse explicar, a outra mente disse:

O meu nome é Umaroth. O meu Cavaleiro era o elfo Vrael, líder da nossa ordem, antes de cairmos em desgraça. Eu falo em nome dos outros, mas eles não estão sob as minhas ordens, pois embora muitos de nós estivessem ligados a Cavaleiros, muitos outros não estavam, e os nossos irmãos selvagens apenas reconhecem a sua própria autoridade. Disse-o num tom ligeiramente exasperado. Seria demasiado confuso se todos falássemos ao mesmo tempo, por isso eu falo em nome dos demais.

Tu és?... Eragon apontou para o homem prateado, com cabeça de dragão, que estava à frente dele e de Saphira.

Não, respondeu Umaroth. Ele é Cuaroc, Caçador de Nidhwals e Veneno de Urgals. Foi Silvarí, a Feiticeira, que lhe fez o corpo que agora tem, para que houvesse um herói que nos defendesse, caso Galbatorix ou qualquer outro inimigo invadisse o Cofre das Almas.

Enquanto Umaroth falava, o homem com cabeça de dragão esticou a mão direita sobre o torso, destrancou um trinco escondido e abriu a parte da frente do peito, como se fosse a porta de um armário. Dentro do peito de Cuaroc estava um coração dos corações púrpura, rodeado de milhares de fios prateados, da espessura de um cabelo. Depois Cuaroc fechou o peito de armas e Umaroth disse:

Não, eu estou aqui, e guiou a visão de Eragon para um nicho que continha um enorme Eldunarí branco.

Eragon desembainhou lentamente Brisingr.

Ovos e Eldunarís. Eragon não parecia estar a conseguir digerir a a dimensão daquela revelação de uma só vez. Sentia-se lento, como se lhe tivessem dado uma pancada na cabeça – o que, de certa forma, acontecera, no seu ponto de vista.

Encaminhou-se para as bancadas, à direita do arco negro, que estava coberto de hieróglifos, e deteve-se diante de Cuaroc, dizendo, simultaneamente com a voz e com a mente:

– Posso?

O homem com cabeça de dragão bateu os dentes e retirou-se, com passos ruidosos, parando junto do fosso, no meio da sala. Contudo, não embainhou a espada, algo a que Eragon se mantinha atento.

Um sentimento de assombro e de reverência apossou-se de Eragon, ao aproximar-se dos ovos. Inclinou-se sobre a bancada mais baixa e suspirou tremulamente, ao olhar para um ovo dourado e vermelho, de quase um metro e meio de altura. Tomado de um desejo súbito de lhe tocar, tirou a luva e colocou a palma da mão sobre o ovo. Estava morno. Ao estender a mente, juntamente com a mão, sentiu a consciência adormecida do dragão que estava no interior.

Sentiu o hálito quente de Saphira, no pescoço, quando esta se reuniu a ele.

O teu ovo era mais pequeno, disse dele.

Isso é porque a minha mãe não era tão velha e tão grande como o dragão que pôs este ovo.

Ah, não tinha pensado nisso.

Ele olhou para o resto dos ovos e sentiu a garganta contrair-se:

– São tantos – sussurrou Eragon. E encostou o ombro contra a enorme mandíbula de Saphira, sentindo os tremores que a percorriam. Tudo o que ela desejava era regozijar-se e abraçar as mentes dos seus parentes, mas tal como Eragon, mal conseguia acreditar no que tinha diante de si.

Depois roncou, baloiçou a cabeça, olhando para o resto da sala e rugiu tão alto que soltou o pó do teto.

Como é possível!?, rugiu ela, mentalmente. Como podem ter escapado a Galbatorix? Nós, dragões, não nos escondemos quando lutamos. Não somos cobardes para fugir ao perigo. Expliquem-se!

Não fales tão alto, Bjartskular, senão vais perturbar as crias que estão dentro dos ovos, disse Umaroth, num tom de censura.

Saphira arreganhou os dentes.

Então fala, ancião, e explica-nos como foi isto possível.

Por momentos, Umaroth pareceu divertido. Mas, quando lhe respondeu, falou-lhe num tom sombrio:

Tens razão, nós não somos cobardes nem nos escondemos quando lutamos, mesmo os dragões podem ficar à espera, para apanhar a sua presa desprevenida. Não concordas, Saphira?

Ela voltou a roncar, sacudindo a cauda de um lado para o outro.

Nós não somos como os Fanghur, nem como outras víboras menores, que abandonam as suas crias à vida ou à morte, consoante os caprichos do destino. Se nos tivéssemos reunido à batalha de Doru Araeba, teríamos sido destruídos e a vitória de Galbatorix teria sido absoluta – como ele, de facto, acredita que foi – e a nossa espécie teria desaparecido para sempre da face da terra.

Logo que a verdadeira dimensão do poder e da ambição de Galbatorix se tornou evidente, disse Glaedr, e logo que nos apercebemos de que ele e os traidores que se tinham reunido a ele tencionavam atacar Vroengard, Vrael, Umaroth, Oromis, eu e mais alguns decidimos que seria melhor esconder os ovos da nossa raça, bem como alguns dos Eldunarís. Foi fácil convencer os dragões selvagens, pois Galbatorix andava a caçá-los e eles não se podiam defender da sua magia. Vieram aqui e confiaram as suas crias por nascer aos cuidados de Vrael e os que podiam puseram ovos – quando, de contrário, teriam esperado –, pois todos nós sabíamos que a sobrevivência da nossa raça estava ameaçada. Parece que as nossas precauções foram bem aceites.

Eragon massajou as têmporas.

– Porque não sabias disto? Porque não sabia Oromis? E como foi possível esconder as suas mentes? Tu disseste-me que isso era impossível.

E é, respondeu Glaedr, pelo menos, apenas com a ajuda de magia. Nestas circunstâncias, porém, o que não se consegue com a magia pode conseguir-se com a distância. É por isso que estamos nas entranhas da terra, um quilómetro e meio abaixo do Monte Erolas. Mesmo que Galbatorix ou os Renegados pensassem em sondar com as mentes um local tão improvável como este, dificilmente, sentiriam mais do que um fluxo confuso de energia, devido à rocha intermédia, o que iriam atribuir a redemoinhos no sangue da terra, um pouco abaixo. Além disso, antes da Batalha de Doru Araeba, há mais de cem anos atrás, todos os Eldunarís estavam mergulhados num transe profundo semelhante à morte, que os tornava muito mais difíceis de encontrar. O nosso plano era despertá-los depois da batalha terminar.

Mas, os que construíam este local lançaram também um feitiço do seu transe, alguns meses depois.

Tal como aconteceu, disse Umaroth. O Cofre das Almas foi aqui construído por outra razão. O fosso que veem diante de vós dá acesso a um lago de lava que existe por baixo destas montanhas, desde que o mundo surgiu. A lava fornece o calor necessário para manter os ovos confortáveis e a luz necessária para que nós, Eldunarís, conservemos a nossa energia.

Dirigindo-se a Glaedr, Eragon disse:

Ainda não respondeste à minha pergunta: Porque é que tu e Oromis não se lembravam deste local?

Foi Umaroth que respondeu:

Porque todos os que sabiam da existência do Cofre das Almas concordaram em deixar que esse conhecimento fosse removido da sua mente e substituído por falsas memórias, incluindo Glaedr. Não foi uma decisão fácil, especialmente para as mães dos ovos, mas não podíamos permitir que ninguém fora desta sala continuasse na posse da verdade, não fosse Galbatorix saber da nossa existência. Por isso despedimo-nos dos nossos amigos e camaradas, plenamente conscientes de que poderíamos nunca mais voltar a vê-los, e que se o pior acontecesse, eles morreriam com a convicção de que tínhamos mergulhado no vazio... Como eu disse, não foi uma decisão fácil. Apagámos também de todas as memórias os nomes do rochedo que assinala a entrada deste santuário, da mesma forma que tínhamos apagado os nomes dos treze dragões que decidiram trair-nos.

Passei os últimos cem anos convencido de que a nossa espécie estava condenada ao esquecimento, disse Glaedr, e agora sei que toda a minha angústia foi em vão... Ainda assim, estou satisfeito por ter conseguido salvarguardar a nossa raça, graças à minha ignorância.

Depois Saphira disse a Umaroth:

Porque é que Galbatorix não deu pela vossa falta nem pela falta dos ovos?

Pensou que tivéssemos sido mortos durante a batalha. Nós éramos apenas uma pequena fração dos Eldunarís de Vroengard, não em número suficiente para ele suspeitar da nossa ausência. Quanto aos ovos, sem dúvida que ficou furioso pelo facto de os perder, mas não tinha razões para acreditar que houvesse algum estratagemas.

Ah sim, disse Glaedr, tristemente. Foi por isso que Thuiel aceitou sacrificar a sua vida: para esconder o nosso embuste de Galbatorix.

– Mas Thuiel não matou muitos da sua espécie? – interpelou Eragon.

Matou e foi uma grande tragédia, respondeu Umaroth. Contudo, tínhamos concordado que ele não o faria a menos que se tornasse óbvio que a derrota era inevitável. Ao imolar-se, destruiu os edifícios onde guardávamos os ovos e também tornou a ilha venenosa, para garantir que Galbatorix jamais decidiria instalar-se aqui.

– Ele sabia porque se estava a matar?

Na altura, não, apenas sabia que era necessário. Um dos Renegados matara o dragão de Thuiel um mês antes. Embora Thuiel tivesse decidido não mergulhar no vazio, pois precisávamos de todos os guerreiros que tínhamos para combater Galbatorix, não queria continuar a viver. Por isso, ficou satisfeito com a missão, pois garantia-lhe a libertação que ansiava, permitindo-lhe de igual modo servir a nossa causa. Ao dar a sua vida, ele assegurou o futuro da nossa raça e dos Cavaleiros. Foi um herói de grande coragem e o seu nome será um dia cantado por todos os recantos de Alagaësia.

E, depois da batalha, esperaram, disse Saphira.

E depois esperámos, anuiu Umaroth. Eragon encolheu-se ao pensar como seria passar mais de cem anos dentro de uma sala enterrada nas profundezas da terra. Mas não temos estado inativos. Quando acordámos do nosso transe, começámos a projetar as nossas mentes, primeiro cautelosamente, e depois com uma crescente confiança, logo que percebemos que Galbatorix e os Renegados tinham abandonado a ilha. Juntos reunimos muita força e temos conseguido observar muito do que se tem passado, por todo o reino, desde então. Não conseguimos fazer vidência, por norma não, mas conseguimos ver o emaranhado de energia, em toda a Alagaësia, e muitas vezes conseguimos ouvir os pensamentos dos que não fazem qualquer esforço para proteger a mente. Foi dessa forma que conseguimos reunir a informação que temos.

Com o passar das décadas, começámos a perder a esperança de que alguém conseguisse matar Galbatorix. Estávamos dispostos a esperar séculos, se necessário, mas sentíamos o poder do Destruidor de Ovos a aumentar e receámos ter de esperar milhares de anos, em vez de centenas. Decidimos que era inaceitável, fosse pela nossa saúde mental, fosse pelo bem-estar das crias nos ovos. As crias estão encantadas com feitiços que desaceleram o metabolismo e poderão ficar assim durante mais alguns anos. Mas não é bom permanecerem demasiado tempo dentro da casca, pois poderão ficar com uma mente distorcida e estranha.

Movidos pela preocupação, começámos a intervir nos acontecimentos que víamos. A princípio, apenas de uma forma insignificante; uma cotovelada ali, uma sugestão sussurrada acolá, uma sensação de alarme a alguém prestes a sofrer uma emboscada. Nem sempre éramos bem-sucedidos, mas conseguimos ajudar aqueles que lutavam contra Galbatorix e, à medida que o tempo foi passando, tornámo-nos mais hábeis e mais confiantes nas nossas intervenções. A nossa presença não passou despercebida em determinadas ocasiões, mas nunca ninguém conseguiu perceber quem éramos ou o que éramos. Por três vezes, conseguimos provocar a morte de Renegados; Brom era uma arma bastante útil para nós, quando não se deixava levar pelas suas paixões.

– Ajudaram Brom? – exclamou Eragon.

Ajudámos Brom e muitos outros. Quando o humano que dava pelo nome de Helfring roubou o ovo de Saphira do tesouro de Galbatorix – há cerca de vinte anos – nós ajudámo-lo a escapar. No entanto, fomos longe demais, porque ele deu pela nossa presença e assustou-se. Fugiu e não foi ao encontro dos Varden como deveria ter feito. Mais tarde, depois de Brom resgatar o teu ovo, quando os Varden e os Elfos começaram a levar jovens junto dele, na tentativa de descobrirem para quem este iria chocar, decidimos que teríamos de fazer certos preparativos para essa eventualidade. Por isso contactámos os homens-gato, que há muito eram amigos dos dragões, e falámos com eles. Eles concordaram em ajudar-nos e nós transmitimos-lhes o conhecimento do Rochedo de Kuthian e do aço brilhante, debaixo das raízes da árvore de Menoa, removendo-lhes em seguida todas as memórias da nossa conversa.

– Fizeram tudo isso daqui? – interpelou Eragon, surpreendido.

E mais ainda. Nunca te interrogaste por que razão o ovo de Saphira apareceu diante de ti, quando andavas pela Espinha?

Isso foi obra vossa?, perguntou Saphira, tão espantada quanto Eragon.

– Eu julguei que fosse pelo facto de Brom ser meu pai e de Arya me ter confundido com ele.

Não, disse Umaroth. Não é frequente os feitiços dos Elfos correrem mal. Nós alterámos o fluxo de magia para que tu e Saphira se encontrassem. Achámos que havia uma hipótese – ténue, mas ainda assim uma hipótese – de que tu viesses a revelar-te a pessoa ideal para ela. E estávamos certos.

– Porque não nos trouxeram até aqui mais cedo? – perguntou Eragon.

Porque precisavas de tempo para o teu treino e poderíamos arriscar-nos a alertar Galbatorix para a nossa presença, antes de tu ou os Varden estarem preparados para o defrontar. Se te tivéssemos contactado depois da Batalha das Planícies Flamejantes, por exemplo, de que iria valer, estando os Varden ainda tão longe de Urû'baen?

Fez-se silêncio durante um minuto e depois Eragon disse, pausadamente:

– Que mais fizeram por nós?

Umaz pequenas cotoveladas e advertências na sua maioria. As visões de Arya em Gil'ead, quando ela precisou da tua ajuda. A cura das tuas costas durante o Agaeti Blödhren.

Um sentimento de desaprovação emanou de Glaedr.

Vocês mandaram-nos a Gil'ead sem treino, sabendo que eles iriam ter de enfrentar um Espetro?

Nós pensámos que Brom iria estar com eles. Mas, mesmo depois de ele morrer, não conseguimos detê-los, visto que eles teriam de ir a Gil'ead, à procura dos Varden.

– Espera aí! – disse Eragon. – Vocês foram os responsáveis pela minha... transformação?

Em parte. Tocámos o reflexo da nossa raça que os Elfos invocam durante a celebração. Nós fornecemos a inspiração e ela, ele, algo, forneceu a energia para o feitiço.

Eragon baixou os olhos e cerrou o punho, não por estar zangado mas por sentir tantas outras emoções, que não conseguia ficar quieto. Saphira, Arya, a sua espada, a forma do seu corpo – ele devia tudo isso aos dragões que estavam naquela sala.

– Elrun ono – disse ele. – Obrigado.

Não tens de quê, Aniquilador de Espetros.

– Também ajudaram Roran?

O teu primo não precisou da nossa ajuda. Umaroth fez uma pausa. Há já muitos anos que vos observamos, Eragon e Saphira. Vimos-vos passar de crias a poderosos guerreiros e estamos orgulhosos de tudo o que conseguiram. Tu, Eragon, tens sido tudo o que esperávamos de um novo Cavaleiro e tu, Saphira, mereces ser vista como um dos maiores membros da nossa raça.

O regozijo e o orgulho de Saphira misturaram-se com os de Eragon. Ele baixou-se sobre o joelho e ela bateu com as patas no chão, baixando a cabeça. Eragon tinha vontade de saltar, gritar e celebrar, mas não fez nada disso, optando por dizer:

– A minha espada é vossa...

... E os meus dentes e as minhas garras também, disse Saphira.

– Até ao fim das nossas vidas – concluíram ambos em uníssono. – O que pretendes de nós, Ebrithilar?

Uma sensação de satisfação emanou de Umaroth e ele respondeu:

Agora que nos encontraram, não podemos continuar escondidos. Gostaríamos de ir convosco a Urû'baen e lutar a vosso lado para matarmos Galbatorix. Chegou o momento de abandonarmos o nosso covil e defrontar aquele destruidor de ovos, traçoeiro, de uma vez por todas. Sem a nossa ajuda, ele iria conseguir penetrar na vossa mente tão facilmente como nós, pois tem muitos Eldunarís às suas ordens.

Eu não vos posso levar a todos, disse Saphira.

Não terás de o fazer, esclareceu Umaroth. Cinco de nós ficarão a vigiar os ovos, com Cuaroc. Se não conseguirmos derrotar Galbatorix, eles deixarão de interferir nos emaranhados de energia, contentando-se em esperar até que seja de novo seguro para os dragões aventurarem-se em Alagaësia. Mas não te preocupes, não seremos um fardo para vós. Seremos nós a fornecer a energia necessária para deslocar o nosso peso.

– Quantos são? – perguntou Eragon, olhando em redor.

Cento e trinta e seis. Mas não penses que conseguiremos superar o Eldunarí que Galbatorix escravizou. Somos poucos e aqueles que foram escolhidos para ficarem guardados neste cofre, ou eram demasiado velhos e valiosos para arriscarmos perdê-los em combate ou demasiado jovens e inexperientes para participarem nele. Por isso, decidi juntar-me a eles. Sou eu que faço a ponte entre os grupos, estabelecendo um ponto de entendimento comum, que de outra forma faltaria. Os mais velhos são, de facto, sábios e poderosos, mas as suas mentes deambulam por estranhos caminhos, pelo que normalmente é difícil convencê-los a concentrarem-se em alguma coisa para além dos seus sonhos. Os mais jovens são menos afortunados, pois abandonaram os corpos antes do tempo, daí que as suas mentes estejam limitadas às dimensões dos seus Eldunarís, que jamais poderão crescer ou expandir-se depois de abandonarem a carne. Que isso te sirva de lição, Saphira: não te despojes do teu Eldunarí, a menos que tenhas atingido um tamanho respeitável ou enfrentes uma terrível emergência.

– Então, continuamos em desvantagem – concluiu Eragon, num tom sombrio.

Sim, Aniquilador de Espetros, mas agora Galbatorix já não te pode forçar a pôr de joelhos assim que te vir. Poderemos não conseguir superá-los, mas conseguiremos conter os seus Eldunarís o tempo suficiente para que tu e Saphira façam o que seja necessário. E tenham esperança, pois nós sabemos muita coisa, muitos segredos sobre guerra, a magia e o funcionamento do mundo. Ensinar-vos-emos o que pudermos e pode ser que parte do nosso conhecimento vos permita matar o rei.

Depois disso, Saphira inquiriu-os acerca dos ovos, descobrindo que tinham sido salvos duzentos e quarenta e três, dos quais vinte e seis estavam destinados a reunir-se aos Cavaleiros. Os restantes não tinham elos. Começaram, entretanto, a discutir o voo para Urû'baen. Enquanto Umaroth e Glaedr aconselhavam Saphira sobre o caminho mais rápido para alcançar a cidade, o homem com cabeça de dragão embainhou a espada, poisou o escudo e começou a remover os Eldunarís, um por um, dos nichos. Colocou cada um dos globos, semelhantes a jóias, dentro das bolsas de seda sobre as quais eles estavam poisados, empilhando-os delicadamente no chão, junto do fosso luminoso. O diâmetro do Eldunarí maior era tão grande, que o dragão de corpo de metal não conseguia pôr os braços à volta dele.

Enquanto Cuaroc trabalhava e os outros conversavam, Eragon continuava a sentir um misto de confusão e incredibilidade. Dificilmente teria imaginado que houvesse outros dragões escondidos em Alagaësia e, no entanto, ali estavam eles, os restos de uma era perdida. Era como se as histórias antigas ganhassem vida, e ele e Saphira fossem apanhados no meio delas.

As emoções de Saphira eram mais complicadas. O facto de saber que a sua raça já não estava condenada à extinção, dissipara uma sombra na sua mente – uma sombra que a habitava desde que Eragon se lembrava –, e uma profunda alegria que sentia elevara-lhe de tal forma o moral que os seus olhos e escamas pareciam brilhar mais que o normal. Ainda assim, um curioso instinto defensivo temperava o seu júbilo, como se sentisse alguma insegurança perante os Eldunarís.

Apesar de desorientado, Eragon estava consciente da mudança no estado de espírito de Glaedr. Não parecia ter esquecido inteiramente a sua mágoa, mas Eragon nunca o vira tão feliz desde que Oromis morrera. E, embora Glaedr não fosse obsequioso com Umaroth, tratava o outro dragão com um respeito que Eragon nunca testemunhara, nem mesmo quando falara com a rainha Islanzadí.

Quando Cuaroc estava prestes a concluir o seu trabalho, Eragon aproximou-se da beira do fosso e espreitou para o seu interior. Viu um buraco circular que mergulhava pela pedra, a mais de trinta metros de profundidade, e desembocava numa caverna parcialmente cheia de um mar de lava. Um espesso líquido amarelo borbulhava e projetava salpicos, como uma panela de cola a ferver, libertando colunas rodopiantes de fumo na superfície ondulante. Ele julgou ver uma luz, a flutuar ao longo da superfície do mar flamejante, mas desapareceu tão depressa que ficou sem saber.

Anda, Eragon, disse Umaroth quando o homem com cabeça de dragão poisou o último dos Eldunarís que iriam viajar com eles. Agora tens de lançar um feitiço. As palavras são as seguintes...

Eragon franziu o sobrolho ao ouvi-las:

– O que significa o... torcer na segunda linha? O que tenho eu de torcer, o ar?

Eragon ficou ainda mais confuso com a explicação de Umaroth. Ele tentou explicar-lhe de novo, mas Eragon não entendia o conceito. Outros Eldunarís mais velhos juntaram-se à conversa, mas as suas explicações faziam ainda menos sentido, surgindo, em grande parte, como uma torrente de imagens e sensações sobrepostas, além de estranhas comparações esotéricas que o deixaram irremediavelmente confuso.

Para seu alívio, Saphira e Glaedr também pareciam intrigados, embora Glaedr tivesse dito:

Acho que compreendo, mas é como tentar agarrar um peixe assustado. E, sempre que penso que o apanhei, escapa-se por entre os meus dentes.

Por fim, Umaroth disse:

Isto é uma lição para outra altura. Tu sabes o que o feitiço faz, mesmo que não saibas como. Isso terá de bastar. Extrai a energia que precisares de nós, lança o feitiço e vamos embora.

Nervoso, Eragon memorizou as palavras do feitiço, para evitar cometer erros, e começou a falar. Ao proferir as frases, recorreu às reservas dos Eldunarís e foi percorrido por uma enorme torrente de energia, como um rio de água quente e fria, que lhe provocou um formigueiro na pele.

O ar em torno do amontoado irregular de Eldunarís ondulou e tremeluziu. Depois, a pilha começou a dobrar-se sobre si e desapareceu. Uma rajada de vento despenteou Eragon e um ruído seco e suave ecoou pela câmara.

Atônito, Eragon viu Saphira esticar a cabeça para a frente e a baloiçá-la no local onde os Eldunarís estavam, instantes antes. Tinham desaparecido, como se nunca tivessem existido, no entanto, tanto ele como ela sentiam as mentes dos dragões por perto.

Logo que saiam do cofre, disse Umaroth, a entrada para esta bolsa de espaço permanecerá a uma distância fixa, acima e atrás de vós, salvo quando estiverem numa área confinada ou quando o corpo de alguém passar por esse espaço. A entrada não é maior que uma cabeça de alfinete, mas é mais mortífera do que qualquer espada, e se lhe tocases poderia retalhar-te a carne.

Saphira fungou:

Até o teu cheiro desapareceu.

– Quem descobriu como fazer isto? – perguntou Eragon, impressionado.

Um eremita que vivia na costa norte de Alagaësia, há mil e duzentos anos atrás, respondeu Umaroth. É um truque valioso se quiserem esconder algo à vista de todos, mas é perigoso e difícil de fazer. O dragão ficou um momento em silêncio e Eragon sentiu que ele estava a reunir ideias. Depois Umaroth disse: Há mais uma coisa que tu e Saphira deviam saber. No momento em que passarem o grande arco atrás de vós – o Portal de Vergathos – começarão a esquecer Cuaroc bem como os ovos que aqui estão escondidos, e quando chegarem às portas de pedra, ao fundo do túnel, tê-los-ão esquecido por completo. Mesmo nós, Eldunarí, esqueceremos os ovos. Se conseguirmos matar Galbatorix, o portal devolver-nos-á as memórias, mas até lá teremos de as ignorar. Umaroth pareceu resmungar. É... desagradável, eu sei, mas não podemos permitir que Galbatorix saiba da existência dos ovos.

Eragon não gostou da ideia, mas não lhe ocorria qualquer alternativa razoável.

Obrigada por nos dizeres, disse Saphira, e Eragon agradeceu também.

O grande guerreiro de metal, Curaoc, apanhou o escudo do chão, desembainhou a espada, encaminhou-se para o velho trono e sentou-se nele. Depois de poisar a lâmina nua da espada sobre os joelhos e de encostar o escudo à parte lateral do trono, poizou as mãos abertas sobre as pernas e ficou imóvel como uma estátua. Apenas os duendes saltitantes nos seus olhos vermelhos se moviam, atentos aos ovos.

Eragon estremeceu ao virar costas ao trono. Havia algo de perturbante na imagem daquela figura solitária, do lado oposto da câmara. Era-lhe difícil sair, sabendo que Curaoc e os outros Eldunarí que lá iam ficar, poderiam passar cem anos ou mais sozinhos.

Adeus, disse ele mentalmente.

Adeus, Aniquilador de Espetros, responderam cinco sussurros. Adeus, Escamas Brilhantes, que a sorte esteja convosco.

Depois, Eragon endireitou os ombros e passou com Saphira pelo Portal de Vergathos, abandonando o Cofre das Almas.

O REGRESSO

Eragon franziu o sobrolho ao sair do túnel em direção ao sol do início de tarde que banhava a clareira, diante do Rochedo de Kuthian.

Era como se tivesse esquecido algo de importante. Tentou lembrar-se, mas não lhe ocorreu nada, apenas uma sensação de vazio que o deixava inquieto. Teria a ver com... não, não se lembrava.

Saphira, tu..., começou ele por dizer, mas depois silenciou.

O que é?

Nada. Pensei apenas que... Esquece, não é importante.

Atrás deles, as portas para o túnel fecharam-se com um estrondo cavo, as linhas de hieróglifos desapareceram e o grosseiro pináculo, coberto de musgo, voltou a ser um pedaço sólido de pedra.

Venham, disse Umaroth, vamos embora. O dia já vai longo e temos muitas léguas a percorrer até Urû'baen.

Eragon olhou em redor da clareira, ainda a sentir que faltava qualquer coisa. Depois acenou com a cabeça e trepou para a sela de Saphira.

Ao prender as correias em torno das pernas, a sinistra algaraviada de uma ave-espetro ressoou por entre os abetos de ramos pesados, à direita. Olhou mas não viu sinais da criatura. Fez uma careta. Estava feliz por ter visitado Vroengard, mas também se sentia feliz por partir. A ilha era um local hostil.

Vamos?, perguntou Saphira.

Vamos embora, disse ele com uma sensação de alívio.

Saphira bateu as asas uma vez e saltou, levantando voo sobre o pomar, do outro lado da clareira. Distanciou-se rapidamente do vale em forma de taça, circundando as ruínas de Doru Araeba, à medida que subia. Logo que ganhou altitude suficiente para planar sobre as montanhas, virou para Este e partiu em direção ao continente e a Urû'baen, deixando para trás os restos do outrora glorioso bastião dos Cavaleiros.

A CIDADE DAS MÁGOAS

O sol estava ainda perto do zénite quando os Varden chegaram a Urû'baen.

Roran ouviu os gritos dos homens na parte dianteira da coluna, ao alcançarem a crista de uma cordilheira. Curioso, desviou os olhos dos calcanhares do anão que tinha diante de si e, quando chegou ao topo da cordilheira, deteve-se para contemplar a vista, tal como todos os guerreiros à sua frente o tinham feito.

O terreno descia suavemente durante vários quilómetros, dando lugar a uma ampla planície salpicada de quintas, moinhos e imponentes propriedades de pedra que lhe lembravam as que havia perto de Aroughs. A planície estendia-se até às muralhas exteriores de Urû'baen, a cerca de oito quilómetros.

Ao contrário das muralhas de Dras-Leona, as defesas da capital eram suficientemente longas para abranger toda a cidade e eram também mais altas. Mesmo à distância, Roran percebeu que eram muito maiores que as de Dras-Leona e Aroughs. Calculou que tivessem, pelo menos, noventa metros de altura. Viu balistas e catapultas instaladas em intervalos regulares, sobre os amplos baluartes.

O cenário preocupou-o. Seria difícil dismantelar as máquinas de guerra, pois estavam certamente protegidas contra ataques mágicos e ele sabia, por experiência, quão mortíferas eram essas armas.

Por trás das muralhas, via-se uma mistura de estruturas construídas pelo homem e outras que supunha serem obra de Elfos. O edifício élfico que mais se destacava compunha-se de seis graciosas torres de pedra, verde diamante, dispersas em arco ao longo do que depreendeu ser a parte mais antiga da cidade. Duas das torres não tinham telhado e ele julgou ver parte de outras duas, parcialmente enterradas no amontoado de casas, em baixo.

Contudo, o que mais despertou a sua atenção, não foi a muralha nem os edifícios, mas o facto de grande parte da cidade estar oculta sob uma enorme saliência de pedra, com mais de oitocentos metros de largura e cento e cinquenta metros de espessura, na parte mais estreita. A saliência correspondia à extremidade de uma enorme colina que se estendia vários quilómetros para Nordeste. Sobre o rebordo rochoso da plataforma via-se uma outra muralha, semelhante à que cercava a cidade, e várias torres de vigia de aspeto maciço.

Ao fundo da reentrância, semelhante a uma caverna, erguia-se uma enorme cidadela adornada por uma miríade de torres e baluartes. A cidadela erguia-se tão acima da cidade que quase roçava na parte inferior da saliência. Mas, o que mais assustava era o portão, na parte da frente da fortaleza: uma caverna tão grande, que Saphira e Thorn poderiam certamente caminhar lado a lado através dela.

Roran sentiu o estômago contrair-se. A avaliar pelo portão, Shruikan devia ser suficientemente grande para chacinar o exército sozinho. “Seria melhor que Eragon e Saphira se despachassem”, pensou, “e os Elfos também.” Pelo que testemunhara até então, os Elfos talvez conseguissem enfrentar o dragão negro do rei, mesmo eles teriam grande dificuldade em matá-lo.

Roran percebeu isso e mais ainda ao parar no cimo da cordilheira. Depois, puxou as rédeas de Snowfire. O garanhão branco resfolgou atrás dele e seguiu-o, ao retomar a cansativa marcha, seguindo pela estrada sinuosa que descia até às terras baixas.

Poderia ter ido a cavalo – deveria, na verdade, ter ido a cavalo, sendo o capitão do batalhão – mas depois da viagem de ida e volta a Aroughs, ganhara uma certa aversão à sela.

Enquanto caminhava, tentava pensar na melhor forma de atacar a cidade. A cavidade de pedra onde Urû'baen estava aninhada impediria que pudessem atacar pelos flancos ou pela retaguarda, e iria interferir com os ataques vindos de cima. Esse era certamente o motivo por que os Elfos tinham decidido instalar-se ali.

“Se conseguíssemos partir a saliência, poderíamos esmagar a cidadela e grande parte da cidade”, pensou, concluindo depois que era improvável, pelo facto de a pedra ser demasiado grossa. “Ainda assim, talvez possamos tomar a muralha ao cimo da colina, e depois atirar pedras e óleo a ferver para cima dos que estiverem em baixo. Mas não será fácil. Lutar colina acima com aquelas muralhas... Talvez os Elfos consigam, ou os Kull. Talvez lhes dê gozo.”

O Rio Ramr ficava vários quilómetros a Norte de Urû'baen, demasiado longe para lhes ser útil. Saphira poderia escavar uma vala suficientemente profunda para o desviar, mas mesmo ela demoraria semanas a fazê-lo e os Varden não tinham comida para tanto tempo. Restavam-lhes apenas mantimentos para alguns dias. Depois teriam de passar fome ou desmembrar-se.

A única alternativa era atacar antes do Império, embora Roran não acreditasse que Galbatorix atacasse. Até então, o rei parecera disposto a permitir que os Varden viessem ao seu encontro. “Porque haveria de arriscar a pele? Quanto mais tempo esperarmos mais fracos nós ficamos.”

O que significava um ataque frontal – um ataque descarado e imprudente, em terreno aberto, em direcção a muralhas demasiado sólidas para serem derrubadas, demasiado altas para serem escaladas, com arqueiros e máquinas de guerra a bombardeá-los constantemente. Só de imaginar ficou com a testa a suar. Morreriam aos milhares. Roran praguejou. “Ficaremos feitos em pedaços e Galbatorix continuará a rir, sentado na sala do trono... Se conseguirmos aproximar-nos das muralhas, os soldados não conseguirão atingir-nos com os seus terríveis engenhos, mas ficaremos vulneráveis ao pez, ao óleo e às pedras que nos atirem para cima da cabeça.”

Mesmo que conseguissem derrubar as muralhas, teriam ainda de vencer o exército de Galbatorix. Mais importante que as defesas da cidade seria o carácter e a qualidade dos homens que os Varden iriam enfrentar. Lutariam até ao último fôlego? Ficariam assustados? Iriam ceder e fugir, se os pressionassem o suficiente? A que tipo de juramentos e feitiços estariam vinculados?

Segundo as informações dos espões dos Varden, Galbatorix entregara o comando das tropas aquarteladas em Urû'baen a um conde conhecido como Lord Barst. Roran nunca ouvira falar dele, mas Jörmundur parecera ficar consternado com a informação, e as histórias que ouviu dos homens do seu batalhão foram suficientes para o convencer da vilania de Barst. Ao que parece, ele fora senhor de uma propriedade bastante grande, perto de Gil'ead, e fora forçado a abandoná-la por ocasião da invasão dos Elfos. Os seus vassalos viviam apavorados, pois Barst tinha tendência a resolver disputas e a punir criminosos da forma mais severa, optando muitas vezes por executar sumariamente aqueles que acreditava serem os culpados. Tal comportamento, em si, seria dificilmente digno de nota, pois a brutalidade eraapanágio de muitos nobres do Império. Barst, contudo, além de impiedoso era forte – impressionantemente forte – e extremamente engenhoso. A inteligência de Barst era óbvia em tudo o que Roran ouvira acerca dele. Poderia ser um estupor, mas era um estupor inteligente e Roran sabia que seria um erro menosprezá-lo. Galbatorix não iria escolher um fraco nem um cretino para comandar as suas tropas.

Depois havia também Thorn e Murtagh. Galbatorix poderia não se dignar a pôr um pé fora da fortaleza, mas o dragão vermelho e o seu Cavaleiro iriam certamente defender a cidade. “Eragon e Saphira terão de os atrair para longe, de contrário jamais conseguiremos ultrapassar as muralhas.” Roran franziu o sobrolho. Isso seria um problema. Murtagh estava mais forte do que Eragon e este precisaria da ajuda dos Elfos para o matar.

Roran voltou a sentir a raiva amarga e o ressentimento crescerem dentro de si. Detestava estar à mercê dos que podiam praticar magia. Pelo menos na questão da força e do engenho, um homem podia compensar com uma ou com outra, mas não havia forma de compensar a falta de aptidão para a magia.

Frustrado, apanhou um seixo do chão e, tal como Eragon lhe ensinara, disse:

– Stenr rîsa. – Mas o seixo ficou imóvel.

O seixo ficava sempre imóvel.

Roncou e atirou-o para a beira da estrada.

A mulher e filho por nascer estavam com os Varden e ele não podia fazer nada para matar Murtagh ou Galbatorix. Cerrou os punhos e imaginou-se a partir coisas. Ossos, sobretudo.

“Talvez fosse melhor fugirmos.” Era a primeira vez que pensava em tal. Sabia que havia terras a Este, fora do alcance de Galbatorix – planícies férteis, onde viviam apenas nômadas. Se os outros aldeões o acompanhassem a ele e a Katrina, poderiam recomeçar as suas vidas, livres do Império e de Galbatorix. Mas ficou nauseado só de pensar. Estaria a abandonar Eragon, os seus homens e a terra que considerava lar. “Não, não permitirei que o nosso filho nasça num mundo ainda dominado por Galbatorix. Mais vale morrer do que viver apavorado.”

É claro que isso continuava a não lhe dizer como tomar Urû’baen. Anteriormente, sempre encontrara fraquezas que podiam ser exploradas. Em Carvahall fora o facto de os Ra’zac não terem percebido que os aldeões iam lutar. Ao defrontar o Urgal Yarbog, tinham sido os chifres da criatura. Em Aroughs, os canais. Mas ali em Urû’baen não via fraquezas, nenhum local onde pudesse utilizar a força dos adversários contra eles.

“Se tivéssemos provisões, esperaria até os matar à fome.” Essa seria a melhor forma. Tudo o resto era uma loucura. Mas ele sabia bem que a guerra era um catálogo de loucuras.

“Magia é única solução”, concluiu finalmente. “Magia e Saphira. Se conseguirmos matar Murtagh, ou ela ou os Elfos terão de nos ajudar a ultrapassar as muralhas.”

Franziu o sobrolho, com um gosto amargo na boca e apressou o passo. Quanto mais depressa montassem o acampamento, melhor. Tinha os pés doridos de caminhar e, se tivesse de morrer num ataque absurdo, queria pelo menos comer uma refeição quente e dormir uma boa noite de sono antes disso.

Os Varden montaram as tendas a um quilómetro e meio de Urû’baen, junto de um pequeno riacho que desaguava no Rio Ramr. Depois os homens, os Anões e os Urgals começaram a construir defesas, uma operação que iria prolongar-se até à noite e que retomariam na manhã seguinte. Na verdade, enquanto permanecessem no mesmo local, continuariam a fortificar o perímetro. Os guerreiros detestavam esse trabalho, mas mantinha-os ocupados e, além disso, poderia salvar-lhes a vida.

Todos pensavam que as ordens tinham vindo do espetro de Eragon, mas Roran sabia que vinham de Jörmundur. Desde o rapto de Nasuada e da partida de Eragon que ele fora ganhando respeito pelo velho guerreiro. Jörmundur combatiera o Império durante quase toda a vida e tinha profundos conhecimentos de táctica e logística. Roran dava-se bem com ele, pois eram ambos homens do aço e não da magia.

Depois havia o rei Orrin, com quem Roran tinha acabado a discutir, depois de montarem as defesas iniciais. Orrin conseguia sempre irritá-lo. Se havia alguém que podia ser a causa da morte deles, era ele. Roran sabia que não era muito saudável ofender um rei, mas o tolo queria mandar um mensageiro aos portões da frente de Urû’baen para anunciar um desafio formal, como tinham feito em Dras-Leona e Belatona.

– Quereis provocar Galbatorix? – rugiu Roran. – Se o fizermos, ele é capaz de reagir!
– Claro – disse o rei Orrin, endireitando-se. – É perfeitamente razoável que anunciemos as nossas intenções e lhe dêmos uma oportunidade de negociar a paz.

Roran ficou a olhar para ele e depois virou a cara indignado, dizendo a Jörmundur:

– Não consegues chamá-lo à razão?

Estavam os três reunidos no pavilhão de Orrin, onde o rei os convocara.

– Majestade – disse Jörmundur. – Roran tem razão. Seria melhor esperarmos para contactar o Império.

– Mas eles conseguem ver-nos – protestou Orrin. – Estamos acampados mesmo à saída das muralhas. Seria... indelicado não mandar um enviado definir a nossa posição. Vocês são ambos plebeus e eu não esperaria que o entendessem. A realeza exige certas cortesias, mesmo quando estamos em guerra.

Roran sentiu vontade de bater no rei.

– Sereis presunçoso a ponto de acreditardes que Galbatorix vos considera seu igual? Bah! Nós somos como insetos para ele. Ele não quer saber da vossa cortesia. Estais esquecido que Galbatorix era um plebeu como nós, antes de derrotar os Cavaleiros. As suas maneiras não são as mesmas que as vossas. Não há ninguém como ele no mundo e julgais ainda poder antecipar as suas ações? Esperais aplacá-lo? Bah!

Orrin corou e afastou o cálice de vinho, atirando com ele para cima do tapete.

– Foste longe de mais, Martelo de Ferro. Nenhum homem tem o direito de me insultar dessa forma.

– Eu tenho o direito de fazer o que quiser – rosnou Roran. – Não sou vosso súbdito e não tenho de responder perante vós. Sou um homem livre e insulto quem eu quiser, quando quiser e como quiser... até mesmo vós. Seria um erro mandar esse mensageiro e eu...

Ouviu-se um guincho deslizante do aço e o rei Orrin desembainhou bruscamente a espada, mas não apanhou Roran totalmente desprevenido. Este já tinha a mão no martelo e puxou-o do cinto, ao ouvir o barulho.

A espada do rei era uma mancha prateada, na luz mortiça da tenda, mas Roran percebeu onde Orrin o iria atacar e desviou-se. Depois bateu na espada do rei, e esta arqueou-se, tilintou, saltando da mão de Orrin.

A arma com jóias encastoadas caiu no chão com a lâmina trémula.

– Senhor – gritou um dos guardas lá fora. – Estais bem?

– Apenas deixei cair o escudo – respondeu Jörmundur. – Não há motivo para se preocuparem.

– Sim, senhor.

Roran olhou para o rei. Orrin tinha um olhar selvagem e amedrontado. Roran voltou a colocar o martelo no cinto, sem tirar os olhos dele.

– Contactar Galbatorix é estúpido e perigoso. Se o tentardes, matarei quem enviardes, antes que chegue à cidade.

– Não te atreverias a fazer isso! – ripostou Orrin.

– Faria e é o que farei. Não vou permitir que nos ponhais a todos em perigo só para satisfazer o vosso orgulho... real. Se Galbatorix quiser falar, sabe onde nos encontrar, de contrário deixai-o sossegado.

Roran saiu impetuosamente do pavilhão. Parou de mãos nas ancas e olhou para as nuvens volumosas, esperando que a pulsação abrandasse. Orrin parecia uma mula de um ano: teimoso, excessivamente confiante, e ansioso por dar um coice se lhes dêssemos oportunidade.

“Além disso bebe de mais”, pensou Roran.

Circulou diante do pavilhão até Jörmundur sair, e antes que este falasse Roran disse:

– Lamento.

– É para lamentares. – Jörmundur passou a mão pelo rosto e tirou um cachimbo de barro de uma bolsa que trazia pendurada no cinto, começando a enchê-lo de erva de cardus, que acamou com o polegar. – Demorei este tempo todo para convencê-lo a não enviar um mensageiro só para te faltar ao respeito. – Calou-se por instantes. – Serias mesmo capaz de matar um dos homens de Orrin?

– Eu não faço ameaças vãs – disse Roran.

– Eu também achei que não... Bom, esperemos que as coisas não cheguem a esse ponto.

Jörmundur começou a percorrer o caminho entre as tendas e Roran seguiu-o. Enquanto caminhavam, os homens desviavam-se curvando respeitosamente a cabeça. Gesticulando com o cachimbo apagado, Jörmundur disse:

– Confesso que já, por várias vezes, me apeteceu dar uma boa descompostura a Orrin. – Um sorriso fino desenhou-se nos seus lábios. – Infelizmente, a descrição nunca me permitiu fazer isso.

– Ele foi sempre assim tão... intratável?

– Hum? Não, não, em Surda era bastante mais razoável.

- Então, o que aconteceu?
- É medo, creio eu. O medo provoca coisas estranhas nos homens.
- Sim
- É possível que fiques ofendido ao ouvires isto, mas tu também te comportaste de uma forma bastante estúpida.
- Eu sei, o mau génio tomou conta de mim.
- E ganhaste um rei como inimigo.
- Outro rei, queres tu dizer.

Jörmundur riu baixinho.

– Sim, acho que quando se tem Galbatorix como inimigo pessoal, todos os outros parecem bastante inofensivos. Ainda assim... – Parou junto de uma fogueira e tirou um ramo fino, do meio das chamas. Colocou a ponta do ramo dentro do forninho do cachimbo, aspirou o fumo várias vezes, acendeu-o e voltou a atirar o ramo para a fogueira. – Ainda assim, eu não ignoraria a raiva de Orrin. Ele estava disposto a matar-te ali. Se te ficar com rancor, e eu acho que vai ficar, pode tentar vingar-se. Colocarei um guarda junto da tua tenda, durante os próximos dias, depois disso... – Jörmundur encolheu os ombros.

– Depois disso, podemos todos estar mortos ou escravizados.

Caminharam em silêncio durante mais alguns minutos e Jörmundur continuou a fumar o seu cachimbo. Quando estavam prestes a separar-se, Roran disse:

– Da próxima vez que vires Orrin...

– Sim?

– Talvez lhe pudesses dizer que, se ele ou algum dos seus homens molestarem Katrina, eu arranco-lhe as entranhas em frente de todo o acampamento.

Jörmundur aninhou o queixo no peito e ponderou no assunto por instantes. Depois levantou os olhos e acenou com a cabeça:

– Creio que descobrirei uma forma de o fazer, Martelo de Ferro.

– Os meus agradecimentos.

– Não tens de agradecer. Foi um prazer único, como sempre.

– Comandante.

Roran procurou Katrina e convenceu-a a trazer o jantar para o aterro a Norte, onde ficou de guarda para o caso de Orrin mandar algum mensageiro. Comeram sobre um pano que ela estendeu no chão revolvido há pouco tempo. E sentaram-se os dois, enquanto as sombras se alongavam e as estrelas começavam a aparecer no céu púrpura, sobre a saliência.

– Estou contente por aqui estar – disse ela, encostando a cabeça ao ombro dele.

– A sério? Estás mesmo?

– É lindo e tenho-te a ti só para mim. – Apertou-lhe o braço.

Ele puxou-a mais para junto de si, mas uma sombra continuava a pairar no seu coração. Não podia esquecer o perigo que a ameaçava a ela e ao seu filho. A evidência de que o seu maior inimigo estava apenas a alguns quilómetros de distância, ardia dentro dele. Tudo o que desejava era levantar-se, correr para Urû'baen e matar Galbatorix.

Mas isso era impossível. Sorriu e deu uma gargalhada, escondendo o medo, e sabia que ela também lhe estava a esconder o seu.

“Raios, Eragon”, pensou, “é melhor despachares-te, ou juro que te assombrarei depois de morto.”

CONSELHO DE GUERRA

Durante o voo de Vroengard para Urû'baen, Saphira não atravessou qualquer tempestade e teve a sorte de ter o vento de feição. Isso ajudou-a a avançar mais depressa, pois os Eldunarís disseram-lhe onde encontrar a corrente de ar mais rápida, que, segundo eles, soprava em quase todos os dias do ano. Além disso, eles forneciam-lhe constantemente energia, por isso Saphira nunca se sentiu fraca nem cansada.

A cidade surgiu no horizonte, apenas dois dias depois de terem deixado a ilha.

Por duas vezes, durante a viagem, quando o sol estava mais brilhante, Eragon julgou ver, à distância, a entrada para a bolsa de espaço onde os Eldunarís flutuavam, escondidos, atrás de Saphira. Parecia um ponto negro e era tão pequeno que não conseguia manter os olhos fixos nele por mais de um segundo. Primeiro, julgou que fosse uma partícula de pó, mas depois reparou que o ponto estava sempre à mesma distância de Saphira e, quando o via, estava sempre no mesmo sítio.

Enquanto voavam, os dragões verteram uma sucessão de memórias em Eragon e Saphira, por intermédio de Umaroth: uma cascata de experiências – batalhas ganhas e perdidas, amores, ódios, feitiços, acontecimentos presenciados por todo o reino, remorsos, realizações e reflexões acerca do funcionamento do mundo. Os dragões tinham milhares de anos de conhecimento e pareciam dispostos a partilhar tudo com eles.

É demasiado, protestou Eragon, não vamos conseguir lembrar-nos de tudo, muito menos entendê-lo.

Não, disse Umaroth. Mas poderás lembrar-te de alguma coisa e talvez seja o suficiente para derrotares Galbatorix. Agora deixa-nos prosseguir.

A torrente de informação era avassaladora. Por vezes Eragon sentia que estava a esquecer quem era, visto que as memórias dos dragões eram de longe mais numerosas que as suas. Quando isso acontecia, desligava a mente da deles e repetia o seu verdadeiro nome para si, até voltar a sentir-se seguro da sua identidade.

Tudo aquilo que ele e Saphira aprenderam impressionaram-no e perturbaram-no, levando-o frequentemente a questionar as suas próprias crenças. Mas nunca teve tempo para se debater demasiado com esses pensamentos, pois havia sempre mais para preencher o seu lugar. Sabia que levaria anos a perceber o que os dragões estavam a mostrar-lhe.

Quanto mais aprendia acerca dos dragões, maior era a admiração que sentia por eles. Os que viveram durante centenas de anos tinham uma forma estranha de pensar e os mais velhos eram tão diferentes de Glaedr e de Saphira quanto estes dos Fanghur das Montanhas Beor. Interagir com esses anciãos era confuso e inquietante, pois saltavam de um assunto para outro e faziam associações e comparações que pareciam não fazer qualquer sentido, mas que Eragon sabia terem significado a um nível mais profundo. Raramente conseguia perceber o que eles estavam a tentar dizer e os velhos dragões também não se dispunham a explicar-se em termos que ele entendesse.

Ao fim de algum tempo, Eragon percebeu que eles não conseguiam expressar-se de outra maneira. As suas mentes tinham mudado ao longo dos séculos e o que era simples e direto para ele, muitas vezes parecia-lhes complicado, e vice-versa. Escutar os seus pensamentos devia ser como escutar os pensamentos de um deus.

Ao fazer essa observação em particular, Saphira roncou e disse-lhe:

Há uma diferença.

Qual é?

Ao contrário dos deuses, nós participamos nos acontecimentos do mundo.

Talvez os deuses optem por agir sem que os vejamos.

Então para que é que servem?

Achas que os dragões são melhores que deuses?, perguntou ele divertido.

Quando somos completamente adultos, sim. Haverá criaturas mais grandiosas do que nós? Até a força de Galbatorix depende de nós.

E os Nidhwal?

Saphira fungou.

Nós podemos nadar, mas eles não podem voar.

O mais velho dos Eldunarís, um dragão que dava pelo nome de Valdr – que significava “líder”, na língua antiga – só falou diretamente com eles uma vez. Através dele receberam uma imagem de raios de luz que se transformavam em ondas de areia, tal como a noção desconcertante de que tudo o que parecia sólido era em grande parte um espaço vazio. Depois Valdr mostrou-lhes um ninho de estorninhos adormecidos e Eragon conseguiu sentir os sonhos percorrerem as suas mentes, num abrir e fechar de olhos. A princípio, a reação de Valdr foi de desprezo – os sonhos dos estorninhos pareciam insignificantes, mesquinhos e inconsequentes – mas, depois, o seu estado de espírito mudou e ele tornou-se afetuoso e empático, e mesmo a mais pequena preocupação dos estorninhos pareceu ganhar importância até se tornar igual às preocupações de reis.

Valdr prolongou a visão como se quisesse ter a certeza de que Eragon e Saphira se recordariam dela de entre todas as outras memórias. Contudo, nenhum deles tinha a certeza do que o dragão estava a tentar dizer-lhes. E Valdr recusou dar-lhes mais explicações.

Quando finalmente avistaram Urû'baen, os Eldunarís pararam de partilhar memórias com Eragon e Saphira, e Umaroth disse:

Agora será mais proveitoso que estudem o covil do vosso inimigo.

E foi isso que fizeram, num percurso de várias léguas, enquanto Saphira descia em direção ao solo. O que viram não encorajou nenhum deles e o que Glaedr disse a seguir tão-pouco os animou:

Galbatorix construiu muita coisa desde que nos expulsou daqui. No nosso tempo as muralhas não eram tão maciças nem tão altas.

Umaroth ainda acrescentou:

Ilirea também não estava tão fortificada durante a guerra entre a nossa espécie e os Elfos. O traidor escavou bem fundo e empilhou uma montanha de pedra sobre a sua toca. Acho que não sairá voluntariamente. É como um texugo que, escondido na toca, morderá o nariz de todos os que tentem tirá-lo de lá.

Um quilómetro e meio a sudoeste da saliência murada e da cidade por baixo desta, estava o acampamento dos Varden. Era bastante maior que a imagem que Eragon tinha dele, o que o intrigou, até perceber que a rainha Islanzadí e o seu exército já deviam ter unido forças aos Varden. Deu um pequeno suspiro de alívio. “Até Galbatorix receava o poder dos Elfos.”

Quando Saphira e Eragon estavam a cerca de uma légua das tendas, o Eldunarí ajudou Eragon a ampliar o raio de alcance dos seus pensamentos até conseguir sentir a mente dos homens, Anões, Elfos e Urgals reunidos no acampamento. O seu toque era demasiado leve para que alguém se apercebesse, a menos que o esperassem, e logo que localizou os acordes selvagens que caracterizavam os pensamentos de Blödhgarm, concentrou-se unicamente no elfo.

Blödhgarm, disse ele, sou eu, Eragon. Um fraseado mais formal parecia-lhe natural depois de passar tanto tempo a reviver experiências de há muitas eras atrás.

Aniquilador de Espetros! Estás bem? A tua mente parece-me estranha. Saphira está contigo? Está ferida? Aconteceu alguma coisa a Glaedr?

Estão ambos bem, tal como eu.

Então... A confusão de Blödhgarm era evidente.

Eragon interrompeu-o, dizendo:

Não estamos longe, mas estamos invisíveis, por agora. As nossas ilusões ainda são visíveis para os que aí estão em baixo?

Sim, Aniquilador de Espetros. Pusemos Saphira a voar em círculos sobre as tendas, a mil e quinhentos metros de altitude. Por vezes escondemo-la num banco de nuvens ou criamos a ilusão de que ambos se ausentaram para patrulhar a região. Mas não podemos permitir que Galbatorix pense que se ausentaram por muito tempo. As vossas imagens irão afastar-se agora, para que possam reunir-se a nós, sem levantar suspeitas.

Não, é melhor esperarem e manterem os vossos feitiços durante mais algum tempo.

Como?

Não vamos regressar diretamente ao acampamento. Eragon olhou de relance para o solo. Há uma pequena colina, a sudeste, a pouco mais de três quilómetros. Conhece-la?

Sim, consigo vê-la daqui.

Saphira aterrá atrás dela. Pede a Arya, Orik, Jörmundur, Roran, à rainha Islanzadí e ao rei Orrin para se reunirem lá connosco. Mas certifica-te de que não abandonam o acampamento todos ao mesmo tempo. O ideal seria ajudares a escondê-los. Tu também deves vir.

Como queiras... Aniquilador de Espetros, o que encontraste em...

Não! Não me perguntes isso. Seria perigoso pensar no assunto aqui. Vem e eu dir-te-ei. Não quero gritá-lo aos quatro ventos, onde possa ser ouvido.

Compreendo. Iremos ter contigo logo que pudermos, mas somos capazes de demorar algum tempo a organizar as partidas.

Claro. Sei que farás o melhor.

Eragon cortou a ligação e recostou-se na sela, sorrindo ligeiramente ao imaginar a expressão de Blödhgarm quando soubesse dos Eldunaris.

Saphira aterrou na depressão, por trás da base da colina, com um redemoinho de vento, assustando um rebanho de ovelhas, que fugiram a correr, com balidos lamentosos.

Ao recolher as asas, Saphira olhou em redor, à procura das ovelhas e disse:

Seria fácil apanhá-las, visto que não me veem. E lambeu as mandíbulas.

Sim, mas qual seria o gozo disso?, perguntou Eragon, soltando as correias que tinha em torno das pernas.

O gozo não enche a barriga.

Não, mas também não tens fome, pois não? A energia dos Eldunaris, embora insubstancial, tirara-lhe a fome.

Saphira exalou uma grande quantidade de ar, como que suspirando.

Não, nem por isso...

Enquanto esperavam, Eragon esticou os membros doridos e fez uma refeição leve, a partir do que restava das suas provisões. Sabia que o corpo sinuoso de Saphira estava estendido no chão, a seu lado, embora não a visse. Apenas a impressão mais escura do seu corpo sobre os talos de erva esmagados denunciava a sua presença, como uma depressão de estranhos contornos. A imagem divertiu-o, embora não percebesse bem porquê.

Enquanto comia, contemplou a agradável paisagem em torno da colina, observando a agitação do ar nas espigas de trigo e de cevada. Os campos estavam separados por muros longos e baixos feitos de pedras empilhadas. Os agricultores da zona deviam ter levado centenas de anos a desenterrar tantas pedras.

“Pelo menos esse problema não se colocava no Vale de Palancar”, pensou ele.

Instantes depois, um dos dragões transmitiu-lhe uma memória e Eragon ficou a saber exatamente quantos anos tinham os muros. Remontavam à época em que os humanos tinham vindo viver para as ruínas de Ilirea, depois dos Elfos derrotarem os guerreiros do rei Palancar. Conseguia vê-los como se ainda lá estivesse: filas de homens, mulheres e crianças a vasculharem a terra acabada de arar e a transportarem as pedras que encontravam para o local onde iriam erguer os muros.

Algun tempo depois, Eragon permitiu que a memória se dissipasse, abrindo depois a mente para as flutuações de energia que existiam em redor deles. Escutou os pensamentos dos ratos na erva, dos vermes na terra e dos pássaros que esvoaçavam. Era um pouco arriscado, pois poderia acabar por denunciar a sua presença a feitiçeiros inimigos que estivessem por perto. Mas preferia saber o que tinha em seu redor, para que ninguém os pudesse atacar de surpresa.

Entretanto sentiu a aproximação Arya, Blödhgarm e da rainha Islanzadí, não ficando alarmado ao ver a sombra das suas pegadas a moverem-se na sua direção, do lado oeste da colina.

O ar ondulou como água e os três elfos apareceram diante dele. A rainha Islanzadí vinha à frente, mais majestosa do que nunca. Envergava um corpete dourado de uma armadura de escamas, usava um elmo com jóias encastoadas e uma capa vermelha, debruada a branco, presa em torno dos ombros. Uma espada longa e esguia pendia-lhe da cintura estreita. Trazia uma lança comprida, de ponta branca, numa das mãos, e um escudo com a forma de uma folha de bétula – com rebordos serrados e tudo – na outra.

Arya envergava também uma bela armadura. Trocara as suas roupas, habitualmente escuras, por um corpete como o da mãe – embora o de Arya fosse de aço acinzentado e não de ouro –, e usava um elmo decorado com um entrançado gravado em relevo na testa e na peça do nariz, e um par de asas de águia estilizadas viradas para trás, em cada têmpora. O traje de Arya era sombrio, em relação ao que era usado por Islanzadí, e, por isso mesmo, mais mortífero. Juntas, mãe e filha eram como um par de lâminas idênticas, uma adornada para exposição e a outra equipada para a guerra.

Tal como as duas mulheres, Blödhgarm usava uma túnica de armadura de escamas, mas tinha a cabeça descoberta e não trazia qualquer arma a não ser uma pequena faca no cinto.

– Mostra-te, Eragon, Aniquilador de Espetros – disse Islanzadí, olhando para o local onde ele estava.

Eragon quebrou o feitiço que o escondia a ele e a Saphira, e fez uma vénia à rainha dos Elfos.

Ela passou os olhos escuros por ele, estudando-o como se fosse um cavalo de carga premiado. Contrariamente ao habitual, Eragon não teve dificuldade em olhá-la diretamente. Segundos depois, a rainha disse:

– Melhoraste, Aniquilador de Espetros.

Ele fez-lhe uma segunda vénia, mais curta.

– Obrigado, Majestade. – Como sempre, o som da sua voz provocou-lhe um estremecimento. Parecia vibrar de magia e musicalidade, como se cada palavra fosse parte de um poema épico. – Tal cumprimento tem grande significado vindo de alguém tão sábio e justo como vós.

Islanzadí deu uma gargalhada, revelando uns dentes longos, e a colina e os campos vibraram com o seu riso.

– E também estás eloquente! Não me contaste que ele se tinha tornado tão bem-falante, Arya!

Um ligeiro sorriso desenhou-se no rosto do Arya.

– Ele ainda está a aprender.

Depois, dirigindo-se a Eragon, disse:

– É bom saber que regressaste são e salvo.

Os Elfos assaltaram Eragon, Saphira e Glædr com inúmeras perguntas, mas os três recusaram-se a responder até os outros chegarem. Ainda assim, Eragon achou que os Elfos tinham sentido os Eldunaris, pois reparou que eles, por vezes, olhavam na direção dos corações dos corações, embora não parecessem aperceber-se disso.

Orik surgiu a seguir, vindo de Sul, montado num pónei, desganhado, suado e ofegante.

– Olá Eragon! Olá Saphira! – gritou o rei dos Anões, erguendo o punho. Deslizou da montada exausta, aproximou-se com passos pesados, puxou Eragon, e abraçou-o rudemente, batendo-lhe nas costas.

Depois de se cumprimentarem – e Orik dar uma esfregadela no focinho de Saphira, arrancando-lhe um gemido de prazer – Eragon perguntou:

– Onde estão os teus guardas?

Orik apontou por cima do ombro:

– A enrançar as barbas numa granja, a oeste, a um quilómetro e meio daqui e nada satisfeitos, presumo. Eu teria confiado em todos eles – pois são membros do meu clã –, mas Blödhgarm disse que era melhor vir sozinho, por isso assim o fiz. Agora, explica-me, porquê todo este secretismo? O que descobriste em Vroengard?

– Terás de esperar pelo resto do conselho, para saberes – respondeu Eragon –, mas é bom voltar a ver-te – e deu uma palmada no ombro de Orik.

Roran chegou a pé, pouco depois, com um ar sombrio e empoeirado. Agarrou no braço de Eragon e deu-lhe as boas-vindas, puxando-o depois à parte e dizendo-lhe:

– Podes impedir que eles nos oiçam? – E apontou com o queixo para Orik e para os Elfos.

Eragon demorou apenas uns segundos a lançar um feitiço que os protegeu dos ouvintes:

– Está feito. – Ao mesmo tempo, desligou a mente de Glaedr e dos outros Eldunarís, embora não se tivesse desligado de Saphira.

Roran acenou com a cabeça e olhou para os campos.

– Tive uma conversinha com o rei Orrin enquanto estavas ausente.

– Uma conversinha, como?

– Ele estava a ser um tolo e eu disse-lho.

– Presumo que não tenha reagido muito bem.

– Pode dizer-se que não. Tentou golpear-me.

– O quê?

– Consegui arrancar-lhe a espada da mão antes que ele me atingisse, mas se tivesse conseguido o que queria, ter-me-ia matado.

– Orrin? – Era-lhe difícil imaginar o rei a fazer tal coisa. – Feriste-o com gravidade?

Roran sorriu pela primeira vez: um breve sorriso que depressa desapareceu por baixo da barba:

– Assustei-o, o que pode ser pior.

Eragon roncou e apertou o pomo de Brisingr. Depois reparou que estavam em posições simétricas; ambos com a mão na arma e o peso do corpo na perna oposta.

– Quem mais sabe acerca disso?

– Jörmundur – pois estava lá – e àqueles a quem Orrin possa ter contado.

Eragon franziu o sobrolho e começou a andar para trás e para diante, enquanto tentava decidir o que fazer.

– A ocasião não podia ser pior.

– Eu sei. Eu não teria sido tão brusco com Orrin, se ele não estivesse prestes a enviar “saudações régias” a Galbatorix e outros disparates do género. Ter-nos-ia colocado a todos em perigo e eu não podia permitir que isso acontecesse. Terias feito o mesmo.

– Talvez, mas isto torna tudo mais difícil. Agora, eu sou o líder dos Varden. Um ataque dirigido a ti ou a qualquer outro dos guerreiros sob as minhas ordens, é o mesmo que me dirigirem um ataque. Orrin sabe disso e sabe que nós somos do mesmo sangue. Mais valia ter-me atirado uma luva à cara.

– Ele estava bêbado – disse Roran. – Não me parece que tivesse pensado nisso quando desembainhou a espada.

Eragon viu Arya e Blödhgarm a atirarem-lhe olhares curiosos, por isso parou e virou-se de costas para eles.

– Estou preocupado com Katrina – acrescentou Roran. – Se Orrin estiver demasiado furioso, pode mandar homens atrás de mim ou atrás dela. De qualquer modo, ela pode ser ferida. Jörmundur já colocou um guarda na nossa tenda, mas não é a proteção suficiente.

Eragon abanou a cabeça.

– Orrin não se atreveria a fazer-lhe mal.

– Não? Ele não pode fazer-te mal e não tem estômago para me confrontar diretamente. O que lhe resta? Uma emboscada. Facas na escuridão. Matar Katrina seria uma forma fácil de se vingar.

– Duvido que Orrin recorresse a facas na escuridão – ou fizesse mal a Katrina.

– Não podes ter a certeza.

Eragon ponderou por instantes.

– Lançarei alguns feitiços em Katrina para a manter em segurança e direi a Orrin que o fiz. Isso deverá por termo a qualquer intenção.

A tensão em Roran pareceu diminuir:

– Ficar-te-ia agradecido.

– Dar-te-ei também novas proteções.

– Não, poupa a tua energia. Eu sei tomar conta de mim.

Eragon insistiu, mas Roran continuou a recusar. Finalmente Eragon disse-lhe:

– Raios! Escuta-me. Estamos prestes a iniciar uma batalha contra os homens de Galbatorix. Tens de ter alguma proteção, quanto mais não seja contra a magia. Eu vou dar-te proteções, quer isso te agrade ou não, por isso o melhor é sorrires e agradecer-me!

Roran olhou-o furioso e depois resmungou, erguendo as mãos:

– Está bem, como queiras. Tu nunca soubeste quando parar.

– Ah, e tu sabes?

Uma gargalhada emergiu das longas barbas de Roran.

– Creio que não. Acho que é de família.

– Hum. Entre Brom e Garrow, não sei quem seria o mais teimoso.

– Era o Pai – disse Roran.

– Ei, Brom também... Não, tens razão, era Garrow.

E trocaram um sorriso, recordando a vida na quinta. Depois Roran mudou de posição e atirou-lhe um estranho olhar:

– Pareces diferente.

– Pareço?

– Sim. Pareces mais seguro de ti.

– Talvez porque me entenda melhor.

Roran não tinha resposta.

Meia hora mais tarde, Jörmundur e o rei Orrin apareceram juntos, a cavalo. Eragon saudou Orrin, mais educadamente que nunca, mas este retribuiu-lhe com uma resposta breve e evitou o seu olhar. Mesmo a mais de um metro de distância, Eragon conseguia sentir o cheiro a vinho no seu hálito.

Logo que todos se reuniram diante de Saphira, Eragon começou a falar. Primeiro exigiu que fizessem um voto de silêncio na língua antiga e, depois, explicou o conceito de um Eldunari a Orik, Roran, Jörmundur e Orrin, fazendo-lhes um breve resumo da história dos corações dos dragões semelhantes a jóias, que estavam na posse dos Cavaleiros e de Galbatorix.

Os Elfos pareceram ficar inquietos pelo facto de Eragon se mostrar disposto a falar dos Eldunaris perante os outros, mas nenhum protestou, o que lhe agradou. Pelo menos, merecia-lhes esse tipo de confiança. Orik, Roran e Jörmundur demonstraram surpresa, incredulidade e fizeram imensas perguntas. Roran, em especial, pareceu ficar com um brilho intenso no olhar, como se a informação lhe tivesse dado uma infinidade de ideias novas acerca de como matar Galbatorix.

Orrin revelou-se sempre intratável e asperamente cético em relação à existência dos Eldunaris. No final, as suas dúvidas acalmaram, quando Eragon tirou o coração dos corações de Glaedr dos alforjes, apresentando o dragão aos quatro.

A reverência que todos demonstraram, ao conhecer Glaedr, satisfez Eragon. Mesmo Orrin parecia impressionado, embora tivesse trocado algumas palavras com Glaedr e, depois, se virasse para Eragon e dissesse:

– Nasuada sabia disto?

– Sim, eu disse-lhe em Feinster.

Tal como esperava, a confissão não agradou a Orrin.

– Mais uma vez, os dois decidem ignorar-me. Os Varden não teriam hipótese de defrontar o Império sem o apoio dos meus homens e a comida da minha nação. Eu sou soberano de um dos quatro países de Alagaësia e o meu exército corresponde a uma boa parte das nossas forças. Contudo, nenhum dos dois achou conveniente informar-me acerca disto!

Antes que Eragon pudesse responder, Orik avançou um passo.

– Eles também não me falaram no assunto, Orrin – resmungou o rei dos Anões –, e o meu povo apoia os Varden há mais tempo que o teu. Não deves levar isso a mal. Eragon e Nasuada fizeram o que acharam melhor para a nossa causa; não era sua intenção desrespeitar ninguém.

Orrin franziu o sobrolho e parecia querer continuar a discutir. Mas Glaedr antecipou-se, dizendo:

Eles fizeram o que eu lhes pedi, rei de Surda. Os Eldunaris são o maior segredo da nossa raça e nós não o partilhamos de ânimo leve, mesmo que seja com reis.

– Então, porque decidiram fazê-lo agora? – perguntou Orrin, enfaticamente. – Poderias ter entrado em combate sem nunca te revelares.

Em resposta, Eragon contou-lhes a história da viagem a Vroengard, incluindo o encontro com a tempestade no mar, e o cenário que tinham testemunhado do topo das nuvens. Arya e Blödhgarm foram os que se mostraram mais interessados nessa parte da história, e Orik revelou-se mais constrangido.

– Barzûl, mas isso parece ter sido uma experiência bastante desagradável – disse ele. – Só de pensar fico a tremer. O lugar indicado para um anão é o chão e não o ar.

Concordo, disse Saphira. Orrin franziu o sobrolho e olhou-a, desconfiando, torcendo as pontas da barba entrançada.

Resumindo a história, Eragon explicou como ele, Saphira e Glaedr tinham entrado no Cofre das Almas, embora não lhes revelasse que isso lhes exigira proferir os seus verdadeiros nomes. E, quando finalmente lhes revelou o que o cofre continha, um silêncio de perplexidade instalou-se entre eles.

Depois Eragon disse:

– Abram as vossas mentes!

Momentos depois, o som de vozes sussurrantes pareceu impregnar o ar e Eragon sentiu a presença de Umaroth e dos outros dragões ocultos, em seu redor.

Os Elfos cambalearam e Arya deixou-se cair sobre o joelho, encostando a mão à cabeça como se alguém lhe tivesse batido. Orik deu um grito e olhou em redor, de olhos arregalados, e Roran, Jörmundur e Orrin ficaram pasmados.

A rainha Islanzadí ajoelhou-se, adotando uma pose muito semelhante à da filha, e Eragon sentiu-a falar com os dragões, saudando muitos deles pelo nome e dando-lhes as boas-vindas como velhos amigos. Blödhgarm fez o mesmo e, durante alguns minutos, um turbilhão de pensamentos fluíu entre os dragões e os que estavam reunidos na base da colina.

A cacofonia mental era tão grande que Eragon se protegeu e se recolheu, sentando-se numa das patas dianteiras de Saphira, enquanto esperava que o ruído abrandasse. Os Elfos pareciam bastante afetados pela revelação: Blödhgarm fixava o ar com uma expressão de júbilo e de assombro e Arya continuava de joelhos. Eragon julgou ver um fio de lágrimas nas suas faces. Islanzadí sorria triunfantemente com um ar radioso e, pela primeira vez desde que a conhecera, Eragon achou que ela parecia verdadeiramente feliz.

Orik sacudiu-se e despertou do seu devaneio, olhando para Eragon e dizendo:

– Pelo martelo de Morgothal, isto modifica tudo! Com a ajuda deles, poderemos realmente ser capazes de matar Galbatorix!

– Não achavas que pudéssemos antes? – perguntou Eragon, brandamente.

– Claro que achava, mas não tanto como agora.

Roran sacudiu a cabeça, como se estivesse a acordar de um sonho.

– Eu, não... Eu sabia que tu e os Elfos iriam lutar com todas as vossas forças, mas não acreditava que ganhassem – Olhou Eragon nos olhos. – Galbatorix derrotou muitos Cavaleiros. Tu és só um e és jovem. Não me parecia possível.

– Eu sei.

– Porém, agora... – Uma expressão feroz perpassou os olhos de Roran. – Agora temos uma hipótese.

– Sim – disse Jörmundur. – Pensem bem: já não temos de nos preocupar muito com Murtagh. Ele não consegue fazer frente à tua força combinada com a dos dragões.

Eragon bateu com os calcanhares na pata de Saphira, mas não respondeu, pois tinha outras ideias a esse respeito. Além disso, não lhe agradava de ter de matar Murtagh.

Depois Orrin falou:

– Umaroth diz que vocês têm um plano de batalha. Tencionas partilhá-lo connosco, Aniquilador de Espetros?

– Eu também gostava de o conhecer – disse Islanzadí, num tom mais amável.

– E eu também – disse Orik.

Eragon olhou-os por momentos e depois acenou com a cabeça, dizendo a Islanzadí:

– O teu exército está pronto para combater?

– Está. Há muito que esperamos o momento de nos vingarmos, não precisamos de aguardar mais.

– E o nosso? – perguntou Eragon, dirigindo-se a Orrin, Jörmundur e Orik.

– Os meus knurlan estão ansiosos por lutar – declarou Orik.

Jörmundur olhou de relance para o rei Orrin.

– Os nossos homens estão cansados e esfomeados, mas a sua vontade está intacta.

– Os Urgals também?

– Também.

– Então vamos atacar.

– Quando?

– Ao raiar do dia.

Ninguém falou por instantes.

Foi Roran que quebrou o silêncio.

– Fácil de dizer, mas difícil de fazer. Como?

Eragon explicou-lhes.

Quando terminou, fez-me mais um momento de silêncio.

Roran agachou-se e começou a desenhar na terra com a ponta de um dedo.

– É arriscado.

– Mas audacioso – disse Orik. – Muito audacioso.

– Já não há caminhos seguros – disse Eragon. – Se conseguirmos apanhar Galbatorix desprevenido, ainda que ligeiramente, poderá ser o suficiente para desequilibrar os pratos da balança.

Jörmundur esfregou o queixo.

– Porque não matar Murtagh primeiro? Essa é a parte que não entendo. Porque não acabar com ele e com Thorn, enquanto podemos?

– Porque Galbatorix ficaria a saber da existência deles – respondeu Eragon, apontando para o sítio onde os Eldunarís ocultos flutuavam – Perderíamos a vantagem do fator surpresa.

– E a criança? – perguntou Orrin, asperamente. – O que te leva a crer que ela vai fazer o que tu queres? Já se recusou.

– Desta vez fará – prometeu Eragon, mostrando-se mais confiante do que na realidade estava.

O rei roncou, com um ar cético.

Depois Islanzadí disse:

– O que propões é algo de grandioso e terrível, Eragon. Estás disposto a fazer isto? Pergunto-o não porque duvide da tua dedicação, mas porque é algo que deverá ser feito depois de grande ponderação. Por isso te pergunto: Estás disposto a fazer isto, mesmo sabendo o preço que se poderá pagar?

Eragon não se levantou, injetando um pouco de aço no seu tom de voz.

– Estou. Tem de ser feito e foi sobre nós que essa tarefa recaiu. Não podemos recuar agora, seja qual for o preço a pagar.

Saphira abriu as mandíbulas alguns centímetros, fechando-as de seguida, bruscamente, para enfatizar o final da frase e assinalar a sua aprovação.

Islanzadí ergueu o rosto para o céu.

– Tu e aqueles em nome de quem falas aprovam isto, Umaroth-elda?

Aprovamos, respondeu o dragão branco.

– Então, avancemos – murmurou Roran.

UMA QUESTÃO DE DEVER

Continuaram a falar durante mais uma hora – os dez, incluindo Umaroth. Orrin exigiu argumentos mais convincentes, além de que havia numerosos detalhes sobre os quais teriam de tomar decisões: questões de coordenação, posicionamento e sinalização.

Eragon ficou aliviado ao ouvir Arya dizer:

– Eu irei convosco, amanhã, a menos que tu ou Saphira se oponham.

– Será um prazer ter-te conosco – respondeu ele.

Islanzadí ficou tensa:

– Que vantagem haveria nisso? Precisamos das tuas aptidões noutros sítios, Arya. Blödhgarm e os outros feiticeiros que destaquei para proteger Eragon e Saphira são mais experientes do que tu em magia e em combate. Lembra-te de que eles lutaram contra os Renegados e, ao contrário de muitos, sobreviveram para contar a história. Muitos dos membros mais velhos da nossa raça ofereceram-se para tomar o teu lugar. Seria egoísta da tua parte insistires em ir, quando há outros mais habilitados para a missão que estão dispostos a assumi-la, e estão aqui bem perto.

– Acho que não há ninguém mais habilitado do que Arya para esta missão – disse Eragon, num tom calmo –, e não há ninguém que eu desejasse tanto ter a meu lado, para além de Saphira.

Islanzadí continuou a olhar para Arya e disse:

– Tu ainda és jovem, Aniquilador de Espetros, e estás a deixar que as tuas emoções te confundam.

– Não, Mãe – disse Arya –, tu é que estás a deixar que as tuas emoções te confundam. – Aproximou-se de Islanzadí, com um andar demorado e gracioso. – Tens razão, há quem seja mais forte, mais sabedor e experiente do que eu, mas fui eu que andei com o ovo de Saphira por Alagaësia, fui eu que ajudei a salvar Eragon do Espetro Durza e fui eu que matei o Espetro Varaug, em Feinster, com a ajuda de Eragon. Agora, sou uma Aniquiladora de Espetros, tal como Eragon, e tu sabes muito bem que eu jurei servir o nosso povo há muito tempo. Quem mais, de entre a nossa espécie, se poderá arrogar de ter feito tanto? Não viraria costas a isto, mesmo que quisesse. Mais depressa desejaria morrer. Estou tão preparada para este desafio como qualquer um dos nossos anciãos, pois dediquei toda a minha vida a isto, tal como Eragon.

– E essa vida foi tão curta – disse Islanzadí, levando a mão ao rosto de Arya. – Empenhaste-te em combater Galbatorix, durante todos estes anos, depois da morte do teu pai, mas pouco sabes das alegrias que a vida nos pode dar. Pouco tempo passámos juntas, durante esse período: meia dúzia de dias ao longo de um século. Só depois de levares Saphira e Eragon a Ellesméra, voltámos a falar como mãe e filha devem falar. Não gostaria de te voltar a perder, tão-pouco tempo depois, Arya.

– Não fui eu que escolhi manter-me afastada – disse Arya.

– Não – disse Islanzadí, afastando a mão –, mas foste tu que decidiste abandonar Du Weldenvarden. – A sua expressão suavizou-se. – Não quero discutir, Arya. Entendo que encares isto como um dever, mas permitirás que outro tome o teu lugar? Por favor, fã-lo por mim.

Arya baixou os olhos e ficou em silêncio por instantes. Depois disse:

– Eu não posso permitir que Eragon e Saphira partam sem mim, tal como tu não podes permitir que o teu exército marche para a batalha sem ti. Não posso... Gostarias de ouvir dizer que sou uma covarde? As pessoas da nossa família não viram costas ao que tem de ser feito, por isso não me peças que me envergonhe.

Eragon teve a sensação que o brilho nos olhos de Islanzadí eram lágrimas.

– Sim – disse a rainha –, mas combater Galbatorix...

– Se tens tanto receio – disse Arya, embora o seu tom não fosse indelicado –, vem comigo.

– Não posso. Tenho de ficar para comandar as minhas tropas.

– E eu tenho de ir com Eragon e Saphira, mas prometo-te que não vou morrer. – Arya levou a mão à face de Islanzadí, tal como a mãe lhe fizera. – Eu não vou morrer – repetiu Arya, desta vez na língua antiga.

Eragon ficou impressionado com a determinação de Arya. Para o ter dito na língua antiga, ela tinha de acreditar incondicionalmente nisso. Islanzadí parecia igualmente impressionada e orgulhosa, sorrindo e beijando Arya em ambas as faces.

– Então vai, vai com a minha bênção, e não corras riscos desnecessários.

– Nem tu – e deram um abraço.

Quando se separaram, Islanzadí olhou para Eragon e para Saphira, dizendo:

– Tomem conta dela, suplico-vos. Ela não tem um dragão nem um Eldunari que a protejam.

Tomaremos, responderam Eragon e Saphira, na língua antiga.

Logo que acertaram todos os detalhes, o conselho de guerra foi encerrado e os seus membros começaram a dispersar-se. Eragon ficou a ver os outros afastarem-se, junto de Saphira. Nem ele nem ela fizeram qualquer esforço para se mexer. Saphira ficaria escondida atrás da colina até ao ataque e ele esperaria até ao anoitecer, antes de se aventurar a entrar no acampamento.

Orik foi o segundo a partir, depois de Roran, mas antes de o fazer, o rei dos anões aproximou-se de Eragon e deu-lhe um abraço rude.

– Ah, quem me dera ir convosco – disse ele, com um olhar solene por cima da barba.

– E eu gostava que tu viesses – disse Eragon.

– Bom, encontrar-nos-emos depois e brindaremos à nossa vitória com barris de hidromel. Que tal?

– Estou ansioso por isso.

Eu também, disse Saphira.

– Ótimo – disse Orik, acenando firmemente com a cabeça. – Então, está combinado. É bom que não te deixes vencer por Galbatorix, de contrário a minha honra obrigar-me-á a atacar depois de ti.

– Seremos cautelosos – disse Eragon, com um sorriso.

– Espero que sim, pois desconfio que só conseguiria beliscar o nariz a Galbatorix.

Isso é que eu gostaria de ver, disse Saphira.

Orik pigarreou.

– Que os deuses zelem por ti, Eragon e por ti também, Saphira.

– Igualmente Orik, filho de Thrifk. – Orik deu uma palmada no ombro de Eragon e encaminhou-se pesadamente para o local onde tinha deixado o pônei amarrado a um arbusto.

Depois de Islanzadí e Blödhgarm partirem, Arya ficou. Mas ela estava entretida a conversar com Jörmundur, por isso Eragon não deu grande importância. Porém,

ao ver que ela continuava por perto, depois de Jörmundur se afastar a cavalo, percebeu que Arya queria falar com eles a sós.

Como seria de esperar, depois de todos partirem, ela olhou para Eragon e para Saphira, dizendo:

– Aconteceu-vos mais alguma coisa enquanto estiveram ausentes? Algo de que não quisessem falar na presença de Orrin, Jörmundur... ou da minha mãe?

– Porque perguntas?

Ela hesitou.

– Porque... ambos parecem ter mudado. É por causa dos Eldunarís, ou tem a ver com a vossa experiência na tempestade?

Eragon sorriu pela sua perspicácia. A seguir consultou Saphira e, depois de obter o seu consentimento, disse:

– Descobrimos os nossos verdadeiros nomes.

Arya arregalou os olhos:

– A sério? E... ficaram satisfeitos com eles?

Em parte, respondeu Saphira.

– Descobrimos os nossos verdadeiros nomes – repetiu Eragon. – Descobrimos que a terra é redonda e, enquanto voávamos para aqui, Umaroth e os outros Eldunarís partilharam muitas das suas memórias connosco. – Sorriu ironicamente. – Não posso dizer que os entenda a todos, mas fazem com que tudo pareça... diferente.

– Compreendo – murmurou Arya. – Achas que a mudança será positiva?

– Acho. A mudança em si não é má nem boa, mas o conhecimento é sempre útil.

– Foi difícil descobrir os vossos verdadeiros nomes?

Eragon contou-lhe como o tinham conseguido e falou-lhe também acerca das estranhas criaturas que encontraram na Ilha de Vroengard, o que lhe interessou bastante.

Enquanto falava, Eragon teve uma ideia que lhe fazia demasiado sentido para a ignorar. Explicou-a a Saphira e esta deu-lhe mais uma vez o seu consentimento, embora um pouco mais relutante do que anteriormente.

Tens mesmo de o fazer?, perguntou ela.

Sim.

Então, faz como entenderes, mas só se ela concordar.

Depois de falarem acerca de Vroengard, Eragon olhou Arya nos olhos e disse:

– Gostarias de ouvir o meu verdadeiro nome? Eu gostava de o partilhar contigo.

A oferta pareceu chocá-la.

– Não! Não mo debes revelar a mim nem a mais ninguém. Muito menos estando tão perto de Galbatorix, pois ele pode roubá-lo da minha mente. Além disso, só debes confiar o teu verdadeiro nome a... a alguém em quem confies mais do que em qualquer outra pessoa.

– Eu confio em ti.

– Eragon, mesmo nós, Elfos, só partilhamos os nossos verdadeiros nomes depois de nos conhecermos há muitos, muitos anos. O conhecimento que eles fornecem é demasiado pessoal, demasiado íntimo para se conversar de ânimo leve acerca deles. Não há maior risco do que partilhá-lo. Ao revelares a alguém o teu verdadeiro nome, estás a colocar nas suas mãos tudo o que és.

– Eu sei, mas poderei não voltar a ter essa hipótese. É a única coisa que tenho para oferecer e é a ti que o quero fazer.

– Eragon, o que propões... é o que de mais precioso se pode oferecer a alguém.

– Eu sei.

Arya estremeceu e depois pareceu fechar-se em si. Algum tempo depois, disse:

– Nunca ninguém me ofereceu um presente desses... Sinto-me enaltecida com a tua confiança, Eragon, e entendo o quanto isso significa para ti. Mas não, não posso aceitar. Seria errado que o fizesses e seria errado que eu o aceitasse, só porque amanhã poderemos ser mortos ou escravizados. O perigo não é razão para agirmos imprudentemente, por muito grande que ele seja.

Eragon inclinou a cabeça. As razões de Arya eram pertinentes e ele respeitaria a sua decisão.

– Muito bem. Como queiras – disse ele.

– Obrigada, Eragon.

Momentos depois, ele disse:

– Alguma vez revelaste o teu verdadeiro nome a alguém?

– Não.

– Nem mesmo à tua mãe?

Ela fez um trejeito com a boca.

– Não.

– Conhece-lo?

– Claro. O que te levaria a pensar o contrário?

Ele encolheu ligeiramente os ombros.

– Nada, apenas não tinha a certeza.

Fez-se silêncio e depois Eragon perguntou:

– Quando... como descobriste o teu verdadeiro nome?

Arya ficou tanto tempo em silêncio que Eragon pensou que iria recusar-se a responder. Mas, depois ela respirou fundo, e disse:

– Foi alguns anos depois de partir de Du Weldenvarden, quando finalmente me habituei ao meu papel entre os Varden e os Anões. Faolin e os meus outros companheiros estavam ausentes e eu tinha bastante tempo para mim. Passava a maior parte do tempo a explorar Tronjheim, vagueando por regiões desertas da cidade-montanha, onde era raro alguém ir. Tronjheim é maior do que a maioria imagina e tem muitas coisas estranhas: salas, pessoas, criaturas, artefactos perdidos... Enquanto vagueava, pensava, e comecei a conhecer-me melhor do que nunca. Um dia descobri uma sala algures no alto de Tronjheim – duvido que a pudesse voltar a localizar, mesmo que tentasse. Um feixe de luz parecia penetrar nesse espaço, embora o teto fosse sólido. A meio da sala havia um pedestal e em cima do pedestal estava uma flor brilhante. Não sei que tipo de flor era, pois nunca vira nenhuma igual. As pétalas eram roxas, mas o centro da flor era como uma gota de sangue. Tinha espinhos no caule, emanava um perfume maravilhoso e parecia vibrar com uma música própria. A descoberta pareceu-me tão assombrosa e improvável que fiquei na sala, a olhar para a flor, não sei quanto tempo. E foi então que consegui finalmente expressar em palavras o que era e o que sou.

– Um dia gostaria de ver essa flor.

– Talvez a vejas – disse Arya, olhando de relance para o acampamento dos Varden. – É melhor ir andando. Ainda há muito que fazer.

Ele acenou com a cabeça.

– Então, vemo-nos amanhã.

– Amanhã. – Arya começou a afastar-se. Depois de alguns passos, ela deteve-se e olhou para trás.

— Ainda bem que Saphira te escolheu como Cavaleiro, Eragon. Tenho orgulho em ter lutado ao teu lado. Tu tornaste-te melhor do que qualquer um de nós esperava. Aconteça o que acontecer amanhã, quero que o saibas.

Depois retomou a marcha e não tardou a desaparecer, ao contornar a colina, deixando-o sozinho com Saphira e os Eldunaris.

FOGO NA NOITE

Quando a noite caiu, Eragon lançou um feitiço para se esconder. Depois acariciou o focinho de Saphira e partiu a pé, em direção ao acampamento dos Varden. Tem cuidado, disse ela.

Mantendo-se invisível, não lhe foi difícil passar pelos guerreiros que estavam de sentinela, em torno do perímetro do acampamento. Desde que não fizesse barulho e os homens não reparassem nas suas pegadas nem nas sombras, poderia deslocar-se à vontade.

Caminhou por entre as tendas de lã até encontrar Roran e Katrina. Bateu com os nós dos dedos no poste central e Roran ergueu a cabeça.

– Onde estás? – sussurrou Roran. – Entra, depressa!

Eragon quebrou o fluxo de magia e revelou-se. Roran vacilou e agarrou-lhe no braço, puxando-o para o interior escuro da tenda.

– Bem-vindo, Eragon – disse Katrina, erguendo-se do pequeno catre onde estava sentada.

– Katrina.

– É bom ver-te de novo – disse ela, abraçando-o brevemente.

– Isto vai demorar muito? – perguntou Roran.

Eragon abanou a cabeça.

– Não deve demorar. – Depois, agachou-se sobre os calcanhares, meditou durante uns instantes e começou a cantar suavemente na língua antiga. Primeiro ergueu feitiços em torno de Katrina, para a proteger contra qualquer pessoa que lhe quisesse fazer mal. Criou feitiços mais abrangentes do que planeava de início, permitindo que ela e a criança por nascer escapassem às tropas de Galbatorix, se algo acontecesse a ele ou a Roran. Estas defesas proteger-te-ão de uma série de ataques – disse-lhe ele. – Não sei ao certo de quantos, porque depende da força dos golpes ou dos feitiços. Dei-te também uma outra proteção. Se estiveres em perigo, diz a palavra frethya duas vezes e ficarás invisível.

– Frethya – murmurou ela.

– Exatamente. Porém, esta não te esconderá por completo. Os sons que emitires continuarão a ser ouvidos e as tuas pegadas manter-se-ão visíveis. Aconteça o que acontecer, não vás para dentro de água, de contrário serás de imediato descoberta. O feitiço alimentar-se-á da tua energia, o que significa que te cansarás mais depressa do que o habitual. Também não te aconselharia a dormir enquanto estiver ativo, pois poderás não voltar a acordar. Para quebrares o feitiço, basta dizeres frethya letta.

– Frethya letta.

– Ótimo.

Eragon desviou a sua atenção para Roran. Demorou mais algum tempo a erguer proteções ao primo – era provável que Roran se confrontasse com um maior número de ameaças –, e muniu-as de mais energia do que Roran certamente teria aprovado, mas não se preocupou. Não suportava a ideia de derrotar Galbatorix e descobrir que Roran tinha morrido durante a batalha.

Depois disse:

– Desta vez fiz algo de diferente, algo em que já deveria ter pensado há muito. Para além das proteções habituais, dei-te mais algumas que se alimentam da tua força. Proteger-te-ão do perigo desde que estejas vivo, porém – e levantou o dedo –, só serão ativadas quando esgotares as outras proteções e, se as circunstâncias forem demasiado exigentes, ficarás inconsciente e morrerás.

– Quer isso dizer que para me salvarem poderão matar-me? – perguntou Roran.

Eragon acenou afirmativamente.

– Se não deixares que ninguém te atire outra muralha para cima, tudo correrá bem. É um risco, mas acho que vale a pena corrê-lo, se impedir um cavalo de te atropelar ou um dardo de te trespassar. Lancei-te também o mesmo feitiço que lancei a Katrina. Tudo o que tens de fazer é dizer frethya duas vezes e frethya letta consoante queiras ficar invisível ou voltar a ficar visível. É capaz de te dar jeito durante a batalha.

Roran deu uma gargalhada malévola.

– Certamente que sim.

– Mas zela para que os Elfos não te confundam com um dos feiçiceiros de Galbatorix.

Quando Eragon se levantou, Katrina levantou-se também e surpreendeu-o ao agarrar numa das suas mãos e ao encostá-la ao seu peito.

– Obrigada, Eragon – agradeceu ela, brandamente. – És um bom homem.

Ele corou, embaraçado.

– Não tens de quê.

– Protege-te bem, amanhã. Tu significas muito para nós e eu espero que estejas por cá para cumprires o teu papel de tio babado. Ficaria bastante ofendida, se morresses.

Ele deu uma gargalhada.

– Não te preocupes. Saphira não me deixará cometer qualquer imprudência.

– Ótimo – disse ela, beijando-o em ambas as faces e largando-o. – Adeus, Eragon.

– Adeus Katrina.

Roran acompanhou-o até lá fora. E fazendo um gesto na direção da tenda disse:

– Obrigado.

– Fico feliz por ter podido ajudar.

Agarraram-se pelos antebraços, abraçaram-se e depois Roran disse:

– Que a sorte te acompanhe.

Eragon respirou fundo, tremulamente.

– Que a sorte te acompanhe. – Apertou o antebraço de Roran, relutante em largá-lo, pois sabia que poderiam não voltar a ver-se. – Se Saphira e eu não voltarmos – disse ele –, farás o necessário para que sejamos enterrados em casa? Não gostaria que os nossos ossos ficassem aqui.

Roran arqueou as sobrancelhas.

– Não seria fácil transportar Saphira de volta.

– Os Elfos ajudariam, tenho a certeza.

– Nesse caso, sim, prometo. Há algum local do teu especial agrado?

– No topo da colina árida – disse Eragon, referindo-se ao contraforte perto da quinta. A colina árida sempre lhe parecerá um excelente local para um castelo, algo que tinham discutido longamente quando eram mais jovens.

Roran acrescentou:

– E se eu não voltar...

– Faremos o mesmo por ti.

– Não era isso que eu ia pedir. Se eu não voltar, cuidam de Katrina?

– Claro. Tu sabes que sim.

– Sim, mas tinha de ter a certeza. – Olharam um para o outro durante mais um minuto. Finalmente, Roran disse: – Contamos contigo para jantar amanhã.

– Lá estarei.

Depois Roran voltou para dentro da tenda, deixando Eragon sozinho na noite.

Ele olhou para as estrelas e sentiu uma pontada de dor, como se tivesse perdido alguém próximo.

Momentos depois, afastou-se e mergulhou nas sombras, usando a escuridão para se esconder.

Procurou pelo acampamento até encontrar a tenda que Horst e Elain partilhavam com a bebé, Esperança. Os três estavam ainda acordados e a bebé chorava.

– Eragon! – exclamou Horst suavemente, quando Eragon se mostrou. – Entra, entra! Desde Dras-Leona que não te vemos! Como estás?

Eragon passou quase uma hora a falar com eles – não lhes contou dos Eldunaris, mas falou-lhes da viagem a Vroengard – e, quando Esperança finalmente adormeceu, despediu-se, voltando a embrenhar-se na noite.

A seguir, procurou Jeod, que encontrou a ler pergaminhos à luz de uma vela, enquanto a sua mulher, Helen, dormia. Quando Eragon bateu e enfiou o rosto na tenda, o homem de rosto fino, coberto de cicatrizes, pôs os pergaminhos de parte e saiu da tenda para se reunir a Eragon.

Jeod fez-lhe muitas perguntas e, embora Eragon não lhe tivesse respondido a todas, revelou-lhe o suficiente para que ele percebesse muito do que estava prestes a acontecer.

Depois, Jeod poisou a mão sobre o ombro de Eragon.

– Não te invejo pela missão que te espera. Brom orgulhar-se-ia da tua coragem.

– Espero que sim.

– Tenho a certeza... Se não te voltar a ver, quero que saibas que escrevi um pequeno relato das tuas experiências e dos acontecimentos que conduziram a elas – especialmente as minhas aventuras com Brom enquanto tentávamos recuperar o ovo de Saphira. – Eragon olhou-o surpreendido. – Posso não ter hipótese de o terminar, mas achei que seria um complemento útil ao trabalho de Heslant no Domia abr Wyrda.

Eragon deu uma gargalhada.

– Acho que isso faz todo o sentido, mas se ambos estivermos vivos e livres depois de amanhã, tenho umas coisas para te contar que tornarão o teu relato muito mais completo e muito mais interessante.

– Ficarei à espera que cumpras a tua palavra.

Eragon vagueou pelo acampamento durante mais uma hora, detendo-se junto das fogueiras onde via homens, Anões e Urgals ainda acordados. Falou brevemente com todos os guerreiros que encontrou, perguntando-lhes se estavam a ser bem tratados, e demonstrou alguma empatia pelos seus pés doridos e as suas magras rações, trocando um ou dois gracejos com eles. Esperava que ao aparecer entre eles, os encorajasse, reforçando a sua determinação e espalhando uma atmosfera de otimismo por todo o exército. Os Urgals mostravam-se mais animados; pareciam encantados com a batalha que se avizinhava e com a oportunidade de consagração que esta lhes proporcionaria.

Ele tinha também um outro propósito: espalhar falsas informações. Sempre que alguém o inquiria sobre o ataque a Urû'baen, dava a entender que ele e Saphira estariam entre o batalhão que iria montar o cerco na zona noroeste da cidade, na esperança que os espiões de Galbatorix repetissem essa mentira ao rei, logo que os alarmes despertassem Galbatorix na manhã seguinte.

Ao olhar para os rostos dos que o ouviam, Eragon não pôde deixar de perguntar-se quais seriam os servos de Galbatorix, se é que estava lá algum. A ideia deixou-o desconfortável, dando consigo à escuta, na tentativa de ouvir passos atrás de si, sempre que se deslocava de uma fogueira para a outra.

Finalmente, quando reconheceu ter falado com um número suficiente de guerreiros para que a informação chegasse aos ouvidos de Galbatorix, abandonou as fogueiras e encaminhou-se para uma tenda ligeiramente separada das outras, no extremo sul do acampamento.

Tocou uma, duas, três vezes no poste central. Ao ver que não obtinha qualquer resposta voltou a bater, desta vez com mais força e durante mais tempo.

Momentos depois, ouviu um gemido sonolento e o restolhar de cobertores. Esperou pacientemente até que viu uma pequena mão afastar a pala de entrada e Elva surgiu da tenda. Usava um vestido escuro, demasiado grande para ela. Tinha o rosto pequeno e duro, debilmente iluminado por uma tocha que ardia a alguns metros dali, e ela revelou-lhe um sobrolho franzido.

– O que queres, Eragon? – perguntou ela, enfaticamente.

– Não consegues adivinhar?

Elva franziu ainda mais o sobrolho.

– Não, a única coisa que sei é que não deve ser nada de bom para me acordares a meio da noite, algo que até um idiota perceberia. O que é? Não tenho tido grande descanso, por isso é bom que seja importante.

– E é.

Ele falou sem interrupções durante alguns minutos, descrevendo-lhe o seu plano e depois disse:

– Sem ti não vai resultar. Tu és o elemento-chave.

Ela deu uma gargalhada horrível.

– Mas que ironia, o poderoso guerreiro incumbe uma criança de matar aquele que não consegue matar.

– Vais ajudar-nos?

A rapariga olhou para baixo, esfregando o pé descalço no chão.

– Se o fizeres, tudo isto – apontou para o acampamento e para a cidade mais adiante – poderá acabar muito mais cedo e a seguir não terás de suportar tanta...

– Eu ajudo. – Bateu com o pé no chão e olhou-o ferozmente. – Não precisas de me subornar. Fosse como fosse, eu iria ajudar. Não permitirei que Galbatorix destrua os Varden só porque não gosto de ti. Tu não és assim tão importante. Além disso, fiz uma promessa a Nasuada e tenciono cumpri-la. – Inclinou a cabeça. – Há algo que não me estás contar. Algo que receias que Galbatorix descubra antes de o atacarmos. Algo acerca...

Um ruído metálico de correntes interrompeu-a.

Por instantes, Eragon ficou confuso, mas depois percebeu que o ruído vinha da cidade.

Levou a mão à espada.

– Prepara-te – disse ele a Elva. – Talvez tenhamos de partir de imediato.

A rapariga virou-se e desapareceu no interior da tenda, sem ripostar.

Eragon projetou a mente e contactou Saphira.

Estás a ouvir isto?

Sim.

Encontramo-nos junto à estrada, se necessário.

O ruído metálico continuou a ouvir-se durante mais algum tempo e, depois, ouviu-se um estrondo cavo. A seguir fez-se silêncio.

Eragon escutou o mais atentamente possível mas não ouviu mais nada. Estava prestes a lançar um feitiço para aumentar a sensibilidade auditiva, quando ouviu uma pancada seca, acompanhada de uma série de estalidos agudos.

Depois outra...

E outra ainda...

Um arrepio de pavor percorreu-lhe a espinha. Era o ruído inconfundível de um dragão a caminhar sobre pedra. Mas que dragão seria aquele para conseguir ouvir os seus passos a quase dois quilómetros de distância?

“Shruikan”, pensou ele, e o seu estômago contraiu-se de pavor.

Por todo o acampamento soaram cometas a dar o alarme. Homens, Anões e Urgals acenderam tochas e todo o exército acordou espavorido.

Eragon olhou de soslaio para Elva, que saía apressadamente da tenda, seguida de Greta, a sua velha tutora. A rapariga trazia uma túnica curta, vermelha, sobre a qual usava uma cota de malha exatamente do seu tamanho.

Os passos em Urû’baen cessaram. O volume sombrio do corpo do dragão encobria quase todas as lanternas e fogueiras de vigilância na cidade. “Será muito grande?”, perguntou Eragon para si, consternado. Era maior que Glaedr com toda a certeza. “Seria tão grande como Belgabad?” Ele não fazia ideia, por enquanto ainda não.

Depois o dragão saltou para fora da cidade, abrindo as suas gigantescas asas. Foi como se cem velas negras se enchessem de vento. Enquanto batia as asas, o ar agitava-se com um ruído semelhante a um trovão. Por toda a região soavam cães a uivar e galos a cacarejar.

Eragon agachou-se instintivamente, sentindo-se como um rato a esconder-se de uma águia.

Elva puxou-lhe pela bainha da túnica.

– É melhor irmos andando – disse ela.

– Espera – sussurrou ele. – Ainda não.

Grandes rastros de estrelas desapareciam enquanto Shruikan voava em círculos, subindo cada vez mais. Eragon tentou calcular o tamanho do dragão pelos contornos do seu corpo, mas a noite estava escura demais e à distância era difícil de determinar. Quaisquer que fossem as proporções exatas de Shruikan, ele era assustadoramente grande. Com cem anos de idade deveria ser mais pequeno, mas Galbatorix parecia ter acelerado o seu crescimento, tal como o de Thorn.

Ao observar a sombra a pairar lá no alto, Eragon rezou para que Galbatorix não estivesse com o dragão, ou se estivesse, que não se desse ao trabalho de examinar as mentes dos que estavam em baixo. Se o fizesse descobriria...

– Eldunarís – arquejou Elva. – É isso que tu estás a esconder! – Atrás dela, a tutora da rapariga franziu o sobrolho, perplexa, e começou a fazer uma pergunta.

– Silêncio! – rosnou Eragon. Elva abriu a boca e ele tapou-a com a mão, silenciando-a. – Aqui não. Agora não – advertiu ele. Ela acenou com a cabeça e ele tirou-lhe a mão da boca.

Nesse mesmo instante um jato de fogo mais largo que o Rio Anora descreveu um arco no céu. Shruikan sacudia a cabeça para trás e para diante, espalhando uma torrente de chamas ofuscantes sobre o acampamento e sobre os campos em redor, e um estrépito semelhante a uma ruidosa queda-de-água ecoou na noite. Eragon sentiu o calor arder-lhe no rosto, virado para cima. Depois as chamas evaporaram-se como nevoeiro ao sol, deixando no ar uma imagem residual, palpitante, e um odor sulfuroso e fumarento.

O enorme dragão virou e bateu de novo as asas – sacudindo o ar –, e a sua silhueta negra e informe, voltou a descer em direção à cidade, poisando entre os edifícios. Seguiram-se passos e o ruído metálico das correntes e, finalmente, o estrondo ecoante de um portão a fechar-se pesadamente.

Eragon voltou a respirar e engoliu, embora tivesse a garganta seca. O coração martelava-lhe o peito com tanta força que lhe doía. “Temos de combater... aquilo?” “”, pensou ele, sentindo todos os velhos medos a regressar.

– Porque é que ele não atacou? – perguntou Elva, baixinho, num tom amedrontado.

– Queria assustar-nos – disse Eragon, franzindo o sobrolho –, ou distrair-nos. – Sondou as mentes dos Varden até encontrar Jörmundur, e deu-lhe instruções para verificar se todas as sentinelas estavam ainda nos seus postos e para dobrar o número de homens, durante o resto da noite. Depois, dirigindo-se a Elva, disse:

– Conseguiste sentir alguma coisa em Shruikan?

A rapariga estremeceu.

– Dor, uma grande dor, e raiva também. Se pudesse mataria todas as criaturas que encontrasse e queimaria todas as plantas até que não restasse mais nenhuma. Está completamente louco.

– Não haverá forma de o contactar?

– Nenhuma. Libertá-lo do seu sofrimento, seria o gesto mais caridoso.

Essa evidência entristeceu-o, pois sempre esperara que pudessem salvar Shruikan das garras de Galbatorix. Dando-se por vencido, Eragon disse:

– É melhor irmos andando. Estás pronta?

Elva explicou à sua tutora que ia partir, o que desagradou à velhota, mas Elva tranquilizou-a proferindo rapidamente algumas palavras. Eragon ficava sempre impressionado – e perturbado – com o poder que a rapariga tinha para sondar o coração dos outros.

Logo que Greta lhe deu o seu consentimento, Eragon ocultou-os a ambos com magia e partiram juntos em direção à colina onde Saphira os esperava.

DA MURALHA ÀS ENTRANHAS

—Tens mesmo de fazer isso? – perguntou Elva.

Eragon parou, enquanto verificava os arreios da sela de Saphira, olhando para a rapariga, sentada na erva, de pernas cruzadas, a brincar com os elos da túnica de cota de malha.

– O quê? – perguntou ele.

Ela bateu levemente no lábio com uma pequena unha pontiaguda.

– Estás sempre a morder a boca por dentro. É incomodativo. – E, depois de alguns instantes de reflexão, acrescentou. – É nojento.

Ele verificou, com alguma surpresa que mordera o interior da bochecha esquerda até esta ficar com várias feridas ensanguentadas.

– Desculpa – disse ele, sarando as feridas com um feitiço rápido.

Passara as últimas horas da noite a meditar – sem pensar no que estava para vir, nem no que passara, apenas no momento: o toque fresco da brisa na pele, a sensação do chão por baixo dos pés, o fluxo constante da respiração e a batida lenta do coração, assinalando os momentos que lhe restavam de vida.

Mas agora Aidail, a estrela da manhã, erguera-se a Este, anunciando a chegada da alvorada, e era altura de se prepararem para a batalha. Eragon examinara o seu equipamento centímetro a centímetro, ajustara os arreios da sela até ficarem perfeitamente confortáveis para Saphira, tirara tudo dos alforjes, exceto o baú que continha o Eldunari e Glaedr, e o cobertor que o envolvia, prendendo e desprendendo o cinto da espada pelo menos cinco vezes.

Finalmente, examinou os arreios da sela e saltou do dorso de Saphira.

– Levanta-te! – disse ele. Elva olhou-o com um ar contrariado, mas fez o que ele lhe disse, sacudindo a erva da túnica. Num movimento rápido, ele passou-lhe as mãos pelos ombros finos, puxando-lhe pelas extremidades da cota de malha para ter a certeza de que esta estava bem ajustada ao seu corpo.

– Quem te fez isto?

– Dois irmãos anões, encantadores, chamados Ûmar e Ulmar. – Surgiram-lhe duas covinhas nas faces, ao sorrir para ele. – Eles achavam que não ia precisar dela, mas eu fui muito persuasiva.

Tenho a certeza disso, disse Saphira a Eragon. Ele conteve um sorriso. A rapariga passara uma boa parte da noite a falar com os dragões, seduzindo-os como só ela era capaz. Contudo, Eragon percebeu que eles também a temiam – mesmo os mais velhos, como Valdr –, pois não tinham defesas contra o poder de Elva. Ninguém tinha.

– E Ûmar e Ulmar deram-te alguma espada com que lutar? – perguntou Eragon.

Elva franziu o sobrolho.

– Para que precisaria disso?

Ele olhou-a por instantes e depois foi buscar a velha faca de caça, que usava para comer, e mandou-a até-la à cintura com uma tira de couro.

– Pelo sim, pelo não... – disse, ao ouvi-la protestar. – Agora, toca a subir.

Ela subiu-lhe obedientemente para as costas, prendendo os braços à volta do seu pescoço. Levava-a até à colina dessa forma, o que fora um pouco desconfortável para ambos, mas ela não conseguia acompanhar o seu passo, a pé.

Eragon subiu cuidadosamente pelo flanco de Saphira, até ao meio dos seu dorso. Ao agarrar-se a um dos espinhos salientes do pescoço, torceu-se para que Elva conseguisse passar para cima da sela.

Logo que se libertou do peso da rapariga, Eragon voltou a saltar para o chão. Ao lançar-lhe o escudo, ele teve de correr para a frente, de braços abertos, pois este quase que a derrubava do dorso de Saphira.

– Apanhaste-o? – perguntou ele.

– Sim – respondeu ela, puxando o escudo para cima do colo. Depois enxotou-o com uma mão, dizendo:

– Vai, vai!

Segurando no pomo de Brisingr, para que a espada não se metesse entre as pernas, Eragon correu para o topo da colina e assentou o joelho no chão, baixando-se tanto quanto possível. Atrás de si, Saphira rastejou até meio do declive e deitou-se, alongando o pescoço por entre a relva até ficar com a cabeça junto dele para ambos conseguirem ver o mesmo.

Uma coluna cerrada de humanos, Anões, Elfos, Urgals e homens-gato saía do acampamento dos Varden. Sob a luz mortiça e acinzentada do amanhecer, era difícil distingui-los, muito menos sem lanternas. A coluna descia os campos em declive, em direção a Urû'baen, e logo que os guerreiros ficaram a uns oitocentos metros da cidade, dividiu-se em três linhas. Uma posicionou-se diante do portão da frente, outra virou para a zona sudeste da muralha exterior e outra para noroeste.

O último grupo era o que Eragon dera a entender que ele e Saphira iriam acompanhar.

Os guerreiros levavam panos presos nos pés e nas armas e falavam em surdina. Ainda assim, Eragon ouvia de vez em quando um burro a zurrar, um cavalo a relinchar e vários cães a ladrar ao movimento. Os soldados nas muralhas, em breve, iriam aperceber-se do movimento – muito provavelmente quando os guerreiros começassem a mover as catapultas, balistas e as torres de cerco que os Varden já tinham montado e posicionado nos campos em frente à cidade.

Eragon estava impressionado pelo facto dos homens, Anões e Urgals ainda estarem dispostos a marchar para a batalha, depois de verem Shruikan. Devem ter muita fé em nós, disse ele a Saphira. Ele sentia o peso dessa responsabilidade e tinha a plena consciência que poucos guerreiros iriam sobreviver, se ele e os que estavam consigo falhassem.

Sim, mas se Shruikan voltar a voar cá para fora, vão fugir em debandada como ratos assustados.

Então, o melhor é não permitirmos que isso aconteça.

Ouviu-se o toque de um corno em Urû'baen, depois um segundo e um terceiro, e começaram a aparecer luzes por toda a cidade, à medida que as lanternas e as tochas se acendiam.

– Cá vamos nós – murmurou Eragon, sentindo a pulsação acelerar.

Assim que o alarme foi dado, os Varden abandonaram todos os seus esforços para manter a presença em segredo. A este, um grupo de Elfos a cavalo partiu a galope em direção à colina que protegia a cidade, planeando subir a encosta e atacar a muralha, ao cimo da enorme saliência que se erguia sobre Urû'baen.

No centro do acampamento praticamente deserto dos Varden, Eragon viu o que lhe parecia ser a forma cintilante de Saphira. Uma figura solitária – cujas feições sabia serem uma réplica perfeita das suas – vinha sentada sobre o dorso da miragem, empunhando uma espada e um escudo.

A réplica de Saphira ergueu a cabeça, abriu as asas e levantou voo com um rugido sonoro.

Cumprem bem o seu papel, não achas?, disse ele a Saphira.

Os Elfos têm um bom entendimento sobre a aparência e o comportamento dos dragões... ao contrário de alguns humanos.

O espectro de Saphira aterrou junto do grupo, mais a norte, embora Eragon reparasse que os Elfos tentavam mantê-la distante dos homens e dos Anões, para que estes não roçassem nela e percebessem que era tão insubstancial como o arco-íris.

O céu começava a aclarar à medida que os Varden e os seus aliados se dispunham em formações ordenadas, em cada uma das três posições, do exterior das muralhas. Dentro da cidade, os soldados de Galbatorix continuavam a preparar-se para o assalto, mas era óbvio que estavam apavorados e desorganizados, correndo pelas ameias. No entanto, Eragon sabia que aquela confusão não duraria muito.

“Agora”, pensou ele. “Agora! Não esperes mais.” Passou os olhos pelos edifícios, em busca do mais pequeno sinal de vermelho, mas não viu nada. Onde estás tu, raios? Mostra-te!

Ouviram-se mais três toques de cornos – desta vez dos Varden. Seguiu-se um alarido de vozes e gritos, e as máquinas de guerra dos Varden começaram a lançar os seus projéteis sobre a cidade. Os arqueiros dispararam rajadas de flechas, e as fileiras de guerreiros destroçaram-se, avançando na direção da muralha, aparentemente impenetrável.

As pedras, os dardos e as flechas pareciam mover-se lentamente, ao descreverem arcos sobre o terreno que separava o exército da cidade. Nenhum dos projéteis atingiu a muralha exterior. Seria inútil tentar derrubá-la, por isso os homens que manobravam as máquinas apontaram para cima e para lá das muralhas. Algumas das pedras estilhaçaram-se ao bater em Urû’baen, projetando fragmentos, aguçados como adagas, em todas as direções, enquanto outras abalroavam os edifícios e saltitavam pelas ruas como berlindes gigantes.

Eragon pensou como seria horrível acordar no meio daquela confusão, com grandes pedaços de pedra a choverem do ar. Depois a atividade num outro ponto chamou a sua atenção, ao aperceber-se de que o espectro de Saphira levantava voo sobre os guerreiros que corriam. Batendo três vezes as asas, o espectro trepou a muralha, banhando as ameias com uma língua de fogo, que Eragon achou mais clara do que o normal. O fogo era real e fora conjurado pelos Elfos que estavam perto da secção norte da muralha, os mesmos que o tinham criado e que sustinham a ilusão.

A aparição de Saphira voava para trás e para diante, na mesma extensão da muralha, para afugentar os soldados. Logo que o conseguiu, um grupo de vinte e poucos elfos voaram do exterior da cidade, até ao topo de uma das torres da muralha, para poderem continuar a vigiar a aparição, à medida que esta avançava para o interior de Urû’baen.

Se Murtagh e Thorn não se mostrarem em breve, eles vão começar a interrogar-se por que motivo não atacamos as outras partes da muralha, disse ele a Saphira.

Vão pensar que estamos a proteger os guerreiros que tentam entrar por esta parte, respondeu ela. Dá tempo ao tempo.

Noutros pontos da muralha, os soldados disparavam flechas e azagaias sobre o exército, em baixo, atingindo dúzias de soldados dos Varden. As mortes eram inevitáveis, mas Eragon lamentava-as de qualquer modo, pois os ataques dos guerreiros eram apenas uma distração. Tinham poucas hipóteses de conseguir dominar as defesas da cidade. Entretanto as torres de cerco aproximavam-se ruidosamente. Rajadas de flechas cruzavam-se entre os níveis superiores e os homens nas ameias. Um regato fervente de pez, vindo de cima, precipitou-se sobre a beira da saliência e desapareceu entre os edifícios, em baixo. Eragon olhou para cima e viu clarões de luz, ao cimo da muralha que protegia a beira do precipício e, logo a seguir, distinguiu quatro corpos que caíam pela encosta, precipitando-se em direção ao chão como bonecos de trapos. Aquela visão agradou-lhe, pois significava que os Elfos tinham tomado a muralha superior.

O espectro de Saphira descreveu um círculo sobre a cidade, incendiando vários edifícios. Ao fazê-lo, um grupo de arqueiros posicionados sobre um telhado próximo dispararam uma rajada de flechas. A aparição desviou-se para evitar os projéteis e, aparentemente por acidente, bateu contra uma das seis torres verdes dos Elfos, dispersas por Urû’baen.

A colisão pareceu perfeitamente real e Eragon encolheu-se, compadecido, ao ver a asa esquerda do dragão partir-se contra a torre. Os ossos estalaram como caules de erva seca. A réplica de Saphira rugiu e debateu-se, caindo para as ruas em espiral. Depois disso, os edifícios esconderam-na, mas os seus rugidos ouviam-se a quilómetros de distância e as chamas que parecia projetar tingiam as partes laterais das casas, iluminando o teto da saliência de pedra, suspensa sobre a cidade.

Eu nunca teria sido tão desastrada, disse Saphira, fungando.

Eu sei.

Passou um minuto. A tensão dentro de Eragon estava a atingir um nível quase insuportável.

– Onde estão eles? – rosnou ele, cerrando os punhos. A probabilidade de os soldados descobrirem que o dragão que julgavam ter abatido, na verdade não existia, aumentava a cada segundo.

Foi Saphira que os viu primeiro.

Ali, disse ela, indicando-lhe mentalmente o local.

Thorn mergulhou de uma abertura escondida no interior da saliência, como uma lâmina de rubi, caída dos céus. Deixou-se cair a direito durante quase cem metros e, depois, abriu as asas apenas o suficiente para abrandar para uma velocidade segura, aterrando numa praça, perto do local onde o espectro de Saphira tinha caído.

Eragon julgou ver Murtagh no dragão vermelho mas a distância era demasiado grande para ter a certeza.

Teriam de esperar que fosse Murtagh, porque se fosse Galbatorix, o seu plano estaria certamente condenado ao fracasso.

Deve haver túneis na pedra, disse ele a Saphira.

Mais fogo de dragão irrompeu por entre os edifícios. Depois, a aparição de Saphira saltou sobre os telhados e esvoaçou brevemente, como um pássaro com uma asa ferida, voltando a mergulhar em direção ao chão, seguida de Thorn.

Eragon não quis ver mais.

Deu meia-volta, correu ao longo do pescoço de Saphira e atirou-se para cima da sela, atrás de Elva. Demorou apenas alguns segundos a enfiar as pernas nas correias e a prender duas de cada lado, deixando as restantes soltas. Mais tarde só iriam empatá-lo. A correia de cima prendia também as pernas de Elva.

Proferindo, de imediato, as palavras, Eragon lançou um feitiço para ocultar os três e, quando a magia produziu efeito, experimentou a habitual sensação de desorientação, enquanto o seu corpo desaparecia. Era como se estivesse a flutuar alguns metros acima de um padrão escuro, em forma de dragão, prensado nas plantas da colina.

Mal terminou o feitiço, Saphira atirou-se para a frente, saltando do topo da colina e batendo as asas energicamente, para tentar ganhar altitude.

– Não é lá muito confortável, pois não? – disse Elva, quando Eragon lhe tirou o escudo.

– Não, nem sempre! – respondeu ele, levantando a voz para se fazer ouvir sobre o ruído do vento.

Algures na sua mente, conseguia sentir Glaedr e Umaroth e os outros Eldunarís a observarem, enquanto Saphira se inclinava para baixo, mergulhando em direção ao acampamento dos Varden.

Agora, consumaremos a nossa vingança, disse Glaedr.

Saphira começou a ganhar velocidade e Eragon dobrou-se sobre Elva. Ao centro do acampamento viu Blödhgarm com os seus doze feitiçeiros e Arya – que tinha a Dauthdaert. Cada um trazia um pedaço de corda de nove metros de comprimento, amarrado à volta do peito, por baixo dos braços. Todas as cordas estavam presas a um tronco tão grosso como a coxa de Eragon e do comprimento de um Urgal adulto.

Quando Saphira desceu em direção ao acampamento, Eragon fez-lhes sinal com a mente e dois elfos atiraram o tronco ao ar. Saphira apanhou-o entre as garras e os elfos saltaram. Momentos depois, Eragon sentiu uma sacudidela e Saphira afundou-se no ar, absorvendo o peso. Através do corpo dela, Eragon viu os Elfos, as cordas e o tronco desaparecerem, depois destes lançarem um feitiço de invisibilidade, tal como ele próprio fizera.

Saphira bateu as asas poderosamente e subiu cerca de trezentos metros acima do solo, o suficiente para que os Elfos pudessem passar facilmente por cima das muralhas e edifícios da cidade.

A sua esquerda, Eragon viu primeiro Thorn e depois o espectro de Saphira, enquanto estes se perseguiam um ao outro, a pé, na parte norte da cidade. Os Elfos que controlavam a aparição tentavam manter Murtagh e Thorn tão ocupados quanto possível, para que nenhum tivesse a hipótese de a atacar mentalmente. Se o fizessem ou se apanhassem a aparição, depressa iriam perceber que tinham sido enganados.

“Só mais uns minutos”, pensou Eragon.

Saphira voou sobre os campos, sobre as catapultas, com os seus dedicados operadores, sobre as fileiras de arqueiros com as flechas enterradas no chão, diante deles, como tufos de juncos de pontas brancas, sobre uma torre de cerco, e sobre guerreiros a pé – homens, anões e Urgals – escondidos debaixo dos seus escudos, que corriam com escadas, em direção à muralha exterior. Entre eles estavam Elfos altos e esguios, de elmos cintilantes, lanças de pontas alongadas e longas espadas.

Saphira sobrevoou a muralha e Eragon sentiu uma estranha ferroada. Ela reapareceu por baixo do seu corpo e Eragon deu consigo a olhar para a nuca de Elva, deduzindo que Arya e os outros elfos, suspensos por baixo deles, também se tinham tornado visíveis. Praguejando entredentes, Eragon quebrou o feitiço que os escondia. Aparentemente, as proteções de Galbatorix não lhes permitiriam entrar na cidade sem ser vistos. Saphira acelerou o voo em direção ao gigantesco portão da cidadela. Em baixo, Eragon ouviu gritos de pavor e de perplexidade, mas não lhes prestou atenção. Era com Murtagh e Thorn que ele estava preocupado e não com os soldados.

Recollendo as asas, Saphira mergulhou em direção ao portão e, quando parecia que iria embater contra ele, virou e empinou-se, batendo as asas no sentido inverso, para abrandar. Ao imobilizar-se quase por completo no ar, deixou-se flutuar no sentido descendente até pousar os Elfos em segurança, no chão.

Assim que estes se desembaraçaram das cordas e desimpediram o caminho, Saphira aterrou no pátio em frente do portão, sacudindo Eragon e Elva com a força do impacto.

Eragon soltou as fivelas das correias que o prendiam a ele e a Elva à sela, ajudando depois a rapariga a sair do dorso de Saphira. Ambos correram atrás dos Elfos, em direção ao portão.

A entrada da cidadela tinha duas gigantescas portas negras, que se uniam no cimo. Pareciam feitas de ferro maciço e tinham centenas, senão milhares de rebites pontiagudos, cada um do tamanho da cabeça de Eragon. A visão era assustadora. Eragon não conseguia imaginar uma entrada menos apetecível.

De lança em punho, Arya correu para o pequeno portal de saída, montado na porta do lado esquerdo, do qual se distinguiu apenas uma linha de união escura que demarcava um retângulo, que mal permitia a passagem de um homem. Dentro do retângulo havia uma tira horizontal de metal, com cerca de três dedos de largura, e o triplo do comprimento, ligeiramente mais clara que o resto da porta.

Quando Arya se aproximou da porta, a tira afundou-se cerca de um centímetro, deslizando depois para o lado, com um rangido ferrugento. Dois olhos, semelhantes aos de uma coruja, espreitaram do interior sombrio.

– Quem és tu? – perguntou uma voz altiva. – Diz ao que vens ou vai-te daqui!

Arya enfiou de imediato Dauthdaert através da ranhura. Ouvia-se um gorgolejo no interior e Eragon distinguiu o ruído de um corpo a cair.

Arya recolheu a lança, sacudindo sangue e os pedaços de carne da lâmina serrilhada. Depois agarrou no cabo da arma com ambas as mãos e encaixou a ponta na linha de união do lado direito do portal de saída, dizendo:

– Verma!

Eragon franziu os olhos e virou-se para o lado ao ver uma chama intensa, azul, surgir entre a lança e o portão. Sentia o calor mesmo a vários metros de distância.

Com o rosto desfigurado do esforço, Arya enterrou a lâmina da lança no interior do portão, cortando lentamente o aço. Faíscas e pingos de metal fundido escorriam por baixo da lâmina, deslizando pelo chão pavimentado, como gordura numa panela quente. Eragon e os outros foram obrigados a recuar.

Enquanto ela trabalhava, Eragon olhou de relance na direção de Thorn e do espectro de Saphira. Não conseguia vê-los, mas continuava a ouvir os rugidos e o estrondo da alvenaria a partir-se.

Elva deixou-se cair contra ele. Ao baixar os olhos, Eragon percebeu que ela tremia e suava, como se estivesse febril, e ajoelhou-se junto dela.

– Queres que te leve ao colo?

Ela abanou a cabeça.

– Ficarei melhor logo que estivermos lá dentro e longe... daquilo. – Apontou na direção da batalha.

Eragon viu uma série de pessoas a observarem-nos, junto do pátio, no espaço entre as casas. Não pareciam soldados. Importas-te de os afugentar?, pediu ele a Saphira. Ela virou a cabeça, deixando escapar um rosnido baixo e os espetadores fugiram de imediato.

Quando a fonte de faíscas e metal incandescente cessou, Arya deu três pontapés na porta de saída e esta caiu em cima do corpo do guarda do portão. Instantes depois, um cheiro a lã e a pele queimada impregnou o ar.

Empunhando ainda a Dauthdaert, Arya passou através do portal escuro e Eragon conteve a respiração. Quaisquer que fossem os feitiços que Galbatorix tivesse lançado na cidadela, a Dauthdaert deveria permitir-lhe passá-los incólumes, tal como lhe possibilitara abrir o portal de saída. Mas, havia sempre a hipótese de o rei ter lançado um feitiço que a Dauthdaert não pudesse neutralizar.

Para seu alívio, nada aconteceu quando Arya entrou na cidadela. Depois, um grupo de vinte soldados correu na direção dela, de piques em riste. Eragon desembainhou Brisingr e correu para o portal de saída, mas não se atreveu a atravessá-lo e a entrar na cidadela, para se reunir a ela, pelo menos naquele momento.

Empunhando a lança com a mesma eficiência que a espada, Arya abriu caminho por entre os homens, eliminando-os com uma rapidez impressionante.

– Porque não a avisaste? – exclamou Eragon, sem tirar os olhos do combate.

Elva reuniu-se a ele junto da abertura do portão.

– Porque eles não vão fazer-lhe mal.

As suas palavras revelaram-se proféticas e nenhum dos soldados conseguiu atingi-la. Os dois últimos homens tentaram fugir, mas Arya correu atrás deles e matou-os antes que conseguissem afastar-se mais de dez metros, no imenso corredor, que parecia ainda maior que os quatro corredores principais de Tronjheim.

Depois de matar os quatro soldados, Arya arrastou os corpos para o lado, desimpedindo o caminho até ao portal da entrada. A seguir, percorreu cerca de doze metros do corredor, pousou a Dauthdaert no chão e fê-la deslizar até junto de Eragon.

Ao largar a lança contraiu o corpo, como se esperasse ser atingida, mas qualquer que fosse o tipo de magia ali presente, não pareceu afetá-la.

– Sentes alguma coisa? – perguntou Eragon. A sua voz ecoou no interior do corredor.

Ela abanou a cabeça.

– Desde que fiquemos longe do portão, estaremos em segurança.

Eragon entregou a lança a Blódhgarm, que a agarrou e entrou pelo portal de saída. Juntos, Arya e o elfo coberto de pelo, entraram nas salas, de ambos os lados do portão, manipulando os mecanismos ocultos para o abrir, uma tarefa impossível para igual número de humanos.

O ruído das correntes ecoou no ar e as gigantescas portas de ferro abriram-se lentamente.

Logo que a porta se abriu o suficiente para Saphira entrar, Eragon gritou:

– Parem! – E as portas rangeram e imobilizaram-se.

Blódhgarm saiu da sala da direita e entregou a Dauthdaert a outro elfo, tendo o cuidado de se manter a uma distância segura da entrada.

E assim entraram na cidadela, um por um.

Quando apenas Eragon, Elva e Saphira estavam lá fora, um terrível rugido ecoou na parte norte da cidade e, por instantes, o silêncio abateu-se por toda a cidade.

– Eles descobriram o nosso embuste – gritou o elfo Uthinarë, atirando a lança a Eragon. – Despacha-te, Argetlam!

– Tu vais a seguir – disse Eragon, passando a Dauthdaert a Elva.

Aninhando-a nos braços, Elva correu para junto dos Elfos, atirando depois a lança a Eragon, que a agarrou e correu pela entrada. Quando se virou, ficou alarmado ao ver Thorn erguer-se sobre os edifícios no lado oposto da cidade. Eragon baixou-se sobre um joelho, poisou a Dauthdaert no chão e fê-la rolar na direção de Saphira.

– Depressa! – gritou ele.

Saphira perdeu alguns segundos a remexer na lança, tentando agarrá-la com a ponta das mandíbulas. Por fim, conseguiu prendê-la entre os dentes, saltando para o interior do gigantesco corredor, coberto de corpos de soldados.

Thorn rugiu à distância e bateu furiosamente as asas, voando velozmente na direção da cidadela.

Arya e Blödhgarm lançaram um feitiço, recitando-o em uníssono. Ouviu-se um matraquear ensurdecedor no interior das muralhas de pedra, e as portas de ferro fecharam-se três vezes mais depressa do que se tinham aberto. O estrondo foi tão grande que Eragon o sentiu através dos pés. Uma barra de metal, com noventa centímetros de espessura e quase dois metros de largura, deslizou do interior de cada parede, encaixando-se nos suportes presos ao interior das portas, trancando-as.

– Isso deve contê-los durante algum tempo – disse Arya.

– Não por muito tempo – comentou Eragon, olhando para o portal de saída, aberto.

Depois viraram-se para verem o que tinham diante de si.

Eragon calculava que o corredor tivesse uns quatrocentos metros, conduzindo-os às profundezas da colina, atrás de Urû'baen. Ao fundo do corredor havia mais um conjunto de portas, tão grandes como as primeiras, folheadas a ouro trabalhado, que brilhava maravilhosamente à luz das lanternas sem chama, instaladas ao longo das paredes, em intervalos regulares. De ambos os lados, viam-se dúzias de corredores mais pequenos, mas nenhum suficientemente grande para Shruikan, embora Saphira coubesse em muitos deles. Pendurados nas paredes, de trinta em trinta metros, havia estandartes vermelhos, bordados com os contornos da chama ondulante que Galbatorix usava como insígnia. Mas, tirando isso, o corredor estava vazio.

As dimensões do corredor eram assustadoras e o facto de estar vazio deixava Eragon ainda mais nervoso. Ele deduziu que a sala do trono estivesse do outro lado das portas douradas, mas calculou que não fosse tão fácil de alcançar como parecia. Mesmo que Galbatorix não fosse tão engenhoso como constava, teria espalhado dúzias, senão centenas de armadilhas pelo corredor.

Eragon achava intrigante que o rei ainda não os tivesse atacado e não sentia o toque de qualquer mente a não ser a de Saphira e dos seus companheiros. No entanto, ele estava plenamente consciente de que se encontravam muito perto do rei. Toda a cidadela parecia observá-los.

– Ele deve saber que nós estamos aqui – disse Eragon. – Todos nós.

– Então é melhor apressarmo-nos – disse Arya, tirando a Dauthdaert da boca de Saphira. A arma estava coberta de saliva.

– Thurra – disse Arya e a baba escorreu para o chão.

Atrás deles, no exterior do portão de ferro, Thorn aterrou no pátio com um estrondo enorme. Ouviu-se um rugido de frustração e, depois, algo pesado atingiu o portão e as paredes trepidaram com o ruído. Arya correu para a frente do grupo e Elva reuniu-se a ela. A rapariga de cabelo escuro colocou a mão sobre o cabo da lança – beneficiando-a também do seu poder protetor – e ambas começaram a andar, percorrendo apressadamente o longo corredor e embrenhando-se cada vez mais no covil de Galbatorix.

REBENTA A TEMPESTADE

—Está na hora, meu capitão.

Roran abriu os olhos e acenou com a cabeça ao rapaz que tinha espreitado na tenda com a lanterna. O rapaz afastou-se apressadamente e Roran debruçou-se sobre Katrina, beijou-a na face e ela retribuiu com outro beijo. Nenhum dos dois conseguira dormir.

Levantaram-se e vestiram-se. Ela despachou-se primeiro, visto que ele demorava mais tempo a colocar a armadura e as armas.

Ao calçar as luvas, ela deu-lhe uma fátia de pão, um pedaço de queijo e uma caneca de chá morno. Ele ignorou o pão, deu uma dentada no queijo e bebeu a caneca de chá de uma só vez.

Abraçaram-se durante um momento e ele disse:

- Se for uma rapariga, dá-lhe um nome feroz.
- E se for um rapaz?
- A mesma coisa. Seja rapaz ou rapariga terá de ser forte para sobreviver neste mundo.
- Darei, prometo. — Largaram-se e ela olhou-o nos olhos. — Luta bem, marido.

Ele acenou com a cabeça, virou-se e saiu, antes que perdesse a compostura.

Os homens sob as suas ordens reuniam-se na entrada norte do acampamento, quando Roran se juntou a eles. A única luz que tinham provinha da ténue claridade do céu e das tochas colocadas ao longo do baluarte exterior. Sob aquela luz mortíça e trémula, os guerreiros assemelhavam-se a uma manada lenta de animais estranhos e ameaçadores.

As suas fileiras contavam com um elevado número de Urgals, incluindo alguns Kull. O seu batalhão continha mais criaturas dessas do que a maioria, visto que Nasuada acreditava que eles seguiriam mais facilmente as suas ordens do que as de qualquer outra pessoa. Eram os Urgals que transportavam as longas escadas de cerco que seriam utilizadas para treparem às muralhas da cidade.

Havia também uma série de Elfos entre os homens. Grande parte dos elementos da sua espécie lutariam sozinhos, mas a rainha Islanzadí autorizara alguns a servirem no exército dos Varden, como proteção contra os ataques dos feiticeiros de Galbatorix.

Roran deu as boas-vindas aos Elfos e perdeu algum tempo a perguntar o nome a cada um. Eles responderam-lhe educadamente, mas Roran ficou com a sensação que não o tinham em grande conta. Tudo bem. Ele também não morria de amores por eles. Havia algo que não lhe inspirava confiança. Eram demasiado distantes, demasiado experientes e, acima de tudo, demasiado diferentes. Os Anões e os Urgals ele até conseguia entender, mas não os Elfos. Não fazia ideia do que estavam a pensar, e isso incomodava-o.

- Saudações, Martelo de Ferro — disse Nar Garzhgov, num sussurro que se ouviu a trinta passos. — Hoje conquistaremos grande glória para as nossas tribos!
- Sim hoje conquistaremos grande glória para as nossas tribos! — anuiu Roran, continuando a andar. Os homens estavam nervosos. Alguns dos guerreiros mais jovens pareciam doentes — e estavam mesmo o que já era de esperar —, mas os mais velhos pareciam tensos, irritáveis, ora demasiado faladores, ora demasiado calados. O motivo era óbvio: Shruikan. Roran pouco podia fazer para os ajudar a não ser esconder os próprios medos e esperar que os homens não perdessem a coragem.

A expectativa que se sentia em todos eles, incluindo o próprio Roran, era terrível. Tinham feito muitos sacrifícios para chegar até ali e não eram apenas as suas vidas que estavam em risco na batalha que se avizinhava, mas também o bem-estar das suas famílias e descendentes, bem como o futuro da própria terra. As anteriores batalhas tinham sido igualmente angustiantes, mas aquela era a batalha final. Aquela era o fim de tudo. De uma forma ou de outra, não se travariam mais confrontos com o Império depois daquele dia.

A ideia nem parecia real. Nunca mais teriam hipótese de matar Galbatorix. Embora a ideia de o enfrentar parecesse excelente em conversa, a altas horas da noite; agora que o momento estava prestes a chegar, essa possibilidade revelava-se aterradora.

Roran procurou Horst e os outros aldeões de Carvahall, descobrindo que estes formavam um núcleo dentro do batalhão. Birgit estava entre eles, empunhando um machado aparentemente acabado de amolar. Roran cumprimentou-a de escudo erguido, como quem levanta uma caneca de cerveja. Ela retribuiu o gesto e Roran sorriu sombriamente.

Os guerreiros tinham abafado os pés e as botas com panos, e aguardavam ordens para seguirem.

A ordem depressa chegou e eles marcharam para fora do acampamento, fazendo os possíveis para evitar qualquer barulho com as armas e com as armaduras. Roran conduziu os guerreiros ao longo dos campos até à respetiva posição, diante do portão da frente de Urû'baen. Aí reuniram-se a dois outros batalhões, um deles comandado pelo seu antigo comandante, Martland Barba Ruiva, e outro por Jörmundur.

Pouco depois, o alarme fez-se ouvir em Urû'baen, por isso tiraram os panos das armas e dos pés, e prepararam-se para atacar. Alguns minutos depois, o som dos comos dos Varden deram o sinal para avançar e eles partiram a correr, em direção à imensa muralha da cidade.

Roran assumiu um lugar na frente de ataque. Era a maneira mais fácil de morrer, mas os homens precisavam de o ver enfrentar corajosamente os mesmos perigos. Roran esperava que isso os enrijecesse, impedindo-os de destroçar ao primeiro sinal de oposição. Fosse como fosse, Urû'baen não seria fácil de conquistar, disso ele tinha a certeza.

Passaram a correr por uma das torres de cerco, cujas rodas tinham mais de seis metros de altura e rangiam como dobradiças ferrugentas, entrando em terreno aberto. Flechas e azagaias choviam sobre eles, disparadas pelos soldados que se encontravam ao cimo das muralhas.

Os Elfos gritaram na sua estranha língua e Roran viu muitas das flechas e lanças virarem-se e enterrarem-se inofensivamente na terra, sob a luz ténue do amanhecer. Mas nem todas. Um homem atrás dele soltou um grito desesperado e Roran ouviu o estrépito de armaduras, enquanto homens e Urgals se desviavam para não pisarem o guerreiro caído. Roran não olhou para trás e nenhum abrandou a corrida em direção às muralhas.

Uma flecha atingiu o escudo que Roran segurava por cima cabeça, mas ele mal sentiu o impacto.

Quando chegaram à muralha, ele desviou-se, gritando:

- Escadas! Deixem passar as escadas!

Os homens afastaram-se, para que os Urgals que transportavam as escadas pudessem avançar. As escadas eram tão compridas que os Kull tiveram de usar postes feitos de troncos, amarrados uns aos outros, para as erguer. Logo que as escadas tocaram na muralha, vergaram-se sob o seu próprio peso, e a parte de cima, encostada à muralha, deslizou de um lado para o outro, como se estivessem prestes a cair.

Roran abriu caminho por entre os homens, agarrando no braço de um dos elfos, Othiara. Ela olhou-o furiosa, mas ele ignorou o seu olhar.

- Mantenham as escadas no lugar! — gritou ele. — Não deixem que os soldados as empurrem!

Ela acenou com a cabeça e começou a cantar na língua antiga, tal como os outros Elfos.

Roran virou-se e encaminhou-se apressadamente para a muralha. Um dos homens já subia a escada mais próxima, mas Roran agarrou-o pelo cinto, puxando-o para baixo.

– Eu vou subir primeiro – disse ele.

– Martelo de Ferro!

Roran pendurou o escudo às costas e começou a subir, com o martelo na mão. Nunca apreciara as alturas e, à medida que os homens e os Urgals ficavam mais pequenos, por baixo de si, ele sentia-se mais desconfortável. A sensação piorou ao alcançar a parte da escada que estava encostada à parede, pois já não podia agarrar-se aos degraus, nem apoiar convenientemente os pés – apenas os primeiros centímetros das botas cabiam sobre os troncos de árvore –, obrigando-o a avançar com mais cuidado para não escorregar.

Uma lança passou tão perto que ele sentiu a deslocação de ar na sua face.

Praguejou e continuou a subir.

Estava a menos de noventa centímetros das ameias, quando um soldado de olhos azuis se debruçou sobre a muralha, olhando-o diretamente.

– Bah! – gritou Roran, e o soldado encolheu-se e recuou. Antes que o homem tivesse tempo para recuperar, Roran subiu os últimos degraus e saltou sobre as ameias, aterrando no passadiço no topo da muralha.

O soldado que ele tinha assustado estava a pouco mais de um metro de si, com uma espada curta de arqueiro. O homem tinha a cabeça virada para o lado, gritando com um grupo de soldados que estava mais adiante, na muralha.

Roran trazia o escudo às costas e tentou golpear o pulso do homem com o martelo. Sabia que teria dificuldade em defender-se de um espadachim bem treinado, sem o escudo, por isso o caminho mais seguro era desarmar o seu adversário o mais rapidamente possível.

O soldado percebeu o que ele pretendia fazer e aparou o ataque, golpeando Roran na barriga.

Ou melhor, tentou, pois os feitiços de Eragon detiveram a ponta da espada a dez centímetros da barriga de Roran. Ele roncou surpreendido e desarmou-o, esmagando-lhe a cabeça com três golpes rápidos.

Voltou a praguejar. Era um mau começo.

Ao cimo da muralha, e ao fundo, outros guerreiros dos Varden tentavam subir as escadas para a saltar, mas poucos conseguiram. Grupos de soldados esperavam-nos ao cimo de quase todas as escadas e os reforços chegavam aos magotes, vindos das escadas que davam acesso à cidade.

Baldor reuniu-se a Roran – utilizando a mesma escada – e, juntos, correram em direção a uma balista operada por oito soldados. A balista estava montada junto da base de uma das torres da muralha, que se erguiam a trinta metros umas das outras. Atrás dos soldados e da torre, Roran viu a ilusão que os Elfos tinham criado de Saphira, que sobrevoava a muralha, contornando-a e projetando jatos de fogo sobre ela.

Os soldados foram perspicazes: agarraram nas lanças e apontaram-nas a Baldor e Roran, mantendo-os à distância. Roran tentou apanhar uma das lanças, mas o homem que a empunhava foi demasiado rápido e ele quase voltou a ser golpeado. Bastariam mais uns momentos para que os soldados o dominassem a ele e a Baldor.

Mas, antes que isso pudesse acontecer, um Urgal ergueu-se sobre a beira da muralha, atrás dos soldados, baixou a cabeça e atacou-os, urrando e brandindo o bastão que trazia consigo.

O Urgal atingiu um dos homens no peito, partindo-lhe as costelas. Atingiu outro na anca, fraturando-lhe a pélvis. Qualquer um dos ferimentos deveria ter incapacitado os soldados. No entanto, quando o Urgal passou pesadamente por eles, os dois homens ergueram-se do chão de pedra, como se nada tivesse acontecido, e avançaram, golpeando o Urgal nas costas.

Uma sensação de pavor cresceu dentro de Roran.

– Temos de lhes esmagar o crânio ou cortar-lhes a cabeça, se quisermos detê-los – rosnou ele a Baldor, gritando depois aos Varden que estavam atrás deles, sem tirar os olhos dos soldados: – Eles não sentem dor!

Sobrevoando a cidade, a imagem ilusória de Saphira embateu contra uma torre. Todos pararam para olhar menos Roran, pois sabia o que os Elfos estavam a fazer.

Depois, ele saltou para a frente e matou um dos soldados com um golpe na têmpora, usando o escudo para empurrar o seguinte. Estava demasiado perto dos soldados e as lanças de nada lhes serviam, por isso conseguiu rapidamente acabar com eles servindo-se do martelo.

Quando Roran e Baldor conseguiram matar os restantes soldados que estavam em torno da balista, Baldor olhou-o com uma expressão de desespero:

– Viste? Saphira...

– Ela está ótima.

– Mas...

– Não te preocupes. Ela está ótima.

Baldor hesitou, mas acreditou na palavra de Roran, e os dois correram em direção ao grupo de soldados mais próximo.

Pouco depois, Saphira – a verdadeira Saphira – apareceu sobre a parte sul da muralha, voando em direção à cidadela e arrancando vivas de alívio aos Varden.

Roran franziu o sobrolho. “Ela deveria ter ficado invisível durante todo o voo.”

– Frethya, frethya – disse ele, rapidamente, entredentes, mas continuou visível. “Raios”, pensou ele.

Depois virou-se e disse:

– Toca a voltar para as escadas!

– Porquê? – perguntou Baldor, enfaticamente, enquanto lutava com outro soldado, atirando-o da muralha com um grito feroz.

– Para de fazer perguntas! Mexe-te!

Lado a lado, abriram caminho por entre a linha de soldados que os separavam das escadas. Foi uma tarefa sangrenta e difícil. Baldor foi golpeado na barriga da perna esquerda, por baixo da caneleira, e ficou com uma grave contusão no ombro, onde uma lança quase lhe perfurou a cota de malha.

O facto de os soldados serem imunes à dor significava que a única forma segura de os deter era matá-los, o que não era tarefa fácil. Significava também que Roran teria de ser impiedoso. Por mais de uma vez pensou ter matado um soldado, e depois viu o homem ferido levantar-se e atacá-lo enquanto ele combatia outros adversários. Além disso, os soldados no passadiço eram tantos que Roran começava a recear que nem ele nem Baldor conseguissem sair dali.

Ao alcançarem a escada mais próxima, Roran disse:

– Aqui! Fica aqui.

Se Baldor ficou surpreendido, não o deixou transparecer. Defenderam-se dos soldados sozinhos, mas entretanto dois outros homens subiram a escada e reuniram-se a eles, seguindo-se um terceiro, até que Roran começou a sentir que havia boas hipóteses de forçar os soldados a recuar e a tomar aquela parte da muralha.

Muito embora o ataque tivesse sido planeado apenas como uma distração, Roran não via qualquer motivo para o encarar como tal. Já que tinham de arriscar a vida, o melhor seria tentar tirar algum proveito. Fosse como fosse, teriam de desobstruir as muralhas.

Depois ouviram Thorn rugir de raiva e viram o dragão vermelho aparecer sobre o topo dos edifícios, voando na direção da cidadela. Roran distinguiu uma figura no seu dorso que julgou ser Murtagh, com uma espada vermelha na mão.

– O que significa isto? – gritou Baldor entre estocadas.

– Significa que fomos desmascarados! – respondeu Roran. – Prepara-te, estes estupores vão ter uma surpresa!

Mal acabou de falar, as vozes sinistras e belas dos Elfos ressoaram sobre o ruído da batalha, entoando um cântico na língua antiga.

Roran baixou-se, desviando-se de uma lança, e espetou a ponta do martelo na barriga de um homem, deixando-o sem ar nos pulmões. Os soldados poderiam não sentir, mas continuavam a ter de respirar. Enquanto o soldado lutava para recuperar, Roran penetrou nas suas defesas esmagando-lhe a garganta com o rebordo do escudo.

Estava prestes atacar o soldado seguinte, quando sentiu a pedra tremer debaixo dos pés. Recuou até ficar encostado às ameias e abriu as pernas para se equilibrar.

Um dos soldados cometeu a imprudência de correr até ele nesse preciso momento. Enquanto o homem corria na sua direção, o tremor intensificou-se e o topo da muralha ondulou como um cobertor, derrubando o soldado que se aproximava – bem como a maioria dos companheiros –, e este ficou de cara no chão, incapaz de se levantar, pois a terra continuava a tremer.

Do outro lado da torre da muralha, que os separava do portão principal de Urû'baen, ouviu-se um ruído semelhante a uma montanha a despedaçar-se. Jatos de água, em forma de leque, projetaram-se no ar e a muralha por cima do portão estremeceu, começando a desmoronar-se com um ruído ensurdecedor.

E os Elfos continuavam a cantar.

Quando o chão parou de tremer debaixo dos seus pés, Roran saltou para a frente e matou três soldados, antes que estes conseguissem levantar-se. Os outros deram meia-volta e desataram a fugir pelas escadas que conduziam à cidade.

Roran ajudou Baldor a levantar-se e depois gritou:

– Vamos atrás deles! – Sorriu e sentiu o sabor do sangue na boca. Afinal, talvez não tivessem começado assim tão mal.

O QUE NÃO MATA...

—Para — disse Elva.

Eragon ficou paralisado, de pé no ar. A rapariga fez-lhe sinal para se chegar para trás e ele recuou.

— Salta para ali — disse Elva, apontando para um local no pátio, em frente dele —, para junto dos arabescos.

Eragon baixou-se, mas depois hesitou, aguardando que ela lhe dissesse se era seguro.

Ela bateu o pé e fez um ruído exasperado.

— Se não mostrares intenção de o fazer, não vai resultar. Eu não posso dizer se algo te vai molestar, a menos que tenciones realmente pôr-te em perigo. — E sorriu-lhe de uma forma muito pouco tranquilizante. — Não te preocupes, eu não vou deixar que nada te aconteça.

Ainda na dúvida, Eragon voltou a fletir as pernas e estava prestes a saltar para a frente quando...

— Para!

Ele praguejou e agitou os braços, tentando evitar cair no local que iria ativar os espigões escondidos.

Os espigões eram a terceira armadilha que Eragon e os companheiros tinham encontrado no longo corredor que conduzia às portas douradas. A primeira fora uma série de fossos escondidos, a segunda consistia nuns blocos de pedra no teto que os poderiam ter esmagado e, agora, eram espigões muito semelhantes aos que tinham matado Wyrden, nos túneis, por baixo de Dras-Leona.

Tinham visto Murtagh entrar no corredor através do portal de saída, mas este não fizera qualquer esforço para os perseguir sem Thorn. Depois de os observar durante alguns segundos, desaparecera numa das salas laterais onde Arya e Blödhgarm tinham avariado as engrenagens e as rodas utilizadas para abrir e fechar o portão principal da fortaleza.

Murtagh tanto poderia levar uma hora como alguns minutos a reparar os mecanismos. De qualquer forma, não poderiam demorar-se demasiado tempo.

— Tenta um pouco mais longe — disse Elva.

Eragon fez uma careta, mas seguiu a sugestão.

— Para!

Desta vez teria caído se não fosse Elva agarrar-lhe na ponta da túnica.

— Mais longe ainda — disse ela, e depois — para! Mais longe.

— Não posso — resmungou ele, cada vez mais frustrado. — Sem balanço, não posso. — Mas com balanço seria impossível parar a tempo, se Elva concluísse que o salto era perigoso.

— E agora? Se os espigões chegarem até às portas, jamais conseguiremos alcançá-las. — Já tinham pensado em usar magia e flutuar sobre a armadilha, mas mesmo o mais pequeno feitiço iria ativá-la, pelo menos era o que Elva dizia, e eles não tinham outro remédio senão confiar nela.

— Talvez a armadilha seja destinada a um dragão a pé — disse Arya. — Se tiver apenas um ou dois metros, Saphira ou Thorn poderiam facilmente saltar sobre ela sem se aperceberem. Mas se tiver trinta metros de comprimento, iria certamente apanhá-los.

Se eu saltar, não, disse Saphira. Trinta metros é uma distância fácil de cobrir.

Eragon trocou um olhar preocupado com Arya e Elva.

— Certifica-te de que não deixas que a tua cauda toque no chão — disse ele. — E não vás demasiado longe, senão ainda tropeças noutra armadilha.

Sim, pequenino.

Saphira agachou-se e baixou a cabeça até esta ficar apenas a uns trinta centímetros da pedra. Depois enterrou as garras no chão e saltou pelo corredor, abrindo as asas o suficiente para se elevar um pouco.

Elva ficou em silêncio, para alívio de Eragon.

Depois de percorrer o equivalente ao dobro do comprimento do seu corpo, recolheu as asas e saltou para o chão com um estrondo retumbante.

Sã e salva, disse ela, arranhando o chão com as escamas ao virar-se. Voltou a saltar para trás e Eragon e os outros desviaram-se para lhe dar espaço para aterrar, ao regressar. Bom, disse ela, quem é o primeiro?

Foram necessárias quatro viagens para os transportar a todos por cima do leito de espigões. Depois seguiram em frente, num passo rápido, com Arya e Elva de novo à frente. Não encontraram mais armadilhas até estarem a três quartos do caminho para as portas cintilantes, altura em que Elva estremeceu e ergueu a sua pequena mão. Todos pararam de imediato.

— Algo nos cortará em dois, se prosseguirmos — disse ela. — Não sei ao certo de onde virá... das paredes, creio eu.

Eragon franziu o sobrolho. Isso significava que aquilo que os podia cortar tinha peso ou força suficiente para vencer as suas proteções... o que era uma perspetiva muito pouco encorajadora.

— E se... — começou ele por dizer, mas depois calou-se ao ver vinte homens e mulheres, vestidos de negro, saírem de um dos lados do corredor e formarem uma linha diante deles, bloqueando-lhes o caminho.

Eragon sentiu uma lâmina trespassar-lhe a mente, quando os feiticeiros inimigos começaram a cantar na língua antiga. Saphira abriu as mandíbulas e varreu os feiticeiros com uma torrente de chamas crepitantes, mas estas passaram inofensivamente em torno deles. Um dos estandartes na parede pegou fogo e os restos de tecido a arder caíram para o chão.

Eragon defendeu-se, mas não atacou, pois levaria demasiado tempo a dominar os feiticeiros, um por um. Além disso, os seus cânticos preocupavam-no: se estavam na disposição de lançar feitiços antes de controlarem a sua mente — bem como a mente dos seus companheiros —, o importante para eles já não era viver ou morrer, mas deter os intrusos.

Baixou-se sobre o joelho, junto de Elva. Ela falava com um dos feiticeiros, dizia-lhe algo acerca da sua filha.

— Eles estão sobre a armadilha? — perguntou ele, em voz baixa.

Ela acenou com a cabeça, sem parar de falar.

Eragon esticou o braço e bateu com a palma da mão no chão.

Já esperava que algo acontecesse, mesmo assim retraiu-se ao ver uma folha de metal — com nove metros de comprimento e dez centímetros de espessura — sair disparada de cada parede, com uma chiadeira horrível. As chapas de metal apanharam os feiticeiros, cortando-os ao meio como uma gigantesca tesoura de cortar lata, e voltaram a recuar com a mesma rapidez para dentro das fendas ocultas.

Eragon ficou chocado com a rapidez como tudo aconteceu, desviando os olhos do cenário que tinha diante de si. “Que maneira horrível de morrer.”

Ao lado dele, Elva balbuciou e caiu para a frente com um desmaio. Arya apanhou-a antes de ela bater com a cabeça no chão. Depois aninhou-a no braço e

começou a murmurar-lhe palavras na língua antiga.

Eragon aconselhou-se com os outros elfos sobre a melhor forma de ultrapassarem a armadilha e concluíram que o melhor seria saltar por cima dela, tal como tinham feito com o leito de espigões.

Quatro saltaram para cima de Saphira e ela estava prestes a saltar para diante, Elva gritou numa voz débil.

– Para! Não faças isso!

Saphira sacudiu a cauda e ficou onde estava.

Elva deslizou dos braços de Arya e afastou-se alguns passos, a cambalear, inclinou-se para a frente e vomitou. Limpou a boca com as costas da mão, olhando para os corpos mutilados, diante de si, como que a memorizá-los.

Ainda a olhar para eles, disse:

– Há outro gatilho, no ar, a meio caminho. Se saltarem... – E bateu com as mãos uma na outra, bem alto, produzindo um ruído agudo, e fez uma careta. – ... sairão lâminas das paredes, tal como em baixo.

Uma ideia começou a incomodar Eragon.

– Porque haveria Galbatorix de tentar matar-nos?... Se tu aqui não estivesse – disse ele, olhando para Elva. – Saphira poderia estar morta, neste momento, e Galbatorix quer apanhá-la viva. Porquê isto, então? – E apontou para o chão ensanguentado. – Porquê os espigões e os blocos de pedra?

– Talvez esperasse que os fossos nos capturassem antes de alcançarmos o resto das armadilhas – disse Invidia, a mulher elfo.

– Ou talvez saiba que Elva está conosco e quer ver do que ela é capaz – disse Blödhgarm num tom sombrio.

A rapariga encolheu os ombros.

– E depois? Ele não pode deter-me.

Eragon sentiu um arrepio a percorrê-lo.

– Não, mas se ele sabe que aqui estás, pode ficar assustado e se estiver assustado...

Pode estar realmente a tentar matar-nos, rematou Saphira.

Arya abanou a cabeça.

– Não interessa. Temos de o encontrar de qualquer maneira.

Passaram um minuto a discutir como poderiam passar pelas lâminas, até que Eragon disse:

– E se eu usasse magia para nos transportar até ali, tal como Arya usou para enviar o ovo de Saphira para a Espinha? – E fez um gesto em direção à área para lá dos corpos.

Exigiria demasiada energia, disse Glaedr.

É melhor conservarmos a nossa energia para quando tivermos de enfrentar Galbatorix, acrescentou Umaroth.

Eragon mordeu o lábio. Olhou por cima do ombro e ficou alarmado ao ver Murtagh correr de um lado para o outro do corredor, distante deles.

Não temos muito tempo.

– Talvez pudéssemos colocar qualquer coisa nas paredes para impedir as lâminas de saírem

– As lâminas estão certamente protegidas por magia – comentou Arya. – Além disso, não temos nada que as possa travar. Uma faca? Uma peça de uma armadura? As chapas de metal são demasiado grandes e pesadas. Cortariam tudo o que estivesse à frente, como se lá não houvesse nada.

Fez-se silêncio entre eles.

Depois Blödhgarm lambeu os caninos e disse:

– Não necessariamente. – Virou-se e colocou a sua espada no chão, diante de Eragon e depois fez sinal aos elfos, sob as suas ordens, para fazerem o mesmo.

Onze espadas foram colocadas diante de Eragon.

– Eu não posso exigir isto de vós – disse ele. – As vossas espadas...

Blödhgarm interrompeu-o, erguendo a mão, com o pelo lustroso sob a luz suave das lanternas.

– Nós lutamos com a nossa mente e não com o nosso corpo, Aniquilador de Espetros. Se encontrarmos soldados, poderemos tirar-lhes todas as armas de que precisarmos. Se as nossas espadas forem mais úteis aqui e agora, seria estúpido da nossa parte conservá-las apenas por questões sentimentais.

Eragon inclinou a cabeça.

– Como queiram.

Dirigindo-se depois a Arya, Blödhgarm disse:

– Deveria ser um número par, para termos mais hipóteses de sucesso.

Ela hesitou, desembainhando depois a sua espada de lâmina fina e colocando-a entre as restantes.

– Pondera bem no que estás prestes a fazer, Eragon – disse ela. – Todas estas armas têm uma história, seria lamentável destruí-las sem ganhar nada com isso.

Ele acenou com a cabeça e franziu o sobrolho, concentrando-se, enquanto recordava as lições de Oromis.

Umaroth, disse ele, vou precisar da tua força.

O que é nosso é teu, respondeu o dragão.

A ilusão que ocultava as fendas de onde as chapas de metal deslizavam estava demasiado bem montada para Eragon conseguir penetrar nela. Mas ele já o esperava – Galbatorix não era pessoa para ignorar um detalhe desses. Por outro lado, os encantamentos que sustentavam a ilusão eram fáceis de detetar, e através deles Eragon poderia determinar a localização exata e as dimensões das aberturas.

Não sabia ao certo a que distância as folhas de metal se recolheriam dentro das fendas, mas esperava que estivessem a alguns centímetros da superfície da parede. Se estivessem mais próximas, o seu plano não resultaria, pois o rei certamente protegera o metal de interferências exteriores.

Invocando as palavras necessárias, Eragon lançou o primeiro dos doze feitiços que tencionava usar. Uma das espadas dos elfos – a de Laufin, supunha – desapareceu com uma ligeira deslocação de ar, tal como uma túnica a ser sacudida no ar. Meio segundo depois, ouviu-se uma pancada seca na parede, à sua esquerda.

Eragon sorriu. Resultara. Se tivesse tentado lançar a espada através da folha de metal, o resultado teria sido bastante mais dramático.

Proferindo as palavras mais depressa, ele lançou o resto dos feitiços, embutindo seis espadas dentro de cada parede, cada uma a um metro e meio da anterior. Os Elfos observavam-no atentamente, enquanto ele falava. Por muito que a perda das espadas os incomodasse, não o demonstraram.

Quando terminou, Eragon ajoelhou-se junto de Arya e de Elva – ambas agarradas de novo à Dauthdaert – e disse:

– Preparem-se para correr.

Saphira e os elfos ficaram tensos. Arya e Elva subiram para o dorso de Saphira, ainda a segurar na lança verde. Depois Arya disse:

– Estamos prontas.

Esticando o braço, Eragon voltou a bater no chão.

Ouviu-se um ruído ensurdecedor em ambas as paredes. Filamentos de pó caíram do teto, desfazendo-se em colunas nevoentas.

Mal viu que as espadas tinham aguentado a pressão, Eragon correu para a frente. Ainda não tinha dado dois passos, quando Elva gritou:

– Mais depressa.

Gritando com o esforço, Eragon deu ainda mais impulso. Saphira passou a correr, à sua direita, de cabeça e cauda baixas, como uma sombra escura na sua visão periférica.

No preciso instante em que alcançou o lado oposto da armadilha, ouviu o ruído de aço a partir-se e uma chiadeira arrepiante de metal a arranhar metal.

Alguém gritou atrás dele.

Ele torceu-se e atirou-se na direção oposta do ruído, vendo que todos tinham atravessado o espaço a tempo, exceto Yaela, a mulher elfo de cabelos prateados, que fora apanhada nos últimos quinze centímetros das duas peças de metal. Um clarão azul e amarelo brilhou no espaço em seu redor, como se o próprio ar estivesse a arder e o seu rosto contorceu-se de dor.

– Flauga! – gritou Blödhgarm e Yaela voou para fora das folhas metálicas, que se fecharam bruscamente com um ruído metálico, estridente, recuando depois para o interior das paredes com a mesma e terrível chiadeira que as tinha acompanhado ao surgirem.

Yaela aterrara sobre as mãos e os joelhos, perto de Eragon, e este ajudou-a a levantar-se. Parecia incólume:

– Estás ferida? – perguntou ele.

Ela abanou a cabeça.

– Não, mas... fiquei sem proteções. – Ergueu as mãos e olhou-as com uma expressão próxima do assombro. – A última vez que fiquei sem proteções... era mais jovem do que tu. Parece que as lâminas me despojaram delas.

– Tens sorte em estar viva – disse Eragon, franzindo o sobrolho.

Elva encolheu os ombros.

– Se eu não te tivesse dito para andares mais depressa... todos poderíamos ter morrido exceto ele... – E apontou para Blödhgarm.

Eragon pigarreou.

Continuaram andar, esperando encontrar uma outra armadilha a cada passo que davam. Mas o resto do corredor não revelou outros obstáculos e eles alcançaram as portas sem incidentes.

Eragon levantou os olhos para a superfície cintilante de ouro. As portas tinham um carvalho em tamanho natural gravado em relevo, e as suas folhas formavam uma cobertura em arco que se unia às raízes, em baixo, delineando um grande círculo à volta do tronco. Dois feixes cerrados de ramos irrompiam de ambos os lados, na parte central do tronco, dividindo o espaço dentro do círculo em quatro partes. No canto superior esquerdo, via-se um entalhe de um exército de Elfos, armados de lanças, a marchar numa floresta cerrada. No canto superior direito, havia humanos a construir castelos e a forjarem armas. No canto inferior esquerdo, Urgals – Kulls, na sua maioria – incendiavam uma aldeia e matavam os seus habitantes, e ao fundo, à direita, Anões exploravam cavernas repletas de pedras preciosas e veios de minério de ferro. Por entre as raízes e os ramos do carvalho, Eragon distinguiu homens-gato e Ra'zac, bem como algumas criaturas pequenas, de aspeto estranho, que não conseguiu reconhecer. Enroscado ao centro do tronco havia um dragão, com a ponta da cauda na boca, como se estivesse a morder-se a si mesmo. As portas estavam maravilhosamente trabalhadas e Eragon ter-se-ia sentado a estudá-las durante um dia inteiro, se as circunstâncias fossem outras.

Na presente situação, porém, a visão das portas brilhantes encheu-o de pavor, ao pensar no que poderia estar do outro lado. Se fosse Galbatorix, as suas vidas estavam prestes a mudar e nunca mais nada voltaria a ser o mesmo. Nem para eles, nem para o resto de Alagaësia.

Não estou preparado, disse Eragon a Saphira.

Quando é que alguém estará?, respondeu ela, projetando a língua para fora, sentindo o ar. Eragon detetou a sua expectativa frenética. Galbatorix e Shruikan têm de ser mortos e nós somos os únicos que talvez o possam fazer.

E se não conseguirmos?

Se não conseguirmos, paciência, o que tiver de ser, será.

Ele acenou com a cabeça e respirou fundo, longamente.

Adoro-te, Saphira.

Eu também te adoro, pequenino.

Eragon deu um passo em frente.

– E agora? – perguntou ele, tentando esconder a sua inquietude. – Batemos à porta?

– Vejamos primeiro se está aberta – disse Arya.

Dispuseram-se em formação de combate e Arya agarrou num puxador montado na porta, do lado esquerdo, preparando-se para o puxar, com Elva junto de si.

Ao fazê-lo, uma coluna de ar cintilante surgiu em torno de Blödhgarm e de cada um dos dez feiticeiros. Eragon gritou, alarmado, e Saphira deixou escapar um pequeno silvo, como se tivesse pisado algo aguçado. Os elfos pareciam incapazes de se mexer dentro das colunas; mesmo os seus olhos estavam imóveis, fixos na direção em que olhavam, no momento em que o feitiço os atingira.

Uma porta na parede da esquerda abriu-se com um ruído metálico e os elfos começaram a mover-se na sua direção, como uma procissão de estátuas que deslizavam sobre gelo.

Arya saltou na direção deles com a lança em riste, tentando cortar o encantamento que prendia os elfos. Mas foi lenta demais e não conseguiu apanhá-los.

– Letta! – gritou Eragon. – Para! – Foi o feitiço mais simples que lhe ocorreu, para os tentar ajudar. Contudo, a magia que aprisionava os elfos revelou-se demasiado poderosa e ele não a conseguiu quebrar. Os elfos desapareceram pela entrada sombria e a porta fechou-se ruidosamente atrás deles.

Eragon foi percorrido por uma sensação de desânimo. “Sem os elfos...”

Arya bateu na porta com a extremidade da Dauthdaert, tentando descobrir uma linha de união entre a porta e a parede, com a ponta da lâmina – tal como fizera no portal de saída – mas a parede parecia sólida, inalterável.

Quando se virou, tinha uma expressão gelada de fúria.

Umaroth, disse ela, preciso da tua ajuda para abrir esta parede.

Não, disse o dragão branco, Galbatorix escondeu bem os teus companheiros, com toda a certeza. Procurá-los será um desperdício de energia e colocar-nos-á em maior perigo.

Arya franziu o sobrolho, unindo praticamente as sobrancelhas.

Então estamos a fazer o que ele quer, Umaroth-elda. Ele quer dividir-nos e enfraquecer-nos. Se prosseguirmos sem eles, será muito mais fácil para Galbatorix derrotar-nos.

Sim, pequenina, mas não achas que o Destruidor de ovos também poderá querer que vamos à procura deles? Talvez pretenda que a nossa raiva e a nossa preocupação nos distraia dele, levando-nos a correr cegamente para outra das suas armadilhas.

Porque se daria a todo esse trabalho? Ele poderia ter capturado Eragon, Saphira, a ti e ao resto dos Eldunaris, da mesma forma que capturou Blödhgarm e os outros. Mas não o fez.

Talvez porque queira esgotar-nos antes de o defrontarmos, ou antes de tentar subjugar-nos.

Arya baixou a cabeça por instantes e, quando voltou a levantar os olhos, a sua fúria tinha desaparecido – pelo menos superficialmente – dando lugar à habitual postura controlada e vigilante.

Então o que havemos de fazer, Ebrithil?

Esperar que Galbatorix não mate Blödhgarm nem os outros – pelo menos por enquanto – e prosseguirmos até encontrarmos o rei.

Arya aquiesceu, mas Eragon percebeu que a ideia lhe desagradava e não podia censurá-la, pois sentia o mesmo.

– Porque não sentiste a armadilha? – perguntou ele a Elva, falando em voz baixa. Eragon julgava ter percebido porquê, mas queria ouvi-lo da sua boca.

– Porque não lhes fez mal – disse ela.

Ele acenou.

Arya voltou para junto das portas douradas e agarrou de novo no puxador, à esquerda. Elva reuniu-se a ela, agarrando o cabo da Dauthdaert com a sua pequena mão.

Inclinando-se para trás, Arya puxou e voltou a puxar, e a gigantesca estrutura começou a mover-se lentamente para fora. Eragon tinha a certeza de que nenhum humano a teria conseguido abrir e mesmo Arya parecia quase não ter força para o fazer.

Quando a porta chegou à parede, Arya largou-a, reunindo-se a Eragon com Elva, em frente de Saphira.

Do outro lado do gigantesco arco havia uma enorme câmara escura. Eragon não tinha a certeza das suas dimensões, pois as paredes estavam ocultas em sombras aveludadas. Uma fiada de lanternas sem chama, montadas sobre postes de ferro, estendia-se de ambos os lados da entrada, iluminando o chão ornamentado com desenhos e pouco mais. Um brilho ténue emanava de cima, através de cristais embutidos no teto distante. As duas fiadas de lanternas terminavam a mais de cento e cinquenta metros de distância, junto da base de um amplo estrado, sobre o qual havia um trono. Sentado no trono estava uma figura escura, a única presença em toda a sala. Tinha uma espada nua poisada no colo, com uma longa lâmina branca que parecia emitir um ligeiro brilho.

Eragon engoliu em seco e apertou Brisingr, acariciando brevemente a maxila de Saphira com o rebordo do escudo. Esta projetou a língua para fora da boca, em resposta. Depois, os quatro avançaram por acordo tácito.

Logo que entraram na sala do trono, a porta dourada fechou-se atrás deles. Eragon já esperava isso, mas, ainda assim, o ruído da porta a fechar-se sobressaltou-o. Quando os ecos se diluíram no silêncio crepuscular da sala de audiências, a figura que estava no trono mexeu-se, como se despertasse de um sono. E uma voz grave e intensa como Eragon jamais ouvira, imbuída de maior autoridade que a de Ajihad, Oromis ou Hrothgar, uma voz perante a qual mesmo a voz dos Elfos parecia grosseira e dissonante – ecoou do lado oposto da sala do trono, dizendo:

– Tenho estado à vossa espera. Bem-vindos ao meu lar. As minhas especiais boas-vindas a ti, Eragon, Aniquilador de Espetros, e a ti, Saphira, Escamas Brilhantes. Tinha um grande desejo de vos ver. Mas também estou satisfeito por te ver, Arya – filha de Islanzadí e Aniquiladora de Espetros por mérito próprio – e a ti também Elva, da Testa Cintilante. E também, Glaedr, Umroth, Valdr e os outros que viajam invisíveis convosco, é claro. Há muito que os julgava mortos, e fico muito feliz por saber o contrário. Sejam todos bem-vindos! Temos muito que falar.

NO CORAÇÃO DA CONTENDA

Roran abriu caminho pela muralha exterior de Urû'baen, descendo até às ruas, juntamente com os guerreiros do seu batalhão. Aí fizeram uma pausa para se reagruparem e depois Roran gritou:

– Para o portão! – apontando com o machado.

Ele e vários homens de Carvahall, incluindo Horst e Delwin, seguiram à fente, correndo pelo interior da muralha, em direção à brecha que os Elfos tinham aberto com magia. As flechas voavam por cima das suas cabeças enquanto corriam, mas nenhuma parecia especificamente apontada a eles, e Roran também não registou quaisquer ferimentos entre os membros do grupo.

Defrontaram-se com dúzias de soldados no estreito espaço entre a muralha e as casas de pedra. Alguns pararam para lutar, mas os restantes fugiram e, mesmo os que lutaram, depressa bateram em retirada para as vielas contíguas.

A princípio, a intensidade selvática da chacina e a perspectiva de vitória cegaram Roran para tudo o resto. Mas ao ver que os soldados com que se defrontavam continuavam a fugir, uma sensação de desconforto começou a morder-lhe o estômago e ele começou a olhar em redor com maior atenção, em busca de algo que parecesse diferente do que deveria ser.

Algo de errado se passava, ele tinha a certeza disso.

– Galbatorix não os deixaria desistir com esta facilidade – murmurou para si.

– O quê? – disse Albriech, que estava ao lado dele.

– Estava a dizer que Galbatorix não os deixaria desistir com esta facilidade. – Roran torceu a cabeça para trás e gritou ao resto do batalhão: – Fiquem à escuta e de olhos bem abertos! Galbatorix deve-nos ter reservado uma ou duas surpresas, mas nós não permitiremos que ele nos apanhe desprevenidos, não é verdade?

– Martelo de Ferro! – gritaram eles, em resposta, batendo com as armas nos escudos. Todos menos os Elfos, é claro. Satisfeito, Roran acelerou o passo e continuou a sondar os telhados.

Depressa chegaram a uma rua coberta de destroços que conduzia ao que fora outrora o portão principal da cidade. Agora tudo o que restava era um buraco enorme, com mais de cem metros de largura no topo, e um amontoado de pedras partidas na base. Os Varden e os seus aliados – homens, Anões, Urgals, Elfos e homens-gato – entravam aos magotes pela abertura, lutando lado a lado pela primeira vez na História.

Rajadas de flechas precipitavam-se sobre o exército, à medida que este entrava na cidade. Mas a magia dos Elfos detinha os projéteis letais antes que estes pudessem molestar alguém. O mesmo não se poderia dizer em relação aos soldados de Galbatorix. Roran viu uma série deles caírem às mãos dos arqueiros dos Varden, embora alguns parecessem ter defesas que os protegiam das flechas – os favoritos de Galbatorix, presumivelmente.

Enquanto o seu batalhão se reunia ao resto do exército, Roran viu Jörmundur a cavalo no meio da multidão de guerreiros. Roran gritou-lhe, saudando-o, e Jörmundur respondeu-lhe da mesma forma, gritando também:

– Quando chegarmos àquela fonte – e apontou com a espada para um enorme edifício ornamentado, num pátio, várias centenas de metros adiante –, leva os teus homens e segue para a direita. Desimpede a zona sul da cidade e volta a reunir-te a nós na cidadela.

Roran acenou com a cabeça, exagerando o movimento para que Jörmundur o pudesse ver:

– Sim, meu comandante!

Sentia-se mais seguro agora que estava na companhia de outros guerreiros, mas continuava a ter alguma inquietude. “Onde estão eles?”, perguntou para si mesmo, olhando para a entrada das ruas desertas. Galbatorix supostamente reunira todo o seu exército em Urû'baen, mas Roran ainda não tinha visto quaisquer evidências de um grande exército. Surpreendentemente, deparara-se com pouquíssimos soldados nas muralhas e os poucos que lá estavam tinham fugido muito mais cedo do que seria suposto.

“Ele está a atrair-nos cá para dentro”, concluiu Roran com uma súbita certeza. “É tudo uma jogada para nos enganar.” Chamando de novo a atenção a Jörmundur, gritou:

– Passa-se algo de errado! Onde estão os soldados?

Jörmundur franziu o sobrolho e virou-se para falar com o rei Orrin e com a rainha Islanzadí, que se tinham aproximado a cavalo. Por estranho que parecesse, Islanzadí tinha um corvo branco poitado no ombro esquerdo, com as garras presas no corpete da armadura dourada.

Ainda assim, os Varden continuavam a embrenhar-se em Urû'baen.

– O que se passa, Martelo de Ferro? – rosnou Nar Garzhvog, abrindo caminho até junto dele.

Roran olhou de relance para o Kull de cabeça pesada:

– Não tenho a certeza. Galbatorix...

Esqueceu-se do que ia a dizer, ao ouvir o som de um corno por entre os edifícios, diante deles. O ruído prolongou-se durante quase um minuto, num tom baixo e sinistro, que levou os Varden a pararem e a olharem em redor, preocupados.

Roran sentiu o coração a afundar-se.

– É agora – disse ele a Albriech. Depois virou-se e brandiu o martelo, apontando para um dos lados da rua. – Metam-se entre os edifícios e abriguem-se! – gritou ele. – Mexam-se!

O batalhão demorou mais tempo a libertar-se da coluna de guerreiros do que a reunir-se a ela. Frustrado, Roran continuou a gritar, na tentativa de os incitar a mexerem-se mais depressa.

– Depressa, seus cães miseráveis, depressa!

O corno voltou a ouvir-se e Jörmundur mandou o exército parar.

Nessa altura, os guerreiros de Roran já estavam em segurança, escondidos em três ruas e agrupados atrás de edifícios, à espera das suas ordens. Roran estava ao lado de uma casa, tal como Garzhvog e Horst, a espreitar pela esquina, tentando ver o que se estava a passar.

O corno ouviu-se mais uma vez e o ruído de uma imensidão de pés ecoou por Urû'baen.

Roran sentiu o pavor crescer dentro de si ao ver fileiras e fileiras de soldados a marcharem para as ruas que conduziam à cidadela – fileiras rápidas e disciplinadas de homens, cujo rosto não revelava o menor vestígio de medo. A comandá-los vinha um homem atarracado, de ombros largos, montado num cavalo de guerra cinzento. Usava um peito de armas cintilante, com uma saliência de trinta centímetros, como se tivesse de acomodar uma grande barriga. Na mão esquerda trazia um escudo, pintado com a insígnia de uma torre destruída, sobre um pico árido de pedra e, na mão direita, um bastão com espigões, que a maioria dos homens teriam dificuldade em erguer, mas que ele baloiçava para trás e para diante sem esforço.

Roran humedeceu os lábios ao concluir que o homem deveria ser Lord Barst. Se metade do que se dizia acerca dele fosse verdade, Barst jamais atacaria

diretamente um exercício inimigo, se não tivesse a certeza absoluta de que o poderia destruir.

Roran já tinha visto o suficiente, por isso afastou-se da esquina do edifício e disse:

– Não vamos esperar. Digam aos outros para nos seguirem.

– Estás a pensar fugir, Martelo de Ferro? – resmungou Nar Garzhvog.

– Não – respondeu Roran. – Estou a pensar atacar pela lateral. – Só um louco atacaria um exército daqueles de frente. – Agora, vai! – Deu um empurrão ao Urgal e atravessou a rua a correr, ocupando a sua posição à frente dos seus guerreiros. E só um louco iria à frente para se defrontar com o homem que Galbatorix tinha escolhido para comandar o seu exército.

Ao caminharem por entre o denso aglomerado de edifícios, Roran ouviu os soldados gritarem:

– Lord Barst! Lord Barst! Lord Barst! – E batiam com as botas cardadas no chão e com as espadas nos escudos.

“Cada vez melhor”, pensou Roran, desejando estar em qualquer lado menos ali.

Depois os Varden gritaram em resposta, enchendo o ar de vivas a Eragon e aos Cavaleiros, e toda a cidade ecoou com o choque metálico das espadas e os gritos dos feridos.

Quando o batalhão ficou ao nível do que parecia ser a parte central do exército do Império, Roran mandou-os virar e correr na direção do inimigo.

– Mantenham-se juntos! – ordenou ele. – Formem uma parede com os vossos escudos e protejam os feiticeiros, aconteça o que acontecer.

Depressa viram os soldados na rua – lanceiros, na sua maioria – a avançar para a frente de batalha, colados uns aos outros.

Nar Garzhvog deu um grito feroz tal como Roran e os outros guerreiros do batalhão, correndo em direção às fileiras de soldados. Os soldados gritaram assustados e o pânico instalou-se entre eles, fazendo-os recuar atrapalhadamente, atropelando os camaradas enquanto tentavam arranjar espaço para lutar.

Roran uivou e atirou-se à primeira fileira de homens. Ao brandir o martelo, o sangue esguichou em seu redor e ele sentiu metal e ossos ceder sob o seu peso. Os soldados estavam praticamente indefesos, na medida em que se encontravam demasiado perto uns dos outros. Roran conseguiu matar quatro antes que eles conseguissem sequer atingi-lo com as espadas, cujos golpes ia aparando com o escudo.

Nar Garzhvog derrubou seis homens a um dos extremos da rua, com um único golpe do bastão. Os soldados começaram a levantar-se, ignorando os ferimentos que os teriam incapacitado se sentissem dor, e Garzhvog voltou a atacá-los, reduzindo-os a papa.

Nada mais importava a Roran a não ser os homens que tinha diante de si, o martelo que tinha na mão e as pedras da calçada escorregadias e ensanguentadas debaixo dos seus pés. Partia ossos e espancava, esquivando-se, empurrando, rosnando, gritando, matando, matando, matando – até que, de repente, brandiu o martelo e viu apenas ar diante de si. A arma bateu no chão, produzindo faíscas nas pedras da calçada, e ele sentiu uma guinada de dor a percorrer-lhe o braço.

Roran abanou a cabeça, sentindo a raiva do combate a abrandar: ele atravessara a multidão de soldados de um lado ao outro.

Deu meia-volta e viu que a maior parte dos seus guerreiros ainda lutava com soldados à direita e à esquerda. Por isso, soltou um outro uivo e reuniu-se à contenda.

Três soldados aproximaram-se dele, dois com lanças e um com uma espada. Roran atirou-se ao homem que empunhava a espada, mas escorregou ao pisar algo mole e húmido. Ao cair, brandiu o martelo em direção aos tornozelos do homem que estava mais próximo dele. O soldado saltou para trás e estava prestes a atingi-lo com a espada, quando um elfo saltou para diante, decapitando os três soldados com dois golpes rápidos.

Era a mesma mulher elfo com quem falara, na exterior das muralhas da cidade, só que agora estava salpicada de sangue seco. Porém, antes que pudesse agradecer-lhe, a mulher elfo passou por ele a correr e continuou a matar soldados, brandindo a espada a uma velocidade que esta mal se via.

Depois de os ver em ação, Roran concluiu que cada elfo equivalia a pelo menos cinco homens, sem contar com a sua aptidão para lançar feitiços. Quanto aos Urgals – muito especialmente o Kull – fazia os possíveis para não se cruzar no seu caminho, pois não pareciam fazer grande distinção entre amigos ou inimigos, uma vez inflamados; e o Kull era tão grande que não seria difícil matar alguém sem querer. Viu um deles esmagar um soldado entre uma perna e a parede de um edifício, sem se aperceber, e viu outro decapitar um soldado com um golpe acidental do escudo, ao virar-se.

O combate prosseguiu durante mais uns minutos, até restarem apenas soldados mortos na zona.

Roran limpou o suor da testa e olhou para um lado e para o outro da rua. Lá mais adiante, na cidade, viu os soldados que restavam do exército devastado a desaparecerem a correr por entre as casas, para se reunirem a uma outra parte do exército de Galbatorix. Pensou em persegui-los, mas a batalha principal decorria mais perto do extremo da cidade e ele queria atacar os adversários pela retaguarda, eliminando as suas linhas.

– Por aqui! – gritou, erguendo o martelo e começando a percorrer a rua.

Uma flecha cravou-se no rebordo do seu escudo e ele levantou os olhos, vendo a silhueta de um homem deslizar por baixo do topo de um telhado próximo.

Quando Roran saiu do denso aglomerado de edifícios, passando para o espaço aberto diante dos restos do portão principal de Urû'baen, viu tanta confusão que hesitou, não sabendo exatamente o que fazer.

Os dois exércitos tinham-se misturado de tal forma que era impossível distinguir linhas ou fileiras, tão-pouco onde ficava a frente de batalha. As túnicas vermelhas dos soldados estavam dispersas pela praça, às vezes isoladas, outras vezes em grandes grupos, e o combate estendera-se a todas as ruas próximas, alastrando pela cidade como uma nódoa. Entre os combatentes que Roran contava ver, distinguiu dezenas de gatos – gatos vulgares e não homens-gato – a atacarem os soldados. Era o cenário mais selvático e assustador que ele tinha presenciado em toda a sua vida. Os gatos seguiam as instruções dos homens-gato.

No centro da praça, montado no seu cavalo de guerra cinzento, estava Lord Barst, com o seu enorme peito de armas arredondado a brilhar à luz dos fogos que ardiam nas casas mais próximas. Brandia repetidamente o bastão, mais depressa do que qualquer humano jamais seria capaz, matando pelo menos um Varden de cada vez que desferia um golpe. As flechas que disparavam sobre ele desapareciam em pálidas nuvens de chamas alaranjadas, e as espadas e as lanças ricocheteavam nele como se fosse feito de pedra. Nem mesmo a força de um Kull era suficiente para o derrubar da montada. Estupefacto, Roran viu o homem de armadura desfazer a cabeça de um Kull atacante, ao brandir descontraidamente o bastão, partindo-lhe os chifres e o crânio como se fossem uma casca de ovo.

Roran franziu o sobrolho. “Como pode ele ser tão forte e tão rápido?” Magia era a resposta óbvia, mas aquela magia tinha certamente uma fonte. Nem a armadura nem o bastão de Barst exibiam pedras preciosas e Roran também não acreditava que Galbatorix estivesse a transferir energia para Barst, à distância. Lembrou-se da sua conversa com Eragon na noite anterior a resgatarem Katrina de Helgrind. Eragon dissera-lhe que era basicamente impossível alterar um corpo humano de forma, dando-lhe a velocidade e a força de um elfo, mesmo que esse humano fosse um Cavaleiro – o que tornava ainda mais assombroso o que os dragões lhe tinham feito durante as Celebrações do Juramento de Sangue. Parecia-lhe improvável que Galbatorix tivesse operado semelhante transformação em Barst, pelo que voltou a interrogar-se sobre a fonte sobrenatural do poder de Barst.

Barst puxou as rédeas da montada, virando o cavalo ao contrário, e a luz que se movia sobre a superfície do seu volumoso peito de armas chamou a atenção de Roran.

Roran sentiu a boca seca e foi invadido por uma sensação de desespero. Tanto quanto sabia, Barst não era homem para ter barriga. Jamais se desleixaria com o corpo, nem Galbatorix o teria escolhido assim para defender Urû'baen. A única explicação que fez sentido na altura era que Barst tinha um Eldunari preso ao corpo, sob o peito de armas estranhamente volumoso.

Depois a rua tremeu, abriu-se, e surgiu uma fenda escura debaixo de Barst e do seu cavalo de guerra. O buraco tê-los-ia facilmente engolido, mas o cavalo continuou de pé, suspenso, como se tivesse os cascos firmemente assentes no chão. Uma espiral de diferentes cores tremeluziu em torno de Barst, como uma auréola esfarrapada nas cores do arco-íris. Vagas alternadas de calor de frio emanavam do local onde estava e Roran viu filamentos de gelo a erguerem-se do chão, que tentavam enrolar-se à volta das patas do cavalo, para o imobilizar. Mas o gelo não conseguia agarrar o cavalo e a magia não parecia produzir efeito nem no homem nem no animal.

Barst voltou a puxar as rédeas e esporeou o cavalo na direção de um grupo de Elfos que estava junto de uma casa, ali perto, a cantar na língua antiga. Roran deduziu que eram eles que estavam a lançar os feitiços contra Barst.

Erguendo o bastão por cima da cabeça, Barst atacou os Elfos. Estes dispersaram-se, tentando defender-se, mas sem sucesso. Barst partiu-lhes os escudos e as espadas com o bastão, esmagando-lhes os ossos como se estes fossem tão finos e ocos como os de uma ave.

“Porque é que as defesas deles não os protegeram?”, perguntou-se Roran. “Porque não conseguiram detê-lo com a sua mente? Ele é só um e tem apenas um Eldunari consigo.”

A alguns metros de distância, uma grande pedra redonda esmagou-se sobre o mar de corpos em luta, deixando atrás de si uma mancha vermelha viva, e saltou para a frente de um edifício onde estilhaçou as estátuas sobre a ombreira da porta.

Roran agachou-se e praguejou, tentando descobrir de onde viera aquela pedra. A meio da cidade viu que os soldados de Galbatorix tinham recuperado o controlo das catapultas e de outras máquinas de guerra, montadas sobre a muralha exterior. “Estão a disparar para dentro da sua própria cidade”, pensou ele. “Estão a disparar sobre os seus próprios homens!”

Com um rosnydo de indignação, Roran virou-se de costas para a praça, ficando de frente para o interior da cidade.

– Não podemos fazer nada aqui! – gritou ele para o batalhão. – Deixem Barst para os outros e sigam por aquela rua! – E apontou para a esquerda. – Tentaremos chegar à muralha e ocuparemos posições lá!

Talvez os guerreiros lhe tivessem respondido mas ele não os ouviu, pois já estava em movimento. Atrás de si uma outra pedra atingiu os exércitos de combatentes, desencadeando mais gritos de dor.

A rua que Roran escolhera estava cheia de soldados. Aglomerados à porta de um chapeleiro havia também alguns Elfos e homens-gato, que com grande dificuldade se defendiam do largo número de inimigos em seu redor. Os Elfos gritaram algo e doze soldados tombaram, mas os restantes ficaram de pé.

Mergulhando no meio dos soldados, Roran voltou a perder-se no alheamento de sangue do combate. Saltou sobre um dos soldados caídos, e atingiu o elmo do homem caído de costas com o martelo. Confiante de que o homem estava morto, Roran usou o escudo para empurrar o soldado seguinte, golpeando-o depois na garganta com a ponta do martelo e esmagando-a.

Junto dele, Delwin foi atingido por uma lança no ombro e deixou-se cair sobre o joelho com um grito de dor. Brandindo o martelo mais depressa do que era habitual, Roran obrigou o lanceiro a recuar enquanto Delwin arrancava a arma e se levantava.

– Abandona o combate – disse-lhe Roran.

Delwin abanou a cabeça, de dentes arreganhados.

– Não!

– Abandona o combate, raios! É uma ordem.

Delwin praguejou, mas obedeceu e Horst tomou o seu lugar. Roran reparou que o ferreiro sangrava de cortes que tinha nos braços e nas pernas, mas estes não pareciam interferir com a sua mobilidade.

Roran esquivou-se a uma espada e deu um passo em frente. Pareceu-lhe ouvir um vago silvo no ar, atrás de si. Depois um trovão explodiu-lhe nos ouvidos, a terra girou à sua volta e tudo ficou negro.

Acordou com a cabeça a latejar. Lá em cima viu o céu – agora iluminado pela luz do sol nascente – e o teto escuro da saliência coberta de rachas.

Gemeu de dor e tentou endireitar-se. Estava deitado na base da muralha exterior da cidade, junto dos fragmentos ensanguentados de uma pedra de uma catapulta. Faltava-lhe o escudo e o martelo, o que o preocupava de uma forma algo confusa.

Enquanto tentava orientar-se, um grupo de cinco soldados correram para ele e um dos homens tentou trespassar-lhe o peito com uma lança. A ponta da arma projetou-o contra a parede mas não lhe perfurou a pele.

– Agarrem-no! – gritaram os soldados. Roran sentiu mãos a agarrar-lhe nos braços e nas pernas. Debateu-se e tentou libertar-se, mas estava fraco e desorientado, e os soldados eram muitos.

Os soldados bateram-lhe repetidamente e ele sentiu-se a perder as forças, à medida que as suas defesas o protegiam contra os golpes. O mundo começou a ficar cinzento e ele estava prestes a perder de novo a consciência, quando a lâmina de uma espada irrompeu pela boca de um dos soldados.

Os soldados largaram-no e Roran viu uma mulher de cabelos escuros a girar no meio deles, brandindo a espada com a facilidade e a prática de um guerreiro experiente. Em segundos ela matou os cinco homens, embora um deles tivesse conseguido fazer-lhe um golpe superficial na coxa esquerda.

Depois ela estendeu-lhe a mão e disse:

– Martelo de Ferro.

Ao agarrar-lhe o antebraço, Roran viu que o pulso dela estava coberto de cicatrizes, no local que o braçal gasto não tapava, como se tivesse sido queimada ou chicoteada quase até ao osso. Atrás da mulher havia uma adolescente pálida, vestida como um sortido de peças de armadura e um rapaz que parecia um ou dois anos mais novo do que a rapariga.

– Quem és tu? – perguntou ele, levantando-se. O rosto da mulher era surpreendente: largo, com uma estrutura óssea forte e a aparência tsnada e estragada de alguém que passara grande parte da sua vida ao ar livre.

– Uma forasteira – respondeu ela. Dobrou os joelhos, apanhou uma das lanças dos soldados e deu-lha.

– Os meus agradecimentos.

Ela acenou com a cabeça e afastou-se por entre os edifícios com os seus jovens companheiros, encaminhando-se para o interior da cidade. Roran ficou a olhá-los durante meio segundo, apressando-se depois a descer a rua para voltar a reunir-se ao seu batalhão.

Os guerreiros saudaram-no com gritos de perplexidade e atacaram os soldados com redobrada energia, encorajados pelo seu regresso. Contudo, ao tomar o seu lugar entre os homens de Carvahall, Roran descobriu que a pedra que o atingira tinha também matado Delwin. A sua mágoa depressa se transformou em raiva e ele lutou ainda mais ferozmente, determinado a acabar com a batalha o mais depressa possível.

O NOME DE TODOS OS NOMES

Receoso mas determinado, Eragon avançou com Arya, Elva e Saphira em direção ao estrado onde Galbatorix estava descontraidamente sentado no trono.

Foi uma longa caminhada, tão longa que Eragon teve tempo para ponderar numa série de estratégias, a maior parte das quais descartou por serem pouco práticas. Sabia que a força, por si só, não seria o suficiente para derrotar o rei; seria também necessária a astúcia e era justamente isso que sentia que lhe faltava. A verdade é que não tinham outra hipótese senão confrontar Galbatorix.

As duas filas de lanternas que conduziam ao estrado tinham espaço suficiente entre si para os quatro caminharem lado a lado e Eragon ficou satisfeito com isso, pois permitiria que Saphira lutasse junto deles, se necessário.

Eragon continuou a estudar a câmara em redor, à medida que se aproximavam do trono. Achou estranho que um rei recebesse os seus convidados numa sala assim, pois, tirando o caminho iluminado diante deles, grande parte do espaço estava escondido numa escuridão insondável – mais inacessível que a das salas dos Anões, por baixo de Tronjheim e de Farthen Dûr –. O ar estava impregnado de um odor seco e almiscarado, algo familiar, embora Eragon não o conseguisse situar.

– Onde está Shruikan? – perguntou ele num tom baixo.

Saphira fôrejou o ar.

Consigo cheirá-lo, mas não o oiço.

Elva franziu o sobrolho.

– E eu não o consigo sentir.

Quando estavam a cerca de nove metros do estrado, pararam. Por trás do trono havia espessas cortinas negras, de um material aveludado, que se estendiam até ao teto.

Galbatorix estava oculto numa sombra que lhe escondia as feições, mas depois inclinou-se para a luz e Eragon viu-lhe o rosto. Era longo e esguio, com uma testa funda e um nariz semelhante a uma lâmina. Os olhos eram duros como pedra e o branco, em torno da íris, era pouco visível. Tinha uma boca fina e larga, com uma ligeira curva descendente nos cantos, e uma barba e um bigode aparados, negros como pez, à semelhança das roupas. Em termos de idade, parecia estar na casa dos quarenta: no auge da sua força, mas no início do declínio. Tinha rugas na testa e de ambos os lados do nariz, a pele era bronzada, e parecia magro, como se apenas se alimentasse de carne de coelho e nabos durante o inverno. Tinha ombros largos e atléticos, e uma cintura elegante.

Usava uma coroa de ouro avermelhado, ornamentada com todo o tipo de jóias. A coroa parecia antiga – mais antiga do que a sala –, pelo que Eragon se interrogou se esta não teria pertencido ao rei Palancar, há muitas centenas de anos.

A espada de Galbatorix repousava no seu colo. Era uma espada de Cavaleiro, era óbvio, mas Eragon nunca vira uma espada assim. A lâmina, o punho e o guarda-mão eram totalmente brancos e a pedra preciosa no pomo era transparente, como uma nascente na montanha. Porém, no geral, Eragon sentiu que havia algo de inquietante na espada. A cor – ou melhor, a ausência de cor – lembrava-lhe um osso descolorado pelo sol. Era da cor da morte e não da vida, e parecia muito mais perigosa do que qualquer nuance de negro, por muito escura que fosse.

Galbatorix examinou-os, um por um, com o seu olhar penetrante e incisivo.

– Com que então vieram matar-me – disse ele. – Bom, vamos então começar? – Ergueu a espada e abriu os braços num gesto de acolhimento.

Eragon afastou os pés e ergueu a espada e o escudo. Aquele convite do rei inquietou-o. “Ele está a brincar connosco.”

Ainda agarrada à Dauthdaert, Elva avançou e começou a falar, contudo nenhum som lhe saiu pela boca, e ela olhou para Eragon com uma expressão alarmada.

Eragon tentou alcançar a mente dela, mas não conseguia sentir os seus pensamentos. Era como se já não estivesse na sala.

Galbatorix deu uma gargalhada, voltou a poisar a espada sobre o colo e recostou-se no trono.

– Achavas mesmo que eu não conhecia as tuas aptidões, menina? Pensavas que conseguirias neutralizar-me com um truque tão mesquinho e transparente? Não tenho dúvida de que as tuas palavras poderiam molestar-me, mas só se eu as pudesse ouvir. – Os seus lábios exangues curvaram-se num sorriso cruel, sem uma pinga de humor. – Mas que tolice. É esta a dimensão do vosso plano? Uma rapariga que não pode falar a menos que eu lhe dê licença, uma lança mais apropriada para enfeitar uma parede do que para levar para uma batalha e uma coleção de Eldunarís parcialmente senis? Que lástima! Esperava mais de ti, Arya, e de ti, Glaedr, mas suponho que as tuas emoções te embotaram, desde que usei Murtagh para matar Oromis.

Dirigindo-se a Eragon, Saphira e Arya, Glaedr disse:

Matem-no. O dragão dourado parecia calmo, mas a sua serenidade deixava transparecer uma raiva que se sobrepunha a todas as outras emoções.

Eragon trocou um breve olhar com Arya e com Saphira, e os três começaram a aproximar-se do estrado, enquanto Glaedr, Umaroth e os outros Eldunarís atacavam a mente de Galbatorix.

Antes que Eragon conseguisse dar mais do que alguns passos, o rei levantou-se do seu assento de veludo e gritou uma Palavra. A Palavra reverberou na mente de Eragon e todo o seu ser pareceu vibrar, como se um instrumento e um bardo lhe tivesse puxado uma corda. Mas, apesar da intensidade da reação, Eragon não conseguia lembrar-se da Palavra, pois esta desapareceu da sua mente, deixando apenas o conhecimento da sua existência e da forma como o afetara.

Galbatorix proferiu outras palavras depois, mas nenhuma parecia ter o mesmo poder, e Eragon estava demasiado aturdido para compreender o seu significado. Quando o rei proferiu a última frase, uma força prendeu Eragon, detendo-o a meio de um passo, e o choque arrancou-lhe um grito de surpresa. Ele tentou mexer-se, mas era como se o seu corpo estivesse envolto em pedra. Conseguia apenas respirar, olhar e como entretanto descobrir, falar.

Eragon não entendia; as suas defesas deviam-no ter protegido da magia do rei e não deixá-lo como se cambaleasse junto de um grande abismo.

Ao seu lado, Saphira, Arya e Elva pareciam estar igualmente imobilizadas.

Enraivecido pela facilidade com que o rei os apanhara, Eragon uniu a mente aos Eldunarís, enquanto estes atacavam a consciência de Galbatorix e sentiu que eles estavam a ser defrontados por inúmeras mentes – todas elas de dragões – que cantarolavam, murmuravam e guinchavam, num coro enlouquecido e dissonante, carregado de tamanha dor e mágoa, que Eragon desejou afastar-se, receando que o arrastassem para essa loucura. Além disso eram fortes, como se em vida a maioria fosse igual ou maior do que Glaedr.

Os dragões adversários impossibilitavam um ataque direto a Galbatorix. Sempre que Eragon julgava sentir o toque da mente do rei, um dos dragões escravizados atirava-se à sua mente, forçando-o a recuar – sempre a balbuciar palavras ininteligíveis. Combater os dragões era uma tarefa difícil devido aos seus pensamentos desordenados e incoerentes, mas dominar qualquer um deles era como tentar conter um lobo raivoso. Além disso eram muitos, muitos mais do que os Cavaleiros tinham escondido no Cofre das Almas.

Antes que qualquer uma das partes conseguisse ficar em vantagem, Galbatorix, que parecia totalmente insensível à luta invisível, disse:

– Saíam, meus queridos, e venham conhecer os nossos convidados.

Um rapaz e uma rapariga saíram de trás do trono, parando à direita do rei. A rapariga parecia ter uns seis anos e o rapaz uns oito ou nove. Eram bastante parecidos

e Eragon deduziu que fossem irmãos. Ambos usavam roupa de dormir. A rapariga estava agarrada ao braço do rapaz, meio escondida atrás dele, e o rapaz parecia assustado mas determinado. Enquanto lutava contra os Eldunaris de Galbatorix, Eragon conseguia sentir a mente das crianças – o seu terror e a sua confusão –, pelo que percebeu que eram reais.

– Não é encantadora? – perguntou Galbatorix, erguendo o queixo da rapariga com um longo dedo. – Tem uns olhos grandes e um cabelo tão bonito. E ele? É ou não é rapazinho atraente? – E poisou a mão no ombro do rapaz. – Dizem que as crianças são uma bênção para todos nós, mas eu não partilho dessa convicção. Pois sei, por experiência, que são tão cruéis e vingativas como os adultos. Apenas lhes falta a força para submeter os outros à sua vontade.

«Não sei se concordo contigo ou não; independentemente disso, sei que vocês, Varden, se orgulham da vossa virtude. Veem-se como defensores da justiça e dos inocentes – como se alguém fosse realmente inocente – e lutam para corrigir um mal ancestral, como nobres guerreiros que são. Muito bem, então: vamos testar as vossas convicções e ver se são o que dizem ser. Matarei estes dois, a menos que interrompam o vosso ataque – e sacudi o ombro do rapaz –, ou se atrevam a atacar-me de novo... Na verdade, bastará que me contrariem demasiado para que eu os mate. – O rapaz e a rapariga pareceram ficar abalados com as palavras, mas não tentaram fugir.

Eragon olhou para Arya e viu o desespero espelhado no seu olhar.

Umaroth!, gritaram eles.

Não, rosnou o dragão branco, enquanto lutava com a mente de outro Eldunari.

Têm de parar, disse Arya.

Não!

Ele vai matá-los, disse Eragon.

Não! Não vamos desistir. Nunca!

Basta!, rugiu Glaedr. Há crias em perigo!

E mais haverá senão matarmos o Destruidor de Ovos.

Sim, mas este não é o momento, disse Arya. Esperem mais um pouco e talvez consigamos descobrir uma forma de o atacar sem pôr a vida destas crianças em risco.

E se não descobrirmos?, perguntou Umaroth.

Nem Eragon nem Arya conseguiram responder.

Nesse caso faremos o que for necessário, disse Saphira. Eragon detestou a ideia, mas sabia que ela tinha razão. Não podiam pôr as duas crianças à frente de toda a Alagaësia. Tentariam salvar o rapaz e a rapariga, mas se isso não fosse possível, atacá-lo-iam. Não tinham alternativa.

Quando Umaroth e os Eldunaris a quem ele se dirigira abandonaram o ataque, contrariados, Galbatorix sorriu.

– Assim já está melhor. Agora podemos falar como seres civilizados, sem nos preocuparmos com quem está a tentar matar quem – Bateu levemente na cabeça do rapaz e depois apontou para os degraus do estrado. – Sentem-se. – As duas crianças sentaram-se no último degrau, sem argumentar, tentando ficar o mais afastados do rei. Depois, Galbatorix fez um gesto e disse: – Kausta – e Eragon deslizou para a frente, tal como Arya, Elva e Saphira, até ficarem junto da base do estrado.

Eragon continuava perplexo pelo facto de os seus feitiços não estarem a protegê-los. Pensou na Palavra – fosse ela qual fosse – e uma horrível suspeita ganhou forma dentro de si. Seguiu-se uma sensação de desespero. Apesar de todos os seus planos, apesar de todas as suas conversas, preocupações e sofrimento, Galbatorix conseguira capturá-los tão facilmente como a uma ninhada de gatinhos e se, a suspeita de Eragon se confirmasse, o rei era bem mais temível do que supunham.

Ainda assim, não eles estavam totalmente indefesos, pois continuavam senhores da sua mente, pelo menos de momento, e tanto quanto lhe era dado entender, ainda poderiam usar magia... de uma forma ou de outra.

O olhar de Galbatorix fixou-se em Eragon:

– Então, foste tu que me deste todos estes problemas, Eragon, filho de Morzan... há muito que tu e eu nos devíamos ter encontrado. Se a tua mãe não tivesse cometido a tolice de te esconder em Carvahall, terias crescido aqui, em Urû'baen, como uma criança da nobreza, com todas as riquezas e responsabilidades inerentes, em vez de passares os dias a esgravatar na terra.

«Seja como for, estás aqui e tudo isso será enfim teu. São o teu património, a tua herança e eu zelarei para que as recebas.

Pareceu estudar Eragon mais atentamente e continuou:

– És mais parecido com a tua mãe do que com o teu pai. Com Murtagh passa-se o oposto. Mas isso pouco importa. Sejas parecido com quem fores, é perfeitamente justo que tu e o teu irmão me sirvam, tal como os teus pais.

– Nunca! – reagiu Eragon, contraindo os maxilares.

Um sorriso fino surgiu no rosto do rei.

– Nunca? Veremos. – E desviou o olhar. – E tu, Saphira... De todos os meus convidados tu és quem mais me agrada ver. Amadureceste maravilhosamente. Lembras-te deste sítio? Lembras-te do som da minha voz? Passei muitas noites a falar contigo e com os outros ovos que tinha ao meu cuidado, durante os anos em que tentava consolidar a minha liderança do Império.

Lembro-me... lembro-me vagamente, respondeu Saphira e Eragon transmitiu as suas palavras ao rei. Ela não queria comunicar diretamente com o rei, nem ele o teria permitido. Manter as suas mentes separadas era a melhor forma de se protegerem, não entrando assim em conflito aberto.

Galbatorix acenou com a cabeça.

– E estou certo de que te lembrarás de mais, quanto mais tempo permaneceres dentro destas paredes. Talvez não estivesses totalmente consciente disso, na altura, mas passaste grande parte da tua vida numa sala não muito longe daqui. Esta é a tua casa, Saphira, o teu lugar é aqui. E é aqui que farás o teu ninho e porás os teus ovos.

Saphira franziu os olhos e Eragon sentiu nela uma estranha saudade misturada com um ódio ardente.

O rei prosseguiu:

– Arya Drötningu parece que o destino tem sentido de humor, pois aqui estás tu, tal como ordenei que te trouxessem há tanto tempo atrás. O teu percurso foi circular mas, ainda assim, vieste de livre vontade. Acho isso bastante divertido, tu não?

Arya cerrou os lábios e recusou-se a falar.

Galbatorix riu baixinho.

– Confesso que há já algum tempo que és uma pedra no meu sapato. Não fizeste tantos estragos como aquele desgraçado intronizado do Brom, mas também não ficaste de braços cruzados. Poder-se-ia dizer que és a responsável por toda esta situação, pois foste tu que enviaste o ovo de Saphira a Eragon. Contudo, não sinto inimizade por ti. Se não fosses tu, Saphira poderia não ter nascido e eu poderia nunca ter conseguido descobrir os meus últimos inimigos. Agradeço-te por isso.

«E tu Elva, a rapariga com o selo de um Cavaleiro na testa. Abençoada com a marca do dragão e os meios para perceber tudo o que magoa ou poderá vir a magoar alguém. Como deves ter sofrido nos últimos meses. Como deves desprezar as fraquezas dos que te rodeiam, sendo forçada, a partilhar do seu sofrimento. Os Varden aproveitaram-te mal. Hoje porei fim às batalhas que tanto te têm atormentado e tu não precisarás de voltar a suportar os erros e as desventuras dos outros, prometo. De vez em quando, é possível que eu recorra às tuas aptidões, mas de um modo geral, poderás viver como entenderes e a paz estará contigo.

Elva franziu o sobrolho, mas era óbvio que a oferta do rei a tentara. “Ouvir Galbatorix podia ser tão perigoso como ouvir Elva”, concluiu Eragon.

Galbatorix fez uma pausa, passando os dedos no punho da sua espada, envolto em arame e fitando-os de pálpebras semicerradas. Depois olhou para trás deles, em direção ao ponto onde os Eldunari flutuavam ocultos, e o seu estado de espírito pareceu ensombrar-se.

– Transmite as minhas palavras a Umaroth, enquanto eu estiver a falar com eles – disse ele. – Umaroth! Voltamos a encontrar-nos em circunstâncias infelizes. Julgava que te tinha matado em Vroengard.

Umaroth respondeu e Eragon começou a transmitir as suas palavras:

– Ele diz que...

– ... que só mataste o seu corpo – rematou Arya.

– Isso é mais que óbvio – reagiu Galbatorix. – Onde foi que os Cavaleiros te esconderam a ti e aos outros que estão contigo? Em Vroengard ou noutro local? Os meus servos e eu examinámos minuciosamente as ruínas de Doru Araeba.

Eragon hesitou em transmitir a resposta do dragão, pois tinha a certeza que iria desagradar ao rei, mas não havia outra hipótese:

– Ele diz... que jamais partilhará essa informação contigo de sua livre vontade.

As sobranceiras de Galbatorix uniram-se.

– Ai não? Em breve mo revelará quer queira, quer não. – O rei bateu suavemente no pomo da sua deslumbrante espada branca. – Roubei esta espada ao seu Cavaleiro quando o matei – quando matei Vrael –, na torre de vigia sobranceira ao Vale de Palancar. Vrael tinha um nome próprio para a sua espada. Chamou-lhe Islingr, “Portadora da Luz”, mas eu achei que Vrangr era mais... adequado.

Vrangr queria dizer “torto” e Eragon concordou que seria o nome que melhor se adequava à espada.

Um estrondo cavo ressoou atrás deles e Galbatorix voltou a sorrir.

– Ah, ótimo, Murtagh e Thorn reunir-se-ão a nós daqui a pouco e, nessa altura, poderemos resolver isto convenientemente. – Outro ruído ecoou na câmara e depois ouviu-se um som semelhante a uma rajada de vento, que parecia vir de todas as direções. Galbatorix olhou por cima do ombro e disse:

– Foi bastante indelicado da vossa parte atacarem tão cedo. Eu já estava acordado – pois levanto-me antes do amanhecer –, mas despertaram Shruikan. Ele fica bastante irritado quando está cansado e, quando se irrita, tem tendência a comer pessoas. Há muito que os meus guardas aprenderam a não o perturbar enquanto descansa. Teria sido bom que seguissem o seu exemplo.

Enquanto Galbatorix falava, as cortinas atrás do trono mexeram-se e levantaram-se em direção ao teto.

Perplexo, Eragon percebeu que estas eram, na verdade, as asas de Shruikan.

O dragão negro estava enroscado no chão, com a cabeça perto do trono. O volume gigantesco do seu corpo formava uma parede demasiado íngreme e alta para ser escalada sem magia. As suas escamas não tinham a radiância das de Saphira nem das de Thorn, mas cintilavam com um brilho líquido. A cor escura tornava-as quase opacas, o que lhes dava uma aparência sólida e robusta, que Eragon nunca vira nas escamas de um dragão. Era como se Shruikan tivesse escamas revestidas de pedra ou de metal, e não de pedras preciosas.

O dragão era enorme. No início, Eragon teve dificuldade em conceber que a forma que tinham diante deles era uma criatura viva. Viu parte do pescoço musculoso de Shruikan e julgou estar a olhar para o corpo do dragão; viu a parte lateral de uma das patas traseiras e confundiu-a com uma tibia; e a prega de uma asa pareceu-lhe uma asa inteira. Só quando olhou para cima e viu os espigões sobre a coluna do dragão, é que se apercebeu das verdadeiras dimensões. Cada espigão era da largura do tronco de um velho carvalho e as escamas em torno destes tinham trinta centímetros de espessura, ou mais.

Depois Shruikan abriu um olho e fitou-os. As suas íris eram azuis esbranquiçadas, da cor de um glaciar da montanha, e pareciam extraordinariamente claras, em contraste como o negro das escamas.

O gigantesco olho de pupilas fendidas saltitava de um lado para o outro, estudando os seus rostos. Fúria e demência era tudo o que se via no olhar do dragão. Eragon estava certo de que Shruikan os mataria num ápice, se Galbatorix o permitisse.

Eragon sentiu vontade de fugir e de se esconder num buraco fundo, ao ver a expressão daquele olho gigantesco, especialmente pelo facto de se revelar tão evidentemente malévolos. Era algo muito semelhante ao que um coelho sentia, quando confrontado com uma criatura enorme de dentes afiados.

Saphira rosou junto dele e as escamas ao longo do seu dorso ondularam e eriçaram-se como as penas do pescoço de uma ave.

Línguas de fogo surgiram nas enormes narinas de Shruikan, e como que em resposta, ele rosou também, abafando os sons de Saphira e impregnando a sala de um rumor semelhante a uma derrocada.

As duas crianças, que estavam no estrado, guincharam e enrolaram-se num novelo, escondendo a cabeça entre os joelhos.

– Sossega, Shruikan – disse Galbatorix e o dragão negro voltou a ficar em silêncio. As suas pálpebras desceram, mas não se fecharam por completo e o dragão continuou a observá-los através de uma fenda de escassos centímetros, como que à espera do momento oportuno para atacar.

– Ele não gosta de ti – disse Galbatorix. – Mas também não gosta de ninguém... não é, Shruikan? – O dragão resfolgou e um cheiro a fumo impregnou o ar.

Eragon voltou a sentir-se dominado pelo desespero. Shruikan poderia matar Saphira com uma patada e, por muito grande que fosse a sala, Saphira não conseguiria evitar o enorme dragão negro durante muito tempo.

O seu desespero, deu lugar à raiva e à frustração e Eragon deu um puxão às grilhetas invisíveis.

– Como consegues fazer isto? – gritou ele, contraindo todos os músculos do corpo.

– Também gostaria de saber – disse Arya.

Os olhos de Galbatorix pareciam cintilar sob as saliências escuras da testa.

– Não adivinhas, jovem elfo?

– Preferiria uma resposta a dar palpites – respondeu ela.

– Muito bem. Mas, primeiro, terão de fazer algo para que possam saber que estou de facto a dizer a verdade. Terão ambos de tentar lançar um feitiço e, depois, eu digo-vos. – Ao ver que nem Eragon nem Arya se decidiam a falar, o rei fez um gesto com a mão. – Vá lá, prometo que não vos castigarei. Agora, experimentem... façam questão.

Arya foi a primeira.

– Thrautha – disse ela, num tom duro e grave. “Ela estava a tentar lançar a Dauthdaert na direção de Galbatorix”, calculou Eragon, contudo a arma permaneceu imóvel na sua mão.

Depois Eragon disse:

– Brisingr! – E pensou que a sua ligação com a espada talvez lhe permitisse praticar a magia ao contrário de Arya. Mas para sua decepção, a arma ficou igual, cintilando ligeiramente sob a luz mortiça das lanternas.

O olhar de Galbatorix tornou-se mais intenso.

– Agora já deves ter percebido claramente a resposta, jovem elfo. Demorei mais de um século a consegui-lo, mas descobri finalmente o que pretendia: uma forma de dominar os feiticeiros de Alagaësia. A busca não foi fácil; a maior parte dos homens teria desistido por frustração. Ou medo, caso fossem suficientemente pacientes, mas eu não, eu persisti, e através dos meus estudos descobri o que há tanto desejava: uma tábua inscrita noutra terra e noutra era, pelas mãos de alguém que não era elfo, anão, humano nem Urgal. Nessa tábua estava inscrita uma certa Palavra – um nome que os feiticeiros procuraram durante eras, sem outra recompensa que não amargas decepções. – Galbatorix levantou um dedo. – O nome de todos os nomes, o nome da língua antiga.

Eragon praguejou no seu íntimo. “Ele tinha razão. Era isso que o Ra’zac me estava a tentar dizer”, pensou ele, ao recordar o que um dos monstros, semelhantes a insetos, lhe tinha dito em Helgrind: “Ele quassssse descobriu o nome... O verdadeiro nome.”

Por muito desanimadora que fosse a revelação de Galbatorix, Eragon agarrou-se à evidência de que o nome não o poderia impedir a ele, Arya – ou Saphira – de

praticarem magia sem recorrerem à língua antiga. Não que isso valesse de muito, pois a proteção do rei certamente que a protegeriam a ele e a Shruikan de quaisquer feitiços que fossem lançados. Ainda assim, se o rei não soubesse que era possível praticar magia sem recorrer à língua antiga, ou se soubesse mas pensasse que eles não sabiam, talvez eles o conseguissem surpreender e distrair por alguns instantes, embora Eragon não soubesse bem até que ponto isso lhes poderia ser útil.

Galbatorix prosseguiu:

– Com esta Palavra posso reformular feitiços tão facilmente como outro feitiço comanda os elementos. Todos os feitiços dependerão de mim e eu não dependerei de ninguém, a não ser daqueles que eu escolher.

“Talvez ele não saiba”, pensou Eragon, sentindo uma centelha de determinação no seu íntimo.

– Usarei o nome dos nomes para subjugar todos os feitiçozeiros de Alagaësia e ninguém lançará feitiços a não ser com a minha bênção, nem mesmo os Elfos. Os feitiçozeiros do vosso exército estão a descobrir essa verdade, neste preciso momento. Assim que se aventuram a uma determinada distância, no interior de Urû’baen, os seus feitiços deixam de funcionar convenientemente. Alguns dos seus encantamentos falham por completo, ao passo que outros se viram contra eles, acabando por afetar as vossas tropas e não as minhas. – Galbatorix inclinou a cabeça e ficou com um olhar distante, como se ouvisse alguém sussurrar-lhe ao ouvido. – Já provocou bastante confusão nas fileiras.

Eragon resistiu ao desejo de cuspir no rei.

– Não faz mal – rugiu ele. – Descobriremos uma forma de te deter.

Galbatorix parecia amargamente divertido.

– Ai sim? Como? E porquê? Pensa no que estás a dizer. Travarias a primeira oportunidade de paz em Alagaësia para saciar o teu exacerbado desejo de vingança? Permitirias que os feitiçozeiros continuassem a fazer o que quisessem, por toda a parte, independentemente do mal que causassem aos outros? Parece-me de longe pior do que qualquer coisa que eu tenha feito. Mas isto não passa de especulação inútil. Os melhores guerreiros dos Cavaleiros não conseguiram derrotar-me e tu estás longe de ser como eles. Nunca tiveste qualquer hipótese de me derrotar. Nenhum de vós.

– Eu matei Durza e matei os Ra’zac – ripostou Eragon. – Porque não a ti?

– Eu não sou tão fraco como aqueles que me servem. Não conseguiste sequer derrotar Murtagh, e ele não passa da sombra de uma sombra. O teu pai, Morzan, era de longe mais poderoso do que qualquer um de vocês e, nem mesmo ele conseguiu resistir ao meu poder. Além disso – continuou Galbatorix, com uma expressão cruel –, se pensas que destruíste os Ra’zac, estás enganado. Os ovos de Dra-Leona não foram os únicos que eu tirei aos Lethrblaka. Tenho mais escondidos noutro local. Em breve irão chocar e os Ra’zac voltarão a caminhar pela terra para cumprir as minhas ordens. Quanto a Durza, os Espetros são fáceis de criar e, normalmente, não valem os problemas que dão. Como vês, não ganhaste nada, rapaz... nada a não ser falsas vitórias.

O que Eragon mais detestava era a presunção e o ar de absoluta superioridade de Galbatorix. A sua vontade era enfurecer-se com o rei e amaldiçoá-lo de todas as formas possíveis e imaginárias, mas para segurança das crianças conteve-se.

Têm alguma ideia?, perguntou ele a Saphira, Arya e Glaedr.

Não, disse Saphira. Os outros ficaram em silêncio.

Umroth?

Apenas que devíamos atacar enquanto ainda é possível.

Durante um minuto ninguém falou. Galbatorix apoiou-se no cotovelo, poisando o queixo sobre o pulso, e continuou a observá-los. O rapaz e a rapariga choravam baixinho aos seus pés. Em cima, o olho de Shruikan continuava fixo em Eragon e nos que estavam com ele, como uma enorme lanterna cor de gelo.

Depois ouviram as portas da câmara a abrirem-se e a fecharem-se, e o som de passos a aproximarem-se – os passos de um homem e de um dragão.

Murtagh e Thorn depressa apareceram. Pararam junto de Saphira e Murtagh fez uma vénia.

– Senhor.

O rei fez um gesto e Murtagh e Thorn subiram para o lado direito do trono.

Ao ocupar a sua posição, Murtagh olhou para Eragon com desdém. Depois, prendeu as mãos atrás das costas e olhou para o lado oposto da câmara, ignorando-o.

– Demoraste mais do que eu esperava – disse Galbatorix num tom enganadoramente brando.

Murtagh respondeu sem olhar:

– O portão estava mais danificado do que eu imaginava, senhor, e os feitiços que colocastes nele dificultaram a reparação.

– Estás a insinuar que sou o responsável pelo teu atraso?

Murtagh contraiu os maxilares.

– Não, senhor, estava apenas a explicar-me. Parte do corredor estava também bastante... sujo e isso atrasou-nos.

– Compreendo. Falaremos disso mais tarde, por agora há outros assuntos para tratar. Para começar, está na hora de os nossos convidados conhecerem o último membro do nosso grupo. Além disso, já é mais do que tempo de iluminarmos convenientemente esta sala.

Galbatorix bateu com a face da lâmina da espada num dos braços do trono e gritou num tom de voz grave:

– Naina!

Centenas de lanternas acenderam-se ao longo das paredes da câmara, banhando-a como uma luz quente, semelhante à das velas. A sala mantinha-se escura nos cantos, mas Eragon conseguiu, pela primeira vez, distinguir os detalhes em seu redor. Dezenas de pilares e de entradas ladeavam as paredes e havia esculturas, pinturas e arabescos dourados por toda a parte. Prata e ouro eram os materiais mais utilizados e Eragon teve um vislumbre do brilho de muitas jóias. Era uma espantosa exibição de riqueza, mesmo quando comparada com as de Tronjheim e Ellesméra.

Momentos depois, reparou numa outra coisa: à sua direita, num local onde a luz anteriormente não chegava, havia um bloco de pedra cinzenta – talvez de granito –, com cerca de dois metros e meio de altura. Acorrentada ao bloco, de pé, estava Nasuada, com uma simples túnica branca. Ela fitava-os de olhos arregalados, embora não pudesse falar, pois tinha uma mordada. Parecia abatida e cansada, mas de boa saúde.

Eragon foi percorrido por uma sensação de alívio, não esperando encontrá-la viva.

– Nasuada! – gritou ele. – Estás bem?

Ela acenou com a cabeça.

– Ele obrigou-te a jurares-lhe lealdade?

Nasuada abanou a cabeça.

– Achas que eu permitiria que ela te dissesse, se o tivesse feito? – interpelou Galbatorix. Ao olhar de novo para o rei, Eragon viu Murtagh lançar um breve olhar de preocupação na direção de Nasuada, e interrogou-se sobre o seu significado.

– E então, obrigaste? – insistiu Eragon, em tom de desafio.

– Por acaso, não. Decidi esperar até vos reunir a todos. Agora que já o fiz, ninguém sairá enquanto não jurarem servir-me e enquanto eu não souber o verdadeiro nome de cada um de vós. É por isso que aqui estão. Não para me matar, mas para se curvarem perante mim, acabando finalmente com esta desagradável rebelião.

Saphira rosou e Eragon disse:

– Não vamos desistir. – Mesmo aos seus próprios ouvidos, aquelas palavras soaram-lhe débeis e ineficazes.

– Então eles morrerão – respondeu Galbatorix, apontando para as duas crianças –, e a vossa desobediência acabará por não modificar nada. Parecem não entender que já perderam. Lá fora a batalha não está a correr bem aos vossos amigos. Em breve, os meus homens irão obrigá-los a render-se e esta guerra chegará ao fim que

he estava destinado. Lutem, se quiserem. Ninguém que têm diante dos olhos, se isso vos consola. Mas nada que fizerem poderá alterar o vosso destino, nem o destino de Alagaësia.

Eragon recusava-se a acreditar que ele e Saphira tivessem de passar o resto da vida às ordens de Galbatorix. Saphira sentia o mesmo, pelo que a sua raiva se uniu à dele, destruindo o pouco que lhes restava de receio e de cautela. Eragon disse:

– Vae weohnata ono vergarí, eka thäet otherúm. Nós vamos matar-te, juro.

Por instantes, Galbatorix pareceu ficar irritado, mas depois voltou a dizer a Palavra – bem como outras palavras na língua antiga – e o voto que Eragon proferira pareceu perder todo o significado. As palavras jaziam na sua mente como um amontoado de folhas mortas, sem poder para as incitar ou inspirar.

O lábio superior do rei revirou-se num sorriso escaminho:

– Faz os juramentos que quiseres. Nenhum te comprometerá, a menos que eu permita.

– Mesmo assim vou matar-te – murmurou Eragon, percebendo que se continuasse a resistir, isso poderia custar a vida às duas crianças. Mas Galbatorix tinha de ser morto e, se o preço a pagar pela sua morte fosse a morte do rapaz e da rapariga, Eragon estaria disposto a aceitá-lo. Sabia que iria odiar-se por isso e que veria o rosto das crianças em sonhos, o resto da sua vida. Mas, se não desafiasse Galbatorix, tudo estaria perdido.

Não hesites, disse Umaroth. Chegou o momento de atacar.

Eragon levantou a voz.

– Porque não queres lutar comigo? És covarde ou demasiado fraco para me defrontares? É por isso que te escondes atrás destas crianças como uma velha assustada?

Eragon... disse Arya, em tom de advertência.

– Não sou o único que trouxe uma criança para aqui, hoje – respondeu o rei, com as rugas mais acentuadas no rosto.

– Há uma diferença: Elva aceitou vir. Mas não respondeste à minha pergunta. Porque não queres lutar? Será que passaste tanto tempo sentado no trono a comer que te esqueceste de como usar uma espada?

– Não irias querer lutar comigo, jovem – rosnou o rei.

– Então, prova-o. Liberta-me e enfrenta-me num combate honesto. Mostra que és um guerreiro que ainda merece ser reconhecido com tal. Ou vive com a evidência de que és um covarde lamechas que nem se atreve a enfrentar um único adversário sem a ajuda dos seus Eldunarís. Tu mataste Vrael! Porque haverias de me reear? Porque...

– Basta! – disse Galbatorix. Um rubor aflorara-lhe às faces encovadas, mas entretanto o seu estado de espírito alterou-se como mercúrio e ele arreganhou os dentes, num esgar apavorante, semelhante a um sorriso, e bateu no braço da cadeira com os nós dos dedos. – Eu não conquistei este trono aceitando todos os desafios que me faziam, nem o conservei enfrentando os meus inimigos num “combate honesto”. Terás ainda de aprender que não interessa como se conquista a vitória, mas sim conquistá-la, jovem.

– Estás enganado. Interessa – ripostou Eragon.

– Recordar-te-ei isso depois de me jures lealdade. Porém... – Galbatorix bateu levemente no pomo da espada. – Uma vez que insistes tanto em lutar, acederei ao teu pedido. – A centelha de esperança que se acendera em Eragon desapareceu, ao ouvir Galbatorix acrescentar: – Mas lutarás com Murtagh e não comigo.

Ao ouvir essas palavras Murtagh lançou um olhar furioso a Eragon.

O rei cofiou a ponta da barba.

– Gostaria de saber, de uma vez por todas, qual é o melhor guerreiro. Lutarão tal como estão, sem magia nem Eldunarís, até que um se revele incapaz de prosseguir. Não podem matar-se um ao outro – proíbo-o – mas, tirando a morte, permitirei quase tudo. Creio que será bastante divertido, ver dois irmãos a lutarem entre si.

– Irmãos não – corrigiu Eragon –, meios-irmãos. O meu pai era Brom e não Morzan.

Pela primeira vez, Galbatorix mostrou-se surpreendido. Depois, revirou o canto da boca para cima.

– Claro, eu devia ter percebido. Tens a verdade estampada na cara, para quem souber vê-la. Nesse caso, este duelo fará ainda mais sentido. O filho de Brom, contra o filho de Morzan. O destino tem sentido de humor, é um facto.

Murtagh reagiu também com surpresa, mas controlou-se muito bem para que Eragon percebesse se a informação lhe agradara ou o aborrecera. De qualquer forma, Eragon sabia que ele tinha sido apanhado desprevenido. A sua ideia era essa. Se Murtagh estivesse perturbado seria muito mais fácil derrotá-lo e ele tencionava derrotá-lo, independentemente do sangue que partilhavam.

– Letta – disse Galbatorix, fazendo um ligeiro movimento com a mão.

Eragon cambaleou, quando o feitiço que o prendia desapareceu.

Depois o rei disse:

– Gánga aptr – e Arya, Elva e Saphira deslizaram para trás, deixando um grande intervalo entre si e o estrado. O rei murmurou mais algumas palavras e a maior parte das lanternas na sala escureceram, tornando a área em frente ao trono o ponto mais iluminado da sala.

– Anda – disse Galbatorix, dirigindo-se a Murtagh –, reúne-te a Eragon. Vamos ver quem é o mais hábil.

Murtagh franziu o sobrolho, encaminhou-se para um ponto a vários metros de Eragon e desembainhou a espada – era como se a lâmina vermelha já estivesse coberta de sangue. Depois ergueu o escudo e agachou-se.

Eragon olhou de relance para Saphira e Arya e fez o mesmo.

– Agora, lutem! – gritou Galbatorix, batendo com as mãos.

Suado, Eragon aproximou-se de Murtagh, ao mesmo tempo que este último se aproximava dele.

MÚSCULOS E AÇO

Roran gritou e saltou para o lado ao ver um tijolo de uma chaminé a esmagar-se no chão, diante de si, seguido do corpo de um dos archeiros do Império. Limpou o suor dos olhos, contornando o corpo e o amontoado de tijolos espalhados, e saltou para os pontos em que o chão estava desimpedido, tal como costumava saltitar de pedra em pedra, no Rio Anora.

A batalha estava a correr mal. Isso era óbvio. Ele e os seus guerreiros mantiveram-se perto da muralha exterior, pelo menos um quarto de hora, a combater as vagas de soldados atacantes, mas depois deixaram que os soldados os atraíssem de novo para o espaço entre os edifícios. Ao fazer a retrospectiva, ele percebeu que fora um erro. O combate nas ruas era desesperante, sangrento e confuso. O seu batalhão dispersara-se e apenas um pequeno número de guerreiros continuava perto – homens de Carvahall na sua maioria, juntamente com quatro Elfos e vários Urgals. Os restantes estavam dispersos pelas ruas mais próximas, a lutarem sozinhos sem qualquer orientação.

Pior ainda: por alguma razão que os Elfos e os outros feiticeiros não conseguiam explicar, a magia já não parecia funcionar como devia. Tinham descoberto isso, quando um dos elfos tentara matar um soldado com um feitiço e, em vez disso, fora um guerreiro dos Varden que morrera, consumido pelo enxame de escaravelhos que o elfo tinha invocado. Roran ficara enojado com aquela morte. Era uma forma horrível e absurda de se morrer, e poderia ter acontecido a qualquer um deles.

À sua direita, perto do portão principal, Lord Barst continuava a devastar o corpo principal do exército dos Varden. Roran vira-o por diversas vezes: agora caminhava entre humanos, Elfos e Anões, golpeando-os violentamente com o seu enorme bastão negro, como se fossem pinos de madeira. Ninguém conseguia deter o homenzarrão, muito menos feri-lo, e os que estavam em redor dele afastavam-se apressadamente, evitando ficar ao alcance da sua temível arma.

Roran vira também o rei Orik e um grupo de Anões a abrir caminho por entre um grupo de soldados. O elmo, decorado com jóias, de Orik brilhava à luz, enquanto ele brandia o seu pesado martelo de guerra, Volund. Atrás de si, os seus guerreiros gritaram

– Vor Orikz korda!

A quinze metros de Orik, Roran viu de relance a rainha Islanzadí a rodopiar por entre os soldados, com a capa a esvoaçar e a sua armadura brilhante como uma estrela entre aquela massa escura de corpos. O seu companheiro, o corvo branco, esvoaçava em torno da sua cabeça. O pouco que ele via de Islanzadí impressionava-o pela sua destreza, ferocidade e bravura. Lembrava-lhe Arya, concluindo que a rainha era melhor.

Um grupo de cinco soldados contornou a esquina de uma casa e quase chocou com Roran. Os soldados gritaram e ergueram as lanças, fazendo os possíveis para o empalar como uma galinha assada. Ele baixou-se e esquivou-se, atingindo um dos homens na garganta com a sua lança. O soldado ficou de pé mais um minuto, mas não conseguia respirar convenientemente, e depressa caiu no chão, fazendo tropeçar os companheiros.

Roran aproveitou a oportunidade, trespassando-os e golpeando-os. Um dos soldados conseguiu golpear Roran no ombro direito e ele sentiu a familiar quebra de energia no momento em que as suas proteções desviaram a espada.

Estava surpreendido pelo facto de as suas defesas o protegerem, pois momentos antes não tinham impedido que o rebordo de um escudo lhe rasgasse a pele na face esquerda. O seu desejo era que o problema da magia se resolvesse por si, de uma forma ou de outra. Porém, da maneira como as coisas estavam, não se atrevia a expor-se ao mínimo golpe.

Roran avançou na direção dos dois últimos soldados, mas antes que os alcançasse, viu uma mancha de aço e as suas cabeças caíram nas pedras da calçada, com uma expressão de surpresa. Os corpos tombaram e Roran viu Angela, a herbanária, atrás deles, com a armadura verde e negra, empunhando o seu bastão-espada. Junto dela havia dois homens-gato, um na forma humana – uma rapariga com o cabelo matizado e dentes aguçados, ensanguentados, e uma longa adaga na mão – e o outro na forma animal. Roran achou que seria Solenbun, mas não tinha a certeza.

– Roran! Que bom ver-te – disse a herbanária com um sorriso demasiado animado para as circunstâncias. – Encontrarmo-nos aqui, imagina!

– Antes aqui do que no túmulo! – gritou ele, apanhando mais uma lança e atirando-a a um homem que estava mais à frente, na rua.

– Bem visto!

– Julgava que tinhas ido com Eragon.

Ela abanou a cabeça.

– Ele não me pediu e eu também não teria ido se ele pedisse. Não estou à altura de Galbatorix. Além disso, Eragon tem os Eldunarís para o ajudar.

– Já sabes? – perguntou ele, surpreendido.

Ela piscou-lhe o olho, encoberto pelo rebordo do elmo.

– Eu sei muitas coisas.

Ele pigarreou e protegeu o ombro com o escudo, embatendo contra um outro grupo de soldados. A herbanária e os homens-gato reuniram-se a ele, tal como Horst, Mandel e outros.

– Onde está o teu martelo? – gritou Angela, brandindo o seu bastão laminado, aparando um golpe e ferindo um soldado de seguida.

– Perdi-o! Deixe-o cair.

Alguém uivou de dor atrás dele. Roran olhou assim que pôde e viu Baldor agarrado ao coto do braço direito. A mão estava no chão, a estremecer.

Roran correu para ele, saltando por cima de vários cadáveres que estavam no caminho. Horst estava já junto do filho, tentando manter à distância o soldado que decepara a mão de Baldor.

Roran tirou a adaga e cortou uma tira de tecido da túnica de um soldado caído, e disse:

– Pronto – e amarrou-a à volta do coto do braço de Baldor, estancando a hemorragia.

A herbanária ajoelhou-se junto deles e Roran perguntou:

– Podes ajudá-lo?

Ela abanou a cabeça.

– Aqui não. Se usar magia ainda acabo por matá-lo. Mas, se o conseguires levar para fora da cidade, os Elfos talvez lhe consigam salvar a mão.

Roran hesitou. Não sabia se deveria mandar alguém levar Baldor, em segurança, para fora de Urû'baen. Mas sem uma mão, Baldor teria uma vida dura pela frente e Roran não tinha qualquer desejo de o condenar a isso.

– Se não o quiseres levar, levo eu – gritou Horst.

Roran agachou-se, ao ver uma pedra do tamanho de um porco a passar por cima da sua cabeça, roçando na parte da frente de uma casa, espalhando pedaços de alvenaria pelo ar. Alguém gritou dentro do edifício.

– Não, nós precisamos de ti. – Roran virou-se e escolheu dois guerreiros, Loring, o velho sapateiro, e um Urgal. – Levem-no aos curandeiros dos Elfos, o mais depressa possível – disse ele, empurrando Baldor na direção deles. No caminho, Baldor apanhou a mão e guardou-a debaixo da cota de malha.

O Urgal arregalou os dentes, falando com um sotaque cerrado que Roran mal conseguiu entender:

– Não, eu fico e luto – disse ele, batendo com a espada no escudo.

Roran aproximou-se dele, agarrou num chifre da criatura e puxou-o, torcendo a cabeça do Urgal.

– Vais fazer o que eu mandei – rugiu Roran. – Além disso, não é uma tarefa fácil. Protege-o e conquistarás grande glória para ti e para a tua tribo.

Os olhos do Urgal pareceram brilhar.

– Grande glória? – disse ele, mastigando as palavras entre os dentes pesados.

– Grande glória! – confirmou Roran.

– Eu vou, Martelo de Ferro!

Aliviado, Roran viu os três partirem em direção à muralha exterior, para poderem escapar ao combate. Também ficou satisfeito por ver a mulher-gato em forma humana, e seguiu-os. A rapariga de cabelo matizado e aparência fêrrea farejava o ar, baloiçando a cabeça de um lado para o outro.

Entretanto foram atacados por outro grupo de soldados e Roran esqueceu por completo Baldor. Detestava lutar com uma lança em vez de um martelo, mas lá se adaptou, e algum tempo depois a rua voltou a ficar calma, embora ele soubesse que seria por um curto período de tempo.

Aproveitou a oportunidade para se sentar no degrau da frente de uma casa e tentar recuperar o fôlego. Os soldados pareciam mais frescos do que nunca, mas ele sentia a exaustão a pesar-lhe no corpo e duvidava que conseguisse prosseguir durante muito mais tempo sem cometer um erro fatal.

Ao sentar-se, ofegante, ouviu gritos vindos do portão destruído da entrada principal de Urû'baen. Era difícil perceber o que se estava a passar, mas desconfiava que os Varden estariam a ser empurrados para trás, pois o ruído parecia recuar ligeiramente. No meio da confusão, ele conseguia identificar as pancadas regulares do bastão de Lord Barst a atingir guerreiro atrás de guerreiro, bem como a intensidade crescente dos gritos que invariavelmente se seguia.

Roran fez um esforço para se levantar. Se ficasse sentado durante muito mais tempo, os seus músculos começariam a ficar rígidos. Instantes depois de se afastar do degrau da porta, o conteúdo de um penico salpicou o local de onde acabara de se levantar.

– Assassinos! – gritou uma mulher por cima dele, batendo com as portadas da janela, ao fechá-las.

Roran roncou e avançou por entre os corpos, conduzindo os guerreiros que lhe restavam para o cruzamento seguinte.

Um soldado cruzou-se com eles a correr, com o pânico estampado no rosto, e eles pararam, cautelosamente. Um bando de homens-gato seguia-o de perto, aos uivos, com sangue a escorrer do pelo em torno da boca.

Roran sorriu e retomou a marcha.

Parou um segundo depois, ao ver um grupo de Anões de barbas ruivas que corriam na direção deles, vindos do interior da cidade.

– Prepara-te! – gritou um deles. – Temos um batalhão inteiro de soldados a perseguir-nos. No mínimo, umas centenas.

Roran olhou para trás, na direção do cruzamento deserto.

– Talvez os tenham... – ia ele a dizer, mas depois calou-se ao ver uma linha de túnica carmesim dobrar a esquina de um edifício, a algumas dezenas de metros. Atrás deles começaram a aparecer cada vez mais soldados. Saíam para a rua, aos magotes, como um carreiro de formigas vermelhas.

– Para trás! – gritou Roran. – Para trás! – Temos de encontrar um local defensável. – A muralha exterior estava demasiado longe e nenhuma das casas tinha a dimensão suficiente para pátios contíguos.

Enquanto corria pela rua abaixo com os seus guerreiros, cerca de uma dúzia de flechas aterraram em redor deles.

Roran cambaleou e caiu, torcendo o corpo ao sentir uma explosão de dor a percorrer-lhe a espinha, desde o fundo das costas. Era como se alguém lhe tivesse batido com uma enorme barra de ferro.

Segundos depois, a herbanária estava a seu lado, puxando algo atrás dele e Roran gritou. Depois a dor abrandou e ele voltou a ver claramente.

A herbanária mostrou-lhe uma flecha com a ponta ensanguentada antes de a deitar fora.

– A tua cota de malha evitou o pior – disse ela, ajudando-o a levantar-se.

Roran rangeu os dentes se afastou-se dela, voltando a reunir-se ao seu grupo. Agora, cada passo que dava era doloroso, e se dobrasse demasiado a cintura, sentia um espasmo nas costas, tornando-lhe quase impossível mexer-se.

Não encontrou um local onde se pudessem aquartelar e os soldados aproximavam-se, por isso acabou por gritar.

– Parem e formem-se! Elfos para os lados! Urgals à frente e ao centro!

Roran ocupou a sua posição próxima da linha da frente, juntamente com Dammien, Albriech, os Urgals e um dos anões ruivos.

– Então tu és o Martelo de Ferro – disse o anão, enquanto observavam o avanço dos soldados. – Eu lutei ao lado do teu irmão adotivo, em Farthen Dûr. É uma honra lutar contigo.

Roran pigarreou. Só esperava conseguir aguentar-se de pé.

Depois os soldados investiram contra eles, empurrando-os para trás só com o seu peso. Roran encostou o ombro ao escudo e empurrou-os com toda a força. Espadas e lanças enfiavam-se pelos intervalos da parede de escudos sobrepostos e ele sentiu uma a arranhar-lhe o flanco, mas a sua cota de malha protegeu-o.

Os Elfos e os Urgals revelaram-se inestimáveis, destroçando as linhas dos soldados e conquistando espaço para que Roran e os outros guerreiros pudessem brandir as suas armas. Pelo canto do olho, Roran viu o anão golpear os soldados nas pernas, nos pés e nas virilhas, derrubando assim muitos.

Contudo, o número de soldados parecia nunca mais acabar, e Roran deu consigo a recuar, passo a passo. Nem mesmo os Elfos conseguiam conter a torrente de homens, por muito que tentassem. Othiara, a mulher elfo com que Roran falara no exterior das muralhas da cidade, morreu com uma flecha no pescoço e os restantes Elfos sofreram bastantes ferimentos.

Roran também foi ferido mais algumas vezes: um golpe na parte de cima da barriga da perna direita, que lhe teria apanhado o tendão se fosse um pouco mais acima; um outro golpe na coxa da mesma perna, ao ser atingido por uma espada que deslizara por baixo da cota de malha; um doloroso arranhão no pescoço, ao bater nele com o próprio escudo; uma facada na parte interior da perna direita, que felizmente não lhe atingiu as artérias principais; e incontáveis contusões. Era como se lhe tivessem martelado o corpo todo com um malho de madeira e, depois, um par de desastrados o tivesse usado como alvo para lançar fâças.

Recuou várias vezes da linha da frente para testar os braços e recuperar o fôlego, mas pouco depois voltava sempre a reunir-se à luta.

Os edifícios em torno deles abriram-se e Roran percebeu que os soldados tinham conseguido levá-los para a praça, diante do portão destruído de Urû'baen. Agora havia inimigos à frente e atrás.

Roran arriscou olhar por cima do ombro e viu os Elfos e os Varden a recuarem diante de Barst e dos seus soldados.

– Para a direita! – gritou Roran. – Para a direita! Para junto dos edifícios! – E apontou com a lança ensanguentada.

Os guerreiros reunidos atrás de si, deslocaram-se para o lado com alguma dificuldade e subiram os degraus da fachada de um enorme edifício de pedra, com uma fila dupla de colunas mais altas do que qualquer árvore da Espinha. Por entre as colunas, Roran julgou ver uma entrada escura, em arco, suficientemente larga para acomodar Saphira, ou mesmo Shruikan.

– Para cima! Para cima! – gritou Roran, e os homens, Anões, Elfos e Urgals correram com ele até ao cimo das escadas. Aí, instalaram-se entre os pilares, repelindo a vaga de soldados que corria atrás deles. Desse ponto elevado, uns seis metros acima do nível das ruas, Roran viu que o Império quase que tinha forçado os Varden e os Elfos a sair pela abertura na muralha exterior.

“Seremos derrotados”, pensou, com uma súbita sensação de desespero.

Os soldados voltaram a subir os degraus. Roran esquivou-se de uma lança e pontapeou o lanceiro na barriga, atirando com o soldado e com outros dois homens

pelas escadas.

Uma azagaia saiu disparada de uma balista próxima, na direção de Lord Barst, e quando ainda estava a alguns metros dele, irrompeu em chamas e desfez-se em pó, tal como todas as flechas disparadas sobre o homem de armadura.

“Temos de o matar”, pensou Roran. Se Barst tombasse, os soldados iriam provavelmente destroçar-se e perder a confiança. Mas, uma vez que nem os Elfos nem os Kull tinham conseguido detê-lo, parecia pouco provável que mais alguém o conseguisse, a não ser Eragon.

Ao mesmo tempo que lutava, Roran olhava para a enorme figura de armadura, esperando ver algo que sugerisse uma forma de ser derrotado. Reparou que Barst coxeava ligeiramente, como se em tempos tivesse sofrido algum ferimento no joelho ou na anca, e parecia também ligeiramente mais lento.

“Final ele também tem limites”, pensou Roran. “Ou melhor, o Eldunari tem limites.”

Depois, gritou, aparou a espada do soldado que o atacara e, subitamente, puxou o escudo para cima, atingindo-o por baixo do maxilar e matando-o de imediato.

Roran estava sem fôlego e enfraquecido, devido aos ferimentos. Por isso recolheu-se atrás de uma das colunas e encostou-se a ela. Depois tossiu e cuspiu, vendo que a saliva tinha sangue, mas deduziu que fosse apenas do sítio onde mordera a boca por dentro, e não de um pulmão perfurado. Pelo menos assim o esperava. Sentia as costelas tão doridas que era bem possível que uma delas estivesse partida.

Ouviu-se um grande grito entre os Varden e Roran espreitou pelo pilar, vendo a rainha Islanzadí e doze elfos a cavalgarem pelo recinto da batalha, na direção de Lord Barst. O corvo branco, que estava de novo sobre o ombro esquerdo de Islanzadí, grasnava e erguia as asas para se equilibrar no seu poleiro móvel. Islanzadí empunhava a espada e os outros elfos estavam armados de lanças, com estandartes presos junto às lâminas em forma de folha.

Roran encostou-se ao pilar, com uma esperança crescente dentro de si:

– Matem-no! – rugiu.

Barst não fez qualquer gesto para evitar os elfos e ficou à espera deles, de pés afastados, com o bastão e o escudo de ambos os lados do corpo, como se não precisasse de se defender.

Ao longo das ruas, a luta parou e todos se viraram para ver o que iria acontecer.

Os dois elfos que vinham à frente baixaram as lanças e os seus cavalos largaram a galope, contraindo e distendendo os músculos sob um pelo lúcido, e cobriram a curta distância que os separava de Barst. Por instantes parecia certo que Barst iria cair. Ninguém conseguiria aguentar um ataque assim, a pé.

As lanças não chegaram a tocar em Barst, na medida em que as suas proteções as detiveram à distância de um braço. As hastes estilhaçaram-se nas mãos dos elfos, desfazendo-se em lascas de madeira sem qualquer préstimo. Depois, Barst ergueu o bastão e o escudo, atingindo os cavalos de ambos os lados na cabeça, e partiu-lhes o pescoço, matando-os.

Os cavalos caíram e os elfos que os montavam saltaram, torcendo-se no ar.

Os outros dois elfos não tiveram tempo para mudar de direção, antes de alcançarem Barst. Tal como os seus predecessores, as suas lanças estilhaçaram-se nas proteções de Barst e saltaram também dos cavalos quando este derrubou os animais.

Nessa altura já os outros oito elfos, incluindo Islanzadí, tinham conseguido desviar-se e deter os animais. Trotavam agora em círculo, à volta de Barst, sempre de armas apontadas a ele. Enquanto isso, os outros quatro elfos que estavam no chão, desembainharam as espadas e avançaram cautelosamente na direção de Barst.

O homem deu uma gargalhada e ergueu o escudo, preparando-se para o ataque. A luz iluminou-lhe o rosto, por baixo do elmo, e mesmo à distância Roran viu-lhe a testa larga e pesada, e as maçãs do rosto salientes. Em determinados aspetos, lembrava-lhe o rosto de um Urgal.

Os quatro elfos correram para Barst, de direções distintas, tentando cortá-lo e trespassá-lo em simultâneo. Barst aparou uma das espadas com o escudo, desviou outra com o bastão, deixando que as proteções detivessem as espadas dos elfos que estavam atrás dele. Depois soltou outra gargalhada e brandiu a arma.

Um elfo de cabelos prateados atirou-se para o lado e o bastão passou inofensivamente por ele.

Barst brandiu-o mais duas vezes e os elfos voltaram a conseguir esquivar-se. Barst não revelava quaisquer sinais de frustração, curvando-se atrás do escudo e aguardando o momento oportuno para atacar, como um urso à espera que alguém cometesse a imprudência de entrar no seu covil.

Do lado de fora do anel de elfos, um bloco de soldados armados de alabardas gritaram e largaram a correr na direção da rainha Islanzadí e dos seus companheiros. Sem se deter, a rainha ergueu a espada por cima da cabeça e uma rajada de flechas zuniu das fileiras dos Varden, abatendo os soldados.

Roran gritou de excitação, assim como muitos dos Varden.

Barst desviara-se para junto dos corpos dos quatro cavalos que matara e, agora, estava no meio dos animais para que os corpos formassem uma parede baixa e larga em torno de si. Os elfos à sua esquerda e à sua direita não teriam outro remédio senão saltar sobre os cavalos para o atacar.

“Inteligente”, pensou Roran, franzindo o sobrolho.

O elfo diante de Barst correu para a frente, gritando algo na língua antiga. Barst pareceu hesitar, facto que encorajou o elfo a aproximar-se mais. Depois Barst saltou para a frente, desferiu um golpe com o bastão e o elfo tombou desfeito.

Um gemido ecoou entre os Elfos.

Depois, os outros três elfos a pé foram mais cautelosos, continuaram a andar em círculo em torno Barst e corriam esporadicamente na direção dele, para o atacar, mas mantendo quase sempre a distância.

– Rende-te! – exclamou Islanzadí e a sua voz ecoou pelas ruas. – Somos mais do que tu. Por muito forte que sejas, acabarás por te cansar e as tuas proteções falharão. Não podes ganhar, humano.

– Ai não? – reagiu Barst, endireitando-se e largando o escudo que caiu ruidosamente no chão.

Subitamente, Roran ficou apavorado. “Fujam”, pensou.

– Fujam! – gritou meio segundo mais tarde.

Tarde de mais.

Curvando os joelhos, Barst agarrou no pescoço de um dos cavalos, erguendo-o com o braço esquerdo e atirou-o à rainha Islanzadí.

Roran não percebeu se ela falou na língua antiga mas viu-a erguer a mão e o corpo do cavalo e parou em pleno ar, caindo depois sobre as pedras da calçada, onde aterrou com um ruído muito desagradável. O corvo, no seu ombro, grasnou.

Barst, contudo, naquele momento, não estava a olhar para ela. Assim que largou a carcaça, agarrou no escudo e correu na direção do cavaleiro elfo, mais próximo. Um dos três elfos que restavam, a pé – uma mulher com uma faixa vermelha, atada à parte superior do braço – correu na direção dele, tentando golpeá-lo nas costas, mas Barst ignorou-a.

Numa extensão de terra plana, os cavalos dos elfos teriam conseguido distanciar-se de Barst, mas no espaço limitado entre os edifícios e a massa compacta de guerreiros, Barst era mais rápido e mais ágil.

Barst bateu com o ombro nas costelas de um dos cavalos e atirou-o ao chão, brandindo o bastão a um elfo montado num outro cavalo e derrubando-o da sela. O cavalo relinchou.

O círculo de elfos a cavalo desintegrou-se e todos se desviaram em direções diferentes, na tentativa de acalmar as montadas e lidar com a ameaça que tinham diante de si.

Meia dúzia de elfos irromperam de uma multidão de soldados que estava ali perto e cercaram Barst, tentando atacá-lo a uma velocidade frenética. Barst desapareceu por instantes atrás deles, erguendo depois o bastão e atirando com três deles. Depois de atingir outros dois, Barst continuou a andar, com sangue e pedaços de carne agarrados aos rebordos da sua arma negra.

– Agora! – rugiu Barst. E centenas de soldados correram de todos os pontos da praça, atacando os Elfos e forçando-os a defenderem-se.

– Não – gritou Roran, horrorizado. Teria corrido com os seus guerreiros para os ajudar, mas havia demasiados corpos – tanto vivos como mortos – entre eles, Barst e os Elfos. Roran olhou de relance para a herbanária, que parecia tão preocupada como ele e disse: – Podes fazer alguma coisa?

– Poder posso, mas não apostaria a minha vida nem a de ninguém aqui presente.

– Galbatorix também?

– Ele está demasiado protegido. O nosso exército seria destruído, bem como quase toda a gente em Urû'baen. Mesmo os que estão no nosso acampamento poderiam morrer. É isso que queres?

Roran abanou a cabeça.

– Bem me parecia.

Movendo-se com uma rapidez inquietante, Barst golpeou elfo atrás de elfo, derrubando-os facilmente. Uma das vezes, atingiu o ombro da mulher elfo com a faixa vermelha e esta caiu desamparada de costas. A seguir, ela apontou para Barst e gritou na língua antiga. O feitiço correu mal e outro elfo tombou para a frente, caindo da sela do cavalo, com a parte da frente do corpo aberta de cima a baixo.

Barst matou a mulher elfo com um golpe do bastão e continuou a correr de uns cavalos para os outros, até alcançar Islanzadí montada na sua égua branca.

A rainha elfo não esperou que Barst matasse o seu cavalo, saltando da sela, com a capa vermelha a ondular. O companheiro, o corvo branco, bateu as asas e voou do seu ombro.

Islanzadí atacou Barst antes de tocar com os pés no chão. A sua espada cortava o ar como uma mancha brilhante de aço, retinindo ao colidir ruidosamente com as proteções de Barst.

Barst retaliou com um golpe que Islanzadí aparou com um hábil movimento do pulso, arrancando-lhe o bastão coberto de espigões, que caiu ruidosamente nas pedras da calçada. Amigos e inimigos pararam para os ver lutar, abrindo um espaço em torno deles. O corvo voava em círculos por cima deles, guinchando e praguejando no tom áspero da sua espécie.

Roran nunca vira uma luta assim. Os golpes de Islanzadí e de Barst eram demasiado rápidos para se conseguirem distinguir – nada mais que uma mancha indistinta – e o som do choque das armas sobrepunha-se a todos os outros ruídos na cidade.

Barst tentou, repetidas vezes, esmagar Islanzadí com o bastão, da mesma forma que esmagara os outros elfos. Mas ela era demasiado rápida, revelando-se suficientemente forte para aparar os seus golpes sem qualquer dificuldade, com igual força. Roran deduziu que os outros elfos a estivessem a ajudar, pois ela parecia não se cansar, apesar dos seus esforços.

Um Kull e dois elfos reuniram-se a Islanzadí, mas Barst não lhes deu atenção a não ser para os matar, um por um, logo que cometeram o erro de se aproximarem demasiado.

Roran deu consigo a agarrar a coluna com tanta força que começou a sentir câibras nas mãos.

Passaram-se alguns minutos e Islanzadí e Barst continuavam a lutar, para trás e para diante, na rua. A rainha elfo era maravilhosa, em movimento – rápida, ágil, poderosa – e, ao contrário de Barst, não podia cometer – nem cometeu – um único erro, pois as suas defesas não a podiam proteger. A admiração de Roran por Islanzadí aumentava a cada minuto que passava e ele sentiu estar a assistir a um combate sobre o qual se iria cantar durante séculos.

O corvo mergulhava frequentemente sobre Barst, tentando distraí-lo de Islanzadí, mas Barst ignorou a ave depois das suas primeiras tentativas, sabendo que a criatura enlouquecida não lhe poderia tocar e que lhe era difícil manter-se longe do bastão.

O corvo parecia frustrado, pois guinchava mais alto e mais frequentemente, e mostrava-se mais ousado nos ataques, que o aproximavam cada vez mais do pescoço e da cabeça de Barst.

Finalmente, quando a ave voltou a picar voo em direção a Barst, este torceu o bastão para cima, desviando-o do seu curso em pleno ar, e atingiu o corvo na asa direita. A ave guinchou de dor e caiu uns trinta centímetros em direção ao solo, antes de lutar para se elevar no ar.

Barst voltou a tentar atingir o corvo, mas Islanzadí deteve o bastão com a espada e os dois ficaram frente a frente, de armas cruzadas em cima, Islanzadí com a lâmina da espada presa em cunha contra os rebordos do bastão.

Elfos e humanos baloiçavam-se uns contra os outros. Nenhuma das partes conseguia ganhar vantagem sobre a outra. Depois a rainha Islanzadí gritou uma palavra na língua antiga e as suas armas chocaram, projetando um clarão de luz brilhante.

Roran franziu os olhos e protegeu-os com a mão, desviando o olhar.

Durante um minuto, tudo o que se ouviu foram os gritos dos feridos e um som metálico, semelhante a um sino, e que se tornou cada vez mais intenso até se revelar praticamente insuportável. Mais ao lado, Roran viu o homem-gato com Angela a encolher as orelhas franjadas, tapando-as com as patas.

Quando o som atingiu o seu auge de intensidade, a lâmina da espada de Islanzadí rachou-se e a luz dissipou-se, tal como o ruído do sino.

Depois, a rainha elfo atacou o rosto de Barst com a ponta partida da espada e disse:

– Assim te amaldiçoo, Barst, filho de Berengar!

Barst deixou a espada bater nas suas defesas e depois brandiu mais uma vez o bastão, atingindo a rainha Islanzadí entre o pescoço e o ombro. E ela caiu no chão, com o sangue a manchar-lhe a armadura dourada de cota de escamas.

Tudo ficou em silêncio.

O corvo branco voou uma vez, em círculo, sobre o corpo de Islanzadí, e deixou escapar um guincho lamentoso. Depois voou lentamente, em direção à brecha da muralha exterior, com as penas da asa ferida vermelhas e amachucadas.

Um grande lamento ecoou entre os Varden e os homens que estavam nas ruas largaram as armas e fugiram. Os Elfos gritaram de dor e de fúria – um som horrível –, e todos os que estavam armados de arcos começaram a disparar flechas sobre Barst, mas estas irrompiam em chamas antes de o atingirem. Uma dúzia de elfos atacaram-no, mas Barst atirou com eles como se fossem crianças. Outros cinco elfos correram para o recinto, ergueram o corpo de Islanzadí e transportaram-na sobre os escudos em forma de folha.

Uma sensação de incredibilidade apossou-se de Roran. Islanzadí era quem ele menos esperava que morresse, de entre todos. Olhou, de relance, para os homens que fugiam, amaldiçoando a sua traição e a sua cobardia. Depois voltou a olhar para Barst, que reorganizava as tropas, preparando-se para expulsar os Varden e os seus aliados de Urû'baen.

O fosso no estômago de Roran aumentou. Os Elfos talvez continuassem a lutar, mas os homens, os Anões e os Urgals já não estavam interessados. Via-se nas suas expressões. Iriam destroçar-se e bater em retirada, e Barst iria chaciná-los, às centenas, pelas costas. Roran tinha a certeza de que Barst não se iria ficar pelas muralhas de cidade. Ele avançaria pelos campos, para lá das muralhas, e perseguiria os Varden até ao acampamento, dispersando e matando tantos quantos pudesse.

Era o que ele próprio faria.

Pior do que isso: se Barst alcançasse o acampamento, Katrina ficaria em perigo e Roran não tinha ilusões sobre o que lhe aconteceria, se os soldados a apanhassem.

Roran olhou para as mãos ensanguentadas. “Barst tinha de ser detido. Mas como?” Deu voltas à cabeça, pensando em tudo o que sabia acerca de magia até que, finalmente, se lembrou do que sentira quando os soldados o seguraram e lhe bateram.

Respirou fundo, tremulamente.

Havia uma forma, mas era perigosa, terrivelmente perigosa. Se fizesse o que tinha em mente, sabia que poderia não voltar a ver Katrina, muito menos o seu filho por

nascer. Contudo, essa evidência trouxe-lhe uma certa paz. Trocar a sua vida pela deles, era uma troca justa e, se ao mesmo tempo, pudesse ajudar a salvar os Vården, sacrificá-la-ia de bom grado.

“Katrina...”

A decisão era fácil.

Ergueu a cabeça e aproximou-se da herbanária. Ela parecia tão chocada e abalada pela dor como qualquer um dos Elfos. Roran tocou-lhe no ombro com a borda do escudo e disse-lhe:

– Preciso da tua ajuda.

Ela fitou-o com os olhos vermelhos.

– O que tencionas fazer?

– Matar Barst. – As suas palavras chamaram a atenção de todos os guerreiros em redor.

– Não, Roran! – exclamou Horst.

A herbanária acenou com a cabeça.

– Ajudarei como puder.

– Ótimo. Quero que vás buscar Jörmundur, Garzhvog, Orik, Grimr e um dos elfos que ainda tenha alguma autoridade.

A mulher de cabelo encaracolado fungou e limpou os olhos.

– Onde queres que eles se encontrem contigo?

– Aqui mesmo. Despacha-te, antes que fujam mais homens!

Angela acenou com a cabeça e afastou-se com o homem-gato, caminhando junto dos edifícios para se proteger.

– Roran – disse Horst, agarrando-lhe no braço –, o que tens em mente?

– Não vou enfrentá-lo sozinho, se é isso que estás a pensar – disse Roran, acenando em direção a Barst.

Horst pareceu um tanto aliviado.

– Então o que vais fazer?

– Verás.

Alguns soldados armados de piques subiram os degraus do edifício a correr, mas os Anões ruivos que se tinham reunido às tropas de Roran contiveram-nos facilmente, beneficiando mais uma vez da vantagem da altura sobre os seus adversários.

Enquanto os Anões lutavam com os soldados, Roran aproximou-se de um elfo que estava ali perto – de dentes arreganhados – a esvaziar a sua aljava a uma velocidade prodigiosa, disparando flechas em arco na direção de Barst. É claro que nenhuma atingiu o alvo.

– Basta! – disse Roran. Ao ver que o elfo o ignorara, Roran agarrou-lhe na mão direita – a mão que empunhava o arco – e puxou-a para o lado. – Eu disse basta! Poupa as tuas flechas.

Ouviu-se um rosnido e Roran sentiu uma mão em torno da garganta.

– Não me toques, humano.

– Escuta! Eu posso ajudar-te a matar Barst. Mas... larga-me!

Segundos depois, os dedos que apertavam o pescoço de Roran, afrouxaram a pressão.

– Como, Martelo de Ferro? – A sede de sangue na voz do elfo contrastava com as lágrimas que lhe escorriam pelas faces.

– Descobrirás dentro de um minuto, mas primeiro tenho uma pergunta a fazer-te. Porque não conseguem matar Barst com as vossas mentes? Ele é apenas um e vocês são muitos.

Uma expressão angustiada surgiu no rosto do elfo.

– Porque a sua mente está escondida!

– Como?

– Não sei. Não conseguimos sentir os seus pensamentos. É como se houvesse uma redoma em torno da mente dele. Não conseguimos ver nada no interior da redoma, nem conseguimos penetrá-la.

Roran já esperava uma resposta desse tipo.

– Obrigado – agradeceu ele e o elfo curvou ligeiramente a cabeça em sinal de reconhecimento.

Garzhvog foi o primeiro a alcançar ao edifício. Saiu de uma rua próxima, subiu os degraus com dois grandes passos e virou-se, rugindo aos trinta soldados que o seguiam. Ao verem o Kull a salvo entre amigos, os soldados recuaram cautelosamente.

– Martelo de Ferro – exclamou Garzhvog –, tu chamaste-me e eu vim.

Passados alguns minutos, os outros que Roran mandara a herbanária procurar chegaram ao grande edifício de pedra. O elfo que se apresentou tinha cabelo prateado e Roran vira-o várias vezes na companhia de Islanzadí. Lord Däthedr era o seu nome. Reuniram-se os seis entre as colunas estriadas. Todos eles estavam ensanguentados e exaustos.

– Eu tenho um plano para matar Barst – disse Roran –, mas preciso da vossa ajuda e temos pouco tempo. Posso contar convosco?

– Depende do plano – disse Orik. – Primeiro, fala-nos dele.

Roran explicou-o o mais rapidamente possível. Quando terminou perguntou a Orik:

– Os vossos operadores conseguem apontar as catapultas e as balistas com o rigor necessário?

O anão pigarreou.

– Da forma como os humanos constroem as suas máquinas de guerra, não. Conseguimos lançar uma pedra com um desvio de seis metros do alvo. Mais perto do que isso, será apenas por sorte.

Roran olhou para o elfo Lord Däthedr.

– Os outros da tua espécie alinharão contigo?

– Irão obedecer às minhas ordens, Martelo de Ferro, não duvides.

– Então mandarás alguns dos teus feiticeiros acompanhar os Anões para guiarem as pedras?

– Não há garantias de sucesso. Os feitiços podem facilmente falhar ou correr mal.

– Teremos de correr esse risco. – Roran passou os olhos pelo grupo. – Por isso, volto a perguntar: posso contar convosco?

Um novo coro de gritos explodiu lá fora, junto das muralhas da cidade, enquanto Barst abria caminho por entre um grupo de homens, à bastonada.

Garzhvog foi o primeiro a responder, para surpresa de Roran.

– A batalha enlouqueceu-te, Martelo de Ferro, mas eu alinho contigo – disse ele, com um ruc-ruc, que Roran associou a uma gargalhada. – Conquistaremos grande glória ao matar Barst.

Depois, Jörmundur disse:

– Eu também alinho contigo, Roran. Creio que não temos alternativa.

– De acordo – disse Orik.

– De acorrido – disse Grímmr, o rei dos homens-gato, alongando a palavra com um rosnido gutural.

– Então vão! – disse Roran. – Já sabem o que têm de fazer! Vão!

Quando os outros partiram, Roran reuniu os seus guerreiros e revelou-lhes o plano. Agacharam-se entre as colunas e esperaram. Demoraram três ou quatro minutos – tempo precioso durante o qual Barst e os seus soldados continuaram a empurrar os Varden para a brecha da muralha exterior – mas, depois, Roran viu grupos de Anões e Elfos a correrem para as doze balistas e catapultas mais próximas, nas muralhas, desembaraçando-se dos soldados que as manobravam.

Passaram-se mais alguns minutos de tensão. Orik subiu apressadamente os degraus do edifício, juntamente com trinta dos seus Anões, e disse a Roran:

– Eles estão prontos!

Roran acenou com a cabeça e disse a todos os que estavam com ele:

– Assumam as vossas posições!

Os guerreiros que restavam no seu batalhão formaram-se numa cunha cerrada, com Roran à frente e os Elfos e os Urgals imediatamente atrás. Orik e os seus Anões ficaram à retaguarda.

Assim que todos os guerreiros ocuparam as respetivas posições, Roran gritou:

– Avante! – E desceu os degraus a correr, avançando para o meio dos soldados inimigos, consciente de que o resto do grupo o seguia de perto.

Os soldados não estavam à espera do ataque, afastando-se diante de Roran como a água na quilha de um navio.

Um homem tentou bloquear o caminho a Roran e este fê-lo um olho, sem se deter.

A cerca de quinze metros de Barst, que estava de costas para eles, Roran parou, tal como os guerreiros atrás de si. Depois, dirigindo-se a um dos Elfos, ele disse:

– Faz com que toda a gente na praça me oiça.

O elfo murmurou algo na língua antiga e disse:

– Já está.

– Barst! – gritou Roran, ficando aliviado ao ouvir a sua voz ecoar por todo o recinto da batalha. O combate nas ruas parou, salvo algumas escaramuças individuais que ocorriam aqui e ali.

O suor escorria-lhe pela testa e o coração martelava-lhe o peito, mas Roran combateu o medo:

– Barst! – gritou ele, de novo, batendo com a espada na parte da frente do escudo. – Vira-te e luta comigo, meu canalha pejado de larvas!

Um soldado correu para ele, mas Roran aparou-lhe a espada e derrubou-o com um movimento simples, matando-o com duas estocadas rápidas. Depois, arrancou a lança do corpo do soldado e voltou a chamar:

– Barst!

A figura corpulenta e pesada virou-se lentamente para ele. Ao olhá-lo mais de perto, Roran viu uma inteligência matreira nos olhos de Barst e um sorriso desdenhoso a arrepanhar-lhe cantos de uma boca infantil. O pescoço dele era da grossura da sua coxa e os músculos nodosos dos braços destacavam-se por baixo da cota de malha. Os reflexos do seu peito de armas saliente continuavam a prender o olhar de Roran, apesar dos esforços para os ignorar.

– Barst! O meu nome é Roran, Martelo de Ferro, primo de Eragon, Aniquilador de Espetros! Atreve-te a lutar comigo, ou deixa que todos os presentes te julguem um cobarde.

– Nenhum homem me assusta, Martelo de Ferro, ou deverei dizer Sem Martelo? É que não vejo martelo algum contigo.

Roran empertigou-se.

– Não preciso de um martelo para te matar, meu lambe-botas sem barba.

– Ai não? – O sorriso de Barst alargou-se. – Deem-nos espaço! – gritou ele, brandindo o bastão aos soldados e aos Varden.

Os exércitos recuaram, produzindo um rumor suave de milhares de pés a andarem para trás, e abriram uma grande área circular em torno de Barst. Este apontou o bastão a Roran:

– Galbatorix falou-me de ti, Sem Martelo, e disse-me que te deveria partir todos os ossos do corpo antes de te matar.

– E se em vez disso for eu a partir os teus? – reagiu Roran.

“Agora!”, pensou ele, concentrando-se tanto quanto possível e gritando para a escuridão em torno da sua mente, na esperança de que os Elfos e os outros feiticeiros estivessem a ouvir, tal como o prometido.

Barst franziu o sobrolho e abriu a boca, mas antes que conseguisse falar, um ruído grave e sibilante ecoou sobre a cidade. Seis projéteis de pedra – cada um do tamanho de um barril – saíram disparados das catapultas das muralhas, sobrevoando as casas. Junto dos projéteis vinham meia dúzia de azagaia.

Cinco das pedras aterraram em cheio em cima de Barst. A sexta falhou, saltando pela praça como um seixo sobre a água, e derrubou homens e Anões.

As pedras racharam-se e explodiram ao atingirem as proteções de Barst, projetando fragmentos em todas as direções. Roran escondeu-se atrás do escudo e quase caiu ao ser atingido por um pedaço de pedra do tamanho de um punho, que bateu no escudo e lhe contundiu o braço. As azagaia desapareceram num clarão de chamas amarelas, projetando um brilho macabro nas nuvens de pó que flutuavam, no local onde Barst estava.

Assim que percebeu que não havia perigo, Roran olhou por cima do escudo.

Barst estava prostrado de costas, no meio do entulho, com o bastão caído no chão, a seu lado.

– Apanhem-no! – gritou Roran, correndo para a frente.

Muitos dos Varden correram na direção de Barst, mas os soldados com quem tinham estado a lutar gritaram e atacaram-nos, impedindo-os de dar mais do que alguns passos. Ouviu-se um rugido e ambos os exércitos voltaram a defrontar-se, inflamados de uma raiva desesperada.

Enquanto isso, Jörmundur emergiu de uma rua lateral, conduzindo uma centena de homens que mobilizara nas franjas do combate. Ele e os que o acompanhavam ajudariam a conter a turba de combatentes, enquanto Roran e os outros lidavam com Barst.

Do lado oposto da praça, Garzhvog e seis outros Kull saíram a correr de trás das casas onde se tinham abrigado. O chão estremeceu com os seus passos pesados e tanto os homens do Império como os Varden se desviaram apressadamente do seu caminho.

Depois, centenas de homens-gato – a maioria na forma animal – irromperam do corpo principal da contenda, correndo pelas pedras da calçada, de dentes arreganhados, direitos ao local onde Barst estava caído.

Barst começava a mexer-se quando Roran o alcançou. Este agarrou na lança com ambas as mãos e atacou o pescoço de Barst.

A lâmina da arma parou a trinta centímetros e a ponta dobrou-se, partindo-se, como se tivesse embatido num bloco de granito.

Roran praguejou e continuou a tentar golpeá-lo tão depressa quanto possível, impedindo que o Eldunari escondido dentro do peito de armas de Barst recuperasse a sua força.

Barst rosnou.

– Depressa! – gritou Roran aos Urgals.

Assim que se aproximaram o suficiente, Roran saltou para o lado, dando todo o espaço necessário aos Kull, e os enormes Urgals começaram a golpeá-lo. As suas proteções bloqueavam os golpes mas os Kull continuaram a atacá-lo. O ruído era ensurdecedor.

Homens-gato e Elfos reuniram-se em torno de Roran.

Roran tinha uma vaga noção de que os homens que trouxera consigo estavam atrás, a tentar conter os soldados, juntamente com os homens de Jörmundur.

Quando começou a pensar que as proteções de Barst jamais iriam ceder, um dos Kull deu um grito triunfante e Roran viu o machado da criatura roçar na parte da

frente da armadura de Barst, amolgando-a.

– Outra vez! – gritou Roran. – Agora! Matem-no!

O Kull desviou o machado e Garzhvog brandiu o seu bastão revestido de ferro, na direção da cabeça de Barst.

Roran viu uma série de movimentos confusos e depois ouviu uma pancada seca. O bastão atingira o escudo com que Barst se cobrira para se proteger.

“Raios!”

Antes que os Urgals o conseguissem atacar de novo, Barst rebolou contra as pernas de um Kull e a sua mão prendeu-lhe a parte de trás do joelho direito. O Kull gritou de dor e saltou para trás, arrastando Barst para fora do grupo.

Os Urgals e os Elfos voltaram a cercar Barst e, por instantes, parecia que o dominariam.

Depois, um dos elfos foi projetado pelo ar, com o pescoço torcido num ângulo estranho e um Kull tombou de lado, gritando na sua língua nativa. Tinha um osso saído do antebraço esquerdo. Garzhvog rugiu e saltou para trás, com sangue a jorrar-lhe de um buraco do tamanho de um punho, de um dos lados do corpo.

– Não! – gritou Roran, gelado. Não pode acabar assim. Eu não vou permitir!

Depois gritou e correu para diante, esgueirando-se por entre os dois gigantes Urgals. Mal teve tempo de olhar para Barst – ensanguentado e enraivecido, com o escudo numa mão e a espada na outra –, pois este atingiu-o com escudo no flanco esquerdo.

Roran ficou sem ar nos pulmões. O céu e a terra giraram em torno dele e ele sentiu a cabeça protegida pelo elmo saltar contra as pedras da calçada.

Mesmo depois de se imobilizar, o mundo pareceu continuar a girar.

Deixou-se ficar onde estava, durante algum tempo, tentando respirar. Por fim conseguiu encher os pulmões de ar, sentindo-se mais grato que nunca por conseguir respirar. Depois arfou e uivou de dor. Tinha o braço esquerdo dormente, mas todos os outros músculos e tendões ardiam-lhe.

Tentou erguer-se, mas voltou a cair sobre o estômago, demasiado tonto e dorido para se levantar. Diante de si havia um fragmento amarelado de pedra, raiado de veios serpenteantes de ágata vermelha. Ficou a olhá-lo, ofegante, e durante todo esse tempo a única coisa em que pensava era: “Tenho de me levantar. Tenho de me levantar. Tenho de me levantar...”

Quando achou que estava preparado, voltou a tentar levantar-se, mas o braço esquerdo recusava-se a colaborar, por isso teve de se apoiar apenas no direito. Com alguma dificuldade, conseguiu apoiar as pernas no chão e erguer-se lentamente, a tremer, incapaz de respirar com normalidade.

Ao endireitar-se sentiu algo a repuxar-lhe o ombro direito e Roran gritou em silêncio. Era como se tivesse uma faca incandescente enterrada na articulação. Olhou para baixo e viu que tinha o braço deslocado. Tudo o que restava do seu escudo era uma prancha estilhaçada, agarrada à correia que estava presa ao seu antebraço.

Roran virou-se, à procura de Barst e viu-o a trinta metros de distância, coberto de homens-gato de garras de fora.

Satisfeito por ver que Barst teria o que fazer durante alguns segundos, Roran voltou a olhar para o braço deslocado. A princípio não conseguiu lembrar-se do que a sua mãe lhe ensinara, mas depois voltou a ouvir as suas palavras, distantes e esbatidas pelo tempo, e tirou os restos do escudo.

– Cerra o punho – murmurou Roran, fechando a mão esquerda. – Dobra o braço com o punho a apontar para fora. – Roran assim fez, embora a dor piorasse. – Vira o braço para fora, afastando-o do... – Praguejou alto ao sentir o ombro ranger, repuxando-lhe anormalmente os tendões e os músculos. Continuou a virar o braço, de punho cerrado, e segundos depois o osso voltou a encaixar-se na articulação.

O alívio foi imediato. Ainda sentia dores pelo corpo todo – especialmente ao fundo das costas e nas costelas – mas, pelo menos, poderia usar de novo o braço e a dor não era propriamente excruciante.

Depois voltou a olhar para Barst e o que viu agonizou-o.

Barst estava de pé, rodeado de homens-gato mortos. O seu peito de armas, amolgado, estava manchado de sangue e havia tufos de pelo agarrados ao bastão que apanhara do chão. Tinha arranhões fundos nas faces e a manga direita da cota de malha estava rasgada, mas, tirando isso, parecia incólume. Os poucos homens-gato que ainda o enfrentavam tinham o cuidado de se manter à distância, pelo que Roran ficou com a impressão de que estavam prestes a dar meia-volta, fugindo. Atrás de Barst estavam os corpos dos Kull e dos Elfos com quem lutara. Todos os guerreiros de Roran pareciam ter desaparecido, vendo apenas soldados em seu redor, junto de Barst e dos homens-gato: uma massa fervente de túnicas carmesim, homens a empurrarem-se e a acotovelarem-se nos redemoinhos da batalha.

– Abatam-no! – gritou Roran, mas ninguém parecia ouvi-lo.

Barst, contudo, ouviu e aproximou-se pesadamente de Roran.

– Sem Martelo! – gritou ele. – Vou arrancar-te a cabeça por isto!

Roran viu uma lança no chão, ajoelhou-se e apanhou-a, mas ficou tonto com o movimento.

– Quero ver isso! – respondeu, mas as palavras pareciam-lhe vazias, começando a pensar em Katrina e no seu filho ainda por nascer.

Depois, um dos homens-gato – uma mulher de cabelo branco, da altura do seu cotovelo – correu para diante, golpeando Barst ao longo da coxa direita.

Barst rosnou e virou-se, mas a mulher-gato já estava a recuar bufando. Barst esperou mais um momento para se assegurar de que ela não iria incomodá-lo mais, e depois continuou a avançar na direção de Roran, agora a coxear, pois o seu ferimento mais recente agravara-lhe o defeito no andar. Tinha a perna coberta de sangue.

Roran humedeceu os lábios, incapaz de desviar os olhos do inimigo que se aproximava. Tinha apenas uma lança e estava sem escudo. Não conseguiria correr mais que Barst e não tinha qualquer hipótese de igualar a sua força nem a sua rapidez sobrenatural. E também não tinha ninguém por perto para o ajudar.

Era uma situação insustentável, mas Roran recusava-se a admitir a derrota. Já desistira uma vez e jamais o voltaria a fazer, ainda que a razão lhe dissesse que ele estava prestes a morrer.

Depois Barst atacou-o e Roran tentou golpeá-lo no joelho direito, na esperança desesperada de o incapacitar. Barst aparou a lança com o bastão, brandindo-o depois na direção de Roran.

Roran previu o contra-ataque e recuou tão depressa quanto possível. Uma rajada de vento fustigou-lhe o rosto, quando o topo do bastão lhe passou a escassos centímetros da pele.

Barst mostrou os dentes, sorrindo-lhe ameaçadoramente, e estava prestes a atacá-lo de novo, quando uma sombra vinda de cima o encobriu. Barst olhou para cima.

O corvo branco de Isralzadí precipitou-se do céu e aterrou no rosto de Barst. A ave guinchava furiosa, dando-lhe bicadas e arranhando-o com as garras. Roran ficou atônito ao ouvir o corvo dizer:

– Morre! Morre! Morre!

Barst praguejou e deixou cair o escudo, batendo-lhe com a mão livre e partindo-lhe a asa já ferida. Tinha tiras de carne penduradas na testa e o sangue tingia-lhe as faces e o queixo de vermelho.

Roran saltou para a frente, trespassando a outra mão de Barst com a lança, e este largou o bastão.

Depois aproveitou a oportunidade para trespassar a garganta exposta de Barst, mas este agarrou na lança e arrancou-a das mãos de Roran, partindo-a entre os dedos tão facilmente como um ramo fino.

– Agora, vais morrer! – disse Barst, cuspiendo sangue. Tinha os lábios rasgados e o olho direito vazado, mas ainda via do outro que lhe restava.

Ele esticou o braço para Roran, tentando envolvê-lo num abraço mortal. Roran não teria conseguido escapar, mesmo que quisesse, mas quando os braços de Barst se fecharam sobre ele, agarrou-se à cintura e torceu-a com toda a força, exercendo tanta força e tanta pressão quanto possível sobre a perna ferida de Barst, a perna manca.

Barst resistiu durante alguns momentos, mas depois o seu joelho cedeu e ele gritou de dor, caindo para a frente sobre a perna e apoiando-se na mão esquerda.

Roran torceu-se e deslizou por baixo do braço direito de Barst. O sangue no peito de armas de Barst tornou tudo mais fácil, apesar da força imensa.

Roran tentou a agarrar a garganta de Barst por trás, mas ele encolheu o queixo, impedindo-o de firmar as mãos. Por isso, Roran optou por colocar-lhe os braços à volta do peito, esperando conseguir imobilizá-lo até que alguém o ajudasse a matar.

Barst rosnou, atirando-se para um lado, e o ombro ferido de Roran estremeceu com o impacto, fazendo-o gemer de dor. Barst rebolou o corpo três vezes e as pedras da calçada enterraram-se nos braços e nas costas de Roran. Quando o corpo de Barst estava por cima dele, Roran sentiu dificuldade em respirar, mas ainda assim não o largou. Barst agrediu-o de lado, com o cotovelo, e Roran sentiu várias costelas a partirem-se.

Roran cerrou os dentes e contraiu os braços, apertando-o com todas as suas forças.

“Katrina...”, pensou ele.

Barst voltou a atingi-lo com o cotovelo.

Roran uivou e viu clarões de luz, mas apertou-o ainda mais.

Voltou a sentir o cotovelo a atingi-lo de lado, como uma bigorna.

– Não... vais... ganhar... Sem Martelo – rosnou Barst, erguendo-se cambaleante e arrastando Roran consigo.

Ainda que receasse que os seus músculos se separassem dos ossos, Roran apertou-o ainda mais. Gritou, mas não conseguia ouvir a sua voz e sentiu as veias e os tendões a rebentarem.

Depois o peito de armas de Barst afundou-se, cedendo no local onde o Kull o amassara, e ouviu-se um ruído de cristal a partir-se.

– Não! – gritou Barst. Nesse instante, uma luz de um branco luminoso irrompeu pelos rebordos da armadura e ele ficou rígido, como se alguém lhe tivesse esticado os membros com correntes, começando a tremer descontroladamente.

A luz ofuscou Roran, queimando-lhe os braços e o rosto, e ele acabou por largar Barst e cair para o chão, protegendo os olhos com o antebraço.

A luz continuou a jorrar do interior do peito de armas de Barst, até os rebordos de metal ficarem incandescentes. Depois o clarão dissipou-se, deixando o mundo mais escuro do que antes, e o pouco que restava de Lord Barst tombou para trás e ficou a fumegar nas pedras da calçada.

Roran piscou os olhos, olhando para o céu uniforme. Sabia que devia levantar-se pois tinha soldados por perto, mas as pedras da calçada pareciam-lhe macias por baixo do corpo e a única coisa que queria era fechar os olhos e descansar...

Quando voltou a abrir os olhos, viu Orik e Horst e vários Elfos reunidos à volta de si.

– Roran, estás ouvir-me? – disse Horst, olhando-o, preocupado.

Roran tentou falar, mas não conseguia articular as palavras.

– Estás a ouvir-me? Escuta, tens de ficar acordado. Roran! Roran!

Roran voltou a sentir-se mergulhar na escuridão. Era uma sensação reconfortante, como que a embrulhar-se num cobertor macio de lã. O calor inundou-o e a última coisa que recordava era Orik curvado sobre si a entoar algo semelhante a uma oração, na Língua dos Anões.

A DÁDIVA DO SABER

De olhar fixo, Eragon e Murtagh caminharam em círculo, tentando prever como e em que direção se iriam mover. Murtagh parecia estar em excelente forma, mas tinha olheiras escuras e estava pálido. Eragon teve a sensação de que ele passara por uma grande pressão. Usava as mesmas peças de armadura que Eragon: cota de malha, luvas, braçais e caneleiras, mas o seu escudo era mais comprido e mais delgado que o seu. Quanto às espadas, Brisingr tinha a vantagem de ser mais comprida, com um punho de palmo e meio, e Zar’roc, mais pesada pelo facto de ter uma lâmina mais larga.

Começaram a aproximar-se lentamente e, quando estavam a três metros um do outro, Murtagh, que se mantinha de costas para Galbatorix, disse num tom baixo e furioso:

– O que estás a fazer?

– A ganhar tempo – murmurou Eragon, mexendo os lábios o menos possível.

Murtagh franziu o sobrolho.

– És um idiota. Ele vai ficar a ver-nos dar cabo um do outro, mas de que servirá? De nada!

Em vez de responder, Eragon deslocou o peso do corpo para a frente, estremecendo o braço que segurava a espada, e Murtagh vacilou.

– Maldito sejas! – rosnou Murtagh. – Se tivesses esperado apenas mais um dia, eu poderia ter libertado Nasuada.

Eragon ficou surpreendido.

– Porque haveria de acreditar em ti?

Murtagh mostrou-se ainda mais furioso com a pergunta. Revirou os lábios e acelerou o passo, forçando Eragon a apressar-se. Depois, disse mais alto:

– Então, conseguiste finalmente encontrar uma espada decente. Foram os Elfos que a forjaram, não foram?

– Tu sabes que f. . .

Murtagh saltou na direção dele, brandindo Zar’roc para a sua barriga e Eragon recuou, mal aparando o golpe da espada vermelha.

Eragon retaliou com um golpe circular, por cima da cabeça – deixando a mão deslizar até ao pomo de Brisingr, para aumentar o seu poder de alcance – e Murtagh desviou-se.

Fizeram uma pausa, na expectativa de um novo ataque. Ao verem que nenhum o fazia, começaram a andar em círculos. Eragon parecia mais cauteloso.

A avaliar pelo combate inicial, era óbvio que Murtagh continuava tão rápido e forte como Eragon – ou um elfo. A proibição de Galbatorix em relação ao uso de magia parecia não abarcar os feitiços que fortaleciam os membros de Murtagh. Eragon não apreciava o édito do rei por motivos egoístas, mas entendia o seu fundamento; se assim não fosse, o combate dificilmente seria justo.

No entanto, Eragon não queria um combate justo, queria controlar o rumo do duelo para poder decidir quando e como terminaria. Infelizmente, duvidava que lhe fosse dada essa oportunidade, dada a perícia de Murtagh com a espada; e, mesmo que a tivesse, não fazia ideia de como usar o combate para atacar Galbatorix, tão pouco tinha tempo para pensar nisso, embora soubesse que Saphira, Arya e os dragões tentariam descobrir uma solução.

Murtagh fintou-o com o ombro esquerdo e Eragon escondeu-se atrás do escudo. Mas, instantes depois, ele percebeu que fora um stratagem e que Murtagh se estava a deslocar para a sua direita, na tentativa de penetrar nas suas defesas.

Eragon torceu-se e viu Zar’roc descrever um arco na direção do seu pescoço, com o gume cintilante como uma linha de arame, e aparou o golpe, empurrando-a desastrosamente com o guarda-mão de Brisingr. Depois retaliou com um golpe rápido no antebraço de Murtagh, atingindo-o na parte lateral do pulso, para seu deleite. Brisingr não lhe cortou a luva, nem a manga da túnica, mas o impacto magoou Murtagh, que afastou o braço do corpo, deixando-lhe o peito exposto.

Eragon golpeou-o e Murtagh aparou o ataque com o escudo. Eragon atacou-o mais três vezes, mas Murtagh aparou todos os golpes e, quando Eragon encolheu o braço para o voltar a atacar, contra-atacou com um golpe enviesado na direção do joelho, que o teria incapacitado se o tivesse atingido.

Percebendo as intenções de Murtagh, Eragon alterou o curso da sua arma e deteve Zar’roc a pouco mais de dois centímetros da perna, contra-atacando com outro golpe.

Trocaram golpes durante vários minutos, disputando o ritmo um do outro, mas sem sucesso. Conheciam-se demasiado bem. O que quer que Eragon tentasse fazer, Murtagh contrariava e vice-versa. Era como um jogo em que ambos tinham de prever antecipadamente várias jogadas, o que alimentava em Eragon uma sensação de intimidade, sempre que se empenhava em desvendar a mente de Murtagh e, a partir dela, prever o que faria.

Desde o início que Eragon reparara que Murtagh estava a lutar de forma diferente, atacando-o com uma brutalidade que nunca estivera presente, como se, pela primeira vez, quisesse derrotar Eragon o mais rapidamente possível. Além disso, depois da explosão inicial, a sua raiva parecera dissipar-se, dando lugar a uma fria e implacável determinação.

Eragon deu consigo a lutar nos limites da sua capacidade e, embora conseguisse defender-se de Murtagh, tinha acabado por assumir uma postura mais defensiva do que seria do seu agrado.

Algum tempo depois, Murtagh baixou a espada e virou-se na direção do trono e de Galbatorix.

Eragon não baixou a guarda, hesitando, sem saber se seria conveniente atacar. E Murtagh aproveitou esse momento de hesitação e saltou na direção dele. Eragon ficou onde estava e golpeou-o. Murtagh aparou o golpe com o escudo mas depois, em vez de contra-atacar como Eragon esperava, bateu-lhe com o escudo, empurrando-o.

Eragon rosnou e empurrou-o também. Teria contornado o escudo para o golpear nas costas ou nas pernas, mas Murtagh empurrava-o com demasiada força para correr esse risco. Murtagh era uns cinco centímetros mais alto do que ele e a estatura permitia-lhe exercer peso sobre o escudo de Eragon, forçando-o a deslizar para trás, sobre o chão polido, sem que Eragon o conseguisse evitar.

Por fim, com um rugido e um empurrão forte, Murtagh atirou com Eragon para trás e, enquanto este tentava recuperar o equilíbrio, Murtagh tentou golpeá-lo no pescoço.

– Letta! – disse Galbatorix e a ponta de Zar’roc parou a menos de um dedo da pele de Eragon.

Eragon ficou paralisado, ofegante, sem perceber o que se passara.

– Controla-te, Murtagh, ou fã-lo-ei eu por ti – disse Galbatorix, do local onde estava a assistir. – Detesto ter de me repetir. Não podes matar Eragon, nem ele te pode matar a ti. . . Agora, prossigam!

A constatação de que Murtagh acabara de o tentar matar e de que o teria conseguido se não fosse a intervenção de Galbatorix, chocou-o. Sondou o rosto de Murtagh em busca de uma explicação, mas este mantinha-se teimosamente impassível, como se Eragon pouco ou nada significasse para si.

Eragon não entendia. Murtagh estava definitivamente a jogar de forma diferente do que era suposto. Algo mudara nele, embora Eragon não percebesse o quê.

Além disso, a evidência de que fora derrotado – e que, pela ordem natural das coisas, deveria estar morto – abalou a confiança de Eragon. Tinha enfrentado a

morte muitas vezes, mas nunca de uma forma tão extrema e intransigente. Era indiscutível: Murtagh vencera-o e só a compaixão de Galbatorix – por muito questionável que fosse – o salvara.

Não fiques a matutar nisso, Eragon, disse-lhe Arya. Tu não tinhas motivos para desconfiar que ele iria tentar matar-te, nem estavas a tentar matá-lo. Se estivesses, o combate teria corrido de outra forma e Murtagh nunca teria tido a hipótese de te atacar como atacou.

Hesitante, Eragon olhou para o local onde ela estava, no limiar da poça de luz, juntamente com Elva e Saphira. Depois Saphira disse:

Se ele quer rasgar-te a garganta, corta-lhe os tendões para teres a certeza de que não voltará a fazê-lo.

Eragon acenou com a cabeça, confirmando que ouvira o que as duas tinham acabado de dizer.

Ele e Murtagh separaram-se e voltaram a ocupar posições opostas, e Galbatorix olhou-os aprovadoramente.

Desta vez Eragon foi o primeiro a atacar.

A luta pareceu prolongar-se durante horas e Murtagh não voltou a desferir golpes mortíferos. Eragon, por sua vez – e para sua satisfação – conseguiu atingir Murtagh na clavícula, embora tivesse interrompido o golpe antes que Galbatorix julgasse conveniente ser ele próprio a fazê-lo. O golpe pareceu abalar Murtagh e Eragon sorriu brevemente com a sua reação.

Houve também outros golpes que nenhum conseguiu aparar, pois nem ele nem Murtagh eram infalíveis, por muito rápidos e hábeis que fossem. E, na ausência de fórmulas fáceis para terminar o combate, era inevitável que ambos cometessem erros e que estes resultassem em ferimentos.

O primeiro ferimento foi um golpe de Murtagh na coxa direita de Eragon, no intervalo entre a bainha da cota de malha e a parte de cima da perneira. O golpe era superficial, mas extraordinariamente doloroso, e, sempre que Eragon assentava o peso do corpo sobre a perna, o ferimento sangrava.

Foi também Eragon que sofreu o segundo ferimento: um lenho por cima da sobranceira. Murtagh desferiu-lhe um golpe no elmo e este cortara-lhe a pele. Dos dois ferimentos, o segundo era de longe o mais irritante, pelo facto de estar constantemente a escorrer-lhe sangue para o olho, obstruindo-lhe a visão.

Depois, Eragon voltou a atingir Murtagh no pulso, mas desta vez cortou-lhe o punho da luva, a manga da túnica e a fina camada de pele até ao osso. Não lhe cortou nenhum músculo, mas o ferimento parecia bastante doloroso para Murtagh, e o sangue que lhe escorria da luva fê-lo largar a espada, pelo menos duas vezes.

Eragon golpeou Murtagh na barriga da perna direita e, depois, – enquanto este recuperava de um ataque fracassado – deslocou-se para o lado do seu escudo e atacou-o com Brisingr, golpeando-lhe a perneira esquerda com toda a força, e amolgando-a a meio.

Murtagh gritou e saltou para trás, sobre uma perna, e Eragon continuou a brandir Brisingr, tentando atirá-lo ao chão. Mas Murtagh conseguiu defender-se, apesar do ferimento, e, segundos depois, foi Eragon que teve dificuldades em manter-se de pé.

Os escudos resistiram aos golpes implacáveis, durante algum tempo – Eragon concluiu, com satisfação, que Galbatorix deixara intactos os encantamentos das suas espadas e armaduras –, mas entretanto os feitiços do escudo de Eragon começaram a enfraquecer, tal como os de Murtagh – o que se tornou evidente pelas lascas que voavam sempre que as espadas embatiam neles. E, pouco depois, Eragon rachou o escudo de Murtagh com um golpe particularmente violento. Mas a vitória foi fugaz, pois Murtagh agarrou firmemente em Zar’roc com ambas as mãos, atingindo duas vezes consecutivas o escudo de Eragon, que também se rachou, deixando-os mais uma vez em igualdade de circunstâncias.

À medida que lutavam, a pedra por baixo deles começava a ficar escorregadia, com as manchas e os salpicos de sangue, pelo que se tornava cada vez mais difícil manterem o equilíbrio. A enorme sala de audiências devolvia-lhes ecos distantes do choque das suas armas, como os sons de uma batalha há muito esquecida. Era como se fossem o centro do mundo, pois havia luz apenas onde se movimentavam e estavam ambos sozinhos dentro dela.

Entretanto, Galbatorix e Shruikan continuavam a observá-los no limiar das sombras.

Sem o escudo, Eragon tinha mais facilidade em atingir Murtagh – especialmente nos braços e nas pernas –, tal como Murtagh tinha mais facilidade em atingi-lo a ele. De uma maneira geral, as armaduras protegiam-nos dos golpes, mas não dos inúmeros hematomas e nódos negros que iam sofrendo.

Apesar dos ferimentos que infligiu em Murtagh, Eragon começou a desconfiar que o seu adversário era quem melhor manejava a espada. A diferença não parecia grande, mas era o suficiente para que Eragon jamais conseguisse ficar em vantagem. Se o rumo do duelo se mantivesse, Murtagh acabaria por esgotá-lo, até que ele ficasse demasiado ferido ou cansado para prosseguir, um desfecho que parecia aproximar-se a olhos vistos. A cada passo que dava, Eragon sentia o sangue a jorrar-lhe sobre o joelho, do golpe na coxa, tomando-se cada vez mais difícil defender-se.

Eragon teria de acabar com o duelo imediatamente, de contrário não conseguiria defrontar Galbatorix mais tarde. Nas presentes circunstâncias ele já tinha sérias dúvidas de que representasse um grande desafio para o rei, mas precisava de tentar. Pelo menos tinha de tentar.

O cerne da questão era que os motivos por que Murtagh lutava constituíam um mistério para si e este continuaria a apanhá-lo de surpresa, a menos que ele os desvendasse.

Eragon recordou o que Glaedr lhe dissera fora de Dras-Leona:

Tens de aprender a observar o que vês. E também: O método do guerreiro é o método do saber.

Por isso, olhou para Murtagh com a mesma intensidade com que olhara para Arya, durante os seus combates amigáveis, e se estudara a si mesmo durante a sua longa noite de introspecção em Vroengard, procurando decifrar a linguagem escondida no corpo de Murtagh.

E não foi mal-sucedido de todo. Era óbvio que Murtagh estava exausto e consumido, e que a forma como arqueava os ombros revelava um ódio profundamente enraizado, ou talvez medo, quem sabe. Havia também a questão da sua desumanidade, o que não era nada de novo, mas que se revelava pela primeira vez em relação a Eragon. Apercebeu-se de todas essas coisas e de outros detalhes mais subtils, esforçando-se depois para os conciliar com o que tinha aprendido acerca de Murtagh no passado, a sua amizade, a sua lealdade e o seu ressentimento em relação ao controlo de Galbatorix.

Segundos depois – momentos esgotantes, preenchidos por dois golpes desastrosos que lhe valeram mais uma nódoa negra no cotovelo –, Eragon teve consciência da verdade. E, nessa altura, esta pareceu-lhe óbvia. Devia haver algo na vida de Murtagh, algo que seria afetado pelo combate, de tal forma importante para ele que o compelia a ganhar fosse como fosse, mesmo que isso significasse matar o meio-irmão. O que quer que estivesse em causa – e Eragon tinha as suas suspeitas, umas mais perturbantes do que outras –, Murtagh jamais desistiria. Lutaria como um animal encurralado até ao último fôlego e Eragon jamais o conseguiria derrotar pelos meios convencionais, pois aquele duelo significava mais para Murtagh do que para ele. Para Eragon, o duelo era uma manobra de distração conveniente, e pouco lhe importava quem ganhasse ou perdesse, desde que depois estivesse em condições de enfrentar Galbatorix. Mas para Murtagh significava muito mais do que isso e Eragon sabia, por experiência, que esse tipo de determinação era difícil senão impossível de vencer apenas pela força.

“Como deter um homem que estava determinado a persistir e a vencer, apesar de todos os obstáculos que surgissem no seu caminho?” Essa era a questão que Eragon se devia colocar.

Pareceu-lhe um enigma indecifrável até que, finalmente, percebeu que a única forma de vencer Murtagh era dar-lhe aquilo que ele queria. Para satisfazer o seu próprio desejo, Eragon teria de aceitar a derrota.

Mas não inteiramente. Não podia deixar Murtagh disponível para obedecer às ordens de Galbatorix. Eragon concederia a Murtagh a sua vitória e, depois, conquistaria a sua.

Ao ouvir os seus pensamentos, a angústia e a preocupação de Saphira aumentaram, e ela disse:

Não, Eragon. Tem de haver uma outra forma.

Diz-me qual é, respondeu ele, porque eu não a encontro.

Ela rosnou e Thorn rosnou em resposta, do outro lado da poça de luz.

Usa o bom-senso, disse Arya, e Eragon percebeu o que ela lhe queria dizer.

Murtagh correu para ele e as suas espadas cruzaram-se com um ruído clamoroso. Depois separaram-se e fizeram uma pausa para reunir forças. Quando voltaram a aproximar-se um do outro, Eragon desviou-se para a direita de Murtagh, deixando o braço que empunhava a espada flutuar para longe do seu corpo, como se estivesse exausto ou desatento. Foi um movimento ligeiro, mas ele sabia que Murtagh iria reparar e que iria tentar aproveitar essa abertura que ele lhe dera.

Naquele momento, Eragon não sentia nada. Ainda tinha a noção da dor dos seus ferimentos, mas de uma forma algo remota, como se as sensações não lhe pertencessem. A sua mente era como um lago de águas profundas, num dia sufocante, um lago de águas paradas, mas ainda assim carregado de reflexos. Eragon registava tudo o que via, sem recorrer ao pensamento consciente. Não tinha necessidade de o fazer. Entendia tudo o que tinha diante de si e quaisquer outras reflexões serviriam apenas para o incomodar.

Eragon esperou e Murtagh saltou na sua direção, apontando a espada para o centro da sua barriga.

Eragon virou-se no momento certo. Não se moveu depressa nem devagar, apenas com a rapidez que a situação exigia. O movimento parecia predeterminado, como se fosse o único gesto que ele pudesse fazer.

Em vez de o atingir no ventre, tal como Murtagh pretendia, Zar'roc trespassou-lhe os músculos do seu lado direito, imediatamente por baixo da caixa torácica. O impacto foi como o golpe de um martelo, ouvindo-se um ruído metálico, deslizante, quando Zar'roc atravessou os elos partidos da cota de malha, enterrando-se na carne. Murtagh arquejou mais pela sensação fria do metal do que pela dor.

Atrás de si, a ponta da lâmina repuxou a cota de malha, ao emergir do seu corpo.

Murtagh ficou a olhar, aparentemente surpreendido.

Antes que o adversário conseguisse recuperar, Eragon puxou o braço para trás, enterrando Brisignr no abdómen de Murtagh, junto do umbigo, um ferimento bem pior do que o que acabava de sofrer.

O rosto de Murtagh ficou lânguido e abriu a boca como se fosse falar, Depois caiu de joelhos ainda a segurar Zar'roc.

Thorn rugiu de um lado da sala.

Eragon libertou Brisignr e depois recuou, fazendo um esgar e gritou em silêncio, enquanto Zar'roc deslizava do seu corpo.

Murtagh largou Zar'roc e esta caiu ruidosamente no chão. Depois colocou os braços à volta da cintura e dobrou-se sobre si, encostando a cabeça à pedra polida.

Foi a vez de Eragon olhar, sentindo o sangue quente a escorrer-lhe para o olho.

No trono, Galbatorix disse:

– Naina – e dúzias de lanternas se acenderam por toda a sala, revelando mais uma vez as colunas, os entalhes ao longo das paredes e o bloco de pedra onde Nasuada estava acorrentada.

Eragon cambaleou, aproximando-se de Murtagh, e ajoelhou-se junto dele.

– E Eragon é o vencedor – disse o rei, inundando o enorme salão com a sua voz sonora.

Murtagh olhou para Eragon, com o rosto alagado em suor e desfigurado pela dor.

– Não podias deixar-me ganhar, pois não? – rosnou ele, em voz baixa. – Não consegues vencer Galbatorix, mas mesmo assim tinhas de provar que és melhor do que eu. ... Ah! – Estremeceu e começou a baloiçar-se para trás e para diante, sobre as canelas.

Eragon poitou-lhe a mão no ombro:

– Porquê? – perguntou, sabendo que Murtagh iria entender a pergunta.

Ele respondeu num sussurro quase imperceptível:

– Porque esperava cair nas suas boas graças para a poder salvar. – As lágrimas enevoaram-lhe os olhos e ele desviou o olhar.

Ao ouvir as suas palavras Eragon percebeu que Murtagh dissera a verdade e sentiu-se consternado.

Passaram-se mais alguns momentos e Eragon apercebeu-se de que Galbatorix os observava com interesse.

Depois Murtagh disse:

– Tu enganaste-me.

– Era a única forma.

Murtagh gemeu.

– Foi sempre essa a diferença entre ti e mim – disse ele, olhando para Eragon. – Tu estavas disposto a sacrificar-te e eu não... Nessa altura, não.

– Mas agora, sim.

– Já não sou a mesma pessoa. Agora tenho Thorn e... – Murtagh hesitou, encolhendo os ombros. – Já não é por mim que luto... Isso faz alguma diferença. –

Inspirou superficialmente e retraiu-se. – Achava-te um idiota, por estares sempre arriscar a vida... Mas agora sei que não é assim. Agora entendo... porquê. Agora entendo... – Depois arregalou os olhos e descontraíu o seu rosto franzido, como se tivesse esquecido a dor, e uma luz interior pareceu iluminar-lhe o rosto. – Eu entendo... ambos entendemos – sussurrou ele e Thorn deixou escapar um ruído, num misto de queixume e um rosnido.

Galbatorix mexeu-se no trono, intranquilo, e disse num tom áspero:

– Chega de conversa! O vosso duelo terminou e Eragon venceu. Chegou o momento de os nossos convidados se ajoelharem e me jurarem fidelidade... Aproximem-se os dois. Tratarei dos vossos ferimentos e depois prosseguiremos.

Eragon começou a levantar-se, mas Murtagh agarrou-o pelo antebraço, detendo-o.

– Imediatamente! – disse Galbatorix, unindo as sobranceiras. – Ou deixar-vos-ei a sofrer, até terminarmos.

“Prepara-te”, disse Murtagh a Eragon com um movimento de lábios.

Eragon hesitou, sem saber o que esperar, depois acenou com a cabeça e avisou Arya, Saphira, Glaedr e os outros Eldunarís.

A seguir Murtagh puxou Eragon para o lado, ergueu-se sobre os joelhos, ainda agarrado à barriga, olhou para Galbatorix e gritou a Palavra.

Galbatorix encolheu-se e ergueu a mão como que a proteger-se.

Ainda a gritar, Murtagh disse outras palavras na língua antiga, falando demasiado depressa para que Eragon entendesse o propósito do feitiço.

Clarões vermelhos e negros surgiram no ar, em torno de Galbatorix e, por instantes, o seu corpo pareceu estar envolto em chamas. Ouviu-se um ruído semelhante ao vento de verão a sacudir os ramos de uma floresta de verdura perene. Depois Eragon ouviu uma série de gritos estridentes e viu doze globos de luz surgirem em torno da cabeça de Galbatorix. Os globos voaram para longe dele, passaram através das paredes da câmara e desapareceram. Pareciam espíritos, mas Eragon viu-os durante tão pouco tempo que não teve a certeza.

Thorn virou-se – tão rapidamente como um gato a quem tivessem pisado a cauda – e atirou-se ao enorme pescoço de Shruikan. O dragão negro gritou e recuou, sacudindo a cabeça para tentar libertar-se de Thorn. O som dos seus rugidos era dolorosamente intenso e o chão tremia com o peso dos dois dragões.

As crianças gritaram nos degraus do estrado, tapando os ouvidos com as mãos.

Eragon viu Arya, Elva e Saphira cambalearem para a frente, libertas da magia de Galbatorix. Arya aproximou-se do trono, com a Dauthdaert na mão, e Saphira saltou para onde Thorn estava agarrado a Shruikan. Elva, entretanto, levou a mão à boca e parecia estar a dizer algo para si mesma, mas Eragon não conseguia perceber por causa do ruído dos dragões.

Gotas de sangue do tamanho de punhos precipitaram-se em redor deles, fumegando ao tocarem na pedra.

Eragon levantou-se de onde Murtagh o tinha empurrado e seguiu Arya em direção ao trono.

Depois, Galbatorix disse o nome da língua antiga, juntamente com a palavra letta. Grilhetas invisíveis prenderam os membros de Eragon e toda a sala ficou em silêncio. A magia do rei prendera-os a todos, até mesmo Shruikan.

Eragon ferveu de raiva e de frustração. “Tão perto que estavam de atacar o rei e continuavam de mãos atadas perante os seus feitiços.”

– Apanhem-no! – gritou ele, com a mente e a voz. Já tinham tentado atacar Galbatorix e Shruikan, mas o rei mataria as duas crianças, quer prosseguissem ou não. O único caminho possível para Eragon e para os seus companheiros – a única esperança de vitória que lhes restava – era quebrar as barreiras mentais de Galbatorix e controlar os seus pensamentos.

Eragon projetou violentamente a sua consciência na direção do rei, juntamente com Saphira, Arya e os Eldunarís que tinha trazido consigo, depositando todo o seu ódio, raiva e dor num único raio que dirigiu ao âmago de Galbatorix.

Por instantes, Eragon sentiu a mente do rei: uma terrível paisagem mergulhada em sombras, varrida por um frio cortante e um calor abrasador – dominada por barras de ferro rijas e inflexíveis, que dividiam as áreas da sua consciência.

Depois, os dragões sob as ordens de Galbatorix, os ruidosos dragões enlouquecidos, atormentados pela dor, atacaram a mente de Eragon, forçando-o a fechar-se em si mesmo para não acabar desfeito em pedaços.

Atrás, Eragon ouviu Elva começar a dizer algo, mas antes que verbalizasse algo de concreto, Galbatorix disse:

– Theyna! – e ela calou-se, como que engasgada.

– Eu tirei-lhe as proteções – gritou Murtagh. – Ele está...

Todas as palavras que Galbatorix proferiu a seguir, disse-as demasiado depressa e num tom de voz demasiado baixo para que Eragon as pudesse ouvir. Murtagh parou de falar e Eragon sentiu-o cair momentos depois, ouvindo o tinido da cota de malha e o ruído metálico do elmo a bater na pedra.

– Tenho muitas proteções – disse Galbatorix, com o seu rosto de falcão toldado pela fúria. – Não podem fazer-me mal. – Levantou-se e desceu os degraus do estrado na direção de Eragon, com a capa a ondular em torno de si e empunhando a espada branca e mortífera – Vrangr.

Nos curtos momentos que lhe restavam, Eragon tentou controlar a mente de um dos dragões que atacava a sua consciência. Mas eram muitos e, ao fazê-lo, Eragon deu consigo a lutar freneticamente para repelir a horda de Eldunarís, antes que estes o subjugassem por completo.

Galbatorix parou a trinta centímetros de Eragon e olhou-o furioso, com uma grossa veia bifurcada, saliente na testa, e os músculos dos maxilares em tensão.

– Pensas que me podes desafiar, rapaz? – rosnou ele, projetando grandes quantidades de saliva, com a raiva. – Achas que és igual a mim? Que poderias subjugar-me e roubar-me o trono? – Galbatorix tinha os tendões do pescoço salientes como fios emaranhados de corda. Depois deu um puxão à capa. – Mandeí cortar esta capa das asas de Belgabad e as luvas também. – E ergueu Vrangr, segurando a lâmina gelada diante dos olhos de Eragon. – Arranquei esta espada das mãos de Vrael e roubei esta coroa da cabeça do miserável choramingas que a usava antes de mim. E, ainda assim, julgas-te mais esperto do que eu? Eu? Vens ao meu castelo, matas os meus homens e ages como se fosses melhor do que eu, como se fosses mais nobre ou mais virtuoso?

Galbatorix bateu-lhe na face com o pomo de Vrangr, rasgando-lhe a pele. Eragon sentiu a cabeça a zunir e viu uma constelação de manchas vermelhas e palpitantes.

– Precisas de uma lição de humildade, rapaz – disse Galbatorix, aproximando-se mais. Os seus olhos cintilantes estavam a escassos centímetros dos de Eragon.

Agrediu-o na outra face e, durante um segundo, Eragon viu apenas uma imensidão negra salpicada de pontos brilhantes.

– Vou gostar de te ter ao meu serviço – disse Galbatorix. Depois acrescentou num tom mais baixo: – Gánga – e a pressão dos Eldunarís que atacavam a mente de Eragon dissipou-se, deixando-o livre para pensar à vontade. O mesmo não se podia dizer dos outros, como atestava a tensão estampado nos seus rostos.

Depois uma lâmina de pensamento, afiada a um nível infinitesimal, penetrou na consciência de Eragon, infiltrando-se no âmago do seu ser. A lâmina torceu-se, rasgando-lhe o tecido da mente como um figo bravo alojado numa tira de feltro, na tentativa de lhe destruir a vontade, a identidade e a própria consciência.

Eragon nunca sofrera um ataque semelhante, por isso fechou-se em si mesmo, tentando concentrar-se num único pensamento para se proteger – vingança. O seu contacto com Galbatorix permitia-lhe sentir as suas emoções: raiva, basicamente, mas também uma alegria selvática pelo facto de poder magoar Eragon e vê-lo torcer-se de desconforto.

A razão porque Galbatorix era tão eficaz a subjugar a mente dos seus inimigos devia-se ao facto de ter um prazer perverso nisso.

A lâmina penetrou mais no seu íntimo e Eragon gritou, incapaz de se conter.

Galbatorix sorriu. Tinha as pontas dos dentes translúcidas como peças de cerâmica.

A defesa, por si só, não era uma estratégia para ganhar um combate. Por isso, Eragon fez um esforço para contra-atacar Galbatorix, apesar da dor avassaladora com que se debatia. Mergulhou na consciência do rei, agarrando-se aos seus pensamentos aguçados com lâminas, na tentativa de os prender e impedir o rei de se mover ou pensar sem a sua aprovação.

Contudo, Galbatorix não fez qualquer esforço para se proteger e o seu sorriso cruel alargou-se ao torcer mais a lâmina dentro da mente de Eragon.

Era como se tivesse um ninho de roseiras bravas a rasgarem-no por dentro. Um grito arranhou-lhe a garganta e Eragon ficou inerte, à mercê do feitiço de Galbatorix.

– Submete-te! – disse o rei, agarrando o queixo de Eragon com dedos de aço. – Submete-te! – A lâmina voltou a torcer-se e Eragon gritou até ficar sem voz.

Os pensamentos penetrantes do rei cercaram a consciência de Eragon, confinando-o a uma porção ainda mais limitada da sua mente, até lhe restar apenas um pequeno núcleo brilhante, obscurecido pelo peso gigantesco da presença de Galbatorix.

– Submete-te! – sussurrou-lhe o rei, num tom quase afetuoso. – Não tens para onde ir, nem onde te esconderes... Esta vida acabou para ti, Eragon, Aniquilador de Espetros, mas espera-te uma outra vida. Submete-te e tudo te será perdoado.

As lágrimas distorceram a visão de Eragon, ao fixar o abismo incolor das pupilas de Galbatorix.

“Tinham perdido... Ele tinha perdido.”

Essa evidência era mais dolorosa do que qualquer um dos ferimentos que sofrera. Cem anos de luta... para nada. Nem Saphira, nem Elva, nem Arya, nem os Eldunarís conseguiriam vencer Galbatorix. Ele era demasiado forte, demasiado inteligente. Garrow, Brom e Oromis tinham morrido em vão, tal como os inúmeros guerreiros de diferentes raças que tinham sacrificado as suas vidas nas lutas contra o Império.

As lágrimas transbordaram dos olhos de Eragon.

– Submete-te! – sussurrou o rei, aumentando a pressão na sua mente.

O que Eragon odiava, acima de tudo, era a injustiça da situação. Parecia-lhe errado, a um nível elementar, que tanta gente tivesse sofrido e morrido para alcançar uma meta impossível. Parecia-lhe errado que Galbatorix fosse, por si só, a causa de tanto sofrimento e que escapasse ao castigo pelos crimes que cometera.

“Porquê?” – perguntou-se Eragon.

E recordou a visão que Valdr, o mais velho dos Eldunarís, lhe mostrara a ele e a Saphira, onde os sonhos dos estorninhos eram iguais às preocupações de reis.

– Submete-te! – gritou Galbatorix e a sua mente perfurou a mente de Eragon com mais violência, trespassando-a em todas as direções, como lascas de gelo e de fogo.

Eragon gritou. Em desespero tentou alcançar Saphira e os Eldunarís – cujas mentes estavam cercadas pelos dragões enlouquecidos, sob o comando de Galbatorix – para se alimentar dos seus depósitos de energia.

E com essa energia Eragon lançou um feitiço.

Era um feitiço sem palavras, pois a magia de Galbatorix não permitia que ele o fizesse de outra forma, além de que não havia palavras que descrevessem o que Eragon pretendia nem o que sentia. Uma biblioteca inteira teria sido insuficiente para o traduzir. Era um feitiço de instinto e de emoções, pelo que a linguagem não o

poderia expressar.

O que Eragon pretendia era simultaneamente simples e complexo: ele queria que Galbatorix entendesse... a injustiça das suas ações. O feitiço não era um ataque mas uma tentativa de comunicação. Se ele tivesse de viver o resto da sua vida como escravo do rei, queria que Galbatorix entendesse em pleno o que fizera.

Quando o feitiço produziu efeito, Eragon sentiu que Umaroth e os Eldunarís concentravam a atenção nele, esforçando-se por ignorar os dragões de Galbatorix. Cem anos de dor inconsolável e de raiva cresceram dentro dos Eldunarís como uma onda atoadora. As mentes dos dragões uniram-se à de Eragon e começaram a alterar o feitiço, aprofundando-o, expandindo-o e ampliando-o até este se tornar muito mais abrangente do que se pretendia de início.

Para além de lhe mostrar a injustiça das suas ações, o feitiço obrigaria Galbatorix a vivenciar todos sentimentos que despertara nos outros, desde o dia em que nascera, fossem bons ou maus. O feitiço ia muito além do que Eragon jamais poderia ter inventado sozinho, pois continha mais do que uma única pessoa ou um único dragão poderia conceber. Cada um dos Eldunarís contribuiu para o encantamento e o somatório das participações resultou num feitiço que se estendia não apenas a toda a Alagaësia, mas que remontava a todos os momentos que decorreram desde o nascimento de Galbatorix, até ao presente.

Eragon estava convencido de que era a maior peça de magia que os dragões jamais tinham forjado e ele era o seu instrumento, a sua arma.

O poder dos Eldunarís percorreu-o como um rio tão vasto como um oceano e ele sentiu-se como uma frágil embarcação oca, como se a sua pele se pudesse rasgar com a força da torrente que canalizava. Se não fosse Saphira e os outros dragões, Eragon teria sucumbido de imediato, esgotado pelas vorazes exigências do feitiço.

A luz das lanternas enfraqueceu e Eragon julgou ouvir o eco de milhares de vozes na sua mente: uma cacofonia insuportável de dores e alegrias, desde o passado ao presente.

As rugas no rosto de Galbatorix acentuaram-se e ele arregalou os olhos:

– O que fizeste tu? – perguntou, num tom cavo e tenso. Recuou e encostou os punhos às têmporas, dizendo: – O que fizeste tu?

Eragon fez um esforço e respondeu:

– Fiz-te entender.

O rei fitou-o com uma expressão horrorizada. Os músculos do rosto contraíram-se e tremeram, e todo o seu corpo foi sacudido por impulsos. Ele arreganhou os dentes e rosnou:

– Não vais subjugar-me, rapaz. Não... vais... – gemeu, cambaleante. O feitiço que prendia Eragon dissipou-se e ele caiu para o chão. Elva, Saphira, Thorn, Shruikan e as duas crianças começavam de novo a mexer-se.

O rugido ensurdecedor de Shruikan inundou a câmara e o enorme dragão negro sacudiu Thorn do seu pescoço. O dragão vermelho foi projetado até meio da sala. Thorn aterrou sobre o flanco esquerdo e os ossos da sua asa estalaram ruidosamente.

– Eu... não... vou... ceder – disse Galbatorix. Atrás do rei, Eragon viu Arya, que estava mais perto do trono do que ele. Ela hesitou e voltou a olhá-los. Depois correu para além do estrado e aproximou-se de Shruikan juntamente com Saphira.

Thorn fez um esforço para se levantar e seguiu-os.

Com o rosto desfigurado de loucura, Galbatorix avançou na direção de Eragon, atacando-o com Vrangr.

Eragon rebolou para o lado e ouviu a espada bater na pedra, junto da sua cabeça. Rebolou mais um metro e levantou-se. Só a energia dos Eldunarís lhe permitia aguentar-se de pé.

Gritando, Galbatorix atacou-o e Eragon aparou o golpe desastrado do rei. As espadas retiniam como sinos, um ruído agudo e límpido entre os rugidos dos dragões e os sussurros dos mortos.

Saphira saltou, atingindo o imenso focinho de Shruikan, e fê-lo sangrar, voltando a deixar-se cair no chão. Ele tentou dar-lhe uma patada, de garras esticadas, e ela saltou para trás, abrindo parcialmente as asas.

Eragon esquivou-se a um selvático golpe transversal, tentou atingir a axila esquerda de Galbatorix e, para sua surpresa, atingiu-o, molhando a ponta de Brisingr com o sangue do rei.

Um espasmo no braço de Galbatorix frustrou-lhe o golpe seguinte, pelo que ambos acabaram de espadas cruzadas junto do punho, lutando para se desequilibrarem mutuamente. O rosto do rei estava quase irreconhecível e tinha lágrimas na cara.

Uma cortina de fogo explodiu sobre as suas cabeças e o ar ficou quente.

As crianças gritavam algures.

A perna ferida de Eragon cedeu e ele voltou a cair sobre as mãos e os pés, magoando a mão com que segurava Brisingr.

Esperava que o rei o atacasse daí a instantes, mas Galbatorix ficou onde estava, vacilante.

– Não! – gritou o rei. – Eu não... – Olhou para Eragon e gritou – Para com isto!

Eragon abanou a cabeça, voltando a levantar-se.

Uma dor percorreu-lhe o braço esquerdo e ele olhou para Saphira, apercebendo-se de que ela tinha um lenho ensanguentado na pata dianteira. Do outro lado da sala, Thorn enterrou os dentes na cauda de Shruikan e o dragão negro rosnou, virando-se a ele. Aproveitando a distração de Shruikan, Saphira lançou-se no ar e aterrou em cima do seu pescoço, junto da base do crânio ossudo. Depois, enganchou a garras por baixo das escamas e mordeu-lhe o pescoço, entre os dois espigões da coluna.

Shruikan uivou selvaticamente e debateu-se ainda mais.

Galbatorix correu na direção de Eragon, tentando atacá-lo. Eragon aparou um golpe, outro, mas entretanto foi atingido nas costelas e quase desmaiou.

– Para com isto – disse Galbatorix, num tom mais suplicante do que ameaçador. – A dor...

Shruikan soltou um uivo mais frenético que o anterior e Eragon viu Thorn atrás do rei, agarrado ao pescoço de Shruikan, do lado oposto de Saphira. O peso combinado dos dois dragões forçou Shruikan a baixar a cabeça quase até ao chão. Ainda assim, o dragão negro era demasiado grande e robusto e Eragon concluiu que os dois não conseguiriam magoá-lo muito mais com os dentes, dada a largura do seu pescoço.

Eragon viu Arya a sair detrás de uma coluna, correndo na direção dos dragões, como uma sombra fugidia numa floresta. A Dauthdaert brilhava na sua mão esquerda, com a habitual auréola cintilante.

Shruikan viu-a aproximar-se e sacudiu o corpo, tentando expulsar Saphira e Thorn. Ao ver que estes se mantinham presos a si, rosnou e abriu as mandíbulas, banhando a área à sua frente com uma torrente de fogo.

Arya atirou-se para a frente e Eragon perdeu-a de vista, por instantes, atrás de uma parede de chamas. Depois voltou a vê-la, não muito longe do local onde Shruikan tinha a cabeça, um pouco acima do chão. Tinha a ponta dos cabelos em chamas mas nem parecia ter dado conta.

Depois, ela deu três passos fluidos e saltou para a pata dianteira esquerda de Shruikan e, daí, atirou-se para a parte lateral da cabeça, deixando um rasto de fogo atrás de si, como um cometa. Soltou um grito que ecoou pela sala do trono e atirou a Dauthdaert para o centro do olho cor de gelo cintilante, enterrando-lhe a lança a todo o comprimento no crânio.

Shruikan gritou e estremeceu. Depois tombou lentamente de lado, vertendo um fogo líquido pela boca.

Saphira e Thorn saltaram de cima dele, momentos antes do gigantesco dragão negro cair no chão.

As colunas racharam-se. Pedacos de pedra caíam do teto, estilizando-se no chão. Uma série de lanternas partiram-se, vertendo gotas de uma substância fundida.

A sala estremeceu e Eragon quase caiu. Não tinha visto o que acontecera a Arya, mas receava que ela tivesse ficado esmagada pelo volumoso corpo de Shruikan.

– Eragon! – gritou Elva. – Baixa-te!

Ele baixou-se e a espada branca de Galbatorix passou-lhe sobre as costas curvadas, produzindo um silvo.

Eragon ergueu-se e atirou-se para a frente... atingindo Galbatorix no estômago, tal como fizera com Murtagh.

O rei gemeu e depois recuou, libertando-se da espada de Eragon. Tocou na ferida com a mão livre e olhou para o sangue na ponta dos dedos. Depois voltou a olhar para Eragon e disse:

– As vozes... as vozes são terríveis. Não aguento... – Fechou os olhos e as lágrimas escorreram-lhe pelas faces. – Dor... tanta dor, tanta mágoa... Para com isto! Para com isto!

– Não – disse Eragon. Elva reuniu-se a ele, tal como Saphira e Thorn, vindos do outro lado da sala, e Eragon ficou aliviado ao ver que Arya estava entre eles – queimada e ensanguentada, mas ilesa.

Os olhos de Galbatorix abriram-se subitamente – arregalados e orlados de uma extensão anormalmente grande de branco. Ele olhou à distância, como se Eragon e todos os que tinha diante de si já não existissem. Estava trémulo e os seus maxilares moveram-se, mas a garganta não produziu qualquer som.

Nessa altura, houve dois acontecimentos simultâneos: Elva guinchou, desmaiando, e Galbatorix gritou:

– Wáise néiat!

Eragon não tinha tempo para usar palavras. Voltou a alimentar-se da energia dos Eldunaris e lançou um feitiço, arrastando-se a si, Saphira, Arya, Elva, Thorn, Murtagh e as duas crianças que estavam no estrado, para junto do bloco de pedra onde Nasuada estava acorrentada. E lançou também um feitiço para deter ou desviar o que quer que fosse que os pudesse atingir.

Estavam a meio caminho do bloco, quando Galbatorix desapareceu num clarão de luz mais brilhante que o sol e, assim que o feitiço de proteção de Eragon produziu efeito, tudo ficou negro e em silêncio.

OS ESTERTORES DA MORTE

Roran estava sentado numa maca que os Elfos tinham colocado sobre um dos muitos blocos de pedra, à entrada do portão destruído de Urû'baen. Dava ordens aos guerreiros que tinha diante de si.

Quatro dos elfos tinham-no levado para fora da cidade, onde podiam usar magia sem receio que os encantamentos de Galbatorix viciassem os seus feitiços. Tinham-lhe curado o braço deslocado e as costelas partidas, bem como todos os outros ferimentos que Barst lhe infligira. No entanto, alertaram-no para o facto de os seus ossos levarem algumas semanas a recuperar e insistiram para que não caminhasse o resto do dia.

Roran, por sua vez, insistia em regressar à batalha. Os Elfos argumentaram, mas ele dissera-lhes:

— Ou me voltam a levar para lá, ou regresso pelos meus próprios meios. — Eles ficaram visivelmente contrariados, mas acabaram por concordar e transportaram-no para o local onde estava agora sentado a observar a praça.

Tal como Roran imaginava, os soldados tinham perdido o empenho em lutar, com a morte do seu comandante, e os Varden tinham conseguido empurrá-los de novo para as ruas estreitas. Quando Roran regressou já os Varden tinham desimpedido mais de um terço da cidade e aproximavam-se rapidamente da cidadela.

Tinham perdido muitos homens — havia mortos e moribundos espalhados pelas ruas e o sangue corria pelas valetas — mas, graças aos seus recentes avanços, o exército parecia inibido de uma renovada fê na vitória. Roran via-o no rosto dos homens, Anões e Urgals. Os Elfos, pelo contrário, continuavam a revelar uma fúria gelada pela morte da sua rainha.

Roran estava preocupado com os Elfos, pois vira-os matar soldados enquanto estes se rendiam, chacinando-os sem qualquer tipo de remorsos. Uma vez liberta, a sua sede de sangue parecia indomável.

Pouco depois de Barst morrer, o rei Orrin fora atingido por um dardo no peito, ao invadir uma casa de guardas no interior da cidade. O ferimento era grave e mesmo os Elfos pareciam ter dúvidas em conseguir curá-lo. Os soldados do rei levaram-no de novo para o acampamento e, até então, Roran não tivera quaisquer notícias sobre a sua sorte.

Embora não pudesse lutar, Roran podia dar ordens e decidira reorganizar o exército pela retaguarda. Reuniu guerreiros transviados, incumbindo-os de missões por toda a cidade de Urû'baen — a primeira foi a tomada do resto das catapultas ao longo das muralhas — e destacou mensageiros para procurarem Jörmundur, Orík, Martland Barba Ruiva ou a qualquer outro capitão do exército, por entre os edifícios, sempre que recebia alguma informação que julgava ser importante transmitir-lhes.

— ... e se vires algum soldado junto do grande edifício abobadado, junto do mercado, transmite isso a Jörmundur — disse ele ao espadachim magro, de ombros subidos, que tinha diante de si.

— Sim, senhor — respondeu o homem e a saliência que tinha na garganta deslizou para cima e para baixo, engolindo.

Roran olhou-o por instantes, fascinado com o movimento, e depois acenou com a mão, dizendo:

— Vail!

O homem afastou-se e Roran franziu o sobrolho, olhando para a cidadela na base da saliência suspensa, para lá dos telhados pontiagudos das casas.

“Onde estás tu?” perguntou para si mesmo. Não via sinais de Eragon nem dos que o acompanhavam, desde que tinham entrado na fortaleza, e aquela ausência prolongada estava a deixá-lo preocupado. Ocorriam-lhe inúmeras explicações para o atraso, mas nenhuma renunciava nada de bom. A mais benigna era que Galbatorix estivesse escondido e que Eragon e os seus companheiros andassem à procura do rei. Mas depois de, na noite anterior, testemunhar o poder de Shruikan não lhe parecia que Galbatorix fugisse aos seus inimigos.

Se o pior dos seus receios se tivesse concretizado, a vitória dos Varden seria efêmera e era pouco provável que ele ou qualquer um dos outros guerreiros durasse o dia inteiro.

Um dos homens que mandara partir em missão — um arqueiro de cabeça descoberta e cabelo cor de areia, com uma roseta avermelhada em cada face — saiu de uma rua, à sua direita. O arqueiro parou diante do bloco de pedra e baixou a cabeça, ofegante, tentando recuperar o fôlego.

— Encontrei Martland? — perguntou Roran.

O arqueiro voltou a acenar com a cabeça, com o cabelo caído sobre a testa luzidia.

— E transmitiste-lhe a minha mensagem?

— Sim, meu capitão. Martland pediu-me para lhe dizer — e fez uma pausa para respirar — que os soldados se retiraram dos balneários e barricaram-se num salão perto da muralha sul.

Roran mexeu-se na maca, sentindo uma dor a percorrer-lhe o braço recentemente tratado.

— E as torres da muralha entre os balneários e os celeiros? Já foram tomadas?

— Duas delas, mas ainda estamos a tentar tomar as outras. Contudo, Martland convenceu alguns elfos a reunirem-se a eles para ajudar. E também...

Um rugido abafado, vindo da colina de pedra, interrompeu o homem.

O arqueiro empalideceu, embora conservasse as rosetas nas faces, que pareciam ainda mais vivas e avermelhadas, como pinceladas grosseiras de tinta na pele de um cadáver.

— Senhor, aquilo é...

— Chiu! — Roran inclinou a cabeça, à escuta. “Só Shruikan poderia ter rugido tão alto.”

Durante alguns instantes não ouviram mais nada digno de nota. Depois ouviu-se um outro rugido no interior da cidadela e Roran julgou distinguir outros sons mais baixos, embora não soubesse bem atribuir a sua origem.

Todos os homens, Elfos, Anões e Urgals estacionados na área em frente do portão destruído olharam para a cidadela.

Ouviu-se outro rugido ainda mais intenso que o último.

Roran agarrou-se à borda da maca com o corpo rígido.

— Matem-no — murmurou ele. — Matem-me esse estupor!

Uma vibração subtil mas perceptível sacudiu a cidade, como se algo muito pesado tivesse batido no chão e, a acompanhá-la, Roran ouviu o que julgou ser o ruído de algo a partir-se.

Depois o silêncio instalou-se por toda a cidade e cada segundo parecia mais longo que o anterior.

— ... Acha que ele precisa da nossa ajuda? — perguntou o arqueiro num tom brando.

— Não podemos fazer nada por eles — disse Roran, de olhos fixos na cidadela.

— Os Elfos não poderiam...

O chão ressoou e estremeceu. Depois a parte da frente da cidadela explodiu para fora, numa parede de chamas brancas e amarelas de tal forma ofuscantes que

Roran viu os ossos do pescoço e da cabeça do arqueiro à transparência, como a sua carne não passasse de uma framboesa vermelha diante de uma vela.

Roran agarrou o arqueiro e rebolou pela beira do bloco de pedra, arrastando outros dois homens consigo.

Uma explosão de som atingiu-os enquanto caíam. Era como se lhe estivessem a cravar espigões nos ouvidos. Roran gritou mas não conseguia ouvir-se e, depois do primeiro estrondo, deixou de ouvir fosse o que fosse. As pedras da calçada deformaram-se, por baixo deles. A seguir foram atingidos por uma nuvem de pó e de destroços que encobriu o sol, e Roran sentiu uma forte rajada de vento a fustigar-lhe as roupas.

O pó forçou-o a fechar os olhos com força. Tudo o que podia fazer era ficar agarrado ao arqueiro e esperar que a agitação passasse. Tentou respirar, mas o vento escaldante roubou-lhe o ar da boca e do nariz antes que conseguisse encher os pulmões. Algo o atingiu e ele sentiu o elmo voar-lhe da cabeça.

Os tremores prolongaram-se durante algum tempo, mas finalmente o chão voltou a imobilizar-se e Roran abriu os olhos, receando o que iria encarar.

O ar estava cinzento e turvo e os objetos a mais de cem metros perdiam-se na bruma. Pequenos pedaços de madeira e de pedra precipitavam-se do céu, juntamente com flocos de cinza. Um pedaço de madeira que estava caído na rua em frente – parte de um lance de escadas que os Elfos tinham partido ao destruir o portão – ardia e o calor da explosão já carbonizara a viga a todo o comprimento dos degraus. Os guerreiros em espaço aberto estavam agora estendidos no chão, uns ainda a mexerem-se, outros claramente mortos.

Roran olhou de relance para o arqueiro. O homem mordera o lábio inferior e tinha o queixo coberto de sangue.

Ampararam-se um ao outro e levantaram-se. Roran olhou para o local onde antes estava a cidadela, mas não conseguia ver nada a não ser uma escuridão cinzenta.

“Eragon! Será que Eragon e Saphira tinham conseguido sobreviver à explosão? Seria possível que alguém sobrevivesse ao calor daquele inferno de chamas?”

Roran abriu várias vezes a boca, na tentativa de desobstruir os ouvidos – que zuniam e lhe doíam bastante –, mas sem sucesso. Ao tocar no ouvido direito, viu que os dedos estavam ensanguentados.

– Consegues ouvir-me? – gritou ele ao arqueiro, mas as palavras não passavam de vibrações na boca e na garganta.

O arqueiro franziu o sobrolho e abanou a cabeça.

Roran teve um ataque de vertigens e encostou-se, apoiando-se no bloco de pedra. Enquanto esperava recuperar o equilíbrio, pensou na saliência suspensa por cima deles, e subitamente ocorreu-lhe que toda a cidade poderia estar em perigo.

“Temos de partir antes que caia”, pensou ele, cuspiendo sangue e poeira para as pedras da calçada. Depois voltou a olhar na direção da cidadela. O pó continuava a escondê-la. Ele sentiu um aperto no coração.

Eragon!”

UM MAR DE URTIGAS

Escurecimento e silêncio dentro dessa escuridão.

Eragon sentiu o corpo a deslizar até parar e depois... nada. Conseguia respirar mas o ar parecia viciado, sem vida, e sempre que tentava mexer-se a pressão sobre o feitiço aumentava.

Tocou nas mentes de todos os que estavam consigo para se certificar de que conseguira salvá-los a todos. Elva estava inconsciente e Murtagh praticamente inconsciente, mas ambos estavam vivos, tal como os outros.

Era a primeira vez que Eragon entrava em contacto com a mente de Thorn, mas ao fazê-lo, o dragão vermelho pareceu retrair-se. Os seus pensamentos pareciam mais sombrios e distorcidos que os de Saphira, mas havia nele uma força e uma nobreza que impressionou Eragon.

Não podemos manter este feitiço durante muito mais tempo, disse Umaroth, num tom de voz tenso.

Têm de o manter, disse Eragon. Se não o fizerem, morreremos.

Passaram-se mais alguns segundos.

Inesperadamente uma luz inundou os olhos de Eragon e uma explosão assaltou-lhe os ouvidos.

Ele encolheu-se e pestanejou enquanto os seus olhos se adaptavam à luz.

Através do ar carregado de fumo, viu uma enorme cratera cintilante, no lugar onde Galbatorix estivera. A pedra incandescente pulsava como carne viva, varrida à superfície por correntes de ar. O teto também brilhava e a imagem assustou-o. Era como se estivessem dentro de um gigantesco caldeirão.

Um travo a ferro pairava no ar.

As paredes da sala estavam rachadas e as colunas, os entalhes e as lanternas tinham sido pulverizados. Na parte de trás da sala estava o cadáver de Shruikan, cuja carne fora, em grande parte, arrancada dos ossos enegrecidos pela fuligem. A explosão estilhaçara as paredes de pedra, na parte da frente da sala, bem como as outras para lá destas, ao longo de mais de cem metros, expondo um verdadeiro labirinto de túneis e salas. As belas portas douradas que protegiam a entrada para a câmara tinham sido arrancadas das dobradiças e Eragon julgou ver a luz do dia, do lado oposto do corredor de quatrocentos metros que conduzia ao exterior.

Ao levantar-se, percebeu que a sua proteção continuava a drenar energia dos dragões, mas de uma forma menos rápida.

Um pedaço de pedra, do tamanho de uma casa, caiu do teto e aterrou ao lado da cabeça de Shruikan, onde se estilhaçou numa dúzia de fragmentos. Em redor, as rachas nas paredes continuavam a alastrar, produzindo rangidos sinistros por toda a parte.

Arya aproximou-se das duas crianças, agarrou o rapaz pela cintura e subiu para o dorso de Saphira com ele. Lá de cima, apontou para a rapariga e disse a Eragon: – Atira-ma!

Eragon perdeu um instante a embainhar Brisingr, agarrando depois na rapariga e atirando-a a Arya, que a agarrou de braços esticados.

Ele virou-se e passou de lado por Elva, aproximando-se apressadamente de Nasuada.

– Jierda! – disse ele, colocando a mão sobre as grilhetas que a prendiam ao bloco de pedra cinzenta. O feitiço pareceu não produzir qualquer efeito, por isso ele quebrou-o de imediato, antes que lhe consumisse demasiada energia.

Nasuada fez um ruído insistente e Eragon tirou-lhe o pano com nós que ela tinha na boca.

– Tens de encontrar a chave! – disse ela. – O carcereiro de Galbatorix tem-na com ele.

– Jamais o conseguiremos encontrar a tempo! – Eragon voltou a desembainhar Brisingr e golpeou a corrente ligada à grilhetas que lhe prendia a mão esquerda. A espada ricocheteou nos elos, com uma reverberação áspera, sem sequer arranhar o metal baço. Golpeou-a uma segunda vez, mas a espada parecia não afetar minimamente a corrente.

Outro pedaço de pedra caiu do teto, batendo ruidosamente no chão.

Uma mão agarrou-lhe o braço. Ele virou-se e viu Murtagh atrás de si, apertando o ferimento no estômago com o braço.

– Desvia-te! – rugiu ele e Eragon assim o fez. Murtagh proferiu o nome de todos os nomes, tal como fizera antes, dizendo depois a palavra jierda. E as grilhetas de ferro abriram-se, caindo dos membros de Nasuada.

Murtagh agarrou-lhe no pulso e guiou-a na direção de Thorn. Depois do primeiro passo, Nasuada deslizou para baixo do seu braço, deixando que Murtagh apoiasse o peso do corpo sobre os seus ombros.

Eragon abriu a boca, fechando-a de seguida. Guardaria as perguntas para mais tarde.

– Espera! – gritou Arya, saltando de cima de Saphira e correndo na direção de Murtagh. – Onde está o ovo e os Eldunaris? Não os podemos deixar aqui!

Murtagh franziu o sobrolho e Eragon sentiu a informação fluir entre ele e Arya.

Arya virou-se, com o cabelo queimado a esvoaçar, e correu para uma entrada do lado oposto da sala.

– É demasiado perigoso! – gritou-lhe Eragon. – Este sítio está a cair! Arya!

Vai, disse ela. Leva as crianças para um local seguro. Vai! Não tens muito tempo!

Eragon praguejou. “Ao menos poderia ter levado Glaedr com ela.” Voltou a embainhar Brisingr e curvou-se, pegando em Elva, que começava a mexer-se.

– O que se passa? – perguntou ela a Eragon enquanto este a levava para o dorso de Saphira, para trás das outras duas crianças.

– Vamos embora – disse ele. – Segura-te!

Saphira estava já em movimento. Contornou a cratera, coxeando um pouco da pata ferida e Thorn seguiu-a de perto, com Murtagh e Nasuada no dorso.

– Cuidado! – gritou Eragon, ao ver um pedaço do teto cintilante a soltar-se, mesmo por cima deles.

Saphira desviou-se de repente para a esquerda e o pedaço aguçado de pedra aterrou junto dela, projetando lascas cor de palha em todas as direções. Uma delas atingiu Eragon no flanco, alojando-se na sua cota de malha. Ele tirou-a e lançou-a fora. Tinha fumo a ondular dos dedos das luvas e cheirou-lhe a cabedal queimado.

Caíram mais pedaços de pedra noutros pontos da sala.

Quando Saphira chegou à entrada do corredor, Eragon torceu-se e olhou para Murtagh que vinha atrás.

– E as armadilhas? – gritou ele.

Murtagh abanou a cabeça e fez-lhes sinal para que prosseguissem.

Grande parte do chão, ao longo do corredor, estava coberto de grandes quantidades de pedras partidas, o que atrasou os dragões. Eragon conseguia ver as salas e os túneis esventrados pela explosão, atafalhados de entulho. Dentro deles ardiam mesas, cadeiras e outras peças de mobiliário. Viam-se membros de mortos e moribundos, torcidos em ângulos estranhos, que saíam debaixo das pedras tombadas e, de vez em quando, um rosto ou uma nuca.

Eragon procurou Blödhgarm e os outros feiticeiros, mas não viu qualquer sinal deles, mortos ou vivos.

Mais à frente, no corredor, centenas de pessoas – tanto soldados como criados – saíam pelas entradas contíguas, correndo para a entrada do corredor, agora

escancarada. Muitos deles membros partidos, queimaduras, arranhões e outros ferimentos. Os sobreviventes desviaram-se para passagem a Saphira e a Thorn mas, tirando isso, não deram atenção aos dragões.

Saphira estava quase ao fundo do corredor, quando ouviram um estrondo atroador atrás deles. Eragon olhou e viu que a sala do trono se desmoronara, soterrando o chão da câmara sob um amontoado de pedras de quinze metros de altura.

“Arya!”, pensou Eragon. Tentou encontrá-la com a sua mente, mas não conseguiu. Ou tinham demasiados destroços entre si, ou um dos feitiços associados ao penhasco minado estava a bloquear a comunicação. Ou então – e essa era a hipótese que menos lhe agradava – Arya estava morta. Ela não se encontrava na sala quando esta se desmoronara, disse ele tinha a certeza. Mas será que conseguiria ela encontrar o caminho de volta, agora que a sala do trono estava obstruída?

Ao saírem da cidadela, o ar clareou e Eragon conseguiu ver a destruição que a explosão semeara por Urû’baen. Tinha arrancado o telhado de ardósia de muitos dos edifícios mais próximos e incendiado as vigas por baixo. Inúmeros fogos salpicavam o resto da cidade. Colunas e filamentos de fumo erguiam-se no ar até colidirem com o teto da saliência, por cima da cidade, onde se acumulavam, fluindo pela superfície inclinada da pedra, como água no leito de um riacho. No extremo sudoeste da cidade, o fumo apanhou a luz da manhã que se escoava de um dos lados da saliência, brilhando com a cor vermelha-alaranjada de uma opala de fogo.

O povo de Urû’baen fugia das suas casas, percorrendo as ruas em direção ao buraco na muralha exterior. Os soldados e os criados da cidadela apressaram o passo para se reunirem a eles, dando um amplo espaço de manobra a Saphira e a Thorn, enquanto atravessavam o pátio em frente da fortaleza. Eragon não lhes deu grande atenção. Desde que se comportassem pacificamente, pouco lhe importava o que fizessem.

Saphira parou a meio do pátio quadrangular e Eragon transportou Elva e as duas crianças sem nome para o chão.

– Sabem onde estão os vossos pais? – perguntou ele, ajoelhando-se junto dos irmãos.

Eles acenaram com a cabeça e o rapaz apontou para uma grande casa, do lado esquerdo do pátio.

– É ali que vivem?

O rapaz voltou a acenar com a cabeça.

– Então, vão – disse Eragon, empurrando-os delicadamente. E as crianças correram de imediato pelo pátio, em direção ao edifício. As portas da casa abriram-se, de repente, e um homem careca, com uma espada, saiu para o exterior, envolvendo-os a ambos nos braços. Olhou de relance para Eragon, apressando-se a guiar as crianças para dentro.

Esta foi fácil, disse Eragon a Saphira.

Galbatorix deve ter mandado os seus homens procurar as crias que estivessem mais à mão, respondeu ela, pois não lhe demos tempo para muito mais.

Suponho que não.

Thorn estava a alguns metros de Saphira. Nasuada ajudou Murtagh a desmontar e este encostou-se à barriga de Thorn. Depois, Eragon ouviu-o a recitar feitiços de cura.

Eragon tratou também dos ferimentos de Saphira, ignorando os seus, pois os dela eram mais graves. O golpe na pata dianteira, esquerda, era mais largo do que as suas duas mãos juntas, e ela já tinha uma poça de sangue em torno da pata.

Dentes ou garras?, perguntou ele, ao examinar o ferimento.

Garras, disse ela.

Eragon usou a energia de Saphira, bem como a de Glaedr para lhe curar o ferimento. Quando terminou, concentrou-se nos seus ferimentos, começando pela dor ardente que sentia ao longo do flanco, onde Murtagh o trespassara.

Mesmo enquanto trabalhava, ficou de olho em Murtagh, e viu-o sarar o seu ferimento no ventre, a asa partida de Thorn e os outros golpes do dragão. Nasuada ficou sempre junto dele, com a mão no seu ombro. Eragon virá-o recuperar Zar’roc, à saída da sala do trono.

Eragon concentrou-se depois em Elva, que estava ali perto. Parecia dorida, mas não viu sangue.

– Estás ferida? – perguntou ele.

Ela franziu a testa e abanou a cabeça.

– Não, mas muitos deles estão – respondeu-lhe, apontando para as pessoas que fugiam da cidadela.

– Mmm – Eragon voltou a olhar de relance para Murtagh. Ele e Nasuada estavam agora de pé, e falavam um com o outro.

Nasuada franziu o sobrolho.

Depois Murtagh esticou o braço, agarrou-lhe na gola da túnica e puxou-a para o lado, rasgando-lhe o tecido.

Eragon já tinha desembainhado Brisingr até meio, quando viu a teia de vergões por baixo da clavícula de Nasuada. Aquela visão atingiu-o como um soco, recordando-lhe os ferimentos de Arya, quando ele e Murtagh a tinham resgatado de Gil’ead.

Nasuada acenou e baixou a cabeça.

Murtagh começou de novo a falar, desta vez na língua antiga. Colocou as mãos sobre as diferentes partes do corpo de Nasuada, tocando-lhe delicadamente – hesitante, até –, e a sua expressão de alívio foi o suficiente para Eragon perceber as dores que ela sentia.

Eragon observou-os durante mais uns instantes e foi percorrido por uma súbita vaga de emoção. Os seus joelhos fraquejaram e ele sentou-se sobre a pata direita de Saphira. Esta baixou a cabeça, tocando-lhe ao de leve no ombro, com o focinho, e ele encostou a cabeça.

Conseguimos, disse ela, em voz baixa.

Conseguimos, disse ele, nem acreditando nas próprias palavras.

Eragon sentiu que Saphira estava a pensar na morte de Shruikan. Por muito perigoso que o dragão fosse, ela não podia deixar de chorar a morte de um dos últimos membros da sua raça.

Eragon agarrou-se às suas escamas. Sentia-se leve, quase estonteado, como se fosse flutuar para longe da superfície terrestre.

E agora?...

Agora reconstruímos, disse Glaedr, cujas emoções eram uma curiosa mistura de satisfação, mágoa e cansaço. Portaste-te bem, Eragon. Ninguém se lembraria de atacar Galbatorix como tu o fizeste.

Eu só queria que ele entendesse, murmurou ele, num tom fatigado. Se Glaedr o ouviu, decidiu não responder.

O traidor está finalmente morto, alardeou Umaroth.

Parecia impossível que Galbatorix já não existisse. Ao pensar no assunto, algo pareceu desbloquear-se na sua mente e Eragon recordou tudo o que acontecera no Cofre das Almas, como se nunca o tivesse esquecido.

Sentiu um formigueiro a percorrer-lhe o corpo.

Saphira...

Eu sei, disse ela, com um entusiasmo crescente. Os ovos!

Eragon sorriu. Ovos! Ovos de dragão! A sua raça já não iria mergulhar no vazio. Iriam sobreviver, florescer e recuperar a antiga glória, anterior à queda dos Cavaleiros.

Depois, Eragon foi assaltado por uma horrível suspeita.

Fizeram-nos esquecer mais alguma coisa?, perguntou ele a Umaroth.

Se o fizemos, como poderíamos saber?, respondeu o dragão branco.

– Olha! – gritou Elva, apontando.
Eragon virou-se e viu Arya a sair das entranhas sombrias da cidadela. Blödhgarm e os outros feiticeiros estavam com ela, contundidos e arranhados, mas vivos. Arya trazia nos braços um baú de madeira com fechos de ouro. Uma longa fila de caixas metálicas – cada uma do tamanho de uma carroça – flutuavam atrás dos elfos, a alguns centímetros do chão.

Exultante, Eragon levantou-se num salto e correu para eles.

– Estão vivos! – disse, surpreendendo Blödhgarm, ao agarrar-se ao elfo coberto de pelo, e abraçou-o.

Blödhgarm fitou-o por instantes, com os seus olhos amarelos, e depois sorriu, mostrando os caninos.

– Estamos vivos, Aniquilador de Espetros.

– Isso são os... Eldunarís? – perguntou Eragon, proferindo a palavra num tom suave.

Arya acenou afirmativamente.

– Estavam no tesouro de Galbatorix. Teremos de lá voltar um dia, pois há muitas coisas maravilhosas escondidas.

– Como estão eles? Os Eldunarís, quero dizer.

– Confusos. Levarão anos a recuperar, se o conseguirem.

– E isso é... – Eragon apontou para o baú que ela trazia. Arya olhou em redor, certificando-se de que ninguém estava suficientemente perto para ver, e levantou a tampa à altura de um dedo. Lá dentro, aninhado em veludo, Eragon viu um belo ovo de dragão, verde, com uma teia de veios brancos.

A alegria estampada no rosto de Arya iluminou o coração de Eragon. Ele sorriu e acenou aos outros Elfos. Quando todos se reuniram em torno dele, Eragon sussurrou na língua antiga, falando-lhes acerca dos ovos que estavam em Vroengard.

Eles não gritaram nem riram, mas os seus olhos brilharam e todos vibraram de excitação. Ainda a sorrir, Eragon saltou sobre os calcanhares, encantado com a reação deles.

Depois Saphira disse:

Eragon!

Ao mesmo tempo Arya franziu o sobrolho e interpelou:

– Onde estão Thom e Murtagh?

Eragon desviou o olhar e viu Nasuada sozinha no pátio. Junto dela estava um par de alforjes que Eragon não se lembrava de ver em Thom. O vento varreu o pátio e ele ouviu o som de asas, mas nem Murtagh nem Thom estavam visíveis.

Eragon projetou os seus pensamentos para o local onde achava que eles poderiam estar e sentiu-os de imediato, pois as suas mentes não se encontravam escondidas. No entanto, recusaram-se a falar com ele ou a ouvi-lo.

– Raios – murmurou Eragon, correndo na direção de Nasuada. Ela tinha lágrimas nas faces e parecia prestes a perder a compostura.

– Onde vão eles?

– Vão-se embora. – O seu queixo tremeu. Depois respirou fundo, expirou e endireitou-se.

Praguejando de novo, Eragon curvou-se e abriu os alforjes. Dentro deles havia vários Eldunarís pequenos, em caixas acolchoadas.

– Arya! Blödhgarm! – gritou ele, apontado para os alforjes, e os dois elfos acenaram com a cabeça.

Eragon correu para junto de Saphira. Não teve de se explicar pois ela entendeu-o. Enquanto subia para o seu dorso, Saphira abriu as asas, e logo que ele se instalou na sela, levantou voo.

Ouviram-se vivas pela cidade, quando os Varden a viram.

Saphira batia as asas velozmente, seguindo o rasto almiscarado de Thom. Este conduziu-a para Sul, para fora da sombra da saliência, descrevendo depois uma curva ascendente. Contornou o grande afloramento de pedra e seguiu para Norte, em direção ao Rio Ramr.

Durante vários quilómetros o rasto seguia a direito e sempre nivelado. Mas, quando estavam prestes a sobrevoar o amplo rio, ladeado de árvores, o rasto começou a descer.

Eragon estudou o solo mais adiante e viu um lampejo vermelho, junto do sopé de uma pequena colina, do outro lado do rio.

Para ali, disse ele a Saphira, mas ela já tinha avistado Thom.

Saphira desceu em espiral e aterrou suavemente no topo da colina, onde tinha a vantagem da altura. O ar perto da água era fresco e húmido, arrastando consigo o cheiro a musgo, lama e seiva. Entre a colina e o rio havia um mar de urtigas. A abundância de plantas era tão cerrada que a única forma de passar através delas seria abrindo um trilho. As folhas escuras e serrilhadas roçavam umas nas outras, produzindo um sussurro suave que se misturava com o ruído da água a correr no rio.

No limiar das urtigas estava Thom. Murtagh estava junto dele a ajustar a correia da sela.

Eragon desprendeu Brisingr do cinto e aproximou-se cautelosamente.

Murtagh disse sem se virar:

– Vieste deter-nos?

– Depende. Para onde vão?

– Não sei. Talvez para Norte... algures para longe das pessoas.

– Podias ficar.

Murtagh deixou escapar uma gargalhada amarga.

– Tu sabes que não. Só daria problemas a Nasuada. Além disso, os Anões jamais iriam concordar. Depois de eu matar Hrothgar, nunca. – E olhou Eragon por cima do ombro. – Galbatorix costumava chamar-me Assassino de Reis. Agora também tu és um Assassino de Reis.

– Parece que é de família.

– Nesse caso, é melhor fiques de olho em Roran... Arya é uma Assassina de Dragões. Matar um dragão não deve ser nada fácil para ela... sendo um elfo. Devias falar com ela para teres a certeza de que está bem.

Eragon ficou impressionado com a percepção de Murtagh.

– Falarei.

– Pronto – disse Murtagh, dando um puxão à correia. Depois virou-se para encarar Eragon, que reparou que ele segurava Zar’roc junto ao corpo, desembainhada e pronta a usar.

– Volto a perguntar, vieste deter-nos?

– Não.

Murtagh sorriu ligeiramente e embainhou Zar’roc.

– Ótimo. Não gostaria de ter de lutar contigo de novo.

– Como conseguiste libertar-te de Galbatorix? Foi o teu verdadeiro nome, não foi?

Murtagh anuiu.

– Como te disse, eu já não sou... nós já não somos o que éramos – e tocou no flanco de Thom. – Só que demorámos um pouco a entendê-lo.

– E Nasuada.

Murtagh franziu o sobrolho e desviou o olhar, fixando-o em frente sobre o mar de urtigas. Eragon reuniu-se a ele e Murtagh disse em voz baixa:

- Lembra-te da última vez que estivemos neste rio?
- Seria difícil de esquecer. Ainda consigo ouvir os cavalos a relinchar.
- Tu, Saphira, Arya e eu, todos juntos, confiantes de que nada nos poderia deter...

Num recanto remoto da sua mente, Eragon conseguia sentir Saphira e Thorn a falarem um com o outro. Saphira iria certamente contar-lhe o que se passara, mais tarde.

- O que vais fazer? – perguntou ele a Murtagh.
- Sentar-me e pensar. Talvez construa um castelo. Tenho tempo para isso.
- Não tens de partir. Eu sei que seria ... difícil, mas tens família aqui: tens-me a mim e a Roran. Ele também é teu primo... Pertences tanto a Carvahall e ao Vale de Palancar como a Urû'baen. Talvez até mais.

Murtagh abanou a cabeça e continuou a olhar em frente, para lá das urtigas.

– Não iria resultar. Thorn e eu precisamos de passar algum tempo sozinhos, precisamos de tempo para sarar. Se ficássemos, iríamos estar demasiado ocupados para tirarmos as nossas próprias conclusões.

- Mantermo-nos ocupados e em boa companhia costuma ser uma boa cura para as doenças da alma.
- Não para o que Galbatorix nos fez... Além disso seria doloroso ficar perto de Nasuada, agora. Tanto para ela como para mim. Não, tenho de partir.
- Quanto tempo achas que ficarás ausente?
- Até o mundo não nos parecer tão odioso e já não sentirmos vontade de destruir montanhas e de encher o mar de sangue.

Eragon não tinha resposta. Ficaram ambos a olhar para uma parte do rio atrás, com uma fiada de bétulas baixas. O vento que soprava em direção a Oeste agitou mais as urtigas.

Depois Eragon disse:

- Quando já não quiseses estar sozinho, vem à nossa procura. Serás sempre bem-vindo à nossa lareira, seja lá onde for.
- Viremos, prometo. – E para sua surpresa, Eragon viu um brilho nos olhos de Murtagh, que desapareceu, um instante depois.
- Nunca pensei que o conseguisses... mas estou feliz pelo facto de o teres feito, sabes?
- Tive sorte. E jamais teria sido possível sem a tua ajuda.
- Ainda assim... descobriste os Eldunarís nos alforjes?

Eragon acenou afirmativamente.

– Ótimo.

Contamos-lhes?, perguntou Eragon a Saphira, na esperança que ela concordasse.

Ela ponderou por uns instantes.

Sim, mas não digas onde. Tu contas-lhe a ele e eu conto a Thorn.

Como queiras. Depois, dirigindo-se a Murtagh, Eragon disse:

– Há uma coisa que acho que devias saber.

Murtagh olhou-o de soslaio.

– O ovo que Galbatorix tinha... não é o único em Alagaësia. Há mais escondidos no mesmo sítio onde encontrámos os Eldunarís que trouxemos connosco.

Murtagh virou-se para ele, visivelmente incrédulo. Thorn, por seu turno, arqueou o pescoço, deixando escapar um urro de alegria que assustou um bando de andorinhas que estava nos ramos de uma árvore, ali perto.

– Quantos?

– Centenas.

Por instantes Murtagh mostrou-se incapaz de falar, mas depois disse:

– O que vais fazer com eles?

– Eu? Acho que Saphira e os Eldunarís devem ter alguma coisa a dizer sobre isso. Provavelmente, encontrar um lugar seguro para os ovos chocarem e recomeçar a reunir os Cavaleiros.

– És tu e Saphira que os vão treinar?

Eragon encolheu os ombros.

– Tenho a certeza de que os Elfos ajudarão. Tu também os poderias treinar, se te reunires a nós.

Murtagh inclinou a cabeça para trás e respirou fundo.

– Os dragões vão regressar e os Cavaleiros também – disse, rindo baixinho. – O mundo está prestes a mudar.

– Já mudou.

– Sim. Tu e Saphira tornar-se-ão os novos líderes dos Cavaleiros, enquanto Thorn e eu viveremos em ambiente selvagem. – Eragon tentou dizer algo para o consolar, mas Murtagh impediu-o com um olhar. – Não. As coisas estão como deveriam estar. Tu e Saphira serão melhores professores do que nós.

– Não tenho tantas certezas disso.

– Mmm... Promete-me uma coisa.

– O quê?

– Quando os ensinares... ensina-os a não terem medo. O medo é bom em pequenas doses. Mas, quando este nos massacra constantemente, impede-nos de ser quem somos e de fazer o que sabemos que está certo.

– Tentarei.

Eragon reparou que Saphira e Thorn já não estavam a falar. O dragão vermelho mudou de posição e contornou-a até poder olhar para Eragon. Depois disse através da mente, num tom surpreendentemente musical:

Obrigado por não teres matado o meu Cavaleiro, Eragon, irmão de Murtagh.

– Sim, obrigado – disse Murtagh, secamente.

– Ainda bem que não tive de o fazer – disse Eragon, fitando o olho cintilante, cor de sangue, de Thorn.

O dragão resfôlgou e, depois, curvou-se, tocou no alto da cabeça de Eragon, roçando ao de leve as escamas pelo elmo.

Que apanhes sempre vento e sol de feição.

– Igualmente.

Uma profunda sensação de raiva, mágoa e ambivalência invadiu a sua mente. Eragon sentiu a consciência de Glaedr envolvê-lo a ele e, aparentemente, a Murtagh e Thorn, pois estes ficaram tensos, como se previssem uma querela. Eragon esquecera-se que Glaedr estava presente e os estava a ouvir, tal como os outros Eldunarís escondidos na bolsa de espaço invisível.

Quem me dera poder agradecer-te pelo mesmo, disse Glaedr, num tom mais amargo que a galha de um carvalho. Mataste o meu corpo e o meu Cavaleiro. A afirmação era franca e simples, o que a tornava ainda mais terrível.

Murtagh disse algo em pensamento, mas Eragon não soube o que era, pois tinha sido dirigido unicamente a Glaedr, e ele apenas acedia às reações de Glaedr.

Não, não posso, disse o dragão dourado. Contudo, entendo que foi Galbatorix que te levou a fazê-lo e que foi ele que conduziu o teu braço, Murtagh... Não posso perdoar, mas Galbatorix está morto e o meu desejo de vingança morreu com ele. O teu caminho sempre foi duro, desde que nasceste, mas hoje demonstraste que as tuas desventuras não te vergaram. Viraste-te contra Galbatorix, quando isso te poderia ter valido apenas dor, e ao fazê-lo permitiste que Eragon o matasse. Hoje, tu e Thorn provaram merecer em pleno o título de Shur'tugal, embora nunca recebessem a instrução nem a orientação necessárias. Isso é... admirável.

Murtagh curvou ligeiramente a cabeça e Thorn disse:

Obrigado, Ebrithil, e Eragon ouviu. O facto de Thorn usar o título honorífico de ebrithil, pareceu assustar Murtagh, pois este olhou para o dragão e abriu a boca como se quisesse dizer algo.

Depois Umaroth acrescentou:

Sabemos de todas as dificuldades que passaram, pois observámo-vos à distância, tal como observámos Eragon e Saphira. E há muitas coisas que vos poderemos ensinar logo que estejam preparados, mas até lá, saibam o seguinte: nas vossas viagens, evitem os túmulos de Anghelm, onde jaz o corpo do único rei Urgal, Kulharvek. Evitem as ruínas de Vroengard e de El-harím. Acautelem-se com as profundezas e não caminhem por locais onde o solo é negro e frágil, e o ar cheira a enxofre, pois o Mal está à espreita nesses locais. Se seguirem este conselho, não encontrarão perigos que não estejam ao vosso alcance enfrentar, a menos que sejam alvo de um grande infortúnio.

Murtagh e Thorn agradeceram a Umaroth. Depois Murtagh olhou na direção de Urû'baen e disse:

– É melhor irmos andando. – Voltou a olhar para Eragon. – Consegues agora lembrar-te do nome da língua antiga, ou a magia de Galbatorix ainda te está a confundir?

– Quase que consigo, mas... – Eragon abanou a cabeça, frustrado.

Depois Murtagh proferiu o nome dos nomes duas vezes: primeiro para remover o feitiço do esquecimento que Galbatorix lançara sobre Eragon e depois, uma vez mais, para que Eragon e Saphira ficassem a sabê-lo.

– Não o partilharia com mais ninguém – disse ele. – Se todos os feiticeiros soubessem o nome da língua antiga, esta deixaria de ter qualquer valor.

Eragon concordou, acenando com a cabeça.

Depois Murtagh estendeu a mão e Eragon agarrou-lhe o antebraço. Ficaram assim por instantes, a olhar um para o outro.

– Tem cuidado – disse Eragon.

– Tu também... Irmão.

Eragon hesitou e voltou a acenar com a cabeça:

– Irmão.

Murtagh verificou mais uma vez as correias dos arreios de Thorn antes de trepar para a sela. Quando Thorn abriu as asas e começou a afastar-se, Murtagh gritou:

– Protege bem Nasuada. Galbatorix tinha muitos servos, mais do que me revelou, e nem todos estavam ligados a ele apenas por magia. Eles procurarão vingar-se da morte do seu amo. Mantém-te vigilante. Há alguns, entre eles, que são ainda mais perigosos que os Ra'zac!

Depois ergueu um braço para se despedir e Eragon fez o mesmo. Thorn deu três longas passadas para fora do mar de urtigas e levantou voo, deixando um rasto de sulcos na terra macia.

O cintilante dragão vermelho voou uma, duas, três vezes em círculo sobre eles e depois virou para Norte, batendo as asas a um ritmo lento e constante.

Eragon reuniu-se a Saphira, no topo da pequena colina, e juntos ficaram a ver Thorn e Murtagh a afastarem-se, diminuindo à distância até se reduzirem a um ponto brilhante, perto do horizonte.

Uma sensação de tristeza invadiu-os. Eragon ocupou o seu lugar no dorso de Saphira e os dois partiram da colina de regresso a Urû'baen.

HERDEIRO DO IMPÉRIO

Eragon subiu lentamente os degraus gastos da torre verde. O sol estava prestes a pôr-se. Ele conseguia ver os edifícios raiados de sombras de Urû'baen e os campos nevoentos fora da cidade, através das janelas, na parede curva. E, à medida que subia em espiral, distinguia o volume escuro da colina de pedra que se erguia atrás.

A torre era alta e Eragon estava cansado. Teria preferido voar com Saphira até ao topo. Fora um dia longo e a única coisa que desejava, naquele momento, era sentar-se com Saphira a beber uma caneca de chá quente, enquanto via a luz desaparecer do céu. Mas, como sempre, ainda havia trabalho a fazer.

Viu Saphira apenas duas vezes, desde que tinham regressado à cidadela, depois de se separarem de Murtagh e Thorn. Saphira passara a tarde a ajudar os Varden a matar ou a capturar os soldados que restavam e, mais tarde, a reunir em acampamentos as famílias que tinham fugido das suas casas e se tinham dispersado pelos campos enquanto esperavam para ver se a saliência se partia e caía.

Os Elfos explicaram a Eragon que não caíra graças aos feitiços que tinham sido introduzidos na pedra em eras passadas – quando Urû'baen era ainda Ilírea – e também porque as dimensões da saliência lhe permitiram suportar a força da explosão sem danos significativos.

A própria colina ajudara a conter os resíduos nefastos da explosão, embora muitos se tivessem escapado através da entrada da cidadela. A maior parte daqueles que estavam no interior ou perto da cidadela precisava de ser curado com magia, caso contrário não tardariam a adoecer e a morrer. Muitos já tinham adoecido e Eragon tentara salvar o maior número possível de pessoas, juntamente com os Elfos. A energia dos Eldunarís ajudara-o a curar muitos dos Varden e bastantes habitantes da cidade.

Naquele preciso momento, os Elfos e os Anões muravam a parte da frente da cidadela para evitar mais contaminações. Isto depois de passarem revista ao edifício, à procura de sobreviventes que ainda eram em grande número: soldados, criados e centenas de prisioneiros que estavam nas masmorras, por baixo. O grande depósito de tesouros no interior da cidadela, incluindo o recheio da vasta biblioteca de Galbatorix, teria de ser resgatado mais tarde, o que não seria uma tarefa fácil, pois as paredes de muitas das salas tinham ruído e muitas outras, embora ainda estivessem de pé, encontravam-se de tal forma danificadas que seriam um perigo para quem se aventurasse a aproximar-se delas. Além disso, seria necessário recorrer à magia para conter o veneno que se infiltrara no ar, na pedra e em todos os objetos no interior do vasto labirinto da fortaleza, e mais ainda para purificar todas as peças que decidissem trazer cá para fora.

Logo que barricassem a cidadela, os Elfos expurgariam a cidade e os campos em redor dos resíduos nefastos que os cobriam, para que a área se tornasse de novo segura para viver, e Eragon sabia que também os teria de ajudar nisso.

Antes de se reunir aos esforços para curar e erguer proteções em torno da cidade e de todos os que estavam no interior ou nas imediações de Urû'baen, passara mais de uma hora a usar o nome da língua antiga para descobrir e dismantelar os inúmeros feitiços que Galbatorix lançara nos edifícios e no povo da cidade. Alguns dos encantamentos pareciam benignos – como, por exemplo, um feitiço cujo único propósito era, aparentemente, evitar que as dobradiças de uma porta rangessem e que drenava a sua energia de uma peça de cristal, do tamanho de um ovo, montada na parte da frente da porta. Mas Eragon não se atrevia a deixar nenhum dos feitiços de Galbatorix intactos, por muito inofensivos que parecessem, muito menos os feitiços lançados sobre os homens e as mulheres que tinha ao seu serviço. Os mais comuns eram os juramentos de lealdade, mas havia também proteções e encantamentos para lhes conceder aptidões fora do normal e outros feitiços mais misteriosos.

Ao libertar nobres e plebeus da sua escravidão, Eragon ouvia, de vez em quando, um grito de angústia como se lhe tivesse roubado algo de precioso.

O momento em que despojara os Eldunarís escravizados por Galbatorix das restrições que o rei lhes impusera fora especialmente crítico, pois os dragões começaram imediatamente a atacar e a assaltar as mentes das pessoas que estavam na cidade sem fazerem distinção entre amigos e inimigos. Uma atmosfera de pavor alastrava por Urû'baen nessas alturas, e toda a gente – incluindo os Elfos – se encolhia e empalidecia de pavor.

Depois disso, Blödhgarm e os dez feiteiros que lhe restavam prenderam a caravana de caixas de metal, que continham os Eldunarís, a dois cavalos, conduzindo-as para fora de Urû'baen, onde os pensamentos dos dragões já não produziam um efeito tão intenso. Glaedr insistira em acompanhar os dragões enlouquecidos, bem como alguns dos Eldunarís de Vroengard. Foi essa a segunda vez que Eragon viu Saphira, depois do seu regresso, ao retificar o feitiço que escondia Umaroth e os que o acompanhavam para que os cinco Eldunarís pudessem serem distribuídos e entregues à guarda de Blödhgarm. Glaedr e os cinco Eldunarís eram de opinião que conseguiriam acalmar e comunicar com os dragões que Galbatorix atormentara durante tanto tempo. Eragon não tinha tantas certezas, embora esperasse que eles estivessem certos.

Enquanto os Elfos e os Eldunarís saíam da cidade, Arya contactara-o, colocando-lhe uma série de perguntas, do lado de fora do portão destruído, onde estava em conferência com os capitães do exército da sua mãe. No breve lapso de tempo em que as suas mentes se tocaram, ele sentiu a sua desolação pela morte de Iskanzadí e também a mágoa e a raiva que redemoínham por baixo da sua dor, apercebendo-se de que as suas emoções estavam prestes a dominá-la, bem como do esforço que fazia para as conter. Tentou consolá-la o melhor que pôde, mas os seus esforços pareciam insignificantes comparados com a perda.

Nessa altura, tal como agora, e desde que Murtagh partira, Eragon fora atacado por uma sensação de vazio. Esperara sentir-se rejubilante por terem matado Galbatorix e, embora estivesse satisfeito – verdadeiramente satisfeito – pelo facto de o rei ter desaparecido, já não sabia o que fazer. Alcançara o seu objetivo, escalara a montanha impossível de alcançar e, agora, sem esse propósito para o guiar e motivar, sentia-se perdido. O que iriam ele e Saphira fazer das suas vidas? O que lhes poderia dar sentido? A seu tempo, sabia que ambos iriam criar a próxima geração de dragões e Cavaleiros, mas tal perspectiva parecia demasiado distante para ser real.

Sentiu-se nauseado e esmagado ao ponderar nessas questões. Tentou pensar noutra coisa, mas as perguntas continuavam a massacrá-lo, algures no limiar da sua mente e a sensação de vazio continuava.

Talvez a ideia de Murtagh e Thorn fosse a correta.

As escadas da torre verde pareciam não acabar. Continuou a subir em espiral, até que as pessoas na rua se comesçassem a assemelhar a formigas, e a barriga das pernas e a parte de trás dos calcanhares lhe comesçassem a arder, devido ao movimento repetitivo. Viu ninhos de andorinhas nas estreitas janelas e, por baixo de uma, avistou uma pilha de pequenos esqueletos: desperdícios de um falcão ou de uma águia.

Quando chegou ao fim da escada em caracol – uma grande porta ogival, escurecida pelo tempo – fez uma pausa para reunir ideias e permitir que a sua respiração abrandasse. Depois subiu os últimos metros, ergueu a tranca e empurrou a porta que dava acesso à grande câmara redonda, no topo da torre de vigia élfica.

Estavam seis pessoas à sua espera, juntamente com Saphira: Arya e Däthedr, o elfo nobre de cabelo prateado, o rei Orrin, Nasuada, o rei Orík e Grinrr Meiapata, o rei dos homens-gato. Todos aguardavam de pé – à exceção de Orrin que estava sentado –, reunidos em círculo, a alguma distância uns dos outros. Saphira estava do lado oposto da escada, diante da janela virada a sul, que lhe permitira aterrar no interior da torre. A luz do sol poente projetava-se em diagonal ao longo da sala, iluminando os entalhes élficos nas paredes e o intrincado padrão de pedras coloridas no chão lascado.

Todos pareciam tensos e desconfortáveis, à exceção de Saphira e Grinrr. Eragon viu evidências da dor e perturbação nos olhos e na linha rígida do pescoço

dourado de Arya. “Quem lhe dera poder fazer algo para lhe aliviar a dor.” Orrin estava sentado numa cadeira funda, amparando o peito ligado com a mão esquerda, com um copo de vinho na mão direita. Os seus gestos eram exageradamente lentos, como se receasse magoar-se. Mas os seus olhos estavam brilhantes e límpidos, por isso Eragon deduziu que seria o ferimento e não a bebida que o estava a tomar cauteloso. Däthedr batia ao de leve no pomo da sua espada e Orik estava de mãos dobradas sobre a base do cabo de Völund – que apoiara verticalmente no chão, diante de si – de olhos postos na barba. Nasuada tinha os braços cruzados como se sentisse frio e Grímr Meiapata, à direita, olhava para lá de uma janela aparentemente alheado dos outros.

Quando Eragon abriu a porta, todos o olharam e um sorriso espalhou-se pelo rosto de Orik:

– Eragon! – exclamou ele. Ergueu Völund sobre o ombro e aproximou-se, agarrando-o pelo antebraço. – Eu sabia que conseguirias matá-lo! Bravo! Hoje à noite iremos festejar, combinado? Que as fogueiras brilhem alto e as nossas vozes se façam ouvir até que os céus ecoem com o som das nossas celebrações.

Eragon sorriu e acenou com cabeça. Orik bateu-lhe mais uma vez no braço e regressou ao seu lugar, enquanto Eragon atravessava a sala para junto de Saphira.

Pequenino, disse ela, roçando-lhe o focinho pelo ombro.

Ele esticou o braço e tocou-lhe no focinho rijo e escamoso, consolando-se com a sua proximidade. Depois projetou um fio de pensamento na direção dos Eldunarís que Saphira tinha ainda consigo. Tal como ele, também eles estavam esgotados com os acontecimentos do dia. Eragon percebeu que eles preferiam observar e escutar a participar ativamente na discussão que estava prestes a desenrolar-se.

Os Eldunarís cumprimentaram-no e Umaroth disse:

Eragon, mas depois ficou em silêncio.

Ninguém na sala parecia disposto a falar primeiro. Eragon ouviu um cavalo a relinchar lá em baixo, na cidade. Perto da cidadela ouvia-se o ruído de picaretas e cinzeiros. O rei Orrin mexeu-se desconfortavelmente na cadeira e bebeu um gole de vinho. Grímr coçou a orelha pontiaguda e farejou o ar, como se o provasse.

Finalmente, Däthedr quebrou o silêncio:

– Temos de tomar uma decisão – disse ele.

– Isso já nós sabemos, elfo – resmungou Orik.

– Deixa-o falar – disse Orrin, gesticulando com o seu cálice adornado de jóias. – Eu gostaria de ouvir as suas ideias acerca da forma como deveremos prosseguir. –

Um sorriso amargo, algo desdenhoso, surgiu-lhe no rosto e ele inclinou a cabeça na direção de Däthedr como se estivesse a dar-lhe permissão para falar.

Däthedr retribuiu com um aceno de cabeça. Se ficara ofendido com o tom do rei não o mostrou.

– É impossível esconder que Galbatorix morreu. As novas da nossa vitória estão a espalhar-se pelo reino, neste preciso momento, e, no final da semana grande parte de Alagaësia estará a par da morte de Galbatorix.

– Tal como deveria ser – disse Nasuada. Trocara a túnica que os carcereiros lhe tinham dado por um vestido vermelho escuro que tornava ainda mais evidente o peso que perdera durante o seu cativeiro, pois parecia pender-lhe dos ombros e destacava-lhe a cintura agora terrivelmente fina. Mas, apesar da sua aparência frágil, Nasuada parecia ter recuperado parte da força. Depois de Eragon e Saphira regressarem à cidadela, Nasuada estivera à beira de um colapso, por exaustão física e mental. Assim que Jörmundur a vira, levava-a apressadamente para o acampamento, onde tinha ficado em isolamento o resto do dia. Eragon não conseguira consultá-la antes da reunião, por isso não sabia ao certo a sua opinião sobre o assunto para a discussão do qual se tinham reunido. Poderia contactá-la mentalmente, se necessário, embora esperasse evitá-lo pois não queria perturbar a sua privacidade. Não naquele momento, não depois de tudo o que se passara.

– Tal como deveria ser – disse Däthedr, num tom forte e claro, sob o teto abobadado da elevada câmara circular. – Contudo, à medida que as pessoas forem sabendo da queda de Galbatorix, a primeira questão que se irão colocar é quem terá assumido o seu lugar – disse Däthedr, fitando os rostos em redor. – Temos de lhes dar uma resposta agora, antes que a inquietação se comece a instalar. A nossa rainha morreu e vós, Orrin, estais ferido. Os rumores vão multiplicar-se, tenho a certeza. É importante acabar com eles antes que causem problemas. Adiar seria desastroso. Não podemos permitir que cada nobre com algumas tropas acredite que pode subir ao trono como monarca do seu insignificante território. Se isso acontecer, o império desintegrar-se-á numa centena de reinos diferentes e nenhum de nós deseja que isso aconteça. Temos de escolher um sucessor – escolhe-lo e nomeá-lo –, por muito difícil que isso seja.

Grímr disse sem se virar:

– Não se pode liderar um bando, quando se é fraco.

O rei Orrin voltou a sorrir, mas os seus olhos estavam inquietos.

– E que papel tencionam desempenhar nesse processo, Arya, Lord Däthedr, rei Orik e rei Meiapata? Agradecemos a vossa amizade e a vossa ajuda, mas somos nós, humanos, que temos de tomar essa decisão, não vocês. Nós governamo-nos a nós próprios e não permitimos que outros escolham os nossos reis.

Nasuada esfregou os braços cruzados e, para surpresa de Eragon, disse:

– Concordo. Isto é algo que temos de resolver sozinhos. – Olhou para o outro lado da sala, fitando Arya e Däthedr. – Certamente que compreenderão. Não nos permitiriam que vos disséssemos quem deveriam nomear como vosso novo rei ou rainha. – Olhou para Orik. – Nem os clãs nos teriam permitido escolher o sucessor de Hrothgar.

– Não – anuiu Orik. – Certamente que não.

– É claro que a decisão é vossa – disse Däthedr. – Jamais ousaríamos impor-vos o que tem de ser feito. Mas será que como vossos amigos e aliados não conquistámos o direito de dar a nossa opinião num assunto de peso como este, que nos afetará a todos? Seja o que for que decidam terá certamente implicações de grande envergadura. Seria sensato perceberem isso antes de fazerem a vossa escolha.

Eragon compreendeu muito bem. Era uma ameaça. Däthedr queria dizer que, se eles tomassem uma decisão que desagradasse aos Elfos, isso teria desagradáveis consequências. Eragon resistiu ao impulso de franzir o sobrolho. Estava muita coisa em jogo e qualquer erro poderia acabar por originar problemas durante décadas.

– Isso parece-me... razoável – disse Nasuada, olhando de relance para o rei Orrin.

Orrin olhou para o seu cálice e inclinou-o em círculo, girando o líquido no seu interior.

– E como pensas aconselhar-nos a escolher, Lord Däthedr, diz lá. Estou bastante curioso.

O elfo fez uma pausa. O seu cabelo prateado emanava um brilho difuso em torno da cabeça, sob a luz quente e baixa do poente.

– Quem quer que use a coroa terá de possuir a perícia e a experiência necessárias para reinar eficazmente desde o início. Não há tempo para instruir alguém acerca dos métodos de liderança, tão-pouco estamos em condições de nos sujeitar aos erros de um iniciado. Além disso, essa pessoa terá de ser moralmente capaz de assumir um cargo tão importante. Ele ou ela terão de ser uma escolha aceitável para os Vården e, em menor escala, para o povo do Império. Se possível, essa pessoa deveria ser alguém que nós e os outros aliados considerem agradável.

– As tuas exigências limitam bastante as nossas opções – disse o rei Orrin.

– Apenas com o propósito de promover uma boa liderança. Ou será que tens outras ideias acerca do assunto?

– Vejo várias opções que ignoraram ou descartaram, talvez pelo facto de as considerarem desagradáveis. Mas não tem importância, continua.

Däthedr franziu os olhos, mas continuou a falar num tom suave.

– A escolha mais óbvia – e a que o povo do Império provavelmente espera – recai sobre a pessoa que matou Galbatorix, ou seja, Eragon.

O ar na câmara tornou-se estaladiço como se fosse de vidro.

Todos olharam para Eragon, mesmo Saphira e o homem-gato e ele sentiu que Umaroth e os outros Eldunarís também o estavam a observar. Olhou para as pessoas em seu redor sem medo ou irritação pelo facto de estar a ser alvo de escrutínio. Sondou o rosto de Nasuada, tentando adivinhar algo nele, mas além da solenidade da sua expressão não distinguiu nada que lhe indicasse o que ela estava a pensar ou a sentir.

Inquietou-o o poder que Däthedr tinha razão: ele poderia tornar-se rei. Por momentos, Eragon decidiu considerar essa possibilidade. Ninguém o poderia impedir de alcançar o trono, ninguém exceto Elva e talvez Murtagh – mas, agora, ele sabia como contrariar as aptidões de Elva e Murtagh já lá não estava para o desafiar. Saphira não se iria opor a ele, fosse qual fosse a sua decisão, ele sabia-o, e embora não conseguisse decifrar a expressão de Nasuada, teve a estranha sensação de que ela se disporia, pela primeira vez na vida, a abdicar, permitindo-lhe assumir o comando.

O que queres tu?, perguntou Saphira.

Eragon ponderou.

Quero ser... útil. O poder e o domínio sobre os outros – o que Galbatorix buscava – não têm grande interesse para mim. De qualquer forma, há outras responsabilidades a assumir.

Desviando a sua atenção para os que observavam, ele disse:

– Não. Não estaria certo.

O rei Orrin pigarreou e bebeu mais um gole de vinho. Arya, Däthedr e Nasuada, por seu turno, pareceram descontrair-se, mesmo que ligeiramente. Os Eldunaris pareciam também satisfeitos com a sua decisão, embora não o verbalizassem.

– Fico feliz por te ouvir dizê-lo – comentou Däthedr. – Sem dúvida que darias um bom governante, mas não creio que fosse vantajoso para a tua raça, nem para as outras raças de Alagaësia, que um outro Cavaleiro do Dragão assumisse a coroa.

Depois Arya fez sinal a Däthedr. O elfo de cabelo prateado recuou um pouco e Arya disse:

– Roran seria uma outra escolha óbvia.

– Roran? – interpelou Eragon, incrédulo.

Arya fitou-o com um olhar solene. Os seus olhos brilhantes e ferozes eram como esmeraldas lapidadas num padrão raiado, sob a luz transversal.

– Foram as suas ações que permitiram aos Varden tomar Urû'baen. Ele é o herói de Aroughs e de muitas outras batalhas. Os Varden e o resto do Império seguiam sem hesitar.

– Ele é indelicado, sofre de excesso de confiança e não tem a experiência necessária – disse Orrin. Depois olhou para Eragon com uma expressão ligeiramente culpada. – Mas é um bom guerreiro.

Arya piscou os olhos como uma coruja.

– Creio que não vos seria difícil concluir que a sua indelicadeza depende de com quem lida... Majestade. Tendes, contudo, razão; Roran não tem a experiência necessária, o que nos reduz a duas opções: Nasuada ou vós, rei Orrin.

O rei Orrin voltou a mexer-se na cadeira funda e franziu mais a testa, no entanto, a expressão de Nasuada não se alterou.

– Presumo que queiras reclamar o teu direito ao trono – disse Orrin a Nasuada.

Ela levantou o queixo:

– Sim – disse num tom calmo e brando como água.

– Então estamos num impasse porque eu também quero. E não tenciono ceder. – Orrin girou o pé do cálice entre os dedos. – A única forma de resolvermos este assunto sem derramamento de sangue é renunciarmos a esse direito. Se insistires em reclamá-lo, acabarás por destruir tudo o que ganhámos hoje, e o caos que se seguirá será da tua exclusiva responsabilidade.

– Seríeis capaz de vos virar contra os vossos aliados apenas para recusardes o trono a Nasuada? – perguntou Arya. Talvez Orrin não o entendesse, mas Eragon percebeu o significado da postura dura e fria de Arya: prontidão para atacar e matar a qualquer momento.

– Não – respondeu Orrin. – Virar-me-ia contra os Varden para conquistar o trono. É diferente.

– Porquê? – perguntou Nasuada.

– Porquê? – A pergunta pareceu indignar Orrin. – O meu povo alojou, alimentou e equipou os Varden. Os meus soldados combateram e morreram ao lado dos vossos guerreiros. Arriscámos muito mais do que os Varden, enquanto país. Os Varden não têm lar. Se Galbatorix tivesse derrotado Eragon e os dragões, vocês poderiam fugir e esconder-se, mas nós só podemos ir para Surda. Galbatorix ter-nos-ia atacado como um raio vindo das alturas, espalhando a destruição por toda a região. Nós apostámos tudo – as nossas famílias, as nossas casas, as nossas riquezas e a nossa liberdade. Depois de tudo isso, depois de todos esses sacrifícios, achas que nos contentaríamos em regressar aos campos com uma festa na cabeça e os vossos reais agradecimentos? Bah! Mais depressa rastejaria. Regámos o chão com o nosso sangue daqui até às Planícies Flamejantes e agora teremos a nossa recompensa. – Cerrou o punho. – Agora reclamaremos o nosso quinhão.

As palavras de Orrin não pareceram incomodar Nasuada, na verdade ela mostrou-se pensativa, até mesmo compreensiva.

Certamente que ela não vai dar a este rafeiro raivoso o que ele pretende, comentou Saphira.

Espera para ver, disse Eragon. Ainda é capaz de nos trocar as voltas.

Arya disse:

– Estava a contar que vocês os dois chegassem a um acordo amigável e...

– Claro – ripostou o rei Orrin –, e eu também o espero. – Desviou o olhar para Nasuada. – Mas receio bem que a determinação obstinada de Nasuada não lhe permita ver que, neste caso, deveria ceder.

Arya prosseguiu:

– ... e, como Däthedr disse, não nos passaria pela cabeça interferir com a vossa raça na escolha do vosso próximo governante.

– Eu lembro-me – disse Orrin, com um sorriso sardónico.

– Contudo – continuou Arya –, como aliados oficiais dos Varden, devo dizer-vos que encaramos qualquer ataque a eles dirigido como se fosse dirigido a nós, e reagiremos em conformidade.

Orrin franziu o rosto como se tivesse mordido algo amargo.

– O mesmo se aplica a nós, Anões – disse Orik, num tom áspero como pedras a roçarem umas nas outras nas entranhas da terra.

Grimr Meiapata ergueu a mão mutilada, examinando as unhas semelhantes a garras nos três dedos que lhe restavam.

– Não nos interessa quem seja nomeado rei ou rainha, desde que nos garantam o lugar que nos prometeram junto ao trono. Ainda assim, foi com Nasuada que o negociámos, e é Nasuada que continuaremos a apoiar até que deixe de ser o líder do bando dos Varden.

– Ah, ha! – exclamou o rei Orrin, inclinando-se para a frente com a mão apoiada no joelho. – Mas ela já não é líder dos Varden. Eragon é o atual líder!

Todos os olhares se viraram de novo para Eragon. Ele torceu o nariz e disse:

– Julgava que tinha ficado claro que devolvi a minha autoridade a Nasuada, no momento em que ela ficou livre. Se assim não foi, quero deixar bem claro que o líder dos Varden é Nasuada e não eu e, na minha opinião, deveria ser ela a herdar o trono.

– Tinhas de dizer isso – disse o rei Orrin com um sorriso escarminho. – Juraste-lhe lealdade. É claro que achas que devia ser ela a herdar o trono. Não passas de um servo leal a erguer-se em defesa do seu amo, e as tuas opiniões valem tanto como as opiniões dos meus próprios servos.

– Não! – reagiu Eragon. – Estás enganado. Se eu achasse que tu ou qualquer outra pessoa poderia ser melhor líder, admiti-lo-ia! Sim, jurei lealdade a Nasuada, mas isso não me impede de dizer a verdade quando a reconheço.

– Talvez, mas a tua lealdade para com ela afeta o teu discernimento.

– Da mesma forma que a tua lealdade a Surda afeta o teu – ripostou Orik.
O rei Orrin franziu o sobrolho.
– Porque será que se viram sempre contra mim? – perguntou ele, enfaticamente, olhando para Eragon, Arya e Orik. – Porque é que ficam sempre do lado dela em todas as disputas? – O vinho saltou pela borda do copo, quando ele apontou para Nasuada. – Porque é que ela merece o vosso respeito e eu e o povo de Surda não? Favorecem sempre Nasuada e os Varden e, antes dela, era Ajihad. Se o meu pai fosse vivo...

– Se o vosso pai, o rei Larkin, fosse vivo – disse Arya – não estaria aí sentado a lamentar-se pela forma como os outros o veem, faria alguma coisa em relação a isso.

– Calma – disse Nasuada antes que Orrin ripostasse. – Não há necessidade de se insultarem... Orrin as tuas preocupações são pertinentes. Tens razão o povo de Surda contribuiu muito para a nossa causa. Admito com toda a sinceridade que sem a vossa ajuda jamais teríamos conseguido atacar o Império como atacámos. Pelo que merecem uma recompensa pelo que arriscaram, gastaram e perderam no decurso desta guerra.

O rei Orrin acenou com a cabeça, mostrando-se satisfeito.

– Então cedez?

– Não – disse Nasuada, mais calma do que nunca. – Isso não. Mas tenho uma contra-proposta que talvez satisfaça os teus interesses. – Orrin fez um ruído inconformado, mas não interrompeu. – A minha proposta é a seguinte: grande parte do território que conquistámos, tornar-se-á parte de Surda. Aroughs, Feinster e Melian serão tuas, bem como as ilhas, a Sul, logo que estejam sob o nosso domínio. Com esta aquisição, Surda ficará quase com o dobro do tamanho.

– E o que pretendes em troca? – perguntou Orrin, arqueando a sobancelha.

– Em troca, pretendo que jures lealdade ao trono de Urû'baen e a quem se sentar nele.

Orrin fez um esgar.

– E tu tornar-te-ias Rainha Suprema do Império.

– Estes dois reinos – o Império e Surda – têm de se unir se quisermos evitar futuras hostilidades. Continuarias a governar Surda como entendesses, exceto num aspeto: os feiticeiros de ambos os países ficariam sujeitos a determinadas restrições, cuja natureza decidirei mais tarde. Para além dessas regulamentações, Surda contribuiria inerentemente para a defesa de ambos os territórios. Se algum dos nossos países fosse atacado, o outro garantir-lhe-ia auxílio sob a forma de homens e material.

O rei Orrin poisou o cálice direito sobre o colo e olhou para ele.

– Vólto a perguntar: porque haverias de ser tu a subir ao trono e não eu? A minha família governa Surda desde que Lady Matelda ganhou a batalha de Cithrí, fundando dessa forma Surda e a Casa de Langfeld. A nossa linhagem remonta a Thanebrand e ao próprio rei Giver. Enfrentámos e combatemos o Império durante um século. Foi o nosso ouro, as nossas armas e as nossas armaduras que permitiram que os Varden existissem e que vos sustentaram ao longo dos anos. Sem o nosso apoio, ter-vos-ia sido impossível resistir a Galbatorix. Nem os Anões nem os Elfos poderiam fornecer-vos tudo o que precisavam, à distância que estavam, por isso volto a perguntar: porque haveria de te caber a ti esta recompensa e não a mim, Nasuada?

– Porque acredito que serei uma boa rainha – respondeu Nasuada. – E porque acredito ser o melhor para o nosso povo e para toda a Alagaësia, à semelhança de tudo o que fiz enquanto líder dos Varden.

– Tens-te muito em conta.

– A falsa modéstia nunca foi digna de admiração, muito menos entre aqueles que comandam. Não demonstrei largamente a minha capacidade de liderança? Se não fosse eu, os Varden estariam encolhidos no interior de Farthen Dûr, à espera que um sinal divino lhes revelasse o momento certo para atacar Galbatorix. Fui eu que conduzi os Varden de Farthen Dûr até Surda e que fiz deles um exército poderoso. Com a tua ajuda, sim, mas fui eu que os conduzi e fui eu que assegurei a ajuda dos Anões, dos Elfos e dos Urgals. Terias conseguido fazer tanto? Seja quem for que reinar em Urû'baen, terá de lidar com todas as raças do reino e não apenas com a nossa. E isso foi o que eu fiz e farei, repito. – Depois Nasuada continuou num tom mais suave, embora mantivesse uma expressão mais firme do que nunca. – Porque queres isto, Orrin? Ficarias mais feliz?

– Não é uma questão de felicidade – rosnou ele.

– Em parte é. Queres realmente governar todo o Império, para além de Surda? Quem conquistar o trono terá uma pesada tarefa à sua frente. Há um país para reconstruir: tratados para negociar, cidades por conquistar, nobres e feiticeiros para dominar. Levaremos uma vida inteira para começar a reparar a destruição que Galbatorix semeou. Queres realmente assumir essa responsabilidade? Parece-me que preferirias que a tua vida fosse como em tempos. – Nasuada desviou o olhar para o cálice e depois voltou a olhar para ele. – Se aceitares a minha oferta, poderás voltar para Alberon e retomar as tuas experiências em Filosofia Natural. Não gostarias de o fazer? Surda será maior e mais rica, e tu terás a possibilidade de te dedicares aos teus interesses.

– Nem sempre podemos fazer o que queremos. Às vezes temos de fazer o que está certo e não o que queremos – disse o rei Orrin.

– Certo, mas...

– Além disso, se eu fosse rei em Urû'baen, conseguiria dedicar-me aos meus interesses tão facilmente como em Alberon. – Nasuada franziu o sobrolho, mas antes que conseguisse falar, Orrin continuou: – Tu não entendes... – disse ele, franzindo o sobrolho e bebendo mais um gole de vinho.

Então explica-nos, disse Saphira, cuja impaciência era notória, a avaliar pela cor dos seus pensamentos.

Orrin resfolegou, esvaziou o cálice e atirou-o contra a porta das escadas, amolgando o ouro do copo. Algumas jóias saltaram dos entalhes, rodopiando tremulamente pelo chão.

– Não posso – rugiu ele –, nem me vou dar ao trabalho de tentar. – E olhou furioso à volta da sala. – Nenhum de vocês iria entender. Estão demasiado apegados à vossa própria importância para verem. Como poderiam ver se nunca viveram aquilo que eu vivi? – E voltou a afundar-se na cadeira. Os seus olhos pareciam dois pedaços de carvão sob as saliências da testa. Depois, dirigindo-se a Nasuada disse: – Estás determinada? Não abdicas do teu direito?

Ela abanou a cabeça.

– E se eu decidir reclamar o meu direito ao trono?

– Nesse caso, entraremos em conflito.

– E vocês os três vão tomar o partido dela? – perguntou Orrin, olhando sucessivamente para Arya, Orik e Grimm.

– Se os Varden forem atacados, nós lutaremos a seu lado – respondeu Orik.

– Tal como nós – acrescentou Arya.

O rei Orrin sorriu, mais como se arreganhasse os dentes.

– Não vos passaria pela cabeça dizer quem deveríamos escolher como líder, não é verdade?

– Claro que não – disse Orik, revelando os dentes brancos por entre a barba, num sorriso perigoso.

Depois, Orrin voltou a centrar-se em Nasuada.

– Quero Belatona em conjunto com as outras cidades que mencionaste.

Nasuada ponderou por instantes:

– Com Feinster e Aroughs, ganhas duas cidades portuárias, três se contares com Eoam na Ilha de Beirland. Dou-te Furnost em vez disso e ficarás com o Lago Tüdosten, tal como eu ficarei com o Lago Leona.

– O Leona é mais valioso que o Tüdosten, pois garante o acesso às montanhas e à costa norte – fez notar Orrin.

– Sim, mas tu já tens acesso ao Lago Leona por Dauth e pelo Rio Jiet.

O rei Orrin olhou para o chão e ficou em silêncio. Lá fora, o sol mergulhou no horizonte, iluminando algumas nuvens pequenas. O céu começou a escurecer e surgiram as primeiras estrelas: ténues pontos de luz numa vastidão arroxeadada. Levantou-se uma brisa ligeira e, ao ouvi-la roçar nas paredes da torre, Eragon distinguiu também o restolhar das urtigas serrilhadas.

Quanto mais esperavam mais provável lhe parecia que Orrin recusasse a oferta de Nasuada, ou que ali ficasse sentado em silêncio durante toda a noite.

Entretanto o rei mudou de posição e levantou os olhos:

– Muito bem – disse ele em voz baixa. – Desde que respeites os termos do nosso acordo, eu não te desafiarei para suceder a Galbatorix... Majestade.

Eragon foi percorrido por um arrepio ao ouvir Orrin proferir aquelas palavras.

Nasuada avançou até ao centro da sala aberta, com uma expressão sombria. Depois, Orik bateu com a base do cabo de Volund contra o chão e proclamou:

– O rei está morto, viva a Rainha!

– O rei está morto, viva a Rainha! – gritaram Eragon, Arya, Däthedr e Grinnr. O homem-gato esticou os lábios, revelando os caninos e Saphira deixou escapar um ronco agudo e triunfante, que ecoou pelo teto angular e pela cidade coberta de pó, lá ao fundo. Um sentimento de aprovação emanou dos Eldunarís.

Nasuada estava hirta, com uma expressão orgulhosa e as lágrimas a cintilarem-lhe, sob a luz mortiça.

– Obrigada – disse ela, demorando o olhar em cada um deles. Ainda assim, os seus pensamentos pareciam estar num outro lugar e em torno dela havia uma aura de tristeza, na qual Eragon desconfiou só ele ter reparado.

A escuridão cobriu a paisagem, onde apenas o topo da torre brilhava como um farol solitário, muitos metros acima da cidade.

UM EPITÁFIO ADEQUADO

Depois da vitória em Urû'baen, os meses pareciam passar a voar e, ao mesmo tempo, pareciam arrastar-se para Eragon. Tanto ele como Saphira tinham muito que fazer e raro era o dia em que não se sentiam extenuados ao pôr-do-sol, no entanto, continuavam a não ter propósitos – apesar das muitas tarefas que a rainha Nasuada lhes dava. Era como se estivessem parados numa extensão de água tranquila, à espera que alguma coisa – qualquer coisa – os voltasse a empurrar para a corrente principal.

Ele e Saphira ficaram em Urû'baen mais quatro dias depois de Nasuada ser nomeada rainha, ajudando os Varden a consolidarem a sua presença. Passaram grande parte do tempo a lidar com os habitantes da cidade – normalmente a apaziguarem multidões furiosas com alguma ação dos Varden – e a perseguirem grupos de soldados que tinham fugido de Urû'baen e atacavam viajantes, camponeses e propriedades próximas para sobreviverem. Participaram também no esforço de reconstrução do gigantesco portão fronteiro da cidade e Eragon lançou vários feitiços, a pedido de Nasuada, para que os que ainda eram leais a Galbatorix não iniciassem qualquer ação contra ela. Os feitiços aplicavam-se unicamente às pessoas que estavam dentro da cidade e nas terras circundantes, mas todos os Varden se sentiram mais seguros depois de ele os lançar.

Eragon reparou que os Varden, os Anões e até mesmo os Elfos os tratavam de forma diferente do que antes da morte de Galbatorix. Mostravam-se mais reverentes e atenciosos – especialmente os humanos – e Eragon acabou por perceber que os encaravam, a ambos, com um sentimento de respeito. A princípio agradou-lhe – embora Saphira não parecesse dar grande importância a isso – mas depois começou a incomodá-lo, ao perceber que a maioria dos Anões e humanos estava de tal forma ansiosa por agradar que lhe dizia tudo o que achava que ele queria ouvir, em detrimento da verdade. A descoberta inquietou-o e deu consigo incapaz de confiar em alguém a não ser em Roran, Arya, Nasuada, Orik, Horst e Saphira, é claro.

Viu Arya poucas vezes durante esses dias e, nas poucas vezes que se encontraram, ela parecia reservada, o que ele reconheceu ser a sua forma de lidar com a dor. Nunca conseguiram falar em privado e as condolências que Eragon lhe conseguiu dar foram breves e desajeitadas. Ficou com a impressão que ela apreciou, mas era difícil de dizer.

Nasuada, por seu turno, pareceu recuperar muito do seu anterior dinamismo, talento e energia depois de uma noite bem dormida, o que impressionou Eragon. A sua consideração por ela aumentou tremendamente depois de ouvir o relato do seu suplício no Salão da Profetisa, tal como o seu respeito por Murtagh, sobre quem Nasuada não disse nem mais uma palavra depois disso. Elogiou Eragon pela liderança dos Varden na sua ausência – embora ele reclamasse, dizendo-lhe que estivera ausente durante a maior parte do tempo – e agradeceu-lhe pelo facto de a resgatar tão rapidamente, admitindo no final da conversa, que Galbatorix quase conseguira vergá-la.

No terceiro dia, Nasuada foi coroada na grande praça, perto do centro da cidade, perante o olhar de uma vasta multidão de humanos, Anões, Elfos, homens-gato e Urgals. A explosão que acabara com a vida de Galbatorix destruíra a velha coroa dos Broddrings, por isso os anões forjaram uma nova com ouro descoberto na cidade e as jóias que os Elfos retiraram dos seus elmos ou dos pomos das espadas.

A cerimónia foi simples e, por isso mesmo, mais eficaz. Nasuada aproximou-se a pé, vinda da cidadela em ruínas. Envergava um vestido púrpura – com mangas à altura dos cotovelos, para que todos vissem as cicatrizes que lhe cobriam os antebraços – e uma cauda debruada a vison, que Elva segurava, pois Eragon atendera aos avisos de Murtagh e insistira para que a rapariga ficasse tão perto de Nasuada quanto possível.

Enquanto Nasuada se encaminhava para o estrado que fora montado no centro da praça, ouviu-se o rufar lento de um tambor. Em cima do estrado, junto da cadeira trabalhada que lhe serviria de trono, estava Eragon e Saphira, mesmo atrás. Em frente da plataforma elevada estavam os reis Orrin, Orik e Grimr, juntamente com Arya, Däthedr e Nar Garzhvog.

Nasuada subiu para o estrado e ajoelhou-se diante de Eragon e de Saphira, e um anão do clã de Orik entregou a Eragon a coroa acabada de fazer, que este colocou na cabeça de Nasuada. Depois, Saphira arqueou o pescoço, tocou na testa de Nasuada, e juntamente com Eragon disseram:

– Ergue-te agora como rainha, Nasuada, filha de Ajihad e Nadara!

Ouviu-se uma fanfarra de trompetas e a multidão ali reunida – que até então estivera mortalmente silenciosa – começou a aclamar. Era uma estranha cacofonia, pois os urros dos Urgals misturavam-se com as vozes melodiosas dos Elfos.

Depois, Nasuada sentou-se no trono. O rei Orrin aproximou-se e jurou-lhe lealdade, seguido de Arya, do rei Orik, Grimr Meiapata e Nar Garzhvog, que lhe prometeram a amizade das respetivas raças.

Eragon ficou profundamente afetado com o acontecimento e deu consigo a conter as lágrimas, ao olhar para o porte régio de Nasuada, sentada no trono. Só na sua coroação sentiu que o fantasma da opressão de Galbatorix começava a desvanecer-se.

Depois festejaram e os Varden e os seus aliados celebraram ao longo de toda a noite, prolongando-se até ao dia seguinte. Eragon pouco recordava das festividades, a não ser a dança dos Elfos, a batida forte dos tambores dos Anões e os quatro Kulls que treparam a uma torre, na muralha da cidade, e aí a ficaram a soprar em cornos feitos dos crânios dos seus pais. O povo da cidade também se reuniu às celebrações e Eragon viu neles alívio e júbilo pelo facto de Galbatorix já não ser rei. Por baixo das suas emoções e das de todos os presentes estava a consciência da importância do momento, pois todos sabiam estar a assistir ao fim de uma era e ao começo de uma outra.

No quinto dia, quando o portão estava praticamente reconstruído e a cidade começava a parecer razoavelmente segura, Nasuada ordenou a Eragon e a Saphira que voassem até Dras-Leona e daí para Belatona, Feinster e Aroughs e usassem o nome da língua antiga para libertarem dos seus votos todos os que tinham jurado lealdade a Galbatorix. Pediu também a Eragon que lançasse feitiços sobre nobres e soldados – tal como fizera ao povo de Urû'baen – para impedir que estes tentassem corromper a paz recém-estabelecida. Mas Eragon recusou por achar que isso era demasiado semelhante à forma como Galbatorix controlava aqueles que o serviam. Em Urû'baen, o risco de haver assassinos ou outros lealistas escondidos era elevado, pelo que Eragon aceitou fazer o que ela lhe pedira, mas não noutros locais. Para seu alívio, Nasuada concordou depois de alguma ponderação.

Eragon e Saphira levaram consigo mais de metade dos Eldunarís de Vroengard. Os outros ficaram com os corações dos corações que tinham sido resgatados do tesouro de Galabatorix. Blödhgarm e os seus feiteiros – que já não estavam obrigados a defender Eragon e Saphira – levaram esses Eldunarís para um castelo, vários quilómetros a nordeste de Urû'baen, onde seria fácil proteger os corações de qualquer um que os tentasse roubar e onde os pensamentos dos dragões enlouquecidos não afetariam as mentes de ninguém a não ser dos seus guardiães.

Eragon e Saphira só partiram depois de se convencerem de que os Eldunarís estavam em segurança.

Quando chegaram a Dras-Leona, Eragon ficou perplexo com o número de feitiços que encontraram por toda a cidade, bem como em Helgrind, a sombria torre de pedra, concluindo que muitos deveriam ter centenas de anos, senão fossem mais antigos: encantamentos perdidos há muitas eras. Deixou os que pareciam inofensivos e eliminou os nefastos, embora, por vezes, fosse difícil fazer a distinção e ele se sentisse relutante em interferir com feitiços cujo propósito não entendia. Aí os Eldunarís

revelaram-se úteis em alguns casos recordavam-se de quem os lançara e porquê, ou conseguiam adivinhar o seu propósito através de informação que não tinha qualquer significado para Eragon.

No que diz respeito a Helgrind e aos feitiços dos sacerdotes – que se tinham escondido assim que as notícias da morte de Galbatorix chegou aos seus ouvidos –, Eragon não se deu ao trabalho de determinar quais seriam perigosos ou não, eliminando-os a todos. Usou também o nome dos nomes para procurar o cinto de Beloth, o Sábio, nas ruínas da grande catedral; mas sem sucesso.

Ficaram em Dras-Leona três dias e depois seguiram para Belatona. Aí, Eragon removeu os encantamentos de Galbatorix, tal como em Feinster e Aroughs. Em Feinster, alguém tentou matá-lo com uma bebida envenenada. As suas defesas protegeram-no, mas o incidente enfureceu Saphira.

Se alguma vez encurralar o rato cobarde que fez isto, como-o vivo dos pés à cabeça, rosnou ela.

Na viagem de regresso para Urû'baen, Eragon sugeriu um pequeno desvio. Saphira concordou e alterou a rota, inclinando-se até o horizonte ficar na vertical e o mundo ficar igualmente dividido entre o azul-escuro do céu e o verde e castanho da terra.

A busca demorou meio-dia mas Saphira finalmente encontrou o aglomerado de colinas de arenito e, entre elas, uma colina em particular: um amontoado alto e íngreme de pedra avermelhada com uma caverna a meio da encosta e um túmulo cintilante de diamante, no topo.

A colina estava exatamente como Eragon se recordava dela e, ao olhá-la, sentiu um aperto no peito.

Saphira aterrou junto do túmulo e as suas garras arranharam a pedra porosa, arrancando-lhe algumas lascas.

Eragon soltou as pernas das correias, com gestos lentos, e deslizou para o chão.

Ao sentir o cheiro a pedra quente, foi percorrido por uma vertigem e, por instantes, foi como se estivesse no passado.

Depois recom pôs-se e a sua mente clareou. Encaminhou-se para o túmulo, olhou para as profundezas de cristal e viu Brom.

Viu o seu pai.

A aparência de Brom não se modificara, na medida em que o diamante que envolvia o seu corpo, protegia-o da ação devastadora do tempo e a sua pele não revelava quaisquer vestígios de putrefação. A pele do seu rosto sulcado de rugas estava firme e tinha um tom rosado, como se o sangue quente ainda circulasse. Era como se Brom fosse abrir os olhos e levantar-se a qualquer momento, pronto a prosseguir a sua viagem interrompida. De certa forma tornara-se imortal, pois já não envelhecia como os outros e ficaria para sempre assim, preso num sono sem sonhos.

A espada de Brom repousava sobre o seu peito e a sua longa barba branca, e tinha as mãos dobradas sobre o punho tal como Eragon as colocara. Junto dele tinha o bastão nodoso – gravado com dezenas de hieróglifos na língua antiga – só agora Eragon tinha reparado.

As lágrimas afloraram-lhe e ele deixou-se cair de joelhos, chorando em silêncio durante uns momentos esquecidos. Ouvia Saphira reunir-se a si, sentiu-a com a mente e percebeu que também ela chorava a perda de Brom.

Finalmente levantou-se e encostou-se junto do túmulo, estudando a forma do rosto de Brom. Agora que sabia o que procurar, conseguia ver as semelhanças nas suas feições, semelhanças esbatidas e obscurecidas pela idade e pela barba, mas ainda assim inequívocas. O ângulo das maçãs do rosto de Brom, o vinco entre as sobrancelhas, a curva do lábio superior, Eragon reconhecia tudo isso. Não herdara, contudo, o nariz adunco. O nariz era o da mãe.

Eragon baixou a cabeça, respirando pesadamente, e os seus olhos voltaram a enevoar-se.

– Está feito – disse ele, em voz baixa. – Consegui... Conseguimos. Galbatorix está morto. Nasuada subiu ao trono e Saphira eu estamos incólumes. Ficarias satisfeito com isso, não é, minha raposa velha? – Riu-se brevemente e limpou os olhos com as costas do pulso. – Além disso, há ovos de dragões em Vroengard. Ovos! Os dragões não vão desaparecer e serei eu e a Saphira que os iremos educar. Nunca previste isso, pois não? – Voltou a rir-se, sentindo-se tonto e devastado pela dor. – O que pensarias de tudo isto? Continuas o mesmo de sempre, mas nós não. Será que nos reconhecerias?

Claro que reconheceria, disse Saphira. És filho. E tocou-lhe com o focinho. Além disso, o teu rosto não se modificou a ponto de ele te confundir com outra pessoa, mesmo que o teu cheiro tenha mudado.

Mudou?

Agora cheiras mais a elfo...

De qualquer forma, é pouco provável que ele me confundisse com Shruikan ou Glaedr, não é verdade?

Sim

Eragon fungou e afastou-se do túmulo. Brom parecia tão vivo dentro do diamante, que a sua imagem lhe deu uma ideia: uma ideia louca e improvável, que quase pôs de parte, mas que as suas emoções não lhe permitiam ignorar. Pensou em Umaroth e nos Eldunarís – em todo o seu conhecimento acumulado e no que tinham conseguido em Urû'baen com o seu feitiço – e uma centelha de esperança desesperada acendeu-se no seu coração.

Dirigindo-se a Saphira e a Umaroth, disse:

Brom tinha acabado de morrer quando o sepultámos. Só no dia seguinte é que Saphira transformou a pedra em diamante, mas, ainda assim, ele ficou envolto em pedra, protegido do ar, durante toda a noite. Umaroth, com toda a tua energia e o teu saber talvez... talvez ainda pudéssemos curá-lo. Eragon estremeceu como se estivesse febril. Anteriormente, eu não sabia como curar o seu ferimento, mas agora... agora acho que conseguiria fazê-lo.

Seria mais difícil do que pensas, disse Umaroth.

Sim, mas podias fazê-lo!, disse Eragon. Eu vi-te a ti e à Saphira conseguirem coisas assombrosas com magia. Certamente que isto está também ao teu alcance!

Tu sabes que não podemos usar magia quando nos mandam, disse Saphira.

E mesmo que conseguíssemos, disse Umaroth, era bem provável que não recuperássemos a mente de Brom tal qual como era antes. As mentes são complicadas e ele poderia acabar por ficar com a inteligência perturbada, ou com a personalidade alterada. E depois? Desejarias que ele vivesse assim? Será que ele desejaria viver assim? Não, é melhor deixá-lo estar, Eragon, é melhor que o honres com os teus pensamentos e as tuas ações, tal como fizeste. Gostavas que fosse de outra forma, tal como todos os que perderam alguém que amavam. Contudo, é assim que as coisas são. Brom vive nas tuas memórias e, se ele era o homem que nos mostraste, contentar-se-ia com isso. Contenta-te tu também.

Mas...

Não foi Umaroth que o interrompeu, mas o mais velho dos Eldunarís, Valdr, que surpreendeu Eragon ao falar-lhe não em imagens e sentimentos, mas em palavras na língua antiga, proferidas com um grande esforço, como se cada uma lhe fosse estranha. Ele disse:

Deixa os mortos para a terra. Eles não são para nós. Depois silenciou, mas Eragon sentiu uma profunda tristeza e empatia a emanarem dele.

Suspirou longamente e fechou os olhos. Depois libertou a sua esperança disparatada do coração e voltou a aceitar o facto de que Brom morrera.

– Nunca pensei que fosse tão difícil – disse ele a Saphira.

Seria estranho que não fosse. Eragon sentiu a sua respiração quente despentear-lhe o cabelo, no alto da cabeça, e ela tocou-lhe com um dos lados do focinho nas costas.

Sorriu-lhe debilmente e reuniu coragem para voltar a olhar para Brom.

– Pai – disse ele. A palavra tinha um sabor estranho, pois nunca tivera motivos para a proferir. Eragon desviou o olhar para as runas que colocara no pináculo, à cabeceira do túmulo, e que diziam:

Um Cavaleiro do Dragão
Que foi como um pai
Para mim
Que o seu nome se eternize na sua glória.

Sorriu dolorosamente por ter chegado tão perto da verdade. Depois falou na língua antiga e viu o diamante cintilar e fluir enquanto um novo padrão de runas se formava sobre ele. Quando terminou, a inscrição tinha mudado e dizia o seguinte:

AQUI JAZ BROM
Um Cavaleiro unido ao dragão Saphira
Filho de Holcomb e Nelda
Bem-amado de Selena
Pai de Eragon, Aniquilador de Espetros
Fundador dos Varden
E Ruína dos Renegados.
Que o seu nome se eternize na sua glória.
Stydja unin mor'ranr.

Era um epitáfio menos pessoal, mas Eragon achou-o mais adequado. Depois lançou vários feitiços para proteger o diamante de ladrões e de vândalos.

Continuou de pé junto do túmulo, relutante em virar-lhe as costas, e sentindo que deveria haver algo mais – um acontecimento, uma emoção ou uma constatação que tornasse mais fácil despedir-se do pai e partir.

Por fim, colocou a mão sobre o diamante frio, desejando poder penetrar através dele e tocar em Brom uma última vez, e disse:

– Obrigado por tudo o que me ensinaste.

Saphira resfolegou e curvou a cabeça até o seu focinho tocar, ao de leve, na pedra preciosa.

Depois Eragon virou-se e subiu lentamente para o dorso de Saphira, com a sensação de ter encerrado algo.

Sentiu-se sombrio durante algum tempo, depois de Saphira levantar voo e voar para Nordeste, em direção a Urû'baen. E, quando a extensão de colinas de arenito era apenas uma mancha no horizonte, ele suspirou longamente e olhou para o céu azul.

Um sorriso inundou-lhe o rosto.

Qual é a graça?, perguntou Saphira, sacudindo a cauda para trás e para diante.

A escama no teu focinho está a crescer outra vez.

A sua alegria era evidente. Depois fungou e disse:

Eu sempre soube que iria crescer. Porque não haveria de crescer? Eragon sentia os flancos dela a vibrarem contra os seus calcanhares. Ronronava de satisfação. Afagou-a e encostou o peito ao seu pescoço, sentindo o calor do seu corpo passar para o seu.

PEÇAS NUM TABULEIRO

Quando chegou a Urû'baen com Saphira, Eragon ficou surpreso ao descobrir que Nasuada lhe devolvera o nome de Ilírea, por respeito à sua história e ao seu legado.

Ficou também consternado ao saber que Arya partira para Ellesméra, na companhia de Däthedr e de muitos outros elfos da alta nobreza, e que levava consigo o ovo de dragão verde que tinham encontrado na cidadela.

Deixara-lhe uma carta com Nasuada, na qual lhe explicava que precisava de acompanhar o corpo da mãe de regresso a Du Weldenvarden, para lhe fazer um enterro digno. Em relação ao ovo de dragão, escreveu:

... e porque Saphira te escolheu a ti, um humano, como seu Cavaleiro, é perfeitamente justo que o próximo Cavaleiro seja um elfo, se o dragão dentro do ovo concordar. Quero dar-lhe essa possibilidade sem mais demoras.

Já passou tempo de mais dentro da casca e uma vez que há muitos mais ovos noutro local – não vou dizer onde – espero que não penses que agi por presunção ou preconceito exacerbado a favor da minha raça. Consulte os Eldunaris sobre este assunto e eles concordaram com a minha decisão.

Seja como for, já não é meu desejo continuar a ser embaixatriz dos Varden, agora que Galbatorix e a minha mãe mergulharam no vazio. Prefiro voltar a assumir a tarefa de transportar um ovo de dragão pelo território, tal como fiz com Saphira. É claro que continuamos a precisar de um embaixador entre as nossas raças, por isso Däthedr e eu nomeámos um jovem elfo chamado Vánir para me substituir. Conheceste-o durante a tua estadia em Ellesméra. Ele revelou o desejo de saber mais sobre o povo da tua raça e parece-me ser um motivo tão bom como qualquer outro para que lhe seja concedido esse lugar – isto é, desde que não se revele totalmente incompetente.

A carta tinha mais algumas linhas, mas Arya não mencionava quando voltaria, nem mesmo se regressaria à zona oeste de Alagaësia. Eragon ficou satisfeito pelo facto de ela se preocupar o suficiente com ele para lhe escrever, mas desejou que tivesse esperado que eles regressassem antes de partir. Sem ela, parecia haver um buraco no seu mundo e, embora tivesse passado algum tempo com Roran, Katrina e com Nasuada, o vazio doloroso que sentia parecia não passar. Isso, aliado ao facto de sentir constantemente que Saphira e ele estavam apenas a passar tempo, deixou-o com uma sensação de desprendimento. Muitas vezes era como se estivesse a observar-se a si mesmo fora do corpo, como um estranho. Entendia a causa dos seus sentimentos, mas não lhe ocorria outra cura senão o tempo.

Durante a última viagem lembrara-se que poderia remover de Elva os últimos vestígios da bênção que acabara por se revelar uma maldição, associando o nome dos nomes ao fraseado na língua antiga. Por isso foi ter com a rapariga ao grande palácio de Nasuada, onde esta agora vivia, e transmitiu-lhe a sua ideia, perguntando-lhe o que ela pretendia.

Ela não reagiu com a satisfação que ele esperava, mas ficou sentada, de olhos pregados no chão, com uma expressão carregada. Durante quase uma hora não disse uma palavra e Eragon ficou sentado à sua frente, a aguardar, sem reclamar.

Depois, ela olhou-o e disse:

– Não, prefiro ficar como estou... Sinto-me grata por te teres lembrado de perguntar, mas isto é grande parte de mim pelo que eu não posso abrir mão. Sem a minha aptidão para sentir a dor dos outros não passaria de um bicho raro – uma miserável aberração, sem outro préstimo que não satisfazer a curiosidade deles daqueles que aceitaram ter-me por perto, daqueles que toleram a minha presença. Com esta aptidão continuo a ser uma aberração, mas também posso ser útil, ser dona de um poder que os outros temem e controlar o meu próprio destino, algo que muita gente do meu sexo não pode. – Fez um gesto para o quarto ornamentado onde dormia. – Aqui, posso viver confortavelmente – viver em paz – e, ao mesmo tempo, continuar a fazer algo de útil, ajudando Nasuada. O que me restaria, se me despojasses da minha aptidão? O que faria? O que seria? Removeres o teu feitiço não seria uma bênção, Eragon. Não, ficarei como estou e suportarei as provações do meu dom de livre vontade. Mas, agradeço-te.

Dois dias depois de ele e Saphira aterrarem na cidade que dava agora pelo nome de Ilírea, Nasuada voltou a mandá-los partir, primeiro para Gil'ead e depois para Ceunon – as duas cidades que os Elfos tinham conquistado – para que Eragon usasse, mais uma vez, o nome dos nomes para eliminar os feitiços de Galbatorix.

Tanto Eragon como Saphira acharam a visita a Gil'ead desagradável, pois lembrava-lhes a altura em que os Urgals tinham capturado Eragon, por ordem de Durza, assim como a morte de Oronis.

Eragon e Saphira dormiram três noites em Ceunon. Era uma cidade diferente de todas as outras que tinham visto. Os edifícios eram feitos, em grande parte, de madeira, com telhados íngremes, cobertos de tabuinhas que – nas casas maiores – se distribuíam em várias camadas. Muitos dos topos dos telhados estavam decorados com uma escultura estilizada de uma cabeça de dragão e as portas eram entalhadas ou pintadas com intrincados padrões semelhantes a nós.

Quando partiram, foi Saphira que sugeriu um desvio. Não teve de se esforçar muito para convencer Eragon, pois este concordou de bom grado, logo que ela lhe explicou que essa viagem não iria demorar muito.

De Ceunon, Saphira voou para Oeste, ao longo da Baía de Fundor: uma extensão de água salpicada de cristas brancas. Corcundas cinzentas e negras de grandes peixes de mar, rompiam as ondas como pequenas ilhas coriáceas, projetando jatos de água dos opérculos e erguendo as caudas bem alto no ar, antes de voltarem a deslizar para as profundezas silenciosas do oceano.

Atravessaram a Baía de Fundor, enfrentando ventos frios e tempestuosos e, depois, as montanhas da Espinha, cujos nomes Eragon conhecia, viajando até ao Vale de Palancar, pela primeira vez desde que tinham partido com Brom para perseguir os Ra'zac, aparentemente há uma eternidade.

Eragon sentiu-se em casa, quando o aroma do vale lhe chegou. O cheiro dos pinheiros, dos salgueiros e das bétulas recordava-lhe a infância e o frio cortante prenunciava a chegada do inverno.

Aterraram nas ruínas carbonizadas de Carvahall e Eragon vagueou ao longo das ruas inundadas de vegetação e de ervas daninhas, de ambos os lados.

Uma matilha de cães selvagens saiu a correr de um aglomerado de bétulas, ali perto. Ao verem Saphira pararam. Depois rosnaram, ganiram e fugiram para se esconder. Saphira rosnou e deixou escapar uma baforada de fumo, mas não fez qualquer gesto para os perseguir.

Um pedaço de madeira queimada estalou debaixo do pé de Eragon, ao arrastar a bota sobre um amontoado de cinzas. A destruição da vila deixou-o melancólico. Mas a maior parte dos aldeões que tinha escapado estavam vivos e Eragon sabia que eles iriam reconstruir Carvahall e fazer dela um sítio melhor do era. Porém, os edifícios entre os quais crescera tinham desaparecido para sempre. A sua ausência exacerbava nele a ideia de que o seu lugar já não era no Vale de Palancar e os espaços vazios onde antigamente se erguiam, alimentavam-lhe uma sensação de que nada ali batia certo, como se vivesse um sonho em que tudo estivesse

desequilibrado.

“O mundo está desconjuntado”, murmurou ele.

Eragon fez uma pequena fogueira junto do local onde ficava a taberna de Morn e preparou uma grande panela de guisado. Enquanto comia, Saphira vagueou pelas imediações, farejando tudo o que achava interessante.

Depois Eragon levou a panela, a tigela e a colher até ao Rio Anora e lavou-os na água gelada. Acocorou-se na margem rochosa e ficou a observar a coluna branca e nevoenta ao cimo do vale: as Cataratas de Igualda, que se erguiam a uma altura de quatrocentos metros, antes de desaparecerem sobre uma saliência de pedra, no alto da Montanha de Nammor. E recordou a noite em que regressara da Espinha com o ovo de Saphira na mochila, sem saber o que os esperava a ambos, nem sequer o que iriam ser.

– Vamos embora – disse ele a Saphira, reunindo-se a ela, junto do poço desmoronado, no centro da vila.

Não queres visitar a tua quinta?, perguntou-lhe ela, enquanto ele subia para o seu dorso.

Ele abanou a cabeça.

– Não. Prefiro pensar nela como era e não como está agora.

Ela concordou. Contudo, voou para Sul, com o acordo tácito de Eragon, seguindo o mesmo caminho que tinham tomado ao partirem do Vale de Palancar. Durante o percurso, Eragon teve um vislumbre da clareira onde outrora se erguia a sua casa, mas estava tão distante e encoberta pelas sombras que ele fingiu acreditar que a casa e o celeiro poderiam manter-se intactos.

No extremo Sul do vale, uma coluna de ar ascendente transportou Saphira até ao pico de Urgard, a grande montanha despida de vegetação, onde ficava o torreão em ruínas que os Cavaleiros tinham construído para vigiar Palancar, o rei louco. O torreão fora em tempos conhecido como Edoc’sil, mas agora chamava-se Ristvak’baen ou o “Sítio da Mágoa”, pois fora aí que Galbatorix matara Vrael.

Nas ruínas do torreão, Eragon, Saphira e os Eldunarís que estavam com eles prestaram homenagem à memória de Vrael. Umaroth estava particularmente taciturno, mas disse:

Obrigado por me trazeres aqui, Saphira. Nunca pensei ver o local onde o meu Cavaleiro morreu.

Depois, Saphira abriu as asas, lançou-se do torreão e afastou-se do vale, sobrevoando as planícies verdejantes.

A meio caminho de Ilirea, Nasuada contactou-os através de um dos feiticeiros dos Varden, ordenando-lhes que se reunissem a um grande grupo de guerreiros que enviara da capital em direção a Teirm.

Eragon ficou satisfeito por saber que era Roran que comandava os guerreiros e que nas suas fileiras estavam Jeod e Baldor – que recuperara a mobilidade da mão depois dos Elfos a unirem ao seu braço – bem como alguns dos outros aldeões.

Para surpresa de Eragon, o povo de Teirm não quis render-se, nem mesmo depois de os libertar dos seus juramentos de lealdade a Galbatorix. E, embora fosse óbvio que os Varden, se quisessem, poderiam conquistar a cidade com a ajuda de Saphira e de Eragon, Lord Risthart, o governador de Teirm, ainda exigiu que lhe concedessem a independência como cidade-estado, com liberdade para escolher os seus próprios governantes e promulgar as suas próprias leis.

Depois de vários dias de negociações, Nasuada concordou com os seus termos, desde que Lord Risthart – à semelhança de Orrin – lhe jurasse lealdade como rainha suprema e aceitasse acatar as suas leis acerca de feiticeiros.

Depois de Teirm, Eragon e Saphira acompanharam os guerreiros ao longo da estreita costa, em direção ao Sul, até chegarem à cidade de Kuasta. Repetiram o processo de Teirm mas, ao contrário desta, o governador de Kuasta rendeu-se, concordando reunir-se ao novo reino de Nasuada.

Eragon e Saphira voaram depois sozinhos para Narda, no Norte, obtendo da cidade o mesmo voto de lealdade, antes de regressarem a Ilirea onde ficaram durante algumas semanas, num palácio junto do de Nasuada.

Assim que o tempo lhes permitiu, Eragon e Saphira abandonaram a cidade e foram ao castelo onde Blödhgarm e os outros feiticeiros vigiavam os Eldunarís que tinham resgatado a Galbatorix, reunindo-se aos esforços dos Elfos para curarem as mentes dos dragões. Fizeram alguns progressos, mas foi um processo lento e alguns dos Eldunarís reagiram mais depressa do que outros. Mas Eragon estava preocupado, pois muitos já não davam valor à vida, ou estavam de tal forma perdidos nos labirintos das suas mentes que era quase impossível comunicar com eles de forma inteligível, mesmo para os dragões mais velhos, como Valdr. Para evitar que as centenas de dragões enlouquecidos dominassem aqueles que os tentavam ajudar, os Elfos mantinham a maior parte dos Eldunarís numa espécie de transe, optando por interagir apenas com alguns de cada vez.

Eragon colaborara também com os feiticeiros de Du Vrangr Gata para despojar a cidadela dos seus tesouros. Grande parte do trabalho recaiu sobre ele, pois nenhum dos outros feiticeiros tinha os conhecimentos nem a experiência necessária para lidar com muitos dos objetos encantados que Galbatorix deixara. Mas Eragon não se importava, visto que lhe agradava explorar a fortaleza danificada e descobrir os segredos escondidos no seu interior. Galbatorix colecionara uma imensidão de maravilhas ao longo do último século, algumas mais perigosas do que outras, mas todas interessantes. A preferida de Eragon era um astrolábio que se se aproximasse do olho permitia ver as estrelas, mesmo durante o dia.

Eragon guardou segredo da existência dos artefactos mais perigosos, partilhando-o apenas com Saphira e Nasuada, na medida em que considerou demasiado arriscado permitir que outros soubessem.

Nasuada deu uso imediato ao tesouro de riquezas que tinham recuperado da cidadela, alimentando e vestindo os seus guerreiros, e reconstruindo as defesas das cidades que tinham conquistado durante a invasão do Império. Além disso, doou cinco coroas de ouro a todos os seus súbditos: uma quantia insignificante para os nobres, mas uma verdadeira fortuna para os agricultores mais pobres. Eragon sabia que esse gesto lhe permitira conquistar o respeito e a lealdade, de uma forma que Galbatorix jamais entenderia.

Recuperaram também várias centenas de espadas de Cavaleiros: espadas de todas as cores e feitios, forjadas por humanos e Elfos. Tinha sido uma descoberta emocionante. Eragon e Saphira transportaram pessoalmente as armas para o castelo onde os Eldunarís estavam, antecipando o dia em que seriam de novo necessárias aos Cavaleiros.

Rhunön ficaria satisfeita por saber que grande parte das suas obras tinha sobrevivido.

Havia também centenas de pergaminhos e livros que Galbatorix colecionara e que os Elfos e Jeod ajudaram a catalogar, pondo de parte aqueles que continham segredos sobre os Cavaleiros ou sobre o funcionamento interno da magia.

Enquanto organizavam o enorme tesouro de conhecimento de Galbatorix, Eragon estava sempre à espera que encontrassem alguma referência ao local onde o rei escondera o resto dos ovos dos Lethrblaka. Contudo, as únicas referências aos Lethrblaka ou aos Ra’zac que viu estavam em obras dos Elfos e dos Cavaleiros, de há várias décadas atrás, nas quais debatiam a ameaça escura da noite e o que fazer em relação a qualquer inimigo que não pudesse ser detetado com qualquer tipo de magia.

Sabendo que podia falar abertamente com Jeod, Eragon deu consigo a interpelá-lo com regularidade, confidenciando-lhe tudo o que se passara com os Eldunarís e os ovos, e chegando mesmo a relatar-lhe o processo de descoberta do seu verdadeiro nome, em Vroengard. Falar com Jeod era consolador, especialmente pelo facto de ser um dos poucos que conhecera Brom suficientemente bem para lhe poder chamar amigo.

De uma forma algo abstrata, Eragon achava interessante observar o que se ia passando a nível da governação e da reconstrução do reino que Nasuada erguera dos restos do Império. Gerir um país tão grande e diversificado exigia um esforço tremendo e a tarefa nunca parecia estar terminada, pois havia sempre algo mais que tinha

de ser feito. Eragon sabia que teria abominado as exigências do cargo, mas Nasuada parecia florescer com elas. A sua energia jamais esmorecia e parecia saber sempre como resolver os problemas com que se deparava. Dia após dia, via o seu prestígio aumentar entre os emissários, funcionários, nobres e plebeus com quem lidava, embora não soubesse ao certo até que ponto se sentia realmente feliz, e isso preocupava-o.

Viu a forma como julgara os nobres que tinham trabalhado com Galbatorix – de livre vontade ou não –, e aprovou a justiça e a clemência que demonstrou, bem como os castigos imputados sempre que necessário. Despojou a maioria das suas terras, títulos e de uma boa parte das suas riquezas mal adquiridas, mas não os mandou executar, o que Eragon apreciou.

Estava a seu lado quando ela concedeu a Nar Garzhvog e ao seu povo vastas extensões de terra, ao longo da costa norte da Espinha, bem como as planícies férteis entre o lago Fläme e o Rio Toark, onde quase ninguém vivia atualmente, e também aprovou.

Nar Garzhvog jurara lealdade a Nasuada como sua rainha suprema, tal como o rei Orrin e Lord Risthart, contudo o enorme Kull disse:

– O meu povo concorda com isto, Senhora Vigia-da-Noite, mas tem sangue espesso e memória curta pelo que não se deixará prender eternamente por palavras.

Nasuada respondeu-lhe num tom frio:

– Estás a insinuar que o teu povo quebrará a paz? Deverei concluir que as nossas raças voltarão a ser inimigas?

– Não – respondeu Garzhvog, abanando a sua enorme cabeça. – Não é nossa intenção combater-te, pois sabemos que Espada de Fogo nos mataria, mas... quando os nossos jovens crescerem, vão desejar afirmar-se em combate. Se não houver batalhas, eles irão provocá-las. Lamento, Vigia-da-Noite, mas não podemos mudar o que somos.

Eragon ficou perturbado com a conversa – Nasuada também – e passou várias noites a pensar nos Urgals, na tentativa de descobrir uma solução para aquele problema.

As semanas foram passando e Nasuada continuou a enviar Eragon e Saphira a várias localidades dentro de Surda e do seu reino, usando-os frequentemente como seus representantes, junto do rei Orrin, de lord Risthart e dos outros nobres e grupos de soldados em todo o território.

Para onde quer que fossem, eles procuravam um local que pudesse servir de lar aos Eldunaris nos séculos vindouros e de local de nidificação e campo de treino para os dragões escondidos em Vroengard. Havia áreas na Espinha que pareciam promissoras, mas a maioria estava demasiado perto de humanos ou de Urgals, ou ficava tão a Norte que Eragon achou que seria terrível viver aí durante o ano inteiro. Além disso, Murtagh e Thorn tinham seguido para Norte, e Eragon e Saphira não queriam arranjar-lhes mais problemas.

As Montanhas Beor seriam perfeitas, mas parecia pouco provável que os Anões vissem com bons olhos a ideia de ter centenas de dragões esfomeados a nascer dentro dos limites do seu reino. Qualquer que fosse o local para onde se dirigissem, nas Beors, estariam sempre a um breve voo de uma ou mais cidades dos Anões, e não seria nada bom se um jovem dragão comesse a atacar os rebanhos de Feldûnost dos Anões – o que Eragon considerou bastante provável, pelo que conhecia de Saphira.

Os Elfos certamente que não se importariam que os dragões vivessem numa das montanhas de Du Weldenvarden, ou perto, mas ainda assim Eragon receava a sua proximidade das cidades dos Elfos. Além disso, desagradava-lhe a ideia de colocarem os dragões e os Eldunaris dentro do território de qualquer raça, pois ao fazê-lo dariam a impressão de estar a favorecer essa raça em particular. Os Cavaleiros do passado nunca o tinham feito e – no seu ponto de vista – os Cavaleiros do futuro também não o deveriam fazer.

O único local suficientemente distante de todas as vilas e cidades, e que nenhuma raça reclamara até à data, era o lar ancestral dos dragões: o coração do Deserto de Hadarac, onde se erguiam as Du Fells Nángoröth, as Montanhas Malditas. Eragon achava que seria um excelente local para fazer criação. Porém, tinha três inconvenientes. Primeiro: no deserto não conseguiriam encontrar comida suficiente para alimentar os jovens dragões. Saphira teria de passar grande parte do seu tempo a transportar veados e outros animais selvagens para as montanhas. Além disso, logo que as crias comessem a crescer teriam de voar sozinhas, o que as levaria a aproximarem-se de territórios dos humanos, Elfos ou Anões. Segundo: qualquer pessoa medianamente viajada – e mesmo que não o fosse – sabia onde ficavam as montanhas. E terceiro: Não era muito difícil alcançar as montanhas, especialmente no inverno. As duas últimas situações eram as que mais o preocupavam e compeliam-no a interrogar-se se seriam realmente capazes de proteger os ovos, as crias e os Eldunaris convenientemente.

Seria melhor se estivessemos no alto de um dos picos das Montanhas Beor, onde apenas um dragão pode chegar, disse ele a Saphira. Aí ninguém poderia surpreender-nos, a não ser Thorn, Murtagh ou outro feiticeiro.

Outro feiticeiro, tipo todos os Elfos em Alagäesia, não? Além disso estaria sempre frio!

Julgava que o frio não te incomodava.

E não me incomoda, mas também não quero viver na neve todo o ano. Glaedr disse-me que a areia é melhor para as escamas. Ajuda a poli-las e mantém-nas limpas.

Mmm.

O tempo estava a arrefecer de dia para dia. As árvores perdiam as folhas e os bandos de aves partiam para Sul, para passar o resto do ano. E assim o inverno desceu sobre a terra. Era um inverno cruel e agreste e, durante muito tempo, foi como se toda a Alagäesia estivesse adormecida. Aos primeiros sinais de neve, Orík regressou com o seu exército às Montanhas Beor e todos os Elfos que ainda estavam em Ilirea – exceto Vanir, Blödhgarm e os seus dez feiticeiros – partiram para Du Weldenvarden. Os Urgals tinham ido semanas antes. Os últimos a partirem foram os homens-gato, que simplesmente pareceram sumir-se. Ninguém os viu partir e, no entanto, um dia todos tinham desaparecido, exceto um homem-gato, anafado, chamado Olhos Amarelos, que ficava sentado numa almofada perto de Nasuada, a ronronar, a dormir, ou a ouvir tudo o que se passava na sala do trono.

Ao caminhar pelas ruas, com farrapos de neve a fluírem, Eragon achou a cidade deprimentemente vazia sem os Elfos nem os Anões.

Nasuada continuava a mandá-lo a ele e Saphira em missões, mas nunca os enviou a Du Weldenvarden, o único local onde Eragon queria ir. Não havia quaisquer notícias dos Elfos acerca de quem tinham escolhido como sucessor de Islanzadí e sempre que averiguava, Vanir limitava-se a dizer:

– Não somos um povo precipitado. Nomear um novo monarca é um processo difícil e complexo para nós. Logo que saiba o que os nossos conselhos decidiram, dir-vos-ei.

Há muito tempo que Eragon não via Arya nem tinha notícias dela, levando-o a pensar em usar o nome da língua antiga para contornar as proteções de Du Weldenvarden e poder comunicar com ela ou, pelo menos, espia-la por vidência. Contudo, sabia que os Elfos não ficariam satisfeitos com a intrusão e receava que Arya não gostasse por ele a contactasse dessa forma, sem um motivo urgente.

Por isso optou por lhe escrever uma pequena carta, perguntando-lhe como estava e contando-lhe parte do que ele e Saphira tinham andado a fazer. Deu a carta a Vanir e este prometeu-lhe que faria o necessário para que ela fosse imediatamente enviada a Arya. Eragon tinha a certeza de que Vanir cumpriria a sua palavra – pois tinham falado na língua antiga –, mas não recebeu qualquer resposta de Arya e, à medida que as luas cresciam e minguavam, começou a pensar que ela decidira acabar com a amizade entre ambos, por qualquer motivo que ele ignorava. A ideia magoou-o terrivelmente, o que o fez concentrar-se mais no trabalho que Nasuada lhe dera, para esquecer o sofrimento.

Durante o pino do inverno, quando a saliência suspensa sobre Ilirea estava já orlada de pingentes de gelo, semelhantes a espadas, e a neve funda se amontoava

sobre a paisagem circundante, quando as estradas estavam quase intransitáveis e a comida começava a escassear à mesa, Nasuada foi alvo de três atentados, tal como Murtagh avisara que poderia acontecer.

Os atentados foram hábeis e bem pensados, e o terceiro – em que o plano era deixar cair uma rede cheia de pedras em cima dela – por pouco não tinha sido bem-sucedido. Nasuada sobreviveu graças às proteções de Eragon e à presença protetora de Elva, mas o último ataque valeu-lhe diversas fraturas.

Durante o terceiro atentado, Eragon e os Falcões Noturnos conseguiram matar dois dos atacantes de Nasuada – cujo o número exato continuava a ser um mistério –, mas os restantes escaparam.

Eragon e Jörmundur fizeram o possível e o impossível para garantir a segurança de Nasuada daí em diante, voltando a aumentar o número de guardas ao seu serviço e fazendo-a acompanhar, pelo menos, de três feiticeiros para onde quer que ela fosse. Nasuada também estava mais cautelosa e Eragon viu nela uma dureza que não lhe conhecia.

Nasuada não sofreu mais ataques à sua pessoa, mas um mês depois de o inverno começar a amainar e de as estradas voltarem a estar desimpedidas, um conde deposto, que reunira várias centenas de antigos soldados do Império, começou a lançar ataques contra Gil'ead e a assaltar viajantes nas estradas das imediações.

Ao mesmo tempo, uma outra rebelião ligeiramente maior, comandada por Tharos o Lesto, de Aroughs, começava a ganhar corpo a Sul.

As insurreições não passaram de contratempos, ainda assim demoraram vários meses a reprimir e resultaram em alguns combates surpreendentemente selváticos, ainda que Eragon e Saphira tentassem resolver a questão pacificamente, sempre que possível. Depois das batalhas em que já tinham participado, nenhum estava propriamente sequioso de sangue.

Pouco depois de terminarem as insurreições, Katrina deu à luz uma rapariga grande e saudável, com uma madeixa de cabelo ruivo no alto da cabeça, o mesmo cabelo ruivo da mãe. A rapariguinha berrava alto – como nunca na vida Eragon ouvira – e tinha uns dedinhos de ferro. Roran e Katrina deram-lhe o nome de Ismira, tal como a mãe de Katrina, e a alegria no rosto de ambos era tal sempre que olhavam para ela, que Eragon também sorria.

No dia seguinte ao nascimento de Ismira, Nasuada convocou Roran à sala do trono e surpreendeu-o, ao conceder-lhe o título de conde bem como o domínio de todo o Vale de Palancar.

– Desde que tu e os teus descendentes se continuem a revelar capazes de o governar, o vale é teu – disse ela.

Roran baixou a cabeça e respondeu:

– Obrigado, Majestade. – Eragon percebeu que a oferta significava quase tanto para Roran como o nascimento da filha, pois o que mais prezava a seguir à sua família era a sua casa.

Nasuada também tentou dar vários títulos e terras a Eragon, mas este recusou-os, dizendo:

– Ser Cavaleiro é o suficiente. Não preciso de mais nada.

Alguns dias mais tarde, quando Eragon estava com Nasuada no seu escritório a examinar um mapa de Alagaësia e a discutir assuntos de alguma relevância para todo o território, ela disse:

– Agora que as coisas se mantêm de certa forma mais estáveis, acho que está na altura de abordarmos o papel dos feiticeiros em Surda, Teirm e no meu reino.

– Ah sim?

– Sim. Ponderei no assunto durante bastante tempo e tomei uma decisão: formar um grupo muito semelhante ao dos Cavaleiros, mas só para feiticeiros.

– E o que fará esse grupo?

Nasuada tirou uma pena de cima da secretária e rolou-a entre os dedos.

– Repito, um papel muito semelhante ao dos Cavaleiros: viajar pelo reino, para manter a paz; resolver disputas legais e, acima de tudo, vigiar os seus colegas feiticeiros, para evitar que estas usem as suas aptidões malevolamente.

Eragon franziu o sobrolho.

– Porque não reservar esse papel aos Cavaleiros?

– Porque só daqui a muitos anos é que voltaremos a ter Cavaleiros e, mesmo então, não serão suficientes para dar atenção a todos os magos insignificantes ou bruxa esquivas... Ainda não encontrei um local para criarem os dragões, pois não?

Eragon abanou a cabeça. Tanto ele como Saphira estavam cada vez mais impacientes, mas, até então, nem eles nem os Eldunarís tinham conseguido chegar a acordo acerca de um local. Tornava-se um motivo de fricção entre eles, pois as crias de dragão tinham de sair dos ovos o mais depressa possível.

– Bem me parecia. Temos de fazer isto, Eragon, e não podemos dar-nos ao luxo de esperar. Vê a destruição que Galbatorix semeou. Os feiticeiros são as criaturas mais perigosas do mundo, mais perigosas ainda que os dragões, e têm de ser responsabilizados, caso contrário ficaremos sempre à sua mercê.

– Achas mesmo que conseguirás recrutar magos suficientes para vigiarem todos os outros feiticeiros aqui e em Surda?

– Acho que sim, se fores tu a mobilizá-los, razão pela qual quero que comandes este grupo.

– Eu?

Ela acenou com a cabeça.

– Quem mais o poderia fazer? Trianna? Eu não confio totalmente nela, nem ela tem a força necessária. Um elfo? Não. Tem de ser alguém da nossa raça. Tu sabes o nome da língua antiga, és um Cavaleiro e tens a sabedoria e autoridade dos dragões a apoiar-te. Não me ocorre ninguém melhor para comandar os feiticeiros. Falei com Orrin acerca disto e ele concorda.

– Custa-me a acreditar que a ideia lhe agrade.

– Não lhe agrada, mas entende que é necessário.

– Será mesmo? – Eragon arranhou o canto da secretária, com um ar perturbado. – Como tencionas vigiar os feiticeiros que não pertencem a este grupo?

– Esperava que tivesses algumas sugestões. Talvez com feitiços e espelhos de vidência, para que possamos seguir os seus passos e monitorizar o seu uso de magia, não vão eles utilizá-la em seu proveito à custa dos outros.

– E se o fizerem?

– Nesse caso obrigamo-los a redimirem-se do seu crime e forçamo-los a abdicar da magia na língua antiga.

– Os juramentos na língua antiga não impedem necessariamente ninguém de usar magia.

– Eu sei, mas é o melhor que se pode arranjar.

Ele acenou com a cabeça.

– E se um feiticeiro se recusar a ser vigiado? O que fazemos? Não estou a ver muitos a aceitarem que os espie.

Nasuada suspirou e poisou a pena.

– Essa é a parte difícil. O que farias no meu lugar, Eragon?

Nenhuma das soluções em que ele pensou era muito agradável.

– Não sei...

Ele ficou com uma expressão triste.

– Nem eu. É um problema difícil, doloroso e confuso, e seja qual for a minha decisão, alguém acabará por se prejudicar. Se não fizer nada, os feiticeiros continuarão

lives para manipular a maioria dos meus súbditos à custa de alguns.

– A ideia não me agrada – murmurou ele.

– A mim também não.

– Estás a falar em submeter todos os feiticeiros humanos à tua vontade, independentemente de quem sejam.

Ele nem pestanejou sequer.

– Para o bem da maioria.

– E as pessoas que apenas conseguem ouvir pensamentos e nada mais? Isso também é uma forma de magia.

– Essas também. O risco de abusarem do poder que têm continua a ser muito alto. – Nessa altura, Nasuada suspirou. – Eu sei que não é fácil, Eragon, mas por muito difícil que seja é algo que temos de resolver. Galbatorix era louco e mau, mas tinha razão acerca de uma coisa: os feiticeiros têm de ser controlados, mas não como ele pretendia. Temos, contudo, de fazer alguma coisa e eu acho que o meu plano é a melhor solução. Se conseguires pensar noutra, uma forma de impor a ordem aos feiticeiros, ficaria encantada, de contrário esta é a única solução que temos e eu preciso da tua ajuda para a pôr em prática... Aceitas responsabilizares-te por este grupo, pelo bem do país e para o bem da nossa raça?

Eragon demorou a responder, mas finalmente disse:

– Se não te importas, gostaria de pensar um pouco no assunto. Além disso, preciso de consultar Saphira.

– Claro, mas não demores muito, Eragon. Já estou a fazer preparativos e em breve precisarei de ti.

A seguir, Eragon não foi diretamente para junto de Saphira e vagueou pelas ruas de Ilírea, ignorando as vénias e as saudações das pessoas por quem passava. Sentia-se... intranquilo, tanto com a proposta de Nasuada como com a vida em geral. Ele e Saphira estavam inativos há demasiado tempo. Era altura de mudar e as circunstâncias já não lhes permitiriam esperar. Tinham de decidir o que iam fazer e, qualquer que fosse a sua decisão, afetaria o resto das suas vidas.

Passou várias horas a caminhar e a pensar nos seus laços e nas suas obrigações. Ao fim da tarde, voltou para junto de Saphira e trepou para o seu dorso sem falar.

Ela saltou do pátio do palácio e voou bem alto, por cima de Ilírea, tão alto que conseguiam ver centenas de quilómetros em todas as direções. E aí ficou, a voar em círculos.

Falaram sem palavras, partilhando o estado de alma. Saphira sentia muitas das suas preocupações, mas não estava tão preocupada como ele acerca das suas ligações com os outros. Para ela, o mais importante era proteger os ovos, os Eldunarís, e fazer o que estava certo para ele e para ela. Contudo, Eragon sabia que não podia ignorar o efeito que as suas escolhas teriam, tanto política como pessoalmente.

Por fim ela disse:

O que havemos de fazer?

O ar debaixo das suas asas abrandou e Saphira mergulhou.

Ou melhor, a questão é, como sempre foi o que temos de fazer. E não disse mais nada, mas nessa altura virou e começou a descer em direção à cidade.

Eragon apreciou o seu silêncio. A decisão seria mais difícil para ele do que para ela, pelo que tinha de pensar no assunto sozinho.

Quando aterraram no pátio, Saphira tocou-lhe ao de leve com o focinho e disse:

Se precisares de falar, eu estarei aqui.

Nessa noite, quando o quarto crescente apareceu junto do penhasco sobre Ilírea, Eragon estava encostado aos pés da cama a ler um livro sobre as técnicas de fabrico de selas dos primeiros Cavaleiros. Subitamente, um movimento ao canto do olho – como a ondulação de uma cortina – chamou a sua atenção.

Levantou-se, de repente, e desembainhou Brisingr.

Através da janela aberta, viu um navio de três mastros, feito de erva entrançada. Sorriu e embainhou a espada. Esticou a mão e o navio flutuou pelo quarto e aterrou na palma da sua mão, inclinando-se para o lado.

O navio era diferente do que Arya construía durante as viagens que tinham feito juntos pelo Império, depois de Roran resgatar Katrina de Helgrind. Tinha mais mastros e também tinha velas feitas de lâminas de erva. Embora a erva estivesse murcha e acastanhada não secara inteiramente, o que o levou a pensar que fora colhida apenas há um ou dois dias.

Atado ao meio do convés havia um quadrado de papel, dobrado. Eragon removeu-o cuidadosamente, com o coração a martelar-lhe o peito, e desdobrou o papel no chão. Estava escrito em hieróglifos da língua antiga e dizia:

Eragon.

Decidimo-nos finalmente em relação ao novo líder e eu estou a caminho de Ilírea para organizar uma apresentação oficial a Nasuada, mas gostaria de falar contigo e com Saphira. Esta mensagem deve chegar às tuas mãos quatro dias antes da lua cheia. Por favor, encontra-te comigo um dia depois de a receberes, no extremo este do Rio Ramr. Vem sozinho e não digas a ninguém onde vais.

Arya

Eragon sorriu. O timing dela tinha sido perfeito. O navio chegara exatamente quando ela pretendia. Depois o seu sorriso dissipou-se quando ele releu a carta mais algumas vezes. Arya estava a esconder algo, era mais do que óbvio. Mas o quê? Porquê encontrarem-se em segredo?

“Talvez Arya não concorde com o próximo líder dos Elfos”, pensou ele. “Ou talvez haja outro problema.” Embora Eragon estivesse ansioso por vê-la de novo, não podia esquecer como ela o ignorara tanto a si como a Saphira. Calculou que todos aqueles meses fossem insignificantes para Arya, mas não podia deixar de se sentir magoado.

Esperou até os primeiros vestígios de sol surgirem no céu e apressou-se a descer para acordar Saphira e dar-lhe as notícias. Ela estava tão curiosa como ele, talvez até tão entusiasmada quanto ele.

Eragon selou-a e os dois saíram da cidade, dirigindo-se para Nordeste, sem prevenir ninguém dos seus planos, nem mesmo Glaedr ou os outros Eldunarís.

FÍRNEN

Chegaram ao local que Arya designara ao início da tarde: uma curva suave do Rio Ramr, que assinalava o ponto mais a Este.

Eragon esticou-se para olhar por cima do pescoço de Saphira, tentando ver alguém lá baixo. Tirando uma manada de touros selvagens, os campos estavam desertos. Ao verem Saphira, os animais fugiram, levantando colunas de pó. As únicas criaturas vivas que Eragon sentia eram os touros e outros animais mais pequenos, dispersos pelos campos.

Desiludido, desviou o olhar para o horizonte, mas não viu quaisquer sinais de Arya.

Saphira aterrou numa elevação suave, a cinquenta metros das margens do rio, e sentou-se. Eragon sentou-se junto dela, encostando as costas ao seu flanco.

Ao cimo da elevação havia um afloramento de pedra macia, semelhante a ardósia. Enquanto esperavam, Eragon entreteve-se a desbastar uma lasca de pedra do tamanho de um polegar, até lhe dar a forma da ponta de uma flecha. A pedra era demasiado macia pelo que a ponta da flecha serviria apenas para decoração, de qualquer forma ele apreciou o desafio. Quando se deu por satisfeito com a sua forma simples, triangular, pô-la de parte e começou a desbastar um fragmento maior, talhando uma adaga com a lâmina em forma de folha, semelhante às que os Elfos traziam consigo.

Não tiveram de esperar tanto como inicialmente Eragon imaginara.

Uma hora depois de chegarem, Saphira levantou a cabeça do chão e olhou para as planícies, em direção ao Deserto de Hadarac, que não ficava muito longe. O seu corpo retesou-se contra o corpo de Eragon e ele sentiu uma estranha emoção dentro dela, como se algo de importante estivesse para acontecer.

Olha, disse Saphira.

Eragon levantou-se apressadamente, ainda a segurar na adaga por acabar, e olhou para Este, mas viu apenas erva, terra e algumas árvores solitárias fustigadas pelo vento, entre eles e o horizonte. Alargou a área de observação, mas continuou a não ver nada de interessante.

O que é... ia ele a dizer, mas depois olhou para cima e calou-se.

Bem alto, no firmamento, a Este, viu um ponto cintilante de fogo verde. O ponto de luz descreveu um arco pelo manto azul dos céus, aproximando-se rapidamente, brilhante como uma estrela à noite.

Eragon largou a adaga de pedra, subiu para o dorso de Saphira e prendeu as pernas à sela. Queria perguntar-lhe o que ela achava que seria o ponto de luz – para a forçar a verbalizar a sua suspeita – mas, à semelhança de Saphira, ele não conseguia dizer uma palavra.

Saphira ficou onde estava, embora abrisse as asas e as erguesse praticamente dobradas ao meio, preparando-se para levantar voo.

À medida que crescia, a centelha de luz multiplicou-se, dividindo-se num conjunto de dúzias, centenas, milhares de pequenos pontos de luz. Minutos depois a sua verdadeira forma tornou-se visível e eles perceberam que era um dragão.

Saphira não conseguiu esperar mais e saltou da elevação com um urro estridente, batendo as asas em direção ao solo.

Eragon agarrou-se firmemente ao espigão do pescoço dela, à sua frente, enquanto Saphira subia num ângulo quase vertical, desesperada para intercetar o outro dragão, tão depressa quanto possível. O espírito de ambos alternava entre o júbilo e a cautela ganha em inúmeros combates travados. Também por cautela, agradou-lhes o facto de terem o sol por trás.

Saphira continuou a subir até ficar ligeiramente acima do dragão verde, nivelou o voo e concentrou-se na velocidade.

Já mais perto, Eragon viu que o dragão, embora bem constituído, tinha ainda a aparência desengonçada de um dragão jovem. Os seus membros não possuíam ainda o peso e o volume dos membros de Glaedr ou de Thorn, e era mais pequeno do que Saphira. A escamas nos flancos e no dorso eram verdes-escuras, e as do ventre e das almofadas das patas mais claras – quase brancas no caso das mais pequenas. Encostadas ao corpo, as suas asas eram cor de azevinho, mas quando a luz se filtrava através delas exibiam a cor das folhas de carvalho na primavera.

No ponto de união entre o pescoço e o dorso do dragão havia uma sela muito semelhante à de Saphira e, sobre esta, estava uma figura que parecia Arya, com longos cabelos a ondular ao vento. Essa visão encheu o coração de Eragon de alegria e o vazio, sob o peso do qual trabalhara durante tanto tempo, dissipou-se como a escuridão da noite antes do nascer do sol.

Quando os dragões se cruzaram, Saphira rugiu e o outro dragão rugiu também. Depois, viraram e começaram a voar em círculo – como se se perseguissem um ao outro – Saphira ainda ligeiramente acima do dragão verde, que não fez qualquer esforço para voar mais alto do que ela. Se o tivesse feito, Eragon teria receado que o dragão estivesse a tentar ganhar vantagem sobre Saphira, antes de atacar.

Eragon sorriu e gritou ao vento. Arya gritou e ergueu o braço. Depois Eragon tocou-lhe na mente, só para ter a certeza, e percebeu de imediato que era realmente Arya e que nem ela nem o dragão tinham más intenções. Momentos depois retirou-se, pois teria sido indelicado prolongar o contacto mental sem o seu consentimento, e Arya certamente responderia às suas perguntas quando estivessem em terra.

Saphira e o dragão verde rugiram de novo e este sacudi violentamente a cauda, semelhante a um chicote, perseguindo-se depois um ao outro até alcançarem o Rio Ramr. Saphira assumiu a dianteira e desceu em espiral, até aterrar na mesma elevação onde ela e Eragon tinham esperado.

O dragão verde aterrou a trinta metros, agachando-se, enquanto Arya se libertava da sela.

Eragon arrancou a correias das pernas e saltou para o chão, batendo com a bainha de Brisingr contra a perna. Correu ao encontro de Arya e ela ao seu, reunindo-se entre os dois dragões que os seguiram num passo mais pausado, batendo pesadamente com as patas no chão.

Ao aproximar-se, Eragon viu que em vez da tira de couro que Arya habitualmente usava para prender o cabelo, ela trazia um pequeno aro de ouro sobre a testa com um diamante em forma de lágrima, ao centro, que parecia brilhar não à luz do sol mas com a luz que emanava. Presa à cintura tinha uma espada de punho verde, dentro de uma bainha verde, que ele percebeu ser Támerlein, a mesma que Fiolr, o elfo nobre, lhe oferecera para substituir Zar’roc, e que pertencera ao Cavaleiro Arva. O punho contudo parecia diferente, mais leve e mais gracioso, e a bainha parecia mais estreita.

Instantes depois, Eragon percebeu o que o diadema significava e olhou atónito para Arya:

– Tu?

– Eu – respondeu ela, inclinando a cabeça. – Atra esterní ono thelduin, Eragon.

– Atra du evarínya ono varda, Arya... Dröttning? – Não lhe tinha passado despercebido que ela o saudara primeiro.

– Dröttning – confirmou ela –, o meu povo decidiu conceder-me o título de minha mãe e eu decidi aceitar.

Por cima deles, Saphira e o dragão verde aproximaram as cabeças e farejaram-se. Saphira era mais alta pelo que o dragão verde teve de esticar o pescoço para a alcançar.

Por muito que Eragon quisesse falar com Arya, não pôde deixar de olhar para o dragão.

– E ele? – perguntou, apontando para cima.

Arya sorriu e surpreendeu-o ao pegar-lhe na mão, conduzindo-o em frente. O dragão verde resfolgou e baixou a cabeça, até esta ficar ligeiramente acima deles,

libertando fumo e vapor das suas profundas narinas vermelhas.

– Eragon – disse ela, poisando a mão sobre o focinho quente do dragão. – Este é Fímen. Fímen, este é Eragon.

Eragon fixou um dos olhos brilhantes de Fímen. As tiras de músculo, dentro das íris do dragão, eram verde-claras e amarelas como lâminas tenras de erva.

Prazer em conhecer-te Eragon amigo, Aniquilador de Espetros, disse Fímen. A sua voz mental era mais grave do que Eragon esperava, mais grave até que a de Thom, Glaedr ou qualquer dos Eldunaris de Vroengard. O meu Cavaleiro falou-me muito de ti. O dragão piscou os olhos uma vez, com um pequeno ruído agudo, semelhante ao de uma concha a bater numa pedra.

Eragon sentia o entusiasmo do dragão na sua vasta mente, inundada pelo sol e coberta de sombras transparentes.

Eragon foi percorrido por uma sensação de assombro – assombro pelo facto de tal ter acontecido.

– Também é um prazer conhecer-te, Fímen-finiarel. Nunca pensei que viveria para te ver nascer, livre dos feitiços de Galbatorix.

O dragão cor de esmeralda resfolgou suavemente. Parecia imponente e cheio de energia, como um veado macho no outono. Depois voltou a olhar para Saphira. Muito se estava a passar entre os dois. Eragon conseguiu sentir o fluxo de pensamentos, emoções e sensações, através de Saphira – a princípio lentos mas depois foram engrossando até se converterem numa torrente.

Arya sorriu ligeiramente.

– Parece que gostaram um do outro.

– É verdade.

Guiados por um entendimento mútuo, Eragon e Arya saíram debaixo de Saphira e Fímen, deixando os dragões a sós. Saphira não era seu hábito, mas agachada como se estivesse prestes a atacar um veado, e Fímen também. A ponta das caudas estremecia.

Arya parecia estar bem: melhor do que depois de passarem algum tempo juntos em Ellesméra. Estava feliz, à falta de melhor palavra.

Ambos observaram os dragões em silêncio, durante algum tempo. Depois Arya virou-se e disse-lhe:

– Peço desculpa por não te ter contactado mais cedo. Não deves estar muito satisfeito comigo por te ter ignorado a ti e a Saphira, durante tanto tempo, e por guardar um segredo como Fímen.

– Recebeste a minha carta?

– Recebi. – Para sua surpresa, Arya levou a mão à parte da frente da túnica e tirou um quadrado puído de pergaminho, que ele reconheceu segundos depois. – Eu teria respondido, mas Fímen já tinha nascido e não queria mentir-te, nem mesmo por omissão.

– Porquê mantê-lo escondido?

– Com tantos servos de Galbatorix ainda à solta, e tão poucos dragões ainda vivos, não quis que ninguém soubesse da existência de Fímen até ele ter o tamanho suficiente para se defender.

– Achas realmente possível que um humano se pudesse infiltrar em Du Weldenvarden e o matasse?

– Têm acontecido coisas estranhas. Não era um risco que valesse a pena correr, estando os dragões ainda à beira da extinção. Se pudesse manteria Fímen em Du Weldenvarden durante os próximos dez anos, até ele ser tão grande que ninguém se atrevesse a atacá-lo. Mas ele queria partir e eu não podia negar-lhe isso. Além disso, chegou o momento de eu me reunir a Nasuada e a Orik, no meu novo papel.

Eragon sentiu que Fímen estava a contar e a mostrar a Saphira como apanhara um veado na floresta dos Elfos pela primeira vez e sabia que Arya também se apercebera da conversa, pois viu o lábio dela tremer com a imagem de Fímen a saltar atrás de uma fêmea de veado assustada, depois dela tropeçar num ramo.

– E há quanto tempo és rainha?

– Fui coroada um mês depois do meu regresso, mas Vanir não sabe. Ordenei que lhe ocultassem essa informação bem como ao nosso embaixador junto dos Anões, para que me pudesse concentrar na educação de Fímen, sem ter de me preocupar com assuntos de estado, que de outra forma me competiria resolver... Vais gostar de saber: criei-o nos Penedos de Tel'naeir, onde Oromis vivia com Glaedr. Pareceu-me fazer todo o sentido.

Ficaram ambos em silêncio. Depois Eragon apontou para o diadema de Arya e para Fímen, perguntando-lhe:

– Como aconteceu tudo isto?

Ela sorriu:

– Durante o nosso regresso a Ellesméra, reparei que Fímen estava a começar a mexer-se dentro da casca, mas não dei importância ao assunto, pois era frequente Saphira fazer o mesmo. Contudo, logo que chegámos a Du Weldenvarden e passámos pelas proteções, ele nasceu. Era quase noite e eu transportava-o dentro de uma prega da túnica, como costumava fazer com o de Saphira. Estava a conversar com ele, a falar-lhe acerca do mundo e a tranquilizá-lo, quando senti o ovo a sacudir-se e... – Estremeceu e atirou o cabelo para trás, com uma fina camada de lágrimas brilhantes nos olhos. – O laço é tudo aquilo que eu imaginei. Quando nos tocámos... Eu sempre quis ser um Cavaleiro do Dragão para proteger o meu povo e vingar a morte do meu pai às mãos de Galbatorix e dos Renegados. Mas nunca quis acreditar que isso poderia vir a acontecer, até ver a primeira racha no ovo de Fímen.

– Quando se tocaram, sentiste...

– Sim. – Arya ergueu a mão esquerda e mostrou-lhe uma marca prateada na palma da mão, igual ao seu gedwëy ignasia. – Era como... – E fez uma pausa, à procura das palavras certas.

– Era como água gelada. Picava e brilhava – aventou ele.

– Era exatamente isso. – Ela cruzou os braços sem dar por isso, como se sentisse frio.

– E depois voltaste para Ellesméra – acrescentou Eragon. Saphira contava a Fímen sobre quando ela e Eragon tinham nadado no Lago, ao viajarem para Dras-Leona com Brom.

– E depois voltámos para Ellesméra.

– E foste viver para os Penedos de Tel'naeir. Mas porquê tornares-te rainha quando já eras Cavaleiro?

– A ideia não foi minha. Däthedr e os outros anciãos da nossa raça foram à casa dos penedos e pediram-me para aceitar o manto de minha mãe. Recusei, mas eles voltaram no dia seguinte e no outro. Regressaram todos os dias, durante uma semana, e sempre com novos argumentos sobre o motivo por que eu deveria aceitar a coroa. Até que finalmente me convenceram que seria o melhor para o meu povo.

– Mas porquê tu? Foi por seres filha de Islanzadí, ou por te teres tornado Cavaleiro?

– Não foi apenas por Islanzadí ser minha mãe, embora esse fosse, em parte, o motivo, nem apenas por eu ser um Cavaleiro. As nossas políticas são muito mais complicadas que as dos humanos ou as dos Anões, e nunca é fácil escolher um novo monarca, pois implica obter o consentimento de dúzias de casas e de famílias, bem como de alguns dos membros mais velhos da nossa raça. E todas as escolhas que fazem são parte de um jogo subtil que praticamos entre nós, há milhares de anos... Eles queriam que eu me tornasse rainha por muitos motivos e nem todos eram óbvios.

Eragon mudou de posição, olhando alternadamente para Saphira e para Arya, incapaz de se conciliar com a decisão dela.

– Como podes ser Cavaleiro e Rainha ao mesmo tempo? – perguntou ele. – Os Cavaleiros não devem favorecer qualquer raça em detrimento das outras. Se o fizéssemos seria impossível aos restantes povos de Alagaësia confiarem em nós. E, como poderás ajudar a reconstruir a nossa ordem e a educar a próxima geração de dragões, se estás ocupada com as tuas responsabilidades em Ellesméra?

– O mundo já não é o que era – disse ela –, nem os Cavaleiros poderão manter-se isolados como antigamente. Somos poucos. Não podemos manter-nos isolados e demorará bastante tempo até que sejamos em número suficiente para podermos voltar a assumir o nosso anterior papel. Seja como for, tu juraste lealdade a

Nasuada, a Orik e ao Dûrgrimst Ingeitum e fazo todo a nós, os álřakyn. Faz todo o sentido que tenhamos um Cavaleiro e um dragão.

– Tu sabes que Saphira e eu lutaríamos pelos Elfos tal como pelos humanos ou pelos Anões – protestou ele.

– Eu sei, mas os outros não. As aparências contam, Eragon. Não podes modificar o facto de teres prestado juramento a Nasuada e de deveres a lealdade ao clã de Orik... O meu povo sofreu bastante nos últimos cem anos e, embora isso possa não ser visível aos teus olhos, já não somos o que em tempos fomos. Tal como os dragões, também nós entrámos em declínio. Nasceram menos crianças e a nossa energia esmoreceu. Há quem diga que as nossas mentes já não são tão aguçadas como antes, embora isso seja difícil de provar.

– O mesmo se aplica aos humanos, pelo menos segundo Glaedr nos disse – acrescentou Eragon.

Ela acenou com a cabeça.

– Ele tem razão. As nossas raças levarão tempo a recuperar e muito dependerá do regresso dos dragões. Tal como Nasuada é necessária para ajudar a orientar a recuperação da tua raça, também o meu povo precisa de um líder, e eu senti-me na obrigação de assumir essa tarefa, agora que Islanzadí morreu. – Tocou no ombro esquerdo onde tinha a tatuagem do hieróglifo do yawë. – Eu era pouco mais velha do que tu, quando jurei servir o meu povo. Não posso abandoná-los agora quando mais precisam de mim.

– Eles precisarão sempre de ti.

– E eu responderei sempre aos seus apelos – respondeu ela. – Eu e Fínen jamais ignoraremos os deveres de dragão e Cavaleiro. Ajudar-vos-emos a patrulhar o território, resolveremos todas as disputas que pudermos e, seja onde for o melhor local para educar os dragões, visitá-lo-emos e daremos o nosso apoio tão frequentemente quanto possível, mesmo que seja no ponto mais distante da Espinha, a Sul.

As suas palavras perturbaram Eragon, mas ele fez o possível para o esconder. O que Arya prometera seria impossível se ele e Saphira fizessem o que tinha ficado decidido durante o voo até lá. Embora tudo o que Arya dissesse ajudasse a confirmar que tinham escolhido o caminho certo, Eragon receava que Arya e Fínen não o pudessem seguir.

Nessa altura Eragon curvou a cabeça, aceitando a decisão de Arya de se tornar rainha e o seu direito de o fazer.

– Eu sei que não te furtarás às tuas responsabilidades – disse ele. – Nunca te furtas – continuou. – Não tinha intenção de ser indelicado ao dizer aquilo, era apenas a constatação de um facto, e um facto que era motivo de respeito. – E entendo o motivo por que não nos contactaste durante tanto tempo. Provavelmente eu teria feito o mesmo.

Ela voltou a sorrir.

– Obrigada.

Ele apontou para a espada.

– Presumo que Rhunön remodelou Tämerlein para se adaptar melhor a ti.

– Sim e não parou de resmungar o tempo todo. Disse que a espada era perfeita tal como estava, de qualquer forma estou bastante satisfeita com as modificações que fez. Agora a espada equilibra-se perfeitamente na minha mão e parece leve como um chicote.

Enquanto observavam os dragões, Eragon tentou pensar numa forma de revelar os seus planos a Arya. Mas antes que o fizesse, ela disse:

– Tu e a Saphira têm passado bem?

– Sim.

– O que mais aconteceu de interessante, desde que me escreveste?

Eragon pensou por instantes e depois fez-lhe um breve relato dos atentados à vida de Nasuada, das insurreições a Norte e a Sul, do nascimento da filha de Roran e Katrína, da ascensão de Roran à nobreza e da lista de tesouros que tinham recuperado do interior da cidadela. Finalmente, falou-lhe do seu regresso a Carvahall e da visita ao derradeiro local de repouso de Brom.

Enquanto falava, Saphira e Fínen começaram a andar à volta um do outro, sacudindo a ponta das caudas para trás e para diante, mais rapidamente do que nunca. Tinham ambos as mandíbulas entreabertas, com os longos dentes brancos à mostra e respiravam pesadamente pela boca, deixando escapar uns roncos lamentosos que Eragon nunca ouvira. Quase parecia que se iam atacar, o que o preocupou, mas não era raiva nem medo que Eragon sentia em Saphira, era...

Quero testá-lo, disse Saphira, batendo com a cauda no chão e fazendo Fínen parar.

Testá-lo? Como? Para quê?

Para saber se ele tem ferro suficiente nos ossos e fogo suficiente na barriga para acasalar comigo.

Tens a certeza?, perguntou ele, percebendo a sua intenção.

Saphira voltou a bater com a cauda no chão, e Eragon sentiu a sua certeza e a força do seu desejo.

Sei tudo acerca dele – tudo menos isso. Além disso, disse ela, com um ar divertido, os dragões não acasalam propriamente para a vida inteira.

Muito bem... mas tem cuidado.

Mal acabou de falar, Saphira lançou-se a Fínen, mordendo-o no flanco esquerdo e deixando-o a sangrar. Fínen arreganhou os dentes e saltou para trás. Depois rosnou com um ar hesitante e recuou diante de Saphira, enquanto esta avançava na direção do dragão.

Saphira! Eragon virou-se para Arya, com um ar mortificado e com a intenção de lhe pedir desculpa.

Arya não parecia incomodada. Dirigindo-se a Fínen e a Eragon, Arya disse:

Se queres que ela te respeite, tens de lhe morder também.

Arqueou a sobrancelha a Eragon e ele reagiu com um sorriso sardónico, entendendo-a.

Fínen olhou de relance para Arya e hesitou, saltando para trás quando Saphira o tentou morder de novo. Depois rugiu e ergueu as asas, como se quisesse parecer maior, e atacou Saphira, enterrando-lhe os dentes na pele e mordendo-a numa patra traseira.

A dor que Saphira sentiu não era dor.

Começaram de novo a andar à volta um do outro, rugindo e uivando cada vez mais alto. Depois, Fínen voltou a atacá-la, aterrando sobre o seu pescoço e empurrando-lhe a cabeça para o chão onde a prendeu, dando-lhe duas dentadas brincalhonas na base do crânio.

Saphira não se debateu tão ferozmente como Eragon esperava, pelo que ele calculou que ela se tivesse deixado apanhar por Fínen, pois nem Thom o tinha conseguido fazer.

– Os rituais de acasalamento dos dragões não são nada delicados – disse ele a Arya.

– Esperavas palavras e carícias ternas?

– Suponho que não.

Saphira sacudiu o pescoço e afastou Fínen, recuando apressadamente. Depois rugiu e rasgou o chão com as garras das patas dianteiras. Nessa altura Fínen ergueu a cabeça para o céu, projetando um jorro ondulante de chamas verdes, com o dobro do comprimento do seu corpo.

– Ah! – exclamou Arya, encantada.

– O que é?

– É a primeira vez que ele exala fogo!

Saphira exalou também um jato explosivo de chamas – Eragon sentiu o calor a mais de quinze metros de distância. Depois agachou-se e lançou-se para o ar, subindo na vertical. Fínen seguiu-a, instantes depois.

Eragon e Arya ficaram a ver os dois dragões cintilantes a erguerem-se nos céus, descrevendo espirais em torno um do outro e projetando jatos de chamas. Era uma imagem assombrosa: um quadro selvático, belo e assustador. Eragon percebeu estar a assistir a um ritual ancestral e elementar, um ritual que era parte integrante da natureza sem o qual a terra definharia e morreria.

A sua ligação com Saphira enfraquecia à medida que a distância entre eles aumentava, mas ainda sentia o calor da sua paixão a escurecer a sua visão periférica, apagando todos os pensamentos salvo os que eram induzidos pela necessidade instintiva a que todas as criaturas estavam sujeitas, mesmo os Elfos.

Os dragões foram diminuindo de tamanho até não passarem de duas estrelas cintilantes na imensidão do céu. Apesar da distância, Eragon recebia alguns fragmentos de pensamentos e sensações de Saphira e, embora ele tivesse vivido momentos semelhantes com os Eldunaris quando estes tinham partilhado as suas memórias, sentiu as faces e a ponta das orelhas quentes e deu consigo incapaz de encarar Arya.

Ela também parecia afetada pelas emoções dos dragões, embora de uma forma diferente, olhando para Saphira e Fínen com um ligeiro sorriso e os olhos mais brilhantes do que o habitual – como se a visão dos dois dragões a enchesse de orgulho e de felicidade.

Eragon deixou escapar um suspiro, agachou-se e começou a desenhar na terra com um caule de erva.

– Foi rápido – disse ele.

– Pois foi – anuiu ela.

Ficaram assim durante alguns minutos: ela de pé e ele agachado. Nada se ouvia em redor a não ser o vento solitário.

Por fim Eragon conseguiu olhar para Arya. Ela estava mais bela do que nunca, mas, para além disso, viu nela a amiga, a aliada, a mulher que ajudara a salvá-lo de Durza, que lutara ao seu lado contra inúmeros inimigos, que fora aprisionada com ele em Dras-Leona e que, finalmente, matara Shruikan com a Dauthdaert. Lembrou-se do que ela lhe contara sobre a sua infância em Ellesméra, sobre a relação difícil que mantinha com a mãe e sobre as muitas razões que a tinham levado a abandonar Du Weldenvarde e a prestar serviço como embaixatriz dos Elfos. Pensou também nas mágoas que sofrera, algumas infligidas pela sua mãe, outras derivadas do isolamento que sentira entre os humanos e os Anões e, mais ainda, na altura em que perdera Faolin e suportara as torturas de Durza, em Gil'ead.

Pensou em todas essas coisas e sentiu-se profundamente ligado a ela. Sentiu também tristeza e subitamente desejou registar o que estava a ver.

Enquanto Arya meditava de olhos postos no céu, Eragon olhou em redor até ver um pedaço da rocha, semelhante a ardósia, saído da terra. Fazendo o menor barulho possível, desenterrou o pedaço de pedra com os dedos e sacudi o pó até esta ficar limpa.

Demorou alguns momentos a recordar-se dos feitiços que uma vez usara e a modificá-los de forma a poder extrair da terra em seu redor todas as cores de que necessitava. Depois lançou o feitiço, proferindo as palavras lentamente.

Uma sensação de movimento, como um redemoinho de água lamacenta, surgiu à superfície da placa e, depois, apareceram cores – vermelho, azul, verde e amarelo – sobre a superfície da ardósia, que começaram a formar linhas e formas, enquanto se misturavam, formando tonalidades mais subtis. Instantes depois, surgiu uma imagem de Arya.

Mal terminou, quebrou o feitiço e estudou o retrato mágico. Ficou satisfeito com o que viu. A imagem parecia ser uma verdadeira e honesta representação de Arya, ao contrário do retrato que fizera dela em Ellesméra. A que tinha agora nas mãos apresentava uma profundidade que a outra não tinha. Não era uma imagem perfeita em termos de composição, mas Eragon sentia-se orgulhoso por ter conseguido captar tanto do seu carácter. Conseguira aglutinar naquela imagem tudo o que conhecia de Arya tanto a sombra como a luz.

Saboreou o prazer da sua realização durante mais alguns instantes e, depois, atirou a placa para o lado a fim de a partir no chão.

– Kausta – disse Arya e a placa descreveu uma curva no ar, poisando nas suas mãos.

Eragon abriu a boca, com a intenção de se explicar ou pedir desculpa, mas pensou melhor e silenciou.

Arya ergueu a imagem e estudou-a atentamente. Eragon observava-a, interrogando-se como ela iria reagir.

Um longo minuto de tensão passou.

Depois Arya baixou a imagem.

Eragon levantou-se e esticou a mão para a placa, mas Arya não fez qualquer gesto no sentido de a devolver. Parecia perturbada e ele sentiu o coração a afundar-se no peito. O retrato incomodara-a.

Arya olhou-o nos olhos e disse na língua antiga:

– Eragon, gostaria de te revelar o meu verdadeiro nome, se estiveres interessado em conhecê-lo.

A oferta dela deixou-o estupefacto. Depois, acenou com a cabeça, emocionado, e disse com grande dificuldade:

– Seria uma honra ouvi-lo.

Arya avançou, encostou-lhe os lábios ao ouvido e disse-lhe o seu nome num sussurro quase inaudível. Ao dizê-lo, o nome vibrou no interior da sua mente, acompanhado de uma torrente de entendimento. Eragon já conhecia parte do nome, mas muitas das outras partes surpreenderam-no, e certamente fora difícil para Arya partilhá-las.

Depois Arya recuou e esperou pela sua reação, com uma expressão diligentemente neutra.

O nome dela levantou-lhe inúmeras questões, mas Eragon sabia que não era altura de as colocar. Em vez disso deveria tranquilizá-la, demonstrando-lhe que não sentia menos consideração por ela por ter sabido o que soube. E não sentia de facto. No mínimo, o nome aumentara o respeito que sentia por ela, pois demonstrara-lhe a verdadeira dimensão do seu altruísmo e da sua devoção ao dever. Sabia que se reagisse mal ao seu nome – ou mesmo se dissesse as palavras erradas inadvertidamente – destruiria a amizade que existia entre eles.

Olhou Arya de frente e disse-lhe, também na língua antiga:

– O teu nome... o teu nome é um bom nome. Devias ter orgulho de seres quem és. Obrigado por o partilhares comigo. Sinto-me feliz por poder considerar-te minha amiga e prometo que o teu nome ficará sempre em segurança comigo... Ouvirás agora o meu?

Ela acenou afirmativamente.

– Ouvirei e prometo recordá-lo e protegê-lo enquanto for teu.

Uma sensação de relevância apossou-se dele. Sabia que o que estava prestes a fazer era irreversível, algo assustador e emocionante. Avançou e fez o mesmo que Arya, encostando os lábios ao ouvido dela e sussurrando o seu nome tão baixo quanto possível. Todo o seu ser vibrou em reconhecimento das palavras.

Depois recuou, subitamente apreensivo. “Como iria ela julgá-lo? Bem ou mal? Claro que o iria julgar. Não poderia deixar de o fazer.”

Arya suspirou longamente e olhou, por instantes, para o céu. Quando se virou de novo para ele, tinha uma expressão mais branda.

– Também tens um bom nome, Eragon – disse ela, num tom grave. – Contudo, não me parece que seja o nome que tinhas quando partiste do Vale de Palancar.

– Não.

– Nem creio que fosse o nome que tinhas durante a tua estadia em Ellesméra. – Amadureceste muito desde que nos conhecemos.

– Tive de amadurecer.

Arya acenou com a cabeça.

– Ainda és jovem, mas já não és uma criança.

– Não, de facto já não sou.

Eragon sentia-se mais atraído por ela que nunca. A troca de nomes criara um laço entre eles. Só não sabia que tipo de laço era e a sua incerteza deixou-o vulnerável. Ela vira-o com todos os seus defeitos e não recuara, aceitando-o como era tal como ele a aceitava a ela. Além disso, vira no seu nome a profundidade dos

seus sentimentos por ela e isso também não a afastara de si.

Ponderou se deveria dizer algo sobre o assunto, de qualquer modo não podia deixar de o fazer. Por isso, ganhou coragem e disse:

– Que futuro nos espera, Arya?

Ela hesitou, mas Eragon percebeu que ela entendera claramente o significado da sua pergunta. Escolhendo cautelosamente as palavras, Arya disse:

– ... Como sabes, em tempos teria dito “nada”, mas... Volto a dizer: tu ainda és jovem e os humanos mudam frequentemente de ideias. Daqui a dez anos ou até mesmo cinco, poderás já não sentir o que agora sentes.

– Os meus sentimentos não se modificarão – disse ele com uma absoluta convicção.

Ela sondou-lhe o rosto demoradamente, com uma expressão tensa. Depois Eragon viu algo mudar nos seus olhos e ela disse:

– Se não mudarem... talvez a seu tempo... – Poisou-lhe a mão no queixo. – Não podes exigir mais de mim, agora. Não quero cometer um erro contigo, Eragon. És demasiado importante, tanto para mim, como para o resto de Alagaësia.

Ele tentou sorrir, mas conseguiu apenas fazer uma careta.

– Mas... nós não temos tempo – disse Eragon, com a voz embargada. Sentia-se nauseado.

Arya franziu a testa e baixou a mão.

– O que queres dizer com isso?

Ele olhou para o chão tentando encontrar a forma de lhe dizer. Finalmente, disse-o da maneira mais simples que lhe foi possível. Explicou-lhe a dificuldade que Saphira e ele estavam a ter para encontrar um local seguro para os ovos e para os Eldunarís e, depois, falou-lhe do grupo de feiticeiros que Nasuada planeava formar, para vigiar todos os feiticeiros humanos.

Passou alguns minutos a falar, dizendo por fim

– Por isso Saphira e eu decidimos que a única coisa que poderemos fazer é abandonar Alagaësia e criar os dragões noutra local, longe das pessoas. É o melhor para nós, para os dragões, para os Cavaleiros e todas as raças de Alagaësia.

– Mas os Eldunarís... – interpelou Arya, chocada.

– Os Eldunarís também não podem ficar. Nunca ficariam em segurança, nem mesmo em Ellesméra. Desde que fiquem nesta terra, haverá sempre quem os tente roubar ou usar para servir os seus próprios desígnios. Não. Precisamos de um local como Vroengard, um local onde ninguém possa encontrar os dragões para lhes fazer mal e onde as crias e os dragões selvagens não possam fazer mal a ninguém. – Eragon tentou voltar a sorrir, mas desistiu pois era inútil. – Foi por isso que disse que não tínhamos tempo. Saphira e eu tencionamos partir o mais brevemente possível e se tu ficares... não sei se nos voltaremos a ver.

Arya olhou de novo para a imagem mágica que segurava na mão, com um ar perturbado.

– Abdicarias da tua coroa para nos acompanhares? – perguntou ele, embora já soubesse a resposta.

Ela levantou os olhos.

– Abdicarias da guarda dos ovos?

Ele abanou a cabeça:

– Não.

Ficaram em silêncio por instantes, a ouvir o vento.

– Como irás encontrar candidatos a Cavaleiros? – perguntou ela.

– Deixaremos alguns ovos – contigo, talvez – e, logo que estes choquem, os dragões e os seus Cavaleiros reunir-se-ão a nós e nós enviar-te-emos mais ovos.

– Deve haver outra solução que não essa de tu, Saphira e todos os Eldunarís abandonarem Alagaësia!

– Se houvesse recorreríamos a ela, mas não há.

– E os Eldunarís? E Glaedr e Umaroth? Já falaste com eles sobre isto? Eles concordam?

– Ainda não falámos com eles, mas eles vão concordar. Estou certo disso.

– Tens a certeza de que é isso que deves fazer, Eragon? Será mesmo a única solução? Deixares para trás tudo e todos os que conhecestes, desde sempre?

– É necessário e a nossa partida sempre esteve predestinada. Angela vaticinou-a quando me leu a sina em Teirm e eu tive bastante tempo para me habituar à ideia. –

Esticou a mão e tocou na face de Arya. – Por isso volto a perguntar: acompanhas-nos?

Uma fina camada de lágrimas surgiu nos seus olhos e ela apertou o retrato mágico contra o peito.

– Não posso.

Ele acenou com a cabeça e afastou a mão.

– Nesse caso... seguiremos caminhos separados. – As lágrimas afloraram-lhe e ele lutou para manter a compostura.

– Mas para já, não – sussurrou ela. – Ainda podemos passar algum tempo juntos. Vocês não vão partir de imediato.

– Imediatamente, não.

Ficaram lado a lado a olhar para o céu, à espera que Saphira e Fínen voltassem. Passado algum tempo, Arya tocou-lhe na mão e Eragon agarrou-a e, ainda que fosse apenas um pequeno consolo, ajudou-o a entorpecer a dor no seu coração.

UM HOMEM COM CONSCIÊNCIA

Uma luz morna irradiava através das janelas, do lado direito do corredor, iluminando partes da parede oposta, decorada com estandartes, pinturas, escudos, espadas e cabeças de vários veados, penduradas entre as portas escuras, entalhadas, que pontuavam a parede, em intervalos regulares.

Ao encaminhar-se para o escritório de Nasuada, olhou para a cidade através das janelas. Conseguia ouvir os bardos no pátio, junto das mesas do banquete organizado em honra de Arya. As celebrações decorriam desde que ela e Fínen tinham regressado a Ilírea com Eragon e Saphira, no dia anterior, mas agora começavam a esmorecer, e por isso ele finalmente tinha conseguido marcar uma reunião com Nasuada.

Acenou com a cabeça aos guardas que estavam do lado de fora do escritório e depois entrou na sala.

Lá dentro viu Nasuada recostada numa cadeira almofadada, a ouvir um músico tocar lira e a cantar uma canção de amor bonita, ainda que melancólica. Perto da cadeira estava Elva, a criança-feiticeira, absorta num bordado, numa cadeira próxima, a criada de Nasuada, Farica e, enroscado no colo de Farica, Olhos Amarelos, o homem-gato, na sua forma animal. Parecia dormir profundamente, mas Eragon sabia, por experiência, que era bem capaz de estar desperto.

Eragon esperou à porta até que o músico terminasse.

– Obrigada, podes retirar-te – disse Nasuada ao músico. – Ah, Eragon, bem-vindo.

Ele fez-lhe uma ligeira vénia. Depois, dirigindo-se à rapariga, disse:

– Elva.

Ela olhou-o por baixo da testa:

– Eragon. – A cauda do homem-gato tremeu.

– O que queres discutir? – perguntou Nasuada, bebendo de um cálice poisado sobre a mesa de apoio.

– Talvez seja melhor falarmos em privado – respondeu Eragon, acenando com a cabeça em direção às portas de vidro, por trás dela, que davam acesso a uma varanda com vista para um pátio quadrangular com um jardim e uma fonte.

Nasuada ponderou por instantes. Depois levantou-se e encaminhou-se para a varanda, com a cauda do vestido púrpura a arrastar pelo chão.

Eragon seguiu-a e ficaram lado a lado, a olhar para os repuxos frios e acinzentados de água na fonte, mergulhados na sombra projetada pela parte lateral do edifício.

– Que bela tarde – disse Nasuada, respirando fundo. Parecia mais tranquila do que da última vez que ele a vira, apenas algumas horas antes.

– A música parece ter-te deixado bem-disposta – comentou ele.

– Não foi a música, foi Elva.

Eragon inclinou a cabeça.

– Como assim?

Um estranho meio sorriso adornou o rosto de Nasuada.

– Depois do meu aprisionamento em Urû’baen – depois de tudo o que passei... e perdi – depois dos atentados à minha vida, o mundo perdeu toda a cor para mim. Não conseguia sentir e nada do que fizesse me arrancava da tristeza.

– Eu também achava que não – disse ele –, mas não sabia o que fazer nem o que dizer para ajudar.

– Nada. Nada do que pudesses ter dito ou feito teria ajudado. Poderia ter ficado assim durante anos senão fosse Elva. Ela disse-me... ela disse-me o que eu precisava de ouvir, creio eu. Fê-lo para cumprir uma promessa que me fez, há muito tempo, no castelo de Aberon. – Eragon franziu o sobrolho e olhou de novo para a sala onde Elva estava sentada a bordar. Apesar de tudo o que tinham passado juntos, ainda não se sentia capaz de confiar na rapariga e receava que ela estivesse a manipular Nasuada para satisfazer os seus propósitos egoístas.

Nasuada tocou-lhe no braço com a mão.

– Não tens de te preocupar comigo, Eragon. Conheço-me demasiado bem para que ela consiga apanhar-me de surpresa, mesmo que o tentasse. Se Galbatorix não conseguiu vergar-me, achas que ela o faria?

Eragon voltou a olhá-la com uma expressão sombria:

– Acho.

Nasuada voltou a sorrir.

– Agradeço a tua preocupação, mas neste caso é infundada. Deixa-me saborear a minha boa disposição; colocar-me-ás as tuas suspeições mais tarde.

– Está bem. – Depois acrescentou num tom mais brando. – Ainda bem que te sentes melhor.

– Obrigada. Eu também estou feliz por isso... Saphira e Fínen ainda andam a cabriolar por aí, como há algumas horas atrás? Já não os oiço.

– Andam, mas agora estão por cima da saliência. – As suas faces ficaram um pouco afoguesadas ao tocar na mente de Saphira.

– Ah, bom. – Nasuada poisou as mãos, uma em cima da outra, sobre a balastrada cujo pé-direito tinha íris floridas esculpidas. – Bom, mas porque quiseste reunir-te comigo? Já tomaste uma decisão em relação à minha proposta?

– Sim.

– Excelente. Então podemos avançar, de imediato, com os nossos planos. Eu já...

– Decidi não aceitar.

– O quê? – Nasuada olhou-o incrédula. – Porquê? A quem confiarias essa posição?

– Não sei – respondeu ele, brandamente. – Isso é algo que tu e Orrin terão de descobrir sozinhos.

Ela arqueou as sobrancelhas.

– Nem sequer vais ajudar a escolher a pessoa certa? E esperas que eu acredite que só seguirias as minhas ordens?

– Não estás a entender – disse Eragon. – Eu não quero comandar os feiticeiros mas também não me reunirei a eles.

Nasuada olhou-o por instantes, aproximando-se depois das portas de vidro da varanda, fechando-as, para que Elva, Farica e o homem-gato não ouvissem a conversa. Depois virou-se de novo para ele e disse:

– Eragon! Onde tens tu a cabeça? Sabes que tens de te reunir a eles. Todos os feiticeiros que me servem têm de o fazer. Não pode haver exceções! Não posso permitir que pensem que estou a favorecer alguém. Semearia a discórdia entre as hostes de feiticeiros e é exatamente isso que eu não quero que aconteça. Enquanto fores súbdito do meu reino, terás de te submeter às suas leis, de contrário a minha autoridade não terá qualquer significado. Não devia ter de te dizer isto, Eragon.

– E não tens. Eu estou perfeitamente consciente disso, motivo pelo qual eu e Saphira decidimos abandonar Alagaësia.

Nasuada colocou a mão na balastrada, como se precisasse de se apoiar. Durante algum tempo o único ruído que se ouvia era a água a respingar em baixo.

– Não entendo.

Eragon explicou mais uma vez as razões por que os dragões e, consequentemente, ele e Saphira não podiam ficar em Alagaësia, tal como o fizera com Arya, e quando terminou disse:

– Assumir o comando dos feiticeiros nunca iria resultar para mim. Saphira e eu temos de criar os dragões e treinar os Cavaleiros, e isso tem de estar à frente de tudo o resto. Mesmo que eu tivesse tempo, não poderia comandar os Cavaleiros e cumprir as tuas ordens – as outras raças jamais concordariam. Apesar de Arya ter decidido tornar-se rainha, os Cavaleiros terão de se manter tão imparciais quanto possível. Se começarmos a favorecer pessoas, acabaremos por destruir Alagaësia. A única forma de eu aceitar ponderar em assumir o cargo seria se os feiticeiros incluíssem magos de todas as raças – mesmo dos Urgals –, mas é pouco provável que isso aconteça. Além de que não resolveria a questão do que fazer com os ovos e os Eldunarís.

Nasuada franziu o sobrolho.

– Não esperas que eu acredite que não consegues proteger os dragões aqui em Alagaësia, com todo o poder que tens.

– Talvez conseguisse, mas não posso recorrer apenas à magia para proteger os dragões. Precisamos de barreiras físicas, de muralhas, fossos e penhascos demasiado altos para serem escalados por homens, Elfos, Anões ou Urgals. Precisamos, acima de tudo, da segurança que apenas a distância nos pode proporcionar. Terá de ser tão difícil alcançar-nos que os desafios da viagem demovam mesmo os inimigos mais determinados. Mas ignora isso. Partindo do princípio de que eu poderia proteger os dragões, manter-se-ia o problema de os impedir de molestar gado, fosse ele nosso, dos Anões ou dos Urgals. Gostarias de ter de explicar a Orík por que razão os seus rebanhos de Feldúnost estavam a desaparecer, ou de teres de atender constantemente agricultores furiosos que perdessem os seus animais?... Não, partir é a única solução.

Eragon olhou para a fonte.

– Mesmo que houvesse um local para os ovos e para os Eldunarís em Alagaësia, não estaria certo que eu ficasse.

– Porquê?

Ele abanou a cabeça.

– Tu conheces a resposta tão bem como eu. Tomei-me demasiado poderoso. Enquanto aqui estiver, a tua autoridade – tal como a de Arya, Orík e Orrin – será sempre questionada. Quase toda a gente em Surda, Teirm e no teu próprio reino me seguiria, se eu lhes pedisse. E, com o apoio dos Eldunarís, não há ninguém que me possa defrontar, nem mesmo Murtagh ou Arya.

– Tu nunca te virarias contra nós. Tu não és assim.

– Não? Achas mesmo que nunca interferirei com o funcionamento do território ao longo de toda a minha vida – que poderá ser bastante longa?

– Se o fizeres, tenho a certeza de que será por um bom motivo e que me sentirei grata pela tua ajuda.

– Será? Sem dúvida que eu acreditaria que os meus motivos eram justos, mas essa é a armadilha, não é? Acreditar que sei mais do que os outros e que, pelo facto de ter todo este poder à minha disposição, tenho obrigação de agir. – Lembrando-se do que ela lhe dissera antes, repetiu-lhe as suas próprias palavras: – Para bem da maioria. E se eu estivesse errado, quem poderia deter-me? Poderia acabar como Galbatorix, apesar das minhas boas intenções. Nas presentes circunstâncias, o meu poder compele as pessoas a concordarem comigo. Percebi isso através dos meus contactos por todo Império... Se estivesses na minha posição, conseguirias resistir à tentação de interferir apenas um pouco para melhorares as coisas? A minha presença aqui desequilibra as coisas, Nasuada. Se quiser evitar tornar-me naquilo que odeio, tenho de partir.

Nasuada levantou o queixo.

– Eu podia ordenar-te que ficasses.

– Espero que não o faças. Preferiria partir com amizade e não com raiva no coração.

– Então só respondes pelos teus próprios atos?

– Responderei por Saphira e pela minha consciência, como sempre fiz.

Nasuada revirou o canto dos lábios.

– Não há nada mais perigoso no mundo que um homem com consciência.

Mais uma vez, o ruído da fonte preencheu o hiato na sua conversa.

Depois Nasuada disse:

– Acreditas nos deuses, Eragon?

– Que deuses? Há tantos.

– Qualquer um deles. Todos eles. Acreditas num poder superior a ti?

– Para além de Saphira? – E sorriu apologeticamente ao ver Nasuada franzir o sobrolho. – Desculpa. – Pensou seriamente durante um minuto e depois disse: – Talvez existam, não sei. Eu vi... Não sei bem o que vi, mas acho que vi Gûntera, o deus dos Anões, em Tronjheim, quando Orík foi coroado. Mas, se os deuses existem, não os tenho em grande conta, por terem permitido que Galbatorix ocupasse o trono durante tanto tempo.

– Talvez tu fosses o instrumento dos deuses para o tirar de lá. Alguma vez pensaste nisso?

– Eu? – Deu uma gargalhada. – Creio que é possível, mas seja como for, não estão muito preocupados com a nossa sorte.

– Claro que não. Porque haveriam de estar? Eles são deuses... Mas adoras algum? – A questão parecia particularmente importante para Nasuada.

Eragon voltou a ponderar. Depois encolheu os ombros.

– Há tantos. Como poderia eu saber qual escolher?

– Porque não Unulujuna, o criador de todos eles, que oferece a vida eterna?

Eragon deixou de rir.

– Desde que não fique doente e ninguém me mate, posso viver mil anos ou mais, e se viver tanto tempo, não me imagino a querer prosseguir depois da morte. O que mais me poderá oferecer um deus? Com os Eldunarís tenho poder para fazer quase tudo.

– Os deuses também nos dão hipótese de voltar a ver aqueles que amamos. Não gostarias disso?

Eragon hesitou.

– Sim. Mas não quero durar uma eternidade. Isso parece ainda mais assustador do que um dia mergulhar no vazio, segundo a crença dos Elfos.

Nasuada parecia perturbada.

– Então não respondes perante ninguém, a não ser perante Saphira e perante ti mesmo.

– Nasuada, eu sou má pessoa?

Ela abanou a cabeça.

– Então acredita que eu farei aquilo que acho que está certo. Respondo perante Saphira e os Eldunarís, e perante todos os Cavaleiros que estão para aparecer, e também perante ti, Arya, Orík e todos os outros em Alagaësia. Não preciso que nenhum amo me castigue para me comportar como devo. Se precisasse não passaria de uma criança que obedece às regras do pai apenas por recear o chicote, e não por ser realmente bem-intencionado.

Ela olhou-o durante alguns segundos.

– Muito bem, então. Vou confiar em ti.

O respingar da água voltou a sobrepor-se a tudo o resto. Lá em cima, a luz descendente do sol destacava rachas e falhas no teto da saliência de pedra.

– E se precisarmos da tua ajuda? – perguntou ela.

– Nesse caso, ajudarei. Não te abandonarei, Nasuada. Liguei um dos espelhos do teu escritório a um espelho meu, para que possas sempre contactar-me e farei o mesmo em relação a Roran e Katrina. Se surgirem problemas, arranjurei uma maneira de mandar ajuda. Poderei não conseguir vir, mas ajudarei.

Nasuada acenou com a cabeça:

– Eu sei que ajudarás. – Depois suspirou com a infelicidade estampada no rosto.

– O que é? – perguntou ele?

– Estava tudo a correr tão bem. Galbatorix está morto e os últimos combates já terminaram. Íamos finalmente resolver o problema dos feiticeiros. Tu e Saphira iam comandá-los a eles e aos Cavaleiros. E agora... Não sei o que vamos fazer.

– Tudo se resolverá. Tu vais descobrir uma solução.

– Seria mais fácil contigo aqui... Aceitas ao menos ensinar o nome da língua antiga a quem quer que escolhamos para comandar os feiticeiros?

Eragon não teve de pensar no assunto, uma vez que já ponderara nessa possibilidade, mas fez uma pausa, tentando escolher as palavras certas.

– Poderia fazê-lo, mas acho que com o tempo iríamos arrependê-los.

– Então não o vais fazer.

Ele abanou a cabeça.

Uma expressão de frustração perpassou o seu rosto.

– E porque não? Quais são os teus motivos, agora?

– O nome é demasiado perigoso para se passar de boca em boca de ânimo leve, Nasuada. Se um feiticeiro ambicioso, mas pouco escrupuloso, lhe deitar as mãos, ele ou ela poderão causar uma destruição tremenda. Poderiam até destruir a língua antiga. Nem mesmo Galbatorix era louco ao ponto de o fazer, mas um feiticeiro inexperiente e sedento de poder? Quem sabe o que poderia acontecer. Neste momento, Arya, Murtagh e os dragões são os únicos que conhecem o nome, para além de mim. É melhor deixar as coisas assim.

– Quando te fores embora vamos ficar dependentes de Arya, caso precisemos dela.

– Tu sabes que ela ajudará sempre. Eu preocupar-me-ia com Murtagh.

Nasuada pareceu fechar-se em si mesma.

– Não precisas. Ele não é uma ameaça para nós. Agora já não.

– Se é como dizes, o teu objetivo é manter os feiticeiros sob controlo, o nome da língua antiga é uma informação que é preferível sonegar.

– Se é mesmo assim... compreendo.

– Obrigado. Há mais uma coisa que deverias saber.

Nasuada ficou com uma expressão circunspecta.

– Ah sim?

Ele revelou-lhe a ideia que lhe ocorrera recentemente acerca dos Urgals. Quando terminou, Nasuada manteve-se em silêncio durante algum tempo. Depois disse:

– Assumes demasiadas responsabilidades.

– Tem de ser, pois mais ninguém o pode fazer... Estás de acordo? Parece-me a única forma de assegurar a paz a longo prazo.

– Tens a certeza que é sensato?

– Não inteiramente, mas acho que temos de tentar.

– Os Anões também? Achas que é mesmo necessário?

– Sim, faz todo o sentido. É perfeitamente justo. Além disso, ajudará a manter o equilíbrio entre as raças.

– E se eles não concordarem?

– Tenho a certeza que vão concordar.

– Então faz o que achares melhor. Não precisas da minha aprovação – deixaste isso bem claro –, mas concordo que é necessário, caso contrário daqui a vinte ou trinta anos poderemos ter de enfrentar muitos dos problemas com que os nossos antepassados se depararam quando chegaram a Alagaësia.

Eragon curvou ligeiramente a cabeça.

– Vou tratar de tudo.

– Quando pensas partir?

– Quando Arya partir.

– Tão cedo?

– Não há motivo para esperar mais.

Nasuada encostou-se à balaustrada, de olhos fixos na fonte, lá em baixo.

– Voltas para nos visitar?

– Vou tentar, mas... não me parece. Quando Angela me leu a sina disse que nunca mais voltaria.

– Ah. – Nasuada tinha a voz áspera, como se estivesse rouca. Depois virou-se e olhou-o nos olhos. – Vou sentir a tua falta.

– Eu também vou sentir a tua falta.

Nasuada comprimiu os lábios como se tentasse não chorar. Depois avançou e abraçou-o. Ele abraçou-a também e ficaram assim durante uns momentos.

Finalmente separaram-se e ele disse:

– Nasuada, se alguma vez te cansares de ser rainha, ou quiseses um lugar para viver em paz, reúne-te a nós. Serás sempre bem-vinda ao nosso palácio. Não posso tomar-te imortal, mas posso prolongar-te a vida muito além do que a maior parte dos humanos vive e irias vivê-la de boa saúde.

– Obrigada. Agradeço a tua oferta e não a esquecerei. – Contudo, Eragon teve a sensação que ela jamais se decidiria a abandonar Alagaësia, por muita idade que tivesse, pois a sua noção de dever era demasiado forte. Depois perguntou:

– Dás-nos a tua bênção?

– Claro. – Ela abanou-lhe a cabeça entre as mãos, beijou-o na testa e disse: – A minha bênção para ti e para Saphira. Que a paz e a sorte estejam convosco, para onde quer que vão.

– Igualmente – disse ele.

Nasuada manteve as mãos sobre ele durante mais alguns instantes e depois largou-o. Eragon abriu a porta de vidro e saiu do escritório, deixando-a sozinha na varanda.

PRÉMIO DE SANGUE

Eragon desceu um lance de escadas em direção à entrada do edifício, e deparou-se com Angela, a herbanária, sentada de pernas cruzadas no nicho escuro de uma porta. Estava a tricotar o que parecia ser um chapéu azul e branco. A parte de baixo do chapéu tinha estranhas runas cujo significado ele não entendia. Junto dela estava Solembum, com a cabeça apoiada no seu colo e uma das pesadas patas poisada sobre o joelho direito.

Eragon parou, surpreso. A última vez que os vira – levou algum tempo a lembrar-se – tinha sido pouco depois da batalha de Urû’baen. Depois disso, pareciam ter desaparecido.

– Viva! – disse Angela, sem levantar os olhos.

– Viva! – respondeu Eragon. – O que estás aqui a fazer?

– A tricotar um chapéu.

– Isso já percebi, mas porquê aqui?

– Porque queria ver-te. – As agulhas produziam estalidos regulares e rápidos e o movimento era tão hipnótico como as chamas de uma fogueira. – Ouvi dizer que tu, a Saphira, os ovos e os Eldunarís vão abandonar Alagaësia.

– Tal como previste – retorquiu Eragon, frustrado por ela ter conseguido descobrir o que deveria ser um segredo bem guardado. Não era possível que tivesse ouvido a conversa entre ele e Nasuada – as suas proteções tê-la-iam impedido – e, que ele soubesse, ninguém lhe falara sobre a existência dos ovos nem dos Eldunarís.

– Sim, mas não esperava ver-te partir.

– Como descobriste? Foi Arya que te contou?

– Arya? Ah! Seria difícil. Não, tenho os meus próprios métodos para reunir informação. – Fez uma pausa no tricô e olhou-o, com uns olhos cintilantes. – Não que os vá partilhar contigo. Afinal de contas, tenho de ter alguns segredos.

– Bolas.

– Bolas para ti também. Se vais continuar assim, vou ficar sem saber porque me dei ao trabalho de vir.

– Desculpa, mas estou a sentir-me um pouco... intranquilo. – Momentos depois, disse: – Porque querias ver-me?

– Queria despedir-me de ti e desejar-te boa sorte na viagem.

– Obrigado.

– Hum. Seja onde for que te instales, tenta não matutar demasiado e faz por apanhar sol.

– Vou fazer isso. E tu e o Solembum? Vão ficar aqui algum tempo a vigiar Elva? Disseste que o farias.

A herbanária roncou de uma forma muito pouco digna de uma senhora.

– Ficar? Como posso eu ficar, quando Nasuada parece estar decidida a espiar todos os feiticeiros do reino?

– Também soubeste disso?

Ela fitou-o.

– E desaprovo. Desaprovo totalmente. Não vou permitir que me tratem como uma criança que fez uma diabrura. Não, está na altura do Solembum e eu nos mudamos para regiões mais aprazíveis: talvez para as Montanhas Beor ou para Du Weldenvarden.

Eragon hesitou, mas depois disse:

– Gostarias de vir comigo e com a Saphira?

Solembum abriu um olho e estudou-o, antes de o voltar a fechar.

– É muito amável da tua parte – respondeu Angela –, mas acho que não vamos aceitar. Pelo menos por enquanto. Passar o tempo a guardar os Eldunarís e a treinar os novos Cavaleiros, parece-me aborrecido... se bem que criar uma ninhada de dragões seja certamente excitante. Mas não. Por agora eu e o Solembum vamos ficar em Alagaësia. Além disso, quero ficar de olho em Elva, durante os próximos anos, mesmo que não a possa vigiar pessoalmente.

– Não tens já que te chegue de acontecimentos interessantes?

– Nunca. São o sal da vida. – E ergueu o chapéu meio acabado. – Gostas?

– É bonito. O azul é bonito, mas o que dizem as runas?

– Raxacori... esquece. Não teria qualquer significado para ti. Desejo boa viagem a ambos, Eragon. Cuidado com as bichas-cadelas e os hamsters. Os hamsters selvagens são criaturas ferozes.

Eragon não pôde deixar de sorrir.

– Também te desejo boa viagem. E a ti também, Solembum.

O homem-gato voltou a abrir um olho.

Boa viagem, Assassino de Reis.

Eragon saiu do edifício e encaminhou-se para a cidade até chegar à casa onde Jeod e a sua mulher Helen viviam agora. Era um palácio imponente, com muros altos, um grande jardim e criados reverentes à entrada. Helen saíra-se incrivelmente bem. Começando por aprovisionar os Varden – e agora o reino de Nasuada – com bens de primeira necessidade, conseguira montar uma empresa maior do que a que Jeod tinha outrora em Teirm.

Eragon encontrou Jeod a lavar-se para a refeição da noite. Depois de recusar um convite para jantar com eles, Eragon passou alguns minutos a explicar a Jeod o mesmo que explicara a Nasuada. A princípio, Jeod ficou surpreso e um pouco incomodado, mas acabou por concordar que Eragon e Saphira teriam de partir com os outros dragões. Eragon convidou também Jeod a acompanhá-lo, tal como convidara Nasuada e a herbanária.

– Isso é uma grande tentação – disse Jeod –, mas o meu lugar é aqui. Tenho o meu trabalho e Helen está feliz pela primeira vez desde há muito tempo. Agora Ilirea é o nosso lar, pelo que nenhum de nós tenciona pegar na trouxa e mudar-se para outro lado.

Eragon acenou com a cabeça, entendia-o.

– Mas tu... tu vais viajar para onde poucos viajaram, a não ser dragões e Cavaleiros. Diz-me uma coisa: sabes o que há para Este? Há outro mar?

– Se viajares bem longe.

– E antes disso?

Eragon encolheu os ombros.

– Sobretudo campos desertos, pelo menos, segundo dizem os Eldunarís. E eu não tenho motivos para acreditar que isso tenha mudado no último século.

Jeod aproximou-se dele e falou o tom de voz:

– Uma vez que estás de partida... vou contar-te uma coisa. Lembras-te quando eu te falei de Arcaena, a ordem dedicada à preservação do conhecimento, por toda Alagaësia?

Eragon acenou afirmativamente.

– Disseste que o Monge Hesland pertencia a essa ordem.

– Tal como eu. – Ao ver o olhar surpreendido de Eragon, Jeod fez um gesto de embaraço e passou a mão pelo cabelo. – Juntei-me a eles há muito tempo atrás, quando era jovem e procurava servir uma causa. Ao longo dos anos forneci-lhes informações e manuscritos e, em compensação, eles ajudaram-me. De qualquer forma, acho que devias saber. Brom foi a outra pessoa a quem contei.

– Nem mesmo a Helen?

– Nem mesmo a ela... mas adiante. Quando terminar o meu relato sobre ti e Saphira e a ascensão dos Varden, vou mandá-lo para o nosso mosteiro na Espinha e este será incluído numa série de novos capítulos do Domia abr Wyrda. A tua história não será esquecida, Eragon. Pelo menos isso, posso prometer-te.

Eragon achou aquela revelação estranhamente perturbadora.

– Obrigado – agradeceu ele, apertando o antebraço de Jeod.

– Igualmente, Eragon, Aniquilador de Espetros.

A seguir, Eragon regressou ao palácio onde ele e Saphira viviam com Roran e Katrina, que o esperavam para cearem juntos.

O tema de conversa ceia foi Arya e Fímen. Eragon não revelou que planeava partir até terminarem a refeição e se retirarem os três, com a bebé, para uma sala com vista para o pátio, onde Saphira dormitava com Fímen. Aí ficaram sentados a beber vinho e chá e a contemplar o sol, à medida que este descia em direção ao horizonte distante.

Decorrido o tempo necessário, Eragon abordou o assunto. Como seria de esperar, Katrina e Roran ficaram consternados e tentaram dissuadi-lo. Eragon passou mais de uma hora a expor-lhes as suas razões, atendendo a que eles contestavam todos os seus argumentos, recusando-se a ceder até Eragon responder rigorosa e detalhadamente às suas objeções.

Finalmente, Roran disse:

– Raios te partam, tu és da família, não podes partir!

– Tenho de partir. Tu sabes isso tão bem como eu. Só não queres admiti-lo.

Roran bateu com o punho na mesa diante deles e encaminhou-se para a janela aberta, com os músculos dos maxilares contraídos.

A bebé chorou e Katrina disse:

– Shhh, pronto – batendo-lhe suavemente nas costas.

Eragon reuniu-se a Roran.

– Eu sei que não é o que tu queres. Eu também não quero, mas não tenho alternativa.

– Claro que tens alternativa. Tu mais do que ninguém tens alternativa.

– Sim, mas esta é a atitude certa.

Roran roncou e cruzou os braços.

Atrás deles, Katrina disse:

– Se partires não conseguirás ser um tio para Ismira. Será que ela vai crescer sem nunca te conhecer?

– Não – respondeu Eragon, voltando para junto dela. – Poderei falar com ela à mesma e tomarei providências para que ela fique bem protegida. Talvez possa até mandar-lhe presentes, de vez em quando. – Ajoelhou-se, ergueu o dedo e a bebé agarrou-o, puxando-lho com uma força precoce.

– Mas não estarás aqui...

– Não... não estarei aqui. – Eragon libertou delicadamente o dedo da mão de Ismira e voltou para junto de Roran. – Como eu disse, podiam acompanhar-me.

Os músculos no maxilar de Roran mexeram-se.

– E desistir do Vale de Palancar? – Abanou a cabeça. – Horst e os outros estão já a preparar-se para regressar. Reconstruiremos Carvahall. Será a mais bela vila em toda a Espinha. Podias ajudar e tudo seria como antes.

– Quem me dera.

Lá em baixo, Saphira deixou escapar um gorgolejo gutural, tocando ao de leve no pescoço de Fímen, com o focinho. O dragão verde aconchegou-se mais a ela.

Roran disse num tom grave:

– Não há outra solução, Eragon?

– Que me ocorra a mim ou a Saphira, não.

– Raios... isto não está certo. Tu não devias ter de ir viver sozinho para um ermo.

– Não estarei sozinho. Blódhgarm e alguns dos outros Elfos irão connosco.

Roran fez um gesto impaciente.

– Tu sabes o que eu quero dizer. – Mordeu o canto do bigode e apoiou as mãos contra o rebordo de pedra, por baixo da janela. Eragon conseguia ver os tendões dos seus antebraços grossos a contraírem-se e a distenderem-se. Depois Roran olhou-o e disse:

– O que vais fazer quando chegares ao sítio para onde vais?

– Procurarei uma colina sobre um penhasco e construirei um palácio sobre ela: um palácio suficientemente grande para alojar todos os dragões e mantê-los em segurança. E tu o que vais fazer depois de reconstruíres a aldeia?

Um ligeiro sorriso surgiu no rosto de Roran.

– Algo semelhante. Com os tributos do vale, tenciono construir um castelo sobre aquela colina de que sempre falámos. Não um castelo enorme, atenção, apenas um edificação de pedra com uma muralha. O suficiente para nos proteger de quaisquer Urgals que decidam atacar-nos. É provável que demore alguns anos, mas depois teremos os meios de defesa adequados para nos protegermos, coisa que não tínhamos quando os Ra'zac apareceram com os soldados. – Olhou de soslaio para Eragon. – Também teríamos espaço para um dragão.

– Teriam espaço para dois dragões? – interpelou Eragon, apontando para Saphira e Fímen.

– Talvez não... Como encara Saphira a ideia de se separar dele?

– Não lhe agrada, mas sabe que é necessário.

– Mmm.

A luz âmbar do poente acentuava as linhas do rosto de Roran e Eragon reparou, com alguma surpresa, que o primo começava a ter vincos e rugas na testa e em torno dos olhos. Esses sinais de envelhecimento progressivo davam que pensar. “A vida passa tão depressa.”

Katrina deitou Ismira no berço e reuniu-se a eles na janela, poisando a mão sobre o ombro de Roran.

– Vamos sentir a tua falta, Eragon.

– E eu a vossa – disse ele, tocando-lhe na mão. – Mas não temos de nos despedir já. Gostava que viessem os três connosco a Ellesméra. Acho que iriam gostar de

conhecer a cidade e, assim, poderíamos passar mais alguns dias juntos.

Roran virou a cabeça para Eragon.

– Não podemos viajar até Du Wldenvarden com Ismira. Ela é demasiado pequena. Regressar ao Vale de Palancar, por si só, já vai ser difícil. Pelo que um desvio até Ellesméra, está fora de questão.

– Nem mesmo no dorso de um dragão? – Eragon soltou uma gargalhada ao ver a expressão surpreendida de ambos. – Arya e Fínen concordaram em levar-vos até Ellesméra enquanto eu e Saphira vamos buscar os ovos de dragão ao local onde estão escondidos.

– Quanto tempo levará o voo até Ellesméra? – perguntou Roran, de sobrolho franzido.

– Cerca de uma semana. Arya tenciona passar por Tronjheim para visitar o rei Orik, mas entretanto vocês ficariam quentes e seguros. Ismira não correria qualquer perigo.

Katrina olhou para Roran. Ele olhou-a e ela disse:

– Seria agradável ver Eragon partir. Além disso, sempre ouvi dizer que as cidades dos Elfos são lindas...

– Tens a certeza que consegues? – perguntou Roran.

Ela acenou com a cabeça.

– Desde que vás conosco, sim.

Roran silenciou por instantes e depois disse:

– Bom, suponho que Horst e os outros podem ir à frente sem nós. – Sorriu por baixo da barba e riu baixinho.

– Nunca pensei ver as Montanhas Beor ou ir a uma das cidade dos Elfos. Porque não? O melhor é fazê-lo enquanto ainda podemos.

– Ótimo. Então está combinado – disse Katrina com um largo sorriso. – Vamos a Du Wldenvarden.

– Como regressamos? – perguntou Roran.

– Com Fínen – disse Eragon. – Estou certo que Arya também vos poderá ceder guardas para vos escoltarem até ao Vale de Palancar, se preferirem viajar a cavalo.

Roran fez uma careta.

– Não, a cavalo não. Tão cedo não volto a andar a cavalo.

– Ah não? Nesse caso presumo que já não queiras Snowfire – disse Eragon, arqueando a sobrancelha, ao dizer o nome do garanhão que oferecera a Roran.

– Tu sabes o que eu quero dizer. Gosto de ter Snowfire, mesmo não precisando dele há algum tempo.

– Hum, hum.

Ficaram à janela durante mais uma hora – o céu tingia-se de púrpura, depois de negro e as estrelas despontavam – fazendo planos para a viagem que se avizinhava e a discutir as coisas que Saphira e Eragon precisariam de levar quando partissem de Du Wldenvarden para outras terras. Atrás deles, Ismira dormia tranquilamente no berço, com os pequenos punhos cerrados debaixo do queixo.

Assim que amanheceu, Eragon utilizou o espelho de prata polida do seu quarto para contactar Orik, em Tronjheim. Teve de esperar alguns minutos, mas o rosto de Orik acabou por aparecer. O anão estava a pentear a barba por entrançar com um pente de marfim.

– Eragon! – exclamou Orik visivelmente feliz. – Como estás? Há demasiado tempo que não falamos.

Eragon concordou, sentindo-se ligeiramente culpado. Depois revelou a Orik que decidira partir e porquê. Orik parou de pentear a barba e escutou-o atentamente, sempre com uma expressão grave.

Quando Eragon terminou, Orik disse:

– Ficarei triste por ver-te partir, mas concordo, é isso que deves fazer. Eu também pensei no assunto – estava preocupado com o local onde os dragões deveriam viver –, mas guardei as minhas preocupações para mim, pois os dragões têm tanto direito como nós a esta terra, mesmo que não nos agrade que eles comam as nossas Feldúnost e queimem as nossas aldeias. Contudo, criá-los num outro local será o melhor para todos.

– Ainda bem que aprovas – disse Eragon. Depois falou-lhe da sua ideia em relação aos Urgals, que também envolvia os Anões. Desta vez, Orik levantou imensas questões e Eragon percebeu que a proposta lhe levantava dúvidas.

Depois de um longo silêncio durante o qual Orik ficou a olhar para a barba, o anão disse:

– Se tivesses exigido isto a qualquer um dos grimstrzborithn antes de mim, eles teriam recusado e se mo tivesses exigido a mim antes de invadirmos o Império, eu também teria recusado. Mas agora, depois de termos lutado ao lado dos Urgals e depois de termos constatado por nós mesmos quão indefesos estávamos perante Murtagh, Thorn, Galbatorix e aquele monstro do Shruikan... já não sinto o mesmo. – Fitou Eragon por entre as farras sobrancelhas. – É possível que me custe a coroa, mas para bem de todos os knurlan, aceito – será o melhor para eles, quer se apercebam disso ou não.

Eragon sentiu-se mais uma vez orgulhoso por ter Orik como irmão adotivo.

– Obrigado – agradeceu ele.

Orik roncou.

– O meu povo nunca desejou isto, mas eu sinto-me grato. Quando sabermos?

– Dentro de alguns dias. Uma semana, no máximo.

– Sentiremos alguma coisa?

– Talvez. Vou perguntar a Arya. De qualquer forma, voltarei a contactar-te, logo que esteja consumado.

– Ótimo. Então, falamos mais tarde. Boa viagem e saúde, Eragon.

– Que Helzvog zele por ti!

No dia seguinte partiram de Ilirea.

A partida foi discreta, sem festejos, e Eragon sentiu-se grato por isso. Nasuada, Jörmundur, Jeod e Elva encontraram-se com eles no exterior do portão sul da cidade. Saphira e Fínen estavam lado a lado, a roçarem o focinho um no outro, enquanto Eragon e Arya inspecionavam as celas. Roran e Katrina chegaram minutos mais tarde: Katrina com Ismira enfaixada num cobertor e Roran com dois fardos de cobertores, comida e outras provisões, aos ombros.

Roran entregou os fardos a Arya e ela prendeu-os sobre os alforjes de Fínen.

Depois Eragon e Saphira despediram-se pela última vez, o que foi mais difícil para Eragon do que para Saphira. Porém, os seus olhos não eram os únicos com lágrimas: Nasuada e Jörmundur também choravam ao abraçá-lo, desejando felicidades a ambos. Nasuada despediu-se também de Roran, voltando a agradecer-lhe pela sua ajuda na luta contra o Império.

Finalmente, quando Eragon, Arya, Roran e Katrina estavam prestes a subir para o dorso dos dragões, uma mulher gritou:

– Esperem aí!

Eragon deteve-se com um pé sobre a pata dianteira direita de Saphira e olhou para trás, vendo Birgit a caminhar na direção deles, vinda dos portões da cidade, com as saias cinzentas a ondular e o seu filho pequeno, Nolfävvell, atrás de si com uma expressão de impotência. Birgit trazia uma espada desembainhada na mão e um escudo redondo de madeira na outra.

Eragon sentiu o estômago a afundar-se.

Os guardas de Nasuada avançaram para os interceptar, mas Roran gritou:

– Deixem-nos passar!

Nasuada fez sinal aos guardas e eles afastaram-se.

Birgit aproximou-se de Roran sem abrandar o passo.

– Birgit, por favor – disse Katrina, em voz baixa, mas a mulher ignorou-a. Arya olhou-as, sem pestanejar, com a mão na espada.

– Martelo de Ferro, eu sempre disse que iria exigir a paga pela morte do meu marido e agora vim exigí-la como é meu legítimo direito. Lutarás comigo ou pagarás a tua dívida?

Eragon foi para junto de Roran.

– Porque estás a fazer isto, Birgit? Porquê agora? Não podes perdoar-lhe e dar descanso às velhas mágoas?

Queres que eu a coma? perguntou Saphira.

Por enquanto não.

Birgit ignorou-o e continuou de olhos fixos em Roran.

– Mãe – disse Nolfavrell, puxando-lhe pelas saias, mas ela não reagiu à súplica.

Nasuada reuniu-se a eles.

– Eu conheço-te – disse ela a Birgit. – Lutaste com os homens durante a guerra.

– Sim, Majestade.

– Que razão de queixa tens tu de Roran? Ele revelou ser um excelente e valoroso guerreiro, por mais do que uma vez, e eu ficaria bastante desagradada se o perdesse.

– Foi por culpa dele e da família dele que os soldados mataram o meu marido. – E olhou para Nasuada por instantes. – Os Ra'zac comeram-no, Majestade.

Comeram-no e sugaram-lhe o tutano dos ossos. Eu não posso perdoar isso e exigirei ser compensada.

– A culpa não foi de Roran – disse Nasuada. – Isto não é razoável e eu não o permitirei.

– É sim, disse Eragon, embora odiasse ter de o dizer. – Segundo os nossos costumes, ela tem o direito de exigir um prémio de sangue a qualquer pessoa responsável pela morte de Quimby.

– Mas a culpa não foi de Roran! – exclamou Katrina.

– Foi sim – interpelou Roran, num tom grave. – Podia ter-me virado aos soldados, podia tê-los afastado. Podia ter atacado, mas não o fiz. Decidi esconder-me e Quimby morreu em consequência disso. – Olhou de relance para Nasuada. – Isto é um assunto que tem de ser resolvido entre nós, Majestade. É uma questão de honra tal como o Teste das Facas Longas o foi para vós.

Nasuada franziu o sobrolho e olhou para Eragon. Ele acenou com a cabeça e ela recuou, ainda que relutante.

– Como vai ser, Martelo de Ferro? – perguntou Birgit.

– Eragon e eu matámos os Ra'zac em Helgrind – disse Roran. – Isso não chega?

Birgit abanou a cabeça, com uma determinação inabalável.

– Não.

Roran deteve-se, com os músculos do pescoço tensos.

– É mesmo isso que queres, Birgit?

– É.

– Nesse caso, pagarei a minha dívida.

Ao ouvir as palavras de Roran, Katrina gritou e meteu-se entre ele e Birgit, com a filha nos braços.

– Eu não o vou permitir. Não o terás! Não agora! Não, depois de tudo o que passámos!

Birgit continuou impassível e não fez qualquer gesto no sentido de recuar. De igual modo, Roran não mostrou qualquer emoção ao agarrar Katrina pela cintura, sem esforço aparente, erguendo-a e afastando-a para o lado.

– Segura-a, se fazes favor – disse ele a Eragon, friamente.

– Roran...

O primo lançou-lhe um olhar inequívoco, virando-se de novo para Birgit.

Eragon agarrou nos ombros de Katrina para a impedir de se atirar a Roran e olhou desesperado para Arya. Ele olhou de relance para a espada e ela abanou a cabeça.

– Larga-me! Larga-me! – gritou Katrina. A bebé começou a chorar nos seus braços.

Sem desviar o olhar da mulher que tinha diante de si, Roran tirou o cinto e atirou-o para o chão, juntamente com a adaga e o martelo, que um dos Varden encontrara nas ruas de Ilirea, pouco depois da morte de Galbatorix. Depois, abriu a parte da frente da túnica e descobriu o peito peludo.

– Tira-me as proteções, Eragon – disse ele.

– Eu...

– Tira-as!

– Não, Roran! – gritou Katrina. – Defende-te!

“Está louco”, pensou Eragon, mas não se atreveu a interferir. Se impedisse Birgit envergonharia Roran e o povo do Vale de Palancar perderia todo o respeito pelo primo. E Eragon sabia que Roran preferia morrer a permitir que tal acontecesse.

Ainda assim, Eragon não fazia tenções de permitir que Birgit matasse Roran. Deixá-la-ia resgatar o seu prémio, mas nada mais. Falando baixinho na língua antiga – para que ninguém ouvisse as palavras que estava a usar –, fez o que Roran lhe pediu, mas deu também três novas proteções ao primo: uma para impedir que lhe partissem a coluna na zona do pescoço, outra para que não lhe fraturassem o crânio e outra para lhe proteger os órgãos. Tudo o resto Eragon tinha a certeza que poderia curar, se necessário, desde que Birgit não começasse a decepar-lhe membros.

– Está feito – disse ele.

Roran acenou com a cabeça e disse a Birgit:

– Cobra o teu preço e que isto ponha fim ao nosso conflito.

– Não lutas comigo?

– Não.

Birgit olhou-o por instantes, atirou o escudo ao chão, percorreu os escassos metros que a separavam de Roran, encostou o gume da espada, ao peito de Roran e disse em voz baixa, de forma a que apenas Roran a ouvisse – ainda que Eragon e Arya a conseguissem ouvir, graças à audição apurada:

– Eu amava Quimby. Ele era a minha vida e morreu por tua causa.

– Lamento – sussurrou Roran.

– Birgit – implorou Katrina –, por favor...

Ninguém se mexia, nem mesmo os dragões, e Eragon deu consigo a sustar a respiração. O choro entrecortado da bebé era o ruído mais intenso que se ouvia.

Depois Birgit ergueu a espada do peito de Roran e baixou-a para lhe golpear a mão direita, passando-lhe o gume na palma da mão. Roran retraiu-se ao sentir a lâmina a cortar-lhe a mão, mas não se afastou.

Uma linha carmesim surgiu sobre a sua pele e o sangue inundou-lhe a palma da mão, escorrendo e pingando para o chão, onde se infiltrou na terra pisada e deixou uma mancha negra.

Birgit parou de fazer força na espada, mantendo-a imóvel contra a palma da mão de Roran, durante mais um instante. Depois recuou e baixou a espada com o gume sujo de sangue, ao lado do corpo. Roran fechou os dedos contra a palma da mão, pressionando-a contra a coxa, com sangue a escorrer-lhe por entre os dedos.

– Cobrei o meu preço – disse Birgit. – A nossa querela terminou.

Depois virou-se, pegou no escudo e voltou a encaminhar-se para a cidade, com Nolfávrell a segui-la como um cão.

Eragon largou Katrina, que correu para junto de Roran.

– Meu tolo – disse ela, com uma nota de amargura na voz. – Meu tolo cabeçudo. Deixa-me ver isso.

– Era a única forma – disse Roran, como se falasse de muito longe.

Katrina franziu o sobrolho, com uma expressão dura e tensa, enquanto examinava o golpe na sua mão.

– Devias curar isto, Eragon.

– Não – disse Roran, com uma inesperada brusquidão e voltou a fechar a mão. – Não. Quero ficar com esta cicatriz. – Olhou em redor. – Há por aí uma tira de tecido que possa usar como ligadura?

Depois de um momento de confusão, Nasuada apontou para um dos seus guardas e disse:

– Corta a parte de baixo da tua túnica e dá-lha.

– Espera – disse Eragon, quando Roran começou a enrolar a tira em torno da mão. – Não vou curá-la, mas pelo menos deixa-me lançar um feitiço para que golpe não infete, está bem?

Roran hesitou, mas depois anuiu esticando a mão a Eragon.

Ele levou apenas alguns segundos a proferir o feitiço.

– Pronto – disse. – Agora não ficará verde e arroxeadada, nem irá inchar como a bexiga de um porco.

Roran roncou e Katrina disse.

– Obrigada, Eragon.

– Bom, vamos embora? – perguntou Arya.

Subiram os cinco para os dragões. Arya ajudou Roran e Katrina a subirem em segurança para a sela, sobre o dorso de Fínen, que fora modificada com correias e alças para transportar mais passageiros. Assim que se instalaram no dorso do dragão verde, Arya ergueu a mão:

– Adeus, Nasuada, adeus, Eragon e Saphira! Ficamos à vossa espera em Ellesméra!

Adeus!, disse Fínen com a sua voz grave. Depois abriu as asas e saltou em direção aos céus, batendo as asas rapidamente para erguer o peso das quatro pessoas que transportava no seu dorso, com o auxílio dos Eldunarís que Arya levava com ela.

Saphira rugiu alto e Fínen respondeu-lhe com um ronco estridente antes de voar como uma seta para Sudeste, em direção às distantes Montanhas Beor.

Eragon torceu-se na sua sela e acenou a Nasuada, Elva, Jörmundur e Jeod. Eles acenaram e Jörmundur gritou:

– Boa sorte para ambos.

– Adeus! – gritou Elva.

– Adeus! – gritou Nasuada – Tenham cuidado!

Eragon respondeu de forma semelhante, virando-se de costas para eles, incapaz de suportar a cena. Saphira agachou-se por baixo dele e saltou para o ar. E iniciaram a primeira etapa da sua longa viagem

Saphira voou em círculos, enquanto ganhava altitude. Lá em baixo, Eragon viu Nasuada e os outros, reunidos junto das muralhas da cidade. Elva segurava num pequeno lenço branco que ondulou ao vento, aquando da passagem de Saphira.

NOVAS E VELHAS PROMESSAS

De Ilirea, Saphira voou até à propriedade não muito distante, onde Blödhgarm e os Elfos, sob as suas ordens, embalavam os Eldunarís para transporte. Os Elfos partiriam a cavalo para Norte, levariam os Eldunarís até Du Weldenwarden, atravessando depois a vasta floresta até à cidade élfica de Sílthrim, nas margens do Lago Ardwen. Ai os Elfos e os Eldunarís esperariam que Eragon e Saphira regressassem de Vroengard e juntos iniciariam a viagem para fora de Alagaësia, seguindo pela floresta, ao longo do Rio Gaena, até às planícies, a Este. Todos eles, ou melhor, todos exceto Laufin e Uthinarë, que tinham decidido ficar em Du Weldenwarden.

Eragon ficou surpreendido pelo facto dos Elfos terem decidido acompanhá-los, mas sentira-se grato por isso. Blödhgarm dissera:

– Não podemos abandonar os Eldunarís. Eles precisam da nossa ajuda, tal como as crias vão precisar assim que nascerem.

Eragon e Saphira passaram uma hora a discutir a melhor forma de transportar os ovos em segurança, com Blödhgarm. Depois Eragon reuniu os Eldunarís de Glaedr, Umaroth e de alguns dragões mais velhos, pois ele e Saphira iriam precisar da sua energia em Vroengard.

Depois de se separarem dos Elfos, Saphira e Eragon seguiram para Noroeste, a um ritmo constante e bastante mais pausado do que na sua primeira viagem a Vroengard.

Enquanto Saphira voava, uma sensação de tristeza apossou-se de Eragon e, durante algum tempo, ele sentiu-se dominado pelo desânimo e pela autocomiseração. Saphira também estava triste pelo facto de se ter separado de Fínen, mas o dia estava luminoso, os ventos calmos e o seu estado de espírito depressa melhorou. Ainda assim, tudo parecia colorido de uma vaga sensação de perda. Eragon contemplava tudo o que via em terra com um renovado apreço, por saber que era provável não voltar a ver nada daquilo.

Saphira voou léguas infundáveis ao longo de campos verdejantes, assustando com a sua sombra os pássaros e os animais em terra. Quando a noite caiu, decidiram não prosseguir e pararam, acampando junto de um regato ao fundo de uma estreita ravina. Ficaram sentados a ver as estrelas que giravam no firmamento, falando de como as coisas eram e de como poderiam vir a ser.

No final do dia seguinte chegaram à aldeia de Urgals, situada junto do lago Fläm, onde Eragon sabia que iriam encontrar Nar Garzhvog e as Herndall, o conselho de matriarcas que governava o seu povo.

Apesar dos protestos de Eragon, os Urgals insistiram em organizar-lhes um enorme banquete, por isso ele passou a noite a beber com Garzhvog e os seus carneiros. Os Urgals produziam um vinho de bagas e casca de árvore. Eragon achou-o mais forte que o hidromel mais potente dos Anões. Saphira apreciou mais do que ele – a Eragon soube-lhe a cerejas podres – mas, de qualquer forma, bebeu-o para agradar aos seus anfitriões.

Muitas das fêmeas dos Urgals vieram ter com ele e com Saphira, curiosas para os conhecerem, na medida em que poucas tinham participado na luta contra o Império. Eram ligeiramente mais delgadas que os homens mas igualmente altas, e os seus chifres eram, em regra, mais curtos e mais delicados, embora não deixassem de ser gigantescos. As crianças Urgal estavam com elas; as mais jovens ainda sem chifres e as mais velhas com protuberâncias escamosas na testa, de dois e doze centímetros de comprimento. Sem os chifres, eram surpreendentemente parecidas com os humanos, apesar da cor diferente da pele e dos olhos. Era óbvio que algumas das crianças eram Kull, pois mesmo as mais jovens eram muito maiores que os compatriotas e, por vezes, até maiores que os pais. Tanto quanto lhe era dado a entender, não havia qualquer padrão que determinasse os progenitores que geravam os Kull. Os próprios Kull tanto geravam Urgals de estatura normal como gigantes semelhantes a eles.

Eragon e Saphira passaram o serão inteiro na pândega com Garzhvog e Eragon mergulhou nas suas divagações enquanto escutava um bardo Urgal a recitar a história da vitória de Nar Tulkhqa em Stavarosk – ou pelo menos, assim dizia Garzhvog, pois a única coisa que Eragon entendia acerca da língua dos Urgals era que a língua dos Anões parecia vinho adoçado com mel, comparativamente.

De manhã, Eragon deu consigo com uma dúzia de nódoas negras em consequência das palmadas e socos amigáveis que recebera do Kull durante os festejos.

E, com a cabeça e o corpo a latejar, Eragon foi com Saphira e Garzhvog falar com as Herndall. As doze matriarcas conduziam as suas audiências numa cabana cheia de fumo, devido aos ramos de zinbro e de cedro que queimavam. A cabeça de Saphira mal cabia na entrada de vime e as suas escamas projetavam estilhaços de luz azul no interior sombrio da cabana.

As matriarcas tinham uma idade muito avançada, pelo que algumas já estavam cegas e desdentadas. Usavam túnicas com desenhos de nós, semelhantes às correias entrançadas, penduradas no exterior de cada casa, com as armas do clã que as habitava. Cada uma das Herndall tinha um bastão entalhado com desenhos que não faziam qualquer sentido para Eragon, mas que ele sabia terem um significado.

Usando Garzhvog como intérprete, Eragon relatou-lhes a primeira parte do seu plano para prevenir futuros conflitos entre os Urgals e as outras raças: que os Urgals organizassem periodicamente torneios de força, velocidade e agilidade. Nesses torneios, os jovens Urgals poderiam conquistar a glória de que precisavam para acasalar e ganhar um lugar no seio da sua sociedade. Eragon propôs que os torneios fossem abertos a todas as raças, o que também daria aos Urgals a possibilidade de se porem à prova perante aqueles que durante tanto tempo tinham sido seus inimigos.

– O rei Orík e a rainha Nasuada já deram o seu consentimento em relação a isto – disse Eragon – e Arya, a atual rainha dos Elfos, também está a ponderar no assunto. Mas estou convencido de que também ela dará a sua bênção aos torneios.

As Herndall conferenciaram entre si durante alguns minutos e, depois, a mais velha, uma matriarca de cabelos brancos cujos chifres estavam quase reduzidos a nada, disse:

– A tua ideia é boa, Espada de Fogo. Temos de falar com os nossos clãs para decidir qual a melhor ocasião para organizar estes torneios, mas iremos fazê-los.

Satisfeito, Eragon fez-lhes uma vénia e agradeceu-lhes.

Uma outra matriarca falou então:

– A ideia agrada-nos, Espada de Fogo, mas não nos parece que isso vá acabar com as guerras entre os nossos povos. O nosso sangue é quente de mais para o arrefecermos apenas com torneios.

E o dos dragões não é?, perguntou Saphira.

Uma das matriarcas tocou nos chifres:

– Não questionamos a ferocidade da tua espécie, Língua de Fogo.

– Eu sei que têm sangue quente – mais quente do que a maioria – disse Eragon. – Por isso tenho uma outra ideia.

As Herndall ouviram em silêncio enquanto ele se explicava, embora Garzhvog se mexesse, como se estivesse apreensivo, e tivesse deixado escapar um urro baixo. Quando Eragon terminou, as Herndall não falaram nem se mexeram durante alguns minutos, pelo que ele começou a sentir-se desconfortável com o olhar fixo das que ainda viam.

Depois, o Urgal mais à direita sacudiu o bastão e um par de anéis de pedra presos a ele chocalharam ruidosamente na cabana impregnada de fumo. Falava devagar

com uma voz pastosa e entarmelada, como se tivesse a língua inchada.

- Farias isso por nós, Espada de Fogo?
- Faria – disse Eragon, e voltou a fazer uma vénia.
- Se o fizerem, Espada de Fogo e Língua de Fogo, serão os melhores amigos que os Urgralgra já tiveram e nós recordaremos o vosso nome até ao fim dos tempos.

Urdu-lo-emos em todas as nossas thulqna, gravá-lo-emos nas nossas columnas e ensiná-lo-emos aos nossos jovens, logo que os seus chifres despontem.

- Então aceitam-na? – perguntou Eragon.
- Sim.

Garzhvog fez uma pausa e disse – falando em seu nome, deduziu Eragon:

- Espada de Fogo, tu não sabes a importância que isto tem para o meu povo. Ficaremos sempre em dívida para contigo.
- Não me devem nada – disse Eragon. – Quero apenas impedir que entremos em guerra.

Falou com as Herdall durante mais algum tempo para discutir os detalhes do acordo. Depois ele e Saphira despediram-se e retomaram a sua viagem para Vroengard.

Quando as cabanas toscas da aldeia desapareceram à distância, Saphira disse:

Eles serão bons Cavaleiros.

Espero que tenhas razão.

O resto do seu voo até à Ilha de Vroengard decorreu sem incidentes. Não encontraram tempestades sobre o mar e as únicas nuvens que se atravessaram no seu caminho eram finas e ralas, não representando qualquer perigo para eles ou para as gaivotas com as quais partilhavam o céu.

Saphira aterrou em Vroengard, diante da mesma casa de nidificação meio destruída, onde tinham ficado durante a sua última visita. E foi aí que esperou enquanto Eragon se embrenhava na floresta, por entre as árvores escuras, incrustadas de líquenes, até encontrar alguns dos pássaros espetro com que se deparara antes e, depois destes, com um retalho de musgo infestado das larvas saltadoras, a que Galbatorix chamava larvas carnívoras, segundo lhe contara Nasuada. Usando o nome dos nomes, Eragon deu a ambas as espécies um epíteto mais adequado na língua antiga. Aos pássaros espetro chamou sundavrbلاك e às larvas carnívoras illgrathr. O segundo nome divertiu-o de uma forma algo sinistra, pois significava “má fome”.

Satisfeito, Eragon voltou para junto de Saphira e os dois passaram a noite a descansar e a conversar com Glaedr e com os outros Eldunarís.

Ao nascer do sol foram ao Rochedo de Kuthian. Proferiram os seus verdadeiros nomes. As portas gravadas no pináculo coberto de musgo abriram-se e Eragon, Saphira e os Eldunarís desceram até ao cofre, lá em baixo. No interior da caverna profunda, iluminada pela lava que jazia nas entranhas do Monte Erolas, Cuaroc, o guardião dos ovos, ajudou-os a colocar cada ovo num cofre separado. Por fim, empilharam os cofres perto do centro da câmara, juntamente com os cinco Eldunarís que tinham ficado na caverna, para ajudar a proteger os ovos.

Com a ajuda de Umaroth, Eragon lançou o mesmo feitiço que lançara uma vez, colocando os ovos e os corações numa bolsa de espaço, suspensa atrás de Saphira, onde nem ele nem ela lhe poderiam tocar.

Cuaroc acompanhou-os até ao exterior do cofre. Os pés metálicos do homem com cabeça de dragão batiam ruidosamente no chão do túnel, ao subir à superfície, ao lado deles.

Logo que alcançaram o exterior, Saphira agarrou Cuaroc entre as garras – ele era grande e pesado demais para se sentar confortavelmente no seu dorso – e levantou voo, erguendo-se sobre o vale circular, no coração de Vroengard.

Saphira voou sobre o mar escuro e brilhante e, depois, sobre a Espinha, sobrevoando os picos semelhantes a lâminas de gelo e a neve, e as fendas entre eles como rios de sombras. Depois fez um desvio para Norte e atravessou o Vale de Palancar – para que Eragon e ela pudessem olhar uma última vez para o seu lar de infância, mesmo que apenas a grande altitude –, sobrevoando depois a Baía de Fundor, recortada de linhas de ondas com cristas de espuma, como montanhas rolantes. Seguiu-se Ceunon, com os seus telhados íngremes, em camadas, e esculturas de cabeças de dragões – o ponto de referência mais digno de nota – e, pouco depois, os limites fronteiriços de Du Weldenvarden surgiram, com os seus pinheiros altos e robustos.

Passaram noites acampados junto de riachos e lagos, com a luz da fogueira a refletir-se no corpo de metal polido de Cuaroc, e as rãs e os insetos a entoarem coros em torno deles. À distância, ouviam-se, por vezes, os uivos de lobos a caçar.

Uma vez em Du Weldenvarden, Saphira voou durante uma hora em direção ao centro da grande floresta, onde as proteções dos Elfos a impediram de avançar mais. Depois aterrou e atravessou a barreira mágica invisível, a pé, com Cuaroc a seu lado, e voltou a levantar voo.

Léguas e léguas de árvores desfilavam por baixo deles, com poucas variações a não ser aglomerados de árvores de folhas caducas – carvalhos, ulmeiros, bétulas e langorosos salgueiros – que ladeavam, frequentemente, os cursos de água. Passaram por uma montanha de cujo nome Eragon se havia esquecido, depois pela cidade élfica de Osilon, percorrendo a seguir hectares cerrados de pinheiros, cada um com características únicas e, no entanto, praticamente idênticos entre eles.

Já ao fim do dia, com a lua e sol suspensos em horizontes opostos, Saphira chegou a Ellesméra e planou em direção ao solo, aterrando entre os edifícios vivos, da maior e mais imponente cidade dos Elfos.

Arya e Fímen estavam à espera deles, juntamente com Roran e Katrina. Quando Saphira se aproximou, Fímen empenou-se e abriu as asas, com um rugido rejubilante, que afugentou os pássaros das árvores, num raio de uma légua. Saphira respondeu-lhe de forma semelhante, apoiando-se nas patas traseiras e poisando Cuaroc delicadamente no chão.

Eragon soltou as correias das pernas e deslizou do dorso de Saphira.

Roran correu ao seu encontro, apertou-lhe o antebraço e bateu-lhe nas costas, enquanto Katrina o abraçava do outro lado. Eragon deu uma gargalhada e disse:

– Parem, deixem-me respirar! Que tal Ellesméra?

– É linda! – disse Katrina, sorrindo.

– Julguei que estivesse a exagerar – disse Roran –, mas é tão impressionante como havias contado. O palácio onde estamos...

– O Palácio de Tialdarí – acrescentou Katrina.

Roran acenou com a cabeça.

– Isso. O palácio onde estamos deu-me algumas ideias sobre a reconstrução de Carvahall. Depois temos também Tronjheim e Farthen Dûr... – Abanou a cabeça e assobiou baixinho.

Eragon voltou a rir-se e começou a percorrer o trilho da floresta, em direção ao extremo oeste de Ellesméra, deixando-se guiar por eles. Arya reuniu-se a eles com um porte tão régio como o de sua mãe.

– Bons olhos te vejam ao luar, Eragon. Bem-vindo de volta.

Ela olhou-a.

– Em boa hora, de facto, Aniquiladora de Espetros.

Ela sorriu ao ouvi-lo usar o epíteto, e o crepúsculo sob as árvores ondulantes pareceu iluminar-se.

Assim que Eragon lhe removeu a sela, Saphira e Fímen levantaram voo – embora Eragon soubesse que Saphira estava exausta da viagem –, e afastaram-se juntos, em direção aos Penedos de Tel’naeír. Ao partirem, Eragon ouviu Fímen dizer:

Apanhei três veados para ti, esta manhã. Estão à tua espera, na erva, junto da cabana de Oromis.

Cuaroc correu atrás de Saphira, pois os ovos ainda estavam com ela e era seu dever protegê-los.

Roran e Katrina conduziram Eragon por entre os grandes troncos da cidade, até uma clareira, ladeada de cornizos e rosas-malva, onde havia várias mesas postas com um vasto sortido de comida. Muitos Elfos vestidos com as suas melhores túnicas, saudaram Eragon com gritos suaves, gargalhadas doces, trechos de canções e música.

Arya ocupou o seu lugar à cabeceira da mesa do banquete. Blagden, o corvo branco, aninhado num poleiro esculpido, ali perto, de vez em quando grasnava e declamava estrofes de poesia. Eragon sentou-se ao lado de Arya e juntos comeram, beberam e divertiram-se até altas horas da noite.

Quando o banquete estava quase a chegar ao fim, Eragon escapou-se por alguns minutos e correu pela floresta escura até à árvore de Menoa, orientando-se mais pelo olfato e pela audição do que propriamente pela visão.

Ao sair debaixo dos galhos inclinados dos pinheiros, as estrelas surgiram no firmamento e ele fez uma pausa para abrandar a respiração e recompor-se, antes de percorrer o leito de raízes que rodeavam a árvore de Menoa.

Parou junto da base do gigantesco tronco, colocou um mão sobre a casca rachada da árvore e tentou alcançar a sua consciência lenta, que em tempos fora uma mulher elfo, dizendo:

Linnëa... Linnëa... Acorda! Preciso de falar contigo! Esperou, mas não detetou qualquer resposta por parte da árvore. Era como se tentasse comunicar com o mar ou com o ar na terra. Linnëa, tenho de falar contigo!

Um murmúrio de vento percorreu a sua mente e ele sentiu um pensamento ténue e distante:

O que és, Cavaleiro?...

Linnëa, a última vez que estive aqui, disse que te daria o que quisesse em troca do aço brilhante que tinhas debaixo das tuas raízes. Estou prestes a abandonar Alagaësia e, por isso, vim cumprir a minha promessa, antes de partir. O que queres que eu te dê, Linnëa?

A árvore de Menoa não respondeu, mas agitou ligeiramente os ramos. Eragon ouviu o tamborilar das agulhas a caírem sobre as raízes, por toda a clareira, e a consciência da árvore pareceu emanar uma boa disposição.

Vai... sussurrou a voz e a árvore retirou-se da mente de Eragon.

Eragon ficou onde estava durante mais alguns minutos e chamou pelo o seu nome, mas a árvore recusou-se a responder-lhe. Por fim ele afastou-se, sentindo que o assunto continuava por resolver, embora fosse óbvio que a árvore de Menoa não pensava da mesma forma.

Eragon passou os três dias seguintes a ler livros e pergaminhos – muitos dos quais provinham da biblioteca de Galbatorix e que Vanir tinha enviado para Ellesméra a pedido de Eragon. À noite, ceava com Roran, Katrina e Arya, mas de resto mantinha-se isolado, sem ver Saphira, pois ela continuava nos Penedos de Tel'naeir com Fínen e não demonstrava grande interesse por mais nada. À noite, os rugidos e os gritos dos dragões ecoavam pela floresta, distraíndo-o dos seus estudos e fazendo-o sorrir, ao tocar nos pensamentos de Saphira. Sentia a falta da sua companhia, mas sabia que lhe restava pouco tempo para estar com Fínen e não invejava a sua felicidade.

No quarto dia, depois de recolher toda a informação possível das suas leituras, foi ter com Arya e expôs o seu plano, tanto a ela como aos seus conselheiros. Passou grande parte do dia a tentar convencê-los de que o que tinha em mente era necessário e que, além disso, iria resultar.

Logo que os convenceu, foram comer. Quando o crepúsculo começou a invadir a terra, Eragon, Saphira, Fínen, Arya, trinta dos feiticeiros elfos mais velhos e mais engenhosos, Glaedr e os outros Eldunarís que Eragon e Saphira tinham trazido, e duas Guardiãs, duas mulheres elfo chamadas Iduna e Nēya, que eram a encarnação viva do pacto entre os dragões e os Cavaleiros, reuniram-se na clareira em torno da árvore de Menoa.

As Feitoras despiram as túnicas e – de acordo com os antigos rituais – Eragon e os outros começaram a cantar. Enquanto cantavam, Iduna e Nēya dançavam movendo-se juntas, e o dragão que tinham tatuado pareceu converter-se numa só criatura, unificada.

No auge do cântico, o dragão cintilou, abriu as mandíbulas, esticou as asas e saltou para diante, afastando-se dos Elfos e erguendo-se sobre a clareira até apenas a sua cauda continuar a tocar nas Guardiãs, de corpos entrelaçados.

Eragon chamou a criatura cintilante e, quando captou a sua atenção, explicou-lhe o que queria, perguntando se os dragões concordavam.

Faz o que entenderes, Assassino de Reis, disse a criatura espectral. Se contribuir para assegurar a paz em Alagaësia, não nos opomos.

Depois Eragon leu de um dos livros dos Cavaleiros, proferindo mentalmente o nome da língua antiga. Os Elfos e os dragões presentes emprestaram-lhe a força dos seus corpos e a sua energia percorreu-o como o redemoinho de uma enorme tempestade. Com ela, Eragon atirou o feitiço que passara dias a aperfeiçoar e que não era lançado há centenas de anos: um encantamento comparável à magia ancestral, que fluía nas profundezas da terra e nos ossos das montanhas. Com ela, Eragon ousou fazer o que tinha sido feito apenas uma vez.

E assim forjou um novo pacto entre os dragões e os cavaleiros.

Não se limitou a vincular os Elfos e os humanos aos dragões, mas também os Anões e os Urgals, de forma que qualquer um pudesse vir a ser Cavaleiro.

Ao proferir as últimas palavras do poderoso encantamento, para o selar, um tremor percorreu o ar e a terra. Era como se tudo em seu redor – ou mesmo no mundo inteiro – tivesse mudado ligeiramente. Tanto ele como Saphira e os outros dragões ficaram exaustos com o feitiço, mas ao concluí-lo, Eragon foi inundado por uma sensação de júbilo, percebendo que tinha concretizado um bem maior, talvez o maior de toda a sua vida.

Arya insistiu em organizar um outro banquete para assinalar a ocasião e, embora estivesse exausto, Eragon participou de bom grado, feliz por estar na companhia dela, de Roran, Katrina e Ismira.

Contudo, a meio do banquete, sentiu-se subitamente cansado de comida e música, e pediu licença para se retirar de onde estava sentado com Arya.

Estás bem?, perguntou Saphira, olhando do local onde se encontrava, junto de Fínen.

Ele sorriu-lhe da clareira.

Preciso apenas de algum sossego. Volto já. Depois afastou-se e caminhou por entre os pinheiros, enchendo os pulmões com o ar fresco da noite.

A trinta metros do local onde estavam as mesas, Eragon viu um elfo magro, de ombros altos, sentado contra uma enorme raiz, de costas viradas para a celebração que decorria ali perto. Eragon modificou o seu percurso para evitar perturbá-lo, mas, ao fazê-lo, teve um vislumbre do rosto do elfo.

Não era um elfo, mas sim Sloan, o talhante.

Eragon deteve-se, pois não estava à espera. Com tudo o que se passara, esquecera-se que Sloan – o pai de Katrina – estava em Ellesméra. Hesitou por instantes, ponderando e depois aproximou-se silenciosamente.

Tal como da última vez que o vira, Sloan usava uma fina tira de pano preto, amarrada à volta da cabeça, para cobrir as órbitas vazias onde anteriormente eram os seus olhos. As lágrimas escorriam por baixo do pano e tinha a testa franzida e os punhos cerrados.

O talhante ouviu Eragon a aproximar-se; voltando a cabeça na direção dele, disse:

– Quem anda aí? És tu, Adarë? Já te disse que não preciso de ajuda! – Falava num tom amargo e zangado, mas havia também uma nota de mágoa nas suas palavras, algo que Eragon nunca sentira nele.

– Sou eu, Eragon – disse.

Sloan fungou, como se lhe tivessem tocado com um ferro em brasa:

– Tu! Vieste regozijar-te com o meu sofrimento?

– Não, claro que não – respondeu Eragon, horrorizado com a ideia. E agachou-se a alguns metros dele.

– Perdoa-me por não acreditar em ti. Normalmente não é fácil perceber se estás a ajudar ou a fazer mal às pessoas.

– Isso depende do ponto de vista.

Sloan revirou o lábio superior.

– Aí está uma resposta de elfo, mais evasiva que nunca.

Atrás deles, os Elfos iniciaram uma outra canção acompanhada de lira e de flauta. Uma explosão de gargalhadas ecoou da festa, em direção a Eragon e a Sloan.

O talhante olhou por cima do ombro, apontando com o queixo nessa direção:

– Consigo ouvi-la. – E as lágrimas voltaram a escorrer-lhe pelo rosto. – Consigo ouvi-la, mas não posso vê-la e o teu maldito feitiço não permitirá que eu fale com ela.

Eragon ficou em silêncio, sem saber o que dizer.

Sloan encostou a cabeça à raiz e a saliência que tinha na garganta moveu-se.

– Os elfos disseram-me que a criança, Ismira, é forte e saudável.

– É. É o bebé mais forte e mais barulhento que conheço. Será uma bela mulher.

– Isso é bom.

– Como tens passado os teus dias? Continuas a esculpir?

– Os Elfos não te mantêm informado acerca das minhas atividades?

Enquanto Eragon decidia o que responder – não queria que ele soubesse que o visitara uma vez antes –, o talhante disse:

– Bem me parecia. Como achas que passo os meus dias? Desde que saí de Helgrind que vivo na escuridão, sem nada com que ocupar as mãos, enquanto os Elfos me atormentam sobre isto e aquilo, sem me darem um momento de paz!

Ouviram-se de novo gargalhadas. Entre elas, Eragon conseguia distinguir o som da voz de Katrina.

Um esgar feroz desfigurou o rosto de Sloan.

– E tinhas de a trazer a Ellesméra. Exilar-me não era o suficiente para ti, pois não? Não. Tinhas de me torturar com a evidência de que a minha única filha e a minha neta estão aqui e que eu jamais conseguirei vê-las, muito menos falar com elas. – Sloan arreganhou os dentes, prestes a atacar Eragon. – Um estupor sem coração, é o que tu és.

– Tenho demasiados corações – disse Eragon, embora soubesse que o talhante não o iria entender.

– Bah!

Eragon hesitou. Parecia-lhe menos cruel permitir que Sloan acreditasse que a sua intenção era magoá-lo do que dizer-lhe que a sua dor era apenas o resultado do seu desvelo.

O talhante desviou a cabeça e o seu rosto voltou a inundar-se de lágrimas.

– Vai-te embora! – disse ele. – Deixa-me em paz e nunca mais voltas a incomodar-me, Eragon, de contrário juro-te que um de nós morrerá.

Eragon remexeu nas agulhas do chão e levantou-se, olhando para Sloan. Não queria ir-se embora. O que ele fizera a Sloan, ao trazer Katrina a Ellesméra, parecia-lhe errado e cruel. Sentiu-se atormentado pela culpa e isso tornava-se mais intenso a cada segundo que passava. Até que tomou uma decisão e voltou a recuperar a serenidade.

Falando praticamente em surdina, usou o nome da língua antiga para modificar os feitiços que lançara em Sloan. Levou mais de um minuto a fazê-lo e, quando estava prestes a concluir os encantamentos, Sloan rosnou entre dentes:

– Para com esses malditos murmúrios, Eragon, e desaparece. Deixa-me paz, raios! Deixa-me!

Mas Eragon não se foi embora e lançou um novo feitiço. Recorrendo aos conhecimentos dos Eldunaris e dos Cavaleiros, muitos dos quais faziam parilha com os dragões mais velhos, recitou um feitiço que alimentava, estimulava e recuperava o que em tempos existira. Era uma tarefa difícil, mas Eragon tornou-se mais hábil e conseguiu o que pretendia.

Enquanto Eragon cantava, Sloan tremeu e começou a praguejar, coçando as faces e a testa com ambas as mãos, como se estivesse com um ataque de comichão.

– Raios te partam! O que me estás a fazer?

Eragon concluiu o encantamento e voltou a agachar-se, removendo delicadamente a tira de pano da cabeça de Sloan. Este bufou, ao senti-la a soltar-se, erguendo os braços para impedir Eragon de o fazer, mas foi demasiado lento e as suas mãos agarraram apenas o ar.

– Queres roubar-me também a dignidade? – disse Sloan, com ódio na voz.

– Não – respondeu Eragon –, quero devolver-ta. Abre os olhos!

O talhante hesitou.

– Não posso. Estás a tentar enganar-me.

– Já alguma vez fiz isso? Abre os olhos e olha para a tua filha e para a tua neta.

Sloan estremeceu e depois as suas pápebras abriram-se muito lentamente, revelando uns olhos brilhantes, em vez das órbitas vazias. Agora, os novos olhos de Sloan eram muito diferentes, eram azuis como o céu do meio-dia e assombrosamente brilhantes.

Sloan piscou os olhos e as pupilas contraíram-se, enquanto se adaptavam à luz ténue no interior da floresta. Depois endireitou-se e torceu-se para espreitar por cima da raiz, e observar as festividades que decorriam entre as árvores, mais adiante. O brilho das lanternas sem chamas dos Elfos iluminou-lhe o rosto com uma luz quente, parecendo inundá-lo de vida e de alegria. A transformação que se operou no seu rosto era incrível. Eragon sentiu as lágrimas nos olhos, quando observou o velho.

Sloan continuou a olhar por cima da raiz, como um viajante sequioso ao ver um grande rio, dizendo num tom rouco:

– Ela está linda. São ambas tão bonitas. – Ouviu-se mais uma explosão de gargalhadas. – Parece feliz e o Roran também.

– A partir de agora podes olhá-los, se quiseres – disse Eragon. – Mas os feitiços que ainda tens não te permitirão que fales com eles, que te mostres ou os contactos, seja de que maneira for, e se o fizeres eu saberei.

– Compreendo – murmurou Sloan. Depois virou-se e os seus olhos fixaram-se em Eragon, com uma intensidade inquietante. Moveu os maxilares durante alguns segundos como se estivesse a mastigar alguma coisa e depois disse:

– Obrigado.

Eragon acenou com a cabeça e levantou-se.

– Adeus, Sloan. Não me voltarás a ver, prometo.

– Adeus, Eragon – disse o talhante, torcendo-se para olhar uma vez mais para a luz do banquete dos Elfos.

DESPEDIDA

Passou uma semana: gargalhadas, música e longas conversas entre as maravilhas de Ellesméra. Eragon levou Roran, Katrina e Ismira à cabana de Oromis, nos Penedos de Tel'naeir, e Saphira mostrou-lhes a escultura de pedra lambida que fizera para a Celebração de Juramento de Sangue. Arya, por seu lado, passou o dia inteiro a guiá-los pelos inúmeros jardins da cidade, para que pudessem ver algumas das plantas mais espetaculares que os Elfos tinham colecionado e criado ao longos dos tempos.

Eragon e Saphira teriam gostado de ficar em Ellesméra durante mais algumas semanas, mas Blödhgarm contactou-os, informando-os que tinha chegado ao Lago de Ardwen com os Eldunarís ao seu cuidado e, embora nenhum o quisesse admitir, sabiam que era altura de partir.

Ficaram, contudo, mais animados quando Arya e Fímen anunciaram que iriam voar com eles, pelo menos até aos limites de Du Weldenwarden ou talvez até um pouco mais.

Katrina decidiu ficar com Ismira, mas Roran pediu para os acompanhar na primeira parte da viagem, dizendo:

– Gostava de ver como é o outro lado de Alagaësia e viajar convosco, é mais rápido do que ter de lá ir a cavalo.

No dia seguinte, ao amanhecer, Eragon despediu-se de Katrina que chorou o tempo todo, e de Ismira que chuchava no polegar e o olhava sem perceber nada.

Depois partiram. Saphira e Fímen voavam lado a lado, sobrevoando a floresta rumo a Este. Roran ia sentado atrás de Eragon, agarrado à cintura dele. Cuaroc ia pendurado nas garras de Saphira e o seu corpo brilhava mais do que qualquer espelho à luz do sol.

Ao fim de dois dias e meio, avistaram o Lago Ardwen: uma pálida extensão de água, maior que o Vale de Palancar. Na margem oeste erguia-se a cidade de Silthrim, que nem Eragon nem Saphira tinham visitado antes. Um longo navio branco, com um único mastro, flutuava, junto ao cais da cidade.

A embarcação tinha a aparência que Eragon imaginara, reconhecendo-a dos seus sonhos e, ao olhar para ela foi inundado por uma inexorável sensação de predestinação.

“Isto estava destinado a acontecer”, pensou ele.

Passaram a noite em Silthrim, que era bastante semelhante a Ellesméra, embora fosse mais pequena e concentrasse mais edifícios. Enquanto descansavam, os Elfos carregaram os Eldunarís no navio, juntamente com comida, ferramentas, panos e outras provisões. A tripulação era composta por vinte Elfos que queriam participar na criação dos dragões e no treino dos futuros Cavaleiros, tal como Blödhgarm e os restantes feiticeiros, à exceção de Laufin e Uthinar, que partiram nessa altura.

De manhã, Eragon modificou o feitiço que mantinha os ovos escondidos em cima de Saphira e retirou dois, que entregou aos Elfos que Arya destacara para os proteger. Um dos ovos seria entregue aos Anões e o outro aos Urgals, e os dragões no seu interior iriam certamente escolher um Cavaleiro da raça que lhes fora designada. Se isso não acontecesse, trocariam de lugar e, se ainda assim não encontrassem Cavaleiros... bom, Eragon ainda não sabia exatamente o que fazer nesse caso, mas tinha a certeza de que Arya arranjará uma solução. Logo que os ovos chocassem, ficariam sob as ordens de Arya e de Fímen até crescerem o suficiente para se reunirem a Eragon e a Saphira, e ao resto da sua espécie, a Este.

Depois Eragon, Arya, Roran, Cuaroc, Blödhgarm e os outros Elfos que viajavam com eles embarcaram no barco que atravessou o lago, enquanto Saphira e Fímen voavam em círculos lá no alto.

O barco chamava-se Talíta, o nome de uma estrela avermelhada que aparecia no firmamento, a Este. A embarcação era estreita e leve, e precisava apenas de alguns centímetros de água para flutuar. Movia-se em silêncio e mal precisava que a guiassem, pois parecia saber exatamente para onde o timoneiro queria ir.

Navegaram através da floresta durante dias, primeiro atravessando o Lago Ardwen e, mais tarde, descendo o Rio Gaena, cujo caudal engrossara devido ao degelo da primavera. Ao passarem através do túnel verde de ramos, pássaros de muitas espécies diferentes chilreavam e esvoaçavam em torno deles. Esquilos – vermelhos e negros – repreendiam-nos do topo das árvores ou observavam-nos empoeirados em ramos, suspensos, praticamente ao seu alcance.

Eragon passou a maior parte do tempo com Arya ou Roran, e só raramente voava com Saphira. Esta, por seu lado, passava o tempo com Fímen, e Eragon via-os muitas vezes sentados nas margens com as patas sobrepostas e o focinho poiado lado a lado, no chão.

Durante o dia, a luz na floresta era dourada e nevoenta e, durante a noite, as estrelas brilhavam intensamente e o quarto crescente disponibilizava-lhes luz suficiente para navegarem. O calor, a névoa e o baloiçar constante de Talíta proporcionavam a Eragon a sensação de estar meio adormecido, perdido na memória de um sonho agradável.

Finalmente, a floresta terminou e começaram a aparecer os campos. Nesse ponto, o Rio Gaena descrevia uma curva para Sul que os levou até ao Lago Eldor, lado a lado da floresta. O Lago Eldor era ainda maior que o Lago Ardwen.

Aí o tempo mudou e, de repente, levantou-se uma tempestade. Grandes vagas fustigavam repetidamente o navio e, para infelicidade de todos, foram açoitados por uma chuva fria e rajadas furiosas de vento durante um dia inteiro. Contudo, o vento estava de feição, permitindo-lhes avançar bastante mais depressa.

Depois do Lago Eldor entraram no Rio Edda e navegaram para Sul, passando por Ceris, o posto avançado dos Elfos. A seguir, afastaram-se definitivamente da floresta e o Talíta deslizou pelo rio, ao longo das planícies.

Depois de emergirem das árvores, Eragon esperava que Arya e Fímen partissem, mas nenhum falou em tal assunto e Eragon preferiu não os inquirir acerca dos seus planos.

A Sul passaram por terras mais desertas. Olhando em redor, Roran disse:

– É bastante ermo, não é? – Eragon não pôde deixar de concordar.

Por fim chegaram à povoação mais a este de Alagaësia: um pequeno aglomerado isolado de edifícios de madeira que dava pelo nome de Hedarth. Os Anões tinham erigido o local com o único propósito de negociar com os Elfos, pois não havia nada de valor na área, salvo as manadas de veados e touros selvagens visíveis à distância. Os edifícios erguiam-se na junção onde o Âz Ragni desaguava no Edda, elevando o seu caudal a mais do dobro.

Eragon e Saphira tinham passado em Hedarth uma vez, na direção oposta, quando viajavam de Farthen Dûr para Ellesméra, depois da batalha com os Urgals. Por isso Eragon sabia com o que contar mal avistaram a aldeia.

Ficou, contudo, intrigado ao ver centenas de Anões à sua espera, na ponta de um cais improvisado, que se estendia até ao Edda. Mas a sua confusão deu lugar à alegria, quando o grupo abriu alas e Orík avançou.

Erguendo o seu martelo de guerra, Volund, Orík gritou:

– Achavas que eu permitiria que o meu irmão adotivo partissem sem me despedir dele convenientemente?

Eragon sorriu e levou as mãos à boca, gritando:

– Nunca!

Os Elfos atracaram o Talitá o tempo suficiente para que todos desembarcassem, salvo Cuaroc, Blödhgarm e dois outros elfos que ficaram a guardar os Eldunaris. As águas onde os rios se encontravam eram demasiado agitadas para o barco manter a posição, sem roçar contra o cais, por isso os elfos soltaram as amarras e desceram um pouco mais, à procura de um local mais calmo para ancorarem.

Eragon ficou perplexo ao ver que os Anões tinham trazido para Hedarth quatro javalis gigantes das Montanhas Beor. Os Nagran estavam espetados em árvores mais grossas que a perna de Eragon e assavam sobre fósos de carvão em brasa.

– Fui eu que matei aquele – disse Orík, orgulhosamente, apontando para o maior dos javalis.

Juntamente com o resto da comida para o banquete, Orík trouxera três carroças do melhor hidromel dos Anões, especialmente destinados a Saphira, e esta ronronou de satisfação ao ver os barris.

Também tens de provar, disse ela a Fínen, que resfoguei e estiquei pescoço, curioso, farejando os barris.

Quando a noite caiu e a comida ficou pronta, sentaram-se nas mesas toscas que os Anões tinham construído naquele dia. Orík bateu com o martelo no escudo, silenciando a multidão. Depois, pegou num pedaço de carne, levou-o à boca, mastigou-o e engoliu-o.

– Ilf gauhnith! – proclamou ele. Os Anões gritaram aprovadoramente e deu-se início ao banquete.

No final do serão, quando já todos tinham comido o suficiente – mesmo os dragões –, Orík bateu palmas e chamou um criado que trouxe um cofre cheio de ouro e jóias.

– Um pequeno testemunho da nossa amizade – disse Orík, entregando-o a Eragon.

Eragon fez uma vénia e agradeceu-lhe.

Depois, Orík aproximou-se de Saphira e piscou-lhe o olho, presenteando-a com um anel de ouro e prata que poderia usar em qualquer das garras das patas dianteiras.

– É um anel especial pois não se risca nem se mancha e, desde que o uses, a tua presa não dará pela tua aproximação.

O presente agradou imenso a Saphira que pediu a Orík que lhe colocasse o anel na garra do meio, da pata direita, e Eragon apanhou-a várias vezes a admirar o metal cintilante, durante a noite.

Por insistência de Orík, passaram a noite em Hedarth. Eragon esperava partir bem cedo, na manhã seguinte, mas quando o céu começou a clarear, Orík convidou-o para tomar o pequeno-almoço, juntamente com Arya e Roran. A seguir ficaram a conversar, depois foram ver as balsas que os Anões tinham usado para transportar os Nagran das Montanhas Beor até Hedarth e, quando se aperceberam era quase hora de jantar. E Orík conseguiu convencê-los a ficar para uma última refeição.

Durante o jantar, tal como no banquete do dia anterior, os Anões brindaram-nos com canções e música, e a exibição de um bardo anão, particularmente dotado, atrasou mais a partida do grupo.

– Fica mais uma noite – insistiu Orík. – Está escuro e já não são horas de viajar.

Eragon olhou para a lua cheia e sorriu.

– Esqueces-te que não está tão escuro para mim como para ti. Não, temos de ir. Se nos demormos mais, receio que nunca cheguemos a partir.

– Então vai com a minha bênção, irmão do meu coração. – Abraçaram-se e Orík trouxe-lhes cavalos – os cavalos que os Anões mantinham nos estábulos de Hedarth, para os Elfos que vinham negociar.

Eragon ergueu o braço para se despedir de Orík. Depois, esporeou o cavalo e partiu a galope de Hedarth, com Roran, Arya e o resto dos Elfos. E percorreu o trilho de caça, ao longo da margem sul do Edda, onde o ar estava impregnado do aroma adocicado dos salgueiros e álamos. Os dragões seguiam-nos pelo ar, entrelaçando os corpos e rodopiando em torno um do outro, numa dança brincalhona.

Depois de sair de Hedarth, Eragon puxou as rédeas do cavalo, tal como os outros, e cavalgaram a um ritmo mais lento e confortável, conversando calmamente. Eragon não falou sobre nada de importante com Arya ou Roran, e eles também não, pois não eram as palavras que importavam, mas o sentimento de proximidade que partilhavam ao viajarem pela noite. O estado de espírito parecia-lhes algo de precioso e frágil e, sempre que falavam, eram mais gentis do que habitualmente, pois sabiam que o tempo que iam passar juntos estava a esgotar-se, pelo que nenhum queria estragá-lo com uma frase impensada.

Depressa chegaram ao topo de uma pequena colina, de onde avistaram o Talitá, que os esperava do outro lado.

O navio era como Eragon o imaginava. Como tinha de ser.

Sob a luz pálida do luar, a embarcação parecia um cisne, pronto a levantar voo do rio largo, de águas calmas, para o levar rumo a uma vastidão desconhecida. Os Elfos baixaram as velas e as cortinas de tecido emanavam um brilho ténue. Via-se apenas uma figura ao leme. Tirando isso, o convés estava deserto.

Para lá de Talitá, a planície uniforme e escura estendia-se até um horizonte distante: uma vastidão intimidante, apenas interrompida pelo próprio rio, que se estendia pela terra dentro como uma tira de metal martelado.

Eragon sentiu um aperto na garganta e cobriu a cabeça com o capuz do manto, como se quisesse esconder-se.

Desceram lentamente a colina, a cavalo, por entre a erva sussurrante em direção à praia de seixos, junto do navio. Os cascos dos cavalos produziam um ruído agudo nas pedras.

Ao chegar à praia, Eragon desmontou, tal como os outros. Sem que ninguém lhes pedisse, os Elfos formaram duas linhas até ao barco, virando-se de frente uns para os outros, com a base da lança apoiada no chão, junto dos pés, e ali ficaram imóveis como estátuas.

Eragon olhou-os e o aperto na garganta aumentou, a ponto de não conseguir respirar convenientemente.

Chegou o momento, disse Saphira, e ele sabia que ela tinha razão.

Eragon desamarrou o cofre de ouro e jóias da parte de trás da sela do seu cavalo e levou-o a Roran.

– É aqui que nos separamos? – perguntou Roran.

Eragon acenou com a cabeça.

– Toma – disse ele, entregando-lhe o cofre. – Quero que fiques com isto. Poderás dar-lhe melhor uso do que eu. Usa-o para construíres o teu castelo.

– Está bem – disse Roran, com a voz embargada, colocando o cofre debaixo do braço esquerdo e abraçando Eragon com o direito. Ficaram abraçados durante algum tempo. Depois Roran disse: – Tem cuidado, Irmão.

– Tu também. . . Irmão. Cuida de Katrina e Ismira.

– Cuidarei.

Sem saber o que dizer mais, Eragon tocou mais uma vez no ombro de Roran e virou-se para se reunir a Arya, que o esperava junto das duas linhas de Elfos.

Olharam um para o outro durante alguns segundos, e Arya disse:

– Eragon. – Ele também tinha colocado o capuz e mal conseguia ver-lhe o rosto, à luz do luar.

– Arya. – Baixou os olhos para o rio prateado, olhando depois de novo para ela, e apertou o punho de Brisingr. A emoção era tanta que até tremia. Não queria partir, mas sabia que tinha de o fazer. – Fica comigo. . .

Arya levantou os olhos de repente.

– Não posso.

– ... fica comigo até à primeira curva do rio.

Ela hesitou e depois acenou com a cabeça. Eragon esticou a mão, Arya deu-lhe o braço e caninharam juntos até ao barco, parando junto da proa.

Os Elfos seguiram-nos e, logo que todos embarcaram, puxaram a prancha de embarque para cima. O navio afastou-se da margem pedregosa, sem vento nem remos, e começou a descer o longo rio de águas calmas.

Roran ficou sozinho na praia, a vê-los afastarem-se. Depois atirou a cabeça para trás e soltou um longo grito lamentoso e a noite ecoou com o som da sua perda.

Eragon ficou ao lado de Arya durante alguns minutos e nenhum falou ao verem a primeira curva do rio a aproximar-se. Finalmente Eragon virou-se para ela e tirou-lhe o capuz para poder ver os seus olhos.

– Arya – disse ele e sussurrou-lhe o seu verdadeiro nome. Um tremor de reconhecimento percorreu o corpo dela.

Ela sussurrou-lhe o seu verdadeiro nome e também ele estremeceu ao ouvir a essência do seu ser.

Abriu a boca para voltar a falar, mas Arya antecipou-se, colocando três dedos sobre os seus lábios. Depois recuou e ergueu o braço sobre a cabeça.

– Adeus, Eragon, Aniquilador de Espetros – disse ela.

Depois, Fínen desceu dos céus e arrebatou-a do convés do barco, fustigando Eragon com as rajadas de vento levantadas pelas suas asas.

– Adeus – sussurrou Eragon ao vê-la afastar-se com Fínen, de regresso ao local onde Roran permanecia, na margem distante.

Eragon permitiu finalmente que as lágrimas deslizassem, chorando agarrado ao corrimão do barco, enquanto deixava para trás tudo o que conhecera. Lá em cima, Saphira deixou escapar um uivo de lamento e a sua dor misturou-se com a dele, chorando o que jamais poderia vir a ser.

A seu tempo, porém, o coração de Eragon serenou, as suas lágrimas secaram e ele foi invadido por uma paz, ao olhar para a planície deserta. Interrogou-se sobre o que poderiam encontrar de estranho e refletiu na vida que ele e Saphira iriam ter – a sua vida com os dragões e os Cavaleiros.

Não estamos sozinhos, pequenino, disse Saphira.

Um sorriso iluminou-lhe o rosto.

E o barco continuou a deslizar serenamente ao longo do rio iluminado pelo luar, rumo a terras sombrias.

FIM

Sobre a Origem dos Nomes

Para o observador fortuito, os diferentes nomes que um viajante arrojado irá encontrar por toda a Alagaësia poderão parecer apenas uma coleção aleatória de rótulos, sem qualquer coerência, cultura ou história inerentes. No entanto, como em qualquer terra repetidamente colonizada por diferentes culturas – e, neste caso, por diferentes raças –, Alagaësia foi buscar os seus nomes a um vasto número de origens únicas, de entre elas a língua dos Anões, dos Elfos, dos humanos e até mesmo dos Urgals. Assim, temos o Vale de Palancar (um nome humano), o rio Anora e Ristvak’baen (nomes élficos) e a Montanha Utgard (um nome anão), todos locais a meia dúzia de quilómetros uns dos outros.

Embora de grande interesse histórico, é frequente gerar confusão no que diz respeito à pronúncia correta. Infelizmente, não há regras definidas para os neófitos. É necessário assimilar cada nome nos seus próprios termos, a não ser que se consiga situar de imediato a sua língua de origem. O assunto torna-se mais confuso quando nos apercebemos de que, em muitos locais, a população residente alterou a pronúncia e a escrita de palavras estrangeiras, adaptando-as à sua própria língua. O rio Anora é um exemplo perfeito. Originalmente, “anora” escrevia-se “äenora”, que significa largo na língua antiga. Nos seus escritos, os humanos simplificaram a palavra para “anora” o que, aliado à alteração das vogais, em que “äe (ai-e)” passou a ser pronunciado mais facilmente como “a”, deu origem ao nome tal como aparece na época de Eragon.

Para facilitar a tarefa aos leitores, compilei a lista que se segue, com a ressalva de que são apenas linhas de orientação elementares para uma pronúncia real. O entusiasta deverá estudar as línguas de origem, de forma a dominar as suas verdadeiras peculiaridades.

Pronúnciação

Aiedail – Ei-a-deil
Ajjihad – Á-ji-ád
Alagaësia – Ala-GUEI-zia
Albitr – OL-bait-er
Arya – Á-ri-a
Blödhgarm – BLOUD-garm
Brisingr – BRISS-ing-guer
Carvahall – CÁR-va-ál
Cuaroc – Cu-Ar-oque
Dras-Leona – DRÁS-li-OU-na
Du Weldenvarden – Du-VEL-den-VÁR-den
Ellesméra – É-lés-MI-ra
Eragon – É-ra-GÓN
Farthen Dûr – FÁR-den-DIURE
Fímen – FIR-nin
Galbatorix – Gal-ba-TÓ-rics
Gil’ead – GUIL-id
Glaedr – GLAI-dur
Hrothgar – HROTH-gar
Islanzadí – Iss-lan-ZA-di
Jeod – DJOU-de
Murtagh – MUR-tág
Nasuada – Na-SU-a-da
Niemen – Ni-ER-nin
Nolfavrell – NÓL-fã-vrel
Oromis – OR-u-mis
Ra’zac – RÁ-Á-zac
Saphira – Sa-FI-ra
Shruikan – CHRU-quin
Sîlthrim – SIL-thrim (“sîl” e “th” são sons difíceis de transcrever; pronuncia-se batendo com a ponta da língua no céu da boca)
Teirm – TIRM
Thardsvergûndrîzmal – Thard-sver-GUN-dintz-mal
Trianna – TRI-a-na
Tronjheim – TRON-djim
Umaroth – U-MAR-oth
Urû’baen – URU-bei-ne
Vrael – VREIL
Yazuac – IÁ-za-ác
Zar’roc – DZÁ-rroc

A Língua Antiga

Agæti Blödhren – Celebração do Juramento de Sangue (conduzida uma vez por século para celebrar o pacto inicial entre os Elfos e os dragões)

älfä – elfo (älfya, no plural)

älfäkyn – a raça dos elfos

Äthelvard – organização de Elfos dedicada à preservação das suas canções e poemas

Atra du evarínya ono varda. – Que as estrelas te protejam.

Atra esterní ono thelduin, Eragon. – Que a boa sorte te acompanhe, Eragon.

audr – para cima

bölr – um objeto redondo, um globo

brisingr – fogo (ver também istalrí)

Dauthdaert – Lança da Morte: nome dado às lanças dos Elfos, forjadas para matar dragões.

Deloi sharjalví! – Move-te, terra!

Domia abr Wyrda – O Domínio do Destino (livro)

draumr kópa – olhar os sonhos

dröttning – rainha

dröttningu – princesa (tradução aproximada)

du – o

Du Fells Nángoröth – As Montanhas Malditas

Du Vrangr Gata – O Caminho Errante

Du Waldenvarden – A Floresta Guarda

ebrithil(ar) – mestre(s)

Eka aí fricai un Shur'tugal. – Eu sou um Cavaleiro e um amigo.

Eka elrun ono, älfya, viol förn thomessa. – Agradeço-vos este presente, Elfos.

elda – sufixo honorífico de gênero neutro, sinónimo de enaltecimento, associado ao nome por um hífen.

Elrun ono. – Obrigado.

Erisdar – lanternas sem chama usadas pelos Elfos e pelos Anões (batizadas com o nome do elfo que as inventou)

fairth – uma imagem obtida magicamente numa placa de ardósia

fell – montanha

finiarel – sufixo honorífico para um jovem muito promissor, associado ao nome por um hífen.

flauga – voa (v.)

frethya – esconde-te (v.)

gánga – vai-te embora

gánga aptr – recua

gánga fram – avança

gánga raehta – vira à direita

gedwëy ignasia – palma da mão cintilante

Gulïä waise medh one, Argetlam – Que a sorte esteja contigo, Mão de Prata.

Helgrind – Os Portões da Morte

hvit – branco

illgrathr – má fome

islingr – portador da luz/ o que ilumina

istalrí – fogo (ver também brisingr)

jierda – quebra; ataca

kausta – anda

kverst – corta

Kverst malnr du huildrs edtha, mar frëma né thön eka threyja! – Corta o metal que me prende, mas só até eu dizer!

ládrin – abre

letta – parar

Liduen Kvaedhí – Escrito Poético

mäe – parte de uma palavra que Eragon nunca acabou de dizer.

naina – faça-se luz

Naina hvitr un böllr. – Faça-se luz branca e redonda.

Nam iet er Eragon Sundavar-Vergandí, sönr abr Brom. – O meu nome é Eragon, Aniquilador de Espetros, filho de Brom.

Nídhwal – criaturas marinhas semelhantes a dragões, aparentadas com os Fanghur.

niernen – orquídea

Ono ach néiat threyja eom verrunsmal edtha, o snalglí! – Não queiras lutar comigo, ó snalglí!

Sé ono waise ílïa. – Que sejas feliz.

Sé onr sverdar sitja hvass. – Que as vossas espadas continuem afiadas.

Shur'tugal – Cavaleiro do Dragão

slytha – dorme

snalglí – raça de caracóis gigantes

Stenn rísa! – Ergue-te, pedra!

Stenn slauta! – Ressoa pedra! ("slauta" é difícil de traduzir. Estalido agudo, semelhante ao de pedra a rachar-se. Poderá também significar que produz esse tipo de ruído).

Stydja unin mor'rant. – Descansa em paz.

sundavrbłaka – pássaro espetro

svit-kona – epíteto formal honorífico, para uma mulher elfo de grande sabedoria.

thelduin – domínio sobre

theyna – cala-te

thrautha – atira

Thrysta vindr – Comprime o ar

thurra – secar (v.)

un – e

Vae weohnata ono vergarí, eka thäiet otherúm. – Nós vamos matar-te, juro.

Vaer Ethilnadrás – uma alga flutuante castanha, com protuberâncias cheias de gás ao longo das junções entre os ramos e o caule.

vaetna – dispersar/ afastar

vakdr – soberano

vëoht – devagar

verma – aquecer (v.)

vrangr – torto/ errante

Waise néiat! – Morre!

yawë – um laço de confiança

A Língua dos Anões

Az Ragni – O Rio

Az Sweldn rak Anhûin – As Lágrimas de Anhûin

barzûl – amaldiçoar alguém com má sorte

Beor – urso das cavernas (mundo dos Elfos)

Derûndân – saudações

dûr – nosso

dûrgrimst – clã (literalmente, “o nosso palácio” ou “o nosso lar”)

Erôthknurl – uma pedra de terra (literalmente “pedra de terra”. Erôthknurln, no plural)

Fanghur – criaturas semelhantes a dragões, mas mais pequenas e menos inteligentes que os seus primos, os dragões aparentados com os Nidhwal (oriundos das Montanhas Beor)

Farthen Dûr – Nosso Pai

Feldûnost – barba-de-gelo (uma espécie de cabra oriunda das Montanhas Beor)

grimstborith – chefe de clã (literalmente “chefe do palácio”. Grimstborithn, no plural)

grimstcarvlors – governanta

grimstzborith – soberano dos Anões, seja rei ou rainha (literalmente “chefe dos palácios”)

Ilf gauhnith! – uma expressão peculiar dos Anões que significa: “Inócuo e bom!”. Expressão habitualmente utilizada pelo anfitrião num jantar. Uma reminiscência dos tempos em que o envenenamento de convidados prevalecia entre os clãs.

Ingeitum – artesões do fogo, ferreiros

knurla – anão (literalmente, “homem de pedra”. Knurlan, no plural)

Nagra – javali gigante, oriundo das Montanhas Beor (Nagran, no plural)

Thardsvergûndnzmal – algo que não é o que parece. Uma imitação, uma falsificação, um embuste.

Tronjheim – Elmo de Gigantes

Vor Orikz korda! – Pelo martelo de Orik!

A Língua dos Nómadas

no – sufixo honorífico separado do nome de alguém que se respeita, por um hífen.

A Língua dos Urgals

drajl – prole de larvas

nar – epíteto de grande respeito

Thulqna – tiras entrançadas que os Urgals usam para exibir as armas dos seus clãs

Uluthrek – Devoradora da Lua

Urgalgra – Nome que os Urgals dão a si mesmos (literalmente “os que têm chifres”)

AGRADECIMENTOS

Kvetha Fricaya. Saudações, Amigos.

Mas que longa caminhada. Custa a acreditar que a viagem finalmente terminou. Muitas vezes questionei-me se iria conseguir terminar esta coleção, e se o fiz foi em grande parte graças à ajuda e ao apoio de um grande número de pessoas.

Não estou a exagerar quando digo que escrever Herança foi a coisa mais difícil da minha vida. Por uma série de razões – pessoais, profissionais e criativas –, este livro representou um desafio muito maior do que qualquer um dos anteriores, mas estou orgulhoso pelo facto de o ter terminado e, mais ainda, pelo livro em si.

É-me impossível ilustrar os meus sentimentos, ao fazer a retrospectiva da coleção no seu todo. O Ciclo da Herança consumiu doze anos da minha vida – ou seja, quase metade, até à presente data. A coleção modificou-me a mim e à minha família, e as experiências que tive levariam mais quatro livros a relatar. E agora, a perspectiva de a abandonar, de me despedir de Eragon, Saphira, Arya, Nasuada, Roran e avançar para novas personagens e novas histórias... parece-me assustadora.

Não tenciono, contudo, abandonar Alagaësia. Despendi demasiado tempo e esforço a criar este mundo, pelo que tenciono regressar a ele um dia, no futuro. Poderá não acontecer nos próximos anos, no próximo mês. De momento não sei dizer, mas quando voltar, espero abordar alguns dos mistérios que deixei por desvendar nesta coleção.

Por falar nisso, lamento ter desapontado os que esperavam saber mais acerca de Angela, a herbanária, mas perderia metade do interesse se soubéssemos tudo acerca dela. Porém, se alguma vez conhecerem a minha irmã, Angela, poderão sempre tentar questioná-la acerca da personagem. Se ela estiver bem-disposta, é possível que vos revele algo de interessante. Se não estiver... não deixará certamente de vos brindar com um gracejo.

Muito bem, então. Vamos lá aos agradecimentos:

Em casa, agradeço ao meu pai e à minha mãe pelo o seu constante apoio, pelos conselhos e, acima de tudo, por apostarem em Eragon; à minha irmã por ser uma excelente conciliadora de ideias, por me ajudar nas revisões, por me permitir mais uma vez usá-la como personagem, e pelo seu inestimável apoio na última parte do manuscrito. Estou em dívida para contigo, Mana, mas isso já tu sabes. Agradeço também a Immanuela Meijer por me fazer companhia ao lidar com um capítulo especialmente difícil.

Na Writers House: agradeço ao meu agente Simon Lipskar, pela sua amizade e por tudo o que fez por esta coleção ao longo dos anos (prometo, agora, começar a escrever livros um nadinha mais depressa!) e à sua assistente, Katie Zaneccchia.

Na Knopf: agradeço à minha editora, Michelle Frey, pela sua permanente confiança e por tornar tudo isto possível – a sério, sem ela este livro não estaria nas vossas mãos; à sua assistente, Kelly Delaney, por facilitar a vida a Michelle e também por ajudar a compor a sinopse para os primeiros três livros; à editora Michele Burke, pela sua atenção à história e, mais uma vez, por me ajudar a publicar este livro; a Judith Haut, responsável pela comunicação e marketing, sem a qual pouca gente teria sabido desta coleção; e também a Dominique Cimina e Noreen Herits da publicidade, pela valiosa ajuda antes, durante e depois das minhas variadas tournées; à directora de artes gráficas, Isabel Warren-Lynch e à sua equipa pelo belíssimo design da capa e do interior (e também pelo seu trabalho nos livros de capa mole); ao artista John Jude Palencar por fornecer uma série de capas maravilhosas, a última das quais é uma excelente imagem final; ao diretor executivo de revisão, Artie Benett, pela sua competência em termos de pontuação e uso de palavras pequenas, estapafúrdias, de difícil compreensão ou nunca antes utilizadas; a Chip Gibson, responsável pela secção de livros infantis da Random House; à diretora editorial Nancy Hinkel pela sua imensa paciência; à diretora de vendas, Joan DeMayo e à sua equipa (Urra! Muito obrigado!); ao diretor de marketing John Adamo, cuja equipa me surpreendeu constantemente com a sua criatividade; a Linda Leonard e à sua equipa de novas tecnologias; a Linda Palladino e Tim Terhune, pela produção; a Shasta Jean-Mary, pelo seu editorial de coordenação; a Pam White, Jocelyn Lange e ao resto das equipas de direitos no estrangeiro, que ajudaram a converter o Ciclo da Herança num fenómeno editorial, a nível mundial; a Janet Frick, Janet Renard e Jennifer Healey, pela sua revisão; e a todas as outras pessoas da Knopf que me apoiaram.

Na Listening Library: agradeço a Gerard Doyle, pelo seu excelente trabalho ao dar voz à minha história (embora receie que Fínen se venha a revelar um pequeno desafio); a Taro Meyer pela subtil e enternecedora coordenação do seu desempenho; a Orli Moscovitz por juntar todas as peças; e a Amanda D’Acierno, editora da Listening Library.

Agradeço também ao autor Tad Williams (lê a trilogia Memory, Sorrow e Thorn, se ainda não a leste, pois não te vais arrepender) por me inspirar a usar uma mina de ardósia nos capítulos sobre Aroughs, e ao autor Terry Brooks, que tem sido um amigo e um mentor (do qual recomendo vivamente Magic Kingdom, da coleção Landover).

Finalmente, gostaria de agradecer a a Mike Macauley – autor de The Inheritance Almanac em parceria com Mark Cotta Vaz – por montar e gerir um dos melhores sites de fãs que por aí andam (shurtugal.com). Sem os esforços de Mike, a comunidade de leitores seria muito mais pequena e muito mais pobre do que é hoje. Obrigado, Mike!

Uma menção especial a Reina Sato, uma fã cuja reação ao encontrar caracóis pela primeira vez, levou-me a criar os snalglí em Vroengard. Reina, os snalglí são para ti!

Os meus agradecimentos finais vão, como sempre, para os meus leitores. Obrigado por me acompanharem ao longo desta história e que as estrelas brilhem sobre vós o resto das vossas vidas.

E... pronto, não tenho mais nada a acrescentar à coleção. Disse tudo o que precisava dizer. O resto é silêncio.

Sé onr sverdar sitja hvass.

Christopher Paolini,
8 de Novembro de 2011.

